

a 20. edição brasileira de

introdução à HISTÓRIA da  
sociedade patriarcal no Brasil

Casa-Grande

Senzala

Formação da família brasileira  
sob o regime da economia patriarcal

Lyr

apresentação de  
Eduardo Portella  
poemas de  
Carlos Drummond de Andrade

1 k - Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto

Crônica de  
José Lins do Rego  
com 50 desenhos de Tomás Santa Rosa,  
ilustração a cores de Cícero Dias,  
Bicos-de-pena de Poty - fotografias e fac-símiles

1980

Rio de Janeiro de Brasília  
~ - \_\_\_\_inl-mec, \_.-.-.,

'\_0'211ca 00 p

#

copyright © 1933 by Gilberto Freyre

todos os direitos desta edição reservados à  
Livraria José Olympio Editora S.A.  
Rua Marquês de Olinda, 12  
Rio de Janeiro - República Federativa do Brasil  
Printed in Brazil/Impresso no Brasil

estampada na pág. 11  
afo-artista alemão (1970)

capa  
ritagem de  
Nio Hirsch  
desenho de  
ro dias

io: engenho de açúcar do séc. xvii.  
são de autoria do saudoso e grande artista Tomás  
Santa Rosa todos os desenhos estampados em casa-  
Grande & Senzala (inclusive vinhetas, capitulares)

e cercadura) - salvo os expressamente declarados:  
de c0cero dias (a cores) e os tr0s bicos-de-pena  
de poty.

freire, gilberto. 1900-  
f933c casa-grande & senzala: forma00o da fam0lia brasileira sob  
o regime da economia patriarcal iporj gilberto freyre; ilustra-  
00esde tom0s santa rosa e poty, desenho a cores de c0cero  
dias. 20.11 ed. rio de janeiro/bras0lia, livraria jos0 Olympio  
editora/ in l-m ec, 1980.  
xciv + 574 p. ilust. 21 em.

acima do t0tulo: introdu00o 0 hist0ria da sociedade pa-  
triarcal do brasil, 1.

" edi00o comemorativa do octog0simo anivers0rio de gil-  
berto freyre."

#### bibliografia

1. brasil - condi00es sociais. 2. brasil - vida e costu-  
mes sociais. 3. antropologia social - brasil. 4. escravid0o no  
brasil. 5. 0ndios da am0rica do sul - brasil. 6. negros no  
brasil. i. t0tulo. 11. t0tulo: forma00o da fam0lia brasileira sob  
o regime da economia patriarcal.

73 1"-

cdd - 309 181  
301 20981  
cdu - 308(81)  
39(81)

#

#### t0Bua da nuvf0ria

nota (gilberto amado) .....1  
0 livro e 0 tempo (0duardo portella) .....  
nota da editora (dados biobibliogr0ficos do autor)

.....

#### bibliografia de gilberto freyre

.....

0 pr0ximo livro de gilberto freyre (jos0 Lins do rego)  
poesia (manuel bandeira) .....  
poesia (jo0o cabral de melo neto) z  
poesia (carlos drummond de andrade) .....  
nota (prof. marcel durry) .... \* ---  
bibliografia de casa-grande & senzala ....  
pref0cio 0 20.a edi00o (gilberto freyre) 1  
nota (jo0o guimar0es rosa) ...1 . .  
nota (n0lson rodrigues) .....  
sele00o de pref0cios  
pref0cio 0 19.a edi00o (gilberto freyre) .....  
pref0cio 0 1.a edi00o (gilberto freyre)  
a consagrada opini0o da cr0tica mundial sobre a obra  
de gilberto freyre (v0rios) .....

opinião  
freyre

(darcy ribeiro) sobre a obra de gilberto

casa-grande & senzala

- 1 - características gerais da colonização portuguesa do  
brasil: formação de uma sociedade agrária, escrava-  
vocrata e híbrida  
notas ao capítulo 1 .....
- 11 - indígena na formação da família brasileira .....
- notas ao capítulo 11 .....
- 111 -- colonizador português: antecedentes e posições  
notas ao capítulo iii
- civ~ escravo negro na vida sexual e de família do  
brasileiro  
notas ao capítulo 111
- v - escravo negro na vida sexual e de família do brasi-  
sileiro (continuação)  
notas ao capítulo v

bibliografia

Índice remissivo .....

índice onomástico .....

Índice de ilustrações

vii  
ix  
xi  
xix

#

xxix  
xxxiii  
xxxiii  
xxxiv  
xxxv  
xxxvi  
xii  
xlii  
xliv  
xliv

liv  
iv

xc  
xciv

3

54  
88  
161  
188  
'62

410  
464  
482  
5228  
553

\_~\_desenho (1) de poty .....  
negra brasileira do século m                   vi/vii  
  xxxii  
uma wanderley do século xix (desenho de santa rosa)   xxviii  
  
  xxxviii  
  liii  
  lxxxvi

desenho (2) de poty .....  
casa-grande e capela do engenho da torre (pe) . .  
desenho (3) de poty .....  
uma fonseca galvão cujo pai, por nativismo, mudou .. o . ri . o . me  
de família para carapeba ...

lxxxix

#

vi           casa-grande& senzala - 1933-1980 (bico-de-pena de poty);

gilberto asiado disse:

"freyre não é só uma obra; é um método. direi  
mais: por sua preparação especializada tios grandes cen-  
tros, com os grandes mestres, trouxe-nos ele -as chaves de  
que precisávamos para poder entrar não só nos palácios  
encantados, nos casarões mal-assombrados, solares. enge-  
nhos, senzalas, sobrados e mocambos, como para descerinos  
aos desvãos e camadas inferiores de onde emergiu o brasil  
dos nossos dias. por seu caráter ecumênico, não é de esira-  
nhar assim que sua obra interesse a tanta gente e que  
dela se possa servir e nela encontrar caminho por onde  
andar não só o homem de ciência especializado, como o  
poeta e o artista. "

(em gilberto freyre, sua ciência, sua filosofia, sua  
arte, ed. cit. )

vil

#

lxxxix  
lxxxix

lxxxix

xcii  
xcii

senhores de engenho .....  
sinh<sup>o</sup>-dona: penteado de dia de festa .....  
meninas de engenho quase em idade de casamento .....  
uma wanderley do s<sup>o</sup>culo xvii .....  
su<sup>o</sup>te nordestina (fac-s<sup>o</sup>mile da capa), de capiba .....  
gilberto freyre ao receber a gr<sup>o</sup>-Cruz da ordem de rio  
branco .....  
casa-grande do engenho riqueza .....  
v<sup>o</sup>rios aspectos de um engenho de a<sup>o</sup>ucar brasileiro dos tempos  
coloniais .....  
senhor branco do s<sup>o</sup>culo xvii dirig\*in'd'0' 0, "tr'0b'0l'h"0 'd'o\*s\*  
\*0sc\*\*r0v\*0s\*  
negros num engenho de a<sup>o</sup>ucar . .....  
engenho de a<sup>o</sup>ucar do s<sup>o</sup>culo xvii, vendo-se a casa-grande e  
a senzala  
escravos negros trabalhando num engenho de bois .....  
menina de fam<sup>o</sup>lia patriarcal, dia de primeira comunh<sup>o</sup> ....  
velha casa-grande em ru<sup>o</sup>nas, perto do recife .....  
banco de engenho, feito de vinti<sup>o</sup>tico e carater<sup>o</sup>stico da hospi-  
talidade, das antigas casas-grandes .....  
sofa brasileiro de jacarand<sup>o</sup> com decora<sup>o</sup>o de cajus e mara-  
cuj<sup>o</sup>s, que pertenceu a antiga casa-grande .....  
um menino de fam<sup>o</sup>lia patriarcal com seu muleque, companheiro  
de brinquedos .....  
c~, a-grande em ru<sup>o</sup>nas, perto de olinda .....  
reminisc<sup>o</sup>ncias mouriscas no brasil: um abalcoado de velha  
casa de olinda .....  
0reas de cultura da am<sup>o</sup>rica (diagrama) .....  
casa-grande, senzala e outros edific<sup>o</sup>cios de uma fazenda opu-  
'ciita do sul: a de s<sup>o</sup> joaquim da grama . , .....  
senhora de engenho viajando de rede .....  
casa-grande, com torre, na casa-forte (pe) .....  
cena do s<sup>o</sup>culo xvii: um escravo chicoteado .....  
fazenda rio de, s<sup>o</sup> jo<sup>o</sup>, santa b<sup>o</sup>rbara, minas .....  
negra brasileira vendedora de cocada .....  
casa-grande do engenho d'0gua vila bela, s<sup>o</sup> paulo .....  
casa-grande do engenho mega<sup>o</sup>pc, constru<sup>o</sup>o do s<sup>o</sup>culo xvii  
c~i-a-grande e capela do s<sup>o</sup>tio, piranhenga, no maranh<sup>o</sup> .....  
0 palacete dos viscondes' do livramento (pernambuco) .....  
c~!,a-grande do engenho embiara, na bahia .....  
ca,a-grande onde por muito t~o morou o visconde de sua-  
---ina, no pombal (pernambuco) .....364  
c,!,;,i-gr~in(le do engenho santa rosa,, em campos (rj) 372  
c~!0a-grande de pombal, ~,endo-se o l;ras<sup>o</sup> do visconde de  
~ ua<sup>o</sup>uria ..... \* ;\*~

#

casa-grande e capela de -columband<sup>o</sup> .....  
casa-grande, serizala e engenho do s<sup>o</sup>culo xvii .....  
ca<sup>o</sup>a-grande do engenho noruega (planta) - 1.' pa~ .. .....  
2.' pa\ . .....  
capela re<sup>o</sup>vestida de mulejo da antiga casa-grande do s<sup>o</sup>tio de  
piranhenga, no maranh<sup>o</sup> .....

ruínas da casa-grande de garcia d'óvila, na bahia .....  
casa-grande e capela do engenho d'ógua (séc. xviii, rj)  
casa-grande da fazenda s<sup>o</sup>o bernardino, em nova iguaçu

extratexto (entre pp. xvi-xvii): casa-grande do engenho no-  
ruega (desenho de c<sup>o</sup>cero dias)

xciii

xciv

26

45

95

130

143

160

205

205

223

243

258

286

288

292

295

295

303

311

32~

330

339

348

353

377

416

428

434

#

435

438

445

453

461

0 livro e 0 tempo

O livro se amplia como fonte de história toda vez que ultrapassa os seus limites temáticos e ergue o seu próprio tempo - um tempo necessariamente transcronológico. aí, mais do que paciente, ele é agente; em vez de objeto, ele se torna sujeito. foi o que aconteceu com casa-grande & senzala, a partir do momento em que, ao escrever a história social de uma época, ele fez e refez a nossa história de sempre.

casa-grande & senzala não se resume na simples reconstituição de movimentos e gestos do sistema patriarcal de colonização portuguesa no Brasil. as relações propostas pela monocultura latifundiária, a trama dissimulada de senhores e escravos, logo se alargam em um interminável mural, onde se encontram cravados os signos de um mundo vivo, precisamente vivificado pela palavra matizada de Gilberto Freyre.

casa-grande & senzala, localizado na linha divisória de ciência e arte, encontra no binarismo e no paradoxo as suas formas como que naturais.

ix

eduardo portella

O primeiro constitui a estrutura organizacional, o pensamento do livro, e as análises elaboradas sobre o dígito binário

#

rio nem por isso deixam de estabelecer um pacto solidário entre a casa-grande e a senzala. a casa-grande fala e ecoa na senzala; do mesmo modo que, em termos de compreensão crítica, a senzala ilumina a casa-grande. e mais: a casa-grande precisa da senzala para ser, numa relação dialética altamente dinamizadora do entendimento. O compasso binário, refletido nas

antíteses, encontra-se, todo ele, enxertado de contrapontos que, seja ao nível do estilo, da informação ou do cotidiano inesperado, interrompem e transformam o que estaria fadado a se diminuir na pura monotonia dualista. a vivacidade da linha narrativa recupera e recinduz as sondas de aprofundamento da lançadeira binária.

o vetor paradoxal, que absorve na configuração literária do discurso impulsos sempre inesperados, termina por responsabilizar-se pela estrutura básica, pela linguagem, pelo es-

#

i

tilo. até porque o paradoxo facilita a apreensão múltipla da realidade, os seus refletores dirigem-se para aquelas zonas negligenciadas, porque opacas, aqueles focos marginais, onde apenas se encontram materiais perecíveis, condenados ou abandonados pelo modelo opulento e estável da cultura institucionalizada. a arte é mais, porque manifesta a totalidade do real.

é pela via sensual do paradoxo, do contraste, da mistura de coisas opostas, que a miscigenação se afirma e transcende, alargando-se como uma espécie de grande trunfo metodológico \* os materiais do livro são submetidos a um processo de miscigenação, através do qual os costumes de infância, na vida doméstica (o que se espera socialmente da sinhazinha) e na vida sexual (as antecipações do menino senhorial), os hábitos para o trabalho, todos os recin-

tos do social, institucional, religioso, festivo, as diversas condições da existência, se vêm agilizados. o contraste, ao contrário de enclausurar, libera e multiplica. o positivismo que nos deixara a certeza olímpica



do progresso, mas em troca aniquilara a visão contrastiva do processo social, sofre aqui o seu primeiro revés. a miscigenação garante a realimentação das energias (e não só das estruturas decorrentes), das forças de união e de vivificação, da aventura ou da rotina, do indivíduo social.

em casa-grande & senzala, na sua ótica abrangente, e jamais excludente, se instaura um

#

novo tipo de discurso, contrastivo e paradoxal, aberto e miscigeriado: um discurso singularmente plural.

brasília,  
13 de setembro de 1980

nota da editora - esta casa se sente desvanecida em publicar, na presente edição de casa-grande & senzala, comemorativa do 80.º aniversário de nascimento de gilberto freyre, esta página do ministro eduardo portella, especialmente escrita para lhe servir de prefácio e na qual o grande crítico de dimensões soube aliar o sentimento da afeição pessoal pelo mestre pernambucano ao sentimento- da mais alta admiração por sua obra, no plano dos valores de ordem cultural.

x

nota da editora  
dados bibliográficos  
do autor

gilberto [de mello] freyre nasceu na cidade do recife, no ano de 1900, filho do dr. alfredo freyre e de d. francisca de mello freyre. seus estudos iniciais foram feitos com professores particulares, entre outros o inglês mr. williams, ml--- meunier, francesa, e o próprio pai, com quem se iniciou no estudo de latim e no de português. teve também teles júnior por professor particular de desenho. aos dezessete anos completou, com o grau de bacharel em ciências e letras, os estudos secundários no colégio americano gilreath, de pernambuco, seguindo imediatamente para os estados unidos. aí bacharelou-se em artes liberais, especializando-se em ciências políticas e sociais na universidade de baylor e fazendo, em seguida, estudos pós-graduados (de mestrado e doutorado) de ciências políticas, jurídicas e sociais na universidade de colúmbia, onde teve por mestres, entre outros, o antropólogo franz boas, o sociólogo giddings, o economista seligman, o jurista john bassett moore, o também mestre de direito público munro, o jurista e internacionalista inglês sir aifred zimmern, este de oxford. conviveu nos estados unidos com o filósofo john dewey, com os poetas william butler yeats, vachel lind-

say e amy lowell, com os críticos h. l. mencken e carl van doren, com tagore, leon kobrin, o príncipe alberto, de monaco, o jurista brown scott. em paris e oxford conviveria com imagistas, expressionistas, 'modernistas de várias tendências e também com os intelectuais do grupo péguy, da action française (maurras e outros) e da corrente chestertoniana católica - novas tendências das quais adaptaria valores contraditórios ao brasil, onde iniciaria o seu próprio "modernismo" em 1923, sem seguir o do rio-são paulo. percorreu, depois, a europa, em viagem de estudos, demorando-se em vários centros de cultura universitária, inclusive oxford, em museus de antropologia e de história culturais - suas especialidades - da inglaterra, alemanha, França e portugal,

#

frequentando cursos e conferências sobre assuntos antropológicos. sua tese universitária, publicada em inglês, foi sobre o brasil, e nela sustentou que a situação do escravo no brasil patriarcal fora superior à do operário europeu no começo do século xix. tem os graus universitários de bacharel (b. a. ou a. r., artium baccalaureus) -mestre (m. a. - ou a. m., artium magister) ou licenciado em ciências políticas (inclusive direito público) e sociais-doutor em letras (d. litt., doctor litteris) - doutor (ou professor) h. c. (doutor honoris causa), que raras vezes usa: só em trabalhos ou ocasiões estritamente universitárias. já recusou comendas e condecorações.

preferindo dedicar sua vida principalmente à atividade de escritor,

por

considerar esta a sua vocação máxima, e temer o que chama "a rotina pedagógica", gilberto freyre tem recusado cátedras em universidades do país e do estrangeiro. assim, deixou em 1942 de aceitar a de filoso-

#

fia social na universidade de yale; em 1943, a de sociologia na universidade do brasil; em 1943, a de estudos sociais brasileiros na universidade de harvard; em 1944, a de sociologia, na universidade de bahia; em 1949, a de sociologia, na universidade do recife; em 1950, a de sociologia, na universidade de califórnia, princeton e berlin ocidental. por isso lhe falta, além de formação universitária sistemática, a didática, pois já foi lente ou professor extraordinário em universidades de stanford, michigan, indiana, virginia, e dirigiu em seminário para pós-graduados, na universidade de colúmbia, o curso "sociologia da escravidão". além disso é fundador de vários cursos no brasil.

é um dos sete membros honorários da american sociological association e membro titular da american anthropological association e da american philosophical society. pertence aos conselhos-diretores da fundação marc block para o estudo das civilizações (paris), instituição nacional de civilizações diferentes (bruxelas), revista cahiers de sociologie (de paris), revista de filosofia e ciências sociais (de paris), revista diogene (de paris). em 1955 foi, em sua revelia, aclamado membro da academia pernambucana de letras.

em 1948, no conclave dos oito, que reuniu em paris oito listas mundiais em ciências do homem, cada um deles representando uma ciência e uma área-conferência convocada pela unesco em conferência de governos nacionais, para o fim especial de se estabelecer as tensões entre os grupos humanos, em geral, e os nacionais

ticular-a antropologia ou a sociologia cultural participou de tanta conclave internacional na pessoa de gilberto freyre, que tal delegação daquele organismo das nações unidas, através então presidente, o prof. julian huxley. representou ele também clare as "áreas não-europeias, além dos estados unidos". no m clare tomaram parte também georges gurvitch, professor de soei universidade de paris (sorbonne), gordon w. allport, professor lações sociais da universidade de harvard, o professor max ho da alemanha, o filósofo escandinavo ame naess, de filosofia, versidade de oslo, o psicólogo john rickman, m. d. diretor d journal of medical psychology, de londres, ci psiouiatra har sullivan, m. d. da washington school of psychiatry, o econom logo alexander szalai, de sociologia da economia na univers budapeste, e representante dessa especialidade e do ponto de área comunista-soviética. os trabalhos da conferência dos oito de livro já publicado em inglês sob o título tensions that ca (tensões que causam guerras), editado pela imprensa da uni de illinois, sob a direção do prof. h. cantril (já com edições cês, japones e outras línguas).

fazendo ligeiro interregno na política, mas sem com isso pa sua atividade de homem de letras, gilberto freyre, a insto mocidade universitária, deixou que seu nome fosse apresentado constituinte de 1946, permanecendo até 1950 deputado pelo e pernambuco, sem compromissos com qualquer partido, embora na da udn. foi vice-presidente da comissão de educação e cu câmara, e de sua atividade parlamentar nos de conta parcialin livro quase política. apresentou emendas de importância sociol

#

projeto de constituição, sendo responsável pela redação final positivos relativos à Ordem econômica e social e aos direitos realizados. em parecer, depois de ter feito a comissão de edu

xii

l.

cultura proceder a longo inquérito, no qual foram ouvidos educadores, rireressores, editores, mostrou a complexidade do problema do livro didático no brasil, ligado ao do papel, e a impossibilidade de promover-se o barateamento desse tipo de livro por medidas simplistas, que apenas atingissem atividades editoriais, editores e autores. também foi seu o parecer no sentido de se se federalizarem no brasil universidades de importância regional ou de amplitude transestadual.

em 1949 foi escolhido pelo governo brasileiro para representar nosso país na assembléia-geral das nações unidas, tendo sido membro da comissão social e cultural. seu discurso, proferido em inglês, concorreu decisivamente para alterar a política da onu, até então de auxílios à Europa e desde então de assistência a países não-europeus, inclusive o brasil.

em 1954, em cerimônia na catedral anglo-católica de são joão divino, presidida por s.m. a rainha-mãe da grã-Bretanha, foi sagrado doutor honoris causa pela universidade de colúmbia. em 1956, foi recebido com distinções excepcionais pelas universidades de oxford, cambridge, edimburgo, st. andrews, londres, glasgow, na inglaterra e na escócia; pelas universidades de madri, escorial e salamanca, ra espanha; pela sorbonne, na França; pelas de heidelberg, münster, ber-

lim, na alemanha; pela universidade de utrecht e pelo real instituto dos trópicos, na holanda. proferiu conferências em vários desses centros culturais e noutros dirigiu seminários de estudos pós-doutorais. visitou esses e outros países da europa, a convite dos respectivos governos, tendo sido convidado pela universidade de berlim a voltar à Alemanha para ocupar uma de suas cátedras de ciências políticas e sociais, e pelas de bonn, heidelberg e köln, a proferir conferências em 1958. já as proferira de interpretação sociológica não só da história americana, em particular, como do homem, em geral, principalmente do "homem situado nos trópicos", nas universidades de londres, coimbra, virginia (eua), san marcos (lima). em 1957, fez conferência sobre o mesmo tema no colégio pio-brasileiro da universidade gregoriana de roma. no instituto de goa (india), esboçou em 1951 sua tese do lusotropicalismo, em que apresenta sugestões para a criação de uma nova ciência-a tropicologia-que se particularize numa lusotropicologia, sugestão desenvolvida depois no livro um brasileiro em terras portuguesas, de 1953, e que em 1957 recebeu os aplausos dos antropólogos, sociólogos, economistas, juristas, geógrafos, reunidos em conclave, em lisboa, pelo instituto internacional de civilizações diferentes, com sede na belgica.

em 1935, foi designado pelo ministro da educação, gustavo capane-  
ma, professor extraordinário de sociologia na faculdade de direito do  
recife, onde realizou um curso pioneiro de sociologia moderna, tendo  
antes, em 1928, ocupado por dois anos, na escola normal do recife, a

#

cátedra recém-criada da mesma matéria, a cujo ensino imprimira ru-  
mos novos, acompanhados de pesquisa, marcando assim o início do efi-  
cino de sociologia acompanhado da pesquisa de campo, no brasil. ain-  
da em 1935, inaugurou na então universidade do distrito federal, a  
convite do seu criador, o saudoso e eminente professor anísio teixeira,  
as cátedras de sociologia, antropologia social e cultural e pesquisa so-  
cial, estas, as primeiras dessa matéria estabelecidas no brasil e talvez  
na américa do sul. realizou, igualmente, em diferentes oportunidades,  
conferências nas faculdades, de direito de são paulo e da bahia e nas  
de medicina e filosofia também da bahia. da última, gilberto freyre

xiii

#

i

i

i

Professor-honorário de sociologia, honra que lhe foi também confe-  
rida solenemente em 1956 pela universidade do recife. O distrito ho-  
norário de sociologia da universidade de buenos aires. O também mem-  
bro honorário do instituto de cultura hispânica, de madri, do institu-  
to histórico e geográfico brasileiro, e membro do instituto arqueoló-  
gico, histórico e geográfico pernambucano. entre outras distinções de  
que tem sido alvo, cabe ressaltar ainda a sua eleição, em 1942, para o  
conselho da american philosophical association, e também para inte-

grar o conselho dos archives de philosophie du droit et de sociologie juridique (paris). em 1949 o estudo de sua obra foi incluído em curso de literatura da sorbonne. sua obra é também sistematicamente estudada, como literatura e como ciência, na universidade de, colúmbia. seu estilo e sua linguagem têm sido analisados, como "renovação estética da língua portuguesa" pela dr. dorothy loos, da mesma universidade. em 1956, por iniciativa do prof. henri clouhier, da sorbonne, foi gilberto freyre objeto de um seminário no castelo de cerisy, na França, ao qual compareceram mestres da sorbonne como georges gurvitch, henri gouhier, bourdon, e também o prof. roger bastide, m-e andré malraux, os sociólogos n. sombart (alemão) e trapero (espanhol), o crítico j. duvignaud, e outros intelectuais europeus e não-europeus. proferiu no mesmo ano uma conferência na escola de altos estudos da sorbonne sobre tema sociológico, após a qual foi saudado por georges gurvitch, como "um dos maiores, se não o maior, sociólogo moderno". também em 1956, assistiu em paris ao lançamento, por gallimard, do seu livro nordeste, traduzido pelo prof. orechioni com título terres du sucre. nesse mesmo ano, os editores fratelli bocca, de roma, lançaram a tradução italiana de interpretação do brasil. em 1955 foi o único brasileiro convocado a participar do radio-symposium em washington sobre "o início da civilização atômica", ao lado de winston churchill, jacques maritain, walt disney, jung, bertrand russell, toynbee, le corbusier, etc. cada um traçou o provável desenvolvimento de sua arte ou ciência no próximo meio século, cabendo a gilberto freyre falar pela sociologia mundial.

ainda em 1956, foi um dos quatro conferencistas principais convocados para a reunião mundial de sociólogos, em amsterdã. os outros três foram os profs. leopold von wiese (da universidade de köln, Alemanha), morris ginsberg (da universidade de londres), georges davy (da sorbonne). no mesmo ano, escreveu artigos sobre assuntos antropológicos e sociológicos para the encyclopedia americana e proferiu em inglês conferência sobre a civilização tropical do brasil, no famoso third programme, da bbc de londres.

em 1957, outra honraria veio distinguir sua obra: recebeu nos estados unidos o prêmio anisfield-wolf para o melhor trabalho mundial sobre "relações entre raças", conferido na V edição inglesa de casa-grande & senzala, the masters and the slaves, traduzido por samuel putnam.

#

de 1961 a 1964 têm sido tantos os convites de instituições de cultura estrangeiras recebidos por gilberto freyre, que lhe tem sido difícil atendê-los. durante estes anos, tem ido com frequência à Europa em virtude desses convites: à França, para contatos de ordem cultural com o quai d'orsay, com a famosa escola nacional de administração, que o convidou a proferir ali conferências, e com os diretores da revista diogenes, de cuja comissão de direção faz parte; à República federal alemã, a convite do conclave de magníficos reitores das universidades alemãs, fazendo conferência na universidade de heidelberg; à Bélgica;

xiv

i

4f

i

11 c

)tia  
jro  
! ng

Or-  
~nd  
ce-  
os-  
i..  
,00  
ms  
"ic-  
,do  
te-  
no  
alt  
164

'os  
vil,  
tos  
ve

a -

v4

or n

'ge  
i3,

#

ue  
ia-

4%\_

xv

#

t

c  
t  
r

a

111,

Itália, a Portugal, onde proferiu conferências na universidade de Lisboa e na de Coimbra e na escola naval; e aos Estados Unidos, primeiro para a reunião de pensadores e cientistas sociais promovida pela Corning Glass, sobre problemas de automação, tempo, fazer, etc., da qual participou juntamente com Julian Huxley, Raymond Aron, John Dos Passos, Salvador de Madariaga; depois para um seminário em Santa Bárbara, sobre esses e outros problemas modernos, promovido pelo "Fund of the Republic"; e, finalmente, a convite da universidade de Princeton, onde proferiu a conferência "On the Iberian concept of time---", posteriormente publicada em *The American Scholar* com grande repercussão.

Em 1963, a editora Alfred Knopf de Nova Iorque, lançou a edição em língua inglesa de *Sobrados e m-cambos*, com o título de *Mansions and Shanties*, que foi por algum tempo o livro de literatura de não-ficção mais vendido em Washington e noutras cidades daquele país, tendo alguns críticos destacado o que consideram "o extraordinário valor literário do livro, pelas suas qualidades de expressão, perceptíveis mesmo através de tradução", e um deles comparou o escritor brasileiro a Walt Whitman e outro a "um Proust mais vigoroso que o francês". Em 1964 Knopf lançou *The Masters and the Slaves* em edição de bolso nos Estados Unidos e Canadá, tal o interesse do público nas ideias e nos livros do escritor brasileiro. Em 1960 apareceu em Lisboa o *Brasil, Brasil, Brasília*, publicado em 1968, revisto, no Brasil, em que se inclui um dos seus trabalhos sobre pluralismo étnico e cultural apresentados ao conclave de 1957 do Instituto Internacional de Civilizações Diferentes (Bélgica).

Foi convidado a proferir conferências nas universidades de Cambridge e Sussex (Inglaterra) e Nigéria, na África, sendo-lhe, em 1962 e 1963, oferecidas cátedras nas universidades de Harvard e Columbia, que recusou por não desejar ausentar-se do Brasil por períodos demasiadamente longos.

São vários livros seus já traduzidos para as línguas inglesa, francesa, espanhola, japonesa, italiana, alemã, sueca, norueguesa, jugoslava. A edição francesa de *C-g. & s., maitres et esclaves* (trad. do prof.

Roger Bastide e pref. de Lucien Febvre), conta já com 14 edições. Gallimard apresentou-a como livro da categoria de guerra e paz, de *toistoi*. A 14.ª edição francesa pertence à conceituada coleção *Tel.*

Note-se ainda que em 1947 a comissão de educação e cultura da Câmara dos Deputados - comissão de que fazia parte então o escritor Jorge Amado - aclamou Gilberto Freyre seu candidato ao prêmio Nobel de

#

literatura. Seu nome para o mesmo prêmio tem sido apresentado por outros escritores nacionais e estrangeiros, entre os quais Manuel Bandeira e R. Magalhães Júnior. Já está proposto para o Instituto de França. Embora afastado de academias, vem sendo eleito membro honorário ou perpétuo de várias delas, e de institutos tradicionais e de importância mundial, como a Sociedade Americana de Filosofia, de Filadélfia (fundada por Benjamin Franklin), a Academia Portuguesa de História (fundada no séc. XVIII), a Academia de História do Equador (fundada no séc. XVIII), a Sociedade Americana de Sociologia, a Associação Americana de Antropólogos, a Academia Francesa de Ciências (ultramar), a Academia Mundial de Ciências e Artes, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,

etc.

em 1962, recebeu, em solenidade realizada segundo ritos tradicionais, na sete vezes secular universidade de coimbra, o grau de doutor m<sup>o</sup>-liino. essa consagra<sup>o</sup>o que o torna membro perp<sup>o</sup>tuuo do col<sup>o</sup>gio de

xv

#

i,

doutores dela foi precedida de um curso de conferencias professa durante semanas. deve-se notar que as ci<sup>o</sup>ncias especiais propostas p g.f. para o estudo sistem<sup>o</sup>tico de desenvolvimentos humanos, especi mente os ib<sup>o</sup>ricos, em <sup>o</sup>reas tropicais-tropicologia, hispariotropicologi lusotropico<sup>o</sup>gia-com<sup>o</sup>arn a consolidar-se, j<sup>o</sup> havendo uma divis<sup>o</sup>o antropologia tropical no instituto de ci<sup>o</sup>ncias do homem da univ. d recife, uma c<sup>o</sup>tedra de antropologia tropical no instituto de alt estudos ultramarinos de lisboa c um plano metodol<sup>o</sup>gico do profe sor de metodologia do liceu normal de lisboa para sistematizar ensino da hist<sup>o</sup>ria ministrado aos futuros professores do ensino secti d<sup>o</sup>rio de, portugal, segundo orienta<sup>o</sup>o gilbertiana, isto <sup>o</sup>, eurotropica

em 1965 foi consagrado tamb<sup>o</sup>m pela sorborme com o grau de douto honoris causa, , que tamb<sup>o</sup>m lhe foi concedido pelas universidades d m<sup>o</sup>nster (alemanha) e sussex (inglaterra).

quando deputado, gilberto freyre apresentou o projeto que, apro vado, criou o instituto joaquini nabuco de pesquisas sociais, com sed em recife, destinado a pesquisar as condi<sup>o</sup>es de vida do lavrador do trabalhador do norte agr<sup>o</sup>rio do pa<sup>o</sup>s. tamb<sup>o</sup>m organizou a pe dido do minist<sup>o</sup>rio da educa<sup>o</sup>o e cultura, o centro de pesqui~as edu cacionais e sociais para a regi<sup>o</sup>o nordeste do brasil.

de 1926 a 1930 foi secret<sup>o</sup>rio particular do ent<sup>o</sup>o governador de pernambuco e antigo vice-presidente da rep<sup>o</sup>blica, est<sup>o</sup>cio coim-bral a quem em 1930 acompanhou ao ex<sup>o</sup>lio na europa. nesse per<sup>o</sup>do, recusou ser candidato a deputado. tem recusado outros cargos de car<sup>o</sup>ter pol<sup>o</sup>tico.

gilberto frevre dirigiu por dois anos o jornal a prov<sup>o</sup>ncia, de recife dirigiu depois, por poucos meses, o tradicional di<sup>o</sup>rio de pernambuco, do qual <sup>o</sup>, desde adolescente, colaborador. escreveu longos anos em <sup>o</sup> cruzeiro e nos di<sup>o</sup>rios associados. tem colaborado nas revistas the american scholar, foreign affair e atlantic monthly (e.u \* a.), the listener e progress (londres), diog-ne (paris), kontinent (vie-na), cahiers dhistoire mondiale (paris), revista de hist<sup>o</sup>ria de america (m<sup>o</sup>xico), kiklos (su<sup>o</sup>o). em 1926 organizou o primeiro con-gresso regionalista que se realizou nas am<sup>o</sup>ricas e que foi uma das express<sup>o</sup>es do movimento regionalista, por ele conduzido e cuja filo-sofia, tra<sup>o</sup>ada no manifesto regionalista, foi objeto de discuss<sup>o</sup>o no congresso americano de filosofia reunido em new haven em 1943. em 1934 organizou o l' congresso afro-brasileiro de estudos, que fez que roquette-pinto o consagrasse 'jovem mestre de nova escola do recife".

gilberto freyre foi durante anos perito em belas-artes da diretoria do patrimonio hist<sup>o</sup>rico e art<sup>o</sup>stico nacional e consultor do instituto bra-sileiro de geografia e estat<sup>o</sup>stica. continua a recusar cargos de impor-t<sup>o</sup>ncia nacional e in te rn acion al-min ist<sup>o</sup> rios, embaixadas-para melhor

de-

(ficar-se <sup>o</sup> atividade de escritor, como em 1964, quando convidado pejo ent<sup>o</sup>o presidente castelo branco para m<sup>o</sup>nistro da educa<sup>o</sup>o e cultu<sup>o</sup>a e para.embaixador do brasil em paris junto <sup>o</sup> Unesco.



em 1961 foi distinguido com o prêmio de excelência literária, da academia paulista de letras; em 1962, com o prêmio machado de assis (conjunto de obra) da academia brasileira de letras; em 1964, pelo prêmio

#

moinho santista de "ciências sociais em geral", considerado, no gênero, o mais importante da América latina. em 1967 foi laureado com o prêmio aspen, do instituto aspen, nos estados unidos, consagrado a

xvi

"indivíduos notáveis por contribuições excepcionalmente valiosas para a cultura humana nos setores humanísticos"; e em 1969 foi-lhe concedido o prêmio internacional de literatura la madonnina, na Itália, por ter "descrito com incomparável agudeza literária os problemas sociais, conferindo-lhes calor humano e otimismo, bondade e sabedoria".

integra o conselho federal de educação desde a sua criação, a convite do presidente castelo branco, sendo sucessivamente reconduzido pelos presidentes garrastazú Médici, ernesto geisel e joão batista de figueiredo, que consideraram a sua presença no colegiado como "um imperativo da cultura brasileira". por decisão do presidente Médici foi reconduzido ao conselho diretor do instituto joaquim nabuco - hoje fundação joaquim nabuco - conselho de que é Presidente.

em 1971 a universidade federal do rio de janeiro conferiu-lhe o título de doutor honoris causa em filosofia. ainda nesse ano foi agraciado com o título de sir - "cavaleiro comandante do império britânico" - pela rainha elizabeth II.

em 1972 e 1973 foi homenageado pelas universidades federais de pernambuco e da Paraíba com os títulos de doutor honoris causa em ciências jurídicas e sociais e professor honorário, respectivamente. também em 1973 recebeu o troféu novo mundo, de são paulo, por "obras notáveis em sociologia e história" e o troféu diários associados, por "maior distinção atual em artes plásticas".

três documentários cinematográficos foram feitos sobre gilberto

freyre:

o sociólogo de apipucos, produção e direção de joaquim pedro de andrade - casa-grande & senzala, direção de geraldo sarno, e região, tradição e modernidade, direção de luís de miranda correa, os dois últimos promovidos pelo escritor leandro tocantins, como diretor da embrafilme.

em 1974 a universidade federal de pernambuco inaugurou no saguão da reitoria uma placa comemorativa dos quarenta anos da publicação de casa-grande & senzala. no mesmo ano, recebe a medalha de ouro josé vasconcelos, outorgada pela frente de afirmação Hispanista, do México. em 1975, o instituto do açúcar e do álcool lança o prêmio de criatividade gilberto freyre, para os melhores ensaios sobre aspectos sócio-econômicos da zona canavieira do nordeste.

em 1976 faz mais uma viagem à Europa, proferindo conferências em madri (instituto de cultura hispânica) e londres (conselho britânico), tendo sido hóspede oficial do governo francês em paris, onde foi entrevistado na televisão francesa pelo sociólogo jean duvignaud e homenageado com um banquete oferecido pelo escritor jean d'ormesson, diretor de le figaro e membro da academia.

em 1977 a editora nova aguilar publica sua obra escolhida em papel bíblia e a editora espasa-calpe lança em madri a edição espanhola de além do apenas moderno - más allá de lo moderno, com prefácio de julián marías.

em junho de 1980 vai a lisboa para fazer conferência sobre camões,

#

nas comemorações do quarto centenário de morte do poeta, indo em seguida a barcelona para estudar contratos de traduções de outros livros seus na espanha.

foi agraciado pelo governo do estado de são paulo com a medalha da ordem do ipiranga, em homenagem ao 80.º aniversário do escritor, que foi o capital paulista receber do governador paulo maluf a maior condecoração oficial do estado.

xvii

#

ao completar 80 anos, em 15 de março de 1980, gilberto freyre recebeu excepcionais homenagens do governo federal e dos governos de pernambuco e de outros estados, destacando-se ainda as sessões especiais do congresso nacional, do conselho federal de cultura e da assembleia legislativa de pernambuco, além de ter sido entrevistado pelos maiores jornais, revistas e emissoras do país.

o jockey club de pernambuco prestou-lhe também significativa homenagem, dedicando-lhe todo o programa oficial da 11.8 corrida, em 16-3-1980, com o grande prêmio gilberto freyre, e designando os demais puros com títulos de seus livros. no dia 16 de março de 1980 foi inaugurada uma placa e em apipucos houve a extração do prêmio da loteria federal, pela primeira vez realizada fora da capital da república e com a efígie de um brasileiro vivo no respectivo bilhete, no qual se lia: uma vida dedicada ao país e à cultura.

vive o escritor em velha casa, em santo antônio de apipucos, às margens históricas do capibaribe, entre azulejos e jacarandás de sua predileção, em companhia da esposa, d. magdalena guedes pereira de mello freyre. sua filha sônia é agora senhora antônio pimentel filho. seu filho fernando, agora diretor do instituto joaquim nabuco de pesquisas sociais, casado com cristina suassuna, reside em casa vizinha à de gilberto. viveu também com ele seu pai, o dr. alfredo freyre, antigo professor de economia política da faculdade de direito do Recife, falecido em agosto de 1961. possui uma biblioteca de perto de 20.000 volumes, com edições raras e manuscritos e também uma relíquia de são francisco xavier, santo espanhol cuja obra no oriente muito admira. de apipucos vai sempre à Europa e aos estados unidos, a convite de instituições estrangeiras de cultura.

em linhas gerais os traços biográficos de gilberto freyre, que, como "intelectual independente", se considera principalmente "escritor com treino sistematicamente sociológico e antropológico"; e "não professor dessa ou daquela especialidade, com compromissos com qualquer instituição". e que prefere o título de escritor a qualquer outro.

esta 20.ª edição brasileira é comemorativa do 80.º aniversário de gilberto freyre e honra-se de ser co-editada com o instituto nacional do livro, na direção do acadêmico herberto sales, e com o ministério da educação e cultura, sendo ministro de estado o escritor e professor eduardo portella, que para ela escreveu a nota introdutória. o livro

renovou

de tal modo os estudos brasileiros que a pesquisa e o documento pas-

saram a ter um outro sentido: constituíram, dali por diante, a base de todas as interpretações das nossas origens e das nossas realidades. uma das mais positivas afirmações da nossa cultura são estas cinco décadas de projeção da imagem notada do brasil, na unjversalidade em que se vem lanando. O livro e seu autor bem merecem o que sobre um e outro se tem dito e escrito. O eminente educador anísio teixeira deixou um depoimento definitivo:

rio, junho de 1980.

"tenhamos a agradável coragem de reconhecer em gilberto freyre a grandeza que o futuro

#

lhe irá reconhecer, em seu retardado processo de canonização. e o ajudemos a ser ainda maior, aqui mesmo, entre nós e no nosso tempo, com a nossa quente e viva admiração."

i

i

i

i

i

t

bibliografia de gilberto freyre

prêmio da sociedade felipe d'oliveira, rio, 1934.

\* prêmio anisfield-woli, e.u.a., 1957

\* prêmio de excelência literária, da academia paulista de letras, 1961

\* prêmio machado de assis, da academia brasileira de letras (conjunto de obra), 1962

\* prêmio moínho santista de "ciências sociais em geral," 1964

\* prêmio aspen, do instituto aspen, e.u.a., 1967

r\* prêmio internacional la madonnina, itália, 1969.

o troféu novo mundo, de são paulo, por "obras notáveis em sociologia e história", 1973.

troféu diários associados, por "maior distinção atual em artes plásticas", 1973.

prêmio jabuti, da câmara brasileira do livro, 1973.

sir - "cavaleiro comandante do império britânico", distinção conferida pela rainha da inglaterra, em 1971).

medalha joaquim nabuco, assembleia legislativa do estado de pernambuco, 1972.

medalha de ouro josé Vasconcelos, frente de afirmação Hispanista de méxico, 1974.

educador do ano, sindicato, dos professores do ensino primário e secundário em pernambuco e associação dos professores do ensino oficial, 1974.

- \* medalha massangana, instituto joaquim nabuco de pesquisas sociais, 1974.
- \* prêmio caixa econômica federal, fundação cultural do distrito federal, 1979.
- prêmio moinho recife, 1980.
- medalha da ordem do Ipiranga do estado de São Paulo, em 1980.

## 1. livros

# 1933.- casa-grande & senzala (formação da família brasileira sob o

regime de economia patriarcal). ver na p. xxxvi a sua história bibliográfica.

1934: guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife, eds. de Luís Jardim - ed. do a., Recife - 2.ª e 3.ª eds., revistas, editora José Olympio, Rio, 1942 e 1961, com ils. de Luís Jardim. - 4.ª ed., revista, atualizada e muito aumentada. com ilustrações de Luís Jardim e Rosa Maria e fotografias, editora José Olympio, Rio, 1968.

1935: artigos de jornal, - casa Mozart, Recife. 1935. incluído em retalhos de jornais velhos.

1936: sobrados e mucambos (decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano) - comp. edit. nacional, São Paulo -- 2.ª ed., refundida, 3 vols., ils. de Luta Cardoso Ayres, M. Bandeira, Carlos Leão e do autor, editora José Olympio, Rio, 1951. - 3.ª ed., revista, editora José Olympio, Rio, 1961. -- 4.ª ed., 2 vols., editora José Olympio, Rio, 1968. - 5.ª ed., 2 vols., editora José Olympio/Inl-mec, 1977.

xix

#

edição norte-americana: the mansions and the shanties (the making of modern Brazil). trad. de Harriet de Onís, intr. de Frank Tannenbaum. Alfred A. Knopf, Nova Iorque, 1963. edição inglesa: the mansions and the shanties. Werdenfel & Nicholson, Londres 1966.

1937: nordeste (aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil) - com ils. de M. Bandeira e fotografias, - 2.ª e 3.ª eds. (revistas) ilustradas por M. Bandeira e Luta Cardoso Ayres, 1951 e 1967. todas: editora José Olympio, Rio. Cardoso Ayres, 1967. tradução espanhola: nordeste (aspectos de la influencia de la caña sobre la vida y el paisaje del nordeste del Brasil). trad. de Cayetano Romano. Espasa-Calpe, Argentina - Buenos Aires e México, 1943. tradução francesa: terres de sucre - trad. do prof. Jean Orechioni, Gallimard, Paris, 1956.

- tradução italiana: nordeste - l'uomo e gli elementi  
tradução de alberto pescetto, rizzoli, milão, 1970.
- 1938: conferências na europa - ministério da educação e saúde,  
rio. revisado e aumentado passou a constituir o mundo que o  
português criou.
- 1939: açúcar (algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do  
nordeste) - fis. de m. bandeira, editora josé Olympio, rio. -  
2.ª edição, muito aumentada: açúcar (em torno da etnografia,  
do história e da sociologia do doce no nordeste canavieira, do  
brasil) - lls. de m. bandeira, instituto do açúcar e do álcool,  
rio, 1969.
- 1939: olinda - 2.ª guia prático, histórico e sentimental de cidade  
brasileira - fis. de m. bandeira. ed. do a., recife. - 2.ª ed.,  
revista, ils. de luís jardim, editora josé Olympio, rio, 1944. -  
3.ª ed., revista, ils. de m. bandeira, editora josé Olympio, rio,  
1960. - 4.ª ed., revista, atualizada e muito aumentada. com  
ilustrações de m. bandeira e rosa maria e fotografias, editora  
josé Olympio, rio, 1968.
- 1940: d'ho intimo do engenheiro vauthier (prefácio e notas) -  
ministério da educação ' rio, 1940. incluído na 2.ª ed. de  
um engenheiro francês no brasil.
- 1940: um engenheiro francês no brasil pref. do prof. paul ar-  
bousse-bastide, - 2.ª ed., em 2 vols. ilustrados. 1960. 1.ª vol.:  
um engenheiro francês no Brasil. pref. do prof. paul arbousse-  
bastide (2.ª ed., revista e muito aumentada). 2.ª vol.: ~jo in-  
t~mo de louis lóger vauthier, cartas brasileiras de vanthier.  
trad. de vera m. f. de andrade. pref., intr. e notas de gilberto  
freyre, (2.ª ed., rev. e aumentada). ambas: editora josé olym-  
pio, rio.
- 1940: memórias de um cavalcanti (introdução) - comp. editora  
nacional, são paulo, 1940. - incluído em o velho folx e  
rjas ~rias de um cavalcanti".  
5r

#

- 1940: o mundo que o português criou (aspectos das relações so-  
ciais e de cultura do brasil com portugal e - colônias portu-  
guesas - pref. de antônio sôrgio editora josé Olympio.  
edição em portugal: livros do \*brasil, lisboa. s.d.

xx

k;

i

i

i

- 190: rbgão is tramão( - pref. de josé Lins do rego, ils. de cícero  
dias. editora josé Olympio, rio, 1941. 2.4 ed., gráfica record  
editora, rio, 1968.

1942: imilese - pref. de josé Uns do  
rego, editora josé Olympio.  
- a sair em awd& inomes no damil.

- 1943:proble~ brastót~ de a~poloou - casa do estudante do brasd, rio. - 2.1 cº, rev. e aumentada, 1954, 3.8 ed., 1962. ambas da editora josº Olympio, rio. - 4.' ed.. editora josº oly~o 1 inl, 1973. a partir da 2.' ed. com prefºcio do prof. ~ives fernandes.
- 1w4: pfafil m euclym e ounws p~ -  
desenhos de santa rosa e c.. portinarº. editora josº Olympio, rio.
- 1944: na bama, em 1943 - comp.  
brasileira de axtes gráficas, rio.
- 1945:socioloou, i (introdu~ ao estudo dos seus p~~) - 2 vols. - 2.1 ed. (rev. e aumentada), 2 vols., 1957. - 3.4 edl (aumentada), 2 vola., 1962. - 4.6 ed.. 1967. todas: editora josº Olympio. - 5.~' ed., editora josº Olympio 1 ini., 1973.- todas com prefºcio de anisio teixeira.
- 1945: brazil: an interpretation -  
alfred a. knopf, nova lorque. -- 2.1 ed., 1947 (texto expandido em new world in the tropics).
- 1947: ediººo brasileira: interpretaººo do brasil. trad. e intr. de olºvio montenegro. editora josº Olympio, rio.
- ediººo italiana: interpretazione del brasile. trad. de franco loprestº Seminerio. fratteli bocca, milºo, 1954.
- ediººo mexicana: interpretaciºn del brasil. trad. de teodoro ortiz. fondo de cultura econºmica, mºxico, 1945.
- ediººo portuguesa: interpretaººo do brasil (aspectos da formaººo social brasileira como processe de amalgamento de raºas e culturas). pref. de josº Osºrio de oliveira. livros do brasil, lisboa, 1951. (ed. rev. e atualizada pelo a.)
- 1948: ingleses no brasil (aspectos da influºncia britºnica sobre a vida, a paisagem e a cultura do brasil) - pref. de octºvio tarqººnio de sousa, desenhos de rosa maria e luºs jardim, editora josº Olympio, rio. - 2.a ed., editora josº Olympio/inl-mec, 1977.
- 1950: quase polºtica k9 discursos e 1 conferºncia) - 2.' ed. (rev. e aumentada), introd. de munhoz da rocha, 1966. ambas: editora josº Olympio.
- #
- 1953: um brasileiro em terras portuguesas (introduººo a uma pos-sºvel lusotropicologia. acompanhada de conferºncias e discursos proferidos em portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da ºsia, da ºfrica e do atlºntico) - editora josº Olympio.
- ediººo em portugal: livros do brasil, lisboa, s.d.
- 1953: aventura e rotina (sugestºes de uma viagem º Procura das constantes portuguesas de carºter e aººo) - ed. josº Olympio.
- ediººo em portugal: livros do brasil, lisboa, 1962.
- 1955:assombraººes do recife velho. ed. condº, rio. - 2.' ed. (rev. e aumentada), ils. de poty - editora josº Olympio, 1970. - 3.\*, editora josº Olympio / inl, no prelo.
- 1956: problºme de changement social au 20elne siºcle (com l. von wiese, morris guinsberg e georges davy), londres e hereford.
- 19.58:integraºao portuguesa nos trºpicos. portuguese integration

in the tropics. junta de investigaões do ultramar, vila nova de famalicão, portugal.

xxi

#

",o-

- 1959: ordem e progresso (processo de desintegração das sociedades no brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república). 2 vols. - 2.ª ed., 1962. ambas da editora josé olympio. 3.ª ed., 2 vols., editora josé olympio/inl, 1974.
- edição em língua inglesa: order and progress. brazil from monarchy to republic. trad. de rod w. horton. alfred a. knopf, nova lorque, 1970. seeker & warburg, londrea
- 1959: o velho felix e suas "memórias de um cavalcanti" (incluindo edições, revista e aumentado, do texto das memórias de a 2.\* rejaciado, um cavalcanti, de felix cavalcanti de albuquerque, p e anotado pelo seu bisneto diogo de meio meses e comentado por gilberto freyre) - pref. de lourival fontes, editora josé olympio, rio. a i iorque. - 2.ª ed.,
- 1959: new world in the tropics - knopf, nova lorque, 1963.
- edição em língua portuguesa: novo mundo nos trópicos. trad. de olívio montenegro e luís de miranda correa. - 1.ª ed., comp. editora nacional, s. paulo, 1971 - 2.ª ed., revista, aumentada 'e atualizada pelo autor. ed. livros do brasil, lisboa, 1972.
- edição japonesa: atsutai no sin sekai - trad. de yamashita mitugu. toquio, 1961.
- 1959: a propósito de frades \_ universidade da bahia, salvador. - 2.ª ed. univ. da bahia / livraria progresso, 1959.
- 1960: brasis, brasil e brasilíia. livros do brasil, lisboa. - 2.ª ed., rev. e atualizada, gráfica record editora, rio, 1968.
- 1961: o luso e o trópico. sugestões em torno dos métodos portu- ses de integrado de povos autóctones e de culturas diferentes da europa num complexo novo de civilização: o lusotropical. - comissão executiva das comemorações do v centenario da morte do infante d. henrique, lisboa. (edições em francês e inglês: lisboa. 1961).
- 1961: sugestões de um novo contacto com universidades europeias - imprensa universitária, recife.
- 1962: a~, ciência e trópico (em torno de alguns problemas de sociologia da arte) - ed. martins, são paulo.
- 1962: homem, cultura e trópic, - imprensa universitária, recife.

1962: vida, forma e cor - pref. de  
renato carneiro campos, editora  
josé olympio, rio.

1962: talvez poesia - pref. de mauro  
mota, editora josé Olympio.

1963: brazil - pan american union,  
washington.

1963:( escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século xix  
- pref. do prof. fróes da fonseca e nota do prof. silva melo.  
- imprensa universitária, recife.

1964:vida social do brasil nos meados do século xix - trad. do  
#

original inglês - social life in brazil in the middle of the 19th  
century - por valdemar valente, revista, aumentada e prefa-  
ciada pelo autor. instituto joaquim nabuco de pesquisas sociais,  
recife.

1964: retalhos de jornais velhos -  
pref. de luís jardim, editora  
josé Olympio, rio.

1964: dona sinhó e o filho padre

- seminovela. - estudo de  
osmar pimentel. - 2.' ed., 1971. ambas: editora josé Oiy-pio.  
edição norte-americana: mother and son. trad. de barbara  
shelley. knopf, nova iorque, 1967.  
edição em portugal: donó Sinhó e o filho padre. livros do  
brasil, lisboa, s.d. pref. de gilberto de

1965: 6 conferências em busca de um  
leitor -

melo kujawski. editora josé Olmoo, rio-

1966: the racial factors in  
contemporary politics - sussex, in-  
glaterra.

1967: sociologia da medicina - funda-  
calouste gulbenkian, lisboa.

1968:oliveira lima, dom quixote gordo (com 60 cartas inéditas de  
oliveira lima) - universidade federal de pernambuco, im-  
prensa universitária, recife. - 2.' ed., 1970.

1968: como e porque sou e não sou  
sociólogo - pref. de roberto  
lira filho. ed. universidade de brasília.

1968:contribuição para uma sociologia da biografia (0 exemplo de  
luís de albuquerque, governador de mato grosso, no fim do  
século xviii) - 2 vols. academia internacional de cultura por-  
tuguesa, lisboa. - 2.a ed, funda-  
cuiabá, 1978.

1969: transforma-  
ecológica - instituto joa-  
quim nabuco de pesquisas sociais, recife.

1970: cana e reforma agrária (em  
colaboração com outros) - ins-  
tituto joaquim nabuco de pesquisas sociais, recife.

1971: seleta para jovens - organizada  
pelo autor com a colaboração



de maria elisa dias collier. editora josé Olympio / inl.  
1971: the history of brazil - 3 vols.  
edigdo conjunta de the masters  
and slaves, the mansions and the shanties e order and progress.  
secker & warbury, londres. distribuída pela oxford univer-  
sity press.  
1971: nOS E a europa germÔNica (em torno  
de alguns aspectos das  
relaões do brasil com a cultura germônica no decorrer do  
séclo XIX). grifo ediões/inl, rio/brasília.  
1971:a casa brasileira (tentativa de síntese de três diferentes abor-  
dagens, já Realizadas pelo autor, de um assunto complexo: a  
antropológica, a histórica, a sociológica) - grifo ediões, rio.  
1972: a condição humana e outros temas.  
trechos escolhidos por  
maria elisa dias collier - grifo ediões/inl, rio/brasília.  
1973:além do apenas moderno (sugestões em torno de possíveis fu-  
turos do homem, em geral, e do homem brasileiro, em parti-  
cular) - palavras de Mário Gibson Barboza. editora josé

#

olympio. edição espanhola: mOS allá de lo moderno. aguilar,  
madri, 1977.  
1974: the gilberto freyre reader.  
transl. by barbara shelby. alfred  
a. knopf, new york.  
1975: tempo morto e outros tempos  
(trechos de um diário de ado-  
lescência e primeira mocidade - 1915-1930). ed. josé Olympio.  
a presença do açúcar na formação brasileira. inst. do açúcar  
e do álcool.  
o brasileiro entre os outros hispanos: afinidades e possíveis . s  
futuros nas suas inter-relações. ed. josé Olympio/inl\_.

xxiii

#

1977: o outro amor do dr. paulo  
(seminovela, contin. de dona sinhó  
e o filho padre). ed. josé Olympio.  
antologia. ediciones cultura hispánica, madri.  
obra escolhida. casa-grande & senzala, nordeste e novo mundo  
nos trópicos). nova aguilar, rio de janeiro.  
prefácios desgarrados. editora catedra/inl. 2 vols.  
casas-grandes & senzalas. ranulpho editora de arte, recife  
(álbum com 5 guaches de cícero dias).  
1978: alhos & bugalhos. editora nova  
fronteira, rio de janeiro.  
cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do brasil e  
do estrangeiro. conselho federal de cultura, rio de janeiro.  
arte & ferro. ranulpho editora de arte, recife. (álbum com  
5 serigrafias de lula cardoso ayres).  
1979: heróis e vilões no romance  
brasileiro. cultrix/editora da usp.

011 de casa! em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. artenova/instituto joaquim nabuco de pesquisas sociais. prêmio caixa econômica federal, fundação cultural do distrito federal.  
tempo de aprendiz. ibrasa/inl.  
pessoas, coisas & animais. mpm propaganda (fora do comércio).  
1980: poesia reunida. edições pirata, recife. ilustrações de marcos cordeiro.  
gilberto poeta: algumas confissões. ranupho editora de arte, recife. (álbum com 5 serigrafias de lula cardoso ayres, jenner augusto, wellington virgolino, reynaldo fonseca e aldemir martins).

## 2. alguns opúsculos

1922: social life in brazil in the middle of the 19th century - baltimore (usa). - 1.ª ed. brasileira, expandido o trabalho em livro: vida social no brasil nos meados do século xix, recife, 1964 (a sair em palavras repatriadas).  
1924: apologia pro generatione sua - paraffia (incluído em região e tradições).  
1926: a propósito de dom pedro 11 - recife (incluído em perfil de euclides e outros perfis).  
1926: bahia de todos os santos e quase todos os pecados - recife. (incluído em talvez poesia).  
1934: o estudo das ciências sociais nas universidades americanas - recife (a sair em antecipações).  
1937: mucambos do nordeste (algumas notas sobre o tipo de cana popular mais primitivo do nordeste do brasil) - serviço do patrimônio histórico e artístico nacional. - 2.ª ed., rev., instituto joaquim nabuco de pesquisas sociais, recife, 1967 (a sair em homem, cultura e região).  
1940: uma cultura ameaçada - recife. - 2.ª ed., rio, 1942. - 3.ª, lisboa, 1950 (a sair na 1.ª ed. de o mundo que o português criou).  
tradução espanhola: una cultura amenazada - buenos aires, 1943.

#

i

1940: sugestões para o estudo histórico-social do sobrado no rio grande do sul. livraria do globo, porto alegre.  
1941: atualidades de euclides da cunha - rio (a sair em perfil de euclides e outros perfis, 2.ª ed.)  
tradução espanhola: euclides da cunha - buenos aires, 1941.  
1943.- continente e ilha - rio (incluído no livro problemas brasi-

leiros de antropologia).

1946: modernidade e modernismo na arte  
 política - são paulo  
 (incluído na 2.ª ed. de 6 conferências em busca de um leitor).

1946: ordem, liberdade, mineiridade -  
 rio (incluído em 6 confe-  
 r ncias... ).

1948: joaquim nabuco - editora josé  
 Olympio, rio (incluído em  
 quase política, 2.ª ed.).

1948:   camarada whitman editora josé Olympio, rio (incluído  
 em 6 conferências... )

1948: guerra, paz e ciências ministério das rela es exteriores,  
 rio  
 (incluído em 6 conferências... ).

1949: na o e exército editora josé Olympio, rio (incluído em  
 6 conferências... )  
 manifesto regionalista de 1926. ediões região, recife.  
 2.ª ed., ministério da educa o e cultura, rio, 1955. - 3.ª ed.,  
 instituto joaquim nabuco de pesquisas sociais, recife, 1967.

1952: em torno de um novo conceito de  
 tropicalismo.  
 19-52-reinterpretando josé de alencar - ministério da educa o e  
 saúde, rio. - 2.\* ed., 1955 (a sair em homem, cultura e  
 região).

1954: um estudo do prof. aderbal jurema  
 (  sobrado recifense)  
 - recife.  
 em torno da srrua o do professor no brasil - recife (a  
 sair em palavras repatriadas).

1956: suges-r es para uma nova política  
 no brasil: a rurba -  
 recife (incluído em quase política).

1957: importância para o brasil dos  
 institutos de pesquisa científica  
 - inst. joaquim nabuco de pesquisas sociais, recife.

1958: sugestões em torno de uma nova orienta o para as rela es  
 internacionais no brasil - federa o das indústrias- de são  
 paulo, são paulo.

1959.-a propósito de mourão, rosa e pimenta: sugesr es em t- o  
 de uma possível hispanotropologia - arquivo público p\_p,  
 tadual, recife.

1959:de lo regional a lo universal en la interpretación de los  
 co.niplejos socioculturales - ed. da universidade de madri,  
 madri.

1959: em torno de alguns túmulos afro-  
 cristãos de uma altf  
 .a  
 africana contagi.%da i,el,,n, cultura brasileira - univ. da  
 bahia, salvador.

#

1960: uma política transnacional de  
 cultura para   brasil de hoje  
 - revista brasileira de estudos pol ticos, belo horizonte.

1960: sugestões em torno do museu de

antitopolocu 1)0 j~tun:,  
joaquim nabuco de pesquisas sociais - impronsa universit0ria,  
recife.  
1962: 0 brasil em face das 0Fricas  
negras e mesn0As - federa00o  
(ias as-oc:a00es portuguesas, rio. 2.' ed., lisboa, 1963.

xxv

#

i

i

1963:on the iberian concept of time - united chapters of phi  
beta kappa. separata de the american scholar. nova lorque.  
1963:am0Ricanit0 et latin0 de l'am0Rique latine -- separata de  
diog0ne, paris.  
1964:0 estado de pernambuco e sua express00 no poder nacional:  
aspectos de um assunto complexo - imprensa universit0ria,  
recife.  
1964:0 1.' col0QUIo de estudos teuto-brasileiros - introdu00o  
aos seus anais - ed. da universidade federal do rio grande  
do sul, porto alegre.  
1964:a amaz0nia brasileira e uma poss0vel lusotropicol0gia, supe-  
rintend0ncia do plano de valoriza00o economica da amaz0nia,  
rio.  
1965:for0As armadas e outras for0As - recife (inclu0do em  
quase pol0Tica, 2.' ed.).  
196.5: 0 recife, sim, recife, n0o - s0o paulo.  
1965:como e porque sou escritor - universidade da paraiba, jo0o  
pessoa.  
1965:um novo tipo de semin0rio (tannenbaum) em desenvolvi-  
mento na universidade de col0MBIA: conveni0ncia da intro-  
du00o da sua sistem0tica na universidade do recife - impren-  
sa universit0ria, recife.  
homem, cultura e tempo - unio0 das comunidades de cul-  
tura portuguesa, lisboa.  
1967:brazilian national character in the twentieth century -  
reimpresso dos the annals of the american academy of poli-  
tical and social science, filad0lfia.  
1967:(com nilo pereira) discursos no lan0amento da edi00o po-  
pular de casa-grande & senzala - recife.  
1969:a prop0srr0 de lo hispano y de su cultura - ateneo de ia  
rep0blica, buenos aires.  
1969:sugest0Es em torno da ci0ncia e da arte da pesquisa social  
- instituto joaquim nabuco, recife.  
1970:dom pedro ii julgado por alguns estrangeiros seus contem-  
por0neos - petr0polis.  
1970: (com renato campos) gilberto freyre entrevistado aos 70 -  
recife.  
1970:(com mauro mota) pernambucanidade. nordestinidade, con-  
tempor0neos - petr0polis.  
1970: (com v0rios) manifesto de 7 de  
setembro do instituto joa-  
quim nabuco de pesquisas sociais - recife. ---

1970:discurso em guararapes - ed. da universidade federal de pernambuco, recife.  
1970:O brasileiro como tipo nacional de homem situado no trópico e na sua maioria moreno - separata da revista cultura, do conselho federal de cultura, rio.  
1972:a propoSITO de josé bonifácio - ed. do instituto joaquim

#

nabuco de pesquisas sociais, recife.  
1972:independência brasileira: um processo de criatividade socio-cultural - recife.  
1972:(com Mário gibson barboza, jordo Emerenciano e antônio xavier pinto coelho) doutoramento - ed. da universidade federal de pernambuco, recife.

#

1972: presença do recife no modernismo brasileiro - ed. de cadernos moinho recife, recife.1972: sugestões à arena pelo sociólogo gilberto de mello freyre  
alcentara publicidade, recife.

1975: O busil como nação hispanotropical. clube atlético paulistano, são paulo.

1976: O idoso válido como descoberta da nossa época. ministério da previdência e assistência social, Brasília.

1977: nuevas consideraciones sobre brasil como nación Hispano-tropical. embajada de brasil, madri.

1978: gustavo corção. conselho estadual de cultura, recife.  
palavras aos jovens do ceará. instituto lusadas, fortaleza.

1979: ciência do homem e museologia, instituto joaquim nabuco de pesquisas sociais, recife.

adaptação teatral

1970: casa-grande & senzala. drama em 3 atos, de josé Carloi cavalcanti borges. rio, serviço nacional do teatro.

mosica

1961:inspirado em c.-g. & s., o famoso compositor capiba, lourenço barbosa, fez em 1961 uma sulte nordestina, cujo 4.\* moviniento se intitula casa-grande & senzala.

festejos populares

1962: no carnaval carioca de 1962, a escola de samba estação primeira de mangueira inspirou-se - para seu enredo - em

c.-g. & s., dramatizando boa parte de contexto, sob a forma de poema (música e dança populares). e com este tema a escola entrou na avenida rio branco em meio à vibração geral, recebendo do público maiores demonstrações de carinho,

livros sobre gilberto freyre

1944:diogo de melo meneses. gilberto freyre (notas biográficas com ilustrações, inclusive desenhos e caricaturas). pref. de monteiro lobato. rio, casa do estudante do brasil.

1962:gilberto freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte. 64 ensaios sobre g.f. e sua influência na moderna cultura do brasil. obra comemorativa do jubileu de prata de c-g. & s. edição ilustrada, rio, editora josé Olympio.

1979: gilberto de macedo. casc-grande & senzala, obra didática?, rio editora cotedra /inl-mec.  
hu, .Ero do ugo baltros. abc do sociólogo-antropólogo gilberto freyre. (literatura de cordel). recife.  
a sair: moacir souto maior. dicionário sobre gilberto freyre. recife.  
fj'

i xxvii

#

uma wanderley do século xix.  
(desenho de santa rosa)

introdução  
a história da sociedade patriarcal  
no brasil

os volumes 1, 2 e 3 intitulados: 1/casa-grande & senzala (forma da família brasileira sob o regime de economia patriarcal) - 2/sobrados e ucambos (decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano) - /ordem e progresso (processo de desintegração das sociedades patriarcal semipatriarcal no brasil sob o regime de trabalho livre. aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e a monarquia para a república), deverão seguir-se: volume 4 'a vida e as ovas rasas (sepultamento e comemoração dos mortos no brasil patriarcal semipatriarcal); volume 5/seleção de manuscritos e documentos fluviográficos das relações mais características entre pessoas, grupos e instituições nas sociedades patriarcal e semipatriarcal no brasil, nas suas principais áreas e nos seus períodos de integração, equilíbrio e desintegração (nem sempre coincidentes nas várias áreas); volume 6/seleção de reproduções de pinturas, mapas, gravuras, daguerreótipos e fotografias ilustrativas dos tipos mais característicos de homens, animais, casas, móveis, veículos, monumentos e domínios patriarcais e semipatriarcais no brasil nas principais áreas de monocultura, gado e mineração); volume 7/bibliografia geral e índices.

todos esses volumes apareceram sob a denominação geral de 'introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil'. -

O próximo livro de Gilberto Freyre  
José Lins do Rego

Já uma vez escrevi \* um livro sobre Gilberto Freyre. eram, umas duzentas páginas em torno\* de sua vida e de suas ideias. acompanhava-o desde a sua meninice, os seus dias de verão em boa viagem e seus tempos de férias no engenho São Severino dos Ramos até 1929 em Pernambuco. fora ele um menino-prodígio que não se esgotou com o tempo. aos 14 anos fazia um conferência na Paraíba, sobre Spencer, e aos 23, na mesma cidade, naqueles tempos em, que anterior Navarro era o homem, mais doce que eu conheci e a Paraíba uma tranquila cidade sem heróis, falava de psichari

#

e de outros, de todo o drama pungente dos sacrificados da

guerra. vivia com Gilberto Freyre nesta época numa convivência de todos os dias. era ele um

e, it,, um homem já feito, uma inteligência capaz de grandes sondagens, e tinha somente 23 anos de idade. o lúcio montenegro, com mais anos do que ele, outra inteligência predisposta a cultura, mudava os seus rumos, a sua direção, para se deixar dominar pela energia e riqueza de vida que vinha do nosso

a?yttgo.  
naquela época nós estávamos no Brasil à vontade dos ventos, sem, firmeza em coisa nenhuma, ouvindo Jackson de Figueiredo gritando pela ordem que nos fal-

tava, gredindo mais  
c!iefe de turma, a

do que pensando. não havia nem,  
hontem, de pensamento nas  
letras brasileiras daquele tempo.  
o movimento literário de são  
paulo era só literário, mais uma  
canipanha que se fazia para ar-

n. da e. - transcrevemos, nesta 20.a edição comemorativa do octogésimo aniversário de gilberto freyre, o primeiro artigo publicado sobre c.-g.&s. e antes mesmo de estar nas livrarias cariocas a obra que -nas-  
"eu clássica", como disse o eminente professor roquette-pinto- foi escrito  
33.

pelo autor de fogo morto para o boletim de ariel de novembro de 19  
a edição príncipe de c.-g. &s. saiu no mês seguinte.

quanto ao livro que josé Lins diz ter escrito, ocorreu o seguinte:  
ninguém o conhecia, nem nós, seus editores. em conversa com gilberto

freyre, pedimos-lhe nos esclarecesse o caso. prontamente nos respondeu  
nosso amigo e editado na presença de péricles madureira de pinho:  
o livro de fato foi escrito (c. 1924) - e até já estava em provas tipó-  
gráficas. mas, a pedido dele, g.f. - e embora fosse bom o estudo, como  
se pode depreender do artigo acima - josé Lins desiste da sua publica-  
ção e a composição do livro é desmanchada.

#

mas num tom de voz d . e

xxix

#

tt

rebentar os versos de mármore  
do poeta alberto de oliveira.  
nem um livro grande daquele  
movimento de grandes homens  
de talento.

era então gilberto freyre  
quem em pernambuco trabalha-  
va com material mais humano  
e mais sério e com preocupações  
mais desinteressadas. ele orga-  
nizou o livro do nordeste na  
comemoração do primeiro cente-  
nário de um jornal. foi um in-  
quérito admirável de todas as  
possibilidades e de toda a his-  
tória de um século de vida.  
O nordeste se descobria como  
uma poria. este livro que de-  
vemos a gilberto freyre honra  
a cultura e o gosto de qualquer  
país. ninguém falou dele. ser-



viu apenas para substituir os livros de sorte de s. joão com que o diário de pernambuco agradava aos seus leitores.

em 1924, enquanto o brasil letrado tomava posição entre coelho neto e morio de andrade, um rapaz de provincia ensaiava assim entre nós o seu primeiro estudo a sério que se fazia de história social. pernambuco tinha dado ao país três grandes historiadores: oliveira lima, nabuco e alfredo de carvalho. o primeiro, com o seu

. joão vi no brasil, escrevera a-nossa história colonial, nabuco a do segundo império, e alfredo de carvalho consumira toda a sua inteligência, todo o seu gosto, na procura de do.

xxx

cumentos, no trabalho estafante das investigações. a sua obra é quase toda de pesquisas, de estudos, de ensaios. o material

#

'levantado por ele é formidável. foi um capistrano de abreu com mais viagens com o mesmo escrúpulo e mais. dispersivo. gilberto freyre será talvez maior que todos estes. não estou provocando escândalo dizendo isto. ele tem consigo as grandes qualidades dos outros três: a expressão literária de joaquim nabuco, o sentido de humor e a honestidade de oliveira lima, a intuição da verdade de alfredo de carvalho. e muito mais que todos, um senso crítico como nunca existiu entre nós. duvido que ninguém seja mais sério e mais arguto do que este provinciano.

a história do brasil deixou de ser em suas mãos uma vaidade de saber mais datas do que os outros como se dá com o barão do rio branco, ou o puro deleite de. esquisito como foi para capistrano de abreu, o homem

que poderia ter sido o nosso grande historiador se não tivesse querido ser somente o nosso maior esquisito. a história que gilberto freyre sabe e escreve tem mais uma expressão de vida que de pura memória. É uma história com sangue, mais humana do que sóbia.

a história que gilberto freyrer escreve é assim, exposta aos elementos, em contacto íntimo com

erdadeiraira

ele mesmo. para ser v a história precisa mais de um lórico que das "p~,as exuberantes dos autos". as provas desta natureza valem muito, mas o grande, o forte, o intenso da história está mais no historiador que nos fatos. no brasil este homem prodigioso andou por perto de joaquim nabuco. capistrano, por doença da vontade,

#

afastou-se dele. está, no entanto, com gilberto freyre. pode-se talvez dizer, sem medo de afirmar uma barbaridade, que o primeiro grande historiador brasileiro vai sair de pernambuco.

a história do brasil até agora viveu de explorações e maus tratos. rocha pombo tratou-a como um marido estéril, porto seguro como um esposo infiel, cometendo adultérios. tivera ela grandes namorados, que lhe seriam ótimos matrimônios - capistrano de abreu e alfredo de carvalho.

uma vez capistrano, quando era rapaz, falou do homem que devia fazer a história do brasil. ele se referia a varnhagen que 44novo primava pelo espírito compreensivo e simpático". este espírito que, "imbuindo o historiador dos sentimentos e situa-

ões que atravessa, o torna contemporâneo e confidente dos 119-mens e dos acontecimentos---. faltava ao teuto-brasileiro aquilo

que capistrano chamava de espírito plástico e simpático, aquilo mesmo que ele reconhecia tio autor do distrito diarnantino: a faculdade de reunir ao rigor da história o encanto do romance. e o jovem capistrano daqueles tempos sonhava com o homem que ele poderia ter sido: "um espírito superior que viesse insuflar a vida e o movimento na massa informe".

a obra que capistrano não quis concluir é esta que gilberto freyre vai começar. o perigo para as letras nacionais é que o provinciano de recife inclinasse de verdade para a posição de capistrano: de ficar-se distante da publicidade, não por preguiça de compor, mas pelo fastio da notoriedade.

#

a revolução de 30 nos trotixeste bem. forçou gilberto freyre, por necessidades financeiras. a trabalhar num livro. o editor schmidt segurou-o por um contrato há bem dois anos. ele let12 de se decidir pela força das circunstâncias a fazer qualquer coisa de grande.

n t) w", "  
l,v, /m--j

ikxi

#

negra brasileira do século xv11 (cole(-jo do autor)

casa-grande & senzala

casa-grande & senzala,  
grande livro que fala  
desta nossa leseira  
brasileira.

mas com aquele forte  
cheiro e sabor do norte  
- dos engenhos de cana  
(massangana!)

com fuxicos danados  
e chamegos safados  
de mulecas fulos  
com sinhos.

a mania ariana  
do oliveira viana  
leva aqui a sua lambada  
bem puxada.

se nos brasis abunda  
jenipapo na bunda,  
se somos todos uns  
octoruns,

manuel bandeira

que importa? o l0 desgra0a?  
essa historia de ra0a,  
ra0as m0s, ra0as boas  
- diz o boas -

o coisa que passou  
com o franci0 Gobineau.  
pois o mal do mesti0o  
n0o est0 nisso

est0 em causas sociais,  
de higiene e outras que tais:  
assim pensa, assim fala  
casa-grande & senzala.

livro que o ci0ncia alia  
a profunda poesia  
que o passado revoca  
e nos toca

#

a alma de brasileiro,  
que o portuga femeeiro  
fez e o mau fado quis  
infeliz!

poesia que o bardo fez em homenagem a c-g. & s., publicada pri-  
meiro em mafu0 do malungo, 1948, rio. (hoje, integra as poesias reu-  
nidas de m. b., estrela da vida inteira, 4.- ed., ed. jos0 Olympio, 1971)

casa-grande & senzala  
quarenta anos  
jo00 cabral de melo neto

ningu0m escreveu em portugu0s  
no brasileiro de sua l0ngua:  
esse o vontade que o da rede,

dos alpendres, da alma mestiça,  
medindo sua prosa de sesta,  
ou prosa de quem se espreguiça.

(em museu de tudo. livraria josé olympio editora, 19751.

xxxiii

#

a c, -/~erh

c,. do

~o 0- n 1, tt;/-&  
enp /e t 0 o re4 nca- +\_1 0- 47

o,- 0,,i4kc- do 4~4  
u c- l, fa l- tu , je l,, cu,~  
0" 0k4 0l (... j,.j , - 4 ,

o lk-y-0 t40- ccva& f-i cxx fr, l,

0l ca,0 a - j to,,,~e ; ck ieaj 0, (e, 4f.  
-i (a j c. 9^ p-p- &u 0 ?"tm jj 4, l ,

/ l ~oto te4jur- \* e"

i

v v4

0 de00 da sorbonne, prof. marcel durry, disse:  
"atribuindo o grau de doutor honoris causa desta sorbonne, que  
ele frequentou adolescente, a gilberto freyre, queremos não somen-  
te prestar homenagem ao profundo sociólogo que trouxe técnicas  
novas e abriu vias inéditas às ciências do homem, mas também ao  
humanista que vem trabalhando de todo o coração, que continua  
a trabalhar, para a reconciliação entre as raças e o amor entre  
os homens. "

gilberto freyre

.3

6

c" 4(44

c,11

br.rto freyre

1933-1980

casa - grani)is l casa-

grande frontispícios

&

&

da

senz

ala edição príncipe

senzala

e da 4.' edição

forma00od

~ ~anuita im%5tleira sob

0

~-

conomia l'ale~,ircal. (jô sob a sigla lo.)

a

foru& 00 da fauiii. m.sileixa  
so9c redimem de economia

as três edições

iniciais não tiveram

amltaesraa004es' de texto,

. foi

manuscrito dedicado a gilberto freyre pela nosso grande poeta drum-  
bem revista pelo a.

mond. (poema que integra seu viola de bolso novamente encordoadada,  
2~"definitiva", declarou-se.

ed. josô Olympio, 1955.) reproduzimos o manuscrito de outra edição

j

nossa - gilberto freyre, sua ciência, sua filosofia, sua arte - obra  
-aia a sci-lw mas tal não ocorreu:

comemorativa do jubôleu de prata de c\_cr. & s. (1962).

g.f, fez sempre revisões

nas edições subsequentes.

#

#

a história bibliográfica, no brasil e no mundo, de  
casa-grande & senzala

(formação da família brasileira sob o regime patriarcal). 1980:

1933: (dezembro) 1.1 ed. - rio, maia & schmidt.

1936: 2.' ed. - rio, schmidt - editor. com prefácio do a. c

1938: 3.1 ed. - rio, schmidt - editor.

todas

ilustradas com fotografias e desenhos, e mapa de cécero dias.

1943-4.\* ed., definitiva. - prefácios do a. lis. de tomôs santa rosa.

desenho de cécero dias. documentos brasileiros, 2 vols. a partir  
desta edição: publicada pela editora josô Olympio, rio.

1946:5.1 ed., revista pelo a. e acrescida de numerosas notas. - prefá-

cios do a. ils. de tomôs santa rosa. desenho de cécero dias.

col. doc. bras., 2 vols. acrescida de numerosas notas. - pre-

1950: 6.1 ed., revista pelo a. e

facios do autor. ils. de tomôs santa rosa. desenho de cécero  
dias. col. doe. bras., 2 vols.

1952-7.' ed. - prefácios do a. fis. de tomôs santa rosa. desenho de

cécero dias. col. doc. bras., 2 vols.

1954:8.1 ed. - prefácios do a. tis. de tomôs santa rosa. desenho

de cécero dias. col. doc. bras., 2 vols.

1958: 9.1 ed. - prefácios do a. lis. de

tomôs santa rosa. desenho a

cores de cécero dias. em obras reunidas de g. f., 2 vols.

1961: 10.' ed. - prefácios do a. fis.

de tomôs santa rosa. desenho

a cores de cécero dias. em obras reunidas de g. f., 2 vols.

- 1963: universidade de brasília, em 1 vol. 12.' ed. - brasília, editora
- 1964: de tomás santa rosa. desenho a cores de cícero dias. em obras reunidas de g. f., 2 vols. 11.' ed. - prefêcios do a. fis.
- 1966: tomás santa rosa. desenho a cores de cícero dias. em obras reunidas de g. f. 2 vols. 13.\* ed. - prefêcios do a. es. de
- 1969: de tomás santa rosa. desenho a cores de cícero dias, 2 vols. 14.' ed. - prefêcios do a. lls.
- 1966-1970: 15.' ed - 2 vols. recife, imprensa oficial. edição popular promovida pela assembleia legislativa do estado de pernambuco. pref. de josé Antonio gonsalves de meto (vol. 1) e jordo emenciano (vol. 2).
- 1973: 16.a ed., comemorativa do jubileu de esmeralda da obra. - prefs. do a. fis. de tomás santa rosa e poty. desenho a cores de cícero dias. com fotografias e fac-símiles. notas de joão guimarães rosa, gilberto amado e outros. 1 vol.
- 1975: 17.a ed. - prefs. do autor. lls. de tomás santa rosa e poty. desenho a cores de cícero dias. com fotografias e fac-símiles. notas de joão guimarães rosa, gilberto amado, e outros. 1 vol.
- 1977: 18.a ed. - prefs. do autor. lls. de tomás santa rosa e poty. desenho de cícero dias (em preto e branco). com fotografias e fac-símiles. notas de joão guimarães rosa, gilberto amado, e outros. 1 vol.

xx~xv1

1978: 19.a ed. - prefs. do autor. lis. de tomás santa rosa. desenho #

de cícero dias (em preto e branco). 1 vol.  
comemorativa do octogésimo aniversário de gilberto freyre. 20.a ed., re. apresentação de eduardo portella. prefs. do autor. lis. de tomás santa rosa e poty. desenho a cores de cícero dias. com fotografias e fac-símiles. poemas de manuel bandeira, carlos drummond de andrade e joão cabrai de meio neto. notas de joão guimarães rosa, gilberto amado. nelson rodrigues e outros. crônica de josé Lins do rego. editora josé Olympio/lnl-mec.

nota: a partir da 6.' ed., c.-g. & s. passa a ser publicada como vol. de história da sociedade patriarcal no brasil.

no estrangeiro

1946:

a: casa-grande & senzala (formação de la familia 1942: argentin 2 vols., trad. brasilefia bajo el régimen de economia patriarcal). iray e prólogo de ricardo sfienz hayes. bue- de benjamin de g, nos aires, ministério de justicia e instruccion publica. - 2.' ed.,

2 vols. buenos aires, ed. emec6, 1943.  
 estados uni'dos: the masters and the slaves (a study in the  
 development of brazilian civilization). trad. de samuel putnam. -  
 2.' ed., 1956. - 3. . ed. (abridged), 1964. todas de alfred a.  
 knopf ' nova lorque. laureado em 1957 nos estados unidos com  
 o premio anisfield-wolf, destinado ao melhor trabalho mundial  
 sobre "rela00es entre ra0as ll .

1947: inglaterra: the master and the  
 slaves. londres, wendenfeld  
 & nicholson.

1952: franga: maitres et esclaves.  
 trad. de roger bastide. pref. de  
 lucien f6bvre. paris, gallimard (14 edi~6es at6 1978).

1957: portugal: casa-grande & senzala.  
 lisboa, livros do brasil (5  
 edic6es w 1980).

1964: canad: the ma~ters and the  
 slaves (abridged). publicada em  
 toronto por handom house of canada ltda., simultaneamente  
 com a 3 . ' ed., de knopf, nova lorque (3.' ed. da obra nos e.u.a.  
 mas a l' ed. abridged).

1965: alemanha: herrenhaus und  
 sklavenrotrf (ein bild der bra-  
 silianischen gesellschaft). trad. de ludwig graf von sch6nfeldt c  
 pref. de hermann mathias g6rgen.

1965: itdlia: padroni e schiavi. trad.  
 de alberto pescetto, intr. de  
 fernand braudel. turim, g. einaudi.

1971: inglaterra: the history of  
 brasil. 3 vols. edi0do conjunta de  
 the masters and slaves, the mansions and the shanties e order  
 and propres-. loodres, editada por secker & warburg e distri-  
 buida pe-la oxford univeristy press.

1977: venezuela: casa-grande & senzala.  
 pr6logo de darcy ribeiro.

#

biblioteca ayacucho, caracas.  
 1980:pol6nia: edigro em preparo de casa-grande & senzala. trad. de  
 helena czajka. institut wydawniczy, vars6via.

#

ob,

casa-grande & senzala -

1933-1980 (bico-de-pena de poty).

#



general characteristics  
of the portuguese  
colonization of brazil:  
formation of an  
agrarian, slave-holding,  
and hybrid society

\_w5c  
+wyw+

when, in 1532, the economic and civil organization of brazilian society was effected, the portuguese already for an entire 'century had been in contact with the tropics and had demonstrated, in india and in africa, their aptitude for living in those regions. the definitive proof of this aptitude is to be found in the change of direction that portuguese colonization underwent in s5o vicente and in pernambuco, from an easy-going mercantile way of life to an agricultural existence, with colonial society in brazil now organized upon a. more solid basis and under more stable cqnditions than it had been in india or on the african plantations. the basis was agriculture, and the condit:ons were a patriarchal stability of family life; the regularization of labor by means of slavery; and the union of the portuguese male with the indian woman, who was thus incorporated into the economic and social culture of the invader.

in trop,cal america there was formed a society agrarian in structure slave-holding in its technique of economic

feita por  
editor  
trabalhando nos  
brasileiro.

fac-s0mle da p0gina inicial \*de c.-g. & s. na vers0o inglesa  
samuel putnam. publicada pela primeira vez em 1946 pelo grande  
alfred a. knopf, de nova iorque, edito~ que tanto vem  
estados unidos da am0rica em favor do escritor

i

pref0cio do autor  
0 20.a edi00o brasileira

a 20.a edi00o brasileira deste livro, que aparece com tanto primor de arte gr0fica, junta-se, com as tr0s outras em l0ngua portuguesa, 0s v0rias edi00es e reedi00es noutras l0nguas - principalmente na francesa (v0rias edi00es gallimard, as 0ltimas na cole00o tel, de "grandes pensadores con-

#

tempor0neos" e todas com magistral introdu00o do s0bio lucien febre e

consagradas pela crítica também magistral de roland barthes), na espanhola (numa das edições, a venezuelana, com magnífica introdução do antropólogo e escritor brasileiro darcy ribeiro), na italiana (com também magnífica . ntrodução de mestre fernand braudel), em várias em língua inglesa, na alemão (grande alemanha!), breve, na polonesa. uma demonstração, honrosa para o brasil, de livro tão especificamente brasileiro, vir

vencendo o tempo - pois aproxima-se de meio século de vida - através de uma constante ou renovada atualidade.

desde a 4.a edição brasileira, seu sexto é o mesmo: sem qualquer alteração essencial. o que mostra quanto há nele, desde o seu aparecimento, de antecipações, quer em ciência, quer sob outros aspectos - o da própria linguagem, tão censurada por alguns dos seus primeiros críticos - confirmadas ou consagradas pelo tempo sucessivamente vencido.

livro inovador e, até, revolucionário, com relação a várias convenções, escrito antes em português não-conventionalmente literário do que em antropólogos ou em sociólogos ou em filósofos, pioneiro na atenção dispensada ao sexo sem resvalar em sexualismo desvairado, vem sendo acolhido por sucessivas gerações, quer no brasil, quer no estrangeiro. ro. também por academias, universidades, institutos de ciências, de letras, de filosofia, dentre as mais ilustres. mais: santo por ideólogos idôneos dos

.1 chamadas esquerdas" como pelas das intituladas "direitas". pela própria igreja católica, romana, por algumas de suas vozes mais autorizadas.

as [Oureas internacionais com que o livro casa-grande & senzala tem sido distinguido, vêm, tanto quanto as expressivamente brasileiras, consa-

grando nele um livro difícil de ser convencionalmente classificado e sim, para tortura de bibliotécnicos, inclassificável. no que estaria, paradoxalmente, uma das singularidades: a sua talvez pluralidade dentro de sua, talvez, também, unidade. a conciliação - quem sabe? - de uma contradição apontada pelo grande roland barthes.

há quem suponha casa-grande & senzala e o seu autor vítimas de excessivo gosto "modernista" que viria dominando críticos e públicos desde quando o livro apareceu há quase 50 anos. engano. vários os surtos "modernistas", aliás brilhantes, a que este livro tem sobrevivido através de sofreguidões jovens por novas edições. pensou-se que o "modernismo", aliás admirável, de sicrano e, depois, o de fulano, como cientistas ou pensadores sociais, ou como estilistas literários, o tornariam arcaico.

suposição

a que gallimard, em paris'- para citar exemplo o mais ilustre - vem

respondendo com a elevação de sucessivas edições do autor e do livro brasileiro às suas mais importantes, lidas e, sempre modernas, coleções. historiador? sociólogo? antropólogo? escritor? a resposta da França, sempre a mais intelectual das nações modernas, vai além. vem se juntando à brasileira e explicando porque, agora mesmo, a polônia vai lançar, prestigiada pelos seus sábios e críticos, edição em polonês do quase cinqüentenário livro brasileiro, o mesmo estando para fazer barcelona e enquanto de bonn se anuncia nova edição em alemão, juntamente com sobrados e mucambos e ordem e progresso, em conjunto, como vem fazendo na Inglaterra, seu editor inglês.

#

apipupos, julho, 1980.

# g. f.

joao

gilberto freyre

maitres  
et esclaves  
(c ~. . 5.---ni

t,.d,it d, po~0 pc, rogw ta.tida

l0 croix ou suo  
---.~  
4  
,crl

gallimard  
s. p.

gilberto freyre

padroni e schiavi

lafo azione della fami"brianliana  
in regime di econow patfoafcale

,.~~e n fe~ a~  
~~ m ~0 k9cmo

40

frontisp0cio da edi00o (abridged)  
feita por knopf em nova iorque e  
publicada simultaneamente em toron-  
to, canad0, por handom. hou-  
se. (colevio borzoi books on la-  
tin america, dirigida pelo prof.  
lewis hanke.)

disse:

guimaraes rosa

"gilberto freyre

homem de espirito e ci0Ncia.  
sistematizador, descobri-  
dor, grande critico:  
e artista. sabe ver, achar,  
pensar, inventar e p0R A  
reviver, remexer, expe-  
rimentar, interpretar,  
alumiar, animar, influir,  
irradiar, criar. mestre.

#

mas seu estilo - macio e  
falador, 0 vontade e  
imediate, exato e espa00-  
so, limpo e coloidal,  
personalissimo e p0BLICO,  
embebido de tudo e t00  
eficazmente embebedor,  
- j0, por si, daria para  
obrigar a nossa  
admira000".-

the masters  
and the slaves

s--j

a study in the devrloprnent of  
brazilian civilization

.1  
gilberto freyre  
.....  
i a i i i i l k ~ i a l l

i ~ iii"< -  
.lw.zo  
n-y- a vr'd a. ""f

giberto firm  
herrenhads  
und  
sklavenwte  
ein bild der  
brasihanischen geselischft k &w  
o0

ff .

\_,gilbleptq frieyke

casa -  
grande y  
sienzaia

casa-grande & senzala  
correndo mundo

de - j0 em l0ngua inglesa, espanhola, alem0, francesa e italiana - al0m  
0W edi00es em portugal - a grande obra vem circulando nos seguintes  
pa0ses:

1942 - argentina; 1946 - estados unidos; 1947 - inglaterra; 1952 -  
fran0a; 1957 - portugal; 1964 - canad0; 1965 - alemanha; 1965 -

it0lia;  
#

"aos 73 anos, 1980 - polónia.

title masters

and the slaves

gilberto freyre

escreve como nunca

e repito:

- ninguém escreve tão bem,

aqui ou

em qualquer outro idioma.  
e não vejo,

em nossa época,

uma lucidez crítica

1

assim maravilhosa."

diz

i

neilson rodrigues

a study in the development of Brazilian  
civilization  
13~

gilberto freyre

no, ~ork~ 4t, f~ , ,

#

seleções de prefácios a várias outras edições  
deste livro em língua portuguesa\*

ao longo prefácio - longo e essencial - 1.8 edição deste  
livro, vem se sucedendo numerosos outros, quer em edições  
brasileiras ou em língua portuguesa, quer em edições noutras  
línguas. a tal ponto que já houve quem dissesse do autor que  
era um prefaciornanço.

a verdade é que a maioria desses prefácios foram escritos  
por solicitação de editores ou em face de provocações ou su-  
gestões de críticos. nenhum deles exprime um afeto, da parte  
do autor, de justificar-se quanto a ideias ou atitudes, dentre  
as que mais suscitaram reações ou mesmo hostilidades ao autor;

e sim o desejo de, em face de umas tantas incompreensões sinceras, honestas, idôneas, o inovador, de acordo com editores, esclarecer-se; o. de algum modo antiortodoxo, definir-se de forma porventura mais precisa: a de um autor h0 mais de quarenta anos vivo entre sucessivas gera00es jovens; e que, a despeito de quanto esfor0o se tem feito para apresent0-lo como "superado", ou "ultrapassado", vem dialogando com novos leitores, solid0rios no essencial com o que foram suas, a princ0pio, escandalosas heresias sobre assuntos humanos, em geral, e sobre homens, sociedades e cultura, em grande parte mesti0as, ou mistas, situadas nos tr0picos - especialmente, - mas n0o exclu0ivamente, os brasileiros - em particular.

para a presente edi00o, concordou o autor com seu editor brasileiro que, em benef0cio de uma menos difusa apresenta00o da mat0ria transbordante que constitui os v0rios pref0cios, sucessivamente acrescentados ao livro, seria mais que conveniente conservar na 0ntegra apenas o primeiro e, repita-se, de

\* estas "sele00es de pref0cios" foram publicadas em 1973, na 16.3 ed. de casa-grande & senzala (n. da e.).  
xliv g. f.

q

i

f

todo essencial pref0cio; e dos demais extrair-se, de modo inevitavelmente arbitr0rio, e, usando-se a express0o com benevol0ncia, antol0gico, o mais essencial, deixando-o

o menos nas

edi00es anteriores como mat0ria hist0rica, a cuja leitura poder0 recorrer os estudiosos mais met0culosos e mais atentos ao quey num livro de sucessivas edi00es, constitui a sua hist0ria, e, mais do que isto, a sua sociologia: a hist0ria e a sociologia das rela00es de um autor com diferentes p0blicos e com sucessivas gera00es de leitores. hist0ria e sociologia suscept0veis de ser

#

apreendidas atrav0s desses tamb0m diferentes pref0cios, cada um deles correspondendo a um momento significativo nas rela00es entre autor e p0blico, entre autor e cr0ticos, entre autor e atitudes da parte de intelectuais de prest0gio que tenham confirmado, ou discutido, suas antecipa00es - algumas recebidas de in0cio - repita-se - como escandalosamente her0ticas em ci0ncia e em saber, em metodologia e na pr0pria express0o liter0ria.

extraindo-se, quanto poss0vel, dos v0rios pref0cios que tem tido este livro, em sucessivas edi00es em l0ngua portuguesa, trechos representativos dessas rela00es, atende-se, de algum modo, ao que neles, al0m de ter sido, conserva-se significativo, atendendo-se ao mesmo tempo 0 necessidade, t0o dos nossos dias, de livros sint0ticos ou contra0dos: necessidade imposta pelas modernas condi00es de resid0ncia em casas e, sobretudo apartamentos, cujos espa0os reduzidos repelem as edi00es em v0rios

tomos para exigir as como que desidratadas num sê e simples volume. É considerando-se tais circunstâncias como que ecológicas, que caracterizam as atuais relações de leitores com livros de sua propriedade particular, que, neste como que prefácio antológico, pretende-se reter alguma coisa de essencial dos vários que o precederam, numa economia de espaço obtida, é evidente, com inevitáveis sacrifícios, por vezes, de matéria não de todo desprezível na sua plenitude, para a exata compreensão de livro tão complexo.

dado este esclarecimento, seguem-se os trechos extraídos dos prefácios de várias edições de José Olympio e em língua portuguesa, e que talvez cumpram a sua missão de representativos e, dentro dos seus limites, significativos. É sob este ânimo do autor, e conforme seu critério de seleção, que são aqui reunidos num esforço de síntese em que, repita-se, procura-se reter o tido por absolutamente essencial dessa representatividade, desprezando-se, para tanto, não o apenas circunstancial como o menos essencial. pois nenhum prefácio acredita o autor o haver escrito por vã retórica ou por arbitrária apologética.

#### seleções de prefácios xiv

#

" ... quanto é impressão de incompleto, de inacabado, até mesmo de imaturo, que dá este ensaio, é que talvez ele seja - um tanto por sua natureza e muito por deficiência do autor - daqueles de que fala o escritor francês: "c'est au temps, aux hasards, aux lecteurs de le finir."

"alguns críticos notaram que vêm pouco citados, neste trabalho, os grandes mestres da nossa história - handermann, por exemplo, southey, varnhagen, capistrano, oliveira lima, rocha pombo, joão ribeiro, joaquim nabuco. alguns deles, autores de páginas memoráveis sobre os assuntos aqui versados. sobre a escravidão, por exemplo. essa falta aparente de devoção de um principiante por mestres tão ilustres explica-se, em parte, pelo fato de ter sido uma das suas preocupações o contato direto com as fontes - tão citadas através destas páginas: manuscritos de arquivos de famílias e de igrejas, cartas jesuíticas, testamentos, sesmarias, diários, livros de viajantes estrangeiros, provisões régias, correspondência dos governadores coloniais com a corte, periódicos, pastorais, teses de doutoramento, relatórios de médicos, atas de câmaras' etc. sobre este material e sobre pesquisas de campo é que verdadeiramente se baseia este ensaio; e não sobre os livros de historiadores consagrados e o seu uso e interpretação daquelas fontes."

" ... algumas críticas, mesmo das mais autorizadas, o autor as tem recebido como divergências eminentemente respeitáveis de especialistas e até de mestres, sem se achar, entretanto, obrigado a modificar os seus pontos de vista. tais os reparos do professor coornaert, da sorbonne, do professor martin, de stanford - eni. artigos, aliás, inabuláveis para o autor - sobre o que consideram preocupação excessiva com o elemento sexual na interpretação de alguns aspectos mais característicos da formação social do brasil. ou, ainda, as restrições do professor sylvio rabello - um dos nossos mais argutos especialistas em assuntos de pedagogia e psicologia social - ao que lhe

pareceu excessivo na importância atribuída à influência do meio sobre a formação do brasileiro, dentro do sistema patriarcal e da economia escravocrática. algumas das críticas mais substanciais a c. - g. & s. aparecidas nos últimos dois anos, procederam de um antigo e consciencioso investigador das culturas indígenas do norte do brasil, o sr. carlos estêvão de oliveira, diretor do museu goeldi, que dedicou à 2.ª edição do livro análise tão longa, tão minuciosa e, ao mesmo tempo, tão simpática, do ponto de vista dos estudos, de sua predileção. Assim que para o diretor do museu goeldi o sexo masculino não

xlvi g. f.

i

se sente diminuído, entre os indígenas brasileiros - pelo menos entre as tribos de seu conhecimento - com o trabalho agrícola, em que se especializa a mulher. mas é possível que as tril-

#

bos conhecidas e estudadas nos últimos vinte anos pelo sr. carlos estêvão de oliveira já tenham recebido influência direta ou indireta da colonização europeia e dos seus padrões de divisão sexual do trabalho. quanto à interpretação de "magia simpática aplicada às sementeiras", que ele sugere, parece ao autor das mais lúcidas, não havendo, aliás, desacordo entre ela e os padrões de divisão sexual de trabalho, seguidos, conforme alguns dos melhores estudiosos do assunto, pelos indígenas do brasil, quando aqui chegaram os portugueses."

11... um assunto versado em c. - g. & s. e que o sr. carlos estêvão de oliveira feriu corajosamente em sua paciente análise é o que se refere ao "choque da cultura europeia com a indígena", e "aos efeitos da catequese jesuítica sobre as tribos brasileiras". o sr. carlos estêvão reconhece a importância considerável do problema: "se o estudo houvesse abrangido somente esses dois temas, já o a. teria realizado obra valiosa, visto como, pelo menos que eu saiba, ninguém até hoje analisou-os tão fotograficamente". para o ilustre estudioso da cultura, ou antes, das culturas indígenas do brasil, "os conquistadores [ .... ] e os jesuítas" foram de fato "os iniciadores de sua decadência" (isto é, da decadência daquelas culturas). fato que o autor de c. - g. & s. salientara sem pretender por isso que as sociedades ameríndias devessem ter sido idilicamente conservadas fora de toda a europeização e, muito menos, de qualquer cristianização. os métodos de europeização dos plantadores de cana e dos bandeirantes e os de cristianização, empregados pelos jesuítas, é que nem sempre terão sido os mais inteligentes, nem mesmo os mais cristãos, ou simplesmente os mais humanos. pelo menos, para quem se coloque do ponto de vista do melhor aproveitamento da cultura e da gente indígenas na formação brasileira. muito deve o brasil aos jesuítas, alguns deles figuras heróicas ligadas para sempre aos difíceis começos da civilização nesta parte tropical da américa. o fato está sendo proclamado por algumas das nossas maiores vozes: por joaquim nabuco, por eduardo prado, por oliveira lima, pelo próprio capistrano, tão difícil nos seus entusiasmos. mas é pre-



ciso que tenhamos a coragem de não nos resignarmos a uma interpretação unilateral e piedosamente convencional do passado brasileiro, para uso voluptuoso dos apologetas da obra missionária da companhia de Jesus no Brasil. seria banal repetir, a

seleções de prefácios xlvi

#

esta altura, que a vida de qualquer instituição está cheia de altos e baixos: nenhuma tem um passado só de glória".

11 ... uma palavra sobre a crítica que fez a c. - g. & s., entre referências extremamente gentis ao autor, o eminente mestre da pesquisa histórica em nosso país que é o professor afonso de e. taunay: a de que o livro se ocupa quase exclusivamente do norte, desprezando a paisagem social do sul. mas é que naquele ensaio, antes de sociologia genética do que de história no sentido convencional - embora recorrendo muitas vezes à crônica histórica e até à história anedótica - impunha-se ao autor estudar o patriarcalismo baseado sobre a monocultura latifundiária e escravocrática naquela parte do país onde esse patriarcalismo teve a sua expressão mais característica e mais forte. só no século xviii - estudado sociologicamente, em alguns dos seus aspectos, em sobrados e mucambos - o regime patriarcal da família ganharia relevo na região mineira; mas já diminuído pelo maior poder del-rei e pela influência das cidades mineiras, mais autônomas que as do norte. quanto ao rio de janeiro, fora quase uma fiação de exceção - uma como mancha nortista - na paisagem social do sul; e em são paulo e noutros trechos só por exceção se desenvolvera o latifúndio ou a monocultura, antes do desenvolvimento das grandes plantações de café." ,

" ... toca ao autor o direito de regozijar-se com o fato de que a crítica mais autorizada dos países de língua inglesa - ou onde essa língua é hoje o latim sociológico - posta em contato com um estudo em muita coisa fora das convenções acadêmicas, acolheu-o, na sua edição nessa língua, como esforço honesto, e não apenas tentativa ousada, de descobrimento de novos caminhos de indagação e interpretação do homem ou da natureza humana; e, por algumas de suas vozes de mestres, chegou a considerá-lo sugestivo para obras a serem realizadas noutras áreas. noutros países. nos próprios estados unidos. é que parece indicar alguma originalidade no método de análise e de interpretação seguido no trabalho brasileiro. e seguido há quinze anos, quando era tido geralmente por heresia, entre mestres dos estudos sociais, qualquer esforço mais afoito de combinação de várias técnicas e de várias ciências - das chamadas sociais - para a investigação, e a tentativa de esclarecimento, do conjunto de traços apresentados pela formação social de uma área e, ao mesmo tempo, por um tipo de organização ou por um complexo social e de cultura como foi, no Brasil, o patriarcal, escravocrata e monocultor."

xlvi 9- f.

" ... em torno de complexo - o monocultor, escravocrático e patriarcal e, ao seu modo, feudal, completado pela presença contraditória, no meio de sistema já arcaico de domínio

#

de terra, da figura moderna do capitalista, ou do intermediário, armazenário ou comissário do açúcar, do algodão, do cacau ou do café - o que, para o autor, se processou o desenvolvimento do Brasil em nada como, baseado nele, o que se verificou a afirmação de poder econômico e de poder político do mesmo Brasil - primeiro do vice-reinado, depois do império e da república - no plano internacional; através principalmente da exploração do açúcar, nos dias mais remotos; através principalmente da exploração do café, nos mais recentes.

" ... não parecem estar com a razão os que acusam um tanto enfaticamente este ensaio - como há pouco o professor Donald Pierson na American Sociological Review (vol. 1, n.º 4, outubro de 1947) - de válido apenas para a região geográfica onde primeiro desabrochou o sistema patriarcal, agrário e escravocrata no Brasil e que foi a região do açúcar. São críticos talvez deslembrados do fato de que o espaço sociologicamente ocupado pelo mesmo sistema - e, neste ensaio, estudado sob critério não só sociológico como sociopsicológico, sócio-ecológico e histórico-sociológico, mas não geográfico ou cronológico - foi antes social que geográfico. Como espaço social e através de formas sociais o que chegou a compreender quase o inteiro conjunto brasileiro de regiões e áreas geográficas, étnica e culturalmente diversas, mas socialmente básicas e unificadas pelo sistema patriarcal, monocultor e escravocrático. Espera o autor deste ensaio tornar mais claro, no seu próximo estudo, ordem e progresso - dedicado mais ao estudo do sul e do centro que ao do norte do Brasil - esse critério de espaço social ocupado, entre nós, por sistema condicionado, mas de modo algum determinado, por elementos de área ou de região geológica, botânica ou físico-geográfica; e sim caracterizado principalmente por formas sociais adaptáveis a diferentes substâncias. Seu ponto de vista é o de que a todos esses elementos físicos - contanto que tropicais ou quase-tropicais - foi superior o próprio sistema com suas formas constantes e seus processos incessantes; com sua ação ou com sua dinâmica. Onde ter o sistema coincido, através de preponderâncias que se deslocaram do norte para o sul, com a formação brasileira em suas três ou quatro regiões econômica e politicamente decisivas, em vez de haver se limitado àquela área ou região - o norte agrário ou o nordeste açucareiro - onde mais dramati-

seleções de prefácios xlix

#

tica ou pitorescamente se fez notar na face dos homens, nos costumes da população e nos aspectos da paisagem. A verdade porém é que o complexo casa-grande & senzala seria transformas, dos engenhos de açúcar regional estendendo-se, como

do nordeste e do rio de janeiro Os fazendas de café de São paulo, Os de criar, de minas, Os estâncias do rio grande do sul (com menos intensidade). --- hO obras como a

---... agora que, em língua inglesa, 3a  
. -sman the lonely crowd, em que  
de mr. david rie

consagrada 3pológico-social O empregado na análise de ma  
o método antr( servindo-se o autor, nessa análise, também da  
terial histórico, -a da psicológica e da folclórica, e referindo-se  
ciência econômica, as filosóficas e literárias como santo agos-  
por vezes a autor Nietzsche, Cervantes, James Joy-  
tinho, Tolstói, Samuel Butler n jargão acadêmico -  
ce ~ tudo isso numa língua-ern livre do  
jO não hO escândalo no fato de vir fazendo o mesmo, hO vários  
anos modesto escritor brasileiro em língua portuguesa. a ver-  
dade, porém, O que esse brasileiro vem tentando essa combina-  
hO mais de vinte anos:\* desde o livro pioneiro  
OOO Oe métodos il nesta nona edição\_. a décima,  
que agora reaparece no bras . nifica ter jO atingido  
aliás, em língua portuguesa (o que sig- repita-

nessa língua 50 mil exemplares); e, naquela época odológico-  
se - livro herético do ponto de vista do purismo met  
e como tal recebido por vários puristas ou exclusivistas, quer  
da ciência social, em geral, quer de ciências sociais, em  
particular.

11 ... nos estudos sociais em que o analista tenha que con-  
siderar o encontro de civilizações como a europeia com cultu-  
ras primitivas como algumas das africanas ou das americanas em  
áreas tropicais; q pode esse mesmo analista, que se desdobre em  
intérprete, seguir uma síntese ou combinação de métodos seme-  
em artes

lhante O que vem empregando mestre Pablo Picasso  
plásticas, em sua relação com a antropologia científica, isto

O,

a fusão dos métodos analítico e orgânico de interpretação do  
i-loirien, para dessa fusão resultar uma imagem quanto possi-  
vel completa do humano. pois parece que essa imagem quanto  
possível completa do homem se obtém tendo em vista, tio  
estudo do homem, o que nesse . homem O considerado "pri-  
mitivo-, junto com a sua denominada -civilização-. assim se  
caminharia para uma metodologia unitária, na antropologia ou  
nos estudos sociais de base antropológica, que transbordasse em  
reinterpretações artística; e filosóficas do homem. semelhante  
pensador inglês dos nossos dias,  
metodologia, considera-a um

#

i g. f.

j. Lindsay, em páginas notáveis sobre o assunto, a única ca-  
paz de superar nos mesmos estudos, ou a defor-  
a perversão

mação de sua unidade pelas tendências que ele classifica d,  
desintegradoras, vindas de uma ciência mecanicista desenvolvi-

da - ainda segundo mr. lindsay - sob o moderno industria-  
lismo. trata-se - a tendência integradora - de uma anteci-  
paço brasileira."

" ... em trabalho pioneiro, e palidamente semelhante ao  
de picasso noutro setor, foi o que se tentou de modo desajei-  
tado, há mais de vinte anos, no brasil, através de métodos  
principalmente, mas não exclusivamente científicos, do estudo  
do comportamento humano, ao mesmo tempo primitivo e civili-  
zado, racional e irracional. isto, em semelhança aos métodos  
de picasso, que vêm sendo, entretanto, métodos principalmente,  
mas não exclusivamente, est ticos. foi o que o autor das p -  
ginas agora reeditadas em lisboa, se aventurou a procurar con-  
seguir: um conjunto de imagens e formas que correspondesse  
ao essencial da experiência inteira de um grupo humano - o  
pr -brasileiro - situado em espaço tropical, com suas diferen-  
 as de raça e de cultura, de civilidade e de primitividade, de  
racionalidade e irracionalidade, que a vida até certo ponto em  
comum viria atenuar, permitindo aos extremos interperietra es  
que acabariam por criar um novo tipo de homem e de cultura:  
o brasileiro. nessa aventura, na verdade, audaz, o autor destas  
páginas confessa hoje ter sido animado por exemplos de artistas  
científicos como o referido picasso: o exemolo da sua arte

unitária, através de aparências de decomposi o da figura hu-  
mana, durante algum tempo considerada apenas escandalosa  
dela crítica mais convencionalmente burguesa. também pelo  
exemplo às goncourt em suas j ginas de história íntima; e  
pelo de marcel proust e de henry , james, em sua literatura  
de fic o às vezes quase equivalente de uma história social que  
fosse também história cientificamente psicológica. foi, aliás,  
henry james quem escreveu ser o romance ou a novela (tal  
como ele a compreendeu), um tipo de literatura viva, una e  
contínua, em cada urna de suas partes havendo - como na  
literatura histórica ou sociológica - alguma cousa das outras  
partes. de outro modo, não parece a alguns de nós, dever ser  
o comportamento de um grupo humano considerado, estudado  
e interpretado pelo analista que, em vez de somente objetivo  
seja também imaginativo, nos seus métodos de análise e de in-  
terpreta o do homem: o homem em qualquer das suas situa-  
 es particulares de tempo e espaço."

seje es de pref cios li

#

... trabalho de jove-ni, este livro - agora também con,  
torno da edi o gallimard  
excelente crítica francesa, em  
tem encontrado, no brasil, leitores particularmente  
lúcidos, em  
sucessivas gera es de jovens, porventura solidários com as  
de interpretaôo do autor, atra-  
idéias, os motivos e os métodos . leitores  
v s de especialíssima afinidade: a que pjuvenes a livros escritos por  
autores também juvenes;  
ou escritos  
george moore tinha alguma ra-  
na juventude desses autores . entude rior poetas,  
z o ao atribuir aos livros escritos na juv  
romancistas e mesmo ensa istas, um poder de sugestão sobre o  
público, por ele considerado melhor, que de ordinário faltaria

aos livros de autores de idade já provecta."

11 ... O autor deste livro muito se regozija, surpreendido e até espantado, com a aceitação que seu trabalho de história vem encontrando incessantemente, tanto da parte de estrangeiros e nas várias línguas para as quais vem sendo traduzido e nelas como que nascendo de novo, como na língua portuguesa e da parte de sucessivas gerações de jovens do seu próprio país e de Portugal, da África e do Oriente português - aceitação, compreensão, simpatia por ele particularmente desejadas. Nunca, porém, cortejadas. Nem sequer procuradas. Talvez provocadas por idéias e atitudes por si mesmas provocantes. É um consolo para um homem já no declínio da existência sentir-se assim contemporâneo dos seus compatriotas mais jovens, mais por eleição deles do que por empenho de sua parte; e através de páginas lidas e discutidas por esses jovens quase como se tivessem sido escritas por um deles. e não por um indivíduo já remoto."

---... não faz sério um trimestre que estudantes da sorbonne, inscritos num dos cursos do professor fernand braudel - mestre francês de renome mundial - ouviram referências nada comuns da parte de um catedrático do colégio de França a intelectual estrangeiro ainda vivo; e este o autor de casa-grande & senzala, obra considerada pelo professor braudel, já clássica ao mesmo tempo que moderníssima, além de pioneira. enquanto isto, em recentíssima obra de caráter monumental, le Portugal et vaillantique au xvii siècle, Étude Économique. que, frédéric mauro, pretendendo ser ainda necessário um estudo exaustivo do assunto - estudo que só será possível de ser realizado a longo prazo, isto é, durante longos anos - destaca o que há, para ele de germinal, no livro pioneiro já escrito por brasileiro e que classifica com extrema generosidade com o mais alto dos qualificativos: "genial". livro que, em língua

iii g- f.

francesa, sob o título maitres et esclaves, se encontra em 8.a edição de gallimard e em língua inglesa acaba de ser con-

#

sagrado, com edição popular - "paper back" -- aparecida em nova Iorque, de 50.000 exemplares. É que ao conhecido psicólogo e psiquiatra inglês sargent, de Londres, entusiasta generoso do livro brasileiro, não parece bastante: pleiteia que se publique outra edição popular de 50.000 exemplares de the masters and the slaves, em Londres. também se comunica de nova Iorque para o Brasil estar decidida a próxima execução, até certo ponto, da idéia de Aldous Huxley de fazer-se, quanto antes, de casa-grande & senzala um filme a seu modo dramático ou épico. É o que pretende Mr. Artur Rabin, em projeto de filme para televisão."

"... um livro não se comporta senão de acordo com a sua própria vitalidade. É revelia do autor e é revelia de quantos, por isto ou por aquilo, pretendam destruir ou desacreditar ou inatualizar o autor. pelo que continua casa-grande & senzala a desmentir tranquilamente, no Brasil e no estrangeiro, seus detratores; e a atrair a confirmação de mestres para o que

nele continua, segundo eles, vivo e válido. suas sucessivas edições, em diferentes línguas, falam por si mesmas; e fala por si mesma a renovada atração que o livro exerce há anos, e teima em exercer agora, sobre a inteligência e sobre a sensibilidade das novas gerações. continua a ser um livro, segundo mestres da sorbonne e de harvard, como clássico, moderníssimo."

sto. antônio de apípticos, 1973.

brasil colonial: a história de jarnes henderson sobre o tory of the brazil, londres, 1821.)

#

prefácio  
19ª edição brasileira

mesmo nova edição brasileira de este livro agora lançada, juntando-se às de lisboa e às várias estrangeiras que, continuando q surgir, confirmam uma atualidade que se vem projetando através de um tempo já considerável. entre as estrangeiras, avultam as francesas, pelo editor gallimard que agora

anuncia nova edição do livro brasileiro numa sua também nova coleção intitulada tel, visando apresentar "os horizontes do pensamento contemporâneo", através dos, para os organizadores da coleção, maiores renovadores modernos desse pensamento. dá incluir, de início, o livro brasileiro - que vinha aparecendo na coleção gallimard de "grandes histórias humanas" - ao lado de l'etre et le néant, de sartre, phénoménologie de ia perception, de merleau-ponty, histoire de ia folie e l'age classique, de michel foucault.

aparecer por essa consagração, confirma-se, através da mais idônea crítica francesa, prognóstico do crítico brasileiro prudente de . moraes, neto, ao

interpre- casa-grande & senzala, no rio de janeiro, em 1933: o de haver, nesse livro, "uma filosofia" ou urna contribuição filosófica brasileira para urra

brasileiros para os quais casa-grande & senzala seria um livro sem conclusões. "não concluiu, chegou a dizer, ao louv-lo, o insigne mestre joão ribeiro. que lhe faltam conclusões enfáticas, é evidente. mas, ao que parece, sem que as suas sugestões deixem de levar o leitor a conclusões sobre o homem brasileiro, em particular, e o homem, em geral, que constituiriam uma mensagem filosófica partida do brasil. foi o julgamento dos juizes dos

pré- inios internacionais, "aspen" dos estados unidos - entre eles, lord franks, do universidade de oxford - e "la madonnina", da itália. também o dos barthes e o dos gurvitch. recentemente, no brasil, o de um darcy ribeiro, o de uni fernando henrique cardoso - ambos pensadores marxistas - e o de um josé guilherme merquior; o de uni otto lara resende, o de um antonio carlos villaça - este católico - o de um edson nery da fonseck, o de uni eduardo portella, o de um osmar pimentel, o de um nelson rodriguez - que, pela agudeza do seu pensar, avultam entre os mais idôneos críticos, além de literários, de idéias do brasil não só de hoje como\* de

qualquer época.

o que parece revelar, em torno do livro que a livraria José Olympio editora apresenta agora em nova edição brasileira, coincidente com uma nova - a 13.ª edição francesa de Gallimard - um consenso quanto a sua renovada atualidade como livro suscetível de ser incluído entre os capazes de fazer pensar, mesmo provocando restrições ou oposições, sucessivas.

restrições e oposições com as quais sempre contou o autor.

rio de janeiro, julho de 1978.

fiv

gilberto freyre

r,

~&10

#

prefácio a 1.ª edição

em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. o tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete.

em Portugal foi surpreender-me em fevereiro de 1931 o convite da universidade de Stanford para ser um dos seus visiting professors na primavera do mesmo ano. deixei com saudade Lisboa, onde desta vez pude familiarizar-me, em alguns meses de lazer, com a biblioteca nacional, com as coleções do museu etnológico, com sabores novos de vinho-do-porto, de bacalhau, de doces de freiras. juntou-se a isto o gosto de rever sintra e os estorques e o de abraçar amigos ilustres. um deles, João Lúcio de Azevedo, mestre admirável.

igual oportunidade tivera na Bahia - minha velha conhecida, mas só de visitas rápidas. demorando-me em Salvador pude conhecer com todo o vagar não só as coleções do museu como a arte do traje das negras quituteiras e a decoração dos seus bolos e tabuleiros' como certos encantos mais íntimos da cozinha e da docaria baiana que escapam aos simples turistas. certos gostos mais finos da velha cozinha das casas-grandes que fez dos fornos dos fogões e dos tabuleiros de bolo da Bahia seu último e mais querido que invencível reduto. deixo aqui meus agradecimentos às famílias Calmon, Freire de Carvalho, Costa Pinto; também ao professor Bernardino de

1. merecem um estudo parte os motivos decorativos e porventura místicos que orientam as pretas quituteiras na Bahia, em Pernambuco e no Rio de Janeiro no recorte dos papéis azuis, encarnados, amarelos, etc. para enfeite dos tabuleiros e acondicionamento de doces, as

bolos, alfenins, rebuçados, etc. a decoração dos tabuleiros que dão aos bolos o seu molde. leiros é uma verdadeira arte de renda em papel, feita quase sci-11

iv

#

sousa, do instituto i-listórico, a frei filoteu, superior do convento dos franciscanos, e a preta maria inócia, que me prestou interessantes esclarecimentos sobre o traio das baianas e a decoração dos tabuleiros. -une cuisine et une politcsseL oui, les deux signes de vieille civilisation . - - ", lembro-me de ter aprendido num livro francos. É justamente a melhor lembrança que conservo da bahia: a da sua polidez e a da sua cozinha. duas expressões de civilização patri . arcal que lá se sentem hoje como em nenhumo outra parte do brasil. foi a bahia que nos deu alguns dos maiores e.sladistas e diplomatas do império; e os pratos mais saborosos du cozinha brasileira em lugar nenhum se preparam tão bem cottio tias velhas casas de salvador e do recôncavo-

realizados os cursos que por iniciativa do professor Percy Alvin Martin me foram confiados na universidade de Stanford - um de conferencias, outro de semi . neri . o, cursos que me puseram em contato com um grupo de estudantes, moças e rapazes, animados da mais viva curiosidade intelectual - regressei . da califórnia a nova iorque por um caminho novo para mi . m: através do novo México, do arizona, do texas; de toda uma . região que ao brasileiro do norte recorda, nos seus trechos mais acres, os nossos sertões ouriçados de mandacarus e de xique-xiques. descampados em que a vegetação parece uns enormes cacos de garrafa, de um verde duro, às vezes sinistro, espetados pia arei . a seca.

mas regressando pela fronteira mexi . cana, visava menos a esta sensação de paisagem sertaneja que a do velho sul escravocrata. este se alcança ao chegar o transcontinental aos canaviais e alagadiços da luisiana. luisiana, alabama, mississipi, as carolinas, virgônia - o chamuo "deep south". região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocrata e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo e de senzala que tio norte do brasil e em certos trechos do sul; o mesmo gosto pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela boa cozinha, pela mulher, pelo cavalo, pelo jogo; que sofreu, e guarda as cicatrizes, quando não as feridas abertas, ainda sangrando, do mesmo regime devastador de exploração agrária -- o fogo, a derrubada, a coivara, a "ia-voura parasita da natureza", no dizer de monteiro, baena referindo-se ao brasil. a todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do brasil imple-se o conhecimento do chainado "deep south". as mesmas influências de técnica de produção e de trabalho - a inonocultura e a escravidão - uni . ram-

2. antônio ladislau monteiro baena, ensaio corográfico sobre a prawnção do paró, paró, 1839.

1-6 r. f.

se naquela parte inglesa da américa c., ,o nas antilhas e em jamaica, para produzir resultados sociais, semelhantes aos que se nire nós. às vezes tão semeil, pite que são varia o ac verificam e es- sório: as diferenças de língua, de raça e de forma de religião.

#



tive a fortuna de realizar grande parte da minha excursão pelo sul dos estados unidos pia companhia de dois antigos colegas da universidade de colúmbia - ruediger bilden e francis butler simkins. O primeiro vem se especializando com o ri . gor e a fleuma de sua cultura germônica no estudo da escravidão na américa, em ge-al, e no brasil, em particular; o segundo, no

estudo dos efeitos da abolição nas carolinas, assunto que acaba de fixar em livro interessantíssimo, escrito de colaboração com robert hilliard woody: south carolina during reconstruction (chapel hill, 1932). devo aos meus dois amigos, principalmente a ruediger bilden, sugestões valiosas para este trabalho; e ao .-eu nome devo associar o de outro colega, ernest weaver, meu companheiro de estudos de antropologia no curso do professor bianz boas.

O professor franz boas é a figura de mestre de que me ficou

até hoje maior impressão. conheci-o nos meus primeiros dias em colúmbia. creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século xix, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da

rússia do que eu pelos do brasil na fase em que conheci boas. era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. e dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. vi uma vez, depois de mais de três anos macios de ausência do brasil, um bando de marinheiros nacionais - mulatos e cafuzos - descendo não me lembro se do são paulo ou do minas -pela neve mole de brooklyn. deram-me a impressão de caricaturas de homens. e veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o brasil: "the fearfully mongrel aspect of most of the population". a miscigenação resultava naquilo. faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 roquette-pinto aos arianistas do congresso brasileiro de eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o brasil, mas cafuzos e mulatos doentes.

foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor - separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de pret. 1.ª ed. lvii

#

relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família.

por menos inclinados que sejamos ao materialismo histórico, tantas vezes exagerado nas suas generalizações - principalmente em trabalhos de sectores e fanáticos - temos que admitir influência considerável, embora nem sempre preponderante, da técnica da produção econômica sobre a estrutura das sociedades; na

caracterização da sua fisionomia moral. É uma influência sujeita à reação de outras; porém poderosa como nenhuma na capacidade de aristocratizar ou de democratizar as sociedades; de desenvolver tendências para a poligamia ou a monogamia; para a estratificação ou a mobilidade. muito do que se supõe, nos estudos ainda tão flutuantes de eugenia e de cacogenia, resultado de traços ou taras hereditárias preponderando sobre outras. Influências, deve-se antes associar à persistência, através de gerações, de condições econômicas e sociais, favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento humano. lembra franz boas que, admitida a possibilidade da eugenia eliminar os elementos indesejáveis de uma sociedade, a seleção eugênica deixaria de suprimir as condições sociais responsáveis pelos proletariados miseráveis - gente doente e mal nutrida; e persistindo tais condições sociais, de novo se formariam os mesmos proletariados.<sup>3</sup>

3. boas salienta o fato de que nas classes de condições econômicas desfavoráveis de vida os indivíduos desenvolvem-se lentamente, apresentando estatura baixa, em comparação com a das classes ricas. entre as classes pobres encontra-se uma estatura baixa aparentemente hereditária, que, entretanto, parece suscetível de modificar-se, uma vez modificadas as condições de vida econômica. encontram-se - diz boas - proporções do corpo determinadas por ocupações, e aparentemente transmitidas de pai a filho, no caso do filho seguir a mesma ocupação que o pai (franz boas, anthropology and modern life, londres, 1929). veja-se também a pesquisa de h. p. bouditch, "the growth of children", 8th annual report of the state bureau of health of massachusetts. na Rússia, devido à fome de 1921-1922 - resultado não só da má organização das primeiras administrações socialistas como do bloqueio da nova república pelos governos capitalistas - verificou-se considerável diminuição na estatura da população (a. ivanovskiy "physical modifications of the population of russia under famine", american journal of physical anthropology, n.º 4, 1923). por outro lado os estudos de hrđlicka na população norte-americana acusam o aumento de estatura (ales hrđlicka, the old americans, baltimore, 1925). sobre as diferenças de estatura e de outros característicos físicos e mentais de uma classe social para outra veja-se o trabalho clássico de a. niceforo, les classes pauvres, paris, 1905; entre

iviii g. f.

no brasil, as relações entre os brancos e as raças de cor

#

foram desde a primeira metade do século xvi condicionadas, de um lado pelo sistema de produção econômica - a monocultura latifundiária; do outro, pela escassez de mulheres brancas, entre os conquistadores. O açúcar não só abafou as indústrias democráticas de pau-brasil e de peles, como esterilizou a terra, numa grande extensão em volta aos engenhos de cana, para os esforços de policultura e de pecuária. e exigiu uma enorme massa de escravos. a criação de gado, com possibilidades de vida democrática, deslocou-se para os sertões. na zona agrícola desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semifeudal - uma minoria de brancos e brancos dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos criados aos magotes nas senzalas como os lavradores de

partido, os agregados, moradores de casas de taipa e de palha  
vassallos das casas-grandes em todo o rigor da expresso.5

os recentes o de pitirim sorokin, social mobility, nova iorque, 1927.  
quanto a correla00o entre a intelig0ncia e a classe social da crian0a,  
veja-se o not0vel trabalho do professor l. m. terman, da universidade de  
stanford, genetic studies of genius, stanford university, 1925-1930. 0  
interessante nessas diferen0as - excetuados, 0 claro, casos extraordin0rios  
- 0 determinar at0 que ponto s0o heredit0rias ou gen0ticas ou deixam  
de s0-lo, para refletir o favor ou o desfavor sucessivo das condi0es eco-  
n0micas, do ambiente social e do regime alimentar de ricos e pobres,  
ou - vendo-se o problema de outro ponto de vista - quais as possi-  
bilidades de tornarem-se hereditariamente transmissiveis qualidades adqui-  
ridas e cultivadas atrav0s de gera0es. dendy salienta que oliver wendel  
holmes observou ter-se formado uma aristocracia intelectual e social  
na nova inglaterra pela repeti00o das mesmas influ0ncias, gera00o ap0s  
gerag5o (arthur dendy, the biological foundation of society, londres,  
1924). sobre este ponto vejam-se tamb0m j. a. detlefsen, our present  
knowledge of heredity, filad0lfia, 1925; h. s. jennings, prometheus,  
nova torque, 1925; c. m. child, physiological foundations of behavior,  
nova torque, 1924; a. j. herrick, neurological foundations of animal  
behavior, nova torque, 1924; f. b. davenport, heredity in relation to  
eugenies, nova torque, 1911; a. myerson, the inheritance of mental  
disorders, baltimore, 1925.

4. sobre a correla00o do material de constru00o com a aristocra-  
tiza00o das sociedades ,veja-se george plekhanov, introduction 0 Vhistoire  
sociale de ia russie (trad), paris, 1926.

5. refutando a teoria de oliveira viana - a inexist0ncia da luta  
de classes na forma00o social do brasil - lembra astrojildo pereira as  
guerras, os conflitos dos "senhores" com os ind0genas e com os negros  
fugidos (quilombolas) e da pr0pria burguesia nascente com a aristocracia  
rural j0 estratificada. tamb0m os conflitos dos representantes da coroa,  
quando fortalecidos pela descoberta das minas, com os caudilhos rurais.  
estes, embora atravessando crises e sofrendo depress0es de poderio, foram  
pnef. 0 1 -% ed. fix

#

vencedores no sentido militar e t0cnico sobre as popula00es  
ind0genas; dominadores absolutos dos negros importados da  
africa para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus des-  
cendentes tiveram entretanto de transigir com 0ndios e africanos  
quanto 0s rela00es gen0ticas e sociais. a escassez de mulheres  
brancas criou zonas de confraterniza00o entre vencedores e ven-  
cidos, entre senhores e escravos. sem deixarem de ser rela00es  
- as dos brancos com as mulheres de cor - de -superiores"  
com "inferiores" e, no maior n0mero de casos, de senhores desa-  
busados e s0dicos com escravas passivas, ado0aram-se, entretanto,  
com a necessi . dade experimentada por muitos colonos de consti-  
tuirem fam0lia dentro dessas circunst0ncias e sobre essa base. a  
miscigena00o que largamente se praticou aqui corrigiu a dist0n-  
cia social que doutro modo se teria conservado enorme entre  
a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala.  
0 que a monocultura latifundi0ria e escravocrata realizou no sen-  
tido de aristocratiza00o, extremando a sociedade brasileira em  
senhores e escravos, com uma rala e inwgnificante lambujem de  
gente livre sanduichada entre os extremos ant ag0nicos, foi em

grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. a Índia e a negra-mi. na a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. entre os filhos mestiços, legítimos e mesmo ilegítimos, havidos delas pelos senhores brancos, subdividiu-se parte considerável das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudais e dos latifúndios do tamanho de reinos.

a força preponderante (astroffido pereira, "sociologia ou apologética?", a classe operária, rio, 1.º de maio de 1929).

j.º depois de escrito este ensaio, apareceu o trabalho de caio prado júnior, evolução política do Brasil (ensaio de interpretação materialista da história brasileira), São Paulo, 1933, com o qual me encontro de acordo em vários pontos. veja-se do mesmo autor formação do Brasil contemporâneo - colônia, São Paulo, 1942. sobre o assunto vejam-se também os ensaios de Nelson Werneck Sodré, formação da sociedade brasileira, rio, 1944 e o de Alfredo Ellis Júnior, "amador bueno e a evolução da psicologia planaltina", história da civilização brasileira, ri.- 4, boletim LXLI da faculdade de filosofia, ciências e letras da universidade de São Paulo. O critério de ter sido a economia agrária patriarcal, modificada por diferenças de condições regionais, a força dominante na formação brasileira - critério esboçado no presente ensaio - foi estendido ao estudo da história da literatura brasileira por José Osório de Oliveira em história breve da literatura brasileira, Lisboa, 1939.

ix g. f.

ligam-se à inonocultura latifundiária males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência

#

da população brasileira, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes são atribuídas à miscigenação. entre outros males, o mau suprimento de víveres frescos, obrigando grande parte da população ao regime de deficiência alimentar caracterizado pelo abuso do peixe seco e de farinha de mandioca (a que depois se juntou a carne de charque); ou então ao incompleto e perigoso, de gêneros importados em condições péssimas de transporte, tais como as que

precederam a navegação a vapor e o uso, recentíssimo, de câmaras frigoríficas nos vapores. a importância da hiponutrição, destacada por Armitage ~6 McCollum e Simmonds<sup>7</sup> e recentemente por Escudero; <sup>8</sup> da fome crônica, originada não tanto da redução em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos, traz a problemas indistintamente chamados de "decadência" ou "inferioridade" de raças, novos aspectos e, graças a Deus, maiores possibilidades de solução. salientam-se entre as consequências da

hiponutrição a diminuição da estatura, do peso e do perímetro torácico; deformações esqueléticas; descalcificação dos dentes; insuficiências tireoideia, hipofisária e gonadal provocadoras da velhice prematura, fertilidade em geral pobre, apatia, não raro in-

fecundidade. exatamente os traços de vida estéril e de físico inferior que geralmente se associam às sub-raças; ao sangue maldito das chamadas "raças inferiores". não se devem esquecer ou tras influências sociais que aqui se desenvolveram com o sistema

patriarcal e escravocrata de colonização: a sífilis, por exemplo, responsável por tantos dos "mulatos doentes" de que fala roquette-pinto e a que ruediger bilden atribui grande importância no estudo da formação brasileira.

a formação patriarcal do brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de "raça" e de "religião" do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora. economia e organização social que às vezes contraria-

6. f. p. armitage, diet and race londres, 1922.

7. e. v. mccollum e nina simmonds, the newer knowledge of nutrition - the use of foods for the preservation of vitality and health, nova lorque, 1929.

8. pedro escudero, "influencia de ia alimentaciõti sobre ia raza", la prensa, 27 de março de 1933. interessantes os artigos do professor argentino, embora pouco acrescentem de original aos estudos dos fisiologistas norte-americanos e duuropeus: armitage, mccollum, simmonds, lusk, benedict, mccay, nitti.

pref. ed.lxi

#

ram não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico.

spengler salienta que uma raça não se transporta de um continente a outro; seria preciso que se transportasse com ela o meio físico. e recorda a propósito os resultados dos estudos de gould e de baxter, e os de boas, no sentido da uniformização da média de estatura, do tempo médio de desenvolvimento e até, possivelmente, da estrutura de corpo e da forma de cabeça a que tendem indivíduos de várias procedências reunidos sob as mesmas condições de "meio físico".- de condições bioquímicas talvez mais do que físicas; as modificações por efeito possivelmente de meio, verificadas em descendentes de imigrantes - como nos judeus sicilianos e alemães estudados por boas nos estados unidos" - parecem resultar principalmente do que wissler chama de influência do biochemical. content.11 na verdade, vai adquirindo cada vez maior importância o estudo, sob o critério da bioquímica, das modificações apresentadas pelos descendentes de imigrantes em clima ou meio novo, rápidas alterações parecendo resultar do iodo que contenha o ambiente. O iodo \*agiria sobre as secreções da glândula tireóide. e o sistema de alimentação'teria uma importância considerável na diferenciação dos traços físicos e mentais dos descendentes de imigrantes.

admitida a tendência do meio físico e principalmente do bioquímico (biochemical content) no sentido de recriar a sua imagem os indivíduos que lhe cheguem de várias procedências, não se deve esquecer a ação dos recursos técnicos dos colonizadores em sentido contrário: no de impor ao meio formas e acessórios estranhos de cultura, que lhes permitem conservar-se o mais pos-

sólvel como raça ou cultura exótica.

O sistema patriarcal de colonização portuguesa do Brasil, representado pela casa-grande, foi um sistema de plasticidade contemporização entre as duas tendências. ao mesmo tempo que exprimiu uma imposição imperialista da raça adiantada e atrasada, uma imposição de formas

européias (já modificadas pela experiência asiática e africana do colonizador) ao meio tropical, representou uma contemporização com as novas condições de vida e de ambiente. a casa-grande de engenho que o colonizador começou, ainda no século xvi, a levantar no Brasil - grossas pa-

9. oswald spengler, la decadencia del occidente (trad.). madri, 1927.

10.

grants", senate documents, washington, 1910-1911.

11. ciark wissler, man and culture, nova lorque, 1923.

franz boas "changes in bodily forms of descendants of immi-

lxh g. f.

#

redes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha-vô, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais - não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua atividade agrícola e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata. desde esse momento que o português, guardando embora aquela saudade do reino que capistrano de abreu chamou "transoceanismo", tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem econômica e social, o criador de um novo tipo de habitação. basta comparar-se a planta de uma casa-grande brasileira do século xvi com a de um solar lusitano do século xv para sentir-se a diferença enorme entre o português do reino e o português do Brasil. distanciado o brasileiro do reino por um século apenas de vida patriarcal e de atividade agrícola nos trópicos já é quase outra raça, exprimindo-se noutro tipo de casa. como diz spengler - para quem o tipo de habitação apresenta valor histórico-social superior ao da raça - é energia do sangue que imprime traços idênticos através da sucessão dos séculos deve-se acrescentar a força "cósmica, misteriosa, que enlaça num mesmo ritmo os que convivem estreitamente unidos". - \* esta força, na formação brasileira, agiu do alto das casas-grandes, que foram centros de coesão patriarcal e religiosa: os pontos de apoio para a organização nacional.

a casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político.- de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangô, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, 'com capelo subordinado ao pater familias, culto dos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo po-

lógamo); de higiene do corpo e da casa (o "tigre", a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos. desse patriarcalismo absorvente dos tempos coloniais a casa-grande do engenho noruega, em pernambuco, cheia de salas, quartos, corredores, duas cozinhas de convento, despensa, capela, puxadas, parece-me expressão sincera e completa. expressão do

12. oswald spengler, op. cit. o valor da casa já fora destacado por g. schmoller, em páginas clássicas.

pref. ~ 1.a ed. ixiii

#

patriarcalisimo já repousado e pacato do século xviii; sem o ar de fortaleza que tiveram as primeiras casas-grandes do século ,xvi.--- nas fazendas estava-se como num campo de guerra", escreve teodoro sampaio referindo-se ao primeiro século. de colônia. "os ricos-homens usavam proteger as suas vivendas e solares por meio de duplas e poderosas estacas à moda do gentio, guarnecidas pelos fúmulos, os apaniguados e índios escravos, e servindo até para os vizinhos quando de súbito acossados pelos bárbaros. " " o século xvii e do século xviii

nos engenhos dos fins d'água - uma grande estava-se porém como num convento port fazenda com funções de hospedaria e de santa casa. nem mesmo o não sei que de retrato das casas dos princípios do século xviii, com alpendres como que trepados em pernas de pau, verifica-se nas habitações dos fins desse século, do xviii e da primeira metade do xix - casas quase de todo desmilitarizadas, acentuadamente paisanas, oferecendo-se aos estranhos numa hospitalidade fácil, derramada. até mesmo nas estâncias do rio grande, nicolau dreys foi encontrar, em princípios do século xix, o costume dos conventos medievais de tocar-se um si. no a hora da comida: "serve elle para avisar o viajante vagando pelo campo, ou o desvalido da vizinhança, que pode chegar a mesa do dono que está se apromptando; e, com effeito, assenta-se quem quer a essa mesa de hospitalidade. nunca o dono repelle a ninguém, nem sequer pergunta-se-lhe quem he [ . . . ] 11.14

não me parece inteiramente com a razão josé Mariano filho ao afirmar que a nossa arquitetura patriarcal não fez senão seguir o modelo da religiosa, aqui desenvolvida pelos jesuítas"

13. teodoro sampaio, "são paulo de piratininga no fim do século xviii" rev. inst. hist. de são paulo, vol- 11. rio grande

14. nicolau dreys, notícia descritiva da província do de são pedro do sul, pág. 174 rio de janeiro, 1839.

15. josé Mariano filho, conferência na escola de belas-artes do recife, abril de 1923. a sugestão de que o copiar que se observa em numerosas capelas brasileiras de áreas rurais represente influência da arquitetura da casa-grande sobre aquele tipo de arquitetura religiosa é impugnada pelo sr. luís saia em artigo intitulado "o alpendre nas capelas brasileiras" (revista do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional, rio, n.º 3, 1939, pág. 235). seu principal argumento é o de

que o edifício religioso alpendrado data dos primeiros tempos do cristianismo. mas ao meu ver, não do modo por que se manifesta o alpendre em capelas do brasil, onde chega a cercar completamente o edifício religioso, como no caso da capela do engenho caieiras (sergipe). quem comparar o alpendre da basílica de são lourenço (roma), que o sr. saia apresenta como ilustração do fato de ter havido "edifícios religiosos

alpen-

ixiv 9. f.

os inimigos terríveis dos senhores de engenho. O que a arquitetura-s-grandes adquiriu dos conventos foi antes certa

#

tetura das casa  
doçura e simplicidade franciscana. fato que se explica pela identidade de funções entre uma casa de senhor de engenho e um convento típico de frades de são francisco. a arquitetura jesuítica e de igreja foi, não há dúvida, e nisto me encontro de inteiro acordo com José Mariano filho, a expressão mais alta e  
brasil colonial influenciou certamente  
erudita de arquitetura no  
a da casa-grande. esta, porém, seguindo seu próprio ritmo, seu sentido patriarcal, e experimentando maior necessidade que a

puramente eclesiástica de adaptar-se ao meio, individualizou-se e criou tamanha importância que acabou dominando a arquitetura

. ar da capela

com o copi

ieiros tempos do cristianismo" c

drados nos prin o da de so orro (para  
do engenho caieiras (sergipe) ou mesmo com aquele não  
ba) ou são roque de serinha (pernambuco), ver que  
edifício, enquanto os brasileiros são incon  
altera o caráter religioso dos antigos copiares de casas  
fundamentalmente, domésticos ou patriarcal: au or este meio,  
grandes transferidos para edifícios religiosos, assimilados, p  
ao sistema patriarcal ou feudal-tropical brasileiro de edificação.

deve-se

notar, que o sr. Luís Saia admite a assimilação de "detalhes da arquitetura religiosa" no brasil pela residencial, e viu incor-

> de solução evidentemente de edifício religioso  
caso curioso  
porada construção residencial.: fazenda acaun, estado da paraíba,  
mun. de Sousa" (pág. 237).

sem tomar conhecimento da sugestão que aqui se faz desde 1933

sobre a influencia da arquitetura doméstica sobre a de igreja, no brasil, o sr. Philip L. Goodwin, em seu trabalho Brazil Builds - Architecture New and Old, 1652-1942, ilustrado pelo sr. G. E. Kidder Smith e publicado em Nova Iorque, em 1943, com o texto inglês acompanhado de tradução portuguesa afirma que "a vida e a arquitetura do pe-



modo colonial sofreram -ntre outras influências consideráveis, "a da igreja quase tão poderosa no brasil como o próprio rei" (pág. 18). essa

influência ---da arquitetura de igreja sobre a doméstica - não pode ser negada; mas a recíproca parece ser também verdadeira, como indicam capelas do tipo da de conceição do. engenho caieiras (sergipe).

recentemente, em interessante relatório sobre a excursão realizada a mordevade, são domingos do prata e fazenda são julião por um grupo de estudiosos de geografia física e cultural, a professora mariam tiormio referindo-se ao aspecto da paisagem cultural além da vila pa-

#

pini destaca que predominam as "habitações de tipo colonial" e que as

casas de residência, isto é, sobrevivências de casas-grandes, "são construídas sobre estacas formando um porão alto e coberto onde se abrigam os animais. dominando a frente dos aposentos há urna grande varanda. até a venda e a capela são desse tipo" (boletim geográfico, rio, n.o 17, agosto de 1944, pág. 703). outro caso de assimilação de edifícios não residenciais pelo residencial, dos vários que se encontram no brasil nas áreas de antigo domínio ou de sobrevivência da casa-grande de engenho ou fazenda, ou do sistema feudal-tropical brasileiro.

com seu olhar de arquiteto, o francês louis léger vauthier escre-

lyref. i. & ed. lxx

#

de convento e de igreja. quebrando-lhe o rosto jesuítico, a verticalidade espanhola para achatá-la doce, humilde, subserviente em capela de engenho. dependência da habitação doméstica. se a casa-grande absorveu das igrejas e conventos valores e recursos de técnica, também as igrejas assimilaram caracteres da casa-grande: o copiar, por exemplo. nada mais interessante que certas igrejas do interior do brasil com alpendre na frente ou dos lados como qualquer casa de residência. conheço várias - em pernambuco, na pardoba, em são paulo. bem característica é a de são roque de serinhaém. ainda mais: a capela do engenho caieiras, em sergipe, cuja fisionomia é inteiramente doméstica. e em são paulo, a igrejinha de são miguel, ainda dos tempos coloniais.

veu da casa-grande de camaragibe (pernambuco) que ele conheceu em 1840 que era "grande e comprido edifício, tendo três faces que dão para um pátio e a quarta para uma espécie de jardim maltratado. sobre a mais longa das três faces correspondentes ao pátio, no rés-do-chão, espécie de claustro cujo acesso se faz por alguns degraus em ruína. essa fachada dá para leste. sobre a face sul, fica a escada principal, coberta por uma parte do teto que se projeta além das paredes da fachada e é sustentada por 3 colunas" (diário íntimo do engenheiro vauthier (tradução portuguesa do ins. em francês oferecido a gilberto freyre por paulo prado que o adquiriu de alfarrabista parisiense), prefácio e notas de gilberto freyre, publicação n.o 4 do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional, ministério da educação e saúde, rio, 1940, pág. 91).

continuando a tradição do seu compatriota jean baptiste debret (voyage pittoresque et historique au br sil ou séjour d'un artiste français au br sil depuis 1816 jusqu'en 1831, paris, 1834-1839), a quem se devem as primeiras observa es de interesse a um tempo artístico e sociológico sobre a arquitetura doméstica do brasil, vauthier deixou-nos no diário referido e em cartas publicadas na revue g n rale de l'architecture et des travaux publics (paris, xi, 1853), sob o título "des maisons d'habitation au br sil", e traduzidas ao português por vera melo franco de andrade e publicadas pelo mesmo serviço em sua revista, vii, rio, 1943, com introdu o e notas de gilberto freyre, informa es e reparos valiosos sobre a arquitetura doméstica considerada em suas rela es com a vida patriarcal em nosso país, em plena época de escravidão.

sobre o assunto veja-se também no mesmo número vii da referida revista do serviço do patrim nio histórico e artístico nacional o excelente estudo do engenheiro joaquim cardoso, "um tipo de casa rural do distrito federal e estado do rio% enriquecido com fotografias de casas-grandes da subárea estudada e nas quais, como nas do norte do brasil, quase sempre se encontra o alpendre ou copiar.

al s, neste estudo, o sr. joaquim cardoso concorda com sugestões feitas neste ensaio desde 1933, de que as casas-grandes brasileiras receberam "influência franciscana": "não há a menor d vida", escreve ele, "de que esses alpendres receberam influência dos claustros franciscanos-

#

lxvi g. f.

i

a casa-grande venceu no brasil a igreja, nos impulso.- que esta a princípio manifestou para ser a dona da terra. vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. É verdadeiro dono do brasil. mais do que os vice-reis e os bispos.

a força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. donos das terras. donos dos homens. donos das mulheres. suas casas representam esse imenso poderio feudal "feias e fortes." paredes grossas. alicerces profundos.  leo de baleia. refere uma tradi o nortista que um senhor de engenho mais ansioso de perpetuidade não se conteve: mandou matar dois escravos e enterrá-los nos alicerces da casa.   suor e às vezes o sangue dos negros foi o óleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase de fortaleza.

  ir nico, porém, é que, por falia de potencial humano, toda essa solidez arrogante de forma e de material foi muitas vezes inútil: na terceira ou quarta gera o, casas enormes edificadas

(pág. 236). escreve também: "[ .... ] pode-se muito -bem aceitar, em alguns casos, bem se vê, a sugestão f .... ] de que as capelas tenham herdado o seu alpendre das casas-grandes" (pág. 251).

sobre o retardamento com que apareceu a casa-grande construída de material nobre e duradouro, na subárea campista (rio de janeiro), veja-se o recente e bem documentado trabalho do engenheiro alberto ribeiro lamego,   homem e o brejo (publica o n.º 1 da série a, "livros", biblioteca geográfica brasileira. instituto brasileiro de geo-

grafia e estatística, rio de janeiro, 1945). informa o mesmo pesquisador - talvez o que melhor conhece o solo, a paisagem e o passado da área fluminense, em geral, e da subárea campista, em particular - que "de todo o correr doi fins de setecentos até a ascensão de pedro 11 ao trono, só temos notícia de uma casa de senhor de engenho ainda existente hoje na antiga região dos goitacés: é a residência de mato de pipa no morgadio de quissamó, levantada em 1786 por manuel carneiro da silva, pai do 1.º visconde de araruama. de um só piso e avarandada. com suas velhas portas arqueadas, seu oratório interno de imagens antiquíssimas, sua vetusta cama de cabiana com embutidos de pequi-marfim, a casa de mato de pipa, precioso testemunho arquitetônico dessa época e residência de uma das grandes famílias da planície, nada tem que denote fixo e fausto" (págs. 129-130). sobre o assunto veja-se também o recente estudo de josé Wash Rodrigues, documentário arquitetônico relativo à Antiga construção civil no brasil, são paulo, 1944.

acerca da excelência técnica da construção portuguesa, veja-se paul-antoine evin, l'architecture portugaise au maroc et le style manuelin, lisboa, 1942. escreve o sr. paul-antoine evin que "les portugais ont vivement frappé l'imagination des indigènes par leurs magnifiques qualités de tailleurs de pierres, de stéréotomistes. de nos jours, ia voix

#

populaire dit encore au maroc de tout monument ancien bien appareillé qu'il est l'oeuvre des portugais" (pág. 10).

pref. et 1.ª ed. lxxvii

#

no

para atravessar séculos começaram a esfarelar-se de podres por abandono e falta de conservação. incapacidade dos bisnetos ou mesmo netos para conservarem a herança ancestral. vêm-se ainda em pernambuco as ruínas do grande solar dos barões de mercês; neste até as cavaliarias tiveram alicerces de fortaleza. mas toda essa glória virou monturo. no fim de contas as igrejas que têm sobrevivido e as casas-grandes. em mangangana, o engenho da meninice de nabuco, a antiga casa-grande desapareceu; esfarelou-se a senzala; só a capelinha antiga de são mateus continua de pé com os seus santos e as suas. catacumbas.

k

o costume de se enterrarem os mortos dentro de casa - na capela, que era uma puxada da casa - é bem característico do espírito patriarcal de coesão de família. os mortos continuavam sob o mesmo teto que os vivos. entre os santos e as flores devotas. santos e mortos eram afinal parte da família. nas cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras as mães não hesitaram nunca em fazer dos seus filhinhos uns irmãos mais moços de jesus, com os mesmos direitos aos cuidados de maria, as vigílias de josé, as patéticas de vovó de sant'ana. a são josé encarrega-se com a maior sem-cerimônia de embalar o berço ou a rede da criança:

embala, josé, embala,  
que a senhora logo vem:  
foi lavar seu cueirinho  
no riacho de belém.

e a sant'ana de ninar os meninozinhos no colo:

senhora sant'ana,  
ninai minha filha;  
vede que lindeza  
e que maravilha.

esta menina  
nôo dorme na cama,  
dorme no regaço  
da senhora sant'ana.

e tinha-se tanta liberdade com os santos que era a eles que se confiava a guarda das terrinas de doce e de melado contra as formigas:

lxviii 9. f.

1 crevia-se num papel que se deixava à porta do guarda-comida.  
es  
e em papéis que se grudavam às janelas e às portas:

#

jesus, maria, josé,  
roga! por nós que recorreremos a vós.

em louvor de sôo bento  
que nôo venham as formigas  
côo dentro,

quando se perdia dedal, uma tesoura'.uma moedinha, santo Antônio que desse conta do objeto perdido. nunca deixou de haver no patriarcalismo brasileiro, ainda mais que no português, perfeita intimidade com os santos. O menino Jesus só faltava engatinhar com os meninos da casa; lambuzar-se na geléia de araçá ou goiaba; brincar com os muleques. as freiras portuguesas, nos seus êxtases, sentiam-no muitas vezes no colo brincando com as costuras ou provando dos doces.<sup>16</sup>

abaixo dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível a vida dos filhos, netos, bisnetos. em muita casa-grande conservavam-se seus retratos no santuário, entre as imagens dos santos,

com direito à mesma luz votiva de lamparina de azeite e às mesmas flores devotas. também se conservavam às vezes as tranças das senhoras, os cachos dos meninos que morriam anjos, um culto doméstico dos mortos que lembra o dos antigos gregos e romanos.

mas a casa-grande patriarcal nôo foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hos-

pedaria. desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se jóias, ouro, valores. às vezes guardavam-se jóias nas capelas, enfeitando os santos. das Nossas senhoras sobrecarregadas a baiana de tetéias, balangandós, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos.

a verdade que um roubou o esplendor e outras jóias de são benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que "negro não devia ter luxo". com efeito, chegou a proibir-se,

16. a soror mariana de beja o menino jesus vinha ajudar "a dobar as meadas e o novelo" de sua costura; a Venerável madre rosa maria de santo antônio aparecia para brincar com a roda do tear, etc. relação de vários casos notáveis e curiosos sucedidos em tempo na cidade de lisboa, etc., coimbr (gustavo de matos sequeira, a, 1925). pref- a 1.a e(l- ]xix

#

nos tempos coloniais, o uso de "ornatos de algum 111-yo" p2105 negros. 17 vários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as jóias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. às vezes dinheiro dos outros de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. dinheiro que compadres, viúvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido a esperteza ou a morte súbita do depositário. houve senhores sem escrúpulos que, aceitando, valores para guardar, fingiram-se depois de estranhos e desentendidos: "você está maluco? deu-me lá alguma coisa para guardar?" 18 muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. joaquim nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de mangana, morreu sem saber que destino tomara a ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. já ministro em londres, um padre velho falou-lhe do tesouro que dona ana rosa juntara para o afilhado querido. mas nunca se encontrou uma libra sequer. em várias casas-grandes da bahia, de olinda, de pernambuco se têm encontrado, em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. na que foi dos pires d'óvila ou pires de carvalho, na bahia, achou-se, num recanto de parede, a verdadeira fortuna em moedas de ouro". noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justificados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, a

revelia das autoridades. conta-se que o visconde de suaúna, na sua casa-grande de pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. não é de admirar. eram senhores, os das casas-grandes, que manda-

17. carta régia de 3 de setembro de 1709 e bando de 1-740 no maranhão, cit. por agostinho marques perdigo malheiro. a escravidão no brasil, ensaio jurídico-histórico-social rio de janeiro, 1866.

18. j. da silva campos, "tradições b-ianas% rev. inst. geog. hist. da bahia, n.( 56.

lxx g. f.

vam matar os próprios filhos. um desses patriarcas, pedro vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho. "como deus foi servido que eu mandasse matar meu filho", es-

#

creveu ao padre coadjutor de canavieira depois de cumprida a ordem terrível."

também os frades desempenharam funções de banqueiros nos tempos coloniais. muito dinheiro se deu para guardar aos frades nos seus conventos211 duros e inacessíveis como fortalezas. daí as lendas, tão comuns no brasil, de subterrâneos de convento com dinheiro ainda por desenterrar. mas foram principalmente as casas-grandes que fizeram de bancos na- economia colonial; e são quase sempre almas penadas de senhores de engenho que aparecem pedindo padres-nossos e ave-marias.

os mal-assombrados das casas-grandes se manifestam por visagens e ruídos que são quase os mesmos por todo o brasil. pouco antes de desaparecer, estupidamente dinamitada, a casa-grande de megaope, tive ocasião de recolher, entre os moradores dos arredores, histórias de assombrações ligadas ao velho solar do século xvii. eram barulhos de louça que se ouviam na sala de jantar; risos alegres e passos de dança na sala de visita; tilintar de espa-

das; ruje-ruje de sedas de mulher; luzes que se acendiam e se apagavam de repente por toda a casa; gemidos; rumor de correntes se arrastando; choro de menino; fantasmas do tipo crescemíngua. assombrações semelhantes me informaram no rio de janeiro e em são paulo povoar os restos de casas-grandes do vale do paraíba.21 e no recife, da capela da casa-grande que foi de bento josé da costa, assegura-me um antigo morador do sítio que toda noite, à meia-noite, costuma sair montada num burro, como nossa senhora, uma moça muito bonita, vestida de branco.

19. tristão de alencar araripe "pater-familias no brasil dos tempos coloniais% rev- inst. hist. geog. br., vol. 55.

20. josé Vieira fazenda, "antigualhas e memórias do rio de janeiro", rev. inst. hist. geog. br., tomo 95, vol. 149.

21. também em minas. na tapera de samangolô, município de paracatu, havia até há pouco um baile de noite de são joão concorrido por gente de toda parte, que vinha em seges e cadeirinhas, escoltadas de pajens, etc. as orquestras tocavam a noite inteira. mas, ao amanhecer, tudo tinha desaparecido. ultimamente este mal-assombrado se

desencantou. entre as mais famosas casas velhas mal-assombradas do brasil está a do padre correia (petrópolis) onde "conta-se que a alma dos veneráveis correias por ali erravam à noite protestando contra o abandono da propriedade" (lourenço l. lacombe, "a mais velha casa de correias" , revista do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional, rio, n.º 2, 1928, p.ºg. 96).

p,ref. 1.º ed. ixxi

#

talvez a filha do velho bento que ele por muito tempo não quis que casasse com domingos josé Martins fugindo à tirapá-tis 2rcal. porque os mal-assombrados costumam reproduzir as alegrias, os sofrimentos, os gestos mais característicos da vida nas casas-grandes.

em contraste com o nomadismo aventureiro dos bandeirantes - em sua maioria mestiços de brancos com índios - os senhores das casas-grandes representaram na formação brasileira a tendência mais caracteristicamente portuguesa, isto é, p.º-de-boi, no sentido da estabilidade patriarcal. estabilidade apoiada no açúcar (engenho) e no negro (senzala). não que estejamos a sugerir uma interpretação étnica da formação brasileira ao lado da econômica. apenas acrescentando a um sentido puramente material, marxista, dos fatos, ou antes, das tendências, um sentido psicológico. ou psicofisiológico. os estudos de cannon,22 por um lado, e, por outro, os de keith23 parecem indicar que atuam sobre as sociedades, como sobre os indivíduos, independente de pressão econômica, forças psicofisiológicas, suscetíveis, ao que se supõe, de controle pelas futuras elites científicas - dor, medo, roiva - ao lado das emoções de fome, sede, sexo. forças de uma grande intensidade de repercussão. assim, o islamismo, no seu furor-imperialista, nas suas formidáveis realizações, na sua exaltação mística dos prazeres sensuais, terá sido não só a expressão de motivos econômicos, como de forças psicológicas que se desenvolveram de modo especial entre populações do norte da África. do mesmo modo, o movimento das bandeiras - em que emoções generalizadas de medo e raiva se teriam afirmado em reações de superior combatividade. o português mais puro, que se fixou em senhor de engenho, apoiado antes no negro do que no índio, representa talvez, na sua tendência para a estabilidade, uma especialização psicológica em contraste com a do índio e a do mestiço de índio com português para a mobilidade. isto sem deixarmos de reconhecer o fato de que em pernambuco e no recôncavo a terra se apresentou excepcionalmente favorável para a cultura intensa do açúcar e para a estabilidade agrária e patriarcal.

a verdade é que em torno dos senhores de engenho criou-se o tipo de civilização mais estável na américa hispânica; e esse tipo de civilização, ilustra-o a arquitetura gorda, horizontal, das

22. walter b. cannon, bodily changes in pain, hunger, fear and reage, nova iorque, londres, 1929.

23. arthur keith. "on certain factors concerned in the evolution of human races", journal of the royal anthropological institute, londres. vol. xlvi.

casas-grandes. cozinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos para filhos e hóspedes; capela; puxadas para acomodação dos filhos casados; camarinhas no centro para a reclusão quase monástica das moças solteiras; gineceu; copiar,, sen-

#

zala. O estilo das casas-grandes - estilo no sentido spengleriano - pode ter sido de empréstimo, sua arquitetura, porém, foi honesta e autêntica. brasileira da silva. teve alma. foi expressão sincera das necessidades, dos interesses, do largo ritmo de vida patriarcal que os proventos do açúcar e o trabalho eficiente dos negros tornaram possível.

essa honestidade, essa largueza sem luxo das casas-grandes, sentiram-na vários dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil colonial. desde dampier a maria graham. maria graham ficou encantada com as casas de residência dos arredores do Recife e com as de engenho, do rio de janeiro, só a impressionou mal o número excessivo de gaiolas de papagaio e de passarinho penduradas por toda parte. mas estes exageros de gaiolas de papagaio animando a vida de família do que hoje se chamaria cor local,, e os papagaios tão bem-educados, acrescenta mrs. graham, que raramente gritavam ao mesmo tempo.<sup>24</sup> aliás, em matéria de domesticação patriarcal de animais, d'assier observou exemplo ainda mais expressivo: macacos tomando a bronca aos muleques do mesmo modo que estes aos negros velhos e os negros velhos aos senhores brancos.<sup>25</sup> a hierarquia das casas-grandes estendendo-se aos papagaios e aos macacos.

a casa-grande, embora associada particularmente ao engenho de cana, ao patriarcalismo nortista, não se deve considerar expressão exclusiva do açúcar, mas da monocultura escravocrata e latifundiária em geral: criou-a no sul o café tão brasileiro como no norte o açúcar. percorrendo-se a antiga zona fluminense e paulista dos cafezais, sente-se, nos casarões em ruínas, nas terras ainda sangrando das derrubadas e dos processos de lavoura latifundiária, a expressão do mesmo impulso econômico que em pernambuco criou as casas-grandes de megape, de anjos, de noruega, de monjope, de gaipi, de morenos; e devastou parte considerável da região chamada "va mata". notam-se, é certo, variações devidas umas a diferenças de clima, outras a contrastes psicológicos e ao fato da monocultura latifundiária ter sido, em são paulo, pelo menos, um regime sobreposto, no fim do século

24. maria graham, journal of a voyage to brazil and residence there during the years 1821, 1822, 1823, pag. 127, londres, 1824.

25. adolphe d'assier, le brésil contemporain - races - moeurs - institutions - paysages, pag. 89, paris, 1867.

pref. a 1.a ed. lxxiii

#

,yviii, ao da pequena propriedade.<sup>26</sup> não nos deve passar despercebido o fato de que enquanto os habitantes do norte procuravam para habitá-los os lugares altos, os pendores das serras, os paulistas, pelo comum, preferiam as baixadas, as depressões do



solo para a edificação de suas vivendas [ . . . ]".<sup>27</sup> eram casas, as paulistas, ---sempreconstruídas em terreno íngreme, de forte plano inclinado, protegidas do vento sul, de modo que do lado de baixo o prédio tinha um andar torreo, o que lhe dava desse lado aparência de sobrado---. surpreende-se nos casarões do sul um ar mais fechado e mais retraído do que nas casas nortistas; mas o "terreiro, de onde com a vista o fazendeiro abarcava todo o organismo da vida rural, e o mesmo do norte; o mesmo terreiro hospitaleiro, patriarcal e bom. a sala de jantar e a cozinha, as mesinas salas e cozinhas de convento. os sobrados que, viajando-

26. alfredo ellis júnior, em raça de gigantes, demonstra, baseado nos inventários e nas sesmarias, que até o fim do século xviii dominou em são paulo o regime da pequena propriedade. as casas de morada não passando de edifícios de taipas e, pilão, a princípio cobertas de sapão: "tinham em ordinário três lanços, com o seu quintal, e eram pesadamente mobiliadas [ . . . . ]." porém grandes, com imensas salas de jantar, e já com "casa dos negros", ou senzala. na casa setecentista de francisco mariano da cunha achou ellis júnior dezesseis quartos de grandes dimensões e sala de jantar de 13 x 5,40. oliveira viana, no seu populações meridionais do brasil, salienta o contraste entre as fazendas paulistas anteriores ao século do café - o xix - fazendas "que se mediam às braças, sendo as maiores de uma légua em quadra, com as fazendas mineiras e fluminenses que são latifúndios de dez mil alqueires ou mais". os verdadeiros latifúndios foram porém os de pernambuco e da bahia, do tipo do de garcia d'ávila.

27. joão vampré, "fatos e festas na tradição", rev. inst. hist. são paulo, vol. xiii.

deve-se salientar que c. a. taunay, em seu manual do agricultor brasileiro, publicado no rio de janeiro em 1839, aconselhava os senhores de engenho e fazendeiros do brasil a levantarem suas casas em 'elevação medíocre' e dando a frente para "o oriente e sul". nas suas palavras (págs. 20-21): "o oriente e sul são as duas exposições mais favoráveis para a frente das casas, por haver menos sol e melhor ventilação. o local preferível he huma elevação medíocre, no centro da planície. com hum declive suave da parte da frente e quasi insensível da banda dos fundos para collocação das dependencias. bem entendido que deve haver agua proxima, e, se possivel, dentro de casa; mas as localidades e circunstancias peculiares de cada fazenda modificão estas regras."

"o chão de todas as habitações e officinas deve ser levantado acima do nivel do terreno visinho: huma mistura de barro, tubatinga, areia e bosta de boi applicada e soccada toma-se quasi tão dura como ladrilho e serve bem para argamassar tanto os terreiros como os pavimentos."

no exemplar do manual que possuo hoje, com relação à expressão "menos sol e melhor ventilação", este comentário do antigo dono do livro,

#

lxxiv g. se de santos ao rio em vapor pequeno que venha parando em beira da água - em ubatuba, são todos os portos, avistam-se sebastião, angra dos reis - recordam os patriarcais, de rio forino.w. e às vezes, como no norte, encontram-se igrejas com alpendre na frente - convidativas, doces, brasileiras. a história social da casa-grande e a história íntima de qua-

se todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo~ escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido e religião de família e influenciado pelas credências da senzala. O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana; os gongolistas já o chamavam "ce roman vrai". O arquiteto Lúcio Costa diante das casas velhas de Sabará, São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, das velhas casas-grandes de Minas, foi a impressão que teve: "a gente como que se encontra... e se lembra de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós; não sei - Proust devia explicar isso direito."28

nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um

povo. estudando a vida doméstica dos antepassados sentimos-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o "tempo perdido". outro meio de nos sentirmos nos outros - nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emen-

da com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.

isto, é claro, quando se consegue penetrar na intimidade mesma do passado, surpreendendo-lo nas suas verdadeiras tendências, no

fazendeiro contemporâneo de C. A. Taunay: "e mais chuva e mais humidade, não é? ora va rezar - .cartas econômico-políticas sobre o assunto vejam-se também: Lisboa, 1821, f. p. l. Werbre o comércio e a agricultura da Bahia, 860, f. l. c. Necke, memória sobre a fundação de uma fazenda, Rio, 1 Burlamaqui, monografia da cana do açúcar, Rio, 1862, Alberto Lamego filho, a planície do solar e da senzala, Rio, 1934, Afonso Verzea

1

geografia do açúcar no leste do Brasil, Rio, 1941, "geografia dos engenhos cariocas% Brasil Açucareiro, vol. xxii, janeiro de 1944, n.º 1, "engenhos dentre Guanabara-Sepetiba", Brasil Açucareiro, vol. xxv, fevereiro de 1945, n.º 2, Miguel Calmon du Pin e Almeida, ensaio sobre o fabrico do açúcar, Bahia, 1834.

#

28. Lúcio Costa, "O Aleijadinho e a arquitetura tradicional", O jornal, edição especial de Minas Gerais, Rio de Janeiro.

pref. a 1.ª ed. lxxv

#

seu é-vontade caseiro, nas suas expressões mais sinceras. É que não é fácil em países como o Brasil; aqui o confessor absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso de história

Íntima de tantos diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos. creio que não há no brasil um só diário escrito por mulher. nossas avós, tantas delas analfabetas, mesmo quando baronesas e viscondessas, satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e à mucama de estimaço; e a sua tagarelice dissolveu-se quase toda nas conversas com as pretas boceteiras, nas tardes de chuva ou nos meios-dias quentes, morosos. de balde se procuraria entre nós um diário de dona de casa cheio de gossip no gênero dos ingleses e dos norte-americanos. canos dos tempos coloniais.<sup>19</sup>

em compensação, a inquisição escancarou sobre nossa vida íntima da era colonial, sobre as alcovas com camas que em geral parecem ter sido de couro, rangendo os pressões dos adultos e dos coitos danados; sobre as camarinhas e os, quartos de santos; sobre as relações de brancos com escravos - seu olhar enorme, indagador. as confissões e denúncias reunidas pela visitaço do santo ofício às partes do brasil<sup>31</sup> constituem material precioso para o estudo da vida sexual e de família no brasil do século xvi e xvii. indicam-nos a idade das moças casarem - doze, quatorze anos; o principal regalo e passatempo dos colonos - o jogo de gamão; a pompa dramática das procissões - homens vestidos de cristo e de figuras da paixão e devotos com caixas

29. "livros de assentos" de senhores de engenho, existem alguns. graças à gentileza de uma velha parenta, dona maria (iaia) cavalcanti de albuquerque melo, foi-me dado para consulta o livro de assentos particulares" iniciado em olinda em 1 de março de 1843 por seu pai felix cavalcanti de albuquerque melo (1821-1901), registrando fatos não só de interesse para a família de francisco casado de holland cavalcanti de albuquerque (1776-1832), antigo senhor do engenho jundiá, que vendeu em 1832, e para as famílias de seus filhos e genros, como de interesse geral - epidemia de cólera, mata-mata marinho, hecatombe de vitória, etc.

30. primeira visitaço do santo ofício às partes do brasil pelo licenciado heitor furtado de mendonça - confissões da bahia - 1591-92. são paulo, 1922; primeira visitaço do santo ofício às partes do brasil, etc. - denúncias da bahia - 1591-1593, são paulo, 1925; primeira visitaço do santo ofício às partes do brasil, etc. - denúncias de pernambuco, são paulo, 1929. esses documentos fazem parte da série eduardo prado, editada por paulo prado; os dois primeiros volumes trazem introduções de capistrano de abreu; o terceiro, de rodolfo garcia.

lxxvi g. f.

i

#

i

de doce dando de comer aos penitentes. deixam-nos surpreender, entre as heresias dos cristãos-novos e das santidades, entre os bruxedos e as festas gaiatas dentro das igrejas, com gente alegre sentada pelos altares, entoando trovas e tocando viola, irregularidades na vida doméstica e moral cristo da família - homens casa-

dos casando-se outra vez com mulatas, outros, pecando contra a natureza com efebos da terra ou da guiné, ainda outros cometendo com mulheres a torpeza que em moderna linguagem científica se chama, como nos livros clássicos, de felação, e que nas

denúncias vem descrita com todos os ff e rr; desbocados jurando pelo "pentelho da virgem"; sogras planejando envenenar os genros; cristãos-novos metendo crucifixos por baixo do corpo das mulheres no momento da cópula ou deitando-os nos urinóis; senhores mandando queimar vi. vas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas.

também houve - isto no século xviii e no xix - esqui-

sites pepys de meia-tigela, que tiveram a pachorra de colecionar em cadernos, gossip e mexericos: chamavam-se "recolhedores de fatos". manuel querino fala-nos deles com relação à Bahia; arrojado lisboa, em conversa, deu-me notícia de uns cadernos desses, relativos a minas~31 e em pernambuco, na antiga zona rural, tenho encontrado traços de "recolhedores de fatos". alguns "recolhedores de fatos", antecipando-se aos pasquins, colecionavam casos vergonhosos, que, em momento oportuno, serviam para emporcalhar braços ou nomes respeitáveis. em geral, exploravam-se os preconceitos de branquidade e de sangue nobre;

31. estes cadernos, fl~e a fortuna de encontrá-los em recente viagem a minas. acham-se alguns em caeté, outros em belo horizonte, em mãos de um particular, que gentilmente nos franqueou a leitura.

representam o esforço pachorrento, e tudo indica que escrupuloso, não de um simples bisbilhoteiro, mas de velho pesquisador municipal, falecido há anos: lws pinto. pinto passou a vida vasculhando arquivos, atas, livros de registro de casamento e batismo, testamentos, na colheita de dados genealógicos de algumas das mais importantes famílias mineiras. tive o gosto de ver confirmadas por esses dados generalizações a que me arriscara, na primeira edição deste trabalho . sobre a formação da família naquelas zonas do brasil onde foi maior a escassez de mulher branca. é assim que jacintha de siqueira, "a celebre mulher africana que em fins do século xvll ou principios do xvlll veio corri diversos barbeirantes da bahia" e a quem "se deve o descobrimento de ouro no correjo quatro vintens e erédo do arraial de Villa nova do principe em 1714", aparece identificada como o tronco, por assim dizer matriarcal, de todo uni grupo de ilustres famílias do nosso país. "os pais de todos os filhos de jacintha siqueira - acrescenta o genealogista - foram homens importantes e ricos e muitos figurou

#

entre os homens da governança [~ ... j". entre outros um sargento-mor.

prei. 1.a ed. jxx

, vii

#

desencavava-se alguma remota avó escrava ou mina; ou tio que cumpria sentença; avó que aqui chegara de sambenito. registravam-se irregularidades sexuais e morais de antepassados. até mesmo de senhoras.

outros documentos auxilião o estudioso da histõria õntima da famõlia brasileira: inyentõrios, tais como os mandados publicar em sãõ paulo pelo antigo presidente washington luõs; cartas de sesmaria, testamentos, correspondõncias da corte e ordens reais - como as que existem em mss. na biblioteca do estado de pernambuco ou dispersas por velhos cartõrios e arquivos de famõlia; pastorais e relatõrios de bispos, como o interessantõssimo, de frei luõs de santa teresa, que amarelece, em latim, copiado em bonita letra eclesiõstica, no arquivo da catedral de olinda; atas de sessões de ordens terceiras, confrarias, santas casas como as conservadas, inacessõveis e inõteis, no arquivo da ordem terceira de sãõ francisco, no recife, e referentes ao sãculo xvii; os documentos interessantes para a histõria e costumes de sãõ paulo, de que tanto se tem servido afonso de e. taunay para os seus notõveis estudos sobre a vida colonial em sãõ paulo; as atas e o registro geral da cõmara de sãõ paulo; os livros de assentos de batismo, õbitos e casamentos de livres e escravos e os de rol de famõlias e autos de processos matrimoniais que se conservam em arquivos eclesiõsticos; os estudos de genealogia de pedro taques, em sãõ paulo, e de borges da fonseca, em pernambuco; relatõrios de juntas de higiene, documentos parlamentares, estudos e teses mõdicas, inclusive as de doutoramento nas faculdades do rio de janeiro e da bahia; documentos publicados pelo arquivo nacional,32 pela biblioteca nacional, pelo instituto histõrico brasileiro, na sua revista, e pelos institutos de sãõ paulo, pernambuco e da bahia. tive a fortuna de conseguir nãõ sãõ vãrias cartas do arquivo da famõlia paranhos, que me foram gentilmente oferecidas pelo meu amigo pedro paranhos, como o acesso a importante arquivo de famõlia, infelizmente jãõ muito danificado pela traõa e pela umidade, mas com documentos ainda dos tempos coloniais - o do engenho noruega, que pertenceu por longos anos ao capitãõ-mor manuel tomãõ de jesus, e, depois, aos

32. entre outros, documentos de terras. prefaciando a "synopsis das sismarias registradas nos livros existentes no archivo da thesouraria da fazenda da bahia (publicaõões do arquivo nacional, xxvii), alcides bezerra salienta o interesse desses documentos para o sociõlogo, o antropossociõlogo ou o mero genealogista. constituem, com efeito, "pedra fundamental para a histõria territorial brasileira% e no conhecimento desta deve basear-se a interpretaõõ do nosso desenvolvimento social.

lxxviii g. f.

l111 inn

i

#

seus descendentes. seria para desejar que esses restos de velhos arquivos particulares fossem recolhidos õs bibliotecas ou aos museus, e que os eclesiõsticos e das ordens terceiras fossem convenientemente catalogados. vãrios documentos que permanecem em mss. nesses arquivos e bibliotecas devem quanto antes ser publicados. õõ pena - seja-me lãõcito observar de passagem - que

algumas revistas de história dediquem páginas e páginas à publicação de discursos patrióticos e de crônicas literárias, quando tanta matéria de interesse rigorosamente histórico permanece desconhecida ou de acesso difícil para os estudiosos.

para o conhecimento da história social do Brasil não há talvez fonte de informação mais segura que em livros de viagem de estrangeiros - impondo-se, entretanto, muita discriminação entre os autores superficiais ou viciados por preconceitos - os Thövet, os Expilly, os DeBadié - e os bons e honestos da marca de Lory, Hans Staden, Koster, Saint-Hilaire, Rendu, Spix, Martius, Burton, Tollenare, Gardner, Mawe, Maria Graham, Kidder, Fletcher. Destes me servi largamente, 33 valendo-me de uma familiaridade com esse gênero não sei se diga de literatura - muitos são livros mal escritos, porém deliciosos na sua candura quase infantil - que data dos meus dias de estudante; das pesquisas para a minha *social life in Brazil in the middle of the 19th century*, apresentada em 1923 à Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Columbia. Trabalho que Henry L. Mencken fez-me a honra de ler, aconselhando-me que o expandisse em livro. O livro, que é este, deve esta palavra de estímulo ao mais anti-acadêmico dos críticos.

Volto à questão das fontes para recordar os valiosos dados que se encontram nas cartas dos jesuítas. O material publicado já é grande; mas deve haver ainda - lembra-me em carta João Lúcio de Azevedo, autoridade no assunto - deve haver ainda na sede da Companhia muita coisa inédita. Os jesuítas não só foram grandes escritores de cartas - muitas delas tocando em detalhes íntimos da vida social dos colonos - como procuraram desenvolver nos caboclos e mamelucos, seus alunos, o gosto epistolar.

33. Servi-me, algumas vezes, na transcrição de trechos dos livros de viagem mais conhecidos, de traduções já existentes em português. Mas cotejando-as sempre com os originais, e em certos pontos discorrendo dos tradutores e retificando-os. Os textos dos livros de viajantes mais antigos - séculos xv, xvi, xvii, xviii, e princípios do xix - são transcritos, quando conservados no original, com todos os seus arcaísmos. Também (em textos das crônicas, tratados e documentos antigos portugueses e brasileiros. dos livros considerados fontes principais, vão indicadas as páginas de que aparecem citações.

i!

pref . 4 l.81 e d - lxxix

#

escrevendo da Bahia em 1552 dizia o jesuíta Francisco Pires sobre as peregrinações dos meninos da terra ao sertão: " 1 .... 1 o que eu não escreverei porque o padre lhes mandou que escrevessem aos meninos de Lisboa; e porque poderá ser que suas cartas as vejais o não escreverei [ .... 1 ". seria interessante descobrir essas cartas e ver o que diziam para Lisboa os caboclos do Brasil do século xvi. frequentemente depara-se nas cartas dos jesuítas com uma informação valiosa sobre a vida social no primeiro século de colonização; sobre o contato da cultura europeia com a indígena e a africana. O padre Antônio Pires, em carta de 1552, fala-nos de uma procissão de negros de Guiné em Pernambuco, já

organizados em confraria do rosário , todos muito em ordem "uns traz outros com as mãos sempre alevantadas, dizendo todos: ora pro nobis". O mesmo padre antônio pires, em carta de pernambuco, datada de 2 de agosto de 1551, refere-se aos colonos da terra de duarte coelho como "melhor gente que de todas as outras capitancias"; outra carta informa que os índios a principio "tinham empacho de dizer santa jooaba, que em nossa lingua quer dizer - pelo signal da cruz, por lhes parecer aquilo gatim-nhas".14 anchieta menciona os muitos bichos peonhentos que atormentavam a vida domestica dos primeiros colonos - cobras jararacas andando pelas casas e caindo dos telhados sobre as camas; "e quando os homens despertam se acham com elas enroladas no pescoço e nas pernas e quando se vão a calçar pela manhã as acham nas botas"; e tanto anchieta como nobrega destacam irregularidades sexuais na vida dos colonos, nas relações destes com os indígenas e os negros, e mencionam o fato de serem medocres os mantimentos da terra, custando tudo "o tresdobro do que em. portugal". anchieta lamenta nos nativos, o que

11

camões já lamentara nos portugueses - "a falta de engenhos , isto , de intelligencia, acrescida do fato de não estudarem com cuidado e de tudo se levar em festas, cantar e folgar; salientando ainda a abundancia dos doces e regalos, laranjada, aboborada, marmelada, etc., feitos de açúcar.35 detalhes de um realismo honesto, esses, que se colhem em grande número, nas cartas dos padres, por entre as informações de interesse puramente religioso ou devoto. detalhes que nos esclarecem sobre aspectos da vida colonial, em geral desprezados pelos outros cronistas. não nos devemos, entretanto, queixar dos leigos que em crônicas como a de pero de. magalhães gandavo e a de gabriel soares de sousa

34. carlas jematicas (1550-1568) , p. 41, rio de janeiro, 1887.

35. joseph de anchieta, informações e fragmentos históricos, p. 37 , rio de janeiro, 1886.

lxxx 11. f.

i

também nos deixam entrever flagrantes expressivos da vida on-

#

tima nos primeiros tempos de colonização. gabriel soares chega a ser pormenorizado sobre as rendas dos senhores de engenho; sobre o material de suas casas e capelas; sobre a alimentação, a confeitaria e doçaria das casas-grandes; sobre os vestidos das senhoras. um pouco mais, e teria dado um bisbilhoteiro quase da marca de pepys.

de outras fontes de informações ou simplesmente de sugestões, pode servir-se o estudioso da vida íntima e da moral sexual no brasil dos tempos de escravidão: do folclore rural nas zonas mais coloridas pelo -trabalho escravo; dos livros e cadernos mss. de modinhas e receitas de bolo;31 das coleções de jornais; dos livros de etiqueta; e finalmente do romance brasileiro que nas páginas de alguns dos seus maiores mestres recolheu muito detalhe interessante da vida e dos costumes da antiga família patriarcal. ma-

chado de assis em helena, memórias póstumas de brás cubas, iaió Garcia, dom casmurro e em outros 4e seus romances e do3 seus livros de contos, principalmente em casa velha, publicado recentemente com introdução escrita pela sr. lúcia miguel'pereira; joaquim manuel de macedo n'as vítimas algozes, a moreninha, o moço louro, as mulheres de mantilha, romances cheios de sinhazinhas, de iaios, de mucamas; josé de alencar em mãe, lucíola, senhora, demônio familiar, tronco do ipê, sonhos de ouro, pata da gazela; francisco pinheiro guimarães na história de uma moça rica e punição; manuel antônio de aymeida nas memórias de um sargento de milícias; raul pompéia n'o ateneu; júlio ribeiro n'a carne; franklin tavora, agrário de meneses, martins pena, américo werneck, franca júnior são romancistas, folhetinistas ou escritores de teatro que fixaram com maior ou menor realismo aspectos característicos da vida doméstica e sexual do brasileiro; das relações entre senhores e escravos; do trabalho nos engenhos; das festas e procissões. também os fixou a seu jeito, isto é, caricaturando-os, o poeta satírico do século xviii, gregório de matos. e em memórias e reminiscências, o visconde de taunay, josé de alencar, vieira fazenda, os dois melo morais, deixaram-nos dados valiosos. romances de estrangeiros procurando retratar a vida brasileira do tempo da escla-

36. possui um que foi de gerência dias de arruda falcão, por algum tempo senhor do engenho noruega, e grande gourmet. sentado numa "cadeira de balanço, o velho gerência seguia às vezes o preparo dos guisados ou das sobremesas mais finas. livro de modinhas, possui também um: foi do meu tio-avô Cícero brasileiro de melo.

pref. 1.ª ed. ixxxix

i

#

vidéo existem alguns;37 mas nenhum que valha grande cousa, do ponto de vista da história social. quanto à iconografia da escravidão e da vida patriarcal está magistralmente feita por artistas da ordem de franz post, zacarias wagner, debret, rugendas; sem falarmos de artistas menores e mesmo toscos - desenhadores, litógrafos, gravadores, aquarelistas, pintores de ex-votos - que desde o século xvi - muitos deles ilustrando livros de viagem - reproduziram e fixaram, com emoção ou realismo, cenas de intinidade doméstica, flagrantes de rua e de trabalho rural, casas grandes de engenhos e de sítios, tipos de senhoras, de escravos, de mestiços.311 dos últimos cinquenta anos da escravidão, restam-nos, além de retratos a óleo, daguerreótipos e fotografias fixando perfis aristocráticos de senhores, nas suas gravatas de volta, de sinhô-donas e sinhô-moças de penteados altos, tapa-missa no cabelo; meninas no dia da primeira comunhão - todas de branco, luvas, grinalda, véu, livrinho de missa, rosário; grupos de família - as grandes famílias patriarcais, com avós, netos, adolescentes de batina de seminarista, meninas abafadas em sedas de senhoras de idade.

não devo estender este prefácio, que tanto se vai afastando do seu propósito de simplesmente dar uma ideia geral do plano e do método do ensaio que se segue, das condições em que foi



escrito. ensaio de sociologia genética e de história social, pretendendo fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira.

O propósito de condensar num só volume todo o trabalho, não o consegui infelizmente realizar. O material esborrou, exce-

37. entre outros, o de adrien delpech, ronien brésilien, e o de saint-martial, au brésil; também o de mme. julie delafage-brelxier, les portugais d'amérique (souvenirs historiques de la guerre du brésil en 1635), paris, 1847. O sr. agrippino gricco, em artigo de critica a este ensaio, lembrou o romance do espanhol juan valera, genio y figura, "onde há cenas das mais sugestivas sobre o rio dos meados do segundo império."

38. dentre os álbuns destacam-se o album brésilien (quas-tintas) de ludwig & briggs sobre o rio de janeiro e meiroria de pernambuco (lit. de f. h. carls e desenhos de l. schlappriz). aquarelas e gravuras soltas existem várias, salientando-se as da brasiliana oliveira lima, hoje na universidade católica, em washington; as, do antigo museu baltar, por iniciativa feliz cio ex-governador estácio coimbra adquiridas para o museu do estado de pernambuco, organizado por aníbal fernandes; as do museu histórico e as da biblioteca nacional do rio de janeiro. também aprescritam interesse histórico, qualiros de ex-votos dispersos pelas sacristias de velhas igrejas, capelinhas de engenho, etc. na igreja da capela, perto do recife, apodreceram uns, bem intere-santos.

lxxxii g. f.

i

#

dendo os limites razoáveis de um livro. fica para um segundo o estudo de outros aspectos do assunto - que aliás admite desenvolvimento ainda maior.

a interpretação,, por exemplo, do 1900 brasileiro - das atitudes, das tendências, dos preconceitos da primeira geração brasileira depois da lei do ventre livre e da dcm de 88 - deve ser feita, relacionando-se as reações antimonárquicas da classe proprietária, seus pendores burocráticos, a tendência do grande número para as carreiras liberais, para o funcionalismo público, para as sinecuras republicanas - sinecuras em que se perpetuasse a vida de ócio dos filhos de senhores arruinados e desaparecessem as obrigações aviltantes de trabalho manual para os filhos de escravos, ansiosos de se distanciarem da senzala - relacionando-se todo esse regime de burocracia e de improdutividade que no antigo brasil agrário, com exceção das zonas mais intensamente beneficiadas pela imigração europeia, se seguiu a abolição do trabalho escravo - a escravidão e a monocultura. estas continuaram a influenciar a conduta, os ideais, -as atitudes, a moral sexual dos brasileiros. aliás a monocultura latifundiária, mesmo depois de abolida a escravidão, achou jeito de subsistir em alguns pontos do país, ainda mais absorvente e esterilizante do que no antigo regime; e ainda mais feudal nos abusos. criando um proletariado de condições menos favoráveis de vida do que a massa escrava. roy nash ficou surpreendido com o fato de haver terras

no brasil, nas mãos de um só homem, maiores que portugal inteiro: informaram-lhe que no amazonas os costa ferreira eram donos de uma propriedade de área mais extensa que a inglaterra, \* escócia e a irlanda reunidas.<sup>39</sup> em pernambuco e alagoas, com \* desenvolvimento das usinas de açúcar, o latifúndio só tem feito progredir nos últimos anos, subsistindo à sua sombra e por efeito da monocultura a irregularidade e a deficiência no suprimento de víveres: carnes, leite, ovos, legumes. em pernambuco, em alagoas, na bahia continua a consumir-se a mesma carne ruim que nos tempos coloniais. ruim e cara.<sup>41</sup> de modo que da antiga

39. roy nas],, the conquest of brazil, nova lorque, 1926.

40. segundo estatísticas oficiais (anúrio estatístico de pernambuco, recife, 1929-1930) a zona sacrificada em pernambuco é monocultura abrange uma área de 1.200.000 hectares com apenas 138.000 cobertos com lavoura. em palestra realizada no rotary clube do recife o sr. andré Bezerra, da empresa arrendatária do matadouro da capital pernambucana, salientou o fato de que 88,5% da referida zona se acham completamente incultos, enquanto 20% do total da zona, ou 240.000 hectares, "transformados em campos de pastagem com gramíneas selecionadas, convenientemente divididos em cercados, com bebedouros

p,ref. et 1.4 ed. lxxxiii

i a w

#

~i

#

ordem econômica persiste a parte pior do ponto de vista do bem-estar geral e das classes" trebalhaloras - desfeito em 88 o alimentou-os

o patriarcalisl.10 g--- . paro,, o escravo com certa largueza, socorreu-os na velhice e na doença, proporcionou-lhes aos filhos oportuidades de acesso social. o escravo foi substituído pelo pária de usina; a senzala pelo mucambo; o senhor de engenho pelo usineiro ou pelo capitalista ausente. muitas casas-grandes ficaram vazias, os capitalistas latifundiários ro-dando de automóvel pelas cidades, morando em chalés suíços e palacetes normandos, indo a paris se divertir com as francesas de aluguel.

devo exprimir meus agradecimentos a todos aqueles que me auxiliaram, quer no decorrer das pesquisas, quer no preparo do ms. e na revisão das provas deste ensaio. na revisão do ms. e das provas ajudou-me principalmente manuel bandeira. outro amigo, luís jardim, auxiliou-me a passar a limpo o rris. que entretanto acabou seguindo para o rio todo riscado e emendado. agradeço-lhes o concurso inteligente como também o daqueles que gentilmente me auxiliaram na tradução de trechos antigos de latim, de alemão e de holandês e em pesquisas de biblioteca e

folclóricas: meu pai - o dr. alfredo freyre; meu primo josé antônio gonsalves de meio, neto; meus amigos josé julio de albuquerque belo e sérgio buarque de holanda; maria bernarda, que bastante me instruiu em tradições culinárias; os ex-escravos e pretos velhos criados em engenho - luís mulatinho, maria curinga, jovina, bernarda. sérgio buarque traduziu-me do alemão quase o trabalho inteiro de wotjen. julio belo, no seu engenho de queimadas, reuniu-me interessantes dados folclóricos sobre relações de senhores com escravos. sozinho ou na companhia de pedro paranhos e cícero dias, realizei excursões para pesquisas folclóricas ou conhecimento de casas-grandes características, por vários trechos da antiga zona aristocrática de pernambuco. devo deixar

adequados, banheiros carrapaticidas, etc., de modo para manter um rebanho de 240.000 reses, que na base de 10% utilizável para o corte, forneceria 24.000 reses para o abougue 1 .... ]" (diário de pernambuco, 2 de abril de 1933). do assunto pretendo me ocupar com mais detalhes, em trabalho próximo. de passagem (tirei que não se compreendem os obstáculos criados, em pernambuco, a importação de carnes congeladas do rio grande do sul e de são paulo que viriam melhorar a qualidade da alimentação e baratear-lhe o preço, enquanto não se dê melhor destino, do ponto de vista do bem-estar geral, às terras sacrificadas à monocultura latifundiária. a não ser que os governos assim procedam sob a influência dos chamados "interesses inconfessáveis-.

lxxxiv g. f.

aqui meus agradecimentos a quantos me dispensaram sua hospitalidade

#

talidade durante essas excursões: alfredo machado, no engenho noruega, andré dias de arruda falcão, no engenho mupé, Gerônimo dias de arruda falcão, em dois leões, julio belo, em queimadas, a baronesa de contendás, em contendás, domingos de albuquerque, em ipojuca, edgar domingues, em raiz - verdadeiro asilo da velhice desamparada, onde fui encontrar centenário um, e octogenário., os outros, quatro remanescentes das relhas senzalas de engenho. o mais velho, luís mulatinho, com uma memória de anjo. doutras zonas, já minhas conhecidas velhas, recordarei gentilezas recebidas de joaquim cavalcanti, julio maranhão, pedro paranhos ferreira, senhor de luparanduba, neto do visconde e sobrinho do barão do rio branco, estácio coimbra, josé Nunes da cunha; da família lira, em alagoas; da família pessoa de meio, no norte de pernambuco; dos parentes do meu amigo josé Lins do rego, no sul da paraíba; dos meus parentes sousa e meio, no engenho de são severino dos ramos, em pau-d'alho - o primeiro engenho que conheci e que sempre hei de rever com emoção particular. meus agradecimentos a paulo prado, que me proporcionou tão interessante excursão pela antiga zona escravocrata que se estende do estado do rio a são paulo, hospedando-me depois, ele e luís prado, na fazenda de café de são martinho. agradeço-lhe também o conselho de regressar de são paulo ao rio por mar, em vapor pequeno, parando nos velhos portos coloniais; conselho que lhe costumava dar capistrano de abreu. o autor do retrato do brasil, desconfiado e comodista, nunca pôs em prática, a verdade, o conselho

do velho caboclo - talvez antevendo os horrores a que se sujeitam, no afã de conhecer trecho tão expressivo da fisionomia brasileira, os ingênuos que se entregam a vapores da marca do irati.

devo ainda agradecer gentilezas recebidas nas bibliotecas, arquivos e inuseus por onde andei vasculhando matéria: na biblioteca nacional de lisboa, no museu etnológico português, organizado e dirigido por um sábio - leite de vasconcelos; na biblioteca do congresso, em washington, especialmente na seção de documentos; na coleção oliveira lima, da universidade católica dos estados unidos - tão rica em livros raros, de viagem, sobre a américa portuguesa; na coleção john casper branner, da universidade de stanford, igualmente especializada em livros de cientistas estrangeiros sobre o brasil - cientistas que foram, muitas vezes, como saint-hilaire, koster, maria graham, spix, martius, gardner, mawe, e príncipe maximilianol excelentes observadores da vida social e de família dos brasileiros; na seção

pref. 4 1.a ed. lxxxv

i

h

li

#

#

de documentos da biblioteca de stanford, onde me servi da valiosa coleção de relatórios diplomáticos e de documentos parlamentares [ingleses] sobre a vida do escravo nas plantações brasileiras; na biblioteca nacional do rio de janeiro, hoje dirigida pelo meu amigo e mestre rodolfo garcia; na biblioteca do instituto histórico brasileiro, onde fui sempre tão gentilmente recebido por max fleiuss; na do instituto arqueológico pernambucano, no museu nina rodrigues da bahia; na seção de documentos da biblioteca do estado de pernambuco; no arquivo do cartório de ipojuca, cujos inventários do século xix constituem interessantes documentações para o estudo da economia escravocrata e da vida de família patriarcal,, na parte do arquivo da catedral de olinda - mss. de pastorais e relatórios de bispos sobre modas, moral sexual, relações de senhores com escravos, etc. - que o cónego carmo barata gentilmente facultou ao meu estudo. agradeço aos meus bons amigos andré e gerônimo dias de ardua falcão e alfredo machado terem-me franqueado seu arquivo de família, no engenho noruega, com documentos virgens, do tempo do capitão-mor manuel tomé de jesus, outros da época do barão de jundiá; alguns de vivo interesse para o estudo da social dos senhores de engenho; das suas relações com os escravos. a josé maria carneiro de albuquerque e melo, diretor da biblioteca do estado de pernambuco, agradeço as excelentes reproduções de piso, barões e henderson, que, a meu pedido, preparou para ilustração deste livro; a cícero dias e ao arquiteto carlos pacheco leão as plantas da casa-grande de noruega. um

nome me falia associar a este ensaio: o do meu amigo rodrigo m. f. de andrade. foi quem me animou a escrevê-lo e a publiç-lo.

lisboa, 1931

pernambuco, 1933

\_\_7~x7v

41. british and foreign state papers (londres), 1825-1841, e parliamentary papers (londres), especialmente reports from committees, sugar and coffee, planting, house of commons, session 1847-48.

lxxxviii v. f.

0 v- g, ' )

0,

- 1 - um fonseca galvão cujo pai por nativismo mudou o nome de família para carapeba.
- 2 - senhores de engenho.
- 3 - sinh-dona: penteado de dia de festa.
- 4 - meninas de engenho quase em idade de casamento. (segundo foto-

#

grafia da segunda metade do século xix.)

i

i

#

11

a consagradora opinião  
da critica mundial  
sobre a obra de gilberto freyre

roland barthes .(paris):

"gilberto freyre apresenta o homem histórico quase sem o desprender do seu corpo vivo, o que importa na quase realização da quadratura do círculo dos historiadores, o ponto último da investigação histórica, o empenho de michelet e de block agora atingido por alguém que possui o senso obsessional da substância, da matéria palpável, do objeto vivo. nisto parece ultrapassar os historiadores-sociólogos da europa como marc block e lucien fobvre e na verdade excede kay-serling, podendo ser comparado apenas com michelet. lamentável não ter tido ainda a França um intérprete assim dos primeiros séculos da sua formação."

ortega y gasset (espanha):

"pensador, além de antropólogo, de importância universal."

leon authias (eua):

"gilberto freyre é criador de um sistema de interpretação do homem capaz de durar séculos, como o de defoe, o de dostoiévski, o de proust, o de baizac."

bertram wolfe (eua):

"gilberto freyre projeta sobre a vida humana a espécie de luz e escreve com o talento literário geralmente mais associados aos autores de romances que aos de tratados sociológicos. a obra de g.f. não é so grande obra-prima brasileira, mas, ao mesmo tempo, uma obra-prima da literatura da nossa época e do nosso hemisfério."

jorge amado:

"só um idiota ou um invejoso sem remédio pode negar a enorme significação e a enorme importância de casa-grande & senzala. importância e significação permanentes. nenhum livro sacudiu o brasil como esse primeiro de gilberto freyre, nenhum abalou tão profundamente a opinião e tanto concorreu para que se escrevesse e se lesse em nossa pátria. foi um despertar e um abrir de caminhos. o livro de gilberto deslumbrava o país: falava-se dele como jamais se falara de livros; empregava-se a palavra "mestre" como na europa. nós todos que começávamos a escrever e publicar, sentíamos-nos orgulhosos do grosso volume que era uma revolução.

muito tempo, muita água correu, casa-grande & senzala guarda a mesma grandeza. discorde-se de idéias, de afirmações, de pontos de vista. mas como não sentir a alegria de admirar, de compreender e de afirmar sua importância?"

comissão julgadora, prêmio la madonip~a de literatura (itália):  
"obra de fulgurações geniais."

#

otávio de faria

". .. tornou-se mestre para todos nós."

roquette-pinto:

"casa-grande & senzala nasceu obra clássica."

n.r.f. (paris):

"nada de seco nem abstrato em maitres et esclaves. (c.-g.&s.) onde, ao contrário, se encontra uma multidão de detalhes humanos, descrição da natureza e do coração do homem, que fazem de um livro científico uma epopéia tão apaixonante como a guerra e paz, de tolstoi, ou o dom quixote."

ansio teixeira:

"l... escritor em quem a ciência, longe de limitar, amplia e projeta o gênio."

asa briggs (reitor da universidade inglesa de sussex e autor de victorian people):

"c.-g. & s., tendo sido uma revelação para os próprios brasileiros do que realmente são, é um triunfo universal, e não apenas nacional, de saber. notável na literatura da história social, é obra de literatura

pelas suas próprias virtudes literárias e demonstrações brilhante de que a antropologia e a sociologia podem recriar, para o homem, um sentido de passado como vida na sua totalidade [ ... ] se o saber de gilberto freyre assim orientado transborda das ciências especializadas em literatura, em sua vida se reflete aquela unidade de espírito e de propósito que é a única capaz de fazer que uma imaginação como a sua, ligada à vida, se realize em criação. em demonstração de criatividade."

austregosilo de athayde:

"a primeira fidelidade, a fidelidade exemplar de gilberto, é ao trabalho e basta ver o número dos seus livros, tão variados quanto densos, livros sem leviandade, nascidos do estudo, da meditação, de algumas intuições que o levaram a redescobrir e explicar o brasil. não apenas o brasil nordestino, o que já seria muito, uma vez que no nordeste é que se encontram as raízes mestras da nacionalidade. mas o brasil inteiro, em dimensões e latitudes, em sua diversidade étnica, em seus costumes, hábitos,

usan-

das e folclore, não havendo nesse particular comarca do conhecimento que gilberto não haja pei---lustrado. e sempre de maneira corajosa,

espontânea,

dizendo o que é preciso sem medo, e até desafiador, quando o desafio visa a provocar o diálogo e o esclarecimento. os seus caminhos, os caminhos da sua inteligência, são firmes e claros e deles ninguém o desvia, tal a varonilidade e retidão com que os percorre, firme entre o vozerio esconso das contestações. porque nasceu para dizer o que pensa e para assumir responsabilidades por conta própria. um guia desbravador e jamais um sequaz submisso. eis gilberto, que é aos oitenta o que foi aos vinte, e nisso não pode haver glória maior."

#

su-te nordestina.

música do compositor brasileiro  
lourenço barbosa, o capiba,  
cujo 4.º movimento é inspirado  
em casa-grande & senzala.

na dedicatória lê-se:  
"ao grande sociólogo brasileiro  
gilberto freyre,  
esta simples homenagem  
do capiba.---

- 4 27

31 n ~0-5-,q

----r , c-- l ~ e \_~ , t~ \_i~rr 5 l -l -

de rio gilberto freyre recebe do chanceler magalhães pinto a ordem  
governo da branco no grau da grã-Cruz, com que foi agraciado pelo  
gentileza de república. (foto do jornal do comércio, rio de janeiro,  
teófilo, de andré).

#

ca.va-grande do engenho riqueza. pernambuco.

---0mais brasileiro dos livros j0 escritos. creio que poder0amos prescindir de qualquer dos nossos ensaios e novelas, mesmo que sejam o que de melhor se tem escrito. mas n0o passar0amos sem casa-grande & senzala sem ser diferentes. em certa medida, gilberto freyre fundou o brasil no plano cultural, tal como cervantes; fez com a espanha, cam0es com port0gal, toistoi com a r0ssia, sartre com a fran0a."  
darcy ribeiro

casa-gr,knde

senzaln

iw~p -

. \_"?2

i

#

0 mem0ria dos meus av0s  
francisca da cunha teixeira de mello  
alfredo alves da silva freyre  
maria raymunda da rocha wanderley  
ulysses pernambucano de mello

solar de santo ant0nio  
de apipt0cos, no recife  
(desenho de m. bandeira).

%~e=  
0-,

f  
forma00o de uma sociedade  
p(  
fo iv  
~~agr ia, escravocrata e hibrida

car.acteristicas gerais  
da coloniza00o  
portuguesa do brasil:

i l

est0 veis que na 0 0ndia  
que se realizaria a prova  
a agricultura; as condi0es,



a regularidade do trabalho

ua~ em 1532 se organizou econ"mica e civilmente a sociedade brasileira, j foi depois de um s"culo inteiro de contato dos portugueses com os tr"picos; de demonstrada na "ndia e na "frica sua aptid"o para a vida tropical. mudado em s"o vicente e em pernambuco o rumo da coloniza"o portuguesa do f cil, mercantil, para o agr"cola; organizada a sociedade colonial sobre base mais s"lida e em condi"es mais ou nas feitorias africanas, no brasil " definitiva daquela aptid"o. a base, a estabilidade patriarcal da fam"lia, por meio da escravid"o, a uni"o do portugu"es com a m-lher "ndia, incorporada assim ... cultura econ"mica e social do invasor

formou-se na am"rica tropical uma sociedade agr rria na estrutura, escravocrata na t"cnica de explora"o econ"mica, h"brida de "ndio - e mais tarde de negro - na composi"o. sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consci"ncia de ra"a, quase nenhuma no portugu"es cosmopolita e pl stico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e pol"tica. menos pela a"o oficial do que pelo bra"o e pela espada do particular. mas tudo isso subordinado ao esp"rito pol"tico e de realismo economico e jur"dico que aqui. como em portugal, ' foi desde o primeiro s"culo elemento decisivo de forma"o nacional; sendo que entre n"os atrav"s das grandesifamilias propriet rias e aut"nomas: senhores de engenh&, com altar e capel"oWentro de casa-e "ndios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes ...s suas ordenik, donos de terras e de escravos que dos senados de c"mara falaram sempre grosso aos

4 g, f.

representantes d'el-rei e pela voz liberal dos filhos padres ou doutores clamaram contra'toda esp"cie de abusos da metr"pole e da pr"pria madre igreja. bem diversos dos criollos ricos e dos ~achar"eis letrados da am"rica espanhola - por longo tempo inermes ... sombra dominadora das catedrais e dos pal cios dos vice-reis, ou constitu"dos em cabildos que em geral s" faziam

servir de manga"o aos reiriffis todo-poderosos.

a singular predisposi"o do portugu"es para a coloniza"o h"brida e escravocrata dos tr"picos, explica-a em grande parte o seu passado "tnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a europa e a "frica.. nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. a influ"ncia africana fervendo sob a europa e dando um acre requeime ... vida sexual, ... alimenta"o, ... religio; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande popula"o brancarana quando n"o predominando em regi"es ainda hoje de gente escura;2 o ar da "frica, um ar quente, oleoso,

amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, ... arquitetura gótica, '... disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. a europa reinando mas sem governar; governando antes a África.

corrigindo até certo, ponto tão grande influência do clima amolecedor, atuaram sobre o caráter português, entesando-o, as condições sempre tensas e vibrantes de contato humano entre a europa e a África; o constante estado de guerra (que entretanto não excluiu nunca a miscigenação nem a atração sexual entre as duas raças, muito menos o intercuro entre as duas culturas), -18 a atividade guerreira, que se compensava do intenso esforço militar relaxando-se, após a vitória, sobre o trabalho agrícola e industrial dos cativos de guerra, sobre a escravidão ou a semi-escravidão dos vencidos. hegemônias e subserviências essas que não se perpetuavam; revezavam-se tal como no incidente dos sinos de santiago de compostela. os quais teriam sido mandados levar pelos mouros ... mesquita de córdoba ... costas dos cristãos e por estes, séculos mais tarde, mandados reconduzir ... galiza ... costas dos mouros.

quanto ao fundo considerado autóctone de população tão movediça, uma persistente massa de delicos morenos, cuja cor a África rabe e mesmo negra, alagando de gente sua largos trechos da península, mais de uma vez veio avivar de pardo ou de preto. era como se os sentisse intimamente seus por afinidades remotas apenas empalidecidas; e não os quisesse desvanecidos sob as ca-

i

i

adas sobrepostas de nórdicos nem transmutados pela sucessão e culturas europeizantes. toda a invasão de celtas, germanos, omanos, normandos - o anglo-escandinavo, o h. europaeus l., feudalismo, o cristianismo, o direito romano, a moriogantia.

ue tudo isso sofreu restrição ou refração num portugal influenciado pela África, condicionado pelo clima africano, solapado pela mística sensual do islamismo.

"em vão se procuraria um tipo físico unificado% notava h anos em portugal o conde hermann de keyserling. o que ele observou foram elementos os mais diversos e mais opostos, "figuras com ar escandinavo e negróides", vivendo no que lhe pareceu "união profunda". "a raça não tem aqui papel decisivo", concluiu o arguto observador.6 e j da sociedade mo rabe escreveu alexandre herculano: "população indecisa no meio dos dois bandos contendores [nazarenos e maometanos], meia cristão, meia sarracena, e que em ambos contava parentes, amigos, simpatias de crenças ou de costumes."7

esse retrato do portugal histórico, traçado por herculano, talvez possa estender-se ao pré e pré-histórico; o qual nos vai sendo revelado -pela arqueologia e pela antropologia tão dúbio e indeciso quanto o histórico. antes dos rabes e berberes: capsenses, libifênios, elementos africanos mais remotos. o h.

taganus.8 ondas semitas e negras, ou negróides, batendo-se com as do norte.

a indecisão étnica e cultural entre a europa e a África parece ter sido sempre a mesma em portugal como em outros trechos da península. espécie de bicontinentalidade que correspondesse em população assim vaga e incerta ... bissexualidade no indivíduo. e gente mais , flutuante que a portuguesa, dificilmente se imagina; o bambo equilíbrio de antagonismos reflete-se em tudo o que é seu, dando-lhe ao comportamento uma fácil e frouxa flexibilidade , ...s vezes perturbada por dolorosas hesitações,9 e ao car ter uma especial' riqueza de aptidões, ainda que não raro incoerentes e difíceis de se conciliarem para a expressão útil ou para a iniciativa prática.

ferraz de macedo, a quem a sensibilidade patriótica de seus contemporâneos não perdoa o amargo de algumas conclusões justas, entre muitas de um grosso exagero, procurando definir o tipo normal português, deu logo com a dificuldade fundamental: a falta de um tipo dinâmico determinado. o que encontrou foram hábitos, aspirações, interesses, vícios, virtudes variadíssimas e com origens diversas - étnicas, dizia ele; culturais, talvez dissesse mais cientificamente.

6 9- f-

entre outros, verificou ferraz de macedo no português os seguintes caracteres desenhados: a "genesia violenta" e o segu,

--gosto pelas anedotas de fundo erótico", "o brio, a franqueza, a lealdade"; a pouca iniciativa individual, "o patriotismo vibrante% ta imprevidência", "a inteligência% "o fatalismo% "a primorosa aptidão para imitar"."

mas o luxo de antagonismos no-car ter português, surpreendeu-o magnificamente e de queiros. o seu gonçalo, xa illustre casa de ramires, é mais, que a síntese do fidalgo" - é a síntese do português de não importa que classe ou condição. que todo ele é e tem sido desde ceuta, da india, da descoberta e tia colonização do brasil como o gonçalo ramires: "cheio de fósforo e em fumo" mas persistente e duro "quando se fala ... sua ideia"; de "uma imaginação que o leva [ ... ] a exagerar até a mentira" e ao mesmo tempo de um "espírito prático sempre atento ... realidade útil"; de uma " vaidade", de "uns escrúpulos de honra", de "um gosto de se arrebejar, de luzir" que vão quase ao ridículo, mas também de uma grande "simplicidade"; melancólico ao mesmo tempo que "palrador , sociável; generoso, desleixado, trapalhão nos negócios; vivo e fácil em "compreender as coisas": sempre ... espera de "algum milagre, do velho ourique que sanar todas as dificuldades", "desconfiado de si mesmo, acovardado, encolhido, até que um dia se decide e aparece um, herói."12 extremos desenhados de introversão e extroversão ou alternativas de sintonia e esquizoidia., como se diria em moderna linguagem científica.

considerando no seu todo, o car ter português d -nos prin-

principalmente a ideia de "vago impreciso" pensa o crítico e historiador inglês aubrey bell; e essa imprecisão que permite ao português reunir dentro de si tantos contrastes impossíveis de se ajustarem no duro e anguloso castelhano, de um perfil mais definitivamente gótico e europeu.<sup>13</sup> o caráter português - comparado do mesmo bell - é como um rio que vai correndo muito calmo e de repente se precipita em quedas de água: da "passagem do "fatalismo" a "rompantes de esforço heróico"; da "apatia" a

"explosões de energia na vida particular e a revoluções na vida pública"; da "docilidade" a "ímpetos de arrogância e crueldade";

1~

da "indiferença" a "fugitivos entusiasmos" "amor ao progresso", "dynamismo"... é um caráter todo de arrojados saltos que entre um ímpeto e outro se compraz em certa indolência voluptuosa muito oriental, na saudade, no fado, no lausperene. "místicos e poéticos" - são ainda os portugueses segundo bell (o inglês que depois de beckford melhor tem sentido e compreendido a gente

acho entusiasmos que acabam logo

c,-g. & s. 7

,;li

i

k

e a vida de portugal), "com intervalos de intenso utilitarismo [ .... ] caindo dos sonhos vãos numa verdadeira volúpia de proveito imediato; das alturas da alegria na tristeza, no desespero, no suicídio; da vaidade no pessimismo [ .... ] alternando a indolência com o amor da aventura e do esporte".<sup>14</sup>

o que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do brasil, a formação sui generis da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos.

v rios antecedentes dentro desse de. ordem geral - bicontinentalidade, ou antes, dualismo de cultura e de raça - impoem-se ... nossa atenção em particular: um dos quais a presença, entre os elementos que se juntaram para formar a nação portuguesa,

dos de origem ou estoque semita,15 gente de uma mobilidade, de uma plasticidade, de uma adaptabilidade tanto social como física que facilmente se surpreendem no português navegador e cosmopolita do século xv.113 hereditariamente predisposto ... vida nos trópicos por um longo habitai tropical, o elemento semita, móvel e adaptável como nenhum outro, ter dado ao colonizador português do brasil algumas das suas principais condições físicas e psíquicas de êxito e de resistência.' entre outras, o realismo econômico que desde cedo corrigiu os excessos de espírito militar e religioso na formação brasileira.

a mobilidade foi um dos segredos da vitória portuguesa; em ela não se explicaria ter um português quase sem gente,17 um pessoalzinho ralo, insignificante em número - sobejo de quanta epidemia, fome e sobretudo guerra afligi a península na idade média - conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue e de cultura populações tão diversas e a tão grandes distâncias umas das outras: na Ásia, na África, na América, em numerosas ilhas e arquipélagos. a escassez de capital-homem, suprimam-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, numa atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do estado.

os indivíduos de valor, guerreiros, administradores, técnicos, eram por sua vez deslocados pela política colonial de lisboa como peças num tabuleiro de jogo: da Ásia para a América ou da África para a África, conforme conveniências de momento ou de religião. a duarte coelho, enriquecido pela experiência da Índia, entrega dom joão III a nova capitania de pernambuco;

seus filhos, jorge e duarte de albuquerque, adestrados nos combates contra os Índios americanos, são chamados ...s guerras mais esperas na África; da madeira vem para os engenhos do norte do brasil técnicos no fabrico do açúcar. aproveitam-se os navios da carreira das Índias para o comércio com a colônia americana. transportam-se da África para o trabalho agrícola no brasil nações quase inteiras de negros. uma mobilidade espantosa. o domínio imperial realizado por um número quase ridículo de europeus correndo de uma para outra das quatro partes do mundo então conhecido como num formidável jogo de quatro cantos."

quanto ... miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. a miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssima... para tal processo prepararam-se a íntima convivência, o intercuro social e sexual com raças de

cor, invasora ou vizinhas da península, uma delas, a de fé ino- metana, em condições superiores, técnicas e de cultura intelectual e artística, ... dos cristãos louros.<sup>19</sup>

o longo contato com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos,<sup>20</sup> envolta em misticismo sexual - sempre de encamado,<sup>21</sup> sempre penteando os cabelos ou ba- nhando-se nos rios ou nas guas das fontes mal-assombradas<sup>22</sup> - que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as Índias nuas e de cabelos soltos do Brasil. que estas tinham também os olhos e os cabelos pretos, o corpo pardo pin- tado de vermelho, <sup>23</sup> e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo.<sup>24</sup> além do que, eram gordas como as mouras. apenas menos ariscas: por, qual-

i

quer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos "carabos" gulosos de mulher.

em oposição ... lenda da moura-encantada, mas sem alcançar nunca o mesmo prestígio, desenvolveu-se a da moura-torta. nesta vazou-se porventura o ciúme ou a inveja sexual da mulher loura contra a de cor. ou repercutiu, talvez, o ódio religioso: o dos cristãos louros descidos do norte contra os infiéis de pele escura. ódio que resultaria mais tarde em toda a Europa na idealização do tipo louro, identificado com personagens angélicas e divinas em detrimento do moreno, identificado com os anjos maus, com os decaídos, os malvados, os traidores. <sup>25</sup> o certo é que, no século xvi, os embaixadores mandados pela república de Veneza ...s espanhas a fim de cumprimentarem o rei Felipe II, notaram que em Portugal algumas mulheres das classes altas tingiam os cabelos de "cor loura" e l na Espanha várias "arrebocavam o rosto de branco e encarnado" para "tornarem a pele, que é algum tanto ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as trigueiras são feias".<sup>26</sup>

pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. a moda de mulher loura, limitada ali s ...s classes altas, ter sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. com relação ao Brasil, que o diga o ditado: "branca para casar, mulata para f . . . . , negra para trabalhar" ;<sup>27</sup> ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. ali s o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as "virgens plidas" e as "louras donzelas". estas surgem num ou noutro soneto, numa ou noutra modinha do século xvi ou xix. mas sem o relevo das outras.

outra circunstância ou condição favoreceu o português, tanto quanto a miscelibilidade e a mobilidade, na conquista de terras e no domínio de povos tropicais: a aclimatabilidade.

nas condições físicas de solo e de temperatura, Portugal é antes África do que Europa. O chamado "clima português" de Martone, único na Europa, é um clima aproximado do africano. Estava assim o português predisposto pela sua mesma mesologia ao contato vitorioso com os trópicos: seu deslocamento para as regiões quentes da América não traria as graves perturbações da adaptação nem as profundas dificuldades de aclimação experimentadas pelos colonizadores vindos de países de clima frio,

10 g. f.

por mais que Gregory insista<sup>28</sup> em negar ao clima tropical a tendência para produzir per se sobre o europeu do norte efeitos de degeneração, recordando ter Elkington verificado em 1922 na colônia holandesa de Kissav, fundada em 1783, condições satisfa-

tórias de salubridade e prosperidade sem nenhuma evidência de degeneração física ("obvious evidence of physical degeneration") entre os colonos louros,<sup>29</sup> grande é a massa de evidências que parecem favorecer o ponto de vista contrário: o daqueles que pensam revelar o nórdico fraco ou nenhuma aclimatabilidade nos trópicos. O professor Oliveira Vianna, desprezando com extrema parcialidade depoimentos como os de Elkington e Gregory, aos quais nem sequer alude, reuniu contra a pretendida capacidade de adaptação dos nórdicos aos climas tropicais o testemunho de alguns dos melhores especialistas modernos em assunto de climatologia, e antropogeografia: Taylor, Glenn Trewarka, Huntington, Karl Sapper. Deste cita o sociólogo brasileiro expressivo juízo sobre os esforços colonizadores dos europeus do norte nos trópicos: ---os europeus do norte não têm conseguido constituir, nos planaltos tropicais, senão estabelecimentos temporários. Eles têm tentado organizar, nestas regiões, uma sociedade permanente de base agrícola, em que o colono viva do seu próprio trabalho manual; mas em todas essas tentativas têm fracassado."<sup>30</sup> Mas Taylor,<sup>31</sup> talvez, aquele dentre os antropólogos cujas conclusões se contrapõem com mais força e atualidade ...s de Gregory. Antes dos estudos de Taylor e de Huntington, de antropogeografia e antropologia cultural e dos de Dexter, de climatologia, Benjamin Kidd observara quanto ... aclimação dos europeus do norte nos trópicos: "todas as experiências nesse sentido têm sido vãs e inúteis esforços desde logo destinados a fracasso (condemned to failure).<sup>32</sup> e Mayo Smith concluiu do ponto de vista da estatística aplicada ... sociologia: "as nossas estatísticas não são suficientemente exatas para indicarem ser impossível aclimatar-se permanentemente o europeu nos trópicos, mas mostram ser isto extremamente difícil."

ao contrário da aparente incapacidade dos nórdicos, é que os portugueses têm revelado tão notável aptidão para se aclimatarem em regiões tropicais. É certo que através de muito maior miscibilidade que os outros europeus: as sociedades coloniais de forma portuguesa têm sido todas híbridas, umas mais, outras menos. No Brasil, tanto em São Paulo como em Pernambuco - os dois grandes focos de energia criadora nos primeiros séculos da colonização, os paulistas no sentido horizontal, os pernambuca-

nos no vertical<sup>34</sup> - a sociedade capaz de tão notáveis iniciativas

Como as bandeiras, a catequese, a fundação e consolidação da agricultura tropical, as guerras contra os franceses no Maranhão contra os holandeses em Pernambuco, foi uma sociedade constituída com pequeno número de mulheres brancas e larga e profundamente mestiçada de sangue indígena. Diante do que torna-se difícil, no caso dos portugueses, distinguir o que seria aclimatabilidade de colonizador branco - já de si duvidoso na sua pureza étnica e na sua qualidade, antes convencional que genuína de europeu. - da capacidade de mestiço, formado desde o primeiro momento pela união do adventício sem escrúpulos nem consciência de raça com mulheres da vigorosa gente da terra.

De qualquer modo o certo é que os portugueses triunfaram onde outros europeus falharam: de forma portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e qualidades de permanência. Qualidades que o Brasil madrugaram, em vez de se retardarem como nas possessões tropicais de ingleses, franceses e holandeses.

Outros europeus, estes brancos, puros. Delíco-louros habitantes de clima frio, ao primeiro contato com a América equatorial cumbiriam ou perderiam a energia colonizadora, a tensão moral, a própria saúde física, mesmo a mais rija, como os puritanos colonizadores de Old Providence; os quais, da mesma fibra que os pioneiros da Nova Inglaterra, na ilha tropical se deixaram espapar nuns dissolutos e moleiros.<sup>311</sup>

Não foi outro o resultado da emigração de loyalists ingleses à Geórgia e de outros dos novos Estados da União Americana para as Ilhas Baamas - duros ingleses que o meio tropical em menos de 50 anos amolengou em "poor white trash";<sup>36</sup> o mesmo seria provavelmente sucedido aos calvinistas franceses que no século XVII tentaram muito ansiosos e triunfantes estabelecer no Brasil uma colônia exclusivamente branca e daqui se retiraram sem deixar traços de sua ação colonizadora. Os que deixaram foi em areia de praia; ou então em recifes por onde andaram se agarrando os mais persistentes dos companheiros de Ville-gaignon antes de abandonarem definitivamente as costas brasileiras.<sup>37</sup> A estes, sim, poderia Frei Vicente do Salvador ter chamado de caranguejos: limitaram-se com efeito a arranhar o litoral.

Nem convém esquecer que os franceses, desde 1715 estabelecidos nas Ilhas Reunião e Maurício, mostram-se hoje inferiores em energia e eficiência aos das primeiras gerações.<sup>38</sup>

Não três nem quatro, mas duas gerações apenas bastaram para enlanguescer os anglo-americanos que foram estabelecer-se

12 g. f.

i

i

em Havana.<sup>39</sup> e sempre recorda que a pesquisa realizada em



1900 pela international harvester company of america revela o enlariquescimento da energia alemã no sul do brasil, região, ~, subtropical.40

o português não: por todas aquelas felizes predisposições de raça 1 a, de mesologia e de cultura a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como suprir a estrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulher de cor. pelo intercuro com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dóctil população. a falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o ... imediata miscigenação - contra o que não o indispunham, aliás, escrúpulos de raça, apenas preconceitos religiosos - foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos trópicos. vantagem para a sua melhor adaptação, sendo biológica, social.

semple nega aos movimentos de população europeia n...s regiões tropicais da Ásia, Austrália, África e América, e de americana nas Filipinas, o carácter de genuína expansão única: parece-lhe que até hoje a colonização europeia e anglo-americana dos trópicos tem sido antes exploração económica ou domínio político:41 a colonização do tipo que representam os setenta e seis mil ingleses que dirigem por assim dizer de luvas e preservados de mais íntimo contacto com os nativos por perfil tir-os de borracha os negócios comerciais e políticos da Índia. abre sempre excepção para os portugueses que pela hibridização42 realizariam no Brasil obra verdadeira de colonização, vencendo a adversidade do clima.

embora o clima j ninguém o considere o senhor-deus todo-poderoso' de antigamente, é impossível negar-se a influência que exerce na formação e no desenvolvimento das sociedades, sendo directa, pelos efeitos imediatos sobre o homem, indirecta pela sua relação com a produtividade da terra, com as fontes de nutrição, e com os recursos de exploração económica acessíveis ao povoador.

estão meio desacreditadas as doenças tropicais. não se nega, porém, que o clima, por se ou através de fatos sociais ou económicos por ele condicionados, predisponha os habitantes dos países quentes a doenças raras ou desconhecidas nos países de clima frio.43 que diminua-lhes a capacidade de trabalho." que os excite aos crimes contra a pessoa." do mesmo modo que parece

c-9- & a 13

i

demonstrado resistirem umas raças melhor do que outras a certas influências patogónicas peculiares, no carácter ou intensidade, ao clima tropical.46

a importância do clima vai sendo reduzida ... proporção que dele se desassociam elementos de algum modo sensíveis ao domínio ou ... influência modificadora do homem. parece demonstrado, por experiências recentes, que nos é possível modificar pela drenagem a natureza de certos solos, influenciando assim as fontes de umidade para a atmosfera; alterar a temperatura pela irrigação de terras secas; quebrar a força dos ventos ou mudá-lhes a direção por meio de grandes massas de arvoredos convenientemente plantadas. isso sem falar nas sucessivas vitórias que vêm sendo obtidas sobre as doenças tropicais, amansadas quando não subjugadas pela higiene ou pela engenharia sanitária.

de modo que o homem já não é o antigo man-gostoso de carne abrindo os braços ou deixando-os cair, ao aperto do calor ou do frio. sua capacidade de trabalho, sua eficiência econômica, seu metabolismo alteram-se menos onde a higiene e a engenharia sanitária, a dieta, a adaptação do vestuário e da habitação ...s novas circunstâncias criam-lhe condições de vida de acordo com o físico e a temperatura da região. os próprios sistemas de comunicação moderna - telefones, rádios e higiênicos - fazem mudar de figura um problema outrora importantíssimo ligado ...s condições físicas de solo e de clima: o da qualidade e até certo ponto o da quantidade de recursos de alimentação ao dispor de cada povo. ward salienta a importância do desenvolvimento da navegação a vapor, mais rápida e regular que a navegação ... vela: veio beneficiar grandemente as populações tropicais .47 o mesmo pode dizer-se com relação aos processos de preservação e refrigeração dos alimentos. por meio desses processos e da moderna técnica de transporte, o homem vem triunfando sobre a dependência absoluta das fontes de nutrição regionais a que estavam outrora sujeitas as populações coloniais dos trópicos.

neste ensaio, entretanto, o clima a considerar é o cru e quase que todo-poderoso aqui encontrado pelo português em 1500: clima irregular, palustre, perturbador do sistema digestivo; clima na sua relação com o solo desfavorável ao homem agrícola e particularmente ao europeu, por não permitir nem a prática de sua lavoura tradicional regulada pelas quatro estações do ano nem a cultura vantajosa daquelas plantas alimentares a que ele estava desde há muitos séculos habituado .48

o português no brasil teve de mudar quase radicalmente o seu sistema de alimentação, cuja base se deslocou, com sensível

14 g. f.

deficit, do trigo para a mandioca; e o seu sistema de lavoura, que a 5 condições físicas e químicas de solo, tanto quanto as de temperatura ou de clima, não permitiram fosse o mesmo doce trabalho

das terras portuguesas. a esse respeito o colonizador inglês dos estados unidos levou sobre o português do brasil decidida vantagem, ali, encontrando condições de vida física e fontes de nutrição semelhantes ...s da metrópole. no brasil verificaram-se necessariamente no povoador europeu desequilíbrios de morfologia tanto quanto de eficiência pela falta em que se encontrou de súbito dos mesmos recursos químicos de alimentação do seu

países de origem. a falta desses recursos como a diferença nas condições meteorológicas e geológicas em que teve de processar-se o trabalho agrícola realizado pelo negro mas dirigido pelo europeu ... obra de colonização dos portugueses uni caráter de obra criadora, original, a que não pode aspirar nem a dos ingleses na América do norte nem a dos espanhóis na Argentina.<sup>49</sup>

embora mais aproximado o português que qualquer colônizador europeu da América do clima e das condições tropicais, foi, ainda assim, uma rude mudança a que ele sofreu transportando-se ao Brasil. dentro das novas circunstâncias de vida física, comprometeu-se a sua vida econômica e social.

- tudo era aqui desequilíbrio. grandes excessos e grandes deficiências, as da Nova Terra. o solo, excetuadas as manchas de terra preta ou roxa, de excepcional fertilidade, estava longe de ser o bom de se plantar nele tudo o que se quisesse, do entusiasmo do primeiro cronista. em grande parte rebelde ... disciplina agrícola. Espera, intratável, impermeável. - os rios, outros inimigos da regularidade do esforço agrícola e da estabilidade da vida de família. enchentes mortíferas e secas esterilizantes - tal o regime de suas águas. e pelas terras e matagais de tão difícil cultura como pelos rios quase impossíveis de ser aproveitados economicamente na lavoura, na indústria ou no transporte regular de produtos agrícolas - viveiros de larvas, multidões de insetos e, de vermes nocivos ao homem.

particularmente ao homem agrícola, a quem por toda parte afligem mal ele inicia as plantações, as "formigas que fazem muito dano" ... lavoura; a "lagarta das roças"; as pragas que os feiticeiros Índios desafiam os padres que destruam com os seus sinais e as suas rezas. <sup>50</sup>

contrastem-se essas condições com as encontradas pelos ingleses na América do norte, a começar pela temperatura: substancialmente a mesma que a da Europa Ocidental (média anual 56° f), considerada a mais favorável ao progresso econômico e

o.-g. a s. 15

... civilização ... europeia. de modo que não parece tocar ao caso brasileiro a generalização do professor Bogart sobre o povo por ele vagamente chamado de "raça latino-americana". o qual nem por -se achar rodeado de grandes "riquezas naturais" se teria elevado ... as mesmas condições de progresso agrícola e industrial que os anglo-americanos. essa incapacidade atribuí o economista a ser a tal "raça latino-americana" "a weak, ease loving race" e não "a virile, energetic people" como os anglo-americanos. estes, sim, souberam desenvolver os recursos naturais ... sua disposição: "devoted themselves to the exploitation of the natural resources with wonderful success".<sup>41</sup> mas foi esse mesmo povo tão viril e enérgico que fracassou em Old Providence e nas Baamas.

o português vinha encontrar na América tropical uma terra de vida aparentemente fácil; na verdade difícil para quem quisesse aqui organizar qualquer forma permanente ou adiantada de economia. e de sociedade. se é certo que nos países de clima quente o homem pode viver sem esforço da abundância de produtos espontâneos, convém, por outro lado, não esquecer que igualmente exuberantes são, nesses países, as formas perniciosas

de vida vegetal e animal, inimigas de toda cultura agrícola organizada, e de todo trabalho regular e sistemático.

no homem e nas sementes que ele planta, nas casas que edifica, nos animais que cria para seu uso ou subsistência, nos arquivos, e bibliotecas que organiza para 'sua cultura intelectual, nos produtos úteis ou de beleza que saem de suas mãos - em tudo se metem larvas, vermes, insetos, roendo, esfuracando, corrompendo. semente, fruta, madeira, papel, carne, músculos, vasos linfáticos, intestinos, o branco do olho, os dedos dos pés, tudo fica ... mercê de inimigos terríveis.

foi dentro de condições físicas assim adversas que se exerceu o esforço civilizatório dos portugueses nos trópicos. tivessem sido aquelas condições as fúteis e doces de que falam os panegiristas da nossa natureza e teriam razão os sociólogos e economistas que, contrastando o difícil triunfo lusitano no Brasil com o rápido e sensacional - dos ingleses naquela parte da América de clima estimulante, flora equilibrada, fauna antes auxiliar que inimiga do homem, condições agrológicas e geológicas favoráveis, onde hoje esplende a formidável civilização dos Estados Unidos, concluem pela superioridade do colonizador louro sobre o moreno.

antes de vitoriosa a colonização portuguesa do Brasil, não se compreendia outro tipo de domínio europeu nas regiões tropicais que não fosse o da exploração comercial através de feitorias ou da pura extração de riqueza mineral. em nenhum

i

16 e. f.

i

dos casos se considerara a sério o prolongamento da vida européia

ou a adaptação dos seus valores morais e materiais a meios e climas tão diversos; tão morbidos e dissolventes.

o colonizador português do Brasil foi o primeiro dentre os colonizadores modernos a deslocar a base da colonização tropical da pura extração de riqueza mineral, vegetal ou animal - o ouro, a prata, a madeira, o âmbar, o marfim - para a de criação local de riqueza. ainda que riqueza - a criada por eles sob a pressão das circunstâncias americanas - ... custa do trabalho escravo: tocada, portanto, daquela perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade de produzir valores para a de explorá-los, transportá-los. ou adquiri-los.

semelhante deslocamento, embora imperfeitamente realizado, importou numa nova fase e num novo tipo de colonização: a "colônia de plantação" caracterizada pela base agrícola e pela permanência do colono na terra, em vez do seu fortuito contato, com o meio e com a gente nativa. no Brasil iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos por uma técnica econômica e por uma política social inteiramente novas: apenas esboçadas nas ilhas subtropicais do Atlântico. a primeira: a utilização e o desenvolvimento de riqueza vegetal pelo -capital e pelo esforço do particular; a agricultura; a sesmaria; a grande

lavoura escravocrata. a segunda: o aproveitamento da gente nativa, principalmente da mulher, não só como instrumento de trabalho mas como elemento de formação da família. semelhante-política foi bem diversa da de extermínio ou segregação seguida por largo tempo no México e no Peru pelos espanhóis, exploradores de minas, e sempre e desbragadamente na América do norte pelos ingleses.

a sociedade colonial no Brasil, principalmente em Pernambuco e no Recôncavo da Bahia, desenvolveu-se patriarcal e aristocraticamente ... sombra das grandes plantações de açúcar, não, em grupos a esmo e instáveis; em casas-grandes de taipa ou de pedra e cal, não em palhoças de aventureiros. observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil, "especialmente ao norte, constituiu-se aristocraticamente, isto é, as casas de Portugal enviaram ramos para o ultramar, desde todo o princípio a colônia apresentou um aspecto diverso das turbulentas migrações dos castelhanos na América central e ocidental".<sup>52</sup> e antes dele já escrevera Southey que nas casas de engenho de Pernambuco, encontravam-se, nos primeiros séculos de colonização, as decorações e o conforto que debalde se procurariam entre as populações do Paraguai e do Prata.<sup>53</sup>

c.-g. & s. 17

no Brasil, como nas colônias inglesas de tabaco, de algodão e de arroz da América do norte, as grandes plantações foram obra não do estado colonizador, sempre sumário em Portugal, mas de corajosa iniciativa particular. esta é que nos trouxe pela mão de um Martim Afonso, ao sul, e principalmente de um Duarte Coelho, ao norte,<sup>54</sup> os primeiros colonos sólidos, as primeiras famílias, as primeiras sementes, o primeiro gado, os primeiros animais de transporte, plantas alimentares, instrumentos agrícolas, mecânicos judeus para as oficinas de açúcar, escravos africanos para o trabalho de eito e de bagaceira (de que logo se mostrariam incapazes os indígenas molengos e inconstantes). foi a iniciativa particular que, concorrendo ... s sesmarias, dispôs-se a vir povoar e defender militarmente, como era exigência real, as muitas léguas de terra em bruto que o trabalho negro fecundaria. como Payne Salienta, na sua *History of European Colonies*, os portugueses colonizadores do Brasil foram os primeiros europeus a verdadeiramente se estabelecerem em colônias, vendendo para esse fim quanto possuíam em seu país de origem e transportando-se com a família e cabedais para os trópicos.<sup>55</sup>

Leroy-Beaulieu<sup>56</sup> assinala como uma das vantagens da colonização portuguesa da América tropical, pelo menos, diz ele, nos dois primeiros séculos, "a ausência completa de um sistema regular e complicado de administração", a "liberdade de ação" ("la liberté d'action que i'on trouvait dans ce pays peu gouverné") característica do começo da vida brasileira. ---vorganisation coloniale ne précède pas, elle suit le développement de la colonisation", observa o economista francês no seu estudo sobre a colonização moderna.

e Ruediger Bilden escreve, com admirável senso crítico, que no Brasil a colonização particular, muito mais que a oficial,

promoveu a mistura de raças, a agricultura latifundiária e a escravidão, tornando possível, sobre tais alicerces, a fundação e o desenvolvimento de grande e estável colônia agrícola nos trópicos. isto além de nos ter alargado grandemente para o oeste o território, o que teria sido impossível, ... a ação oficial cerceada por compromissos políticos internacionais.<sup>57</sup>

a partir de 1532, a colonização portuguesa do brasil, do mesmo modo que a inglesa da américa do norte e ao contrário da espanhola e da francesa nas duas américas, caracteriza-se pelo domínio quase exclusivo da família rural ou semi-rural. domínio a que só a igreja faz sombra, através da atividade, ...s vezes liostil ao familismo, dos padres da companhia de jesus.

a família, não o indivíduo, nem tampouco o estado nem

18 g. f.

nenhuma companhia de comércio, desde o século xvi o grande fator colonizador no brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, insola as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da américa. sobre

ela o rei de portugal quase que reina sem governar. os senados de câmara, expressões desse familismo político, cedo limitam o poder dos reis e mais tarde o próprio imperialismo ou, antes, parasitismo econômico, que procura estender do reino ...s colônia 5, os seus -tent culos absorventes.

a colonização por indivíduos - soldados de fortuna, aventureiros, degredados, cristãos-novos fugidos ... perseguição religiosa, n ufragos, traficantes de escravos, de papagaios e de madeira - quase que não deixou traço na plástica econômica do brasil. ficou tão no raso, tão ... superficial e durou tão pouco que política e economicamente esse povoamento irregular e ...-toa não chegou a definir-se em sistema colonizador.

o seu aspecto puramente genético não deve entretanto ser perdido de vista pelo historiador da sociedade brasileira. sob esse critério há mesmo quem o considere "tara étnica inicial" e surpreenda "entre traços da fisionomia coletiva do povo brasileiro, inequívocos vestígios dos estigmas hereditários, impressos por aqueles patriarcas pouco recomendáveis da nacionalidade". de azevedo amaral (de quem é essa observação) aceitamos, sobre o período em apreço, duas generalizações que nos parecem caracterizá-lo com toda a exatidão: uma, que foi pela sua "heterogeneidade racial" um período, não português, mas promiscuo, o cunho português só se imprimindo sobre a confusão de etnias pelo predomínio do idioma; outra, que constitui uma espécie de pré-história nacional. "eliminar os primeiros cinquenta anos", escreve azevedo amaral, "durante os quais ... revela de qualquer supervisão política e fora mesmo da civilização, o brasil recebeu os primeiros aluviões complexos de povoadores, equivale a suprimir um elemento básico da formação nacional, cuja influência, projetada pelos séculos seguintes, podemos induzir seguramente de fatos positivos, que a moderna pesquisa biológica demonstra suficientemente. se quisermos, qualifiquemos esse período, em

uma categoria ... parte, de pré-história nacional."58 onde azevedo amaral nos parece lamentavelmente exagerado em considerar todos aqueles povoadores (sobre os quais conhece ser 'uo escassa e preciosa [ .... ] a informação acessível") uns "tarados, criminosos e semiloucos".59 refere-se principalmente aos degredados; não há, entretanto, fundamentos nem

c.-g. & s. 19

ativos para duvidar de que alguns fossem gente séria, degredada pelas ridicularias, por que eiqtto se exilavam sérios, dos melhores, do reino para os ermos. e xvi era estreitíssimo, o critério que ainda nos séculos xv orientava entre os portugueses a jurisprudência criminal. no seu direito penal. ali o misticismo, ainda quente dos ódios de guerra contra os mouros, dava uma estranha proporção aos delitos. carlos alheiros dias afirma que "não existia na legislação coeva coeiva, de severidade comparável ao livro v das ordenações manuais". acrescenta: "cerca de duzentos delitos eram nele punidos com degredo".60

a lei de 7 de janeiro de 1453, de dom dinis, diz-nos o general morais sarmento, que "mandava tirar a língua pelo pescoço queimar vivos os que descreiam de deus ou dirigiam doestos a eu ou aos santos"; e por usar de feitiçarias "per que uma pesueira bem ou mal a outra. . . ", '51 como por outros crimes típicos ou imaginários, era o português nos séculos xvi e xvii degredado para sempre para o brasil".62 num país de formação antes religiosa do que etnocêntrica, eram esses os grandes crimes e bem diversa da moderna, ou da dos países de formação menos religiosa, a perspectiva criminal.

enquanto quem dirigisse doestos aos santos tinha a língua tirada pelo pescoço e quem fizesse feitiçaria amorosa era degredado para os ermos da áfrica ou da américa; pelo crime de matar o próximo, de desonrar-lhe a mulher, de estuprar-lhe a filha, o delinqüente não ficava, muitas vezes, sujeito a penas mais severas que a de "pagar de multa uma galinha" ou a de "pagar mil e quinhentos maldios".63 contanto que fosse. acoitar-se a um dos numerosos "coitos de homiziados".

não faziam esses coitos mistério de sua função protetora de homicidas, adúlteros e servos fugidos, antes proclamavam-na abertamente pela voz dos forais. "não se julgue", diz gama barros, "que as terras onde o soberano decretava que os criminosos ficassem imunes, consideravam desonra para elas a concessão de tal privilégio".64 e o professor mendes correia informa-nos que sabugal em 1369 pedia que fossem dadas "mais garantias aos refugiados nesse coito"; que no foral de azurara a "imunidade chegava ao ponto de se punir gravemente quem perseguisse até dentro da vila o criminoso fugitivo".65 tem-se a impressão de que os lugares mal povoados do reino disputavam a concessão do privilégio do coito; e a gente que acoitavam eram, com o grande número de servos fugidos, os celerados de crime de morte e de estupro; vindo para o brasil antes os autores de delitos

20 g. f.

leves'ou de crimes imaginários que a perspectiva criminal portuguesa da época deformava em atentados horríveis, do que mesmo os criminosos de fato, estes, entretanto, devem ter vindo em

número não de todo insignificante para a colônia americana: doutro modo, deles não se teria ocupado tão veementemente o donatário Duarte Coelho numa de suas muitas cartas de administrador severo e escrupuloso, rogando a el-rei que lhe não mandasse mais dos tais degredados: pois eram piores que peçonha."

É possível que se degredassem de propósito para o Brasil, visando ao interesse genético ou de povoamento, indivíduos que sabemos terem sido para cá expatriados por irregularidades ou excessos na sua vida sexual: por abraçar e beijar, por usar de feitiçaria para querer bem ou mal, por bestialidade, molície, alcovitice.<sup>87</sup> A ermos tão mal povoados, salpicados, apenas, de gente branca, convinham superexcitados sexuais que aqui exercessem uma atividade genésica acima da comum, proveitosa talvez, nos seus resultados, aos interesses políticos e econômicos de Portugal no Brasil.

atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria muitos europeus do tipo que Paulo Prado retrata em traços de forte realismo.<sup>88</sup> ganhados desbragados.

outros, como os grumetes que fugiram da armada de Cabral sumindo-se pelos matos, aqui se teriam deixado ficar por puro gosto de aventura ou "afoiteza de adolescência":<sup>89</sup> e as ligações destes, de muitos dos degredados, de "intérpretes" normandos, de n ufragos, de cristãos-novos; as ligações de todos esses europeus, tantos deles na flor da idade e no viço da melhor saúde, gente nova, machos sãos e vigorosos, "aventureiros moços e ardentes, em plena força",<sup>70</sup> com mulheres gentias, também limpas e sãs, nem sempre terão sido dos tais "conúbios disgenéticos" de que fala Azevedo Amaral. ao contrário. tais uniões devem ter agido como "verdadeiro processo de seleção sexual" <sup>71</sup> dada a liberdade que tinha o europeu de escolher mulher dentre dezenas de índias. de semelhante intercuro sexual só podem ter resultado bons animais, ainda que maus cristãos ou mesmo m s pessqas.

junte-se ...s vantagens, já apontadas, do português do século xv sobre os povos colonizadores seus contemporâneos, a da sua moral sexual, a moço rabe, a católica amaciada pelo contato com a maometana, e mais frouxa, mais relaxada que a dos homens do norte. nem era entre eles a religião o mesmo duro e rígido sistema que entre os povos do norte reformado e da própria cas-



tela dramaticamente católica, mas uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com muitas reminiscências folclóricas e animistas das religiões pagãs: os santos e os anjos são faltando tomar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o menino-deus; as mulheres estorpeadas indo esfregar-se, de saia levantada, nas pernas de São Gonçalo do amarante' os maridos cismados de infidelidade conjugal indo interrogar os "rochedos dos comudos" e as moças casadouras, os "rochedos do casamento% nossa senhora do 0 adorada na imagem de uma mulher prenhe.

no caso do Brasil, que foi um fenómeno do século xvii, o, 0 mais a seu favor, e a favor da nova colônia, 0s tra

portm

riqueza-i: experiências acunhadas durante o século xv, na Ásia e na África, na Madeira e em Cabo Verde. Entre tais experiências, o conhecimento de plantas úteis, alimentares e de gozo que para aqui seriam transplantadas com êxito, o de certas vantagens do sistema de construção asiático, adaptáveis ao trópico americano, o da capacidade do negro para o trabalho agrícola.

todos 'esses elementos, a começar pelo cristianismo líricamente social, religioso ou culto de família-mais do que de catedral ou de igreja - que nunca as tiveram os portugueses grandes e dominadoras do tipo das de Toledo ou das de Burgos, como nunca as teria o Brasil da mesma importância e prestígio que as da América espanhola; todos esses elementos e vantagens viriam favorecer entre nós a colonização, que na América portuguesa, como nas "colônias de proprietários" dos ingleses na América do Norte, repousaria sobre a instituição da família escravocrata; da casa-grande; da família patriarcal; sendo que nestas bandas alcrescida a família de muito maior número de bastardos e dependentes em torno dos patriarcas, mais fêmeiros que os de lá e um pouco mais soltos, talvez, na sua moral sexual.

a nossa verdadeira formação social se processa de 1532 em diante, tendo a família rural ou semi-rural, por unidade, quer através de gente casada vinda do reino, quer das famílias aqui constituídas pela união de colonos com mulheres caboclas ou com moças órfãs ou mesmo ...-toa, mandadas vir de Portugal pelos padres casamenteiros.

vivo e absorvente órgão da formação social brasileira, a família colonial reuniu, sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e

22 g.

econômicas. inclusive, como já insinuamos, a do mando político: o oligarquismo ou nepotismo, que aqui madrugou, chocando-se

ainda em meados do século xvi com o clericalismo dos padres da companhia .72 em oposição aos interesses da sociedade colonial, queriam os padres fundar no brasil uma santa república de "índios domesticados para jesus" como os do paraguai; ser - ficos caboclos que só obedecessem aos ministros do senhor e só trabalhassem nas suas hortas e roçados. nenhuma individualidade nem autonomia pessoal ou de família. fora o cacique, todos vestidos de camisola de menino dormir como num orfanato ou num internato. o traje dos homens igualzinho ao das mulheres e das crianças.

pela presença de um tão forte elemento ponderador como a família rural ou, antes, latifundiária, é que a colonização portuguesa do brasil tomou desde cedo rumo e aspectos sociais tão diversos da teocrática, idealizada pelo jesuítas - e mais tarde por eles realizada no paraguai - da espanhola e da francesa. claro que esse domínio de família não se teria feito sentir sem a base agrícola, em que repousou entre nós, como entre os ingleses colonizadores da virginia e das carolinas, a colonização. "estabelecido nas ilhas do atlântico", diz manuel bonfim do colono português, "e não encontrando aí outra forma de atividade, nem possibilidade de fortuna senão a exploração estéril, agrícola, o povoamento regular, assim procedeu e mostrou, antes de qualquer outro povo da europa medieval, ser excelente povoador, porque juntava as qualidades de pioneiro ...s de formador de vida agrícola e regular em terras novas.1173

É verdade que muitos dos colonos que aqui se tornaram grandes proprietários rurais não tinham pela terra nenhum amor nem gosto pela sua cultura. há séculos que em portugal o mercantilismo burguês e semita, por um lado, e, por outro lado, a escravidão moura sucedida pela negra, haviam transformado o antigo povo de reis lavradores no mais comercializado e menos rural da europa. no século xvi é o próprio rei que dá despacho não em nenhum castelo gótico cercado de pinheiros mas por cima de uns armazéns ... beira do rio; e ele é tudo que é grande fidalgo enriquecem no tráfico de especiarias asiáticas. o que restava aos portugueses do século xvi de vida rural era uma frágil horticultura e um doce pastoreio: e, como outrora entre os israelitas, quase que só florescia entre eles a cultura da oliveira e da vinha. curioso, portanto, que o sucesso da colonização portuguesa do brasil se firmasse precisamente em base rural.

considerando o elemento colonizador português em massa,

e-g. & 8. 23

i

i ,

1,1110.1111owwow ,

.não em excees como duarte coelho - tipo perfeito de grande agricultor - pode dizer-se que seu ruralismo no brasil não foi -espontâneo, mas de adoção, imposto pelas circunstâncias. para -os portugueses o ideal teria sido não uma colônia de plantação, mas outra ndia com que israelitamente comerciassem em especiarias e pedras preciosas; ou um méxico ou peru donde pudessem extrair ouro e prata. ideal semita. as circunstâncias americanas é que fizeram do povo colonizador de tendências menos rurais ou, pelo menos, com o sentido agr rio mais pervertido pelo mercantilismo, o mais rural de todos: do povo que a ndia transformara no mais parasit rio, o mais criador.

dentre aquelas circunstâncias avultam imperiosas: as qualidades e as condies físicas da terra; as condies morais e materiais da vida e cultura de seus habitantes.

terra e homem estavam em estado bruto. suas condies de -cultura não permitiam aos portugueses vantajoso intercurso comercial.que reforçasse ou prolongasse o mantido por eles com o oriente. nem reis de cananor nem sobas de sofala encontraram os descobridores do brasil com quem tratar ou negociar. apenas morubixabas. bugres. gente quase nua e ...-toa, dormindo m rede ou no chão, afimritando-se de farinha de mandioca, de fruta do mato, de caa oupeixe comido cru ou depois de assado em borralho. nas suas mãos não cintilavam pérolas de cipango nem rubis de pegu; nem ouro de sumatra nem sedas de catar lhes abrihantavam os corpos cor de cobre, quando muito enfeitados de penas; os ps em vez de tapetes da prsia pisavam a areia pura. animal domstico ao seu se--vão não possuíam nenhum. agricultura, umas ralas plantaes de mandioca ou midubi, de um ou outro fruto. oliveira viana tem razão quando escreve que entre as ndias "com uma maravilhosa riqueza acumulada e uma longa tradição comercial com os povos do oriente e ocidente" e o brasil---com uma população de aborígines ainda na idade da pedra polida" havia diferença essencial. "essa ausência de riqueza organizada, essa falta de base para uma organização puramente comercial", acrescenta o autor da evolução do povo brasileiro, " que leva os peninsulares para aqui transplantados a se dedicarem ... exploração agrícola. 1174

cravo, pimenta, âmbar, sândalo, canela, gengibre, marfim, nenhuma substância vegetal ou animal de valor consagrado pelas necessidades e gostos da europa aristocr tica ou burguesa os portugueses encontraram nos tpicos americanos. isto sem falar no ouro e na prata, mais farejados do que tudo e de que logo se desiludiram os exploradores da nova terra. a conclusão melanc-

24 g. f.

k

lica de vespcio resume o amargo desapont , amento de todos- eles:

"infinitas arvores de pau brasil e canna f istula. . . "15 "arvoredos de ponta a ponta" e "agoas muytas", notara o arguto cronista do descobrimento, pero vaz de caminha .76

enormes massas de gua, é certo, davam grandeza ... terra

coberta de grosso matagal. dramatizavam-na. mas grandeza sem possibilidades econ"micas para a t"cnica e conhecimentos da epoca. ao contr rio: ...s necessidades dos homens que criaram o brasil aquelas formid veis massas, rios e cachoeiras, s" em parte, e nunca completamente, se prestaram ...s fun"es civilizadoras de comunica"o regular e de dinamiza"o "til.

um rio grande daqueles quando transbordava em tempo de chuva era para inundar tudo, cobrindo canaviais e matando gado e at" gente. destruindo. devastando. lavoura e pecu ria eram quase imposs"veis ...s suas margens, porque tanto tinha de f cil o estabelecimento quanto de fatal a destru"o pelas enchentes, pelas cheias que ou dizimavam, as manadas ou corrompiam-lhes o pasto; e em vez de beneficiarem as planta"es, destru"am-nas completamente ou em grande parte.

sem equil"brio no volume nem regularidade no curso, variando extremamente em condi"es de navegabilidade e de utilidade, os rios grandes foram colaboradores incertos - se " que os possamos considerar colaboradores - do homem agr"cola na forma"o econ"mica e social do nosso pa"s. muito deve o brasil agr rio aos rios menores porem mais regulares: onde eles docemente se prestaram a moer as canas, a alagar as v rzeas, a enverdecer os canaviais, a transportar o a"o"car, a madeira e mais tarde o caf", a servir aos interesses e ...s necessidades de popula"es fixas, humanas e animais, instaladas ...s suas margens; a" a grande lavoura floresceu, a agricultura latifundi ria prosperou, a pecu ria alastrou-se. rios do tipo do mamanguape, do una, do pitanga, do paranamirim, do serinha"m, do igua"u, do contindiba, do pirapama, do ipojuca, do mundal", do para"ba, foram colaboradores valiosos, regulares, sem as intermit"ncias nem os transbordamentos dos grandes na organiza"o da nossa economia agr ria e da sociedade escravocrata que ... sua sombra se desenvolveu. do para"ba escreveu alberto rangel que pelo tempo do bra"o escravo foi "o rio paradis"aco, eufrates das senzalas com taubat" por metr"pole".77 tanto mais rica em qualidade e condi"es de perman"cia foi a nossa vida rural do s"culo xvi ao xix onde mais regular foi o suprimento de gua; onde mais equilibrados foram os rios ou mananciais.

se os grandes rios brasileiros j foram glorificados em mo-

c.-g- & s. 25

i i l ll a i i ll.ij iii llllll iiiiiiijllllllllmlllmwm

s fion

k "nmn cai =no n, a =no ena)~\_

ila a) a

: o u

v rios aspectos de um engenho de a"o"car brasileiro dos tempos coloniais. (segundo ilustra"o do livro de james henderson sobre o brasil colonial: a history of the brazil, londres, 1821.)

numento e cantada em poema c0lebre a cachoeira de paulo afonso (por tanto tempo de um interesse puramente est0tico para n0o dizer cenogr fico em nossa vida), aos rios menores, t0o mais prestadios, falta o estudo que lhes fixe o importante papel civilizador em nossa forma00o; ligados ...s nossas tradi0es de estabilidade tanto quanto os outros - os mais rom0nticos talvez,

1 o.  
porem n0o mais brasileiros - ...s de mobilidade, de dinamismo, de expans0o pelos sert0es ade ntro de bandeirantes e padres, ... procura de ouro, de escravos e de almas para nosso 'senhor jesus cristo. os grandes foram por excel0ncia os rios do bandeirante e do mission rio, que os subiam vencendo dificuldades de quedas de gua e de curso irregular; os outros, os do senhor de engenho, do fazendeiro, do escravo, do com0rcio de produtos da terra. aqueles dispersaram o colonizador; os rios menores fixaram-no tornando poss0vel a sedent...riedade rural.

tendo por base f0sica as guas, ainda que encachoeiradas, dos grandes rios, prolongou-se no brasileiro a tend0ncia colonial do portugu0s de derramar-se em vez de condensar-se. o bandei-

26 g. f.

rante, particularmente, toma-se desde os fins do s0culo xvi um fundador de subcol"nias. ainda n0o 0 dono da terra em que nasceu mas simples colonial e j se faz de senhor das alheias num imperialismo que tanto tem de ousado quanto de precoce. com o bandeirante o brasil autocoloniza-se. j pedro dantas fixou essa poss0vel constante da nossa hist0ria: derramamo-nos em superf0cie antes de nos desenvolvermos "em densidade e profuadidade".78 a mesma tend0ncia dispersiva da expans0o colonial portuguesa. no brasil, prolongou-se a tend0ncia - talvez vinda de longe, do semita79 - no que pareceu a alberto torres o nosso "af0 de ir estendendo popula0es aventureiras e empresas capitalistas - [ ... ] por todo o territ0rio". af0 que ao seu ver dev0amos contrariar por uma "pol0tica de conserva00o da natureza, de repara00o das regi0es estragadas, de concentra00o das popula0es nas zonas j abertas ... cultura, sendo educado o homem para aproveit -las e para fazer frutificar, valorizando-as".80 outra

coxisa n0o desejaria pedro dantas para o brasil de hoje que essa concentra00o das popula0es din0micas nas zonas j abertas ... cultura: "que o nosso desenvolvimento se processasse em densidade e profundidade". esta foi ali s a tend0ncia esbo0ada no brasil agr rio, de senhores de engenho e fazendeiros, de que azevedo amaral se mostra t0o severo cr0tico nas p ginas dos ensaios brasileiros. 81

se' 0 certo que o furor expansionista dos bandeirantes conquistou-nos verdadeiros luxos de terras, 0 tamb0m exato que nesse desadorno de expans0o comprometeu-se a nossa sa0de econ"mica e quase que se comprometia a nossa unidade pol0tica. . felizmente aos impulsos de dispers0o e aos perigos, deles decorrentes, de diferencia00o e separatismo, opuseram-se desde o in0cio da nossa vida colonial for0as quase que da mesma agressividade, neutralizando-os ou pelo menos amolecendo-os. a come0ar pelo

físico da região formando aquele "ensemble naturel" que horace say h quase um século contrastava com o da américa espanhola: "aucune limite ne s'élève pour séparer les diverses provinces les unes des autres et c'est l... un avantage de plus que les possessions portugaises ont eu sur les possessions espagnoles en amérique. " 82

a mesma mobilidade que nos dispersa desde o século xvi em paulistas e pernambucanos, ou paulistas e baianos, e daí ao século xix em v rios subgrupos, mantêm-nos em contato, em comunhão mesmo, através de difícil mas nem por isso infrequente intercomunicação colonial. "fluminenses e paulistas estiveram a combater na bahia e em pernambuco, que se defen-

c.-g. & s. 27

i 818lioteca p0hli, \_\_'a c) o piara

iam do holandes", lembra manuel bonfim a propósito da afirmativa de euclides da cunha de que essa luta do norte contra o estrangeiro se realizara "com divorcio completo das gentes meridionais". são também paulistas que "acodem aos repetidos chamados da bahia na defesa contra o gentio aimoré, como na defesa contra o holandês, como a pernambuco para resolver o caso dos palmares".<sup>83</sup> mais tarde - é ainda bonfini quem o destaca - "espontaneamente correm os cearenses a socorrer o piauí ainda dominado pelas tropas portuguesas, e juntos, piauienses e cearenses vão em prol do maranhão";<sup>84</sup> pela mesma época correm os pernambucanos em auxílio da bahia, alcançando com os baianos a vitória de 2 de julho.

os jesuítas foram outros que pela influencia do seu sistema uniforme de educação e de moral sobre um organismo ainda tão mole, plástico, quase sem ossos, como o da nossa sociedade colonial nos séculos xvi e xvii, contribuíram para articular como educadores o que eles próprios dispersavam como catequistas e missionários. estavam os padres da s.j. em toda parte; moviam-se de um extremo ao outro do vasto território colonial; estabeleciam permanente contato entre os focos esporádicos de colonização, através da "língua-geral", entre os v rios grupos de aborígenes.<sup>85</sup> sua mobilidade, como a dos paulistas, se por um lado chegou a ser perigosamente dispersiva, por outro lado foi salutar e construtora, tendendo para aquele "unionismo" em que o professor joão ribeiro surorendeu uma das grandes forças sociais da nossa história.<sup>86</sup>

para o "unionismo" prepara-nos ali a singular e especialíssima situação do povo colonizador; o qual chega ...s praias americanas unido política e juridicamente; e por maior que fosse a sua variedade íntima ou aparente de etnias e de crenças, todas elas acomodadas ... organização política e jurídica do estado unido ... igreja católica. como observa m. bonfim, "a formação de portugal se caracteriza por uma precocidade política tal, que o pequeno europa do século xvi". observa-se que j fizera stepliens na sua the story of portugal.<sup>87</sup>

os portugueses não trazem para o brasil nem separatismos

políticos, como os espanhóis para o seu domínio americano, nem divergências religiosas, como os ingleses e franceses para as suas colônias. Os marranos em Portugal não constituam o mesmo elemento intransigente de diferenciação que os huguenotes na França ou os puritanos na Inglaterra; eram uma minoria imperecível em alguns dos seus característicos, economicamente odiosa,

reino nos aparece como a primeira nação completa na

28 - g. f.

porém não agressiva nem perturbadora da unidade nacional. O contrário: - a muitos respeitos, nenhuma minoria mais atomodaticia e suave.

O Brasil formou-se, despreocupados. Os seus colonizadores da unidade ou pureza de raça. Durante quase todo o século XVI a colônia esteve escancarada a estrangeiros, só importando ... as autoridades coloniais que fossem de fé ou religião católica. Handelmann notou que para ser admitido como colono do Brasil no século XVI a principal exigência era professar a religião cristã: "somente cristãos" - e em Portugal isso queria dizer católicos - "podiam adquirir sesmarias". "Ainda não se opunha todavia", continua o historiador alemão, "restrição alguma no que diz respeito ... nacionalidade: assim é que católicos estrangeiros podiam emigrar para o Brasil e aí estabelecer-se". Oliveira Lima salienta - que no século XVI Portugal tolerava em suas possessões muitos estrangeiros, não sendo a política portuguesa de colonização e povoamento a de "rigoroso exclusivismo posteriormente adotado pela Espanha".<sup>89</sup> 1

Através de certas épocas coloniais observou-se a prática de ir um frade a bordo de todo navio que chegasse a porto brasileiro, a fim de examinar a consciência, a fé, a religião do adventício.<sup>90</sup> O que barrava então o imigrante era a heterodoxia; a mancha de herege na alma e não a mongólica no corpo. O que se fazia questão era da saúde religiosa: a sífilis, a boubá, a bexiga, a lepra entraram livremente trazidas por europeus e negros de várias procedências.

O perigo não estava no estrangeiro nem no indivíduo digênico ou cacogênico, mas no herege. Soubesse rezar o padre-nosso e a ave-maria, dizer creio-em-deus-padre, fazer o pelosin, al-da-santa-cruz - e o estranho era bem-vindo no Brasil colonial. O frade ia a bordo indagar da ortodoxia do indivíduo como hoje se indaga da sua saúde e da sua raça. "Ao passo que o anglo-saxão", nota Pedro de Azevedo, "só considera de sua raça o indivíduo que tem o mesmo tipo físico, o português es. quece raça e considera seu igual aquele que tem religião igual ... que professa".<sup>91</sup>

temia-se no adventício acatólico o inimigo político capaz de quebrar ou de enfraquecer aquela solidariedade que em Portugal se desenvolvera junto com a religião católica. Essa solidariedade manteve-se entre nós esplendidamente através de toda a nossa formação colonial, reunindo-nos contra os calvinistas franceses, contra os reformados holandeses, contra os protestantes ingle-

i

i i

i

ses. da ser tão difícil, na verdade, separar o brasileiro de católico: o catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade.<sup>92</sup>

nos começos da nossa sociedade colonial encontramos em união com as famílias de origem portuguesa estrangeiros de procedências diversas, sendo que alguns, filhos de países reformados ou tocados de heresia: arzam, bandemborg, bentinck, lins, c&valcanti, doria, hofianda, accioly, furquim, novilher, barewel, lems; mais tarde, no século xvii, van der lei.<sup>93</sup> ainda outros cujos nomes se dissolveram nos portugueses. os originários de terras protestantes ou já eram católicos ou aqui se converteram: o bastante para que fossem recebidos na intimidade da nossa vida social e até política, aqui constituíssem família casando com a melhor gente da terra e adquirissem propriedade agrícola, influência e prestígio.

sfivio romero observa que no brasil foram o catecismo dos jesuítas e as ordenações do reino que "garantiram desde os primórdios a unidade religiosa e a do direito".<sup>94</sup>

por sua vez o mecanismo da administração colonial, a princípio com tendências feudais, sem aquela adstringência do espanhol, antes frouxo, bambo, deixando ... vontade as colônias e em muitos respeitos os donatários, quando o endureceu a criação do governo-geral foi para assegurar a união de umas capitânias com as outras, conservando-as sob os mesmos provedores-mores, o mesmo governador-geral, o mesmo conselho ultramarino, a mesma mesa de consciência, embora separando-as no que fosse possível sujeitar cada uma de per si a tratamento especial da metrópole. visava-se assim impedir que a consciência nacional (que fatalmente nasceria de uma absoluta igualdade de tratamento e de regime administrativo) sobrepujasse ... regional; mas não ao ponto de sacrificar-se a semelhante medida-de profilaxia contra o perigo do nacionalismo na colônia a sua unidade essencial, assegurada pelo catecismo e pelas ordenações, pela liturgia católica e pela língua portuguesa auxiliada pela "geral", de criação jesuítica.

as condições físicas no brasil, que poderiam ter concorrido para aprofundar a extremos perigosos as divergências regionais, não são toleradas como até estimuladas ao ponto de assegurarem a colônia tão extensa a relativa saúde política de que sempre gozou: as condições físicas não agiram senão fracamente no sentido separatista, através de diferenças, consideráveis por si não dominadoras, de clima e de qualidade física e química de solo; de sistema de alimentação e de forma de cultura agrícola. pode-se antes afirmar que tais condições concorreram no brasil para



i

i

que as colônias se conservassem unidas e dentro do parentesco,

da solidariedade assegurada pelas tendências e pelos processos da colonização portuguesa: regionalista mas não separatista; unionista no melhor sentido, no que justamente coincidia com o interesse da catequese católica.

O clima não variando de norte a sul, nem da altitude máxima ... mínima, o bastante para criar diferenças profundas no gênero de vida colonial, nem variando a qualidade física e química do solo ao ponto de estimular o desenvolvimento de duas sociedades radicalmente antagônicas nos interesses econômicos e sociais, venceu a tendência no sentido da uniformização. Por mais que a comprometesse a espantosa mobilidade dos bandeirantes e missionários, sua influência se fez sentir desde o primeiro século de povoamento e de expansão territorial.

A cana-de-açúcar começou a ser cultivada igualmente em São Vicente e em Pernambuco, estendendo-se depois ... Bahia e ao Maranhão a sua cultura, que onde logrou êxito - medíocre como em São Vicente ou máximo como em Pernambuco, no recôncavo e no Maranhão - trouxe em consequência uma sociedade e um gênero de vida de tendências mais ou menos aristocráticas e escravocratas. Por conseguinte de interesses econômicos semelhantes. O antagonismo econômico se esboçaria mais tarde entre os homens de maior capital, que podiam suportar os custos da agricultura da cana e da indústria do açúcar, e os menos favorecidos de recursos, obrigados a se espalharem pelos sertões em busca de escravos - espécie de capital vivo - ou a ficarem por lá, como criadores de gado. Antagonismo que a terra vasta pôde tolerar sem quebra do equilíbrio econômico. Dele resultaria entretanto o Brasil antiescravocrata ou indiferente aos interesses da escravidão representado pelo Ceará em particular, e de modo geral pelo sertanejo ou vaqueiro.

A igualdade de interesses agrícolas e escravocratas que através dos séculos XVI e XVII predominou na colônia, toda ela dedicada com maior ou menor intensidade ... cultura do açúcar, não a perturbou tão profundamente, como ... primeira vista parece, a descoberta das minas ou a introdução do café. Se o ponto de apoio econômico da aristocracia colonial deslocou-se da cana-de-açúcar para o ouro e mais tarde para o café, manteve-se o instrumento de exploração: o braço escravo. Mesmo porque a divergência de interesses que se definiu, a diferença de técnica de exploração econômica entre o nordeste persistentemente açucareiro e a capitania de Minas Gerais, e entre estes e São Paulo cafeeiro, de algum modo compensou-se nos seus

e-g. & s. 31

efeitos separatistas pela migração humana que o próprio fenômeno econômico provocou, dividindo entre a zona açucareira do nordeste e a mineira e a cafeeira ao sul um elemento étnico - o escravo de origem africana - que conservado em bloco pelo nordeste - até então a região mais escravocrata das três por ser a terra por excelência da cana-de-açúcar - teria resultado em profunda diferença regional de cultura humana.

para as necessidades de alimentação foram-se cultivando de norte a sul, através dos primeiros séculos coloniais, quase que as mesmas plantas indígenas ou importadas. na farinha de mandioca fixou-se a base do nosso sistema de alimentação. além da farinha cultivou-se o milho; e por toda parte tomou-se quase a mesma a mesa colonial, com especializações regionais apenas de frutas e verduras: dando-lhe mais cor ou sabor local em certos pontos a maior influência indígena; noutros, um vivo colorido exótico a maior proximidade da África; e em pernambuco, por ser o ponto mais perto da europa, conservando-se um como equilíbrio entre as três influências: a indígena, a africana e a portuguesa.

no planalto paulista - onde o sucesso apenas compensador, da cultura da cana, fez que se desviasse para outras culturas o esforço agrícola dos povoadores, esboçando-se assim uma como tendência salutar para a policultura - tentou-se no primeiro século de colonização e logrou relativo êxito o plantio regular do trigo. tivesse sido o êxito completo e maior a policultura, apenas esboçada, e teriam resultado esses dois fatos em profunda diferenciação de vida e de tipo regional. mesmo dentro de sua relatividade, tais fatos se fizeram sentir poderosamente na maior eficiência e na mais alta eugenia do paulista, comparado com os brasileiros de outras zonas, de formação escravocrata, agrícola e híbrida tanto quanto a deles, porém menos beneficiados pelo equilíbrio de nutrição resultante em grande parte das condições referidas. "o regime nutritivo-dos paulistas não teria sido, pois, dos fatores que menos concorreram para a prosperidade da gente do planalto",<sup>95</sup> conclui alfredo ellis júnior no sugestivo capítulo que em *raça de gigantes* dedica ... influência do clima e da nutrição sobre o desenvolvimento eugênico dos paulistas. de modo geral, em toda parte onde vingou a agricultura, dominou no brasil escravocrata o latifúndio, sistema que viria privar a população colonial do suprimento equilibrado e constante de alimentação sadia e fresca. muito da inferioridade física do brasileiro, em geral atribuída toda ... raça, ou vaga e muçulmanamente ao clima, deriva-se do mau aproveitamento dos nossos

32 g. f.

recursos naturais de nutrição. os quais sem serem dos mais ricos, teriam dado para um regime alimentar mais variado e sadio que o seguido pelos primeiros colonos e por seus descendentes, dentro da organização latifundiária e escravocrata.

o ilusório supor-se a sociedade colonial, na sua maioria, uma

sociedade de gente bem-alimentada. quanto ... quantidade, eram no em geral os extremos: os brancos das casas-grandes e os negros das senzalas. os grandes proprietários de terras e os pretos seus escravos. estes porque precisavam de comida que desse para os fazer suportar o duro trabalho da bagaceira.

sucedida, porém, que os plantadores de cana, "corno o de que vivem e somente do que granjeiam com tais escravos" (os de guiné), não ocupavam quase os seus negros - "a nenhum deles" - em cousa que não fosse tocante "... lavoura que professam".<sup>98</sup> daí, conclui o autor dos diálogos das grandezas do brasil, que escreveu suas notas nos princípios do século xvii, "resulta a carestia e falta destas cousas".<sup>97</sup>

adversas ao trigo as condições de clima e de solo quase que se insistiram em cultivá-lo os padres da s.j. para o preparo de hostias. e a farinha de mandioca usada em lugar do trigo, abandonam os plantadores de cana a sua cultura aos caboclos instáveis. daí: pela ausência quase completa do trigo entre os nossos recursos ou possibilidades naturais de nutrição, o rebaixamento do padrão alimentar do colonizador português; pela instabilidade na cultura da mandioca abandonada aos índios - agricultores irregulares - a consequente instabilidade do nosso regime de alimentação. ao que deve acrescentar-se a falta de carne fresca, de leite e de ovos, e até de legumes, em várias das zonas de colonização agrícola e escravocrata; talvez em todas elas com a exceção, e essa mesma relativa, do planalto paulista.

de modo que, admitida a influência da dieta - influência talvez exagerada por certos autores modernos<sup>98</sup> - sobre o desenvolvimento físico e econômico das populações, temos . que reconhecer ter sido o regime alimentar do brasileiro, dentro da organização agrícola e escravocrata que em grande parte presidiu a nossa formação, dos mais deficientes e instáveis. por ele possivelmente se explicariam importantes diferenças somáticas e psíquicas entre o europeu e o brasileiro, atribuídas exclusivamente ... miscigenação e ao clima.

é certo que, deslocando-se a responsabilidade do clima ou da miscigenação para a dieta na acentuação de tais diferenças, não se tem inocentado de todo o primeiro: afinal dele, e das qualidades químicas do solo, é que depende em grande parte o regime e-g. & s. 33

alimentar seguido pela população. que condições, sendo as físicas e químicas, de solo e de clima, determinam o caráter da vegetação espontânea e as possibilidades da agrícola, e através desse caráter e dessas possibilidades, o caráter e as possibilidades do homem?

no caso da sociedade brasileira o que se deu foi acentuar-se, pela pressão de uma influência econômico-social - a monocultura - a deficiência das fontes naturais de nutrição que a policultura teria talvez atenuado ou mesmo corrigido e suprido, através do esforço agrícola regular e sistemático. muitas daquelas fontes foram por assim dizer pervertidas, outras estancadas pela monocultura, - pelo regime escravocrata e latifundiário, que em vez de desenvolvê-las, abafou-as, secando-lhes a espontaneidade e a frescura. nada perturba mais o equilíbrio da natu-

reza que a monocultura, principalmente quando é de fora a planta que vem dominar a região - nota o professor Konrad Guenther, 99 exatamente o caso brasileiro.

na formação da nossa sociedade, o mau regime alimentar decorrente da monocultura, por um lado, e por outro da inadaptação ao clima. 100 agiu sobre o desenvolvimento físico e sobre a eficiência econômica do brasileiro no mesmo mau sentido do clima deprimente e do solo quimicamente pobre. a mesma economia latifundiária e escravocrata que tornou possível o desenvolvimento econômico do Brasil, sua relativa estabilidade em contraste com as turbulências nos países vizinhos, envenenou-o e perverteu-o nas suas fontes de nutrição e de vida.

melhor alimentados, repetimos, eram na sociedade escravocrata os extremos: os brancos das casas-grandes e os negros das senzalas. natural que dos escravos descendam elementos dos mais fortes e sadios da nossa população. os atletas, os capoeiras, os cabras, os marujos. e que da população média, livre mas miserável, provenham muitos dos piores elementos; dos mais doentes e incapazes. é que sobre eles principalmente é que têm agido, aproveitando-se da sua fraqueza de gente mal-alimentada, a anemia palúdica, o beribéri, as verminoses, a sífilis, a boubá. e quando toda essa quase inútil população de caboclos e brancos, mais valiosa como material clínico do que como força econômica, se apresenta no estado de miséria física e de inércia improdutivo em que a surpreenderam Miguel Pereira e Belisário Pena, os que lamentam não sermos puros de raça nem o Brasil região de clima temperado o que logo descobrem naquela miséria e naquela inércia é o resultado dos coitos para sempre danados, de brancos com pretas, de portuguesas com índias. é da raça

34 g. f.

a inércia ou a indolência. ou então é do clima, que só serve para o negro. e sentença-se de morte o brasileiro porque é mestiço e o Brasil porque está em grande parte em zona de clima quente.

do que pouco ou nenhum caso tem feito essa sociologia, mais alarmada com as manchas da mestiçagem do que com as da

sífilis, mais preocupada com os efeitos do clima do que com os de causas sociais suscetíveis de controle ou retificação, e da influência que sobre as populações mestiças, principalmente as livres, terão exercido não só a escassez de alimentação, devida ... monocultura e ao regime do trabalho escravo, como a pobreza química dos alimentos tradicionais\* que elas, ou antes, que todos os brasileiros, com uma ou outra exceção regional, há mais de três séculos consomem, é da irregularidade no suprimento e da má higiene na conservação e na distribuição de grande parte desses gêneros alimentícios. são populações ainda hoje, ou melhor, hoje mais do que nos tempos coloniais, pessimamente nutridas. entre caboclos do norte as pesquisas de Araújo Lima fizeram-no concluir que a maior parte desse elemento - liricamente considerado pelos ingênuos a grande reserva de vitalidade brasileira - vive reduzida a um "estado de inferioridade orgânica [...] ...s vezes de falência declarada". o caboclo, escreve

esse higienista, "anula o seu valor econômico e social numa insuficiência nutritiva que, secundada pelo alcoolismo e pela dupla ação distrófica do impaludismo e das verminoses, tem de ser reconhecida como um intelectual". 101

-dos fatores de sua inferioridade física

e não só ter sido afetada pela má ou insuficiente alimentação a grande massa de gente livre, mas miserável, como também aqueles extremos da nossa população - as grandes famílias proprietárias e os escravos das senzalas - em que Couty foi encontrar, na falta de "povo", as únicas realidades sociais no Brasil .. 102 senhores - e escravos que se consideramos bem-alimentados - em certo sentido estes melhor que aqueles<sup>103</sup> - e apenas em relação aos matutos, caipiras, caboclos, agregados e sertanejos pobres - os seis milhões de índios do círculo de Couty para uma população de doze, o volume enorme que lhe pareceu haver no Brasil entre os senhores das casas-grandes e os negros das senzalas. "la situation fonctionnelle de cette population peut se résumer d'un moi: le Brésil wa pas de peuple", escreveu Couty.<sup>104</sup> palavras que Joaquim Nabuco repeliaria dois anos depois do cientista francês: "seis milhões", escrevia Nabuco em 1883, "que se acham nessa condição intermédia, que não é o escravo, mas também não é o cidadão..." pelas índias vivendo em choças de palha, dormindo em rede ou estrado, a vasilha de água e a panela seus

r-9. & s. 35

Únicos utensílios, sua alimentação! a farinha com bacalhau ou charque; e "a viola suspensa ao lado da imagem".<sup>105</sup>

os próprios senhores de engenho dos tempos coloniais que, através das crônicas de Cardim e de Soares, nos habituamos a imaginar uns regales no meio de rica variedade de frutas maduras, verduras frescas e lombos de excelente carne de boi, gente de mesa farta comendo como uns desadornados - eles, suas famílias, seus aderentes, seus amigos, seus hóspedes; os próprios senhores de engenho de Pernambuco e da Bahia nutriam-se deficientemente: carne de boi uma vez ou outra, os frutos poucos e bichados, os legumes raros. a abundância ou excelência de viveres que se surpreendesse seria por exceção e não geral entre aqueles grandes proprietários.

grande parte de sua alimentação davam-se eles ao luxo tolo de mandar vir de Portugal e das ilhas; do que resultava consumirem viveres nem sempre bem conservados: carne, cereais e até frutos secos, depreciados nos seus princípios nutritivos, quando não deteriorados pelo mau acondicionamento ou pelas circunstâncias do transporte irregular e moroso. por mais esquisito que pareça, faltavam ... mesa da nossa aristocracia colonial legumes frescos, carne verde e leite. daí, certamente, muitas das doenças do aparelho digestivo,<sup>106</sup> comuns na época e por muito doutor caturra atribuídas aos "maus ares".

pelo antagonismo que cedo se definiu no Brasil entre a grande lavoura, ou melhor, a monocultura absorvente do litoral, e a pecuária, por sua vez exclusivista, dos sertões, uma se afas-

tando da outra quanto possível, viu-se a população agrícola, mesmo a rica, a opulenta, senhora de léguas de terra, privada do suprimento regular e constante de alimentos frescos. Cowan tem razão quando apresenta o desenvolvimento histórico da maior parte dos povos condicionado pelo antagonismo entre a atividade mineradora e a agrícola.<sup>107</sup> No Brasil esse antagonismo atuou, desde os primeiros tempos, sobre a formação social do brasileiro: nuns pontos favoravelmente; nesses da alimentação, desfavoravelmente. Na Bahia, típica da agricultura latifundiária por um lado, e da pecuária absorvente por outro, que uma imensa parte de suas terras chegou a pertencer quase toda a duas únicas famílias, a do senhor da Torre e a do mestre-de-campo Antônio Guedes de Brito, a primeira com "260 léguas de terra pelo rio de São Francisco acima ... não direita indo para o sul" e "indo do dito rio para o norte [ ... 180 léguas", a segunda com "160 léguas [ ... 1 desde o morro dos Chapéus até ... nascente do rio das Velhas";<sup>108</sup> da Bahia latifundiária sabe-se que os grandes proprietários de

terra, a fim de não padecerem danos nas duas lavouras - a de açúcar ou a de tabaco - evitavam nos vastos domínios agrícolas os animais domésticos, sendo "as ovelhas e as cabras consideradas, como criaturas inúteis", "os porcos difíceis por se tornarem monteses com o abandono, o gado vacum insuficiente para o serviço dos engenhos, gastos dos açougues e fornecimento dos navios". "o na zona agrícola tamanho foi sempre o descuido por outra

lavoura exceto a da cana-de-açúcar ou a do tabaco, que a Bahia, com todo o seu fasto, chegou no século XVIII a sofrer de "extraordinária falta de farinhas", pelo que de 1788 em diante mandaram os governadores da capitania incluir nas datas de terra a cláusula de que ficava o proprietário obrigado a plantar "mil covas de mandioca por cada escravo que possuísse empregado na cultura da terra". "uma espécie de providência tomada pelo conde de Nassau com relação aos senhores de engenho e aos lavradores de Pernambuco no século XVII.<sup>112</sup>

É certo que o padre Fernando Cardim, nos seus tratados, está sempre a falar da fartura de carne, de aves e até de verduras e de frutas com que foi recebido por toda parte no Brasil do século XVI, entre os homens ricos e os colégios de padres.<sup>113</sup>

Mas de Cardim deve-se tomar em consideração o seu caráter de padre visitante, recebido nos engenhos e colégios com festas e jantares excepcionais. Era um personagem a quem todo agrado que fizessem os colonos era pouco: a boa impressão que lhe causassem a mesa farta e os leitões macios dos grandes senhores de escravos talvez atenuasse a péssima, da vida dissoluta que todos eles levavam nos engenhos de açúcar: "os peccados que se comettem nelles [nos engenhos] não tem conta: qu...si todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; bem cheio de peccados vai esse doce por que tanto fazem; grande é a paciência de deus que tanto soffre".<sup>114</sup>

pelos grandes jantares e banquetes, por essa ostentação de hospitalidade e de fartura não se há de fazer idéia exata da alimentação entre os grandes proprietários; muito menos da comum, entre o grosso dos moradores. comentando a descrição de um

jantar colonial em boston. no século xviii - um jantar de dia de festa com pudim de ameixa, carne de porco, galinha, toucinho, bife, carne de carneiro, peru assado, molho grosso, bolos, pastéis, queijos, etc. (todo um excesso de proteína de origem animal) - o professor percy goldthwait stiles de harvard, observa muito sensatamente que semelhante fartura talvez não fosse típica do regime alimentar entre os colonos da nova inglaterra; do ordinário, do comum, do de todo dia. que as festas gastronômicas

c.-g. & s. 37

i

tre eles talvez se compenmaem com os jejuns. "o o que parecer aplicar-se, com literal exatidão, aos banquetes coloniais no brasil intermeados decerto por muita parcimônia alimentar, ando não pelos jejuns e pelas abstinências mandadas observar ia santa igreja. desta a sombra matriarcal se projetava então uito mais dominadora e poderosa sobre a vida íntima e doméstica dos filhos do que hoje.

impossível concluir dos banquetes que o padre cardim da-reve, e a que alude soares, que fosse sempre de fartura o passado dos colonos; forte e variada sua alimentação; que o brasil os primeiros séculos coloniais fosse \*o tal "país de cocagne" da nsinuação um tanto literária de capistrano de abreu.118 e ind no próprio cardim que vamos recolher este depoimento de m flagrante realismo: no colégio da bahia "nunca falta um opinho de vinho de portugal, sem o qual se não sustenta bem a atureza por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos". "ote-se de passagem que nesse mesmo vinho de portugal os ritanos d nova inglaterra afogavam a sua tristeza.118 país de cocagne cousa nenhuma: terra de alimentação inerta e vida difícil e que foi o brasil dos três séculos coloniais. a sombra da monocultura esterilizando tudo. os grandes senhores rurais sempre endividados. as saivas, as enchentes, as secas dificultando , ao grosso da população o suprimento de viveres.

o luxo asi tico, que muitos imaginam generalizado ao norte açucareiro, circunscreveu-se a famílias privilegiadas de pernambuco e da bahia. e este mesmo um luxo mórbido, doentio, incompleto. excesso numas cousas, e esse excesso ... custa de dívidas;119 deficiências noutras. palanquins forrados de seua, mas telha-vê nas casas-grandes e bichos caindo na cama dos moradores,

no par no século xvii "as famílias de alguns homens nobres" não podem vir ...- cidade pelas festas de natal (1661) ---porcausa de suas filhas donzellas não terem que vestir para irem ouvir missa". " recorda joão lúcio de azevedo que exprimando ant"nio vieira ... câmara do par não haver na cidade açougue, nem ribeira, ouvira em resposta ser impossível o remédio "como impossível era haver pagamento pelo sustento ordinário". e acrescenta: "a alimentação trivial, de caça e pescado, abundante nos primeiros tempos, rarefez-se ... proporcionalmente que o número de habitantes aumentava [ ... ] . as terras, sem amanho nem inteligente cultura, perdiam a primitiva fertilidade e os mo-

radores retiravam-se, passando para outras estâncias suas casas e lavouras. "121 do maranhão e o padre vieira quem salienta não

38 g. f.

haver, no seu tempo, em todo o estado, "açougue, nem ribeira, nem horta, nem tendas onde se vendessem as cousas usuais para o comer ordinário;"122 de todo o brasil e o padre anchieta quem informa andarem os colonos do século xvi, mesmo "os mais ricos e honrosos" e os missionários, de pé descalço, ... maneira dos.

Índios;" costume que parece ter-se prolongado ao século xv101 e aos próprios fidalgos olindenses - os tais dos leitos de seda para a hospedagem dos padres visitantes e dos talheres de prata para os banquetes de dia de festa. seus tecidos finos seriam talvez para as grandes ocasiões. por uma cena que maria graliam. presenciou em pernambuco dos princípios do século xix124 parece igualmente ter prevalecido entre nossos fidalgos de garfo de prata... para ingleses ver (mas ingleses raramente se deixa iludir por aparências douradas ou prateadas) o gosto de comer regaladamente com a mão. nem esqueçamos este formidável contraste nos senhores de engenho: a cavalo grandes. fidalgos de estribo de prata, mas em casa uns franciscanos, descalços, de chambre de chita e ...s vezes só de ceroulas. quanto ...s grandes damas coloniais, ricas sedas e um luxo de tetêia e jóias na igreja, mas na intimidade, de cabelo, saia de baixo, chinelo sem meias.125 efeito em parte do clima, esse vestuário tão ... fresca; mas também expressão do franciscanismo colonial, no trajar como no comer der muito fidalgo, dos dias comuns.

a própria salvador da bahia, quando cidade dos vice-reis, habitada por muito rico português e da terra, cheia de fidalgos. e de frades, notabilizou-se pela péssima e deficiente alimentação. tudo faltava: carne fresca de boi, aves, leite, legumes, frutas; e o que aparecia era da pior qualidade ou quase em estado de putrefação. fartura só a de doce, geléias e pastéis fabricados pelas freiras nos conventos: era com que se arredondava a gordura das frades e das sinh -cionas.

mas nos engenhos e péssima nas cidades: tal a alimentação, da sociedade brasileira nos séculos xvi, xvii e xviii. nas cidades, péssima e escassa. o bispo de tucumã, tendo visitado o brasil no século xvii, observou que nas cidades "mandava comprar um frango, quatro ovos e um peixe e nada lhe traziam, porque nada se achava na praça nem no açougue"; tinha que recorrer ...s casas particulares dos ricos.'" as cartas do padre-nóbrega falam-nos da "falta de mantimentos"127 e anchieta rem. fere nas suas que em pernambuco não havia matadouro na vila, precisando os padres do colégio de criar algumas cabeças de bois. e vacas para sustento seu e dos meninos: "se assim não o fizessem, não teria o que comer". e acrescenta: "todos sustentam-se:

c.-g. & s. 39



mediocrementemente ainda que com trabalho por as cousas valerem mui caras, e tresdobro do que em portugal." da carne de vaca informa não ser gorda: "não muito gorda por não ser a terra fértil de pastos".<sup>129</sup> e quanto a legumes: "da terra lia. muito poucos". Ainda do padre anchieta a informação: "alguns ricos comem pão de farinha de trigo de portugal, maxime em pernambuco e bahia, e de portugal também lhes vem vinho, azeite vinagre, azeitona, queijo, conserva e outras cousas de comer." <sup>130</sup>

era uma dieta, a da bahia dos vice-reis, com os seus fidalgos e burgueses ricos vestidos sempre de seda de genova, de linhos e algodão. da holanda e da inglaterra e até de tecidos de ouro importados de paris e do Líbio; era uma dieta, a deles, em que na falta de carne verde se abusava de peixe, variando-se apenas o regime ictiofago com carnes salgadas e queijos-do-reino, importados da europa juntamente com outros artigos de alimentação.<sup>131</sup> "não se vê carneiro e raro o gado bovino que preste", informava sobre a bahia o abade reynal.<sup>132</sup> nem carne de vaca nem de carneiro nem mesmo de galinha. nem frutas nem legumes; que legumes eram raros na terra e frutos quase que só chegavam ... mesa já bichados ou então tirados verdes para escaparem ... gana dos passarinhos, dos taurus e dos insetos. a carne que se encontrava era magra, de gado vindo de longe, dos sertões, sem pastos que o refizessem da penosa viagem. porque as grandes lavouras de açúcar ou de tabaco não se deixavam manchar de pastos para os bois descidos dos sertões e destinados ao corte. bois e vacas que não fossem os de serviço eram como se fossem animais danados para os latifundiários.

vacas leiteiras sabe-se que havia poucas nos engenhos coloniais, quase não se fabricando neles nem queijos nem manteiga, nem se comendo, senão uma vez por outra, carne de boi. isto, explica capistrano de abreu, "pela dificuldade de criar reses em lugares impróprios ... sua propagação". dificuldade que reduziu este gado ao estritamente necessário ao serviço agrícola.<sup>133</sup> era a sombra da monocultura projetando-se por longas e longas em volta das fazendas de açúcar e a tudo esterilizando ou sufocando, menos os canaviais e os homens e bois a seu serviço.

não só na bahia, em pernambuco e no maranhão como em sergipe del-rei e no rio de janeiro verificou-se, com maior ou menor intensidade, através do período colonial, o fenômeno, tão perturbador da eugenia brasileira, da escassez de víveres frescos, quer animais quer vegetais. mas talvez em nenhum ponto tão agudamente como em pernambuco.<sup>134</sup> nessa capitania por excelência açucareira e latifundiária, onde ao findar o século xviii

40 ff. f.

e principiar o xix, calculava-se estar a melhor terra agrícola, domínio de oito ou dez senhores de engenho vizinha do mar, no para duzentos vizinhos - "entre duzentos vizinhos, oito ou dez

proprietarios" que de ordinário são permitiam aos rendeiros "plan-

tar canna para ficarem com a meação<sup>135</sup> - a carestia de mantimentos de primeira necessidade se faz sentir ...s vezes angustiosamente entre os habitantes. debalde tentara o conde de Nassau. no século xvii dar jeito a semelhante desequilíbrio na vida econômica da grande capitania açucareira. e como na bahia e em pernambuco, também no rio de janeiro o gado não chegou nunca para "o consumo dos açougues e serviço dos engenhos<sup>136</sup> evitando-se a sua presença nas plantações de cana e mesmo a sua proximidade; e tanto quanto naquelas capitânicas do norte estiveram sempre as terras no rio de janeiro concentradas nas mãos de poucos: grandes latifundiários plantadores de cana - inclusive os frades do mosteiro de São Bento. sob semelhante regime de monocultura, de latifúndio e de trabalho escravo não desfrutou nunca a população da abundância de cereais e legumes verdes.

de modo que a nutrição da família colonial brasileira, a dos engenhos e notadamente a das cidades, surpreende-nos pela sua má qualidade: pela pobreza evidente de proteínas de origem animal<sup>137</sup> e possível de albuminóides em geral; pela falta de vitaminas; pela de cálcio e de outros sais minerais; e, por outro lado, pela riqueza certa de toxinas. o brasileiro de boa estirpe rural dificilmente poder, como o inglês, voltar-se para o longo passado de família na certeza de dez ou doze gerações de avós bem-alimentados de bife e legumes, de leite e ovos, de aveia e frutas a lhe assegurarem de longe o desenvolvimento eugênico, a saúde sólida, a robustez física, tão difíceis de ser perturbadas ou afetadas por outras influências sociais quando predomina a da higiene de nutrição.

se a quantidade e a composição dos alimentos não determinam sozinhas, como querem os extremistas - os que tudo crêem poder explicar pela dieta<sup>138</sup> - as diferenças de morfologia e de psicologia, o grau de capacidade econômica e de resistência ...s doenças entre as sociedades humanas, sua importância é entretanto considerável, como o vão revelando pesquisas e inquiridos nesse sentido. já se tenta hoje retificar a antropogeografia dos que, esquecendo os regimes alimentares, tudo atribuem aos fatores raça e clima; nesse movimento de retificação deve ser incluída a sociedade brasileira, exemplo de que tanto se servem - os alarmistas da mistura de raças ou da malignidade dos trópicos a favor da sua tese de degeneração do homem por efeito do

i

i

i

i

clima ou da miscigenação. É uma sociedade, a brasileira, que a indagação histórica revela ter sido em larga fase do seu desenvolvimento, mesmo entre as classes abastadas, um dos povos modernos mais desprestigiados na sua eugenia e mais comprometidos na sua capacidade econômica pela deficiência de alimento. ali s, a indagação levada mais longe, aos antecedentes do colonizador europeu do Brasil, mesmo dos colonos de prol, revela-nos, no peninsular dos séculos xv e xvi, como adiante veremos, um povo profundamente perturbado no seu vigor físico e na sua higiene por um pernicioso conjunto de influências econômicas e sociais. uma delas, de natureza religiosa: o abuso dos jejuns.

pode-se generalizar sobre as tontes e o regime de nutrição do brasileiro: as fontes - vegetação e águas - ressentem-se da pobreza química do solo, exógeno, em larga extensão, de clcio;139 o regime, quando não, peca pela deficiência em qualidade tanto quanto em quantidade, ressentem-se sempre da falta de equilíbrio.140 esta última situação, geral: inclui as classes abastadas. a deficiência pela qualidade e pela quantidade é e tem sido desde o primeiro século o estado de parcimônia alimentar de grande parte da população. parcimônia ...s vezes disfarçada pela ilusão da farinha que dá a farinha de mandioca,141 intumescida pela água.

a pobreza de clcio do solo brasileiro, escapa quase de todo ao controle social ou ... retificação pelo homem; as outras duas causas, porém, encontram explicação na história social e econômica do brasileiro - na monocultura, no regime de trabalho escravo, no latifúndio, responsáveis pelo reduzido consumo de leite, ovos e vegetais entre grande parte da população brasileira.142 são suscetíveis de correção ou de controle.

se excetuamos da nossa generalização sobre a deficiência alimentar na formação brasileira as populações paulistas, é por terem atuado sobre elas condições um tanto diversas das predominantes no rio de janeiro e ao norte: geológicas e meteorológicas, favorecendo o esforço agrícola generalizado e até a cultura, embora medíocre,, do trigo; de provável superioridade de composição química do solo, dando em resultado maior riqueza dos produtos destinados ... alimentação; sociais e econômicas' da

~nie

parte dos primeiros povoadores, que não sendo gente das mesmas tradições e tendências rurais nem dos mesmos recursos, s pecuniários dos colonizadores de pernambuco, mas na maior parte ferreiros, carpinteiros, alfaiates, pedreiros, tecelões, entregaram-se antes ... vida semi-rural e gregária que ... latifundiária e de monocultura; e ainda econômicas, por ter prevalecido no planalto pau-

42 9. f

lista a concentração das duas atividades, a agrícola e a pastoril, 143 em vez da divisão quase balcônica em esforços separados e por assim dizer inimigos, que condicionou o desenvolvimento da bahia, do maranhão, de pernambuco, do rio de janeiro.

as generalizações do professor oliveira vianna, que nos pintou com tão bonitas cores unia população paulista de grandes proprietários e opulentos fidalgos rústicos, têm sido retificadas, naqueles seus falsos dourados e azuis, por investigadores mais realistas e melhor documentados que o ilustre sociólogo das populações, meridionais do brasil: afonso de e. taunay,144 alfredo ellis júnior,145 paulo prado,144 e alcântara machado. 147 basea-

dos nesses autores e na documentação riquíssima mandada publicar por washington luis,148 e que divergimos do conceito de ter sido a formação paulista latifundiária e aristocrática tanto quanto a das capitânicas açucareiras do norte. ao contrário: não obstante as profundas perturbações do bandeirismo, foi talvez a que se processou com mais equilíbrio. principalmente no tocante ao sistema de alimentação.

---muito equilibrada, além de farta, teria sido a nutrição nos primeiros séculos, quanto aos seus elementos químicos% escreve da alimentação dos povoadores paulistas alfredo ellis júnior, que, para afirmá-lo, baseia-se em informações dos inventários e testamentos; "lpois", acrescenta, "não só tinham eles em abundância a proteína da carne de seus rebanhos de bovinos como, também lhes sobrava a carne de porco, que é rica em matérias

gordurosas de grande valor, o que os fazia carnívoros, além de copiosa variedade na alimentação cerealífera, como o trigo, a mandioca, o milho, o feijão, etc., cujas plantas semeavam ...s redondezas paulistanas e que contêm elevada percentagem de hidrocarbonados, muito ricos em calorias." e ainda alfredo ellis júnior que lembra esta observação de martius sobre as populações paulistas: que o caráter das doenças em são paulo diferia consideravelmente das condições patológicas observadas no rio.149 martius atribui o fato ... diferença de clima --- fator que estava então em moda exaltar-se - e, vagamente, a diferenças de constituição dos habitantes. fosse mais longe no diagnóstico e chegaria sem dúvida a importante causa ou fato social determinante daquela diferença de condições patológicas entre populações tão próximas. essa causa, a diferença nos dois sistemas de nutrição. um, o deficiente, de populações sufocadas no seu desenvolvimento eugênico e econômico pela monocultura; o outro, equilibrado, em virtude da maior divisão de terras e melhor coordenação de atividades - a agrícola e a pastoril - entre

c.-g- & s. 43

i

i

s

econômica se transmitiria mais paulistas.150 destes a saúde arde aos mineiros; os quais, passada a fase turbulenta do ouro dos diamantes, se aquietariam na gente mais estvel, mais equilibrada e, talvez, melhor nutrida do brasil. cremos poder-se afirmar que na formação do brasileiro -

considerada sob o ponto de vista da nutrição - a influência mais alutar tem sido a do africano: quer através dos valiosos alimentos, principalmente vegetais, que por seu intermédio vieram-nos a África, quer através do seu regime alimentar, melhor equilibrado do que o do branco -- pelo menos aqui, durante a escravidão. dizemos aqui, como escravo, porque bem ou mal os senhores de engenho tiveram no Brasil o seu arremedo de Taylorismo, procurando obter do escravo negro, comprado caro, o máximo de esforço útil e não simplesmente o máximo de rendimento

da energia africana ao seu serviço cedo aprenderam muitos os grandes proprietários que, abusada ou esticada, rendia menos e bem conservada: daí passaram a explorar o escravo no objetivo do maior rendimento mas sem prejuízo da sua normalidade e eficiência. a eficiência estava no interesse do senhor conservar no negro - seu capital, sua máquina de trabalho, alguma coisa de si mesmo: donde a alimentação farta e reparadora que Eckolt observou dispensarem os senhores aos escravos no Brasil.<sup>151</sup> a alimentação do negro nos engenhos brasileiros podia ser nenhum primor de culinária; mas faltar nunca faltava. sua abundância de milho, toucinho e feijão recomenda-a como regime apropriado ao duro esforço exigido do escravo agrícola.

o escravo negro no Brasil parece-nos ter sido, com todas as eficiências do seu regime alimentar, o elemento melhor nutrido em nossa sociedade patriarcal, e dele parece que numerosos descendentes conservaram bons hábitos alimentares, explicando-se em grande parte pelo fator dieta - repetimos - serem em geral e ascendência africana muitas das melhores expressões de vigor ou de beleza física em nosso país: as mulatas, as baianas, as criou-las, as quadradoras, as oitavanas,<sup>111</sup> os cabras de engenho,<sup>153</sup> os fuzileiros navais ~<sup>154</sup> os capoeiras, os capangas, os atletas, os estivadores no Recife e em Salvador, muitos dos jagunços dos sertões baianos e dos cangaceiros do nordeste. a exaltação lórica que se faz entre nós do caboclo, isto é, do indígena tanto quanto do índio civilizado ou do mestiço de índio com branco, no qual alguns querem enxergar o expoente mais puro da capacidade física, da beleza e até da resistência moral da sub-raça brasileira,<sup>155</sup> não corresponde senão superficialmente ... realidade. nesse ponto

44 g. f.

senhor branco do século xvii dirigindo o trabalho dos escravos negros

num engenho de açúcar. (segundo ilustração da historia naturalis brasiliae, guilicimi pisonis, amsterladarai, 1648.)

j o mestre ilustre que é o professor roquette-pinto insinuou a necessidade de retificar-se euclides da cunha, nem sempre justo nas suas generalizações. muito do que euclides exaltou como valor da raça indígena, ou da sub-raça formada pela união do branco com o índio, são virtudes provindas antes da mistura das três raças que da do índio com o branco; ou tanto do negro quanto do índio ou do portugueses. "amestiagem", diz roquette-pinto, "deu o jagunço: o jagunço não é mameluco, filho de índio

e branco. euclides estudou-o na bahia; bahia e minas são os

99 156

dois estados da união em que mais se espalhou o africano.

salienta mais o antropólogo brasileiro que "é grave erro acreditar que no grandesertão central e na baixada amazônica o sertanejo seja só caboclo". "tanto nas chapadas do nordeste como nos seringais", acrescenta, "h cabozos ou caborés, representam de uma parte de sangue africano." e sublinha o fato de muito negro ter deixado o litoral ou a zona açucareira para ir se aquilombar no sertão: "muitos escravos fugiam para se aquilombar nas matas, nas-vidinhanças de tribos índias. a fuga das mulheres era mais difícil; de sorte que o rapto das índias foi largamente praticado pelos pretos quilombolas." 157

j no seu estudo rondônia158 roquette-pinto publicara interessante documentação por ele desencantada do arquivo do instituto histórico brasileiro sobre os caborés da serra do norte, em pleno brasil central: híbridos de negros fugidos das minas

e-g- a s. 45

i

i

i

com mulheres índias por eles raptadas. os raptos a que se entregaram por toda parte os negros aquilombados não foram apenas de "sabinas pretas[ ... ] pelos engenhos", como diz ulisses brandão.159 mas também, e principalmente, de caboclas. gastou cruéis, viajando há anos pelo baixo cumim, deu com vários remanescentes de antigos mucambos ou quilombos, isto é, de negros fugidos de engenhos e de fazendas. "ali s", escreve ele, "quase todos os rios da amazônia tiveram desses refúgios de escravos e até no alto iú, crevaux foi surpreender a chovia de uma preta velha."160 por onde se vê que até mesmo onde se supõe conservar-se mais puro o sangue ameríndio ou o híbrido de portugueses com índio chegou o africano: ao coração mesmo da amazônia, ... serra do norte e aos sertões.

a suposta imunidade absoluta do sertanejo do sangue ou da influência africana não resiste a exame demorado. se são numerosos os brancos puros em certas zonas sertanejas, noutras se fazem notar resíduos africanos. um estudo interessantíssimo a fazer seria a localização de redutos de antigos escravos que teriam borrado de preto, hoje empalidecido, muita região central do brasil. essas concentrações de negros puros correspondem necessariamente a manchas negras no seio de populações afastadas dos centros de escravaria. escasseavam entre os escravos fugidos as mulheres de sua cor, recorrendo eles, para suprir a falta, "ao rapto das índias" ou caboclas de povoados e aldeamentos próximos: teriam assim espalhado o seu sangue por muita zona considerada depois virgem de influência negra. ali s os movimentos, sertões adentro ou rio amazonas acima, de negros fugidos, representam quase arrojo igual ao dos bandeirantes pau-

listas ou dos povoadores cearenses.

brancarana, ou então mestiça de branco com Índio, e, em menor proporção, mistura de três raças, a maior parte da população livre que correspondeu, em nossa organização escravocrata, ao "poor white trash" nas colônias inglesas da América, sobre esse elemento relativamente pouco carregado de influência ou colorido africano, é que a anemia palúdica, o beribéri,<sup>161</sup> as verminoses exerceram a sua maior ação devastadora, só depois do descalabro da abolição estendida com igual intensidade aos negros e pardos já agora desamparados da assistência patriarcal das casas-grandes e privados do regime alimentar das senzalas. os escravos negros gozaram sobre os caboclos e brancos livres da vantagem de condições de vida antes conservadoras que desprestigiosas da sua eugenia: puderam resistir melhor ...s influências

46 g. f.

patogênicas, sociais je do meio físico, e perpetuar-se assim em descendências, mais sadias e vigorosas.

da ação da sífilis já não se poder dizer o mesmo; que esta foi a doença por excelência das casas-grandes e das senzalas. a que o filho do senhor de engenho contraía quase brincando entre negras e mulatas ao desvirginar-se precocemente aos doze ou aos

treze anos. pouco depois dessa idade já o menino era donzelão. ridicularizado por não conhecer mulher e levado na tropa por não ter marca de sífilis no corpo, a marca da sífilis, notou martius ' que o brasileiro a ostentava como quem ostentasse uma ferida de juerra;<sup>162</sup> e cinquenta anos depois de martius um observador francês., emile béringer, negando ao clima do norte do Brasil influência preponderante na morbidade da região, salientava a importância verdadeiramente trágica da sífilis: "a sífilis produz grandes estragos. a maior parte dos habitantes. não a consideram como uma moléstia vergonhosa e não têm grande cuidado. independentemente de sua influência sobre o desenvolvimento de numerosas afecções especiais, fornece um contingente de dez falecimentos sobre mil."

é vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sífilização. começaram juntas, uma a formar o brasileiro - talvez o tipo ideal do homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou Índio a avivar-lhe a energia; outra, a deformá-lo. daí certa confusão de responsabilidades; atribuindo muitos ... miscigenação o que tem sido 4)bra principalmente da sífilização; responsabilizando-se a raça negra ou a ameríndia ou mesmo a portuguesa, cada uma das quais, pura ou sem cruzamento, está cansada de produzir exemplares admiráveis de beleza e de robustez física, pelo "feio" e pelo "bisonho"<sup>164</sup> das nossas populações mestiças mais afetadas de sífilis ou mais roídas de verminose.

de todas as influências sociais talvez a sífilis tenha sido, depois de má nutrição, a mais deformadora da plástica e a mais depauperadora da energia econômica do mestiço brasileiro. sua ação começou ao mesmo tempo que a da miscigenação; vem, segundo parece, das primeiras uniões de europeus, desgarrados ...-toa

pelas nossas praias, com as Índias que iam elas próprias oferecer-se ao amplexo sexual dos brancos. "a tara étnica inicial" de que fala azevedo' amaral foi antes tara sífilítica inicial. costuma dizer-se que a civilização e a sífilização andam juntas: o brasil, entretanto, parece ter-se sífilizado antes de se haver civilizado. os primeiros europeus aqui chegados desapareceram na massa indígena quase sem deixar sobre ela outro traço

c.-g- & s. 47

i

europeizante além das manchas de mestiçagem e de sífilis. não civilizaram: h, entretanto, indícios de terem sífilizado a população aborígine que os absorveu.

precisamente sob o duplo ponto de vista da miscigenação e da sífilização é que nos parece ter sido importantíssima a primeira fase de povoamento. sob o ponto de vista da miscigenação foram aqueles povoadores ...-toa que prepararam o campo para o único processo de colonização que teria sido possível no brasil: a da formação, pela poligamia---j que era escasso o número de europeus - de uma sociedade híbrida. dos diogos Álvares, dos joões, ramalhos, um tanto impropriamente de jerônimo de Albuquerque (que j pertence a outra fase de povoamento) escreveu paulo prado que "proliferam largamente, como que indicando a solução para o problema da colonização e formação da raça no nosso país". 165 do seu contato com a população ameríndia resultaram, na verdade, as primeiras camadas de mestiçagem formando porventura pontos mais fecis ... penetração da segunda leva de gente europeia. quando os povoadores regulares aqui chegaram, j foram encontrando sobre o pardo avermelhado da massa indígena aquelas manchas de gente mais clara. ainda que sem definida caracterização europeia, esses mestiços, quase pelo puro fato da cor mais próxima da dos brancos e por um ou outro traço de cultura moral or material j adquirido dos pais europeus, devem ter sido um como calão ou forro de carne amortecendo para colonos portugueses ainda virgens de experiências exóticas - e os havia decerto numerosos, vindos do norte - q choque violento de contato com criaturas inteiramente diversas do tipo europeu.

muitos dos primeiros povoadores não fizeram senão dissolver-se no meio da população nativa. raros os "verdadeiros régulos"166 de que fala paulo prado: os grandes patriarcas brancos que, sozinhos no meio dos Índios, conseguiram em parte sujeitar ... sua vontade de europeus bandos consideráveis de gente nativa.

mesmo aqueles, porém, que desapareceram no escuro da vida indígena sem deixar nome, impõem-se, pelas evidentes consequências de sua ação procriadora e sífilizadora, ... atenção de quem se ocupe da história genética da sociedade brasileira. bem ou mal, neles é que madrugou essa sociedade. deles se contaminou a formação brasileira de alguns dos seus vícios mais persistentes e característicos: taras étnicas, diria azevedo amaral; sociais, preferimos dizer.

a sífilização do brasil resultou, ao que parece, dos primeiros encontros, alguns fortuitos, de praia, de europeus com Índias.



não só de portugueses como de franceses e espanhóis. mas prin-  
cipalmente de portugueses e franceses. degredados, cristãos-novos,  
48 g. f.

i

principalmente de portugueses e franceses. degredados, cristãos-novos,  
traficantes normandos de madeira de tinta que aqui ficavam, deixados pelos seus para irem se acamaradando com os indígenas;

e que acabavam muitas vezes tomando gosto pela vida desregrada no meio de mulher fácil e ... sombra de cajueiros e araçazeiros. oscar da silva arajo, a quem se devem indagações valiosas. sobre o aparecimento da sífilis no brasil, liga-o principalmente ao contato dos indígenas com os franceses. "no século xvi, recorda o cientista brasileiro, "surgiu na França a grande epidemia de sífilis; nas crônicas dos contrabandistas dessa época vêm-se referências ... existência de doenças venéreas entre eles, dizendo, muitas vezes, as populações. É de presumir que os aventureiros franceses que comerciavam com os nossos indígenas estivessem também infetados e que tenham sido os introdutores e primeiros propagadores dessa doença entre eles. 11167

menos infetados não deviam estar os portugueses, gente ainda mais móvel e sensual que os franceses. "o mal que assolou o velho mundo em fins do século xv", observa noutro dos seus trabalhos oscar da silva arajo, "propagou-se no oriente, tendo sido para aí levado pelos portugueses. as investigações de okamura, dohi e susuky no Japão e na China, e as de jolly e outros na Índia, demonstram que a sífilis apareceu nesses países somente depois que eles se puseram em relações com os europeus. na Índia apareceu depois da chegada de Vasco da Gama em 1498, tendo ele saído de Portugal em 1497. Gaspar Correia, nas lendas da Índia, refere que "em Cacator, no ano de 1507, a gente começou a adoecer de mau ar e de mau comer e principalmente com a conversação com as mulheres, de que morriam."168 recorda ainda oscar da silva arajo alle "engelbert koempfer, citado por astruc, assegura que o termo japonês manbakassam, com a sua significação literal doença dos portugueses, é aquele, com que no Japão se designa a sífilis. e ainda nos nossos dias - acrescenta - em muitos países do oriente mal português é sinónimo de lues. nos idiomas indiano, japonês e chinês não há nomes indígenas para a doença".''

ainda que vários tropicalistas, alguns deles com estudos especializados sobre o brasil, como Sigaud, dão a sífilis como autctone.170 as evidências reunidas por oscar da silva arajo fazem-nos chegar a conclusão diversa. ---osviajantes médicos", lembra ainda o autor brasileiro, "que nos últimos tempos estudaram as doenças dos nossos índios ainda não mesclados com civilizado e entre eles os drs. roquette-pinto, murilo de campos e olímpio da fONSECA filho, nunca observaram a sífilis entre

c.-g. & s. 49,

esses indígenas, não obstante terem assinalado a existência de várias dermatoses". acresce que: "os primeiros viajantes e escritores que se referem ao clima e ...s doenças do brasil nunca assinalaram a existência desse mal entre os silvícolas que até então viviam isolados e não tinham tido contato com os europeus [ . 111.171 de igual parecer e outro investigador ilustre, o professor piraj da silva, que julga a lepra e a sífilis "introduzidas no brasil pelos colonos europeus e africanos~'.172 o que parece e ter havido muita confusão de pian ou mal boub tico com a -sífilis.

o intercurso sexual entre o conquistador europeu e a mulher Índia não foi apenas perturbado pela sífilis e por doenças europeias de fácil contágio venéreo: verificou-se - o que depois se tornaria extensivo ...s relações dos senhores com as escravas negras - em circunstâncias desfavoráveis ... mulher. uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da Índia ou da negra ter predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio. o furor ferneiro do português se ter exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que se saiba de casos de pura ,confraternização do sadismo do conquistador branco com o masoquismo da mulher indígena ou da negra. isto quanto ao sadismo de homem para mulher - não raro precedido pelo de senhor para muleque. através da submissão do muleque, seu companheiro de brinquedos e expressivamente chamado, leva-pancadas, iniciou-se muitas vezes o menino branco no amor físico.

quase que do muleque leva-pancadas se pode dizer que desempenhou entre as grandes famílias escravocratas do brasil as mesmas funções de paciente do senhor moleto que na organização patrocina do império romano o escravo pobre escolhido para ~companheiro do menino aristocrata: espécie de vítima, ao mesmo tempo que camarada de brinquedos, em que se exerciam os ---premiers gônosesiques" do filho-família.173

moll salienta que a primeira direção tomada pelo impulso sexual na criança - sadismo, masoquismo, bestialidade ou fetichismo - depende em grande parte de oportunidade ou chance, isto é, de influências externas sociais.174 mais do que de predisposição ou de perversão inata.

refere-se o autor de the sexual life of the child ao período -de "indiferença sexual" - que segundo pentz e max des-soir'15 todo indivíduo atravessa - como particularmente sensível ...que as influências. nesse período e que sobre o filho de família ,escravocrata no brasil agiam influências sociais - a sua condição

.50 g. f.

de senhor cercado de escravos e animais dóceis - induzindo-o ... bestialidade e ao sadismo. este, mesmo dessexualizado depois, não raro guardava em várias manifestações da vida ou da atividade social do indivíduo, aquele "sexual undertone-, que segundo pfister, "is never lacking to wellmarked sadistic pleasure".1715

transformava-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canários - tantas vezes manifestado pelo senhor de engenho quando homem feito; no gosto de mando violento ou perverso que explodia nele ou no filho bacharel quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública; ou no simples e puro gosto de mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho. gosto que tanto se encontra, refinado num senso grave de autoridade e de dever, num dom vital, como abrutalhado em rude autoritarismo num floriano peixoto.

resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador -sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente ... circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem;177 criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido. não convém, entretanto, esquecer-se o sadismo da mulher, quando grande -senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúme ou inveja sexual.

mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, tornou-se feito sentir através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes ...s vezes s dicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como o do chamado marechal-de-ferro. a nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, e antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar "povo brasileiro" ainda goza e a pressão sobre ele de um governo mesmulo e corajosamente autocrático. mesmo em sinceridades expressões individuais - não de todo invulgares nesta espécie de Rússia americana que é o Brasil178 - de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de

c.-g. & 8. 51

i

reformular ou corrigir determinados vícios de organização política ou econômica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se.

por outro lado, a tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em "princípio de autoridade" ou "defesa da ordem". entre essas duas místicas - a da ordem e a da liberdade, a da autoridade e a da democracia - que se vem equilibrando entre nós a vida política, precocemente saída do regime de senhores e escravos.

na verdade, o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente europeia e outros de cultura principalmente africana e americana. e não sem certas vantagens: as de uma dualidade não de todo prejudicial ... nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor de imaginação e emoção do -grande número e, de outro lado, pelo contato, através das elites, com a ciência, com a técnica e com o pensamento adiantado da europa. talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagonicas, de cultura, como no brasil. a verdade que o v cuo entre os dois extremos ainda é enorme; e deficiente a muitos respeito a intercomunicação entre as duas tradições de cultura. mas não se pode acusar de rígido, nem de falta de mobilidade vertical - como diria sorokin - o regime brasileiro, em vários sentidos sociais um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos.

uma circunstância significativa resta-nos' destacar na formação brasileira: a de não se ter processado no- puro sentido da europeização. em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura europeia se p"s em contato com a indigéria, amaciada pelo óleo da mediação africana. o próprio sistema jesuítico - talvez a mais eficiente força de europeização técnica e de cultura moral e intelectual, 'a agir sobre as populações indígenas; o próprio sistema jesuítico, no que logrou maior êxito no brasil dos primeiros séculos foi na parte mística, devocional e festiva do culto católico. na cristianização dos caboclos pela música, pelo canto, pela liturgia, pelas profissões, festas, danças religiosas, mistérios, comédias; pela distribuição de ver"nucas com agrius-dei, que os caboclos venduravam no pescoço, de cordões, de fitas e rosários; pela adoração de relíquias do santo lenho e de cabeças das onze mil virgens. elementos, muitos desses, embora a serviço da obra de europeização e de cristia-

52 g. f.

i

nização, impregnados de influência animística ou fetichista vinda talvez da África.

porque os próprios exercícios espirituais parece que assimilara-os loyalty de originais africanos; são, pelo menos, produtos do mesmo clima místico ou religioso que as manifestações do voluptuoso misticismo dos arabes. o céu jesuítico, como o purgatório ou o inferno, cujas delícias ou horrores o devoto que pratique os exercícios acabar vendo, sentindo-lhes o cheiro e o gosto, ouvindo-lhes os cantos de gozo ou os ai-jesus de desespero - esse céu, esse purgatório e esse inferno ao alcance dos sentidos por meio daquela técnica admirável, aproxima-os o estudo comparado das religiões de antigos sistemas de mística muçulmana. um livro sobre as origens da companhia de jeshu

o de hermann müller, conclui, talvez precipitadamente, pela imitação da técnica muçulmana por santo inácio de loyola. e chamberlain, na sua interpretação, toda em termos de raça - e esta a nórdica - da cultura religiosa da europa moderna, repudia em absoluto santo inácio de loyola por enxergar no seu sistema qualidades anticuopelas de imaginação, de sentimento e de técnica de misticismo. ou, no seu entender, de antimisticismo. chamberlain não sente no sistema de loyola nenhum perfume místico: para ele os exercícios resumem-se num "método grosseiramente mecânico, arranjado com suprema arte para excitar o indivíduo [ .... 1.11 179

a possível origem africana - chamberlain considera-a definitivamente provada - do sistema jesuítico nos parece importantíssima na explicação da formação cultural da sociedade brasileira: mesmo onde essa formação da ideia de ter sido mais rigidamente europeia - a catequese jesuítica - teria recebido a influência amolecedora da África. a mediação africana no brasil aproximou os extremos, que sem ela dificilmente se teriam entendido tão bem, da cultura europeia e da cultura ameríndia, estranhas e antagônicas em muitas das suas tendências.

considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos ...s primeiras paginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. antagonismos de economia e de cultura. a cultura europeia e a indígena. a europeia e a africana. a africana e a indígena. a economia agrária e a pastoril. a agrária e a mineira. o católico e o herege. o jesuíta e o fazendeiro. o bandeirante e o senhor de engenho. o paulista e o emboaba. o pernambucano e o mascate. o grande proprietário e o pobre. o bacharel e o analfabeto. mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo.

-g. & s. 53

i

i

i

é verdade que agindo sempre, entre tantos antagonismos contudentes, gnortecendo-lhes o choque ou harmonizando-os, condições de confraternização e de mobilidade social peculiares ao brasil: a miscigenação, a dispersão da herança, a fácil e frequente mudança de profissão e de residência, o fácil e frequente acesso a cargos e a elevadas posições políticas e sociais de mestiços e de filhos naturais, o cristianismo lúrico ... portuguesa, a tolerância moral, a hospitalidade a estrangeiros, a intercomunicação entre as diferentes zonas do país. esta, menos por facilidades técnicas do que pelas físicas: a ausência de um sistema de montanhas ou de rios verdadeiramente perturbador da unidade brasileira ou da reciprocidade cultural e econômica entre os extremos geográficos.

## notas ao capítulo i

1. em portugal, como adiante veremos, mais através da burguesia marítima, que ali cedo se arredondou em força dominadora, do que pela vontade ou ação da nobreza rural. esta, após a morte de d. fernando em 1383, chegou a inclinar-se ... reunião de, portugal com castela, contra o que levantou-se a burguesia, escolhendo para ocupar o trono o mestre de avis. os partidários do mestre de avis, diz-nos antônio soroio (a sketch of the history of portugal, lisboa, 1928) que eram "a minoria mas tinham a seu favor [ .... ] o dinheiro da classe média".

2. na beira baixa abundam "as localizações da raça pequena, dolicocefala, do tipo de mugem como no alentejo predominam "altas estaturas talvez pela influência de uma raça rabe, mesaticéfala", e no algarve como em outros pontos do litoral português se encontram representantes numerosos de um "tipo semítico-fenício de estatura mediana" (mendes correia, os criminosos portugueses, lisboa, 1914). veja-se também fonseca cardoso, "antropologia portuguesa em notas sobre portugal, lisboa, 1908. no concelho de alcacer do sal são numerosas as famílias mulatas, segundo informa lerre de vasconcelos (cit. por mendes correia, os povos primitivos da lusitânia, porto, 1924).

3. rafael alta na sua filosofia de história y teoría de la civilización (madri, 1915) observa que as influências recíprocas se operam "entre pueblos enemigos a quienes separan odios" e cita precisamente o exemplo dos muçulmanos e dos cristãos: "[os cuales no obstante sus guerras continuas se influyeron mutuamente en alto grado".

4. freeman salienta "the general law by which, in almost all periods, either the masters of spain have borne rule in africa or the masters of africa have borne rule in spain" (e. a. freeman, historical geography. of europe, londres, 1882). mas principalmente em portugal que se tem verificado esta alternativa de domínio continental, de constante ajustamento e reajustamento de valores de cultura e preponderâncias

de raça.

s. segundo a pesquisa craniométrica e osteométrica de paula e ouveira. dois outros antropólogos portugueses, silva basros e fonseca

54 g. f.

cardoso, encontraram nas regiões montanhosa de beira alta, tr~ montes, beira baixa "em estado de relativa pureza os representantes da raça dolicocefala de mugem (tipo beaumes-chaudes) que constitui," diz mendes correia, "o fundo antropológico do povo português". (vejam-se mendes correia. os criminosos portugueses, e fonseca cardoso, loc. cit.; também os trabalhos de cosra ferreira, "la capacité du crâne chez les portugais", bulletins et mémoires de la société d'anthropologie de paris, série v, vol. iv, e r~ de macedo, bosquejos de antropologia criminal, lisboa, 1900).

6. conde fie de keyser, "portugal" (trad. do alemão por heirra oppenhe e o de olr), em descobrimento. n.º 2, lisboa, 1931.

7. alexandr herc, história de portugal, lisboa, 1853.

8. mendes correia, os povos primitivos da lusitânia. cit.

9. a incapacidade de tomar resoluções prontas, que teóbiaga responsabiliza pela "falta de iniciativa" no português (o povo porta-

guês, Lisboa, 1885).

10. Fekraz de M. Cedo, op. cit.

11. Opinião de ~o Arroio, "o povo português", em nota sobre Portugal, Lisboa, 1908. Entretanto lê-se no próprio eA, após a descrição de Gonçalo:

"assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?"

- quem?

- português"

12. eA de Queir's, a ilustre casa de Ramires, Porto, 1904. o autor menciona outros característicos.

em relação com a nossa idia (vejam-se o mundo que o português criou, Rio, 1940 e uma cultura ameaçada: a luso-brasileira, Recife, 1940) de que o português sempre uniu ao espírito de aventura o de precaução, rotina, segurança, utilidade, não nos devemos esquecer. De que modernos historiadores do direito e do comércio marítimos atribuem aos portugueses a invenção dos seguros marítimos, criados - destaca o sr. ja~ cortesão - "na longa prática do tráfico por mar a distância, durante os séculos XIII e XIV e consagrados pela legislação de dom Fernando I ...." ("tradição", em cartas ... mocidade, Lisboa, 1940, p. 71). ja~ cor~o, a propósito dessa e de outras antecipações dos portugueses na solução de problemas técnicos e de organização social, insurge-se contra "uma falsa história em que [os portugueses] entramos apenas com o nosso valor, definindo-se por ela o português dos descobrimentos como um tipo aventureiro e de impulsivo, tutelado na sua ignorância pela ciência estrangeira", (p. 73). palavras hoje inglesas, mas derivadas da língua portuguesa, como curral, cuspidor, molasses, cruzado, albatroz (veja-se nosso Brasil: an interpretation, Nova Iorque, 1945) indicam que a influência portuguesa sobre

a cultura ocidental se fez sentir na zona da técnica (inclusive a rural-pastoril).

13. desconhecemos em que elementos se apoia w~fk^ para ~ver: "el português es mas europeo que el español: posee un linaje semítico m s débil, un linaje gótico m s fuerte" ("la seiva% em sur, n.º 1, Buenos Aires, 1931).

pensamos exatamente o contrário: que o português sendo mais cosmopolita que o espanhol, é entretanto dos dois talvez o menos gótico e o mais semita, o menos europeu e o mais africano: em todo o caso

e-g. & s. -55

i

i

i

i

i

-o me-nos definidamente uma cousa ou outra. o mais vago e impreciso, como expresso de car ter continental europeu. o mais extra-europeu. o mais atlântico.

14. aubrey f. g. bell, *portugal of the portuguese*, londres, 1915. o autor, cujas observações sobre o lirismo no car ter português... coincidem com as de miguel de una-o (por tierras de portugal y es-pafia, madri, 1911) e as de ensaístas mais novos, salienta outros contrastes.

15. fonseca c~so verificou antropologicamente a presença do elemento semito-fenício em populações atuais de portugal (fonseca cardoso, loc. cit.) e o professor mendes correia, destacando o papel etnogênico dos judeus na formação portuguesa, diz que sua importância já seria grande na época visigótica (raça e nacionalidade, porto, 1919). sob o ponto de vista da história social, o estudo definitivo sobre a infiltração israelita em portugal é o de j. lúcio de azevedo: *história dos cristãos-novos portugueses* (lisboa, 1915).

16. d. g. dalgado no seu estudo *the climate of portugal* (lisboa, 1914) destaca o fato de os portugueses se aclimarem em várias partes do mundo melhor que quase todos os outros europeus ("acclimatize themselves in various parts of the world better than almost all the other european races"). talvez - a opinião de muitos recolhida por dalgado - por serem um povo em cuja formação a raça semita entrou com forte contingente ("the great admixture of the people of the country with the semitic race"). emile béringer nos seus estudos sobre o clima e a mortalidade da capital de pernambuco (trad. de manuel duarte pereira' - pernambuco, 1891) escreve sobre o assunto: a raça portuguesa parece dotada de um temperamento que lhe permite adaptar-se mais facilmente que outras raças a climas diferentes do da metrópole. atribui-se esta qualidade não só ao cruzamento dos portugueses com os israelitas que se domiciliaram em portugal depois de sua expulsão, e que possuem uma notável aptidão para aclimação, como também ... influência persistente de sangue negro, que foi largamente propagado em portugal na época em que, no próprio país, se fazia um importante tráfico de escravos." e hermann wötjen em *das judentum und die anfrage der modernen kolonisation* (aoud das holländische kolonialreich in brasilien, gota, 1921) salienta que a raiva dos holandeses contra os judeus em pernambuco (raiva que quase se aguçou em anti-semitismo) era em parte devida ao fato dos israelitas se aclimarem com espantosa facilidade enquanto os flamengos custavam a adaptar-se ... vida nos trópicos.

j em 1901 escrevia com exagero apologético um homem de ciência paulista, luís pereira barreto: "o que a observação científica dos nossos dias nos ensina é que nenhuma raça no mundo iguala a portuguesa como aptidão para se adaptar a todas as condições imagináveis da existência terrestre. é a raça privilegiada, é a única que teve o dom de anular a seu favor as mais inclementes influências climáticas: o aclimamento universal é o seu apanágio. o português é o preferido, no serviço das baleeiras norte-americanas e, nesse posto, o vemos impertorrito arrostar os frios glaciais das costas da islandia. na zona torrida, a mais mortífera da áfrica, o encontramos sempre a prumo, robusto, inabalável, jovial e altaneiro. l onde nenhuma raça medra, o por-



tuguês prospera. l onde os soberbos colossos louros, os belos apolos do norte, ruem por terra, derretendo-se como cera mole ao calor de uma temperatura média anual de 28% o português campeia impondo e

56 g. f.

4

implanta duradoura prole." (-o século xx sob o ponto de vista brasileiro", o estado de são paulo, 23 de abril de 1901.) p ginas de igual fervor apologético, embora escritas de ponto de vista diferente do de pereira barreto, sobre "o elemento português na demografia do brasil" são as da memória apresentada com esse título ao congresso luso-brasileiro de história em lisboa, 1940, por outro homem de ciência, este português, o professor a. a. mendes correia, cujos pendores etno-cêntricos no sentido da exaltação do "português branco" coincidem com os do sociólogo brasileiro oliveira viana e com os do romancista afrônio peixoto. uma apresentação mais sobriamente científica de aspectos interessantes do mesmo assunto é oferecida pelo professor tenente-coronel-médico alberto c. germano da silva correia em seus trabalhos 'fles lusos descendants de l'inde portugaise', goa, 1928, e "os lusos descendentes de angola - contribuição para o seu estudo antropológico% memória, 3.' congresso colonial nacional, 1930.

o fato da rea amazônica no brasil permanecer ainda quase sem colonização parece indicar que o português, ao contrário da afirmativa enfática de pereira barreto, não tem o dom de, por disposições puramente étnicas, "anular a seu favor as mais inclementes influências climáticas". essa rea provavelmente só ser colonizada plenamente com o desenvolvimento e barateamento da técnica de ar condicionado e de outras formas de domínio do clima pelo homem civilizado, ainda que não deva ser esquecida nunca a importância, na valorização de reas do tipo da amazônica, dos motivos e valores espirituais que animem os colonizadores. importância destacada pelos mais modernos estudiosos do assunto como s. f. markham: ern climate and the energy of nations, london, 1944.

17. impossível precisar qual fosse a reduzida população portuguesa nos séculos xv e xvi. computam-na de modo diverso os historiadores. talvez no século xv não passasse de 1.010.000 do século de rebelo silva (memória sobre a população e agricultura de portugal desde a fundação da monarquia até 1865, lisboa, 1868). dos escritores mais aproximados da época consultem-se sobre o assunto manuel de severim de faria, notícias de portugal, lisboa, 1655, e duarte nunes de leão, descrição geral do reino de portugal, 1610. dentre os modernos, vejam-se os séculos de adrien balbi, essai statistique sur le portugal, paris, 1822; gama barros, história da administração pública em portugal nos séculos xv e xvi, lisboa, 1896; costa lobo, a história da sociedade em portugal, no século xv, lisboa, 1904; oliveira martins, a história de portugal, porto, 1882; j. lúcio de azevedo, "organização econômica em história de portugal, 27, 11; j. j. soares de barros, "memórias sobre as causas da diferente população de portugal em diferentes tempos da monarquia portuguesa% em memórias econ"-

micadas da academia real das ciências, 2.' ed., lisboa, 1885.

faz algum tempo, escreveu o professor everett v. stonequist a pro-

propósito das relações dos portugueses e espanhóis com as gentes de cor na América que "it is to be noted that the spanish and portuguese had already experienced prolonged contact with african peoples and were themselves of the brunette caucasian type" ("race, mixture and the mulatto", em *Race Relations and the Race Problem*, organizado por Edgar T. L'Ormpson, Durlin, 1939, p. 248), pontos acentuados no presente ensaio desde 1933. o professor Stonequist admite a possibilidade do português ter se revelado no Brasil portador ainda menos vigoroso que o espanhol de "consciência de raça" (trabalho cit., p. 249, nota). essa

c.-g- & s. 57

i

i

i

i

i

i

i

i

possibilidade não é admitida por todos os estudiosos do assunto. o professor Solvio Zavala, por exemplo, em seus ensaios sobre a colonização espanhola do México, mostra-se inclinado a considerar os espanhóis tão liberais quanto os portugueses em suas atividades para com as gentes de cor, tendo mesmo impugnado as afirmativas ou sugestões que se fazem a respeito no presente ensaio. "permita se nos sugerir" - escreveu o ilustre historiador mexicano a propósito do presente - "inidentalmente que es necesario hacer una revisión de los conceptos que emite el a. en varios lugares sobre la colonización española, de la cual parece tener una idea tan somera como discutible" ("Casa-Grande & Senzala" etc., revista de historia de América, n.º 15, dezembro, 1942, p. 1942). igual objetivo...s generaliza-se feitas no presente ensaio sobre o colonizador português em confronto com o espanhol, em suas relações com os indígenas da América, é levantada pelo professor L'Ormpson, entretanto, reconhece "sea lo que fuere, parece cierto que el colonizador portugués poseía mayor espíritu cosmopolita y mayor plasticidad social que ningún otro europeo en América" (Gilberto Freyre, *Vida e Obra - Bibliografia, Antologia*, Nova Iorque, 1939).

sobre esse aspecto da ação do colonizador espanhol na América suas relações com os indígenas - vejam-se os trabalhos do mesmo professor Hanke, *The First Social Experiments in America - A Study in the Development of Spanish Indian Policy in the Sixteenth Century*, Cambridge, 1935, e *Cuerpo de Documentos del Siglo XVI, México*, 1943. *Tomulo d. Cmtbia, Historia de la Leyenda Negra Hispano-Americana*, Buenos Aires, s.d.; *Amr\*ujit hwps, The Spanish Conquest in America and its Relations to the History of Slavery and the Government of Co-*

lonies, Londres, 1900-1905; Robert Ricard, *Études et documents pour l'histoire missionnaire de l'Espagne et Portugal*, Paris, 1931; Solvius Zavala e mm ca~ fuentes para la historia del trabajo, en Nueva España, México, 1939-1941, e Solvius Z~, *New Views on the Spanish Colonizer: of America*, Philadelphia, 1943.

18. permitia aos portugueses tão grande mobilidade a quase perfeição que, para a época, atingira em Portugal a técnica de transporte marítimo \* o. perfeição e abundância de veículos. "em compensação do exíguo material humano", nota Carlos de Azevedo, "Portugal possuía como nenhum outro país nos primeiros decênios do século XVI, abundantes veículos de transporte marítimo" (*História da Colonização Portuguesa do Brasil*, introdução, vol. I, Lisboa, 1934).

Se é certo que, oficialmente, as embarcações vindas da Índia para Lisboa ou idas de Lisboa para a Índia, durante os séculos XVI e XVII, não tocavam - ou não deviam tocar - no Brasil, parece que de fato, e sob pretextos vários, foi constante esse contato. Aliás, foi o mesmo regularizado em 1672, quando afinal o governo metropolitano reconheceu sua conveniência ou necessidade. Indicam-nos documentos do século XVII com relação ...s "naus da Índia", alguns dos quais incluídos nas coleções de portarias, cartas, leis, provisões, alvarás, etc. publicadas pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Portaria datada da Bahia 9 de julho de 1672, nos dá notícia não só de socorro a soldados vindos no galeão São Pedro de Rates "que indo para Índia arribou nesta Bahia", como do "donativo do dote e paz consignado por sua Alteza ...s despesas das naus da Índia que indo, ou vindo tomarem este porto" (Biblioteca

Nacional, documentos históricos, portarias e cartas dos governadores-gerais e governo interno, vol. VIII da série VI dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, 1929, p. g. 95)~ a existência de tal donativo parece in-

58 g. f.

dicar que não era raro o contato de naus da Índia, com o Brasil. pela portaria de 1.º de julho de 1674, relativa ao galeão Nossa Senhora dos Reis, São Caetano e São Francisco Xavier "arribado a este porto- [bahial, tendo partido de Portugal para a Bahia, vê-se que se exigia do capitão de nau assini arribada dar conta "das causas que teve para não seguir viagem" (documentos, cil., p. g. 193). Também que os representantes do governo metropolitano no Brasil se serviam de tais naus no interesse geral do Império (p. g. 201). São esses contatos, que parecem ter sido frequentes, que explicam o fato de terem a vida, os costumes e a arquitetura no Brasil colonial recebido constante influência direta do Oriente, acusada pelo uso, generalizado entre a gente de prol, de palanquins, bangilões, chapéus-de-sol, leques da China com figuras de seda estofada e caras de marfim, sedas, colchas da Índia, porcelana, chá, etc., e ainda hoje atestada pelos antigos laços de louça de feitiço oriental - ou, especificamente, chinês -- que guardam, coirido exprimo ameaçadora e zangada, os portões de velhas casas e o frontão da igreja do convento de São Francisco do Recife. atestada também pelas sobrevivências de porcelanas e caixas de sândalo, artigos que, segundo tradições brasileiras de família, foram comuns no nosso país durante o período colonial. Um cronista nos fala dos últimos anos desse período como tempos em que, no Recife, as famílias burguesas, estiradas em compridas esteiras de pipiri, ceavam ... calçada ou ... porta da

ruai em "pratos de verdadeira louça da china, sarapintados de várias cores, que "produziam um magnífico efeito ... luz da lua" (f. p. i ~, escavações - fatos da história de pernambuco, recife, 1889, p g. 279).

no~ ainda, que segundo' documentos do século xvii, h indícios de capitães das naus vindas da Índia para lisboa (naus que arribavam em portos do brasil mas logo conseíam, ao que parece, regularizar sua situação comercial no interesse não só do império, como de particulares) daqui terem partido com artigos produzidos no brasil em troca dos quais é possível que, irregularmente, deixassem objetos (10 oriente. por portaria de 12 de março de 1673 se vê que "porquanto veio arribada a este porto a nau caravella vindo da Índia para lisboa, c r~e representar o capitão simão de souza de tavora que era conve. niente levasse alguma carga de assucars de particulares para poder ir com mais segurança. o provedor-mor da fazenda real deste estado mande lançar pelos mercadores cento e vinte caixas de assucar i .... ]" (documentos, cit., p g. 151). ainda na citada coleção de documentos se lê a transcrição de uma carta do príncipe, datada de lisboa' 8 de março de 1672, a afonso furtado de mendonça, referente ...s naus da Índia, da qual transcrevemos este trecho: "eu o príncipe vos envio muito saudar. por ter resoluto (como tereis entendido da provisão que com esta se vos remette) que as embarcações da india que partirem da india para este reino venham tomar a bahia para melhor segurança

de sua viagem [ .... ]" (documentos, cit., p g. 93). por aí se vê que houve em 1672, da parte do governo metropolitano, inedita no sentido de regularizar o contato das naus da Índia com o brasil no interesse geral do império português. por outro lado, não é preciso dispor algum de excessiva imaginação histórica para entrever irregularidades ligadas ao contato das naus da Índia e da angola com o brasil, semelhantes - embora em escala muito menor - ...s que se verificaram na própria Índia, durante a época de domínio português no oriente, ie em ligação com o comércio de especiarias. dessas próprias irregularidades,

c-0- & 8- 59

i

i

porém, parece ter resultado considerável riqueza de intercursos de valores culturais entre as várias partes do império lusitano, particularmente favorável ao brasil. semelhante vantagem talvez não tivesse se verificado se as leis portuguesas de regulamentação do mesmo intercursos - leis que visavam o interesse exclusivo dos reis mercadores - tivessem sido rigidamente executadas com prejuízo da intercomunicação entre várias colônias portuguesas e do enriquecimento recíproco de sua cultura comum. sobre aspectos gerais do assunto leiam-se girolamo priuli, i diarii (citt... di castello, 1911, bolonha, 1933); j. lúcio de azevedo, épocas de portugal econ"mico (lisboa, 1929); charles de

lannoy, histoire de l'expansion de peuples européens (bruxelas, 1907); francisco antônio correia, história econômica de Portugal (lisboa, 1929), e documentos históricos do arquivo municipal, atas da câmara, 1625-1641, vol. i (prefeitura municipal do salvador, bahia, s. d.) veja-se mais sobre o assunto alexander marchant, "colonial brazil as a way station for the portuguese india fleets" (the geographical review, vol. 31, n.º 3, nova loroué, julho de 1941). o autor desse interessante artigo sustenta que entre 1500 e 1730 somente "cerca de vinte naus da Índia tocaram no Brasil, desgarradas das respectivas esquadras, sob circunstâncias extraordinárias. o que parece é que se sob circunstâncias extraordinárias nunca oficialmente ou regularmente, deviam as mesmas naus tocar no Brasil; mas que entre a lei - visando assegurar privilégios de grupo metropolitano - ou a normalidade oficial e a prática, a distância foi lusitariamente grande. assim o número de naus da Índia, aparentemente "desgarradas", a se refugiarem em portos brasileiros teria sido considerável; e, segundo indícios ou sugestões dos próprios documentos oficiais, em vez de simplesmente arribadas, aqui teriam tocado por interesse no comércio de açúcar. açúcar possivelmente trocado por objetos orientais. donde a abundância dos mesmos na região brasileira do açúcar durante o período colonial.

19. roy nash em the conquest of brazil (nova loroué, 1926) salienta \* o fato do colonizador do Brasil ter, antes do seu domínio imperial sobre as raças de cor, experimentado, por sua vez, o domínio de um povo de pele escura, superior aos hispano-godos em organização e técnica. "under such conditions", escreve nash, "it would be deemed an honor for the white to marry or mate with governing class, the brown man, instead of the reverse". ruediger bidden ("brazil, laboratory of civilization", em nation, nova loroué, cxviii, jan., 16, 1929) põe igualmente em destaque o fato das relações dos portugueses - com povos de cor se terem iniciado em circunstâncias desfavoráveis aos brancos. refere-se, é claro, ... fase histórica.

20. luís chaves, lendas de Portugal, porto, 1924.

21. "o vermelho que o povo português vê em tudo que é maravilhoso: desde os trajes românticos das mouras-encantadas [ .... 1" (luís chaves - páginas folclóricas, lisboa, 1920).

22. as mouras-encantadas se atribui em Portugal como salienta leite de vasconcelos (tradições populares de Portugal, porto, 1882) o papel de divindade das "guas". é vulgar a crença, segundo se lê nesse e noutros trabalhos do eminente investigador e nos de consigleiri pedroso (contos populares portugueses) e luís chaves (lendas de Portugal), de que as mouras-encantadas aparecem quase sempre junto ...s

fontes e a pentear-se: ...s vezes com "penteados de ouro". comum é também a crença de que as mouras não só andam vestidas de encarnado

60 g~ f.

como aproximam-se de quem lhes mostre um "lenço vermelho" ou "cousas vermelhas" (leite de vasconcelos, op. cit.). circunstâncias todas essas que parecem confirmar ser a crença nas mouras-encantadas expressão de misticismo sexual ou erótico, espécie de culto da mulher ou da vênus fosca entre os portugueses. r de 23. talvez entre os indígenas do Brasil, a cor erótica por excelência, além de mística e profética. sobre o assunto, de q

trataremos com mais detalhes, veja-se o estudo do professor Koarls  
karsten, the civilization of the south american indians, nova iorque, 1926.  
reference to magic and religion, nova iorque, 1926. ans, with special  
24. "penteiam-se as mulheres muitas vezes", notou ives de r,  
entre as Índias do brasil (voyage au nord du brasil). ~', imux

quanto ... fre\_  
qüência dos banhos entre as Índias, salientaram-na quase todos os obser\_  
vadores dos costumes indígenas nos séculos xvi e xvii. entre outros  
pepo vaz de caminha. companheiro de pedralves. wa siv-1 c rta cscrita  
em 1.0 de maio de 1500, em ma~ ~ de casal, cartografi` bra  
sólida, 2.1 edição, tomo i, p g. 10, rio de janeiro, 1833

25. madison grant, the passing of the great race, nova or.  
que, 1916.

26. "viagem a portugal dos cavaleiros trom e lippornani" (1580)~  
trad. de alexandre herculano, opúsculos, lisboa '1897.

27. este ad gio vem registrado por h. handöi~ann na sua ilistö-  
ria do brasil (trad), rio, 1931.

28. j. w. greoity, the menace of color, filadölfia, 1923,

29. j. quatrefages mencionara alguns casos not veis de acli, llata-  
bilidade: dos franceses na corsega, dos fugitivos do edito de nant., n.  
col"nia do cabo. e h~ em estudo feito entre descendentes (tos po..  
voadores brancos da ilha de sab , colonizada em 1640, nöö encutitrou,  
nessa populaööo pura, sem mestiöos, efeitos de degeneraööo (a, 13  
four,

al-  
"sejourners in the tropics% the lancet, 1923, vol. i, p g. 1.329)  
mas nenhum caso töo impressionante como o dos holandeses em ik,  
citado por gregory. issav.

30. karl sapper, apud olrieira viana, raöa e assimilaööo, s10,  
paulo, 1932.

31. grutith taylor, environment and race. oxford. 1926.

i

toronto, 1944.

32. benjamin kidd, the control of the tropics, londres, 1898.  
sobre o assunto vejã-se tamböem john w. gregory, "inter-  
racial problems and white colonization in the tropics", report o,1 the  
british association for the advancement of science, toronto, 1924-

edgar sydenstricker, health and environment, nova iorque, 1933', a'  
grenfell price, white settlers in the tropics, nova iorque, 1939; s. f\*  
markham, climate and the energy of nations, londres, nova iorque 1

33. mayo smrrh, statistics and sociology, nova iorque, 1907. um  
amigo nos chama a atenööo para as pesquisas de a. osöRio de a'-xibida  
sobre "o metabolismo basal do homem tropical de raöa branca", q\_tijos  
primeiros resultados foram publicados em 1919, no journal de physiö1 gie  
et de pathologie gönörale. osörio verificou em dez indivöduos b o  
. raricos

residentes no rio de janeiro que o seu metabolismo basal era 111ferlor  
aos padröes europeus e americanos. o mesmo verificou, posteriormente,  
em negros, tamböem residentes no rio. baseado nessa pesquisas o  
t vel cientista brasileiro considera "essa reduööo como um fa no-

damental da aclimação nos países quentes% acreditando que to' função consiste essencialmente na modificação lenta e progressiva do meio.

c`7\* \* ` 61

i

i

Obolismo basal, até a sua fixação em um valor compatível com as condições de clima em que se acha o indivíduo". "a teoria de climatologia de a. o. de almeida", escreve o. b. de couto e silva, "vem esclarecer muitos pontos até agora completamente obscuras. assim se explica a inferioridade em que se encontra o europeu para lutar contra o clima tropical" (o. b. de couto e silva, "sobre lei de rubner-richet", tese para livre-docência, rio, 1926). o assunto é daqueles que têm sido notavelmente enriquecidos nos últimos anos, com trabalhos e pesquisas científicas.

34. as palavras horizontal e vertical não vêm aqui empregadas no seu e restrito sentido sociológico que lhes atribui o professor pitirim sorokin (social mobility, n&a lorque,, 1927). quanto ... atividade vertical dos pernambucanos, referimo-nos menos ... mudança de atividade econômica, seguida de social e política, do conceito de sorokin, do que à concentração regional de esforço no estabelecimento da agricultura da cana e da indústria do açúcar, na consolidação da sociedade escravocrata - agrícola, na expulsão dos holandeses perturbadores desse esforço e desse processo de aristocratização. isto em contraste com a atividade paulista, antes, com a mobilidade horizontal, como diria sorokin, dos cavalheiros de escravos e de ouro, dos fundadores de fazenda de criar nos sertões e dos missionários. note-se, porém, que, no sentido particular da terminologia de sorokin, a sociedade colonial brasileira foi inóbil no sentido horizontal como no vertical. neste, pelas mudanças, ... vezes bruscas, que aqui se operaram, principalmente no sul, na posição ou mala econômica e social do indivíduo. o velho ditado parece indicar o fenómeno: "pai taverneiro, filho cavalheiro, neto indigente." é que no brasil, mesmo onde a colonização foi mais aristocrática como em pernambuco, o patriarcalismo nunca foi absoluto, nem o podia ser com "a quase geral transmissão parcelada das heranças e domínios" a que se referiu sorokin em carta a ed. demolin (provocações e debates, porto, 1916). as exceções, como a do morgadio dos pais -to, no cabo, em pernambuco, foram raras.

35. acerca da atividade colonizadora dos puritanos ingleses nos trópicos, veja-se a. p. newton, the colonizing activities of the english puritans, new haven, 1914. vejam-se também albert galloway killier, colonization: a study of the founding of new societies, boston, nova torque, 1908 e herbert l. pawstley, the coming of the white man. nova torque, 1929.

36. e. h. untinton, civilization and climate, new haven, 1915. "poor white trash" quer dizer "brancos degenerados". sobre "poor white" em relação com a colonização e o desenvolvimento social do sul dos estados unidos veja-se culture in the south (organizado por w. t. couch), chapel hili, 1935, especialmente capítulo xx. veja-se também a obra em cinco volumes que reúne o resultado das pesquisas da

comissão carnegie sobre o mesmo problema na África do sul: the  
poor white problem in south africa, Stellenbosch, 1935.

37. num desses recifes, perto de Olioda, que um francês escreveu  
a frase amarga recolhida por Sebastião da Rocha Pita: "le monde va  
de pi ampis" (sic). veja-se Rocha Pita, História da América portu-  
guesa, Lisboa, 1730. sobre a atividade dos franceses no Brasil no sé-  
culo XVI, leia-se o livro de Paul Gapparel, Histoire du Brésil fran-

çais ou sézième siècle, Paris, 1878.

38. C. Keller, Madagascar, Mauritius and other east African is-  
lands, Londres, 1901.

62 g. f.

t\_

39. Elun ~chill se~, influences of geographic environ-  
ment, Nova Iorque, 1911.

40. Semple, op. cit. Gregory, entretanto, d os colonos alemães,  
desde 1847 estabelecidos no sul do Brasil, como provando a aclimatabili-  
dade dos europeus nos trópicos (J. W. Gregory, op. cit.) sobre a acli-  
matabilidade dos europeus nos trópicos, veja-se o notável livro de A. O.  
Pium, White Settlers in the Tropics, cit.; F. V. Adams, The Conquest of  
the Tropics, Nova Torque, 1914; Aueyne Ireland, Tropical Colonization.  
An Introduction to the Study of the Subject, Nova Torque, Londres,  
1899; Aldo Camillani, Climate and Acclimatization, Londres, s.d.

41. Semnz, op. dt.

42. Semple, op. cit.

43. Os antigos acreditavam que as doenças viessem todas de "mias-  
mas" e de "ventos" - crença que se prolongou na das doenças tropicais  
atribuídas ao clima, sem mais discriminação. Não há dúvida que indire-  
tamente, várias doenças se associam ...s condições de clima - a malária,  
entre outras. Como generaliza o professor Carl Kelsey em The Phy-  
sical Basis of Society (Nova Torque, Londres, 1928), 'bacterial diseases  
are likely to be more numerous in the warmer and moister regions of  
the earth and to be least in evidence in high mountain countries and  
polar regions'. Daloado (op. cit.) nas suas pesquisas sobre os efeitos  
do clima na população portuguesa verificou que na região quente (sul)  
preponderavam a diarreia, a enterite, etc., correspondendo a maior morbi-  
dade nessa zona que na do norte aos resultados gerais de investigações  
de Adolphe Quetelet (Physique Sociale, Bruxelas, 1869), relativas ao  
norte e ao sul da Europa. reconhecida a influência patológica do  
clima quente acusada pelas estatísticas de doenças, crimes e suicídios,  
e pelas de eficiência econômica e capacidade de trabalho (vejam-se e.  
Huntington, Civilization and Climate; Huntington e Willums, Business  
Geography; Robert de Courcy Ward, Climate considered especially in  
relation to man, Nova Torque, 1908; Edwin Grant Dexter, Weather  
influences, Nova Torque, 1904), é preciso não exagerar tal influência,  
como a tendência dos que confundem a ação do clima per se com a  
de causas sociais e econômicas -- pobreza, miséria, ignorância, sífilis,  
inclinações de defesa sanitária. defesa sanitária não só do homem  
(contra os germes que o atacam diretamente) como de suas fontes,  
animais e vegetais, de nutrição e de água potável. Semple insiste (op.  
cit.) em que se discriminem com rigor os efeitos diretos do clima dos



indiretos, os transitórios dos permanentes, os fisiológicos dos psicológicos.

ao seu ver vários dos efeitos diretos ainda se acham imperfeitamente demonstrados. reconhece entretanto que o clima modifica nos indivíduos muitos processos fisiológicos e afeta neles a imunidade a certas doenças e a suscetibilidade a outras, a energia, a capacidade de esforço, con-

tinuado ou apenas intermitente, determinando-lhes portanto a eficiência como agentes econômicos e políticos. de modo geral, as conclusões de julws hank, handbuch der klimatologie (stuttgart, 1897); de e. huntr, -lcrtron, civilization and climate; de griffith taylor, environment and race; de robeit de courcy ward, climate considered especially in relation to man; de m. r. thorm e colaboradores, organic adaptation to environment (nova torque, 1918); de jean brunhes, la géographie humaine (paris, 1912); de robert russel, atmosphere in relation to human life and health, smithsonian institution, misc. collection. vol. 39. com relação ao clima nas suas influências sobre a vida brasileira, veja-se a bibliografia do clima brasileiro (rio de janeiro, 1929),

c.-g. & s. 63

de tancredo de barros paiva, onde vêm indicados os principais trabalhos nacionais e estrangeiros.

44. huntington e will~, op. cit.

45. dexter, op. cit.

a influência, em geral aceita, do clima quente ou da temperatura alta sobre os crimes contra as pessoas foi posta em dúvida pelo professor todd, que os atribui ao maior contato do indivíduo com indivíduo, permitido por aquele clima ou por aquela temperatura. a causa direta, diz ele, é social.

46 "[ .... ] diseases attack some races more than others. whether this is due to some original quality of the body or to some immunity acquired by long contact with the disease involved is disputed." (kelsey, op cit.)

47. ward, op. cit.

48. as primeiras cartas dos jesuítas falam em procissões motivadas pelas secas ou enchentes. o padre manuel da nóbrega refere-se a uma na qual saiu o povo "pedindo chuva pela grande seca que havia, de maneira que secavam os mantimentos% cartas do brasil (1549-1560), p g. 182, rio de janeiro, 1931.

49. j observara alberto torres em o problema nacional brasileiro (rio de janeiro, 1914): "os estados unidos e, em grande parte, a argentina são países de terras semelhantes, sendo iguais, ...s terras que habitavam os colonizadores europeus. o clima e a natureza do solo não diferem do clima e do solo da mé- p tria [ .... ]. a colonização é-uma mudança ordinária de casa velha para casa nova." o professor konrad guenti-ier, em das anditz brasiliens (leipzig, 1927), salienta o fato da semelhança de vegetação entre a américa do norte e a europa.

50. veja-se a correspondência do padre nóbrega, cartas do brasil

(1549-1560), cit.

51. ernest ludlow bogart, the economic history of the united states, nova lorque, 1913.

52. oliveira martins, op. cit,

53. robert southey, history of brazil, cit.

54. no sul, onde ali s j se encontravam~ prosperando, ... custa do próprio esforço, povoadores do tipo de r~ho e do bacharel de cananãia, com grande progõnie mestiãa e centenas de escravos ao seu servião, a col"nia de são vicente foi oficialmente fundada em 1532, como mais tarde a da bahia, a expensas da coroa, "que correrãa com todas as despesas da armada e da instalaãõo ao contr rio do que suce-deria nas restantes capitãnias, cuja colonizaãõo se processou exclusiva-mente a expensas dos donat rios" (carlos malheiros dias, "o regime feudal dos donat rios anteriormente ... instituiãõo do governo-geral", histõria da colonizaãõo portuguesa do brasil, iii). foi em pernambuco que no primeiro sãculo de colonizaãõo mais vivo esplendeu o espõrito de iniciativa particular, de esforão individual dos moradores. o que faz crer que estes foram, dentre os portugueses vindos para o brasil no sãculo xvi, os mais capazes, economicamente. -a gente de melhores recursos e aptidões para a colonizaãõo agr ria.

55. edward j. payne, history of european colonies, londres, 1878. veja-se tambõm de edward j. payne, history of the new world called

america, oxford, 1892-1899.

parece-nos ineg vel a importãncia da famõlia patriarcal ou para-patriarcal como unidade colonizadora no brasil. õ certo que o fato dessa

64 g. f.

Importãncia, antes qualitativa que quantitativa, não exclui o fato, igual-mente importante, de entre grande parte da populaãõo do brasil patriarcal a escravidão, a instabilidade e seguranãa econ"micas" terem dificultado a "constituiãõo da famõlia, na sua expressão integral, em bases sãlidas e est veis% como salientam os srs. caio prado jõNIOR (formaãõo do brasil contemporãneo - col"nia, são paulo, 1942) e nelson werneck sodrõ (formaãõo da sociedade brasileira, rio, 1944). mas o elemento decisivo na formaãõo e na caraterizaãõo da sociedade que aqui comeãou a formar-se desde o sãculo xvi foi, decerto, o da minoria portuguesa e, depois, de origem portuguesa, em particular, ou europãia, em geral, que as circunstãncias tomaram aristocr tica e atõ feudal em suas relaães com 'os demais elementos da populaãõo. estes, sempre que lhes foi possãvel a ascensão, os estilos de vida que procuraram imitar foram os daquela minoria influente: inclusive sua constituiãõo de famõlia ou seu familismo. dos próprios padres, vig rios e frades sabe-se que muitos, quando prõsperos, em vez de apenas simbolicamente pateniais, tornaram-se desde cedo, no brasil, fundadores e pais de famõlias reais, cuidando delas - embora não fossem, para os moralistas, famõlias em sua "ex-pressão integral" - com o maior zelo e tornando-se rivais dos senhores das casas-grandes como povoadores, colonizadores e dominadores da amõ-rica portuguesa atravõs da famõlia ou do familismo. expressão nõtida desse familismo nos parece a generalizaãõo, no brasil patriarcal - hoje a desintegrar-se - tanto entre gente moradora de casas de pedra e cal como entre moradores de casas de taipa, de barro e de palha, isto õ, entre todas, ou quase todas ` as camadas da populaãõo, do sentimento

de honra do homem com relação ... mulher (esposa ou companheira) e ...s filhas moças. sentimento a que se devem numerosos crimes. "não mui raro é um drama passionai", escreve alfredo brandão referindo-se ... significação das muitas cruzeiras pretas que me quando em quando" se encontram "numa dobra do caminho, no meio da mata ou num vale engargantado entre montanhas alpestres" de qualquer região brasileira de formação agrário-patriarcal ("a vida no engenho% viçosa de alagoas, recife, 1914, p g. 226).

em ligação. com o assunto devemos nos recoidar de que o familismo no brasil compreendeu não só o patriarcado dominante - e formalmente ortodoxo do ponto de vista católico-romano - como outras formas de família: parapatriarcalis, semipatriarcalis e mesmo antipatr'arcalis. 2 claro que o observador que se colocar do ponto de vista de moral estritamente católico-romana ter de desprezar as formas antipatriarcalis que floresceram então no brasil como organizações de família. mas o mesmo não poder ser feito pelo estudioso de assunto cujo ponto de vista for antes o sociológico que o ético ou jurídico condicionado por esta ou aquela filosofia moral ou do direito. e do ponto de vista sociológico, temos que reconhecer o fato de que -desde os dias coloniais vêm se mantendo isto brasil, e condicionando sua formação, formas de organi-

zações de famílias extrapatriarcalis, extracatólicas que o sociólogo não tem. entretanto, o direito de confundir com prostituição ou promiscuidade. várias delas parecem ter aqui se desenvolvido como resultado de influência africana, isto é, como reflexos, em nossa sociedade composta, de sistemas morais e religiosos diversos do lusitano-católico mas de modo nenhum imorais para grande número de seus praticantes. é possibilidade admitida pelos estudiosos mais sérios do assunto como o professor renô ribeiro em seu "on the amaziado relationship, and other aspects of the family in recife (brazil)", american sociological review, vol. x,

c.-g. & s. 65

de tar,  
balhos  
44.  
45.  
a  
alta sc  
professo  
Ondi Od  
1v12  
causa  
46  
this is  
acquiree  
op cit.)i;  
47.1,  
48.  
pelas s

uma j  
de mani  
p g. 18:  
49---  
eir  
a, ~rgl  
e~  
habita~  
n~~o~~o dif~  
utria  
ko~  
o fato  
europa.  
50.  
(1549-15  
51. 1  
states, 1  
52.  
53.  
54.  
do pr~~o~~pi  
canan~~o~~ia  
servi~~o~~, :  
como 1111  
todas as,  
deria na  
mente a  
f ud  
r  
jistdalia  
que no  
iic  
de in -i  
crer

s~~o~~cu  
recu

veja e t  
america  
par  
patriarc

i

64 g. f

n.o 1, fev, 1945. sobre o assunto vejam-se tamb~~o~~m e. f. frazier, "the negro in bahia, brazil: a problem in method", american sociological review, viii, agosto, 1943, e donald pierson, negroes in brazil, chicago, 1942.

id~~o~~ntica fora a nossa conclus~~o~~o diante de formas de uni~~o~~o de sexos e organiza~~o~~o de fam~~o~~lia por n~~o~~s encontradas em nossos estudos da sociedade patriarcal do brasil em zonas social e geograficamente mar-

ginais da mesma sociedade.. uma dessas formas, a descrita pelo missionário frei Plácido de messina e por ele observada em 1842 em riacho de navio (pernambuco): "neste lugar demorei-me pela primeira vez vinte dias, pregando, confessando, baptizando e crescendo hum crescido numero de meninos; casei a infinitos que viviam na mais escandalosa mancebia; mediante o divino auxilio consegui extirpar os muitos abusos que entre aquellos povos haviam sendo um dos mais repugnantes a troca mutua que . os casados faziam de suas mulheres em prova do mais subido grau de honra a que denominavam "despique", fazendo que cada hum. delles restituisse a que conservava em seu poder ao seu legitimo marido e finalmente obrigando-se a seguir huma viola verdadeiramente christã e observar as maximas saudaveis que ligam os homens em sociedade e que os tornam obedientes s leis, ao imperador, aos seus delegados e a todas as authoridades legalmente constituídas (officio de frei placido de messina ao presidente de pernambuco barão da boa vista, datado de 26 de novembro de 1842, dando conta da missão de que fora encarregado no interior da provincia, -nis. no arquivo do instituto archeologico, historico e geografico de pernambuco). no "despique" parece que se refletia influencia, deformada, de costume ou instituiçao indigena ligada a deveres de hospitalidade. ao nosso ver seria erro consider-lo "promiscuidade" ou "prostituiçao", como tendem a fazer-lo os estudiosos da formaçao social do brasil inclinados a considerar minima, na mesma formaçao, a influencia do familismo quer patriarcal, quer extra ou antipatriarcal.

56. paul. leroy-beaulieu, de ia colonizador: chez les peuples modernes, paris, 1891. sobre o assunto, destacaremos aqui, como fundamental, a obra que nos foi recomendada pelo nosso colega do curso de verão de 1939 na universidade de michigan, o professor leo waibel: d.\*e europaeische erobering nach kolonisation amerikas, vol. 1, 1930, stuttgart; vols. 11 e 111, 1937, stuttgart, de georg friederici. vejam-se tambem a. ziemann, die europaeischen kolonien, berlin, 1896-1903; charles de lannoy, histoire de l'expansion des peuples europeens, bru-

xelas, 1907; francisco antonio correia, historia economica de portugal, lisboa, 1929; j. cortesão, "a cartografia do açúcar e o seu significado historico", brasil açucareiro, vol. xxv, n.º 1, janeiro, 1945; imme. ferrenzi, international migrations, nova iorque, 1929-31; a. p. 'newton, the great age of discovery, londres, 1932; edgar prestige, the portuguese pioneers, londres, 1934; carl conrad eckardt, the papacy and world affairs as reflected in the secularization of politics, chicago, 1937.

57. em livro sobre o desenvolvimento economico e social do brasil, cujo primeiro ms. nos foi franqueado ... leitura. acerca do processo sociologico da expansao brasileira para o oeste, o sr. sergio buarque de holanda j. publicou interessante trabalho: monções, rio, 1945. sobre o assunto, veja-se tambem marcha para oeste, de cassiano ricardo, rio, 1939.

58. azevedo a~ ensaios brasileiros, rio de janeiro, 1930.

66 g. f-

59. azevedo amaral, op. cit.

60. historia da colonizaçao portuguesa do brasil, introduçao, iii,

p g. 315. morais sarmento, dom pedro 1 e sua época, porto, 1924.  
ordenações filipinas, l. v , t. iii.  
mendes correia, a nova antropologia criminal, porto, 1931.  
gam barros, op., cit., ll. trecho citado por mendes correia,

61.

62.

63.

64.

op. cit. ia op. cit. no estudo do ilustre antropólogo vom

65. mendes correia, ilegidos: monforte de rio livre, segura,  
citados outros coitos priv a  
nondal, marvão, miranda, penha, garcia e caminha, que foi couto  
de marítimos fugidos".

66. carta de duarte coelho a ei-rei em história da colonização  
portuguesa do brasil, cit. bras de joão francisco lisboa. ed. de

67. jornal de timon. o

luís carlos pereira de castro e dr. a. henriques leal, são luís  
do maranhão, 1864.

68. paulo prado, retrato do brasil, são paulo, 1928.

69. paulo prado, qp. cit.

70. paulo prado, op. cit.

71. roy nash, the conquest of brazil, cit.

72. o clericalismo dos padres da companhia foi logo colidindo com  
a oligarquia que se formara em pernambuco em tomo da figura de  
duarte coelho e da do seu cunhado, o patriarca jerônimo de albu-  
querque. colidindo também com o patriarcalismo de ramalho.

73manuel bonfim, o brasil na américa, rio de janeiro, 1929.

brasileiro, são paulo, 1933.

seu livro cobra de vidro

(são paulo, de holanda diz a respeito  
do ensaio, isto é, dos seus pontos de vista com relação

do autor do present

... colonização agrária do brasil pelos portugueses: "quando o autor [de  
casa-grande & senzala] critica, por exemplo o sr. srgio mii.liet, pela  
afirmação de que o português colonizador não se afeiçoa muito ao  
trabalho da terra, penso que a razão est com o sr. srgio milant,  
não com o sr. giliier to freyre:"

("panlusismo", cobra de vidro, p. 74).

cremos que a "afirmação" a que se refere o sr. srgio buarque  
de holanda é a sugestão feita em nota ao trabalho uma cultura amea-  
çada: a luso-brasileira, recife, 1940, p g. 82: "ao autor não parece  
que o desapego ao "trabalho duro e

lento da terra", da parte do colo-

nizador português, tenha sido completo no brasil nem que, estabelecido  
(como fato) esse desapego absoluto, esteja provado o nenhum gosto do

colonizador português do brasil pelo trabalho lento, rotineiro, construtor.  
esse gosto existiu ao lado do espírito de aventura. e a explicação "racial"  
- no sentido biológico de "racial" - não parece ao autor explicação

adequada, nem a esse, nem a nenhum fato de natureza principalmente  
social e cultural." sobre o assunto veja-se também nosso continente e

ilha (conferência lida em portg alegre efl 1940), rio, 1943. a verdade  
que apresentando, no, presente ensaio - que data de 1933 - o por-  
tuguês como o primeiro, dentre os colonizadores modernos a deslocar  
a base da colonização tropical da pura "extração de riqueza mineral,

vegetal ou animal" para a de "criação local de riqueza" sempre tivemos  
o cuidado de acentuar que riqueza, a criada por eles no brasil, "...  
custa de trabalho escravo: tocada, portanto, daquela perversão de instinto  
econômico que cedo desviou o português da atividade de produzir valores  
---9. & s. 67

74. oliveira viana, evolução do povo  
num dos estudos críticos publicados em  
1944) o sr srgio buarque

i

de tai,  
balhos  
44.  
45.  
a  
alta si  
profe s  
m  
indivíd  
causa  
46.  
this !s  
acquire4  
op cit.),  
47.  
48.  
pelas  
uma j  
de mani  
p g. 18:  
49  
ei  
wigi,l  
habitav  
no dif  
uma  
ko~ ~  
o fato  
europa.  
50.  
(1549-15  
51.  
states, 1  
52  
53,  
54.  
do propi

cananói~  
serviço, ~  
como m  
todas as,  
deria na  
mente a'  
feudal c  
história ~  
que no i  
de inicia  
c~er l(qu  
secu o

recursos

55.  
veja-se  
américa,  
par,~  
patriarcal

64 g. f

para a de explor -los, transport -los ou adquiri-los- (p gs. 104-105). f  
que aqui se tomaram grandes propriet rios  
mais: -muitos dos colonos osto pela sua cultura"  
rurais não tinham pela terra nenhum amor nem 9  
(p g. 116).

a relação do desamor do português (ainda em portugal e principal-  
mente no brasil) pela terra, pela lavoura e pelo trabalho agrícola (tal  
como esse trabalho tem sido estimado noutros países) com o sistema  
econômico e industrial da escravidão, parece-nos evidente. dessa relação  
apercebeu-se embora vagamente, c. a. taunay ao observar, no começo,  
do século XIX, que devido ao pequeno número de colonos portugueses  
dispostos no brasil, aos "offícios inaneas, não só da mineração e agri-  
cultura, 'mas quasi de todas as profissões, bem como do serviço urbano"  
estes ofícios e serviços passaram a ser desempenhados e prestados por  
escravos "resultando dall'hum. inveterado costume, huma opinião quasi  
invencível, de o desdouro do \* trabalho manual particularmente do  
i,uitorbrasileiro, rio de janeiro, 1839,

campo ganual do a gn o mesmo  
p gs. 125-126). quase o mesmo vinha sucedendo, segundo  
observador, com emigrantes de outros países, admitidos no brasil desde  
1808: "vern n . egociantes, artistas, feitores, officiaes de officio,

chefes de

estabelecimentos; mas nenhuns ou bem poucos jornaleiros para agricul-  
tura, a mineração e outros rudes serviços manuacs" (p g. 127). não  
tinha assim a presença desses outros europeus produzido, até mil oito-  
centos e trinta e tantos, "resultados extensivos para modificar o systema  
de produção". c. a. taunay, entretanto, admitia o relativo sucesso  
na lavoura de alguns grupos de colonos europeus introduzidos no brasil  
pelo governo português e depois pelo brasileiro e aqui localizados -  
destaquemos o fato, desprezado por aquele observador - em reas menos  
oprimidas ou menos influenciadas diretamente pelo sistema de produção  
e de trabalho dominante, que era o escravocrata. deixa c. a. taunav



de salientar outro fato significativo:, o de que os aórianos - tanto em sua terra de origem como nas suas reas principais de colonizaóo no brasil, homens mais livres que outros portugueses da influéncia do trabalho escravo - foram na améfrica bons colonos de tipo agr rio e pastoril, em cujos descendentes se desenvolveria maior amor ... terra e ao trabalho e ... vida de campo que na maioria dos descendentes de grandes senhores de escravos por um lado, e de escravos, por outro. ainda a respeito do critério sob o qual temos procurado desde 1933 neste ensaio e noutros trabalhos, estudar o processo e as condições da cinizaóo portuguesa do brasil. por tanto tempo e ainda hoje objeto de generalizaóes que coincidiam em apresentar o colonizador

lusitano como incapaz de iniciativa ou esforço agrícola - velam-se os estudos de pÓriclf

,s mad-a de pinio,, fundamentos da organizaóo corporativa das profissóes rurais, rio, 1941. vÓTOR viana, formaóo econ"mica do brasil, rio, 1922; almm de andrade, formaóo da sociologia brasileira, rio, 1941; luis sousa g-5, a evoluóo econ"mica do brasil e seus principais fatores. rio, 1941; afonso ~nos de wl( franco, sÓntese da histÓria econ"mica do brasil, rio, 1938. referindo-se ... divergéncia entre nosso critério e o de outros autores que se têm ocupado do assunto, inclusive o sr. sÓrgio buarque de holanda, escreve o sr. p. madurema de ~0: oquer nos parecer ali s que a divergéncia nada tem de essencial e apenas o que pretende om13erto freyre e ressalvar que não foi absoluto o desapego do portugueses ...s lavouras" (fundamentos da organizaóo corporativa dos profissóes rurais, cit., p. 9). tanto não foi "absoluto" que os portugueses fundaram no brasil,

68 9- f-

-sobre base principalmente agr ria, a maior civilizaóo moderna nos trÓpicos, tornando-se também lavradores not veis noutras partes da améfrica. quanto ao sr. luÓs sousa gomfs, concorda com vÓTOR viana em que os portugueses e seus descendentes no brasil "desanimados da riqueza f cil" tiveram de "tratar da exploraóo da cultura da terra e da extraóo de madeiras. lentamente evoluiu a colonizaóo nos primeiros tempos, mas j . nos meados do século xviii adam smrrh podia dizer que o brasil, com os seus 600.000 habitantes1 era a col"nia mais populosa da améfrica. e que os aventureiros, os que aqui vinham tentar fortuna nas pedras preciosas e no ouro, penetravam no sertÓo profundamente e iam, sem o querer, colonizando". baseado principalmente em vÓTOR viana, pensa o sr. luÓs sousa gomzs que o português no brasil -venceu pelo trabalho e pela tenacidade" (a evoluóo econ"mica do brasil e seus principais fatores, cit., p gs. 8-9). pode-se admitir que o português no brasil fez agricultura como mr. jourdain fazia prosa; mas a verdade e que desenvolveu-se aqui com ele e com o negro e a mulher Óndia como elementos auxiliares, uma organizaóo agr ria consider vel.

75. carta de amÓrico vespÓcio, cit. por capisrrano de abreu, o descobrimento do brasil, rio de janeiro, 1922.

76. " 1 .... 1 terra [ .... 1 muyto chea de grandes arvoredos de ponta a ponta 1 .... 1 agoas [ .... 1 muytas infindas" (carta de pero ou pedro vaz de caminha, publicada por manuel aires de casal, corografia brasÓlica, 2.a ed., tomo i, p g. 10, rio de janeiro, 1845.

77. alberto rangel, rumos e perspectivas, rio. 1914.

em seu o homem e o brejo (rio de janeiro, 1945), o sr. alberto ribeiro l-o escreve, em interessantes p ginas de caracterizaçõo da paisagem e da formaçõo social da sub rea, campista: "nada de pequenos rios [ .... l. o que temos em campos e uma vasta planície de aluviões alagadiões" (p g. 161). tendo escrito em p gina anterior, a propósito da importância que reconhece terem tido os rios pequenos na formaçõo social do norte ( rea do açúcar), de acordo com sugestão aparecida neste ensaio (1933) e em nosso nordeste (rio, 1937, p g. 45) e que mereceu a atençõo e a aprovaçõo do geógrafo pierre monbeig: "nisto

sobretudo e que a civilizaçõo açucareira do norte difere da campista l .... l. toda a formaçõo deste grande núcleo meridional se deu exatamente sobre a planície baixa e marginal a um grande rio" (p g. 160). foi assim campos uma das manchas de exceçõo no mapa que talvez se possa traçar, do brasil, para indicar as relações da organizaçõo agr rio-patriarcal com os rios grandes e com os pequenos. ao nosso ver, nessas relações avultam como valores os rios pequenos ou médios, em contraste com os grandes ou enormes. esse contraste pode ser bem observado na bahia entre o rio são francisco - rio grande e quase hostil ... organizaçõo agr ria e patriarcal - e os rios médios e pequenos, junto aos quais melhor se desenvolveu ali, como noutras partes do brasil, a mesma organizaçõo. uma viva impressõo desse contraste nos e transmitida, sem preocupações de generalizaçõo científica mas com grande conhecimento direto das sub reas baianas, por durval vieira de aguiar em suas descrições pr ticas da província da bahia, bahia, 1888; e com critério a um tempo científico e pr tico e a mesma situaçõo descrita \* analisada por teodoro sampaio em trabalho baseado em notas de 1879 \* publicado pela primeira vez em livro sob o título o rio são francisco \* a chapada diamantina, na bahia, em 1938. reconhece a e o engenheiro sampaio no rio são francisco "um o sis no deserto" pelo refúgio oferecido ...s populações assoladas pelas secas dos sertões da bahia ao

c.-g. & s. 69

i

de tad  
balhos  
44.  
45.  
a  
alta so  
p,ofess  
indivíd  
causa  
46;  
this is  
acquireg  
op cit.)  
47.

48.  
pelas s  
uma n~

p g. m  
49.  
ei  
a wigi,~  
habita~  
n~o di"  
- uma  
konrad~  
o fato  
europa.

50.  
(1549-15  
si.  
states, 1

52.  
53  
54:  
do prop~  
canan~ip  
servi~o, '  
como m  
todas as~  
deria n~  
mente ai  
feudal ~  
hist~ria  
que no  
de iniciari  
crer qu"  
s~culo  
recursos  
55.  
veja-se t

america,~  
paru  
patriarcal'

64 g. f.

i

i

me suas observa~es  
cear , de pernartibuco ao piau~- "as assim yesu conheceu em  
sobre o estilo de vida da maior parte da popula~o qu---  
1879, instalada precariamente ...s margens do grande rio: "n~o se v~  
tura alguma nem trabalho permanente [ .... 1. as habita~es  
faltade madeira, empregando-se

agricul xas, ...  
constroem-se aqui pequenas e bah . tronco mais grosso fornece 11111  
por essa razão, até o mandacaru, cujo re mobiliamento  
tabuado branco aproveitado para portas e para o pob rcio  
as casas voltam-se todas para as estradas, onde o corn  
que se usa.. o distante por causa das enchentes"  
é frequente e não raro deixam o ri -se no gênero de economia  
(p g. 68). a mesma precariedade observa  
e no tipo de habitação que até hoje, aparece ...s margens do amazonas  
e dos seus afluentes- essa precariedade ninguém a retratou melhor que  
euclides da cunha ao fixar os caraterísticos do caucheiro: "neste viver  
oscilante ele dá a tudo quanto pratica, na terra que devasta e desama,  
dez dias para  
um car ter provisório \* desde a casa que constrói em  
...s mais afetuosas ligações que ...s vezes duram anos  
durar cinco anos, ("amaz"nia", é margem da história, porto.  
e ele destrói num dia", dos rios pequenos -  
1909~ p g. 95). \* agricultura instalada ...s margens vei no brasil

descri-

que foi principalmente a das casas-grandes - foi possível  
volver condições de relativa permanência. siderações de ordem  
antepondo a generalização científica a essas condições das páginas do seu  
prática, que alberto rangel escreve nas vigorosas paulo,  
ensaio "aspectos gerais do brasil (rumos e perspectivas, São de  
1934) que . a vastíssima região do nordeste brasileiro não oferece  
valor sob o ponto de vista hidrográfico, sendo as lagoas e as lagoas . nas  
de j;~j~i a macela estas os depósitos inesgotáveis e gordos do marisco  
sururu o São fr;~;cisco, que é o vice-rei da potamografia brasileira, e  
9 170). alberto rangel apenas refere-  
o fronteiro e raso parnaíba" (p ~ " do brasil oriental (p g. 171), sem se  
se de raspo aos "bravos riachos" quais de-  
fixar na importância dos rios pequenos ou médios, junto aos  
envolveram-se canaviais, engenho~ de açúcar e casas-grandes que, com  
todos os seus defeitos de organização econômica ou social. foram a  
base menos precária da economia da sociedade e da cultura brasileiras,  
envolvimento

do século xvi ao xix; a principal condição para o dese  
de caraterísticos nacionais ou gerais no brasil. este foi durante o mes-  
dido ou alargado pelos bandeirantes através dos rios  
mo período expan mtureiros, através dos  
o, vaqueiros e ave  
grandes do centro, assim como p- licos. esforço admirável. o  
rios grandes do nordeste e dois igarapós amaz o brasileiro, os pró-  
desses expansionistas, que criou, entretanto,  
para política,  
de desajustamento entre a área econômica e a área,  
blernas brasil, a study of economic types,  
assinaladas por i. f. normano ( início josé  
chapel hili, 1935) e posteriormente pelo então coronel  
vfrissimo ("problemas do reagrupamento das nossas populações", po-  
a problemas que são hoje vamos pro-  
lógica, São paulo, n.o 2, 1945). s&. k, entre várias outras pro  
curando estudar e cuja solução parece exigir -o são da antiga casa-

~tituições, no tempo e" no espaço n tribo  
vidências, a subs d~ ;a-lhoça, do muca  
grande, civilizadora mas hoje arcaica, como de casa pequena ou média  
do barracão do seringueiro, por um tipo l  
ou crísticos desenvolvidos por essas habitações pioneiras  
que adotando carat  
em séculos de adaptações de residência de homem agr rio ou apenas  
aventureiro, ao meio tropical e subtropical, contribua com outros, ele-  
mentos de cultura j brasileira para a extensões da rea econ"mica do  
brasil, até corresponder ... sua rea política.

78. pedro dantas, "perspectivas", revista nova, n.o 4, são paulo,

70 9. f.

1931. sobre o assunto vejam-se também j. f. no~no, brazil, a study  
,f economic types, chapel. hili, 1935 e is~ bo~, the pioneer  
fringe, nova iorque, 1931\*. a respeito de paisagens pioneiras do brasil  
que representam um como ajustamento da fronteira econ"mica ... fron-  
teira geogr fica vejam-se "a paisagem do núcleo colonial barão de an-  
tonin " e outros estudos incluídos na obra do professor pl~ mon-  
bmo, ensaios de geografia humana brasileira, são paulo, 1940.

79. são paulo foi provavelmente o núcleo brasileiro de populações  
mais colorida pelo sangue semita. não tendo chegado até l os ten-  
t culos do santo ofício, que entretanto se fixaram ameaçadoramente  
sobre a bahia e pernambuco, só faltando mesmo armar as fogueiras,  
a essa circunstância costumava em conversa atribuir capi~o da  
abreu (segundo nos informa paulo prado, seu íntimo e constante ami-  
go) o fato de se ter tomado são paulo o ponto preferido dos cristãos-  
novos. "de fato nenhum outro sítio povoado do território colonial ofe-  
recia melhor acolhida para a imigração judia", escreve paulo p~ em  
paulística (2.8 ed., rio, 1934). e acrescenta: "em são paulo não os.  
perseguia esse formid vel instrumento da inquisição, que nunca chegou  
... capitania- do sul." sobre a infiltração israelita no brasil, leia-se o.  
ensaio de solidônio lorm filho, os judeus no brasil, rio de janeiro, .  
1923. sobre o assunto veja-se também o quase desconhecido essai his-

torique sur ia colonie de surinan [ .... ] le tout redigé sur des piéces  
authentiques y joustes & mis en ordre par les regens & representans  
de ia dite nation juive portugaise, ... paramaribo, 1788, onde se diz que  
-ces juils doric rencontrant au brasil leurs freres l ... l ceux du brasil  
étoient ia plupart des gens de condition & très versés dans le commerce  
& l'agriculture [ .... ]

80. alberto tornes, o problema nacional brasileiro, cit. veja-se  
também do mesmo autor a organizações nacional, rio, 1914.

81. azevedo ~, ensaios brasileiros, cit.

82. horace say, histoire des relations commerciales entre kr  
france et le brasil, paris, 1839.

83. m. bonfim, o brasil na história, rio de janeiro, 1931.

84. bonfim baseia-se para contradizer a afirmativa de euclmes da  
cunha em documentos paulistas (testamentos, invent rios, sesmarias, etc.)  
da grande e valiosa massa mandada publicar pelo antigo presidente do'  
estado de são paulo, sr. washington lués, e que serviu ao professor  
alcôn~ machado para organizar um tão interessante livro, o seu  
vida e marte do bandeirante (são paulo, 1930), como a afonso tau-

na para o estudo definitivo das bandeiras. documentos pernartibucanos. por n0s minuciosamente examinados na se00o de manuscritos da biblioteca p0blica do estado e na cole00o do instituto arqueol0gico, hist0rico e geogr fico de pernambuco, confirmam a contradita de m. bonfim. referimo-nos aos livros de sesmarias, onde v0m registradas concess0es de terras pernarribucanas a paulistas por haverem colaborado com os nossos nas "campanhas contra os negros levantados dos palmares". o caso de jo0o pais de mendon0a arra0de e do seu pai crist0v0o de mendon0a arraide ("registro de sesmarias e datas de terras", 1689-1730, ms. na biblioteca p0blica do estado de perriambuco) e o de pascoal leite de mendon0a, "capit0o de infantaria dos paulistas", a quem o capit0o-general de pernatribuco concede em 1702 "tres leguas de terra em quadra das conquistadas a palmares" onde foi "o engenho de cristov0o dias na ribeira de setuba" (cole00o de manuscritos do inst. arq\_hist. e geog. de pem.)

c.-g. & s. 0 1

i

de tai  
balhos  
44,  
45 ,  
a  
a!taf e so  
pro ss  
individ  
causa  
46;  
this is  
acquire~  
op cit.)  
47.1  
48.'  
pelas  
uma n~  
de man  
p g. 18  
49.  
eiro  
4  
a arg,1  
habita~  
n0o dif  
e uma ~,  
ko~  
o fato  
europa.  
50.  
(1549-15  
si.  
states, 1  
52 ,

53.

54.

do prop  
canan  
servi  
como m  
todas as  
deria n  
mente a  
feudal  
histria  
que no  
de inicia,  
crer que  
sculo  
recti sos  
~5.

veja-se t  
america,  
pare  
patriarca

64 g. f

im de vksconcelos na sua cr^nica da cumpa-  
85 \* o padre s 2do do brasil, e do que obraram seus filhos nesta  
fillia de jesus do esto2.' ed., rio, 1864, diz do padre leo  
parte do novo mundo, p g. 41, l corri que corria os lugares "que vie  
nardo nunes. que era tal a beb", isto , "padre  
press~

rarn a p"r-lhe por nome na lngua do brasil, abare ;o fer-  
rnacr"nica escreve o c"nei . resol  
que voa". e na introduo ... mes ion rios cue dir-se-ia terem  
os primeiros iniss rva que viajando con-  
varnhagen obse,

nandes pinheiro d, a-iquidade". mais freqncias de  
vido o problrria da , foram ,estabelecendo  
tinuamente os mission rios para outras".  
notcias e relaes de unias 'vilas (s c,brasil que eram  
pode-se gener alizar de todosmission rios n l ...s cos-  
-l. alguns deles certo que viajando de rede  
padres que voavar, ~ que voavarri.

tas dos ndios: estes e empre tto claro os f atos e ten-  
86. para jojo ribeiro, que vo s . no brasil o "particularismo  
desenvol~imento histrico, l. de unionismo l .... l"  
dncias do nosso pelo esprito superior l s, como  
local distingue-se rio de janeiro, 1900)- -a na idia  
(histria do brasil, curso superior, h se contradiz  
inostra m. bonfim, o proprio euclides da cun , quando salienta  
desquitados entre 51

o brasil "agrupamentos o mesnio das raias seten-  
de ser . ncia do sertanejado maranh, e

ern os sertões a importa  
 goi s, ao piau, aos extremos  
 trionais de minas a . das lavras balarias a leste.  
 pelo ocidente e norte, e ...s serranias l 21 nova lorque 1891.  
 ceaz , stephens, the story ol portugi , rabaolio de  
 87. h. ~vi- to iriais profundo do assunto, veja-se o t] 1836-1854, do qual  
 para conhecimen portugal , hamburgo,  
 r. schOFFer, geschichte von  
 existe traduoo portuguesa. (trad), rio, 1931.  
 l . do brasil (  
 88. h. i-landelmann, historia - --- em histõria da coloni-  
 89. oliveirp, . lima, "a nova lusõtia  
 j~ cit., 11, p g, 297.

xaoo portuguesa do bra origem anglo-saxõnica,  
 dominante  
 no nos parece que a gente de , ~a revele hoje, as  
 lidos, tenha revelado, no brasil, c111  
 na formaoo dos estados ur portuges, . 5 cultu-  
 inesmas disposioes confraternizantes aue o suas respectiva  
 . rantes de outras origens e corri suas res-  
 relaoo com eni19 los judeus e  
 pelo menos corri relaao aos negros e 2 o - a a-  
 ras. ecto ostensivamente relig  
 as culturas, excetuado o asp - cio da colo-  
 pectiv no brasil parece-nos ter sido, desde o l -americanos.  
 tude portuguesa nente confraternizante que a dos  
 anglo  
 nizaoo, mais, larganalismo de cultura vem sendo admitido,  
 ais avanadas,  
 entre estes sõ recentemente o plur e idõias m  
 -visõo mais larga >  
 e grupos de  
 pelos indivõduos aito tempo rigidamente uni(  
 ao lado do verdadeiro americanismo, por mlergunta em en-  
 izados estudiosos do assunto p  
 nista. uni dos mais autor be that in our zeal to make  
 the many  
 saio sociõl,gico: "may õt not n phasis to t4e oneness of l4merican life  
 -one". we have given undue e? apprecaito adequaely the  
 and have failed to recognize j or l3rown, "the contribut'on  
 .and culture "tnany,,,,,, (francis - .org. por  
 contrõbutions . of the .racial and national min`rities,  
 of the inimigrant-, em our slabey rouetc, nova lorque, 1937, p g  
 joseiii "a new theory"  
 frõncis l. l3rown e anglo-arnericanos õ teoria recente ( obra cri,  
 estud~  
 o que entre os - na mesma l  
 e george payne amõrica portu-  
 corno salienta o professor l . l cultural pluralism") na  
 -sob o tõtulo -educatiõ aric sõculos que a xenofobia  
 nunca



nosso

guesa é velha prática na qual se revela a lili sobre o assunto veja-se  
foi traço saliente do caráter português- 1940. reich,  
português criou rio, aias unabhaengiges  
.o mundo que o n schöfer, brasilien  
90. veja-se ritrer vo

'72 9- f-

altona, 1824. essa como quarentena de hereges é referida e comen-  
tada por tristão de ataíDE: "em 1813 indagava-se das crenças religio-  
sas e do passaporte. hoje indaga-se do passaporte, das bagagens, das cren-  
ças líticas, dos costumes privados, do estado de saúde" (estudos, 1.a  
série-rio, 1927). sobre os frades e padres que velavam nos portos dela  
ortodoxia católica da colônia, ...s vezes com uma suavidade que falta  
aos modernos inspetores de saúde e funcionários de polícia de imigra-  
ção, ver ainda "certain notes of the voyage to brazil with the minion  
of i-iondon [ .... i in the year 1580 written by thomas grigs purser of  
the same ship", em the principal navigations voyages traffiques & dis-

coveries of the english nation by richard hakluyt, vol. viii,  
p gs. 13-44, londres, 1927.

91. pedro de azevedo, "os primeiros donatários", história da co-  
lonização portuguesa do brasil, cit., iii, p g. 194.

92. no brasil o incrédulo fustel de coulanges, ainda mais do  
que na França - desde a revolução dividida em duas, a negra e a  
vermelha - se sentiria no dever de ser católico por nacionalismo. ali s,  
foi a atitude de oliveira lima, que na falta de um ideal religioso mais  
ardente, declarou-se uma vez "católico histórico".

93. isto sem contarmos os numerosos. colonos de outras partes da  
península ibérica aqui logo confundidos com os de origem portuguesa  
entre outros, os buenos, camargo, aguirre, lara y ordones, freyre,  
boffilha. nem os colonos de origem hebréia, incorporados ... comunhão  
católica.

94. salvio romero, op. cit.

95. alondo ellis júnior, raça de gigantes, são paulo, 1926.

96. di logos das grandezas do brasil, p g. 33, rio de janeiro, 1930.  
em sugestivo trabalho (novos ensaios, 2.1 série, recife, 1945), joão  
poatri salienta que brandônio, nos di logos das grandezas do brasil,  
j sugeriu, no século xvi, o desenvolvimento da riqueza açucareira do  
brasil "ao modo dos mercadores de holanda, que se constituam ... sua  
própria custa e despesa, em sociedades, metendo uns mais, outros menos,  
segundo o muito ou pouco dinheiro com que se acham", isto é, acen-  
tua joão peretti, por meio de "uma organização econ"mica mesmo in-  
dependente do estado" (p g. 86). essa organização de algum modo  
parece ter existido no brasil, formada por negociantes judeus, explican-  
do-se talvez pelas vantagens que ela trazia aos plantadores de cana o fato  
de ter havido em pernambuco, no século xvi, a "abundância de judeus  
constatada por rodolfo garcia ("introdução", primeira visitação do  
santo ofício em pernambuco), joão peretri c outros estudiosos da  
economia brasileira durante aquele século e "uma maior tolerância por  
parte dos zeladores das crenças católicas do que em outras partes do  
brasil" (joão peretti, op. cit., p g. 29).

deve-se notar que para joão peretti, o bento tetxerra, autor da

prosopopéia - o primeiro poema composto no Brasil e que teria sido uma expressão da vida de lazer e de refinamento criada no país pela economia açucareira - "não é o mesmo Bento Teixeira envolvido nas denúncias" (Barlow e outros ensaios, Recife, 1941, e novos ensaios, 2.ª série, Recife, 1945).

97. refere-se o cronista (op. cit.) a frutas, legumes e carne de boi.

98. f. p. Armstrong, Diet and Race, Londres, 1922; e. v. McCollum e Nina Simmons, The Newer Knowledge of Nutrition - The Use of Foods for the Preservation of Vitality and Health, Nova Iorque, 1929.

c.-g- & s. 73

de tar  
balhos  
44.  
45.  
a  
alta s~  
profess  
indiv<sup>o</sup>d  
causa  
46.1  
this is  
acquired  
op cit.  
42  
48.  
pelas s  
uma n~  
de man  
p g. 18:  
49.

o fato '  
europa.  
50.  
(1549-15 ,  
51.  
states, 1  
52.  
53.  
54.  
do prop  
cari<sup>o</sup>i~  
servi<sup>o</sup>,  
como m,  
todas as  
deria ri  
mente a'  
feudal ~,  
hist<sup>o</sup>ria  
que no  
de inici<sup>o</sup>i

crer qu  
sôculo ~  
'ei  
zg(  
el  
habitav  
nôo dif  
f  
- uma  
konrad~!

recursos  
55,  
veja-se t  
amerôca,  
pare~  
patriarcal

64 g. f

99. guenther, das antlitz brasiliens, cit. da alimen  
~te artigo, "fundamentos científicos jancôro,

100. em intero~entes-, brasil mômico, rio de  
taôo racional nos climas o mpletarnente do assunto

o. mômico sinval

o xlv, n.o 40 ocupou-se co de alimen-  
an ie o brasileiro permanece no seu regime  
lins segundo e ,

de doces [ .... ] em pleno  
taôo ' uni. inadaptado ao clima. "abusa -se do calor, abusa de pratos  
verô, quando tudo o convida a defender  
gordurosos e por vezes tambom de bebidas alcoôlicas ] abusa de  
lôquidos ...s ref.e,ioes sem reparar que quanto mais bebe mais sua [ .... ]  
gosta de comidas adubadas ] - - . ] quase riôo usa legumes." "as coa-  
seqôncias de tantos erros", acrescenta o higienista, l se vom fazendo  
sentir h muito tempo. nossos dentes sôo fracos e vivem cariadoô por  
f alta de c lçio, isto ô, de vegetais ] .... ] sofrem ainda -a pele. os  
rins, o est"mago".sinval lins destaca ja "preguiôa pôs-prandial--- do  
brasileiro, atribuindo-lhe, tanto quanto ... 'auto-intoxicaôo resultante

elo

abuso de azotados o da prisôo de ventre tôo banal entre nôs por f alta  
de vegetais e de frutas na alimentaôo [ .... ] % "a fadiga de que tanta  
gente se queixa no nosso meio". fadiga pela qual, ao seu ver, se tem  
injustamente responsabilizado o clima.tambom o dr. arajo Lima,  
estudando o regime alimentar das populaôes do extremo norte do  
brasil insiste na importôncia do fator alimentaôo na interpretaôo da  
"iridoiôncia. lend ria e desabonadora dos homens destas paragens" (j. f.  
de arajo Lima, "ligeira contribuiô o ao estudo do problema ali  
mentar das populaôes rurais do amazonas% boletim sanit rio, ano 2,  
n.o 4 rio, 1923). ao estudo do  
ibl. j. f. df arajo Lima, "ligeira contribuiôo j  
problema alimentar das populaô-es rurais do amazonas", boletim sa  
t rio, ano 2, n.o 4, rio, 1923. essa observaôo, relativa ao caboclo

do extremo norte, pode-se generalizar, com uma ou outra restrição regional, ao brasileiro pobre das demais zonas rurais. em certas regiões do baixo amazonas, não se pôde encontrar os trabalhadores de grandes plantações de algodão alimentando-se exclusivamente de um mingau de arroz comido de manhã. "um xibô, cuja base é a farinha-d' gua, tão pobre em vitaminas, constitui muitas vezes o alimento exclusivo dum homem nas 24 horas."

o azevedo pimentel surpreendera quase que as mesmas condições entre os habitantes do brasil central: não a menos que a fome devastadora das moléstias sifilíticas e venereas, só a dos ---desequilíbrios ou perversões

de

nutrição orgânica" devida a "impróprias e pouco nutrientes substâncias alimentares". quem deu relevo ... situação das nossas populações rurais, mal-alimentadas e ainda por cima vítimas fceis de uma série macabra

-pra,  
de doenças - impaludismo, beribéri, ancilostomose, disenteria, leishmaniose - foi miguei, pereira, logo ratificado por belisário pena. com relação ...s populações rurais e sertanejas da Paraíba depois o sr. joão

a  
américo de almeida: "a miséria orgânica determinada pela carestia, da vida e insuficiência da alimentação e o campo preparado que vai sendo invadido pelos meios ordinários de infecção" (a Paraíba e seus problemas, Paraíba, 1924). sobre o assunto vejam-se ainda: as respostas ao inquérito realizado em 1778 pelo senado do rio de janeiro sobre o clima e a salubridade da mesma cidade (anais brasilienses de medicina, n.º 5, vol. 2, ano 11); discurso na sessão solene aniversário da academia

jorge  
imperial de medicina de 30 de julho de 1847 por roberto hadi)ocic lobo, rio 1848; j. f. x. sigaud, du climat et des maladies du brasil, paris, 1848; alp. rendu, études topographiques, medicales

74 9. f-

et agronomiques sur le brasil, paris, 1848; j. b. a. inibert, ensaio higiênico e médico sobre o clima do rio de janeiro e o regime alimentar de seus habitantes, rio, 1837; discurso sobre as moléstias que mais afligem a classe pobre do rio de janeiro 1 .... 1 por josé martins da cruz jobim, rio, 1837; azevedo pimentel, subsídios para o estudo da higiene do rio de janeiro, rio, 1890, azevedo pimentel, o brasil central, rio, 1907; louis couty, "l'alimentation au brasil et dans les pays voisins" revue d'hygiène de paris, 1881; educação e moralidade, higiene alimentar, rio, 1908; alfredo antônio de andrade, "alimentos brasileiros" anais da faculdade de medicina do rio de janeiro, vol. vi, 1922; alberto da cunha, "higiene alimentar" arquivos de higiene, rio 11, rio; manuel querino, a arte culinária na bahia, 1928; theodoro peckolt, história das plantas alimentares e de gozo do brasil, rio, 1871; e as seguintes teses de concursos ou doutoramento: antônio josé de souza, do regime das classes pobres e dos escravos na cidade do rio de janeiro em seus alimentos e bebidas, faculdade de medicina do rio de janeiro, 1851; josé maria regadas, do regime das classes abastadas no rio de janeiro, 1852; josé rodrigues de lima duarte, ensaio sobre a higiene da escravatura no brasil, rio, 1849; antônio correia de souza costa, qual a alimentação de que vive a classe pobre

do rio de janeiro e sua influencia sobre a mesma classe, rio, 1865; francisco fernandes padilha, qual o regimen das classes pobres do rio de janeiro?, rio, 1842; francisco antonio dos santos souza, alimenta~~o~~o na bahia, faculdade de medicina da bahia, 1909; renato souza lopes, regime alimentar nos climas tropicais, rio, 1909.

s~~o~~o cada dia mais numerosos os trabalhos brasileiros sobre o problema da alimenta~~o~~o entre n~~os~~, destacando-se os (los m~~o~~dicos silva melo, sinval lins, josu~~e~~ de castro, rui coutinho, paula e souz~~o~~, couto e silva, peregrino j~~o~~NIOR, dante costa. a bibliografia acima, apresen-

tada na primeira edi~~o~~o deste ensaio, tem sido largamente transcrita e citada por alguns desses autores.

102. louis couty. lesclavage au br~~o~~sil, p g. 87, paris, 1881. opinio~~o~~o tamb~~o~~m do mais claro dos nossos pensadores pol~~o~~uticos, o professor gilberto amado, no estudo que, do ponto de vista pol~~o~~utico, faz da nossa sociedade escravocrata: "as instituio~~es~~ pol~~o~~iticas e o meio social do brasil% em gr~~o~~o de areia, rio, 191, 9. ali s, j no s~~o~~culo xviii escrevia o morgado de mateus: "nesta terra n~~o~~o h povo, e por isso n~~o~~o ha quem sirva ao estado; excepto muito poucos mulatos que 117~~o~~o seos officios, todos os mais s~~o~~o senhores ou escravos que servem aquelles senhores" (paulo prado, paul~~o~~stica, 2.a ed., rio, 1934).

103. theodoro peckolt, na sua historia das plantas alimentares e de gozo do brasil, i, rio de janeiro, 1871, chega a considerar o trabalhador europeu da ~~o~~poca "irienos bem alimentado" que o escravo brasileiro. "assim o escravo no brasil e o trabalhador da ro~~o~~a em geral", escreve ele, "recebe uma alimenta~~o~~o b" a e nutritiva introduzida desde tempos antigos pela experiencia e n~~o~~o por calculo seientifico [ ..... 1 ". refere-se ao trabalhador sob o regime patriarcal: oper rio que estava no interesse do propriet rio suprir de boa alimenta~~o~~o.

104 louis couty, op. cit., p g. 87.

105. joaquim nabuco, o aboticionismo, londres, 1883. herbert s. smrrh fala-nos tamb~~o~~m dessa classe interm~~o~~dia de p rias in~~o~~iteis que encontrou em suas viagens pelo interior do brasil nos fins do s~~o~~culo xix (do rio de janeiro a cuiab , s~~o~~o paulo-caieiras-rio, 1922). atribui a mis~~o~~ria e a incapacidade econ"micas- desses matutos ao fato de serem

c.-g. & s. 75

de tar  
balhos  
44  
45:  
a  
alta si  
pl fes  
ro s  
indiv~~o~~d  
causa  
461 1  
this !'s

acquire4  
op cit..1  
47  
48.

pelas 5  
ma  
11 1  
de man  
p g. 18,  
49.  
eiwrg(l~  
a e  
habita~  
nºo difi  
º . uma  
konradi  
o fato '  
europa.  
50.  
(1549-15  
51.  
states, 1  
52.  
53.  
54.

do próp  
carianºi~  
serviºo, i  
como m  
todas as:,  
deria n~  
mente a~  
feudal 1  
histºria i  
que no  
de inicia-  
crer que  
sºculo ~  
recursos ~

par~j  
patriarcal

64 g. f

i

99 ºUEnther, das antlitz brasiliens, cit. ; cientºficos da aliffien-  
nte artigo, "fundament(x

100. em interessa quentes" , brasil mºdico, rio de  
janeiro,

ta...ºo racional nos climaspletamente do assulito o . mºdico sinval  
ano xlv, n.o 40, ocupou-sc com permanece no seu regime de alimen  
lins. segundo ele, o brasileiro1 .... 1 em plc110

ta<sup>o</sup>o um.inadaptado ao clima. -abusa de doces de pratos  
 o convida a defender-se do calor, abusa  
 ver<sup>o</sup>, quando tudo l .l abusa de  
 vezes tamb<sup>o</sup>m de bebidas alco<sup>o</sup>licas  
 gordurosos e por que quanto mais bebe mais sua l  
 loquidos ...s refeio<sup>es</sup> sem reparar -as con-  
 idas adubadas l quase n<sup>o</sup> usa legumes  
 gosta de coml ,j se v<sup>o</sup>m fazendo  
 tos erros-, acrescenta o higienista,  
 seq<sup>o</sup>ncias de tan -acose vivem cariados por  
 sentir h muito tempo. nossos dentes s<sup>o</sup> r' , "a pele. os  
 ,tais l sofrem ainda  
 o, isto <sup>o</sup>, de veg-- s-prandial- do  
 falta de c lci .. sinval lins destaca a "pregui<sup>o</sup>a \_ ,  
 rins, o est<sup>o</sup>maganto ... "auto-intoxica<sup>o</sup>o resultante do  
 brasileiro, atribuindo-lhe, tanto qual por falta  
 abuso de azotados o da pris<sup>o</sup>o de ventre t<sup>o</sup>o banal entre nos  
 de vegetais e. de frutas na alimenta<sup>o</sup>o l .... ] % "a fadiga de que tanta  
 meio". fadiga pela qual, ao seu ver, se tern  
 gente se queixa no nosso clima. tamb<sup>o</sup>m o dr. ara<sup>o</sup>jo Lima,  
 injustamente responsabilizado o do extremo norte do  
 estudando o regime alimentar das popula<sup>o</sup>es io na interpreta<sup>o</sup>o da  
 3, import<sup>o</sup>ncia do fator alimenta<sup>o</sup> s,, (i. f.  
 brasil insiste ni -ris destas paragen  
 .llridoi<sup>o</sup>ncia. lend ria e desabonadora dos honic d lema ali-  
 df "ligeira contribui<sup>o</sup>o ao estu o do prob no 2,  
 , ara<sup>o</sup>jo L~, o amazonas% boletim sanit rio, a  
 mentar das popula<sup>o</sup>es rurais d estudo do  
 n.o 4 rio, 1923).  
 f. de ara'jo lima, "ligeira contribui<sup>o</sup>o ll ao oletim sai -  
 a<sup>o</sup>es rurais do amazonas , b  
 problema alimentar das popul~, relativa ao caboclo  
 t rio ano 2, ri. . 4, rio, 1923. essa observa<sup>o</sup>o estri<sup>o</sup>o re-  
 'xtremo norte, pode-se generalizar, com urna ou outra r tas regio<sup>es</sup>  
 do ~ ; rurais. em cer  
 gional, ao brasileiro pobre das demais zona' os trabalhadores de  
 do baixo amazona,, ara<sup>o</sup>o lima foi encontrar

alimentando-se exclusivamente de um siri  
 andes planta<sup>o</sup>es de algod<sup>o</sup> a  
 arroz comido de manh<sup>o</sup>. -uni xib<sup>o</sup>, cuja base <sup>o</sup>  
 vitairias, constitui muitas vezes o ali  
 t<sup>o</sup>o pobre em in  
 dum homem nas 24 horas." as condi<sup>o</sup>es  
 j azevedo pimentel surpreendera quase que as mesin  
 entre os habitantes do brasil central: maior que a a<sup>o</sup>o devastadora das  
 mol<sup>o</sup>stias sifil<sup>o</sup>ticas e ven<sup>o</sup>reas, s<sup>o</sup> a dos mesequil<sup>o</sup>ebrios ou pervers<sup>o</sup>es de  
 nutri<sup>o</sup>o org<sup>o</sup>nica" devida a -impr<sup>o</sup>prias e pouco nutrientes subst...ncias  
 alimentares". quem deu relevo ... situa<sup>o</sup>o das nossas popula<sup>o</sup>es rurais.  
 mal-alimentadas e ainda por cima v<sup>o</sup>timas f ceis de urna s<sup>o</sup>rie macabra  
 de doen<sup>o</sup>as - impaludismo, beriberi, ancilostom<sup>o</sup>ase, disenteria, lepra,  
 s<sup>o</sup>filis - foi miguel pereira, logo ratificado por belis<sup>o</sup>rio pena. com  
 rela<sup>o</sup>o ...s popula<sup>o</sup>es rurais e sertanejas da para<sup>o</sup>ba depoe o sr. jo,<sup>o</sup>  
 am<sup>o</sup>rico de almeida: "a mis<sup>o</sup>ria org...nica determinada pela carestia da

vida e insuficiência da alimentação e o campo preparado que vai sendo grandes  
gelo mingau de  
farinha-d'gua,  
mento exclusivo  
invadido pelos meios ordinários de infecção" (a parábola e seus problemas, paraíba 1924). sobre o assunto vejam-se ainda: as respostas ao inquérito realizado em 1778 pelo senado do rio de janeiro sobre o clima e a salubridade da mesma cidade (anais brasilienses de medicina, n.º 5 vol. 2, ano ii); discurso na sessão solene aniversário da academia imperial de medicina. de 30 de julho de 1847 por roberto jorge haddock lobo, rio, 1848; j. f. x. sigaud, du climat et des maladies du Brésil, paris, 1844; alp. rendu, études topographiques, médicales

74 9. f-

et agronomiques sur le Brésil, paris, 1848; j. b. a. imbert, ensaio higiênico e médico sobre o clima do rio de janeiro e o regime alimentar de seus habitantes, rio, 1837; discurso sobre as moléstias que mais afligem a classe pobre do rio de janeiro [ .... ] por josé martins da cruz jobim, rio, 1837; azevedo pimentel, subsídios para o estudo da higiene do rio de janeiro, rio, 1890; azevedo pimentel, o brasil central, rio, 1907; louis couty, "l'alimentation au Brésil et d'iris les pays voisins", revue d'hygiène de paris, 1881; eduardo magalhães, higiene alimentar, rio, 1908; alfredo antônio de andrade, "alimentos brasileiros" anais da faculdade de medicina do rio de janeiro, vol. vi, 1922; alberto da cunha, "higiene alimentar" arquivos de higiene, n.º 11, rio; manuel querino, a arte culinária na bahia, 1928; theodoro pemolt, história das plantas alimentares e de gozo do brasil, rio, 1871; e as seguintes teses de concursos ou doutoramento: antônio, josé de souza, do regimen das classes pobres e dos escravos na cidade do rio de janeiro em seus alimentos e bebidas, faculdade de medicina do rio de janeiro, 1851; josé maria regadas, do regimen das classes abastadas no rio de janeiro, 1852; josé rodrigues de lima duarte, ensaio sobre a higiene da escravatura no brasil, rio, 1849; antônio

correia de souza costa, qual a alimentação de que vive a classe pobre do rio de janeiro e sua influência sobre a mesma classe, rio, 1865; francisco fernandes padilha, qual o regimen das classes pobres do rio de janeiro, rio, 1842; francisco antônio dos santos souza, alimentação na bahia, faculdade de medicina da bahia, 1909; renato souza lopes, regime alimentar nos climas tropicais, rio, 1909.

são cada dia mais numerosos os trabalhos brasileiros sobre o problema da alimentação entre nós, destacando-se os (los médicos silva melo, sinval lins, josé de castro, rui coutinho, paula e souza, couto e silva, peregrino junior, dante costa. a bibliografia acima, apresentada na primeira edição deste ensaio, tem sido largamente transcrita e citada por alguns desses autores.

102. louis couty, l'esclavage au Brésil, p. g. 87, paris, 1881. opinião também do mais claro dos nossos pensadores políticos, o professor gilberto amado, no estudo que, do ponto de vista político, faz da nossa sociedade escravocrata: "as instituições políticas e o meio social do brasil" em grupo de areia, rio, 1919. ali s, j no século xviii escrevia o morgado de mateus: "nesta terra não há povo, e por isso



não lia quem sirva ao estado; excepto muito poucos mulatos que w o seos officios, todos os mais são senhores ou escravos que servem aquelles senhores" (paulo prado, paulística, 2.a ed., rio, 1934).

103. theodoro, peckolt, na sua história das plantas alimentares e de gozo do brasil, i, rio de janeiro, 1871, chega a considerar o trabalhador europeu da época "menos bem alimentado" que o escravo brasileiro. "assim o escravo no brasil e o trabalhador da roça em geral", escreve ele, "recebe uma alimentaãõ b"ã e nutritiva introduzida desde tempos antigos pela experiencia e não por calculo scienti- f ico [ .... 1 ". refere-se ao trabalhador sob o regime patriarcal: oper

rio

que estava no interesse do propriet rio suprir de boa alimentaãõ.

104 louis couty, op. cit., p g, 87.

105. joaquim nabuco, o abolicionismo, londres, 1883. herbert s. smith fala-nos tambõm dessa classe intermõdia de p rias inõteis que encontrou em suas viagens pelo interior do brasil nos fins do século xix (do rio de janeiro a cuiab , são paulo-caieiras-rio, 1922). atribui a misõria e a incapacidade econ"micag desses matutos ao fato de serem

c.-g. & s. 4')

do, t  
balhos  
4

alta  
prof  
divõd  
usa  
46  
t s  
is is  
acquir  
op cit.  
47  
4  
pelas  
uma  
de in  
p g. 1 e  
49.  
ei (1  
a wig  
habita~  
nõo di~  
õ. um  
ia  
konra~  
o fato ~  
europa.,  
50.  
(1549-1,~  
51.  
states,

52.  
53.  
54.  
do pr  
canan  
servi  
como rn  
todas a  
deria n  
mente  
feudal  
história  
que no  
de inicia  
1  
3d  
a

1  
a  
a  
446  
6  
1 . s  
is  
t  
tôr  
47  
47  
48  
ri

crer quo  
sôculo ~,  
recursos!  
55.  
veja-se ~  
america~  
pare,  
patriarcal

64 g. j  
i

mestiços de Índios e de negros, esquecido de que se viajasse no seu ll.  
"fragmentos de uma memória sobre as sesmarias da bahia"  
, escravocrata e pelas montanhas de kentucky(cópia de um ins. que parece  
ter sido da biblioteca do falecido marquês  
próprio país, pelo velho sul encontrar o mesmo detrito humano. por

de aguiar e talvez de sua pena) em livro  
das terras ou collec

e das carolinas, haveria de gente branca: os poor white". ulo consideran  
"asneira" o da lei, regulamentos e ordens expedidas a respeito desta materia at  
1(6. algum nos escreve de so pa do ao presente [ 1, p g. 24, 2.a ed., rio de janeiro, 1860.  
emprego da expresso "sistema" (vede edies anteriores), em vez de 112. hermann wTjen, op. cit. entre os documentos existentes  
aparelho" digestivo e citando-nos como autoridade m xima no assunto no arquivo real de haia e relativos ao brasil, publicados na revista

o autor de conhecida zoologia elementar. de fato o convencional dizer-do instituto arqueologico e geogr fico pernambucano, n.o 33, recife, se em portugus "aparelho digestivo"; e em face dessa conveno no 1887, acham-se v rios editais nesse sentido. ali s j no sculo xvi hesitamos cri, substituir "sistema" - expresso empregada nas edies encontramos evidencias de interveno do governo no sentido de regu- anteriores - por -aparelho". entretanto, cremos que o mais que se larizar a lavoura de mantimentos sacrificada pela do aocar. nas atas

pode dizer contra a expresso "sistema digestivo" o que seja um angli- da comara de so paulo (1562-1601) encontrou taunay uma requisio  
cismo: em ingls diz-se "digestive system , , e no "apparel - incluindo- do governador-geral do brasil de oitocentos alqueires de farinha desti- se em sistema digestivo "every organ, function and process concerned nados a pernambuco; capitania que, por ser a mais aoucareira, seria

-dia britannica.  
tambm a mais exposta ... carestia ou escassez de mantimentos locais. a with the utilization of food-stuffs, etc-" (the encyclopaedia de requisio era, por, superior ... capacidade dos paulistas: fornecida toda

11.a ed., cambridge, 1910, vol. 8, p g. 263). de modo que a idi; -sistema" no implica "conjunto de rgos de estrutura homognea",, sendo aquela farinha a pernambuco, eles o que ficariam em penria. "decidiu pelo uso convencional que se vem fazendo da palavra entre nos para a comara% escreve taunay, "apregoar para o conhecimento de todos distingui-ia de "aparelho". de acordo com suas raizes gregas "sistema" os moradores da vila e termo, uma postura em que ficavam intimados significa todo conjunto de rgos ou partes essenciais ao desempenho a

fazer farinha, em obediência a uma provisão do capitão-mor e do de alguma função ou funções particulares (webrer) ou toda "reunião ouvidor da capitania de São Vicente. tudo sob a ameaça de cinquenta

(quicherat). do francês que parece ter cruzados de multa e dois anos de degredo para as paragens inóspitas das partes de um todo" "aparelho" ao sistema do estreito de magalhães. tal solicitude pelo aprovisionamento de farinha passado ao português a~ convenção de chamar-se digestivo, exato como e que o francês designa por "appareil" u...i rinha bem mostra quanto era irregular a produção da lavoura" (a: o.,iso -assemblage xorganes qui concourent ... une même fonction . da nos de e. taunay, São paulo nos primeiros tempos, 1554-1601, tours, 1920). parecer haver no mínimo lastim vel exagero na qualificação da expres 113. fernão cardim, tratados da terra e gente do brasil, introdução "sistema digestivo" como "asneira". duarte e notas de batista caetano, capistrano de abreu e rodolfo

world history, londres, garcia, rio, 1925.

107. andrew reid cowan, master clues in . n wc a afirmativa do sr. a. ant (do escambo ... escravidão (trad.), 1914. 108. and" joão antônio, cultura e opulência do brasil por suas São paulo, 1943, p g, 183), com referência ... capital da bahia em 1580, d'Almeida e minas, p g. 264, com um estudo biobibliográfico por afoi-90-11e "os cidadãos eram bem aprovisionados por esses produtos locais" de e. taunay, São paulo-rio de janeiro, 1923. sdpr - ---tase ---verduras, baseia-se principalmente em informação de 109. "afim de que os agricultores não padeçam ~x que se refere ... presença de "legumes da terra e de portugal:

parte São poucos os animais domésticos% ir' ',is alfaces, couves,. aboboras, rabaninhos e outros legumes e horta lavouras por toda a -,~`tratados da terra e gente do brasil, cit., p g. 289). se houve aires de casal na sua j citada corografia brasileira, 11, p g- &

1 em extracto sobre os engenhos de assucar e sobre o methodo ia então abundância desses e de outros produtos destinados ... alimentação,

essencial, tirado da obra riqueza parece que foi por um curto periodo durante o qual os primeiros colonos

então praticado da fartura deste sal que da bahia pu al, inimiga da

e opulencia do brasil para se combinar com os novos methodos  
deram combinar com a grande lavoura tropic  
ixo dos auspicios de s. alteza real o principe )olicultura, seu velho  
-gosto pela horticultura. no principio do século  
agora se propõem deba(lisboa, 1800), kvii, salvador padeceria - a verdade  
que concorrendo então para a  
regente nosso senhor por fr. josé Mariano vellosotanto ncassez de  
alimentos a situaçáo de guerra no norte - de falta até  
as cabras são destacadas dentre os inimigos da cana: "as cabras, elo te  
farinha de mandioca, como o indicam documentos  
recentemente publi-  
aparecer fora da terra, a vóo investir." p  
que a canna começa a - l ...s vezes obrigados a matar ~ados (documentos  
históricos do arquivo municipal - atas da câmara  
que os proprietários de canaviais se vian  
"porcos, cabras e bois, que outros não trarão de advertir e guardar nos -  
1625-1641, salvador, 1944, p gs. 399, 401 e outras).  
desde então o  
pastos cercados ou em parte remota [ .... l " (p g. 47).estemunho dos  
cronistas e viajantes a no sentido de que a alimentaçáo  
, opi. cit., 11, p g- 119. casal atribui o fato ~m salvador foi difícil e  
com os preços dos alimentos geralmente altos.  
110. aires de casaleralmente bons e haver -na maior :)a próprio cardim,  
ali s, deve-se ter em conta - insistamos neste ponto  
... circunstância dos pastos não serem 9  
parte falta d' "ua".mas sern deixar de atinar corri a causa - seu car ter  
de "padre visitador", excepcionalmente bem recebido nas  
agricultores não padeciam darrinci nas suas la- ções e engenhos, do mesmo  
modo que com relaçáo aos tratados de  
social: afim de que o que era landavo devemos nos recordar,  
com o arguto capistrano de abreu, que  
vouras". capistrano diz, referindo-se ao afastamento do gado,  
"cumpria defender os canaviais e outras plantas de seus ata- ram de  
certo modo propaganda para induzir europeus a virem  
para

porque randezas do brasil, p g- 13, introduçáo de capis- ~ brasil  
como colonos. lendo-se o mais objetivo gabriel soares de  
es,1 (di logos das ggarcia ediçáo da academia brasi- ousa vó-se que na  
bahia, mesmo na fase anterior ... monocultura absor  
ente, fase ainda de conciliaçáo da grande lavou , ra - o  
açar - com

76 9-

qu o l  
trano de ai3reu e notas de rodolf  
leira de letras, rio de janeiro, 1930).

c.-g- & --- 77

de tk.  
balliz

45

a  
alta  
p f

op cit

47

48

5

pelas

uma n~

de ri

p g. 1 ~

49

leiro (

a arg~

habitav~

nºo dill

º - urna ~

kon

o fato~

europa

50.,:

(1549-1.

si.

states,

52

53.

p~4 .

do rº

cananº

servim,

como ll

todas a~

deria ri

mente

feudal i,

histºri

que no'

de iníci

prot i

indivºd

causa

46

this ~

acquirel

crer qu

sºculo ~,

recurso

55.

veja-se

americ~

par  
patriarcal

64 9-

dos portugueses pela horticultura e a que j 1173  
o gosto tradicional cionais as plantas como a de joão  
referimos, parecem ter sido excep , mantimentos, porcos  
amente policultoras, com roças de  
propriedade era pobre demais  
nogueira frane "que a terra de sua p . para tocar  
rebanhos de gado. e nela os rios eram pequenos  
demais p g  
para a cultura da cana -ouso tratado, --- 148 e  
-se gabriel soares de s l e interessantes comen-  
e es sobre este ponto  
-dgenhos. (vejam  
o resumo das suas informa, das relações das plantas  
inocul\_ t rios a esse respeito e a respeito s altos preços do -, ~icar  
- dados ol l m00s  
tor," e imperialistas ou exparisionistas - na maioria n0  
roças de mantimentos seu citado---s~'  
oni plantas ou ndre marchant 110 "feudal  
apresentados por alexa mesmo autor, leia-se  
de indios - 140-142.) (do , the  
cravid0, p gs- portuguese settlement of brazil"  
esc ambo ... es lements ri the [ p g5. 493-512) sobre  
c,p0talistic e  
erican historical revieiv, 1942, xx11, lavoura pela  
hispanic am ~gica da policultura e da pequena  
ocesso de sucess0o col~ iedade, quando favor veis a  
estas as  
1) pru grande propr ~ do professor andre"  
m..ocultura e pela trile estudc ~n hawaii, chicago,  
condi0es de com0rcio, veja-se o excele succession i  
, land community. ecological lnd capital, in-  
w. und, a n is o capitulo vll .("the plantation a  
1938 especialmente -t0o de ser sempre a grande planta00o,  
vest-enti, em que repele a sugespara acentuar -its equaily  
pelo seu car ter paternalista pr'-capitalista, anization and investiment ol  
as a sch-m0'for the org s acentua o mesmo autor  
important functions como hava0. ali  
capital" (p g\* 157), em reas-0 em hava0 ... generaliza00o de  
n0o ter correspondido a grande planta0sistema-. tenderem ... devasta00o  
kfler sobre as grandes plantas como boston-nova  
dos homens (albert g. keller, colonization  
do solo e 10). o que o professor lind atribui ~x v rios fatos,  
dados e desenvol-

~orque, 1908' p g. , engenhos de hava0 terem sido fun - era so  
inclusive o de alguns . interesse na terra n0o  
vidos por mission rios protestantes, c1130 que devastadora da terra e  
econ"mico e cuja a00o antes criadora la de alguns dos

homens pode ser comparada - acrescentemos - corri (beneditinos, jesuitas, etc.), dados a experiências de ircais do manuel também senhores patriais res. de cri- quais se entregaram le tais senho ,ti de albuquerque. nas mãos l ~uns dos carateris- (min) cavalcar -ande planta desenvolveu all sil pode-se, g-enho' o sistema de gt xis favor veis ... comunidade. no bra ticos do paternalismo m' araterísticas o sistema da grande porém, afirmar que nas~ reas mais c; \* pro-capitv, - desde (s prinieiros all de coloniza, lr^'sto' de valo-,cs planta foi, feudal e coipercial. e também: criador lista e capitalista, homens. no mesmo tempo que devastador do solo e dos g modernos do assunto, do ponto de vista da alimenta, estudiosa -gionais, uni inap5

ir baseados em inquiritos re confirmam o que interessados em preparar, ,om josu de castro, da alimenta no brasil, e tambrelaões entre o sistema feudal- neste ensaio se diz desde 1933 sobre a - 5 segundo o professor josu p~ capitalista de planta e a paisagem .a monocultura intempestiva de cana, de~, ,truindo castro no nordeste, , o revestimento florestal da regio, subvertendo quase ~xie inteiramente )das a~ ibrio ecológico da paisagem e entravando tc por completo o equill jantas alimentares no lugar, constituiu-5 cultivo de outras p ---nonordeste do brasi~ tentativas de )nal degradante da alimenta regi( ' (jo t sa de foram consequencia quase qu os h bitos alimentares prejudiciais 'fundisrno" (-reas alimentares 9 exclusiva da monocultura e do lati o paulo, ano xivr abril de 1 45 bras l", resenha clónico-científica, s

g.

n.o 4, p g- 155). sobre o assunto veja-se também nosso nordeste, rio, 1937. a, e noutros dos nossos trabalhos, j se encontra esse critério de interpreta da situa alimentar do brasil no s no nordeste agr rio como noutras sub reas de morio'cultura.

no nos esqueçamos, a proposito de reas e sub rcas, ou regiões e sut~regiões, de que a influencia do patriarcado monocultor e escravocrata que teve seus centros mais intensos e de vida mais constante e longa em pematribuco, na bahia e no rio de janeiro foi, no norte, at ... s...ea amaz"nica, no sul, at o rio grande do sul e, no centro, at ~ ,to grosso. constituiu assim aquele sistema - talvez o de maior

influencia na fixa de característicos nacionais e gerais no brasil - uir. sistema ou complexo transregional e no apenas regional, como supõem alguns pesquisadores de história ou de sociologia da gente brasi-



leira. formou uma constelação de áreas ou sub áreas ou uma espécie de supra- área de cultura, original em sua configuração e em sua extensão, e não apenas correspondente ... área ou região geográfica a que é geralmente associada: o nordeste ou o norte agrário do Brasil. sobre a presença de características sociais e de cultura - inclusive a própria arquitetura doméstica - sendo idênticos, semelhantes aos que se encontram no nordeste agrário, monocultor e por muito tempo escravocrata, em áreas geograficamente afastadas e diferentes do mesmo nordeste, vejam-se os estudos de caráter sociológico ou parassociológico de José Veivéssimo e do professor Artur Reis sobre a Amazônia; de Dante de Lantano, Atos Damasceno Ferreira, Ernani Correia, Tales de Azevedo sobre o Rio Grande do Sul, Augusto de Lima Júnior e M. de Barros Latif sobre Minas, José de Mesquita sobre Mato Grosso. sobre a área grande-sulense-do-sul, veja-se, do ponto de vista mais sociologicamente objetivo sob que pode ser constatada a presença daquela influência, ou daquela coincidência de expressões sociais e de traços de cultura, em meios diferentes em várias de suas condições físicas e em vários dos elementos de sua composição étnica, nosso pequeno trabalho acerca do sobrado no Rio Grande do Sul (problemas brasileiros de antropologia, Rio, 1943). também Tales de Azevedo, Gaúchos - notas de antropologia social, Bahia, 1943; Dante de Lantano, "o português dos Açores na consolidação moral do domínio lusitano no extremo sul do Brasil", revista do ensino, Porto Alegre, n.º 15-18, nov. 1940-fev. 1941; Atos Damasceno, Imagens sentimentais da cidade, Porto Alegre, 1940; Ernani Correia, "a arquitetura do Rio Grande do Sul", lanterna verde, Rio, julho, 1944.

114. Cardim, op. cit., p. 321.

115. Percy Goldthwait Stiles, Nutritional Physiology, Filadélfia e Boston, 1931.

em interessante artigo "folclore do açúcar", xvii, Brasil Açucareiro, vol. xxv, março, 1945, n.º 3) Joaquim Ribeiro escreve: "aqui convém denunciar um erro de apreciação de Gilberto Freyre. ele pinta a cozinha dos senhores de engenho como regalada e opulenta. a verdade porém é que é uma cozinha relativamente pobre. a alimentação popular nos engenhos ainda é pior. o lavrador de cana passa vida miserável de subnutrido."

evidentemente o distinto crítico não leu o que sobre o assunto e sobre as relações da alimentação com a monocultura se diz neste ensaio desde 1933. tampouco nega o autor do presente ensaio aqui ou em qualquer outro trabalho que tenha havido influência holandesa sobre a cozinha brasileira. apenas tem salientado que dessa influência resta

c. -g. & s. -4 ( )

i

itivo parece q quanto  
de pos'

l s  
p(:v(  
? brote.

ou sobrevive muito pouco el adapta-se certa  
... interpretação do requeijão nordestino como Ribeiro c  
neja da indústria pecuária holandesa% sugerida por Joaquim Brasil, são

josé honório rodrigues no seu civilização holandesa no to vejam-se paulo, 1940, é realmente "hipótese a estudar". sobre o assunto, também: f. c. hoeene, botânica e agricultura no brasil no século xvi, são paulo, 1937; josé de castro, a alimentação brasileira ... luz da geografia humana' são paulo, 1937; a. i. de sampaio, a alimentação sertaneja e do interior da amazônia, são paulo, 1944.

116. capistrano de abreu, tratados da terra e gente do brasil, apenso, p g. 433.

117. cardim, op. cit., p g. 290

118, stiles op. cit.

119. cardizt, op. cit.,

120. berredo , apud j.

2.a ed., coimbra, 1930.

121. j. lúcio de azevedo, op. cit.

122. padre antônio vieira, apud j. lúcio de azevedo, op. cil.

123. informações e fragmentos históricos do padre joseph de anchieta, s. j 1584-1586, p g. 47, rio, 1886.

124. mar~ graham, journal, cit., p g. 119.

125, sobre o desmazelo no traio doméstico da nossa gente colonial, mesmo a ilustre, leiam,se james henderson, a history of the brazil. londres, 1821; john luccock, notes on rio de janeiro and the southern parts of brazil londres, 1820 . o último j foi publicado no brasil.

126. história do brasil, por frei vicente do salvador, p g5. 16-17, ed. revista por capistrano de abreu, são paulo e rio, 1918.

127. nobrega, cartas, cit., p g. 162.

128. informações e fragmentos históricos do padre joseph de anchieta, s. j. (1584-1586), em materiais e achegas para a história e geografia por ordem do ministério da fazenda, n.º 1, p g. 34, rio de janeiro, 1886.

129. anchieta, informações, cit., p g. 50.

130. anchieta, informações, cit., p g. 41.

131. '71 y a quantité de boeufs, de cochons, de moutons, de volailles & de gibier; mais tout y est extrêmement cher. la flote qui y vient tous les ans de piortugal apporte des vins, des farines, de

l'huile,

du fromage [ .... 1º informa a relation du voyage autour du monde de mr. de gennes au détroit de magellan par le sr. froger, p g. 81. amsterdam, 1699. veja-se também la barrinais, nouveau voyage autour du monde, paris, 1728-29.

ainda sobre a falta de carne e mantimentos na bahia de século xvii. vejam-se os documentos ...s p ginas 250, 315, 401, 447 em documentos históricos do arquivo municipal, atas da câmara, 1625-1641, vol. 1,

prefeitura municipal do salvador, bahia, s.d. por um desses documentos - "sobre os obrigados do açougue da cidade para darem carne" - se vê que em 1636 os oficiais da câmara da cidade de salvador "rmandaram vir perante sy a simam alvares, e domingos da costa a quem estam a cargo os curais do conselho para os obrigarem a dar carne ao açougue da cidade por haverem muitos mezes que nam havia carne nelle [ .... 1 (p g. 315).

132. "on n'y voit point de moutons; ia volaille y est rare & le boeuf mauvais. les formis y désolent, comme dans le reste de ia colonie, le fruits et les légumes. d'un autre côté les vins. les farines, tous les

p g. 334.

lúCIO de azevedo, os jesuítas no grão-par ,

vivres quon apporte deurope, narrant pas toujours bien conservés. ce q&d a échappé ... ia corruption est d'une cherté prodigieuse" (histoire

phi-

lasophique et politique des établissements & du commerce des euro-  
~ dans les deux indes, iii, p g. 91, ... geneve, 1775).

133. capistrano de abreu, introdução aos di logos das grandezas do brasa. cit.

. 134. um documento do século xvi, quase desconhecido no brasil - "a discourse of the west indies and south sea written by lopes vaz a portugual borne in the citie of elvas continued unto the yere 1587, etc." - incluído em the principal navigations voyages trattiviques & discoveries of the english nation [ .... i by richard hakluyt, viii, p g. 172, londres, 1927, informa sobre o pernambuco do século xvi, opulento de engenhos de açúcar: "i .... l yet are they in great want of victuals that come either from portugal or from some places upon the coast of brazo~ a carestia era ató de farinha: "da qual ordinariamente ha carestia% diz-nos aires de casal, op. cit. sobre a formação social do rio de janeiro, vejam-se alberto l-go, a terra goitac , rio, 1913-1925 e alberto lamego ~o, a planície do solar e da senzala, rio, 1934.

135. aires casal, op. cit., ii, p g. 146.

136. aires casal, op. cit., ii, p g. 45.

137. proteína de origem animal, de alto valor biológico, ou ---proteína de primeira classe", para distinguir da de origem vegetal, que é de "segunda classe". sobre o critério mais moderno na classificação de proteínas veja-se o report of committee on nutrition, de e. k. le flemino. e outros, supp. to the british medical journal, 1933, vol. 11.

138. e. v. mcollum e nina s-onds no seu trabalho the newer knowledge of nutrition (nova iorque, 1929) opõem ao critério de hunt~ o da dieta: por ele explicam, entre outros fatos atribuídos ... influência do clima ou da raça, a diferença que em poucas gerações pperou-se entre ingleses do mesmo plantei: os que emigraram da geórgia nos fins do século xviii, uns para o canad , outros para as ilhas baamas. estes degeneraram; aqueles conservaram-se vigorosos. a dieta dos primeiros: leite, vegetais, carne, trigo em abundância. a dos outros, uma espécie de dieta brasileira.

139. em estudo sobre o valor nutritivo dos alimentos brasileiros, au~ antônio de andrade salienta que o c lúcio mifunde-se exiguo

no solo brasileiro, para concentrar-se em depósitos riquíssimos por determinados pontos do território". as plantas "não o encerram comumente em teor muito alto". quase uma sentença de morte em face do apu~ado pelas pesquisas modernas: que "em torno do c lúcio gira a defesa orgânica, m xime a resistência ...s causas infectuosas e ...s doenças discréticas e dele dependem todos os fen"menos subordinados ... atividade dos músculos, nervos e glândulas, presa' a suas proporções com os i"nios sódio, pot ssio e magnésio. infelizmente essa escassez se d , por igual: era nossas guas [ .... ]" (alfredo antônio de andrade, alimentos bradicóros, cit.) é devido que o c lúcio na gua tem a importância que lhe atribui andrade. pelo menos, os resultados de pesquisas realizadas entre os habitantes dos alpes, -numa região em que a gua de

beber é particularmente rica em cálcio, são em sentido contrário ao de sua opinião. o raquitismo foi também encontrado do mesmo modo que em regiões relativamente pobres em cálcio. É o que nos indica a. f. hem, rickets, including osteomalacia and tetany, henry kimpton,

c.-g. &s. 8 1

londres, 1930, p g. 51, apud rui coutinho, valor social da alimentação, são paulo, 1935.

140. antônio martins de azevedo pimentel, subsídios para o estudo da higiene do rio de janeiro, rio, 1890.

141. a farinha -- alimento hidrocarbonado. com proteína de segunda classe e pobre de vitaminas e de sais minerais - é considerada por vários especialistas em assuntos de nutrição alimento de fraco valor mesmo quando ingerida seca - observava pitorescamente em 1909 um estudioso do regime de alimentação na bahia "duplicando de volume, distende fortemente as paredes do estômago .... 1" podendo dar lugar a "fermentações anormais". além do que, pela existência de fibras lenhosas da raiz de mandioca% contribui para "a formação de bolos fecais endurecidos, constituindo verdadeiros fecalomas, capazes de resistirem ...s mais fortes lavagens e aos mais enérgicos purgativos. - .", -sco antônio dos santos souza, alimentação na bahia, tese apresentada ... faculdade de medicina da bahia, 1909. j houve no brasil uma espécie de exaltação mística da farinha de mandioca, em parte baseada em conclusões parece que precipitadas de pesquisadores paulistas. pesquisas realizadas posteriormente pelo dr. antenor machado no instituto de química agrícola do ministério da agricultura indicam que a farinha de mandioca comum não contém vitamina b e a farinha de rapa possui apenas vestígios da mesma vitamina.

142. inteiramente errado, ao nosso ver, o sr. josé de castro no seu trabalho o problema fisiológico da alimentação brasileira, recife, 1933 - no qual chega, ali s, do ponto de vista fisiológico e através da técnica mais recente na sua especialidade, ...s mesmas conclusões gerais que o autor deste ensaio, pelo critério sociológico e pela sondagem dos antecedentes sociais do brasileiro, isto é, "muitas das consequências morbidas incriminadas aos efeitos desfavoráveis do nosso clima são o resultado do pouco caso dado aos problemas biológicos do regime alimentar" - quando considera os alimentos ricos de hidratos de carbono os "de aquisição mais barata pela sua abundância natural, num país agrícola como o nosso". "a alimentação intuitiva, habitual, das classes pobres, trabalhadoras", acrescenta, "est sob este ponto, de acordo com os fundamentos fisiológicos." procuramos indicar neste ensaio justamente o contrário: que a monocultura sempre dificultou entre nós a cultura. de vegetais destinados ... alimentação. do que ainda hoje se sente o efeito na dieta do brasileiro - na do rico e especialmente na do pobre. nesta o legume entra raramente; uma fruta ou outra, a rapadura ou o mel de furo, um peixinho fresco ou a carne de caça, quebra, quando é servido, a rigidez do regime alimentar do brasileiro pobre: farinha, charque e bacalhau. o próprio feijão já é luxo. e a farinha tem faltado várias vezes. nos tempos coloniais sucederam-se crises de farinha que também têm se verificado no período da independência.

143. diz anchwra na sua "informação da província do brasil para nosso padre" (1585), p g. 45, que em piratinunga a terra era "de grandes campos, fertilíssima de muitos pastos e gados" "abastada de muitos

mantimentos", informa<sup>ção</sup> que coincide com outro depoimento qui-  
nhentista como o de anchieta, transcrito pelo professor taunay ei-  
]von ducor, duco (s<sup>ão</sup> paulo, 1924): o do padre baltasar fernandes que  
escrevera de piratininga em 1569 "haver muito pasto dos campos l ... 1

que s<sup>ão</sup> de quem os quer", além de "bom mantimento- e "muito gado  
vaceum".

82 9. f-

144. <sup>o</sup> j das niais vastas a obra, que se poderia classificar de  
profundo realismo hist<sup>órico</sup>, do professor afonso de e. taunay. a ele  
somos todos devedores de importantes revis<sup>ões</sup> e retifica<sup>ções</sup> na hist<sup>ória</sup>-  
ria social e econ<sup>ômica</sup> do nosso pa<sup>ís</sup>. na sua obra avulta o estudo de-  
finitivo das bandeiras paulistas - hist<sup>ória</sup> geral das bandeiras paulistas  
s<sup>ão</sup> paulo, 1924-1929 - que <sup>o</sup> talvez a investiga<sup>ção</sup> hist<sup>órica</sup> especiali-  
zada mais s<sup>éria</sup> que j se empreendeu no brasil.

145. ra<sup>ça</sup> de gigantes, cit.

146. paul<sup>ística</sup>, 2.a ed., rio, 1934.

147. vida e morte do bandeirante, cit.

148. principalmente os invent rios e testamentos, arquivo do es-  
tado de s<sup>ão</sup> paulo, 1920-1921.

149. "verificam-se aqui com mais frequ<sup>ência</sup> escrevia martius de  
s<sup>ão</sup> paulo (ellis, op. cit.), moen<sup>ças</sup> reum ticas e estados inflamato<sup>rios</sup>,  
principalmente dos olhos, do peito, do pesco<sup>ço</sup> e subsequente tísica pul-  
monar e traqueal, etc. ao contr rio, as doen<sup>ças</sup> g stricas s<sup>ão</sup> mais raras,  
faltando aquela fraqueza geral do sistema digestivo, assim como as car-  
d"as que s<sup>ão</sup> frequ<sup>entes</sup> nos habitantes das regi<sup>ões</sup> mais pr<sup>óxi</sup>mas do  
equador, parecendo aumentar na mesma propor<sup>ção</sup> do calor." ruediger  
b"en desvia do clima e da miscigena<sup>ção</sup> para a escravid<sup>ão</sup> a responsa-  
bilidade pelos nossos principais v<sup>ícios</sup> de forma<sup>ção</sup> social, moral e eco-  
n<sup>ômica</sup>; n<sup>ós</sup> nos inclinamos a desvi -la antes para a monocultura e para  
o latif<sup>úndio</sup>, sem desconhecermos por um momento, nem pretendermos  
diminuir a import<sup>ância</sup> tremenda da escravid<sup>ão</sup>. apenas se tiv<sup>éssemos</sup>  
de condicionar ou subordinar uma ... outra, subordinar<sup>íamos</sup> a escravi-  
d<sup>ão</sup> a monocultura latiiundi ria.

150. nos fins da <sup>o</sup>poca colonial o m<sup>édico</sup> sueco gustavo beyer,  
tanto. quanto os cronistas jesu<sup>ítas</sup> do s<sup>éculo</sup> xvi, salientava "a enorme  
abund<sup>ância</sup> de v<sup>iveres</sup> dos mercados" em s<sup>ão</sup> paulo: frutas e legumes,  
cereais e tub<sup>érculos</sup>, aves e animais de corte. e acrescentava que nunca  
como em s<sup>ão</sup> paulo vira popula<sup>ção</sup> de t<sup>ão</sup> belo aspecto, jamais encon-  
trara t<sup>ão</sup> poucos aleijados... (veja-se afonso de e. taunay, non ducor,  
duco. cit.)

151. peckolt, op. cit. peckolt acrescenta quanto ao regime ali-  
mentar dos escravos: "o fazendeiro acertou com os meios pr<sup>óprios</sup> para  
a substitui<sup>ção</sup> do material gasto".

152. s<sup>é</sup>lvio romero, hist<sup>ória</sup> da literatura brasileira, rio, 1888.

153. jos<sup>é</sup> ~rico de almeida no seu estudo sobre as popula<sup>ções</sup>  
paraibanas diz, referindo-se ... negr<sup>idade</sup> dos "antigos centros da escrava-  
ria" nos brejos: "esse homem [o brejeiro), malcomido e malvestido, lida  
no eito, curvado sobre a enxada, de sol a sol ou ao rigor das inver-  
neiras, com uma infatigabilidade de que nenhum outro seria capaz...  
apesar desse regime de priva<sup>ções</sup> e esgotamento, o tipo n<sup>ão</sup> <sup>o</sup> dos mais  
apoucados: apresenta, ao contr rio, exemplos de robusta complei<sup>ção</sup> - 1,

cabras hercúliros que resistem ...s mais penosas labutas, como a da bagaceira" (op. cit.) igual observação fizera Lafcadio Hearn entre as po-

pula~ mestiças (mulatos, quadrarões, oitavões, etc.) das índias ocidentais francesas. "without fear of exaggerating facts, i can venture to say that the muscular development of the workingmen here is something which must be seen in order to be believed; - to study fine displays of it, one should watch the blacks and half-breeds working naked to the waist - on the landings, in the gas-houses and slaughter-houses or in the nearest plantations" (two years in the french west indies, nova iorque e londres, 1923). de Lafcadio pode-se dizer, em resposta

e-g- & s. s^"

... alegação de que seria simples escritor e não cientista, que enxergava respondia assim ... interrogação que, pela mesma época, saía da pena

aples escritor, do que, muito sociólogo- ali s ele cita a de C. Piastano de Mreu: . " [ .... ] o clima ardente a que tantas res-

bilidades se atribuem em todos os nossos defeitos, que sabemos de

seu favor o depoimento de J. Vorigine et ia propagatioil

'-mo?" (prefácio ... geografia geral do Brasil de A. W. Sellin,

recherches chronologiques et historiques sur

- jor físico do = do alemão, Rio de Janeiro, 1889). era como se atinasse o

de ia fièvre jaune aux Antilles salienta a robustez c o vik traduzida

mestiço da Martinica- con, perspicaz historiador com a moderna atitude de antropogeografia em

154. J. em princípios do século XIX o inglês Henry Koseer relaciona ao fator clima: a tendência no sentido de

reduzir-lhe as res-

em Pernambuco os regimentos de milícia formados exclusivamente. porpoffim

164. - A. C. de Oliveira Lima, Recife, 1913; Paulo de

mente por pretos e mulatos física dos homens de comonibus Barros, impressões do Nordeste, São Paulo, 1923.

portugueses, concluindo pela melhor aparência (travels in Brazil, Londres, 1816). 165, Paulo, Prado, op. cit.

165. chamar-se a alguém de "caboclo" no Brasil quase que sem-166. Paulo Prado, op. cit.

pre elogio do seu caráter ou da sua capacidade de resistência moral e167. Oscar da Silva Araújo, alguns comentários sobre a sífilis

-mulato", "negro", "iritilequell", "crioulo", Rio de Janeiro, Rio de

janeiro, 1928.

física. em contraste com intenção de-'o 168. oscar da silva  
araújo, subsídios ao estudo da framboesia

...", que em geral envolvem  
pardo", "pardavasco", "sasar indivíduo. mui-  
preciativa da moral, da cultura ou da situação social do  
trópica. rio de janeiro, 1928.

to mulato brasileiro de elevada posição social ou política faz questão 169.  
oscar da selva 131a. Araújo, subsídios, cit.

i:  
de dizer-se caboclo: "nós caboclos", "nó fosse eu caboclo"- etc.

1 170. "la syphilis", escreve sigaud, "fait  
beaucoup de ravages dans

sebastião do ros rio, conhecido senhor,  
júlio belo refere que o velho luro, dos bonses populations nomades, et  
bên que certains observateurs pensent qu'elle  
de engenho pernarribucario, do século xix, wanderley p elhada de eu re soit  
propagée davantage après ia conquête des portugais, a été  
cons-

om - gente quase toda com a pele averm  
até que ia maladie existait déjà... chez les  
indigènes qui navaient eu au-  
dos de serinha, c des européens. le  
voyageur ribeiro de sampaio, dans

os olhos azuis, o cabelo ruivo - quando exaltava-se, contente  
ropeii, ser ca- 7un rapport ave

nos seus grandes jantares, era para gabar-se, falsamente de  
r,::a relation publiée 1775, p gs. 9, 24, dit

avoir reco?itro des tribus ave  
bocio". mulato ou tocado de sangue negro que niri-uom queies symptomes  
évidents de maladie vénérienne" (j. f. x. sigaud, du

quando nas alturas. raríssimas as exceções 1 s.1927. "todavia ele 7limat et  
les maladies du brésil, paris, 1844). o professor milton

j.  
156. e. roquette-pinto, seixos rolados, rio, enta roquette-p[n11 tom.nau,  
da universidade de harvard, diz que o estudo de ossos cri-  
mentos não faltam no livro os sertões" acresc .. -ontrados em sepulturas  
pré-colombianas parece indique aqueles homens que "antes de tudo eram fortes"icana  
da sífilis (milton j. rosenau, preventive medicine and hygiene,

6.  
para provar . ed., nova iorque-londres, 1927). o assunto, porém, continua  
ponto

nham farta gota de sangue negro. só reler a descrição do povilo  
canudos: "toda 1 s as idades, todos os tipos 1 todas as cores [ .... 1 gre e  
contrnhas maltratadas de crioulas retintas; cabelos corredios de caboclas, trun  
alguém que se esconde sob as iniciais a.s., enviou-nos um recorte

madeixas castanhas e louras de brancas le, velho de jornal  
do rio, sem designação de nome nem data, onde o

fas escandalosas de africana; uma fita, sem um grampo, sem uma f'o')r.  
nicolau ~cio afirma que a origem da sífilis é fora de toda d-

gótimas embaralhavam-se sem  
tocado ou coifa por mais pobre." ida americana, atribuindo nossas  
dúvidas a respeito ao fato de não

157. roquette-pinto, op. cit. rmos m<sup>o</sup>dico: "o autor n<sup>o</sup> sendo m<sup>o</sup>dico", etc. esqueceu-se o bom

158. roquette-pinto, rond"nia, rio, 1917.

~r. nicolau que o -problema da origem da s<sup>o</sup>filis tamb<sup>o</sup>m um problema

159. ulisses brand<sup>o</sup>, a confedera<sup>o</sup> do equador, pernambu e . historia social; e sob esse aspecto - e n<sup>o</sup> o m<sup>o</sup>dico - <sup>o</sup> que nos co, 1924. vi, rio, 1930.

limamos a feri-lo, ali s de passagem, <sup>o</sup> oportuno salientar que a mes-

160. cast<sup>o</sup> cru<sup>l</sup>s, a amaz"nia que eu ja atitude assumiram com rela<sup>o</sup> ao nosso trabalho alguns engenhei-

161. notadamente o berib<sup>o</sup>ri, avitaminose resultante da falta e \* e arquitetos, como que ofendidos em seus melindres de exclusiva

vitamina b, e n<sup>o</sup> uma. infec<sup>o</sup>. pelo menos <sup>o</sup> a conclus<sup>o</sup> de est ~iedade profissional do assunto "casa" por nos termos~ ventur db a tra-

sherman, mendel, aykroyd, cosvg11,1 z de arquitetura civil ou dom<sup>o</sup>stica no brasil, sem sermos engenheiro

diosos profundos do assunto: de v. batista, vit~ sure. sobre o berib<sup>o</sup>ri no brasil, veja-se o estudo

l arquiteto. esquecem-se m<sup>o</sup>dicos e engenheiros assim melindrados de

minas e avitaminoses, s<sup>o</sup> paulo, 1934. tamb<sup>o</sup>m o trabalho de rille se procuramos arranhar tais assuntos, sempre o fazemos do ponto

~ vista ou sob aspectos que pouqp<sup>o</sup> t<sup>o</sup>m que ver com a t<sup>o</sup>cnica da

coutinho, j citado. travels iedicina ou da engenharia, isto <sup>o</sup>, sempre o encaramos do ponto de

162. joi-i. bapt. von spix e c. f. phil- von martius, 'ta da historia ou antropologia social; do ponto

de vista da sociolo- brasil, (trad.), londres, 1824.

163. emile b<sup>o</sup>-ger, op. cit. t<sup>o</sup>o sens<sup>o</sup>vel pareceu a b<sup>o</sup>Ringer l gen<sup>o</sup>tica. n<sup>o</sup>o seria justo que nem a engenharia nem a medicina

morbilidade do norte do brasil aos aperfei<sup>o</sup>amentos da t<sup>o</sup>cnica sanit ri t<sup>o</sup>cnicas ou artes que t<sup>o</sup>m ainda seus problemas sem solu<sup>o</sup>o ou de

que concluiu dos seus estudos de clilnltqu<sup>o</sup>o dif<sup>o</sup>cil - anexassem imperialmente ao seu dom<sup>o</sup>io exclusivo ou

e do conforto geral de vida, da civiliza<sup>o</sup>o soluto largos trechos da antrop ou historia social como a his-

os progressos da higiene e ologia logia em pernambu<sup>o</sup>: com

habitantes brancos mais abaria da habita<sup>o</sup>o humana e a historia da s<sup>o</sup>filis, enxotando desses tre-

muitas causas desaparecer<sup>o</sup>. j hoje os do seu bem-estar que os p308, como a uns intrusos, os pobres 4os antrop<sup>o</sup>logos. dos

soci<sup>o</sup>logos e tados, mais prudentes, mais apreciadores e menor." b<sup>o</sup>Ringis historiadores.

dos ou os pretos, est<sup>o</sup> sujeitos a uma mortalidad

84 g. f.

c.-g. & 8. 85



quanto ... origem da sífilis, do professor milton j- rosenau (estudos sobre a sífilis, etc., rio, 1941), danflo perestrelo (sífilis, rio, inf de 1493 ou 1494 - quando o mal rebentou :0,1943), h~ue de moura costa ("aspectos e particularidades da sífilis - ormao de que antes ~ filis no brasil , brasil médico. rio, n.o 11, 16 de março de 1935, p g, violência na europa - nada consta sobre a sífilis como "entidade e ,1>5), oscar da silva ~0 (l'organisation de ia lutte antivénérien-nica". historicamente, porém, ela se deixa entrever ou pelo menos , rasil. paris 1928)

peitar em crônicas antigas, embora seja sempre difícil distinguir nes.me fontes a sífilis de outras doenças venéreas ou da pele. supõe-se - a verte rosenau - que os chineses, dois mil anos antes de criste,. conhecessem a doença. mas a história da sífilis anterior a 1493 o se acha envolta em dificuldades: "shrouded in diff,\*culties" (milto's rosenau, preventive medicine and hygiene, 5.8 ed., nova lorque-las ^g 1 o')7n

rios, cit. au b 1  
171. o~ da silva araJo, coment  
brasil, cit., nota 12 ao "di logo 172. di logos das grandezas do  
aujourd'hui et chez les anciens, pa- 173. f. buret, la syphilis  
the child (trad.), no%a im  
174. alm= moll, the sexual life of  
dr , ainda l mais enérgica em sentido contr rio ao das afirmativas jorque, 1924.  
)rigem de doenças sociais e a advertência  
'ir, 175.pascalf penta. i pervertimenti sessuali,  
napoles, 1893; mxx  
f ticas quanto ... do pr ---  
z,pessoir, "zur psychologie der vita  
sexualis" em allgemeine zeitschrift  
sor l. w. lyde. a proposito de doenças que teriam sido propa  
pelo nem. r", th Spectator, londres, 16 de maio de g~fi"ir  
psychischgerichtliche medicin, apud westermarck, the origin and  
;ro ("skin colou  
ele escreve: "ninguém pode afirmar ( 176. oscar  
quer doença" ("the colour bar", aiueandoectaeor, olndoeses,orjiuginhoou  
qll.-developrnt of moral ideas, londres, 1926.  
lyde parece ter sido da américa que os.e,~0~ 1924\* pfister,  
lave in children and its aberrations (tr2d.)  
p g. 892) ao professor 177. não deve ficar sem reparo o

fato de, num país por longos  
nhois levaram a sífilis para a europa: o escravo negro que teria, ;culos  
de escravos e de mulheres recalçadas pela extrema  
pressão mas-

roduzido a doença na américa de onde ela teria se comunicaej~  
,ulina, o culto dominante entre a maioria católica ser o  
masoquista,  
europa. den;entimental, do coração de jesus. é comum entre os poetas  
um como

a favor da origem americana da sífilis deve ser destacado, .  
o fato, verificado em guatemata pela xibicionismo do coração sofredor.a  
nossa literatura amorosa, tanto  
as evidências mais recentes,c. shattuck (instituição é quanto a devocional e  
mística, est cheia de corações a sangrarem volup-  
dr. george 1

-  
pedição médica dirigida pelo ) em 19322  
,uosamente; ou então magoados, doloridos, feridos,  
amargurados, dila

que consta do relatório publicad(  
-erados, em chamás. etc. etc.  
negie de washington) e ll -trao,  
mesma organizaçõo, dos maias apresentarem una resistencia ex178. a  
expressão "rússia americana" pareceu a um crítico que  
naria contra el mal y quiz s también contra ia infección devido al l,  
,entilmente se ocupou deste ensaio, "fórmula antiquada, depois  
de vi  
que ia sífilis es una enfermedad antigua entre' ente licónio cardoso e do  
sr. ot vio de faria". talvez tenha se cri-  
de sífilis. esta infiere un grado mayo,  
mayas,  
y que po- lo tanto, ellos han adquirido l ~o o  
crítico. pelo menos, em parte. a referida expressão usamo-la  
ad contra ia enfermedad de lo que se ha demostrado enira vez h mais de  
dez anos no trabalho "vida social no  
inmunið relacion con ia òla prime  
quier otra raza. esta hipótesis tiene una importante  
zordeste" di rio de pernambuco, l.0 centen rio, 1925.  
puòs significa que ia enfermedad existiò  
en.la ame, 179. 9 houston stewart chamberlain,  
the fouridations of the ni-  
tória de ia sífilis, orígen,  
central mucho antes de ia conquista, que tuvo alli su-', 'eteenth century,  
londres, 1911.  
los marineros de colón originalmente ia ilevaron a europa dei i~u ilustre  
crítico liter rio argentino, o sr. ricardo sEnz hayes cò-  
mundo" (sección de investigaciones históricas, institución Carnegie,~c!eu  
sobre a citaçõo de que aqui se faz de h. s. c~erlain, a  
pro-  
forme anual de ia subsección de história antigua de ame , to de loyola e  
dos exercícios que "para buscarle ascendencias a su  
washington, 1932, p g. 24). a "resistencia extraordin ria" dos mal26si. .

[como faz chamberlaini es necesario no estar familiari,-ado  
. ana da doenca, como infere- lsn- o  
sifilis que um fato; a origem americana das fontes cristianas do  
cristianismo". e cita sua autoridade: ei  
desse fato, por, uma hipotese. jam cristianizado de a. palacios, madri,  
1931 (introducao a casa  
na materia a autoridade maxima, do ponto de vista da antrop ' grande &  
senzala, ed. espanhola, buenos aires, 1942). mas autoridade  
gia fisica, entretanto, o professor alfs hrdlicka. em artigo (o  
consideravel o padre asin palacios que escreveu  
la es.  
ican aborigenes" '(utilmente  
"disease medicine and surgery among the ameritologia musulmana en ia.  
divina comedia, madri, 1919. se no  
association, vol. 99, n.o 20 ' r-  
poesia crist de dante ter ascendencas isl...micas  
e 2'ri-  
journal of the american medical  
americano pre-co',- sonra para a  
1'932) i-irdlicka resume a situao patologica doirias, por que o seria  
para loyola e para seus- exercicios? com todo o  
a respeito pelo estudo de resm ll ocidentalismo,  
biano atraves do que se conhece ausencia de raquitismo, tubercul  
o escritor catolico francos m. legendrf reconhece  
esqueietos; e depois de salientar a  
'e "te semitisme arabe a mis dans le temperament  
spirituel de i'es-  
microcefalia ou hidrocefalia patologica, colera, peste, tifo, varola-igne  
forte note xoriginalit [ ]". no so o rabe: o  
africano  
ranipo, lepra, e a raridade do cancer, observa: "a despeito do que, africa  
menor. e acrescenta considerar "un signe de  
pusillanimit  
hoje um so exemplo de sifilis ~ez certain, espagn,15  
pretende em contr rio no h at 1.662). e  
consider"-spagne, p g. 51, paris, 1923). dier cet africanisme"  
(portrait de  
colombiana completa;-ente autenticado" (p g. rec ria das  
conclll  
origem da sifilis questao aberta diante da base p  
is sti  
a favor da origem americana da doenca: "[ .... l the matter  
all further light is higher desirable".  
problem on which durval rosa b(  
sobre o assunto veja-se tambem o que dizem

86 9. f-

c.-g. & s. 8

65 5-

i

i

o indigena

na forma

a familia brasileira

om a intrusão europia desorganiza-se entre os indigenas da america a vida social e economica; desfaz-se o equilibrio nas relações do homem com o meio fisico.

principia a degradação da raça atrasada ao contato da adiantada; mas essa degradação segue ritmos diversos, por um lado conforme a diferença regional de cultura humana ou de riqueza do solo entre os nativos - maxima entre os incas e astecas e minima nos extremos do continente; por outro lado, conforme as disposições e recursos colonizadores do povo intruso ou invasor.

Os espanhóis apressam entre os incas, astecas e maias a dissolução dos valores nativos na fúria de destruir uma cultura já na fase de semicivilização; já na segunda metade, e que por isso mesmo lhes pareceu perigosa ao cristianismo e desfavorável ... fácil exploração das grandes riquezas minerais. Apressam-na entre gentes mais atrasadas, os puritanos ingleses querendo conservar-se imaculados do contato sexual e social

e povos que lhes repugnavam pela diferença de cor e de costumes e que evocavam ... sua consciência de raça e de cristãos espantado da miscigenação e do paganismo dissoluto.

Os portugueses, além de menos ardentes na ortodoxia que os espanhóis e menos estritos que os ingleses nos preconceitos de moral cristã, vieram defrontar-se na América, não com nenhum povo articulado em império ou em sistema já glorioso de cultura moral e material - com palácios, sacri-

fícios, humanos aos deuses - monumentos, pontes, obras de irrigação e de exploração de minas - mas, ao contrário, com uma ... população mais rasteiras do continente.

c.-g. &s. 89

de modo que não é o encontro de uma cultura exuberante de maturidade com outra já adolescente, que aqui se verifica; a colonização europia vem surpreender nesta parte da América quase que bandos de crianças grandes; uma cultura verde e incipiente; ainda na primeira dentição; sem os ossos nem o desenvolvimento nem a resistência das grandes semicivilizações americanas.

dos valores morais e materiais acumulados pelos incas ou pelos astecas e maias resultaria uma indepressão de bronze ao contato europeu; o que levou os espanhóis a despedaçar esse bronze nativo que tão duramente lhes resistiu ao domínio para entre os estilhaços estabelecerem mais a c"modo o seu sistema colonial de exploração e de cristianização.

mas entre os indígenas das terras de pau-de-tinta outras foram as condições de resistência ao europeu: resistência não mineral mas vegetal. por sua vez o invasor pouco numeroso foi desde logo contemporizando com o elemento nativo; servindo-se do homem para as necessidades de trabalho e principalmente de guerra, de conquista dos sertões e desbravamento do mato virgem; e da mulher para as de geração e de formação de família.

a reação do domínio europeu, na reação de cultura americana invadida pelos portugueses, foi quase a de pura sensibilidade ou contratilidade vegetal, o índio retraíndo-se ou amarfanhando-se ao contato civilizador do europeu por incapacidade de acomodar-se ... nova técnica econômica e ao novo regime moral e social. mesmo quando acirrou-se em inimigo, o indígena ainda foi vegetal na agressão: quase que mero auxiliar da floresta. não houve da parte dele capacidade técnica ou política de reação que excitasse no branco a política do extermínio seguida pelos espanhóis no México e no Peru. explica-se assim - sem esquecermos outros fatores - que mais se tivesse aproveitado, a princípio, da cultura americana pobre, que era a da floresta tropical, do que da rica, dos metais: a das duas semicivilizações duras, compactas, hierárquicas, que se despedaçaram sob a invasão espanhola e sob o domínio católico, para séculos depois seus fragmentos, reunidos, irem de novo formando um todo não-europeu e original.

ruediger bilden traça de modo sugestivo as diferentes condições de amalgamento de raça e de cultura que, ao seu ver, dividiram em quatro grandes grupos ("a fourfold division") 1 a massa étnica e cultural indistintamente englobada por muitos na América mas varia expressão "América latina".

o primeiro grupo seria o formado pelas repúblicas brancas

an a. f.

i

ou brancaranas do prata e pelo Chile. nestas regiões, observa ruediger bilden, "o clima e as condições físicas em geral en-

corajaram o tipo de colonização mais favorável ao desenvolvimento de uma sociedade predominantemente europeia". excetuados os araucanos no Chile, "as raças indígenas eram demasiado insignificantes em número e primitivas em cultura para, obstruírem seriamente o rumo [europeu] da colonização".<sup>2</sup>

o segundo grupo seria "o que o Brasil tipifica quase sozinho ('almost exclusively'); região onde o elemento europeu nunca se encontrou em "situação de absoluto e indisputado domínio". ---pormais rígido", acrescenta, "que fosse o seu domínio eco-

n"mico e pol"tico sobre os outros elementos "tnicos, social e culturalmente os portugueses foram for"ados pelo meio geogr - fico e pelas exig"ncias da pol"tica colonizadora a competirem com aqueles numa base aproximadamente igiial."

o terceiro grupo seria o representado pelo m"xico ou pelo peru, onde o conflito do europeu com as civiliza"es ind"genas j desenvolvidas, a preser"ia de riquezas minerais, o sistema colonial de explora"o resultaram antes em "justaposi"o e anta-gonismo de ra"as" do que em "harmonioso amalgamento", na 'cria"o de uma superestrutura europ"ia sob a qual se agitam correntes estranhamente remotas". mais cedo ou mais tarde - acrescenta - essas correntes acabaro absorvendo a "delgada e an"mica superestrutura e transmutando os valores de origem europ"ia".

o quarto grupo seria o constitu"do pelo paraguai, pelo haiti e "possivelmente pela rep"blica dominicana". neste "o elemento europeu " quando rquito um verniz". representa uma "incongruente mistura , cultural de subst"ncia francamente "ndia ou negr"ide com fragmentos ou elementos mal-assimilados de origem europ"ia".<sup>3</sup>

h"brida desde o in"cio, a sociedade brasileira " de todas da am"rica a que se constituiu mais harmoniosamente quanto ...s rela"es de ra"as: dentro de um ambiente de quase reciproci-dade cultural que resultou no m ximo de aproveitamento dos valores e experi"ncias dos povos atrasados pelo adiantado; no m ximo de contemporiza"o da cultura advent"cia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. organizou-se uma sociedade crist" na superestrutura, com a mulher ind"gena, rec"m-batizada, por esposa e m"e de fam"lia; e servindo-se em sua economia e vida dom"stica de muitas das tradi"es, experi"ncias e utens"lios da gente aut"ctone.

zacarias wagner observaria no s"culo xvii que entre as filhas das caboclas iam buscar esposas leg"timas muitos portu-

e-g. & s. 91

de  
a  
qu  
in  
se

ap,~el  
ao l

par  
s.

for  
mi  
foi  
vin  
me  
mat

de

jia  
dad  
fan  
de  
mor,  
gena  
da  
polot  
h

f

m0ni  
assi  
apro  
a d a  
sernic  
ram  
quatr  
forni~

di0J  
dividir  
massa  
f cil r  
o

90 g~

guese,s, mesmo dos mais ricos, e at0 "alguns neerlandeses abra-  
. 4 j n0o seria ent0o, como no primeiro

sados de paix0es" ou filhas de 0ndias,  
s0culo essa unio de europeus com 0ndias, an0, mas por deci-  
escassez de mulher branca ou brancar  
por paulo prado foi surpreender "o severo  
dida prefer0ncia sexual.or sua vez, a mulher ind0gena,  
vaihagen" insinuando que, p orno em todos os povos primi  
---maissensual que o homem cncia ao europeu, talvez  
tivos [ .... 1 em seus amores dava prefer0 re, po-  
--- 0 --- 5 capistrano de abreu suge:  
por considera0es priapicer gentia pelo europeu teria sido  
r0m, que a prefer0ncia da mulli"da, parte das 0ndias a mes  
por motivo mais social que sexual:rn filhos pertencentes  
ti0agem se explica pela ambi00o de tere  
... ra0a superior, pois segundo as id0ias entre eles correntes s0  
va'~a o parentesco pelo lado paterno - 6 --- . s" h que  
no primeiro s0culo ...s ---considera0espriapica  
sobrepor a circunst0ncia da escassez, quando n0o da falta abso-  
\* de mulher branca. mesmo que n0o existisse entre a maior  
luta, a a liga00o, livre ou  
parte dos portugueses evidente pendor par ia teriam sido

sob a bênção da igreja, com as caboclas, a e ~ de mu-  
levados pela força das circunstâncias, gostassem ou não  
lher exótica. simplesmente porque não havia na terra quase  
nenhuma branca; e sem a gentia "mal se pudera remediar nem  
povoar tão larga costa. . .", como em carta de 1612 mandava  
dizer a ei-rei diogo de vasconcelos.'

observou southey que o sistema colonial português se reve-  
lara mais feliz do que nenhum outro no tocante ...s relações  
do europeu com as raças de cor; mas salientando que seme-  
lhante sistema fora antes "filho da necessidade" do que de deli-  
berada orientação social ou política.8 o que mais tarde seria  
repetido pelo arguto observador koster em palavras que a, indio-  
filia de manuel bonfim se apressou em recolher, abaixo das de

southey, nas páginas de o brasil na américa. "esta vanta-  
gem", escreveu koster, referindo-se ... ausência de discriminações

aviltantes da parte dos portugueses contra os indígenas, "provem  
mais da necessidade que de um sentimento de justiça."

para a formidável tarefa de colonizar uma exterior...o corno  
o brasil, teve portugal de valer-se no século xvi do resto de  
homens que lhe deixara a aventura da Índia. e não scria com  
esse sobejo de gente, quase toda miúda," em grande parte ple-  
béia e, além do mais, moço rabe, isto é, com a consciência de  
raça ainda mais fraca que nos portugueses fidalgos ou nos  
do norte, que se estabeleceria na américa um domínio portu-  
guês exclusivamente branco ou rigorosamente europeu. a tran-  
sogência corria o elemento nativo se impunha ... política colonial

92 9. f-

portuguesa: as circunstâncias facilitaram-na. a luxúria dos in-  
vóduos, soltos sem família, no meio da índia nua, vinha servir  
a poderosas razões de estado no sentido de rápido povoamento  
mestiço da nova terra. e o certo é que sobre a mulher gentia  
fund(u-se e desenvolveu-se através dos séculos xvi e xvii o  
grosso da sociedade colonial, num largo e profundo mestiça-  
mento, que a interferência dos padres da companhia salvou de  
resolver-se todo em libertinagem para em grande parte regu-  
larizar-se em casamento cristão.

o ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase  
intoxicação sexual.

o europeu saltava em terra escorregando em Índia nua;  
os próprios padres da companhia precisavam descer com cui-  
dado, senão atolavam o pé em carne. muitos clérigos, dos  
outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. as mulheres  
eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais arden-  
tes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses.  
davani-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho.

" las mujeres andan desnudas y no saben negar a ninguno  
mas aun ellas mismas acometen y importunan los hombres  
hallandose con ellos en las redes; porque tienen por honra dor-  
mir con los xianos", escrevia o padre anchieta; 10 e isto de um



brasil j um tanto policiado; e não o dos primeiros tempos, de solta libertinagem, sem batinas de jesuítas para abafarem-lhe a espontaneidade.

neste o amor foi só o físico; com gosto só de carne, dele resultado filhos que os pais cristãos pouco se importaram de educar ou de criar ... moda europeia ou ... sombra da igreja. meninos que cresceram ... toa, pelo mato; alguns tão ruivos e de pele tão clara, que, descobrindo-os mais tarde a eles e a seus filhos entre o gentio, os colonos dos fins do século xvi facilmente os identificaram como descendentes de normandos e bretões. desses franceses escreveria em 1587 gabriel soares no seu roteiro geral que muitos "se amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para França, e viveram como gentios com muitas mulheres, dos quaes, e dos que vinham todos annos ... bahia e ao rio de segripe em nos da França, se inchou a terra de mamelucos, que nasceram, viveram, e morreram como gentios; dos quaes ha hoje muitos seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por indios tupinambis, e são (mais barbaros que elles".

~ esse contingente francês no primeiro povoamento do brasil não deve ser esquecido. suas principais localizações foram na bahia e por todos aqueles pontos do litoral mais ricos de pau-

c.,g. & s. 93

de-tinta- como os primeiros portugueses, deram-se os frajiceses ao único luxo possível nas rudes circunstâncias de desbravamento da nova terra: o de cercarem-se

se da numerosa progênie mestiça, deles e dos portugueses, muitos foram de todo absorvidos pelas populações indígenas, outros ce,riservaram-se numa especie de meio-termo entre a vida selvagem e a dos traficantes e flibusteiros, um pouco sob a influencia europeia das naus francesas ou das feitorias portuguesas.

mas é só a partir do meado do século xvi que pode considerar-se formada, diz basílio de magalhães, "a primeira geração de mamelucos"; os mestiços de portugueses com indios, com definido valor demográfico e social. os formados pelos primeiros coitos não oferecem senão o interesse que já destacamos, de terem servido de calão ou de forro para a grande sociedade híbrida que ia constituir-se.

o mulher gentia temos que considerar -la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira. por seu intermédio enriqueceu-se a vida no brasil, como adiante veremos, de uma série de alimentos ainda hoje em uso, de drogas e remédios caseiros, de tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, de um conjunto de utensílios de cozinha, de processos de higiene tropical - inclusive o banho frequente ou pelo menos diário, que tanto deve ter escandalizado o europeu porcalhão do século xvi.

o nos deu ainda a rede em que se embalaria o sono ou a volúpia do brasileiro; o óleo de coco para o cabelo das mulhe-

res; um grupo de animais domésticos amansados pelas suas mãos. da cunhã que nos veio o melhor da cultura indígena. o asseio pessoal. a higiene do corpo. o milho. o caju. o mingau. o brasieiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelhinho no bolso, o cabelo brilhante de loção ou de óleo de coco, reflete a influência de tão remotas avós.

antes, porém, de salientarmos a contribuição da cunhã ao desenvolvimento social do Brasil, procuremos fixar a do homem. foi formidável: mas só na obra de devastamento e de conquista dos sertões, de que ele foi o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador e pescador.<sup>12</sup> muito auxiliou o Índio ao bandeirante mameluco, os dois excedendo ao português em mobilidade, atrevimento e ardor guerreiro; sua capacidade de ação e de trabalho falhou, porém, no rame-rame. tristonho da lavoura de cana, que só as reservas extraordinárias de alegria e de robustez animal do africano tolerariam tão bem. compensou-se o Índio,

94 g-

h-

w]

k

engenho de açúcar do século xvii, vendo-se a casa-grande e a senzala. (segundo ilustração do livro de Gaspar Barlaeus, *Rerum per octennium in Brasilia.*)

amigo ou escravo dos portugueses, da inutilidade no esforço estavel e contínuo pela extrema bravura no heróico e militar. na obra de sertanismo e de defesa da colônia contra espanhóis, contra tribos inimigas dos portugueses, contra corsários.

Índios e mamelucos formaram a muralha móvel, vivida, que foi alargando em sentido ocidental as fronteiras coloniais do Brasil ao mesmo tempo que defenderam, na região açucareira, os estabelecimentos agrícolas dos ataques de piratas estrangeiros. cada engenho de açúcar nos séculos xvi e xvii precisava de manter em pé de guerra suas centenas ou pelo menos dezenas de homens prontos a defender contra selvagens ou corsários a casa de vivenda e a riqueza acumulada nos armazéns: esses homens foram na sua quase totalidade Índios ou caboclos de arco e flecha.

a enxada que não se firmou nunca na mão do Índio nem na do mameluco; nem o seu pé de madeira se fixou nunca em pé-de-boi paciente e sólido. do indígena quase que só aproveitou a colonização agrícola no Brasil o processo da coivara,

e-g- & s. 95

1 ~

quinfelizmente viria a empolgar por completo a agricultura colonial. -o conhecimento de sementes e raízes, outras rudimentares experiências agrícolas, transmitiu-as ao português mesmo o homem guerreiro que a ao mesmo tempo que doméstica.

se formos apurar a colaboração do Índio no trabalho propriamente agrícola, temos que concluir, contra manuel bonfim - indianófilo até a raiz dos cabelos 13 - pela quase insignificância desse esforço. o que não é de estranhar, se considerarmos que a cultura americana ao tempo da descoberta era a n<sup>o</sup>made, a da floresta, e não ainda a agrícola; que o pouco da lavoura - mandioca, car, milho, jerimum, amendoim, mamão - praticado por algumas tribos menos atrasadas, era trabalho desdenhado pelos homens - caçadores, pescadores e guerreiros - e entregue ...s mulheres, diminuídas assim na sua domesticidade pelo serviço de campo tanto quanto os homens nos h<sup>o</sup>bitos de trabalho regular e contínuo pelo de vida n<sup>o</sup>made. daí não terem as mulheres Índias dado tão boas escravas domésticas quanto as africanas, que mais tarde as substituíram vantajosamente como cozinheiras e amas de menino do mesmo modo que os negros aos Índios como trabalhadores de campo.

os estudos de martius~14 de karl von den steinen<sup>5</sup> sobre as tribos do brasil central; de paul ehrenreich 16 acerca das de maio grosso, goiás e amazonas; as pesquisas de whiffen<sup>1</sup>, --- pinto, 18 koch-grönberg, 19 schmidt~ 20 krause ~ 21 e. nordenskiöld;22 as observações deixadas por visitantes e missionários que surpreenderam a vida dos caboclos ainda virgem do contato europeu, autorizam-nos a generalização de ter sido a cultura indígena, mesmo a menos rasteira, encontrada na américa pelos portugueses - e da qual restam ainda pedaços em estado bruto - inferior ... da maior parte das áreas de cultura africana de onde mais tarde se importariam negros puros ou mestiços para as plantações coloniais de açúcar. várias dessas áreas de cultura africana se acham caracterizadas, segundo a técnica antropológica mais recente, por leo frobenius;23 as da américa, magistralmente, por wissler e kroeber; o que nos permite o confronto entre os valores morais e materiais acumulados nos dois continentes.

whiffen resume os principais traços da cultura das tribos do nordeste do brasil nos seguintes, muitos deles extensivos a quase todo o brasil: 24 caça, pesca, cultura de mandioca, tabaco e coca, e em menor extensão de milho, inhame ou car, jerimum, pimenta; os campos clareados a fogo (coivara) e cavados a pau e não a enxada; nenhum animal doméstico; toda vida

mulher trabalhadora do campo

96 g. f.

animal aproveitada como alimento; uso do mel, havendo certa domesticação de abelhas; a farinha ou o bolo de mandioca e a

caça pequena conservada em caldo grosso, apimentado - os dois alimentos de resistência; a raiz de mandioca espremida depois de embrulhada em palha ou esteira; a coca mascada e as sementes de mimosa usadas como rapé; o tabaco usado apenas como bebida e só em certas cerimônias; o conhecimento e uso do curare e outros venenos; uso da flecha, lança, arco e remo; captura de peixe pelo processo de lançar veneno na gua, mas também por anzol, armadilha, rede e fisga denteada; hábito de comer barro; canibalismo; sinais por meio de tambores; decorações fílicas; redes de fibra de palmeira; cerâmica; cestos; nenhum metal; pouco uso da pedra; instrumentos de madeira; canoas cavadas na madeira; rvores derrubadas por meio de cunhas; grandes pilões de pau para pisar coca, tabaco e milho; frequente deslocamento de habitações e de lavouras; comunidades inteiras numa casa só, grande e quadrangular, coberta de palha, quatro caibros sustentando-a no interior, sem chaminé; o terreno em redor da casa limpo, mas esta escondida no meio do mato e só acessível por caminhos e veredas confusas; nenhuma indumentária, a não ser de casca de rvore para os homens; pentes para as mulheres feitos de pedaços de palmeira; colares de dentes humanos; ligaduras decorativas para o corpo, fusos atravessados no nariz, chocalho atado ...s pernas, pintura elaborada do corpo; espécie de conferência ou conclave em torno de uma bebida negra, de tabaco, antes de iniciar-se qualquer empresa importante, de guerra ou de paz; couvade; proibição ...s mulheres de se associarem ...s cerimônias mais solenes e de estarem presentes ...s de iniciação dos meninos na puberdade; os nomes de pessoa não pronunciados alto e os dos caracteres mágicos apenas sussurrados; importância da feitiçaria; fraudes grosseiras de feitiçaria; as doenças sugadas pelo feiticeiro. cuja principal função seria, entretanto, tirar espíritos maus; duas grandes cerimônias para celebrar épocas de colheita ou de amadurecimento de frutas, a da mandioca e a do abacaxi; os meninos cruelmente espancados nas cerimônias da puberdade; provas das formigas mordedeiras; os ressentimentos ou desgostos do indivíduo por ele formalmente apresentados ao grupo; uma espécie de dança de ciranda; gaita, flauta, castanholas e maracá; cada um dos grupos acopodados numa só habitação, exogamia; descendência por via paterna; monogamia; cada habitação com um chefe, sendo o conselho formado por todos os adultos do sexo masculino; contos com semelhança aos do folclore europeu; contos

c.-g. & s. 9-4

de animais fazendo lembrar os do lore africano; o sol e a lua, venerados; os mortos, sepultados.

são traços extensivos ... cultura que wissler classifica de "cultura de floresta tropical" e que inclui quase o Brasil inteiro.

o cultura do litoral atlântico - aquela com que primeiro se puseram em contato os europeus no Brasil - devem-se acrescentar os seguintes traços: o hábito de fumar tabaco, em cachimbo; as aldeias cercadas de pau-a-pique; bons instrumentos de pedra; em vez do simples enterramento, os mortos colocados

em urnas. ao mesmo tempo que ... cultura dos jê-Botocudo ou tapuia do centro h que subtrair v rios dos traços mencionados: o pouco de lavoura e tecelagem, o começo de astrologia encontrados entre tribos do norte e da costa, o fabrico e uso de instrumentos de pedra, o uso de rede para dormir. acentua-se na cultura dos r-botocudo traços que, segundo wissler, os aproximam dos patag"nios, colocando-os em est dio inferior ao dos tupi. entre outros, o canibalisino.25

quanto a animais domesticados, entre quaisquer dos dois grupos principais - os tupi e os jê-Botocudo26 - deve-se notar, contra a generalizaçõo de wissler, a presença de "algumas aves domesticadas como os jacamins; de roedores, tais como a cutia e a paca; e de alguns macacos.99 27 a verdade que nenhum desses animais a serviçõo domèstico nem empregado no transporte de fardos, todo ele feito penosamente ao dono do homem e principalmente da mulher. os animais domesticados entre os indógenas quase que eram simplesmente para fazer companhia ... pessoa e não para servi-ia nem fornecer-lhe alimento. a não ser que se considerem ao serviçõo do homem as abelhas fabricantes de mel e as aves amansadas que roquette+into foi encontrar servindo de bonecos ...s criançãs, entre os nhambiquara.28

teodoro sampaio, que pelo estudo da língua tupi tanto chegou a desvendar da vida íntima dos indógenas do brasil, afirma que em tomo ... habitaçõo selvagem e "invadindo-a mesmo com a m xima familiaridade, desenvolvia-se todo um mundo de animais domesticados, a que chamavam mimbaba", mas eram todos animais antes de convívio e de estimaçõo do que de uso ou serviçõo: "aves de formosa plumagem, como o gilar , a arara, o canndõ, o tucano, grande número de perdizes (ianhambi ou iambu), urus e patos (ipeca), animais como o macaco, o quati, a irara, o veado, o gato (pichana) e até cobras mansas se encontravam no mais íntimo convívio. 99 29

havia entre os ameríndios desta parte do continente, como entre os povos primitivos em geral, certa fraternidade entre o homem e o animal, certo lirismo mesmo nas relações entre os

1-49 a. f.

dois. karsten encontrou entre os jibaro o mito de ter havido época em que os animais falaram e agiram do mesmo modo que os homens. e ainda hoje - acrescenta - "o índio não faz distinçõo definida entre o homem e o animal. acredita

que todos os animais possuam alma, em essência da mesma qualidade que a do ser humano; que intelectual e moralmente seu nível seja o mesmo que o do homem." daí, e independentemente mesmo do totemismo de que adiante nos ocuparemos, a intimidade por assim dizer lórica do primitivo habitante do brasil com numeroso grupo de animais, principalmente psaros, por ele amansados ou criados em casa, sem nenhum propósito de servir-se de sua carne ou dos seus ovos para alimento, nem de sua energia para o trabalho domèstico ou agrícola ou para a traçõo, nem do seu sangue para sacrifício religioso.

quanto ... monogamia, nunca foi geral nas reas de cultuya

americana invadidas pelos portugueses, a poligamia tendo existido e existindo ainda entre tribos que se conservam intatas da influência moral europeia. e "não são os chefes, como todos os fortes - os que podem manter família grande - casam-se com muitas mulheres".<sup>30</sup>

nem deve ser desprezado, entre os traços de cultura mais característicos dos indígenas encontrados no Brasil, um que Wissler parece ter esquecido: o uso das máscaras demoníacas ou máscaras-animais, de importante significação mística e cultural, salientada por Koch-Grönberg<sup>31</sup> e última e notadamente por Karsten.<sup>32</sup>

da cultura moral dos primitivos habitantes do Brasil, interessa-nos principalmente, dentro dos limites que nos impusemos neste ensaio: as relações sexuais e de família; a magia e a música. São traços que se comunicaram ... cultura e ... vida do colonizador português - a princípio com grande vivacidade de cor; e que embora empalidecidos depois pela maior influência africana, subsistem no fundo primitivo da nossa organização social, moral e religiosa, quebrando-lhe ou pelo menos comprometendo-lhe seriamente a suposta uniformidade do padrão católico ou europeu.

entre os indígenas do Brasil, notou nos meados do século XVI o padre Anchieta que a mulher não se agastava com o fato de o homem, seu companheiro, tomar outra ou outras mulheres: "ainda que a deixe de todo, não faz caso disso, porque se ainda é moça, ela toina outro". e "se a mulher acerta ser varonil e virago, também ela deixa o marido e toma outro".<sup>33</sup>

era ponto, naturalmente, esse de variar marido de mulher e mulher de marido, com o qual não podia transigir, nem

c.-g. & 8. 99

i

transigia no Brasil, a moral católica: isto é, a dura, ortodoxa, representada pelos padres da companhia. destes o esforço no sentido de fazer praticar na colônia estrita monogamia, teve que ser tremendo. e não só entre os índios batizados como entre os colonos portugueses, a quem os próprios clérigos, em conflito com os jesuítas, facilitavam a livre união "com as negras---. j afeiçoados ... poligamia pelo contato com os mouros, os portugueses encontraram na moral sexual dos ameríndios o campo fértil onde expandir-se aquela sua tendência, de moços rabelos (nos últimos dois séculos um tanto recalcada e agora de repente solta), para viverem com muitas mulheres.

foram sexualidades exaltadas as dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da América; o português e a mulher indígena. contra a idéia geral de que a lubricidade maior comunicou-a ao brasileiro o africano, parece-nos que foi precisamente este, dos três elementos que se juntaram para formar o Brasil, o mais fracamente sexual; e o mais libidinoso, o português.

pelo menos entre os negros - os puros, imunes de influência muçulmana - eram mais frequentes e ardorosas as danças

e . röticas que entre os ameröndios e' os portugueses; e as dan-  
öas eróticas parece que quanto mais freqüentes e ardorosas, mais  
fraca sexualidade indicam. assim o consideram' v rios etriöolo-  
gos e antropölogos modernos, divergindo dos antigos: entre ou-  
tros crawley, que consagra ao assunto uma de suas melhores  
p ginas~34 e westermarck. e do ponto de vista da psicologia  
sexual e da sociologia genötica, havelock ellis, mestre de todos  
na matéria. 35

desempenhando funöes de afrodisöaco, de excitante ou de  
estöculo ... atividade sexual, tais danöas correspondera ... caröncia  
e nöo ao excesso, como a princöpio pareceu a muitos e ainda  
parece a alguns, de lubricidade ou de libido. danöas eróticas  
como a presenciada por koch-grönborg entre tribos -do noroeste  
do brasil -'os homens mascarados, cada um armado com for-  
mid vel membrum vir~le, fingindo praticar o ato sexual e es-  
palhar esperma - parecem ter sido menos freqüentes entre  
os ameröndios do que entre os africanos. o que nos leva ...  
conclusöo de que naqueles a sexualidade precisasse menos de es-  
töculo. convém, entretanto, atentarmos no fato de que muito  
do ardor animal no öndio n"made e guerreiro da américa absor-  
viam-no, impedindo-o de sexualizar-se, necessidades de compe-  
tiööo: as guerras entre as tribos, as migraöes, a caöa, a pesca,  
a defesa contra animais bravios. nem havia entre eles o surplus  
de lazer e de alimento que adlez, do ponto de vista biöológico,

100 g. f.

e thomas, do sociöológico, ligam ao desenvolvimento do sistema  
sexual no homem.36

paulo prado salienta que o "desregramento do conquistador  
europeu" veio encontrar-se em nossas praias com a "sensuali-

dade do öndio". da öndia, diria mais precisamente. das tais  
"caboclas pri picas", doidas por homem branco.

o ensaöista do retrato -do brasil recorda dos primeiros cro-  
nistas as impressöes que nos deixaram da moral sexual entre  
o gentio. impressöes de pasmo ou de horror. ö gabriel. soa-  
res de sousa dizendo dos tupinamb que sáo 'uo luxuriosos  
que nöo lia peccado de luxuria que nöo cometam"; ö o padre  
nöbrega alarmado com o nömero de mulheres que cada um  
tem e com a facilidade com que as abandonam; ö Vespöcio  
escrevendo a lorenzo dei medici que os indögenas "tomam tan-  
tas mulheres quantas querem e o filho se junta com a möe,  
e o irmöo com a irma, e o primo com a prima, e o caminhante  
com a que encontra".37

era natural a europeus surpreendidos por uma moral sexual  
töo diversa da sua concluörem pela extrema luxöria dos indö-  
genas; entretanto, dos dois povos, o conquistador talvez fosse  
o mais luxurioso.

da predominöncia de relaöes incestuosas de que fala a  
carta de vespöcio, algumas dezenas de anos depois do italiano  
um observador mais exato, o padre anchieta, daria informaöes  
detalhadas. notou o mission rio que os indögenas tinham para  
si como "parentesco verdadeiro" o que vinha "pela parte dos

pais que são os agentes"; e que as "mães não são mais que uns sacos [ .... ] em que se criam as crianças"; por isso usavam "das filhas , das irmãs sem nenhum pejo ad copulam".38 acrescentando que a estas os padres casavam "agora [meados do século xvii com seus tios, irmãos das mães, se as partes são contentes, pelo poder que tem de dispensar com eles. . . " o que mostra ter a moral sexual dos Índios afetado logo aos princípios da, colonização ... moral católica e ...s próprias leis da igreja relativas a impedimentos de sangue para o matrimônio.

ali se o intercuro sexual entre os indígenas desta parte da América não se processava tão ... solta e sem restrições como vespeio de a entender; nem era a vida entre eles a orgia sem fim entrevista pelos primeiros viajantes e missionários. a laxidão, a licença sexual, a libertinagem, observa felilinger que não se encontra entre nenhum povo primitivo; e baker salienta a incôgnia de certos costumes - como o de oferta de mulheres ao hóspede - praticados sem outro intuito senão o de hospitali-

c--a. & s. 10 1

dade. O que desfigura e , esses costumes e a má interpretação dos observadores superficiais.

ao contrário: o que hoje se pode afirmar e a relativa fraqueza de expressões do impulso sexual no selvagem americano. pelo menos no homem - a vida mais sedentária e regular da mulher dotando-a de uma sexualidade superior e do macho, numa desproporção que talvez explique o priapismo de muitas em face dos brancos.

gabriel soares refere o rude processo dos tupinambé fazerem aumentar de volume o membrum virile, concluindo daí que eles fossem uns grandes libidinosos. insatisfeitos "com o membro genital como a natureza o formou", conta o cronista do século xvi que. os tupinambé punham-lhe "o pello de um bicho tão peçonhento, que lh'o faz logo inchar, com o que se tem grandes dores, mais de seis mezes, que se lhe vão gastando por espaço de tempo; com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer [ .... 1.11 39, pois mesmo essa prática, aparentemente de puro deboche, indica naqueles indígenas antes a necessidade de se compensarem de deficiência física ou psíquica para a função genésica que desbragamento ou sadismo-masoquismo. segundo alguns observadores, entre certos grupos de gente de cor os órgãos genitais apresentam-se em geral menos desenvolvidos que entre os brancos; 40 além do que, como já ficou dito, os selvagens sentem necessidade de práticas satuinais ou orgiásticas para compensarem-se, pelo erotismo indireto, da dificuldade de atingirem a seco, sem o óleo afrodisíaco que e o suor das danças lascivas, ao estado de excitação e intumescência tão facilmente conseguido pelos civilizados. estes estão sempre prontos para o coito; os selvagens, em geral, são o praticam picados pela fome sexual. parece que os mais primitivos tinham até época para a união de machos com fêmeas.41

aos indígenas do Brasil não faltavam restrições ao intercuro sexual; são por ignorância, ou tendência para a fantasia, supuseram cronistas do século xvi que o amor entre os cabo-



clós fosse simples descarga dos sentidos, o macho agarrando e submetendo ao amplexo viril a primeira fêmea ao alcance dos seus braços.

S\_

a exogamia era restrita seguida por quase todos: cada grupo por assim dizer dividindo-se em metades exogamas, que por sua vez se subdividiam ainda em menores grupos ou clós.

Jo nos explicou a palavra do padre Anchieta por que entre os tupi não existia repugnância em unir-se sobrinha com o tio materno: o parentesco importante e que restringia o intercursos

102 g. f.

entre os sexos, regulando por conseguinte a vida de família, era o traçado pelo lado do pai. não é que faltasse ao ameríndio a noção do incesto e mesmo a da consanguinidade: esta era, entretanto, unilateral; e ambas vagas e imprecisas. notou gabriel soares entre os tupinambé que 4ta moça [ .... ] a todos os parentes da parte do pai chamava pai, e elles a ella filha [ .... ]. "o tio, irmão do pai da moça", é ainda informação do autor do roteiro, 'não casa com a sobrinha, nem lhe toca quando fazem o que devem, mas tem-na em lugar de filha, e ella como a pai lhe obedece, depois da morte do pai [ .... ] 111.42 é verdade que o mesmo cronista acrescenta não ser raro entre os tupinambé dormir irmão com irma; mas as escondidas pelo mato.

1 fora da noção, embora vaga, do incesto, e da unilateral da consanguinidade, havia mais entre os indígenas do brasil: corno restrito ao intercurso sexual, o totemismo segundo o qual o individuo do grupo que se supusesse descendente ou protegido de , determinado animal ou planta não se podia unir a mulher de grupo da mesma descendência ou sob idêntica proteção. sabe-se que a exogamia por efeito do totemismo estende-se a grupos os mais distantes uns dos outros em relações de sangue. esses grupos formam, entretanto, alianças místicas correspondentes às do parentesco, os supostos descendentes do , javali ou da onça ou do jacaré evitando-se tanto quanto irmão e irmã ou tio e sobrinha para o casamento ou a união sexua~.

com tantas restrições, vê-se que não era de desbracamento a vida sexual entre os indígenas desta parte da américa, mas ouriçada de tabus e impedimentos. não seriam tantos nem tão agudos esses impedimentos como os que dificultam entre os europeus as relações amorosas do homem com a mulher. davam, entretanto, para criar um estado social bem diverso do de promiscuidade ou de deboche.

é aliás erro, e dos maiores, supor-se a vida selvagem não só neste, mas em vários outros dos seus aspectos, uma vida de inteira liberdade. longe de ser o livre animal imaginado pelos românticos, o selvagem da américa, aqui surpreendido em plena nudez e nomadismo, vivia no meio de sombras de preconceito e de medo; muitos dos quais nossa cultura mestiça absorveu, depurando-os de sua parte mais grosseira ou indigesta. é assir~ que a noção de caiporismo, tão ligado à vida psíquica do brasileiro de hoje, deriva-se da crença ameríndia no gênio agourento do caipora; este era um caboclinho nu, andando de uma banda só, e que quando aparecia aos grandes era sinal certo de desgraça. sumiu-se o caipora, deixando em seu lugar o caiporismo, do

mesmo modo que desapareceram os pajés, deixando atrás de si primeiro as "santidades" do século xvi-43 depois várias formas de terapêutica e de animismo, muitas delas hoje incorporadas, junto com sobrevivências de magia ou de religião africana, ao baixo espiritismo, que tanta concorrência faz à medicina européia e ao exorcismo dos padres, nas principais cidades e por todo o interior do Brasil.

no traje popular do brasileiro rural e suburbano - a gente pobre moradora de mucambo ou de tejupar - como na sua dieta, na vida íntima, na arte doméstica, na atitude para com as doenças, os mortos, as crianças recém-nascidas, as plantas, os animais, os minerais, os astros, etc., subsiste muita influência do fetichismo, do totemismo, da astrologia em começo e dos tabus ameríndios. Às vezes influência quase pura; em muitos casos reforçada e noutros contrariada pela africana; quase sempre empalidecida pela sutil influência católica.

um nosso amigo e conterrâneo, viajadíssimo pelos sertões do Brasil, o médico pernambucano samuel hardman cavalcanti, perguntava-nos uma vez a que atribuir a frequência da cor vermelha no traje das mulheres do interior. O fato observa-se tanto no nordeste quanto no extremo-norte e na bahia; observamo-lo também no interior dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, embora nessas regiões menos frequentemente do que naquelas. Na Amazônia, entre caboclos puros, e híbridos de caboclo com negro, gastão cruís surpreendeu o fato, registrando-o no seu a Amazônia que eu vi: "noto, nestas paragens, como já observara no interior do nordeste, a decidida predileção das mulheres pelo encarnado. Não sei se vai nisso apenas uma questão de gosto ou, como me explicaram por lá, a procura de um mimetismo que as há de poupar de possíveis vexames em certos dias do mês."44 igual observação o médico samuel uchoa fizera nessas mesmas paragens.45

Um caso, o da frequência do-encarnado no traje popular da mulher brasileira, principalmente no nordeste e na Amazônia, típico daqueles em que as três influências - a ameríndia, a africana e a portuguesa - aparecem reunidas numa só, sem antagonismo nem atrito. em sua origem, e por qualquer das três vias, trata-se de um costume místico, de proteção ou de profilaxia do indivíduo contra espíritos ou influências más. mas a influência maior parece ter sido a do Índio, para quem a pintura do corpo de encarnado (urucu) nunca foi a expressão de simples gosto de bizzarria que pareceu aos primeiros cronistas. sem desprezarmos o fato de que pintando-se, ou antes, untando-se do oleoso urucu, parece que se protegiam os selva-

104 g. f.

gens, durante a caça ou a pesca, da ação do sol sobre a pele, das picadas de mosquitos e de outros insetos e das oscilações de temperatura - costume observado pelo professor von den steinen entre as tribos do xingu, por krause entre os caiaró e por

crevaux -entre os japuró 46 - encontramos a pintura do corpo desempenhando entre os indígenas do brasil função puramente mística, de profilaxia contra os espíritos maus, e, em número menor de casos, erótica, de atração ou exibição sexual. e como profilaxia contra os espíritos maus era o encarnado cor poderosíssima, como demonstra o estudo de karsten.

aos portugueses parece que a mística do vermelho se teria comunicado através dos mouros e dos negros africanos; e tão intimamente que em portugal o vermelho domina como em nenhum país da europa, não só o traje das mulheres do povo - as varinas de lisboa, as tricanas de coimbra, aveiro e ilhavo, as vianesas, as minhotas, as "ribeiras", de leiria - como por profilaxia contra as malícias espirituais, várias outras expressões da vida popular e da arte doméstica. vermelho deve ser o telhado das casas para proteger quem mora debaixo deles:

as telhas do teu telhado  
são vermelhas, têm virtude:  
passei por elas doente,  
logo me deram saúde.47

é a cor de que se pintam os barcos de pesca, os quadros populares dos milagres e das alminhas, os arreios dos muare, as esteiras; de que se debruam vários produtos da indústria portuguesa; 48 a que se usa, por suas virtudes mágicas, nas fitas em torno do pescoço dos animais - jumentos, vacas, bois, cabras.49 embora já um tanto perdida entre o povo a noção profilática do vermelho, é evidente que a origem dessa predileção prende-se a motivos místicos. e é ainda o encarnado entre os portugueses a cor do amor, do desejo de casamento.50

nos africanos, encontra-se a mística do vermelho associada às principais cerimônias da vida, ao que parece com o mesmo caráter profilático que entre os ameríndios.

nos vários-xangôs e seitas africanas que temos visitado no Recife e nos seus arredores é o vermelho a cor que prevalece, notando-se entre os devotos homens de camisa encarnada.. nos turbantes, saias e xales das mulheres de xangô domina o vermelho vivo. ortiz nos seus estudos sobre a mística afro-cubana diz que ao culto do xangô corresponde entre os negros de cuba a cor encarnada. "as mulheres, como promessa por um favor

e-a. & s. 1 o 5

solicitado e recebido de xangô vestem-se de vermelho; de branco por uma graça alcançada de obatalá (virgem das mercês), etc.<sup>51</sup>

nos nossos maracatus e reisados, o rei do Congo ou a rainha aparece sempre de manto vermelho; e encarnados são sempre os estandartes, com cabeças de animais ou emblemas de ofícios pintados ou bordados a ouro, dos clubes populares de carnaval; clubes de que de passagem salientaremos o interesse, quer como formas dissimuladas - dentro do ambiente oficialmente católico da vida brasileira - de totemismo ou de animismo africano (assunto já meio desfolhado por Nina Rodrigues), quer como formas degeneradas, ou pervertidas pelo sistema de trabalho escravo aqui dominante, das corporações de ofício medievais. essas corporações, na Espanha pelo menos, haviam sido impostas ou permitidas aos mouros e negros nos séculos anteriores à colonização da América.

no Brasil a tendência para o vermelho, já salientada no traje da mulher do povo, nos estandartes dos clubes de carnaval, nos mantos de rainha de maracatu, etc., observa-se ainda em outros aspectos da vida popular ou da arte doméstica; na pintura externa das casas e na decoração do interior; na pintura dos baús de folha-de-flandres; na pintura de vários utensílios domésticos, de lata ou de madeira, como regadores, gaiolas de papagaio e de passarinho; na pintura de ex-votos; na decoração dos tabuleiros de bolo e de doce - cujo interesse erótico adiante destacaremos ao recordar-lhes a nomenclatura impregnada de erotismo e ao salientar certas associações, frequentes entre os brasileiros, do gozo do paladar com o gozo sexual.

mas o que se pode concluir é ser a preferência pelo encarnado no brasileiro um traço de origem principalmente ameríndia. como salienta Karsten, o selvagem considera os grandes inimigos do corpo não os insetos e bichos, mas os espíritos maus.<sup>52</sup> estes o homem primitivo imagina sempre é espreita de oportunidade para lhe penetrarem no corpo: pela boca, pelas ventas, pelos olhos, pelos ouvidos, pelo cabelo. importa, pois, que todas essas partes, consideradas as mais críticas e vulneráveis do corpo, sejam particularmente resguardadas das influências malignas. daí o uso de batoques, penas e fusos atravessados no nariz ou nos lábios; de pedras, ossos e dentes de animais; a raspagem de cabelo, que no Brasil pelo menos foi o primeiro a notar nos Índios e nas Índias nuas; os dentes às vezes pintados de preto. tudo para esconjurar espíritos maus, afastá-los das partes vulneráveis do homem. daí ainda o uso de uma espécie de cosmético de que se servem várias tribos sul-americanas - desde a terra do fogo à Guiana - para

106 g. f.

i

besuntar o cabelo: em geral ocre encarnado; às vezes um suco -vegetal, também cor de sangue.

von den steinen surpreendeu os bororo besuntando o cabelo de encarnado para poderem tomar parte em danças e cerimônias fúnebres - ocasiões em que o índio se sente particularmente exposto à ação maléfica do espírito morto e de outros espíritos, todos maus, que os selvagens julgam soltar-se ou assanhar-se nesses inomentos.53 koch-grönberg encontrou o, mesmo costume nas tribos do rio negro: viu uma tribo inteira pintada de vermelho depois de um funeral; só se excetuava da pintura o pajó. em danças de esconjuro com maracás notou, . entretanto, o etnólogo alemão que os feiticeiros traziam os rostos horrivelmente pintados de encarnado.54

von den steinen teve ocasião de presenciar a cerimônia com que índios do rio xingu esconjuraram um meteoro: os baris, ou curandeiros, gesticulando com veemência e cuspidando para o ar. e a fim de enfrentarem o inimigo, haviam-se cautelosamente pintado de vermelho vivo de urucu.

de vermelho de caraiuru pintam-se os indígenas do rio negro quando algum deles cai doente de catarro ou de ronco do peito: a ideia é a de se resguardarem em tempo do mal por meio de pintura. profilática. e entre os kobeua encontrou koch-grönberg o costume das mulheres pintarem de encarnado os meninos recém-nascidos com o mesmo fim profilático. costume que já Lory observava entre os tupi do litoral ao tempo da descoberta e von. spix. e von martius entre os coroados nos princípios do século xix.

entre os toba encontra-se o costume, diz karsten, das mulheres se pintarem de vermelho (urucu) quando menstruadas; o que ele atribui à profilaxia ou à desinfecção de espíritos maus que se supõe agirem com especial furor sobre a menstruada. dei campana observou entre as mulheres dos chiriguano que, para prepararem a chicha, ou bebida sagrada, pintavam-se de encarnado; que de encarnado pintavam-se também depois de paridas. homens e mulheres pintavam-se de encarnado na convalescência para criarem forças. entre os caraió, os jibaro e várias outras tribos do orinoco, quando um membro da tribo sai em visita a outra, deve apresentar-se pintado de vermelho - pintura que é renovada depois de chegar o hóspede ao seu destino. karsten julga que também nesse caso trata-se de medida profilática.55 aliás ao sábio professor de helsingfors pode-se atribuir verdadeira teoria de interpretação da pintura do corpo entre os ameríndios como medida profilática ou mágica

em vez de simples decoração para exercer sobre o sexo oposto encanto puramente estético ou apelo aos sentidos.

mas para os selvagens da américa do sul o vermelho não era só, ao lado do preto, cor profética, capaz de resguardar o corpo humano de influências malélicas; nem cor tonificante, com a faculdade de dar vigor às mulheres paridas e aos convalescentes e resistência aos indivíduos empenhados em trabalho duro ou exaustivo; nem a cor da felicidade, com o poder mágico de \* atrair a caça ao caçador (visando o que, os canelo pintavam até os cachorros). era ainda a cor erótica, de sedução ou atração, menos por beleza ou qualidade estética do que por magia: a cor de que se pintavam os mesmos canelo para seduzir mulher; de que se serviam os cainguê do alto paranê para atrair ao mato a fêmea do seu desejo ou da sua fome sexual, às vezes intimidando-a mais do que cortejando-a.

qual fosse o motivo fundamental da preferência do selvagem da américa pelo vermelho é fácil de precisar: talvez o fato de ser a cor do sangue e, por isso mesmo, misticamente prestigiosa entre povos entregues ainda à caça e à guerra permanente. alguns antropólogos, com efeito, sugerem que para os povos primitivos da américa o vermelho do urucu e de outras tinturas talvez fosse empregado como substituto do vermelho do sangue.

considerando neste ensaio o choque das duas culturas, a europeia e a ameríndia, do ponto de vista da formação social da família brasileira - em que predominaria a moral europeia e católica - não nos esqueçamos, entretanto, de atentar no que foi para o indígena, e do ponto de vista de sua cultura, o contato com o europeu. contato dissolvente. entre as populações nativas da américa, dominadas pelo colono ou pelo missionário, a degradação, moral foi completa, como sempre acontece ao juntar-se uma cultura, já adiantada, com outra atrasada.<sup>58</sup>

sob a pressão moral e técnica da cultura adiantada, esparra-se a do povo atrasado. perde o indígena a capacidade de desenvolver-se autonomamente tanto quanto a de elevar-se de repente, por imitação natural ou forçada, aos padrões que lhe propõe o imperialismo colonizador. mesmo que se salvem formas ou acessórios de cultura, perde-se o que pitt-rivers considera o potencial, isto é, a capacidade construtora da cultura, o seu elô, o seu ritmo.

a história do contato das raças chamadas superiores com

108 g. f.

as consideradas inferiores é sempre a mesma. extermínio ou degradação. principalmente porque o vencedor entende de impor ao povo submetido a sua cultura moral inteira, maciça, sem transigência que suavize a imposição. o missionário tem sido o grande destruidor de culturas não europeias, do século xvi ao

-atual; sua ação mais dissolvente que a do leigo.

no caso do brasil verificou-se primeiro o colapso da moral católica: a da reduzida minoria colonizadora, intoxicada a princípio pelo ambiente amoral de contato com a raça indígena. mas sob a influência, dos padres da s. j. a colonização tomou rumo puritano - ainda que menos rigidamente seguido nesta parte da américa pelos cristãos portugueses que na outra, na do norte, pelos verdadeiros puritanos: os ingleses. deu, entretanto, para sufocar muito da espontaneidade nativa: os cantos indígenas, de um tom agreste sabor, substituíram-nos os jesuítas por outros, compostos por eles, secos e mecânicos; cantos devotos, sem falar em amor, apenas em nossa senhora e nos santos. a naturalidade das diferentes línguas regionais superimpuseram uma só, a "geral". entre os caboclos ao alcance da sua catequese acabaram com as danças e os festivais mais impregnados dos instintos, dos interesses e da energia animal da raça conquistada, só conservando uma ou outra dança, apenas graciosa, de culumins.

ainda mais: procuraram destruir, ou pelo menos castrar, tudo o que fosse expressão viril de cultura artística ou religiosa em desacordo com a moral católica e com as convenções europeias. separaram a arte da vida. lançaram os fundamentos no brasil para uma arte, não de expressão, de alongamento da vida e da experiência física e psíquica do indivíduo e do grupo social; mas de composição, de exercício, de caligrafia.

o que se salvou dos indígenas no brasil foi a despeito da influência jesuítica; pelo gosto dos padres não teria subsistido a conquista portuguesa senão aquela parte mole e vaga de cultura ameríndia por eles inteligentemente adaptada à teologia de roma e à moral europeia. nem podia ser outra a sua orientação de bons e severos soldados da igreja; tocados mais que quaisquer outros da vocação catequista e imperialista. o imperialismo econômico da europa burguesa antecipou-se no religioso dos padres da s. 17 no ardor europeizante dos grandes missionários católicos dos séculos xvi e xvii depois substituídos pelos presbiterianos e metodistas - estes mais duros e mais intransigentes do que os jesuítas.

com a segregação dos indígenas em grandes aldeias parece-nos terem os jesuítas desenvolvido no seio das populações



aborígenes uma das influências letais mais profundas. era todo o ritmo de vida social que se alterava nos Índios. os povos acostumados à vida dispersa e nômade sempre se degradam quando forçados à grande concentração e à sedentariedade absoluta.

debaixo do ponto de vista da igreja repetimos que é foroso reconhecer terem os padres agido com heroísmo; com admirável firmeza na sua . ortodoxia; com lealdade aos seus ideais; toda crítica que se faça à interferência deles na vida e na cultura indígena da américa - que foram os primeiros a degradarem sutil e sistematicamente - precisa de tomar em consideração aquele seu superior motivo de atividade moral e religiosa. considerando-os, porém, sob outro critério - puros agentes europeus de desintegração de valores nativos - temos que concluir pela sua influência deletéria.<sup>513</sup> tão deletéria quanto a dos colonos, seus antagonistas, que, por interesse econômico ou sensualidade pura, só enxergavam no índio a fêmea voluptuosa a emprenhar ou o escravo indócil a subjugar e a explorar na lavoura.

se atentarmos no quadro organizado por pitt-rivers, das influências deletérias - despovoamento, degeneração, degradação - que o antropólogo inglês atribui ao contato das raças atrasadas com as adiantadas,<sup>59</sup> verificamos que grande, senão o maior número, são influências que no brasil operaram sobre o Índio através da catequese ou do sistema moral, pedagógico e de organização e divisão sexual do trabalho imposto pelos jesuítas. das quinze ali classificadas parece-nos que nove, pelo menos, caberiam, nuni ajuste das responsabilidades européias na degradação da raça e da cultura indígena no brasil, ao sistema civilizador dos jesuítas: 1) a concentração dos aborígenes em grandes aldeias (medida por que muito se esforçaram os missionários no brasil);<sup>60</sup> 2) vestuário à européia (outra imposição jesuítica aos catecúmenos);<sup>61</sup> 3) segregação nas plantações;<sup>62</sup> 4) obstáculo ao casamento à moda indígena; 5) aplicação de legislação penal européia a supostos crimes de fornicação; 6) abolição -de guerras entre as tribos; 7) abolição da poligamia; 8) aumento da mortalidade infantil devido a novas condições de vida; 9) abolição do sistema comunal e da autoridade dos chefes (acrescentemos: da autoridade dos pajés, mais visados que aqueles pela rivalidade religiosa dos padres e mais importantes que os morubixabas).<sup>63</sup>

algumas dessas responsabilidades deveriam talvez ser reparadas com os colonos: entre outras, a segregação dos selvagens nas plantações e a divisão sexual do trabalho à européia. e os

i

i

i

colonos, e não os jesuítas, terão sido, em grande número de casos, os principais agentes dissonânicos entre os indígenas: os que lhes alteraram o sistema de alimentação e de trabalho, perturbando-lhes o metabolismo; os que introduziram entre eles doenças endêmicas e epidêmicas; os que lhes comunicaram o uso da aguardente de cana.

Vê-se, entretanto, que mais, or, por mais sistematizada, foi a influência letal ou deletéria da moralização, do ensino e da técnica de exploração econômica empregada pelos padres. aos colonos, por exemplo, pouco incomodava a nudez dos escravos ou "administrados" nas plantações. nudez que até lhes convinha sob o ponto de vista do interesse econômico. de um colono rico dos primeiros tempos sabe-se que ia ao extremo de fazer-se servir à mesa por índias nuas;<sup>64</sup> e não parece que fosse caso isolado. enquanto que os padres desde o princípio insistiram cristão e pudicamente em vestir os índios, apenas tolerando a nudez dos meninos; . ou em meninos e gente grande quando absoluta a falta de pano para roupa.<sup>65</sup>

da imposição de vestuário europeu a populações habituadas à pura nudez ou a cobrirem-se apenas do bastante para lhes decorar o corpo ou protegê-lo do sol, do frio ou dos insetos conhecem-se hoje os imediatos e profundos efeitos dissonânicos. atribui-se ao seu uso forçado influência não pequena no desenvolvimento das doenças da pele e dos pulmões que tanto concorrem para dizimar populações selvagens logo depois de submetidas ao domínio dos civilizados; doenças que no Brasil dos séculos xvi e xvii foram terríveis.<sup>60</sup>

O vestuário imposto aos indígenas pelos missionários europeus vem afetar neles noções tradicionais de moral e de higiene, difíceis de se substituírem por novas. É assim que se observa a tendência, em muitos dos indivíduos de tribos acostumadas à nudez, para só se desfazerem da roupa européia quando esta só falta largar de podre ou de suja. entretanto são povos de um asseio corporal e até de uma moral sexual às vezes superior à daqueles que o pudor cristão faz cobrirem-se de pesadas vestes.

quanto ao asseio do corpo, os indígenas do Brasil eram de certo superiores aos cristãos europeus aqui chegados em 1500. não nos esqueçamos de que entre estes exaltavam-se por essa época santos como santo antônio, o fundador do monaquismo, por nem os pôs dar-se à vaidade de lavar; ou como são simão, o estilítico, de quem de longe se sentia a incha do sujo.<sup>67</sup> e não seriam os portugueses os menos limpos entre os europeus do século xvi, como a malícia antilusitana talvez es-

teja a imaginar; mas, ao contrário, dos mais asseados, devido à influência dos mouros.

dos primeiros cronistas são os franceses os que mais se espantam da frequência do banho entre os caboclos: ives d'evreux<sup>68</sup> e jean de l'ory.<sup>69</sup> e um higienista francês, sigaud, atribuiria aos banhos frios o fato de sofrerem os indígenas do brasil - os já influenciados pela civilização europeia - de desordens do aparelho respiratório, desde o simples catarro à pleurisia aguda e à bronquite.<sup>70</sup> aos banhos frios e ao hábito de andarem quase nus. quando pelos estudos modernos de higiene o que se apura é exatamente o contrário: que essas moléstias do sistema respiratório desenvolvem-se entre populações selvagens pela imposição de vestuário e de resguardos europeus a gente habituada a andar inteiramente nua.

O século da descoberta da américa - o xv - e os dois imediatos, de colonização intensa, foram por toda a europa época de grande rebaixamento nos padrões de higiene. em princípios do século xix - informa um cronista alemão citado por lowie - ainda se encontravam pessoas na alemanha que em toda a sua vida não se lembravam de ter tomado banho uma única vez.<sup>71</sup> os franceses não se achavam, a esse respeito, em condições superiores às dos seus vizinhos. ao contrário. O autor de primitive society recorda que a elegante rainha margarida de navarra passava uma semana inteira sem lavar as mãos; que o rei luís xiv quando lavava as suas era com um pouco de álcool perfumado, uns borrifos apenas; que um manual francês de etiqueta do século xvii aconselhava o leitor a lavar as mãos uma vez por dia e o rosto quase com a mesma frequência; que outro manual, do século anterior, advertia os jovens da nobreza a não assoarem o nariz à mesa com a mão que estivesse segurando o pedaço de carne; que em 1530 erasmo considerava decente assoar-se a pessoa a dedo, uma vez que esfregasse imediatamente com a sola do sapato o catarro que caísse no chão; que um tratado de 1539 trazia receitas contra os piolhos, provavelmente comuns em grande parte da europa.<sup>72</sup>

pela europa os banhos romanos, ou de rio, às vezes promiscuos, contra os quais por muito tempo a voz da igreja clamara em vão, haviam cessado quase de todo, depois das cruzadas e dos contatos comerciais mais íntimos com o oriente. O europeu se contagiara de sífilis e de outras doenças, transmissíveis e repugnantes. daí resultara o medo ao banho e o horror à nudez.<sup>73</sup>

em contraste com tudo isso é que surpreendeu aos primeiros portugueses e franceses chegados nesta parte da américa um

112 g- f.

povo ao que parece sem mancha de sífilis na pele; e cuja maior delícia era o banho de rio. que se lavava constantemente da cabeça aos pés; que se conservava em asseada nudez; que fazia uso de folhas de árvores, como os europeus mais limpos de toa-

lhas de enxugar as mãos e de panos de limpar menino novo; que ia lavar no rio a sua roupa suja, isto é, as redes de algodão - trabalho esse, a cargo dos homens.

ainda que uririando de ordinário dentro das ocas, os tupi - observou Lory - " [ .... ] vont néanmoins fort loin faire leurs excrémentes. 11.74 dos indígenas parece ter ficado no brasileiro rural ou semi-rural o hábito de defecar longe de casa; em geral no meio de touca de bananeiras perto do rio. e de manhã, antes do banho. um gole de cachaça com caju e às vezes um pelo-sinal para guardar o corpo precedem ordinariamente esse banho higiênico. o caju, para limpar o sangue. toda urna liturgia ou ritual sanitário e profilático.

nas mulheres a cargo de quem se achava toda a série de cuidados de higiene doméstica entre os indígenas, com exceção da lavagem das redes sujas, era ainda maior que nos homens o gosto pelo banho e pelo asseio do corpo. são asseadossinias, nota gabriel soares. e Lory atribui a esse maior amor da cunha e água e a higiene do corpo enfeitarem-se elas menos que os homens; fato que o cronista anota "entre les choses doublement étranges & vraiment étonnantes, que l'ay observées en ces femmes brésiliennes". na verdade, segundo o depoimento do escrupuloso protestante (que revela invulgar senso crítico através de toda sua relação de viagem e, logo às primeiras páginas, nas retificações que opõe, não sem certo ódio teológico, ao livro de frei André Thévet sobre o, brasil), na verdade foi nas mulheres que os europeus encontraram maior resistência à imposição do vestuário moralizador mas para elas anti-higiênico: "des robes de frise & des chemises". o que alegavam é -que tanto pano por cima do corpo dificultava-lhes o costume de se lavarem livre e frequentemente no rio; às vezes quase de hora em hora. dez, doze banhos por dia. diz Lory que '71 n'a jamais été en nostre puissance de les faire vestir [ .... ]". "elles disoient que ce leur seroit trop de peine de se dépouiller si souvent. ne voila pas une belle & bien pertinente raison? 1,75 as tentativas de conservar as cunhas vestidas à europeia foram por elas frustradas sistematicamente nos primeiros tempos; quando obrigadas pelos calvinistas franceses a andarem vestidas durante o dia claro, às primeiras sombras da noite despiam saias e camisas e largavam-se nuas pelas praias em delicioso é-vontade. o pastor protestante diz que viu-as repetidas vezes nesse estado,

concluindo que as Índias "quant au naturei, ne doivem rien aux autres en beauté". e observa a sua que "les attifiets, fa-ds, fausses perruques, cheveux tortillez, grands collets fraisez, veriu-gales, robbes sur robbes, & autres infinies bagatelles dont ies femmes & ffiles de par de se contrefont & nont iamais assez, sont sans comparaison cause de plus de maux que n'est ia nudité ordinaire des femmes sauvages [ .... ]".76 havia qualquer coisa de um havelock em jeari de Lory.

por alguns cronistas antigos sabemos de muita intimidade da rotina econômica entre os indígenas; da sua divisão sexual de trabalho - tanto o trabalho de campo, quase todo entregue às mulheres, como o de dentro de casa, também principalmente feminino; fatos observados às vezes com uma exatidão que as pesquisas recentes dos etnólogos só têm feito confirmar.

escrevendo dos tupinambá, informa gabriel soares que os machos que "costumam a roçar os mattos, e os queimam e limpam a terra delles"; que "vão buscar lenha com que se aquentam e se servem porque não dormem sem fogo ao longo das redes, que é a sua cama"; que "costumam ir lavar as redes aos rios quando estão sujas". isto sem insistirmos nas responsabilidades principais do homem de abastecer a taba de carne e de peixe e de defendê-la de inimigos e de animais bravios.

as mulheres, porém,, diz-nos Lory, trabalhavam, sem comparação, mais do que os homens; "car excepté quelques matines (& non au chaut du: jour) qu'ils coupent & effertent du bois pour faire les iardins, us ne font gueres autre chose qu'aller à la guerre, à la chasse, à la pescherie, fabriquer leurs espées de bois, arcs, fleches, habillements de plume [ .... ] 1\$.77

gabriel soares não precisa de que sexo ou idade fosse cada uma das atividades de caráter industrial ou artístico que encontrou entre os tupinambá. os "balaios de folhas de palma, e outras vasilhas da mesma folha a seu modo, o do seu uso", os "cestos de vara, a que chamam samburú, e outras vasilhas em labores, como as de rota da Índia", teriam sido arte de iniciativa masculina. seriam atividade de ambos os sexos e não de um só; atividade também dos meninos, e não apenas de gente grande.

o cronista salienta como trabalho exclusivo das mulheres as redes de fio de algodão e as "fitas como passamanes, e algumas mais largas, com que ennastram os cabellos". e pormenoriza: "as mulheres já de idade teem cuidado de fazerem a farinha de que se mantem, e de trazerem a mandioca às costas para casa; e as que são muito velhas teem cuidado de fazerem vasilhas de barro a mão como são os potes em que fazem os

114 g. f.

vinhos, e fazem alguris tamanhos que levam tanto como -uma pipa, em os quaes e em outros menores fervem os vinhos que bebem: fazem mais estas velhas panellas, pucaros e alguidares a seu uso, em que cozem a farinha, e outros em que a deitam e

em que comem, lavrados de tintas de cores; a qual louça co-  
zem em uma cova que fazem no chão, e põem a lenha por  
cima; e tem e creem estas índias; que se cozer esta louça outra  
pessoa que não seja a que a faz, que lia de arrebentar no fogo;  
as quaes velhas ajudam tambem a fazer farinha que se faz no  
seu lanço." 79

eram ainda as mulheres que plantavam o mantimento e  
que iam buscar a água a fonte; que preparavam a comida; que  
cuidavam dos meninos. vê-se que não era pequena a impor-  
tância da mulher entre os indígenas; enorme a da mulher,  
em geral; e nessa categoria o estudo comparado da arte e da  
indústria, entre os primitivos autoriza-nos a colocar o homem  
efeminado ou mesmo o invertido sexual, comum entre várias  
tribos brasileiras.

hartt salienta o fato da arte da cerâmica entre os indígenas  
do brasil ter-se desenvolvido pelas mãos da mulher; e essa gene-  
ralização do sábio norte-americano confirmou-a, depois de obser-  
var os cadiueu, o seu discípulo herbert s. smith.<sup>79</sup> confir-  
mam-na, com relação à cerâmica de marajó, pesquisas recentes  
de heloisa alberto torres.<sup>80</sup> É certo -que discriminam esses  
estudos. ter sido a fabricação de louça entre os indígenas do  
brasil arte tardia e precedida pela dos trançados; pela utilização  
durante muito tempo de trançados impermeabilizados como  
vasilhame para condicionar líquidos; e esses trançados, arte dos  
homens mais do que das mulheres.

a produção artística, exclusiva ou principalmente dos ho-  
mens, resumia-se no fabrico de arcos e flechas, de instrumentos  
de música, e de certos adornos para o corpo. na construção da  
oca era seu trabalho mais duro; seu esforço de levantar em  
volta da aldeia a cerca de pau-a-pique, que os portugueses ado-  
tariam mais tarde como meio de defender as casas-grandes de  
engenho dos ataques de inimigos. e obra dos homens eram  
ainda as canoas feitas de um só pau, igualmente adotadas pelos  
primeiros colonos nos seus raids sertões adentro.

já dissemos, as primeiras páginas deste capítulo, que sob  
o ponto de vista da organização agrária em que se estabilizou a  
colonização portuguesa - do brasil, maior foi a utilidade social  
e econômica da mulher que a do homem indígena. este se  
retraiu quase por completo aos esforços dos colonos e mesmo  
aos agrados dos padres para o incorporarem a nova técnica

de exploração econômica e ao novo regime de vida social. melhor ajustamento se verificou da parte da mulher; o que se compreende, dada a sua superioridade técnica entre os povos primitivos; e dada a sua tendência maior para a estabilidade entre os povos nômades.

a toda contribuição que se exigiu dela na formação social do Brasil - a do corpo que foi a primeira a oferecer ao branco, a do trabalho doméstico e mesmo agrícola, a da estabilidade (estado por que ansiava, estando seus homens ainda em guerra com os invasores e ela aos embolços, de trouxa e cabeça e filho pequeno ao peito ou escarranchado às costas) - a cunha correspondeu vantajosamente.

entre os seus era a mulher índia o principal valor econômico e técnico. um pouco besta de carga e um pouco escrava do homem. mas superior a ele na capacidade de utilizar as coisas e de produzir o necessário à vida e ao conforto comuns.

a poligamia não corresponde entre os selvagens que a praticam - incluídos neste número os que povoavam o Brasil - apenas ao desejo sexual, tão difícil de satisfazer no homem com a posse de uma só mulher; corresponde também ao interesse econômico de cercar-se o caçador, o pescador ou o guerreiro dos valores econômicos vivos, criadores, que as mulheres representam.

diz-nos Thomas que entre os primitivos o homem é a atividade violenta e esporádica; a mulher, a estável, sólida, contínua.<sup>81</sup> funda-se esse antagonismo na organização física da mulher, que a habilita antes à resistência que ao movimento. antes à agricultura e à indústria que à caça e à guerra. daí a atividade agrícola e industrial desenvolver-se quase sempre pela mulher; pela mulher desenvolver-se a própria técnica da habitação a casa; e em grande parte a domesticação de animais. mas; -o a magia e a arte, se não se desenvolvem principalmente pela mulher, desenvolvem-se pelo homem efeminado ou bissexual, que à vida de movimento e de guerra de homem puro prefere a doméstica e regular da mulher. os indígenas do Brasil estavam, pela época da descoberta, ainda na situação de relativo parasitismo do homem e sobrecarga da mulher. eram as mães criadoras da cunha que reuniam os principais trabalhos regulares de arte, de indústria, de agricultura.

quanto aos pajés, é provável que fossem daquele tipo de homens efeminados ou invertidos que a maior parte dos indígenas da América antes respeitavam e temiam do que desprezavam ou abominavam.<sup>82</sup> uns, efeminados pela idade avançada, que tende a masculinizar certas mulheres e a efeminar certos

116 g. f.

homens; outros, talvez, por perversão congênita ou adquirida. a verdade é que para as mães de indivíduos bissexuais ou bissexualizados pela idade resvalavam em geral os poderes e funções de místicos, de curandeiros, pajés, conselheiros, entre várias

tribos - americanas.

a própria couvade, complexo de cultura tão característico das tribos brasileiras, talvez possa alguém arriscar-se a interpretar pelo critério da bissexualidade. notada entre povos que em geral respeitam, em vez de desprezar ou ridicularizar, os efeminados, e enxergam neles poderes ou virtudes extraordinárias. É possível que o costume da couvade se tenha originado desses diferenciados sexuais: indivíduos de forte influência e sugestão mística sobre a maioria. wissler observa que certos traços de cultura incorporam-se, ainda que raramente, à prática geral de uma tribo ou de um grupo, por influência de indivíduos excepcionais que os iniciem. 83 O físiomem invertido, sabe-se que às vezes um indivíduo procura de sensações e atividades criadoras e dolorosas que lhe substituam as impossíveis de feminilidade e maternidade: o masoquismo; a flagelação, a arte da escultura, da pintura, da caligrafia e da música entre os monges da idade média; -o mesmo masoquismo entre os faquires da Índia; e segundo silberer, no seu trabalho *the problems of mysticism and symbolism*, a própria alquimia teria representado o desejo de se compensarem alguns indivíduos da introversão. 84 sabe-se também que em certas doenças, como a tuberculose e a prisão de ventre, alguns introvertidos parecem encontrar prazer. ou compensação. 85

são sugestões, todas essas, que embora insuficientes como elementos de convicção, constituem talvez a base para uma possível interpretação sexual da couvade pelo critério da bissexualidade. parece, com efeito, haver na couvade muito daquele desejo que faithful salienta no homem introvertido de obter pela identificação com a mulher a alegria da maternidade ("to obtain by identification with their mates the joy of motherhood"). 86 os efeminados, pelo seu prestígio através das práticas de magia sexual - atividade dominada por eles entre várias tribos - teriam sido os iniciadores da couvade - complexo de cultura em que são tantas as evidências do mecanismo de compensação de que se serve o invertido: o repouso, o resguardo, a dieta, a identificação do homem com a mulher. porque em geral eram os dois que ficavam de resguardo e de dieta, e não o homem só, como de ordinário se pensa.

goldenweiser, 87 do ponto de vista da antropologia, wester-marck, do da sociologia-88 e faithful, 89 do da sexologia, des-

1



tacam o fato de não raro assumirem os homo ou bissexuais posição de mando ou influência nas sociedades primitivas; fato que r. lowe thompson dá-se ao luxo de interpretar, em um dos seus estudos, com um desassombro a que talvez não o autorize a pura ciência. 90 primitive men, carpen-

no seu intermediate types among pdas mais ter vai igualmente ao extremo de sugerir que é muitas importantes diferenciações de vida social teriam decorrido de variações de natureza sexual; que a cultura se teria enriquecido e a atividade diferenciado entre os primitivos por efeito da homo ou da bissexualidade. teriam os homo e os bissexuais desempenhado valiosa função criadora, lançando as bases de ciências, artes e religiões. teriam sido os profetas, os videntes, os curandeiros, os médicos, os sacerdotes, os artistas plásticos. 91

é uma teoria que talvez atribua demasiada importância, no desenvolvimento da ciência, da religião e da arte, ao errótico, ao estrambótico ao romântico, desprezando um elemento que nem por dar pouco na vista é menos ativo e criador: o bom senso dos extrovertidos. não o bom senso rotineiro, mas o que não é senão equilíbrio e saúde intelectual e física; o rabelaisiano, o jolinsoniano, o cervantino; aquele de que fala maret, identificando-o com a experiência e a tradição do grande número; o folclórico, o do povo; o das nações maduras como a França; o das igrejas grandes e antigas como a de roma (que entretanto não tem deixado de se enriquecer espiritualmente é custa de introvertidos quase delirantes, como santa teresa de jesus).

da frequência da homornixia entre várias das sociedades primitivas da américa são numerosas - isto o dissemos - as evidências; westermarck sugere que o ritmo guerreiro da vida dessas sociedades talvez favorecesse o intercuro sexual de homem com homem e mesmo de mulher com mulher. as sociedades secretas de homens, possível expressão, ou antes, afirmação - na fase sexual e social de cultura atravessada por muitas das tribos ameríndias ao verificar-se a descoberta do continente - do prestígio do macho contra o da fêmea, do regime patronômico contra o matronômico, talvez fossem melhor estímulo que a vida de guerra é prática da pederastia. é certo é que nos bairros, espécie de lojas de maçonaria indígena são franqueadas aos homens depois de severas provas de iniciação, pode surpreender von den steinen, entre os bororo, os mancebos em livre intercuro sexual uns com os outros; isto sem ar de pecado, mas naturalmente.

118 g. f.

já no século xvi gabriel soares se horrorizara de ver os tupinambé "mui affeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes

se não tem por affronta; e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldeias pelo certo lia alguns que teem tenda publica a quantos os que-rem como mulheres publicas".92

É impossível apurar até que ponto a hornornixia ocorresse na América primitiva por perversão congênita; a verdade é que entre os ameríndios se praticava a pederastia sem ser por escassez ou privação de mulher. quando muito pela influência social da segregação ou do internato dos mancebos nas casas secretas dos homens.

por crime de sodornia aparecem, no fim do século XVI, perante o visitador do santo ofício vários indígenas e mame-lucos: homens ainda mal cristianizados, católicos ainda meio crus. a igreja fulminou neles como pecado dos mais profundos - um dos quatro clamantia peccata da teologia da idade média 94 - o que para a moral sexual desses primitivos - dos selvagens que o padre cardim ouvindo em confissão achara tão cômicos - seria quando muito um pecadilho. parece, entretanto, que a mentalidade portuguesa cedo identificou os indígenas com a prática da pederastia; prática para os cristãos tão abominável.

a denominação de bugres dada pelos portugueses aos indígenas do Brasil em geral e a uma tribo de São Paulo em particular talvez exprimisse o horror teológico de cristãos inaltáveis da idade média ao pecado nefando, por eles associado sempre ao grande, ao máximo, de incredulidade ou heresia. já para os liberais o termo gentio implicava idéia de sodomita; para o cristão medieval foi o termo bugre que ficou impregnado da mesma idéia pegajosa de pecado imundo. quem fosse herege era logo havido por sodomita; como se uma dano arrastasse inevitavelmente a outra. "indeed so closely was sodomy associated with heresy that the same name was applied to both", escreve Westermarck. e acrescenta: "the french bougre (from the latin bulgarus, bulgarian), as also its english synonym, was originally a name given to a sect of heretics who came from bulgaria in the eleventh century, and was afterwards applied to other heretics, but at the same time it became the regular expression for a person guilty of unnatural intercourse". 95 em ligação com o assunto, encontra-se em Lory uma passagem digna de nota. referindo-se aos tupi, diz o cronista: "toutefois, à fin de ne pas les faire pas assi plus gens de bien qu'ils ne sont, parce que quelque fois en se despitant l'un contre l'autre, ils s'appellent

tyvire, on peut de id coniecturer (car ie wen afferme rien) que cest abominable pesch46 se commet entreux".96

através das informações de Lory, de Gabriel Soares, de Hans Staden; das crônicas dos jesuítas do século XVI; dos livros de Ives d'Evreux e de Claude d'Abbeville, vê-se que para a mulher tupi a vida de casada era de contínuo trabalho: com os filhos, com o marido, com a cozinha, com os roçados. Isto sem esquecermos as indústrias domésticas a seu cargo, o suprimento de água e o transporte de fardos. Mesmo grávida a mulher Índia mantinha-se ativa dentro e fora de casa, apenas deixando de carregar às costas os volumes extremamente pesados. 97 mãe, acrescentava às suas muitas funções a de tomar-se uma espécie de berço ambulante da criança; 98 de amamentá-la, às vezes até aos sete anos; de lavá-la; de ensinar as meninas a fiar algodão e a preparar a comida.

A seu cargo, diz-nos Lory, estava toda a organização doméstica; "toute la charge du ménage".99 e eram trabalho de suas próprias mãos os utensílios de que se servia para fazer a comida, para guardá-la, para pisar o milho ou o peixe, moquear a carne, espremer as raízes, peneirar as farinhas; os alguidares, as urupe-mas, as cu:as, as cabaças de beber água, os balaços. Utensílios muitos desses que se incorporaram ao trem de cozinha colonial. Ainda hoje o vasilhame de qualquer casa brasileira do norte ou do centro do Brasil contém numerosas peças de origem ou feitura puramente indígena. A nenhuma cozinha que se preze de verdadeiramente brasileira, falta a urupema ou o pilão, o alguidar ou o pote de água. A algumas dessas vasilhas domésticas, feitas de barro, de madeira, de casco de animal ou de casca de fruta - o ralo, de cascas de ostras - não só davam as cunhas recorte ou formas graciosas, como animavam-nas de desenhos pintados a cor: "mille petites gentillesses", diz Lory.100

Das comidas preparadas pela mulher as principais eram as que se faziam com a massa ou a farinha de mandioca., as raízes de mandioca viu-as Gabriel Soares raspadas pelos Índios de 1500 até ficarem alvíssimas; "depois de lavadas, raladas em uma pedra ou ralo que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem essa massa em um engenho de palma a que chamam tapitim que lhe faz lançar a água que tem toda fora, e fica essa massa enxuta, da qual se faz a farinha que se come, que cozem em um alguidar para isso feito, em o qual deitam esta massa e a enxugam sobre o fogo onde uma Índia a meche com

190 a. f.

um meio cabaço, como quem faz confeitos, até que fica enxuta, e sem nenhuma humidade, e fica como cuscuz; mas mais branca, e desta maneira se come, é muito doce e saborosa." 101

A farinha de mandioca adotaram-na os colonos em lugar do pão de trigo; preferindo a princípio os proprietários rurais a

fresca, feita todos os dias; acerca do que diz gabriel. soares: "e ainda digo que a mandioca é mais sadia e proveitosa que o bom trigo, por ser de melhor digestão, e por se averiguar por tal, os governadores thom de souza, d. duarte e mem. de s não comiam no brasil pão de trigo por se não acharem bem com elle, e assim o fazem outras muitas pessoas".102

foi completa a vitória do complexo indígena da mandioca sobre o trigo: tornou-se a base do regime alimentar do colonizador (a pena que sem se avantajarem ao trigo em valor nutritivo e em digestibilidade,, como supôs a ingenuidade de gabriel soares). ainda hoje a mandioca é o alimento fundamental do brasileiro e a técnica do seu fabrico permanece, entre grande parte da população, quase que a mesma dos -indígenas. no extremo-norte a farinha preferida é a de água; e a maneira de prepararem-na os caboclos é assim descrita por h. c. de souza araujo: "a maceração termina quando a mandioca larga a casca, sendo então transportada para cochos com água, onde permanece mais alguns dias. depois de bem mole, é esmagada ou ralada e a massa colocada em longos tipitis cônicos, feitos de embira ou de taquara trançada. esses tipitis têm um e meio a dois metros e outro tanto de comprimento e são pendurados na cumeeira da casa depois de bem cheios, amarrando-se na sua extremidade inferior uma grande pedra. quando a água da mandioca, chamada tucupi, cessa de escorrer, tiram a massa amilácea, e levam-na ao sol para secar, operação esta que termina ao forno. resulta sempre uma farinha grossa, constituída de bolinhas duras, de difícil trituração na boca." 103 no nordeste a farinha geralmente fabricada é a seca, outrora chamada de guerra; nesta região tanto quanto no extremo norte, o tipiti - "cesto tubular elástico, feito de folhas de palmeira" da definição de teodoro sampaio 104 - continua a caracterizar, nas zonas mais rústicas na sua economia ou na sua cultura, a técnica do preparo da farinha.

variado era o uso da mandioca na culinária indígena; e muitos dos produtos preparados outrora pelas mãos avermelhadas da cunhã, preparam-nos hoje as mãos brancas, pardas, pretas e morenas da brasileira de todas as origens e de todos os sangues. da Índia a brasileira aprendeu a fazer de mandioca uma série de delicados quitutes: a farinha fina, de curimã, para

tyvi  
cest

ingau; o mbeiu ou beiju. "conheciam",  
lhões dos indígenas do Brasil, "processos  
ais preparavam excelentes conservas ali-  
estômagos enfraquecidos; entre outros,  
---mô, com os quais quase todos nós fomos  
..le o período da nossa infância."10-5  
,ti cita Araújo Lima uma variedade de modernas  
-, "wões amazonenses. além do beiju simples, conhecido

, todo brasileiro por esse nome ou pelo de tapioca, - "bolo de  
massa fresca, ainda úmida, ou de polvilho (tapioca), passada  
pela urupenia, de modo a formar grumos, que pela ação do  
calor ficam ligados pelo glúten próprio da massa" - o beiju-  
açu, "redondo, feito da mesma massa que o beiju-ticanga, e  
cozido no forno"; o beijucica, "feio de massa de macaxeira,  
em grumos bem finos"; o de tapioca, "feito de tapioca umede-  
cida, de maneira a cair da urupenia, em grumos pequeninos e,  
quando pronto, enrolado sobre si mesmo depois de se lhe pôr  
manteiga na face exterior"; o beiju-ticanga, "feito da massa  
da mandioca mole e seca (ticanga) ao sol"; o caribó - "o  
beijuaçu posto de molho e reduzido a uma massa, a que se acres-  
centa mais água, morna ou fria, formando uma espécie de mingau,  
mais ou , menos ralo, conforme o gosto" - mingau que  
se toma de manhã com água morna, e no andar do dia, com  
água fria; o curadô, "beiju grande e bastante espesso, feito de  
tapioca umedecida, de grumos maiores que o enrolado, e levando  
castanha crua em pequenos fragmentos". 106 tudo comida de  
Índio adotada pelo brasileiro do extremo-norte.

não são em relação ao beiju, mas a tudo quanto é comida  
indígena, a Amazônia é a área de cultura brasileira mais im-  
pregnada de influência cabocla: o que ali se come tem ainda  
gosto de mato; é enrolado em folha de palmeira ou de bana-  
neira; leva castanha de caju; prepara-se em cuia; é polvilhado  
de puçanga feita de folhas de kurumiká torrada; e os nomes  
são ainda os dos Índios; com um quer que seja de estrangeiro  
a primeira vista. mas são a primeira vista. quitutes e nomes de  
quitutes indígenas desmancham-se familiarmente na boca do bra-  
sileiro: um gosto de conhecidos velhos desfaz a primeira impres-  
são de exóticos. É quando sentimos o muito que nos ficou de  
fundamentalmente agreste no paladar e no ritmo do idioma;  
o muito que nos ficou dos nossos antepassados tupis e tapuias.

a culinária nacional - seja dito de passagem - ficaria  
empobrecida, e sua individualidade profundamente afetada, se se  
acabasse com os quitutes de origem indígena: eles dão um gosto  
é alimeritável brasileira que nem os pratos de origem lusitana

nem os manjares africanos jamais substituiriam. mas deve-se salientar que foi nas cozinhas das caçapas-grandes que muitos desses quitutes perderam o ranço regional, o exclusivismo caboclo, para se abasileirarem.

no extremo-norte faz-se ainda de mandioca uma comida indígena chamada macapatã: um bolo feito de massa de mandioca mole que "depois de espremida no tipiti", diz Araújo Lima, "amassada com banha de tartaruga e com pedaços de castanha crua e espalmada em pequenas porções oblongas, envolvidas em folhas de bananeira, para serem assadas em rescaldo". faz-se mais uma bebida, o tarubã, de beijus que depois de ligeiramente mergulhados dentro de água, de modo a ficarem apenas umedecidos, são postos um a um sobre folhas de curumi (kuru-mikda) em "uma cama de folha de bananeira estendida num jirau especial feito na casca da farinha ou na cozinha% sendo então polvilhado com pupunha e coberto com folha de curumi. cobrem-se então todos os beijus de folha de curumi e de banana; e assim se deixa ficar por três dias - quando deles começa a escorrer uma espécie de melado. desfaz-se então toda a massa em água, passa-se pela urupema e deixa-se descansar. está pronta uma deliciosa bebida que tomada em excesso embriaga. tem um doce perfume, esse tarubã.

a folha de bananeira-de-são-tomã, de uso frequente no nordeste para envolver produtos de coco, de mandioca, de arroz e de milho, será talvez efeito de intrusão africana; contígua do complexo negro da bananeira. é certo que não faltava aos indígenas a bananeira cauaçu ou pacova-sororoca; mas duvidoso que entre eles o complexo da bananeira tivesse atingido o mesmo desenvolvimento que entre os africanos. estes davam a banana e a folha da bananeira larga aplicação.

na tapioca de coco, chamada molhada, estendida em folha de bananeira africana, polvilhada de canela, temperada com sal, sente-se o amálgama verdadeiramente brasileiro de tradições culinárias: a mandioca indígena, o coco asiático, o sal europeu, confraternizando-se num só e delicioso quitute sobre a mesma cama africana de folha de bananeira. cremos, aliás, ser o nordeste, isto é, a zona de influência pernambucaria, e mais para o norte o maranhão, os dois pontos mais intensos dessa confraternização de cultura; confraternização materializada na culinária e sutilizada noutras esferas onde mais difícil se torna o discernimento ou a diferenciação pelos estudos de psicologia social, de etnografia,, de folclore e de sociologia.

a maoca, de que se fazem vários bolos, além do caribó, não se restringe ao amazonas: pode ser considerada de uso

generalizado ao norte e ao centro do Brasil, embora menos que o nungau, a canjica de milho e a muqueca: estes se incorporaram ao sistema nacional da alimentação brasileira logo depois dos produtos por assim dizer originais ou brutos - o caró, o milho, a batata, o cacau, e, midubi, a mandioca. a maóca e a massa da mandioca passada pelo tipiti e, depois de bem socada ao pilão e seca ao sol, posta em paneiro; e este pendurado a certa altura do fogo usual para manter-se a massa sempre enxuta.

do milho preparavam as cunhos, além da farinha (abatiw), hoje usada no preparo de vários bolos, a acanific, que sob o nome de canjica tornou-se um dos grandes pratos nacionais do Brasil, a pamuna - hoje pamonha - envolvida, depois de pronta, na própria palha do milho, a pipoca, que, segundo teodoro sampaio, quer dizer "epiderme estalada"; e ainda uma bebida fermentada, o abati-i.107

do peixe ou da carne pilada e misturada com farinha faziam a paóka ou paóca, ainda tão usada no norte; faziam o póracul, "areia do peixe", feita do peixe desfeito a mão, depois de tiradas as espinhas, torrado no forno, pilado e empaneirado; mas o processo mais característico de prepararem as cunhos peixe ou a carne de caça era o de -kaen, que nos ficou sob o nome -de moquém - isto é, o peixe ou a carne assada sobre brasas; "ou então sobre um gradeado de madeira", esclarece teodoro sampaio. 108

como no caso da mandioca, no do peixe é a Amazônia a região de cultura brasileira que se conserva mais próxima das tradições indígenas; na culinária amazônica o pirarucu ocupa lugar importantíssimo: logo após a tartaruga, que é sozinha um complexo. para as populações rurais do extremo-norte o pirarucu faz as vezes do bacalhau ou do charque: "é aproveitado em conserva, salgado apenas (salmoura) para o consumo de dias mais próximos, ou salgado e dessecado ao sol (seco), em mantas, para resistir muito mais tempo e ser exportado---. outros peixes muito em uso na Amazônia são o tucunaré e o tambaqui: este aproveitado pelo processo tão caracteristicamente indígena da mixiria. O processo da mixiria não se restringe ao peixe: pode haver mixiria de carne. peixe ou carne assada na própria banha a fogo brando, depois de feita em pedaços. assim preparada é a carne, de caça ou de peixe, conservada na própria banha e fechada em vasilhas próprias; antigamente, pelos indígenas, em potes de barro; hoje, diz-nos Araújo Lima, em latas cilíndricas de folha-de-flandres. faz-se mixiria de peixe-boi, de tartaruga, de tambaqui, de anta, etc.109

124 g. f.

há entretanto um processo indígena de preparar peixe que se generalizou no Brasil: o da pokeka, "de que se fez por corruptela, moqueca", informa teodoro sampaio no seu vocabulário geográfico brasileiro, "e significa embrulho". embrulho de

peixe em folhas. moqueca é o peixe assado no rescaldo, que vem todo embrulhado em folha de bananeira - espécie de bebezinho envolto no seu cueiro. a moqueca mais apreciada é mesmo a que se faz de peixinho novo, ainda transparente, pequenininho: bebê de peixe. na bahia e em pernambuco, a pokeka se africanizou, ou antes, se abrasileirou, deliciosamente, em moqueca, nas cozinhas das casas-grandes.

. a tartaruga, como já foi dito, constitui sozinha um complexo, dos vários que o indígena transmitiu ao sistema alimentar brasileiro; dela se faz no extremo-norte uma variedade de quitutes, cada qual mais louvado pelos gourmets; cada qual mais gostoso. um deles é o arabu, feito com a gema dos ovos de tartaruga ou tracajé e farinha - sem mais nada; outro, este mais fino e delicado, é a abuné - os ovos de tartaruga ou tracajé - "moqueados antes de completa gestaço diz araju lima, "tendo a tartaruguinha ou tracajé certa porção de gema segura ao peito"; come-se a abuné com sal e farinha. e há ainda o mujangué: um mingau que se faz com as gemas dos ovos de tartaruga ou tracajé e farinha de mandioca mole, intumescida de água; alguns europeizam esse pirão, acrescentando-lho sal ou açúcar. há mais a paxicó, picado feito de fígado de tartaruga, temperado com sal, limão e pimenta-malagueta.

sabe-se o abuso que faziam os indígenas da pimenta: abuso que se prolonga na culinária brasileira de hoje. "o no extremo-norte existe o juquitaia - condimento híbrido, feito de malagueta e sal: depois de seca a malagueta, nos próprios ramos quebrados da pimenteira e pendurados na cozinha, é passada no fomo e levada ao pilão para ser socada com sal. o complexo da pimenta aguçou-se no brasil pela influencia da culinária africana, ainda mais amiga que a indígena dos requêmes e excitantes do paladar: é a cozinha afro-baiana que mais se salienta pelo abuso da pimenta. mas o indígena não a desprezava, como não desprezava o pijericu, o pixurim, o limão, e, para fazer as vezes do sal, a cinza. sigaud de como causa dos frequentes ataques de disenteria entre os índios brasileiros - ataques de que nos falamos nas relações dos jesuítas - o uso imoderado de gengibre, pimenta e limão: "les indiens doivent é l'usage immodéré du gingembre, du piment et du limon, de fréquents attaques de dysentérie."

peckolt salienta ter sido o milho o único cereal encontrado

c.-o. & s. 19...~,



pelos europeus no brasil; e menciona os outros alimentos vegetais dos aborígenes de que logo se utilizaram os adventícios: a mandioca, a batata-doce, o caró, os pinhões, o cacau, o midubi. de legumes verdes a terra era escassa; e aos poucos que havia os indígenas não ligavam importância. -os legumes verdes eram pouco procurados pelos índios; porém as mulheres colhiam para fins alimentícios certas plantas silvestres, como os carurus de várias qualidades, a serralha, mas principalmente o palmito que, tanto cru como cozido, era alimento predileto." 111

de frutos era mais farta a terra descoberta por pedr'Alvares; mas que tivesse sido transmitida pelos indígenas aos europeus pode-se mencionar apenas a cultura do mamoeiro e do araçazeiro. dos índios transmitiu-se igualmente ao europeu o complexo do caju 112 - com uma série de aplicações medicinais e culinárias; destacando-se, porém, o seu uso no fabrico de um vinho muito bom, hoje caracteristicamente brasileiro.

seria longa a lista de plantas e ervas medicinais de conhecimento e uso dos índios: delas mais teria aproveitado a cultura brasileira, se melhores tivessem sido as relações entre os primeiros missionários e os pajés e curandeiros indígenas. ainda assim os jesuítas "des le principe de leur établissement s'appliquèrent à recueillir, à étudier les productions locales et à faire leur profit des connaissances et des observations indigènes", escreve sigaud. mas, acrescenta o cientista francês a quem tanto deve a medicina brasileira: "du mélange des pratiques indigènes et des formules copiées des livres de médecine européens, naquit une thérapeutique informe, grossière, extravagante qui se transmet par tradition dans les classes des cultivateurs de sucre et de coton et gardiens de troupeaux. dans les montagnes ou' sertes, et ce mélange primitif, altéré par les arcanes des nègres venus de guinée et d'angola, fut dès lors le partage exclusif des hommes qui s'intitulèrent médecins du peuple ou guérisseurs."

senhor de engenho da espécie mencionada por sigaud, dado a curar doentes por essa terapêutica híbrida, grosseira, mas às vezes de melhores resultados que a europeia e acadêmica, era gabriel soares. o seu roteiro vem cheio de receitas aprendidas com os índios: carimó desfeita na água para menmos que têm lombriga ou para indivíduo tocado de peçonha ("uma cousa e outra está muito experimentada, assim pelos índios como pelos portugueses", acrescenta); milho cozido para doentes de boubas; sumo do caju pela manhã, em jejum, para "conservação do estômago", higiene da boca e fazem bom bafo a quem os come pela manhã", diz ainda gabriel soares dos cajus); olho de embaiba para curar feridas e chagas velhas: emplastos de almecega

126 g- f.

i

para "soldar carne quebrada---; petume para mal do sesso e' sorvido o seu fumo por um canudo de palha, aceso na ponta

- -o avô indígena do cachimbo - excelente para "todo homem que se toma de vinho". de posse, com os demais colonos senhores de engenho, de tão preciosos conhecimentos, gabriel soares não via necessidade de cirurgiões na bahia; "porque cada um o tem em sua casa." uma página inteira do seu roteiro ele a consagra ao amendoim, ou midubi, produto que os indígenas não colhiam à toa pelo mato: era dos raros que faziam parte do seu rudimentar sistema de agricultura: "em a qual planta e benefício della não entra homem macho; só as índias os costumam plantar [ .... 111.113

outros conhecimentos destes e atividade ou economia doméstica transmitiram-se da cultura vegetal do indígena e civilização do colonizador europeu, que os conservou ou desenvolveu, adaptando-os às suas necessidades: o conhecimento de várias fibras para tecelagem ou entrançado - o algodão, o tucum, o caraguatã-bravo; o de peipeçaba para fazer vassouras; o de aboboras semeadas pelo gentio especialmente para servirem-se dos cabaços, como vasilhas de carregar água e de guardar farinha, como gamelas e parece que como urinóis; o método de curar jerimum no fumo para durar o ano inteiro; o conhecimento de várias madeiras e outros elementos vegetais de construção, como o cipó, o timbó e o sapó ou a palha de pindoba, empregada por muito tempo na cobertura das casas: o de animais, pássaros, peixes, mariscos, etc., valiosos para a alimentação, prestando-se ao mesmo tempo os seus cascos, penas, peles, lanugem ou couro a vários fins estes na vida íntima e diária da família colonial; para cuias, agasalho, enchimento de travesseiros, almofadas, colchões, redes; o de junco de tabuá, material excelente para esteiras; o de tintas de várias cores, logo empregadas na calagem das casas, na tintura de panos, na pintura do rosto das mulheres, no fabrico de tintas de escrever - o branco de tabatinga, o encarnado de araribá, de pau-brasil e de urucu; o preto de jenipapo, o amarelo de tatajuba; o conhecimento de gomas e resinas diversas.- prestando-se para grudar papéis, cerrar cartas e maneira de lacre, etc. se na utilização, aproveitamento ou adaptação de todo esse material de cultura indígena entrou, na maior parte das vezes, a inteligência ou a técnica do europeu com função quase criadora, ou pelo menos transmutadora, noutros casos o que se deu foi a pura transmissão dos valores ou conhecimentos de uma cultura e outra - da nativa e adventícia.

vários desses processos e conhecimentos, ainda uma vez vale a pena acentuar que recebeu-os o colonizador europeu das

mãos da mulher - elemento mais produtor que o homem nas culturas primitivas. dela também se transmitiram a organização da família brasileira valiosos métodos de higiene infantil e doméstica que merecem ser destacados; para fazê-lo toma-se necessário esboçar em traços gerais não só a pedagogia como a vida de menino entre os indígenas. do menino, aliás, salientaremos mais adiante o papel que representou em momento, se não dramático, decisivo, de contato entre as duas culturas, a europeia e a indígena; quer como veículo civilizador do missionário católico junto ao gentio, quer como o conduzido por onde preciosa parte de cultura aborígine escorreu das tabas para as "missões" e daí para a vida, em geral, da gente colonizadora. para as próprias casas-grandes patriarcais.

i

estava longe o culumira de ser o menino livre imaginado por l.-j. rousseau: criado sem medo nem superstições. tanto quanto entre os civilizados, vamos encontrar entre os selvagens numerosas abusões em volta da criança: umas profilóticas, correspondendo a receios da parte dos pais de espíritos ou influências malignas; outras pedagógicas, visando orientar o menino no sentido do comportamento tradicional da tribo ou sujeitá-lo indiretamente à autoridade dos grandes.

frank clarence spencer, a quem se deve um dos estudos mais interessantes sobre a pedagogia americana, education of the pueblo child, salienta que a vida primitiva, não só na américa como em geral, nem é a doce e idílica que supuseram os europeus do século xviii, nem "the dogged, sullen subjection described by some late writers". e sim um meio-termo: "they are in constant subjection to their superstitious fears, and yet they are generally joyful and happy." 114

o mesmo pesquisador foi encontrar entre os pueblo uma dança destinada especialmente a fazer medo aos meninos, e incutir-lhes sentimentos de obediência e respeito aos mais velhos. os personagens da dança eram uns como papões ou terríveis figuras de outro mundo, descidos a este para devorar ou arrebatá-los. stevenson informa-nos do mesmo dançante entre os zuflis, esta macabra, terminando na morte de uma criança, escolhida dentre as de pior comportamento da tribo: mas realizando-se com intervalos de longos anos. 115 o fim, o moral, o pedagógico, de influir pelo medo ou pelo exemplo do castigo tremendo sobre a conduta do menino.

o trabalho, hoje clássico, de alexander francis chamberlain acerca da criança na cultura primitiva e no folclore das culturas históricas, 116 indica ser o papão, complexo generalizado entre todas elas; e quase sempre, ao que parece, com fim

i 9r a. f.

morafindor ou pedagógico. entre antigos hebreus era o libith,

monstro cabeludo e horrendo que voava de noite em busca de crianças; entre os gregos roubavam menino umas velhas feiõssimas, as strigalai; entre os romanos a caprimulgus saõa de noite para tirar leite de cabra e comer menino - talvez avõ remota da cabra-cabriola - enquanto de dia dominava nos matos o espõrito mau da floresta, silvanus. entre os russos õ um horroroso papõ, terrõvel como tudo o que õ russo, que õ meia-noite vem roubar as crianças em pleno sono; entre os alemões, õ o papenz; entre os escoceses e os ingleses, o boo man, o bogle man. champlain e os primeiros cronistas do canadõ falam num horrõvel monstro, terror das crianças entre os aborõgenes; entre os maia havia a crenõa em gigantes que de noite vinham roubar menino - os balõuns, o culcalkin. e entre os õndios gaulala, da californiã, powers foi encontrar danõas do diabo, que cornparou õs haberfeld treiber da bavõria - instituiõõo para amedrontar as mulheres e as crianças e conservõ-las em ordem. eram danõas -em que aparecia uma figura horrenda: "an ugly apparition". na cabeõa, uma pele de urso, nas costas um manto de penas, o peito listrado como uma zebra. 117

danõas semelhantes de "diabo" - ou jurupari - havia entre os indõgenas do brasil; e com o mesmo fim de amedrontar as mulheres e as crianças e conservõ-las em boa ordem. sendo que entre os amerõndios desta parte da amõrica as mõscaras de danõa desempenhavam funõõo importante; koch-grõnberg salienta que eram guardadas como cousa sagrada e que o seu misterioso poder se transmitia ao danõarino. eram mõscaras imitando animais demonõacos nos quais supunha o selvagem transformarem-se . os mortos, e sua eficõcia mõgica era aumentada pelo fato de serem humanos ou de origem animal muitos dos materiais de sua composiõõo: cabelo de gente, põlo de bichos, penas, etc. por sua vez o danõarino devia imitar os movimentos e vozes do animal demonõaco tal como nas danõas descritas pelos primeiros cronistas. e como as mõscaras, os instrumentos sagrados eram igualmente considerados cheios de misteriosb poder.

os jesuõtas conservaram danõas indõgenas de meninos, fazendo entrar nelas uma figura cõmica de diabo, evidentemente com o fim de desprestigiar pelo ridõculo o complexo jurupari. cardim refere-se a uma dessas danõas. desprestigiados o jurupari, as mõscaras e os maracõs sagrados, estava destruõdo entre os õndios um dos seus meios mais fortes de controle social: e vitorioso, atõ certo ponto, o cristianismo. permanecera, entretanto, nos descendentes dos indõgenas o resõduo de todo aquele

c:

ilustração de escravos negros trabalhando num engenho de bois. (segundo história naturalis brasiliae.)

i

seu animismo, totemismo. sob, formas católicas, superficialmente adotadas, prolongaram-se até hoje essas tendências totêmicas na cultura brasileira. são sobrevivências fôceis de identificar, uma vez raspado o verniz de dissimulação ou simulação européia: e onde muito se acusam em jogos e brinquedos de crianças com imitação de animais - animais verdadeiros ou vagos, imaginários, demônios. também nas histórias e contos de bichos - de uma fascinação especial para a criança brasileira. por uma espécie de memória social, como que herdada, o brasileiro, sobretudo na infância, quando mais instintivo e menos intelectualizado. pela educação européia, se sente estranhamente próximo da floresta viva, cheia de animais e monstros, que conhece pelos nomes indígenas e, em grande parte, através das experiências e superstições dos índios. 118 é um interesse quase instintivo, o do menino brasileiro de hoje pelos bichos temíveis. semelhante ao que ainda experimenta a criança européia pelas histórias de lobo e de urso; porém muito mais vivo e forte; muito mais poderoso e avassalador na sua mistura de medo e fascinação; embora na essência mais vago. O menino brasileiro do que tem medo não é tanto de nenhum bicho em particular, como do bicho em geral, um bicho que não se sabe bem qual seja, espécie de síntese da ignorância do brasileiro tanto da fauna como da flora do seu país. um bicho místico,

lao g. f.

horroroso, indefinível; talvez o carrapatu. ainda hoje se ninam

os meninozinhos no norte: meu f ilhinho,  
durma, durma,  
lá no mato tem um bicho  
chamado carrapatu-

talvez o hupupiara; ou o inacobeba, nome e concepção que um amigo nosso recolheu há alguns anos de uma criança de seis anos de barreiros, no estado de Pernambuco. quase toda a infância brasileira, mais inventiva ou imaginosa, não tem medo de nenhum bicho em particular - nem da cobra, nem da onça, nem do bicho tutu, do bicho carrapatu, do bicho capivara - mas do bicho zumbi. medo que nos conuiu em última análise, do jurupari-ica o fato de estarmos ainda tão próximos da mata viva e

no entanto, não destruído, virgem e de sobreviver em nós, diminuiu o animismo indígena. O bicho merece estudo em parte; o complexo brasileiro (e a natureza) pelos problemas dos mais significativos para quem se interessa em relações e contato entre eu e o mundo. Não há de vago no medo do bicho se manifesta o fato de sermos ainda, em grande parte, um povo de integração incompleta no habitat tropical ou americano: mas já a fascinação por tudo o que

história de animais, mesmo assim vagamente conhecidos, o grande número de superstições ligadas a eles, 119 indicam um processo, embora lento, de integração completa no meio; ao mesmo tempo que a sobrevivência de tendências totêmicas e animistas, da nossa ignorância dos nomes precisos, exatos para designar os animais e plantas que nos rodeiam, pasmou-se o alemão Ruediger

J. B. B. bilden na sua visita ao Brasil. Já outro viajante, citado pelo professor Roquette-Pinto, notara que no Brasil todo animal é apenas um bicho. 120 e Roquette-Pinto comenta: "mesmo na roça todo besouro é um cascudo e nada mais... com as plantas é um pouco melhor, - o povo consegue formar e batizar

grupos naturais: é um gravatão, e um angico, é um coqueiro." resultado de antagonismos de cultura: os nomes de animais e

plantas conservaram-se em língua indígena, donde se comunicaram mais aos descendentes, em grande parte analfabetos, dos índios nos sertões que é cultura mais acentuadamente européia

ou africana do litoral e da zona agrícola. quanto mais abundante for a comunicação entre as duas subculturas, do elemento que, por mais instintivo e menos intelectualizado, guarda no seu analfabetismo maior número de conhecimentos indígenas da flora e da fauna, receberá o outro, mais europeu em cultura, um

contingente ou camada riquíssima de valores nativos ainda sem função viva e criadora no sistema social do Brasil.

Voltemos à infância do selvagem, que acentuamos ser rodeada desde o berço, isto é, da rede ou da tipóia, de superstições e medos de animais monstruosos. A tipóia - o menino carregado às costas da mãe, preso por uma tira de pano - o traço que se perdeu nos costumes brasileiros; só se explicava, aliás, pela atividade extradoméstica da mãe Índia. vingou, com o complexo da rede, o costume de rede-berço, que só agora vai desaparecendo das tradições do norte: muito nortista ilustre, hoje homem feito, terá sido criado ainda em rede, embalada pela mãe ou pela ama negra; 121 terá muitas vezes adormecido, em pequeno, ouvindo o ranger tristonho do punho da rede. Cardim observou que ao punho da rede associavam os Índios as primeiras cerimônias em torno do nascimento do filho: a penduravam, no caso de ser macho o recém-nascido, um arco com flechas e "molhos d'ervas". tudo simbólico ou talvez profilático. através da infância continuavam as medidas de profilaxia da criança contra as influências malignas: "têm muitos agouros, porque lhe põem algodão sobre a cabeça, penna de passaros e paus, deitam-nos, sobre as palmas das mãos, e roçam-nos por ellas para que cresçam." 122

era também o corpo pintado de urucu ou jenipapo: os beiços, o septo, as orelhas perfuradas; batoques, fusos, penas enfiadas nesses orifícios; dentes de animais pendurados ao pescoço. tudo para desfigurar, mutilar a criança, com o fim de torná-la repulsiva aos espíritos maus; guardá-la do mau-olhado e das más influências.

algumas dessas preocupações profiláticas, disfarçadas às vezes, ou confundidas com motivos decorativos e devotos, permanecem em torno da criança brasileira. no norte ainda é comum ver meninos cheios de tetéias penduradas ao pescoço - dentes de animais, figas de madeira ou de ouro, bentos e medalhas católicas, mechas de cabelo. aliás no costume, entre as famílias mais devotamente católicas do norte e do centro do Brasil, de ofertar os cachos ou a cabeleira do menino, quando atingida a idade de cortar-lhe o cabelo rente, a imagem do senhor dos passos ou do senhor morto, talvez sobreviva aquele receio ameríndio do cabelo, dos dentes ou das unhas do indivíduo, principalmente da criança, servirem de objeto a práticas de feitiçaria ou de magia. que melhor meio de evitar semelhante risco que o de oferecer ao próprio Jesus o cabelo da criança?

a idealização de que foram objeto os meninos filhos dos

132 g. f.

Índios nos primeiros tempos da catequese e da colonização - época, precisamente, de elevada mortalidade infantil, como se depreende das próprias crônicas jesuíticas<sup>123</sup> - tomou muitas vezes caráter meio mórbido; resultado, talvez, da identificação da

criança com o anjo católico. a morte da criança passou a ser recebida quase com alegria; pelo menos sem horror. de semelhante atitude subsiste a influência em nossos costumes: ainda hoje entre matutos e sertanejos, e mesmo entre a gente pobre das cidades do norte, o enterro de criança, ou de anjo, como geralmente se diz, contrasta com, a sombria tristeza dos enterros de gente grande. nos tempos da catequese, os jesuítas, talvez para atenuar entre os índios o mau efeito do aumento da mortalidade infantil que se seguiu ao contato ou intercuro em condições dissonantes, entre as duas raças, tudo fizeram para enfeitar ou enbelezar a morte da criança. não era nenhum pecador que morria, mas um anjo inocente que nosso senhor chamava para junto de si. a história que refere montoya, o típica desse ambiente mórbido que se criou pela excessiva idealização da criança: um menino, filho de um irmão do rosário, teve inveja quando viu o enterro de um seu companheiro; "o corpo dele conforme o costume estava todo enfeitado de flores, e na cabeça tinha-se-lhe posto uma coroa de flores as mais bonitas. por isso então ele às vezes pedia a seu pai para morrer, dizendo-lhe: "deixa-me morrer, o meu pau - e se punha como o corpo do seu companheiro falecido, que ele tinha visto, e ficava todo estendido no chão. o pai, tendo ouvido muitas vezes as falas de seu filho, assim lhe disse um dia: "meu filho, se deus quiser que tu morras, seja feita a sua vontade". em ouvindo as palavras de seu pai assim disse-lhe a criança: "estou bom, meu pai, vou morrer agora". foi deitar-se na cama e sem doença alguma morreu.124

1

1

a mãe selvagem ninava o filho pequeno, deitado na rede, com palavras cheias de ternura pelo meninozinho que, sob a influência do catolicismo, ia ser idealizado em anjo. roquette-pinto conseguiu recolher dos pareci esta cantiga:

essô-mokocô cô-makô  
(menino dorme na rede ... )m

e nas ocas, ou habitações coletivas dos índios, casas-grandes mas bem diversas, pelo seu caráter comunista e pela sua composição vegetal, das fortes, sólidas, de taipa ou de pedra e cal, que o imperialismo colonizador dos europeus instalaria ao lado dos engenhos de açúcar, deviam muitas vezes misturar-se essas cantigas de mães ninando os meninos. eram oitenta,



cem pessoas que habitavam as ocas imensas (feitas de caibros e cobertas de pindoba) e muitas as crianças."

entre algumas tribos as mães faziam para os filhos brinquedos de barro não cozido representando figuras de animais e de gente, estas "predominantemente do sexo feminino", notaria o etnólogo erland nordenskiöld em pesquisas realizadas entre tribos do norte do brasil."

figuras "em forma muito simplificada" desprovidas geralmente de extremidades e até de cabeça, mas com a indicação das tatuagens em sua parte superior". nordenskiöld atribui a extrema simplificação das bonecas de barro dos indígenas do pilcomaio "a preocupação de torná-las menos quebradiças nas mãos das crianças". O que parece, entretanto, é que teriam essas figuras de gente e de animais o seu sentido oculto; que não seriam simples brinquedos. ou antes: que aos brinquedos das crianças estendiam-se untuosamente o animismo, o totemismo, a magia sexual. nas bonecas de barro dos índios (~arajó, no rio araguaia, emílio goeldi foi encontrar reminiscência dos "ídolos falomorfos de barro cozido, como eles se encontram nas necrópoles dos índios que outrora habitavam a foz do amazonas".129 a tradição indígena das bonecas de barro não se comunicou à cultura brasileira; a boneca dominante tomou-se a de pano, de origem talvez africana. mas o gosto da criança pelos brinquedos de figuras de animais é ainda traço característico da cultura brasileira, embora vá desaparecendo com a standardização dessa indústria pelos padrões americano e alemão: brinquedos mecânicos. entretanto nas nossas feiras do interior ainda se encontram interessantes brinquedos de figuras de animais: notadamente de macacos, besouros, tartarugas, lagartixas, sapos. e convém não esquecermos o costume indígena de aves domésticas servirem de bonecas às crianças:129 ainda hoje pegar passarinhos pelo sistema indígena do bodoque ou pelo alcapão com rodela de banana, e criá-los depois, mansos, de não fugirem da mão, é muito do menino brasileiro.

na sua "informação da missão do p. christovão de gouvêa às partes do brasil, anno de 83" diz o padre cardim que os meninos entre os índios tinham "muitos jogos a seu modo". mas com precisão não descreve nenhum. nota que os caboclinhos brincavam "com muito mais festa e alegria que os mexicanos portugueses". e dá essa idéia geral dos tais brinquedos: "nestes jogos arremedam vários passaros, cobras, e outros animais, etc., os jogos são mui graciosos, e desenfadadíssimos, nem ha entre elles desavenças, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins, e deshonestos." não nos fala -

134 g. f.

quem sabe se por pudor de missionário? - em jogos eróticos que talvez houvesse entre os meninos e adolescentes do brasil, como os observados na melancolia pelo professor malinowsky.130 a julgar pelas "cantigas lascivas" a que aludem vários dos pri-

meiros missionários, cantigas que o padre anchieta deu-se ao trabalho de substituir por hinos à Virgem e cantos devotos, de presumir que existissem daqueles jogos eróticos entre os indígenas do Brasil. encontra-se ainda em Cardim referência a jogos brincados pelos meninos índios dentro da água, nos rios: &cos meninos da aldeia tinham\* feito algumas ciladas no rio, as quais faziam a nado, arrebatando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas n'água a seu modo mui graciosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: louvado seja Jesus Christo! - e vinham tomar a bênção do padre [ ..... 1 "].

nota-se nos folguedos de menino referidos pelo padre Cardim, como nas danças de magia, de guerra e de amor da gente grande, a tendência dos selvagens americanos de misturarem à sua vida a dos animais. seus diabos têm cabeças de bichos e são assim representados nas máscaras de dança. suas cantorias fingem vozes de animais; suas danças imitam-lhes os movimentos; suas cuias e potes repetem-lhes as formas.

da tradição indígena ficou no brasileiro o gosto pelos jogos e brinquedos infantis de arremedo de animais: o próprio jogo de azar, chamado do bicho, tão popular no Brasil, encontra base para tamanha popularidade no resíduo animista e totêmico de cultura ameríndia reforçada depois pela africana.<sup>131</sup> há, entretanto, uma contribuição ainda mais positiva do menino ameríndio aos jogos infantis e esportes europeus: a da bola de borracha por ele usada num jogo de cabeçada. este jogo brincavam-no os índios com uma bola provavelmente revestida de caucho, que aos primeiros europeus pareceu de um pau muito leve; rebatiam-na com as costas, às vezes deitando-se de boco para fazê-lo. jogo evidentemente do mesmo estilo do mata-naaróti, que o insigne cónvido rondon achou entre os pareci; sendo que neste a bola - informa roquette-pinto em rondonia - é feita da borracha da mangabeira; e a maneira de jogar, é cabeçadas. logo após a descoberta da América viu-o jogado por meninos selvagens, em sevilha - ponto de confluência das novidades americanas nos séculos xvi e xvii em virtude de sua casa de contratação - o embaixador de Veneza junto a Carlos v de Espanha. o qual nos diz que a tal bola era do tamanho de um maracotão: "tamaflo como un melocotón é mayor,

-chamarem

y no io rebatían con las manos ni con los piés, sino con ios costados, io que haciön con tal destreza que causaba maravilla verlo; a veces se tendían casi en tierra para rebater ia pelota y todo lo hacían con gran presteza-. os jogadores que o embaixador viu em sevilha eram um bando de rapazinhos selvagens levados das Índias ò Espanha por um frade.132

dos jogos e danças dos selvagens do brasil vários tinham evidente intuito pedagógico; sendo de notar a "quietude e amizade" - em outras palavras o "fair play" - que o padre cardini tanto admirou nos caboclos brasileiros de 1500. nada de "nome ruim ou pulha" de um jogador a outro. nada de nomes aos pais e mães". e é possível que para fixar bem o contraste desse proceder com o dos meninos europeus exagere o padre: "raramente quando jogam se desconcertam, nem desavenhem por cousa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejam".133

bem cedo os culumins aprendiam a dançar e a cantar. o referido padre cardini descreve várias danças só de meninos. algumas os missionários da companhia adotaram no seu sistema de educação e catequese. a mais comum talvez fosse a saire descrita pelo padre joão daniel.134

pode-se generalizar do menino indígena que crescia livre de castigos corporais e de disciplina paterna ou materna. entretanto a meninice não deixava de seguir uma espécie de liturgia ou ritual, como aliás toda a vida do primitivo.

ao atingir a puberdade cortavam-lhe o cabelo no estilo que frei vicente do salvador descreve como de cabelo de frade; também a menina cortava-se o cabelo a homem. a segregação do menino, uma vez atingida a puberdade, nos clubes ou casas secretas dos homens, chamadas baito entre as tribos do brasil central, parece que visava assegurar ao sexo masculino o domínio sobre o feminino: educar o adolescente para exercer esse domínio. eram casas vedadas às mulheres (a não ser as velhas, masculinizadas ou dessexualizadas pela idade) e aos meninos, antes de iniciados. nelas se guardavam as gaitas e os maracás que mulher nenhuma se lembrasse de querer avistar -mesmo de longe: significava a morte certa. durante a segregação o menino aprendia a tratar a mulher de resto; a sentir-se sempre superior a ela; a abrir-se em intimidades não com a mãe nem com mulher nenhuma, mas com o pai e com os amigos. as afinidades que se exaltavam eram as fraternas, de homem para homem; as de afeto viril. do que resultava ambiente propício a homossexualidade.

as provas de iniciação eram as mais rudes. algumas tão

136 g. f.

brutas que o iniciando não suportava e morria em consequência do excessivo rigor. já nos referimos a flagelação, a ta-

tuagem, a perfuração do septo, dos lábios e das orelhas; outras provas em uso eram a de arrancar dentes e a de limá-los; da última e da tatuagem africana ainda havendo reminiscências entre sertanejos do nordeste e pescadores.

segundo webster, no seu trabalho, hoje clássico, primitive secret societies, nessas organizações secretas dos primitivos processava-se uma verdadeira educação moral e técnica do menino; o seu preparo para as responsabilidades e privilégios de homem. até se iniciava ele nos mistérios mais sutis da técnica de construção, da caça, da pesca, da guerra, do canto, da música; em tudo que de magia e de religião tocasse ao leigo aprender. até, ao contato dos mais velhos, ele se impregnava das tradições da tribo. era um processo rápido mas intenso de educação, a doutrinação e o ensino agindo sobre verdes novatos em estado de extrema sensibilidade, conseguida a poder de jejuns, vigílias e privações. de modo que não havendo castigo corporal nem disciplina de pai e mãe entre os indígenas do brasil - de que tanto se espantaram os primeiros cronistas - havia, entretanto, essa severa disciplina, a cargo principalmente dos velhos. conta o padre joão daniel de outro missionário, seu conhecido, que mandando um dia, logo ao amanhecer, indagar de uns, gritos de menino que tinha ouvido de noite, soube que era "f, que toda a noite esteve dando pancadas e tratos a seu sobrinho para o fazer valente, animoso e reforçado". de que estava livre a criança selvagem era do puxavante de orelha ou do muxiço disciplinador: até "erros e crimes" observou frei vicente ficarem sem castigo entre os indígenas do brasil.136 e gabriel soares escreve dos tupinambá no seu roteiro: "não dão os tupinambás aos seus filhos nenhum castigo nem os doutrinam, nem os repreliendern por cousa que fazem." eram, entretanto, espancados e, até flagelados os meninos - e às vezes os grandes se flagelavam uns aos outros - com os fins pedagógicos e de profilaxia de espíritos maus que já notamos. porque já possuísem o complexo da flagelação, fácil lhes foi adaptarem-se ao da penitência, introduzido pelos missionários, e no qual desde os primeiros tempos se notabilizaram: cardini registra o gosto com que os nativos cumpriam as penitências católicas.

espancar a pessoa até tirar-lhe sangue, ou sarjá-la com dente agudo de animal, era para o primitivo um processo de purificação e de esconjuração, aplicado com particular rigor ao menino ou à menina ao iniciar-se na puberdade. o mesmo pode

dizer-se, segundo rafael karsten, de violentos exercóios físicos - danças, lutas de corpo, corrida, queda de braço - capazes de provocar abundante transpiração. pelo suor, como pelo sangue, supunha o primitivo eliminar-se o demônio do corpo do indivíduo. daí certos selvagens sujeitarem seus doentes - considerados sempre endemoniados ou encafifados - a fortes exercóios coreográficos de um caráter todo cerimonial e mágico e não de divertimento nem de sociabilidade. não é o suor lúbrico mas o místico que se procura nessas danças, durante as quais é comum os indivíduos se espancarem uns aos outros. vários jogos brasileiros de meninos - entre os quais o da peia-queimada e o da manja - refletem o complexo da flagelação.

não faltavam à criança indígena cuidados da mãe pela sua saúde: indicam-no as muitas medidas profiláticas; mostra-o o asseio em que era conservado o culumim. e acima de tudo a sua alegria e o seu bem-estar.

Lory levou para a europa entre as suas melhores lembranças de contato com os Índios do brasil, a dos conomis-miri - brincando ou dançando no terreiro das tabas. maior que o seu encanto só o do padre cardim. os culuminzinhos descritos pelo padre jé eram meninos ensinados pelos missionários: mas evidentemente não haviam perdido, a sombra das roupetas jesuíticas, toda a sua alegria de selvagens. lory pôde surpreendê-los ainda em plena liberdade: "fessus, grassets & refais qu7ls sont, beaucoup plus que ceux de par de-, , avec leurs poinçons xos blancs dans leurs lóvres fendues, ies cheveux tondus é leur mode & quelquefois le corps peinturé, ne failloyent iamais de venir en troupe dansans au devant de nous quand ils nous cro~lo.n,ent arri . ver en leurs villages". na sua fala errada pediam os cabo~.11.i-nhos que lhes sacudissem anzóis: "coutoaffat, amabé pinda." quando lory os atendia, era uma festa: "[ .... l c'estoit un passe temps de voir ceste petite marmaille toute nue laquelle pour trouver & masser ces hameçons trepiffoit & gargoit ia terre co~ connils de garenne.1'137

esses meninos que o francês achou tão fortes, vinham ao mundo como animais. lory ouviu uma vez uns gritos, de mulher; alarmista, como todo bom francês, botou logo para o ian-ouare, bicho que uma vez por outra comia selvagens. mas foi ver o que se passava, acompanhado de outro francês, e descobriram os dois que os gritos eram de uma mulher parindo. o marido servia de parteira: foi ele quem lory viu cortar a dente o umbigo do menino; ele quem o francês gurpreenleu achatando o nariz do bebê em vez de afiná-lo, segundo o costume europeu; lavando e pintando de encarnado e preto o i-,-

138 g. f.

côm-nascido.138 este era depois colocado numa pequena rede de algodão ou metido nuns "pedaços de redes que chamam ti-p6ia"139 e amarrado às costas ou aos quadris da mãe.

lory ficou encantado com a higiene infantil e doméstica

dos indígenas. contrasta-a com a dos europeus. e conclui pela superioridade do processo americano. O menino crescia livre de fraldas, cueiros e panos que lhe dificultassem os movimentos. mas não implicava essa liberdade em descuido das mães. por faltar cueiros e fraldas e pano aos bebês dos tupi nem por isso cresciam eles sujos ou nojentos. ao contrário: sua limpeza e asseio impressionaram o observador francês. nas palavras francas de Lory. "quencores que ies femmes\* de ce pays 10 n'ayant aucuns linges pour toucher le derriere des leurs enfans, mesmes qu'elles ne se servent non plus de cela des feuilles xar-bres & dherbes, dont toutesfois elles ont grande abondance: nantmoins elles en sont si soigneuses, que seulement avec de petits bois que elles rompent, co~ petites chevilles, elles les nett,oyent si bien que vous ne les verriez iamais breneux".140 folhas e lascas de madeira serviam para os indígenas do brasil não só de prato, de toalha e de guardanapo, como de papel higiênico e cueiro de menino

gabriel soares fixa o costume entre os Índios de porem nos filhos nomes de animais, peixes, árvores, etc.,141 nomes que karsten verificou serem em geral os dos mesmos animais representados nas máscaras de danças sagradas.142 expressão, portanto, do animismo e da magia de que se achava impregnada a vida toda do primitivo. whiffen salienta o fato dos nomes de pessoa entre as tribos brasileiras do noroeste não se pronunciarem senão em voz -baixa, religiosamente. 143 eram os nomes144 em certas tribos substituídos por uns como apelidos, parecendo pertencer a essa categoria os nomes "nada poéticos" recolhidos por teodoro,sampaio: guiraguiguira (o traseiro do pássaro), miguiguigu (as aldeias grandes), cururupeba (o sapo miúdo), mandiopuba (a mandioca podre), etc. parece que o fim desses nomes era tornar a pessoa repugnante aos demônios.

do que não estava livre entre os selvagens a vida de menino nem de gente grande era de horrorosos medos. medo de que o céu caísse por cima deles. medo de que a terra lhes fosse embora dos pés.145 além do grande medo do jurupari.

até de dia, estando tudo claro pelos terreiros, os meninos andavam vendo mal-assombrado, inclusive o próprio diabo, bem no meio dos seus brinquedos: corriam então para casa assustados ou aos gritos. os demônios -apareciam em geral com cabeças horríveis de bicho. uns que o padre antônio ruiz mon-

toya descreve com certo luxo de pormenor por terem aparecido justamente a um caseiro de jesuítas, a verdade que já nos tempos da catequese, tinha "os pés como de animes, as unhas compridas, as pernas finas, os olhos afogueados".146 talvez influência do diabo cristão. O diabo do sistema católico veio juntar-se ao complexo jurupari ou mesmo absorvê-lo.

mas não era só mal-assombrado. nem era apenas o diabo na figura de bichos que vivia a aperrear a vida do selvagem. eram monstros que hoje não se sabe bem o que seriam: os quaiasis, os coruqueamas, os maiturus (homens de pé para trás), as jiboiucus, a horrível simiavulpina e, mais danados que todos, os hipupiaras ou hupupiaras, - estes uns homens marinhos, que espalhavam o terror pelas praias. m gourmeis ao seu jeito, os hipupoiaras não comiam da pessoa que pegavam a carne toda, mas uma felpa ou outra. O bastante, entretanto, para deixar a vítima um mulambo. comiam-lhe os "olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e mãos, e as genitais". O resto deixavam que apodrecesse pelas praias.

além a vida selvagem toda, através de suas diversas fases, se achava impregnada de um animismo, de um totemismo, de uma magia sexual que forçosamente se comunicariam à cultura do invasor: esta só os fez deformar. não os destruiu.149

do indígena de cultura totêmica e animista, ficaria no brasileiro, especialmente quando menino, uma atitude insensivelmente totêmica e animista, em face das plantas e dos animais (ainda tão numerosos nesta parte do mundo~; tantos deles investidos pela imaginação da gente do povo, tanto quanto pela infantil, de uma malícia verdadeiramente humana, de qualidades quase humanas e às vezes de inteligência ou poder superior ao do homem. O folclore, são os contos populares, as superstições, as tradições que o indicam. são as muitas histórias, de sabor tão brasileiro, de casamento de gente com animais, de compadrismo ou amor entre homens e bichos, no gosto das que harfiand filia. Os culturas totêmicas.150 festas que correspondem, na vida real, a uma atitude de tolerância, quando não de nenhuma repugnância, pela união sexual do homem com besta; atitude generalizadíssima entre os meninos brasileiros do interior.151 no sertanejo mais do que no de engenho; neste, porém, bastante comum para poder ser destacada como complexo - nesse caso tanto sociológico como freudiano - da cultura brasileira. em ambos - no menino de engenho, como no sertanejo - a experiência física do amor se antecipa no abuso de animais e até de plantas; procuram satisfazer o furor com que o instinto sexual madura neles servindo-se de vacas, de

140 q. f.

cabras, de ovelhas, de galinhas, de outros bichos caseiros; ou de plantas e frutas - da bananeira, da melancia, da fruta do mandacaru. são práticas que para o sertanejo suprem até a adolescência, às vezes até mesmo ao casamento, a falta ou escassez

de prostituição doméstica ou pública - as amas, as mulatas, os muleques de casa, as mulheres públicas - de que tão cedo se contaminam os meninos nos engenhos e nas cidades do litoral.

Outros traços de vida elementar, primitiva, subsistem na cultura brasileira. Além do medo, que já mencionamos, de bicho e de monstro, outros pavores, igualmente elementares, comuns ao brasileiro, principalmente a criança, indicam estarmos próximos da floresta tropical como, talvez, nenhum povo moderno civilizado. Aliás o mais civilizado dos homens guarda dentro de si a predisposição a muitos desses grandes medos primitivos; em nós brasileiros, eles apenas atuam com mais força por ainda nos acharmos a sombra do mato virgem. A sombra também da cultura da floresta tropical - da América e da África - que o português incorporou e, assimilou a sua, como nenhum colonizador moderno, sujeitando-nos, por isso, a frequentes relapsos na mentalidade e nos pautes e instintos primitivos. Hall escreveu que todo civilizado guarda em si, da ancestralidade selvagem, a tendência para acreditar em fantasmas, almas do outro mundo, duendes: "a prepotent bias, which haunts the very nerves and pulses of the most cultured to believe in ghosts".<sup>152</sup> O brasileiro é por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo o que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas; de vez em quando os jornais revelam casos de aparições, mal-assombrados, encantamentos. Daí o sucesso em nosso meio do alto e do baixo espiritismo. Também são frequentes, entre nós, os relapsos. No furor selvagem, ou primitivo de destruição, manifestando-se em assassinatos, saques, invasões de fazendas por cangaceiros: raro aquele dos nossos movimentos políticos ou cívicos em que não tenham ocorrido explosões desse furor recalcado ou comprimido em tempos normais. Silvio Romero chegou a criticar-nos pela ingenuidade com que "damos o pomposo nome de revoluções liberais" a "assanhamentos desordeiros". O caráter, antes de choque de culturas desiguais, ou antagônicas, do que cívico ou político, desses movimentos, parece não ter escapado ao arguto observador: "os elementos selvagens ou bárbaros que repousam no fundo étnico de nossa nacionalidade, vieram livremente à tona, alçaram o colo e prolongaram a anarquia, a desordem espontânea", escreve ele,<sup>154</sup> referindo-se às balaiadas, sabinadas, cabanadas, que têm agitado o Brasil. Poderia talvez estender-se



a caracterizaçãõ aos mata-mata-marinheiro, quebra-quilos, farrapos; quem sabe mesmo se atualizã-la, aplicando-a a movimentos mais recentes, embora animados de um fervor ideolõgico mais intenso do que aqueles? a revoluçãõ pernambucana de 1817 parece-nos permanecer em nossa histõria polõtica "a õnica digna desse nome", da frase de oliveira lima; õ sem dõvida aquela que se revestiu menos do carõter de pura desordem propõcia ao saque, ou menos sofreu da deformaçãõ de fins polõticos ou ideolõgicos. nãõ que a consideremos exclusivamente polõtica, sem raizes econõmicas; o que desejamos acentuar õ que se processou de modo diverso das abriladas, com um programa e uni estilo polõtico definidos. da vinagrada de 1836, no parõ, escreveu sãlvio romero: "o elemento tapuio, alõou o colo, tripu-diando sobre a vida e a propriedade alheia".

isto sem falarmos em movimentos francamente de revolta de escravos, explosões ou de õdio de raõa ou de classe social e economicamente oprimida - a insurreiçãõ de negros em minas, por exemplo. ou nos c~ terremotos de cultura: culturas oprimidas explodindo para nãõ morrer sufocadas, rompendo a crosta da dominante para respirar, como parece ter sido o movimento de negros na bahia em 1835. a cultura negra maometana contra a portuguesa catõlica.155 estes sãõ movimentos õ parte, de um profundo sentido social, como õ parte õ o de canudos - resultado da diferenciaçãõ de cultura que se operou entre o litoral e o sertãõ. os relapsos em furor selvagem observamo-los em movimentos de fins aparentemente polõticos ou c~vicos, mas na verdade pretexto de regressãõ õ cultura primitiva, recalcatla porõm nãõ destruõda.

õ natural que na noçãõ de propriedade como na de outros valores, morais e materiais, inclusive o da vida humana, seja ainda o brasil um campo de conflito entre antagonismos os mais violentos. no tocante õ propriedade, para nos fixarmos nesse ponto, entre o comunismo do amerõndio e a noçãõ de propriedade privada do europeu. entre o descendente do õndio comunista, quase sem noçãõ de posse individual, e o descendente do portugões particularista que atõ princõpios do sãculo xix viveu, entre alarmes de corsõrios e ladroes, a enterrar dinheiro em botija, a esconder bens e valores em subterrãneos, a cercar-se de muros de pedra e estes, ainda por cima, ouriõados de cacos de vidro contra os gatunos. saint-llilaire, em viagem pelo interior de sãõ paulo nos princõpios do sãculo xix, identificaria como reminiscõncia dos tempos da descoberta - na verdade, expressãõ do conflito que salientamos, entre as duas noções de propriedade - o fato da mercadoria, nas vendas, em

142 v. f.

ffil-11 /i/ , i i i

menina de famõlia patriarcal, dia de primeira-comunhãõ.  
(segundo uma fotografia da segunda metade do sãculo xix.)

i

vez de estar exposta ao público, ser guardada no interior das casas vindo ter os meios do vendei-o por um postigo- interpreta o cientista francês: "precisavam os taverneiros, naturalmente, tomar precauções contra a gulodice dos Índios e a rapacidade dos mamelucos, que em matéria de discriminação do teu e do meu não deviam ter idéias muito mais exatas do que os próprios Índios."156

c.-g- & s. 143

gabriel soares, com a sua sagacidade de homem prático, apresenta os caboclos aqui encontrados em 1500 como -engenhosos para tomarem quanto, lhes ensinam os brancos"; excetuando precisamente aqueles exercícios mnemônicos e de raciocínio e abstração, que os padres da s. j. insistiram, a princípio, em ensinar aos índios em seus colégios; "coisa de conta" ou de "sentido", nas palavras do cronista. ler, contar, escrever, soletrar, rezar em latim. em tais exercícios se revelariam os indígenas sem gosto nenhum de aprender; sendo fácil de imaginar a tristeza que deve ter sido para eles o estudo nos colégios dos padres. tristeza apenas suavizada pelas lições de canto e música; pela representação de milagres e de autos religiosos; pela aprendizagem de um ou outro ofício manual. daí concluir achieta pela "falta de engenho" dos indígenas; o próprio gabriel soares descreve os tupinambé como "muitos bárbaros" de entendimento.

gabriel soares encontrou nos mesmos tupinambé "uma condição muito boa para frades franciscanos": possuem tudo em comum. poderia mencionar outra: a sua queda ou pendor para os ofícios manuais; a sua repugnância pelas muitas letras. o indígena do brasil era precisamente o tipo de neófito ou catecúmeno que uma vez fisgado pelos brilhos da catequese não correspondia à ideologia jesuítica. um entusiasta "da ordem seráfica" poderia sustentar a tese: o missionário ideal para um povo comunista nas tendências e rebelde ao ensino intelectual como o indígena da américa teria sido o franciscano. pelo menos o franciscano em teoria; inimigo do intelectualismo; inimigo do mercantilismo; lúrico na sua simplicidade; amigo das artes manuais e das pequenas indústrias; e quase animista e totemista na sua relação com a natureza, com a vida animal e vegetal.

para são francisco dois grandes males afligiam o mundo cristão do seu tempo: a arrogância dos ricos e a arrogância dos eruditos. diz-se que informado de haver certo doutor parisiense, dos finos, dos sutis, entrado como frade num convento franciscano, teria dito: "estes doutores, meus filhos, serão a destruição da minha vinha." os jesuítas tomaram-se precisamente os doutores da igreja; os seus mais agudos intelectuais. os seus grandes homens de ciência. tornaram-se notáveis pelas suas gramáticas, pelos seus compêndios de retórica, pelos seus relógios, mapas e globos geográficos. e entretanto, como observa freer, "with all their self-confidence they failed; for, unlike the franciscans, their spirit was not the spirit of the coming ages." 158

o seu grande fracasso pode-se afirmar ter sido na América

144 g. f.

ca. no paraguai. no brasil. aos índios do brasil parece que, teria beneficiado mais a orientação do ensino missionário dos franciscanos. estes - 'salienta em sugestivo livro frei zephyrin. engelhardt - onde tiveram o encargo de missões junto a

americanos, orientaram-nas em sentido técnico ou prático. sentido que faltou ao esforço jesuítico no Brasil.

Os franciscanos preocuparam-se acima de tudo em fazer dos índios artífices e técnicos, evitando sobrecarregá-los da "mental exertion which the indians hated more than manual labor". 1159 acrescenta frei Engelhardt sobre o método franciscano de cristianizar os índios: "we do not find that christ directed his apostles to teach reading, writing and arithmetic". ironia que vai, evidentemente, cravar-se nas iniciais S. J. e rebatendo a acusação de que os franciscanos só se teriam preocupado nas suas missões em formar aprendizes, ou técnicos: "they gave the Indians the education which was adapted to their present needs and probable future condition in society." enquanto que os primeiros jesuítas no Brasil quase que se envergonham, através das suas crônicas, do fato de lhes ter sido necessário exercer ofícios mecânicos. seu gosto teria sido se dedicarem por completo a formar letrados e bachareizinhos dos índios. pelo que escreve o padre Simão de Vasconcelos na sua crônica da companhia de Jesus do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos nesta parte do Brasil vê-se que os padres da companhia aqui chegaram sem nenhum propósito de desenvolver entre os caboclos atividades técnicas ou artísticas; e sim as literárias e acadêmicas. tiveram de improvisar-se em artífices; de franciscanizar-se. do que os justifica o padre Simão como de uma fraqueza: "e deste tempo ficou introduzido trabalharem os irmãos em alguns officios mechanicos, e proveitosos a comunidade, por razão da grande pobreza, em que então viviam. nem deve parecer cousa nova, e muito menos indecente, que religiosos se occupem em officios semelhantes; pois nem São José achou que era cousa indigna de um pae de Christo (qual elle era na commun. estimação dos homens); nem São Paulo de um apóstolo do collegio de Jesus, ganhar o que haviam de comer, pelo trabalho de suas mãos, e suor de seu corpo: antes foi exemplo, que imitaram os mais perfeitos religiosos da antiguidade, acostumando, com esta traça, o corpo ao trabalho, e a alma a humildade; chegou a ser regra vinda do céu, que os anjos dictaram a, Pacomio abbade santo". 180 entre os primeiros jesuítas do Brasil parece que só o padre Leonardo trouxera do século o ofício de ferreiro; quase todos os outros, puros acadêmicos ou doutores da espécie que São Francisco de

assis tanto temia, precisaram de improvisar-se em carpinteiros ou sangradores. mas sem gosto nem entusiasmo pelo trabalho manual ou artístico, antes desculpando-se dele pela alegação de imprescindível nas rudes circunstâncias da catequese.

que para os indígenas teria sido melhor o sistema franciscano que o dos jesuítas parece-nos evidente. gabriel soares descreve os tupinambás como tendo "grande destino para saberem logo estes officios", isto é, os de "carpinteiros de machado, serradores, oleiros"; e "para todos'os officios de assucar"; e, ainda para "criarem vaccas"., as mulheres para ---criar gallinhas", "coser e lavar", fazer "obras de agulha", etc.<sup>161</sup>

inserindo-se na vida dos colonizadores como esposas legítimas, concubinas, mães de família, amas-de-leite, cozinheiras, puderam as mulheres exprimir-se em atividades agradáveis ao seu sexo e à sua tendência para a estabilidade. O homem indígena, porém, quase que só encontrou, nos adventícios, senhores de engenho para os fazerem trabalhar na lavoura da cana e padres para os obrigarem a aprender a contar, a ler o a escrever; mais tarde a mourejar nas plantações de mate e de cacau. qualquer dessas atividades impostas ao índio cativo ou ao catecúmeno vinha torcer-lhes ou desviar-lhes a energia em direções as mais repugnantes à sua mentalidade de primitivos;<sup>162</sup> a imposta pelos padres afastando-os do contato, que tanto os atraía aos adventícios, das ferramentas européias, para fixá-los na tristeza dos cadernos e dos exercícios de gramática; e, as outras afetando-os no que é tão profundo nos selvagens quanto nos civilizados - a divisão sexual do trabalho; obrigando-os a uma sedentariedade letal para homens tão andejos; segregando-os;<sup>164</sup> concentrando-os nas plantações ou nas aldeias em grandes massas de gente, por um critério inteiramente estranho a tribos acostumadas à vida comunitária mas em pequenos grupos, e estes exôgamos e totêmicos. quando o que mais convinha a selvagens arrancados ainda tão crus da floresta e sujeitos a condições deletérias de sedentariedade era a lide com as ferramentas européias; um doce trabalho manual que não os extenuasse como o outro, o da enxada, mas preparasse nelas a transição da vida selvagem para a civilizada.

realizar essa transição deveria ter sido a grande, a principal missão dos catequistas. por semelhante processo muito da habilidade manual, da aptidão artística, do talento decorativo, que quase se, perdeu de todo nos indígenas, as do brasil, se teria recolhido e prolongado em novas formas e através de amplos e plásticos recursos de técnica européia. a verdade, porém, é que dominou. as missões jesuíticas um critério, ora exclusi-

146 g. f.

i

vamente religioso, os padres querendo fazer dos caboclos uns doces e melifluos seminaristas; ora principalmente econômico

de se servirem os missionários dos Índios, seus aldeados, para fins mercantis; para enriquecerem, tanto quanto os colonos, na indústria e no comércio de mate, de cacau, de açúcar e de drogas.

campeões da causa dos Índios, deve-se em grande parte aos jesuítas não ter sido. nunca o tratamento dos nativos da América pelos portugueses tão duro nem tão pernicioso como pelos protestantes ingleses. ainda assim os indígenas nesta parte do continente não foram tratados fraternal ou idilicamente pelos invasores, os mesmos jesuítas extenuando-se às vezes em métodos de catequese os mais cruéis. a boca de um deles, e logo do qual, do mais piedoso e santo de todos, José de Anchieta, é que vamos recolher estas uras palavras: "espada e vara de ferro, que é a melhor pregação".165

a melhor atenção do jesuíta no Brasil fixou-se vantajosamente no menino indígena. vantajosamente sob o ponto de vista, que dominava o padre da S.J., de dissolver no selvagem, o mais breve possível, tudo o que fosse valor nativo em conflito sério com a teologia e com a moral da igreja. o eterno critério simplista do missionário que não se apercebe nunca do risco enorme de ser incapaz de reparar ou substituir tudo quanto destrói. ainda hoje se observa o mesmo simplismo nos missionários ingleses na África e em Fiji.186

o culumim, o padre ia arrancá-lo verde e vida selvagem: com dentes apenas de leite para morder a mão intrusa do civilizador; ainda indefinido na moral e vago nas tendências. foi, pode-se dizer, o eixo da atividade missionária: dele o jesuíta fez o homem artificial que quis.

o processo civilizador dos jesuítas consistiu principalmente nesta inversão: no filho educar o pai; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do senhor e dos europeus a gente grande.187

o culumim tomou-se o cúmplice do invasor na obra de tirar a cultura nativa osso por osso, para melhor assimilação da parte mole aos padrões de moral católica e de vida europeia;

e,  
14

litur"

tornou-se o inimigo dos pais, dos pajés, dos maracós, sagrados, das sociedades secretas. do pouco que havia de duro e de viril naquela cultura e capaz de resistir, ainda que fracamente, à compreensão europeia. longe dos padres quererem a destruição da raça indígena: queriam era voltar aos pés do senhor, do nesticado para Jesus. o que não era possível sem antes quebrar-se na cultura moral dos selvagens a sua vértebra e na ma-

terial tudo o que estivesse impregnado de crenças e tabus difíceis de assimilar ao sistema católico. Às vezes os padres procuraram, ou conseguiram, afastar os meninos da cultura nativa, tornando-a ridícula aos seus olhos de catecúmenos: como no caso do feiticeiro referido por Montoya. Conseguiram os missionários que um velho feiticeiro, figura grotesca e troncha, dançasse na presença da meninada: foi um sucesso. Os meninos acharam-no ridículo e perderam o antigo respeito ao bruxo, que daí - em diante teve de contentar-se em servir de cozinheiro dos padres.<sup>168</sup>

A posse do culumim significava a conservação tanto quanto possível, da raça indígena sem a preservação de sua cultura. Quiseram, entretanto, os jesuítas, ir além e num ambiente de estufa - o dos colégios do século xvi ou das missões guaranis - fazer dos indígenas figuras postíças, desligadas não só das tradições morais da cultura nativa mas do próprio meio colonial e das realidades e possibilidades sociais e econômicas desse meio. Foi onde o esforço educativo e civilizador dos jesuítas artificializou-se, não resistindo mais tarde seu sistema de organização dos índios em "aldeias" ou "missões" aos golpes da violenta política antijesuítica do marquês de Pombal.

Mesmo realizada artificialmente, a civilização dos indígenas do Brasil foi obra quase exclusiva dos padres da Companhia; resultado de esforço seu a cristianização, embora superficial e pela crosta, de grande número de caboclos.

Essa cristianização, repetimos, processou-se através do menino índio, do culumim, de quem foi grande o valor na formação social de um Brasil diverso das colônias portuguesas na África; orientado em sentido oposto ao das feitorias africanas. Joaquim Nabuco, apologeta, como Eduardo Prado, do esforço jesuítico, ou antes, católico, no Brasil, pouco exagera quando afirma: "seria os jesuítas a nossa história colonial não seria outra coisa senão uma cadeia de atrocidades sem nome, de massacres como os das reduções; o país seria cortado de estradas, como as que iam do coração da África aos mercados das costas, por onde se passavam as longas filas de escravos."<sup>169</sup>

No Brasil o padre serviu-se principalmente do culumim, para recolher de sua boca o material com que formou a língua tupi-guarani - o instrumento mais poderoso de intercomunicação entre as duas culturas: a do invasor e a da raça conquistada. Não somente de intercomunicação moral como comercial e material. Língua que seria, com toda a sua artificialidade, uma das bases mais sólidas da unidade do Brasil. Desde logo,

1~

e pela pressão do formidável imperialismo religioso do missio-

148 g. i.

nário jesuíta, pela sua tendência para uniformizar e estandarizar valores morais e materiais,<sup>170</sup> o tupi-guarani aproximou entre si tribos e povos indígenas, diversos e distantes em cul-

tura, e até inimigos de guerra, para, em seguida, aproximá-los todos do colonizador europeu. foi a língua, essa que se formou da colaboração do culumim com o padre, das primeiras relações sociais e de comércio entre as duas raças, podendo-se afirmar do povo invasor que adotou para o gásto ou o uso corrente a fala do povo conquistado, reservando a sua para uso i-stricto e oficial. . quando mais tarde o idioma português - sempre o oficial - predominou sobre o tupi, tornando-se, ao lado deste, língua popular, já o colonizador estava impregnado de agreste influência indígena; já q seu português perdera o ranço ou a di reza -se num português sem rr

Intili-ó r inol; amolecera

1, (

nem ss; infanti ara- quase, em fala de menino, sob a influência do- ensino jes útico de colaboração com os culumins.

ficou-nos, entretanto, dessa primeira dualidade de línguas, a dos senhores e a dos nativos, uma de luxo, oficial, outra popular, para o gásto - dualidade que durou seguramente século e ineio e que prolongou-se depois, com outro caráter, no antagonismo entre a fala dos brancos das, casas-grandes e a dos negros das senzalas - um vício, em nosso idioma, que só hoje, e através dos romancistas e poetas mais novos, vai sendo corrigido ou atenuado: o vício enorme entre a língua escrita e a língua falada. entre o português dos bacharéis, dos padres e dos doutores, quase sempre propensos ao purismo, ao preciosismo e ao classicismo, e o português do povo, do ex-escravo, do menino, do analfabeto, do matuto, do sertanejo. O deste ainda muito cheio de expressões indígenas.. como o do ex-escravo ainda quente da influência africana.

é que a conquista dos sertões realizou-se no período de influência ou predominância do tupi como língua popular. "as levas, que partiam do litoral, a fazerem descobrimentos", escreve teodoro sampaio, "falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam as novas descobertas, os rios, as montanhas, os próprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colônias, espalhadas nos , sertões, falando também o tupi e encarre-

1

5,

gando-se naturalmente de difundi-lo. 91171

tupis ficaram no brasil os nomes de quase todos \*os animais e pássaros; de quase todos os rios; de muitas das montanhas; de vários dos utensílios domésticos. escrevia no século xvii o padre antônio vieira (que tanto se preocupou com os problemas das relações entre colonos e indígenas): 'trimeiramente he certo que as famílias dos portugueses e índios em são

c.-a. & 3. 1 4q



i,

paulo, estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres, e os filhos, se criam misturados e domesticamente, e a língua, que nas ditas famílias se fala, he a dos indios, e a portuguesa a vão os meninos aprender na escola; e destituir esta tão natural, ou. tão naturalizada unido seria genero de crueldade entre os que assim se criam, e ha muitos annos vivem. digo, pois, que todos os indios, e indias, que tiverem tal amor a seus chamados senhores, que queiram ficar com elles por sua vontade, o possam fazer sem outra alguma obrigação mais que a do dito -amor, que he o mais doce captiveiro, e a liberdade mais livre. 11172

enquanto nas casas de família criavam-se "misturados" portugueses e indios, predominando nessas relações domesticas a língua dos escravos ou semi-escravos, nas escolas missionarias a língua dos indigenas era ensinada e cultivada ao lado da dos brancos e da latina, da igreja; e nos pulpitos os pregadores e evangelistas serviam-se do tupi. "falavam os padres a língua dos aborígenes", informa teodoro sampaio, "escreviam-)he a gramática e o vocabulário, e ensinavam e pregavam nesse idioma. nos seminários para meninos e meninas, curumins e cunhatins, filhos dos indios, mestiços, ou brancos, ensinavam, de ordinário, o português e o tupi, preparando deste modo os primeiros catecúmenos, os mais idoneos, para levar a conversão ao lar paterno.19173

do menino indígena, já o dissemos, os padres recolheram o material para a organização da "língua tupi": esta resultou do intercurso intelectual entre catequista e catecúmeno. pela mulher transmitiu-se da cultura indígena e brasileira o melhor que hoje nos resta dos valores materiais dos ameríndios; pelo menino veio-nos a maior parte de elementos morais incorporados à nossa cultura: o conhecimento da língua, o de vários medos e abusos, o de diversos jogos e danças recreativas.

O padre simão de vasconcelos esclarece-nos sobre o sistema de intercurso intelectual adotado pelos jesuítas com relação ao culumim. Assim que de anchieta nos informa: "no mesmo tempo era mestre & era discipulo"; e dos culumins: "lhes serviam de discipulos & mestres"; sucedendo que o padre & na mesma classe falando latim alcançou da fala dos que o ouviam a maior parte da língua do brasil".174

noutra esfera foram os culumins mestres: mestres dos próprios pais, dos seus maiores, da sua gente. aliados dos missionários contra os pajés na obra de cristianização do gentio. dos primeiros culumins internados pelos jesuítas nos seus colégios diz o referido padre simão: "espalhavam-se a noite pelas ca-

1710 a. f.

zas de seus parentes a cantar as cantigas pias de ioseph em sua propria língua contrapostas às que elles costumavam cantar vaas

-& gentílicas; & vinham a ser mestres os que ainda eram discípulos [ .... 1 ". 175

e varnhagen comenta a emulação provocada entre o gentio pelos jesuítas com as suas procissões de culumins cristianizados: "feitos acólitos os primeiros piôs mansos, todos os mais caboclinhos lhes tinham inveja, do que aproveitavam os jesuítas, entrando com eles pelas aldeias em procissões de cruz alçada, entoando a ladainha, cantando rezas e arrebanhando muitos; com o que se honravam às vezes os pais."176 procissão que .0

o padre amêric nov is, baseado em southey, evoca em cores ainda mais vivas: nipi os e adolescentes vestidos de branco, uns com afafes de flore , outros com vasos de perfume, outros com turibulos de incenso, todos louvando jesus triunfante entre repiques de sino e rancos de artilharia.177 eram as futuras festas de igreja, tão brasileiras, com incenso, folha de canela, flores, cantos sacros, banda de música, foguete, repique de sino, vivas a jesus cristo, esboçando-se nessas procissões de culumins. era o cristianismo, que já nos vinha de portugal cheio de sobrevivências pagãs, aqui se enriquecendo de notas berrantes e sensuais para seduzir o índio. nobrega chegava a ser de opinião que pela música conseguiria trazer ao grêmio católico tudo quanto fosse índio nu das florestas da américa; e pelo impulso que deu à música tornou-se - diz varnhagen - "quase um segundo orfeu".17"

de música inundou-se a vida dos catecúmenos. os culumins acordavam de manhã cedo cantando. bendizendo os nomes de jesus e da virgem maria: "dizendo os de hil coro: bendito & louvado seja o santissimo nome de lesu & respondendo os do outro, & o da bem aventurada virgem maria para sempre, amen". e-todos juntos em grave latim de igreja: "gloria patri & filio & spiritui sancto, amen".179

mas esses louvores a jesus e à Virgem não se limitavam à expressão portuguesa ou latina: transbordavam no tupi. ao toque da ave-maria quase toda a gente dizia em voz alta, fazendo o pe!o-sinal: santa caruúú rangana recú; para então repetir ~ic,

cada um na sua língua a oração da tarde. e era em tupi que as pessoas se saudavam: enecoema; que quer dizer bom-dia.', "0

a poesia e a música brasileiras surgiram desse conluio de culumins e padres. quando mais tarde apareceu a modinha, foi guardando ainda certa gravidade de latim de igreja, uma doçura piedosa e sentimental de sacristia a alocar-lhe o erotismo, um misticismo de colégio de padre a dissimular-lhe a lascívia

já mais africana do que ameríndia. verificara-se, porém, desde o primeiro século a contemporização habil do estilo religioso ou católico de ladainha com as formas de canto indígena. "na poesia lírica brasileira do tempo da colonização% nota jost antônio de freitas, "os jesuítas [ .... ] ensaiavam as formas que mais se assemelhavam aos cantos dos tupinambós, com voltas e refrões, para assim atraírem e converterem os indígenas à fé católica." e acrescenta: "numa época em que os cantos populares eram proibidos pela igreja, numa época em que o sentimento poético das multidões estava completamente sufocado e atrofiado, o colono, para dar expansão à saudade que lhe ia na alma, não deixava de repetir aqueles cantares, que os jesuítas autorizavam. 11181 graças ao imperador dom pedro ii, que obteve, em roma, cópia das quadras escritas pelos jesuítas para os meninos dos seus colégios e missões no brasil, conhece-se hoje a seguinte, publicada por taunay:

ó virgem maria  
tupan ey ótí  
aba pe ara pora  
oicó endó yabó.

que traduzida quer dizer o seguinte, diz taunay: "ó Vir-  
bem maria, mãe de deus verdadeira, os homens deste mundo  
estão bem convosco."182

6-os jesuítas", escreve couto de magalhães, "não coligiram  
literatura dos aborígenes, mas serviram-se de sua música e de  
suas danças religiosas para atraí-los ao cristianismo [ .... 1. as  
toadas profundamente melancólicas dessas músicas e a dança  
foram adaptadas pelos jesuítas, com profundo conhecimento que  
tinham do coração humano, para as festas do divino espírito  
santo, são gonçalo, santa cruz, são joão e senhora da con-  
ceição.11183

um outro traço simpótico, nas primeiras relações dos je-  
suítas com os culumins, para quem aprecie a obra missionária,  
não com olhos devotos de apologeta ou sectário da companhia  
mas sob o ponto de vista brasileiro da confraternização das ra-  
ças: a igualdade em que parece terem eles educado, nos seus  
colégios dos séculos xvi e xvii, índios e filhos de portugue-  
ses, europeus e mestiços, caboclos arrancados às tabas e meni-  
nos órfãos vindos de lisboa. as crônicas não indicam nenhuma  
discriminação ou segregação inspirada por preconceito de  
cor ou de raça contra os índios; o regime que os padres ado-  
taram parece ter sido o de fraternal mistura dos alunos. o co-  
légio estabelecido por ncrega na bahia de Varnhagen como

152 g. f.

frequentado por filhos de colonos, meninos órfãos vindos de  
vida nos colégios  
dos padres um processo de co-educação das duas raças - a

conquistadora e a conquistada: um processo de reciprocidade cultural entre os filhos da terra e meninos do reino. terão sido os pontos de tais colégios um ponto de encontro e de amalgamento de tradições indígenas com as europeias; de intercâmbio, de brinquedos; de formação de palavras, jogos e superstições mestiças. O bodolu de caçar passarinho, dos meninos

e i

borra- Índios, o papagaio de pel, dos portugueses, a bola de

cha, as danças, etc., terão a' se encontrado, misturando-se. a carrapeta - forma brasileira de, pião - deve ter resultado desse intercâmbio infantil. também a gaita de canudo de mamão e talvez certos brinquedos com quenga de coco e castanha de caju.

A pena que posteriormente, ou por deliberada orientação missionária, ou sob a pressão irresistível das circunstâncias, os padres tivessem adotado o processo de rigorosa segregação dos indígenas em aldeias ou missões. justificam-no os apologetas: a segregação teria visado unicamente subtrair os indígenas "a ação desmoralizadora dos relaxados cristãos".185 mas a vida popula-

lisboa e piões da terra.184 terão sido assim a

dade que, segregando os missionários aos catecúmenos social, o que sucedeu foi se artificializarem estes numa parte da colonial; estranha às suas necessidades, aos seus interesses e aspirações; paralisada em crianças grandes; homens e mulheres incapazes de vida autônoma e de desenvolvimento normal. e nem sempre conservaram-se os padres da s. l, transformados em donos de homens, fiéis aos ideais, dos primeiros missionários; muitos resvalaram para o mercantilismo em que os viria surpreender a violência do marquês de pombal.

decorrido o período que pires de almeida considera heróico da atividade jesuítica no brasil, várias missões se faltaram tornar-se armazéns de exportação, negociando com açúcar e com drogas, mas principalmente com mate, no sul, e com cacau, no norte. isso em prejuízo da cultura moral e mesmo religiosa dos indígenas, reduzidos agora a puro instrumento do mercantilismo dos padres. O general arouche, nomeado em 1798 diretor-geral das aldeias dos Índios, no brasil, acusaria os missionários - tanto os jesuítas como os franciscanos - "de promover o casamento de Índios com pretas e pretos, batizando os filhos como servos".186 os padres teriam se deixado escorregar para as delícias do escravagismo ao mesmo tempo

eles bons por

tugueses e talvez até bons semitas, cuja tradicional tendência

que para os prazeres do comércio não fossem

e-g. & s. 15j

para a mercancia não se modificara sob a roupeta de jesuíta nem com os votos de pobreza serfica.

acresce que, fugindo não só à sedentariedade da segregação como às violências civilizadoras, praticadas nas próprias aldeias de missionários,187 muitos dos indígenas cristianizados deram para ganhar o mato, "sem se lembrarem" diz arouche, "das mulheres e filhos que deixaram [ .... 1."188 situação que mais se aguçou quando, desmontada a possante máquina de civilização dos jesuítas, os índios se encontraram, por um lado presos, pela moral que lhes fora imposta, à obrigação de sustentar mulher e filhos, por outro lado em condições econômicas de não se poderem manter nem a si próprios. ao contrário: ~retendeu-se sistematizar de tal modo a exploração do trabalhador indígena em benefício dos brancos e da igreja, que de um salário de 100 réis por dia apenas recebia o índio aldeado para se sustentar a si, mulher e filhos a miserável quantia de 33 réis.189 ocorreu então a dissolução de muita família cristã, de caboclo pela falta de base ou apoio econômico: aumentando dentro de tais circunstâncias a mortalidade infantil (dada a miséria a que ficaram reduzidos numerosos lares cristãos, artificialmente organizados) e diminuindo a natalidade, não só pela ---falta de propagação", como pelos abortos praticados, na ausência de maridos e pais, por mulheres já eivadas de escrupulos cristãos de adultério e de virgindade.190 por onde se vê que o sistema jesuítico de catequese e civilização impondo uma nova moral de família aos indígenas sem antes lançar uma permanente base econômica, fez trabalho artificial, incapaz de sobreviver ao ambiente de estufa das missões; e concorreu poderosamente para a degradação da raça que pretendeu salvar. para o despovoamento do brasil de sua gente autóctone.

esse despovoamento, os processos de simples captura dos indígenas, e não. já de segregação e de trabalho, forçado ou ~xcessivo, nas fazendas e nas missões, precipitaram de maneira infernal. eram processos que se faziam acompanhar de grande desperdício de gente: talvez maior que na captura e transporte de africanos. quando as expedições de captura eram bem sucedidas, informa joão lúcio de azevedo, referindo-se às realizadas no amazonas para suprir de escravos, ou "administrados", as fazendas do maranhão e do pará, que "chegava somente a metade: imagine-se o que seria nas outras".191 e recorda o historiador estas palavras de vieira: "por mais que sejam os escravos que se fazem, mais são sempre os que morrem." "para isso concorria", explica joão lúcio, "o trabalho das fazendas, sobretudo a cultura de cana-de-açúcar e de taba-

154 g. f.

co, tarefa em demasia pesada aos índios mal habituados à continuidade dos serviços penosos. além das doenças que estas raças inferiores sempre adquirem ao contato dos `brancos, os maus tratos que recebiam eram outras tantas causas de moléstia e

morte, não obstante a isso as leis repressivas repetidamente promulgadas. dos tormentos a que os sujeitavam basta lembrar que era corrente marcarem-se os cativos com ferro em brasa, para os distinguir dos forros, e t b' para serem reconhecidos pelos donos."192

causa de muito despo: e irto 193 foram ainda as guerras de repressão ou de castigo levadas a efeito pelos portugueses contra os Índios, com evidente superioridade técnica. superioridade que os triunfadores não raras vezes ostentaram contra os vencidos, inandando amarrá-los à boca de peças de artilharia que, disparando, "semeavam a grandes distâncias os membros dilacerados"; 194 ou infligindo-lhes suplícios adaptados dos clássicos às condições agrestes da América. um desses o de tulo hostilidade, de prender-se o paciente a dois fogosos cavalos, logo soltos em rumos opostos. esse horrível suplício foi substituído no extremo-norte do Brasil pelo de amarrar-se o Índio a duas canoas, correndo estas, à força de remos, em direções contrárias até partir-se em dois o corpo do supliciado.195 no Maranhão e no Pará 196 as crueldades contra os indígenas não foram menores do que as exercidas no sul pelos paulistas: estes chegavam a incumbir-se de "guerras contra os Índios-como de uma especialização macabra. 197 o resgate, ou fosse a venda de Índios, capturados e trazidos dos sertões às fazendas em condições tais que só chegava a metade ou a terça parte, praticava-o o próprio governo em benefício da construção de igrejas. 198

dos efeitos da escravidão do Índio no Maranhão informa João Lúcio de Azevedo: "absolutamente entregues [os colonos] à exploração do Índio, nada sabiam nem podiam fazer, senão por ele e com ele." 199 isto no segundo século de colonização. fora a mesma coisa no primeiro. o senhor de engenho, parasita do Índio. o funcionário reinol, parasita do senhor de engenho. os dois desadorados na "conjugação do verbo rapio",

ine

nnl  
~v dl  
,v d;

de que falaria o pregador no seu célebre sermão na misericórdia. tudo se processou através do escravo ou do "administrado---, cujo braço possante era "a só riqueza, o único objeto a que tendiam as ambições dos colonizadores". 200 até que essa riqueza se foi corrompendo sob os efeitos dissonantes do novo regime de vida. o trabalho sedentário e contínuo, as doenças adquiridas ao contato dos brancos, ou pela adoção, forçada ou

espontânea, dos seus costumes a sífilis, a bexiga, a disenteria, os catarros foram dando cabo dos Índios: do seu sangue, da sua vitalidade, da sua energia.

de São Paulo refere um documento de 1585: "vay esta terra em tanta diminuição, que já não se acha mantimento a corfiptar, cousa que nunca ouve até agora, e isto tudo por causa de os moradores não terem escravidão com que plantar e beneficiar suas fazendas." É que "pelos anos de 1580, terrível epidemia disentérica matara milhares de Índios cativos .... ] mais de duas mil peças de escravos [ .... ] 11.201

as doenças novas, foram-nas os Índios atribuindo, e não sem certa razão, aos jesuítas. em certos lugares, é aproximado dos padres, queimavam pimenta e sal para esconjurá-los.202 tudo inútil, porém. O sistema escravocrata por um lado, e o missionário por outro, continuariam a sua obra de devastação da raça nativa, embora mais lenta e menos cruel do que na América espanhola ou na inglesa. e com aspectos criadores que se opõem aos destruidores.

a tendência, a quase diferenciada biológica do português em escravocrata - diferenciada que Keller comparou de certas formigas estudadas por Darwin<sup>203</sup> - achou no Índio da América presa fácil. O número de Índios possuídos pelo colono, quer sob o nome de "peças", quer sob a dissimulação de "administrados", tornou-se o índice do poder ou da importância social de cada um; tornou-se o capital de instalação do colono na terra (sendo o valor desta secundário). ao mesmo tempo cada "peça" em si era como se fosse gênero ou moeda; pagando-se dívidas e adquirindo-se mantimentos com escravos ou "resgate".<sup>204</sup> moedas cor de cobre depois substituídas pelas 'peças de guiné'; na realidade moedas de carne, todas elas, que por facilmente se corromperem ou puem no gasto constituam um capital incerto e instável. de modo que a política econômica era natural que fosse a de sofreguidão por escravos, por Índios, por homens que se pudessem trocar como moedas; que se renovassem é proporcional que a velhice, a doença e a invalidez exercessem sua ação devastadora sobre carne tão fraca, fazendo as vezes dos mais fortes metais. "a gente que de vinte annos a esta parte [1583] é gastada nesta bahia", informa um jesuíta citado por Taunay<sup>205</sup> "parece cousa que se não pode crer; porque nunca ninguém cuidou que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo." gasta em trabalho; em abusos; em serviço de transporte; gasta em passar como cousa ou besta das mãos de um a outro senhor. referindo-se já à fase de transição do escravo da terra para o da guiné (que,

156 g. f.

veremos mais adiante, foi quem acabou suportando quase sozinho, sem ajuda do Índio, a dureza do trabalho agrícola e das minas) escreveu o padre Cardim que os senhores de engenho viviam endividados pelo fato de lhes morrerem "muitos esca-

vosii.206 O trabalho agrícola mais devastador era, talvez, o da lavoura da cana.

que os escravos Índios, como depois os africanos, foram, no Brasil dos primeiros tempos o capital de instalação dos -gados aqui em recurso nenhum, mes brancos, muitas vezes che se

s

se

mo modesto, indicam-no as palavras -e gandavo: "si uma pessoa chega na terra e alcança dois' delles (ainda que outra coisa não tenha de seu) logo tem remedio, para poder honradamente sustentar sua familia: porque um lhe pesca, outro lhe caça, os outros lhe. cultivam e granjeiam suas roças, e desta maneira não fazem os homens despesa em mantimentos, nem com elles, nem com suas pessoas. Il 207 e o padre nobrega informa ainda mais claro: "os homens que aqui vem, não acham outro modo de viver sino do trabalhos dos escravos que pescão e vão buscar-lhes os alimentos, e tanto os domina a preguiça e são dados às cousas sensuaes e vicios diversos que nem curão de estar excomniungados possuindo os ditos escravos." 208

enquanto o esforço exigido pelo colono do escravo Índio foi o de abater árvores, transportar os toros aos navios, granjear mantimentos, caçar, pescar, defender os senhores contra os selvagens inimigos e corsários estrangeiros, guiar os exploradores através do mato virgem - o indígena foi dando conta do trabalho servil. já não era o mesmo selvagem livre de antes da , colonização portuguesa; mas esta ainda não o arrancara pela raiz do seu meio físico e do seu ambiente moral; dos seus interesses primários, elementares, hedônicos; aqueles sem os quais a vida se esvaziaria para eles de todos os gostos estimulantes e bons: a caça, a pesca, a guerra, o contato místico e como que esportivo com as águas, a mata, os animais. esse desenraizamento viria com a colonização agrícola, isto é, a latifundiária; com a monocultura, representada principalmente pelo açúcar. O açúcar matou o Índio. para livrar o indígena da tirania do engenho e que o missionário o segregou em aldeias. outro processo, embora menos violento e mais sutil, de extermínio da raça indígena no Brasil: a sua preservação em salmoura, mas não já a sua vida própria e autônoma.

Os exigências do novo regime de trabalho, o agrícola, o Índio não correspondeu, envolvendo-se numa tristeza de introvertido. foi preciso substituí-lo pela energia moça, tesa, vigorosa do negro, este um verdadeiro contraste com o selvagem americano



pela sua extroversão, o e vivacidade. não que o português aqui tivesse deparado em 1500 com uma raça de gente fraca e mole, incapaz de maior esforço que o de caçar passarinho com arco e flecha e atravessar a nado lagoas e rios fundos: os depoimentos dos primeiros cronistas são todos em sentido contrário. Lory salienta nos indígenas seu grande vigor físico abatendo a machado árvores enormes e transportando-as aos navios franceses sobre o dorso nu.209 gabriel soares descreve-os. como indivíduos "bem feitos e bem dispostos";210 cardini destaca-lhes a ligeireza e a resistência nas longas caminhadas a pé;211 e o português que primeiro os surpreendeu, ingenuos e nus, nas praias descobertas por pedrolvares, fala com entusiasmo. da robustez, da saúde e da beleza desses "como aves ou alimareas montezes": "por que hos corpos seus sam tam limpos, e tam gordos, e tam fremosos, que nem pode mais ser [ .... ]". robustez e saúde que não esquece de associar ao sistema de vida e de alimentação seguido pelos selvagens: ao "ar" - isto é, ao ar livre

"a que se criam"; e ao "inhame, que aquy haa muyto .... ]". "elles nom lauram, nem criam, nem haa aquy boy, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimarea, que costumada seja aho viver do & horneens; nem comem senorn dese inhame, que aquy haa muyto, e desa semente, e fruitos, que ha terra, e has arvores de sy lançam: e com isto andam taaes, e tam rijos, e tam nedeos, que ho nom somonos tanto com quanto trigo, e legumes comemos." 212

. se índios de tão boa aparência de saúde fracassaram, uma vez incorporados ao sistema econômico do colonizador e que foi para eles demasiado brusca a passagem do nomadismo e sedentariedade; da atividade esporádica e contínua; e que neles se alterou desastrosamente o metabolismo ao novo ritmo de vida econômica e de esforço físico. nem o tal inhame nem os tais frutos da terra bastariam agora e alimentação do selvagem submetido ao trabalho escravo nas plantações de cana. O resultado foi evidenciar-se o índio no labor agrícola o trabalhador banzeiro e moleiro aue teve de ser substituído pelo negro. este, vindo de um estódio, de cultura superior ao do americano, corresponderia melhor às necessidades brasileiras de intenso e contínuo esforço físico. esforço agrícola, sedentário. mas era outro homem.- homem agrícola. outro, seu regime de alimentação, que, aliás, pouca alteração sofreria no brasil, transplantadas para cá muitas das plantas alimentares da África: o. feijão, a banana, o quiabo; e transportados das ilhas portuguesas do atlântico para a colônia americana o boi, o carneiro, a cabra, a cana-de-açúcar.

158 g. f.

do indígena se salvaria a parte por assim dizer feminina de sua cultura. esta aliás, quase que era só feminina na sua organização técnica, mais complexa, o homem limitando-se a caçar, a pescar, a remar e a fazer a guerra. atividades de

valor, mas de valor secundário para a nova organização econômica - a agrícola - estabelecida pelos portugueses em terras da América. O sistema português do que precisava fundamentalmente, era do trabalhador de enxada para as plantações de cana. trabalhador fixo, sólido, pé-de-boi.

entre culturas de interesses e tendências tão antagônicas era natural que o contato se verificasse com vantagem para ambas. apenas um conjunto especialíssimo de circunstâncias impediu, no caso do Brasil, que europeus e indígenas se extremassem em inimigos de morte, antes se aproximassem como marido e mulher, como mestre e discípulo, daí resultando uma degradação de cultura por processos mais sutis e em ritmo mais lento do que noutras partes do continente.

goldenweiser aponta para o destino dos mongóis submetidos pelos russos; dos ameríndios, dos nativos da Austrália, da Melanésia, da Polinésia e da África, sempre o mesmo drama: as culturas atrasadas desintegrando-se sob o jugo ou a pressão das adiantadas. e o que mata esses povos primitivos é perderem quase a vontade de viver, "o interesse pelos seus próprios valores" - diz goldenweiser, uma vez alterado o seu ambiente; quebrado o equilíbrio de sua vida pelo civilizado. dos primitivos da Melanésia já escrevera w. h. r. rivers que estavam "dying from lack of interest".<sup>214</sup> morrendo de desinteresse pela vida. morrendo de banzo. ou chegando mesmo a se matar, como aqueles índios que gabriel. soares observou irem definhando e inchando: o diabo lhes aparecia e mandava que comessem terra até morrerem.

ainda assim o Brasil é dos países americanos onde mais se tem salvo da cultura e dos valores nativos. O imperialismo português - o religioso dos padres, o econômico dos colonos - se desde o primeiro contato com a cultura indígena feriu-a de morte, não foi para abatê-la de repente, com a mesma fúria dos ingleses na América do Norte. deu-lhe tempo de perpetuar-se em várias sobrevivências íteis.

sem que no Brasil se verifique perfeita intercomunicação entre seus extremos de cultura - ainda antagônicas e por vezes até explosivos, chocando-se em conflitos intensamente dramáticos como o de canudos - ainda assim podemos nos felicitar de um ajustamento de tradições e de tendências raro entre povos

i

i

velha casa-grande em ruínas, perto do recife. (segundo uma  
fotografia de josé Maria c. de albuquerque e melo.)

formados nas mesmas circunstâncias imperialistas de coloniza-  
ção moderna dos trópicos.

a verdade é que no brasil, ao contrário do que se observa  
noutros países da américa e da áfrica de recente colonização  
européia, a cultura primitiva - tanto a ameríndia como a afri-  
cana - não se vem isolando em bolões duros, secos, indigestos,  
inassimiláveis ao sistema social do europeu. muito menos estrati-  
ficando-se em arcaísmos e curiosidades etnográficas. faz-se  
sentir na presença viva, útil, ativa, e não apenas pitoresca, de  
elementos com atuação criadora no desenvolvimento nacional.  
nem as relações sociais entre as duas raças, a conquistadora  
e a indígena, aguçaram-se nunca na antipatia ou no ódio cujo  
ranger, de tão adstringente, chega-nos aos ouvidos de todos os  
países de colonização anglo-saxônica e protestante. suavizou-as  
aqui o óleo lubrificante da profunda miscigenação, quer a livre e  
danada, quer a regular e cristã sob a bênção dos padres e pelo  
incitamento da igreja e do estado.

nossas instituições sociais tanto quanto nossa cultura ma-  
terial deixaram-se alagar de influência ameríndia, como mais  
tarde da africana, da qual se contaminaria o próprio direito:  
não diretamente, é certo, mas sutil e indiretamente. nossa

160 g. f.

"benignidade jurídica" já a interpretou clóvis beviláqua como  
reflexo da influência africana.<sup>215</sup> certa suavidade brasileira na  
punição do crime de furto talvez reflita particular contempori-  
zação do europeu com o ameríndio, quase insensível é no  
desse crime em virtude do regime comunista ou meio comunista  
de sua vida e economia.<sup>216</sup>

vários são os complexos característicos da moderna cultura  
brasileira, de origem pura ou nitidamente ameríndia: o da rede,  
o da mandioca, o do banho de rio, o do caju, o do "bicho", o  
da "coivara", o da "igara", o do "moquém", o da tartaruga,  
o do bodoque, o do óleo de coco-bravo o da "casa do ca-  
boclo", o do milho, o de descansa-ou defecar de cocoras,  
el

ela.

o do cabaço para cuia de farinha, ga ela, coco de beber água,  
etc.. outros, de origem principalmente indígena: o do pé des-  
calço,<sup>217</sup> o da "muqueca", o da cor encarnada, o da pimenta,  
etc. isto sem falarmos no tabaco e na bola de borracha, de uso  
universal, e de origem ameríndia, provavelmente brasileira.

no costume, ainda muito brasileiro, muito do interior e

dos sertões, de não aparecerem as mulheres e os meninos aos estranhos, nota-se também influência da cultura americana; da crença, salientada por Karsten<sup>218</sup> de serem as mulheres e os meninos mais expostos que os homens aos espíritos malignos. entre caboclos do Amazonas, Gastão Cruls observou o fato de  
mulheres e crianças serem sempre postas "ao abrigo do olhar estrangeiro" (11). -w

notas ao capítulo II

1. Ruediger Belden, "Race Relations in Latin America with special reference to the development of indigenous culture", Institute of Public Affairs, University of Virginia, 1931. sobre o assunto - condições de contato entre raças e culturas diferentes em geral ou na América em particular - vejam-se também: Francisco Maldonado Guevara, "El primer contacto de blancos y gentes de color en América", Valladolid, 1924; William C. MacLeod, "The American Indian Frontier", Nova Iorque-Londres, 1928; Fair Edward Mumz, "Race Contact", Nova Iorque, 1927; Nathaniel S. Shaler, "The Neighbor: The Natural History of Human Contacts", Boston, 1904; Melville J. Herskovits, "Acculturation", Nova Iorque, 1938; Arra Ramos, "Introdução à Antropologia Brasileira", Rio, 1943, especialmente o capítulo dedicado ao indígena.
2. Ruediger Belden, loc. cit.
3. Ruediger Belden, loc. cit.
4. Alfredo de Carvalho, "O Zoobibliôn de Zacarias Wagner", revista do Inst. Arq. Hist. Geog. Pernambucano, tomo XI, 1904.
5. Paulo Prado, op. cit.
6. Capistrano de Abreu, "Capítulos de História Colonial", Rio, 1928.

c.-g. & s. 161

7. manuel bonfim, O Brasil na América, cit.
  8. robert southey, history of brazil, londres, 1810-1819.
  9. miúda, considerada nos seus recursos económicos; foi o elemento que deu a São Paulo, como verificou alfredo ellis júnior, as grandes figuras do bandeirismo (ellis, op. cit.)
  10. carta a laynes, apud paulo prado, retrato do brasil, cit.
  11. gabriel soares de souza, tratado descritivo do brasil em 1587, ed. de f. a. vm-gen, revista do inst. hist. geog. bras., tomo xiv, pág. 342.
  12. "les indiens, qui excellent dans la navigation des fleuves, redoutent la pleine mer et la vie des champs leur est fatale par le contraste de la discipline avec la vie nomade des forêts" (sigaud, op. cit.)
- em prefácio à edição brasileira do trabalho do professor alexander niarchant, publicado entre nós com o título do escambo e Escravidão (São Paulo), diz o tradutor dessa valiosa obra, o sr. carlos lacerda, que "nenhum dos nossos historiadores tivera até agora oportunidade de estudar, destacando-o do conjunto dos problemas da história colonial, o caso específico das relações entre os índios e os colonos portugueses, vale dizer, o papel do índio na formação econômica do Brasil colonial".
- entretanto, o presente capítulo de um estudo, ou tentativa de estudo, da formação social do Brasil - que considerada sob o mais amplo critério de formação social, inclui a econômica, não se limitando porém a esse aspecto o desenvolvimento da sociedade que aqui se formou, biologicamente pela miscigenação, economicamente pela técnica escravocrata de produção e sociologicamente pela interpenetração de culturas - talvez possa ser considerado um pequeno esforço no sentido da caracterização do papel do índio no desenvolvimento brasileiro. críticos menos rigorosos que o sr. carlos lacerda assim o consideraram, entre outros, mestres especializados no assunto como os srs. a. métraux, roquette-pinto, carlos estêvão (por algum tempo diretor do museu goeldi) e gastão cruls e a sr.ª heloisa alberto torres.
- dentre os estudos sobre as relações de portugueses e outros europeus com populações e culturas ameríndias, particularmente com as da área ou áreas hoje ocupadas pelo Brasil, e sobre a situação do ameríndio nas novas combinações de sociedade e de cultura. inclusive de organização econômica, formadas no continente americano. destacam-se pelo seu interesse sociológico histórico-social, os seguintes: francisco maldonado de guevara, el primer contacto de blancos y gentes de color en América, Valladolid, 1924; w. c. mac leod, the american indian frontier, nova iorque-londres, 1928; herbert l. priestley, the coming of the white man, 1492-1848, nova iorque, 1929; jerônimo becker, la política española en las indias, Madrid, 1920; paul s. taylor, an american-mexican frontier, chapel hill, 1934; robert redfield, tepoztlán, Chicago, 1930; e. nordenskiöld, modifications in indian culture through inventions and loans, gotemburgo, 1930; p. a. means, democracy and continuation, Boston, 1918; pablo hernandez, organización Social de las doctrinas guaraníes de la compañía de jesuitas, Barcelona, 1913; guillermo nuñez vésquez, "la conquista de los indios americanos por los primeros misioneros", biblioteca hispana missionum, Barcelona, 1930.
- sobre o assunto, não devem ser esquecidas pelo estudioso brasi-

leiro as obras clássicas: gonzalo fernández de oviedo y valdés, la historia general de las indias, madri, 1851-1855; bartolomé de las casas, apologética historia de las indias, madri, (edición de 1909);

162 g. f.

i

juan solórzano pereira, politica indiana, madri, 1647; gabriel soares de souza, "tratado descriptivo do brasil", rev. inst. hist. geogr. br., rio, xiv.

sobre os indígenas do brasil e da américa, em geral, considerados sob critério etnológico e ao mesmo tempo sociológico, vejam-se as notas bibliográficas em américa indígena, por louis pericot y garcía, tomo 1, págs. 692-727 ("el hombre americano - los pueblos de américa"), barcelona, 1936 e em handbook of latin american studies, cambridge (estados unidos), 1936; e as seguintes obras básicas: handbook of american indian languages, por f. boas, 40th bulletin of american indian ethnology, washington, 1911; the american indian, por clark wissler, nova lorque, 1922; the civilization of the south american indians, with special reference to magic and religion, por r. karsten, nova lorque, 1926; la civilisation matérielle de~ribus tupi-guarani, gotemburgo, 1928 e la religion des tupinambó, por a. métraux, le-roux, 1928; indianerleben: el o

gran chaco, por e. n rdenskiöld, leip.  
zig, 1912; "kulturkreise und kulturchichten in sudamerika", por w. sc-dt (zeitschrift fur ethnologie), berlin, 1913; in den wildnissen brasiliens, por f. krause, leipzig, 1911; unter den naturvölkern zentral-brasiliens, por karl von den stemen, berlin, 1894; zwei jahre unter den indianern nordwest brasiliens, por t. koch-gröNBERG, stuttgart. 1921; rondônia, por e. roquette-pinto, rio, 1917; indians of south america, por paul radin, nova lorque, 1942; "the dual organization of the canella, of northern brazil", por curt nimuendaie e robert h. lowie, american anthropologist, vol. 39; el nuevo indio, por j. uriel garcía, cuzco, 1937; história amazônica, por gas-róo cruls, rio, 1944.

jorge r. zamudio silva, "para una caracterización de la sociedad del rio de la plata (siglos xvi a xviii) - la contribución Indígena", revista de la universidad de buenos aires, ano ii, n.º 4, outubro-dezembro 1944, págs. 259-298, sugestivo estudo seguido por dois outros: sobre "la contribución Europea" (ano iii, n.º 1, janeiro-março de 1945, págs. 63-102) e sobre "la contribución africana" (ano iii, n.º 2, abril-junho 1945, págs. 293-314) da mesma revista. no primeiro (lesses estudos chega o pesquisador argentino a conclusão de que "ni la historia social argentina, ni la de sus ideas, pueden prescindir dei aborigen considerado como integrante de nuestra evolución" (pág. 298), citando a esse respeito, entre outros, ricardo levane, introducción a la historia dei derecho indiano, buenos aires, 1924; emilio ravnigani, ei verreyonato dei plata (1776-1810), em historia de la nación argentina, vol. iv, buenos aires, 1940; silvio zavalá, las ins-filuciones juridicas en la conquista de américa, madri,, 1935. em seus estudos sobre a formação da sociedade argentina - nos quais tantas

vezes se refere a este trabalho brasileiro - chega o professor zamudio silva a mesma conclusão que nós, no presente ensaio, isto é, admite que no caso do africano "ias condiciones de asimilación fueron ms positivas que ias dei indio" ("la contribución Africana% pág. 314). a respeito cita, entre outros, os seguintes trabalhos referentes ao negro africano e  escravidão no rio da prata: diego lus molinari, introducción, tomo vii, documentos para ia historia argentina, comercio de indias, consulado, comercio de negros y de extranjeros (1791-1809 , ), buenos aires, 1916; josé torre revello, sociedad colonial, las clases sociales: la ciudad y ia campaila, em historia de ia nación Argentina, vl. vi, buenos aires, 1939; ildefonso pereda valdés, negros

c.-g. & s. 163

esclavos y negros libres, montevidéu, 1941; b~~ korpon, can-  
dombe, contribución a Estudio de ia raza negra en el rio de ia plata,  
buenos aires, 1938. são estudos que podem ser lidos ou consultados  
com proveito pelo estudioso da história da sociedade patriarcal, no bra-  
sil, interessado em compará-la com a de outras sociedades americanas  
que foram também patriarcais ou sernipatriarcais em sua estrutura e,  
como a nossa, basearam-se no maior ou menor contato do europeu com  
o Índio e o africano.

13. leia-se o seu 0 brasil na américa, cit.

14. c. f. ~. von mm=s, beitröge zur ethnographie und  
sprachenkunde amerika's zumal brasiliens, lcipzig, 1867.

15. karl von den ste~, unter den naturvölkern zentral-bra-  
siliens, berlin, 1894. este livro já se encontra em tradução portuguesa,  
mas é tido como obra rara nessa língua,

16. paul em-ich, beitröge zur völkerekunde brasiliens, ber-  
lin, 1891.

17. t-as whiffen, the north-west amazon, londres. 1913.

18. e. roque=pinto, rondônia, 1917.

19. , theodor koch-gröNberg, zwei jahre unter den indiano-rn-  
stuttgart 1908-1910.

20. max sc~ indianerstudien in zentralbrasilien, berlin. 1905.  
deste livro há igualmente tradução portuguesa, também rara.

21. arm krause, in den wildnissen brasiliens, leipzig, 1911.

22. erland nordenskiöld), indianerleben: 01 grnn chaco. leip-  
zig, 1912.

23. leo frobenius, ursprung der afrikanischen kulturen, apud  
melv= j. herskovrrs, "a preliminary consideration of the culture  
arcas of africa", american anthropologist, vol. xxv1, 1924. sobre a  
correlação de traços de cultura entre várias culturas primitivas veja-se  
o trabalho de l. t. homouse, g. c. ~ler e m. ginsberg, the  
material culture and social institutions of the simpler peoples, londres,  
1915.

no mapa organizado por herskovrrs a África vem dividida em  
áreas de cultura, segundo o conceito americano de "área de cultura"  
definido por ale-er a. goldenw~ em "diffusionism and the  
american school of historical ethnology", american journal of socio-  
logy, vol. xxxi, 1925, e por clmm wissler em man and culture, e,  
de acordo com a respectiva técnica, aplicada por wissler ao estudo das  
duas américas.

em nota - nota 64, p. 70 - com que enriquece o texto do seu  
estudo as culturas negras do novo mundo (rio, 1937), o professor  
artur ramos, com a elegância de sempre nos dá preciosa lição sobre  
questões de caracterização, de áreas africanas, estranhando que em casa-  
grande & senzala - tanto na 1.a edição (rio, 1933) como na v  
(rio, 1936) - tenhamos deixado de mencionar "a subárea do golfo  
da guiné". ensina-nos o douto antropólogo brasileiro que foi "a subárea  
ocidental do golfo da guiné que forneceu as culturas mais característas  
[o grifo é do professor ramos] ao novo mundo, com o tráfico de  
escravos, como demonstraremos neste trabalho". salienta ainda o fato  
de termos "inadvertidamente" incluído "os reinos ou monarquias do  
daomé, ashanti, lomba- ( .... 1 "na área do sudoeste ocidental, em lugar



de fazê-lo na subárea ocidental do golfo da guinéu, seu habitat exato". e invoca a seu favor, como autoridade máxima no assunto, o trabalho do professor m. j. herskoms: "the significance of west africa for

164 g. 1.

negro research", the journal of negro history, vol. xxi, 1936, pligs. 15 e segs.

esquece o professor ar= ramos que seguimos naquela primeira edição deste ensaio, publicada em 1933 - bem como na 2.ª e na 3-3, publicadas em nossa revelia - o esboço de áreas de cultura que aquele mestre norte-americano em assuntos de africanologia - meu e talvez também do professor ramos que eu, entretanto, ele próprio, já mestre reconhecido e laureado na matéria - publicara como "consideração preliminar" em 1924 (american anthropologist, vol. xxvi, n.º 1, janeiro-março, 1924) e ao qual acrescentou depois subáreas: as que vêm marcadas iii-a e iv-a no seu mapa de áreas de cultura. tanto quanto possível definitivo - há também do professor heitskov= um estudo, "the culture areas of africa", aparecido em 1930 em africa, 3, pfigs. 59-77 - publicado no ensaio "the social history of the negro", capítulo 7, págs. 207-267, de a handbook of sociology, organizado por carl murchison, worcester, mass., 1935~

a caracterização da área do sudoeste ocidental como "região de grandes monarquias ou reinos - daomé, benim, ashanti, haúsa, bornu, iá)rubá" - que o professor ramos critica como "inexata" não é nossa, mas do professor herskoviffs. divergência entre mestres. a caracterização do professor herskovrrs criticada pelo professor ramos e por ele considerada "inexata" é, porém, de 1924. como se sabe, não nos foi possível fazer a revisão da primeira edição de casa-grande & senzala; e a segunda e terceira foram edições feitas em nossa revelia. daí termos continuado na 2.ª edição a citar do professor herskovrrs seu trabalho de 1924 em vez do de 1935, que o superou, ou mesmo o de 1930.

nossos agradecimentos, de qualquer maneira, ao professor artult ramos por ter chamado nossa atenção para o fato de vir citado em trabalho nosso um estudo do professor herskovits publicado em 1924 quando há trabalho definitivo do mesmo autor aparecido em 1935. este, porém - insistamos neste esclarecimento - não poderia ter sido por nós citado em 1933; \*nem em 1936 e 1938, em edições publicadas em nossa revelia do autor, embora para a de 1936 tivéssemos escrito algumas notas, confiando em um editor que não merecia nossa confiança.

seja dito de passagem que fomos nós que tivemos a honra de iniciar, cremos que em 1935, o professor ramos nos trabalhos do professor herskovrrs, mestre na especialidade do professor ramos mais do que na nossa. cremos ter tido, igualmente, a honra de revelar ao público do brasil interessado em assuntos de sociologia e antropologia o professor herskovrrs através do seu mapa de áreas de cultura africana (esboçado em 1924 e dado como definitivo - tanto quanto possível - em 1935) e por nós adaptado em 1933 aos propósitos do nosso primeiro estudo sistemático, ou quase sistemático, da sociedade patriarcal brasileira. - um dos propósitos do nosso estudo era destacar a diversidade de graus e estilos de cultura nos elementos africanos importados para as

senzalas brasileiras, reforçando com informações colhidas em estudos recentes como o do professor Herscovits observações já feitas por Nina Rodrigues.

O mapa do professor Hows sobre áreas de cultura africana que deve ser consultado pelos leitores do nosso ensaio particularmente interessados em se aprofundarem no estudo do problema, repetamos, o que vem no seu referido estudo *The Social History of the Negro*. Não sendo assunto da nossa especialidade, não nos julgamos no dever de desenvolvê-lo aos últimos e mais exatos pormenores num ensaio que  
c.-g. & s. 165

não é, de modo nenhum, de africanologia, mas o primeiro de uma série, toda ela simples tentativa de introdução ao estudo sociológico da história da sociedade patriarcal no Brasil. Sociedade que teve no negro, importado de várias áreas africanas, um dos seus elementos sociologicamente mais importantes. importante, do nosso ponto de vista, mais como escravo do que como negro ou africano, embora sua importância como negro ou africano seja enorme e suas áreas de origem mereçam a atenção e os estudos dos especialistas.

entretanto, já que estamos à beira do assunto - "áreas de cultura africanas" - não nos furtaremos à tentativa de referir que as próprias classificações consideradas ou oferecidas como definitivas pelo professor Artur Ramos - em quem temos o prazer de mais uma vez reconhecer nossa maior autoridade. em assuntos de africanologia - parecem vir sendo superadas por estudos recentes como o de Wilfrid D. Hambly, que no seu source-book for African Anthropology (publicado em Chicago em 1937 mas, ao que parece, ainda desconhecido ou pouco conhecido entre nós) ocupa-se magistralmente do assunto na parte I, seção II, sob o título "the culture area concept". recordando que foi A. de Proville (1894) o primeiro antropólogo cultural a se ocupar do assunto, destaca dos trabalhos posteriores os de Dowd (1907), R. Thurnwald (1929) e M. J. Herskovits (1929, 1930). e adverte-nos contra a tendência para o considerar-se o estudo de áreas de cultura principalmente enumeração de traços característicos: "mainly of enumerating the characteristic traits" (p. 328). para Hambly o assunto deve ser considerado principalmente do ponto de vista social e psicológico, como fazem Benedic Ern Patterns of Culture e Mead Ern Sex and Temperament in Three Primitive Societies. o que se deve procurar no estudo de uma área é fixar seu ethos, isto é, "the dynamic or driving force; the character, sentiment, and disposition of a community, the spirit which

actuates

moral codes, ideals, attitudes, magic and religion-. daí a necessidade de novos estudos - compreensivos e não simplesmente descritivos - do assunto.

é claro que ao lado do estudo de A. de Proville, Les Sociétés Africaines, Paris, 1894, que Hambly considera obra de pioneiro, não devem ser esquecidos os trabalhos, já clássicos, sobre áreas de cultura

africanas,

de L. Frobenius: Der Ursprung der afrikanischen Kulturen, Leipzig, 1844, e Atlas Africanus, Munique, 1922. sobre as áreas de procedência dos escravos africanos das senzalas brasileiras, deve ser consultado "on the provenience of new world negroes", de M. J. Herskovits (soc. forces, 1933, 12, págs. 247-262).

24. Whiffen, op. cit. o autor menciona outros traços além dos que aqui destacamos como mais característicos e importantes.

25. Wissler, The American Indian, Nova Iorque, 1922.

26. como diz Roquette-Pinto, "podemos, de modo geral, separar todas as nossas tribos em dois grupos, quanto ao seu estado de cultura [ .... 1. a primitiva divisão que ressurgiu, não mais pela apreciação lingüística isolada, mas pela força do critério sociológico- (seixos rolados, Rio, 1926).

27. Roquette-Pinto, Seixos Rolados, cit.

28. Roquette-Pinto, Rondônia, cit.

29. Teodoro Sampaio, O Tupi na Geografia Nacional, 3.ª edição,

bahia, 1928.

30. rafael kar=, the civilization of the south american indians, nova iorque, 1926. veja-se tambem roque=-pinto, seixos rolados, cit.

i kqa a. f.

i

31. theodor koch-gröNberg, zwei jahre unter den indianern, cit, 32 , karsnn, op. cit. padre

33. "informa00o dos casamentos dos 0ndios do brasil pelo jos0 d,anchieta", revista do inst. hist. geog. bras., vol. viii, p0g. 105.

34. 'the notion that the negro race is peculiarly prone to sexual indulgence seems to be due partly to the expansive temperament of the race,' and the sexual character of many of their festivals - a fact which indicajes rather the contrary and demonstrates the need of artificial excitement" (ermen crawley, studies of savages and sex, edited by l`heodore besterman, londres, 1929). veja-se tambem sobre o assunto the mystic rose, ed. by be~an, nova iorque, 1927, pelo mesmo autor; e , a. wesmmarck., the history of human marriage, londres, 1921; the origin and development of moral ideas, londres, 1926. a id0ia entretanto, da fraca sexualidade dos primitivos n0o 0 universal ent;~ os antrop0logos modernos: entre outros pensam diferente de crawley, de havelock ellis e westermarck, pelo menos com rela00o aos africanos, leo frobenius, und af \*

~0rica "unter den unstr0-

3

e(

0

flichen aethiopen", charlotteriburg, 19 e )rg schweinfurth, im herzen von africa, v ed., leipzig, 1908 vei~-se h. f0rlinger, sexual life of primitive people, londres, 1921.

a esse respeito, 0 interessante salientar a deforma00o que v0m sofrendo no brasil n0o s0 dan0as de xang0s africanos como o pr0prio samba. deforma00o no sentido de maior licenciosidade. sobre o samba escreve em sua descri00o da festa de bom jesus de pirapora (s0o paulo. 1937, p0g. 33) o sr. m0rio wagner vieira da cunha: "0 samba dos negros foi. visto pelos brancos como coisa altamente imoral: reboleio de quadris, esfregar de corpos, seios balanceantes, gestos desenvoltos... os brancos compreenderam, ent0o, a ~esta como uma oportunidade de praticar gestos livres. da0, ao introduzirem novos aspectos 0 festa, 0 a licenciosidade que tende a ressaltar deles. por seu turno os pretos, e melhor, as pretas, passam a exagerar, no samba e em toda parte, as atitudes que foram mais notadas" [pelos brancos] - sobre o assunto veja-se tambem o estudo de m0rio de andrade, "0 samba rural pau:- lista" (revista do arquivo municipal de s0o paulo, vol. 41, 1937, p0gs. 37-116), que se segue ao trabalho citado. salienta a0 o ilustre mestre de pesquisa folcl0rica no brasil, a prop0sito de dan0a 0fro-brasileira que viu dan0ar em 1931: "nunca senti maior sensa00o art0stica de sexualidade... era sensualidade? deve ser isso que fez tantos viajantes e cronistas chamarem de "indecentes` os sambas dos negros... mas se

não tenho a menor intenção de negar haja danças sexuais e que muitas danças primitivas guardam um forte e visível contingente de sexualidade, não consigo ver neste samba rural coisa que o caracterize mais como sexual" (pág. 43).

35. havelock ellis, studies in the psychology of sex, philadelphia, 19(8).

36. adley, chado por crawley, studies, cit.; w. l. thomas, sex and society, chicago, 1907.

37. paulo prado, retrato do brasil, cit.

38. "informação dos casamentos dos índios do brasil pelo padre josé d'anchieta", rev. inst. hist-geog. bras., vol. viii. sobre a distinção que faz anchieta entre as sobrinhas filhas de irmãos e as sobrinhas filhas de irmãs, escreve rodolfo garcia: "aquelas respeitavam os índios, tratavam-nas de filhas, nessa conta as tinham e, assim, neque fornicari as conheciam, porque consideravam que o parentesco verdadeiro

c.-g. & s. 167

vinha pela parte dos pais, que eram os agentes, enquanto que as mães não eram mais do que sacos em que se criavam as crianças; por isso das filhas das irmãs usavam sem nenhum pejo ad copulam e faziam delas suas mulheres" (diálogos das grandezas do brasil ( .... 1 com introdução de capistrano de abreu e notas de rodolfo garcia, nota 7, "diálogo sexto", pág. 316).

39. gabriel soares, op. cit., pág. 316.

40. ploss-bartels, das weib, berlin, 1927.

41. e. a. wemmarck, the history of human marriage, londres, 1921.

42. gabriel soares, op. cit. john baker, do museu da universidade de oxford, salienta no seu trabalho sex in man and animals (londres, 1926) que entre muitas sociedades primitivas não há palavra especial para pai ou mãe. sob as palavras pai e mãe. classificam-se, indistintamente, grande número de parentes. para alguns etnólogos o fato indica ter havido fase na vida sexual das sociedades primitivas em que as mulheres de um grupo permitia-se livre intercurso com qualquer homem do grupo oposto - dos dois grupos em que se divide cada sociedade. semelhante processo de relações entre os sexos, com as crianças criadas comunariamente, teria constituído o casamento entre grupos (group marriage).

43.\* nas denunciações ao santo ofício referentes ao brasil, encontram-se numerosas referencias ás nantidades". entre elas as seguintes que indicam ter tido essas manifestaões, híbridas de religião e magia, certo carácter (fólico). domingos de oliveira viu fernão pires "tirar de huma das figuras de nossa senhora ou christo, hum pedaço de barro, do qual fez uma figura de-natureza de homem" (primeira visitaão do santo ofício ás partes do brasil - denunciaões da bahia - 1591-1593, pág. 264, são paulo, 1925; "fernão cabral de tayde christo.velho no tempo da graça" [2 de agosto de 1591], "confesando dise que auerõ seis annos pouco mais ou menos que se levantou hu gentio no sertão cõ litia notia seita que õhamauõ santidade auendo hum que se chamatia papa e litia gentia que se chamatia. may de deos e o sacristão, e tinha hu jdolo a que chamauõ maria que era litia figura de pedra que ne demonstraua ser figura de home ne de molher ne de outro animal, ao qual jdolo adoratião e rezauõ certas cousas per contas e penduranõ na casa que chamaulio igreja lurias tatioas com hus riscos que dizilio que erõ contas bentas e assim ao seu modo contrafaziõ o culto deuino dos christõs", "gonçallo fernandes christo velho mamaluco" [13 de janeiro de 1592). "confesando ilixe que avera seis anflõs pouco mais ou menos que no sertão desta capitania pera a banda de jaguaripe se levantou litia. erronia e jdolatria gentilica õ qual sustentavõ e faziõ os brasis delles pagõs e delles christõs e delles foros e delles escravos,

que

fugiõ a seus senhores pera a dita jdolatria e na companhia da dita abusõ e jdolatria usõvõ de contrafazer as cerimonias da ygreja e fingi m  
, .  
a  
trazer contas de rezar como que rezavõ e falavõ certa linguagem por elles inventada e defumavõ se com fumos de erva que chamõ erva sancta e bebiam o dito fumo atõ que cayarn bebados com elle dizendo que com aquelle fumo lhes entrava o espirito da sanctidade e tinhõ ham idolo de pedra a que faziam suas cerimonias e adoravõ dizendo

que vinha já o seu deus a livrallos do cautiveiro em que estavam e fazellos senhores da gente branca e que os brancos aviam de ficar seus captivos e que quem não creesse naquella sua abusão e idolatria a que elles chamavam santidade se avia de converter em passaro e em bichos

l fig a. f.

i

do rnatto e assim diziam e faziam na dita idolatria outros muitos despropositos" (primeira visitação do santo officio às partes do brasil pelo licenciado heitor furtado de mendonça - confissões da bahia, pags. 28 e 87, são paulo, 1925).

44. gastão cruls, a amazonia que eu vi, rio, 1930. veja-se do mesmo autor hilária amazonica, rio, 1944, obra verdadeiramente notável.

45. saael uchoa, "costumes amazonicos" boletim sanitario (departamento nacional de saúde Pública), ano 2.º, n.º 4, rio, 1923).

46. jules crevaux, voyages dans l'amerique du sud, paris, 1883. para a. osório de almeida deve-se considerar o emprego do urucu entre os índios tropicais da america 'l não como simples adorno, mas como meio eficaz de proteção contra a luz e o calor tropicais" ("a arvore protetora do urucu", separata do boletim do museu nacional, vol. vii, n.º 11, rio, 1931). sinval lins (citado por gastão cruls, a amazonia que eu vi, cit.) diz que ainda é costume no interior de minas pintar de urucu a pele dos variolosos.

47. pedro fernandes tomás, canções populares da beira, lisboa, 1896.

48. luis chaves, páginas folclóricas, lisbo~,) 1929.

49. leite de vasconcelos, ensaios etnograficos, it.

50. uma quadra popular citada por leite--E vasconcelos (ensaios, cit.) diz:

trazes vermelho no peito,  
sinal de casamento.  
deita o vermelho fora,  
qu'o casar inda tem tempo.

51. fernando ortiz, hampa afrocubana - los negros brujos, madri, 1917. ,

52. karsten, op. cit.

53. von den steinen, op. cil.

54. koch-gricjnberg, op. cit.

55. karsten, op. cit.

56. "degeneration probably operates even more actively in the lower than in the higher culture", diz edward b. tylor, primitive culture, 5th ed., londres, 1929. veja-se tambem sobre o assunto o trabalho de j~ bryce, the relations of the advanced and backward races of mankind, oxford, 1902.

57. divergindo de max weber, que no seu estudo gesammelte aulsatze zur religionsoziologie, berfim, 1922, identifica o capitalismo moderno e, consequentemente, o imperialismo colonizador, com o calvinismo e o puritanismo, r. h. tawney salienta o fato de terem sido

católicos, e não protestantes, os centros de finança e de espírito capitalista no século xv: florença, venezia, o sul da Alemanha, Flandres (religion and the rise of capitalism, Londres, 1926). aqui, entretanto, referimo-nos ao imperialismo religioso, predecessor do económico: desse imperialismo os jesuítas foram os campeões nos séculos xvi e xvii. sobre a tese de Weber, vejam-se: W. R. Robertson, aspects of the rise of capitalism, Cambridge, 1929 e Amintore Fanfani, cattolicesimo e protestantismo nella formazione storica del capitalismo, Milano, 1934. 58. Gonçalves Dias no seu O Brasil e a Oceânia (São Luís, 1869) salienta a ação dissolvente do sistema jesuítico: "relaxavarrc", diz ele dos padres, "os laços de família, tornando os filhos e mulheres denunciantes dos pais e maridos, tiravam-lhes a vontade e o amor à independência, e a força de humilhações, de disciplinas, de castigos infamantes e-g- & s. 169



impostos em praça pública, impostos até nos maiores e por estes recebidos como atos meritorios, apagaram e consumiram um tal qual sentimento de dignidade própria, sem a qual nenhum esforço louvável se pode conseguir da nossa espécie."

59. george henry lane-fox perry, the clash of cultures and the contact of races, londres, 1927.

60. quem o destaca é um historiador extremamente simpático aos jesuítas, capão de abreu: "os jesuítas, observadores, inteligentes e práticos, tinham concentrado seus esforços em fazer de várias tabas um só aldeamento, regido por uma espécie de meirinho nomeado pelo governador, com a vara de ofício, que o enfunava de vaidade, com meios de se fazer obedecer, podendo por gente no tronco; em extinguir a antropofagia, a poligamia e a bebedice de vinhos de frutas em que os índios eram insígnies" (apenso, aos tratados da terra e gente do brasil, cit.) e amw de casal (op. cit., 1, pág. 129) resume o sistema civilizador dos jesuítas: "em poucos lustros reduziram os jesuítas as várias hordas da nação a uma vida sedentária em grandes aldeias denominadas reduções, cujo numero pelos annos de 1630 subia a 20 com 70.000 habitantes [ .... ]". refere-se às célebres, dos guarani, no sul, cuja rotina pormenoriza: "cada huma das reduções, por outro nome missões, era huma considerável, ou grande villa; e todas por hum mesmo risco com ruas direitas e encruzadas em angulos rectos; as cazas geralmente terreas, cubertas de telha, branqueadas, e com varandas pelos lados para preservarem do calor e da chuva; de sorte que vendo-se huma, se forma idea verdadeira das outras... hum vigario, e hum cura, ambos jesuítas, eram os unicos ecclesiasticos, e suficientes para exercer todas as funções parochiaes; sendo ainda os inspetores em toda a economia civil, debaixo de cuja direcção havia corregedores eleitos annualmente, hum cacique vitalicio, e outros officiaes, cada hum com sua inspecção e alçada. a excepção destes, todos os individuos d'hum e outro sexo uzavam d'huma camizola talar, ou quasi de algodão branco... tudo passava à vista dos corregedores, ou xoutros -subalternos." puro regime de internato de colégio de padre. ou de orfanato. tudo aparado por igual. sedentaria absoluta. grande concentraçào de gente. severa vigilância e fiscalizaçào. a nudez dos caboclos tapada, em todos os homens e mulheres, com feias camisolas de menino dormir. uniformidade. as raparigas à parte, segregadas dos homens. enfim, o regime jesuítico que se apurou no paraguai, e que em forma mais branda dominou no brasil, por isso mesmo que admiravelmente eficiente, foi um regime destruidor de quanto nos indígenas era alegria animal, frescura, espontaneidade, ânimo combativo, potencial de cultura; qualidades e potencial que, não poderiam subsistir à total destruição de hábitos de vida sexual, nômade e guerreira, arrancados de repente dos índios reunidos em grandes aldeias.

61. capistrano de abreu, loc. cit.; aires de casal, op. cit.

62. aires de casal, op. cit., i, pág. -129.

63. "Os línguas", diz afonso de e. taunay, "fugiam os pajés dos detestados inicianos, que a seu turno os abominavam, infelizmente, pois das informações dos pajés muito se poderia ter aproveitado" ("a fundação de são paulo", vol. 3, tomo especial do 1.º congresso internacional de historia da américa, rev. inst. hist. geog. bras., rio de janeiro, 1927).

64. trata-se de pascoal barrufo da bertioga. O caso é referido pelo padre saúo de ~-los: "a tempo do jantar traçaram que servissem à mesa algumas índias moças, descompostas e nuas..." era

170 g. /.

t

um jantar a que se achavam presentes jesuítas, que se scandalizaram. (vida do venerável padre joseph de anchieta da companhia de iesu l .... l composto pello padre simão de vasconcellos [ .... l, p. 92, lisboa, 1672). teodoro s~aio registra o fato, afirmando que "as escravas índias, formosas na sua tez morta, davam lugar a amedrontadas tempestades domésticas" ("são paulo no tempo de anchieta", iii centenario do venerável joseph de anchieta, são paulo, 1900).

65. diz capão de abreu (loc. cit.), referindo-se aos primeiros índios cristianizados, que "como os vestuários não chegavam para todos, andavam mulheres nuas". baseia-se no padre ca~ O padre visitador do século xvi nos dá este flagrante das primeiras índias vestidas: "vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estátuas encostadas a seus pagens, e a cada passo lhes caem os pantufos, porque não têm de costume" (tratados da terra e gente do brasil, cit.) por onde se sente o ridículo, com sua ponta de tristeza, que deve ser acompanhado a imposição de vestuários aos indígenas de 1500. anchieta informa dos índios sob a influência cristã dos primeiros missionários: "quando casam vão às bodas vestidos e à tarde se vão passear somente com o gorro na cabeça sem outra roupa e lhes parece que vão assim mui galantes" (informações e fragmentos históricos do padre josph de anchieta, cit., p. 47).

66. entre outros erbnigtas regrstii~/essas doenças simão de vasconcelos: "accendeu-se quasi de repente uma como ~e terrível de tosse e catarro mortal sobre certas car~as de índios baptisados l .... l" (crônica da companhia de\*jesus dos estados do brasil, p. 65, 2.4 edição, rio, 1864). w. d. hambly atribui à intermitência no uso do vestuário pelo selvagem - que frequentemente se verificou no brasil - a responsabilidade de muitas doenças dizimadoras dos primitivos quando postos em contato com os civilizados (origins of education among primitive peoples, londres, 1926). teodoro sampaio generaliza sobre a higiene e saúde dos primeiros índios escravizados pelos colonos no brasil: "não eram sadios os escravos. a vida sedentária nas lavouras fazia-lhes mal, morrendo grande número de pleurises, cãmaras de sangue, afecções catarrais e do cobreiro, que se tomara terrível e mui frequente entre eles" ("são paulo no fim do século xvi% rev. inst. hist. de são paulo).

cit.

68. ives dievimux, cit.

69. jean de l'ry, histoire d'un voyage fait en ia terre du brési7 (nouvelle édition avec une introduction et des notes par paul gaffarel), paris, 1880.

70. sicaud, op. cit.

71. robert h. lowie, are wc civilizw, londres, s.d.  
72- robert h. lowie,,op. cit.  
73. william graham sumnfr, folkways, boston, 1906.  
74. l0Ry, op. cit., ti, p0g. 91.  
75. li0Ry, qp. cit., i, p0g- 136. parece-nos jean de l0Ry um dos dois mais seguros cronistas que escreveram sobre o brasil do s0culo xvi- 0 outro 0 Gabrml soares de sousa, de quem diz com toda a raz0o oliveira lima: "0 senhor de engenho baiano, t0o minucioso nas suas descri~ topogr0ficas, qu0o metuculoso nas etnogr0ficas, pode considerar-se um dos guias mais seguros para o estudo da rudimentar psic0100.111 tupi. n0o lhe toldavam o espr0ito exclusin is tend0ncias de proselitismo~  
c\_9. & s. 17 1

67. wesrermarck, the origin and development of moral ideas,

como aos padres da companhia, sds de vasconcelos, por exemplo; nem ilusões de uma teologia romântica, como aos capuchinhos franceses do maranhão, claude d'abbeville e cives d'evreux" (aspectos da literatura colonial brasileira, leipzig, 1895). de frei rthvet nem é bom falar. convém ler o seu. livro - cheio de reparos interessantes - mas como se lê um romance ou novela. é o primeiro em francês sobre o brasil: les singularitez de ia france antarctique, autrement nommée amérique [ .... ] par f. andré thvet. e é Thvet, dos primeiros cronistas, quem se ocupa com mais exatidão do cajá o livro traz uma gravura de Índio trepado a um cajueiro tirando caju. faz o elogio da castanha assada: "qu'ot au noyau qui est dedés, il est très bon à manger, pourveu qu'il ait passé legerement par le feu." O professor a. m. Traux serviu-se largamente de thvet para seu notável estudo sobre a religião dos tupinambá, iniciando assim a reabilitação do ingenuo e às vezes fantástico capuchiriho francês. do qual há na verdade páginas insubstituíveis no meio das novelescas, pelas informações e sugestões que oferecem. essa reabilitação está sendo continuada pelo tradutor de thvet ao português, prof. estevão pinto.

O professor manuel so~so, da universidade católica de washington, que estudou dernoradamente o caso thvet, chegou sobre o assunto a conclusões que se caracterizam pelo equilíbrio e objetividade. escreve o professor' cardoso: "what may one say in conclusion? it is plain, certainly, that thvet is not a great figure in the historiography of colonial brazil, although he ranks high for the quality of his information on the aborigines and on natural history [ .... ] it will not do to exaggerate his importance, for it is true that if we place him in the company of distinguished foreigners who wrote on brazil during colonial times, in whose company he of course belongs, he cannot measure up either as a chronicler or as a historian, to men like vespucci, barlaeus and, later, southey" ("some remarks concerning andré thvet", the americas, vol, 1, julho, 1944, n.o 1). colocando-se contra os que ultimamente vêm exagerando a importância de thvet mas, ao mesmo tempo, reconhecendo valor na obra do franciscano, o professor so apresenta a questão nos seus justos termos.

76. lory, op. cit., i, pág. 139.

77. lory, op. cit., 1, pág. 125.

78. gabriel soares, op. cit., pág. 320.

79. herbert s. smiti-1, op. cit.

80. helosa alberto tones, "cerâmica de marajó" (conferência), rio, 1929.

cit.

81. thomas, op. cit.

82. wfstermarck, the origin and development of moral ideas,

83. wissler, man and culture, cit.

84. thieonore farrhful, bisexuality, londres, 1927.

85. pensam cientistas modernos que certas formas de tuberculose e prisão de ventre, de tratamento psíquico, são meios de compensação, no homem introvertido, da impossibilidade de satisfazer-se femininamente

nos seus desejos sexuais. theodore farrhful escreve a esse respeito no seu ensaio ja referido: "consumption is a ready means of satisfaction to an introvert who cannot use the libido in artistic or mental creative work, and who either has not a womb to use, or if possessed of one does not wish to use it, or whose desires in that direction are inhibited by attachments to relatives or economic necessity." e ainda sobre os

172 g. f.

i

i

meios de compensar-se o homem introvertido da impossibilidade de ex, pressfio. sexual feminina: "chronic constipation is one of these ways, and it is used to satisfy introverted or female desires i .... 1. in introverted men also it gives a satisfaction to the psyche unobtainable by the use of their reproductive apparatus. [ .... ] the abnormal laying on of abdominal fat is another means of psychical satisfaction to introverted men who are unable -to use up the libido in creative work; and in unmarried extraverted women."

86. O choco ou couvade colocava o homem em situaçao de receber, por "doente", atençoes que doutra maneira caberiam sã a mulher, com a qual ele se identificava pelos resguardos e cuidados especiais que se impunha: "o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto l .... l em o qual lugar o visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos [ .... l" (gabriel soares, roteiro geral, cit.) r. r. schuller explica a couvade pelo "egoismo paterno, acompanhado duma boa dose de rivalidade com a parida" ("a couvade", boletim do museu goeldi, vol. vi, 1910); explicaçao que se aproxima, mas vagamente e de longe, da sugestao aqui esboçada. sociologicamente talvez represente a couvade o primeiro passo no sentido de reconhecer-se a importância biologica do pai na. geraçao. e preciso considerar o fato de raramente haver conexão essencial para o selvagem entre o intefeurso sexual e a concepçao. a noçao de paternidade ou maternidade-, noçao antes sociologica. pela qual se estabelecem a descendencia e a familia entre os primitivos, corresponde em geral ao conhecimento apenas aproximado, vago da interferencia de um ou outro sexo 'no processo de geraçao. entre varias tribos do brasil dominava a crença de nascer o primeiro filho da interferencia de um demônio chamado uaiara - muito significativamente para um freudiano - com a forma de um peixe, o boto, considerado o espirito tutelar dos demais peixes (couto de magalhães, O selvagem, rio, 1876). parece, entretanto, que a noçao mais geral, ao tempo da descoberta, era a referida por anchieta de ser o ventre da mulher um saco no qual o homem depositasse o embrião. noçao mais adiantada que aquela. von den steinen (op. cit.), aprofundando-se no estudo da couvade, foi dar com a noçao, entre os indigenas do brasil central, de ser o homem quem deita o ovo ou os ovos no ventre da mulher, chocando-os durante o período da gravidez. O ovo e identificado com o pai; de tal modo, que a palavra ovo e a palavra pai em bakairi têm

igual derivação. O filho não é considerado senão a miniatura. no ventre da mãe se faz desenvolver-se como a semente na terra. daí supor o selvagem que os males que afetam o pai possam afetar, por efeito de magia simpática, ao filho recém-nascido. daí resguardarem-se em geral os dois: pai e mãe; ou exclusivamente o pai. veja-se sobre o assunto, além dos trabalhos mencionados por schuller no seu estudo já referido, "a couvade, e dos acima citados - especialmente o de von den steinen - os estudos recentes de rafael karsten, que dedica à couvade um dos melhores capítulos do seu the civilization of the south american indians, de walter e. roth, "an inquiry into the animism and the folklore of the guiana indians", 13th annual report, bureau of american ethnology, washington, 1915.. também o de h. ling roth, "on the significance of the couvade", journal of the anthropological institute of great britain and ireland, vol. 22, 1893. - "the sociological problem it involves can hardly be said to have been completely solved". diz karsten da couvade.

c.-g- & s. 173

87. "numerous reports attest the presence in various tribes of effeminate men who avoid male occupations and disregard masculine attire; they dress as women and participate in feminine activities. not infrequently such men function as magicians and seers" (alexander goldenweiser, "sex and primitive society", em sex and civilization, ed. by calverton e schmathausen, londres, 1929).

98. wesrermarck, the origin and development of the moral ideas, cit.

89. "the female or introverted men became the priests, the medicine men, the inventors, the magicians and the extraverted the lighters" (theodore j. faithful, bisexuality, cit.)

90. para thompson os homens efeminados "though they may have a poor physique, a less stable mentality and no great love for mainly sports or warlike exercises, often have, by reason of their bisexual outlook-, a stereoscopic view of life, a quick intelligence, cunning, tenacity,

patience, and a power at opportune adaptation, together with a strong desire for self-expression. in fact, they often have an unusually large amount of emulation and emotional energy, which cannot, of course, be expressed in motherhood and may not find an adequate outlet in paternity, since their proper sexual impulses are apt to be weak or confused or restrained by various conventions. they are, indeed, lustful rather than lusty fellows" (r. lowe thompson, the history of the devil, londres, 1929).

91. carpenter, apud goldenweiser, op. cit.

92. soares, op. cit., pag. 313.

93. entre outros ca" o do Índio luís, nomitigo que usa do peccado nefando, sendo paciente em lugar de feinea, o qual he moço de idade de arredor de dezoito annos" (primeira visitaçõ do santo ofício às partes do brasil, pelo licenciado heitor furtado de mendonça -- denunciaçoes da bahia - 1591-1593, pag. 458, sio paulo, 1925); do Índio acauê, contra o qual depõe Francisco barbosa por o ter visto praticar o "peccado nefando" com baltasar de lombaa, "ambos em hua rede e sentic, a rede rugir e a elles ofegarem como que estavam no trabalho nefando e assim entendeo estarem elles fazendo o ditto peccado e ouvio ao ditto negro huas; palavras na lóngua que querio dizer i

queres mais" (primeira visitaçõ do santo ofício às partes do brasil - denunciaçoes de pernambuco - 1593-1595, pag. ' 399, sao paulo, 1929).

94. thomas aquinas, summa theologica; e jfi o apóstolo paulo lia epístola aos corintios: "nem os efeminados, nem os sodomitas r .... i hfiio de possuir o reino de deus."

95. westermarlx, the origin ideas, cit.

and development of the moral

96. lóRy, op. cit., ii, pag. 87.

97. lóRy, op. cit., ti, pag. 87.

98. O berço dos indígenas desta parte da américa parece ter sido a tipóia ou faixa de pano prendendo a criança às costas da mãe, e a

rede pequena. sobre o berço entre os ameríndios em geral, veja-se O. T. Mason, "Cradles of the American Aborigines", Report of the - States National Museum, 1886-87. 19 interessante para os brasileiros o fato de que a rede americana para adultos - cama ambulante e móvel - tornou-se conhecida na Europa ou, pelo menos, na Inglaterra, sob o nome de "cama brasileira" ("Brazil bed"). no meado do século XVI, Sir Walter Raleigh dizia das redes em que se deitavam os indígenas da

174 g. f.

i

América: " [ .... i hammocks, which we call Brazil beds" (Oxford English Dictionary, citado por Siegfried Giedion, Mechanization Takes Command: A Contribution to Anonymous History, Nova Torque, 1948, pag. 473).

leia-se também o que Giedion escreve sobre o processo de mecanização da rede, mecanização baseada em mobilidade. desse processo se aproxima, segundo o mesmo autor, a arte do escultor norte-americano Alexander Calder, na qual "a obsessão" do norte-americano pela solução dos problemas de movimento teria encontrado sua primeira expressão nitidamente artística. a rede, entretanto, pode ser considerada manifestação já artística do gosto de repouso combinado com o prazer do movimento, que se comunicou dos indígenas da América aos primeiros conquistadores europeus do continente, entre os quais o próprio Cristóvão Colombo em 1492. Colombo foi um dos primeiros europeus; a fazerem a apologia da rede (Samuel Eliot Morison, Admiral of the South Sea, Boston, 1942, cit. por Giedion, op. cit.) no Brasil, a "Brazil bed" desenvolveu-se numa das expressões mais características não só do gosto de repouso, temperado por fácil recurso à tensão de movimento, do senhor patriarcal de casa-grande, como da própria arte brasileira de tecido e de decoração. o assunto - a rede no Brasil - que pede estudo especializado, no qual "analise sua importância sob critério psico-sociológico, considerem-se-, ao mesmo tempo, sua importância artística.

Euclides da Cunha, em os Sertões, refere-se, mais de uma vez, à rede no Brasil sertanejo ou pastoril, acentuando, numa dessas referências, o contraste, na vida do vaqueiro, da "máxima quietude" com a "máxima agitação": "[ .... ] passando [ .... ] da rede preguiçosa e confortável para o lombilho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas" (os Sertões, 20.ª ed., Rio, 1946, pag. -120).

99. Lory, op. cit., II, pag. 98.

100. Lory, op. cit., II, pag. 99.

101. Soares, op. cit., pag. 164.

102. Soares, op. cit., pag. 170.

103. H. C. de Sousa Araújo,  
Nitório, ano 2, n.º 5, Rio, 1924.

104. Teodoro Sampaio, op. cit.

105. Couto de Magalhães, op. cit.

106. Araújo Lima, op. cit.



107. teodoro sampaio, op. cit.

108. teodoro sampaio, op. cit.

109. araujo Lima, ioc. cit. O autor menciona outro--processo indígena de preparar o peixe entre as populações rurais da amazônia- a mujica. trata-se de "qualquer qualidade de peixe, cozido ou moqueado, desfeito em pequenos fragmentos, depois, de retiradas as esdinhas, e engrossado no caldo próprio com farinha-d'água ou com polvilho (tapic--ca)".

110. "l'emploi du piment pour relever l'insipidité des aliments", diz sigaud (op. cit.), "sest introduit depuis lors dans les habitudes au point de constituer aujourd'hui v'indispensable assaisonnement de tous les banquets [ .... ]". em pernambuco diz-se que o barão de nazaré não ia a banquete sem levar pimentas no bolso da casaca, com receio de que o anfitrião, por elegância européia, não as oferecesse à mesa.

111. peckolt, Op. cit.

"costumes paraenses", boletim sa-

c.-,q. & s. 175

112. a palavra  
seu sentido antropológico "co'npicxo" é empregada através deste ensaio ri-  
gido ou  
traços ou processos que constituem o "co'" significando aquela série d  
uma espécie de constelação cult  
ral. É assim que existem o complexo da mandioca, o da couvade, o  
leite, o da exogamia, o do tabaco, etc. É preciso, diz wissler em ma-  
and culture, não confundir esse uso antropológico com o psico-  
patológico.

113. soares. op. cit., pdg. 151.

114. frank clarence spencer, "education of the pueblo child"  
columbia university contributions to philosophy, psychology and edu-  
cation, vol. 7, n.º i nova lorque, 1899.

115. t. e. sl;-ve-son, "the religious life of the zufii child"  
bureau of ethnology report, vol. v, washington.

116. alexander francis chammerlain, the child and childhood  
in folk-thought, nova lorque, 1896.

117. powers apud chammerlain, op. cit.

118. no brasil dos primeiros tempos, tanto quanto entre os sel-  
vagens, estava-se exposto a picadas e mordidas de, mil e um bichos  
venenosos ou daninhos: de cobra, de aranha caranguejeira, de lacrau, de  
piolho-de-cobra, de muricoca, de mutuca, de nen-de-g4]inha, de ma-  
rimbondo, de bicho-de-p, de onça, de piranha, de besouro. mato, areia,  
a água dos rios - tudo povoado de vermes e insetos, de rpteis e peixes  
sufregos de sangue humano. sigaud (op. cit.) escreve a esse respeito,  
referindo-se particularmente aos indígenas: "les piques, les morsures  
des animaux ou insectes venimeux les exposent au tetanos f .... 1".

119. muitas delas herdadas dos indígenas. refere o autor dos  
di- os das grandezas do brasil, cit " p.ºg. 275, que os Índios, por mais  
animosos, se a caminho de alguma empresa "ouvirem cantar um pas-  
saro [a peitica] do qual já fiz menção, agourento para elles, desam-  
param a jornada, e se tornam a recolher [ .... ]". É superstição que  
permanece no brasileiro do norte, a da peitica: "nos estados do norte  
ainda a têm por agourenta e não suportam sua presença na vizinhança  
das habitações", escreve rodolfo garria em comentário ao diálogo sex-  
to daquela crônica seiscentista. e em algumas das superstições e cren-  
ças nitidamente totêmicas dos indígenas, mencionadas pelo padre joão  
daniel, é fácil de reconhecer a origem de muitas das. abusos hoje cor-  
rentes no norte, quando não em todo o brasil, entre a gente do povo:  
"também desde pequenos se criou", escreve o missionário, "com varios  
agouros em passaros, em feras do mato, e muitos contingentes; e por  
isso ha passaros a miem não mato, nem fazem mal. e quando se axis-  
tam com algumas feras em tacs tempos e occasiões, apprehendem que  
lhes ha de succeder esta ou aquella desgraça, ou que hão de morrer, e  
são tão aferrados a estes dogmas, em que os criam os pais, que ainda que  
vejam o contrario não lia de tirar-lhes da cabeça. um destes seus agou-  
ros é com a anta, de que fallamos acima- semelhante tem com o ouriço  
cacheiro, a que chamam gand-açu, que lhes annuncia a morte, porque  
o viram deste ou daquelle modo; e com muitos outros animais ("the-  
souro descoberto no maximo rio amazonasp% principio da 2.3 parte,  
que trata dos indio do amazonas, da sua fé, vida, costumes, etc. -

copiada de um ms. da biblioteca pública do rio de janeiro, rev. do inst. hist. geog. bras., vol. 11, ri. (> 7 rio, 1858). informa montoya ("manuscrito guarani da biblioteca Nacional do rio de janeiro sobre

1 o

a primitiva catechese dos indios das missões", anais da bib. Nacional, vol. vi) que entre indígenas por ele observados, entrando no meio de

176 g. f.

gente um veado ou um sapo, era sinal de morte próxima de um d presentes. pela lista de superstições regionais que preparou, com seu colaboradores do recife, o professor ulisses pirnambucano de melo vê-se que grande número das credices populares no norte relacionam-se como as dos índios, a animais e vegetais agourentos ou que dão felicidade; o besouro mangangó, entrando dentro de casa é péssimo sinal como é qualquer borboleta preta ou sapo, mas já a aranha e a "esperança" vêm trazer ou anunciar felicidade. sobre o assunto ve-am-se o interessantes ensaios de joão alfredo de frerras. "algumas palavras sobre o fetichismo religioso e político entre nós% pernambuco, 1883 e "lendas e superstições do norte do brasil% recife, 1884. também o folk-lore drésilien, do barão de sanvanna nery, paris, 1889. o estudo de basilio de magalhães, o folclore no brasil (rio, 1928), traz excelente bibliografia, registrando os trabalhos mais importantes que têm aparecido sobre as superstições e credices do brasileiro.

120.- a mansfield observara em 1852: "I find the people here (at least the english people to whom i have spoken) know very little about the natural productions" (charles b. mansfield, paraguay, brazil and the plate, cambridge, 1856).

121. a rede figura na história social do brasil como leito, meio de condução ou viagem e de transporte de doentes-e cadáveres. existe a convenção da rede branca conduzir cadáveres e a vermelha feridos. "o transporte dos cadáveres, nas zonas rurais, em toda a extensão do brasil, efetuava-se e ainda se efetua em redes. são essas redes, que, colocadas aos ombros robustos de sertanejos e matutos, devoram léguas, até depor o cadáver na igreja ou cemitério da freguesia" (francisco luís da gama rosa, "costumes do povo nos nascimentos, batizados, casamentos e enterros% rev. do inst. hist. geog. bras., tomo especial, primeiro congresso de história nacional, parte v, rio, 1917).

122. cardnw, op. cit., pág. 170.

123. mon-roya (op. cit., pág. 296) fala de povoações como ltapu onde "a vida das crianças não era duradoura, morriam muito facilmente; algumas morrem até no ventre de suas mães, outras apertadas em nascidas, sem serem batizadas". sobre o assunto, leia-se também afonso de e. taunay, são paulo nos primeiros anos, 1920. o sr. sôrgio mif.-liet sugere, em página inteligente, que a importância dada aos anjos e crianças em nossa sociedade colonial (conforme evidências apresentadas neste ensaio) talvez se relacione com o "desenvolvimento do barroco" no brasil, salientado pelo professor roger bastide ("psicologia do cafunô", planalto, 1-xi-1941, são paulo).

124. montoya, op. cit., pág. 308.

125. roquette-pinto, rondônia, cit.

126. Lory, op. cit., ii, p. 95.
127. erland nordenskiöld, cit. em análise bibliográfica do boletim do museu goeldi (museu paraense) de história natural e etnografia, vol. vii, parte 1, 1913.
128. boletim do museu goeldi, cit. aliás J. w. f. "es chegara a conclusão de serem as bonecas dos civilizados sobrevivências de idólos dos primitivos (apud a. f. ch-erlmn, the child, 3.a ed., londres).
129. roquem-pinto, rondonia, cit.
130. bronislaw malinowsky, the sexual life of savages in jvorth western melanesia, londres, 1929.

c.-g. & 8. 177

i

131. a. f. c-erlain salienta um fato que nos parece lícito associar ao complexo brasileiro do jogo-do-bicho: o de novios e nefitos, entre várias sociedades primitivas, serem postos em reclusão ou jejum até verem em sonho ou alucinação o animal destinado a ser o seu gênio tutelar e cuja forma lhes é muitas vezes tatuada no corpo (the child and childhood in folk-thought, cit.). muito jogador de bicho tem o seu animal predileto que lhe aparece em sonho para "trazer-lhe a sorte".

132. j. ciarcóA mercadal, espafia vista por los extranjeros; relaciones de viajeros y embajadores (siglo xvi), madri, s.d.

133. cardim, op. cit., pgs. 175 e 310. em artigo no jornal a manhã, de 12 de abril de 1942, sob o título "mundo imaginário o sr. afonso -os de - franco lamenta não se lembrar de nenhum trabalho brasileiro sobre jogos e brinquedos tradicionais. as páginas dedicadas ao assunto, neste ensaio, são de 1933.

134. joão daniel, op. cit., pg. 112.

135. joão daniel, op. cit., pg. 291.

136. frei vicente do salvador, op. cit., pg. 59.

137. lóRy, op. cit., 1, pgs. 137-138.

138. lóRy, op. cit., 11, pg. 88.

139. cardim, op. cit., pg. 170.

140. lóRy, op. cit., ii, pg. 91.

141. soares, op. cit., pg. 314.

142. karsten, op. cit.

143. whiffen, op. cit.

144. isto é, os verdadeiros nomes, recebidos na infância: estes se supõem ligados magicamente à alma do indivíduo. (karsten, op. cit.)

145. " [ .... ] alguns delles pela manhã, em despertando, se, levantam e fazem fincap no chão, com os olhos para o céu, para terem olho nelle que não caia e assim lhes parece que fica direito por todo aquelle dia" (padre luís figueira, relação do maranhão, documentos para a história de brasil e especialmente do ceará, 1608-1625, fortaleza, 1904).

146. montoya, op. cit., pgs. 164-165.

147. simão de vasconcelos, vida do veneravel padre joseph de anchieta da companhia de lesu, taumaturgo do novo mundo na provincia do brasil [ .... ] 1, pg. 102, lisboa, 1672. .

148. cardim, gabriel soares, gandavo, todos se referem horrorizados, ao monstro marinho. na sua história da provincia de santa cruz [ .... ] ed. de 1858) gandavo traz até a figura do hipupiara: é de aterrar. desse monstro diz ainda o padre cardim (op. cit.) que os naturais lhe tinham tão grande medo que "só de cuidarem nelle morrem muitos e nenhum que o vê escapa". e pormenoriza: "parece-se com homens propriamente de boa estatura mas tem os olhos muito encovados." havia fêmeas: \*as ferneas parecem mulheres, tem cabellos compridos e são formosas; acham-se esses monstros nas barras dos rios doces. em jagoaripe sete ou oito leguas da bahia se tem achado muitos [ .... ]". artur nêiva acredita que o hipupiara fosse algum "exemplar desgarrado da otaria jubata forster, 1755" (esboço histórico sobre a botânica e zoologia no brasil, são paulo, 1929).

149. da magia sexual no brasil pretendia ocupar-se, de modo geral,

em trabalho de que se deixou as primeiras páginas, publicadas na rev. do inst. hist. geog. pern., n.11 102, recife, 1910, o historiador e crítico brasileiro alfredo de carvalho.

17s g. f.

150. 'it follows", diz hartland, 'that peoples in that stage of thought cannot have, in theory at all events, the repugnance to a sexual union between man and the lower animals with which religious training and the growth of civilization have impressed all the higher races. such peoples admit the possibility of a marriage wherein one party may be human and the other an animal of a different species, or even a trte or a plant" (edwin sidney hartland, the science of fairy tales, 2.a ed., londres, 1925).

151. gilberto f...~, "vida social no nordeste", em livro do nordeste (comemorativo do centenário do diário de pernambuco, recife, 1925); e posteriormente josé lins do rego, menino de engenho (novela), rio, 1932. do assunto também se ocupa cicero dias, no seu romance autobiográfico, em preparo, jundiá.

152. g. s. hall, "a study of fears", apud alexander francis chamberlain, the child, a study in the evolution of man, 3.8 ed., londres.

153. os medos que hall chama da "gravidade", isto é, medo de cair, de perder a direção, o tino, e da terra fugir dos pés, etc.,

comuns

entre os primitivos, exprimiram-se em várias abusões e lendas correntes no brasil dos primeiros tempos e ainda encontradas no interior e nos sertões. "das águas do grão-paraguai", escreve Teodoro sampaio referindo-se ao século xvi, "lá no íntimo dos-/sertões, corria a fama de, que, precipitando-se em formidanda catadupa, com espantoso estrondo, faziam tremer a terra e perder o tino ao vivente que do espaço o ouvia" (cit. por taunay, são paulo nos primeiros tempos, cit.). sobre outras lendas e superstições ligadas aos grandes rios e à floresta, e de origem ameríndia, veja-se o livro póstumo de afonso arinos, lendas e tradições brasileiras, são paulo, 1917.

154. sflvio romero, provocações e debates, cit.

155. abis... Tienne, "la secte musulmane des malés du brasil et leur révolte en 1835% anthropos, viena, jan.-mço., 1909.

156. auguste de saint-hilaixe, vo-és dans i'intérieur du,brasil, paris, 1852.

157, soares, op. cit., póg. 321.

158. arthur s. b. freer, the early franciscans and jesuits, londres, 1922.

159. fr. zephyrin engelhardt, the missions and missionaries of calijornia, 1929. veja-se também o livro de frei basílio rOWER, páginas da história franciscana no brasil, rio, 1941, com abundante

biblio-

con-

serafim

grafia, inclusive de manuscritos, e várias notas interessantes sobre

flitos da atividade dos franciscanos com a dos jesuitas. no brasil. a atividade dos jesuitas se acha opulentamente descrita pelo; padre

leite na sua história da companhia de jesus no brasil, lisboa, 1938, obra notável pela seleção, ordem, método e documentação. a seleção.

É claro, do ponto de vista jesuítico.

em um dos seus eruditos estudos sobre a formação do Brasil diz o sr. Sérgio Buarque de Holanda não acreditar que a ação dos jesuítas sobre a cultura dos indígenas tenha sido desintegradora "senão na medida em que ela é inerente a toda atividade civilizadora, a toda transição violenta de cultura, provocada pela influência dos agentes externos.

onde os inicianos se distinguiram dos outros - religiosos e leigos - foi, isso sim, na maior obstinação e na eficácia maior do trabalho que desenvolveram. e sobretudo no zelo todo particular com\* que se dedicaram, de corpo e alma, ao mister de adaptar o Índio à vida civil,

c.-g. & s. 179



segundo concepções cristãs" ("s. j.", cobra de vidro, são paulo, 1944, pág. 97).

talvez haja nessas palavras excesso de generalização. pois ao contrário do que parece sugerir o ilustre ensaísta, pode-se admitir diferença de grau na ação desintegradora de culturas indígenas exercida pelos diversos grupos, missionários cristãos que se têm posto em contato com as populações indígenas da américa, da áfrica, da ásia, da austrália e de várias ilhas. é que seus métodos de "adaptar o índio à vida civil" e suas "concepções cristãs" têm variado consideravelmente. sobre essa diversidade de critério e de método vejam-se: robert ricard. études et documents pour l'histoire missionnaire de l'espagne et portugal, paris, 1931 e a "conquête spirituelle" du mexique - essai sur l'apostolat et les méthodes missionnaires des ordres mendiants en nouvelle-espagne de 1523-24 à 1572, paris, 1933; juan suñer de peralta, noticias históricas de la nueva espafia (edição de justo zaragoza), madri, 1878 (que procura explicar por que os indígenas da área por ele estudada preferiam os franciscanos aos outros missionários); j. alves correia, a dilatação da fé no império português, lisboa, 1936; lewls hanke, the first social experiments in america, cambridge, 1935. o professor h4,nke mostra que a atitude do governo e das ordens religiosas espanholas em relação aos ameríndios foi quase sociologicamente experimental e que nos inquéritos que se realizaram sob esse critério colheram-se opiniões contraditórias, uns julgando os indígenas "ábiles, de muy buenos juyzios e entendimientos" e outros, "gente que quiere ser mandada y no dexalio a su querer" (appendix w). a última parece ter sido a ideia predominante entre os missionários jesuítas, derivando-se provavelmente da seu método considerado por alguns excessivamente paternalista, de lidar com os indígenas do brasil e de outras partes da américa. outros críticos, como os antropólogos william cecil dampier e cati-ierlne during whetham, no seu the family and the nation - a study in natural inheritance and social responsibility, londres, 1909 (pág. 160), louvam os jesuítas precisamente pela política, por eles seguida nas américas, de segregação dos indígenas em reduções (evitando-se assim a miscigenação) e pelo seu sistema de "perpetual parental tutelage" desde que, para os mesmos jesuítas, segundo os referidos antropólogos, "the indian mind was incapable of a high development" (a inteligência do índio era incapaz de alto desenvolvimento). é certo que no brasil os jesuítas, na sua primeira fase de ação missionária, deram à educação dos meninos indígenas rumo intelectualista. na sua segunda fase é que seguiram o sistema das reduções caracterizado pela segregação de grandes grupos ameríndios sob um regime de absoluto paternalismo. este regime culminou no "es , tado" paraguaio (1601-1767) caracterizado pelo professor w.&.lter goetz como 'a virtual autocracy controlling the native population by communistic economic and social regulations" (encyclopaedia of the social sciences, nova lorque, 1935, pfig. 388).

sobre o assunto vejam-se mais: a. h. snow, the question of aborigines, nova lorque, 1921; w. c. mac lead, american indian frontier, nova iorque-londres, 1928, carmelo viras mey, el estatuto dei obrero indígena en la colonización Espagola, madri, 1929; george w. hinman, the american indian and christian missions, nova iorque, 1933; jules har~, domination et colonisation, paris, 1910; g. h. l-17. prit-

rrvers, the clash of cultures and the contact of races, londres, 1927;  
frei basilio rOWER, páginas da história franciscana no brasil, rio,  
1941. este destaca (págs. 51-52) que os franciscanos fundaram aldeias no

190 fl. f.

norte do brasil mas "no sul seguiam sempre o sistema das missões vo-  
lantes, quer dizer, doutrinavam o gentio no seu próprio habitat [ .... 1 ".  
"e se no fim do século xvii se encarregaram da administração espi-  
ritual e temporal de diversas aldeias já existentes foi a instâncias da  
autoridade civil. com isto, porém, não deixaram o sistema a que davam  
preferência e que parece mais consentâneo à Regra e à índole da ordem",  
isto é, o de liberdade dos índios. diante do que toma-se evidente ter  
sido maior a intensidade e extensão da inevitável ação desintegradora  
exercida pelas reduções jesuíticas que a exercida pelos franciscanos. os  
jesuítas das reduções não se afastavam os indígenas do seu habitat para  
conservá-los em meios artificiais como os privavam de liberdade de ex-  
pressão e de ambiente favorável ao desenvolvimento de suas aptidões e  
capacidades, fazendo-os, ao contrário, seguir vida puramente mecânica  
e duramente regulada de eternas crianças, eternos aprendizes e eternos  
robôs, cujo trabalho era aproveitado por seus tutores

ao mesmo tempo, nenhum estudioso honesto do assunto pode negar  
que no brasil os missionários jesuítas destacaram-se dos demais pela  
maior obstinação e "eficácia maior do trabalho que desenvolveram".  
os do primeiro século de colonização chegaram a ser heróicos, tal a  
intensidade do seu esforço no meio de tremendas dificuldades.

160. v~ncelos, chronica, cit., pág. 43.

161. so~ op. cit., pág. 321.

162. sobre os característicos--e-4, endências da chamada "mentalidade  
primitiva" leia-se o trabalho de Lévy brühl, mentalité Primitive, paris,  
1922.

163. cadernos escritos a mão por anchieta: "ainda naquelle tempo  
não havia nestas partes copia de livros, por onde pudessem os discípulos  
aprender os preceitos da grammatica. esta grande falta, remediava-a a  
caridade de josh e a custa do seu suor, e trabalho, escrevendo por propria  
mão tantos quadernos dos ditos preceitos quantos eram os discípulos que  
ensinava [ .... ]" (v~ncelos, chronica, cit., pág. 118).

164. os estudos sobre a chamada "mentalidade primitiva" mostr.)  
como é doloroso para eles separarem-se de vez do seu meio físico re-  
gional, a que estão ligados por um sistema de relações místicas: totê-  
micas e animistas. este equilíbrio de relações místicas rompia-se com a  
segregação jesuítica.

165. cit. por joão lúcio de azevedo, os jesuítas no grio-pará,  
cit..

166. simplismo considerado por sir j. g. nazer "always dangerous  
and not seldom disastrous", esse de se abolirem velhos sistemas morais  
sem lhes assegurar a substituição real, e não artificial (introdução ao  
livro de c. w. hobey, bantu beliefs and magic, londres, 1922). tam-  
bém ~er (man and culture, cit.) indica as desvantagens que de-  
correm para as populações selvagens das boas intenções moralizadoras e  
civilizadoras dos missionários, mesmo quando neles não se antecipa o

imperialismo econômico dos grandes países capitalistas. e prrr-rivers (op. cit.) escreve: "the inevitable result of destroying all the old culture forms and environmental conditions in the endeavour to impose too dissimilar a culture upon a people specialized by a long process of adaptation to particular conditions is actually to exterminate them." acrescentando: "it follows from this that all missionary endeavour among heathen and savage peoples [ .... i is incapable of anchieving any result in the end except to assist in the extermination of the people it professes to assist. "

c.-g. & s. 18 1

167. "a primeira traça com que sahiram", escreve dos jesuítas o padre simão, "foi fazer familiares de casa (ainda à custa de dadivas e mimos) os meninos filhos dos indios; porque estes, por menos divertidos e por mais habeis que os grandes, em todas as nações do brasil, são mais facéis de doutrinar; e doutrinados os filhos, por elles se comecariam a doutrinar os paes; traça que a experiencia mostrou ser ainda do cõo [ .... 1. granjeados os meninos filhos de índios, foram pelos jesuítas postos a aprender a ler, escrever, contar, ajudar a missa e doutrina christã: e os que estavam mais provectos sahiram em procissões pelas ruas entoando canto de solfa, as orações, e os mysterios da fé, compostos em estylo. com o que se alegravam inimensamente os pacs." "chegava a ser demasiada a opinião que se tinha destes meninos entre os indios; porque os respeitavam como cousa sagrada: nenhum ousava obrar cousa alguma contra sua vontade, criam no que diziam e cuidavam que nelles estava posta alguma divindade: até os caminhos enramavam por onde haviam de passar" ~ncelos, chronica, cit., p. 125). sobre o assunto escreve couto de magalhães: "estes meninos, quando chegavam a ser homens, eram escolas vivas, porque possuindo igualmente bem as duas línguas, eram o elo indispensável para aproximar as duas raças" (o selvagem, cit.). leia-se tambem sobre o sistema de catequese e pedagogico dos primeiros jesuítas, pires de almeida, l'instruction publique au brasil, rio de janeiro, 1889.

168. era um velho feiticeiro chamado iuguacari. os padres soltaram-no no meio da meninada, que a principio teve medo; mas "pouco a pouco foi passando o medo, e por fim de contas todos juntos atiravam-se para a banda dere, accometeram-no, deram com elle no chão e o maltrataram de todos os modos" (montoya, op. cit., p. 250).

169. 111 centenario do veneravel joseph de anchieta, paris-lisboa, 1900.

170. a verdadeira que se etriologos lamentam o fato de que no brasil a "igreja nivelou mais, apagou os caracteristicos traços étnicos e peculiares

de tantas tribos indógenas, extintas já ou prestes a extinguir-se. uma correnteza poderosa abraçou todos os elementos que encontrou no seu percurso e uniformizou todos e em toda parte" (emílio goeldi, "o estado atual dos conhecimentos sobre os índios do brasil", em boletim do museu paraense de historia natural e etnografia, n.º 4, vol. 11).

171. teodoro sampaio, o tupi, cit.

172. cit. por taunay, historia geral das bandeiras, cit.

173. teodoro sampaio, o tupi, cit.

174. vida do veneravel padre joseph de anchieta, da companhia de lesu [ .... ] composta pello p. siman de vasconcellos [.....], p. 126, lisboa, 1622.

175. vncelos, vida do veneravel padre joseph de anchieta, cit., p. 130.

176. f. a. varnhagen, historia geral do brasil, cit.

177. 111 centenario do veneravel joseph de anchieta, cit.

178. varnhagen, op. cit.

179. vasconcelos, vida do veneravel padre joseph de anchieta, cit. p. 130.

180. teodoro sampaio, 0 tupi, cit.  
 181. josé antônio de frerras, 0 lirismo brasileiro, lisboa, 1373.  
 182. afonso de escragnolle taunay, s0o paulo no s0culo xvi, tours, 1921.  
 183. lll centen0rio do vener0vel joseph de anchieta, cit.

182 g. f.

184. varnhagen, op. cit.  
 185. j. m. de m0dureira, s. l, a liberdade dos ind0os e a companhia de jesu0s, sua pedagogia e seus resultados, rio de janeiro, 1927 (tomo especial do congresso internacional de hist0ria da am0rica, vol. iv).

"quanto a n0s", escreve sobre o sistema dos jesu0tas o c0nego fernandes pinheiro, "grande erro era o d'aniquilar inteiramente a vontade dos catechumenos e neophytos, reduzindo-os ao mesquinho papel de machinas ambulantes. considerando os indios como meninos que necessitam de guias para se n0o despenharem nos abysmos do vicio, de tutores para n0o dissiparem a propria fazenda, entenderam os var0es apostolicos que primeiro os chamaram ao gremio da igreja e da civiliza00o. que deveram ser elles esses guias; no que n0o se enganaram. levando, porem, mais longe o zelo que pela familia espiritual tinham, transmitiram intacto t0o grande poder aos seus sucessores, esquecendo que era elle por sua natureza precario, e apellias proprio para a primeira pliase de transi00o da vida selvagem para a civilizada. daqui nasceu o abuso que assignamos, daqui proveio que jamais teve o 0ndio autonomia, jamais pensou em dirigir-se por s0ra0 8 k em assumir a responsabilidade de seus

lu sp v  
im

n

atos: daqui originou:: fina onte a destrui00o total do obra da catechese,

e  
~rcnt i

que t0o prospera e vivaz par ia, logo que faltou-lhe o bra0o jesuitico que de p0 a sustinha" (introdu00o 0 Chronica da companhia de jesu0s do estado do brasil, etc., pelo padre sim0o de vasconcelos, 2.a edi00o, rio, 1864). do mesmo c0nego fernandes pinheiro leia-se sobre o assunto "ensaio sobre os jesu0tas% rev. inst. hist. geog. bras., tomo xviii, conv0m ler, ao lado de ensaios sobre os jesu0tas mais ou menos impregnados de fervor apolog0tico - os de joaquim naauco, eduardo prado, teodoro sampaio, brastuo mach~ (iii centen0rio do vener0vel joseph de anchieta, paris-lisboa, 1900), j. p. cal6geras, os jesu0tas e o ensino, rio, 1911; em0nio vilhena de morais, "qual a influencia dos jesu0tas em nossas letras?" (rev. inst. hist. geog. bras., tomo especial, congresso de hist0ria nacional, parte v, rio, 1917), as poucas tentativas de cr0tica hist0rica, como os "apontamentos para a historia dos jesuitas, extrahidos dos chronistas da companhia de jesu0s" (rev. inst. hist. geog. bras., tomo xxxiv, rio, 1871) de ant0nio henriques leal. este, ali0s, 0 o primeiro a reconhecer a dificuldade de "refletir criticamente" sobre a hist0ria dos jesu0tas, de que "eles s0o os proprios escritores e, por consequ0ncia, n0o isenta de grande soma de

parcialidade e inverossimilhança", sobre a organização do trabalho nas missões jesuíticas no Brasil, veja-se livro de L. Capitan e Henri Lorin, *Le travail en Amérique avant et après Colomb*, Paris, 1930. Os recentes trabalhos do padre Serafim Leite, sobre a história da Companhia de Jesus no Brasil são ricos de informações valiosas, notando-se, entretanto, que o material é apresentado apologeticamente, dentro do ponto de vista jesuítico.

186. José Arouche de Toledo Rendon, "Memória sobre as aldeias de índios da província de São Paulo", *Rev. do Inst. Hist. Geog. Bras.*, vi; João Mendes Júnior, *Os índios no Brasil - seus direitos individuais e políticos*, São Paulo, 1912.

187. "Não era talvez menor a tirania do religioso, na missão, que a do lavrador, na fazenda" escreve João Lúcio de Azevedo. e ainda: "Não resta dúvida que certos padres não tinham com os neófitos a caridade devida; por leves culpas os mandavam açoitarem e meter em troncos; e nem sequer os principais, que o prestígio de sua autoridade deveria

c.-g. & s.18131

(i

iii

resguardar, escapavam aos humilhantes castigos" (os jesuítas no grão-pará, 'suas missões e a colonização, 2.a ed., coimbra, 1930).

188. arouche, "memória", cit.

189. arouche, "memória", cit.

190. joão lúcio de azevedo, os jesuítas no grão-pará, cit.

191. joão lúcio de azevedo, op. cit.

192. azevedo, os jesuítas no grão-pará, cit.

193. O despovoamento parece ter sido enorme. difícil de precisar qual fosse a população aborígine ao verificar-se a descoberta do brasil, há evidências de sua relativa densidade "pelo menos", diz azevedo, "no litoral do oceano e às margens dos rios". O mesmo fato é salientado por m. bonfim, O brasil na américa, cit.

194. azevedo, op. cit.

195. crônica da -companhia de jesus pelo padre jacinto de carvalho, ins. da biblioteca de Évora, apud azevedo, op. cit.

196. memórias sobre o maranhão, do Padre josé de morais, apud a. j. de melo morais, corografia, rio de janeiro, 1859; joão francisco lisboa, timon, cit.; arouche, "memória", cit.; padre antônio vieira, obras várias, lisboa, 1856 e 1857; agostinho marques perdigão malheiro, a escravidão no brasil, rio de janeiro, 1866; j. j. machado de oliveira, "notícia raciocinada sobre as aldeias de índios da província de são paulo" (rev. do inst. hist. geog. bras., viii).

197. perdigão malheiro, op. cit.

198. j. f. lisboa, timon, cit.

199. azevedo, os jesuítas no grão-pará, cit.

200. antônio vieira, citado por azevedo, op. cit.

201. taunay, são paulo no século xvi, cit.

202. vasconcelos, chronica, cit., pfig. 65.

203. escreve keller dos portugueses: "they were so given to the slave-system that they could no longer provide for themselves. a biological differentiation of functions, as it were, had left them, like darwin's slave-making ants, in a sort of parasitic relation to a subject race" (a. g. keller, colonization, etc., cit., boston-nova lorque, 1908).

204. vejã-se as atas da câmara de são paulo, cit.

205. taunay, história geral das bandeiras paulistas, cit.

206. cardim, op. cit., pág. 320.

207. gandavo, op. cit., pág. 119.

208. nobrega, cartas, cit., pág. 110.

209. lóry, ap. cit., 1, págs. 122-123.

210. soares, op. cit., pág. 306. acrescenta so~ bons dentes, alvos, miúdos, sem nunca lhes apodrecerem [ .... ] pernas bem feitas, pões pequenos [ .... ] homens de grandes forças" (pág. 306).

211. cardim, op. cit.

212. pero vaz de cawnha, carta, cit.

213. alexander goldenweiser, "the significance of the study of culture for sociology", journal of social forces, vol. 111, 1924.

214. rivers, apud goldenweiser, loc. cit.

215. citado por j. isidoro martins júnior, história do direito nacional, rio, 1895.

216. no que chama "direito público interno" dos indígenas encontra bevilacqua "quase nula repressão do furto", "o comunismo tribal com

ausência absoluta do domínio territorial", penas às mulheres adúlteras, do talão, vindita de família, etc. ("instituições e costumes jurídicos dos

18.1 g. f.

índigenas brasileiros no tempo da conquista", apud martins jômOR, op. cit.)

217. este costume indígena foi adotado pelos primeiros colonos. anchieta escreve, referindo-se aos colonos e aos padres: "andarem descalços e uso da terra e não lhes dê tanta pena o trabalho como si fora na europa e desta maneira fazem os mui ricos e honrados da terra" (informações e fragmentos do padre joseph de anchieta, s. 1., 1584-1586, cit.)

quanto à coivara, não se deve entender por sua influência sobre a técnica da lavoura no brasil patriarcal o puro fato de se devastarem matas - irônica muito do portugal antigo e da europa mediterrânea de antes da colonização lusitana do brasil - mas a sistematização de tais devastações pelo fogo\* segundo processos ameríndios adotados pelos portugueses. tudo indica que estes, em seu maior número, agiram na américa do sul de modo idêntico a muitos colonos ingleses na américa do norte, isto é, praticavam a chamada "lavoura de pioneiros" valendo-se de métodos ou sugestões ameríndias. métodos simplistas e às vezes brutais.

em 1849 o professor j. f. johnston/ jô notava terem os agricultores brancos da nova inglaterra seg id os métodos pouco econômicos de lavoura encontrados entre os índios. o assunto foi

posterior-

mente estudado pelo professor holt stone no seu trabalho

"so-ne problems of southern economic history" em readings in the economic history of american agriculture (organizado por schmitt e ross, nova iorque, 1925, págs. 274-292) onde chegou à conclusão de tenderem os pioneiros em terras vastas e baratas à exploração do solo por métodos menos econômicos que os empregados no seu país de origem. também f. j. turner (the frontier in american history, nova iorque, 1921) estudou o assunto destacando a tendência dos pioneiros europeus na américa para seguirem técnicas ameríndias; e o professor rupert b. vance em human geography of the south - a study in regional resources and human adequacy (chapel hill, 1932) analisa o conflito entre processos de pioneiros e processos de colonização patriarcal-escravocrata ("plantation"). esse conflito, porém, não excluiu a preservação de técnicas adquiridas dos ameríndios pelos pioneiros em suas primeiras expansões de fronteira econômica européia sobre terras americanas.

entre nós, peckolt estudou esse aspecto da colonização européia para concluir atribuindo ao sistema de trabalho escravo o que aqui se denomina a sistematização da coivara como método de exploração da

go~:0

do brasil, rio de janeiro, 1871). peckolt destaca que o fato de, no brasil, o cultivador procurar "esgotar as terras o mais depressa possível" foi estimulado pela escravidão, devido a faltarem braços (escravos) "para a laboriosa estrumação de terras" como a praticada na europa (pág. 62). a -e, trumação unicamente pelas cinzas" - característica do processo indígena, pois este não se limitava à queima de mata para limpeza su-



mória, rápida e brutal de terreno a ser utilizado com fins agrícolas --- dispensava os cuidados e conhecimentos de estruturação menos simplista, conhecidos e praticados pelos lavradores europeus.

diante disso não parece ter razão o sr. afonso arinos de melo franco ao procurar negar, em notável trabalho (desenvolvimento da civilização material no brasil, rio, 1944, p. 18), a influência direta da coivara, como traço de cultura indígena, sobre a lavoura do brasil português. embora ninguém ignore que em portugal e na europa medi-

c.-g. & s. 185

terrenea praticou-se a devastação de matas, antes de descoberto e colonizado o brasil, verificou-se aqui a revivescência do processo como "processo pioneiro" de lavoura com desprezo por técnicas mais adiantadas e econômicas de estrumação praticadas na europa.

no mesmo trabalho o autor parece esquecer, entre os elementos de civilização material a adoção, por um país, de plantas utilizadas por outro: adições com que quase sempre se enriquece uma economia ou unia culvira quando em contato com outra. no brasil foi considerável a adoção, pelos portugueses, de plantas alimentares, medicinais e de cozo cultivadas ou utilizadas pelos ameríndios e pelos africanos. pena que o autor de desenvolvimento da civilização material no brasil tenha desprezado esse lado das relações da cultura europeia com as extra-europeias no brasil. tal omissão é tanto mais para ser notada quanto o referido historiador parece ser dos que tendem a defender a tese de que a civilização brasileira pouco tem de extra-europeia. esta tese seria igualmente defendida com especial vigor pelo escritor africano peixoto que, em brilhante ensaio sobre "o homem cósmico da america", apresentado ao 3.º congresso internacional de catedráticos de literatura ibero-america, reunido em 1942 em nova orleans e publicado na memória do mesmo congresso (nova orleans, 1944), sustenta: "chega-se a falar, para ofender a europa, em civilizações "ameríndias" e "afro-índias", que são apenas desabafos políticos ou tendências eleitorais efêmeras, por não consistentes. na realidade, só há uma civilização na america: a civilização branca importada, apenas americanizada" (págs. 116-117). as conclusões de a-º peixoto foram impugnadas, no mesmo congresso, pelos professores w. rex caawford, vésquez a-, albeito r-ao e outros, tendo o professor crawford lembrado a influência africana no desenvolvimento de várias culturas americanas. veja-se também sobre o assunto gilberto freyre, problemas brasileiros de antropologia, rio de janeiro, 1943.

em comentário ao estudo do sr. joão dornas fuilo, influência social do negro brasileiro (curitiba; 1943), o sr. arws da mata transcreve do mesmo estudo o seguinte trecho: "quanto ao seu valor específico, ao "tonus" do seu estudo intelectual em relação ao aborigine do brasil, max s-int destaca dois aspectos essenciais que lhe dão superioridade sobre este e que são o trabalho dos metais e a criação de gado. gliberto freyre acrescenta a arte culinária e ambos se esquecem da agricultura que o negro já praticava racionalmente, como se sabe, com a cana-de-açúcar e o milho, sendo que este último o índio só utilizava cozido ou assado, desconhecendo o processo de moagem para o fubá e outros mingaus, que o negro introduziu na nossa dieta" ("Índios e negros% planalto, são paulo, janeiro, 1945, pági. 26-27). a observação é interessante no que se relaciona à contribuição do negro para o desenvolvimento da civilização material, no brasil, com valores e técnicas um tanto desprezadas pelo sr. afonso arinos i) e aftlo franco em seu referido desenvolvimento da civilização material no brasil. aº escreve o sr. a. a. iz- mzlo -º que nina rodiugues e o professor artur ramos reconhecem "a pequenez da contribuição especificamente negra para a nossa civilização mat-, acrescentando que artua. ramos, tratando da civilização material dos negros, apenas se refere à importação de pequenos objetos de bronze e outros metais e a fabri-

cação de instrumentos de música de culto e de uso doméstico" (pág. 19).  
ficariam no olvido contribuições à agricultura como as destacadas pelo  
sr. dornas filho - que certamente usa a palavra "milho" em sentido

186, g. f.

lato - à culinária, à arquitetura, à escultura, à pintura e ao traje po-  
pular (o traje da baiana, o turbante, etc.) e à ourivesaria semipopular  
baiana.

218. karmn, op. cil

219. gastão cruls, op. cit. silvio romero e joão ribeiro assim  
resumem a contribuição ameríndia à cultura brasileira: "aos índios deve  
a nossa gente atual, especialmente nas paragens em que mais cruzaram,  
como o caso no centro, norte, oeste, leste, e mesmo sul do país, muitos  
dos conhecimentos e instrumentos da caça e da pesca, várias plantas ali-  
mentares e medicinais, muitas palavras da linguagem corrente, muitos  
costumes locais, alguns fenômenos da música popular, várias danças ple-  
béias e certo influxo na poesia anônima, especialmente no ciclo de ro-  
mances de vaqueiros, muito corrente na região sertaneja do norte, na fa-  
mosa zona das secas, entre o paraguai e o paranaíba, a velha pátria dos  
cariris" (compêndio de história da literatura, 2.ª edição refundida, rio,  
1909). e afonso cláudio no seu estudo sobre "as três raças na socie-  
dade colonial -contribuição social de cada uma" salienta que para a  
formação brasileira o indígena contribuiu: "a) com o seu braço que foi  
um dos instrumentos de trabalho colonial; b) com o conhecimento dos  
cursos de água interiores do país, em que navegava e das florestas que  
varava e das quais. foi sempre o guia nas explorações industriais e cientí-  
ficas e nas missões religiosas; c) com a divulgação de vegetais convi-  
nháveis e alimentares, como a farinha de mandioca, o cauim ou cauba,  
nozes e castanhas silvestres; d) com a prática de extração de raízes, fru-  
tas, óleos e folhas, cipós e flores de propriedades terapêuticas, desco-  
nhecidas dos europeus; e) com o ensino do manejo do arco e flecha,  
dos laços e armadilhas para a captura do peixe e da caça, como o  
mundu, o fojo, o jequi e o tingui; f) com os empréstimos de seu  
vocabulário dialetal, para designar fatos de linguagem sem expressões  
correspondentes nas línguas portuguesa e africana; g) com o ensino e  
preparo da coivara, o governo das igaras nos rios e lagoas e o trans-  
porte nos rápidos e cachoeiras; h) com a aplicação ao uso domés-  
tico e ao vestuário, das fibras têxteis, cipós e taquaras; i) com a te-

a

n~d

c r

c r

cco

o

celagem da rede de dormir e da de apreender o peixe, da tarrafa de  
tucum e da fisga; j) com o conhecimento e preparo do ticuna ou curare"  
(tomo especial, vol. iii, rev. do inst. hist. geog. bras., 1927). entre  
outras muitas palavras que nos ficaram do tupi teodoro s~aio men-  
ciona as seguintes: arapuca, pereba, sapeca, embatucar, tabarou, pipoca,

tet~~o~~ia, caipira, todas de uso corrente no brasil ("s~~o~~ paulo de pirati-  
ninga no fim do s~~o~~culo xvi", rev. do inst. hist. geog. de s~~o~~ paulo.  
tomo m.

c.-g, & s. 187

i

i

o colonizador português:

antecedentes

e

predisposições

4

\_j '4~

60

00

Os pontos em que tocamos de leve  
no primeiro capítulo vamos neste ferir  
in

um mais força na tentativa de caracte-  
rizar a figura do colonizador portu-  
guês do Brasil. figura vaga, falta-lhe  
o contorno ou a cor que a individua-  
lize entre os imperialistas modernos.

assemelha-se nuns pontos do inglês;

noutros do espanhol. um espanhol

sem a físiça guerreira nem a ortodo-  
xia dramática do conquistador do Mé-

xico e do Peru; um inglês sem as duras linhas puritanas. O  
tipo do contemporizador. nem ideais absolutos, nem precon-  
ceitos inflexíveis.

O escravocrata terrível que só faltou transportar da África  
para a América, em navios imundos, que de longe se adivinha-  
vam pela inchaça, a população inteira de negros, foi por outro  
lado o colonizador europeu que melhor confraternizou com as  
raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com  
os escravos. É verdade que, em grande parte, pela impossibili-  
dade de constituir-se em aristocracia europeia nos trópicos: es-  
casseava-lhe para tanto o capital, sendo em homens, em mulhe-  
res brancas. mas independente da falta ou escassez de mulher  
branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso  
com mulher exótica. para o cruzamento e miscigenação. ten-  
dência que parece resultar da plasticidade social, maior no por-  
tuguês que em qualquer outro colonizador europeu.

nenhum menos rígido no contorno. menos duro nas linhas  
do caráter. dá-se a tantas e tão profundas deforma-  
ções. não é uma "lenda negra", como a grande, sinistra, que  
prestigia, mesmo denegrindo, a figura do conquistador espanhol.  
a que envolve o colonizador português, mas uma tradição pega-  
jenta de inópcia, de estupidez e de salacidade.

-g. & s. 189,

a deformação do vulto, por natureza gótico, vertical, do castelhano, tem sido a grega. O alongamento mórbido. a "ferrea austeridad" exagerada em crueldade. O orgulho em fanfarronice quixotesca. a valentia em bravado. mas conservada a nobreza angulosa do todo. a deformação do português tem sido sempre em sentido horizontal. O achatamento. O arredondamento. O exagero da carne em enxofria. seu realismo econômico arredondado em mercantilismo, somiticaria, materialização bruta de todos os valores da vida. seu culto da venus fosca, de formação tão romântica como o das virgens louras, desfigurado em erotismo rasteiro: furor de don-juan das senzalas desadorado através de negras e mulecas.

não é pelo estudo do português moderno, já tão manchado de podre, que se consegue uma idéia equilibrada e exata do colonizador do brasil - o português de quinhentos e de seiscentos, ainda verde de energia, o caráter arnolegado por um século, apenas, de corrupção e decadência. foi o que tentou keyserling para concluir pelo seu plebeísmo e quase negar-lhe a qualidade de povo imperial. mesmo que esse plebeísmo fosse característico do português de hoje não seria do português dos séculos xv e xvi. sem aguar-se nunca no aristocratismo do castelhano, no que o português se antecipou aos europeus foi no burguesismo. mas esse burguesismo precoce sofreria no brasil refração seria em face das condições físicas da terra e das de cultura dos nativos; e o povo que, segundo herculano, mal conhecera o feudalismo, retrocedeu no século xvi e era feudal, revivendo-lhe os métodos aristocráticos na colônia

da américa. uma como compensação ou retificação de sua própria história.

a colonização do brasil se processou aristocraticamente - mais do que a de qualquer outra parte da américa. no peru terá havido maior brilho cenográfico; maior ostentação das formas - e dos acessórios da aristocracia europeia. lima chegou a ter quatro mil carruagens rodando pelas ruas e, dentro delas, magníficos e inúteis, centenas de grandes da espanha. quarenta e cinco famílias são de marqueses e condes. mas onde o processo de colonização europeia afirmou-se essencialmente aristocrático foi no norte do brasil. aristocrático, patriarcal, escravocrata. O português fez-se aqui senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da américa. essencialmente plebeu, ele teria falhado na esfera aristocrática em que teve de desenvolver-se seu domínio colonial no brasil. não falhou, antes fundou a maior civilização moderna nos trópicos.

190 g. f.

há muito que descontar nas pretensões de grandeza do português. desde fins do século xvi ele vive parasitariamente de um passado cujo esplendor exagera. supondo-se diminuído

ou negado pela crítica estrangeira, artificializou-se num português-para-ingleses-ver, que os ingleses têm sido, entretanto, os mais perspicazes em retratar ao natural, restituindo-lhe os contornos e as cores exatas. uns em livros admiráveis como o de beckford e 9 de bell, outros em desenhos ou aquarelas estu-  
pendas de realismo como as de kinsey, de bradford, de murphy. já no século xvi buchanan trocava em versos latinos dos por-  
tugueses. da grandeza antes mercantil do que imperial do seu rei:

tu és o incomparável lusitano,  
o algarvio d'aquém e d'além-mar,  
o árabe, o indico, o persa e o da guinéu,-  
grande senhor de terras africanas  
do congo e manicongo e de zalofo.

e logo, profético, antevendo os desastrosos efeitos do mer-  
cantilismo oficial, acrescentava o letrado:-

se por algum dia, ao rei dos nomes  
a guerra ou o mar em fúria s'inflamando  
lhe fecharem a tenda da pimenta,  
bem pode alimentar-se dessa fama  
mercadejada em f~as d'além-mar.  
fará pesadas dívidas  
ou morrerá de fome.<sup>2</sup>

foi o que sucedeu, estancadas as fontes asiáticas de opu-  
lência. longe de conformar-se com uma viuvez honesta, de  
nação decaída - como mais tarde a holanda, que depois de se-  
nhora de vasto império entregou-se ao fabrico do queijo e da  
manteiga - continuou português, após Alcácer-quebir, a supor-  
se o português opulento de dom sebastião vivo. a alimentar-se  
da fama adquirida nas conquistas de ultramar. a iludir-se de  
uma mística imperialista já sem base. a envenenar-se da mania  
de grandeza. "celebram lisboa com tal cópia de palavras, que  
a fazem igual às principais cidades do mundo, e por isso cos-  
tumam dizer: - quem não vê Lisboa, não vê cousa boa",  
escreviam dos portugueses em fins do século xvi os embaixa-  
dores venezianos trom e lippomani. e acrescentavam: "a  
gente miúda gosta que lhe dêem o tratamento de senhor, manha  
esta comum a toda a espanha."<sup>3</sup>

do século xvi até hoje só tem feito aguar-se no por-  
tuguês a simulação de qualidades europeias e imperiais, que



possuiu ou encarnou por tão curto período. É um povo que vive a fazer de conta que é poderoso e importante. que é super-civilizado e europeia. que é grande potência colonial. bell observou entre os portugueses dos princípios do século xx que seus ideais de engrandecimento nacional continuavam a variar entre "a conquista da espanha e a construção de uma marinha de guerra". 4 -a suíça que condense o seu leite e a holanda que fabrique seus queijos. portugal continua de ponta de pé, no esforço de aparecer entre as grandes potências europeias. foram esses exageros que o impressionismo de keyserling não soube descontar ou descontar mal, reduzindo os portugueses a um povo sem grandeza nenhuma: quase uma andorra ou uma sã marinho. república de opereta onde todos os homens fossem doutores e se tratassem por vossa excelência. diminuiu-lhes a importância da função criadora que nos séculos xv e xvi afirmou-se não só na técnica da navegação e da construção naval como no arrojo dos descobrimentos e das conquistas, nas guerras da África e da Índia, na opulenta literatura de viagens, no eficiente imperialismo colonizador. só lhes deixou de original a música popular ou plebeia; e de grande o ódio ao espanhol. Ódio igualmente plebeu.

pelo ódio ou antagonismo ao espanhol é que o português se teria tornado e conservado autónomo. independente.

mas antes do ódio ao espanhol, salientado por keyserling, outro, talvez mais profundo e criador, atuou sobre o carácter português, predispondo-o ao nacionalismo e até ao imperialismo: o ódio ao mouro. quase o mesmo ódio que se manifestou mais tarde no brasil nas guerras aos bugres e aos hereges. principalmente aos hereges - o inimigo contra quem se uniram energias dispersas e até antagónicas. jesuítas e senhores de engenho. paulistas e baianos. sem esse grande esparitalho comum talvez nunca se tivesse desenvolvido "consciência de escravidão" entre grupos tão distantes uns dos outros, tão sem nexos políticos entre si, como os primeiros focos de colonização lusitana no brasil. a unificação moral e política realizou-se em grande parte pela solidariedade dos diferentes grupos contra a heresia, ora encarnada pelo francês, ora pelo inglês ou holandês; às vezes, simplesmente pelo bugre.

repetiu-se na américa, entre portugueses disseminados por um território vasto, o mesmo processo de unificação que na península: cristãos contra infiéis. nossas guerras contra os índios nunca foram guerras de branco contra peles-vermelhas, mas de cristãos contra bugres. nossa hostilidade aos ingleses, franceses, holandeses teve sempre o mesmo carácter de profilaxia

192 g. i.

religiosa: católicos contra hereges. os padres de santos que em 1580 tratam com os ingleses da minion, não manifestam contra eles nenhum duro rancor: tratam-nos até com alguma doçura.- seu ódio é profilático. contra o pecado e não contra

o pecador, diria um teólogo. O pecado, a heresia, a infidelidade que não se deixa entrar na colônia, e não o estrangeiro. O infiel que se trata como inimigo no indígena, e não o indivíduo de raça diversa ou de cor diferente.

bryce atinou com o sentido religioso da formação hispânica da América. "religion has been in the past almost as powerful a dissevering force as has racial antagonism", escreve ele. -,~ acrescenta: "in the case of the Spaniard and the Portuguese, religion, as soon as the Indians had been baptized, made race differences seem insignificant." 6 principalmente - poderia ter adiantado - no caso dos portugueses, ainda mais sem consciência de raça do que os espanhóis. estes teriam maior ortodoxia católica; mais grave ficara da luta contra os

que os portugueses o senso da  
o sentimento do castigo; mas em ambos  
mouros o ódio profílic ao herege.  
no fundo, esse purismo de religião,

como o mais moderno  
e caracteristicamente anglo-saxónico, ou teutónico, de raça, do que se origina ou se alimenta O quase sempre de antagonismos económicos. nem outra coisa foram em essência as guerras entre cristãos e mouros de que resultaria o ardoroso nacionalismo português. se as considerarmos de feição religiosa, O menos pelos seus motivos essenciais que pela sua forma e pela sua mística. já observou João Lúcio de Azevedo: "na reconquista não estava o principal fundamento na religião nem na raça". e no seu estudo organizacional económica, Azevedo fere a mesma nota: nas guerras da reconquista foram escravizados e esbulhados mouros e cristãos indistintamente. do que resultou "pelejam às vezes os cristãos contra os da sua fé ao lado dos sarracenos, defendendo assim a posse de seus bens e a liberdade". pode-se afirmar que nesses casos. os esbulhos e a hispano-  
ao solo,

escravidão se fizeram em proveito, menos aos antigos romanos, do que de elementos "na procedência alheios quase tanto quanto podiam ser os sarracenos". 8

elementos em grande maioria novos na península; adventícios. aventureiros louros vindos do norte a quem as guerras ou cruzadas aos infiéis facilitavam constituírem-se em classe proprietária, O custa da lenda suave de reconquista cristã. mas a verdade O que o capital de instalação desse elemento aventureiro foi muitas vezes o cativo de guerra mourabe e portanto

crístio; o gado, a terra e os bens desses seus correligionários, e não apenas dos infiéis.

mas foi pela mística religiosa que o movimento da reconquista se definiu. cristãos contra infiéis. "quando cumpria aplicar uma designação que representasse o habitante da parte da península livre do jugo do islão, só uma palavra havia: cristiano", diz-nos alexandre herculano 9 da época belicosa que antecedeu a organização dos portugueses e espanhóis em nações. ---o epíteto que indicava a crença representava a nacionalidade." es: a só depois se definiu politicamente sem entretanto perder de todo, a não ser largos séculos depois da reconquista, o nexa ou o cunho religioso.

na expressão popular, hoje irônica - "vê queixar-se ao bispo" - es(yotados os apelos à polícia, ao governo, à justiça, sobrevive a antiga idêia do prestígio eclesiástico maior que o civil dentro da qual formou-se o espírito da gente peninsular. principalmente na espanha. no brasil já esse prestígio não seria tão grande. as condições de colonização criadas pelo sistema político das capitânias hereditárias e mantidas pelo econômico, das sesmarias e da grande lavoura - condições francamente feudais - o que acentuaram de superior aos governos e a justiça del-rei foi o abuso do coito ou homizão pelos grandes proprietários de engenhos; e não pelas-catedrais c pelos mosteiros. criminoso ou escravo fugido que se apadrinhasse com senhor de engenho livrava-se na certa das iras da justiça ou da polícia. mesmo que passasse preso diante da casa-grande bastava gritar: - "valha-ine, seu coronel fulano." e agarrar-se à porteira ou a um dos inóirões da cerca. da mesma maneira que outrora, em portugal, refugiando-se o criminoso à sombra das igrejas, escapava ao rigor da justiça del-rei.

as igrejas portuguesas tornaram-se até escandalosas na proteção a criminosos. anteciparam-se nesses abusos aos engenhos patriarcais do brasil. ao de dona francisca do rio formoso, em pernambuco. ao de machado da boa vista, na bahia.10

no século xvii a disciplina canônica juntou-se à autoridade del-rei (afonso v) no sentido de restringir as condições de asilo nas igrejas portuguesas como mais tarde, no brasil, o imperador dom pedro ii tentaria restringir a onipotência dos proprietários de engenho, muitas vezes couteiros de assassinos. pelos limites impostos no século xvii aos abusos de asilo nas igrejas, em portugal," verificam-se os desmandos em que se extremavam, dentro delas, os acoutados. banquetevam-se. punham-se à porta ou no adro a tanger viola. jogavam. conversavam

safadeza. punham-se em contato com mulheres suspeitas. os mais afoitos comiam, bebiam e dormiam na própria capela-mor.

no brasil, a catedral ou a igreja mais poderosa que o próprio rei seria substituída pela casa-grande de engetílio. nossa fori-nação social, tanto quanto a portuguesa, fez-se pela solidariedade de ideal ou de fé religiosa, que nos supriu a ias-idêia de nexa político ou de mística ou consciência de raça. mas a

igreja que age na formação brasileira, articulando-a, não é a catedral com o seu bispo a que se vê queixar os desenganados de justiça secular; nem a igreja isolada e só, ou de mosteiro ou eremita, onde se vê acoitar criminosos e prover-se de pão e resde comidas mendigos e desamparados. É a capela de engenho. não chega a haver clericalismo no brasil. esboçou-se o dos padres da companhia para esvair-se logo, vencido pelo oligarquismo e pelo nepotismo dos grandes senhores de terras e escravos.

os jesuítas sentiram, desde o início, nos senhores de engenho, seus grandes e terríveis rivais. os outros clérigos e até mesmo frades acomodaram-se, gordos e moles, às funções de capelães, de padres-mestres, de tios-padres, de padrinhos de meninos; a confortável situação de pessoas da família, de gente de casa, de aliados e aderentes do sistema patriarcal, no século xviii muitos deles morando nas próprias casas-grandes. contra os conselhos, aliás, do jesuíta andreoni que enxergava nessa intimidade o perigo da subserviência dos padres aos senhores de engenho e do demasiado contato - não diz claramente, mas o insinua em meias palavras - com negras e mulatas moças. ao seu ver devia o capelão manter-se "familiar de deus, e não de outro homem"; morar sozinho, fora da casa-grande; e ter por criada escrava velha. 12 norma que parece ter sido seguida raramente pelos vigários e capelães dos tempos coloniais.

em certas zonas do interior de pernambuco, tradições malignas atribuem aos antigos capelães de engenho a função útil, embora nada serfíca, de procriadores. neste ponto havemos de nos deter com mais vagar; e esperamos que sem malícia nem injustiça para com o clero brasileiro dos tempos da escravidão. O qual se não primou nunca, a não ser sob a roupeta de jesuíta, pelo ascetismo ou pela ortodoxia, sempre se distinguiu pelo brasileiro. durante certa época o facho da cultura e até do civismo esteve nas suas mãos: antes dos bacharéis e doutores tomarem a dianteira sob a proteção do imperador dom pedro ii. este tudo indica que teria preferido o título de doutor ao de imperador; a toga ao manto com papo de tucano.

na falta de sentimento ou da consciência da superioridade

c. \_ .q. & ~f, 195

da raça, tão salientes nos colonizadores ingleses, o colonizador do Brasil apoiou-se no critério da pureza da fé. em vez de ser o sangue foi a fé que se defendeu a todo transe da infecção ou contaminação com os hereges. fez-se da ortodoxia uma condição de unidade política. mas não se deve confundir esse critério de profilaxia e de seleção, tão legítimo à luz das ideias do tempo como o eugênico dos povos modernos, com a pura xenofobia.

Handelmann faz do colonizador português do Brasil quase um xenófobo por natureza.<sup>13</sup> mas os antecedentes portugueses contradizem essa suposta xenofobia; nega-a a história do direito lusitano - nesse ponto dos mais liberais da Europa. tão liberal que nele não figuram nunca o direito de albinagem, o de detração e o de naufrágio. em outras palavras: o de apropriar-se o estado da sucessão dos estrangeiros mortos em seu território com exclusão de herdeiros e legatários (albinagem); o de deduzir-se o imposto na quarta parte dos bens exportados dos estrangeiros falecidos no país (detração); o de se apoderarem reis e senhores das pessoas e cousas naufragadas no mar e nos rios (naufrágio).<sup>14</sup> O direito português iniciou-se, não sufocando e abafando as minorias étnicas dentro do reino - os mouros e os judeus - suas tradições e costumes, mas, reconhecendo-lhes a faculdade de se regerem por seu direito próprio e até permitindo-lhes magistrados à parte, como mais tarde no Brasil colonial, com relação aos ingleses protestantes.

nas ordenações afonsinas, que Coelho da Rocha no seu ensaio sobre a história da legislação de Portugal e Cândido Mendes em introdução ao código filipino salientam ter sido o primeiro código completo de toda a Europa depois da idade média, recolheu-se do direito foraleiro e costumeiro a tendência para conceder privilégios a mouros e judeus. tendência que cedeu. nas ordenações manuelinas, à pressão de preconceitos religiosos, então inflamados; mas nunca à da pura xenofobia. tanto que as vantagens ali concedidas a estrangeiros católicos seriam depois pleiteadas pelos próprios nacionais. é que a luta contra os mouros, como mais tarde o movimento separatista de que resulta a independência, são eles mesmos favoráveis ao cosmopolitismo que se desenvolve no português ao lado, e em harmonia, com seu precoce nacionalismo. de modo que a nenhum desses dois ódios ou antagonismos - o ódio ao mouro e o ódio ao espanhol - pode-se atribuir ter atuado no português num só sentido e este inferior: o de crispá-lo. é de estreitar-lhe o espírito nacional. é de ourivar-lhe o caráter de cacos de vidro contra tudo e contra todos.

196 g. 1.

na falta de grandes fronteiras naturais ou físicas, defendendo-se de agressões e absorções, tiveram os portugueses de entesar-se em muralhas vivas, de carne, contra o imperialismo muçulmano e mais tarde contra o de castela; mas nesse próprio

esforço de suprir com pura resistência ou tensão humana a quase nenhuma defesa geográfica - a falta de grande rio ou montanha - valeram-se do concurso de estrangeiros. tanto nas cruzadas como nas guerras de independência esse concurso, e fez sentir de maneira notável. O que explica no português não só seu nacionalismo quase sem base geográfica como o cosmopolitismo. cosmopolitismo favorecido, este sim, em grande parte, pela situação geográfica do reino: a de país largamente marítimo, desde remotos tempos variando de contatos humanos. por um lado recebendo em suas praias sucessivas camadas ou simples, mas frequentes, salpicos de povos marítimos. por outro lado, indo seus navegantes, pescadores e comerciantes às praias e águas alheias comerciar, pescar e farejar novos mercados.

não muito depois de 1184 pensa João Lúcio de Azevedo que se teriam iniciado as relações comerciais dos portugueses com, Flandres: e com a Inglaterra desde os primeiros anos do século XIII. e havia também "mercadores que iam aos portos do levante designados na linguagem da época por portos de além-mar".<sup>15</sup> no tempo de dom Dinis barcos portugueses, alguns enormes para a época, de mais de cem toneladas, frequentaram portos do norte e do mediterrâneo. O porto intensificou-se na atividade marítima e mercantil. em 1239 seus burgueses conseguiram eximir-se do serviço militar na conquista de Algarve "contribuindo para ela com dinheiro".<sup>16</sup> por onde se vê que precocemente agiu sobre a formação portuguesa o cosmopolitismo comercial. a finança. O mercantilismo burguês.

O, assim, aos elementos "não hispânicos", como escreve Antônio Sérgio, ou sejam os elementos estrangeiros, de origens diversas. que se deve atribuir o fato de não se ter incorporado a castela o trecho ocidental da península "onde o comércio do norte da Europa encontrou-se com o do mediterrâneo".<sup>17</sup> despertaram os estrangeiros na população desse ponto debio, impressionável, de confluência do norte com o sul da Europa e com o levante, tendências cosmopolitas e separatistas, marítima e comerciais; e essas tendências cedo se desenvolveram em forças impetuosas de diferenciação e autonomia.

a precoce ascendência das classes marítimas e comerciais na economia e na política portuguesa resultou igualmente da extraordinária variedade de contatos marítimos e de estímulos

comerciais. a princípio os grandes agentes de diferenciação e autonomia foram os cruzados. os aventureiros vindos do norte e que no condado portugalense se constituíram em aristocracia militar e territorial. um deles em fundador mesmo da monarquia. mas esse elemento se estratificou depois em camada conservadora, inclinando-se por vantagem económica de classe própria reunida com castela. foi quando a atividade diferenciadora e autonomista, e bem assim o sentimento nativista ou de pátria, concentrou-se nas cidades marítimas e mercantis. em lisboa. no porto. entre burgueses e nas classes populares. segundo alberto sampaio e antónio sórgio, desde os começos da vida portuguesa que se esboçou o antagonismo entre a classe comercial das cidades marítimas e a aristocracia territorial do centro.18 aguçado esse antagonismo económico e de classe, acentuada a divergência entre os interesses rurais e os marítimos, a política dos reis, no desejo de libertar-se de tudo o que fosse pressão aristocrática sobre o poder real, inclinou-se para a burguesia mercantil e para o povo das cidades. as leis promulgadas por dom fernando no sentido de proteger o comércio marítimo e animar a construção naval, o apoio ao mestre de avis contra a aristocracia territorial, a conquista de ceuta - são iniciativas e movimentos que refletem a precoce ascendência da burguesia em portugal.

a descoberta do brasil enquadra-se no grande programa marítimo e comercial inaugurado pela viagem de vasco da gama; a colonização da vasta terra americana afastou-se, porém, das normas comerciais e burguesas do primeiro século do imperialismo português para reviver os métodos de como que autocolonização aristocrática e agrária, aplicados no próprio portugal ao território reconquistado aos mouros.

o brasil foi como uma carta de paus puxada num jogo de trunfo em ouros. um desapontamento para o imperialismo que se iniciara com a viagem do índia de vasco da gama. daí o gesto mole, desinteressado, sem vontade, com que a coroa recolheu ao seu domínio as terras de pau-de-tinta descobertas por pedro Álvares cabral. só em nova fase de atividade portuguesa - a propriamente colonizadora, a do fim do século xvi e parte do século xvii - o brasil teria força de trunfo no jogo das competições imperialistas das nações europeias. essa transformação, em virtude da repentina valorização do açúcar nos mercados aristocráticos e burgueses da europa. o açúcar tornou-se artigo de luxo, vendido a preços elevadíssimos e dando lucros enormes a produtores e intermediários. até o mascavo, notou dampier, quando esteve na bahia nos fins do século xvii,

que se exportava para a europa, valendo cerca de vinte xe!',ns por cem libras. 19

não nos interessa, porém, senão indiretamente, neste ensaio, o aspecto económico ou político da colonização portuguesa do brasil. diretamente, só nos interessa o social, no sentido particular de social que coincide com o sociológico. e nenhum

antecedente social mais importante a considerar no colonizador português que a sua extraordinária riqueza e variedade de antecessores étnicos e de culturas; que o seu cosmopolitismo.

1 2

O Brasil não recolheu de Portugal a suposta falta de liberdade para com o estrangeiro que alguns têm enxergado na colonização lusitana da América. A política de segregação

no Brasil só a inspirou, no século XVII, e principalmente no XVIII, o ciúme do ouro; o que houve antes, com aparccria de xenofobia obedeceu à política de defesa, -orno que sanitária, da colônia contra infecções heréticas.

iniciada a colonização do Brasil pelo esforço de portugueses!

ses, ao sangue do colonizador oficial logo se misturou livremente o de europeus das mais variadas procedências: ingleses, franceses, florentinos, genoveses, atemaes, flamengos, espanhóis. citamos os ingleses em primeiro lugar porque neles é que se encarnou com mais relevo a heresia protestante, tão odiosa, aos olhos dos portugueses e espanhóis, do século XVI, como o lição da aconia, o sangue negro e o bolchevismo aos da burguesia no Brasil, e a presença de ingleses entre os primeiros colonos brasileiros só Vicente mostra que, livres da suspeita de hereges, eram recebidos fraternalmente. narra Coreal que dizendo um dia a um santista inglês ter servido entre ingleses filibusteiros o homem imediatamente se arrepiou. perguntou-lhe Coreal de trinta vezes se Coreal não seria herege. e apesar de todas as suas afirmativas em contrário não resistiu ao desejo de espargir com água benta o aposento em que estavam.20 entretanto, vamos encontrar o inglês John Whitall perfeitamente acordado entre os primeiros colonos do Brasil: escrevendo em Santos uma carta ao seu conterrâneo Richard Stapes, na Inglaterra, que deixa ver claramente a liberalidade para com os estrangeiros na colônia portuguesa da América. "dou graças a Deus... diz Whitall, ...por-me haver proporcionado tamanha honra e abundância de todas as cousas." e acrescenta contente de haver-se tornado súdito de Portugal no Brasil: "now i am a free denizen of this countrey". ele se casara com a filha do "surgidor Ioffo dore", natural da cidade de Gênova e por sua vez instalado principescamente no Brasil; tanto que deu ao genitor e, com sessenta ou setenta escravos. e como mais tarde herir

& s. 1 ~a



koster, cujo nome se aportuguesou no de henrique da costa, john whitall. teve o seu aportuguesado em leitio: "here in this countrey they have called me fohn leitoan: so that they have used this name so long time that at his present there is no remedie but it must remaine so."21

já antes de whitafi outros ingleses haviam estado no brasil comerciando ou farejando novidades: robert renigar e thonias borey em 1540; certo pudsey em 1542; martin cockeran e william hankins em 1530 e 1532. hankins, segundo referem crônicas da época, teria levado à Inglaterra um cacique brasileiro, apresentando-o no meio de grande sensação ao rei e à Corte.22 O pobre do morubixaba porém não resistiu - ignora-se se ao frio, se ao horrível da culinária inglesa.

a nenhum inglês nem flamengo o fato, em si, da nacionalidade ou da raça, impediu que fosse admitido na sociedade colonial portuguesa da américa no século xvi. O que era preciso é que fosse católico-romano ou aqui se desinfetasse com água benta da heresia pestífera. que se batizasse. que professasse a fé católica, apostólica, romana. O que encontramos praticando thomas avilkinson, de idade de 26 anos, thomas-pratt, de idade de 32 anos,, patrócio guatusmus, de idade de 27 anos, e- thomas perking, de idade de 48 anos, todos "ingleses de nação", perante o padre da companhia de jesus encarregado pelo bispo de pernambuco, frei luís de santa teresa, de receber a absolvição de heresia dos excomungados.23 a igreja era uma espécie de desinfetório ao serviço da saúde moral da colônia; um lazareto onde as almas ficavam em quarentena.

handelmann salienta que a principal exigência para adquirir sesmaria no brasil era professar o colono a religião católica.24 seria católico whitall ou aqui se teria ligado à Igreja antes de casar-se com a filha de adorno; do mesmo modo que gaspar van der lei, para unir-se pelo casamento à família melo, em pernambuco, teve de abraçar a religião da noiva, filha de rico senhor de engenho. do fidalgo holandês, porém, ficaram murmurando os seus compatriotas que era homem dúbio e incerto. não perdoaram nunca ao ilustre fundador da família wanderley no brasil haver se bandeado para os portugueses e para o papismo.

parece-nos evidente a liberalidade para com o estrangeiro na américa portuguesa do século xvi. liberalidade vinda de longe: das raízes mesmas da nação portuguesa. não se trata de nenhuma virtude descida do céu sobre os portugueses mas do resultado quase químico da formação cosmopolita e heterogênea desse povo marítimo.

200 g. f.

t, i

os que dividem Portugal em dois, um louro, que seria o aristocrático, outro moreno ou negroide, que seria o plebeu, ignoram o verdadeiro sentido da formação portuguesa. Nesta andaram sempre revezando-se as hegemonias e os predomínios não só de raça como de cultura e de classe. O quase permanente estado de guerra em que viveu, por largos anos, Portugal, situado entre a África e a Europa, deu-lhe uma constituição social vulcânica que se reflete no quente e plástico do seu carácter nacional, das suas classes e instituições, nunca endurecidas nem definitivamente estratificadas. O estado de conquista e reconquista, de fluxo e refluxo, não deixou que se estabelecesse em Portugal nenhuma hegemonia, a não ser de momento. Nenhum exclusivismo - a não ser oficial ou superficial - de raça ou de cultura.

Predisposto pela sua situação geográfica a ponto de contato, de trânsito, de intercomunicação e de conflito entre elementos diversos, quer étnicos, quer sociais, Portugal acusa em sua antropologia, tanto quanto em sua cultura, uma grande variedade de antagonismos, uns em equilíbrio, outros em conflito. Esses antagonismos em conflito são apenas a parte indigesta da formação portuguesa: a parte maior se mostra harmoniosa nos seus contrastes, formando um todo social plástico, que é o caracteristicamente português.

A heterogeneidade étnica e de cultura vamos surpreendê-la nas origens remotas do português. Do homem paleolítico, em Portugal não se sabe o bastante para precisar-lhe a origem: europeia para uns, africana para outros. Mendes Correia admite a primeira hipótese para o Chaleo-Acheulense mas considera-a duvidosa para o Mustierense.<sup>25</sup> No que se entrevê remota indecisão do peninsular entre a Europa e a África.

Essa indecisão se acentua com relação à época do paleolítico superior, período em que, provavelmente, terá havido na Europa consideráveis infiltrações étnicas e culturais de origem africana (Capsienses) deixando traços mais fundos, localizações mais espessas nas zonas meridionais extremas. Dentre outras indicações da penetração africana nesse período destacam-se representações de escultura na arte Capsiense peninsular de mulheres com nódulos salientes que recordam a esteatopigia das Boximanas e Hotontotes.<sup>26</sup> Quase o mesmo pode dizer-se da etnologia pós-paleolítica do território português em que a Capsiense h. Taganus e Braquicéfalos (Mugem), e a novos Capsiejises de leste, se teriam reunido dolicocefalos "talvez descendentes dos dolicocefalos de feição europeia" e possíveis portadores dos "ele-

e-g- & s. 201

i

mentos essenciais da cultura neolítica", além de novas penetrações - aliás duvidosas - de origem africana.<sup>27</sup>

No período neoneolítico e neolítico continua na península o íntimo contato entre a Europa e a África. Segue-se um

período - o da idade de bronze - que alguns consideram de estabilização. o homem da península, passado pela primeira fervura de miscigenação, teria sido deixado a esfriar por alguns séculos, sem invasões africanas ou do norte que lhe perturbassem o processo como que de endurecimento de cultura e de definição do tipo físico. mas a última invasão africana da península - a de almeria - deixara muito que digerir à Europa nesse largo período de assimilação. vem mais tarde os contatos com os gregos e cartagineses dar novas cores à cultura peninsular no sul e a leste; ao mesmo tempo que no centro e no oeste surgem as formas da cultura pós-hallstadiana, obra talvez dos celtas-28 invasores da península, primeiro pelo nordeste e depois pelo ocidente dos pireneus. esboçam-se duas áreas de cultura: uma de influência do norte ou celta; outra de influência mediterrânea. mas sem perderem de comum entre si traços indígenas que mesmo na zona por alguns considerada de influência predominantemente celta sobreviveram na cerâmica mal cozida.

essa dualidade de formas de cultura caracterizaria a situação da península, em geral, e do território hoje português, em particular, ao verificar-se a invasão romana, sendo entretanto provável que o tipo moreno e de cabelo crespo fosse o mais característico, encarnando formas de cultura porventura mais mediterrâneas do que nórdicas; mais africanas do que européias. bem expressivo é o célebre auto-retrato de marcial: hispanis ego contumax capillis. esse tipo moreno e talvez negroide seria mais próximo do indígena e o mais frequente. nunca porém o exclusivo. o ponto a fixar é exatamente o nenhum exclusivismo de tipo no passado étnico do povo português; a sua antropologia mista desde remotos tempos pré e proto-históricos; a extrema mobilidade que lhe tem caracterizado a formação social.

os dados fornecidos a ripley por ferraz de macedo permitem àquele antropólogo concluir pela persistência da dolicocefalia e da estatura baixa em Portugal; 29 mas sem predomínio nem pureza de nenhum estoque. conclusão, também, de fonseca cardoso.30 este são como características fundamentais da população portuguesa no meio de toda a extraordinária variedade de tipos, a estatura abaixo da média, a dolicocefalia, os olhos e cabelos escuros, o nariz longo, leptorrínico, de base um tanto longa. características que - icusam a persistência de raça

202 g. f.

pequena, dolicocefala, morena, que se supõe ter formado o fundo

#

autóctone da população. os descendentes da beaumes-chaudes-mugem. seus representantes mais puros se encontram hoje nas regiões montanhosas do alto minho (castro laboreiro), três-os-montes e beira. já na região cantábrica de oviedo, na margem direita do baixo Guadalquivir e em outros pontos do norte o antropólogo português foi encontrar mais puramente representada a raça braquicefala, de estatura também abaixo da média, mesorrínica, cabeça globulosa e o occiput vertical; raça que teria sido a primeira dentre as imigrantes. enquanto que em vários pontos do minho, em gaia, povoia de varzim surpreen-

dem-se localizações de nórdicos de alta estatura, dolicocefalos, ou mesato-dolicoides, nariz longo e fino, leptorrínico, pele cor-de-rosa, cabelo louro, ou ruivo, olhos claros. representantes mais puros da raça louro do norte que várias vezes invadiu--- o território hoje português. A sua influência sobre a população portuguesa, fonseca cardoso atribui a facies mestiça que a cada passo se nota entre os portugueses.

a esses elementos juntam-se os semito-fenícios, de que o antropólogo português foi achar representantes mais puros na população piscatória do litoral interaninense; e entre invasores mais recentes, os judeus, berberes, mouros, alemães, negros., flamengos, ingleses.

se as invasões do sul só fizeram acentuar, como pretende haddon-31 os caracteres fundamentais da população indígena, as do norte trouxeram para a antropologia portuguesa elementos novos e até antagonicos. estes elementos se empenharam num como conflito com os indígenas, parecendo às vezes ir vencê-los, mas acabando sempre por fazer as pazes com eles. temporizando em dualidades bizarras de mestiçagem tão características da população propriamente portuguesa

portugal é por excelência o país europeu do louro transitório ou do meio-louro. nas regiões mais penetradas de sangue nórdico, muita criança nasce louro e cor-de-rosa como um menino jesus flamengo para tornar-se, depois de grande, morena e de cabelo escuro. ou então - o que é mais característico - revela-se a dualidade, o equilíbrio de antagonismos, naqueles minhotos de que nos fala alberto sampaio: homens de barba louro e cabelo escuro.32 homens morenos de cabelo louro. esses mestiços com duas cores de pele é que formaram, ao nosso ver, a maioria dos portugueses. colonizadores do brasil, nos séculos xvi e xvii; e não nenhuma elite louro ou nórdica, branca pura: nem gente toda morena e de cabelo preto. nem os dolico-louros de oliveira viana, nem os judeus de sombart,

c.-g. & q. 203

#

i i

nem os moçárabes de debban, mas portugueses tópiccs. gente mista na sua antropologia e na sua cultura. mendes correia fixa a frequência da transitória pigmentação louro que apresentam crianças não só portuguesas, como do tipo mediterrâneo em geral, para sugerir um possível "vestígio da filiação do tipo mediterrâneo num velho cruzamento em que teriam entrado a raça nórdica e um tipo proto-etíopeColl 33 suposição, também, de antropólogos italianos.

no brasil, o louro transitório, o meio-louro e o falso-louro são ainda mais frequentes do que em portugal. mas antes de ser o brasil o país do índio, sarar, descrito por gabriel soares em crônica do século xv134 - e . mais caracteristicamente do "mulato cor-de-rosa", como a eminente diplomata brasileiro chamava, na intimidade, o eça de queirós - já Portugal se antecipa na produção de curiosos tipos de homem de pigmentação clara ou de cabelo ruivo, mas de lábios ou ventas de negro ou judeu. não nos esqueçamos, porém, a propósito de louros, em

portugal, que no norte da África têm se identificado localizações antigas de louros; 35 que na massa morena de muçulmanos que invadiu portugal vieram também indivíduos de cabelo claro. que muita moura-encantada foi vista de noite penteando cabelos dourados como o sol. recebeu assim portugal louros também dos lados do sul. da África - sanduichados entre grossas camadas de homens pardos, muitos deles negróides.

durante a época histórica, os contatos de raça e de cultura, apenas dificultados, nunca porém impedidos pelos antagonismos de religião, foram em portugal os mais livres e entre elementos os mais diversos. invadida a península pelos romanos, a resistência indígena, a princípio heróica e tremenda, acabou cedendo à pressão imperial. inaugurou-se então o período de romanização ou latinização da ibéria. foi um domínio, o exercido sobre a península pelos romanos, de caráter principalmente econômico e político. trouxe as populações submetidas, mas não esmagadas, vantagens da técnica imperial: estradas, termas, aquedutos, arcos, fábricas de louça. desceu ao fundo da terra para explorar as minas. e fez-se acompanhar de influências sensíveis sobre a cultura moral, e, em menor escala, sobre a antropologia ibérica. a sombra imperial ergueram-se no território hoje português templos a deuses latinos. deuses que tal devoção conquistaram no sentimento popular que os santos católicos teriam mais tarde de tomar-lhes a semelhança e muitos dos atributos para se popularizarem. a fala peninsular latinizou-se. romanizou-se o tipo antigo de habitação. romanizaram-

o^

1

1

caraterístico da  
# ao alto: banco de engenho, feito de vinhático e

de ulisses hospitalidade das antigas casas-grandes. (segundo fotografia  
com de de melo freyre). - embaixo: sofá brasileiro de jacarandá  
grande. (se coração de cajus e maracujás, que pertenceu a antiga casa-  
melo.) gundo fotografia de josé Maria c. de albuquerque e

se várias instituições. anato lusitano notaria mesmo semelhanças  
os habitantes de rorna-36 fisionômicas entre os lisboetas e

a conquista pelos romanos sucederam-se as invasões de alanos, de vândalos, de suevos. quebradas por essa primeira onda de bárbaros de cabelo ruivo as represas romanas, largo trecho da península inundou-se de gente vinda do norte, esta-

1: ~

#

belecendo-ese depois sem duro esforço, o domínio visigótico. domínio de três séculos que entretanto não destruiu a influência da colonização romana, antes acomodou-se às linhas gerais de sua estrutura latina e imperial. em religião foram os invasores que abandonaram as doutrinas arianas para adotar o credo católico dos hispano-romanos; em direito deixaram-se os adventícios influir pelo de roma, embora mantendo costumes que criariam definitivas raízes na antiga província romana.

foi entre essas duas influências - o direito escrito dos romanos e o de costumes, dos invasores do norte - foi entre essas duas influências e amaciando-lhes os antagonismos que uma terceira sutilmente interveio, dando às instituições peninsulares novo sabor jurídico: o direito canônico. estabeleceu-se uma nobreza episcopal com gestos de quem abençoa ou pacifica mas na verdade de quem manda e domina. domínio efetivo, através da autoridade conferida aos bispos de decidirem em causas civis.

com a conversão dos godos arianos à ortodoxia católica, a Igreja, pela mão dos seus bispos, ganhou nas espanhas prestígio superior ao dos reis, juizes e barões: em toledo, no concílio celebrado em 633, os bispos tiveram o gosto de ver o rei prostrado aos seus pés.<sup>37</sup> no novo direito peninsular, ou antes, no código que a fusão do direito romano com o bárbaro produziu - o chamado fuero juego - de tal modo insinuou-se o prestígio canônico que nas suas leis ficou autorizada a jurisdição, dos bispos em causas civis desde que o autor ou réu optasse pelo julgamento episcopal. desde que o autor ou réu preferisse queixar-se ao bispo. porque nas palavras do jurista-consulto espanhol sempere y guarinos que vêm no livro de buckle: "los quereliantes lesionados por la sentencia de un juez, podian quejarse a los bispos, y estos avocar a si las pendencias, reformarlas y castigar a los magistrados" <sup>38</sup> a intervenção episcopal podia fazer-se sentir em causas iniciadas em tribunal civil, pela reforma de sentenças. durliam salienta a vigilância contínua que exerciam os bispos sobre a administração da justiça e sobre os juizes.<sup>39</sup> sobre os próprios reis, pode acrescentar-se. um que, em portugal, tentou governar à revelia dos bispos - sancho II - teve o reinado cortado a meio; e salva a cabeça por muito favor. triunfaram os padres sobre a rebeldia tão ousada com o auxílio do próprio irmão de sancho, depois sagrado rei sob o nome de afonso III.

na espanha e em portugal, o alto clero não só tornou-se detentor de extraordinário prestígio místico, moral e até jurídico sobre populações dotadas pelas circunstâncias físicas e sociais

206 g. f.

de vida - os terremotos, as secas, as fomes, as pestes, as guerras, toda a trepidação peculiar às regiões de trânsito ou de conflito - da extrema sensibilidade religiosa que buckle salientou nos espanhóis e portugueses, como de grande poder inte-

#

lectual e político. reflexo do irradiado da roma papal sobre a nova europa convertida ao cristianismo. em portugal houve

ordens religiosas que foram também militares, reunindo esse outro prestígio - o guerreiro - ao eclesiástico. das guerras de reconquista se aproveitou largamente a igreja na península, através de suas ordens militares, para tornar-se proprietária de latifúndios enormes, não deixando exclusivamente aos cruzados a partilha das terras reavidas dos infiéis. gordo quinhão coube aos templários-,\_- desde o tempo de dona teresa senhores de soure. e de toda a doce região entre coimbra e leiria; depois de tomar, de almoral, de -pombal. outras ordens fizeram-se grandes proprietárias de terras: a de avis e a de santiago. ainda outras, de terras menos ricas.40 a colonização latifundiária e sernifeudal. mais tarde aplicada ao brasil teve seu começo em portugal, nessa colonização semi-eclesiástica. apenas o predomínio eclesiástico foi entre nós eclipsado pela iniciativa particular dos duarte coelho, dos garcia d'ávila, dos pais barreto. dos sertanistas da marca de domingos afonso mafrense, por alcunha o sertão, que quando morreu deixou. trinta fazendas de gado no piauí. dos grandes latifundistas, colonizadores à sua própria custa.

em portugal, as ordens religiosas desempenharam importante função criadora não só na reorganização, econômica do território reconquistado aos mouros como na organização política das populações heterogêneas. deram-lhes nexos políticos através da disciplina canônica. a nação constituiu-se religiosamente, sem prejuízo das duas grandes dissidências que, por tolerância política da maioria, conservaram-se à sombra dos guerreiros mata-mouros: os judeus e os mouriscos. essas relações de tolerância política permaneceram até que os segregados, ou pela superioridade do seu gênio mercantil e industrial, ou pela circunstância de serem um tanto estranhos ao meio e por conseguinte mais sem escrúpulos do que os outros, tornaram-se detentores das grandes fortunas peninsulares. foi quando a maioria se apercebeu de que sua tolerância estava sendo abusada. pelo menos pelos judeus.

para conter os ódios que se levantaram quentes, fervendo, contra a minoria israelita, foi que se organizou o tribunal do santo ofício, reunindo a função de examinar as consciências o poder de examinar a frio e metodicamente os bens acumulados

c.-g- & s. 207

#

dos por mãos de herege. os judeus haviam se tornado anti-políticos menos pela sua abominação religiosa do que pela falta completa de delicadeza de sentimentos, tratando-se de questões de dinheiro com os cristãos. suas fortunas acumularam-se principalmente pela usura, proibida pela igreja aos cristãos, ou pelo exercício, na administração pública, nas grandes casas fidalgas e mesmo nas corporações católicas, de cargos que convinhem aos interesses dos cristãos latifundiários fossem exercidos por indivíduos desembaraçados de escrúpulos católico-romanos e das leis da igreja.

a dualidade na cultura e no caráter dos portugueses acentuara-se sob o domínio mouro; e uma vez vencido o povo africano persistiu sua influência através de uma série de efeitos da ação e do trabalho dos escravos sobre os senhores. a escla-

vidão a que foram submetidos os mouros, e até moçárabes, após a vitória cristã, foi o meio pelo qual se exerceu sobre o português decisiva influência não só particular do muçor, do ma(>-metano, do africano, mas geral, do escravo. influência que o predispõe como nenhuma outra para a colonização agrária, escravocrata e polígama - patriarcal, enfim - da América tropical. as condições físicas da América que tocou aos portugueses exigiram dele um tipo de colonização agrária e escravocrata. sem a experiência moura, o colonizador teria provavelmente fracassado nessa tarefa formidável. teria fracassado, impotente para corresponder a condições tão fora da sua experiência propriamente europeia.

não é aqui o lugar de se pormenorizar as relações de raça e de cultura entre muçulmanos e cristãos na península ibérica, particularmente entre mouros e portugueses. apenas procuraremos salientar aqueles traços de influência moura que nos parecem ter aberto predisposições mais fundas no caráter e na cultura do povo português para a colonização vitoriosa dos trópicos.

que a invasão moura e berbere não foi a primeira a alagar de pardo ou de preto os extremos meridionais da Europa, particularmente Portugal - fácil região de trânsito para onde primeiro e com mais vigor transbordaram as ondas de exuberância africana - já ficou indicado. indicada a possibilidade de ter sido de origem africana o fundo considerado indígena da população peninsular. de modo que ao invadirem a península, árabes, mouros, berberes, muçulmanos foram-se assenhoreando de região já amaciada pelo sangue e pela sua cultura; e talvez mais sua do que da Europa. sua por esse passado humano; e, em largos trechos, pelo clima, pela vegetação.

208 g. f.

na invasão da península, os maometanos vindos da África teriam tido o concurso de hispanos contrários aos visigodos - circunstância que assinalamos para destacar o fato de que desde . 1 .

#

o princípio confundiram-se ali interesses europeus e africanos. com a exceção do pequeno número de intransigentes que se concentraram em Astúrias, centro da independência cristã, grande parte das populações cristãs submeteu-se ao domínio político, dos mouros. e com eles desenvolveu relações íntimas, conservando porém relativa pureza de fé.

foram essas populações - os moçárabes - gente impregnada da cultura e mesclada do sangue do invasor, que se constituíram no fundo e no nervo da nacionalidade portuguesa. nacionalidade que, a princípio diferenciada de Castela pelo interesse separatista dos aventureiros ruivos, descidos do norte para a luta contra os mouros, depois se afirmou, menos pelo ardor de tais nobres, prontos a confraternizarem com os vizinhos por interesse econômico de classe, do que pela intransigência da plebe moçárabe. João Lúcio de Azevedo chega a salientar como psicologia de raça em Portugal a intransigência de sentimento nacional do povo e a fraqueza desse mesmo sentimento nos



nobres. tendências verificadas nas grandes crises de 1383, 1580r e 1808. "quando a idôia de pôtria", escreve joôo lôcio, "perdida na umdade romana, acordou novamente na península, o povo foi entre nós o depositório do sentimento nacional que faltou na classe dominadora.1141 Oquele atribui o historiador português, além do ardor patriótico, êndole pacífica, incôria, toques de fanatismo semita; a esta, o pendor guerreiro e hêbitos. predatôrios.

nôo nos parece aceitável, senôo em parte, a interpretaôo~ etnocêntrica sugerida por joôo lôcio de azevedo do papel representado, no desenvolvimento português, dela aristocracia de fundo nórdico e pela plebe indôgena, penetraôa fortemente de sangue mouro e berbere. porque em paôs nenhum, dos modernos, tem sido maior a mobilidade de uma classe para outra que em portugal.

na histôria do povo português o fato que, ao nosso ver, se dever tomar na maior consideraôo o social e econômico da precoce ascendência da burguesia, da qual cedo se fizeram aliados os reis contra os nobres. destes, o prestôgio logo empalideceu sob. o dos burgueses. e quase toda a seiva da aristocracia territorial, absorveu-a a onipotência das ordens religiosas latifundiôrias ou a astôcia dos capitalistas judeus. este fato explica nôo ter a aristocracia territorial. em portugal se ouridoado dos mesmos duros preconceitos que nos paôses de formaôo feudal,

e, digamos assim, d

uma raôa para outra, do

c-o. & s. 209

#

nem contra os burgueses em geral, nem contra os judeus e mouros em particular. debilitados sob a pressôo dos latifúndios ,eclesiôsticos, nôo pouco3 aristocratas, dos de origem nórdica, foram buscar na classe môdia, impregnada de sangue mouro e liebreu, moôa rica com quem casar. daô resultou em portugal uma nobreza quase tôo mesclada de raôa quanto a burguesia ôti a plebe. porque a mobilidade de famôlias e indivôduos de uma classe para outra foi constante. impossôvel concluir por estratificaôes ôtnico-sociais num povo que se conservou sempre tôo plôstico e inquieto.

durante o domônio mouro, a cultura indôgena absorveu da invasora larga sôrie de valores; e os dois sangues se mesclaram intensamentw escrever como jôo fez pontes de miranda, em erudito trabalho, que "os ôrabes nos povos que invadiam, ou dominavam, como que boiavam como azeite e nôo tinham com

11 42

eles suficiente miscibilidade , o exigir da palavra miscibilidade, nôo sabemos que extraordinôrio sentido. porque se os ôrabes - mouros, diria mais precisamente o douto mestre de direito, tôo rigorista em questôes de terminologia - nôo se misturaram com as populaôes lusitanas, ignoramos o que seja miscigenaôo. aliôs o prôprio pontes de miranda, trinta pôginas adiante daquela em que faz tôo esquisita afirmativa, corrige-a, escrevendo: 4'sô a religiôo mais estabilizada e estabilizadora, evitaria a fusôo

completa das raças." e cita a propósito o trecho de alexandre herculano em que o processo de fusão social dos cristãos vencidos com os mouros vitoriosos está magistralmente fixado.

o que a cultura peninsular, no largo trecho em que se exerceu o domínio árabe ou mouro - ou onde se verificou a escravidão de cativos africanos, uma vez revezados os papéis de senhor e de escravo - guardou da cultura dos invasores o que hoje mais diferencia e individualiza esta parte da europa. conservados em grande parte pelos vencidos a religião e o direito civil, nas demais esferas da vida econômica e -social a influência, árabe em certos trechos, noutros moura, foi profunda a intensa. o grosso da população hispano-romano-goda, excluída somente irreductível minoria refugiada em astúrias, deixou-se impregnar nos seus gostos mais íntimos da influência árabe ou moura. quando essa maioria acronodativa refluíu para europa cristã, sob a forma de moçárabe, foi para constituir em portugal o substrato mesmo da nacionalidade. nacionalidade militar e politicamente fundada por outros, mas por eles e fecundada pelo seu sangue e pelo seu suor até os dias gloriosos das navegações e -conquistas. quando aquela população socialmente móvel, moconstituída econômica e socialmente.

210 g. f.

bilíssima mesmo, voltou para europa cristã, foi trazendo consigo

#

uma espessa camada de cultura e uma enérgica infusão de sangue mouro e negro que persistiriam até hoje no povo português e no seu caráter. sangue e cultura que viriam ao brasil; que explicam muito do que no brasileiro não é europeu, nem indígena, nem resultado do contato direto com a áfrica negra através dos escravos. que explicam o muito de mouro que persistiu na vida íntima do brasileiro através dos tempos coloniais. que ainda hoje persiste até mesmo no tipo físico.

na viagem que em princípios do século xix realizou pelo interior da capitania de são paulo, como diretor-geral das minas e matas, martini francisco de andrada observou, em grande extensão, homens de fisionomia acentuadamente mourisca. se os portugueses dessa origem se extinguissem na metrópole, acreditava martira francisco que haveriam de persistir no brasil muitos exemplares conservando a magnífica pureza da raça primitiva, tão numerosos lhe pareceram os paulistas de origem e característicos de raça mourisca .43

grande como foi a influência do mouro dominador, não foi menor a do mouro cativo de guerra. foi o vigor do seu braço que tornou possível em portugal o regime de autocolonização agrícola pela grande propriedade e pelo trabalho escravo. regime depois empregado tão vantajosamente no brasil. merce dos mouros e dos religiosos, diz-nos j. m. esteves pereira que o portugal dos primeiros tempos teve "a agricultura, sua principal indústria, melhor desenvolvida do que os outros países mais ao norte." merce principalmente dos mouros. "a picata, ou cegonha, essa máquina simples e primitiva de tirar água dos

fundos dos poços, a obra sua. a nora, esse engenho de, elevar a água que a suave poesia dos campos torna agradável, com o calabre e com os alcatruzes um invento dos árabes; ou pelo menos uma das máquinas trazidas por eles à Península." 44 se foram os cruzados que trouxeram os espanhas o moinho de vento, aplicado em certas partes da América - nas Índias ocidentais, por exemplo - a indústria do açúcar, foram os mouros que introduziram em Portugal o moinho de água, ou azenha, brasileiro de moer cana pelo impulso uma grande roda de madeira. João

avô do engenho colonial da queda de água sobre lócio de azevedo salienta que a própria oliveira parece se ter tornado melhor utilizada em Portugal depois da vinda dos mouros. explica João lócio: "a nomenclatura, proveniente do latim para as árvores - oliveira, olival, olivedo - de origem árabe ---oproduto - azeitona, azeite - leva a pensar em um maior aproveitamento dessa espécie vegetal no período inulmano".45

c.-g.&s. 211

#

nem contra os burgueses em  
ros em particular \* debilit  
ouco3 9 n  
eclesiásticos, não p p 'i.  
1 w  
a  
foram buscar na clapp,~,  
1 r . ~:r " j~"  
e liebreu, mo~ a o fo,  
ic  
gal uma nobreza a li. cs. o  
vll 1 b p  
um -1  
" o cd 120 n  
estr o iw r- o o "i o  
- < r ~j  
. o v2  
tão tz w m.  
~j -ci o o  
onv :-r , o o  
r\_  
o

nômico e social da colônia portuguesa na

, verbo mourejar  
ngua portuguesa;  
no Brasil, "tra-  
ande força oper-  
e quem deu os  
ica. quem valo-  
r meio de inteli-

titada de valor e  
as vinhas. além  
[a a laranjeira, o  
unção de técnicos  
~inal (como mais  
.rcantilismo como

i laranjeira intro-  
desenvolveram a  
lepois da ilha da  
-rivolvimento eco-

organizaçõ agrária e possibilidades de permanência e fixidez.  
o mouro forneceu ao colonizador do brasil os elementos técnicos  
cos de produção e utilização econômica da cana.

os portugueses que aqui, um tanto à maneira dos tem-  
plários em portugal, tornaram-se grandes latifundistas, por um  
lado seguiram o exemplo dos 'cruzados, principalmente o dos

#

freires - capitalistas e proprietários de latifúndios, não raras  
vezes os bens, os gados e homens das terras reavidas aos infiéis  
ou tomadas aos mouros constituindo seu único capital de  
instalação -; por outro lado, repetiram a técnica dos invasores  
africanos, sendo nos processos de devastação da terra - no que  
preferimos seguir sugestões indígenas - no tocante à utilização  
industrial dos produtos, de modo que a sombra do mouro, sua  
grande figura de criador e não apenas explorador de valores,  
projetou-se beneficentemente, sobre os começos da economia agrá-  
ria brasileira. o sistema econômico adotado no brasil foi o  
mesmo inaugurado pelos aventureiros nórdicos em portugal após  
a reconquista cristã, com a diferença do prestígio eclesiástico  
não ter aqui absorvido o do particular, o da família, o do senhor  
feudal. mas a técnica industrial foi a dos mouros. o engenho  
de roda de água, principalmente.

até que ponto o sangue português, já muito semita, por  
infiltrações remotas de fenícios e judeus, infiltrou-se também  
do mouro, durante os fluxos e refluxos da invasão inornetana,  
é quase impossível determinar. deve ter sido profunda essa

212 g. f.

infiltração de sangue infiel, considerando-se não só as íntimas  
relações entre conquistadores e conquistados, durante a invasão  
africana, como as que se seguiram, entre cristãos e cativos  
mouros; e entre hispano-romanos e mouros. estes pela sua  
superioridade técnica impuseram-se à ascendência na escala so-  
cial econômica. ascendência favorecida pelo precoce desen-  
volvimento da burguesia em portugal e conseqüente êxodo dos  
trabalhadores do campo para as cidades. dentro desse desen-  
volvimento valorizam-se extraordinariamente as artes industriais  
e os ofícios de utilidade antes urbana do que rural. artes e ofé-  
cios dominados pela inteligência dos mouros.

outra circunstância foi-lhes favorável a ascendência: o es-  
tado de guerras, de secas, de pestes e fomes que por muito  
tempo afligiu a população portuguesa, sujeita pela situação de

seus portos - ponto de encontro entre o norte e o mediterrâneo - a toda espécie de contatos disjuntos. duas grandes pestes enegreceram o reinado de sancho i; uma, esta pandemia, de origem oriental, em 1348. em 1356 refere uma crônica monástica citada por joão lúcio de azevedo terem morrido, por efeito da fome, dois terços da população do reino.46 Os perturbações de clima e do meio físico juntaram-se em portugal os males do regime latifundiário - inclusive a devastação das matas - produzindo frequentes crises sociais por escassez de víveres.

a lei de sesmarias de dom fernando, promulgada em 1375, tentou enfrentar os dois problemas: o do latifúndio e o do êxodo de trabalhadores do campo para as cidades. contra o latifúndio, pelo esbulho do proprietário que por incúria ou falta de meios deixasse inaproveitadas as terras aráveis. mas mesmo

#

em tais leis deixou-se a porta, senão escancarada, entreaberta, para, o êxodo dos mouros e moçárabes dos campos para as cidades. para os portos movimentados cujo progresso era o rei -o primeiro a animar. das obrigações de permanência no campo, impostas aos filhos e netos de cultivadores, e aos trabalhadores rurais, deve ter sido relativamente fácil aos mouros e moçárabes, valiosos como eram, pela sua superior aptidão técnica, evadirem-se, deslocando-se para as cidades marítimas e comerciais. convém salientar, a esta altura, que as cidades medievais precisavam de incluir em sua população agricultores para cultivarem as hortas e as chamadas "terras de pão" destinadas à sua subsistência: 47 de modo que na própria indústria rural tiveram onde se empregar com vantagem os braços peritos dos mouros e moçárabes ao fugirem do humilhante estado de servidão rural para a sombra protetora dos forais burgueses. tudo indica ter

-g. & s. 213

#

i]

sido enorme a circulação, não só horizontal como vertical, que se operou então na sociedade portuguesa - de uma para outra esfera, de uma para outra zona econômica - do elemento mouro, e moçárabe que a reconquista deixara adstrito à gleba. foi certamente este o elemento que, pela sua maior riqueza de aptidões industriais, mais se aproveitou das oportunidades dos coitos para deslocar-se daquelas terras a que o prendiam obrigações de cativo ou de servidão para outras, igualmente agrícolas ou semi-urbanas, onde sua situação já seria diversa. cultivadores livres, fácil lhes foi, nas novas circunstâncias, a triunfo econômico. fácil sua ascensão na escala social.

assim se explica que o elemento hispânico, indígena, de sangue recentemente avivado na cor pelo do mouro, e do berbere, tenha deixado de circular só por baixo da vitoriosa camada hispano-goda, ou de localizar-se numa só região, para espalhar-se vantajosamente por todo o país, subindo por vezes às esferas

mais elevadas da sociedade portuguesa. convém, aliás, não esquecer o elemento hispano, chamado, depois do contato com os mouros, de moçárabe, que durante o domínio muçulmano sofrera diminuição econômica e social; que essa diminuição, para grande número, se acentuara durante a reconquista, dirigida quase toda por adventícios descidos do norte - espécie de novos-ricos e novos-poderosos. o que depois se verificou foi, assim, menos ascensão do que reajustamento de posição, conseguido em parte pelo fato de durante o domínio inornetano, a capacidade técnica e industrial do elemento hispano, que contemporiza com o invasor, haver-se enriquecido e apurado ao contato da superior cultura norte-africana.

mas antes de verificar-se esse processo de reajustamento social, logo ao primeiro contato dos invasores inornetanos com as populações cristãs, estas sofreram, não só nas classes populares como nas elevadas, a penetração do elemento vitorioso. penetração facilitada não só pela situação de domínio do povo africano como pela sua tendência para a poligamia. abdul-aziz-lbn-muza não só tomou por esposa a viúva de roderico como por concubinas muitas virgens cristãs. por outro lado ramiro ii, de leão, fascinado pela beleza de uma sarracena de estirpe nobre sem dúvida das que depois se tornaram mouras-encantadas matou a mulher legítima, casando-se em seguida com a exótica, de quem teve numerosa prole. os dois casos são típicos: um, da penetração pela violência exercida pelo invasor polígamo sobre as mulheres do povo vencido; outro, da atração da mulher sarracena, especialmente quando nobre, sobre os homens da população desbaratada.

214 g. f.

inúmeras as famílias nobres que em portugal, como na espanha, absorveram sangue de árabe ou mouro. alguns dos

#

cavaleiros que mais se salientaram nas guerras de reconquista pelo ardor mata-mouros do seu cristianismo conservaram nas veias sangue infiel. muito terá sido, por outro lado, o sangue espanhol ou português, ortodoxamente cristão, que, dissolvido no de inornetanos, emigrou para a África menor. sabe-se que até frades franciscanos o reflexo maometano arrebanhou em África. frades polígamos e ferneeiros. muito mem. ou mendo; muito pelúgio; muito soeiro; muito egas; muito gonçalo; muitos que pelo nome e pelo fervor cristão se diriam hispano-godos sem mancha nenhuma de islamismo na ascendência foram portugueses de avô ou avó moura ou árabe. do conde de coimbra dom sesnando afirmam as crônicas que, mestiço de cristão com mouro, até vizir fora entre os sarracenos. de outro mestiço, dom fifes serrassim, sabe-se que incorporou-se em nobreza cristã pelo seu casamento com uma mendes de bragança.

nenhum elemento de identificação mais inseguro de hispanos e de mouros, de cristãos e infiéis, de vencidos e vencedores, de nobres e plebeus na sociedade portuguesa que os nomes de pessoa e de família - tão baralhadas andaram sempre na península as etnias, as culturas e as classes sociais, sem que o peso atado aos pés de uns pela escravidão ou pelo espólio de guerra

os impedisse nunca de flutuar de novo.

refere alexandre herculano que, após a invasão acompanhada de intensa miscibilidade, tornaram-se comuns os nomes mistos: pelúgio iban alafe, egas abdallah argeriquiz, etc.<sup>48</sup> o que deu bem a ideia da contemporização social entre vencidos e vencedores. ideia exata de quanto foi plástica, móvel e flutuante a sociedade moura em portugal.

o que sucedeu com os mouros, verificou-se também, até certo ponto, com os judeus. de uns e de outros deixou-se penetrar, em suas várias camadas, a sociedade portuguesa. e nunca - mais uma vez acentue-se - as classes estratificaram-se em portugal a ponto de simplesmente pelo nome de pessoa ou família poder identificar-se o nobre ou o plebeu, o judeu ou o cristão, o hispano ou o mouro.

nas guerras contra os mouros e os castelhanos, muitos foram os portugueses que se enobreceram, ganhando direito a terras e a títulos. poucos, porém, conservaram-se na posse de propriedades difíceis de desenvolver, em competição com as grandes empresas capitalistas representadas pelas ordens religiosas e militares. quando as melhores atenções começaram a voltar-se para o mar, verificou-se a promoção social de muitos

c.-g- & s. 215

#

indivíduos nascidos na servidão do campo para o trabalho livre nas cidades. e deu-se a.o mesmo tempo a diminuição de outros, entre. os quais pequenos proprietários rurais, senhores de terras ganhas por serviços guerreiros. homens incapazes de competir com as empresas latifundiárias, e por elas absorvidos. as próprias leis de dom fernando contra o latifúndio quase não tiveram outro efeito senão subtrair as terras dos proprietários menores, incapazes de desenvolvê-las devido à penúria de capital e falta de trabalhadores, para incorporá-las ao domínio dos todopoderosos. donde uma numerosa nobreza de jovens-sem-terra em portugal. nobreza que começou a afluir para as cidades, para a corte principalmente, farejando empregos públicos em tomo do rei e mais tardes possessões ultramarinas.

alberto sampaio deu-nos a respeito da nobreza nada rígida de linhagem ou exclusivismo aristocrático entre os primeiros portugueses informados valiosas. os nomes de pessoas foram então, como até certo ponto ainda hoje, em portugal e no brasil, os mesmos entre grandes e humildes. nomes em geral germânicos, "porque depois do advento dos suevos e visigodos, os hispanos denominaram-se com os nomes deles, como dantes com os dos romanos". e acrescenta: "rios documentos da alta idade média a nomenclatura pessoal é comum para todos e em regra tão uniforme que nos diplomas pelas assinaturas não se diferenciam os cavaleiros dos herdeiros; este fato repete-se mais notavelmente nas inquirições, onde por entre os patronímicos d'uso geral começam a despontar os apelidos atuais, designando ora nobres ora populares".<sup>49</sup> "uma raça dominante, de sangue diverso dos habitantes% é ainda sampaio quem escreve, "é inadmissível sem denominação pessoal privativa. e a contraprova é. ainda patente nos nomes e no tipo físico, confundidos e misturados em toda a população." cita o his-

toriador português a esse respeito um depoimento do maior interesse: o do próprio livro velho. Livro antigo de linhagens em que já se dizia: "ca muitos vem de bom linhagem e nom o sabem elles [ .... ] ~ e muitos som naturaes e padroeiros de muitos mosteiros, e de muitas egrejas, e de muitos coutos, e de muitas honras, que o perdem e mingua de saber de que linhagem vem\$. 50

estava aliás no interesse dos reis, que tão cedo se afirmaram em Portugal contra os vagos esboços de feudalismo, nivelar o mais possível as classes sociais, sem permitir o predomínio de nenhuma. o que em parte conseguiram fazendo mais vontades à burguesia que à aristocracia; concedendo privilégios às classes mecânicas; desprestigiando o mais possível os

216 g. f.

senhores territoriais. menos a nobreza eclesiástica. que esta soube em tempo, e com a proteção do papa, conter os ímpetus dos dois sanchos e conservar imensos privilégios econômicos.

ser simplesmente filho d'algo em Portugal não valeu tanto

#

como ser freire, isto é, reunir a esnada de cavaleiro o hábito religioso de alguma das poderosas ordens militares. e a filhos d'algo que responde dom dinis nos fins da idade média negando-lhes as honras de nobres enquanto vivessem de ofícios industriais ou de arrendamento de lavouras: "filhando mester de ferreiro ou de sapateiro ou d'alfaiate ou de cerieiro ou xoutro ir, c-ster semelhavel a este porque careça, ou lavrando t)or seu prezo em outro herdamento alheo".51 aliás, esse estado -de cousas prolongou-se no Brasil. colonos de origem elevada aqui se desprestigiaram, vencidos na competição em torno das melhores terras e do maior número de escravos agrícolas. nos princípios do século XIX Martim Francisco conheceu no interior da capitania de São Paulo homens de procedência nobre exercendo ofícios mecânicos como se fossem plebeus.52 prejudicados, portanto, em sua qualidade de nobres, pois as leis do reino derogavam em tais casos os foros de nobreza.

depois de cinco séculos não se haviam estratificado as classes sociais em Portugal em exclusivismos intransponíveis. "qualquer que fosse a sua preponderância em certo tempo", escreve Alberto Sampaio, "a nobreza nunca conseguiu formar uma aristocracia fechada; a generalização dos mesmos nomes a pessoas das mais diversas condições, como acontece com apelidos atuais, não é um fato novo da nossa sociedade; explica-o assaz a troca constante de indivíduos, duns que se ilustram, doutros que voltam à massa popular donde haviam saído; e a lei de dom dinis a este como milímetro entre duas épocas, a dar-nos a confirmação histórica." 53

o que vem reforçar a nossa convicção de ter sido a sociedade portuguesa móvel e flutuante como nenhuma outra, consti-

o

tuindo-se e desenvolvendo-se por uma intensa circulação tanto vertical como horizontal de elementos os mais diversos na procedência. sorokin não acharia melhor laboratório para verificação e estudo de sua teoria de mobilidade do que entre esse



povo cujo passado étnico e social não acusa preomínio exclusivo ou absoluto de nenhum elemento, mas contemporizações e interpenetrações sucessivas.

ainda uma observação sobre os mouros e os moçárabes; sobre o processo de valorização desses dois elementos. a era comercial portuguesa, a princípio de comércio limitado à Europa, quando muito estendendo-se ao levante, mas, a partir

c.-g. & s. 217

#

do século xv, de empresas ousadamente ultramarinas, foi particularmente favorável, como já dissemos, aos antigos servos. permitiu-lhes empenharem-se, já homens livres, em aventuras cheias de possibilidades de engrandecimento social e econômico. para o brasil é provável que tenham vindo, entre os primeiros povoadores, numerosos indivíduos de origem moura e moçárabes, junto com cristãos-novos e portugueses velhos. debbanó supõe que fossem eles os principais colonizadores do nosso país: "de l'an 1550 à l'an 1600, les premiers colons de l'amerique du sud appartiennent à l'espagne et au portugal meridional, c'est à dire à la partie fortement orientalisée et arabisée de l'espagne et du portugal". e ainda: "ce n'étaient pas en effet les espagnols ni les portugais du nord descendants des visigothes qu'émigraient en amérique; ceux-ci étaient les triomphateurs, les vainqueurs des guerres livrées contre des populations arabisées du sud de la péninsule ibérique.1154 a suposição de debbanó pode tachar-se de extremada, pecando em sentido oposto à de oliveira viana. este ideou um brasil colonizado em grande parte e organizado principalmente por dólíco-louros.-55 pesquisas mais minuciosas sobre o assunto, como em são paulo o estudo dos inventários e testamentos do século xvi, tendem a revelar que a colonização do brasil se fez muito à portuguesa. isto é: heterogeneamente quanto a procedências étnicas e sociais. nela não tero predominado riem morenos nem louros. nem moçárabes como pretende debbanó nem aristocratas como imaginou o arianismo quase místico de oliveira viana. nem os dourados fidalgos de frei gasijar nem a escória do reino - criminosos e mulheres perdidas - de que tanto se acusa portugal de ter enchido o brasil nos primeiros séculos de colonização.

vindos para o brasil, os descendentes de moçárabes e de mouros cristianizados, debbanó acha que até prisioneiros de guerra nas campanhas de marrocos e mouriscos expulsos em 1610, já não viriam diretos da servidão da gleba, mas do serviço de poderosos e das ocupações urbanas a que muitos se acolheram para escapar às leis de dom fernando. outros, do trabalho livre de lavoura em terra de coito. ainda outros, dos ofícios étnicos de sapateiro e alfaiate. nas cidades e nos povoados, muitos teriam chegado ao século xvi já engrandecidos, econômica e socialmente, pelo comércio de peles de coelho e pelo exercício da arte não só de sapateiro ou de alfaiate como de ferreiro e peleteiro. mas alguns estariam ainda lutando com dificuldades; ansiosos por uma oportunidade de melhorarem de vida.

suas aptidões técnicas tornavam-nos decerto elementos de

218 g. f.

i

grande valor nas expedições colonizadoras de fidalgos arruinados e soldados aventureiros que outra coisa não sabiam senão mane-

#

jar a espada, agora quase inútil. "desta escassez de perita mão-de-obra", escreve João Lúcio de Azevedo referindo-se a Portugal, "derivou a importância que os mestres, ou homens de ofícios, vieram a ter nos povoados, e seu influxo nas deliberações conselheiras." 56 ferreiros, sapateiros, peleteiros, pedreiros, ourives, moedeiros, tanoeiros, tornaram-se uma verdadeira aristocracia técnica impondo-se ao respeito de uma sociedade saída quase de repente da monotonia agrícola e da simplicidade rural; saída quase de repente de um regime em que as reduzidas necessidades industriais supriam nas os próprios servos domésticos e a arte caseira das mulheres. e tendo, agora, de atender a diversificações e requintes de atividade industrial, e esta livre, nos novos centros urbanos. daí a força em que se transformaram, ao lado dos comerciantes das cidades marítimas, os técnicos, os obreiros, os artistas. os nomes das ruas de Lisboa ainda hoje recordam o predomínio que sob doce forma religiosa exerceram sobre a vida da cidade esses técnicos e artistas. concentrando-se em bairros ou arruamentos como que estratégicos, formavam quase uns feudos. sapateiros, fanqueiros, ferreiros, pescadores, douradores. todos os ofícios. todas as atividades - cada uma com o seu santo, sua bandeira, seus privilégios. através das casas-dos-vinte-e-quatro, exerceram esses técnicos e artistas influência sensível sobre a administração das cidades. vários privilégios foram-lhes concedidos pelos reis. 17 privilégios importando em sua elevação na escala social e política. dos mestres sindicalizados e aue se derivaram as irmandades e confrarias de caráter religioso que mais tarde floresceram também no Brasil, abrangendo até escravos mas sem traço, sequer, do prestígio que gozavam, em Portugal, como expressão dos direitos de classe

analisando as primeiras camadas de povoadores de São Vicente, através dos inventários e testamentos dos séculos XVI e XVII, Alfredo Ellis Júnior verificou que a "região sulina de Portugal, compreendendo o Alentejo, a Estremadura portuguesa e os Algarves" a zona, deve-se observar, mais penetrada de sangue mouro "nos mandou cerca de vinte e oito por cento dos povoadores de origem conhecida, porcentagem igual e que a região do norte luso nos enviou." 58 e contra a teoria Lapouginiana, representada entre nós por Oliveira Viana, 59 de serem os nórdicos a raça mais dotada de qualidades de iniciativa e de arrojo, o que as pesquisas de Ellis Júnior revelam e que a Eugenia dos vinte e oito por cento que o sul enviou ao Brasil e de

c-g. & s. 219

#

seus descendentes, de muito excedeu a demonstrada pelos vinte e oito. por cento do norte e dos seus descendentes. quer tenhamos em vista os feitos praticados pelos sertanistas, quer se considerem sua fecundidade, longevidade e varonilidade.

seriam originários da plebe moçárabe, já valorizada por dois séculos de promoção social, muitos dos carpinteiros, dos ferreiros, dos alfaiates, dos sapateiros, dos açougueiros de que se formou, em grande parte, a sociedade paulista. já vimos, porém, que através dos primeiros séculos de vida nacional portuguesa as classes não se estratificaram nem se isolaram nunca dentro de fronteiras intransponíveis. que o rei dom dinis reconhecia em sapateiros e alfaiates fidalgos a quem só faltavam recursos para lhes serem concedidas regalias de nobreza. para estes a emigração, a colonização de terras virgens na américa, deve ter aberto oportunidades magníficas de promoção ou de reajustamento social. ao mestre-construtor que acompanhou tom de sosa ao brasil el-rei recompensou largamente pelos seus serviços técnicos. iguais recompensas devem ter tido os fabricantes de cal, os carpinteiros, os pedreiros.

aos representantes da plebe moçárabe, entre os primeiros colonos do brasil, devem-se, entretanto, juntar representantes da pequena e sólida nobreza agrária. tais os reunidos em pernambuco, em torno da figura patriarcal de duarte coelho. representantes também, embora em pequeno número, da aristocracia militar e errática, trazidos ao brasil pelo espírito de aventura ou para cumprirem pena de degredo nos ermos tropicais.

mas o ponto a destacar é a presença, não esporádica porém farta, de descendentes de moçárabes, de representantes da plebe enérgica e criadora, entre os povoadores e primeiros, colonizadores do brasil. através desse elemento moçárabe é que tantos traços de cultura moura e mourisca se transmitiram ao brasil. traços de cultura moral e material. debban destaca um: a dureza no tratamento dos escravos<sup>60</sup> que, na verdade, foram entre os brasileiros, tanto quanto entre os mouros, mais gente de casa do que besta de trabalho. outro traço de influência moura que se pode identificar no brasil: o ideal de mulher gorda e bonita de que tanto se impregnaram as gerações coloniais e do império.<sup>61</sup> ainda outro: o gosto dos voluptuosos banhos de gamela ou de "canoa"; o gosto da água corrente cantando nos jardins das casas-grandes. burton surpreendeu no brasil no século xix várias reminiscências de costumes mouros. o sistema das crianças cantarem todas ao mesmo tempo suas lições de tabuada e de soletração recordou-lhe as escolas maometanas.<sup>62</sup> e tendo viajado no interior de minas e de são

92 fi a. f.

f.

paulo, ainda encontrou o hábito das mulheres irem à missa de mantilha, o rosto quase tapado, como o das mulheres árabes.

#

nos séculos xvi, xvii e xviii os rebuços, e mantilhas predominam por todo o brasil, dando às modas femininas um ar mais oriental que europeu. os rebuços eram uma espécie de "domi-

negros pretos", "mantilhas fúnebres em que se andam amortalhadas muitas das belezas portuguesas", como os descreveu Sebastião José de Carvalho e Melo no seu itinerário, referindo-se às mulheres do reino. 63 "

e não esqueçamos de que nossas avós coloniais preferiram sempre ao requinte europeu das poltronas e dos sofás estofados, o oriental, dos tapetes e das esteiras. em casa e até nas igrejas era sobre os tapetes de seda ou as frescas esteiras de pipiri que se sentavam, de pernas cruzadas e mouxisca, os pezinhos tapados pela saia. "quando vão visitar", informa um relatório holandês do século xvii, referindo-se às mulheres luso-brasileiras, "primeiramente mandam participar; a dona da casa senta-se sobre um belo tapete turco de seda estendido sobre o soalho e espera suas amigas que também se sentam a seu lado sobre o, tapete, e guisa dos alfaiates, tendo os pés cobertos, pois seria grande vergonha deixar alguém ver os pés." 64

diversos outros valores materiais, absorvidos da cultura moura ou árabe pelos portugueses, transmitiram-se ao Brasil: a arte do azulejo que tanto relevo tomou em nossas igrejas, conventos, residências, banheiros, bicas e chafarizes; a telha arisca; a janela quadriculada ou em xadrez; a gelosia; o abalcoado; as paredes grossas.65 também o conhecimento de vários quitutes e processos culinários; certo gosto pelas comidas oleosas, gordas, ricas em açúcar. o cuscuz, hoje tão brasileiro, é de origem norte-africana.

o cronista que acompanhou a Lisboa o cardeal alexandrino em 1571 notou o abuso de açúcar, canela, especiarias e gemas de ovos cozidos na comida portuguesa. informaram-lhe que a maior parte dos quitutes eram mouros. observou também o fato de a meio do jantar mudarem-se os guardanapos - requinte de limpeza talvez desconhecido entre os italianos. os velhos livros de cozinha portuguesa como a arte de cozinha de Domingos Rodrigues, mestre-de-cozinha de sua majestade (Lisboa, 1692), vêm cheios de receitas mouras e mouriscas: "carneyro mourisco", "chouriço mourisco", "gallinha mourisca", "peixe mourisco", "olha moura".

da influência dos maometanos, em geral, sobre a península hispânica - sobre a medicina, a higiene, as matemáticas, a arquitetura, as artes decorativas - limitamo-nos a observar

e-a. & s. 221

1:

#

que, abafada por severas medidas de repressão ou reação católica, ainda assim sobreviveu e reconquista cristã. a arte de decoração mourisca dos palácios e das casas atravessou incólume os séculos de maior esplendor cristão para vir, no xviii, enfrentar vantajosamente o rococó. dominou em Portugal, vindo florescer na decoração de casas-grandes do Brasil do século xix.

os artesãos coloniais, a quem deve o Brasil o traçado de suas primeiras habitações, igrejas, fontes e portões de interesse artístico, foram homens criados dentro da tradição mourisca. de suas mãos recolhemos a herança preciosa do azulejo, traço de cultura em que insistimos devido a sua íntima ligação com a

higiene e a vida de família em Portugal e no Brasil. Mais que simples decoração mural em rivalidade com o pano-de-rês, o azulejo mourisco representou na vida doméstica do português e na do seu descendente brasileiro dos tempos coloniais a sobrevivência daquele gosto pelo asseio, pela limpeza, pela claridade, pela água, daquele quase instinto ou senso de higiene tropical, tão vivo no mouro. Senso ou instinto de que Portugal, recuando-se sob as sombras da reconquista cristã, infelizmente perdeu grande parte. O azulejo quase se transformou, para os cristãos, em tapete decorativo de que o hagiólogo tirou o melhor partido na decoração piedosa das capelas, dos claustros e das residências. Guardou, porém, pela própria natureza do seu material, as qualidades higiénicas, caracteristicamente árabes e mouriscas, de frescura, lustro fácil e limpeza.

O contraste da higiene verdadeira entre felina. dos maometanos com a imundície dos cristãos, seus vencedores, é traço que aqui se impõe destacar. É onde, em sua história do domínio árabe na Espanha, tantas vezes citada por Buckle; retrata os cristãos peninsulares, isto é, os intransigentes, dos séculos viii e ix, como indivíduos que nunca tomavam banho, nem lavavam a roupa, nem a tiravam do corpo sem o podre, largando os pedaços. O horror à água, o desleixo pela higiene do corpo e do vestuário permanecem entre os portugueses. Podemos afirmar que mais intenso nas zonas menos beneficiadas pela influência moura. Alberto Sampaio destaca o desasseio do minhoto, típico da gente mais europeia, mais loura e mais cristã de Portugal.<sup>66</sup> É verdade que Estanco Louro, em uma bem documentada monografia sobre o Alportel, freguesia rural do sul, registra "flagrante desleixo pelo asseio" da parte do Alportelense: "falta de higiene corpórea que na maior parte dos casos se limita a lavagem da cara aos domingos, de modo muito sumário"; "falta na vila de retretes públicas e de urinóis; no campo de retretes, junto dos montes" "a permanência de pocilgas e de estru-

922 g. f.

um menino de família patriarcal com seu muleque, companheiro de brincadeiras. (de uma fotografia da segunda metade do século xix.)

meiras mesmo junto das casas de habitação e das cavalariças em

#

comunicação com estas".<sup>67</sup> Mas salienta por outro lado certas noções de asseio entre os habitantes que vão até à obsessão. Noções porventura conservadas do mouro. "É o que se pode ver na lavagem frequente do solo da casa, na caiação constante de casas e muros; na infalível mudança, da roupa da semana por outra muito limpa [ .... ]."<sup>68</sup> Além com relação ao sul de Portugal deve-se tomar na devida conta a escassez de água que coloca o morador de seus povoados e campos em condições idênticas à do sertanejo do Brasil - outro que raramente toma banho, embora capriche na roupa escrupulosamente limpa e noutros hábitos de asseio pessoal e doméstico.

A casa portuguesa do sul, sempre caiada de fresco, contrasta pela sua alvura franciscana com a dos portugueses do norte e do centro - suja, feia, emporcalhada. Influência evi-

dente do mouro no sentido da claridade e da alegre frescura da higiene doméstica. por dentro, o mesmo contraste. faz

c.-g. & s. 223

#

gosto entrar numa casa do sul, onde o trem de cozinha espelha nas paredes; onde se tem uma impressão deliciosa de louca limpa e de toalhas lavadas.

devemos fixar outra influência moura sobre a vida e o caráter português: a da moral maometana sobre a moral cristã. nenhum cristianismo mais humano e mais lúrico do que o português. das religiões pagãs, mas também da de maomé, conservou como nenhum outro cristianismo na europa o gosto de carne. cristianismo em que o menino deus se identificou com o próprio cupido e a virgem maria e os santos com os interesses de procriação, de geração e de amor mais do que com os de castidade e de ascetismo. neste ponto o cristianismo português pode-se dizer que excedeu ao próprio maometanismo. os azulejos, de desenhos assexuais entre os maometanos, animaram-se de formas quase afrodisíacas nos claustros dos conventos e nos rodapés das sacristias. de figuras nuas. de meninos-deus em que as freiras adoraram muitas vezes o deus pagão do amor de preferência ao nazareno triste e cheio de feridas que morreu na cruz. uma delas, sãor violante do céu, foi a quem comparou o menino jesus: a cupido:

pastorzillo divino  
que matas de amor  
ay, tened no flecheis,  
no tereis, não,  
que no caben más flechas  
en mi corazón!  
mas tirad, y flechadme  
matadme d'amor,  
que não quero más vida  
que morir por vós! 69

no culto ao menino jesus, à Virgem, aos santos, reponta sempre no cristianismo português a nota idílica e até sensual. o amor ou o desejo humano. influência do maometanismo parece que favorecida pelo clima doce e como que afrodisíaco de portugal. a nossa senhora do céu adorada na imagem de uma mulher prenhe. a são gonçalo do amarante, só faltando tornar-se gente para emprenhar as mulheres estóreis que o aperreiam com promessas e fricções. a são joão batista festejado no seu dia como se fosse um rapaz bonito e namorador, solto entre moças casadouras, que até lhe dirigem pilhérias:

donde vindes, são joão,  
que vindes tão molhadinho?

224 g. f.

ou

#

donde vindes, 0 Batista,

que cheirais a alecrim?

e os rapazes ameaçam de pancadas o santo protetor de namoros e idílios:

as moças não me querendo  
dou pancadas no santinho.70

impossível conceber-se um cristianismo português ou luso-brasileiro sem essa intimidade entre o devoto e o santo. corra o santo antônio chega a haver sem-cerimônias obscenas. e com a imagem de são gonçalo jogava-se d'ceca em festas de igreja dos tempos coloniais.

em portugal, como no brasil, enfeitam-se de tetéias, de jóias, de braceletes, de brincos, de coroas de ouro e diamante as imagens das virgens queridas ou dos meninos-deus como se fossem pessoas da família. dão-se-lhes atributos humanos de rei, de rainha, de pai, de mãe, de filho, de namorado. liga-se cada um deles a uma fase da vida doméstica e íntima.

nenhum resultado mais interessante dos muitos séculos do contato do cristianismo com a religião do profeta-contato que tantas vezes se aguçou em asperezas de rivalidade - que o caráter militar tomado por alguns santos no cristianismo português e mais tarde no brasil. santos milagrosos como santo antônio, são jorge e são sebastião foram entre nós sagrados capitães ou chefes militares como qualquer poderoso senhor de engenho. nas procissões carregavam-se outrora os andores dos santos corpo a grandes chefes que tivessem triunfado em lutas ou guerras. alguns eram mesmo postos a cavalo e vestidos de generais. e acompanhando essas procissões, uma multidão em dia de festa. gente fraternal e democraticamente baralhada. grandes senhoras com tapa-missa no cabelo e prostitutas de pereba nas pernas. fidalgos e muleques.

a festa de igreja no brasil, como em portugal, 0 o que pode haver de menos nazareno no sentido detestado nor nietzsche. no sentido sorumbótico e triste. pode-se generalizar do cristianismo hispânico que todo ele se dramatizou nesse culto festivo de santos com trajos e armas de generais: são tiago, santo isidoro, são jorge, santo emiliano, são sebastião. nesse culto de santos que foram também patriotas, mata-mouros, campeões da causa da independência. no brasil o culto de são jorge, a cavalo e de espada na mão, armado para combater hereges; o de santo antônio, não sabemos exatamente por que,

c.-g. & s. 225

i

#

militarizado em tenente-coronel, prolongaram através da época colonial e do império esse aspecto nacionalista e militarista,

civil, e patriótico, do cristianismo peninsular, obrigado pelos embates religiosos com os mouros ou judeus a revestir-se de armadura e penacho guerreiro. certos louvado-seja-o-santíssimo-sacramento como um que, até os nossos dias, se conservou na entrada de velha rua em salvador da bahia, são restos dos gritos de guerra do tempo em que os cristãos portugueses sentiam-se rodeados de inimigos de sua fé.

tanto quanto do contato com os mouros, resultaram da convivência com os judeus traços inconfundíveis sobre os portugueses colonizadores do brasil. sobre sua vida econômica, social e política. sobre seu caráter. influência que agiu no mesmo sentido deseuropeizante que a moura. as relações dos portugueses com os judeus, exatamente como as relações com os mouros, quando se avermelharam em conflito, a mística de que se revestiram não foi, como em grande parte da europa, a de\* pureza de raça, mas a de pureza de fé. publicistas que hoje pretendem interpretar a história étnica e política de. portugal e europeia e filiar os conflitos com os judeus a ódios de raça acabam contradizendo-se. É assim que morio sãa, depois de agitar essa tese e defendê-la com ardor e até brilho de panfletário, termina confessando: "por toda parte têm os judeus o conhecimento de serem judeus; em portugal não o têm." atravessaram as idades sob a designação de cristãos-novos, e, há pouca mais de cem anos, com o decreto pombalino que abolia a designação infamada, e com a perda da umdade religiosa, se foram de si próprios desmemoriando."71 em essência o problema do judeu em portugal foi sempre um problema econômico criado pela presença irritante de uma poderosa máquina de sucção operando sobre a maioria do povo, em proveito não só da minoria israelita como dos grandes interesses plutocráticos. interesses de reis, de grandes senhores e de ordens religiosas. técnicos da usu - r - a , tais se tornaram os judeus em quase toda parte por um processo de especialização quase biológica que lhes parece ter aguçado o perfil no de ave de rapina,' a mímica em constantes gestos de aquisição e de posse, as mãos em garras incapazes de semear e de criar. capazes só de amealhar.

circunstâncias históricas assim conformaram os judeus. max weber atribui o desenvolvimento dos judeus em povo comercial a determinações ritualistas proibindo-lhes, depois do exílio, de se fixarem em qualquer terra e, portanto, na agricultura. e salienta-lhes o dualismo de ética comercial permitindo-lhes duas ati-

226 g. f.

tudes: uma para com os correligionários; outra para com os estranhos.72 contra semelhante exclusivismo era natural que se levantassem ódios econômicos. em virtude daquela ética ou moralidade dupla, prestaram-se os judeus em portugal aos mais

#

antipáticos papéis na exploração dos pequenos pelos grandes. por aí se explica que tivessem gozado da proteção dos reis e dos grandes proprietários e, à sombra dessa proteção, prosperado em grandes plutocratas e capitalistas. concentrando-se nas cidades e nos portos marítimos, concorreram para a vitória



da burguesia sobre a grande propriedade territorial, aliada mais à Igreja do que aos reis. mas é interessante observar que mesmo a grande propriedade agrícola, quando enfraquecida pela política marítima e antifeudal dos reis, não hesitou em buscar forças que a reanimassem na plutocracia israelita. nos dotes das judias ricas. o sangue da melhor nobreza em portugal mesclou-se com a plutocracia hebraica pelo casamento de fidalgos ameaçados de ruína com filhas de agiotas ricos. é o que explica terem judeus ilustres, já aristocratizados por ligações com a nobreza, tomado o partido, essencialmente aristocrático, da rainha dona leonor, contra o da plebe e da burguesia, na sucessão del-rei dom fernando.

varnhagen escreve que a agiotagem conseguiu monopolizar na espanha e em portugal os "suores e os trabalhos de toda a industria do lavrador, do armador e até a renda do estado". e acrescenta: "o rápido giro de fundos dado pelas letras de câmbio, a prontidão com que se passavam grandes créditos de lisboa para sevilha, para a feira de medina, para gônova, para flandres, deu aos desta classe, ajudados pelos estabelecimentos dos correios, de que souberam tirar partido, tal superioridade nos negócios que ninguém podia com eles competir. às vezes acudiam nas urgências do estado e o socorro era reputado um grande serviço e recompensado como tal. outras vezes era o herdeiro de um grande nome e representante de muitos heróis, que para acomodar-se ao luxo da época, não desdenhava aliar-se com a neta do saio convertido, cujo descendente se fizera rico tratante, como então se dizia, sem que o vocábulo se tomasse em mau sentido, como as obras deles tratantes ou tratadores vieram a fazer que se tornasse".<sup>73</sup> vê-se que, com relação aos judeus, como com relação aos mouros, foi grande a mobilidade em sentido vertical, confundindo-se no casamento origens étnicas diversas.

constituíram-se os judeus em portugal em grande força e sutil influência pelo comércio, pela agiotagem, pelo exercício de altos cargos técnicos na administração, pelas ligações de san-

#

que com a velha nobreza guerreira e territorial, pela superioridade de sua cultura intelectual e científica. especialmente a dos médicos - rivais poderosos dos padres na influência sobre as famílias e sobre os reis. o rumo burguês e cosmopolita tão, precocemente tomado pela monarquia portuguesa, contra as primeiras tendências agrárias e guerreiras, cavou-o mais fundo que qualquer outra influência a dos interesses econômicos dos judeus, concentrados estrategicamente, e por ancestral horror dos "homens de nação" à agricultura, nas cidades marítimas; e daí, em fácil e permanente contato com centros internacionais de finança judia.

os reis de portugal é evidente que não protegeram aos judeus pelos seus belos olhos orientais mas interesseiramente, fazendo-os concorrer com largas taxas e impostos para a opulência real e do estado. é digno de nota o seguinte: que a marinha mercante portuguesa desenvolveu-se em grande parte graças a impostos especiais pagos pelos judeus por todo navio construído e lançado no mar. de modo que da prosperidade israelita aproveitaram-se os reis e o estado para enriquecerem.

na prosperidade dos judeus baseou-se o imperialismo português para expandir-se.

Chamberlain salienta que os judeus desde o começo do período visigótico souberam impor-se entre os povos peninsulares como negociantes de escravos e credores de dinheiro. de modo que para o pendor português para viver de escravos parece ter concorrido o sefardim. inimigo do trabalho manual, o judeu desde remotos tempos inclinou-se à escravidão. diz Chamberlain que isabelas insinua a idéia. de que os estrangeiros deveriam ser os lavradores e os vinhateiros dos hebreus \* 74 e o certo é que na península muitos dos judeus mais longínquos de que se tem notícia foram donos de escravos cristãos e possuíam concubinas cristãs. 75

parece terem mais tarde, estendido sua especialização econômica ao comércio de gêneros alimentícios: "peixe seco e as mais cousas", dirá um memorial de 1602 acusando-os de exploradores "do povo miúdo que se sustenta de peixe seco". 76

em 1589 fora a Mesa de, consciência e ordem, por consulta del-rei, o problema dos cristãos-novos estarem fazendo também monopólio dos ofícios de médico e boticário; bem assim do reino estar se enchendo de bacharéis. 77 um e outro excesso resultado, ao que nos parece, do fato dos cristãos-novos virem procurando ascender na escala social servindo-se de suas tradições sefardônicas de intelectualismo. de sua superioridade, em traquejo intelectual, sobre os rudes filhos da terra. pode-se atri-

228 g. i.

buir a influência israelita muito do mercantifismo no caráter e nas tendências do português: mas também é justo que lhe atribuamos o excesso oposto: o bacharelismo. o legalismo. o misticismo jurídico. 'o próprio anel no dedo, com rubi ou

#

esmeralda, do bacharel ou do doutor brasileiro, parece-nos reminiscência oriental, de sabor israelita. outra reminiscência sefardônica: a mania dos óculos e do pincen - usados também como sinal de sabedoria ou de requinte intelectual e científico. o abade de ia Caffie, que esteve no rio de janeiro em 1751, diz ter visto tudo o que era doutor ou bacharel em teologia, direito ou medicina de óculos no nariz "pour se faire respecter des passans". 78 e a mania de sermos todos doutores em Portugal e sobretudo no Brasil - até os guarda-livros bacharéis em comércio, os agrônomos, os engenheiros, os veterinários - não será outra reminiscência sefardônica?

lembra Varnhagen que valendo-se da classe média, e dos leigos letrados, pôde a monarquia libertar-se, em Portugal, da pressão do clero e dos antigos senhores territoriais. e escreve: "essa magistratura letrada, por seu saber, por, seus enredos, sua atividade, sua loquela e a proteção que lhe davam as ordenações, redigidas por indivíduos de sua classe, vem, pelo tempo adiante, a predominar no país, e até alistar-se no número de seus primeiros aristocratas, depois de haver em geral hostilizado a classe, antes de chegar a ela." 79 um caso rápido de promoção social. pois dessa burguesia letrada que se aristocratizou rapidamente pela cultura universitária e por serviços intelectuais

e jurídicos e a monarquia, grande parte seria de cristãos-novos ou "homens de nação". rebentos de outra burguesia: a de comerciantes, de traficantes, de agiotas, de intermediários. de tal modo se empenharam os cristãos-novos em alastrar de seus filhos doutores e bacharéis as cátedras e a magistratura que a mesa de consciência e ordem, em fins do século xvii, decidiu limitar o bacharelismo, em Portugal, sugerindo ao rei restringir. para dois o número de filhos. que pudesse enviar para a universidade de Coimbra uma pessoa nobre, a um, o pai mecânico, e fazendo depender de licença de sua majestade a inscrição de cristãos-novos. porque "ainda desta maneira - sobrepujaram letrados neste reinado". formavam os cristãos-novos a maioria dos lentes das escolas superiores - um deles o famoso doutor António Homem; salientavam-se entre os advogados, magistrados e médicos. Coimbra chegou a tomar-se "covil d'heréticos", na frase de João Lúcio de Azevedo, tal o número de judeus dentro das batinas de estudantes ou das becas de professores. 80

i

#

compreende-se que os cristãos-novos, vindos da usura, do comércio de escravos e da agiotagem, encontrassem nos títulos universitários de bacharel, de mestre e de doutor a nota de prestígio social que correspondesse às suas tendências e ideais sefarditas. que encontrassem na advocacia, na medicina e no ensino superior a maneira ideal de se aristocratizarem. seus apelidos é interessante observar que se dissolveram nos germânicos e latinos dos cristãos-velhos. facilitou aliás Dom Manuel I aos cristãos-novos a naturalização, e, ao mesmo tempo, a aristocratização de seus nomes de família, permitindo-lhes usar os mais nobres apelidos de Portugal. o que se proibia aos outros - tomar "apelido de fidalgos de solar conhecido, que tenham terras com jurisdição em nossos reinos" - concedeu-se amplamente aos cristãos-novos: "porém os que novamente se tornarem em nossa santa fé poderão tomar, e ter em suas vidas, e trespassar a seus filhos somente, os apelidos de quaisquer linhagens que quiserem, sem pena alguma". tudo isto nos mostra como, mesmo no caso do judeu, foi intensa a mobilidade e livre a circulação por assim dizer de uma raça a outra; e, literalmente, de uma classe a outra. de uma a outra esfera social.

concorreram os judeus em Portugal, e em partes da Espanha, para o horror e atividade manual e para o regime do trabalho escravo - tão característico da Espanha e de Portugal. concorreram para a situação de riqueza artificial observada por Francisco Guicciardini, historiador italiano que no princípio do século xvi esteve nas Espanhas, como embaixador de Florença junto ao rei de Aragão: "a pobreza é grande e ao meu ver não provém tanto da natureza do país quanto da índole de seus habitantes, oposta ao trabalho; preferem enviar a outras nações as matérias-primas que seu reino produz para comprá-las depois sob outra forma, como se verifica com a lã e a seda que vendem a estrangeiros para comprar-lhes depois panos e tecidos."81 excetuavam-se da generalização de Guicciardini as zonas agrícolas em que por muito tempo se projetaram os benefícios da ciên-

cia ou da técnica mourisca. entre' outras, as regiões próximas de granada. zonas privilegiadas. outro viajante, navajero, descreve-as com verdadeiro lirismo: farto arvoredado, muita fruta madura pendendo das árvores, grande variedade de uvas, espessas matas de oliveiras. e no meio desse luxo de verdura, as casas dos descendentes de mouros: pequenas, é certo, mas todas com água e roseiras, "mostrando que a terra fora mais bela ainda quando em poder dos mouros".<sup>2</sup> e navajero contrasta com a atividade dos mouriscos os desmazelos e o ócio dos hispanos, nada industriosos, sem amor nenhum pela terra, guardando seu

230 g. f.

.11 1

melhor entusiasmo para as empresas de guerra e as aventuras comerciais nas Índias. o mesmo que na região andaluza

#

se observava no sul de portugal e no algarve: terras igualmente beneficiadas pelos mouriscos e nas quais o polacco nicolas de popielovo, ao percorrê-las

em fins do século xv, quase não encontrou diferença das de andaluzia: "em todas as terras de andaluzia, portugal e algarvia [ .... ] os edifícios e os homens se assemelham e a diferença na educação e costumes entre sarracenos e cristãos unicamente se pode perceber na religião [ .... ]".<sup>83</sup> devendo-se observar, de passagem, que os cristãos não eram grandes devotos, só se confessando na hora da morte; e não jejuavam senão raramente. nem ora fácil praticar \* jejum em terras que, em vez de pobres de mantimento como \* maior parte das espanhas, conservaram-se por largo tempo, devido ao reflexo da atividade moura e mourisca, fartas de cereais, de carnes e de vinho.

com relação a portugal, deve-se salientar que seus comércios foram todos agrários; agrária a sua formação nacional depois pervertida pela atividade comercial dos judeus e pela política imperialista dos reis. agrário também o seu primeiro comércio de exportação de produtos da terra: azeite, mel, vinho, trigo. dos mouros, como já vimos, muito aproveitara a terra portuguesa. sobretudo o sul, necessitado de irrigação e tornado, zona produtiva pela ciência dos invasores.

a reconquista, embora seguida da concessão de largos trechos de terra aos grandes guerreiros, não acentuou em portugal traços e característicos feudais. entre as concessões de terra a particulares engravaram-se. sempre terras da coroa ou do rei, cultivando-as foreiros e rendeiros. destes é que recebia o monarca, através de mordomos, rendas e foros às vezes exagerados. metade da colheita do vinho. a terça parte da de trigo. nas terras dos grandes senhores incumbia aos foreiros e rendeiros levantar e reparar os castelos e os moinhos, os fomes e os celeiros. a unidade econômica formava-a o solar - a mansão, senhorial de taipa ou de barro amassado, avô da casa-grande de engenho brasileiro. o regime econômico não se pode dizer que tenha sido a princípio o da grande propriedade - consideran-

do-se grandes proprietários o rei, as fundações eclesiásticas e todos aqueles por quem a conquista foi dividida - mas uma combinação desse regime com o da cultura parcelada, "achando-se repartido o solo de cada grande acervo senhorial pelas subunidades a cargo dos adstritos, no primeiro período, entregue mais tarde aos rendeiros e foreiros".<sup>84</sup>

teve assim a formação agrária de Portugal, na sua pri-

c.-g. & s. 231

i

#

4

meira fase, um equilíbrio e uma solidez que nenhum dos dois regimes, sozinho, teria conseguido manter, nem a pequena propriedade teria sido capaz da tensão militar, necessária em terras agrícolas rodeadas de inimigos fortes, nem o latifúndio, sem a cultura parcelada, teria dado aos começos da economia portuguesa cores tão boas de saúde. acresce a vantagem da grande propriedade nunca ter representado em Portugal desbragado privatismo. contra os interesses particulares se fez sentir muitas vezes não só o poder da coroa como o das grandes corporações religiosas, donas de algumas das melhores terras agrícolas. terras a que fizera jus o esforço guerreiro dos freires nas guerras da reconquista; e acrescidas, depois, de doações e legados dos monarcas e dos particulares, indivíduos devotos ou incapazes de vida agrícola. "no povoamento e redução da cultura de um país devastado pelas guerras cabe parte notável à Igreja", escreve João Lúcio de Azevedo. "a roda dos mosteiros", acrescenta, "desenvolvia-se o labor agrícola. parte considerável da estremadura foi arroteada e povoada, a iniciativa dos monges de alcobaça. outro tanto se pode dizer de lugares e de regiões diferentes. também bispos, monges e simples párocos foram grandes edificadores e reparadores de pontes, obras das mais meritórias naquele tempo rude".<sup>85</sup> 1

durante os tempos indecisos de luta com os mouros foi principalmente a sombra das abadias e dos grandes mosteiros que se refugiou a agricultura, sob o cuidado dos monges. no interior dos claustros refugiaram-se indústrias e artes. esteves Pereira escreve que os mosteiros em Portugal "a par de mansões de oração e de estudos se tornaram em focos e escolas de atividade industrial, em laboriosas colônias agrícolas, que arrotearam sertões, desdobraram campinas incultas, que fecundaram vários territórios, até então desertos e maninhos". aos grandes mosteiros e corporações monásticas e religiosas, informa ainda esteves Pereira que os particulares doaram várias terras "por lhes faltarem elementos para os seus exercícios". reconhecia-se assim no latifúndio, isto é, na grande propriedade ativa, a capacidade de ação colonizadora e civilizadora que faltava aos proprietários pequenos ou ausentes. estes foram absorvidos nas grandes propriedades por outro meio, além do das doações por incapacidade: pelas obrigações criadas por empréstimos que lhes facilitavam as ricas corporações religiosas, no desempenho de funções como de bancos agrícolas que por largo tempo exer-

ceram na economia portuguesa. mecanismo vantajoso para os interesses agrários por não desviar as terras e os bens para a posse de capitalistas judeus ou burgueses ricos das cidades.

2r2 a. f.

um ponto nos surge claro e evidente: a ação criadora, e de modo nenhum parasitária, das grandes corporações religiosas -

#

freires, cartuxos, alcobacenses, cistercienses de são bernardo - na formação econômica de portugal. eles foram como que os verdadeiros antecessores dos grandes proprietários brasileiros. daqueles cujas casas-grandes de engenho foram também focos de atividade industrial e de beneficência. oficinas, asilos de orfãos, hospitais, hospedarias. os frades não foram em portugal as simples montanhas de carne, asfixiantes e estóreis, em que alguns se deliciam em caricaturá-los. na formação agrária do tempo dos afonsinos foram eles o elemento mais criador e mais ativo. eles e os reis. ao lado da tradição moura, foi a influência dos frades, grandes agricultores, a força que em portugal mais contrariou a dos judeus. se mais tarde o parasitismo invadiu até os conventos e que nem a formidável energia dos monges pode remar contra a maré. contra o oceano atlântico - diga-se literalmente. tanto mais que no sentido do grande oceano, e das aventuras ultramarinas de imperialismo e de comércio, remavam os fortes interesses israelitas, tradicionalmente marítimos e antiagrários.

até trigo exportara portugal na sua fase agrária, de saúde econômica; aquela em que maior foi a ação dos mosteiros. "demos pé aos ingleses desde o reinado do senhor dom diniz até o do senhor dom fernando", lembra-nos o esclarecido autor de certo opúsculo escrito nos fins do século xviii, em defesa dos frades portugueses.<sup>87</sup> para esse publicista, a decadência da-agricultura devia atribuir-se aos senhores inertes, ausentes de suas terras, entregues ao luxo das capitais. enquanto que nas propriedades eclesiásticas era mais difícil de verificar-se o absentismo do mesmo modo que o desmazelo: as fazendas nas mãos dos frades "são de ordinário mais bem cultivadas; porque se hum prelado ou presidente se descuida, o prelado-maior em suas visitas os adverte, e os companheiros os acquisam da sua ignorância ou negligência: assim estas propriedades sempre têm olhos, e braços que as auxiliam, e por isso sempre rendem e se melhoram".<sup>88</sup> daí ter-se conservado melhor nos conventos do que nas mãos dos particulares a riqueza agrícola em portugal - bem administrada pelos frades e pessimamente pelos particulares, senhores de latifúndios estóreis. beekford, visitando portugal no século xviii - um portugal já de fidalgos, arruinados - ainda pode recolher nos mosteiros por onde andou impressões de grande fartura. a cozinha de alcobaça, por exemplo, maravilhou-o. seus olhos, ele próprio o confessa que nunca viram em convento nenhuma da Itália, da França ou da

c.-g. & s. 233

#

alemanha t<sup>o</sup>, largo espa<sup>o</sup> consagrado aos ritos das cousas culin<sup>o</sup>rias. muito peixe fresco das <sup>o</sup>guas do pr<sup>o</sup>prio convento. uma fartura de ca<sup>o</sup>a das matas pr<sup>o</sup>ximas. hortali<sup>o</sup>as e frutas maduras de toda esp<sup>o</sup>cie das pr<sup>o</sup>prias hortas dos frades. montes de farinha e de a<sup>o</sup>ucar. gordas jarras de azeite. trabalhando nesta abund<sup>o</sup>ncia enorme de massas, de frutas, de hortali<sup>o</sup>as, numerosa tribo de serventes e leigos. gente toda feliz, cantando <sup>o</sup>nquanto preparava os past<sup>o</sup>is e bolos para a mesa hospitaleira de alcoba<sup>o</sup>a. e o dom abade a dizer ao estrangeiro, maravilhado de tanta fartura, que "em alcoba<sup>o</sup>a. n<sup>o</sup>o haveria de morrer de fome".89

nada indica que nos solares de portugal - a n<sup>o</sup>o ser no de marialva - acolhesse ao viajante ingl<sup>o</sup>s metade sequer daquela abund<sup>o</sup>ncia e variedade de v<sup>o</sup>veres, todos frescos e da melhor qualidade. v<sup>o</sup> veres l que, alimentando centenas de eclesi<sup>o</sup>s-ticos, ainda chegavam para'dar de comer a numerosos viajantes e indigentes. o portugal que chegara a exportar trigo para a inglaterra tornou-se, na sua 'fase de mercantilismo, o importador de tudo para a sua mesa - menos sal, vinho e azeite. do estrangeiro vinham trigo, centeio, queijo, manteiga, ovos, galinha. a n<sup>o</sup>o ser para os <sup>o</sup>ltimos redutos de produ<sup>o</sup>o agr<sup>o</sup>cola e portanto de alimenta<sup>o</sup>o fresca e sadia. esses redutos foram os conventos.

por onde se v<sup>o</sup> que n<sup>o</sup>o deixou de ter motivos ramalho ortig<sup>o</sup>o para desenvolver curiosa teoria sobre os frades em portugal e a profunda influ<sup>o</sup>ncia dos conventos no progresso do pa<sup>o</sup>s. os frades, argumentava ramalho ortig<sup>o</sup>o, tendo constitu<sup>o</sup>do por v<sup>o</sup>rios s<sup>o</sup>culos a classe pensante da na<sup>o</sup>o, uma vez extintas as ordens religiosas, a civiliza<sup>o</sup>o portuguesa ficou ac<sup>o</sup>fala. nenhuma outra classe herdou-lhe a preponder<sup>o</sup>ncia intelectual. resultado, conclu<sup>o</sup>a ortig<sup>o</sup>o, da alimenta<sup>o</sup>o regular e perfeita dos frades; da irregular e imperfeita das outras classes, prejudicadas na sua capacidade de trabalho e estudo pela insufici<sup>o</sup>ncia alimentar.

colonizou o brasil uma na<sup>o</sup>o de homens mal nutridos. <sup>o</sup> falsa a id<sup>o</sup>ia que geralmente se faz do portug<sup>o</sup>es: um superalimentado. ramalho atinou com o engano, embora por.um caminho incerto: atrav<sup>o</sup>s do reduzido consumo de carne em portugal. seria anti-higi<sup>o</sup>nico que esse consumo fosse, em terra de clima africano, proporcionalmente o mesmo que nos pa<sup>o</sup>ses do norte. o grande publicista idealizou um portug<sup>o</sup>es aliinc<sup>o</sup>ritando-se da mesma fartura de bife que o ingl<sup>o</sup>s. ora, esse portug<sup>o</sup>es idealizado por ortig<sup>o</sup>o teria sido um absurdo. mas o con-

234 g. 1.

i

t

sumo de carne que suas pesquisas surpreenderam em.lisboa es-

#

panta pela mis<sup>o</sup>ria: quilo e meio por m<sup>o</sup>s para cada habitante.90

a deficiência não foi, porém, só de carne de vaca: também de leite e de vegetais. desde cedo parece ter atuado desfavoravelmente sobre a saúde e a eficiência do português a preponderância de peixe seco e da comida em conserva no seu regime de alimentação. "o povo miúdo vive pobremente, sendo a sua comida diária sardinhas cozidas% informam trom e lippo-mani que estiveram em portugal em 1520. "raras vezes compram carnes, porque o alimento mais barato é esta casta de peixe [ .... ] ". e o povo "nada bom [ .... ] todo cheio de terra". vitela, rara. trigo vindo de fora: da França, de Flandres, da Alemanha.91

estrabão informa que "na península, antes da ocupação romana, durante os três quartos do ano., os habitantes viviam de pão de glandes", isto é, de uma massa de glandes esmagadas e trituradas depois de secas. vinhos só em dia de festa, nos banquetes ou comezainas, quando era evidentemente mais farta e variada a alimentação.92

desde esses remotos tempos que se deve distinguir entre. comezainas e banquetes e a alimentação dos dias comuns. entre o regime de reduzido número de ricos e o da grande maioria - o da plebe rural e das cidades. as generalizações sobre o assunto baseiam-se em fatos excepcionais - quase os únicos, registrados pelas crônicas históricas. dá a crença num português tradicionalmente regado, sempre rodeado de gordos pitões. de bois inteiros assados em espeto. de galinhas, porcos, carneiros. resultado de não se saber descontar nas crônicas o 'jato de elas só registrarem o extraordinário ou excepcional.

alberto sampaio dá-nos como cultivados na península, nos tempos da dominação romana e nos imediatos, o centeio, a cevada, a aveia, o farelo, o trigo - reservado o trigo, devido a sua produção pouco abundante, para a gente rica, "enquanto o mais comum devia ser a mistura de centeio e milho alvo". das leguminosas, o historiador nos dá a certeza das seguintes: fava, ervilha, lentilhas e chicharro. frutas, os romanos introduziram várias nas províncias e desenvolveram a cultura de outras, indígenas. mas foram os árabes que introduziram as laranjas, os limões e as tangerinas e os processos adiantados de conservação e aproveitamento dos frutos em "frutos secos", processo que se comunicaria vantajosamente ao Brasil, através das matronas portuguesas do século XVI que tão cedo se tornaram peritas confeiteiras de frutas tropicais.

como circunstância particularmente desfavorável é agricul-

c.-g- & s. 235

i

#

i

tura e, por conseguinte, ao suprimento de víveres frescos em Portugal, mesmo nos seus tempos de melhor saúde econômica, devem ser lembradas: as crises de clima, por um lado; por outro, as crises ou perturbações sociais - guerras, epidemias, invasões, etc. ainda assim pode-se concluir que a gente portuguesa atravessou nos seus começos, antes de transformar-se em



potência marítima, um período de alimentação equilibrada que talvez explique muito da sua eficiência e das suas superiores qualidades de arrojo e de iniciativa até o século xvi. indicam-no documentos antigos decifrados por alberto sampaio. por exemplo: as obrigações da comida fornecida aos mordomos reais por ocasião de receberem as rendas. dessas obrigações constam ora pão, carne, vinho, ora pão, vinho, leite fervido, frangos, filhotes, carne de porco, queijo, manteiga, ovos, etc. sampaio é o primeiro a comentar que muito maior era então a frequência dos laticínios na alimentação portuguesa que depois tanto se empobreceu deles e de carne vermelha. o que o ilustre historiador atribui, com evidente parcialidade, à "revolução cultural apurada pela introdução do milho mais".<sup>93</sup>

as causas desse empobrecimento parecem-nos mais profundas e complexas. ele reflete a situação de miséria geral que criou para as espanhas o abandono da agricultura, sacrificada pelas aventuras marítimas e comerciais; depois, a monocultura, estimulada em portugal pela inglaterra através do tratado de methuen. as crônicas de banquetes, as tradições de comezainas, as leis contra a gula não nos devem deixar a ilusão de um povo de superalimentados. sampaio mesmo deixa-nos perceber nas populações do minho o contraste entre a alimentação fraca e insuficiente dos dias comuns e a desbragada dos jantares de festa. "nos jantares de festa", escreve ele, "as vitualhas acumulam-se em massas enormes: as grandes terrinas e escudeias de vóveres, os largos pratos com peixes desmedidas, seguem-se numa sucessão interminável, intermeados com as infusas e canecos de vinho verde, que quanto mais rascante, mais estimula o apetite, aliás sempre complacente."<sup>94</sup> desbragamento que indica alimentação normalmente pobre. não nos esqueçamos nunca do caráter excepcional dessas comezainas: sua própria intemperança faz pensar em estômagos mal alimentados que umas quantas vezes por ano se expandissem em excessos como que compensadores do regime de parcimônia alimentar dos dias comuns.

os jejuns devem ser tomados na devida conta por quem estude o regime de alimentação do povo; portugueses, sobretudo durante os séculos em que sua vida doméstica andou mais dura-

236 g. f.

i

#

mente fiscalizada pelo olhar severo da inquisição. da inquisição e do jesuíta. dois olhos tirânicos, fazendo as vezes dos deus. fiscalizando tudo.

é possível que correspondessem aos jejuns e aos frequentes dias de comida de peixe, fortes razões de estado. os jejuns terão contribuído para o equilíbrio entre os limitados vóveres frescos e as necessidades da população. estimulava-se o povo ao regime de peixe seco e de artigos de conserva, em grande número importados do estrangeiro. o foral de gaia, conferido por afonso iii em 1255, deixa entrever que já nos tempos afonsinos, de relativa saúde econômica, o peixe seco ou salgado

avultava no regime da alimenta o portuguesa. os pescadores, além da costa portuguesa, exploravam a galega, colhendo peixe, salgando-o e remetendo-o para o consumo do povo. já no século xiii, a carne vermelha começava a ser luxo ou pecado para imperar, triunfante e virtuoso, o peixe salgado. león Poin-sard, no seu estudo le portugal inconnu, lembra que os portu-gueses chegaram a exportar, na idade média, peixe salgado para riga e que em 1353 eduardo iii da inglaterra concedia-lhes o direito de pescarem nas costas inglesas.<sup>95</sup> mas esse exa-gerado consumo de peixe seco, com deficiência de carne fresca e de leite, acentuou-se com o declínio da agricultura em portugal. e deve ter contribuido de maneira considerável para a redu o da capacidade econ mica do portugus, depois do século xv. fato por alguns vagamente atribuído   deca-d ncia de raça; por outros   Inquisi o.

pompeyo gener pretende que "con los ayunos predicados por el clero" tenha degenerado -en costumbre el comer mal y poco". refere-se   Espanha mas pode estender-se a portugal sua curiosa maneira de explicar por que "ias razas antes inteli-gentes y fuertes que poblavan la península enflaqueceran, se en-canijaron, debilit ndose física e moralmente; volvi ranse impro-ductivas y visionarias".<sup>96</sup> o crítico espanhol, através das pala-vras transcritas, parece-nos inclinado a sobrecarregar de respon-sabilidades a igreja pela deficiência da alimenta o espanhola. exagero com que de modo nenhum concordamos. parece-nos, porém, fora de d vida que o apelo religioso às virtudes de tem-peran a, frugalidade e abstinência; a disciplina eclesi stica con-tendo no povo o apetite de mesa farta, reduzindo-o ao mínimo, soltando-o apenas nos dias de festas e sufocando-o nos de pre-ceito - consciente ou inconscientemente agiram no interesse de equilíbrio entre os limitados meios de subsistência e os ape-tites e necessidades da popula o. de maneira que a crítica, não é o clero ou a igreja que a merece. o mal vinha de ra -

c.-g- & s. 237

#

i

zes mais fundas. do declínio da agricultura causado pelo de-senvolvimento anormal ssimo do comércio marítimo. do empo-brecimento da terra depois de abandonada pelos mouros. do parasitismo judeu. o fato é que os observadores da vida penin-sular nos tempos modernos, depois das conquistas, dos desco-brimentos, da expulsão dos mouros e dos mouriscos,   que são os mais insistentes em salientar a extrema parcimônia da ali-menta o portuguesa ou espanhola. "a temperança, ou melhor, abstin- ncia, chega a limites inverossímeis-", escreve um. outro salienta a extrema simplicidade da comida da gente pobre: um taco de pão com uma cebola. no século xvii a fome chegaria até aos palácios: a embaixatriz de frança em madri nessa época diz ter estado com oito ou dez camaristas que há tempo não sabiam o que era comer carne. morria-se de fome pelas ruas.<sup>97</sup>

. já no século anterior - o da descoberta do brasil - cle-nardo notara nos lusitanos, mesmo fidalgos, que eram uns co-

medores de robano, alimentado-se pouco e mal. admiráveis de realismo e exatidão - observemos de passagem -. as cartas desse clenardo. excedem as de sasseti. neste, a tendência para a caricatura está sempre a deformar-lhe o traço; o abuso da nota pitoresca a prejudicar-lhe a limpidez das informações. clenardo, ao contrário, contém-se nas gaiatices, oferecendo-nos um retrato honesto e fiel da vida lusitana de seu tempo. antes de alexandre de gusmão dar seu grito de alarme contra o regime de trabalho escravo em portugal, atribuindo a essa instituição a indolência do português, sua lentidão e esterilidade, já clenardo salientara a extensão dos efeitos perniciosos do cativo sobre o caráter e a economia lusitana. com a diferença de alexandre de gusmão diagnosticar um império já começando a desfazer-se de podre; clenardo recebeu-o pelos primeiros escarros de sangue. "se há povo algum dado à preguiça, sem ser o português, então não sei eu onde ele exista... esta gente tudo prefere suportar a aprender uma profissão qualquer." tão grande indolência, é custa da escravidão: "todo o serviço é feito por negros e mouros cativos. portugal está a abarrotar com essa raça de gente. estou quase a crer, que só em lisboa, há mais escravos e escravas que portugueses livres de condição... os mais ricos têm escravos de ambos os sexos e há indivíduos que fazem bons lucros com a venda de escravos novos, nascidos em casa. chega-me a parecer que os criam como quem cria pombas, para vender, sem que se ofendam com as ribaldias das escravas."118 ao excesso de escravos clenardo filiou a horrível carestia da vida em portugal. só a barba levá-lo uma fortu-

238 g. f.

i

#

i

ali

na toda a semana. assim mesmo o barbeiro fazendo-se esperar como um lorde. serviços e gêneros - tudo tinha de ser arrancado dos mãos dos vendedores e dos artifices; a carne das mãos do carneiro depois de se ter esperado a pé firme no talho duas ou três horas.

a carestia da vida sofriam-na, entretanto, os portugueses de preferência na sua vida íntima, simulando fora de casa ar e fausto de fidalgos. em casa, jejuando e passando necessidades; na rua, ostentando grandeza. o caso do ditado: "por fora muita farofa, por dentro mulambo só".

clenardo retrata nas suas cartas os "faustosos comedores de rabanetes que trazem todavia pelas ruas atrás de si maior número de criados do que de reais gastam em casa". tamanho era o luxo de escravos que alguns senhores se acompanhavam de um para levar-lhes o chapéu, outro o capote, um terceiro a escova para limpar o fato, um quarto o pente para pentear o cabelo. mas toda essa opulência de roupa e criadagem na rua é custa de verdadeiro ascetismo dentro de casa. esse brilho de

vestuário é custa de verdadeira indigência na alimentação. da falta absoluta de conforto doméstico. ou então é custa de despesas. situação esta comum às espanhas como 'mais tarde é América hispânica. aos senhores de engenho do Brasil, por exemplo. dos hispanos já generalizara em princípios do século xvi o historiador guicciardini: "se tem o que gastar, levam-no sobre o corpo ou sobre a cavalgadura, ostentando mais do que possuem em casa onde subsistem com extrem a mesquinha-ria e tão economicamente que causa maravilha". de outro liu-morista italiano, lúcio marineo, resta-nos idêntica observação: "uma coisa não quero deixar de dizer: que a maioria dos espanhóis tem grande cuidado em vestir-se e em ataviar-se muito bem como gente de gastar mais no traje e nos atavios do corpo do que na alimentação e em outras cousas por muito necessárias que sejam." o mesmo observariam viajantes ingleses e franceses no Brasil\* dos séculos xvii e xviii, onde ao esplendor das sedas e ao número excessivo de escravos raramente correspondia o conforto doméstico das nações do norte da Europa. dampier surpreendeu na Bahia, em fins do século xvii, casarões enormes, mas mal mobiliados. coisa de que os portugueses e espanhóis não fazem caso - anota ele. das casas-grandes de senhores de engenho que viu no Brasil - todas de escasso mobiliário. e quadros na parede, raros - só numa ou noutra, mais requintada.101

engana-se, ao nosso ver, quem supõe ter o português se centrado na colonização da África, da Índia e do Brasil

e-a. & s. 9.0tq

#

i

i

#

quando ele projetou por dois terços do mundo sua grande sombra de escravocrata, já suas fontes de vida e de saúde econômica se achavam comprometidas. seria ele o corruptor, e não a vítima. comprometeu-o menos o esforço, de fato extenuante para povo tão reduzido, da colonização dos trópicos, que a vitória, no próprio reino, dos interesses comerciais sobre os agrícolas. o comércio marítimo precedeu ao imperialismo colonizador e é provável que, independente deste, só pelos desmandos daquele, Portugal se tivesse arruinado como país agrícola e economicamente autônomo. a escravidão que o corrompeu não foi a colonial mas a doméstica. a de negros de guiné que emendou com a de cativos mouros.

compreende-se que os fundadores da lavoura de cana no trófico americano se tivessem impregnado, em condições de meio físico tão adversas ao seu esforço, do preconceito de que "trabalho é só pra negro". mas já seus avós, vivendo em clima suave, haviam transformado o verbo trabalhar em niourear.

- desde quando a economia portuguesa deixou-se empolgar

pela fôria parasitôria de explorar e transportar riqueza, em vez de produzi-la, não é fácil de dizer-se com precisão. dois portugueses antagonicos coexistiram por algum tempo, baralhando-se e confundindo-se na fervura das guerras e revoluções, antes de vencer o português burguês e comercial. poisard assinalou a coexistência de dois tipos de família ou de formação social, entre os portugueses. a família feudal e a família comunitária.<sup>102</sup> mas os grandes antagonismos que se defrontaram foram os económicos. o interesse agrário e o comercial.

a decadência da economia agrária em Portugal, o modo por que a nação se mercantilizou a ponto de tornar-se grande casa de negócios com o próprio rei e os maiores fidalgos transformados em negociantes - este magnificamente traçado por costa lobo, alberto sampaio, oliveira martins, joão lúcio de azevedo.<sup>103</sup> antes deles já economistas antigos, de quinhentos e de seiscentos, haviam atinado com os inconvenientes do latifúndio de um lado e do mercantilismo do outro. este roubando braços à lavoura e desviando dela as melhores energias. aquele dificultando o aproveitamento de vastas regiões incultas e estôreis. "porque, sendo as herdades de muitos filhos", escrevia severim de faria nas suas notícias de Portugal (Lisboa, 1655), "ficam de ordinario as tres partes della. por semeiar, faltando por esta causa os muitos fructos que della se poderam colher e a cominodidade que poderam dar a tantos homens que não acham lugar onde fazer um recolhimento onde se meta." outro economista houve, entre os de seiscentos, admi-

240 g. f.

rível de intuição e de bom senso. mostrou compreender que Portugal, mesmo dono das Índias e do Brasil, tornara-se, com a sua improdutividade de nação simplesmente comercial, mero explorador ou transmissor de riqueza: "serão de estrangeiros a

#

utilidade que a nossa industria descobriu nellas" - refere-se às colônias - "e o nosso trabalho cultivou, e viremos a ser no Brasil uns feitores da Europa, como são os castelhanos, que

~2

para ella tira das entranhas da terra o ouro e a prata. essa voz de profeta que tão claramente anteviu a exploração de Portugal pela Inglaterra foi a de ribeiro de Macedo que em 1675 escreveu o ensaio: sobre a introdução das artes.<sup>104</sup>

Muito se tem falado do carácter oceânico do território português como o irresistível motivo de ter o povo lusitano abandonado a vida agrícola pela de comércio e conquistas ultramarinas. o mercantilismo português, como a própria independência do reino, teria sido inevitável consequência de condições geográficas. tudo muito naturalmente determinado, e o velho de r'elo, em cuja boca camões dramatizou o conflito entre os interesses da agricultura e os do oceano, teria apenas repetido o gesto ingénuo do rei canuto querendo parar as ondas.

mas as condições geográficas não determinam de modo absoluto o desenvolvimento de um povo; nem hoje se acredita na peculiaridade geográfica ou étnica de Portugal em relação,

ao conjunto peninsular. a própria oceanidade do território português em oposição à continentalidade da Espanha não constitui senão fator insignificante de diferenciação: "porque também há oceanidade no território espanhol como há continentalidade no território português", observa o professor fidelino de figueiredo. e o erudito historiador lembra que "há povos marítimos durante séculos desinteressados do mar como a Inglaterra e a França".105 o mar não teria determinado sozinho a independência nem o comercialismo português. pode-se, ao contrário, salientar que Portugal quebrou a solidariedade peninsular fazendo da agricultura e não do comércio marítimo sua base principal de autonomia política. que foram as igualdades e não as diferenças econômicas que separaram Portugal da Espanha. o excesso de semelhanças e não o de diferenças. a verdade que esse excesso de semelhanças, tanto quanto o de diferenças, explorados por um elemento exótico - os aventureiros vindos do norte que, por traição à castela, fundaram a monarquia portuguesa.

ganivet andou próximo dessa interpretação, extravagante só na aparência, ao referir-se no seu ideário espanhol a "a antipatia histórica entre Castilla e Portugal, nacida acaso de ia

c.-g. & s. 241

i ~,

i.

i

#

i

#

semejanza, dei estrecho parecido de sus caracteres-. o ódio ao espanhol, já assinalamos como fator psicológico de diferenciação política de Portugal. mas nem esse ódio nem o fundamental, ao mouro, separaram o português das duas grandes culturas, uma materna, outra, por assim dizer, paterna, da sua. a hispânica e a berbere. contra elas formou-se politicamente Portugal, mas dentro de sua influência é que se formou o caráter português. neste a romanização intensa não apagou os traços essenciais hispânicos nem a reconquista cristã os profundos traços berberes e mouros. o ponto que nos sentimos na necessidade de salientar porque explica nossa insistência em considerar hispânica a formação social e cultural da América colonizada por espanhóis e portugueses. hispânica e não latina. católica, tingida de misticismo e de cultura maometana, e não resultado da revolução francesa ou da renascença italiana. neste ponto, colocamo-nos, com António Sardinha e contra f. garcía calderón. impossível negar-se que ao imperialismo econômico da Espanha e de Portugal ligou-se, da maneira mais íntima, o religioso, da igreja. a conquista de mercados, de

terras e de escravos - a conquista de almas. pode-se dizer que -o entusiasmo religioso foi o primeiro a inflamar-se no brasil diante de possibilidades s<sup>o</sup> depois entrevistas pelo interesse economico. colonia fundada quase sem vontade, com um sobejo apenas de homens, estilha<sup>os</sup> do bloco de gente nobre que s<sup>o</sup> faltou ir inteira do reino para as <sup>o</sup>ndias, o brasil foi por algum tempo a nazar<sup>o</sup> das colonias portuguesas. sem ouro nem prata. somente pau-de-tinta e almas para jesus cristo.

para a escravid<sup>o</sup>, saliente-se mais uma vez que n<sup>o</sup>o necessitava o portugue<sup>s</sup> de nenhum est<sup>o</sup>mulo. nenhum europeu mais predisposto ao regime-de trabalho escravo do que ele.. no caso brasileiro, por<sup>o</sup>m, parece-nos injusto acusar o portugue<sup>s</sup> de ter manchado, com institui<sup>o</sup>o que hoje tanto nos repugna, sua obra grandiosa de coloniza<sup>o</sup>o tropical. o meio e as circunst<sup>o</sup>ncias exigiriam o escravo. a principio o <sup>o</sup>ndio. quando este, por incapaz e molengo, mostrou n<sup>o</sup>o corresponder <sup>o</sup>s necessidades da agricultura colonial - o negro. sentiu o portugue<sup>s</sup> com o seu grande senso colonizador, que para completar-lhe o esfor<sup>o</sup> de fundar agricu'tura nos tropicos ' s<sup>o</sup> o negro. o oper<sup>o</sup>rio africano. mas o oper<sup>o</sup>rio africano disciplinado na sua energia intermitente pelos rigores da escravid<sup>o</sup>.

deixemo-nos de lirismo com rela<sup>o</sup>o ao <sup>o</sup>ndio. de op<sup>o</sup>-lo .ao portugue<sup>s</sup> como igual contra igual. sua substitui<sup>o</sup>o pelo negro - mais uma vez acentuemos - n<sup>o</sup>o se deu pelos motivos ,de ordem moral que os indian<sup>o</sup>filos tanto se deliciam. em ale-

242 o. f.

casa-grande em ruinas, perto de ofinda. (segundo  
fotografia de jos<sup>o</sup> Maria  
c. de albuquerque e melo.)

gar: sua altivez diante do colonizador luso em contraste com a

#

passividade do negro. o <sup>o</sup>ndio, precisamente pela sua inferioridade de condi<sup>o</sup>es de cultura - a n<sup>o</sup>made, apenas tocada pelas primeiras e vagas tend<sup>o</sup>ncias para a estabiliza<sup>o</sup>o agricola - <sup>o</sup> que falhou no trabalho sedent<sup>o</sup>rio. o africano executou-o com decidida vantagem sobre o <sup>o</sup>ndio principalmente por vir de condi<sup>o</sup>es de cultura superiores. cultura j<sup>o</sup> francamente agricola. n<sup>o</sup>o foi quest<sup>o</sup>o de altivez nem de d<sup>o</sup>ssividade moral.106 . teria sido mesmo "um crime escravizar o negro e lev<sup>o</sup>-lo <sup>o</sup> Am<sup>o</sup>rica?", pergunta oliveira martins. para alguns publicistas foi erro e enorme.

outro m<sup>o</sup>todo de suprir as necessidades do trabalho poderia ter adotado o colonizador portugue<sup>s</sup> do brasil. apenas varnhagen, criticando o car<sup>o</sup>ter latifundi<sup>o</sup>rio e escravocrata dessa coloniza<sup>o</sup>o, lamenta n<sup>o</sup>o se ter seguido entre n<sup>o</sup>s o sistema das pequenas do<sup>o</sup>es. "com do<sup>o</sup>es pequenas, a coloniza<sup>o</sup>o se teria feito com mais gente e naturalmente o brasil estaria hoje mais povoado - talvez - do que os estados unidos; sua popula<sup>o</sup>o seria porventura homog<sup>o</sup>nea e n<sup>o</sup>o teriam entre si as prov<sup>o</sup>ncias as rivalidades que, se ainda existem, procedem, em parte,

mas nenhum nos disse at<sup>o</sup> hoje que

das tais capitánias. "107 cita o exemplo da madeira e dos açores. mas essas doações pequenas teriam dado resultado em países, como o brasil, de clima áspero para o europeu e grandes extensões de terra? e de onde viria toda a gente que varnhagen supôs capaz da fundação de lavouras em meio tão diverso do europeu? terra de insetos devastadores, de secas, inundações. a saliva sozinha, sem outra praga, nem dano, teria vencido o colono lavrador; devorando-lhe a pequena propriedade do dia para a noite; consumindo-lhe em curtas horas o difícil capital de instalação; o esforço penoso de muitos meses. tenhamos a honestidade de reconhecer que só a colonização latifundiária e escravocrata teria sido capaz de resistir aos obstáculos enormes que se levantaram à civilização do brasil pelo europeu. só a casa-grande e a senzala. o senhor de engenho rico e o negro capaz de esforço agrícola e a ele obrigado pelo regime de trabalho escravo.

compreenderam os homens mais avisados em portugal, logo após as primeiras explorações e notícias do brasil, que a colonização deste trecho da américa tinha de resolver-se em esforço agrícola. um deles, diogo de gouveia, escreveu nesse sentido a dom joão iii. e ao decidir povoar os ermos da américa, seguiu efetivamente el-rei o critério agrícola e escravocrata de colonização, já esboçado nas ilhas do atlântico.

tudo deixou-se, porém, à iniciativa particular. os gastos de instalação. os encargos de defesa militar da colônia. mas também os privilégios de mando e de jurisdição sobre terras enormes. da extensão delas fez-se um chamariz, despertando-se nos homens de pouco capital, mas de coragem, o instinto de posse; e acrescentando-se ao domínio sobre terras tão vastas, direitos de senhores feudais sobre a gente que fosse a ele mourejar. a atitude da coroa vê-se claramente qual foi: povoar sem ônus os ermos da américa. desbravá-los do mato grosso, defendê-los do corsário e do selvagem, transformá-los em zona de produção, correndo as despesas por conta dos particulares que se atrevessem a desvirginar terra tão áspera. a estes se deve, na verdade, a coragem de iniciativa, a firmeza de ânimo, a capacidade de organização que presidiram o estabelecimento, no brasil, de uma grande colônia de plantação,

diante do sucesso alcançado pelo esforço dos primeiros senhores de engenho, que a coroa compreendeu as possibilidades de riqueza colonial pela produção do açúcar. como observa joão lúcio de azevedo, "o privilégio, outorgado ao doriatório, de só ele fabricar e possuir moendas e engenho de água, denota ser a lavoura do açúcar a que se tinha especialmente em

244 a. f.

mira introduzir". 108 e as concessões todas e, mais tarde, o regresso de tomé de souse, afirmam a mesma política de prestigiar-se a cultura do açúcar na pessoa quase feudal do senhor



de engenho.109 claro que da s poderia resultar o que resul-

#

tou: de vantajoso, o desenvolvimento da iniciativa particular estimulada nos seus instintos de posse e de mando; de maléfico, a monocultura desbragada. o mandonismo dos proprietários de terras e escravos. os abusos e violências dos autocratas das casas-grandes. o exagerado privativismo ou individualismo dos sesmeiros.

mesmo assim, a economia colonial praticada no brasil durante os primeiros dois séculos restituiu a portugal cores de saúde h muito desaparecidas sob a fúria morbida de exploração de riqueza, de rapina, de saque. nos fins do próprio século xvi já havia em portugal quem sentisse a superioridade do método de colonização adotado no brasil sobre o seguido na india. e na mina; e o quisesse generalizar às outras terras da coroa. "o juízo de deus", argumentava o autor do discurs \* o sobre as cousas da Índia e da mina (1573), "o juízo de deus que ganhando-se no brasil dinheiro em assucar e algodão, pau e papagaios, va. a. perca muita fazenda em ouro fino."110 palavras a que o rei fez - literalmente - ouvidos de mercador. seu chamego continuou a ser com as terras ricas em metais preciosos.

a verdade que para portugal a política social exigida pela colonização agrária representava esforço acima de suas possibilidades. por maior que fosse a elasticidade do português, essas exigências ficavam-lhe superiores aos recursos de gente. numa feitoria, o capital humano era um; numa colônia agrícola tinha de ser muito maior, mesmo contando-se com a ação multiplicadora da poligamia e da miscigenação. e portugal, desde seus mais remotos tempos históricos, foi um país em crise de gente. as condições disjuntivas de região de trânsito - pestes, epidemias, guerras - acrescidas das de meio físico em largos trechos desfavorável a vida humana e a estabilidade econômica - secas, terremotos, inundações - encarregaram-se de conservar a população rente com as necessidades nacionais, desbastando-a dos excessos porventura conseguidos pela poligamia dos conquistadores africanos e pela fecundidade patriarcal dos lavradores e dos criadores nos trechos de clima e de solo fértil.

refletiu-se nas leis portuguesas o problema de escassez de gente ao qual parece às vezes ter-se sacrificado a própria ortodoxia católica. vemos com efeito a igreja consentir, em portugal, no casamento de juras, ou secreto, consumado com o

e-g- & s. 245

i

i

i i

#

coito; e as ordenações manuelinas, e depois as filipinas, o per-

mitirem, considerando cônjuges os que vivessem em pública voz e fama de marido e mulher. uma grande tolerância para com toda espécie de umão de que resultasse o aumento de gente. uma grande benignidade para com os filhos naturais. na própria espanha, notaram viajantes dos séculos xvi e xvii que havia o maior desprezo pelas leis contra a mancebia, educando-se juntos, em muitas casas, filhos legítimos e naturais." "nem se alegue o ascetismo dos frades e padres como obstáculo aos interesses nacionais e imperiais de povoamento e de geração. o concurso de grande parte, senão da maioria deles, obra de procriação, foi tão generosamente aceito em portugal que as ordenações do reino mandavam que as justiças não prendessem nem mandassem prender clérigo algum, ou frade, por ter barrego.

os interesses de procriação abafaram não só os preconceitos morais como os escrúpulos católicos de ortodoxia; e ao seu serviço vamos encontrar o cristianismo que, em portugal, tantas vezes tomou característicos quase d'ágãos de culto fêlico. os grandes santos nacionais tornaram-se aqueles a quem a imaginação do povo achou de atribuir milagrosa intervenção em aproximar os sexos, em fecundar as mulheres, em proteger a maternidade: santo antônio, são joão, são gonçalo do amarante, são . pedro, o menino deus, nossa senhora . do , da boa hora, da conceição, do bom sucesso, do bom parto. nem os santos guerreiros como são jorge, nem os protetores das populações contra a peste como são sebastião ou contra a fome como santo onofre - santos cuja popularidade corresponde a experiências dolorosamente portuguesas - elevaram-se nunca à importância ou ao prestígio dos outros patronos do amor humano e da fecundidade agrícola. importância e prestígio que se comunicaram ao brasil, onde os problemas do povoamento, tão angustiosos em portugal, prolongaram-se através das dificuldades da colonização com tão fracos recursos de gente. uma das primeiras festas meio populares, meio de igreja, de que nos falam as crônicas coloniais do brasil é a de são joão j com as fogueiras e as danças.112 pois as funções desse popularíssimo, santo são afrodisíacas; e ao seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. é o santo casamenteiro por excelência:

dai-me noivo, são joão, dai-me noivo,  
dai-me noivo, que me quero casar.

as sortes que se, fazem na noite ou na madrugada de são joão, festejado a foguetes, busca-pós e vivas, visam no brasil,

246 g. f.

como em portugal, a umão dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. no brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo de água; a da espiga de milho que

#

se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem com-la; a da faca que de noite se enterra até o cabo na bananeira para de manhã cedo decifrar-se sofregamente a mancha ou a nódoa na lâmina; a da bacia de água, a das agulhas,

a do bochecho. outros interesses de amor encontram proteç<sup>o</sup>es em santo ant<sup>o</sup>nio. por exemplo: as afeiç<sup>o</sup>es perdidas. os n<sup>o</sup>l-vos, maridos ou amantes desaparecidos. os amores frios ou mortos. <sup>o</sup> um dos santos que mais encontramos associados <sup>o</sup>s pr<sup>o</sup>ticas de feitiç<sup>o</sup>aria afrodisi<sup>o</sup>aca no brasil. <sup>o</sup> a imagem desse santo que freq<sup>u</sup>entemente se pendura de cabeç<sup>a</sup> para baixo dentro da cacimba ou do poç<sup>o</sup> para que atenda <sup>o</sup>s promessas o mais breve poss<sup>o</sup>vel. os mais impacientes colocam-na dentro de u\* <sup>o</sup>is velhos. s<sup>o</sup>o gonç<sup>o</sup>alo do amarante presta-se a sem-cerirm monias ainda maiores. ao seu culto <sup>o</sup> que se acham ligadas as pr<sup>o</sup>ticas mais livres e sensuais. <sup>o</sup>s vezes at<sup>o</sup> safadezas e porcarias. atribuem-lhe a especialidade de arrumar marido ou amante para as velhas como a s<sup>o</sup>o pedro a de casar as vi<sup>o</sup>vas. mas quase todos os amorosos recorrem a s<sup>o</sup>o gonç<sup>o</sup>alo:

casai-me, casai-me,  
s<sup>o</sup>o gonç<sup>o</sup>alinho,  
que hei de rezar-vos,  
amigo santinho.

exceç<sup>o</sup>es s<sup>o</sup> das moç<sup>o</sup>as:

s<sup>o</sup>o gonç<sup>o</sup>alo do amarante,  
casamenteiro das velhas,  
por que n<sup>o</sup>o casais as moç<sup>o</sup>as?  
que mal vos fizeram elas?

gente est<sup>o</sup>ril, maninha, impotente, e a s<sup>o</sup>o gonç<sup>o</sup>alo que se agarra nas suas <sup>o</sup>ltimas esperanç<sup>o</sup>as. antigamente no dia da sua festa danç<sup>o</sup>ava-se dentro das igrejas - costume que de portugal comunicou-se ao brasil. danç<sup>o</sup>ou-se e namorou-se muito nas igrejas coloniais do brasil. representaram-se com<sup>o</sup>dias de amor. numa de suas pastorais, recomendava em 1726 aos padres de pernambuco dom frei jos<sup>o</sup> Fialho, por merc<sup>o</sup> de deus e da santa s<sup>o</sup> Apost<sup>o</sup>lica, bispo de olinda: "n<sup>o</sup>o consint<sup>o</sup>o que se faç<sup>o</sup>o comedias, colloquios, representaç<sup>o</sup>es nem bailes dentro de alguma egreja, capella, ou seus adros." 113 isto em princ<sup>o</sup>pios do s<sup>o</sup>culo xviii. de modo que talvez n<sup>o</sup>o exagere le gentil de ia barbinais ao descrever-nos as festas do natal

c.-a. & s. 9.17

i

i

#

de 1717 que teria presenciado no convento de freiras de santa clara na bahia. cantavam e danç<sup>o</sup>avam as freiras com tal algazarra que o viajante chegou a acreditar que estivessem possu<sup>o</sup>das de algum esp<sup>o</sup>rito zombeteiro. depois do que representaram uma com<sup>o</sup>dia de amor.114

em pernambuco parece ter dom frei jos<sup>o</sup> Fialho clamado em v<sup>o</sup>q porque em princ<sup>o</sup>pio do s<sup>o</sup>culo xix tollenare soube, no recife, que ainda se danç<sup>o</sup>ava na igreja de s<sup>o</sup>o gonç<sup>o</sup>alo de

olinda. s<sup>o</sup> em 1817 os c<sup>o</sup>negos proibiram tais dan<sup>o</sup>as "porque os europeus as censuravam como uma indec<sup>o</sup>ncia indigna do templo de deus".115 na bahia dan<sup>o</sup>ava-se dia de s<sup>o</sup> gon<sup>o</sup>alo n<sup>o</sup>o s<sup>o</sup> no convento do desterro como na ermida de nazar<sup>o</sup>, na igreja de s<sup>o</sup> domingos, na do amparo, em v<sup>o</sup>rias outras.116 e mesmo depois da proib<sup>o</sup> das dan<sup>o</sup>as, continuou o namoro nas igrejas. at<sup>o</sup> nas da corte. max radiguet ainda alcan<sup>o</sup>ou as mo<sup>o</sup>as das melhores fam<sup>o</sup>lias do rio de janeiro namorando com os rapazes na capela imperial: "accroupies sur leur chaise de tapisserie prenaient sans scrupule des sorbets et des glaces avec les jeunes gens qui venaient converser avec elles dans le fleu saint". 117. namorando e tomando sorvete nas igrejas exatamente como noventa anos depois nas confeitarias e nas praias.

mas outros carater<sup>o</sup>sticos pag<sup>o</sup>os do culto de s<sup>o</sup> gon<sup>o</sup>alo conservam-se em portugal. entre outros, as -enfiadas de ros<sup>o</sup>-rios f<sup>o</sup>licos fabricados de massa doce e vendidos e "apregoados em calo fescenino" - informa lu<sup>o</sup>s chaves - pelas doce<sup>o</sup>ras <sup>o</sup> porta das igrejas. e j<sup>o</sup> nos referimos ao costume das mulheres est<sup>o</sup>reis de se fricc<sup>o</sup>nam. "desnudadas", pelas pernas da imagem jacente do -bem-aventurado, enquanto os crentes rezam baixinho e n<sup>o</sup>o erguem os olhos para o que n<sup>o</sup>o devem ver".' 18 a fricc<sup>o</sup> sexual dos tempos pag<sup>o</sup>os acomodada a formas cat<sup>o</sup>licas.

como era natural, esses santos, protetores do amor e da fecundidade entre os homens, tornaram-se tamb<sup>o</sup>m protetores da agricultura. com efeito tanto s<sup>o</sup> jo<sup>o</sup> e nossa se- nhora do <sup>o</sup> - <sup>o</sup>s vezes adorada na imagem durna mulher gr<sup>o</sup>vida - s<sup>o</sup> santos amigos dos lavradores, favorecendo-os ao mesmo tempo que aos amorosos. no brasil, como em portugal, o povo do interior quando quer chuva costuma mergulhar santo ant<sup>o</sup>nio dentro de <sup>o</sup>gua. em certas regi<sup>o</sup>es do norte quando h<sup>o</sup> inc<sup>o</sup>ndio nos canaviais coloca-se a imagem do santo numa das janelas da casa-grande at<sup>o</sup> abrandar o fogo. quando ronca cheia ou inunda<sup>o</sup> <sup>o</sup> ainda sua imagem que se op<sup>o</sup>e ao perigo das <sup>o</sup>guas alagarem a lavoura. o s<sup>o</sup> jo<sup>o</sup> <sup>o</sup> no brasil, al<sup>o</sup>m de festa afrodis<sup>o</sup>aca, a festa agr<sup>o</sup>cola por excel<sup>o</sup>ncia. a festa do milho, cujos produtos culin<sup>o</sup>rios - a canjica, a pamonha, o

249 a. f.

bolo -  
da meia-noite.

no norte, quando d<sup>o</sup> lagarta no algod<sup>o</sup>o, ainda hoje costumam os lavradores rezar em cada canto da ro<sup>o</sup>a: "virgem no

#

parto, virgem antes do parto, virgem depois do parto". e no fim, tr<sup>o</sup>s ave-marias.119 a mesma associa<sup>o</sup> da id<sup>o</sup>ia de fecundidade humana <sup>o</sup> id<sup>o</sup>ia de fecundidade da terra.

a festa de s<sup>o</sup> gon<sup>o</sup>alo do amarante a que la barbinais assistiu na bahia no s<sup>o</sup>culo xviii surge-nos das p<sup>o</sup>ginas do viajante franc<sup>o</sup>s com todos os tra<sup>o</sup>os dos antigos festivais pag<sup>o</sup>os. festivais n<sup>o</sup>o s<sup>o</sup> de amor, mas de fecunoidade. dan<sup>o</sup>as desenfreadas em redor da imagem do santo. dan<sup>o</sup>as em que o viajante viu tomar parte o pr<sup>o</sup>prio vice-rei, homem j<sup>o</sup> de idade, cercado de frades, fidalgos, negros. e de todas as marafonas da bahia. uma promiscuidade ainda hoje carater<sup>o</sup>stica das

nossas festas de igreja. violas tocando. gente cantando. bar-  
racas. muita comida. exaltação sexual. todo esse desadorno  
- por três dias e no meio da mata. de vez em quando, hinos  
sacros. uma imagem do santo tirada do altar andou de mão  
em mão, jogada como uma peteca de um lado para outro.  
exatamente - notou la barbinais - "o que outrora faziam  
os pagãos num sacrifício especial anualmente oferecido a hēr-  
cules, cerimonia na qual fustigavam e cobriam de injurias a  
imagem do semideus".120

festa evidentemente já influenciada, essa de são gonçalo,  
na bahia, por elementos orgiásticos africanos que teria absor-  
vido no brasil.121 mas o resíduo pagão característico, trouxera-o  
de portugal o colonizador branco no seu cristianismo lúrico, fes-  
tivo, de procissões alegres com as figuras de baco, nossa se-  
nhora fugindo para o egipto, mercúrio, apolo, o menino deus,  
os doze apóstolos, sátiros, ninfas, anjos, patriarcas, reis e im-  
peradores dos ofícios; e só no fim o santíssimo sacramento.122  
 não foram menos faustosas nem menos pagas as grandes pro-  
cissões no brasil colonial. froger notou na do corpus-christi,  
na bahia, músicos, bailarinos e mascarados em saracoteios lúbricos.  
 e uma que se realizou em minas em 1733 foi uma verda-  
deira parada de paganismo ao lado dos símbolos do cristianismo.  
 turcos e cristãos. a serpente do eden. os quatro pontos  
cardeais. a lua rodeada de ninfas. e no fim, uma verda-  
deira consagração das raças de cor: caianos e negros congos  
dançando à vontade suas danças gentílicas e orgiásticas em  
honra dos santos e do santíssimo.123

um catolicismo ascético, ortodoxo, entervando a liberdade  
aos sentidos e aos instintos de geração teria impedido portugal

enchem as mesas patriarcais para as vastas comezainas

c-g. & s. 249

. i 'i

i

#

de abarcar meio mundo com as pernas. as sobrevivências  
pagãs no cristianismo português desempenharam assim papel  
importante na política imperialista. as sobrevivências pagãs e  
as tendências para a poligamia desenvolvidas ao contato quente  
e voluptuoso com os mouros.

a culinária portuguesa, tanto quanto o hagiológico, recorda  
nos velhos nomes de quitutes e gulodices, nas formas e orna-  
mentos meio fílicos de bolos e doces, na condimentação picante,  
como que afrodisíaca, dos guisados, cozidos e molhos, a vibra-  
ção erótica, a tensão procriadora que portugal precisou de manter  
na sua época intensa de imperialismo colonizador. na culinária  
colonial brasileira surpreendem-se iguais estímulos ao amor e à  
fecundidade. mesmo nos nomes de doces e bolos de convento,  
fabricados por mãos seráficas, de freiras, sente-se às vezes a  
intenção afrodisíaca, o toque fescenino a confundir-se com o mós-  
tico: suspiros-de-freira, toucinho-do-côu, barriga-de-freira, man-  
jar-do-côu, papos-de-anjo. eram os bolos e doces porque sus-

piravam os freiróticos e portaria dos conventos. não podendo entregar-se em carne a todos os seus adoradores, muitas freiras davam-se a eles nos bolos e caramelos. estes adquiriam uma espécie de simbolismo sexual. afrônio peixoto observa num dos seus romances de costumes brasileiros: "não foram outros como nós, gozadores, que lhes demos [aos bolos e doces da sobre-mesa patriarcal] tais apelidos, mas as suas autoras, as respeitáveis abadessas e freiras dos conventos portugueses nos quais a ocupação, mais do que o serviço divino, era a fábrica dessas iguarias". 124 isto depois de recordar os nomes, alguns bem fesceninos, da guloseima luso-brasileira: beijinhos, desmamados, levanta-velho, língua-de-moça, casadinhos, mimos-de-amor. não há quem não possa acrescentar e lista outros nomes, igualmente sugestivos, de bolos e gulodices. e é curioso o fato de chamar-se "dinheiro para comprar bolo" o que deu certos pais brasileiros aos filhos rapazes, em idade, segundo eles, de "conhecer mulher". de conhecer outro bolo, sem ser o de goma ou de milho. sabe-se aliás da íntima relação entre a libido e os prazeres do paladar.125

outro aspecto da obsessão que se tornou em portugal o problema do amor físico surpreende-se no fato de não haver, talvez, nenhum país onde a anedota fescenina ou obscena tenha maiores apreciadores. nem em nenhuma língua as palavras ostentam tamanha opulência. os gestos. byron foi o que aprendeu do idioma português na sua rápida passagem por lisboa; sonoros palavras que nas cartas ao seu amigo, o rev. francis hogson, felizmente não soube escrever direito:

250 g. f.

carracho, ambra di merdo. carracho, para d. g. dalgado - nos seus comentários às cartas de byron - deve ser caramba; 126 identificação que não nos parece correta. quer nos parecer que o poeta inglês procurasse grafar palavra menos inocente e mais

#

portuguesa do que caramba. o erotismo grosso, plebeu, domina em portugal todas as classes, considerando-se efeminado o homem que não faça uso dos gestos e dos palavras obscenos. a mesma coisa do brasil, onde esse erotismo lusitano só fez encontrar ambiente propício nas condições lúbricas de colonização. a maior delícia do brasileiro é conversar safadeza. histórias de frades com freiras. de portugueses com negras. de ingleses impotentes. cremos, porém, que só em portugal se consideraria pilhéria de salão a que nos referiu um amigo ilustre. passou-se com ele numa das mais fidalgas casas de lisboa e em sociedade mista elegantíssima. a hora da ceia anunciou-se uma surpresa aos convivas. essa surpresa era nada mais nada menos do que os pratos, a mesa, substituídos por papéis higiênicos; e sobre eles, fino doce de cor parda, esparramado em pequenas porções. imaginem-se entre os convivas, ingleses ou norte-americanos! teriam sucumbido de pudor. e no brasil é comum pilheriar-se em torno desse parecidos; somos todos de um rude naturalismo, com os excessos de reticência característicos dos certo rev. creary, que andou pelo brasil

escravidão e cujo diário se conserva na seção de da biblioteca do congresso, em washington, diz pouca-vergonha dos brasileiros. cita o exemplo de de onze ou doze anos aue ele ouviu, bestificado, irmão pequeno, menino de andar ainda no colo, que lhe fizera pipi no vestido. outro fato o horrorizou: os anúncios em jornais do rio de solteiros indecorosos dizendo precisarem de amas dando a entender que para outros misteres, além de cuidar da cozinha ou da casa.127 não imaginemos o rev. creary nenhum monstro de puritanismo: estava-se então na época da rainha vitória. livros de etiqueta ingleses chegavam a aconselhar as senhoras de tom que não misturassem na mesma prateleira de estante livros de autores masculinos e femininos. cada sexo não-sua prateleira. em boa sociedade não se falava, nem na inglaterra nem nos estados unidos, em perna de cadeira ou de mesa, evitando-se a sugestão sensual de perna de mulher. pelo que respondendo a um inglês quase da marca de creary - o naturalista mansfield - escrevia em 1861 um nosso compatriota, a, d. de pascual: "as nossas brasileiras não desmaiam se pronunciamos na sua presença as palavras perna, colo, etc.,

-g- & s. 251

em portugal  
e de assuntos  
em contraste  
anglo-saxões.  
nos tempos da  
manuscritos  
horrores da  
uma menina

#

dizer de um

#

como as inglesas, embora não façam ver nas ruas, carruagens e salões as realidades dessas palavras." apenas não negava pascual, depois de opor tão triunfantemente uma convenção a outra, que "a existência dos escravos nas nossas habitações" fosse "um grande inconveniente para a educação das nossas filhas e famílias [ . . . ] 111. 128

nessa instituição social - a escravidão - que encontramos na verdade o grande excitante de sensualidade entre os portugueses, como mais tarde entre os brasileiros. talvez o maior, em portugal, abaixo da necessidade de gente para a tarefa de colonização. tarefa desproporcionada aos recursos normais da população e obrigando-a a manter-se sempre superexcitada, no interesse da procriação grande.

a escravidão, de aue sempre se serviu a economia portuguesa, mesmo nos seus tempos de rija saúde, tomou aspecto acentuadamente mórbido ao tornar-se a monarquia mercantil e imperialista. "a vida do escravo", diz-nos alexandre herculano referindo-se ao século xvi, "era nessa época verdadeira-

mente horrível em Portugal." 129 e isto devido à necessidade de corrigir-se a todo custo o desequilíbrio demográfico e econômico causado pelas conquistas e aventuras de ultramar. foi o que corrompeu o regime de trabalho. o que azedou as relações, outrora, sendo saudáveis, dentro de limites mais doces, entre senhores e servos em Portugal. sob novos estímulos, os senhores foram os primeiros a favorecer a dissolução "para aumentar o número das crias, como quem promove o acréscimo de um rebanho". "era permitido entre eles [os escravos] o concubinato, misturando-se batizados e não batizados, e tolerando-se, até, essas relações ilícitas entre servos e pessoas livres." 130 não é outra a impressão que nos transmite o italiano João Batista Venturino que em 1571 esteve em Portugal acompanhando o cardeal alexandrino, legado do papa. os escravos, consideravam-nos então os portugueses como os italianos as raças de cavalo. tratavam-nos pelo mesmo método. "que o que se buscava", informa o italiano, "era ter muitas crias para as vender a trinta e a quarenta escudos." 131 as necessidades de braços, tanto no reino, desfalcado pela imigração, como nas colônias agrícolas, tornavam proveitosíssimo o comércio de gente.

não se pode atribuir ao regime de trabalho escravo, por si, toda a dissolução moral da sociedade portuguesa salientada pelos viajantes estrangeiros depois do século xv. nem a devassidão era só portuguesa, mas ibérica, embora acentuando-se em traços mais grossos entre os portugueses.

252 g. f.

da Espanha, e não de Portugal, escreveu no século xvii madame d'Aulnoy, baseada em bons informantes, que os jovens aristocráticos desde os doze ou quatorze anos começavam a ter mancebas, havendo poucos que em tão verde idade não estives-

#

sem doentes de males venéreos. que as mancebas se ostentavam. que se educavam muitas vezes em promiscuidade os filhos legítimos e os naturais. que nas casas mais nobres se falava abertamente de doenças do mundo, por todos suportadas com paciência, sem ninguém envergonhar-se de tamanha desgraça. 132

sofreram os colonizadores, não exclusiva ou diretamente da América, mas das colônias em geral, dos contatos com povos exóticos e raças atrasadas, das conquistas e das relações ultramarinas, decidida influência no sentido da dissolução moral. o ônus moral do imperialismo.

reconhecendo essa influência geral do imperialismo sobre a vida e a moral sexual dos povos hispânicos, devemos, entretanto, recordar que sobre eles atuaram condições de meio físico, de situação geográfica, de desenvolvimento, histórico particularmente perturbadoras da moralidade cristã: o constante estado, de guerras causando na península o fluxo e o refluxo de populações; as alternativas de hegemonia; a extrema mobilidade social; a instabilidade econômica, os contatos cosmopolitas por via marítima; a convivência com os maometanos polígamos. junte-se a essas circunstâncias certa disparidade, nos vestuários, e nas práticas de higiene doméstica, entre as exigências ou nor-



mas de moral sexual cristã no norte da europa e o clima africano de portugal e de grande parte da espanha. todas essas influências devem ter concorrido para o fato de excitar-se mais cedo que no norte a fome sexual nos adolescentes espanhóis e portugueses.

no caso do brasileiro, desde menino tão guloso de mulher, atuaram, ainda com mais força, influências de caráter social contrárias à continência, ao ascetismo, à monogamia. entre nós o clima tropical terá indiretamente contribuído para a superexcitação sexual de meninos e adolescentes; para a sua antecipação, tantas vezes morbida, no exercício de funções sexuais e conjugais. menos, porém, que as influências puramente sociais. procuraremos mostrar no capítulo seguinte a força tremenda com que estas atuaram.

montesquieu e tempos depois o escritor político, tão em voga na alemanha imperialista de antes da guerra., treitschke, atribuíram ao clima tropical a sensualidade, a poligamia e a escravidão. a primeira devido ao fato de as meninas parecerem tornar-se mais cedo mulheres nos trópicos do que nos países

c.-,q. & -q. 253

#

de clima frio ou temperado. a própria escravidão julga-a treitschke "o complemento do homem" e, por conseguinte, da sensualidade precoce.

não é ponto sobre o qual se possa sentenciar, esse do clima tropical antecipar por influência sua, direta, a vida sexual. há quem desloque o fato para a questão de raça e até para a social, de classe e ambiente. que nos adventícios o clima superexcite os órgãos sexuais e antecipe nas mulheres a menstruação parece fora de dúvida. 133 que continue a excitá-los, nos indivíduos já aclimatados, é ponto duvidoso. quanto à menstruação ocorrer mais cedo nos trópicos, as estatísticas nos surpreendem com o fato de também entre esquimós a puberdade ser precocemente atingida. 134 dá o critério de raça que alguns pretendem aplicar ao assunto, de preferência ao de clima. mas a despeito de tão importante exceção, a tendência geral, registrada pelas estatísticas, é efetivamente no sentido da menstruação verificar-se mais cedo nos trópicos que nos países de clima frio ou temperado.

referindo-nos à influência do clima africano sobre a vida sexual dos hispanos consideramos menos a influência direta, que a indireta, provocadora de reações importantes - as instituições sociais norte-africanas correspondentes a necessidades do ambiente, do meio físico, do clima. a poligamia e a escravidão, entre outras. o fato é que essas instituições, com a sua série de irregularidades sexuais, se apresentam particularmente ligadas ao clima por assim dizer muçulmano do norte da África. clima que teria atuado sobre as populações hispânicas a favor da África moura e contra a europa cristã. que teria predisposto singularmente portugueses e espanhóis para a colonização polígama e escravocrata dos trópicos na América.

o português no brasil muito transigiu com a higiene nativa, quer a da habitação quer a pessoal. na pessoal, adotando o banho diário e desembaraçando as crianças dos cueiros e

abafos grossos. na da habitação, adotando dos Índios a cobertura de palha, como adotara dos asiáticos a parede grossa e o alpendre. também teve o bom senso de não desprezar de todo os curandeiros indígenas pela medicina oficial do reino, apesar dos jesuítas declararem queles guerra de morte. mas os próprios jesuítas., combatendo nos curandeiros os místicos, absorveram deles vários conhecimentos de plantas e ervas. É provável que nas mãos de um curandeiro indígena estivesse mais segura a vida de um doente, no brasil- dos primeiros tempos, coloniais, do que nas de um médico do reino estranho ao meio e à sua patologia. frei caetano brandão, bispo do grão-pará o

254 g. f.

homem de profundo bom senso, dizia ser "o melhor tratar-se uma pessoa com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com um médico desses vindos de lisboa".135 e joaquim jerônimo serpa, tendo estudado para

#

cirurgia nos hospitais de lisboa, ao voltar à colônia inclinou-se mais à arte dos tapuias que à ciência dos doutores da metrópole: não perdendo ocasião de aconselhar o pau-cardoso, em lugar da raiz de -altéia, o pau-tacagá para adstringente, a goma de cajueiro em vez da arábica.136 são traços todos esses que indicam o pendor português para adaptação.

a aclimação propriamente dita é difícil de determinar até que ponto tem-se realizado com vantagem no brasil. difícil de separá-la da adaptação. . difícil de precisar até que ponto os europeus do sul, os portugueses em particular, se têm aclimatado melhor que os do norte. o confronto seria quase impossível. raras são as famílias no brasil tropical que se têm mantido brancas ou quase brancas. mas um caso talvez seja suscetível de estudo no norte, região essencialmente tropical e de formação aristocrática como nenhuma: o dos wanderleys de serinhaém e rio formoso. família fundada nos princípios do século xvii, por gaspar van der lei, fidalgo da confiança do conde maurício de nassau, radicou-se no extremo-sul da capitania e aqui tem conservado, por inbreeding, relativa pureza nórdica. atesta-o a predominância nos seus membros,, da pigmentação cor-de-rosa, dos olhos azuis muito claros e do cabelo louro ou ruivo. o inbreeding - note-se bem - menos por preconceitos de raça do que pelos sociais, de família, observados sempre nas velhas zonas rurais do brasil em que os casamentos de primos com primas e tios com sobrinhas se sucederam através de gerações. maria graham surpreendeu-se da frequência dessas uniones consanguíneas, em que parece ter sentido certo gosto mau de incesto; e nos meados do século, xix chegou o casamento de primos com primas e de tios com sobrinhas a ser o assunto de muita lese alarmista de doutoramento, nas faculdades de medicina do império.137

dos wanderleys têm saído para a vida política, para a magistratura e o sacerdócio, alguns homens ilustres, embora nenhum com características de gênio - exceção, talvez, do barão de cotegipe, um dos maiores estadistas do império. mas este, ao qu~ parece, com a sua pinta de sangue negro. por outro

lado poderiam colher-se exemplos numerosos, entre os wanderleys autênticos - entre os mais louros e cor-de-rosa - de degenerados pelo álcool. irregularidade pela qual chegam a ser celebrados no folclore rural brasileiro, do mesmo modo que os

c.-g. & s. 255

i

i

i

#

albuquerque pela tendência para mentir (mitomania), os cavalcantis - família pernambucana que se deriva do fidalgo florentino filipe cavalcante - pelo horror a pagar dívidas, e os sousa leão e carneiro da cunha pela erotomania. nas palavras do povo: "não há Wanderley que não beba; albuquerque que não minta, cavalcanti que não deva." ou segundo uma variante: "não há só que não minta, cavalcanti que não deva, wanderley que não beba." 138 nem sousa leão ou carneiro da cunha que não goste de negra. 139

mas contra generalizações que interpretassem o alcoolismo dos wanderleys como degeneração de raça nórdica por efeito do clima quente, levanta-se a circunstância de não sabermos até que ponto seja responsável por tais excessos a raça em conflito, ou dificuldade de adaptação, com o clima. o alcoolismo bem pode ser resultado de tara de família favorecida por condições sociais. os estudos genealógicos entre nós, em geral realizados superficialmente para atender a vaidade de barões do império e de esnobes da república, carecem de realismo 140 e de profundidade que correspondam às necessidades propriamente científicas. no caso dos wanderleys impõe-se detalhado estudo dos antecedentes de gaspar. dele se sabe por wötjen que era de gente nobre mas homem de caráter fraco. pelo menos na opinião dos cronistas holandeses. que fraqueza de caráter seria essa? a de caçador de dote? a de transfuga? a de bêbado? até que ponto podemos aceitar o depoimento dos holandeses, suspeitos no assunto, desde que gaspar foi uma espécie de calabar às avessas, traíndo a própria gente para colocar-se ao lado dos pernambucanos e da noiva? a verdade que noiva rica, filha de senhor de engenho. outros holandeses casaram-se com brasileiras - informa-nos o marquês de basto; mas de famílias menos importantes.

o fato de se encontrarem tantos wanderleys degenerados pelo álcool e destituídos do antigo prestígio aristocrático prende-se a causas principalmente sociais e econômicas que envolveram. outras famílias ilustres, da era colonial, hoje igualmente decadentes: a instabilidade da riqueza rural causada pelo sistema escravocrata e da monocultura; as leis sobre sucessão hereditária, favoráveis à dispersão dos bens; a lei da abolição, sem nenhuma indenização aos senhores de escravos. lei que colhendo São Paulo já cheio de imigrantes europeus, apanhou o norte desprevenido, sem outros valores que os escravos africanos. uma família, por exemplo, como os pais barreto, também

de pernambuco e tanto quanto os wanderleys, em serinhaorri e rio formoso, radicada, através de séculos, a uma só região

do estado - o atual município de cabo; família garantida, como nenhuma outra no brasil, na sucessão dos seus bens e na pureza de sua linhagem aristocrática, pelo privilégio do morgadio; uma família assim privilegiada e defendida contra os perigos de dispersão, e hoje das mais dispersas e decadentes. onde estão os pais barreto, continuadores dos que, até o prin-

#

cípio do século xix, exerceram a influência preponderante sobre os destinos de pernambuco? muitos, dos de melhor ascendência, arrastam-se por mesquinhos empregos públicos. outros ainda são donos de engenhocas inislráveis."

a questão da degenerescência de europeus que se têm conservado relativamente puros no brasil é difícil de apurar diante das condições de instabilidade social característica de nossa formação agrária. da dependência em que vivemos, primeiro do açúcar; depois do café; e sempre do escravo negro.

em regiões de clima diverso do nosso, consideradas de clima bom e até ótimo, no sentido técnico desses graus, têm-se verificado, por efeito das mesmas influências sociais - a escravidão e a monocultura - fenômenos de degenerescência e dispersão semelhantes aos verificados no brasil. entre nós, joaquim nabuco, ocupando-se da sociedade escravocrata do seu tempo, notou a tendência de a fortuna passar das mãos dos que a fundaram para a dos credores. acrescentando: "poucos são os netos de agricultores que se conservam à frente das propriedades que seus pais herdaram; o adágio "pai rico, filho nobre, neto pobre" expressa a longa experiência popular dos hábitos da escravidão, que dissipam todas as riquezas, não raro no estrangeiro." 142 fato idêntico observou-se no sul dos estados unidos sob a pressão das forças sociais de inconstância e instabilidade; no próprio norte, sob a influência de outros fatores de degradação; 143 e no brasil, em são paulo - região de clima mais favorável que o de pernambuco, da bahia e do maranhão aos europeus do norte. que sirva de exemplo a família leme, também de origem nórdica, outrora tão ilustre, hoje meio decadente, quase só lhe restando do antigo brilho a eloquência do cardeal dom sebastião leme. "e o que é feito dessa família? que fim teve?", perguntava há anos antônio a. da fonseca, referindo-se aos descendentes diretos do patriarca lerne e portadores do nome. "o mesmo fim que terão quase todas as famílias hoje importantes e que na segunda ou terceira geração serão o que hoje se chama caipira, ou caboclos, como são os descendentes dos poderosos gmes de 1720... eu conheci no bairro do cajuru um caipira ou caboclo, que vivia do seu trabalho de enxada, e que acompanhou meu pai nas corridas de veado na

256 g. f.

c-c- & s. 257

i i

#

p-1h

reminiscências mouriscas no brasil: um abalcoado de velha casa de olinda. (segundo fotografia de josé Maria c. de albuquerque e melo.)

qualidade de cachorro-rei, ganhando por isso alguns patacos; este caipira era apolinário leme, descendente dos potentados aos quais el-rei de portugal perdoava seus crimes..." e não só apolinário leme reduzido a cachorro-rei conheceu fonseca; mas netos de capitães-mores arrastando-se por empregos rasteiros: uns feitores, outros camaradas. "o filho de um dos signatários das emendas do projeto da constituição" achatado em meirinho de itu. o neto legítimo de um barão do império - feitor de uma fazenda de café. e os descendentes dos colonos europeus

9-;r a. f.

subindo. tornando-se os grandes da terra. substituindo os antigos barões de pedro ii com os seus títulos de, condes do papa.

essa debacle devida, principalmente, à instabilidade da riqueza agrícola baseada num só produto, e este sujeito, como o açúcar ou o café, a grandes flutuações, nos mercados consumidores; e explorado pelo braço escravo. porque as famílias degeneradas ou decadentes não são apenas as raras, de sangue nórdico, mantido relativamente puro através da época colonial pelos casamentos de primos com primas e tio com sobrinha; são também muitas das portuguesas pelos quatro costados, ou aqui avigoradas por mais de uma mistura com gente de cor; famílias outrora de prole e hoje sem relevo ou expressão nenhuma.

resta-nos salientar o fato, de grande significação na história social da família brasileira, de ter sido o brasil descoberto e colonizado - do fim do século xvi em diante o brasil auto-colonizou-se, defendendo-se por si das agressões estrangeiras - na época em que os portugueses, senhores de numerosas terras na Ásia e na África, haviam-se apoderado de -uma rica variedade de valores tropicais. alguns inadaptáveis à Europa. mas todos produtos de finas, opulentas e velhas civilizações asiáticas e africanas. desses produtos, o brasil foi talvez a parte do império lusitano que, graças às suas condições sociais e de clima, mais largamente se aproveitou: o chapéu-de-sol, o palanquim, o leque, a bengala, a colcha de seda, a telha à moda sino-japonesa, o telhado das casas caído para os lados e recurvado nas pontas em comos de lua, a porcelana da china e a louça da Índia. plantas, especiarias, animais, quitutes. o coqueiro, a jaqueira, a mangueira, a canela, a fruta-pão, o cuscuz. 145 móveis da Índia e da china.

o aristocrata brasileiro do litoral de pernambuco e do recôncavo entrou imediatamente no gozo de vantagens que na europa só as cortes requintadas conheceram no século xvi. foram com efeito os portugueses que primeiro trouxeram do oriente à Europa o leque, a porcelana de mesa, as colchas

#

da china e da Índia, os aparelhos de chô, e parece que também o chapôu-de-sol. 146 é provável que até o gosto do banho diário tenha-o transmitido do oriente à Inglaterra o português do século xvi; 147 fato que, se for verdadeiro, tem sua ironia; lembra o do missionário que salvou as almas dos outros, e perdeu a própria. talvez tenham sido ainda os portugueses os introdutores, ou pelo menos os divulgadores na europa, dos foguetes e dos fogos de artifício da china, tão característicos das festas das igrejas portuguesas e brasileiras; também da moda das muitas jóias e tetéias.

i

c.-g. & 8. 259

#

parecem-nos às vezes patranhas de frade - de frades coloniais com letra bonita, sem assunto para seus exercícios de caligrafia e de gramática - as histórias que se contam da opulência e do luxo dos senhores de engenho baianos e pernambucanos nos séculos xvi e xvii. e não de um nem dois, mas de muitos desses senhores. particularmente dos grandes, que costumavam descer do engenho para vir passar a festa em olinda - a festa dos antigos, que era o estabelecimento das chuvas, do carnaval a São João. histórias, em que deve haver exagero, de jantares comidos a garfo, requintado instrumento ainda tão pouco em uso nas cortes europeias. de mesas cobertas de prata e de louça fina. de camas forradas de riquíssimas colchas de seda. de portas com fechaduras de ouro. de senhoras cobertas de pedras preciosas. mas atentando-se no fato de que muitos dos requintes de mesa e de tratamento doméstico e de vestuário adotados pela europa, nos séculos xvi e xvii, foram requintes orientais, compreende-se a opulência de alguns senhores de engenho pernambucanos e baianos. compreende-se o uso, em terras tão novas, de artigos refinados e de luxo. por que não, se pernambuco e a bahia desde cedo tornaram-se pontos de escala de naus que voltavam do oriente, rangendo de tão carregadas de mercadorias de valor, arrastando-se pelo mar com vagares de mulher grávida; cheias de objetos finos que os portugueses vinham introduzindo por essa época na europa aristocrática e burguesa? a só presença de baixelas de prata entre os senhores de engenho de olinda, do século xvi, basta, não há dúvida, para causar-nos pasmo. o luxo que surpreende entre homens que tinham acabado de abrir os primeiros claros na mata virgem e fundar os primeiros engenhos de cana.

desse luxo é bem de ver, não falam apenas frades-capelães, em tom de quem faz panegírico de santo; também estrangeiros da marca de pyrard de laval. foi talvez pyrard o primeiro europeu. a fazer o elogio das casas-grandes dos engenhos do brasil: "belas casas nobres" - "de belles maisons nobles". refere-se às do recôncavo. numa-delas esteve o francês em visita ao senhor de engenho; mas só nos deu o apelido do dono da casa, e este mesmo, ao que parece, estropiado: mangue ia bote. pois esse mangue ia bote vivia no seu engenho, em princípios do século xvii, de maneira de grande fidalgo: até banda de música mantinha para alegrar seus jantares. uma

banda de trinta figuras, todos negros, sob a regência de um marselhês. a mangue ia bote atribua-se uma fortuna superior a trezentos mil escudos, feitos todos no açúcar e 'riche de plus de trois cent mille (CUs)".14" no açúcar e em negros. foi, aliás,

260 g. f.

i

em que se fundou a colonização aristocrática do brasil: em açúcar e em negros.149

#

homens de fortuna feita em açúcar e em negros devem ter sido todos aqueles "moradores ricos de fazendas de raiz" de que nos fala gabriel soares: os mais de cem moradores da bahia do século xvi que tinham cada ano de mil cruzados até cinco mil de renda; senhores cujas fazendas valiam vinte mil até cinquenta ou sessenta mil cruzados. os quais - diz o cronista - ---tratam suas pessoas mui honradamente com muitos cavalos, creados e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem sino sedas [ .... ] ". na sua mesa, "serviço de prata". muitos dos seus engenhos, soberbos, de roda de água, como o de sebastião de faria, e beira do riacho cotegipe: "grandes edificios, de casa de purgar e de venda, e uma igreja de s. jeronimo, tudo de pedra, cal, no que gastou mais de doze mil cruzados"; ou movidos a bois, como o de vasco rodrigues lobato, "todo cercado de canaviaes de assucar, de que se faz muitas arrobas".150

- de modo que talvez não exagere o padre fernão cardim ao descrever os senhores de engenho que conheceu em pernambuco em 1583: "homens muito grossos de quarenta, cinquenta e oitenta mil cruzados". suas fazendas, "maiores e mais ricas que as da bahia". a verdade que alguns, nesse tempo ainda de altos preços do açúcar - 460 réis por arroba, o branco, e 320 o mascavado - muito cheios de dívidas; mas precisamente por causa das "demasias e gastos grandes que tem em seu tratamento". ginetes de duzentos e trezentos cruzados. leitões de damasco, franjados de ouro. colchas da Índia. escravos além do número necessário. banquetes, nos dias de casamento e batizado, com iguarias extraordinárias e muito gasto de comida e bebida cara. 151

vida opulenta, e até espaventosa, a daqueles colonos portugueses que, dispendo de capitais para se estabelecerem com engenhos, conseguiram prosperar no brasil, logo nos primeiros tempos, e custa do açúcar e do negro - os de pernambuco com 23 engenhos movidos a bois ou a água produzindo, em 1576, de 50 a 70 mil arrobas de açúcar; os da bahia com 18. cada engenho desses construído e razão de 10.000 cruzados pouco mais ou menos; e com 50 peças de escravos ao seu serviço e 15 ou 20 juntas de bois. e uma produção anual - a dos melhores, pelo menos - de 6 a 10.000 arrobas de açúcar mascavo. 152

já nesse primeiro século de escravidão podia dizer-se, como no último diria silveira martins - ---obrasil e o café, e o

#

café e o negro" - que o brasil era o açúcar, e o açúcar era o negro. porque na bahia e em pernambuco - os dois grandes centros de opulência, econômica e social, os dois grandes portos brasileiros de expressão internacional, no século xvi - o índio ficou logo no segundo plano. achatado na sua inferioridade cultural. inútil e incapaz, dentro do sistema de colonização que ia criar a economia brasileira. e "a lavoura de mantimentos" abafada pelas bandeiras dos canaviais. nestas que o português, desenganado das riquezas da Índia, viu quase de repente o in hoc signo vinces que o animou a colonização agrícola e escravocrata do brasil.

notas ao capítulo iii

1. alexandre herculano, história de portugal, cit.; controvérsias e estudos históricos, na série opúsculos, lisboa, 1887.

2. traduzidos pelo padre m. gonçalves cerejeira, depois cardeal-patriarca de lisboa, e publicados no seu excelente estudo o humanismo em portugal - clenardo, coimbra, 1926.

3. alexandre herculano, opúsculos, cit.

4. bell, portugal of the portuguese, cit.

5. servimo-nos aqui de conhecida expressão sociológica, criada pelo nosso velho mestre da universidade de colúmbia, professor franklin giddings.

6. james bryce, south america - observations and impressions, londres, 1911.

o professor everett v. stonequist lembra já ter sido observado que os contatos da gente das nações chamadas latinas com povos escuros foram afetados por doutrinas religiosas, isto é, pelo fato da igreja católica, dominante naquelas nações, ser uma organização internacional: 'an international organization [ .... ] committed in spirit and objective in favor of assimilation. the north european peoples, on the other hand, belonged to the more national-minded protestant churches'. também o professor stonequist destaca o fato desde 1933 salientado neste ensaio e posteriormente em o mundo que o português criou (rio, 1940) de terem as autoridades civis portuguesas estimulado as ações interraciais, concorrendo assim para a cristianização dos nativos empreendida pela igreja ("race, mixture and the mulatto" em race relations and the race problem, organizado por edgar t. thompson, durham, 1939, pág. 248). deve-se entretanto notar que os jesuítas nem sempre seguiram no brasil essa orientação: no brasil como no canada, mais de uma vez os encontramos em atitudes como que de antecipação ao moderno etnocentrismo ou racismo. veja-se gilberto freyre, brazil: an interpretation, nova iorque, 1945.

7. joão lúcio de azevedo, "algumas notas relativas a pontos de história social" em miscelânea de estudos em homenagem de dona carolina michaelis de vasconcelos, coimbra, 1930.

s. azevedo, "organização econômica em história de portugal, ed. monumental, vol. iii, barcelos, 1931.

262 g. f.

#



9. alexandre herculano, ' introdução a o bobo (época, de dona teresa, 1128), lisboa, 1897.

10. parece ter sido do mesmo feitio, por assim dizer, matrarcal, de dona francisca do rio formoso - que era uma wanderley - dona joaquina do pompeu, de pitangui e paracatu (minas gerais), onde foi dona de grandes fazendas e, com a doença do marido, o "homem da casa". em livro aparecido em belo horizonte em 1948, sob o título serra da saudade, o sr. c. cunha correia opõe-se a que dona joaquina do pompeu seja considerada de paracatu (pág. 85). segundo notas que nos forneceu um dos ilustres descendentes da matriarca, o professor alberto olvares, já falecido, era dona joaquina "filha do dr. jorge de castelo branco, juiz de direito de mariana [ .... ] que depois de viúvo ordenou-se e foi vigário de pitangui". pitangui teria sido o centro do sistema matrarcal encarnado pela notável mineira. entretanto, das suas fazendas - segundo as mesmas notas, baseadas em dados extraídos de cartórios - as denominadas gado bravo, novilha brava, tapera e cotovelo estavam "situadas no município de paracatu, antiga vila de paracatu do príncipe".

de dona francisca do rio formoso (francisca da rocha lins wanderley) conta o desembargador pais barreto que foi ela a "última senhora do engenho rio formoso". foi seu neto o visconde do rio formoso.

da mesma matriarca, informa o desembargador pais barreto, confirmando o que se diz neste ensaio: "ficou tradicional um dos seus atos de prepotência. pelo engenho passava grande carregamento de açúcar conduzido em carros de bois. trazia a marca j. m. w., iniciais de um preto abastado que adotara o nome de joão maurício wanderley. dona francisca mandara parar os carros e colocar no chão todas as caixas, nas quais um carpinteiro, com forte enxó, ia inutilizando o w, riscando-o da madeira. concluído o serviço e recolocadas as caixas no carro, determinou que seguisse o comboio e que ao seu dono fosse dito que wanderley era nome -de branco e que pessoa ou coisa pertencente a negro não tinha o direito de passar pelo seu engenho com tal denominação. vingou-se o preto argentino, comprando o trapiche rio formoso e expedindo ordens para que fosse retirada a mercadoria de dona francisca, porquanto daquela data em diante não se receberia ali açúcar de wanderley branco" [fatos reais ou lendários atribuídos à Família ]Barreto", revista das academias de letras, rio de janeiro, ano vii, n.º 45, maio-junho de 1943, pág. 11).

11. esses limites foram impostos por afonso v de acordo com o direito canônico. pelas constituições do bispado do porto estabelecendo condições menos suaves de asilo nas igrejas pode-se fazer ideia dos abusos. veja-se o trecho das constituições citado por a. a. mende-correia, a nova antropologia criminal, porto, 1931.

12. andré joão antonil (joão antônio andreont, s. l), cultura e opulência do brasil por suas drogas e minas, pág. 80, ed. de afonso de e. taunay, cit.

13. handelmann, história do brasil, cit.

#

14. escreve rodrigo otávio que "cumprir registrar, em honra ao

espírito liberal da legislação do pequeno reino, que ali nunca existiram os -direitos de albinógio e de detração" (rodrigo otávio, direito do estrangeiro no brasil, rio de janeiro, 1909). e pontes de miranda. "no direito português não se encontra o direito de albinógio [ .... ] nem o de naufrógio, que autorizava reis e senhores a se apoderarem das pes-

-g- & s. 263

#

soas e cousas naufragadas no mar e nos rios, em o de represélias" (pontes de miranda, fontes e evolução do direito civil brasileiro, rio de janeiro, 1928).

15. joão lúcio de azevedo, "organização econômica", cit.

16. azevedo, ioc. cit.

17. antônio sórgio, a sketch of the history of portugal, trad. de constantino josé dos santos, lisboa, 1928.

18. alberto sampaio, estudos históricos e econômicos, lisboa, 1923; antônio sórgio, op. cit. de antônio sórgio veja-se também sua inovadora e sugestiva história de portugal, tomo 1 (introdução geográfica), lisboa, 1941.

19. william dampier, voyages [ .... ] aux terres. australes, à Ia nouvelle hollande, & c., fait en 1699, pág. 93 (trad.), ams-erdã, 1705.

20. coreal, cit. por afonso de e. taunay, non ducor duco, cit.

21. the principal navigations voyages traffiques and discoveries of -the english nation [ .... ] by richard hakluyt, viii, p6g. 16. sobre a influência no brasil desde a época colonial, veja-se gilberto freyre, índios no brasil - aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do brasil, rio, 1948.

22. the principal navigations, etc., cit., viii, p6g. 19.

23. ms. no arquivo do instituto arqueológico, histórico e geográfico de pernambuco.

24. handelmann, op. cit.

25. - mendes correia, os povos primitivos da lusitânia, porto, 1924; raça e nacionalidade, cit.

26. boule, les hommes fossiles, apud mendes correia, os povos primitivos da lusitânia, cit.

27. mendes correia, os povos primitivos da lusitânia, cit.

28. opinião de bosh, cit. por mendes correia, os povos primitivos da lusitânia, cit.

29. w. z. ripley, the races of europe, londres, s.d.

30. , fonseca cardoso, "antropologia portuguesa% em notas sobre portugal, lisboa, 1908.

31. a. c. haddon, the races of man and their distribution, cambridge, 1929.

32. alberto sampaio, estudos históricos e econômicos, cit.

33. mendes correia, os povos primitivos da lusitânia, cit.

34. referindo-se aos descendentes dos franceses que nos princípios -do século xvi se amancebaram com mulheres tupinambós, em doce poligamia, "sem se quererem tornar para a França", diz gabriel soares:

.n.º de espantar serem estes descendentes dos franceses alvos e louros pois que saem a seus av.ºs". "louros, alvos e sardos", dissera antes. a observa.º do cronista leva-nos a acreditar que n.º eram conturris os louros puros entre os colonizadores portugueses do s.ºculo xvi, que -estes identificavam o louro ardente com os franceses. a prop.ºsito con- v.ºm lembrar tamb.ºm palavras de hans staden, cronista do s.ºculo xvi, que ali.ºs v.ºm citadas por pedro calmon na sua tamb.ºm inovadora his- t.ºria da civiliza.ºo brasileira (rio, 1933): "disseram-me que se tinha barba vermelha como os franceses, tamb.ºm tinham visto portugueses com igual barba, mas eles tinham geralmente barbas pretas." os .ºndios - re- corda ainda calmon, baseado na rela.ºo de gon.ºalo coelho - distin-

#

,guiam os franceses dos portugueses pela cor da barba.

35. haddon, op. cit.

264 ff. f.

36. alberto sampaio, estudos, cit.; mendes correia, os povos primitivos da lusit.ºnia, cit.

37. fleury, hist. eccles., apud buckle, bosqueja de una historia dei intellecto espafiol (trad.), madri, s.d.

38. buckle, op. cit.

39. durham, cit., buckle, op. cit.

40. ant.ºnio siirgio, a sketch of the

history of portugal, cit.

41. jo.º l.ºcio de azevedo, "algumas notas relativas a pontos e hist.ºria social". cit.

42. pontes de miranda, fontes e evolu.ºo do direito civil bra- sileiro, cit.

43. martim francisco, "jornal de viagens por diferentes vilas da capitania de s.ºo paulo", rev. inst. hist. geog. bras., n.º 45.

44. j. m. esteves pereira, a ind.ºstria, portuguesa (s.ºculos xii a xix), com uma introdu.ºo sobre as corpora.ºes oper.ºrias em por- tugal, lisboa, 1900.

45. jo.º l.ºcio de azevedo, "organiza.ºo econ.ºmica% cit. es- crevera alberto sampaio em seu estudo sobre as vilas do norte de portugal: "mais interessante .º a terminologia agr.ºcola-industrial da oli- veira, que apresenta a singularidade de ser em parte latina e em parte 'ºrabe: - oliveira, olival, olivedo pertencem .º primeira - azeite, azei- tona, .º segunda [ .... l" (estudos hist.ºricos e econ.ºmicos, cit.)

46. jo.º l.ºCIO de azevedo, "organiza.ºo econ.ºmica", cit.

47. jo.º l.ºCIO de azevedo. ioc. cit.

48. alexandre herculano, hist.ºria de portugal, cit.

49. alberto s- aio, estudos, cit.

50. alberto sampaio, estudos, cit.

51. alberto sampaio, estudos, cit.

51 martim francisco, "jornal de viagens", cit.

53. alberto sampaio, estudos, cit.

54. nicolas j. debban.º, au br.ºsil: l'influence arabe dans ia for- mation historique, ia litt.ºrature et ia civilisation du peuple br.ºsilien, le caire, 1911. .º oportuno recordar aqui as localiza.ºes de indiv.ºduos de origem moarisca observadas em s.ºo paulo por martim francisco.

.55. na segunda edi.ºo da evolu.ºo do povo brasileiro salienta o

ilustre sociólogo que esta tese apresentara-a "como uma pura hipótese, uma suposição meramente conjectural". nunca como "afirmação definitiva". acrescenta: "devo confessar entretanto que um estudo mais profundo dos problemas de raça e o crescente contato, em que entrei, com as grandes fontes de elaboração científica, neste domínio, renovaram profundamente minhas idéias sobre este e outros problemas da etnologia e da antropossociologia" (evolução do povo brasileiro, prefácio, 2.a ed., São Paulo, 1933).

56. João Lúcio de Azevedo, "organização econômica", cit.

57. "a casa dos 24% diz J. de Oliveira Simões em estudo sobre "a evolução da indústria portuguesa", "com o seu juiz do povo, escri-

#

vão e almotacão, junta formada por delegados dos ofícios mecânicos, que funcionava nas principais cidades, mostra a importância social que conquistava na vida da nação o trabalho do povo" (notas sobre Portugal, cit.) vejam-se também sobre o assunto os trabalhos de João Lúcio de Azevedo, "organização econômica", cit.; J. M. Esteves Pereira, a indústria portuguesa, cit.; Paulo Merea, "organização social e administração pública", em História de Portugal.

c-g. & s. 265

58. Mpedro e Os Júnior, raça de gigantes (a civilização no planalto paulista), cit.

59. veja-se o seu Populações meridionais do Brasil, São Paulo, 1933. também evolução do povo brasileiro, São Paulo, 1933.

60. Debbaid, loc. cit.

61. "one of the greatest compliments that can be paid a lady is to tell her that she is becoming daily fatter and more beautiful" notou Gardner (George Gardner, travels in the interior of Brazil, principally through the northern provinces, Londres, 1846).

62. Richard F. Burton, explorations of the highlands of the Brazil, Londres, 1869.

63. itinerário de Lisboa e Viana do Minho, etc., apud Lell-e de Vasconcelos, ensaios etnográficos, Lisboa, 1910.

64. informa ainda o relatório que as senhoras do século XVII quando saíam, era dentro de redes sobre as quais se lançava um tapete ou enclausuradas em palanquins. vestidos custosos e muitas jóias, ainda que algumas falsas. "breve discurso sobre o estado das quatro capitâneas conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte septentrional do Brasil" trad. do holandês, de ms. existente no arq. de Haia e publicado na rev. do inst. arq. hist. geog. pern., n.º 34.

65. Araújo Viana, no seu estudo "das artes plásticas no Brasil em geral e na cidade do Rio de Janeiro em particular" (rev. inst. hist. geog. bras.), destaca entre reminiscências mouriscas nas nossas casas-grandes as "rotulas" e as "barras de azulejo nos saguões e nas casas de jantar". José de Alencar ("as razões da arquitetura brasileira", o jornal, Rio) escreve da arquitetura doméstica brasileira: "o excesso de luminosidade ambiente foi inteligentemente corrigido pelos grandes lençóis de paredes, os alpendres amplos (copiados de Pernambuco), especialmente destinados a proteger as peças de habitação contra os rigores

da insolação direta; as venezianas em adufa (rótulas), os balcões e moucharabiehs mouriscos." deve-se salientar outro traço de cultura moura aproveitado pelo bom senso português na colonização do brasil tropical: as ruas estreitas que, infelizmente, vão sendo todas substituídas por avenidas e ruasiargas.

66. auctoria, estudos, cit.

67; estância Louro, o livro de alportel - monografia de uma freguesia rural, lisboa, 1929.

68. estância louro, o livro de alportel, cit.

69. soror violã do céu, parnasos de divinos e humanos versos, lisboa, 1733, apud leão de vasconcelos, ensaios etnográficos, cit.

70. do folclore português. no brasil, quando chove na noite de são joão, diz-se sem o menor respeito pelo santo menino que é mijão. até do venerando são pedro diz-se quando chove na sua noite, que é mijão.

71. mário sá, a invasão dos judeus, lisboa, 1924.

72. max weber, general economic history (trad.), nova iorque.

73. vagen, história geral do brasil, cit.

#

74. ché, the foundations of the nineteenth century, cit.

75. joão lúcio de azêvedo - história dos cristãos-novos portugueses, lisboa, 1922.

76. joão lúcio de azêvedo - história dos cristãos-novos, cit.

77. joão lúcio de azêvedo - história dos cristãos-novos, cit. mário sá, op. cit.

266 g. f.

78. abade de la caille, journal historique du voyage fait au cap de bonne espérance, pág. 211, paris, 1763. sobre a mania dos óculos ou quevedos em portugal, nos séculos xvi, xvii, xviii, leia-se jôlio dantas, figuras de ontem e de hoje, lisboa, 1914. recorda o escritor terem sido os dois traços que montesquieu salientou nos portugueses: os óculos e bigodes (les lunettes et [ .... ] ia moustache). montesquieu deu ao abuso dos óculos em portugal a mesma interpretação que la caille no brasil. não nos esqueçamos do fato de que, lá como aqui, quase todos os doutores, em medicina pelo menos, parece que eram judeus. o autor da voyage de marseille à lima et dans les autres indes occidentales (paris, 1720), diz, em página 132, que a cidade de salvador estava cheia de judeus. igual observação faz fréz[er]. esse conta que um vigário fugira da bahia para a holanda, depois de largos anos de falsa devoção católica, apurando-se que era muito bom judeu. relation du voyage de ia mer du sud aux côtes du chily et du perou, pág. 276 (a paris, 1716).

79. seriam também, em grande número, judeus disfarçados, ou homens de origem hebraica os advogados que, desde o século xvi, começaram a emigrar do reino para as colônias com os seus óculos, as suas chicanas e o seu parasitismo. da cidade de goa, invadida por agiotas e chicanistas no século xvi, escreveu um contemporâneo: "e parece a cidade de goa mais academica de litigantes que escola de armas" (ferdinand denis, le portugal, paris, 1746). do reino escrevia um observador do século xviii: "a multidão dos advogados é notória e a sua utilidade muito equivocada" (os frades julgados no tribunal da razão, lisboa, 1814).

80. joão lúcio de azevedo, história dos cristãos-novos, cit.

81. j.~ garcia mercadal, espafia vista por los extranjeros, cit.

82. mercadal, espafia vista por los extranjeros, cit.

83. mercadal. espafia vista por los extranjeros, cit.

84. joão lúcio de azevedo, "organização econômica" cit. veja-se também épocas de portugal econômico, lisboa, 1929. pelo mesmo autor.

85. joão lúcio de azevedo, épocas de portugal econômico, cit.

impugnando a ideia, exposta no presente estudo e em escritos posteriores do autor, de ter sido o português no brasil, apesar de seu desapego à terra, um dos fundadores da agricultura moderna nos trópicos, o sr. sêrgio buarque de holanda escreve: "não faltam indícios de que a atividade dos portugueses em quase todas as épocas, e já antes da colonização do brasil, se associou antes à mercancia e à milícia do que à agricultura e às artes mecânicas" ("panlusismo", cobra de vidro, são paulo, 1944, págs. 74-75).

a generalização é aceitável e, no presente ensaio, desde 1933 se

#

apresentam aspectos do desenvolvimento português que parecem favorecer a. mas restrições sérias devem ser opostas ao excesso - de que não pode, aliás, ser acusado o sr. sêrgio buarque de holanda - de considerar-se o português povo sem passado agrário ou "raça" como que biologicamente incapaz de esforço agrícola ou inimiga da lavoura. os próprios estudiosos da formação portuguesa que acentuam nela a predominância da mercancia e da milícia sobre a agricultura e as artes mecânicas, como alberto sáio e leon poinsard, não negam ter havido em portugal uma "raça eminentemente agricultora" (estudos econômicos e sociais, lisboa, 1923, 1, pág. 535) e centros de "une vaste exploitation agricole" (poinsard, le portugal inconnu, paris, 1910, 1, pág. 25). esses outros foram principalmente os mosteiros, como mostram

e-g- & s. 267

#

poinsard e o anônimo que escreveu os frades julgados no tribunal da razão (lisboa, 1814).

é certo que o brasil foi colonizado por um povo português já afastado da agricultura e empolgado por outros interesses; mas nem por isso destituído de aptidões para a agricultura. daí ter esse povo concorrido, é verdade que através de escravos, para fundar a agricultura moderna nos trópicos, antecipando-se nisto a outros europeus. que eles, valendo-se do trabalho escravo, desenvolveram notável esforço na organização de uma economia agrária no brasil, é inegável. devido ao sucesso da agricultura de cana e do fabrico de açúcar pelos portugueses no brasil é que egerton considera o brasil "exúmples of genuine colonization" (cit. por e=n dei3orah eilis, an introduction to the history of sugar as commodity, filadélfia, 1905, pág. 61).

sobre o assunto vejam-se também: l. capitan e henri lorin, le travail en amérique avant et après colomb, paris, 1930; p. leroy-beaulieu, de ia colonisation chez les peuples modernes, paris, 1891; lúis a~ história geral da agricultura brasileira, são paulo, 1939; lemos brrro, pontos de partida para a história econômica do brasil, são paulo, 1939; j. f. normano, brazil, a study of economic types, chapel. hifi, 1935; j. f. de almzida prado, primeiros povoadores do brasil, são paulo, 1939.

não deve ser esquecido o fato de que o português tornou-se um dos fundadores da moderna agricultura nos trópicos por meio de combinação de métodos e valores trazidos da europa com métodos e valores indígenas. a adoção da coivara pelo agricultor português no brasil ilustra até que ponto foi essa combinação nem sempre feliz de métodos. devemos-nos mais uma vez recordar de que, embora o português, antes do seu contato com a américa, já se entregasse à devastação de matas, ele aqui encontrou a devastação a fogo de florestas tropicais praticadas sistematicamente pelos indígenas. método que adotou. sobre este aspecto do assunto, veja-se o estudo especializado de o. f. cook, milpa agriculture, a primitive tropical system (smithsonian report for 1919), washington, 1921. leia-se também h. martin leake, land tenure and agricultural production in the tropics, cambridge, 1927.

além do assunto - aptidão do português para a colonização agrícola - foi em 1916 objeto de um inquérito promovido no rio por carlos malheiros dias, entre brasileiros e portugueses autorizados. tratava-se principalmente de apurar se o colonizador português se tem apresentado com "as qualidades de atividade, de resistência física e de profleridade essenciais a uma missão de colonização agrícola e de povoamento". responderam que sim, entre outros, o conselheiro rodrigues alves, pandiá calógeras, miguel calmon, eduardo cotrim e oliveira lima, tendo este acentuado, com sua autoridade de historiador-sociólogo, que a demonstração daquelas qualidades do colonizador português "está pois feita; quando fosse precisa---a luz de toda a nossa história de penetração territorial e de conquista pacífica empreendida pelo povo português [ .... 1." o ponto de vista hoje defendido pelo sr. sôrgio buarque de holanda - o da pouca ou nenhuma aptidão 'do português para a colonização agrícola - teve então quem o manifestasse com nitidez e até ênfase: alexandre de albuquerque, português. disse ele: "nem portugal é um país agrícola, nem nós, portugueses, somos um povo de agricultores

#

[ .... 1." "não amamos a terra, amamos a aventura, como se portugal fosse apenas um ponto de passagem, simples descanso para a raça. o nosso patriotismo manifesta-se mais no amor às nossas glórias do que

268 a. f.

i

i

às nossas paisagens." e esboçando a interpretação etnocêntrica do assunto há tempo desenvolvida entre nós pelo sr. sôrgio milliet: "a missão histórica da nossa raça não foi uma missão agrícola, uma missão sedentária, foi a missão nômade de um povo, fustão e, resumo de povos nômades." a atividade agrícola dos portugueses no brasil é assim explicada: "os portugueses, quando proprietários agrícolas, ficam senhores- de engenhos e de escravos, exploram conjuntamente a terra, os escravos e os engenhos, mas sem amor e sem carinho" (joaquim da silva rocha, "a imigração portuguesa e o seu rumo à Terra ou ao comércio% história da colonização do brasil, rio, 1918, 11, pgs. 297-305).

para fins comparativos, leiam-se acerca das atividades de colonos portugueses noutras partes da américa - onde se têm salientado como bons e até, ótimos lavradores e horticultores - donald r. taft, two portuguese communities, nova iorque, 1923 e e. a. ross, the old

world in the new, nova iorque, 1914, william carlson smith, americans -in the making, nova lorque-londres, 1934. e. a. ross destaca valios \* as contribuiões portuguesas para o aperfeiçoamento da técnica

agrô-

cola nos estados unidos: "the portuguese raise vegetables in their walnut groves, grow currants between the rows of trees in the orchard, and beans between the currant row. they know how to prevent the splitting of their laden fruittrees by inducing a living brace to grow between opposite branches. the black-beetle problem they solve by planting tomalo slips inclosed in paper" (the old world in the new, pdgs. 202-203). sabe-se também que foram agricultores portugueses que introduziram a cultura do tabaco no norte dos estados unidos mostrando que essa cultura era -possível em condições de solo e de clima que se acreditava inteiramente adversas ao tabaco (urban tigner holmes jr., "portuguese americans", em our racial and national minorities, organizado por francis j. brown e joseph slabey roucek, nova lorque, 1937, p6g. 401). sobre o assunto vejam-se também hiram bingham, "the contribution of portugal% annual report of the american historical association (1909), washington, 1911, e e. p. peck, "an inimigrant parming country", new england magazine, vol. xxi, outubro, 1904. pelas evim, denúncias e fatos apresentados nesses e noutros trabalhos por estudiosos objetivos do assunto se vê que sob condições sociais favoráveis os portugueses se têm salientado como bons colonos agrícolas, especialmente como horticultores.

86. j. m. es-teves pereira, a indústria portuguesa, cit.

87. os frades julgados no tribunal da razão, obra póstuma \*de fr. -? -, doutor conimbrese, lisboa, 1814.

88. os frades julgados, etc., cit.

#

note-se ainda, em relação com a vocação do português, ou de certo tipo de português, para agricultor, principalmente para horticultor, que lisboa chegou a ser no século xvi o que ramalho ortigão chama "o primeiro jardim de aclimação, o primeiro jardim zoológico [ .... ] da europa, pela introdução do chá, do café, do açúcar, do algodão, da pimenta, do gengibre, da canela do ceilo, do cravo das molo-cas\*, tin-sândalo de timor, das tecas de cochim, do benjoim de achem, do pau de solor, do anil de cambaia [ ... ]" (o culto da arte em portugal, lisboa, 1896, p6gs. 98-99). veja-se também sobre o assunto nosso o mundo que o português criou (rio, 1940), principalmente a excelente introdução que escreveu para o mesmo o pensador e economista antônio sórgio, que discute o problema das deficiências de produção agrícola em portugal em relação com "a segura excessiva do nosso estio" (p6g- 23)

c.-g. & s. 269

i

#

o "as condi- de pobreza constitucional" que, segundo azevedo gomes  
o seus; colaboradores no estudo "a situação econômica da agricultura portuguesa" (revista do centro de estudos economicos do instituto nacional de estatística, n.o 1, lisboa), "caraterizam em larga zona o solo agrícola português". j. m. fsieves pereira chega a escrever do



portugal da primeira fase que "mercado dos mouros e dos religiosos% isto é, de obras de irrigação e outros cuidados técnicos que corrigiam até certo ponto aquelas deficiências, "tinha a agricultura, sua principal indústria, melhor desenvolvida do que os outros países mais ao norte" (a indústria portuguesa - séculos xii a xix, lisboa, 1900).

não deve ser esquecida, como afirmação de capacidade do portugueses, ou de certo tipo de portugueses, para a agricultura, especialmente para a horticultura, a chamada "fórmula natural e clássica" da exploração agrícola portuguesa, que é a quinta, situada entre o casal ou horta (pequena cultura) e a lavoura (grande cultura) e especialmente adaptada, segundo os técnicos, às condições de um clima irregular e seco. caracteristicamente uma criação portuguesa quase sempre une, dentro dos seus muros ou cercas, pomares, talhões de cereais e forragens e jardim em redor da habitação. jardim que, além de decorativo, serve de abrigo às culturas óteis, fazendo que a velha instituição lusitana seja, como nenhuma outra do mesmo gênero encontrada noutros países, "simultaneamente de recreio e de exploração" ou obra, ao mesmo tempo, de "arte e de técnica agrícola", como sugere sertório do monte pereira em sua excelente página sobre a quinta no estudo "a produção agrícola . [portuguesa], em notas \* sobre portugal, lisboa, 1908, vol. i, pág. 133.

no brasil, a quinta manifestou desde o início da colonização portuguesa do país seu poder muito lusitano de adaptação conservando seus característicos essenciais nos sítios, nas chcaras, em alguns casos, nas próprias lavouras, junto às casas-grandes de engenho ou ancilares desse tipo feudal-tropical de exploração agrícola.

osório tarquínio de souza e sório buarque de holanda, em sua história do brasil (rio, 1945), par~ concordar plenamente com a interpretação dos fatos da colonização agrícola do brasil oferecida neste ensaio desde 1933. (veja-se na mesma história o capítulo "desenvolvimento econômico", seção 1 ("a vida rural: desenvolvimento da agricultura") especialmente págs. 139-143). e em um trabalho extraordinário, também se mostra de acordo com nossa interpretação e caracterização dos fatos de formação agrária da américa portuguesa o sr. caio prado junior, ao destacar que na colonização portuguesa do brasil o elemento fundamental foi "a grande propriedade monocultural trabalhada por escravos" e que modo é organização econômica da colônia esta solução a colonização portuguesa foi estritamente levada pelas circunstâncias em que se processou, e sofreu as contingências fatais criadas pelo conjunto das condições internas e externas que acompanham a obra aqui realizada por ela [ .... ]. pois "a grande propriedade, monocultura, trabalho escravo são formas que se combinam e se completam e derivam diretamente daqueles fatores" (formação do brasil contemporâneo - colônia, são paulo, 1942). e ainda, numa confirmação, para nós honrosa, da idéia esboçada por nós. neste ensaio, desde 1933. sob a forma do complexo casa-grande e senzala: ou do sistema patriarcal agrário, isto é, latifúndio, monocultura e trabalho escravo: "estes três elementos se con-

#

jugam num sistema típico, a grande exploração rural, isto é, a reunião, numa mesma unidade produtora, de grande número de indivíduos. é isto que constitui a célula fundamental da economia agrária brasileira".

276 o. f.

1)

i

esse "sistema t pico"   que nos parece desde 1933 ter sido o centro da organizaóo social do brasil agrário e, até certo ponto - por transbordamento de influência - do pastoril e do urbano, numa afirma o, ao nosso ver irrecusável, do fato de que, o portugês revelou aqui, sob a pressão das circunstâncias, capacidade para o trabalho-rotina ao lado do pendor para a aventura, característico principal de sua atividade expansivista e imperialista.

em erudita publica o da câmara de reajustamento econ mico do ministério da fazenda, intitulada reajustamento econ mico dos agricultores (rio de janeiro, 1945) e, como as anteriores, mais que simples relatório burocrático, pois adquire nas suas melhores páginas qualidades de s ntese sociológica da nossa história ou situa o econ mica ou social, l -se o seguinte: "se os elementos constitutivos da organizaóo agrária do brasil colonial são - como conclui caio prado júnior - a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo, as d vidas foram resultantes desses três elementos" (pág. 3). sem deixarmos de reconhecer por um instante a importância dos estudos do sr. caio prado júnior sobre nossa forma o econ mica, não podemos, por outro lado, deixar sem reparo a afirmativa oficial, pois a sugestão de que a organizaóo agrária do brasil colonial se apoiou sobre a grande propriedade ou o latifúndio, a monocultura e o trabalho escravo encontra-se no presente trabalho, e foi nele desenvolvida sistematicamente sob critério sociológico - talvez pela primeira vez entre nós - desde 1933.

89. willum beckford, excursion to the monasteries ot batalha and alcobaça, londres, 1835. veja-se tamts m o seu italy with sketches trom spain and portugal, londres, 1834.

90. ramalho ortigão, as farpas, lisboa. vários os fisiologistas modernos que ligam, como mecolium, s onds, benedicr, mccarri-son, mccay, nrrn, c ron-br ne,   prosperidade dos povos e   sua eficiência, o consumo de alimento protéico. principalmente de carne e leite. as estatísticas de roberts, para o ministério da agricultura dos estados unidos, parecem indicar essa rela o. o consumo de carne seria maior nos países de gente mais eficiente e próspera: na data em que foram levantadas aquelas estatísticas, austrália (262lb.), estados unidos (150), inglaterra e irlanda (122), alemanha (99), frança (80), suécia e noruega (62) ("annual production of animals for food and per capita consumption of meat in the united states", u. s . department of agriculture (1905), apud rui cou~ valor social da alimenta o, são paulo, 1935).

#

91. alexandre herculano, opúsculos, cit.

92. estrabão, apud alberto s aio, estudos, cit.

93. alberto sawaio, estudos, cit.

94. auserto ~aio, estudos, cit.

95. l on poinsard, le portugal inconnu, paris, 1910.

96. pomp  gener, hereflas, barcelona, 1888, apud fidelino de 1, figueiredo, crítica do exílio, lisboa, 1930. i

97. buckix, op. cit.; mercadal, espaha vista por ias extranjeros, cit.

98. as cartas de clena~ foram admiravelmente traduzidas pelo cardeal gonçalves cerejeira e publicadas no seu livro o huma-

nismo em portugal - clenardo, cit.

99. mercadal, espaga vista. por tos extranjeros, cit.

100. mercadal, espaga vista por [os extranjeros, cit.

101. dawier, voyages, cit.

c.-g. & s. 271

i

#

102. l00n p0insard, le portugal inconnu, cit.

103. a. costa lobo, a hist0ria da sociedade em portugal no s0culo xv, cit.; alberto sampato, estudos, cit.; oliveira ~iins, hist0ria de portugal, cit.; jo0o l0cio de azevedo, 0pocas de portugal econ0mico, cit.

104. veja-se ant0nio s0rgio, antologia dos economistas portugueses, lisboa, 1924.

105. fidelino de figueiredo, cr0tica do ex0lio, cit.

106. ali0s, os negros, no brasil, n0o foram assim t0o passivos. ao contr0rio: mais eficientes - por mais adiantados em cultura - na sua resist0ncia 0 explorac0o dos senhores brancos que os 0ndios. "os negros lutaram", escreve astrojildo pereira a prop0sito da tese de oliveira viana de n0o ter havido luta de classes no brasil. para a. pereira houve entre n0s "aut0ntica luta de classes que encheu s0culos de nossa hist0ria e teve o seu epis0dio culminante de herc0smo e grandeza na organiza00o da rep0blica dos palmares, tendo 0 sua frente a figura 0pica de zumbi, o nosso spartacus negro" (astitoju-do pereira, "sociologia. ou apolog0tica?", cit.)

107. varnhagen, hist0ria geral do brasil, cit. varnhagen 0 sempre de um simplismo infantil quando deixa a pura pesquisa hist0rica pela filosofia da hist0ria.

108. jo0o l0cio de azevedo, 0pocas de portugal econ0mico, cit.

109. pol0tica que tamb0m se revelou na jurisprud0ncia de se impedir a execu00o de senhores de engenho - que adquiriam assim uma situa00o excepcional como devedores (gilberto freyre, "a agricultura da cana e a ind0stria do a00ocar% livro do nordeste, cit.). entre outros documentos, alguns j0 divulgados, marcam a situa00o privilegiada do senhor de engenho a "provis0o do. exmo. sr. marquez de ang.a v. rey e capit0o general de mar e terra deste estado do brasil, pa0ada afavor dos moradores desta capitania de pernambuco par n0o serem executados nas suas fabricas como della largamente consta" e a "provis0o de s. magde. que deos ge. a favor dos senhores de engenho e lavradores" (cartas r0gias, decretos e provis0es, 1711-1824, ins., biblioteca do estado de pernambuco).

110. jo0o l0cio de azevedo, 0pocas de portugal econ0mico, cit.

111. mercadal. espafia vista por los extranjeros, cit.

112. fern0 cardim, tratados da terra e gente do brasil, cit., p0g. 316.

113. pastoral de dom frei jos0 Fialho, "dada em olinda sob nosso selo, e sinal aos dezanove dias do mes de fevereiro de mil setecentos e vinte e seis annos". m0. do arquivo da catedral de olinda gentilmente posto 0 nossa disposi00o pelo rev.do jos0 do carmo barata.

114. le gentil de la barbinais, nouveau voyage autour du monde, cit. p0g. 112.

115. tollenare, notas dominicais tomadas durante uma viagem em portugal e no brasil em 1816, 1817 e 1818 (parte relativa a per-

nambuco traduzida do nis. francos inédito por alfredo de carvalho),  
rev. inst. arq. hist- geog. pern., xi, rlo 61, p0g. 448.

116. j. da sulva campos, "tradi0es baianas", rev. inst. geog.  
hist. (bahia), n.' 56.

117. max radiguet, souvenirs de l'am0rique espagnole, p0g. 265,

#

paris, 1848.

outro aspecto das igrejas do brasil patriarcal como centros de con-  
viv0ncia profana 0 o destacado pelo sr. s0rgio d. t. de macedo em seu

272 g. f.

interessante no tempo das sinhazinhas (rio, 1944): "nesses templos se  
reunia o carioca" [refere-se 0s igrejas de s0o sebasti0o, no morro do  
castelo, s0o francisco xavier, s0o bento, carmo e ermida de nossa  
senhora do 0] "para rezar, ver as modas, olhar as damas. n0o havia  
cadeiras ou bancos no interior das igrejas. certo 0, como mostram as  
gravuras antigas, que as senhoras se acocoravam ou sentavam-se sobre  
pequenos tapetes, pernas cruzadas 0 moda oriental. naquele tempo em  
que n0o havia imprensa, as beatas faziam nas igrejas o jornal falado,  
veiculando as not0cias do dia," recorda o mesmo autor a informa00o do  
historiador afonso de e. taunay de que as beatas contavam "as no-  
vidades de casamentos, de recentes partos destas ou daquelas, ou conje-  
turas de mortes para estes ou aqueles, a descri00o das mol0stias, a.3 mil  
coisas triviais da vida" (p0g. 110).

118. lu0s chaves, o amor portug0es - "o namoro, o casa-  
mento, a fam0lia% lisboa, 1922.

119. alberto deodato, senzalas, rio, 1919.

120. la barbinais, nouveau voyage autour du monde, ett.  
p0g. 114.

121. n0o se faz id0ia do que foram as prociss0es de corpus-christi  
em portugal nos s0culos xvi e xvii. uma do s0culo xv que vem,  
descrita em o panorama (lisboa), vol. 2, 1838, pode servir de exem-  
plo. primeiro a prociss0o organizando-se ainda dentro da igreja: pen-  
d0es, bandeiras, dan0arinos, ap0stolos, imperadores, diabos, santos, rabis  
comprimindo-se, pondo-se em ordem. pranchadas de soldados para dar  
modos aos salientes. 0 frente, um grupo dan0ando a "judinga", dar-  
0a judia. o rabi levando a toura. denois dessa seriedade toda, um  
palha0o, fazendo mungangas. uma serpente enorme, de pano pintado,  
sobre uma arma00o de pau, e v0rios homens por debaixo. ferreiros.  
carpinteiros. uma dan0a de ciganos. outra de mouros. s0o pedro. pe-  
dreiros trazendo nas m0os castelos pequenos, como de brinquedo. rega-  
teiras e peixeiras dan0ando e cantando. barqueiros com a imagem de  
s0o crist0v0o. pastores. macacos. s0o jo0o rodeado de sapateiros. a  
tenta00o representada por mulher dan0ando, aos requebros. s0o jorge,  
protetor do ex0rcito, a cavalo e aclamado em oposi00o a santo lago,  
protetor dos espanh0is. abra0o. judite. davi. baco sentado sobre uma  
pipa. uma v0nus, seminua. nossa senhora num jumentinho. o me-  
nino deus. s0o jorge. s0o sebasti0o nu cercado de homens malvados  
fingindo que v0o atirar nele. frades. freiras. cruzes al0adas. hinos  
sacros. o rei. fidalgos. toda a vida portuguesa, enfim.

depois das conquistas, acrescentaram-se dan0as de 0ndios e negros  
0s figuras das prociss0es do reino.

122. sabe-se a grande import0ncia de certos orix0s entre os loruba  
como deuses da fecundidade agr0cola. (veja-se sobre o assunto wilson

d. wallis, an introduction to anthropology, londres, s.d.) ainda hoje, em festas de seitas africanas no brasil, sentem-se reminiscências do

#

culto da terra, o regozijo pelas colheitas fartas associado ao sentimento de amor e de fecundidade humana. também reminiscências do culto fôlico (elegba dos ioruba) dos africanos.

123. afonso de e. taunay, sob ei-rei nosso senhor - aspecto da vida setecentista brasileira, sobretudo em são paulo, são paulo, 1923. já no segundo reinado, o francês lavollée assistiu a uma quarta-feira de cinzas no rio. segundo esse observador europeu, cujas impressões vêm resumidas pelo sr. sôrgio d. t. de macedo no seu no tempo das sinhazinhas, cit., "grande procissão" desfilava à noite pelas c---9. & s. 273

i

#

i

ruas da cidade, com "todas as confrarias de negociantes" carregando cêrios acesos, imagens de santos, um santo preto, crianças vestidas de anjo, um regimento de linha. as senhoras, às janelas das ruas por onde passava a procissão, apresentavam-se "com os seus melhores vestidos", transformando "a religião em espetáculo" (pág. 112).

124. afrônio pfixoto, uma mulher como as outras, rio. 1927. já salientara souza vitfrbo em artes e artistas em portugal (contribuição para a história das artes e indústrias portuguesas), lisboa, 1892, o fato de que as freiras portuguesas - nem todas amantes de reis, fidalgos ou eclesiásticos, algumas simples namoradas de freirôticog e muitas verdadeiras noivas de nosso senhor - "satisfaziam a sua índole caseira, entregando-se aos misteres da culinária, consagrando o seu melhor afeto aos "peitos de vênus" e aos "papos d'anjo".

125. inevitável, aqui, a citação de eseud, que já estava tardando. pensa ele ter-se derivado da primitiva expressão da libido - a transmissão de sômen pela boca, como no caso do paramoecium e de outras formas atrasadas de vida - o fato de, ainda hoje, observar-se no amor hum-ino reminiscência do antigo processo como que de assimilação (segd. fêud, psychologie collective et analyse du moi (trad.), paris, 1924). no brasil, o uso do verbo "comer" é bem característico, sob esse ponto de vista. também o uso das expressões "comida" "pitôu", "suco", "pirôo", "uva", etc. pelo mesmo critério cremos poder explicar-se o simbolismo sexual dos nomes de bolos e dos doces portugueses e brasileiros e as formas fôlicas de alguns.

126. d. g. dawado, lord byron's childe harold's pilizrimage to portugal, lisboa. 1919.

127. r. creary, "brazil under the monarchy - a record of facts and observations", e "chronicas lageanas", ins. na biblioteca do congresso de washington.

128. a. d. de pascual, ensaio crítico sobre a viagem ao brasil em 1852 de canos b. mansfiem, rio de janeiro, 1861. as observações de charles b. mansfield vêm no livro paraguay, brazil and the plate, cambridge, 1856.

129. alexandre- herculano, história da origem e estabelecimento

da inquisição em portugal, lisboa, 1879.

130. alexandre herculano, op. cit.

131. "viagem do cardeal alexandrino", em alexandre herculano, opusculos, cit.

132. mercadal, espafia vista por los extranjeros, cit.

133. a. jousset, apud w. z. repley, the races of europe, a sociological study, cit.

134. o assunto foi estudado por ribbino (lhygiene sexuelle et ses consequences morales) que reuniu os seguintes dados estatísticos sobre a idade do início da menstruação: lapônia, suécia, 18 anos; cristônia, 16 anos, 9 meses e 25 dias; berlim, 15 anos, 7 meses e 6 dias; paris, 15 anos, 7 meses, 18 dias; madeira, 14 anos e 3 meses; serra leoa e egito, 10 anos. nas mulheres esquimãs a menstruação começa aos 12 ou 13 anos. moll registra a informação (de jacobus x -, lois genitales, paris, 1906) de entre as mulheres francesas das antilhas a mens-

#

truação raramente verificar-se antes dos 14 anos; enquanto que nas mulheres africanas, nas mesmas ilhas, a menstruação começa, como na África, aos 10 ou 11 anos. salienta moll a possibilidade da influencia do clima exercer-se cumulativamente em sucessivas gerações, não produzindo efeito completo depois de várias gerações (albert moll, the

274 o. f.

sexual life of the child (trad.). nova lorque, 1924). no brasil, não são as mesmas as idades em que se inicia o aparecimento da puberdade, variando do amazonas ao rio grande (joaquim moreira da fonseca, "casamento e eugenia% atas, 1.º congresso brasileiro de eugenia, rio de janeiro, 1929). em portugal, a idade em que as meninas atingem a puberdade é fixada por dalgado em 14 anos (d. o. dalgado, the climaze of portugal, cit.). de acordo com os estudos, mais recentes que os de ribbing, de g. j. engelman ("first age of menstruation in the north american continent", transaction of the american gynecological society, 1901), a idade da menstruação varia com o clima de 12,9 anos nos países quentes para 16,5 nos frios. deve-se notar que, em geral, as meninas das classes baixas atingem mais cedo a puberdade que as das classes altas - rim soroxin, contemporary social theories, nova lorque, londres, 1928). sobre o assunto continua realizando pesquisas em profundidade o médico brasileiro nelson chaves. veja-se, dele, o estudo pioneiro "aspecto da fisiologia hipotálamo-hipofisária - interpretação da precocidade sexual no nordeste% neurobiologia, tomo iii, n.º 4, recife, 1940, ao qual se vem seguindo vários outros, hote de renome internacional.

135. frei caetano brandão, apud luís edmundo, o rio de janeiro no tempo dos vice-reis, rio de janeiro, 1932.

136. antônio joaquim de melo, biografias (mandadas publicar pelo governador barbosa lima), recife, 1895. no seu livro alimentação, instinto, cultura (rio, 1943), o professor silva melo salienta a opinião de que o clínico não deve desprezar de modo absoluto as sugestões da chamada "sabedoria popular" com relação a alimentos, doenças, etc.

137. os casamentos consanguíneos foram comuns no brasil não só por motivos econômicos, fáceis de compreender no regime de economia particular, como sociais, de exclusivismo aristocrático. sobre os aristocratas rurais da bahia escreveu s. oliveira que, conservando-se indivíduos altos, revelavam entretanto no todo "qualquer cousa de degene-

rescência física". o que atribuiu os "uniões conjugais dentro de esfera mui limitada, a fim de não introduzirem na família sangue que revele a condição de ex-escravo" (j. b. de s. oliveira, evolução psíquica dos baianos, bahia, 1894). mas não indica quais fossem os traços de degenerescência. os modernos estudos de genética, em vez de confirmarem de modo absoluto a ideia de darwin - "nature abhorres perpetua self-fertilization" - indicam que os resultados do inbreeding, quando maus, dependem mais da composição genética dos indivíduos que de influência perniciosa inerente ao processo (east e jones, inbreeding and outbreeding apud prrr-rmers, op. cit.)

confirmando com exemplos concretos o que a respeito do assunto se diz neste ensaio, escreve o desembargador carlos xavier pab bait-

#

reto: "certo número de famílias intercruzavam-se constantemente. isso sucedia" [em pernambuco] ~a pais barreto, rego Barros, Holanda, cavalcanti albuquerque, lins, wanderley, pimentel e várias outras. damos aqui, por exemplo, o parentesco entre pais barreto e amorim salgado. ligaram-se várias vezes através de Barros, rego, pimentel, lins accioli e wanderley. rosa mauricea wanderley e francisca de meio, filhas de maria meio, casaram-se, respectivamente, com cristóvão pais barreto e paulo de amorim salgado. vários descendentes do velho paulo ~1\_ amorim salgado cruzaram-se com os pais barreto. queremos aqui especializar apenas a ligação da família do coronel paulo de amorim salgado com a do coronel Manoel Xavier, avô do autor. descendia

-g. & s. 27' )

cedente s. de caboclo - conservam traços negróides, consagrados também pela malícia popular. ventas chatas, beiços grossos. a certo membro de uma dessas famílias, agraciado por pedro II com um título de nobreza, o povo ficou chamando "barão de chocolate". \*

a respeito de alcunhas dadas a senhores de casas-grandes, informa o desembargador pais barreto: "francisco de souza, sogro de catarina barreto, filha de João pais, era conhecido por francisco das manhas pela diplomacia com que tratava as partes. maria soares maia chamou-se a tainha. ao nosso 8.º avô, Cavaleiro clemente da rocha barbosa, charriavam pé-de-pato. João brasileiros eram Jerônimo (le albuquerque, cognominado o torto, pelo, seu defeito na vista, e tamboril por adão pernambucano em razão de seus 26 filhos legítimos, legitimados e ilegítimos. antônio josé de s. e albuquerque, genro de filipe pais barreto e sogro de João pais barreto, era alcunhado por olho de vidro e cristóvão barreto por faianhudo, em virtude de seus feitos na guerra dos Mascates. francisco de paula pais barreto tinha o nome que depois se constituiu em apelido de alguns filhos, de patriota, derivado da atuação de seu pai ria célebre academia do paraíso. antônio francisco xavier pais barreto era denominado maritina, e o seu irmão dr. João francisco pais barreto, ioiô do barracão, pelo costume de preparar barracões com abundantes iguarias e bebidas em tempo de eleições, sobretudo durante a vida de seu irmão, conselheiro pais barreto. josé Luís pais de melo, 2.º avô do autor, era cognominado cel. caju." cita ainda o desembargador pais barreto alcunhas de famílias, como a do padre

goiabeira (cristóvão do rego barros) - "fatos reais ou lendários atribuídos à Família barreto", revista das acadêmias de letra., rio de janeiro, ano vii, n.º 45, págs. 16-17). em antigas áreas patriarcais do brasil, nós próprio ainda conhecemos um cavalcanti de albuquerque, senhor de engenho na paraíba, com a alcunha de trombone, um lima gordo, um cristóvão fumaca. e são dos nossos dias João beleza e Brito peixe (fabricante de doce de goiaba). algumas alcunhas foram uma espécie de vinha do povo miúdo contra senhores de casas-grandes ou sobrados - inclusive palácios de governo, cuja base mais ou menos sordida e riqueza ou de importância social ou cuja etnia ou fidalguia mais ou menos suspeita ou cujos caracteres físicos ou pessoais, mais pi-lorescos eram atingidos crua ou ironicamente. lembraremos alguns de épocas diversas: xumbergas (mendona furtado), onça (luís vaia), seixas bacalhau, bode cheiroso (a. p. maciel monteiro), tio pita (epitímio pessoa), João pobre (josef tomás nabuco de aragojo contra quem chegaram os adversários políticos a publicar um jornaleco (recife, 1844-1845) intitulado o João pobre: josef tomás nabuco era acusado de ter enriquecido em pernambuco, casando-se com moça rica), maria patranha (josef maria da silva paranhos), pedro banana (dom pedro ii), ribeiro camorim, mota cabeludo, bezerra barriga, bico de lacre (júlio prestes), chico macho (francisco do rego barros. parente do seu homônimo barão da boa vista e acusado pelos adversários políticos do mesmo barão de constituir com josef do rego barros e josef maria pais barreto, perigoso grupo de valentes, senhores de engenho

#

violentos, a serviço do mesmo barão, considerado homem fraco), aragojo bengala (baltasar de aragojo, assim chamado pela "multidão negra" - sugere João da silva campos em tempo antigo, bahia, 1942, pág. 33 - pelo "uso excessivo que fazia da bengala para castigar os negros" e que segundo o mesmo silva campos seria o mesmo senhor de casa-grande alcunhado mangueia bote, a que se refere pyrard de lavxo,

278 g. f.

pedro bode (paranhos ferreira), goela de prata (j. de aquino f-m-seca), sereia barbada (rodolfo aragojo), cu de veludo (b. de melo), antônio bigodão (a. souto maior), barbosa fera, sales pavão, câmara cabrinha, celso papa ovo, santos maricas, amorim repolho, pereira casca grossa, braço forte (washington luís).

140. do ins. da "nobilarchia pernambucana" de borges da fonsaca, diz um redator d'o sete de setembro, do recife (n.º 34, vol. i, 1846), que se encontrava na biblioteca de São Bento de Olinda "com folhas arrancadas e outras substituídas". ao mesmo redator não satisfaziam as evidências até então apresentadas, de origem nobre dos cavalcantis de pernambuco; e a propósito de alegações, nesse sentido, de João Maurício Cavalcanti da Rocha Wanderley, escrevia: "até hoje ninguém viu documento algum, desenterrado dos arquivos italianos, que isto prove de uma maneira que faça fé." também aos Wanderleys pedia que provassem pertencer a família fidalga da Holanda. veja-se, a esse respeito, Gwerto Freyre, "Introdução" Memórias de um Cavalcanti, São Paulo, 1940.

141. João o padre Lopes o~, escrevendo em 1846, dizia: "a quantos almocreves não tenho comprado farinha, arroz, feijão, milho, e sabidas as contas são uns fidalgos de primeira ordem! vejo-os descalços, de camisa, e celouras, cabelos desgrenhados, pebe rugosa e cor de viola



velha, tracto-os com pouca cerimonia; e eis que me dizem que são fidalgos; porque são cavalcantis, e não dos tes, cuja nobreza é de enxertio; mas dos tis, que são limpos e claros como um clistel! " (0 sete de setembro, n.o 34, vol. 1, 1845.) ,

142. joaquim nabuco, o abolicionismo, cit.

143. fatores gerais, de degradação e renovação, que se têm feito sentir também em países europeus, no decorrer do século XIX e princípios do XX, com a ascensão social das massas proletárias. com relação aos estados unidos escreve o professor p. sorokin: "many families of the old americans are already extinct; part sunk; part are surrounded by the newcomers in the highest social strata. the rapidity of the burning out of the best material has been grasped already in a popular statement that prominent american families rise and sink back within three generations" (p. sorokin, social mobility, cit.)

144. esse traço de arquitetura asiática, recolhido pelos portugueses na china e no japo e adaptado ao brasil, é dos que melhor demonstram seu gênio plástico de colonizadores e seu talento de adaptação aos trópicos. morales de los rios pretende que a telha sino-japonesa recurvada em asa de pombo e outros valores de arquitetura oriental tenham sido introduzidos entre nós "pelos mestres lusitanos que praticaram nas colônias asiáticas do reio" (a. morales de los rios, "retorno mo-

#

nográfico da evolução da arquitetura do brasil", livro de ouro comemorativo do centenario da independencia e da exposiçao internacional do rio de janeiro, rio de janeiro, 1934). faltam-nos infelizmente pormenores sobre os mestres portugueses que edificaram as primeiras casas, fortalezas e igrejas no brasil. sabe-se apenas que um deles - o que acompanhou tornou-se de Sousa ao brasil - ganhou uma fortuna.

145. o cuscuz é um prato que em geral se supõe muito nosso. trata-se de um velho prato patriarcal do norte da áfrica. nas palavras de edmond ricin, "plat primitif et lointain, plat patriarcal dont ia saveur nomade réjouit ia fantaisie du voyageur qui se souvient!" (edmond ricin, la cuisine française du xiv au xv siècle, paris, 1913). no brasil foi, o antigo processo norte-africano aplicado a pro-

c.-g. & s. 279

i

#

duetos indígenas. outra ilusão a desfazer: sobre a cabidela não é prato português, muito menos brasileiro. muito bom do quitute francês. origem: chateauroux.

146. em culto da arte em portugal, lisboa, 1896. afirma ramalho ortigão que foram os portugueses os primeiros que fabricaram e introduziram o chapéu-de-sol na europa. o que talvez não seja exato com relação à Itália. quanto aos primeiros aparelhos de chá, vasos de porcelana e cristais, caixas de pastilhas e sinais, lembra que foram trazidos com os primeiros leques, pelos companheiros de fernão mendes pinto doando os portugueses - nas palavras de ortigão - "a roma e florença, a paris e a londres todos os principais atributos e os temas fundamentais de toda a arte da casa e a de toda a elegância feminina da civilização moderna". sobre o leque, a porcelana e o aparelho de

chô pare4e não haver dúvida. salienta ainda ortigo0 o fato de se ter tornado Lisboa no século xvi "o primeiro jardim de aclimata00o, o primeiro jardim zológico e o primeiro mercado da Europa, pela introdu00o do chá, do açúcar, do algodão, da pimenta, do gengibre do malabar, do sandalo de timor, das tecas de cochim, do benjoim do achem, do pau de solor, do anil de cambaia, da onça, do elefante, do rinoceronte, de , cavalo árabe". sobre a influência geral das conquistas ultramarinas sobre a vida europeia, particularmente a inglesa, vejam-se os trabalhos de James E. O'Grady, *The Influence of Oversea Expansion on England to 1700*, Nova Lorque, 1920, e Jay Barrett Bedford, *English Society in the Eighteenth Century as Influenced from Oversea*, Nova Lorque, 1924. veja-se também sobre o assunto Sousa Viterbo, arte e artistas em Portugal, cit.

147. por intermédio ou não dos portugueses, a moda inglesa do banho frio diário veio do oriente. e não se generalizou na Inglaterra antes do século xviii. também o uso do chapéu-de-sol ou de chuva não se generalizou na Inglaterra antes do fim do século xvii (Bedford, *English Society in the Eighteenth Century*, cit.)

148. em artigo sobre este ensaio lembrou o sr. Afonso Arinos de Melo Franco que "Rodolfo Garcia já identificou claramente nas suas notas de História do Brasil, de Frei Viçoso do Salvador, este mangue-la-bote, como sendo o célebre capitão-mor Baltasar de Aragão, que morreu bravamente no mar".

149. acrescenta Pyrard sobre a organização feudal aristocrática dos senhores de engenho da colônia portuguesa da América: 'Il y a des seigneurs qui y ont un grand domaine, entr'autres force engins de sucre, que le roy d'Espagne leur a donné en recompense de quelque service, et cela est erigé en titre de quelque dignité, comme baronnie, comté, etc. et ces seigneurs leur donnent des terres de ceux qui y veulent aller demeurer et planter des cannes de sucre. Ils ont charge de les porter aux moulins aux engins de ces seigneurs en leur payant le prix' (Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Molugues et au Brésil, etc., p. 203, Paris, 1679).

150. Gabriel Soares de Sousa, tratado descritivo do Brasil em 1587, ed. de F. A. Varnhagen, rev. Inst. Hist. Geog. Bras., vol. xiv, p. 133, Rio de Janeiro, 1851.

151. Fernão Cardim, tratados da terra e gente do Brasil, cit., p. 329 e 334-335. em interessante estudo - "The Rise of the Bra-

#

zilian aristocracy" (The Hispanic American Historical Review, vol. xi, n.º 2) - lembra Alan P. Manchester que enquanto o pernambucano dormia em leito de damasco carmesim, o paulista dormia em rede, seus

, 280 g. f.  
bens raramente excedendo de 8.000 cruzados. o que depois se inverteu com a vitória do café sobre o açúcar.

152. Pero de Magalhães Gandavo, história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, Rio, 1924. Diálogos das Grandezas do Brasil, cit. veja-se também Pereira da Costa, origens históricas da indústria açucareira de Pernambuco, Recife, 1905. lembra este autor que desde 1559 houve ordem régia permitindo a cada senhor de engenho do Brasil mandar vir até 120 escravos do Congo; que em 1584 havia já uns dez mil escravos africanos em Pernambuco, segundo informação do padre Anchieta.

-g- & s. 281

#

iv

o escravo negro

na vida sexual e de família  
do brasileiro

jk" ir >-4 .

i

na  
na ternura,

odo brasileiro, mesmo o alvo, de  
ca elo louro, traz na alma, quando  
nôo na alma e no corpo - hê  
muita gente de jenipapo ou mancha  
mongôlica pelo brasil - a sombra,  
ou pelo menos a pinta, do indôge-  
na ou do negro.

no litoral, do  
maranhôo ao rio grande do sul,  
e em minas  
do negro. a

gerais, principômente  
influência direta, ou  
vaga e remota, do africano.

mômica excessiva, no catolicismo em que  
se deliciam nossos sentidos, na môsica, no andar, na fala, no  
canto de ninar menino pequeno, em tudo que ê expressôo, sin-  
~cera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.  
da escrava ou sinhama que nos embalou. que nos deu de  
mamar. que nos deu de comer, ela prôpria amolengando na  
môo o bolôo de comida. da negra velha que nos contou as pri-  
meiras histórias de bicho e de mal-assombrado. da mulata que  
nos tirou o primeiro bicho-de-pô de uma coceira tôo boa. da  
que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger  
da cama-de-vento, a primeira sensaôo completa de homem. do  
muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.  
jô houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver  
das relaôes ôntimas da crianôa branca com a ama-de-leite negra  
muito do pendor sexual que se nota pelas

mulheres de cor no  
filho-famôlia dos paôses escravocratas. a importôncia psôqui-  
ca do ato de mamar, dos seus efeitos sobre a crianôa, ê na  
verdade considerada enorme pelos psicôlogos modernos; e talvez  
tenha alguma razôo calhoun para supor esses efeitos de grande

#

significava no caso de brancos criados por amas negras.'  
A verdade tua as condições sociais do desenvolvimento do  
engenhos de açúcar do Brasil, como nas

e-g- & s. 283

menino nos antigos

i]

#

plantas ante-bellum da Virgínia e das Carolinas - do menino  
sempre rodeado de negra ou mulata fácil - talvez expliquem,  
por si só, aquela predileção. conhecem-se casos no Brasil não  
só de predileção mas de exclusivismo - homens brancos que só  
gozam com negra. de rapaz de importante família rural de per-  
nambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promo-  
verem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas  
de famílias igualmente ilustres. só queria saber de mulecas.  
outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhe-  
cida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da  
noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar  
para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de budum,  
da escrava negra sua amante. casos de exclusivismo ou fixação.  
mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra  
do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro.

Não nos interessa, senão indiretamente, neste ensaio, a  
importância do negro na vida estética, muito menos no puro  
progresso econômico, do Brasil. devemos, entretanto, recordar  
que foi imensa. no litoral agrícola, muito maior, ao nosso ver,  
que a do indígena. maior, em certo sentido, que a do português.

idéia extravagante para os meios ortodoxos e oficiais do  
Brasil, essa do negro superior ao indígena e até ao português,  
-em vários aspectos de cultura material e moral. superior em  
capacidade técnica e artística. mas já um livro de acadêmico  
acolheu, em páginas didáticas, a primeira tese - a superiori-  
dade do negro sobre o indígena. e deu o seu a seu dono,  
reconhecendo no africano, aqui introduzido pelo colonizador  
português, cultura superior ao indígena: "estavam [os africanos]  
numa evolução social mais adiantada que a dos nossos índios".<sup>2</sup>  
É certo que semelhante ousadia do professor Afrânio Peixoto  
custou-lhe severas resirões da revista do Instituto Histórico  
, e Geográfico Brasileiro. "com efeito, os nossos aborígenes",  
escreveu a douta revista em comentário ao livro do professor  
Peixoto, "eram já astrolatras, enquanto os filhos do continente  
negro aqui introduzidos não haviam ainda transcendido o feti-  
chismo puro, sendo alguns francamente dendrolatras." acrescen-  
tando com soberano desdém pela realidade: "nem pelos arte-  
fatos, nem pela cultura dos vegetais, nem pela domesticação  
das espécies zoológicas, nem pela constituição da família ou das  
tribos, nem pelos conhecimentos astronômicos, nem pela criação  
da linguagem e das lendas, eram os pretos superiores aos nossos  
silvícolas -; para concluir com ar de triunfo: "e até quanto é

separação dos poderes temporal e espiritual, da sua rudimentar

284 g. f.

organização política, ainda não podem os autóctones do Brasil ser postos em degrau inferior aos filhos da terra adusta de Cam".<sup>3</sup> o estudo realizado entre as sociedades primitivas da América, em torno dos valores de cultura desigualmente acumulados nas várias partes do continente - acumulando que, elevando-se

#

em semicivilizações no centro, achata-se, em grande pobreza de relevo, na região da floresta tropical para estender-se ainda mais rente com o solo na da patagônia - deixa grande parte da população indígena do Brasil nessas duas áreas menos favorecidas. apenas às margens, como em Marajó, verificam-se expressões mais salientes de cultura. resultado, naturalmente, do contágio com o centro da América.

o mapa de áreas de cultura da América, organizado por Kroeber, dá-nos idéia exata da maior ou menor quantidade ou elaboração de valores. dos altos e baixos característicos da formação cultural do continente. vê-se que a área da patagônia, mais rasteira que a da floresta tropical, contrasta notavelmente com as duas ou três áreas que dão relevo cultural à América.

nem da cultura nativa da América pode-se falar sem muita e rigorosa discriminação - tal a desigualdade de relevo cultural - nem da África basta excluir o Egito, com a sua opulência inconfundível de civilização, para falar-se então à vontade da cultura africana, chata e uma só. Esta se apresenta com notáveis diferenças de relevo, variando seus valores na quantidade e na elaboração. um mapa das diferentes áreas já identificadas, umas por Leo Frobenius, diversas, de modo geral, por Melville J. Herskovits<sup>4</sup> nos permitiria apreciar mais a cômodo que através de secas palavras de antropólogos ou de etnólogos, essas variações, às vezes profundas, da cultura continental africana. semelhante mapa nos alertaria, pelo puro alarme dos altos e baixos, contra o perigo das generalizações sobre os colonizadores africanos do Brasil.

porque nada mais anticientífico que falar-se da inferioridade do negro africano em relação ao ameríndio sem discriminar-se antes que ameríndio; sem distinguir-se que negro. se o tapuí; se o banto; se o hotentote. nada mais absurdo do que negar-se ao negro sudanês, por exemplo, importado em número considerável para o Brasil, cultura superior à do indígena mais adiantado. escrever que "nem pelos artefatos, nem pela cultura dos vegetais, nem pela domesticação das espécies zoológicas, nem pela constituição da família ou das tribos, nem pelo conhecimento astronômico, nem pela criação da linguagem e das lendas, eram os pretos superiores aos nossos silvícolas-, produzir uma afirmativa que virada pelo avesso é que dá certo.

c.-,07. & e 9s5

#

Ortica

noroeste

calif611ft

plato

macksog

yukon

ptanicie

nordeste

sudeste

sudoeste

mexico

colusia

andina

floresta

tropical

pata66nia

ia

wn

o=

(baseado em a. l. kroeber.)

por todos esses traços a cultura material e moral revelaram-se os escravos negros, dos estoques mais adiantados, em condições de concorrer melhor que os índios a formação econômica e social do Brasil. Os negros eram melhores que os portugueses.

pode-se juntar, a essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. sua maior fertilidade nas regiões quentes. seu gosto de sol. sua energia sempre fresca e nova quando em contato com a floresta tropical. o gosto e energia que bates foi o primeiro a contrastar com o fácil desalento do

286 g. f.

o

#

i

Índio e do caboclo sob o sol forte do norte do Brasil. Bates notou nos Índios - que conheceu, não superficialmente, mas na intimidade, tendo vivido entre eles de 1848 a 1859 - 4. "constitutional disliu to the heat". acrescentando que sempre os viu mais alegres, mais bem dispostos, mais vivos nos dias de chuva, o corpo nu escorrendo água. nostalgia, talvez, dos gelos ancestrais. "how different all this is with the negro, the true child of tropical climates!"s

o escritor Waldo Frank, em admirável ensaio sobre o Brasil, quase repete Bates nessa exaltação do negro como o verdadeiro filho dos trópicos; 6 como o ungido do senhor para as regiões de sol forte; como o homem melhor integrado no clima e nas condições de vida brasileira. adaptação que talvez se realize por motivos principalmente psíquicos e fisiológicos. questão de constituição psicológica, como pretende McDougall e fisiológica também, através da capacidade do negro de transpirar por todo o corpo e não apenas pelos sovacos. de transpirar como se de todo ele manasse um óleo, e não apenas escorressem pingos isolados de suor, como do branco., o que se explica por uma superfície máxima de evaporação no negro, mínima no branco.7

um tanto à maneira de Bates, Wallace contrastou o indígena do Brasil, taciturno e moroso, com o negro, alegre, vivo e loquaz.8 em termos modernos de psicologia, essa diferença seria expressa atribuindo-se ao ameríndio a qualidade de introvertido e ao negro a de extrovertido. é a teoria que McDougall esboça nos seus trabalhos National Welfare and National Group e Group Mind. teoria ousada porque importa na aplicação de um critério até hoje empregado em casos individuais,, critério quase circunscrito às clínicas psiquiátricas - ao difícil problema de discriminação e caracterização de traços étnicos ou "instintivos" em contraste com os evidentemente culturais ou adquiridos.9 McDougall atribui o fato de contrair-se o Índio mais do que o negro ao contato civilizador do europeu, opor-lhe maior resistência ao domínio para afinal perecer em luta desigual - a essa diferença de constituição psicológica. o indígena na América, caracteristicamente introvertido, e, portanto, de difícil adaptação. o negro, o tipo do extrovertido. o tipo do homem fácil, plástico, adaptável. absoluto esse critério, não deixariam de ter motivos, embora indiretos, os indianófilos, para acreditarem na superioridade moral dos indígenas do Brasil. estes se teriam recusado a trabalhar de enxada nos canaviais portugueses, num gesto superior de grandes de Espanha. grandes de Espanha por temperamento. duros, hirtos, inadaptáveis.

c.-g. & s. 287

#

i

e,-

ca3a-grande, senzala e outros edifícios de uma fazenda opulenta do sul: a de São Joaquim da Gramma. (segundo fotografia do i.m.a.n.)

o critério histórico-cultural, porém, que tantas vezes tem

retificado o fisiológico e o psíquico na discriminação de caracteres étnicos, mostra-nos ter havido da parte dos ameríndios incapacidade antes social e técnica que psíquica e biológica. embora não se devam desprezar as indisposições psíquicas, o -fato que avulta é o do nomadismo de vida econômica atuando poderosamente sobre os ameríndios; incapacitando-os para o trabalho agrícola regular. ora, a esse trabalho e ao da criação de gado e utilização de sua carne e leite, já se tinham afeito várias sociedades africanas donde nos vieram escravos em grandes massas.

fique bem claro: não pretendemos negar ao critério de tipos psicológicos a possibilidade de vantajosa aplicação e discriminação de traços étnicos. a introversão do índio, em contraste com a extroversão do negro da África, pode-se verificar a qualquer momento no fácil laboratório que, para experiências desse gênero, é o Brasil. contrastando-se o comportamento de populações negróides como a baiana - alegre, expansiva, sociável, loquaz - com outras menos influenciadas pelo sangue negro e mais pelo indígena - a piauiense, a paraibana ou mesmo a pernambucana - tem-se a impressão de povos diversos. populações tristonhas, caladas, sonsas e até sorumbóticas, as do extremo nordeste, principalmente nos sertões; sem a alegria comunicativa dos baianos; sem aquela sua petulância às vezes irritante.

288 p. f.

i

mas também sem a sua graça, a sua espontaneidade, a sua cortesia, o seu riso bom e contagioso. na bahia tem-se a impressão de que todo dia é dia de festa. festa de igreja brasileira com folha de canela, bolo, foguete, namoro.

pitt-rivers confronta as danças dos negros com as dos índios, salientando naquelas a espontaneidade de emoção, exprimida em grandes efeitos de massa mas sem rigidez nenhuma de ritual com o compassado e o medido das danças ameríndias.10 danças quase puramente dramáticas. apoloneos, diria ruth benedict, a quem devemos estudos tão interessantes sobre os povos que denomina apoloneos, em oposição aos dionisíacos. esse contraste pode-se observar nos xangôs afro-brasileiros - ruidosos, exuberantes, quase sem nenhuma repressão de impulsos individuais; sem a impassibilidade das cerimônias indígenas.

tais contrastes de disposição psíquica e de adaptação talvez

#

biológica ao clima quente explicam em parte ter sido o negro na América portuguesa o maior e mais plástico colaborador do branco na obra de colonização agrícola; o fato de haver até desempenhado, entre os indígenas uma missão civilizadora no sentido europeizante. missão que quis . eramos fosse melhor conhecida pelos nossos indianófilos. roquette-pinto foi encontrar evidências, entre populações do Brasil central, da ação europeizante de negros quilombos. escravos fugidos. que propagariam entre os indígenas, antes de qualquer missionário branco, a língua portuguesa e a religião católica. aquilonibados na serra dos pareci, os negros fugidos cruzaram com mulheres roubadas



aos indígenas. uma bandeira que os foi dispersar no século xviii encontrou ex-escravos dirigindo populações aquilombadas de cafuzos. encontrou grandes plantações. criação de galinhas. cultura de algodão. fabrico de panos grossos. e todos os cabanos de maior idade verificaram os bandeirantes que "sabiam alguma doutrina cristã que aprenderam com os negros [...]. todos falavam português com a mesma inteligência dos pretos, de quem aprenderam",

, mas admitido que predomine a extroversão entre os negros, não lhes atribuamos influência absoluta. os antecedentes e predisposições de cultura do africano que devem ser tomados em maior conta. e dentro desses antecedentes e predisposições de cultura, a dieta ou o regime alimentar.

a cultura e o peso do homem variam consideravelmente sob a ação da dieta tanto de região para região como de classe para classe. os indivíduos de classe elevada são quase sempre mais altos e corpulentos que os de classe inferior. superioridade atribuída pelos pesquisadores modernos ao fato de consumirem

c.-g- & s. 289

#

aqueles indivíduos maior quantidade de produtos ricos em "vitamina de crescimento". 12 f. p. armitage procura mostrar, em livro bem documentado, que até a cor e a forma de crânio dependem da qualidade de alimento. 13 na Rússia verificou-se, diz-nos sorokin, que em consequência da fome de 1921/1922 houve diminuição de estatura, 14 enquanto na Holanda, segundo Otto Ammon, e na América, segundo Ales Hrdlicka, tem-se observado a elevação da estatura, devida, provavelmente, a modificações de condições sociais e de alimentação. 15

no caso dos negros, comparados com os indígenas do Brasil, pode-se talvez atribuir parte de sua superioridade de eficiência econômica e eugênica ao regime alimentar mais equilibrado e rico que o dos outros, povos ainda nômades, sem agricultura regular nem criação de gado. devendo-se acrescentar que vários dos mais característicos valores nutritivos dos negros - pelo menos os vegetais - acompanharam-nos à América, concorrendo para o processo como que de africanização aqui sofrido por brancos e indígenas; e amaciando para os africanos os efeitos perturbadores da transplantação. uma vez no Brasil, os negros tornaram-se, em certo sentido, verdadeiros donos da terra: dominaram a cozinha. conservaram em grande parte sua dieta.

~ verdade que não deixou de verificar-se neles certa tendência para se conformarem aos usos do homem nativo; menos, porém, que nos adventícios de origem européia, para os quais a transplantação foi experiência mais radical; maior a novidade do clima e do meio físico e bioquímico.

em 1909 Leonard Williams, em trabalho que ficou então abafado sob as ideias ortodoxas da biologia weismanniana, sugeriu as possibilidades da influência do clima fazer-se sentir sobre o caráter racial através das glândulas endócrinas. essa inuência pareceu-lhe explicar diferenças entre asiáticos e europeus, latinos e anglo-saxões. se num dos seus exemplos - acolhido aliás por W. Langdon Brown sem retificação nenhuma - Williams foi de todo infeliz - o dos judeus terem adquirido em

climas frios da europa cabelo arruivado e pele fina - noutros pontos, sua argumentação impõe-se ao interesse dos antropólogos modernos. a base endocrinológica da teoria de leonard williams é que a pele pode se comparar a uma placa sensível: estimulada, produz atividades reflexas em órgãos distantes.16 a formação do pigmento cutâneo se teria desenvolvido como proteção a excessos de tais estímulos: os órgãos distantes nos quais se produziriam as mais importantes atividades reflexas seriam as glândulas endócrinas. esta teoria, a que em 1909 quase não se prestou atenção nenhuma, vai sendo hoje estudada

290 g, f.

com interesse. numa das mais sugestivas monografias médicas editadas pelo professor maclean, da universidade de londres, w. larddon brown versa o assunto a propósito das relações das glândulas endócrinas com o metabolismo geral. parece-lhe

#

fora de dúvida que na produção do pigmento intervenham as glândulas supra-renais" e pituitária. "que a pituitária tanto quanto as supra-renais intervenham de modo importante no processo de pigmentação, demonstra-o a maneira por que os girinos, após a extração dessa glândula, tornam-se albinos." parece-lhe também estabelecida a íntima relação entre as glândulas produtoras de calor e a pigmentação; donde se concluiria a melhor adaptabilidade dos morenos que dos louros e albinos aos climas quentes. brown cita a propósito que o governo da França vem recusando empregar gente alva e loura no serviço colonial nos trópicos, preferindo os franceses do sul, "capazes de desenvolver pigmento protetor".17

para leonard williams outras alterações ocorreriam em adventícios por efeito do clima e através do processo químico cuja importância destacou; e veremos mais adiante que as possibilidades dessas alterações constituem um dos problemas por assim dizer dramáticos na antropologia e na sociologia moderna. assim os descendentes de europeus na américa do norte estariam se conformando aos traços aborígenes: "the stereotyping by the climate of the north american continent of the descendants of its widely dissemblant annual european recruits into the hatchet-shaped face and wmy frame of the red indian aborigins". is

o assunto se acha ainda cheio de sombras. dele o que se sabe de certo é quase nada: apenas o bastante para nos advertir contra os preconceitos de sistema e os exageros de teoria. a verdadeira relação do pigmento com o meio físico permanece um dos problemas mais obscuros em antropologia. é generalização de que o homem é escuro ou preto nas regiões quentes, ruivo ou alvo no hemisfério norte, opõem-se restrições sérias. haddon salienta que se encontram povos de cor e de caracteres físico"s diferentes cujas condições de ambiente e de clima são, entretanto análogas. cita o exemplo do negro retinto do congo, cujo meio físico pouco difere das condições do interior de bornéu ou da amazônia. entretanto, os nativos dessas regiões são de um amarelo-pálido ou cor de canela. tampouco lhe parece haver motivo de clima para os australianos serem tão escuros na cor

da pele. os australianos e os tasmanianos. pode-se concluir, segundo esse antropólogo: a) que a pigmentação surgiu, espontaneamente, independente da ação do meio em período de varia-

c.-g- & s. 291

#

i

m \_\_\_ a~.aiiiiaaffj&,\_\_aviii, -

i

senhora de engenho viajando de rede, carregada por escravos negros.

(segundo ilustração do livro de barlous.)

bilidade, e que os indivíduos de pigmento escuro, -nais aptos para resistir às condições tropicais, sobreviveram aos outros; b) ou por outro lado, que a pigmentação represente adaptação ao meio, tendo resultado de longa influência deste sobre o homem em época em que os tecidos seriam mais plásticos e suscetíveis do que hoje; a variação assim adquirida ter-se-ia tornado transmissível, embora se desconheça o mecanismo pelo qual as células do germe possam receber influência exterior.<sup>19</sup>

Onde o problema se entronca noutra - talvez o mais importante que agite a biologia moderna: o da transmissão de caracteres adquiridos. ninguém hoje se abandona com a mesma facilidade de há vinte ou trinta anos ao rígido critério weismanniano da não transmissão de caracteres adquiridos. ao contrário: um neolamarckismo se levanta nos próprios laboratórios onde se sorriu de lamarck. laboratórios onde o ambiente vai se assemelhando um pouco ao das catedrais católicas no século xvii. para bertrand russell o cepticismo científico de que eddington é talvez o representante mais ilustre pode resultar no fim da era científica; precisamente como do cepticismo teológico da renascença resultou o fim da era católica. o homem de cultura científica de hoje já não sorri apenas do darwinismo ortodoxo de seus avós. começa a sorrir também do

292 g. f.

i

entusiasmo weismanniano da geração de seus pais. mas esse profundo cepticismo talvez não signifique o fim da era científica. dele é possível que se aproveite a ciência para avigorar-se em vez de enfraquecer-se. nunca porém para encher-se das pretensões de onipotência que a caracterizaram durante a segunda metade do século xix e nos princípios do xx.

sob' o novo cepticismo científico o problema dos caracteres adquiridos é dos que se recolocam entre as questões flutuantes e suscetíveis de debate. já não soa tão persuasiva a palavra de weismann: os caracteres adquiridos não se transmitem. os caracteres somatogênicos não se convertem em blastogênicos. são as experiências práticas de pavlov, na Rússia, e de mcdougail,

nos estados unidos, que vêm enriquecer o neolamarckismo ou, pelo menos, afetar o weismannismo. em comunicação ao congresso de fisiologia reunido em edimburgo o professor russo

#

versou o problema dos reflexos, isto é, das "respostas automáticas aos estímulos de várias espécies por meio do sistema nervoso". distinguiu o professor pavlov os reflexos condicionados, isto é, adquiridos individualmente, dos não-condicionados. e apresentou o resultado de suas pesquisas sobre os estímulos de vista e cheiro de alimento. estímulos naturais. certos movimentos característicos se verificam; vem a saliva; a água ia boca. toda uma série de reflexos não-condicionados. mas se toda vez que se der alimento ao animal se estabelecer gradualmente uma ligação entre o som de uma campainha e o reflexo alimentar, depois da coincidência repetir-se durante suficiente número de vezes, a reação alimentar se verificará em respostas ao som puro e simples. nas exatas palavras do professor pavlov: -conseguimos obter o reflexo condicionado de alimentação em ratos brancos, por meio do som de uma campainha elétrica. com o primeiro grupo de ratos foi necessário repetir a coincidência do toque da campainha com a alimentação trezentas vezes para conseguir-se um reflexo satisfatório (well-established reflex). a segunda geração formou o mesmo reflexo após cem repetições. a terceira adquiriu o reflexo depois de trinta repetições. a quarta, depois de dez. a quinta depois de cinco, somente... tendo por base esses resultados, antecipo o fato de que uma das próximas gerações dos ratos mostrará a reação alimentar ao ouvir o primeiro toque da campainha elétrica."20

o professor arthur dendy, que salienta a importância social das experiências do mestre russo, lembra uma das mais sugestivas evidências indiretas a favor da possível transmissão dos caracteres adquiridos: o endurecimento da pele ou a calosidade do calcanhar humano. sabe-se, diz ele, que calosidades

c.-g. &

#

dessa natureza podem-se obter por fricção ou pressão. o fato, por conseguinte, da criança nascer com a pele da sola do pé já endurecida, e desse característico endurecimento verificar-se antes mesmo da criança nascer, longo tempo antes - de modo a não poder atribuir-se à fricção ou à pressão - leva-nos a concluir por uma modificação causada originalmente pelo uso do pé, e tornada fixa por assim dizer, por hereditariedade. 21 em outras palavras: seria este um caso de caráter somatogênico que através de muitas gerações se teria tomado blastogênico.

impressionantes são também as experiências de kammerer; experiências sobre mudanças de cor e de hábitos de reprodução de anfíbios e répteis ao estímulo de meios ou ambientes novos.22 e, dentre as mais recentes, as de guyer e smith sobre defeitos adquiridos de visão, transmitidos, ao que parece, hereditariamente, e comportando-se como recessivos mendelianos.21 também as de little, bagg, harrison e muller. são experiên-

cias, sem dúvida, necessitando de confirmação; mas que indicam o muito de flutuante que encerra o assunto. de flutuante e duvidoso. weissmannianos e neolamarckianos são hoje em fisiologia e biologia uns como teólogos da predestinação e do livre arbótrio.

diante da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos, o meio, pelo seu físico e pela bioquímica, surge-nos com intensa capacidade de afetar a raça, modificando-lhe caracteres mentais que se tem pretendido ligar a somáticos. já as experiências de franz boas<sup>24</sup> parecem indicar que o biochemical content - como o chama wissler - é capaz de alterar o tipo físico do imigrante. admitida essa alteração, e a possibilidade de gradualmente, através de gerações, conformar-se o adventício a novo tipo físico, diminui, consideravelmente, a importância atribuída a diferenças hereditárias de caráter mental, entre as várias raças. diferenças interpretadas como de superioridade e inferioridade e ligadas a traços ou caracteres físicos.

além na inferioridade ou superioridade de raças pelo critério da forma do crânio já não se acredita; e esse descrédito leva atrás de si muito do que pareceu ser científico nas pretensões de superioridade mental, inata e hereditária, dos brancos sobre os negros. a teoria da superioridade dos delíco-louros tem recebido golpes profundos nos seus próprios redutos. hertz mostrou recentemente, baseado em pesquisas de nystrom entre quinhentos suecos, que naquele viveiro de delíco-louros os indivíduos das classes mais altas eram em grande maioria braquicéfalos. e não são eles; também os homens eminentes, vindos das classes baixas. e é Hertz quem salienta não

294 g. f.

i

casa-grande, com torre, na casa-forte (pernambuco),

#

perto-da campina em que se travou grande combate entre os holandeses e os brasileiros. (segundo fotografia do autor.)

i

'v

cena do século xvii: um escravo chicoteado. (segundo ilustração da relation, de froger.)

terem sido nórdicos puros nem kant nem goethe nem beethoven nem ibsen nem lútero nem schopenhauer nem schubert nem schumann nem rembrandt. quase nenhum dos homens mais gloriosos dos países nórdicos.<sup>211</sup>

quanto ao peso do cérebro, a capacidade do crânio e a sua significação, são pontos indecisos. se as pesquisas antropomó-

tricas realizadas por hunt no exército americano durante a guerra civil e continuadas por bean indicam que o cérebro do de pearson

parecem indicar no negro menor capacidade de crânio do que no branco europeu, contra as conclusões de inferioridade da raça preta, baseadas em tais resultados, opõem-se fatos consideráveis. aceitas as médias do peso do cérebro do negro - 1.292 - e do branco - 1.341 - há entretanto, que considerar o fato da média do peso do cérebro da mulher branca ser de 1.250 g; e a média do cérebro do chinês, 1.428 g.26 por conseguinte - notavelmente inferior a média da mulher branca e do homem negro; e a do amarelo (chinês) superior e do branco.

o que se sabe das diferenças da estrutura entre os crânios de brancos e negros não permite generalizações. já houve quem observasse o fato de crânios pequenos, e outros enormes.

o negro é mais leve e menor do que o do branco e as

de que alguns homens notáveis têm sido indícios e autênticos idiotas, donos de crânios

c.-g. & s. 295

i

i

#

nem merece contradita seria a superstição de ser o negro, pelos seus característicos somáticos, o tipo de raça mais próximo da incerta forma ancestral do homem cuja anatomia se supõe semelhante e do chimpanzé. superstição em que se baseia muito do julgamento desfavorável que se faz da capacidade mental do negro. mas os lábios dos macacos são finos como na raça branca e não como na preta - lembra a propósito o professor boas. 27 entre as raças humanas são os europeus e os australianos os mais peludos de corpo e não os, negros. de moio que a aproximação quase se reduziria às vendas mais chafas e escancaradas no negro do que no branco.

são esses característicos físicos - principalmente a forma do crânio - que se tem pretendido ligar e inferioridade do negro em realizações e iniciativas de ordem intelectual e técnica; inferioridade essa que seria congênita. outra tem sido a conclusão dos que mais dernoradamente têm procurado confrontar a inteligência do negro com a do branco. bryant e seligman, por exemplo, de estudos comparativos entre escolares bantos e europeus na África do sul concluíram pela maior precocidade e mais, rápido desenvolvimento mental dos bantos até a idade de doze anos, em contraste com o desenvolvimento mais demorado e tardado do europeu até a puberdade, porém maior que o dos negros da em diante; concluíram ainda que o africano, excedido pelo europeu no confronto de qualidades de reflexo, julgamento, compreensão, excede o branco em memória, intuição, ou percepção imediata das cousas, e capacidade --de assimi-

laços. 28 diferenças difíceis de reduzir, como nota pitt-rivers, a um fator de inteligência, geral<sup>29</sup> que sirva de base a conclusões de inferioridade ou superioridade de uma raça sobre a outra.

o depoimento dos antropólogos revela-nos no negro traços de capacidade mental em nada inferior às das outras raças: 'considerável iniciativa pessoal, talento de organização, poder de imaginação, aptidão técnica e econômica', diz-nos o professor boas.<sup>30</sup> e outros traços superiores. o difícil é comparar-se o europeu com o negro, em termos ou sob condições iguais. acima das convenções: numa esfera mais pura, onde realmente se confrontassem valores e qualidades. por longo tempo, a grande e forte beleza da arte de escultura, por exemplo, foi considerada pelos europeus simples grotesquerie. e simplesmente por chocarem-se suas linhas, sua expressão, seu exagero artístico de proporções e de relações, com a escultura convencional da europa greco-romana. esse estreito ---ritmo ameaçou de sufocar, no brasil, as primeiras expressões artísticas de es-

296 (7. f -

pontaneidade e de força criadora que, revelando-se principalmente nos mestiços, de mãe ou avó escrava, trouxeram à tona valores e cânones anfleuropelas. quase por milagre restam-nos hoje certas obras do aleijadinho. requintados no gosto euro-

#

peu de arte ou na ortodoxia católica, várias vezes pediram a destruição de "figuras que mais pareciam fetiches".<sup>31</sup>

quanto aos testes chamados de inteligência, muitos deles de resultados tão desfavoráveis ao negro,<sup>32</sup> sua técnica tem sofrido restrições sérias. goldenweiser ridiculariza-os como método de medir qualidades de raça; deixam o negro pouco acima do macaco, escreve ele. "o ponto de vista estatístico", acrescenta, "o desejo de exprimir os fatos em números e curvas é uma louvável atitude, resultado do método crítico e objetivo: mas tem seus perigos. quando alguém exprime qualquer bobagem em palavras não há dano nenhum; mas se a exprime em fórmulas matemáticas surge o perigo da roupagem matemática dissimular a bobagem."<sup>33</sup> também kelsey critica os testes na sua pretensão de medirem qualidades de raça; e aponta neles grossos defeitos- e irregularidades de técnica desfavoráveis ao negro.<sup>34</sup>

além os resultados desses testes têm sido contraditórios; a não unânimes em fixarem a "inferioridade mental" do negro, como pretende sorokin. as pesquisas realizadas entre 408 escolares de missuri chegaram à conclusão de que as diferenças de capacidade mental entre eles e os brancos diminuíam com a idade; as realizadas em atlanta que as diferenças aumentavam. a pesquisa de freeman concluiu pela superioridade dos americanos sobre os negros em todas as idades menos no grupo de 10 anos; mas concluiu também pela superioridade dos negros americanos sobre os italianos brancos, com exceção de dois grupos. pintner e keller encontraram entre os negros o mesmo q. i. que entre os escoceses; e superior ao dos gregos, italianos, polacos. e hirsh encontrou nos negros q. i. superior ao dos

portugueses. nos próprios testes do exército americano, tão citados contra o negro, os resultados acusaram maiores diferenças entre os negros do norte e do sul dos estados unidos que entre negros e brancos; e colocaram os negros do estado de ohio em plano superior aos brancos de todos os estados do sul, com exceção da florida.<sup>35</sup>

não se negam diferenças mentais entre brancos e negros. mas até que ponto essas diferenças representam aptidões inatas ou especializações devidas ao ambiente ou às circunstâncias econômicas de cultura é problema difícil de apurar. sorokin incliria-se a admitir a superioridade do fator hereditariedade so-

-c--g- & 8. 297

i

#

bre o fator ambiente, aproximando-se assim do biologismo. ninguém investe com maior vigor contra huntington e o determinismo geográfico.<sup>36</sup> esquece, porém, ao nosso ver, que os dois fatores em muitos pontos se cruzam, sendo difícil de separar a hereditariedade, do meio. principalmente se admitirmos a possibilidade de se transmitirem influências adquiridas em novo meio físico ou sob ação bioquímica.

lowie parece-nos colocar a questão em seus verdadeiros termos. como franz boas, ele considera o fenômeno das diferenças mentais entre grupos humanos mais do ponto de vista da história cultural e do ambiente de cada um do que da hereditariedade ou do meio geográfico puro. "como explicar, senão pela história, as grandes oscilações na cultura britânica?", pergunta lowie. "ou admite-se que os patriarcas elisabetanos eram portadores em suas células sexuais de fatores que desapareceram sob o puritanismo e reapareceram sob a restauração? o mesmo pode perguntar-se do povo japonês e do seu sensacional desenvolvimento desde 1876. de atenas e da sua rápida floração de gênios de 530 a 430 a. c. e, ainda, da alemanha e da sua brilhante superioridade musical. superioridade de raça? mas fundamentalmente a raça é a mesma que a inglesa - gente que mal sabe assobiar no banho e cantar hinos de igreja. a diferença étnica que há, deveria ser a favor dos ingleses, pois ela os aproxima dos gregos [ ... ]. devemos ter a franqueza de admitir que a aptidão musical é inata na raça [ .... 1. a sociedade alemã vem desde algum tempo estimulando sistematicamente a cultura musical, ao contrário da sociedade inglesa que a tem negligenciado. naquela, a natural habilidade para a música encontrou campo livre para desenvolver-se; nesta, escassa simpatia [ .... 1. a proeminência alemã [na música] é recentíssima. até poucos séculos atrás a alemanha se achava em situação inferior à Holanda, à Itália e à própria inglaterra. mo-zart, no século xviii, ainda desenvolveu-se sob a influência de tradições italianas.<sup>1</sup>'37

no caso dos africanos vindos para o brasil, dos princípios do século xvi aos meados do xix, devemos procurar surpreender nos principais estoques de imigrantes não só o grau como o momento de cultura que nos comunicaram.

momento que entre as tribos variou consideravelmente



nesses trezentos e tantos anos de profundas infiltrações maometanas na África negra. grau que variou de maneira notável de sudaneses para bantos. importa determinarmos a área de cultura de procedência dos escravos, evitando-se o erro de ver-

m a. f.

o

mos no africano uma só e indistinta figura de "peça da guiné" ou de "preto da costa".

a verdade é que importaram-se para o Brasil, da área mais

#

penetrada pelo islamismo, negros maometanos de cultura superior não são dos indígenas como é da grande maioria dos colonos brancos - portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semi-analfabetos na maior parte. gente que quando tinha de escrever uma carta ou de fazer uma conta era pela mão do padre-mestre ou pela cabeça do caixeiro. quase que só sabiam lançar no papel o jamego; e este mesmo em letra troncha. letra de menino aprendendo a escrever

o abade Étienne revela-nos sobre o movimento malé da Bahia em 1835 aspectos que quase identificam essa suposta revolta de escravos com um desabafo ou erupção de cultura adiantada, oprimida por outra, menos, nobre. não romantizamos. fosse esse movimento puramente malé ou maometano, ou combinação de vários grupos sob líderes muçulmanos, o certo é que se destaca das simples revoltas de escravos dos tempos coloniais. merece lugar entre as revoluções libertárias, de sentido religioso, social ou cultural. o relatório do chefe de polícia da província da Bahia, por ocasião da revolta, o dr. Francisco Gonçalves Martins, salienta o fato de quase todos os revoltosos saberem ler e escrever em caracteres desconhecidos. caracteres que "se assemelham ao árabe", acrescenta o bacharel, passado, naturalmente, de tanto manuscrito redigido por escravo. "não se pode negar que havia um fim político nesses levantes; pois não cometiam roubos nem matavam seus senhores oculta-mente. 1138 é que nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas-grandes. mal saíram a náção, vencidos apenas dez anos de vida independente, do estado de ignorância profunda em que a conservara a coroa no século XVIII e princípios do XIX, quando "os mais simples conhecimentos elementares eram tão pouco espalhados que, não raro, ricos fazendeiros do interior encarregavam seus amigos do litoral de lhes arranjar um genro que em vez de quaisquer outros dotes apenas soubesse ler e escrever". ~39

os historiadores do século XIX liam a procedência dos escravos importados para o Brasil ao estoque banto. é, ponto que se deve retificar. de outras áreas de cultura africana transportaram-se para o Brasil escravos em grosso número. muitos de áreas superiores é banto. a formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da África, absorvendo ele-

i

#

mentos por assim dizer de elite que faltaram na mesma proporção ao sul dos estados unidos. "i have often thought that slaves of the united states are descended not from the noblest african stock", observou fletcher confrontando os escravos das senzalas brasileiras com os dos estados unidos.<sup>40</sup>

só oliveira errou ao escrever que na estratificação social da bahia "veio colocar-se nas ínfimas camadas uma onda volumosa de africanos ouase todos colhidos nas tribos mais selvagens dos cafres e atirados aos traficantes de escravos do litoral da África".<sup>41</sup> exagero. porque não foi menor o número de sudaneses; estes, segundo as pesquisas de nina rodrigues, que predominaram na formação baiana: pelo menos a certa altura.

foram spix e martius - pensa nina rodrigues - que criaram o erro de supor-se exclusivamente banto a colonização africana do brasil. e ao ilustre professor, então catedrático da faculdade de medicina da bahia, deve-se o primeiro esforço crítico no sentido da discriminação dos estoques africanos de colonização do brasil. "nos seus prestimosos estudos sobre o nosso país-, diz nina rodrigues nas páginas do seu trabalho

z1

o problema da raça negra na américa portuguesa~<sup>42</sup> "reduzem estes autores [spix e martius] as procedências do tráfico para o brasil às colônias portuguesas da África meridional e às ilhas do golfo de guiné. para eles, dos congos, lcabindas e angolas na costa ocidental da África, dos macuas e angicos, na oriental, provieram todos os africanos brasileiros. também se referem às procedências de cacheo e bissau para os negros de pernambuco, maranhão e pará, naturalmente mais conhecidos pela história da companhia de comércio do grão-pará e maranhão, com que foi feito o contrato da introdução desses negros, mas nem destes, nem dos procedentes das ilhas de fernando pó, príncipe, são torné e ano bom, a que também aludem, convenientemente se ocuparam. mal se concebe como os negros sudaneses tivessem escapado à sagaz observação de spix e martius que a propósito da bahia se ocuparam do tráfico africano e estiveram nesta província precisamente ao tempo em que dominavatri aqui os sudaneses."

infelizmente as pesquisas em torno da imigração de escravos negros para o brasil tornaram-se extremamente difíceis, em torno de certos pontos de interesse histórico e antropológico, depois que o eminente baiano, conselheiro rui barbosa, ministro do governo provisório após a proclamação da república de 89, por motivos ostensivamente de ordem econômica - a circular emanou do ministro da fazenda sob o n.º 29 e com data de 13 de maio de 1891 - mandou. queimar os arquivos

300- g. f.

da escravidão. talvez esclarecimentos genealógicos preciosos se tenham perdido nesses autos-de-fé republicanos.

, mesmo sem o valioso recurso das estatísticas aduaneiras

#

de entrada de escravos pôde nina rodrigues destruir o mito do exclusivismo banto na colonização africana no brasil. basta, na verdade, atentar-se na política portuguesa de distribuição de negros nas colônias para duvidar-se de semelhante exclusivismo. ora, essa política foi não permitir que se juntasse numa capitania número preponderante da mesma nação ou estoque. "do que facilmente podem resultar perniciosas consequências" como em carta a luís pinto de souza dizia em fins do século xviii dom fernando josé de portugal.<sup>43</sup> se na bahia predominaram sudaneses e no rio e em pernambuco negros austrais do grupo banto, não significa que outros estoques não fornecessem seu contingente aos três grandes centros de imigração e distribuição de escravos.

a carta escrita por henrique dias aos holandeses em 1647 traz a respeito preciosos dados: "de quatro nações se compõe esse regimento: minas, ardas, angolas e creoulos: estes são tão malevolos que não temem nem devem; os minas são bravos que aonde não podem chegar com o braço, chegam com o nome, os ardas são fogosos que tudo querem cortar de um só golpe; e os angolas são robustos que nenhum trabalho os cansa.<sup>1144</sup>

ora, os "ardas" ou "ardras" eram gege ou daomeanos do antigo reino da ardia; os minas, nagô; os angola, apenas, banto.

jô barlous, lembra nina rodrigues que se referia aos ardenses. e refere-se. mas para considerá-los possíveis escravos agrícolas. eles, os calabreses, os de guiné, cabo, serra leoa. bons para o trabalho no campo eram os congo, os sombrenses e os angola. os da guiné, cabo, serra leoa, maus escravos, porém, bonitos de corpo. principalmente as mulheres. daí serem as preferidas para os serviços domésticos; para o trabalho das casas-granjes.<sup>45</sup> fácil é de imaginar, completando a insinuação do cronista, que também para os doces concubinatos ou simples amores de senhor com escrava em que se regalou o patriarcalismo colonial.

um depoimento valioso a favor da tese de nina rodrigues, e que este parece ter desconhecido, é o de joão de laet na sua história ou annaes dos feitos da companhia privilegiada das índias occidentaes desde o seu começo até o fim de 1636, publicada originalmente em leide em 1644. dos negros de angola, diz laet, resumindo informações do conselheiro político

c--g- & s. 301

#

servacios carpentier sobre a capitania da paraíba, que eram os empregados em maior número no serviço da lavoura. mas---sempre mantidos com muitos afoites". acrescentando: "os negros de guiné são excelentes, de sorte que a maior parte são utilizados nos serviços domésticos, para copeiros, etc.; os do cabo verde são os melhores e os mais robustos de todos e são os que custam mais caro aqui". quanto à capitania de pernambuco

bucos trazem os annaes a informacão de grande tráfico anual entre o porto do Recife e não somente Angola mas "outras regiões da África". É verdade que maiores seriam as facilidades de comunicação com Angola. O conde de Nassau quis fazer do Recife o principal centro distribuidor de escravos para as plantações americanas e para as minas do Peru, ficando Angola sob a imediata dependência do governo de Pernambuco. Ao seu ver Pernambuco tinha direitos adquiridos sobre Angola, São Tomé e Annobom: as forças wando-brasileiras que haviam tomado dos espanhóis essas colônias africanas. E do Recife e não de Amsterdã pensava ele que devia ser dirigido o comércio de escravos."

Embora o plano do conde não tivesse vingado - temendo-se porventura em Amsterdã que Nassau preparasse o terreno para a fundação de um principado tropical, umas daquelas colônias africanas ao norte do Brasil - o certo é que a importação de negros se fez em grande sob o domínio holandês. Mas as informações de Laet indicam que mesmo sob o domínio holandês os escravos importados não procederam exclusivamente de Angola.

As evidências históricas mostram. Assim, ao lado das pesquisas antropológicas e de lingüística realizadas por Nina Rodrigues entre os negros da Bahia, a frôixa base em que se firma a idéia da colonização exclusivamente banto do Brasil.<sup>47</sup> Ao lado da língua banto, da quimbunda ou congoense falaram-se entre os nossos negros outras línguas-gerais: a Gege, a Haúá, a Nagô ou Iorubá - que Varnhagen dá como mais falada do que o português entre os antigos negros da Bahia.<sup>48</sup> Língua ainda hoje prestigiada pelo fato de ser o latim do culto Gege-Iorubário.

Nina Rodrigues identificou entre os negros do Brasil que ele conheceu ainda no tempo da escravidão os chamados pretos de raça branca ou fulas. Não são fula-fulos ou fulas puros, mas mestiços provenientes da Senegâmbia, Guiné Portuguesa e costas adjacentes. Gente de cor cômrea avermelhada e cabelos ondedados quase lisos. Os negros desse estoque, considerados, por alguns, superiores aos demais do ponto de vista an-

302

i

i

#

¶,

o 4) Ilfazenda Rio de São João, Santa Bárbara, Minas. (segundo fotografia do Iphan)

tropológico, devido à mistura de sangue hamítico e árabe, vieram principalmente para as capitâneas, e mais tarde províncias, do norte. Daqui, devem alguns ter emigrado para Minas e São Paulo. Os mestiços da superioridade de raça talvez enxerguem no fato a explicação das famílias mestiças do norte e de cer-

tas regiões de minas e são paulo virem contribuindo para o progresso brasileiro com maior número de homens de talento - estadistas do império, escritores, bispos, artistas, presidentes e, vice-presidentes da república - do que as do sul - rio de janeiro, parte de minas e são paulo, o rio grande do sul. poderão alegar tratar-se de um elemento com larga dose de sangue berbere, e talvez até de origem berbere. predominantemente não-negróide, considera haddon a esse povo africano de que dá como verdadeiro nome, pulbe. o mais (fula, fulani, felava, filani, fube) seriam corruptelas. descreve-os haddon como gente alta, a pele amarela ou avermelhada, o cabelo ondado, o rosto oval, o nariz proeminente.

os haúta, estoque de que também houve larga importação para o brasil, notadamente para a bahia, são igualmente mestiços de hamitas e talvez de berberes, embora neles os tra-

c.-g. & s. 303

i

#

Os negros predominem. também os niam niam, os mangbatu, os kanembu, os bagirmi, os bornu, os kanuri.<sup>49</sup>

os mandingo, de que o brasil recebeu várias levadas, acusam por sua vez sangue árabe e tuaregue; os ioruba acusam sangue não negro, ainda por identificar, e os próprios banto se nos apresentam, na sua grande variedade de tipos, tocados de vários sangues: de hamita e negrilo, principalmente. nos demais característicos físicos são: na cor, de um pardo-escuro, chocolate, diferente do amarelo sujo ou do pardo-claro, avermelhado, dos fulos, tanto quanto da cor de couro dos hotentotes e dos boximanes ou do preto retinto dos naturais da guiné; doicocéfalos (havendo entretanto grupos de mesocéfalos): menor prognatismo que o dos negros- considerados "puros", o nariz mais proeminente e estreito".<sup>30</sup>

várias invasões e migrações têm alterado, em tempos históricos, a população da angola - origem de numerosos escravos importados para o brasil - na sua antropologia e na sua cultura: uma delas a dos jaga em 1490. mas sem nenhuma alteração profunda de raça, dada a semelhança entre os estoques invasores e nativos: todos já heterogêneos desde época remota.

dos negros importados para o brasil podem-se incluir os banto - sem contar exceções, consideradas apenas as grandes massas étnicas - entre os mais caracteristicamente negros; pelo que não significamos a cor - convenção quase sem importância - e sim traços de caracterização étnica mais profunda: o cabelo em primeiro lugar. este, como se sabe, mostra-se encarapinhadíssimo nos ulotrichi affricani. esse característico não se encontra tão carregado nos indivíduos dos vários estoques mestiços de hamitas e até de berberes de que nos vieram numerosos escravos: enquanto os fulos e outros povos da África oriental que contribuíram também para a formação da família brasileira se filiam pelo cabelo aos cynotrichi. cabelo mais suave. nariz mais afilado. traços mais próximos dos europeus. mais doces ou "domesticados" como se diria em linguagem antropológica.

mas dentro da orientação e dos propósitos deste ensaio, interessam-nos menos as diferenças de antropologia física (que ao nosso ver não explicam inferioridades ou superioridades humanas, quando transpostas dos termos de hereditariedade de família para os de raça) que as de antropologia cultural e de história social africana. estas são que nos parecem indicar ter sido o brasil beneficiado com um elemento melhor de colonização africana que outros países da américa. que os estados unidos, por exemplo.

204 o. f.

i

nina rodrigues percebeu as diferenças nos estoques africanos de colonização das duas américas; mas fixou-as do ponto

#

de vista, \_por ele rigidamente adotado, da inferioridade da raça negra. "não eram negros boais os haava que o tráfico lançava no brasil", escreveu o então professor da faculdade de medicina da bahia.<sup>51</sup> e ao lado dos haava mesclados de sangue hamita, cita triunfante, dominado pelo critério de raça, os fula-fulos. os "negros de raça branca", dos quais não se teria feito nenhuma grande corrente imigratória da áfrica para os estados unidos.

de passagem observaremos que o professor oliveira mana, o maior místico do arianismo que ainda surgiu entre nós, menos coerente que o cientista maranhense, escreveu num dos seus brilhantes trabalhos: "os próprios negros americanos, muito superiores, aliás, aos nossos, em virtude da seleção imposta pelas contingências da luta com um adversário temível, como é o anglo-saxão, ficou muito abaixo do teor médio da civilização norte-americana, etc." tendo antes escrito que "a potencialidade eugenética do h. afer" não só "é reduzida em si mesma, como, posta em função de civilização organizada pelo homem da, raça branca, ainda mais reduzida se torna". <sup>52</sup> as duas afirmativas do ilustre publicista brasileiro se repelem: numa, a fraca civilizabilidade do negro se reduziria em contato com a organização social da raça superior: noutra, ao contrário, se desenvolveria nesse contato.

fique bem claro, para regalo dos arianistas, o fato de ter sido o brasil menos atingido que os estados unidos pelo suposto mal da "raça inferior". isto devido ao maior número de fula-fulos e semi-liamitas - falsos negros e, portanto, para todo-bom arianista, de estoque superior ao dos pretos autênticos - entre os emigrantes da áfrica para as plantações e minas do, brasil.

em trabalho, já hoje clássico-<sup>53</sup> sobre a escravidão africana nos estados unidos, situa phillips as principais fontes de escravos para as plantações do seu país em serra leoa, costa do. grupo, costas do marfim, do-ouro, do escravo, rio do eleo, camarão, gábeo e loango. na carolina do sul os negros da, gâmbia, principalmente os mandingo, teriam sido os preferidos; boa aceitação tiveram também os da angola. os carromantes. (da costa do ouro), a julgar pelas palavras que phillips trans-

creve de christopher codrington, governador das ilhas lesward, teriam sido apreciad<sup>o</sup>ssimos pelos ingleses na am<sup>er</sup>ica colonial; e encontram-se refer<sup>en</sup>cias a negros do senegal, com o seib salpico de sangue <sup>ar</sup>abe, preferidos pela sua "maior intelig<sup>en</sup>-

c.-g. & s. 30.5

i

#

cia" para o servi<sup>o</sup> dom<sup>est</sup>ico .54 n<sup>o</sup> h<sup>o</sup>, por<sup>em</sup>, evid<sup>en</sup>cia nenhuma de emigra<sup>o</sup>o africana para a am<sup>er</sup>ica inglesa levando consigo fula-fulos - pelo menos na mesma propor<sup>o</sup>o que para a am<sup>er</sup>ica portuguesa; nem representantes t<sup>o</sup>o numerosos da cultura maometana. esta s<sup>o</sup> no brasil desabrochou em escolas e casas de ora<sup>o</sup>o; em movimentos e organiza<sup>o</sup>es que acusam a presen<sup>ca</sup> de uma verdadeira elite mal<sup>o</sup> entre os colonos africanos do nosso pa<sup>is</sup>.

parece que para as col<sup>on</sup>ias inglesas o crit<sup>er</sup>io de importa<sup>o</sup>o de escravos da <sup>af</sup>rica foi quase exclusivamente o agr<sup>ic</sup>ola. o de energia bruta, animal, preferindo-se, portanto, o negro resistente, forte e barato. para o brasil a importa<sup>o</sup>o de africanos fez-se atendendo-se a outras necessidades e interesses. <sup>o</sup> falta de mulheres brancas; <sup>os</sup> necessidades de t<sup>ec</sup>nicos em trabalhos ,de metal, ao surgirem as minas. duas poderosas for<sup>as</sup> de sele<sup>o</sup>o.

oliveira viana salienta que em minas gerais observam-se hoje nos negros "delicadeza de tra<sup>os</sup> e relativa beleza", ao contr<sup>ar</sup>io das "cataduras simiescas [ .... ] abundant<sup>o</sup>ssimas na regi<sup>o</sup>o ocidental da baixada fluminense - o que indica que ali se concentrou e fixou alguma tribo de negros caracterizados pela sua fealdade: talvez os "bisago" ou "lebu" ou "mandin,go".55 deve-se notar que a primeira das regi<sup>o</sup>es atraiu negros afeitos ao trabalho de metais, por conseguinte de cultura mais elevada, enquanto na segunda bastavam aos plantadores de cana-de-a<sup>o</sup>ocar ou de caf<sup>e</sup> simples pretalho<sup>es</sup> vigorosos, capazes de dar conta do amanho da terra. at<sup>o</sup> hotentotes boximanes com suas ventas esparramadas e suas n<sup>o</sup>degas enormes. ao nosso ver essas circunst<sup>an</sup>cias explicam o melhor estoque negro importado para a regi<sup>o</sup>o mineira. por outro lado, a superioridade de recursos econ<sup>om</sup>icos talvez explique o fato de pernambuco e da bahia terem sido beneficiados com melhor gente africana do que o rio de janeiro. puderam os senhores de engenho do norte dar-se ao luxo de importar escravos mais caros.

oliveira viana cita de lu<sup>is</sup> v<sup>al</sup>de monteiro, -governador do rio de janeiro em 1730, palavras que v<sup>o</sup>m favorecer nossa interpreta<sup>o</sup>o quanto a minas gerais: "e pela mesma raz<sup>o</sup>o n<sup>o</sup> h<sup>o</sup> mineiro que possa viver sem nenhuma negra mina, dizendo que s<sup>o</sup> com elas t<sup>em</sup> fortuna".56 foram essas minas e as fulas - africanas n<sup>o</sup> s<sup>o</sup> de pele mais clara, como mais pr<sup>ox</sup>imas, em cultura e "domestica<sup>o</sup>o" dos brancos - as mulheres preferidas, em zonas como minas gerais, de coloniza<sup>o</sup>o escoteira, para "amigas", "mancebas" e "caseiras" dos brancos. ilustres fam<sup>il</sup>ias daquele estado, que ainda hoje guardam tra<sup>os</sup> ne-

grávidas, terão tido o seu começo nessa união de brancos com negras minas, vindas da África como escravas, mas aqui ele-

#

vadas condições, segundo o testemunho de vaia monteiro, "de dorias de casa". outras terão permanecido escravas, ao mesmo tempo que amantes dos senhores brancos: "preferidas como mucamas e cozinheiras". araripe júnior escreveu que a negra mina apresentou-se sempre no brasil com todas as qualidades para ser "unha excelente companheira". sadia, engenhosa, sagaz, afetiva. "com semelhantes predicados", acrescenta araripe, e "nas condições precárias em que no primeiro e segundo século se achava o brasil em matéria de belo sexo era impossível que a mina não dominasse a situação. 1757 dominou-a em várias regiões. particularmente em minas no século xviii.

em meados do século xix, burton encontrou em minas gerais uma cidade de cinco mil habitantes com duas famílias apenas de puro sangue europeu. no litoral observou o inglês que fora possível aos colonos casar suas filhas com europeus. mas nas capitânicas do interior o mulatismo tornara-se um "mal necessário" ("mulatism became a necessary evil"). a princípio - de supor - menos por casamento do que por uniões irregulares de brancos com negras, muitas vezes suas escravas. daí a "estranha aversão ao casamento" que burton ainda surpreendeu nas populações mineiras.

os homens "não gostavam de casar para toda a vida", mas, de unir-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, facilitando o perfilhamento dos filhos ilegítimos, só faziam favorecer essa tendência para o concubinato e para as ligações efêmeras. é verdade que já os moralistas brasileiros vinham dando combate a tamanha irregularidade, alguns tendo mesmo lembrado que se não admitissem aos, cargos públicos indivíduos que vivessem em franco concubinato.,58

os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada foram um elemento ativo, criador, e quase até se pode acrescentar nobre na colonização do brasil; degradados apenas pela sua condição de escravos. longe de terem sido apenas animais de trabalho e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. foram a mão direita da formação agrícola brasileira, os índios, e sob certo ponto de vista, os portugueses, a mão esquerda.

e não só da formação agrícola. eschwege salienta que a mineração do ferro no brasil foi aprendida dos africanos.59 e max schmidt destaca dois aspectos da colonização. africana que deixam entrever superioridade técnica do negro sobre o indígena e até sobre o branco: o trabalho de metais e a criação de

-g. & s. 307

#

gado.00 poderia acrescentar-se um terceiro: a culinária, que no



brasil enriqueceu-se e refinou-se com a contribuição africana.

schmidt observou em mato grosso que muitas das práticas ligadas à criação de gado eram de origem africana. também os instrumentos de ferreiro. teriam sido transmitidas aos mestiços de índios com brancos pelos escravos negros. e roquette-pinto fixou interessante caso, que já referimos, da ação civilizadora dos escravos fugidos entre os índios da serra dos páreces. pode-se aliás generalizar dos negros fugidos, internados nas matas e nos sertões, que desempenharam todos uma útil função civilizadora: quase sempre elevando a cultura das populações indígenas, raramente deixando-se achatar ou degradar por elas. diante dos caboclos os negros foram elemento europeizante. agentes de ligação com os portugueses. com a igreja. exerceram não só aquele papel de mediadores plásticos entre os europeus e indígenas a que se refere josé maria dos santos-61 mas, em alguns casos, função original e criadora, transmitindo à sociedade em formação elementos valiosos de cultura ou técnica africana.

o contato mais íntimo entre algumas das áreas mais elevadas de cultura negra e o brasil explica, ao nosso ver, o fato observado pelo professor nina rodrigues e por ele atribuído ao fator raça - isto é, infusão de sangue hamita - da superioridade da colonização negra do brasil sobre, a dos estados unidos. fato que já fora salientado por um americano: fletcher. e antes de fletcher, pelo naturalista inglês george garden.62

o brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massa. \* vieram-lhe da África "donas de casa" para, seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artesãos em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de panos e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos. por outro lado a proximidade da bahia e de pernambuco da costa da África atuou no sentido de dar às relações entre o brasil e o continente negro um caráter todo especial de intimidade. uma intimidade mais fraternal que com as colônias inglesas. o cônsul o'sullivan beare, que juntamente com sir roger casement foi um dos melhores informantes de sir harry johnston no brasil, recolheu estes dados interessantíssimos sobre o comércio entre a bahia e as cidades africanas de lagos e daomé nos princípios do século xix. comércio muito ativo e conduzido por fulos e mandingos: - em geral escravos.63

'409 j7. f.

o estudo de melville j. herskovits sobre a África, baseado na ideia de áreas de cultura,64 permite-nos surpreender, nos seus altos e baixos, a cultura africana de que se contagiou e enriqueceu a brasileira, através de larga e variada importação de

#

escravos e de freqüente comunicação comercial com portos africanos. por esse critério, deparamo-nos com as seguintes áreas principais: a) hotentote, caracterizada pela criação de gado, pelo uso de bois no transporte de fardos, pela utilização de suas

peles no vestuário, pelo largo consumo de sua carne, etc.; b) boximane - cultura inferior e primeira, pobre, nômade, sem animal nenhum a serviço do homem a não ser o cachorro, sem organização agrária ou pastoril, semelhante nesses traços à cultura indígena do Brasil, mas superior a esta em expressão artística, em pintura pelo menos, como o demonstram os exemplos destacados por Frobenius; c) a área de gado da África oriental (banto), caracterizada pela agricultura, com a indústria pastoril superimposta; tanto que a posse do gado numeroso e não de terras extensas é que dá ao indivíduo prestígio social; trabalhos em ferro e madeira; poligamia; fetichismo; d) área do Congo (também de língua banto, ainda que na fronteira ocidental se falem ibo, fanti, etc), estudada por Leo Frobenius no seu trabalho Ursprung der afrikanischen Kulturen, em que salienta as diferenças, entre o Congo e as áreas circunvizinhas, de vestuário, tipo de habitação, tatuagem, instrumentos de música, uso da banana, etc., traços a que Herskovits acrescenta outros: a economia agrícola, além da caça e da pesca; a domesticação da cabra, do porco, da galinha e do cachorro; mercados em que se reúnem para a venda produtos agrícolas e de ferro, balaios, etc.; a posse da terra em comum; fetichismo, de que é interessante expressão artística a escultura em madeira, os artistas ocupando lugar de honra na comunidade; e) Horn Oriental - região difícil de caracterizar, representando já o contato da cultura negra do sul com a maometana do norte; atividade pastoril; utilização de numerosos animais - vaca, cabra, carneiro, camelo; organização social influenciada pelo islamismo; f) sudoeste oriental - área ainda mais influenciada que a anterior pela religião ino-metaria; língua árabe; abundância de animais a serviço do homem; atividade pastoril; grande uso do leite de camelo; nomadismo; tendas; vestuário de panos semelhantes aos dos berberes; g) sudoeste ocidental - outra área de interpenetração de culturas, a negra propriamente dita e a maometana; região de grandes monarquias ou reinos - daomei, Benim, Axanti, Haúsa, Bornu, Ioruba; sociedades secretas de largo e eficiente domínio sobre a vida política; agricultura, criação de gado e comércio; no-

i

-9. & s. 309

#

trabalhos artísticos de pedra, ferro, terracota e tecelagem; fetichismo e maometismo; h) área do deserto (berbere); i) área egípcia, cujas características dispensam-nos de fixar por não interessarem diretamente à colonização do Brasil. notaremos apenas o fato de terem uma e outra projetada larga influência sobre o continente africano.<sup>65</sup>

através dessa caracterização, vê-se que nenhuma área de cultura negra, nem mesmo a boximane, se some ou achata em confronto com a dos povos indígenas do Brasil. deve-se, porém, salientar que a colonização africana do Brasil realizou-se principalmente com elementos bantos e sudaneses. gente de áreas agrícolas e pastoris. bem alimentada a leite, carne e vegetais.<sup>66</sup> os sudaneses da área ocidental, senhores de valiosos elementos de cultura material e moral próprios, uns e outros adquiridos e

assimilados dos maometanos.

aos sudaneses Nina Rodrigues dá a "proeminência intelectual e social" entre os negros importados para o Brasil, parecendo-lhe filiarem-se à organização religiosa dos sudaneses maometanos, não só o movimento de 1835 da Bahia mas outras revoltas de senzala. atribui-lhe grande importância a influência exercida sobre os lorubanos ou nagô e sobre os ewes ou gege pelos fulas e haúsa maometanos. estes parecem ter dirigido várias revoltas de escravos. teriam sido uns como aristocratas das senzalas. vinham eles dos reinos de Wurno, Sokoto, Gandá, de organização política já adiantada; de literatura religiosa já definida - havendo obras indígenas escritas em caracteres árabes; de arte forte, original, superior às anômicas imitações portuguesas dos modelos mouriscos. semelhantes escravos não podiam conformar-se ao papel de mãos-gostosas dos portugueses; nem seria a água benta do batismo cristão que, de repente, neles apagaria o fogo maometano.

notou o abade Étienne que o islamismo ramificou-se no Brasil em seita poderosa, florescendo no escuro das senzalas. que da África vieram mestres e pregadores a fim de ensinarem a ler no árabe os livros do alcorão. que aqui funcionaram escolas e casas de oração maometanas.<sup>67</sup>

o ambiente que precedeu o movimento de 35 na Bahia foi de intenso ardor religioso entre os escravos. no beco de Mata-Porcos, na ladeira da Praia, no cruzeiro de São Francisco, à sombra das igrejas e mosteiros católicos, dos nichos da Virgem Maria e de Santo Antônio de Lisboa, escravos lidos no alcorão pregavam a religião do profeta, opondo-se à de Cristo, seguida pelos senhores brancos, no alto das casas-grandes. faziam propaganda contra a missa católica dizendo que era o mesmo que

310 g. f.

negra brasileira vendedora de cocada.  
(segundo fotografia de Ulisses de Melo Freyre.)

adorar pau; e aos rosários cristãos, com a cruz de nosso senhor,

#

opunham os seus, de cinquenta centímetros de comprimento, noventa e nove contas de madeira, terminando com uma bola em vez da cruz.<sup>68</sup>

forçosamente o catolicismo no Brasil haveria de impregnar-se dessa influência maometana como se impregnou da animista e fetichista, dos indígenas e dos negros menos cultos. encontramos traços de influência maometana nos papéis com ora-

-g. & s. 311

#

são em geral pretalhonas de elevada estatura - essas negras que o costume chamar de baianas. heróldicas. aristocráticas - a estatura elevada é aliás um característico sudanês, que convém salientar.

o sudanês é um dos povos mais altos do mundo. no se-  
negal vêm-se negros tão altos que parecem estar andando de  
pernas de pau; tão compridos dentro de seus camisas de meni-  
no dormir que de longe parecem almas do outro mundo. magri-  
celas, dentuços, angulosos, hieráticos. mais para o sul da áfri-  
ca, é que se encontra gente baixa e redonda. mulheres culatro-  
nas. redondezas afrodisíacas de corpo. hotentotes e boxima-  
nes verdadeiramente grotescos com as suas nádegas salientes (es-  
teatopigia).

os característicos físicos dos negros importados para o bra-  
sil, é interessante segui-los através da linguagem pitoresca do  
povo, nos anúncios de compra e venda de escravos para o ser-  
viço doméstico ou agrícola. nesse sentido a coleção do dwio  
de pernambuco - o diário mais antigo da américa chamada  
latina, fundado em 1825 - apresenta-se com particular inte-  
resse para o estudante de antropologia.76 vê-se através dos  
velhos anúncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, a definida preferên-  
cia pelos negros e negras altas e de formas atraentes - "boni-  
tas de cara e de corpo" e "com todos os dentes da frente". o  
que mostra ter havido seleção eugênica e estética de pajens,  
mucamas e mulecas para o serviço doméstico - as negras mais  
em contato com os brancos das casas-grandes; as mães dos mu-  
latinhos criados em casa muitos deles futuros doutores, ba-  
charreiros e até padres.

considerados esses pontos, que nos parecem de importân-  
cia fundamental para o estudo da influência africana sobre a  
cultura, o caráter e a eugenia do brasileiro, sentimos agora  
mais é vontade para o esforço de procurar surpreender aspectos  
mais íntimos dessa influência e desse contágio.

mas logo de início uma discriminação se impoe: entre a  
influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar)  
e a do negro na condição de escravo. "em primeiro lugar o  
mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa  
raça reduzida ao cativo", escreveu joaquim nabuco em  
1881.77 admiráveis palavras para terem sido escritas na mesma  
época em que oliveira martins sentenciava em páginas gravis-  
simas: "há decerto, e abundam os documentos que nos mos-  
tram no negro um tipo antropologicamente inferior, não raro  
próximo do antropóide, e bem pouco digno do nome de  
homem.1178

314 g. f.

sempre que consideramos a influência do negro sobre a  
vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do ne-  
gro per si, que apreciamos. ruediger bilden pretende explicar  
pela influência da escravidão todos os traços de formação eco-

#

nômica e social do brasil .79 ao lado da monocultura, foi a for-  
ça que mais afetou a nossa plástica social. parece às vezes  
influência de raça o que é influência pura e simples do escla-  
vo: do sistema social da escravidão. da capacidade imensa desse  
sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos. o negro  
nos aparece no brasil, através de toda nossa vida colonial e da  
nossa primeira fase de vida independente, deformado pela escla-

vidão. pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do Índio, sempre movido.

goldenweiser salienta quanto é absurdo julgar-se o negro, sua capacidade de trabalho e sua inteligência, através do esforço por ele desenvolvido nas plantações da América sob o regime da escravidão. o negro deve ser julgado pela atividade industrial por ele desenvolvida no ambiente de sua própria cultura, com interesse e entusiasmo pelo trabalho."

do mesmo modo, parece-nos absurdo julgar a moral do negro no Brasil pela sua influência deletéria como escravo. foi o erro grave que cometeu Nina Rodrigues ao estudar a influência do africano no Brasil: o de não ter reconhecido no negro a condição absorvente de escravo. "abstraindo pois", escreve ele nas primeiras páginas do seu trabalho sobre a raça negra na América portuguesa, "da condição de escravos em que os negros foram introduzidos no Brasil e apreciando as suas qualidades de colonos como faríamos com os que de qualquer outra procedência, etc." mas isto é impossível. impossível a separação do negro, introduzido no Brasil, de sua condição de escravo.

se há hábito que faça o monge e o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de mal para vir de tanga, nos negreiros imundos, da África para o Brasil. para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre. a escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão e imoral, de que tanto o acusam.

passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral - já o salientamos em capítulo anterior -

c.-g. a s. 3

j15

#

ni,,x'or nio;;iera,~,~,o do apetite sexua~ que entre os europeus. é uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. danças afrodisíacas. culto fêlico. orgias. enquanto que no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações. sem esforço. a id~,,,,i vulgar ele que a raça rel-a é clie-gada, mais do que as outras. a excessos sexuais, atribui-a Ernest Crawley ao fato do temperamento expansivo dos negros e do caráter orgiástico de suas festas criarem a i'us~,o de desbragado erotismo. fato que 'iridica justamente o contrário". demonstrando a necessidade, entre eles, de "excitação artificial-. Havelock Ellis coloca a negra entre as rólulheres antes frias do nue fowsas: "indiferentes aos refinamentos do amor". e, como Ploss, salienta o fato dos órgãos sexuais entre os povos primitivos serem, muitas vezes, pouco desenvolvidos ("comparatively undeveloped").<sup>81</sup>

diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. mas essa corrupção não foi pela negra que se rea-

lizou, mas pela escrava. onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava Índia. o padre manuel fonseca, na sua vida do padre belchior de pontes, quem responsabiliza pela fácil depravação dos meninos coloniais a mulher Índia. e de uma zona quase sem salpico nenhum de sangue negro que escreveu no século xviii o bispo do paró: a ruiseria dos costumes neste paiz me faz lembrar o fim das cinco cidades por me parecer que moro nos suburbios de gomorra, mui proximo, e na visinhança de sodoma".8-2'

é absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do Índio mas do sistema social e económico em que funcionaram passiva e mecanicamente. não há escravidão sem depravação sexual. é da essência mesma do regime. em primeiro lugar, o próprio interesse económico favorece a depravação, criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior numero possível. de crias. joaquim nabuco colheu num manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: "a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador."83

fora assim em portugal, de onde a instituição se comunicou ao brasil, já opulenta de vícios. "os escravos mouros, e negros, além de outros trazidos de diversas regiões, aos quais se ministrava o batismo, não recebiam depois a mão, uma educação religiosa", informa alexandre herculano. entre esses escravos os senhores favoreciam a dissolução para "aumentarem o número de crias como quem promove o acréscimo de um rebanho-.84

.116 g.f.

dentro de semelhante atmosfera moral, criada pelo interesse económico dos senhores, como esperar que a escravidão - fosse o escravo mouro, negro, Índio ou malaio - atuasse senão no sentido da dissolução, da libidinagem, da luxúria? o que se

#

queria era que os ventres das mulheres gerassem. que as negras produzissem mulcques.

joaquim nabuco salientou "a ação de doenças sobre a constituição física do nosso povo".85 teria

africanas  
sido esta

uma das terríveis influências do contágio do brasil com a África. mas é preciso notar que o negro se sifilizou no brasil. um ou outro viria já contaminado. a contaminação em massa verificou-se nas serizelas coloniais. a "raça inferior", a que se atribui tudo que é handicap no brasileiro, adquiriu da "superior" o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminui. foram os senhores das casas grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. porque por muito tempo dominou no brasil a creança de que para o sifilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem. o dr. joão alvares de azevedo macedo júnior registrou, em 1869, o estranho costume, vindo, ao que parece,

dos tempos coloniais: e de que ainda se encontram traços nas áreas pernambucana e fluminense dos velhos engenhos de açúcar. segundo o dr. macedo seriam os blenorragicos que o "bárbaro prejuízo" considerava curados se conseguissem intercurso com mulher pobre: "a inoculação deste vírus em uma mulher pobre é o meio seguro de o extinguir em si." 86

É igualmente de supor que muita mãe negra, ama-de-leite, tenha sido contaminada pelo menino de peito, alastrando-se também por esse meio, da casa-grande e senzala, a mancha da sífilis. já o dr. josé de góis e siqueira, em estudo publicado em 1877, julgava que se deviam sujeitar a multas e indenizações aqueles que, sem escrúpulo, entregavam os filhos sífilíticos aos cuidados de amas em perfeita saúde. "sendo o aleitamento um dos meios comuns de transmissão, compreende-se quarks resultados favoráveis à população produzir uma medida de natureza tão simples e de fácil exequibilidade." as negras amas-de-leite "não poderiam se entregar ao aleitamento mercenário sem atestações ou exames de sanidade pelo médico com-,,),-!~- ,ntc"; mas também "teriam o direito de reclamação sobre os pais ou tutores dos meninos que lhes houvessem comunicado a moléstia sífilítica". 87

É claro que, sífilizadas - muitas vezes ainda imberbes

217

c-

.q- & s. .

#

pelos brancos seus senhores, as escravas tornaram-se, por sua vez, depois de mulheres feitas, grandes transmissoras de doenças venéreas entre brancos e pretos. o que explica ter se alagado de gonorréia e de sífilis a nossa sociedade do tempo da escravidão.

o mesmo se verificou no sul dos estados unidos. janson, no seu livro the stranger in america,88 refere-se à verdadeira epidemia de curandeiros de doenças venéreas nos estados unidos durante a primeira metade do século xix. sinal de muita gente doente de gonorréia e de sífilis. e odurn atribui proporções alarmantes à sífilis nos estados escravocratas do sul.89 entre nós, no litoral, isto é, na zona mais colorida pela escravidão, sempre foi larga a extensão da sífilis. continua a ser impressionante. a publicidade de remédios, elixires e garrafas para tratamento de males venéreos faz-se ainda hoje com uma insistência escandalosa. até em estampas devotas, com imagens do menino deus cercado de anjinhos, anuncia-se que o elixir tal "cura sífilis"; que se "o proprio cristo viesse hoje ao mundo seria ele que ergueria a sua santa palavra para aconselhar o uso do elixir [ ..... 1 aos sofredores de todas as moléstias que teem como origem a impureza do sangue". e os mestres da medicina brasileira recomendam aos discípulos que, em clínica, pensem sempre sífiliticamente, isto é, considerando antes de tudo a possível origem sífilítica do mal ou da doença.90

a sífilis fez sempre o que quis no brasil patriarcal. matou, cegou, deformou a vontade. fez abortar mulheres. levou anjinhos para o céu. uma serpente criada dentro de casa sem ninguém fazer caso de seu veneno. o sangue envenenado rebentava em feridas. cobriam-se então as perebas ou "cabidelas",

tomavam-se garrafadas, chupava-se caju. a sifilizaç<sup>o</sup> do brasil - admitida sua origem extra-americana - vimos, <sup>o</sup>s primeiras p<sup>o</sup>ginas deste trabalho, que data dos princ<sup>o</sup>pios do s<sup>o</sup>culo xvf. mas no ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias, negrinhas, mulecas, mucamas, <sup>o</sup> que as doen<sup>o</sup>as ven<sup>o</sup>reas se propagaram mais <sup>o</sup> vontade, atrav<sup>o</sup>s da prostitu<sup>o</sup> domestica - sempre menos higi<sup>o</sup>nica que a dos bord<sup>o</sup>is. em 1845 lassance cunha escrevia que o brasileiro n<sup>o</sup>o ligava import<sup>o</sup>ncia <sup>o</sup> s<sup>o</sup>filis, doen<sup>o</sup>a "como que heredit<sup>o</sup>ria e t<sup>o</sup>o comum, que o povo a n<sup>o</sup>o reputa um flagelo, nem tampouco a receia". doen<sup>o</sup>a como que domestica, de fam<sup>o</sup>lia, como o sarampo e os vermes. e insurgia-se contra a frequ<sup>o</sup>ncia dos casamentos de sifil<sup>o</sup>ticos. casamentos sabidos por "n<sup>o</sup>s outros m<sup>o</sup>dicos, que penetramos os s , egredos patol<sup>o</sup>gicos das fam<sup>o</sup>lias".91 j<sup>o</sup> Manuel vieira da silva, depois bar<sup>o</sup>o de alvaesar, nas suas reflex<sup>o</sup>es sobre alguns dos meios propostos por mais conducentes para melh<sup>o</sup>rar o clima da cidade

318 y. j.

do rio de janeiro, observara, nos princ<sup>o</sup>pios do s<sup>o</sup>culo xix, o fato de as "mol<sup>o</sup>stias cut<sup>o</sup>neas" serem "reputadas de muito pouca monta nesta cidade, chegando o preju<sup>o</sup>zo p<sup>o</sup>blico a afirmar que elas n<sup>o</sup>o devem curar-se, quando talvez que a disposi<sup>o</sup> mor-

#

bosa, em que aparecem os naturais desta cidade, desde a sua inf<sup>o</sup>ncia, seja devida a semelhante desprezo".92 mas n<sup>o</sup>o foi vieira da silva o primeiro que teve o bom senso de insinuar fosse efeito da s<sup>o</sup>filis e do desprezo pelo seu tratamento o que para muitos era efeito do clima ou do "calor". antes dele, vamos encontrar vilhena, professor r<sup>o</sup>gio de l<sup>o</sup>ngua grega na

1

bahia nos fins do s<sup>o</sup>culo xviii, rebatendo a id<sup>o</sup>ia de ser "o calor" a causa principal dos v<sup>o</sup>cios e das doen<sup>o</sup>as de sensualidade na col<sup>o</sup>nia. "n<sup>o</sup>leros subterf<sup>o</sup>gios", escreveu vilhena. a verdadeira causa lhe pareceu sempre "a desordenada paix<sup>o</sup> sexual". e n<sup>o</sup>o s<sup>o</sup> a das ruas, como a das casas-grandes, contaminadas pelas senzalas. contaminadas pelos escravos. estes <sup>o</sup> que, para vilhena, teriam transformado o clima saud<sup>o</sup>vel do brasil num clima mort<sup>o</sup>fero: num clima que "tendo sido admir<sup>o</sup>vel, por sadio, pouco ou nada difere hoje do da angola [ . . ] ll. 93 em princ<sup>o</sup>pios do s<sup>o</sup>culo xviii j<sup>o</sup> o brasil <sup>o</sup> assinalado em livros estrangeiros como terra da s<sup>o</sup>filis por excel<sup>o</sup>ncia. o autor da histoire g<sup>o</sup>n<sup>o</sup>rale des pirates escreve que "presque tous les br<sup>o</sup>siliens sont atteints d'affections v<sup>o</sup>n<sup>o</sup>riennes".94 e oscar da silva ar<sup>o</sup>jo traduz de john barrow, viajante ingl<sup>o</sup>s que no s<sup>o</sup>culo xviii andou pelo brasil, pela ilha de java e pela cochinchina, curioso trecho sobre a s<sup>o</sup>filis no rio de janeiro. segundo esse viajante at<sup>o</sup> nos mosteiros o mal-g<sup>o</sup>lico causava

Z~

devasta<sup>o</sup>es. e a prop<sup>o</sup>sito de certa caixa com medicamento mercurial, receitado <sup>o</sup> abadessa de um convento por um m<sup>o</sup>dico conhecido de barrow e aberta, indiscretamente, pelo portador - "galhofeiro frade de s<sup>o</sup>o bento" - conta o viajante que o tal eclesi<sup>o</sup>stico levando a caixa ao nariz teria dito com expressivo piscar de olhos: ah! domine! mercurialia! ista sunt mer-



curialia! acrescentando que a abadesa e todas as damas do rio pronae sunt omnes at deditae veneri.<sup>95</sup>

transcrevemos ainda de silva araujo estas palavras do dr. bernardino antonio gomes, velho medico colonial, em resposta ao inquerito do senado da camara do rio de janeiro em 1798 para apurar quais as doencas endemicas na cidade dos vice-reis: que para a prostituiçao e para o mal venereo no brasil concorria poderosamente "o exemplo familiar de escravos, que quase nao conhecem outra lei cjué os estomulos da natureza". devia o dr. bernardino ter salientado que essa animalidade nos negros, essa falta de freio aos instintos, essa desbragada prosti-

c.-.q. & s. 319

#

tuiçao dentro de casa, animavam-na os senhores brancos. no interesse da procriaçao e grande, uns; para satisfazerem caprichos sensuais, outros. nao era o negro, portanto, o libertino: mas o escravo a serviçao do interesse economico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. nao era a "raça inferior" a fonte de corrupçao, mas o abuso de uma raça por outra. abuso que implicava em conformar-se a servil com os apetites da todopoderosa. e esses apetites estimulados pelo ocio - pela "riqueza adquirida sem trabalho" diz o referido dr. bernardino; pela "ociosidade" ou pela "preguiça", diria vilheria; por conseguinte, pela propria estrutura economica do regime escravocrata.

se e certo, como querem antropologos modernos, que "a irregularidade de relações sexuais tem em geral manifestado a tendencia para crescer com a civilizaçao";<sup>96</sup> que nos animais domesticados encontra-se o sistema sexual mais desenvolvido que nos selvagens;<sup>97</sup> que entre os animais domesticos, amolecidos pela relativa falta de luta -- de competiçao, as glândulas reprodutoras absorvem maior quantidade de alimento;<sup>98</sup> e, ainda, que o poder reprodutor no homem tem aumentado com a civilizaçao da mesma maneira que, nos animais, com a domesticaçao,<sup>99</sup> podemos nos arriscar a concluir que dentro de um regime como o da monocultura escravocrata, com uma maioria que trabalha e uma minoria que se faz mandar, nesta, pelo relativo ocio, se desenvolvera, necessariamente, mais do que naquela, a preocupaçao, a mania, ou o refinamento erotico. e o exemplo da india, onde o amor e tanto mais fina, artistica e ateo perversamente cultivado quanto mais elevada e a casta e maior o seu lazer.

nada nos autoriza a concluir ter sido o negro quem trouxe para o brasil a pegajenta luxuria em que nos sentimos todos prender, mal atingida a adolescencia. a precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo brasileiro um don-juan nao vem do contágio ou do sangue da "raça inferior" mas do sistema economico e social da nossa formaçao; e um pouco, talvez,, do clima; do ar mole, grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente. impossivel negar-se a acao do clima sobre a moral sexual das sociedades. sem ser preponderante, deo entretanto para acen-tuar ou enfraquecer tendencias; endurecer ou amolecer traços sociais. a voz sabemos que se torna estridente e espera nos climas quentes; enquanto que sob a influencia da maior ou

menor pressão atmosférica, do ar menos ou mais seco, altera-se no homem a temperatura, a circulação, a eliminação de gás carbônico. tudo isso com repercussão sobre o seu comporta-

r 9. (1 a. f.

mento social; sobre sua eficiência econômica; sobre sua moral sexual. pode-se concluir, com kelsey,<sup>100</sup> que certos climas estimulam o homem a maiores esforços e conseqüentemente a maior produtividade; outros, o enlanguescem. para admiti-lo não ne-

#

cessitamos de ir aos exageros de huntington e dos outros fanáticos da "influência do clima-.

nada, entretanto, de desviar-se para o fator clima a massa enorme de responsabilidades que, bem apuradas, tocam a forças sociais e econômicas dentro das quais se têm articulado culturas,  
1

organizações, tipos de sociedade. É certo que, muitas vezes, numa como aliança secreta com as forças naturais. outros vezes, porém, quase independentes delas.

o negro no brasil, nas suas relações com a cultura e com o tipo de sociedade que aqui se vem desenvolvendo, deve ser considerado principalmente sob o critério da história social e econômica. da antropologia cultural. daí ser impossível -- insistamos neste ponto - separá-lo da condição degradante de escravos, dentro da qual abafaram-se nele muitas das suas melhores tendências criadoras e normais para acentuarem-se outras, artificiais e até mórbidas. tornou-se, assim, o africano um decidido agente patogênico no seio da sociedade brasileira. por "inferioridade de raça", gritam então os sociólogos arianistas. mas contra seus gritos se levantam as evidências históricas - as circunstâncias de cultura e principalmente econômicas - dentro das qua,,f~ se deu o contato do negro com o branco no brasil. o negro foi patogênico, mas a serviço do branco; como parte irresponsável de um sistema articulado por outros.

nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa - colonização, a principio, de homens quase sem mulher - e no do brasil; na divisão

e em escravos pas-

sivos É que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos, através de formas sadistas de arnor que tanto se acentuaram entre nós; e em geral atribuídas É luxúria africana.

acresce que o culto de vênus urânia, trouxeram-no para o brasil os primeiros colonos vindos da europa - portugueses, espanhóis, italianos, judeus. aqui encontraram na moral sexual dos indígenas e nas condições, a principio desvairadas, de colonização, o meio de cultura favorável É expansão daquela forma de luxúria e de amor. europeus de nome ilustre figuram como sodomitas em processos da visitação do santo ofício É partes do brasil.<sup>101</sup> um deles, o fidalgo florentino filipe cavalcanti,

sistema escravocrata de organização agrária da sociedade em senhores todo-poderosos

#

n~

casa-grande do engenho d'agua vila bela, são paulo.  
(segundo fotografia do iman.)

fundador de família que lhe conserva o nome. o que não é de estranhar, dado o desenvolvimento, imento, da sodomia na Itália da renascença. da Itália da renascença é que se internacionalizaram os principais termos para designar particularidades do pecado nefando; e em processos e condenações espanholas dos séculos xvi e xvii arlindo camilo monteiro encontrou numerosos casos, de sodomitas italianos.102 João Lúcio de Azevedo particulariza os caorsinos, dos quais chegou a haver numerosa colônia em Lisboa, e que teriam sido propagadores do amor socrático entre os portugueses.103

mas entre os próprios portugueses e espanhóis, e entre os judeus e mouriscos da península, lavrava intensamente essa forma de luxúria ao descobrir-se e colonizar-se o Brasil, figurando nos processos frades, clérigos, fidalgos, desembargadores, professores, escravos. vários vieram degredados para o Brasil, entre outros certo frutoso alvarez, vigário de Matoim, que na Bahia confessou ao visitador do Santo Ofício em 29 de julho de 1591: "de quinze annos a esta parte que ha que estou nesta capitania da baya de todos os sanctos, cometeo a torpeza dos tocamentos desonestos com algumas quarenta pessoas pouco mais ou menos, abraçando, beyjando [ .... ] . 11 104 ~

'19.9. a. f.

por "abraçar e beijar" - eufemismo que indica várias formas de priapismo - foram degredados de Portugal para o Brasil numerosos indivíduos; e a esse elemento branco e não é colonizável negro deve-se atribuir muito da lubricidade brasileira. um elemento de colonização portuguesa do Brasil, aparentemente puro, mas na verdade corruptor, foram os meninos orfãos trazidos pelos jesuítas para seus colégios. informa Monteiro que nos "livros de nefando são citados com relativa frequência". 105

entre os próprios homens de armas portugueses sabe-se que nos séculos xv e xvi, talvez pelo fato das longas travessias marítimas e dos contatos com os países de vida voluptuosa do oriente, desenvolveram-se todas as formas de luxúria. heróis por todos admirados, deles facilmente se comunicaram às outras classes sociais os vícios e os requintes eróticos. Lopo, vaz de Sampaio faz crer que o próprio Afonso de Albuquerque - o "Albuquerque terrível" - teria tido seus requintes libidinosos.106

a frequência da feitiçaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. entretanto o primeiro volume de documentos relativos às atividades do Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas. suas práticas podem ter recebido influência africana: em essência, porém, foram expressões do satanismo

#

européu que ainda hoje se encontra entre nós, misturado com feitiçaria africana ou indígena. antônia fernandes, de alcunha nobrega, dizia-se aliada do diabo: as consultas, quem respondia por ela era "certa cousa que falava, guardada num vidro". magia medieval do mais puro sabor europeu, outra portuguesa, isabel rodrigues, ou boca-torta, fornecia poés mágicos e ensinava orações fortes. a mais célebre de todas, maria gonçalves, de alcunha arde-lhe-o-rabo, ostentava as maiores intimidades com o diabo. enterrando e desenterrando botijas, os bruxedos de arde-lhe-o-rabo ligavam-se quase todos a problemas de impotência e esterilidade. a clientela dessas feiticeiras coloniais parece que era quase exclusivamente de amosos, infelizes ou insaciáveis.

sabe-se aliás que em portugal a bruxaria chegou a envolver a vida de pessoas as mais cultas e ilustres. júlio dantas re-trata o próprio dom nuno da cunha. inquisidor-mor do reino no tempo de dom joão v, todo embrulhado na púrpura de cardeal - "espécie de bicho-da-seda", diz o cronista -- a tremer com medo de bruxas e feitios. e graves doutores, espíritos adiantados da época como curvo semedo, recomendavam aos seus doentes, contra a infidelidade conjugal, "certa bruxaria feita nos palmilhas do sapato da mulher e do marido". "boticó-

c.-g. & s. 323

#

rios astutos, de capas negras pingadas e grandes fivelas de prata nos sapatos, faziam fortuna vendendo a erva "pombinha" defumada com dentes de defunto lançados sobre tijolos em brasa - estranho feitio que despertava para o amor o organismo decrepito dos velhos e a frigidez desdenhosa dos moços." 307

o amor foi grande motivo em torno do qual girou a bruxaria em portugal. compreende-se aliás a voga dos feiticeiros, das bruxas, das benzedeadas, dos especialistas em sortilégios afrodisíacos, no portugal desfalcado de gente que, num extraordinário esforço de virilidade, pode ainda colonizar o brasil. a bruxaria foi um dos estímulos que concorreram, a seu modo, para a superexcitação sexual de que resultou preencherem-se legítima ou ilegítimamente, na escassa população portuguesa, os claros enormes abertos pelas guerras e pelas pestes. da crença nos sortilégios já chegavam impregnados ao brasil os colonos portugueses. a feitiçaria de direta origem africana aqui desenvolveu-se em lastro europeu. sobre abusos e crenças medievais.

como em portugal a bruxaria, a feitiçaria no brasil, depois de dominada pelo negro, continuou a girar em torno do motivo amoroso, de interesse de geração e de fecundidade; a proteger a vida da mulher grávida e da criança ameaçada por tantos males - febres, cólera de sangue, mordedura de cobra, espinhela caída, mau-olhado. a mulher grávida passou a ser profilaticamente resguardada desses e de outros males por uma série de práticas em que os influências africanas misturaram-se, muitas vezes descaracterizados, traços de liturgia católica e sobrevivências de rituais indígenas.

vindas de portugal, desabrocharam aqui várias crenças e magias sexuais: a de que a raiz de mandrógora atrai a fecundidade e desfaz malefícios contra os lares e a propagação das famílias; o hábito das mulheres trazerem ao pescoço durante a gravidez "pedras de ara" dentro de um saquinho; o cuidado de não passarem, quando prenhes, debaixo de escadas, sob o risco do filho não crescer; o hábito de cingirem-se, quando aperreadas pelas dores do parto, com o cordão de são francisco; o de fazerem promessas a nossa senhora do parto, do bom sucesso, do, da conceição, das dores, no sentido de um parto menos doloroso ou de um filho são ou bonito. atendido o pedido por nossa senhora, pagava-se a promessa, consistindo muitas vezes-em tomar a criança o nome de maria; donde as muitas marias no brasil: maria das dores, dos anjos, da conceição, de lurdes, das graças.108 outras vezes, em sair a criança vestida de anjo ou de santo em alguma procissão; em estudar para padre; em tornar-se freira; em deixar crescer o cabelo até criar

224

longos cachos que servissem para ofertar a imagem do senhor bom jesus dos passos; em vestir-se até a idade de doze ou treze anos de branco e azul, ou só de branco, em homenagem à Virgem maria. 109

#

deve-se ainda registrar o costume dos ex-votos de mulheres grávidas: ofertas de meninos de cera ou madeira às santas e nossas senhoras conhecidas como protetoras da maternidade. algumas capelas de engenho guardam numerosas coleções de ex-votos de mulheres

mas o grosso das crenças e práticas da magia sexual que se desenvolveram no brasil foram coloridas pelo intenso misticismo do negro; algumas trazidas por ele da África, outras africanas apenas na técnica, servindo-se de bichos e ervas indígenas. nenhuma mais característica que a feitiçaria do sapo para apressar a realização de casamentos demorados. o sapo tornou-se também, na magia sexual afro-brasileira, o protetor da mulher infiel que, para enganar o marido, basta tomar uma agulha enfiada em retrós verde, fazer com ela uma cruz no rosto do indivíduo adormecido e coser depois os olhos do sapo. por outro lado, para conservar o amante sob seu jugo precisa apenas a mulher de viver com um sapo debaixo da cama, dentro de uma panela. neste caso, um sapo vivo e alimentado a leite de vaca. ainda se emprega no brasil o sapo, na magia sexual ou no feitiço, cosendo-se-lhe a boca depois de cheia de restos de comida deixada pela vítima. outros animais ligados à magia sexual afro-brasileira são o morcego, a cobra, a coruja, a galinha, o pombo, o coelho, o cogado. ervas, várias - umas indígenas, outras trazidas da África pelos negros. algumas são violentas, diz manuel querino, que produzem tonturas, apenas trituradas com as mãos. outras que se bebem, se mascam, ou se fumam, tragando, como a maconha. até o caranguejo é instrumento de magia sexual: preparado com três ou sete pimentas-da-costa e atirado ao solo produz desarranjos no lar doméstico.110

foi a perícia no preparo de feitiços sexuais e afrodisíacos

que deu tanto prestígio a escravos macumbeiros junto a senhores brancos já velhos e gastos. agrippino grieco recolheu no rio de janeiro, na região das velhas fazendas de café, a tradição de senhores de 70, 80 anos, que estimulados pelos afrodisíacos dos negros macumbeiros, viviam rodeados de negrinhas ainda im-pubescentes; e estas a lhes proporcionarem as últimas. sensações de -omem. de um barão do império conta grieco que morreu já octogenário, a acariciar mucamas pubescentes e im-pubescentes. era ll muito camarada das bruxas e dos curandeiros aue o aprovi-sionavam de afrodisíacos".111 não teve outra velhice, em por-

c.-g. & s. 325

#

i

tugal, o marquês de marialva: beekford diz que ele se fazia rodear de anjinhos, isto é, de crianças vestidas de anjos; e que essas crianças prodigalizavam-lhe toda espécie de carícias.

não devemos esquecer o papel importante que chegou a representar o café na magia sexual afro-brasileira. há mesmo no brasil a expressão "café mandingueiro". trata-se de um café com mandinga dentro: muito açúcar e "alguns coágulos de fluxo catamenial. da própria enfeitiçante".^- antes filtro amoroso do que mandinga. mas um filtro amoroso como não se pode imaginar outro mais brasileiro: café bem forte, muito açúcar, sangue de mulata. há outra técnica: a de coar-se o café na fralda de uma camisa com que tenha dormido a mulher pelo menos duas noites consecutivas. este café deve ser bebido pelo homem duas vezes, uma no almoço, outra no jantar.113 aliás a fralda suja de camisa de mulher entra na composição de muita mandinga de amor; como entram outras cousas noientas. pêlos de sobaco ou das partes genitais. suor. lágrimas. saliva. sangue. aparas das unhas. esperma. alfredo de carvalho menciona ainda: "o muco catamenial, excreto das glândulas de bartholin e até mesmo dejetos". de posse de' qualquer destas substâncias, o catimbozeiro, mandingueiro ou macumbeiro diz que "abranda o coração" das pessoas mais esquivas.114

há catimbozeiros que confeccionam bonecos de cera ou de pano. são os feitiços mais higiênicos do ponto de vista do enfeitiçado. sobre esses calungas operam os mestres-carlos tudo quanto desejam que se reflita sobre o indivíduo a enfeitiçar; questão de rezarem forte. o mais é só brincar com o boneco: apertá-lo, machucá-lo, estender-lhe os braços, escancarar-lhe as pernas. que tudo se reflete na pessoa distante.

há outro feitiço que consiste em cortar a tesoura cruzeiras na camisa do homem, bem no meio do peito. para isso, roubam-se peças da trouxa de roupa lavada.

não são para fins amorosos, como em torno ao recém-nascido, reuniram-se, no brasil, as duas correntes místicas: a portuguesa, de um lado; a africana ou a ameríndia, do outro. aquela representada pelo pai ou pelo pai e mãe brancos; esta, pela mãe índia ou negra, pela ama-de-leite, pela mãe de criança, pela mãe-preta, pela escrava africana. os cuidados profiláticos de mãe e ama confundiram-se sob a mesma onda de ternura maternal. quer os cuidados de higiene do corpo, quer os espiri-

tuais, contra os quebrantos e o mau-olhado.

na proteção mística do recém-nascido salientou-se por um a afeição da ama africana. tradições portuguesas trazidas pelos colonos brancos - a do cordão umbilical ser atirado ao fogo

326 g. f.

i

#

ou ao rio, sob pena de o comerem os ratos, dando a criança para ladra; a da criança trazer ao pescoço o vintém ou a chave que cura os sapinhos do leite; a de rir se apagar luz enquanto o menino não for batizado para não vir a feiticeira, a bruxa ou o lobisomem chupar-lhe o sangue no escuro; a de se darem nomes de santos às crianças pois, do contrário, se arriscam a virar lobisomens - foram aqui modificadas ou enriquecidas pela influência da escrava africana. da ama do menino. da negra velha.

também as canções de berço portuguesas, modificou-as a boca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. assim a velha canção "escuta, escuta, menino" aqui amoleceu-se em "durma, durma, meu filhinho", passando belém. de "fonte" portuguesa, a "riacho" brasileiro. riacho de engenho. riacho com mãe-d'água dentro, em vez de moura-encantada. o riacho onde se lava o timózinho de nenê. e o mato ficou povoado por "um bicho chamado carrapatu". e em vez do papão, ou da coca, começaram a rondar o telhado ou o copiar das casas-grandes, atrás dos meninos malcriados que gritavam de noite nas redes ou dos trelosos que iam se lambuzar da geléia der aração guardada na despensa - cabras-cabriolas, o boitatô, negros de surrão, negros velhos, papa-figos.

deixou-se de ninar o menino cantando como em Portugal:

vai-te, coca, vai-te, coca,  
para cima do telhado:  
deixa dormir o menino  
um soninho descansado.115

para se cantar de preferência:

i

olha o negro velho  
em cima do telhado.  
ele está dizendo  
quer o menino assado.116

não que a coca ou cuca tenha desaparecido de todo das canções de acalanto do Brasil. amadeu amaral (pai) ainda recolheu esta quadrinha - evidentemente no sul:

durma, meu benzinho,  
que a cuca j'ei vem;

papai foi na roça,  
mamãe logo vem.117

c.-g. & s. 327

#

r2~r fim r-,

casa-grande do engenho megalope, construção do século xvii.  
(segundo fotografia de ulisses de melo freyre.)

todo o mundo gostava da voz do surro; e dava dinheiro ao negro velho. um dia chegou o negro à casa da madrastra, convidaram o velho para descansar. para comer e beber; e como já era tarde, para dormir. parece que as irmãs da menina tinham desconfiado da voz bonita do surro. de noite, quando o negro pegou no sono, as moças foram, abriram o surro, tiraram a menina. estava se acabando de fraca. coitadinha, o negro só lhe tinha dado de comer sola de sapato velho. em lugar da menina, as moças encheram o surro de coco. No dia seguinte o negro levantou-se, tomou café e partiu - sem dar pela cousa. quando na casa próxima o negro mandou o surro cantar - o surro calado. o negro pensou que era a menina dormindo. meteu o pau no surro. mas este se arreventou todo, emporcalhando o velho.

as histórias portuguesas sofreram no brasil consideráveis modificações na boca das negras velhas ou amas-de-leite. foram as negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de histórias. os africanos, lembra a. b. ellis, possuem os seus contistas. "alguns indivíduos fazem profissão de contar his-

330 g. f.

tórias e andam de lugar em lugar recitando contos." 121 h o akpalé fazedor de alé ou conto; e h o arokin, que é o narrador das crônicas do passado. o akpalé é uma instituição africana que floresceu no brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar histórias. negras que andavam de engenho em engenho contando histórias às outras pretas, amas dos meninos brancos. josé Lins do rego, no seu menino de engenho, 122 fala das velhas estranhas que apareciam pelos bangilés da paraíba: contavam histórias e iam-se embora. viviam disso. exatamente a função e o gênero de vida do akpalé.

por intermédio dessas negras velhas e das amas de menino, histórias africanas, principalmente de bichos - bichos confraternizando com as pessoas, falando como gente, casando-se, banqueteadando-se - acrescentaram-se às portuguesas, de trancoso, contadas aos netinhos pelos avós coloniais - quase todas histórias de madrastras, de príncipes, gigantes, princesas, pequenos-polegares, mouras-encantadas, mouras-tortas.

a linguagem infantil também aqui -se amoleceu ao contato--- da criança com a ama negra. algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no brasil por influência da boca africana. da boca africana aliada ao clima - outro corruptor das línguas européias, na fervura por que passaram na américa tropical e subtropical.



o processo de reduplicação da sílaba tônica, tão das lín-

#

guas selvagens e da linguagem das crianças, atuou sobre várias palavras dando ao nosso vocabulário infantil um especial encanto. o "dói" dos grandes tornou-se o "dodói" dos meninos. palavra muito mais dengosa.

a ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. daí esse português de menino que no norte do brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. a linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacô, pipi, bumbum, tentô, nenen, tatô, papô, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho, bimbinha. amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. as antônias ficaram dondons, toninhas, totonhas; as teresas, tetôs; os manúis, nezinhos, mandus, manôs; os franciscos,

e.-#. a a- 331

#

ch-'co, chiquinho, chicô; os pedros, pepôs; os albertos, bebetos, betinhos. isto sem falarmos das iaiôs, dos ioiôs, das sinhôs, das manus, calus, bembens, dedôs, marocas, nocas, nonocas, gegôs.

e não só a língua infantil se abrandou desse jeito mas a linguagem em geral, a fala sôria, solene, da gente grande, toda ela sofreu no brasil, ao contato do senhor com o escravo, um amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido. efeitos semelhantes aos que sofreram o inglês e o francês noutras partes da américa, sob a mesma influência do africano e do clima quente. mas principalmente do africano. nas antilhas e na luisiana 'bonnes vieilles négressee' adocicaram o francês, tirando-lhe o fanhoso antipático, os rr zangados; no sul dos estados unidos as "old mammies" deram ao ranger das sílabas ásperas do inglês uma brandura oleosa. nas ruas de nova orleôs, nos seus velhos restaurantes, ainda se ouvem anunciar nomes de bolos, de doces, de comidas num francês mais lórico que o da França: "pratines de pacanes", "bon café tout chaud", "blanches tablettes à la fleur woranger". influência das "bonnes vieilles négresses".

caldcleugh, que esteve no brasil em princípios do século xix, deficiou-se com o português colonial. um português gordo, descansado. distinguiu-o logo do da metrópole. a pronúncia dos brasileiros pareceu-lhe menos nasal do que a dos portugueses; e menos judia ('not so jewish') na maneira de pronunciar o s; "and on the whole is a more agreeable language than in the mouth of a native".123 fato que caldcleugh atri-

buiu exclusivamente ao clima. ao calor dos trópicos. o clima lhe pareceu agir sobre a fala, como sobre a atividade mental dos brasileiros, no sentido de uma grande lassidão. curioso, porém, que, tão atento à influência dos judeus sobre a pronúncia reinol do s, Caldwell não tivesse reparado na influência dos negros sobre o português no Brasil. quando os negros foram maiores inimigos que o clima dos ss e dos rr; maiores corruptores da língua: no sentido da lassidão e do langor. moças negras e mucamas, afeiçadas aos meninos, as meninas, as moças brancas das casas-grandes, criaram um português diverso do hirto e gramatical que os jesuítas tentaram ensinar aos meninos índios e semibrancos, alunos de seus colégios; do português reinol que os padres tiveram o sonho vago de conservar no Brasil. depois deles, mas sem a mesma rigidez, padres-mestres e capelães de engenho procuraram contrariar a influência dos escravos, opondo-lhe um português quase de estufa. mas quase em vão.

332 g. f.

embora tenha fracassado o esforço dos jesuítas, contribuiu entretanto para a disparidade, a que já aludimos, entre a língua escrita e a falada do Brasil: a escrita recusando-se, com escrúpulos de donzelona, ao mais leve contato com a falada; com

#

a do povo; com a de uso corrente. mesmo a língua falada conservou-se por algum tempo dividida em duas: uma, das casas-grandes; outra, das senzalas. mas a aliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhó-moça, do sinhozinho com o muleque acabou com essa dualidade. não foi possível separar a cacos de vidro de preconceitos puristas forças que tão freqüente e intimamente confraternizavam. no ambiente relaxado da escravidão brasileira, as línguas africanas, sem motivos para subsistirem à parte, em oposição à dos brancos, dissolveram-se nela, enriquecendo-a de expressivos modos de dizer; de toda uma série de palavras deliciosas de pitoresco; agrestes e novas no seu sabor; muitas vezes, substituindo com vantagem vocábulos portugueses, como que gastos e usados pelo uso. João Ribeiro, mestre em assuntos de português o de história da língua nacional, que o diga com voz autorizada: "número copioso de vocábulos africanos penetraram na língua portuguesa, especialmente no domínio do Brasil, por efeito das relações estabelecidas com as raças negras." e não apenas vocábulos soltos, desconjuntados, se acrescentaram à língua do colonizador europeu: verificaram-se alterações "bastante profundas não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma".124 É certo que as diferenças a separarem cada vez mais o português do Brasil do de Portugal não resultaram todas da influência africana; também da indígena; "dos ciganos"; "dos espanhóis"; e João Ribeiro acrescenta: "do clima, de novas necessidades, novas perspectivas, novas cousas e novas indústrias". mas nenhuma influência foi maior que a do negro. as palavras africanas hoje do nosso uso diário, palavras em que não sentimos o menor sabor arrevesado do exótico, são inúmeras. os menos puristas, escrevendo ou falando em público, já não têm,

como outrora, vergonha de empregá-las. Como se nos tivessem vindo de Portugal, dentro dos dicionários e dos clássicos; com genealogia latina, árabe ou grega; com pai ou mãe ilustre. São entretanto vocábulos próprios, sem pai nem mãe definida, que adotamos de dialetos negros sem história nem literatura; que deixamos que subissem, com os muleques e as negras, das senzalas às casas-grandes. que brasileiro - pelo menos do norte - sente exotismo nenhum em palavras como camba, canga, dengo, cafunó, lubambo, mulambo, caçula, quitute, mandinga, muleque, camundongo, munganga, cafajeste, quibebe, quengo, ba-e---g~a s. 333

#

i.uque, banzo, mucambo, bangô, bozô, mocotô., bunda, zumbi, vatapô, caruru, banzô, filô, mucama, quindim, catinga, mugunzô, malungo, birimbau, tanga, cachimbo, candomblô? ou acha mais jeito em dizer "mau cheiro" do que "catinga"? ou "garoto" de preferência a "muleque"? ou "trapo" em vez de "mulambo"? são palavras que correspondem melhor que as portuguesas à nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções.

os padres-mestres e os capelães de engenho, que, depois da saída dos jesuítas, tornaram-se os principais responsáveis pela educação dos meninos brasileiros: tentaram reagir contra a onda absorvente da influência, negra, subindo das senzalas às casas-grandes; e agindo mais poderosamente sobre a língua dos sinhomoços e das sinhazinhas do que eles, padres-mestres, com todo o seu iatôm e com toda a sua gramática; com todo o prestígio das suas varas de marmelo e das suas palmatórias de socupira. frei miguel. do sacramento lopes gama era um dos que se indignavam quando ouvia "meninas galantes" dizerem "mandô", "buscô", "'comô", "mi espere", -"ti faô", "mi deixe", "muler", "4'coler", le pediu", "cadô ele", "66vigie", "espie".125 e dissesse algum menino em sua presença um "pru mode" ou um "oxente"; veria o que era beliscão de frade zangado.

para frei miguel, - padre-mestre às direitas - era com os portugueses ilustres e polidos que devíamos aprender a falar, e não "com tia rosa", nem "mãe benta"; nem com nenhuma preta da cozinha ou da senzala. meninos e moças deviam fechar os ouvidos aos "oxentes" e aos "mi deixe" e aprender o português correto, do reino. nada de expressões bundas nem caçanjes.

sucedeu, porém, que a língua portuguesa nem se entregou de todo à corrupção das senzalas, no sentido de maior espontaneidade de expressão, nem se conservou acalafetada nas salas de aula das casas-grandes sob o olhar duro dos padres-mestres. a nossa língua nacional resulta da interpenetração das duas tendências. devemos-lá tanto às mães bentas e às tias rosas como aos padres gamas e aos\* padres pereiras. o português do Brasil, ligando as casas-grandes às senzalas, os escravos aos senhores, as mucamas aos sinhomoços, enriqueceu-se de uma variedade de antagonismos que falta ao português da Europa. um exemplo, e dos mais expressivos, que nos ocorre, é o caso dos!pronomes. temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um - o "modo duro e-imperativo": 126 diga-me, faça-me, espere-me. sem desprezar-

mos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso,

334 g. f.

.7

i

#

caracteristicamente brasileiro: me diga, ine faça, me espere. modo bom, doce, de pedido. e servimo-nos dos dois. ora, esses dois modos antagônicos de expressão, conforme necessidade de mando ou cerimônia, por um lado, e de intimidade ou de súplica, por outro, parecem-nos bem típicos das relações psicológicas que se desenvolveram através da nossa formação patriarcal entre os senhores e os escravos: entre as senhoras e as mucamas; entre os brancos e os pretos. "faça-me", o senhor falando; o pai; o patriarca; "me diga", o escravo, a mulher, o filho, a mucama. parece-nos justo atribuir em grande parte aos escravos, aliados aos meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de colocar pronomes. foi a maneira filial, e meio dengosa, que eles acharam de se dirigir ao paterfamilias. por outro lado o modo português adquiriu na boca dos senhores certo rancor de ênfase hoje antipático: "faça-me isso"; "diga-me aquilo". o mestre ilustre que João ribeiro permita-nos acrescentar esta tentativa de interpretação histórico-cultural ao seu exame psicológico da questão dos pronomes; e ao mesmo tempo fazemos nossas estas suas palavras: "que interesse temos, pois, em reduzir duas fórmulas a uma única e em comprimir dois sentimentos diversos numa só expressão?" 127 interesse nenhum. a força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados; o caso dos pronomes que sirva de exemplo. seguirmos só o chamado "uso português", considerando ilegítimo o "uso brasileiro", seria absurdo. seria sufocarmos, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais, e até de inteligência, que só encontram expressão justa no "me diga" e no "me diga". seria ficarmos com um lado morto; exprimindo só metade de nós mesmos. não que no brasileiro subsistam. como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. de modo nenhum. somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos completarmos num todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro. lars ringbom vê grandes possibilidades de desenvolvimento de cultura no mestiço: mas atingido o ponto em que uma metade de sua personalidade não procure suprimir a outra. 128 o brasil pode-se dizer que já atingiu esse ponto: o fato de já dizermos "me diga", e não apenas "diga-me", e dos mais significativos. como o de empregarmos palavras africanas com a naturalidade com que empregamos as portuguesas. sem aspas nem grifo.

o figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais,  
c.-g, & s. 335

#

criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro "padre-nosso", a primeira "ave-maria", o primeiro "vê-te!" ou "oxente", que lhe dava na boca o primeiro pirão com carne e "molho de ferrugem" ela própria amolegando a comida - outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora. o vulto do muleque companheiro de brinquedo. o do negro velho, contador de histórias. o da mucama. o da cozinheira. toda uma série de contatos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. importando em experiências que se realizavam através do escravo ou de sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor.

ao muleque companheiro de brinquedo do menino branco e seu leva-pancadas, já nos referimos em capítulo anterior. suas funções foram as de prestado man-gostoso, manejado e vontade por nhonho; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pé de serra por dentro; de pé de serra e de pano como os judas de sobado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos. "logo que a criança deixa o berço", escreve koster, que soube observar, com tanta argúcia a vida de família nas casas-grandes coloniais, "dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo e além disso incorre sempre em censura e em punição [ .... 1. enfim, a ridícula ternura dos pais anima o insuportável despotismo dos filhos." 129 "não havia casa onde não existisse um ou mais muleques, um ou mais curumins, vítimas consagradas aos caprichos de nhonho", escreve José Veríssimo, recordando os tempos da escravidão. "eram-lhe o cavalo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados." 130 lembra-nos júlio belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, muleques. nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos de senhores de engenho, os muleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. mas principalmente cavalos de carro. ainda hoje, nas zonas rurais menos invadidas pelo automóvel, onde velhos cabriolos de engenho rodam pelo massapé mole, entre os canaviais, os meninos brancos brincam de carro de cavalo "corn muleques e até mulequinhas filhas das amas", servindo de parelhas.131 um barbante serve de rédea; um galho de goiabeira, de chicote.

336 g. f-

de supor a repercussão psíquica sobre os adultos de semelhante tipo de relações infantis - favorável ao desenvolvimento de tendências sadistas e masoquistas. sobre a criança do sexo feminino, principalmente, se aguçava o sadismo, pela maior

fixidez e monotonia nas relações da senhora com a escrava, sendo até para admirar, escrevia o mesmo koster em principios do século xix, "encontrarem-se tantas senhoras excelentes, quando tão pouco seria de surpreender que o caráter de muitas se ressentisse -da desgraçada direção que lhes deu na infância". 132 sem contatos com o mundo que modificassem nelas, como nos rapazes, o senso pervertido de relações humanas; sem outra perspectiva que a da senzala vista da varanda da casa-grande, conservavam muitas vezes as senhoras o mesmo domínio malvado sobre as imicamas que na infância sobre as negrinhas suas companheiras de brinquedo. "nascem, criam-se e continuam a viver rodeadas de escravos, sem experimentarem a mais ligeira contrariedade, concebendo exaltada opinião de sua superioridade sobre as outras criaturas humanas, e nunca imaginando que possam estar em erro", escreveu koster das senhoras brasileiras. 133 além disso, aborrecendo-se facilmente. falando alto. gritando de vez em quando. fletcher e kidder, que estiveram no brasil no meado do século xix, atribuem a fala estridente e desagradável das brasileiras ao hábito, de falarem sempre aos gritos, dando ordens às escravas. 134 o mesmo teriam observado no sul dos estados unidos, que sofreu influências sociais e econômicas tão semelhantes às que atuaram sobre o brasil durante o regime de trabalho escravo. ainda hoje, por contágio das gerações escravocratas, as moças das carolinas, do mississippi, de alabama falam gritando do mesmo modo que no brasil as nortistas, filhas e netas de senhor de engenho.

quanto à maior crueldade das senhoras que dos senhores no tratamento dos escravos é fato geralmente observado nas sociedades escravocratas. confirmam-no os nossos cronistas. os viajantes, o folclore, a tradição oral. não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. sinhó-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. toda uma série de judiarias.

c.-g. & s. 337

i

#

o motivo, quase sempre, o ciúme do marido. o rancor sexual. a rivalidade de mulher com mulher.

"entre nós", escreveu burlamaqui nos começos do século xix, "as phrases mais communs quando huma mulher desconfia que seu marido, ou seu amante, tem contactos illicitos com al-uma escrava são: eu a frigirei, eu a assarei, lhe queimarei e ou cortarei tal ou tal parte & c. e quantas vezes estas ameaças não vão a effeito mesmo por simples desconfianças." 135 anselmo da fonseca, escrevendo cinquenta anos depois de burlamaqui,

salienta a crueldade das---brasileirasescravocratas" que "se rego-  
sijão em sobre ellas [as escravas] exercer na estreiteza do lar,  
ferrea tyrannia, nestas condições affligentissimas: porque as  
victimas são obrigadas a estar constantemente ao lado, e a viver  
ao pé do algoz". como exemplo, cita fonseca o caso de  
dona f. de c. - tão exagerada na sua crueldade para com  
as escravas. que chegou a ser processada pela morte de uma  
delas, joana. 136

o isolamento (rabe en). que viviam as antigas sinh-donas,  
principalmente nas casas-grandes de engenho, tendo por com-  
panhia quase que exclusivamente, escravas passivas, sua submis-  
são muulmana diante dos maridos, a quem se dirigiam sempre  
com medo, tratando-os de "senhor", talvez constituíssem estómu-  
los poderosos ao sadismo das sinhós, descarregado sobre as muca-  
mi,- e as mulecas em rompantes históricos; "passado adiante",  
covo em certos jogos ou brinquedos brutos. sadistas eram, em  
primeiro lugar, os senhores com relação às esposas.

tanto quanto o inglês koster, admirou-se o padre-mestre  
lopes gama que crescendo as brasileiras entre o "desprimor,  
a sem vergonha, a frascaria, os desregramentos dos escravos  
( .... 1, as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi  
todos os dias de nossos paes", ainda assim dessem para virtuosas  
e até para delicadas. "pudera além disso sustentar que as brasi-  
leiras são de todas as mulheres as mais propensas às virtudes;  
pois vendo desde a infancia tantos exemplos de lubricidade, ha  
entre ellas tão crescido numero de senhoras honestas, e verda-  
deiramente honradas. que fariam, se tivessem huma educação  
delicada e cuidadosa?" 137

verificaram-se, é certo, casos de irregularidades sexuais en-  
tre sinh-donas e escravos. um que teria ocorrido em pernambuco  
nos meados do século passado e no seio de importante  
família, assegura-nos velho senhor de engenho ter visto regis-  
trado, em documento íntimo, com detalhes persuasivos. mas  
nem as tradições rurais nem os relatos dos estrangeiros merecedores  
de fé, nem as críticas, muitas vezes verdadeiros libelos,

'a.  
q,q a. f.

ir

#

casa-grande e capela do sítio piranhenga, no maranhão.  
(segundo fotografia do iphan)

dos mós-línguas desabusados da marca do padre lopes gama,  
autorizam-nos a concluir com m. bonfim, no seu américa la-  
t

tina: "nóo raro a sinh-moça criada a roçar os muleco es, en-  
trega-se a eles, quando os nervos degenerados acordam em dese-  
jos irreprimáveis; então intervém a moral paterna: castra-se. com  
uma faca mal-afiada o negro ou mulato, salga-se a ferida, enter-  
ram-no vivo depois. a rapariga, com um dote reforçado, casa  
com um primo pobre. . . 11 138

nóo que o despotismo paterno do tempo da escravidão nos

parecia incapaz de malvadeza dessas, ou ainda piores; nem a sensibilidade muitas vezes morbida das iaias, de desejos ainda mais lúbricos. mas o ambiente em que eram criadas nas casas-grandes dificilmente permitia aventuras tão arriscadas. o "nôo raro" de m. bonfim nos soa artificial ou pelo menos exagerado. basta recordarmos o fato de que, durante o dia, a moça ou menina branca estava sempre sob as vistas de pessoa mais velha ou da mucama de confiança. vigilância que se aguçava durante a noite. o dormida das meninas e moças reservava-se, nas casas-grandes, a alcova, ou camarinha, bem no centro da casa, rodeada de quartos de pessoas mais velhas. mais uma prisão que aposento de gente livre. espécie de quarto de doente grave que

c.-g- & s. 339

#

precisasse da vigília de todos. não louvamos o sistema: apenas procuramos lembrar sua quase incompatibilidade com aventuras da espécie referida por m. bonfim. estas ocorreram, decerto; porém raramente.

objetar-se-que o sexo todo-poderoso quando desembestado; e não o negamos de modo algum. a dificuldade que reconhecemos é mais a física: a das grossas paredes, a dos verdadeiros ralos de convento em que, nas casas-grandes, se guardavam as sinhó-moças. a vinha colheu-las verdes o casamento: aos treze e aos quinze anos. não havia tempo para explodirem em tão franzinos corpos de menina grandes paixões fabricadas, cedo saciadas ou simplesmente abafadas no telamo patriarcal. abafadas sob as carícias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecidos das noivas. maridos da "escolha ou da conveniência exclusiva dos pais. bacharéis de bigodes lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, possibilidades políticas. negociantes portugueses redondos e grossos; sucos enormes; grandes brilhantes no peitilho da camisa, nos punhos e nos dedos. oficiais. médicos. senhores de engenho. desses casamentos feitos pelos pais nem sempre resultaram dramas ou infelicidades. talvez pelo fato dos velhos, pensando a frio, encararem o problema com mais realismo e melhor senso prático que os jovens romanticamente apaixonados.

é certo que nem sempre os pais foram obedecidos nas suas escolhas de noivos para as filhas. as tradições referem casos, raros, é verdade, de raptos e fugas românticas. sellin afirma que do meado do século xix em diante esses raptos tornaram-se frequentes." neles figurava sempre um negro ou mucama - cúmplice do raptor ou da raptada; negro ou mucama que era costume alforriar-se. com a cumplicidade de esperta mucama. que fugiu, em pernambuco, por volta de 1860, bonita moça da família c... ocorreu a fuga bem na véspera do seu casamento com ilustre bacharel da escolha dos pais. estes ofereceram logo ao noivo ludibriado a mão de outra filha, que foi imediatamente aceita. de modo que o casamento realizou-se tranquilamente, sem outro incidente que o perturbasse.

sabe-se que enorme prestígio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. pela negra ou mulata de estimação é que a menina se iniciava nos mistérios do amor. "a mucama escrava", observou no meado do século xix o roman-



cista joaquim manuel de macedo, o c0lebre", d'0 moreninha, "embora escrava, 0 ainda mais que o padre confessor e do que o m0dico da donzela: porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o m0dico, ainda nos casos mais graves de altera-

340 g. f.

00o da sa0de, conhece-lhe imperfeitamente o corpo enfermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto quanto o padre e o corpo mais do que o m0dico."

hist0rias de casamento, de namoros, ou outras, menos ro-

#

m0nticas, mas igualmente sedutoras, eram as mucamas que contavam 0s sinhazinhas nos doces vagares dos dias de calor, a menina sentada, 0 mourisca, na esteira de pipiri, cosendo ou fazendo renda; ou ent0o deitada na rede, os cabelos soltos, a negra catando-lhe piolho, dando-lhe cafun0; ou enxotando-lhe as moscas do rosto com um abano. suprira-se assim para uma aristocracia quase analfabeta a falta de leitura. modinhas e can0es, era ainda com as mucamas que as meninas aprendiam a cantar - essas modinhas coloniais t0o impregnadas do erotismo das casas-grandes e das senzalas; do erotismo dos iolos nos seus derreios pelas mulatinhas de cangote cheiroso ou pelas priminhas brancas; voluptuosas modinhas de que el0i Pontes reco. lheu uma t0o expressiva do amor entre brancos e mulatas:

meu branquinho feiticeiro,  
doce ioi0 meu irm0o,  
adoro teu cativeiro,  
branquinho do cora00o,

pois tu chamas de irm0Zinha  
a tua pobre negrinha  
que estremece de prazer,  
e vais pescar 0 tardinha  
mandi, piau e corvina  
para a negrinha comer.

em nenhuma  
de promiscuidade

das modinhas antigas se sente melhor o visgo  
nas rela0es de sinh0-mo0os das casas-grandes  
com mulatinhas das senzalas. rela0es  
de incestuoso no erotis o 0s vezes doentio

com alguma coisa  
0 mesmo poss0vel

que, em alguns casos, se amassem o filho branco e a filha mulata do mesmo pai. walsh, nas suas viagens pelo brasil, surpreendeu uma fam0lia brasileira francamente incestuosa: irm0o amigado com irm0.140 e na mantiqueira viu uma dan0a em que os membros de certa fam0lia mesti0a revelavam h0bitos lamentavelmente incestuosos, que escandalizaram o padre ingl0s.

0 verdade que para escandalizar o padre ingl0s 'nao eram

precisos casos extremos de incesto: bastavam os casamentos, tão frequentes no Brasil desde o primeiro século da colonização, de tio com sobrinha; de primo com prima. Casamentos cujo fim era evidentemente impedir a dispersão dos bens e conservar a

c-g-&s. 3,11

#

limpeza do sangue de origem nobre ou ilustre. Tudo indica ter sido este o intuito de Jerônimo de Albuquerque, o patriarca da família pernambucana, ao casar seus dois primeiros filhos varões, havidos de dona Maria do Espírito Santo Arcoverde - a princesinha Índia - com duas irmãs de sua mulher legítima. Dona Filipa de Melo, filha de Dom Cristóvão de Melo.<sup>141</sup> A mulher que lhe recomendara para esposa a rainha dona Catarina, horrorizada com a vida mulmana de polígamo do cunhado de Duarte Coelho. Não foram unões consanguíneas: mas de indivíduos que, casando-se, apertavam os laços de solidariedade de família em torno do patriarca. Era esse o fim dos casamentos de tios com sobrinhas.

Maria Graham ficou encantada com certos aspectos da vida de família no Brasil: um apego, uma intimidade, uma solidariedade entre as pessoas do mesmo sangue que lhe recordaram o espírito de clã dos escoceses. Mas notou esta inconveniência: do, casamentos só se realizarem entre parentes. Principalmente tios com sobrinhas. Casamentos, escreve ela, que em vez de alargarem as relações da família e de difundirem a propriedade. Concentravam-nas, estreitando-as e limitando-as. Além de "prejudicarem a saúde".<sup>142</sup>

Mas quem ao referir-se à frequência dos casamentos consanguíneos no Brasil levanta a voz. Indignado, contra a igreja e os padres, é o capitão Richard Burton. "Licenças para cometer incesto", chama ele às dispensas da igreja. Mas confessa não ter deparado casos em que se revelassem "os resultados terríveis" do horroroso pecado. "Não que Burton - livre-pensador inglês, embora casado com uma mulher ranzinza e de idéias estreitíssimas - acreditasse em pecado no sentido teológico: se estava convencido do mal dos casamentos de tio com sobrinha e de primo com prima era do ponto de vista da eugenia.

O que os casamentos entre parentes, tão comuns no Brasil do tempo da escravidão, nunca impediram, foi que lutas tremendas separassem primos e até irmãos, genros e sogros, tios e sobrinhos, extremando-os em inimigos de morte; que grandes famílias se empenhassem em verdadeiras guerras por questões de heranças ou de terras, às vezes por motivos de honra ou de partidário político. Um trecho de Canavial, uma mulher, um escravo, um boi, uma eleição de deputado, escreveu Andreoni (Antonil) no século XVIII: "há no Brasil muitas paragens em que os senhores de engenho são entre si muito chegados por sangue, e pouco unidos por caridade, sendo o interesse a causa de toda a discordia, e bastando talvez um péo que se tire ou um

boi que entre em um canavial por descuido para declarar o ódio escondido, e para armar demandas e pendências mortais". "Mal inseparável do privatismo: do exagerado sentimento de

propriedade privada. o qual começa criando rivalidades sangrentas entre vizinhos - grandes senhores de terras - para terminar balcanizando continentes.

#

as crônicas coloniais guardam a memória das lutas em que se empenharam pires e camargos em são paulo; no século xix foi terrível o conflito entre montes e feitasas no nordeste. e os escravos sempre fiéis e valentes ao lado dos senhores. brigando. morrendo por eles. no tempo do império, com a rivalidade entre os partidos, os negros das senzalas, tanto quanto os brancos das casas-grandes, dividiam-se em "liberais" e "conservadores" e participavam das rixas eleitorais dos brancos, esfaqueando-se, navalhando-se e brigando a cacete.

as lutas entre pires e camargos romperam em 1640; e prolongaram-se por mais de um século. arrastaram outras famílias: os taques, os lemes, os laras, do lado dos pires; os buenos e os rendons, do lado dos camargos.145 combateram nessas lutas entre grandes família~ Índios de arco e flecha; negros escravos; cabras. foú nelas que se desenvolveram os nossos bravi de cor: os cabras, negros, caboclos que a princípio defenderam as casas-grandes dos seus senhores dos ataques dos Índios; que depois serviram nas guerras contra a holanda; nas expedições contra os quilombos; na guerra do paraguai. que deram força ao espírito de ordem representado pelos senhores de engenho do tipo do morgado do cabo contra a demagogia

ao espírito de independência brasileira contra as das cidades, pretensões dos portugueses de administrarem o brasil como simples colônia de plantaço. não só os bravi de cor desenvolveram-se nessas lutas em sucos da américa - como aos negros das charqueadas e estâncias do sul do brasil chamou uma vez um oficial argentino:148 também os brancos, seus senhores, em chefes desassombrados e temíveis. condottieri. chefes da marca de pedro ortiz de camargo - o que mandou dizer ao governador português do rio de janeiro ser desnecessária sua presença em são paulo. da marca dos senhores de engenho pernambucanos que em 1666 tiveram a afoiteza de prender na rua de são bento o 4.º governador e capitão-geral de pernambuco, jeronimo de mendonça furtado, e de expulsá-lo da capitania para o reino. da parca dos antônio cavalcanti, dos vidal de negreiros, dos fernandes vieira - que venceram a guerra contra os holandeses, quase sozinhos e sem auxílio da metrópole. apenas com seus negros e cabras de engenho."

342 g. f.

c.-g. & s. 343

#

i

voltando os modinhas de engenho do brasil - resultado do erotismo patriarcal: chamegos com negras, mulatas, primas - recordaremos que elas fizeram furor nos salões portugueses ao

século xviii alternando com as novenas, os lausperenes e as festas de igreja. william, beckford, que teve ocasião de ouvi-las em casa fidalga, frequentada também pelo arcebispo do ~ve, dom josé Maria de melo - grande apreciador de modinhas cantadas ao violão - procurou interpretar-lhes o encanto viscoso: "penetram elas no coração como que insinuando-se infantilmente antes que ele tenha tempo para defender-se dessa influência enervante; julgareis beber um doce leite e o veneno da voluptuosidade que penetra até aos mais íntimos recessos do vosso organismo.11148

nem todas as modinhas celebravam o quindim das mulatas das senzalas; muitas exaltavam as iaias das casas-grandes, filhas de senhor de engenho. meninas de doze, treze, quatorze anos. "anjos louros." "santas imaculadas." "pálidas madonas." "marias do céu." "marias da graça." "marias, das dores." "marias da glória." e eram de fato umas nossas senhoras: quando saíam de palanquiti ou de liteira, nos ombros de negros de libré, era como se saíssem de andor. brincos de ouro. tetéias. figas. às vezes iam mucamas, na frente, levando outros brincos e outras tetéias das sinhazinhas; e tanto era o ouro que levavam algumas negras ou mulatas em cordões, pulseiras, braceletes e bentinhos que "sern hipérbole", diz vilhena, "basta para comprar duas ou três negras ou mulatas como a que o leva".49 desde o dia da primeira comunhão que deixavam as meninas de ser crianças: tomavam-se sinhó-moças. era um grande dia. maior só o do casamento. vestido comprido todo de cassa guarnecido de folhos e pregas. o corpete franzido. a faixa de fita azul caindo para trás, em pontas largas, sobre o vestido branco. a bolsa esmoleira de tafetá. o véu de filé. a capela de flor de laranja. os sapatinhos de cetim. as luvas de pelica. o livrinho de missa encadernado em madreperola. o terço, de cordãozinho de ouro. cruz também de ouro.

o livrinho de missa nem sempre se sabia ler. tollenare observou em princípios do século xix: "há ainda muitos pais que não querem que as filhas aprendam a ler e a escrever."150 mas outros confiavam-nas aos recolhimentos: aí aprendiam a ler, a coser e a rezar. no recolhimento que o grande bispo azeredo coutinho fundou em pernambuco - o de nossa senhora da glória - aprendiam também a tratar cristamente os escravos: "irmãos e filhos do mesmo pai". a "necessidade de uns e a escravidão de 'outros, imposta pelas leis humanas, ou

344 g. f.

em pena de seus delitos, ou para lhes acautelar um maior mal", que estabelecera a "acidental desigualdade". im muitas brasi-

#

leiras, porém, tomaram-se baronesas e viscondessas do império sem terem sido internas dos recolhimentos: analfabetas, algumas; outras fumando como umas . caiporas; cuspiendo no chão; e ainda outras mandando arrancar dentes de escravas por qualquer desconfiança de xumbergação do marido com as negras.

isto no século xix. imagine-se nos outros: no xvi, no xvii, no xviii. no xviii esteve no brasil uma inglesa que

achou horrorosa a situação das mulheres. ignorantes. beatas. nem ao menos sabiam vestir-se. porque a julgar por mrs. kindersley, que não era nenhuma parisiense, nossas avós do século xviii trajavam-se que nem macacas: saia de chita, camisa de flores bordadas, corpete de veludo, faixa. por cima desse horror de indumentária, muito ouro, muitos colares, braceletes, pentes. as mocinhas ou meninotas não eram feias; notou, porém, mrs. kindersley que as brasileiras envelheciam depressa; seu rosto tornava-se logo de um amarelo doentio.<sup>152</sup>

resultado, decerto, dos muitos filhos que lhes davam os maridos; da vida morosa, banzeira, moleirona, dentro de casa; do fato de se saírem de rede e debaixo de pesados tapetes de cor - modus gestandi lusitanas, escreveu barlous no século xviii;<sup>153</sup> ou então de bangal ou liteira; e no século xix de palanquim e carro de boi. algumas senhoras até nas igrejas entravam de rede, muito anchas e triunfantes, nos ombros dos escravos. verdadeira afronta aos santos. foi preciso que os bispos proibissem tamanha ostentação de indolência. "por nos parecer indecente entrarem algumas pessoas do sexo feminino em serpentinas, ou redes, dentro da igreja, ou capellas, proffibimos o tal ingresso", escreveu em pastoral de 19 de fevereiro de 1726 o bispo de pernambuco. dom frei josé Fialho.<sup>154</sup> aliás, a julgar pelas palavras de dom frei josé contra os modos de as pernambucanas se vestirem, não trajavam elas tão amacacadamente como as baianas de mrs. kindersley. pelo menos o bispo viu nos seus trajos alguma cousa de diabólica: "por vermos, não sem grande magoa do nosso coração, a profanidade com que se vestem as mais das pessoas do sexo feminino usando de modas e inventos diabolicos, admoestamos a taes pessoas que, nelles compreendidas, que se abstenham dos taes vestidos." eram essas pernambucanas descendentes das "grandes senhoras" que o padre cardim conheceu no século xvi: mais "grandes senhoras" do que devotas. das senhoras de engenho que já no tempo do cronista dos diálogos pintavam o rosto de vermelho. descen-

c.-ff. & s. 345

i

#

dentes das bonitas iaíes por amor de quem hereges holandeses abjuraram no século xviii da fé calvinista para abraçarem a católica.

foi geral, no brasil, o costume de as mulheres casarem cedo. aos doze, treze, quatorze anos. com filha solteira de quinze anos dentro de casa já começavam os pais a se inquietar e a fazer promessas a santo antônio ou são joão. antes dos vinte anos, estava a moça solteirona. o que hoje é fruto verde, naqueles dias tinha-se medo que apodrecesse de maduro, sem ninguém o colher a tempo. em salvador, conta-nos um viajante do século xvii ter encontrado o preconceito de que "ia fleur de virginité doit se cueillir [ .... ] dans les premières années, afin qu'elle ne se flétrisse pas". também deu como "fort ordinaire aux mères de questionner leurs filles sur ce qu'elles sont capables de sentir à l'age de douze ou treize ans & de les inviter à faire ce qui peut émusser les aiguillons de ia chair".<sup>155</sup>

com relação ao preconceito da virgindade perder logo o gosto, as palavras de coreal parecem exatas. desde o século xvi dominou no brasil semelhante prejuízo. quem tivesse sua filha, que a casasse meninota. porque depois de certa idade as mulheres pareciam não oferecer o mesmo sabor de virgens ou donzelas que aos doze ou aos treze anos. já não conservavam o provocante verdor de meninas-moças apreciado pelos maridos de trinta, quarenta anos. às vezes de cinquenta, sessenta, e até setenta. burton escreve que no meado do século xix ainda eram comuns os casamentos de velhos de setenta com mocinhas de quinze anos.1116

do padre anchieta, que foi, como todo jesuíta no século xvi, um grande casamenteiro, aproximou-se um dia certo alvaro neto com uma filha nesta tristíssima situação: quinze anos e ainda solteira. "fazia-lhe grandes queixas alvaro neto, morador da villa de são paulo% diz-nos o padre simão de vasconcelos na sua vida do venerável padre ioseph de anchieta da companhia de lesu, "que tinha huma filha já de quinze anos & nam tinha remedio para casalla". outra moça aparece na crônica jesuítica na mesma situação da filha de alvaro neto: filipa da mata. esta fora noiva de joseph adorno: mas desmanchara-se o casamento, ficando a família inconsolável. não teria talvez quinze anos a desgraçada filipa, já solteirona dolorosa: num instante consolou-a e aos seus pais o grande missionário. não s , e profetizou-lhe casamento para muito breve com um rapaz de lisboa como uma vida ideal depois de casada: "tantos filhos que nam saberão quaes sam. as camisas de uns & outros".157

346 g. f.

ainda hoje, nas velhas zonas rurais, o folclore guarda a reminiscência dos casamentos precoces para a mulher; e a ideia de que a virgindade só tem gosto quando colhida verde. diz-se no interior de pernambuco:

#

meu são joão, casai-me cedo,  
enquanto sou rapariga,  
que o milho rachado tarde  
não dá palha nem espiga.

noutros pontos do brasil a quadra varia:

minha mãe, nos casa logo  
quando somos raparigas:  
o milho plantado tarde  
nunca dá boas espigas.

quase todos os viajantes que nos visitaram durante o tempo da escravidão contrastam a frescura encantadora das meninotas com o desmaiado do rosto e o desmazelo do corpo das matronas de mais de dezoito. de mrs. kindersley já vimos a opinião: as senhoras "ficavam com o ar de velhas muito depressa" ("they look old very early in life"). seus traços perdiam a de-

licadeza e o encanto. o mesmo notou luccock no rio de janeiro. olhos vivos, dentes bonitos, maneiras alegres - tal o retrato que nos traça de meninas de treze ou quatorze anos. aos dezoito anos, já matronas, atingiam a completa maturidade. depois dos vinte decadência.118 ficavam gordas, moles. criavam papada. tornavam-se palidas. ou então murchavam. algumas, é certo, tornavam-se fortes e corpulentas como o original de certo retrato antigo, que hoje se vê na galeria do instituto histórico da bahia: mas feias, de buço, um ar de homem ou virago.

no século xvii, notara em pernambuco um observador holandês que as mulheres, ainda moças, perdiam os dentes; e pelo costume de estarem sempre sentadas, no meio das muçamas e negras que lhes faziam as menores cousas, andavam "como se tivessem cadeias nas pernas".'-19 sem a agilidade das holandesas. mawe, nas suas viagens pelo interior do brasil, surpreendeu nas mulheres a mesma tendência para, ainda novas, perderem a vivacidade.160 mrs. graham, na bahia, notou que elas se tornavam "almost indecently slovenly, after very early youth".''

no meado do século xix, burton, no sul do brasil, ficou encantado com as mineiras; mas as mineiras de treze para dezesseis anos. em minas, escreve ele, não há "beauté du dia-

c.-g. & s. 347

#

acusando re o palacete dos viscondes do livramento (pernambuco),  
Maria quintes de meados do século xix. (segundo fotografia de josé  
c. de albuquerque e melo.)

ble".182 as meninas adquiriam encantos de moça sem atravessarem a fase da puberdade, tão antipática na europa.

outro que se deixou seduzir pelas meninas-moças do brasil foi von den steinen que aqui esteve em 1885. ---umanjo de moça", chamou a uma delas o cientista germânico. expresso de bacharel de olinda em verso para ser recitado ao som da dafila na casa da prima. "estas brasileiras", são ainda palavras líricas de von den steinen, "aos doze e treze anos, quando já na puberdade, e a mãe começa a pensar seriamente em casamento, encantam e enleiam com sua beleza. florescente". para o cientista alemão evolava-se "destas criaturas tropicais, antes da completa maturidade, tão delicado, tão delicioso perfume de feminilidade, como não o possuem os nossos botões de rosa europeus".'' pena que tão cedo se desfolhassem essas entrefechadas rosas. que tão cedo murchasse sua estranha beleza. que seu encanto só durasse mesmo até os quinze anos.

idade em que já eram senhoras-donas; senhoras casadas. algumas até mães. na missa, vestidas de preto, cheias de saias de baixo e com um véu ou mantilha por cima do rosto; só deixando de fora os olhos - os grandes olhos tristonhos. dentro de casa, na intimidade do marido e das imicamas, mulheres relaxadas. cabelo picado de renda. chinelo sem meias. os peitos

348 g. f.

Os vezes de fora. maria graham quase não conheceu no teatro as senhoras que vira de manhã dentro de casa - tamanha a disparidade entre o traje caseiro e o de cerimônia.

mulheres sem ter, Os vezes, o que fazer. a não ser dar ordens estridentes aos escravos; ou brincar com papagaios, sa-góis, mulequinhos. outras, porém, preparavam doces finos para o marido; cuidavam dos filhos. as devotas, cosiam camisinhas para o menino jesus ou bordavam panos para o altar de nossa senhora. em compensação, havia freiras que se encarregavam de coser enxovais de casamento e de batizado para as casas-grandes.

"os casamentos se fazem aqui muito cedo", escreveu do brasil o inglês alexander caldcleugh: "não é raro encontrarem-se moças de treze anos". "o clima", acrescenta, "e hábitos retratados das brasileiras têm considerável efeito sobre seu físico. quando novas, os belos olhos escuros e a figura bonita atraem a admiração de todos; mas dentro de poucos anos, dá-se uma mudança na sua aparência, que longa e contínua doença dificilmente causaria na europa."165 walter colton, no seu diário de viagem, conta alie no rio de janeiro lhe mostraram uma criança de doze anos - já senhora respeitável.106 mãe! na idade de brincar com boneca, já estava lidando com filho.

#

o casamento era dos fatos mais espantosos em nossa vida patriarcal. festa de durar seis, sete dias, simulando-se Os vezes a captura da noiva pelo noivo. preparava-se com esmero a "cania dos noivos" - fronhas, colchas, lençóis, tudo bordado a capricho, em geral por mãos de freiras; e exposto no dia do casamento aos olhos dos convidados.167 matavam-se bois, porcos., perus. faziam-se bolos, doces e pudins de todas as qualidades. os convivas eram em tal numero que nos engenhos era preciso levantar barracões para acomodá-los. danças européias na casa-grande. samba africano no terreiro. negros alforriados em sinal de regozijo. outros dados à noiva de presente ou de dote: "tantos pretos", "tantos muleques", uma "cabrinha".

um fato triste é que muitas noivas de quinze anos morriam logo depois de casadas. meninas. quase como no dia da primeira comunhão. sem se arredondarem em matronas obesas; sem criarem buço; sem murcharem em velhinhas de trinta ou quarenta anos. morriam de parto - vés todas as promessas e rogos a nossa senhora da graça ou do bom parto. sem tempo de criarem nem o primeiro filho. sem provarem o gosto de ninhar uma criança de verdade em vez dos bebês de pano, feitos pelas negras de restos de vestidos. ficava então o menino para as mucamas criarem. muito menino brasileiro do tempo da es-

c.-g. & s. 349

#

cravidão foi criado inteiramente pelas mucamas. raro o que não foi amamentado por negra. que não aprendeu a falar



mais com a escrava do que com o pai ou a mãe. que não cresceu entre muleques. brincando com muleques. aprendendo safadeza com eles e com as negras da copa. e cedo perdendo a virgindade. virgindade do corpo. virgindade de espírito. os olhos, dois borrões de sem-vergonhice. a boca como a das irmãs de maria borralheira: boca por onde só saía bosta. meninos que só conversavam porcaria. ou então conversas de cavalo, de galo de briga, de canário.

isto succedeu a muito menino com a mãe ainda viva: vivera da silva e enérgica, mandando castigar escravos safados ou negras sem-vergonhas que ensinassem porcaria aos filhos. imaginem-se os meninos sem mãe; sem madrinha; sem avó; entregues a mucamas nem sempre capazes de lhes substituir a mãe.

"primeiramente eu estou persuadido% escrevia em 1837 no seu jornal o carapuceiro o padre-mestre miguel do sacramento lopes gama, "que a escravaria que desgraçadamente se introduziu entre nós, he a causa primordial da nossa pessima educação e em verdade quaes os nossos primeiros mestres? são sem duvida a africana, que nos amamentou, que nos pensou, e nos subministrou as, primeiras noções, e quantos escravos existio na casa paterna em a quadra dos nossos primeiros annos. maneiras, linguagem, vícios, tudo nos innocula essa gente safara, e brutal, que a rusticidade da selvageria une a indolencia, o despejo, o servilismo proprio da escravidão. com pretas e pretos boçais, e com os filhinhos destes vivemos desde que abrimos os, olhos; e como poderão ser boa nossa educação?" e ainda: "mulequinhos, que nascem na casa paterna, são

os companheiros da nossa infancia, e as mães destes as nossas primeiras mestras; porque muitas vezes ou nos mamentão ou nos servem de aias; e que sementes de moralidade, que virtudes poderão escravas plantar em nossos tenrinhos corações?"-" em 1823 já perguntara josé Bonifácio, em sua representação à Assembléa geral constituinte: "que educação podem ter as familias que se com esses infelizes sem honra, sem religião? que se ser-nem com as escravas, que se prostituem ao primeiro que as procura? tudo se compensa nesta vida. nós tyrannizamos os escravos e os reduzimos a brutos animaes; elles nos innoculam toda a sua immoralidade e todos os seus vicios. e na verdade, senhores, se a moralidade e a justiça de qualquer povo se fundam, parte nas- suas instituições religiosas e políticas, e parte na philosophia, por assim dizer domestica, de cada familia, que quadro pode apresentar, o brasil quando o consideramos de bai-350 g. f.

xo desses dois pontos de vista?"1119 cinco anos depois o marquês de santa cruz, arcebispo da bahia, feriu a mesma nota em discurso no parlamento: "sempre estive persuadido que a

#

palavra escravidão desperta as idéas de todos os vicios e crimes; sempre lastimeei, finalmente, a sorte dos tenros meninos brasileiros que, nascendo e vivendo entre escravos, recebem desde os primeiros anos as funestas impressões dos contagiosos exemplos desses seres degenerados; e oxalá que eu me enganasse!

oxaló que fossem mais raros os triumphos da seducóo e os naufragios na innocencia! oxaló que tantas familias não tivessem de deplorar a infamia e a vergonha em que as tem precipitade a iminoralidade dos escravos!"170

descontem-se nas palavras do patriarca da independência e principalmente nas do marqués-arcebispo da bahia os exageros da ênfase parlamentar; nas do padre lopes gama os excessos de moralista e panfletório. elas refletem, assim desbastadas, experiências por eles vividas. fatos que observaram. influências que sofreram. deve-se notar que nenhum dos três atribui ao negro, ao africano, o "raça inferior", as "funestas consequências" da senzala sobre a casa-grande. atribuem-nas ao escravo. ao fato social e não o étnico. seus depoimentos congituem material de primeira ordem a favor daqueles que, como r. bilden, procuram interpretar os males e vícios da formação brasileira, menos pelo negro ou pelo portugueses, do que pelo escravo.

josé Bonifácio, ao escrever libelo tão forte contra a escravidão, não sabemos se teria consciência dos vícios de caráter por ele próprio adquiridos no contato dos escravos: seu estranho sadismo, por exemplo. revelou-o bem ao assistir por puro prazer, sem nenhuma obrigação, ao castigo patriarcal que a soldados portugueses mandou infligir de uma feita o imperador dom pedro i no campo de santana: cinquenta açoites em cada um. castigo de senhor de engenho em negros ladrões. arrumaram-se os soldados em grupos de cinco, conforme a estatura- despiram-se-lhes as fardas e as camisas. os homens ficaram então nus das espaldas e nus nêdegas, curvados para a frente. e comeram os açoites. alguns soldados terminaram deitados de bruços sobre o chão, vencidos pela dor da chibata. josé Bonifácio, que assistiu a tudo por gosto, conservou-se no campo até o final da flagelação.171 até o cair da noite. sinal de que a cena não lhe desagradara. outras evidências poderiam juntar-se de vários traços, no caráter de josé Bonifácio, que se podem atribuir a influencia da escravidão. e se destacamos josé

c.-g. & s. 351

#

cravi&  
nóo f,  
mais (  
crescei  
do saf  
dendo  
rito. (  
a das i  
menim  
cavalo,  
ist  
r~ia da  
negrasi  
ginem-5  
gues a  
llpl  
seu jori

lopes x  
 duziu cl  
 000 e e  
 duvida ~  
 subminii  
 na casa  
 neiras, l  
 brutal, i  
 pejo, o  
 bo0aes, ~  
 os olhos  
 "mulequ  
 ros da ri  
 tras; por  
 aias; e q  
 vas plani  
 guntara  
 geral q  
 si---lv121m c~  
 nem conl  
 procura?,  
 escravos  
 toda a sd  
 senhores, ~  
 dam, par~  
 na philos(  
 quadro pc  
 350 g. fbonif0cio 0 para que se fa0a id0ia da mesma influ0ncia sobre  
 personalidade menos viril-  
 homens de menor porte e -t0ria a influ0ncia da  
 mas aceita, de modo geral, como dele  
 escravid0o dom0stica sobre a moral. e o car0ter do brasileiro

#

inst0ncias especial0ssi-  
 da casa-grande, devemos atender 0s circij um os males do sis-  
 mas que entre n0s modificaram ou atenuare senho-  
 iro salientamos a do0ura nas rela0es d  
 tema. desde log no brasil do que em  
 res com escravos dom0sticos7 talvez maior  
 qualquer outra parte da am,0rica. para o servi0o mais  
 a casa-grande fazia subir da senzala - amas  
 0ntimo e delicado dos senhores. uma s0rie de indiv0duos 0  
 de criar, mucamas irm0os de cria0o dos meninos brancos. in-  
 o n0o o de escravos  
 indiv0duos cujo lugar na fam0lia ficava send  
 esp0cie de parentes pobres nas fa-  
 mas o de pessoas de casa. sentavam-  
 m0lias europ0ias. 0 mesa patriarcal das casas-grandes  
 -lulat'nhos- crse como se fossem da fam0lia

numerosos 11

a00o. alguns sa0am de carro com  
 malungos., muleques de estim-os como se fossem  
 os senhores, acompanhando-os, aos passe, verda-  
 f ilhos.  
 quanto 0s m0es-pretas, ref erem as tradi0es o lugar

honra que ficavam ocupando no seio das faindeiramente de-se quase sempre em em massa antes de saírem de sua terra, e chegando ao brasil  
lias patriarcais. alforriadasp, arredondavamensinam4hes os dogmas religiosos e os deveres do culto que vopretalhonas. enormes. negras a quem se faziam todas as vontades. os escravos tratavam- seguir. trazem no peito o sinal da coroa real a fim de indides: os meninos tomavam-lhe a bono y com elas de carro. e car que foram batizados e por eles pagos os direitos. os escravos. os boleeiros andavam nas de senhora ,anchas e enganjentas ent.re os branvos que se importam das outras regiões da áfrica chegam ao dia de festa, quem as visse senhoras bem-nascidias; nunca brasil sem ter sido batizados e antes de proceder-se a cerimonia de casa, havia de sup-las nia que os deve fazer cristos necessário ensinar-lhes certas ex-escravas vindas da senzala. de individuos da senzala orações, para o que concede-se aos mestres o prazo de um ano natural que essa. promoo. esse aten- no fim do qual são obrigados a apresentar os discipulos igre- ara o serviço domestico mais fino, se fiz casa-grande, p e morais; e não toa. e desleixada- ja paroquial."172 essa lei não acreditava koster que fosse rigodendo a qualidades físicas para dar de mamar a nhonho, para rosamente cumprida com relao ao tempo: era-o por em mente. a negra ou mulata cuidar-lhe da essencia, não havendo senhor brasileiro capaz de trair os pre-

l

nin-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, itos da igreja contra o paganismo. "do seu lado o escravo e historias, os vezes para substituir-lhe a pro, Cc roupa, contar-llll tre as melhores deseja a qualidade de cristoo porque os camaradas tendo com pria moe - natural que fosse escolhida den. escravas da serizala. dentre as mais limpas, mais bonitas, mais e a menor questoo terminam sem re o exc

fortes. dentre as menos boas e as ~,iais ladinhas - como cn' t se dizia para distinguir as negras jo cristianizadas e abrasleiradas, das vindas ho pouco da áfrica; ou mais renitentes nc seu africanismo- -o social profundamente catoli,

#

no brasil, paos de forma que nas antilhas e no sul ca sempre se fez mais, questoo do idiioo religiosa do escrav?\* "os &fr' dos estados unidos da coi a koster, "sao batizado\* canos importados de angola", 'nfornl oro a. f.

--6.90-

casa-grande do engenho embiara, na bahia.

(segundo fotografia do iphan)

o p esso dos injuriosos  
tetos, que lhe dirigem, com o de pagão." pagão ou mouro.

1

crescenta koster: "o negro sem batismo, vê-se com pesar  
siderado um ser inferior e embora ignorando o valor que os  
r

janços ligam aquela cerimônia, sabe que deve lavar a man-  
a que lhe exprobram e mostra-se impaciente por tornar-se  
o12

al aos outros. os africanos, chegados há muito tempo, es-  
do já imbuídos de sentimentos católicos, parecem esquecer  
ue outrora estiveram nas mesmas condições que os recém-che-  
tados. não se pergunta aos escravos se querem ou não ser ba-

c.-g. & s. 353

#

tizados; a entrada deles no grêmio da igreja católica é consi-  
derada como questão de direito. realmente eles são tidos me-  
nos por homens do que por animais ferozes até gozarem do  
privilegio de ir à missa e receber os sacramentos. "173

não pretendemos aqui considerar o grau de cristianização  
atingido pela massa escrava - assunto de que nos ocuparemos  
em estudo próximo; mas o certo é que, por contágio e pressão  
social, rapidamente se impregnou o escravo negro, no brasil,  
da religião dominante. aproximou-se por intermédio dela da  
cultura do senhor; dos seus padrões de moralidade. alguns tor-  
naram-se tão bons cristãos quanto os senhores; capazes de trans-  
mitir às crianças brancas um catolicismo tão puro quanto o que  
estas receberiam das próprias mães.

silvio romero, recordando o seu tempo de menino num  
engenho do norte, disse uma vez que nunca viu rezar tanto  
quanto a escrava antônia, sua mãe negra. ela é que o fizera  
religioso. "devo isso [a religião] à mucama de estimação a  
que foram, em casa de meus avós, encarregados os -desvelos de  
minha meninice. ainda hoje existe, nonagenária, no lagarto,  
ao lado de minha mãe, essa adorada antônia, a quem me acos-  
tumei a chamar também de mãe... nunca vi criatura tão meiga,  
e nunca vi rezar tanto. dormia comigo no mesmo quarto  
e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ela de joe-  
lhos... rezando... bem cedo aprendi as orações e habituei-me  
tão intensamente a considerar a religião como coisa séria, que  
ainda agora a tenho na conta de uma criação fundamental e in-  
destrutível da humanidade. desgraçadamente, ai de mim! não  
rezo mais, mas sinto que a religiosidade jaz dentro do meu sen-  
tir inteiriça e irredutível.11174 outros -brasileiros, da geração de  
sílvio, poderiam dizer o mesmo. o próprio joaquim nabuco  
terá porventura aprendido com a sua velha ama negra de ma-  
angana o padre-nosso que, no fim da vida, voltou a rezar na  
igreja do oratório em londres. quando morreu-lhe a madri-  
nha - "cena de naufrágio" que evoca numa das páginas. mais  
comovidas de minha formação - foi o seu grande consolo: a  
velha ama negra continuar a servi-lo como dantes. "o meni-  
no está mais satisfeito", escrevia a seu pai o amigo que o devia

levar o Corte, "depois que eu lhe disse que a sua ama o acompanharia."175

mas o ponto que pretendemos destacar não é o dessas fundas afeições, quase de mãe e filho, que no tempo da escravidão se formaram entre escravas amas-de-leite e ninhos brancos; mas retificar a idéia de que através da ama-de-leite o menino da casa-grande só fizesse receber da senzala influências ruins;

354 g. f.

absorvendo com o primeiro alimento os germes de todas as doenças e superstições africanas. os germes de doenças, recebeu-os muitas vezes; e outras os transmitiu; mas recebeu também nos afagos da mucama a revelação de uma bondade por-

#

ventura maior que a dos brancos; de uma ternura como não a conhecem igual os europeus; o contágio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros.

verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos. predominantemente coletivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo e para o privatismo, os das casas-grandes. confraternização que dificilmente se teria realizado se outro tipo de cristianismo tivesse dominado a formação social do Brasil; um tipo mais clerical, mais ascético, mais ortodoxo; calvinista ou rigidamente católico; diverso da religião doce, doméstica, de relações quase de família entre os santos e os homens, que das capelas patriarcais das casas-grandes, das igrejas sempre em festas - batizados, casamentos, 'lestras de bandeira" de santos, crismas, novenas - presidiu o desenvolvimento social brasileiro. foi esse cristianismo doméstico, lírico e festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de nossas senhoras madrinhas dos meninos, que criou nos negros as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas com a família e com a cultura brasileira. "os escravos tornados cristãos fazem mais progresso na civilização", observou Koster. "não se tem lançado mão de constrangimento para os fazer adotar os costumes dos senhores, mas insensivelmente lhes dirigem as idéias para este lado; os senhores ao mesmo tempo contraem alguns hábitos dos seus escravos e desta sorte o superior e o inferior se aproximam. eu não duvido que o sistema de batizar negros importados tenha antes a sua origem na devoção dos portugueses do que em vistas políticas, mas tem produzido os melhores resultados. "176

não foi só "no sistema de batizar os negros" que se resumia a política de assimilação, ao mesmo tempo que de contemporização seguida no Brasil pelos senhores de escravos: consistiu principalmente em dar aos negros a oportunidade de conservarem, o sombra dos costumes europeus e dos ritos e doutrinas católicas, formas e acessórios da cultura e da música africana. salienta João Ribeiro o fato de o cristianismo no Brasil ter concedido aos escravos uma parte no culto; de santos negros como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário terem se tomado patronos de irmandades de pretos; dos escravos terem se reunido em grupos que foram verdadeiras organizações de

disciplina, com "reis do congo" exercendo autoridade sobre "vassallos". 177

Jõ Koster notara que a instituiçõo dos reis do congo no brasil, em vez de tornar os negros refratõrios õ civilizaçõo, facilitava esse processo e o da disciplina dos escravos: "os reis do congo eleitos no brasil rezam a nossa senhora do rosõrio e trajam õ moda dos brancos; eles e os seus sõditos conservam, e certo, as danças do seu paõs: mas nas suas festas admitem-se escravos africanos de outras regiões, crioulos e mulatos que dançam da mesma maneira; essas danças atualmente sõo mais danças nacionais do brasil do que da õfrica".177 vê-se quanto foi prudente e sensata a polõtica social seguida no brasil com relaçõo ao escravo. a religiõo tornou-se o ponto de encontro e de confraternizaçõo entre as duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponível ou dura barreira. os próprios padres proclamavam a vantagem de concederem-se aos negros seus folguedos africanos. um deles, jesuõta, escrevendo no sõculo xviii, aconselhava os senhores nõo sõo a permitirem, como a "acodirem com sua liberalidade" õs festas dos pretos. "p,,)-, - tanto nõo lhe esran'j-iem o criarem seus reis, cantar e bailar nior algumas horas honestamente em alguns dias do anno, e o alegrarem-se honestamente õ tarde depois de terem feito pela manhõ suas festas de nossa senhora do rosõrio, de sõo benedicto e do orago da capela do engenho f . . 1.11 179

a liberdade do escravo de conservar e atõ de ostentar em festas põblicas - a princõpio na võspera de reis, depois na noite de natal, na de ano-bom, nos trõs dias de carnaval - formas e acessõrios de sua mõtica, de sua cultura fetichista e toõtõmica, dõo bem a idõia do processo de aproximaçõo das duas culturas no brasil. liberdade a que nõo deixou nunca de corresponder forte pressõo moral e doutrinaõria da igreja sobre os escravos. koster observou'em pernambuco: "a religiõo que ensinam [os senhores] aos escravos do brasil tem operado neles salutar efeito porque conseguiu diminuir ou destruir a cega confiança, que depositavam nos sortilõgios de seus compatriotas. exercem a sua credulidade do modo mais inocente. os terrõveis resultados da autoridade dos obeahs nas antilhas nõo se verificam no brasil entre os mandingueiros".180 gente pronta a admitir a eficõcia das mandingas, nunca deixou de haver entre nõs; mas esse "prejuõzo", nõo o considerou o inglõs nem "geral" nem de "perniciosas consequõncias". õ verdade que muito senhor de engenho, jõo sem forças para dar conta dos harõns de negras e mulatas, teve os dias encurtados pelo uso de beberagens afrodisõacas preparadas por pretos mandingueiros. tambõm houve

3.56 ta. f.

quem morresse de "cousas feitas" e de veneno africano. casos raros, porõm. esporõdicos.

ocupando-se da cristianizaçõo do negro, no brasil, nina

rodrigues se. extrema, ao nosso ver, num erro: o de considerar

#

a catequese dos africanos uma ilusão. mesmo diante das evidências reunidas pelo cientista maranhense - maranhense de origem, embora o centro de sua ação intelectual tenha sido a bahia - a favor de sua tese, não se pode negar a extensa ação educativa, abrasileirante, moralizadora no sentido europeu, da religião católica sobre a massa escrava. aliás o ponto de partida da tese de nina rodrigues, consideramo-lo falso: o da incapacidade da raça negra de elevar-se às abstrações do cristianismo. nina rodrigues foi dos que acreditaram na lenda da inaptidão do negro para todo surto intelectual. e não admitia a possibilidade do negro elevar-se até o catolicismo.

foi, porém, ao calor da catequese católica - de um catolicismo, é certo, que para atrair os índios já se opulentara, de novas cores e até de imitações, pelos padres, das gatimônhas dos pajés - que se amoleceram nos africanos, vindos de áreas fetichistas, os traços mais duros e grossos da cultura nativa. a catequese era a primeira fervura que sofria a massa de negros, antes de integrar-se na civilização oficialmente cristã aqui formada com elementos tão diversos. esses elementos, a igreja quebrou-lhes a força ou a dureza, sem destruir-lhes toda a potencialidade.

na ordem de sua influência, as forças que dentro do sistema escravocrata atuaram no brasil sobre o africano recém-chegado foram: a igreja (menos a igreja com i grande, que a outra, com i pequeno, dependência do engenho ou da fazenda patriarcal). a senzala; a casa-grande propriamente dita - isto é, considerada como parte, e não centro dominador do sistema de colonização e formação patriarcal do brasil. o método de des-africanização do negro "novo", aqui seguido, foi o de misturá-lo com a massa de "ladinos", ou veteranos; de modo que as senzalas foram uma escova prática de abrasileiramento.

a verdadeira iniciação do "negro novo" na língua, na religião, na moral, nos costumes dos brancos, ou antes, dos negros "ladinos", fez-se na senzala e no cito, os "novos" imitando os veteranos. foram ainda os "ladinos", os que iniciaram os "boçais" na técnica ou na rotina da plantação da cana e do fabrico do açúcar. um cronista holandês do século xvii gaba os negros "ladinos" de origem angola como mestres ou iniciadores dos negros "novos". do mesmo modo que aconselha a só se importarem pretos da angola.182 que os de arda eram cabeu-

c.-o. & a. 2 5 7

#

dos e tardos; difíceis de se habituarem à rotina dos engenhos. levantavam-se às vezes contra os feitores e mofam-nos de pancadas.

outras forças podem-se particularizar como tendo atuado sobre os negros no sentido do seu abrasileiramento; modificando-lhes a plástica moral e é possível que também a física; conformando-as não só ao tipo e às funções de escravo como ao



tipo e aos característicos de brasileiro. o meio físico. a qualidade e o regime da alimentação. a natureza e o sistema de trabalho.

a repercussão de todas essas influências, naturais umas, outras artificiais e até perversas, sobre o físico e a moral do negro no brasil, é assunto para ser estudado com minúcia. faltanos infelizmente material de pesquisa antropológica que permita exato confronto do negro brasileiro - estreme de cruzamento, rigorosamente puro - com o africano.188 os estudos de roquette-pinto revelam-nos uma disparidade surpreendente, que talvez se possa atribuir à influência da perístase, entre os negros do brasil e os da África: geral a braquicefalia entre os hossos, em contraste com a dolicocefalia dos africanos. diferenças também de Índice nasal: - os melanodermos brasileiros de nariz mais achatado, aproximando-se dos bastardos do sul da África e dos filipinos. po negro.184

as diferenças de Índice nasal, atribui-as roquette-pinto ao fato de serem raros os negros realmente puros no brasil; a própria braquicefalia acredita que deva correr por conta de "diferença local, muito possivelmente oriunda de velhos cruzamentos". m , as não deixa de admitir a possibilidade de casos de imitação (davenport) ou de influência de perístase (boas).185

interessante é ainda o fato, salientado pelo professor roquette-pinto, dos mulatos brasileiros tenderem para estatura "nas proximidades dos brancos mais baixos",186 quando nos estados unidos, para onde parece ter sido menor a migração dos sudaneses altos, os mulatos se apresentam com uma média elevada de estatura. pode muito bem tratar-se de diminuição de estatura por efeito da qualidade e do regime de alimentação; resultado do modo por que variou do regime nativo a nutrição do negro no brasil e nos estados unidos. ou pode ser simplesmente a influência do cruzamento com o branco mais alto e melhor alimentado nos estados unidos.

sé oliveira, em trabalho publicado em 1895, indicou vários efeitos sobre indivíduos da raça negra das novas circunstâncias, que podemos chamar econômicas, de sua vida doméstica

o

que os coloca fora do grande gru-

358 g. f.

#

como escravos

e de trabalho no brasil; primeiro , depois como pórias. por exemplo: obrigadas as negras, no trabalho agrícola de longas horas por dia, a trazerem os filhos atados às costas - costume seguido na África, mas sé durante viagens ou pequena parte do dia - "vêm mais tarde os seus filhos ficarem com as pernas defeituosas, arqueadas, de modo que, tocando-se pelos pés formam uma elipse alongada".1117 por outro lado, quase todas, obrigadas a se entregarem a ocupações agrícolas ou

domésticas, atiravam os filhos ao berço, à esteira ou à rede - a permanecendo as crianças dias inteiros. daí, para São Oliveira, o fato de muitos negros e mulatos que se encontram no Brasil com a "região occipital projetada para a parte posterior como os africanos e outros têm-na achatada, diminuindo de algum modo a projeção do crânio posterior". efeito de pressão invariável e constante no occiput, quase o dia inteiro.

Brandão Júnior refere o fato de um fazendeiro no Maranhão que obrigava as escravas negras a deixarem seus filhos, crianças ainda de mama, no tejupabo, metidos até o meio do corpo em buracos para esse fim cavados na terra.188 o fim era evidentemente assegurar-lhe a imobilidade, evitando-se o perigo de engatinharem para o mato; ou para os pastos, chiqueiro, estrebária, etc. acreditamos ter sido costume seguido numa ou noutra fazenda, ou engenho de cana, e não prática generalizada, mesmo no Maranhão, cujos fazendeiros e senhores de engenho criaram fama de extremamente cruéis com os escravos. prática generalizada, teria sido outra causa de deformações patológicas dos escravos negros e seus descendentes, tantas vezes contrariados no seu desenvolvimento físico, moral e eugênico pelas circunstâncias de sua situação econômica; pelas necessidades ou abusos do regime de trabalho nas plantações brasileiras. deve-se notar, por outro lado - ' que as negras conservaram no Brasil, sempre que lhes foi possível, certos costumes, para elas quase sagrados, de deformação física das crianças - como o de "amassarem-lhes a cabeça". costumes que conservaram nas senzalas; mas que terão empregado às vezes nas casas-grandes, onde chegaram algumas a ser quase onipotentes como mães de crianças de meninos brancos.

a escolha da escrava negra para ama de menino sugere-nos outro aspecto interessantíssimo das relações entre senhores e escravos no Brasil: o aspecto higiênico. de Portugal transmitira-se ao Brasil o costume das mães ricas não amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de saloias ou escravas. Júlio Dantas, nos seus estudos sobre o século XVIII em Portugal, registra o fato: "o precioso leite materno era quase sempre substi-

c-17. & s. 359

#

tudo pelo leite mercenário das amas~'."19 o que atribui à moda. com relação ao Brasil, seria absurdo atribuir-se à moda a aparente falta de ternura materna da parte das grandes senhoras. o que houve, entre nós, foi impossibilidade física das mães de atenderem a esse primeiro dever de maternidade. já vimos que se casavam todas antes do tempo; algumas fisicamente incapazes de ser mães em toda a plenitude. casadas, sucediam-se nelas os 1 partos. um filho atrás do outro. um doloroso e contínuo esforço de multiplicação. filhos muitas vezes nascidos mortos - anjos que iam logo se enterrar em caixózinhas azuis. outros que se salvavam da morte por milagre. mas todos deixando as mães uns mulambos de gente.

nossos avós e bisavós patriarcais, quase sempre grandes procriadores, às vezes terríveis sôtiros de patuá de nossa senhora sobre o peito cabeludo, machos insaciáveis colhendo, do casamento com meninas todo um estranho sabor sensual, raramente

tiveram a felicidade de se fazerem acompanhar da mesma esposa até a velhice. eram elas que, apesar de mais moças, iam morrendo; e eles casando com irmãs mais novas ou primas da primeira mulher. quase uns barba-azuis. são numerosos os casos de antigos senhores de engenho, capitães-mores, fazendeiros, barões e viscondes do tempo do império, casados três, quatro vezes; e pais de numerosa prole. fatos que são indicados quase como glórias nos seus testamentos e os vários matrimônios, nos túmulos e catacumbas dos velhos cemitérios e das capelas de engenho. pois essa multiplicação de gente se fazia à custa do sacrifício das mulheres, verdadeiras mártires em que o esforço de gerar, consumindo primeiro a mocidade, logo consumia a vida.

a esse fato, e não a nenhuma imposição da moda, deve-se atribuir a importância, em nossa organização doméstica, da escrava ama-de-leite, chamada da senzala à casa-grande para ajudar franzinas moças de quinze anos a criarem os filhos. inibert observou que no brasil as senhoras brancas, além de moças preniaturas, sofriam "a ação incessante de um clima situado debaixo dos trópicos";. clima que lhes "exgota as forças vitais" e "irrita o systema nervoso". enquanto as amas negras "organizadas para viver nas regiões calidas em que sua saúde prospera mais que em qualquer outra parte, adquirem nesta condição climaterica um poder de amamentação que, a mesma zona recusa geralmente às mulheres brancas por isso que a organização physica destas não se allia com tanta harmonia à ação da temperatura extrema destas regiões equatoriais".190 observação que se concilia com a de bates sobre a tristeza do índio e do

160 g. f-

branco nos trópicos em contraste com a alegria exuberante, a vivacidade e a saúde esplêndida do negro. talvez não seja ponto inteiramente desprezível o salientado por inibert, do maior poder de amamentação da mulher preta que a branca nos países

#

tropicais. a tradição brasileira não admite dúvida: para ama-de-leite não há como a negra.

mas a razão principal do maior vigor das negras que das brancas estaria porventura em suas melhores condições eugênicas. em motivos principalmente sociais, e não de clima. em portugal divergiam, nos séculos xvii e xviii, os mestres na "arte de curar e crear meninos" quanto à cor que se devia preferir nas amas-de-leite. o que mostra ter o problema de louras e morenas preocupado os médicos antes de inquietar os estetas encarregados de escolher coristas para os teatros de paris e nova iorque. o dr. francisco da fonseca henriques - grande celebridade médica em portugal no século xviii - opunha-se às mulheres fuscas e morenas: aconselhava as louras; 191 o autor da polyanthea era grande partidário das morenas. alegava que "além de serem mais sanguinhas, convertern melhor o alimento em sangue e em leite, à maneira da terra, que quanto é mais negra, tanto é mais fertil".192

os conselhos do autor da polyanthea devem ter repercutido simpaticamente entre os portugueses da américa, por várias cir-

condições predispostos a criar seus meninos em peito de escrava negra. negra ou mulata. peitos de mulheres sãs, rijas, cor das melhores terras agrícolas da colônia. mulheres cor de massapê e de terra roxa. negras e mulatas que além do leite mais farto apresentavam-se satisfazendo outras condições, das muitas exigidas pelos higienistas portugueses do tempo de dom joão v. dentes alvos e inteiros (nas senhoras brancas era raro encontrar-se uma de dentes sãos, e pode-se afirmar, através dos cronistas, das anedotas e das tradições coloniais, ter sido essa uma das causas principais de ciúme ou rivalidade sexual entre senhoras e mucamas). não serem primíparas. não terem sardas. serem mães de filhos sadios e vivedores.

j. b. a. imbert, no seu guia medica, ao abeirar-se do delicado problema das amas-de-leite, principia um tanto acacianamente: "os peitos deverão ser convenientemente desenvolvidos, nem rijos nem molles, os bicos nem muito pontudos nem encolhidos, accommodados-ao labio do menino"~..193 imbert reconhecia a conveniência das amas de criar serem escravas, não admitindo "em regra geral, que as mães ainda mui jovens possam no brasil supportar as fadigas de uma amamentação prolongada sem grave detrimento de sua saude bem como dos filhos".

e-g- & s. 36 1

#

mas salientando sempre a necessidade de fiscalizarem as senhoras as amas negras.

os fazendeiros deviam preocupar-se com a higiene pré-natal e infantil, não só nas casas-grandes, como nas senzalas. muito negrinho morria anjo por ignorância das mães. "as negras de ordinário% informa o manual do fazendeiro ou tratado domestico sobre as enfermidades dos negros, "cortão o cordão muito longe do embigo e estão de mais a mais no pernicioso costume de lhe porem em cima pimenta, e fomental-o com oleo de ricino ou qualquer outro irritante. feito isto apertam essas malditas o ventre da criança a ponto quasi de suffocal-a. este barbaro costume corta o fio da vida a muitas e muitas crianças e contribue para desenvolver no embigo essa inflamação a que no brasil se dá o nome de mal de sete dias." ainda as negras nas senzalas "mal nasce a criança, costumam [ .... ] amassar-lhe a cabeça, afim de dar-lhe testa uma forma mais agradavel; sem attenderem à fraqueza dos órgãos digestivos dos recém-nascidos, dão-lhes algumas vezes, poucos dias depois delles nascerem, alimentos grosseiros, tirados de sua propria comida". contra práticas dessa natureza é que as senhoras brancas deviam coftservar-se atentas, não somente impedindo que as grosserias das negras subissem às casas-grandes, mas que continuassem a proliferar nas senzalas. afinal "as negras que acabam de parir", diz imbert, "acabam de augmentar o capital de seu senhor [ . . . . 1".194 importava a mortalidade nas senzalas em diminuição seria no capital dos senhores. 195

é curioso surpreender o mesmo imbert (tão intolerante de tudo que cheirasse a anticientífico em matéria de criar menino e curar doente: de quanto remédio, elixir, unguento ou pomada para boubas, úlceras, impingens, icterícia, erisipela, escoriações na virilha, coxas e nádegas de meninos novos devido a não

mudarem frequentemente de cueiro, sapinhos na boca, tinha, bexiga doida, sarampo, lombriga, solitária, etc., parecesse cousa de curandeiro africano)196 aconselhando contra o mal das crianças mijarem na cama este infalível remédio: comerem carne assada e beberem um pouco de bom vinho; ou então "o medo, a ameaça de castigo". "a ameaça de castigo e o medo, produzem algumas vezes efeito salutar, sobre tudo quando a incontinência é o resultado da preguiça, ou de um mau hábito [ .... 1".19~ o que mostra que médicos e curandeiros nunca estiveram muito distanciados uns dos outros, antes da segunda metade do século xix.

a arte de sangrar, exerceram-na no brasil colonial e do tempo do império escravos africanos, que foram também bar-

362 ff- f.

beiros e dentistas; e o mister de parteiras, exerceram-no ao lado de brancas e caboclas boas, negras nas mesmas condições; todas apelidadas comadres. comadres que, além de partejarem, curavam doenças ginecológicas por meio de bruxedos, rezas,

#

benzeduras. as casas que habitavam tinham à porta uma cruz branca. e elas quando saíam a serviço, era debaixo de uns mantos ou xales compridos, como umas cocas; muitas levando debaixo das mantilhas cartas de alcoviteiras, feitiços e puçangas"; algumas conduzindo também, "a abandonar nas ruas e recantos, os produtos das práticas ilícitas e criminosas a que essa profissão se presta e a que sem escrúpulos se entregavam-. 198

a ignorância das moças brasileiras de outrora = meninas inexperientes - não encontrava nas comadres o corretivo necessário. nada porém nos autoriza a concluir que as comadres e os curandeiros africanos dos tempos coloniais excedessem à medicina oficial, isto é, europeia, dos séculos xvi, xvii e xviii, em porcaria ou simulação.

o ao patriarca da literatura médica no brasil, o dr. joão ferreyra da rosa, físico do século xvii, que vamos encontrar receitando aos seus doentes:, "pés de carangueijos queimados dados a beber em hum copo de agua de herva cidreira"; trazerem 'debaixo do braço no sovaco [ .... 1 pasta ouropimente" como "goma arabica";. e para a "supressão de ourina" untarem com óleo de copaíba "as verilhas, cano intersemine e ventre". a peste que nos fins do século xvii devastou pernambuco pareceu-lhe arte dos astros: "pode o ar receber [ .... 1 sordicie, ou qualidade contagiosas dos astros---. ou então obra da justiça divina, "em quanto se não reformarem nossos pessimos costumes". a população devia combatê-la com fogueiras. que mandando "cousas aromaticas". andando com "pomos aromaticos na mão".199 isto escreveu ferreyra da rosa, que não era nenhum doutor caturra, mas um dos mais adiantados de sua época; tirando seus remédios e suas doutrinas "não dos empiricos, mas dos methodicos & racionais".

em portugal, no século xviii, fonseca henriques, pediatra illustre, ainda se orientava pelos astros lia sua clínica. quem lhe abriu o célebre soccorro delfico aos clamores da natureza humana depara com estas graves palavras sobre a lua: "a sua

luz é nociva aos meninos". nem mesmo as roupas e panos da criança deviam deixar-se à luz da lua. seriam robustos, segundo ele, os meninos que nascessem chorando alto e "muyto mays os que nacam com o escroto corrugado".200

nas observações doutrinárias, de curvo semedo, luís edmundo foi encontrar receitas que na verdade pouco se dis-

c.-g. & a. 363

#

i

'11%\

1

casa-grande onde por muito tempo morou o visconde de suaíuna, no pombal (pernambuco). (segundo fotografia de josé Maria c.

de

albuquerque e melo.)

tanciam das dos curandeiros africanos ou caboclos; e em certa pharmacopéa ulysiponense, de joão,\* vigier, recolheu cousas ainda mais imundas. remédios caseiros, comuns em portugal e que de lá se transmitira ao brasil: chás de percevejos e de excremento de rato para desarranjos intestinais; moela. de emapata dissolvida de cálculos biliares; urina de homem ou de burro, cabelos queimados, pó de esterco de cão, pele, ossos e carne de sapo, lagartixa, caranguejos, etc.201

uma medicina que pela voz de seus doutores mais ortodoxos receita aos doentes tamanhas imundícies dificilmente pode firmar pretensões de superior arte de curar dos africanos o ameríndios. porque a verdade é que destes tão desdenhados curandeiros absorveu a mal-agradecida uma série de conhecimentos e processos valiosíssimos: o quinino, a cocaína, a ipecacuanha. no brasil colonial parece-nos justo concluir terem médicos, comadres, curandeiros e escravos sangradores contribuído quase por igual para a grande mortalidade, principalmente infantil e de mães, que por épocas sucessivas reduziu quase de .500lo a produção humana nas casas-grandes e nas senzalas.

a mortalidade infantil, vimos que foi enorme entre as populações indígenas desde o século xvi. naturalmente devido ao contato perturbador e dissonico com a raça conquistadora. considerável tomou-se também a mortalidade de crianças entre as

364 g. f.

i

famílias das casas-grandes. foi talvez a esfera em que mais dolorosa e dificilmente se processou a adaptação dos europeus ao meio tropical americano - a da higiene infantil. traziam eles da europa noções rígidas de resguardo e de agasalho. supersticioso horror do banho e do ar. noções que, nocivas à criança em clima temperado, em clima quente significaram muitas vezes a morte. piso contrastou-as com a higiene infan-

til dos caboclos para concluir pela superioridade do método indígena: conclusão a que antes chegara, sem ser médico nem naturalista, mas simples homem de bom senso, o francês Jean de Lory.

higiene infantil indígena ou africana - maior liberdade da criança dos panos grossos e dos agasalhos pesados - que se

#

foi acomodando a europeia, através da mediação da escrava índia ou negra. mas aos poucos. custa de muito sacrifício de vida.

nieuhof salientou a grande mortalidade infantil nos primeiros séculos de colonização: teve, porém, o bom senso de atribuir menos ao clima ou a escrava africana que a alimentação imprópria.<sup>202</sup> e Fernandes Gama quase o repete ao escrever que "as mulheres portuguesas a princípio criaram mui poucos filhos"; que "dois terços destes morriam pouco depois de nascidos". que já "as filhas destas mulheres que chegaram a criar-se, e mesmo ellas, acconimodando-se ao clima e regeitando o peso dos vestidos, e o uso de abafar a cabeça dos filhinhos, banhando-os em agua morna, não se queixaram mais de que o clima fosse destruidor das vidas dos recém-nascidos".<sup>203</sup>

abrandou, decerto, a mortalidade infantil no Brasil, da segunda metade do século xvi em diante; mas continuou impressionante. no século xviii preocupa-se com ela o dr. Bernardino Antonio Gomes; no século xix é um dos problemas que mais inquietam os higienistas do segundo império - Sigaud, Paula Cândido, Imbert, o barão de Lavradio; até que em 1887 José Maria Teixeira consagra-lhe um estudo verdadeiramente notável: causas da mortalidade das crianças no Rio de Janeiro.

na sessão da academia de medicina de 18 de junho de 1846 o assunto é posto em discussão e debate, dentro dos seguintes itens: 1) a que causa se deve atribuir tão grande mortalidade nas crianças nos seus primeiros anos de vida, - a prática de amamentação por escravas, com pouco escrúpulo escolhidas, poderá ser considerada como uma das principais? 2) quais as moléstias mais frequentes nas crianças? os registros da academia talvez não guardem matéria mais cheia de interesse social que a ata da memorável sessão.

c.-g. & s. 365

#

as opiniões são as mais descontraídas. ergue-se o dr. Reis para salientar como influência particularmente nociva sobre a saúde das crianças brasileiras o uso e abuso de comidas fortes, o vestuário impróprio, o aleitamento mercenário; as moléstias contagiosas das amas africanas, muitas delas portadoras de sífilis e principalmente de boubas e escrófulas. mas fala depois o dr. Rego para responsabilizar pela mortalidade das crianças brasileiras menos as escravas e o vestuário que o hábito de se conservarem os meninos nus; salientando outro fator importante: a falta de tratamento médico na invasão das moléstias. levanta-se então Paula Cândido que insiste no perigo das amas-

de-leite escravas, escolhidas sem cuidadoso exame; que salienta os males da dentição e dos vermes. vários outros médicos e higienistas falam nessa reunião memorável. o dr. de simone que também se refere ao perigo das amas escravas e da alimentação imprópria. o dr. jobim que lembra a influência perniciososa da "umidade das casas".<sup>204</sup> o dr. feital que salienta a alimentação imprópria. o dr. nunes garcia que insiste no mesmo ponto e no da amamentação mercenária para ser contestado pelo dr. lallemant: este diz considerar a alimentação da criança no brasil melhor que na europa. quem fala por último é o dr. marinho: salienta como causa da mortalidade infantil no brasil a umidade, as fortes alternativas de temperatura, o vestuário, a alimentação prematura, a amamentação mercenária.

em 1847, o barão de lavradio, em série de artigos no jornal da imperial academia sob o título "algumas considerações sobre as causas da mortalidade das crianças no rio de janeiro e molestias mais frequentes nos seis ou sete primeiros mezes de idade" faz do assunto uma larga sondagem, concluindo pela predominância das seguintes causas: o mau tratamento do cordão umbilical; vestuário impróprio; pouco cuidado no princípio das molestias das escravas e das crianças de mais idade; alimentação desproporcional, insuficiente ou imprópria; desprezo no princípio das molestias da primeira infância, apresentando-se ao médico crianças já moribundas de gastroenterites, hepatites e tubérculos mesentéricos.

a verdade é que perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família de hoje.<sup>205</sup> viria outro. o anjo ia para o céu. para junto de nosso senhor, insaciável em cercar-se de anjos. ou então era mau-olhado. coisa-feita. bruxedo. Feitiço. contra o que são as figas, os dentes de jacaré, as rezas, os tesconjuros.

o dr. teixeira registra, na sua memória, ter frequentemente ouvido dos pais estas palavras: "é uma felicidade a morte

que

das crianças";<sup>206</sup> e o fato é que se prolongaram pelo século xix os enterros de anjos. uns em caixões azuis ou encarnados, os cadáveres pintados a carmin como o do meninozinho que ewbank viu morto no rio de janeiro; os mais pobres, em tabu-

#

leiros cheios de flores; alguns até em caixas de papelão, das grandes, de camisas de homem.

as causas da mortalidade infantil no brasil do tempo da escravidão - causas principalmente sociais - fixa-as com admirável nitidez de senso crítico josé Maria teixeira, atribuindo-las, principalmente ao sistema econômico da escravidão, isto é, aos costumes sociais dele decorrentes: falta de educação física e moral e intelectual das mães; desproporção na idade dos cônjuges; frequência de nascimentos ilícitos.<sup>207</sup> devendo acrescentar-se: o regime impróprio da alimentação; o aleitamento por escravas nem sempre em condições higiênicas de criar; a sífilis dos pais ou das amas. foi evidentemente a ação dessas influências que muitos confundiram com a de clima. luccock observou no brasil dos princípios do século xix "grande negligência"



("actual great neglect") com relação ao bem-estar das crianças ("with regard to the welfare of children, to their life or death").208

várias foram as doenças que afligiram a criança brasileira no tempo da escravidão. mal dos sete dias (inflamação do umbigo). tinha. sarna. impingem. crustas leitosas. sarampo. bexiga. lombrigas. doenças que se combateram a clisteres, purgantes, bichas, medicamento evacuante, sangrias, vomitórios, sinapismos. É provável que alguns remédios e preventivos se tenham antecipado - às doenças, levando muito anjinho para o céu.

alguns cronistas atribuem ao contato dos meninos brancos com os muleques o "vício", que muitos adquiriram, de comer terra. "vício" que foi a causa da morte de tanto escravo no Brasil colonial - desde o tempo dos escravos Índios: "um dos meios que esses infelizes empregam na própria destruição", escreve Koster, "é comer terra e cal. tão estranho hábito, contraído às vezes pelos africanos, o é igualmente por muleques crioulos e com frequência também por meninos livres tanto quanto pelos escravos. tal disposição não é considerada doença, mas vício, que se pode vencer com a vigilância dos que cuidam das crianças, sem recorrer à medicina. em várias ocasiões, verifiquei que não empregam como necessário nenhum tratamento medicinal e que os meninos curam-se à força de castigo e de vigilância. tive conversas a este respeito e notei que muitas pessoas livres que conhecem essa afecção através dos exemplos que observam nos filhos ou nos meninos do vizinho, a

c.-g. & s. 367

#

tinham por costume e não por doença. nos adultos, é mais comum nos escravos do que nos forros.\*1209

parece que Koster não teve ocasião de observar o tratamento de crias ou muleques viciados em comer terra, e até de meninos brancos, pelo sistema da máscara de Flandres. muito menos pelo do panacum de Cipó: enorme balaio dentro do qual o negro era guindado até o teto de improvisado lazareto com auxílio de cordas metidas por entre os caibros e presas em argolas nos portais. esses lazaretos existiram até meados do século XIX em engenhos do norte; viu-os, ainda menino, favelante da câmara: "o paciente era isolado num lazareto ou hospital sui generis, onde lhe era de todo impossível manter o abominável vício da geofagia." metido no tã panacum e suspenso do solo "impunha-se-lhe uma quarentena de muitos dias enquanto se lhe dava leite de jaracatiú a fim de corrigir-lhe a anemia e era submetido a um regime de alimentação substancial levada a horas certas na ponta de uma vara, quando não era possível descer o panacum à vista da pessoa da maior confiança".210

o menino do tempo da escravidão parece que descontava os sofrimentos da primeira infância - doenças, castigos por mijar na cama, purgante uma vez por mês - tornando-se dos cinco aos dez anos verdadeiro menino-diabo. 'seus jogos e brincadeiras acusam nele, como já observamos', tendências acremente sadistas. e não era só o menino de engenho, que em geral brincava de bolear carro, de matar passarinho, e de judiar com muleque: também o das cidades.

. mesmo no jogo de pião e no brinquedo de empinar papagaio achou jeito de exprimir-se o sadismo do menino das casas-grandes e dos sobrados do tempo da escravidão, através das práticas, de uma aguda crueldade infantil, e ainda hoje corrente no norte, de "lascar-se o pião" ou de "comer-se o papagaio" do outro; papagaio alheio é destruído por meio da lasca, isto é, lâmina de vidro ou caco de garrafa, oculto nas tiras de pano do rabo. nos próprios jogos coloniais de sala surpreendem-se tendências sadistas: no 'jogo do beliscão', tão querido das crianças brasileiras nos séculos xviii e xix, por exemplo. oferecendo aos meninos larga oportunidade de beliscarem de rijo as primas ou os crias da casa, não é de admirar a popularidade de jogo tão besta:

uma, duas, angolinhas  
finca o pé na pampolinha  
o rapaz que jogo faz?  
faz o jogo do capão.  
é capão, semicapão,

368 g. f.

i

veja bem que vinte são

#

e recolha o seu pezinho  
na conchinha de uma mão  
que lá vai um beliscão ... 211

e ia mesmo o beliscão em quem fosse atingido na roda por 'lá vai um beliscão'. beliscão medroso da parte dos crias; doloroso e forte quando dado pelos meninos brancos. mas o maior, sofrimento reservava-se ao último a ser atingido pela frase. este era agarrado por todas as crianças que batiam com ele no chão, cantando com toda força:

é de rim-fon-fon\_  
é de rim-fon-fon,  
pé de pilão,  
carne-seca com feijão.

e é de imaginar quanto se judiava então com os crias e com as meninas. sobre este ponto, os depoimentos por nós recolhidos de sobreviventes da ordem escravocrata - um deles leopoldo lins - são muito expressivos.

em outro jogo, o de "belilisco de pintainho que anda pela barra de vinte e cinco", manifestavam-se iguais tendências: começava com beliscões para terminar em bolos nas mãos da criança menos esperta, que nem os do feitor nas mãos do mule-que safado. e no jogo de 'peia-que-mada é bem possível que muitas vezes a peia servisse de imitação do tira-mandinga-de-negro do feitor nas costas do escravo fugido; como o galho de goiabeira fez tantas vezes o papel de chicote no brinquedo de carro de cavalo.

"r que são pela maior parte os filhos destes madraços?" pergunta o padre lopes gama, referindo-se aos filhos do senhor de engenho. "muitos nem aprendem a ler, e escrever [ .... 1. as deslhumanidades e cruezas, one desd'os tenros annos vôm praticar com os miseros escravo, os tornam quasi insensiveis aos padecimentos do seu proximo, [ .... 1 ". e "na verdade como se formarão para as virtudes sociaes~ os nossos corações, se nós brasileiros, desde que abrimos os olhos, logo observando a cruel distincão entre senhor e escravo, e vendo pelo mais pequeno, motivo e às vezes dor mero capricho rasgar desapiadadamente em açoites as carnes dos nossos semelhantes? como apreciaremos o pudor, nós que vemos, ou mandamos levantar as roupas de uma desgraçada escrava para ser surrada?" 212 "apenas nos assoma a intelligencia", são palavras do mesmo padre-mestre, em outro dos seus artigos de crítica aos costumes brasileirojos dos

-g. & s. 369

#

principios do século xix, "vamos observando de uma parte o desprimor, a sem vergonha, a frascaria, o desregramento dos escravos, e de outra os duros tratamentos, as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi todos os dias de nossos paes, sem que taes creaturas degradadas sintam mais do que sensaçõ physica, e rarissima vez o sentimento moral; e dahi o que deverõ seguir-se? o tornarmo-nos grosseiros, voluntariosos, e cheios d'orgulho."213 nas suas recordações de infancia o visconde de taunay, que foi um homem tão suave, quase uma moça, confessa que gostava 'de fazer suas judiariazinhas com os muleques.214 e hõ um trecho de romance de machado de assis em que o fino observador da sociedade brasileira do tempo do império retrata-nos o tipo do menino sadista; da criança pervertida. pelas condiçes sociais de sua formaçõ entre escravos inermes; entre criaturas dóceis aos seus caprichos. não hõ brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidõ, que não se sinta aparentado do menino brõs cubas na malvadeza -e no gosto de judiar com negro. aquele morbido deleite em ser mau com os inferiores e com os animais õ bem nosso: õ de todo menino brasileiro atingido pela influencia do sistema escravocrata. `desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino-diabo [ .... 1 ", confessa o herõ das memõrias postumas de brõs cubas. `por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefõcio, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer õ minha mae que a escrava õ que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis annos. prudõncio, um muleque de casa, era o meu cavallo de todos os dias; punha as mõs no chõ, recebia um -cordel nos queixos, õ guisa de freio, eu tredava-lhe ao dorso, com uma varinha na mõ, fustigava-o, dava4fie mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo - mas 4)bedecia sem dizer palavra, oui quando muito, um - "ai, nhonhõ!" - ao que eu retorquia: - "cala a boca, besta!" - esconder os chapõus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos

braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indôcil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos."

era essa atitude dos pais, tolerando nos filhos a estupidez

370 g. f.

i

e a malvadeza e até estimulando-os a bravatas, que o padre lopes gama não compreendia nem perdoava. não compreen-

#

dia que deixassem os meninos de família viver pelos telhados como gatos e pelas ruas empinando papagaio; jogando a pedrada e o pião "com a rapaziada mais porca e brejeiral". isso nas cidades e subúrbios. "pelos nossos matos (com poucas, e honrosas excepções) é lastimosa a educação dos meninos. ali o primeiro divertimento que se lhes dá é uma faquinha de ponta; e assim como no século da cavalleria andante os paes de bom tom armavam cavalleiros os seus filhos, apenas estes começavam a ensaiar os passos, e os beatos vestiam de fradinhos os seus pequenos, assim muitos dos nossos matutos armam cavalleiros da faca aos seus filhinhos, logo que estes podem enfiar-se em uma ceroulinha." e acrescentava o padre-mestre sobre a educação do menino filho do senhor de engenho: "ali o menino é um perseguidor cruel das innocentes avesinhas, espiolhando-lhes os ninhos, e não podendo com a clavina, já têm gabos de insigne escupeteiro. desd'os tenros ónnos avesam-se as creaturas ao sangue, é matança e é crueldade; porque tomar por divertimento o tirar a vida a animaesinhos, que nos não offendem, antes nos regosijam, e concorrem para louvar as obras do creador, é em meu humilde entender formar' o coração par~ a barbaridade e a crueza. lidando quasi só com escravos ali os meninos adquirem uma linguagem viciosa, e montesinha, e os mais grosseiros modos, e não poucos tomam a terrível manha de comer terra.11215

noutros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quais, um tanto por efeito do clima e muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a atividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. as primeiras vítimas eram os muleques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável.

da fazer-se da negra ou mulata a responsável pela antecipação de vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. com a mesma lógica poderiam responsabilizar-se os animais domésticos; a bananeira; a melancia; a fruta do mandacaru com o seu visgo e a sua adstringência quase de carne. que todos foram objetos em que se exerceu - e ainda se exerce - a precocidade sexual do menino brasileiro.

na "idéia geral de pernambuco em 1817" fala-nos um cro-

nista anônimo de "grande lubricidade" dos negros de engenho;  
mas adverte-nos que estimulada "pelos senhores avidos de

c.-g. & s. 371

#

:: : : : uif~i : : : : - \_\_ai

janeiro. casa-grande do engenho santa rosa, em campos, rio de

(segundo fotografia do iphan)

216

augmentar seus rebanhos". não seria extravagância nenhuma concluir, deste e de outros depoimentos, que os pais, dominados pelo interesse econômico de senhores de escravos, viram sempre com olhos indulgentes e até simpáticos a antecipação dos filhos nas funções genésicas: facilitavam-lhes mesmo a precocidade de ganhos. referem as tradições rurais que até mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos, negrinhas ou mulatinhas capazes de -despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual.

nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelos. o folclore da nossa antiga zona de, engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de deboche: para levar o maricas ao ridículo. o que sempre se apreciou foi~, o menino que cedo estivesse metido com raparigas. raparigueiro, como ainda hoje se diz. feineciro. deflorador

z~

de mocinhas. e que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos.

se este foi sempre o ponto de vista da casa-grande, como responsabilizar-se a negra da senzala pela depravação precoce, do menino nos tempos patriarcais? o que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do senhor-moço. desejo, não: ordem. os publicistas e até cientistas brasileiros que se7

39 g.f.

7.

tão ocupado da escravidão é um ponto em que sempre exageraram a influência perniciosa da negra ou da mulata: esse de terem sido elas as corruptoras dos filhos-família. 'vorruporas da feminil e máscula filharada', chamou às negras f. p. do amaral.217 e burlamaqui: "corrompem os costumes dos filhos de seus senhores [ . . . . 111.218 antonil observou das mulatas de engenho que conseguiam alforriar-se: o dinheiro com que se libertam "raras vezes salie de outras minas que dos seus mesmos corpos, com repetidos peccados: e depois de forras continuam a ser ruina de muitos".219 o professor moniz de aragão, em comunicação à Sociedade de medicina de paris, chegou a considerar "o grande número" de contaminações insólitas de câncros extragenitais nos negros e mestiços do brasil resultado

da lubricidade simiesca sem limites", das pretas e mulatas.<sup>220</sup> mas não é de estranhar: o próprio Nina Rodrigues acreditou ser

#

a mulata um tipo anormal de superexcitada genésica.

o melhor sentido de discriminação revelou Vilhena escrevendo no século XVIII: "as negras e ainda uma grande parte das mulatas, para quem a honra he hum nome chimerico e que nada significa, são ordinariamente as primeiras que começam a corromper logo de meninos os senhores moços, dando-lhes os primeiros ensaios da libidinagem em que de crianças se engolfão; princípios de onde para o futuro vem huma tropa de mulatífios e crias que depois vem a ser perniciosissimas nas famílias." mas salientando logo: "succede muitas vezes que os mesmos senhores chamados velhos, para distincção dos filhos, são os mesmos que com suas proprias escravas dão maior exemplo às suas proprias famílias, [ . . . 111.<sup>221</sup> superexcitados sexuais foram antes estes senhores que as suas negras ou mulatas passivas. mas nem eles: o ambiente de intoxicação sexual criou-o para todos o sistema economico da monocultura e do trabalho escravo, em aliança secreta com o clima. o sistema economico, porém, e seus efeitos sociais, em franca preponderancia sobre a ação do clima.

"les jeunes brésiliens", escreveu Alphonse Rio, "sont souvent pervertis presque au sortir de l'enfance." o que lhe pareceu em grande parte devido ao clima: "la chaleur du climat ut le inoment de la puberté"; mas devido principalmente a causas sociais; e estas ligadas ao sistema de produção economica: 'ves desirs excités par une éducation vicieuse et le mélange des sexes souvent provoqués par les nègresses'.<sup>222</sup> ninguém nega que a negra ou a mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril; mas não por si, nem como expressão de sua raça ou do seu meio-sangue: como

-9. & s. 373

#

parte de um sistema de economia e de família: o patriarcal brasileiro.

o padre Lopes, gama escreveu dos meninos de engenho do seu tempo: "apenas tocam os limites da virilidade já se entregam desenfreadamente aos mais porcos appetites: são os ganhões daquelles contornos [ . . . 1".<sup>223</sup> quando não estavam ganhando sua ocupação era braganhar cavalos e bois e jogar o maior ponto e o trunfo na casa de purgar. mas isso - acentue-se ainda uma vez - depois de uma primeira infância de constipações, de clisteres, de lombrigas, de convalescências; de uma primeira infância cheia de dengos, de agrados, de agarrados com as mucamas, e com a mãe; de banhos mornos dados pelas negras; de mimos; de cavilação; de cafunô por mão de mulata; de leite mamado em peito de negra às vezes até depois da idade da mama; da farofa ou pirão com carne comido na mão gorda da mãe-preta; de pereba cozida por mulata; de bicho-de-pé tirado por negra; de sonos dormidos em colo da mucama.

mimos que em certos casos prolongavam-se pela segunda infância. houve mães e mucamas que criaram os meninos para serem quase uns maricas. moles e bambos. sem andar a cavalo nem virar bunda-canastra com os muleques da bagaceira. sem dormir sozinhos, mas na cama-de-vento da mucama. sempre dentro da casa brincando de padre, de batizado e de pais das bonecas das irmãs. o padre gama nos fala de meninos que conheceu sempre "ernpapelados e envidrados"; e tratados com tantas "cauteladas de sol, de chuva, de sereno, e de tudo, que os pobres adquirem uma constituição debil, e tão impressionavel que qualquer ar os constipa, qualquer solzinho lhes causa febre, qualquer comida lhes produz indigestão, qualquer passeio os fadiga, e molesta".224 amolegado por tantos mimos e resguardos da mãe e das negras, era natural que muito menino. crescesse amarelo: a mesma palidez das irmãs e da mãe enclausuradas nas casas-grandes. por outro lado, houve mulequinhos da senzala criados nas casas-grandes com os mesmos afagos e resguardos de meninos brancos. cousa, já se vê, de iaias solteironas, ou de senhoras maninhas, que não tendo filho para criar deram para criar muleque ou mulatinho. e às vezes com um exagero ridiculo de dengos. "o mulequinho quebra quanto encontra", informa desse privilegiado o padre gama, 'ie tudo é gracinha; já tem 7, e 8 annos; mas não pode ir de noite para a cama, sem dormir o primeiro sonino em o regaço da sua yayá que o faz adormentar balanceando-o sobre a perna, e cantando-lhe uma embirrantada enfiada de chacaras, e cantilenas monotonas do tempo do capitão frigideira." e mais: "eu conheço uma res-

374 g. f.

peitavel sibila, que creando uma negrinha que hoje já terá os seus 14 annos, esta não vae de noite para a cama sem que primeiramente se deite no regaço de sua yayá gorda, que esta lhe vê danda trincos na carapinha (que é uma graxa de po-

#

mada) e fazendo mechas do vestido da pateta, e chupando-as até adormecer! aqui ha porcaria, má criação e desaforo".225 outro caso curioso refere entre sério e gaiato o padre-mestre: o de meninos, estes brancos e de família, que se habituaram a ir para a cama, embriagando-se antes com cheiro de sovaco; vício talvez adquirido quando crianças de peito, nos braços da mãe-preta.

vilhena ficou admirado do número de mulequinhos - negros e mulatos - criados dentro de casa "com mimo extremo". escreveu numa de suas cartas da bahia: "he aqui tão dominante a paixão de ter mulatos e negros em casa que logo que seja cria que nasceo nella, só por morte he que della sahe; havendo muitas familias, que das portas para dentro tem 60, 70 e mais pessoas desnecessarias; fallo dentro da cidade, porque no campo não admira".226

os mulequinhos criados nas casas-grandes chamaram também a atenção de maria graham, nos engenhos de cana que visitou no sul do brasil: um deles o engenho dos afonsos, de propriedade da família marcos vieira - uma boa propriedade com 200 bois e 170 escravos agricolas e produzindo 3.000

arrobas de açúcar e setenta pipas de aguardente. a viu maria graham crianças de todas as idades e de todas as cores comendo e brincando por dentro da casa-grande; e tão carinhosamente tratadas como se fossem da família.227

tanto o excesso de mimo de mulher na criação dos meninos e até dos mulatinhos, como o extremo oposto - a liberdade para os meninos brancos cedo vadiarem com os muleques safados na bagaceira, deflorarem. negrinhas, emprenharem escravas, abusarem de animais - constituíram vícios de educação, talvez inseparáveis do regime de economia escravocrata, dentro do qual se formou o brasil. vícios de educação que explicam melhor do que o clima, e incomparavelmente melhor que os duvidosos efeitos da miscigenação sobre o sistema sexual do mestiço, a precoce iniciação do menino brasileiro na vida erótica. não negamos de todo a ação do clima: também na zona sertaneja do brasil - zona livre da influência direta da escravidão, da negra, da mulata - o menino é um antecipado sexual. cedo se entrega ao abuso de animais. a melancia e o mandacaru fazem parte da etnografia do vício sexual sertanejo. a virgin-

-g- & s. 375

#

dade aue ele conserva a de mulher. e nisto tem consistido sua superioridade tremenda sobre o menino de engenho.

certas tendências do caráter do sertanejo. puxando para o ascetismo; alguma coisa de desconfiado nos seus modos e atitude; o ar de seminarista que guarda a vida inteira; sua extraordinária resistência física; seu corpo anguloso de dom quixote, em contraste com as formas mais arredondadas e macias dos brejeiros e dos indivíduos do litoral; sua quase pureza de sangue, que só agora começa a contaminar-se de sífilis e de doenças venéreas - são traços que se ligam da maneira mais íntima ao fato do sertanejo em geral, e particularmente nas zonas mais isoladas das capitais e das feiras de gado, só conhecer mulher tarde; e quase sempre pelo casamento. gustavo barroso, em estudo sobre as populações sertanejas no nordeste, diz serem comuns, no sertão, rapazes de mais de vinte anos ainda virgens.228 o que, no brejo e no litoral, seria motivo para debiques e troças ferozes. sente-se a o resultado da influência direta da escravidão sobre estas duas zonas; e apenas indireta e remota sobre o sertão. esse antagonismo de condutas sexuais - que seriam tão interessantes de contrastar-se por meios estatísticos, procedendo-se a um inquérito entre estudantes de escolas superiores vindos das duas regiões - só tem feito empalidecer nos últimos anos. vão rareando, nos sertões os donzelos de mais de vinte anos. a sífilis vai se alastrando entre os sertanejos. aos bordéis de itabaiana e às célebres seiscentas meretrizes de campina grande - "dois centros de contato de sertanejos com adventícios do Recife e da Paraíba" - atribui josé Américo de almeida a rápida sifilização, nos últimos anos, dos sertanejos paraibanos.229

fosse o clima a causa principal da sensualidade brasileira e teria agido sobre os sertanejos ao mesmo tempo que sobre os brejeiros e as populações do litoral; e não três séculos depois. não tenhamos hoje a ingenuidade que não teve vilhena no



século xviii. numa de suas cartas da bahia, critica vilhena os pais e mães que, concorrendo para "a destruição da inocência dos seus filhos", atribuíam depois ao calor "certos descuidos que são suas produções de sua grosseiria e maldade".230

além do que, confrontando-se os efeitos morais, ou antes, sociais, da monocultura e do sistema de trabalho escravo sobre a população brasileira, com os efeitos produzidos pelo mesmo sistema sobre populações de raça diferente e em condições diversas de clima e de meio físico nas antilhas e no sul dos estados unidos, por exemplo verifica-se a preponderância das causas econômicas e sociais - a técnica escravocrata de

376 g. f.

produção e o tipo patriarcal de família - sobre as influências de raça ou de clima.

no sul dos estados unidos criou-se e desenvolveu-se, do século xvii ao xviii, um tipo aristocrático de família rural

#

muito mais parecido ao do norte do brasil de antes da abolição que a burguesia puritana da outra metade da américa, de origem também an4-dlo-saxônia, porém influenciada por um regime econômico diverso. quase os mesmos fidalgos rústicos - cavaleiros a seu jeito; orgulhosos do número de escravos e da extensão das terras; multiplicando-se em filhos, crias e muleques; regalando-se com amores de mulatas; jogando cartas, divertindo-se em brigas de galo; casando-se com meninas de quinze, dezesseis anos; empenhando-se em lutas por questões de terra; morrendo em duelos por causa de mulher; embriagando-se com rum

i

casa-grande de pombal, vendo-se o braço do visconde de suaóuna. (segundo fotografia de josé Maria c. de albuquerque e melo.)

277

c-9. & s. .

#

em grandes jantares de família - vastos perus com arroz assados por "oid mammies" peritas na arte do forno, geléias, pudins, guisados, doce de pera, quitutes de milho.

no sul dos estados unidos, como em cuba, a criança e a mulher sofreram passivamente, nas casas-grandes, as mesmas influências, não tanto de "clima", nem da "simiesca lubricidade africana" como do sistema de produção econômica e de organização patriarcal da família, sofridos pelo menino e pela senhora, nos engenhos e nas fazendas do brasil. no brasil, os meninos de engenho anteciparam-se aos do sertão em experiências de mulher; os do sul dos estados unidos anteciparam-se aos do norte. refere calhoun que um negociante do sul em visita a amigos de nova iorque informou-os de que estivera

hó pouco na fazenda de um seu irmão; e que a todos os escravos domésticos estavam sofrendo de doença venérea; e no meio deles, não tardando a se infeccionarem, os filhos do fazendeiro. era o mesmo aue se crescessem e se educassem num bordel. ("i told him he might as well have them educated in a brothel at once.") interessante é também este depoimento de velho escravocrata de alabama recolhido por calhoun: que na sua fazenda, "every young man [ .... ] became addicted to fornication at an early age". 231 o mesmo que nos engenhos do brasil.

não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes louros; estes é cue, no sul dos estados unidos, como nos engenhos de cana do brasil os filhos dos senhores, criavam-se desde pequenos para ganháes. ao mesmo tempo que as negras.e mulatas para "ventres geradores". "slave women were taught", escreveu calhoun, "that it was their duty to have a child once a year, and that it mattered little who was the father."232 o mesmo interesse econômico dos senhores em au-

patriar-

corrompe estados

unidos. os viajantes que lá estiveram durante o tempo da escravidão referem fatos que parecem do brasil.233 é verdade que lá como aqui não faltou quem, confundindo resultado e causa, responsabilizasse a negra e seus "strong sex instincts" e principalmente a mulata - "the lascivious hybrid woman"234 - pela depravação dos rapazes brancos. entre nós, já vimos que nina rodrigues considerou a mulata um tipo anormal de superexcitada sexual; e até José Veríssimo, de ordinário tão sóbrio, escreveu da mestiça brasileira: "um dissolvente de nossa virilidade física e moral".235 nós, uns inocentinhos: elas, uns diabos dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo.

mentar o rebanho de escravos que corrompeu a família cal no brasil e em portugal u-a no sul dos

'a7r

a verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o

#

elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no brasil. exprimiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. dele se deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa-grande, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio.

imagine-se um país com os meninos armados de faca de ponta! pois foi assim o brasil do tempo da escravidão. na sua histoire des indes orientales diz monsieur souchu de rennefort, que aqui estive no século xvii "tous les habitants de ce pays jusques aux enfants, ne marchent point en campagne, qu'ils

ne portent de grands couteaux nuds, trenchans des deux c6tez [ .... 1". souchu de rennefort atribuiu a necessidade de se defenderem, grandes e pequenos, das cobras-veados, esse uso generalizado de faca de ponta: "pour couper ces serpens nommez cobre-veados [ .... 1". mas nem sempre matavam-se apenas serpentes; tambem homens e mulheres.

a verdade, por6m, 6 que o h6bito da faca de ponta deve datar dos primeiros tempos da coloniza66o, quando meninos e gente grande deviam estar sempre prontos a enfrentar surpresas de 6ndios e de animais selvagens. da6, em grande parte, certa precocidade nas crian6as coloniais, cedo chamadas, a participar das ang6stias e preocupa6es dos adultos. e tambem dos prazeres ou gozos, que eram principalmente os do sexo.

notas ao capitulo iv

1. arthur w. calhoun, a social history of the american family from colonial times to the present, cleveland, 1918.

2. afro6mo peixoto, minha terra e minha gente, rio, 1916. opini6o de dois outros pedagogos ilustres, em livro did6tico: mas estes, nada ortodoxos. referimo-nos a s6lvio romero e jo6o ribemo no seu comp6ndio 'de hist6ria da literatura brasileira, rio, 1909 (2.1 ed.)

3. rev. inst. hist. geog. bras., tomo lxxviii, parte ii.

4. melvu-le j. herskovrrs, "a preliminary consideration of the culture areas of africa" i american anthropologist, vol. xxvi, n. ( 1. esse esbo6o de delimita66o de 6reas africanas de cultura o professor herskovits tem desenvolvido em trabalhos exaustivos, acrescentando-lhes novos tra6os.

c.-g. & s. 379

#

vejam-se deste autor "on the provenience of new world negroes", social forces, dez., 1933, xii; dahomey: an ancient west african kingdom (2 vols.), nova lorque, 1938; "the negro in the new world: the statement of a problem", american anthropologist, janeiro-margo, 1930, xxxii; "the social history of the negro", em a handbook of social psychology, organizado por c. murchison, worcester, 1935.

sobre as 6reas de cultura africanas veja-se tambem wilfrid dyson ~ly, source-book for african anthropology, chicago, 1937, obra que infelizmente n6o vem destacada pelo professor artur ramos em sua bem orientada introdu66o 6 Antr ologia brasileira (rio, 1943). sobre a cul- ~op

tura trazida pelo negro para a am6rica, de diferentes 6reas africanas, veja-se o trabalho do professor m. j. herskovrrs, the myth of the negro past, nova torque-londres. 1941.

5. henry walter bates, the naturalist in the amazon river, londres, 1863.

6. waldo frank, loc. cit.

7. nas palavras do professor l. w. lyde, 'the black man is normally covered with a complet and continuous film, and this means a maximum surface for evaporation - in which quantities of heat are consumed - a maximum reflection of light, and maximum protection against nerve injury'. (l. w. lyde, "skin colour", the spectator, londres, 16 de maio de 1931). "de todas as ra6as humanas% escreve a. ~rio de aluzida, "s6 os negros s6o perfeitamente adaptados 6 vida nos tr6picos

e são eles podem sem sofrimento suportar completamente nus o sol ardente dessas regiões; essa resistência especial devem eles à sua pele negra que os protege contra os raios actínicos mas que apresentaria o grave inconveniente de se superaquecer ao sol se não fosse aquele mecanismo de defesa completado por um outro geral, seja a de possuírem uma grande capacidade de sudorese que corrige a tendência ao superaquecimento da superfície cutânea." ("a pele protetora do urucu", cit.)

8. alfred r. wallace, a narrative of travels on the amazon and rio negro, londres, 1852.

9. tratando do modo por que varia, nos primitivos, a adaptabilidade a novas formas de cultura - o melanismo em confronto com o polinésio, o ameríndio em contraste com o negro - pitt-rivers (op. cit.) salienta a opinião de mcdougall, para quem essas variações resultariam de "diferenças de constituição fisiológica"; e lembra que já wallace contrastara o aborígine da américa com o negro alegre e palrador.

no seu estudo da esquizofrenia - formas clínicas - ensaio de revisão da casuística nacional (rio, 1931), cunha lopes e heitor peres discriminaram "a contribuição das principais raças para cada forma clínica". pela sua "tabela discriminativa dos tipos étnicos" vê-se que a forma clínica mais frequente para todos os tipos étnicos é a liebfrenia: entretanto, é o negro que se revela nobretudo hcbefrênico" e o mestiço, paranóide". em comunicação feita anteriormente, em 1927, à Sociedade brasileira de psiquiatria, sobre "psicoses nos selvagens" o professor cunha lopes sustentara que "o selvagem autóctone, através da literatura e dos informes de nossos cronistas~ é antes ciclotímico e só por exceção esquizotímico [, ... ]". em pesquisa realizada em pernambuco

#

bucó sobre "as doenças mentais entre os negros", o professor ulisse pernambucano encontrou "frequência menor da esquizofrenia e das chamadas nevroses entre os negros", percentagens mais elevadas de negros nas psicopatias com lesões anatómicas, exceto quanto à epilepsia e à

380 g. f.

paralisia geral", que as das outras raças reunidas; 'maior frequência do alcoolismo e dos delírios infecciosos entre os negros' (arquivos da assistência a psicopatas de pernambuco, 1932, abril, n.º 1). faz algum tempo, em estudo estatístico especializado sobre a paralisia geral, o mesmo pesquisador encontrou em cem paralíticos gerais "menor número de brancos" e "maior de negros" (arquivos, dit., 1933, n.º 2).

adauto botelho, em estudo realizado no rio em 1917, concluiu pela pouca frequência da demência precoce entre negros e pardos (cit. boletim de eugenia, rio, abril-junho de 1932, n.º 38). sobre o assunto vejam-se também os interessantes trabalhos de w. berardinelli, que admite não seja o índio exclusivamente esquizofrênico nem o negro exclusivamente ciclotímico, e o de isaac bro" (o normotipo brasileiro, rio, 1934) e o estudo de Álvaro ferraz e andradp, lma júnior, a morfologia do homem do nordeste, rio, 1939. do ponto de vista sociológico, oliveira viana ocupa-se do problema num dos seus sugestivos ensaios.

o professor donald pierson, por algum tempo da escola livre de sociologia e política de são paulo, em artigo que escreveu para a american sociological review (vol. i, n.º 4, outubro, 1947), sobre a edição em língua inglesa de casa-grande & senzala, aparecida em 1946

com o título *the masters and the slaves*, generosamente lembrou ao autor brasileiro, a propósito do emprego, neste ensaio, de expressões por ele consideradas suspeitas de heresia instintivista, o descrédito das teorias de instintivismo entre os modernos estudiosos de sociologia. talvez devesse dizer o crítico, mais modestamente, entre "os atuais estudiosos norte-americanos de sociologia" para cujos ouvidos a palavra "instinto" tomou-se, na verdade, de tal modo herética que o seu emprego, mesmo por um mestre da grandeza e da modernidade de t. veblen, lhes soa hoje como sinal de ignorância ou de arcaísmo. quando a verdade é que o instintivismo não morreu de todo e sobrevive, sob as novas formas assinaladas pelo professor james w. woodward em trabalho recente ("*social psychology*", 20th century sociology, nova iorque, 1945, p. 226): "reflexo prepotente" (allport), "desejo" (dunlap), "direção" (holt e warden), "motivo" (gurnee), "necessidade viscerogênica" (murray), "motivo de que se dependa" (woodworth, kleneberg), "hábito" (thomas), "hábito dinâmico" (dewey). vitorioso de modo absoluto o atifinstintivismo radical de bernard e kuo, a que se filia, segundo parece, o professor donald pierson, como a uma seita rígida, a mesma condenação que veblen teriam, que ser submetidos vários outros mestres modernos de sociologia, entre os quais vlfredo pareto, com quem em 1935 o mais notável dos instintivistas modernos, o professor w. mcdougall, discutiu o emprego, em sociologia, de palavras como "instinto", "sentimento" e "interesse" (*the mind and society*, journal of social philosophy, vol. i, outubro, 1935), alfred

#

vierkandt (*handwörterbuch der soziologie*, stuttgart, 1931), r. s. woodworth (*heredity and environment*, nova iorque, 1941). e não apenas os psicólogos e sociólogos apegados ao "instintivismo" de freud. como salienta o professor woodward no seu já referido estudo, pesquisas recentes, entre as quais as de i-tealey sobre o comportamento do feto e as de buehler sobre o comportamento de crianças, vêm modificando "our earlier radical environmentalism" (p. 227), ao qual o professor donald pierson se apegou como a última e definitiva palavra da ciência, indiferente ao fato, salientado ainda pelo professor woodward, de que "the general problem of the occurrence and the degree

-g- & s. 381

cedente são de caboclo - conservam traços negróides, consagrados também pela malícia popular. ventas chatas, beiços grossos. a certo membro de uma dessas famílias, agraciado por pedro ii com um título de nobreza, o povo ficou chamando "barão de chocolate". \*

a respeito de alcunhas dadas a senhores de casas-grandes, informa o desembargador pais barreto: "francisco de souza, sogro de catarina barreto, filha de joão pais, era conhecido por francisco das manhas pela diplomacia com que tratava as partes. maria soares maia chamou-se a tainha. ao nosso 8.º avô, Cavaleiro clemente da rocha barbosa, charriavam pé-de-pato. já brasileiros eram jerônimo (le albuquerque, cognominado o torto, pelo, seu defeito na vista, e tamboril por adorno pernambucano em razão de seus 26 filhos legítimos, legitimados e ilegítimos. antônio josé de são albuquerque, genro de filipe pais barreto e sogro de joão pais barreto, era alcunhado por olho de vidro e

cristóvão barreto por fãnhudo, em virtude de seus feitos na guerra dos mascates. francisco de paula pais barreto tinha o nome que depois se constituiu em apelido de alguns filhos, de patriota, derivado da atuação de seu pai ria cèlebre academia do paraíso. antônio francisco xavier paes barreto era denominado maritina, e o seu irmão dr. joão francisco pais barreto, ioi do barracão, pelo costume de preparar barracões com abundantes iguarias e bebidas em tempo de eleições, sobretudo durante a vida de seu irmão, conselheiro pais barreto. josé Luís pais de melo, 2.º avô do autor, era cognominado cel. caju." cita ainda o desembargador pais barreto alcunhas de famílias, como a do padre goiabeira (cristóvão do rego Barros) - "fatos reais ou lendários atribuídos à Família barreto", revista das acadêmias de letra., rio de janeiro, ano vii, n.º 45, págs. 16-17). em antigas áreas patriarcais do Brasil, nós próprio ainda conhecemos um cavalcanti de Albuquerque, senhor de engenho na paraíba, com a alcunha de trombone, um lima gordo, um cristóvão fumaça. e são dos nossos dias joão beleza e Brito Peixe (fabricante de doce de goiaba). algumas alcunhas foram uma espécie de vinha do povo miúdo contra senhores de casas-grandes ou sobrados - inclusive palácios de governo, cuja base mais ou menos sordida é riqueza ou de importância social ou cuja etnia ou fidalguia mais ou menos suspeita ou cujos característicos físicos ou pessoais, mais pitorescos eram atingidos crua ou ironicamente. lembraremos alguns de épocas diversas: xumbergas (mendonça furtado), onça (luís vaia), seixas bacalhau, bode cheiroso (a. p. maciel monteiro), tio pita (epitácio pessoa), joão pobre (josé Tomás nabuco de Araújo contra quem chegaram os adversários políticos a publicar um jornaleco (recife, 1844-1845) intitulado o joão pobre: josé Tomás nabuco era acusado de ter enriquecido em pernambuco, casando-se com moça rica), maria patranha (josé Maria da Silva paranhos), pedro banana (dom pedro ii), ribeiro camorim, mota cabeça, bezerra barriga, bico de lacre (júlio prestes), chico macho (francisco do rego Barros. parente do seu homônimo barão da Boa Vista e acusado pelos adversários políticos do mesmo barão de constituir com josé do rego Barros e josé maria pais barreto, perigoso grupo de valentes, senhores de engenho

#

violentos, a serviço do mesmo barão, considerado homem fraco), aragão bengala (baltasar de aragão, assim chamado pela "multidão negra" - sugere joão da Silva Campos em tempo antigo, bahia, 1942, pág. 33 - pelo "uso excessivo que fazia da bengala para castigar os negros" e que segundo o mesmo Silva Campos seria o mesmo senhor de casa-grande alcunhado mangueia bote, a que se refere pyrard de Lavxó,

278 g. f.

pedro bode (paranhos ferreira), goela de prata (j. de Aquino f-m-seca), sereia barbada (rodolfo Araújo), cu de veludo (b. de melo), antônio bigodão (a. souto maior), barbosa fera, sales pavão, câmara cabrinha, celso papa ovo, santos maricas, amorim repolho, pereira casca grossa, braço forte (Washington Luís).

140. do ins. da "nobiliarchia pernambucana" de borges da Fonseca, dizi um redator d'o sete de setembro, do Recife (n.º 34, vol. i, 1846), que se encontrava na biblioteca de São Bento de Olinda "com folhas arrancadas e outras substituídas". ao mesmo redator não satisfaziam as evidências até então apresentadas, de origem nobre dos cavalcantis de pernambuco; e a propósito de alegações, nesse sentido, de

joão maurício cavalcanti da rocha wanderley, escrevia: "até hoje ninguém viu documento algum, desenterrado dos arquivos italianos, que isto prove de uma maneira que faça fé." também aos wanderleys pedia que provassem pertencer a família fidalga da holanda. veja-se, a esse respeito, gwertto freyre, "introdução% memórias de um cavalcanti, são paulo, 1940.

141. João o padre lopes o~, escrevendo em 1846, dizia: "a quantos almocreves não tenho comprado farinha, arroz, feijão, milho, e sabidas as contas são uns fidalgos de primeira ordem! vejo-os descalços, de camiza, e celouras, cabellos desgrenhados, pebe rugosa e cor de viola velha, tracto-os com pouca cerimonia; e eis que me dizem que são fidalgos; porque são cavalcantis, e não dos tes, cuja nobreza é de enxertio; mas dos tis, que são limpos e claros como um clistel!" (0 sete de setembro, n.o 34, vol. 1, 1845.) ,

142. joaquim nabuco, o abolicionismo, cit.

143. fatores gerais, de degradação e renovação, que se têm feito sentir também em países europeus, no decorrer do século XIX e princípios do XX, com a ascensão social das massas proletárias. com relação aos estados unidos escreve o professor pn~ sorokin: "many families of the old americans are already extinct; part sunk; part are surrounded by the newcomers in the highest social strata. the rapidity of the burning out of the best material has been grasped already in a popular statement that prominent american families rise and sink back within three generations" (p. rim sorokin, social mobility, cit.)

144. esse traço de arquitetura asiática, recolhido pelos portugueses na china e no japo e adaptado ao brasil, é dos que melhor demonstram seu gênio plástico de colonizadores e seu talento de adaptação aos trópicos. morales de los rios pretende que a telha sino-japonesa recurvada em asa de pombo e outros xalores de arquitetura oriental tenham sido introduzidos entre nós "pelos mestres lusitanos que praticaram nas colônias asiáticas do reirio" (a. morales de los rios, "resumo mo-

#

nográfico da evolução da arquitetura do brasil", livro de ouro comemorativo do centenario da independencia e da exposiçao internacional do rio de janeiro, rio de janeiro, 1934). faltam-nos infelizmente pormenores sobre os mestres portugueses que edificaram as primeiras casas, fortalezas e igrejas no brasil. sabe-se apenas que um deles - o que acompanhou tornó de sousa ao brasil - ganhou uma fortuna.

145. o cuscuz é um prato que em geral se supõe muito nosso. trata-se de um velho prato patriarcal do norte da áfrica. nai palavras de edmond ric~n, "plat primitif et lointain, plat patriarcal dont ia saveur nomade réjouit ia fantaisie du voyageur qui se souvient!" (edmond ricl~in, la cuisine française du xivo au xvge siècle, paris, 1913). no brasil foi, o antigo processo norte-africano aplicado a pro-

c.-g. & s. 279

i

#

mentos indígenas. outra ilusão a desfazer: sobre a cabidela não é prato português, muito menos brasileiro. muito bom do quitute francês. origem: chateauroux.

146. em culto da arte em portugal, lisboa, 1896. afirma ramalho ortigão que foram os portugueses os primeiros que fabricaram e introduziram o chapéu-de-sol na europa. o que talvez não seja exato com relação à Itália. quanto aos primeiros aparelhos de chumbo, vasos de porcelana e cristais, caixas de pastilhas e sinais, lembra que foram trazidos com os primeiros leques, pelos companheiros de fernão mendes pinto doando os portugueses - nas palavras de ortigão - "a roma e florença, a paris e a londres todos os principais atributos e os temas fundamentais de toda a arte da casa e a de toda a elegância feminina da civilização moderna". sobre o leque, a porcelana e o aparelho de chumbo parece não haver dúvida. salienta ainda ortigão o fato de se ter tornado lisboa no século xvi "o primeiro jardim de aclimação, o primeiro jardim zoológico e o primeiro mercado da europa, pela introdução do chumbo, do algodão, do algodão, da pimenta, do gengibre do malabar, do sandalo de timor, das tecas de cochim, do benjoim do achem, do pau de solor, do anil de cambaia, da onça, do elefante, do rinoceronte, do cavalo árabe". sobre a influência geral das conquistas ultramarinas sobre a vida europeia, particularmente a inglesa, vejam-se os trabalhos de j. m. spie, the influence of oversea expansion on england to 1700, nova iorque, 1920, e jay barrett bedford, english society in the eighteenth century as influenced from oversea, nova iorque, 1924. veja-se também sobre o assunto sousa viterbo, arte e artistas em portugal, cit.

147. por intermédio ou não dos portugueses, a moda inglesa do banho frio diário veio do oriente. e não se generalizou na inglaterra antes do século xviii. também o uso do chapéu-de-sol ou de chuva não se generalizou na inglaterra antes do fim do século xvii (bedford, english society in the eighteenth century, cit.)

148. em artigo sobre este ensaio lembrou o sr. afonso arinos de melo franco que "rodolfo garcia já identificou claramente nas suas notas à História do brasil, de frei viçoso do salvador, este mangue-la-bote, como sendo o célebre capitão-mor baltasar de aragão, que morreu bravamente no mar".

149. acrescenta pyrard sobre a organização feudal aristocrática dos senhores de engenho da colônia portuguesa da américa: 'il y a des seigneurs qui y ont un grand domaine, entr'autres force engins de sucre, que le roy d'espagne leur a donné en recompense de quelque service, et cela est erigé en titre de quelque dignité, comme baronnie, comté, etc. et ces seigneurs leur donnent des terres à ceux qui y veulent aller demeurer et planter des cannes de sucre. Ils ont la charge de les porter aux moulins aux engins de ces seigneurs en leur payant le prix' (voyage de françois pyrard de laval contenant sa navigation aux indes orientales, maldives, molugues et au brasil, etc., pag. 203, paris, 1679.

150. gabriel soares de sousa, tratado descritivo do brasil em 1587, ed. de f. a. varnhagen, rev. inst. hist. geog. bras., vol. xiv, pag. 133, rio de janeiro, 1851.

151. fernão cardim, tratados da terra e gente do brasil, cit., pags. 329 e 334-335. em interessante estudo - "the rise of the bra-

#

zilian aristocracy" (the hispanic american historical review, vol. xi, n.º 2) - lembra alan p. manchester que enquanto o pernambucano dormia em leito de damasco carmesim, o paulista dormia em rede, seus

,280 g. f.



bens raramente excedendo de 8.000 cruzados. o que depois se inverteu com a vitória do café sobre o açúcar.

152. pero de magalhães gandavo, história da provincia de santa cruz a que vulgarmente chamamos brasil, rio, 1924. diálogos das grandezas do brasil, cit. veja-se também pereira da costa, origens históricas da indústria açucareira de pernambuco, recife, 1905. lembra este autor que desde 1559 houve ordem régia permitindo a cada senhor de engenho do brasil mandar vir até 120 escravos do congo; que em 1584 havia já uns dez mil escravos africanos em pernambuco, segundo informações do padre anchieta.

-g- & s. 281

#

iv

o escravo negro

na vida sexual e de familia  
do brasileiro

jk" ir >-4 .

i

na  
na ternura,

odo brasileiro, mesmo o alvo, de  
ca elo louro, traz na alma, quando  
nôo na alma e no corpo - h  
muita gente de jenipapo ou mancha  
mongólica pelo brasil - a sombra,  
ou pelo menos a pinta, do indígena  
ou do negro.

no litoral, do  
maranhão ao rio grande do sul,  
e em minas  
do negro. a

gerais, principalmente  
influência direta, ou  
vaga e remota, do africano.

mímica excessiva, no catolicismo em que  
se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no  
canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão, sín-  
~cera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.  
da escrava ou sinhama que nos embalou. que nos deu de  
mamar. que nos deu de comer, ela própria amolengando na  
mão o bolão de comida. da negra velha que nos contou as pri-  
meiras histórias de bicho e de mal-assombrado. da mulata que  
nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. da  
que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger  
da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. do  
muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.

jô houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas

mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas. a importância psíquica do ato de mamar, dos seus efeitos sobre a criança, é na verdade considerada enorme pelos psicólogos modernos; e talvez tenha alguma razão calhoun para supor esses efeitos de grande

#

significação no caso de brancos criados por amas negras.'  
é verdade que as condições sociais do desenvolvimento do engenho de açúcar do Brasil, como nas

e-g- & s. 283

menino nos antigos

i]

#

plantações ante-bellum da Virgínia e das Carolinas - do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil - talvez expliquem, por si só, aquela predileção. conhecem-se casos no Brasil não só de predileção mas de exclusivismo - homens brancos que só gozam com negra. de rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. só queria saber de mulecas. outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de budum, da escrava negra sua amante. casos de exclusivismo ou fixação mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro.

Não nos interessa, senão indiretamente, neste ensaio, a importância do negro na vida estética, muito menos no puro progresso econômico, do Brasil. devemos, entretanto, recordar que foi imensa. no litoral agrário, muito maior, ao nosso ver, que a do indígena. maior, em certo sentido, que a dos portugueses.

idéia extravagante para os meios ortodoxos e oficiais do Brasil, essa do negro superior ao indígena e até ao português, - em vários aspectos de cultura material e moral. superior em capacidade técnica e artística. mas já um livro de acadêmico acolheu, em páginas didáticas., a primeira tese - a superioridade do negro sobre o indígena. e deu o seu a seu dono, reconhecendo no africano, aqui introduzido pelo colonizador português, cultura superior ao indígena: "estavam [os africanos] numa evolução social mais adiantada que a dos nossos índios".<sup>2</sup> É certo que semelhante ousadia do professor Afrônio Peixoto cuscou-lhe severas resirões da revista do Instituto Histórico, Geográfico Brasileiro. "com efeito, os nossos aborígenes",

escreveu a douda revista em comentário ao livro do professor teixoto, "eram já astrôlatras, enquanto os filhos do continente negro aqui introduzidos não haviam ainda transcendido o fetichismo puro, sendo alguns francamente dendrôlatras." acrescentando com soberano desdém pela realidade: "nem pelos artefatos, nem pela cultura dos vegetais, nem pela domesticação das espécies zoológicas, nem pela constituição da família ou das tribos, nem pelos conhecimentos astronômicos, nem pela criação da linguagem e das lendas, eram os pretos superiores aos nossos Silvícolas-; para concluir com ar de triunfo: "e até quanto à separação dos poderes temporal e espiritual, da sua rudimentar

284 g. f.

organização política, ainda não podem os autóctones do Brasil ser postos em degrau inferior aos filhos da terra adusta de Cam".<sup>3</sup>

o estudo realizado entre as sociedades primitivas da América, em torno dos valores de cultura desigualmente acumulados nas várias partes do continente - acumulação que, elevando-se

#

em semicivilizações no centro, achata-se, em grande pobreza de relevo, na região da floresta tropical para estender-se ainda mais rente com o solo na da Patagônia - deixa grande parte da população indígena do Brasil nessas duas áreas menos favorecidas. apenas às margens, como em Marajó, verificam-se expressões mais salientes de cultura. resultado, naturalmente, do contágio com o centro da América.

o mapa de áreas de cultura da América, organizado por Kroeber, dá-nos idéia exata da maior ou menor quantidade ou elaboração de\* valores. dos altos e baixos característicos da formação cultural do continente. vê-se que a área da Patagônia, mais rasteira que a da floresta tropical, contrasta notavelmente com as , duas ou três áreas que dão relevo cultural à América.

nem da cultura nativa da América pode-se falar sem muita e rigorosa discriminação - tal a desigualdade de relevo cultural - nem da África basta excluir o Egito, com a sua opulência inconfundível de civilização, para falar-se então à vontade da cultura africana, chata e uma só. Esta se apresenta com notáveis diferenças de relevo, variando seus valores na quantidade e na elaboração. um mapa das diferentes áreas já identificadas, umas por Leo Frobenius, diversas, de modo geral, por Melville J. Herskovits<sup>4</sup> nos permitiria apreciar mais a cômodo que através de secas palavras de antropólogos ou de etnólogos, essas variações, às vezes profundas, da cultura continental africana. semelhante mapa nos alertaria, pelo puro alarme dos altos e baixos, contra o perigo das generalizações sobre os colonizadores africanos do Brasil.

porque nada mais anticientífico que falar-se da inferioridade do negro africano em relação ao ameríndio sem discriminar-se antes que ameríndio; sem distinguir-se que negro. se o Tapuí; se o Banto; se o Hotentote. nada mais absurdo do que negar-se ao negro sudanês, por exemplo, importado em número considerável para o Brasil, cultura superior à do indígena mais adiantado. escrever que "nem pelos artefatos, nem pela cultura dos vegetais, nem pela domesticação das espécies zooló-

gicas, nem pela constituiçoo da famoia ou das tribos, nem pelo-,i  
conhecimentos astronômicos, nem pela criaçoo da linguagem e  
das lendas, eram os pretos superiores aos nossos silvocolas-,  
o produzir uma afirmativa que virada pelo avesso o que do certo.

c.-,07. & e 9s5

#

oRtica

noroeste

calif611ft

plato

macksog

yukon

ptanicie

nordeste

sudeste

sudoeste

moxico

colusia

andina

floresta  
tropical

pata66nia

ia

wn

o=

(baseado em a. l. kroeber.)

por todos esses traos oo cultura material e moral revelaram-se  
os escravos negros, dos estoques mais adiantados, em condi-  
oes de concorrer irelhor que os ndios o formaçoo economica  
e social do brasil. Os vezes melhor que os portugueses.

pode-se juntar, a essa superioridade tcnica e de cultura  
dos negros, sua predisposiçoo como que biolgia e psquica  
para a vida nos tropicos. sua maior fertilidade nas regioes  
quentes. seu gosto de sol. sua energia sempre fresca e nova  
quando em contato com a floresta tropical. gosto e energia  
que bates foi o primeiro a contrastar com o foil desalento do

o

#

i

Índio e do caboclo sob o sol forte do norte do Brasil. Bates notou nos Índios - que conheceu, não superficialmente, mas na intimidade, tendo vivido entre eles de 1848 a 1859 - 4. "constitutional disliu to the heat". acrescentando que sempre os viu mais alegres, mais bem dispostos, mais vivos nos dias de chuva, o corpo nu escorrendo água. nostalgia, talvez, dos gelos ancestrais. "how different all this is with the negro, the true child of tropical climes!"s

o escritor waldo frank, em admirável ensaio sobre o Brasil, quase repete bates nessa exaltação do negro como o verdadeiro filho dos trópicos; 6 como o ungido do senhor para as regiões de sol forte; como o homem melhor integrado no clima e nas condições de vida brasileira. adaptação que talvez se realize por motivos principalmente psíquicos e fisiológicos. questão de constituição psicológica, como pretende McDougall e fisiológica também, através da capacidade do negro de transpirar por todo o corpo e não apenas pelos sovacos. de transpirar como se de todo ele manasse um óleo, e não apenas escorressem pingos isolados de suor, como do branco., o que se explica por uma superfície máxima de evaporação no negro, mínima no branco.7

um tanto a maneira de bates, Wallace contrastou o indígena do Brasil, taciturno e moroso, com o negro, alegre, vivo e loquaz.8 em termos modernos de psicologia, essa diferença seria expressa atribuindo-se ao ameríndio a qualidade de introvertido e ao negro a de extrovertido. a teoria que McDougall esboça nos seus trabalhos National Welfare and National Group e Group Mind. teoria ousada porque importa na aplicação de um critério até hoje empregado em casos individuais,, critério quase circunscrito às clínicas psiquiátricas - ao difícil problema de discriminação e caracterização de traços étnicos ou "instintivos" em contraste com os evidentemente culturais ou adquiridos.9 McDougall atribui o fato de contrair-se o Índio mais do que o negro ao contato civilizador do europeu, o por-lhe maior resistência ao domínio para afinal perecer em luta desigual - a essa diferença de constituição psicológica. o indígena na América, caracteristicamente introvertido, e, portanto, de difícil adaptação. o negro, o tipo do extrovertido. o tipo do homem fácil, plástico, adaptável. absoluto esse critério, não deixariam de ter motivos, embora indiretos, os indianófilos, para acreditarem na superioridade moral dos indígenas do Brasil. estes se teriam recusado a trabalhar de enxada nos canaviais portugueses, num gesto superior de grandes de Espanha. grandes de Espanha por temperamento. duros, hirtos, inadaptáveis.

#

i

e, -

ca3a-grande, senzala e outros edificios de uma fazenda opulenta do sul:  
a de s3o joaquim da grama. (segundo fotografia do i.m.a.n.)

o crit3rio hist3rico-cultural, por3m, que tantas vezes tem retificado o fisiol3gico e o ps3quico na discrimina33o de carater3sticos 3tnicos, mostra-nos ter havido da parte dos amer3ndios incapacidade antes social e t3cnica que ps3quica e biol3gica. embora n3o se devam desprezar as indisposi3es ps3quicas, o -fato que avulta 3 o do nomadismo de vida econ3mica atuando poderosamente sobre os amer3ndios; incapacitando-os para o trabalho agr3cola regular. ora, a esse trabalho e ao da cria33o de gado e utiliza33o de sua carne e leite, j3 se tinham afeito v3rias sociedades africanas donde nos vieram escravos em grandes massas.

fique bem claro: n3o pretendemos negar ao crit3rio de tipos psicol3gicos a possibilidade de vantajosa aplica33o 3 discrimina33o de tra3os 3tnicos. a introvers3o do 3ndio, em contraste com a extrovers3o do negro da 3frica, pode-se verificar a qualquer momento no f3cil laborat3rio que, para experi3ncias desse g3nero, 3 o brasil. contrastando-se o comportamento de popula3es negr3ides como a baiana - alegre, expansiva, soci3vel, loquaz - com outras menos influenciadas pelo sangue negro e mais pelo ind3gena - a piauiense, a paraibana ou mesmo a pernambucana - tem-se a impress3o de povos diversos. popula3es tristonhas, caladas, sonsas-e at3 sorumb3ticas, as do extremo nordeste, principalmente nos sert3es; sem a alegria comunicativa dos baianos; sem aquela sua petul3ncia 3s vezes irritante.

288 p. f.

i

mas tamb3m sem a sua gra3a, a sua espontaneidade, a sua cortesia, o seu riso bom e contagioso. na bahia tem-se a impress3o de que todo dia 3 dia de festa. festa de igreja brasileira com folha de canela, bolo, foguete, namoro.

pitt-rivers confronta as dan3as dos negros com as dos 3ndios, salientando naquelas a espontaneidade de emo33o, exprimida em grandes efeitos de massa mas sem rigidez nenhuma de ritual com o compassado e o medido das dan3as amer3ndias.10 dan3as quase puramente dram3ticas. apol3neos, diria ruth benedict, a quem devemos estudos t3o interessantes sobre os povos que denomina apol3neos, em oposi33o aos dionis3acos. esse contraste pode-se observar nos xang3s afro-brasileiros - ruidosos, exuberantes, quase sem nenhuma repress3o de impulsos individuais; sem a impassibilidade das cerim3nias ind3genas.

tais contrastes de disposi33o ps3quica e de adapta33o talvez

#

biol3gica ao clima quente explicam em parte ter sido o negro

na América portuguesa o maior e inais plástico colaborador do branco na obra de colonização agrícola; o fato de haver atuado desempenhado, entre os indígenas uma missão civilizadora no sentido europeizante. missão que quis . eramos fosse melhor conhecida pelos nossos indianófilos. roquette-pinto foi encontrar evidências, entre populações do Brasil central, da ação europeizante de negros quilombos. escravos fugidos. que propagariam entre os indígenas, antes de qualquer missionário branco, a língua portuguesa e a religião católica. aquilombados na serra dos pareci, os negros fugidos cruzaram com mulheres roubadas aos indígenas. uma bandeira que os foi dispersar no século XVIII encontrou ex-escravos dirigindo populações aquilombadas de cafuzos. encontrou grandes plantações. criação de galinhas. cultura de algodão. fabrico de panos grossos. e todos os cabanos de maior idade verificaram os bandeirantes que "sabiam alguma doutrina cristã que aprenderam com os negros [, ... ] todos falavam português com a mesma inteligência dos pretos, de quem aprenderam", "

, mas admitido que predomine a extroversão entre os negros, não lhes atribuamos influência absoluta. os antecedentes e predisposições de cultura do africano que devem ser tomados em maior conta. e dentro desses antecedentes e predisposições de cultura, a dieta ou o regime alimentar.

a cultura e o peso do homem variam consideravelmente sob a ação da dieta tanto de região para região como de classe para classe. os indivíduos de classe elevada são quase sempre mais altos e corpulentos que os de classe inferior. superioridade atribuída pelos pesquisadores modernos ao fato de consumirem

c.-g- & s. 289

#

aqueles indivíduos maior quantidade de produtos ricos em "vitamina de crescimento". 12 f. p. armitage procura mostrar, em livro bem documentado, que até a cor e a forma de crânio dependem da qualidade de alimento.13 na Rússia verificou-se, diz-nos sorokin, que em consequência da fome de 1921/1922 houve diminuição de estatura,14 enquanto na Holanda, segundo Otto Ammon, e na América, segundo Ales Hrdlicka, tem-se observado a elevação da estatura, devida, provavelmente, a modificações de condições sociais e de alimentação.15

no caso dos negros, comparados com os indígenas do Brasil, pode-se talvez atribuir parte de sua superioridade de eficiência econômica e eugênica ao regime alimentar mais equilibrado e rico que o dos outros, povos ainda nômades, sem agricultura regular nem criação de gado. devendo-se acrescentar que vários dos mais característicos valores nutritivos dos negros - pelo menos os vegetais - acompanharam-nos à América, concorrendo para o processo como que de africanização aqui sofrido por brancos e indígenas; e amaciando para os africanos os efeitos perturbadores da transplantação. uma vez no Brasil, os negros tornaram-se, em certo sentido, verdadeiros donos da terra: dominaram a cozinha. conservaram em grande parte sua dieta.

~ verdade que não deixou de verificar-se neles certa tendência para se conformarem aos usos do homem nativo; menos, porém, que nos adventícios de origem européia, para os quais

a transplantação foi experiência mais radical; maior a novidade do clima e do meio físico e bioquímico.

em 1909 leonard williams, em trabalho que ficou então abafado sob as ideias ortodoxas da biologia weismanniana, sugeriu as possibilidades da influência do clima fazer-se sentir sobre o caráter racial através das glândulas endócrinas. essa inuência pareceu-lhe explicar diferenças entre asiáticos e europeus, latinos e anglo-saxões. se num dos seus exemplos - acolhido aliás por w. langdon brown sem retificação nenhuma - williams foi de todo infeliz - o dos judeus terem adquirido em climas frios da europa cabelo arruivado e pele fina - noutros pontos, sua argumentação impõe-se ao interesse dos antropólogos modernos. a base endocrinológica da teoria de leonard williams é que a pele pode se comparar a uma placa sensível: estimulada, produz atividades reflexas em órgãos distantes.16 a formação do pigmento cutâneo se teria desenvolvido como proteção a excessos de tais estímulos: os órgãos distantes nos quais se produziriam as mais importantes atividades reflexas seriam as glândulas endócrinas. esta teoria, a que em 1909 quase não se prestou atenção nenhuma, vai sendo hoje estudada

290 g, f.

com interesse. numa das mais sugestivas monografias médicas editadas pelo professor maclean, da universidade de londres, w. langdon brown versa o assunto a propósito das relações das glândulas endócrinas com o metabolismo geral. parece-lhe

#

fora de dúvida que na produção do pigmento intervenham as glândulas supra-renais e pituitária. "que a pituitária tanto quanto as supra-renais intervenham de modo importante no processo de pigmentação, demonstra-o a maneira por que os girinos, após a extração dessa glândula, tornam-se albinos." parece-lhe também estabelecida a íntima relação entre as glândulas produtoras de calor e a pigmentação; donde se concluiria a melhor adaptabilidade dos morenos que dos louros e albinos aos climas quentes. brown cita a propósito que o governo da França vem recusando empregar gente alva e loura no serviço colonial nos trópicos, preferindo os franceses do sul, "capazes de desenvolver pigmento protetor".17

para leonard williams outras alterações ocorreriam em adventícios por efeito do clima e através do processo químico cuja importância destacou; e veremos mais adiante que as possibilidades dessas alterações constituem um dos problemas por assim dizer dramáticos na antropologia e na sociologia moderna. assim os descendentes de europeus na américa do norte estariam se conformando aos traços aborígenes: "the stereotyping by the climate of the north american continent of the descendants of its widely dissemblant annual european recruits into the hatchet-shaped face and wmy frame of the red indian aborigins". is

o assunto se acha ainda cheio de sombras. dele o que se sabe de certo é quase nada: apenas o bastante para nos advertir contra os preconceitos de sistema e os exageros de teoria. a verdadeira relação do pigmento com o meio físico permanece um



dos problemas mais obscuros em antropologia. A generalizaçáo de que o homem é escuro ou preto nas regiões quentes, ruivo ou alvo no hemisfério norte, opõem-se restriões sérias. haddon salienta que se encontram povos de cor e de caracteres físico"s diferentes cujas condiões de ambiente e de clima são, entretanto análogas. cita o exemplo do negro retinto do congo, cujo meio físico pouco difere das condiões do interior de bornéu ou da amazônia. entretanto, os nativos dessas regiões são de um amarelo-pálido ou cor de canela. tampouco lhe parece haver motivo de clima para os australianos serem tão escuros na cor da pele. os australianos e os tasmanianos. pode-se concluir, segundo esse antropólogo: a) que a pigmentaáo sureiu, espontaneamente, independentemente da ação do meio em período de varia-

c.-g- & s. 291

#

i

m \_\_\_ a~.aiiiiaffj&,\_aviii, -

i

senhora de engenho viajando de rede, carregada por escravos negros.

(segundo ilustraáo do livro de barlous.)

bilidade, e que os indivíduos de digmento escuro, -nais aptos para resistir às condiões tropicais, sobreviveram aos outros; b) ou por outro lado, que a pigmentaáo represente adaptaáo ao meio, tendo resultado de longa influéncia deste sobre o homem em época em que os tecidos seriam mais plásticos e suscetíveis do que hoje; a variaáo assim adquirida ter-se-ia tornado transmissível, embora se desconheça o mecanismo pelo qual as células do germe possam receber influéncia exterior.<sup>19</sup>

onde o problema se entronca noutro - talvez o mais importante que agite a biologia moderna: o da transmissáo de caracteres adquiridos. ninguém hoje se abandona com a mesma facilidade de há vinte ou trinta anos ao rígido critério weismanniano da não transmissáo de caracteres adquiridos. ao contrário: um neolamarckismo se levanta nos próprios laboratórios onde se sorriu de lamarck. laboratórios onde o ambiente vai se assemelhando um pouco ao das catedrais católicas no século xvii. para bertrand russell o cepticismo científico de que eddington é talvez o representante mais ilustre pode resultar no fim da era científica; precisamente como do cepticismo teológico da renascença resultou o fim da era católica. o homem de cultura científica de hoje já não sorri apenas do darwinismo ortodoxo de seus avós. começa a sorrir também do

292 g. f.

i

entusiasmo weismanniano da geraáo de seus pais. mas esse profundo cepticismo talvez não signifique o fim da era científica.

dele é possível que se aproveite a ciência para avigorar-se em vez de enfraquecer-se. nunca porém para encher-se das pretensões de onipotência que a caracterizaram durante a Segunda metade do século XIX e nos princípios do XX.

sob' o novo ceticismo científico o problema dos caracteres adquiridos é dos que se recolocam entre as questões flutuantes e suscetíveis de debate. já não soa tão persuasiva a palavra de weismann: os caracteres adquiridos não se transmitem. os caracteres somatogênicos não se convertem em blastogênicos. são as experiências práticas de pavlov, na Rússia, e de McDougall, nos Estados Unidos, que vêm enriquecer o neolamarckismo ou, pelo menos, afetar o weismannismo. em comunicação ao congresso de fisiologia reunido em Edimburgo o professor russo

#

versou o problema dos reflexos, isto é, das "respostas automáticas aos estímulos de várias espécies por meio do sistema nervoso". distinguiu o professor pavlov os reflexos condicionados, isto é, adquiridos individualmente, dos não-condicionados. e apresentou o resultado de suas pesquisas sobre os estímulos de vista e cheiro de alimento. estímulos naturais. certos movimentos característicos se verificam; vem a saliva; a água ia boca. toda uma série de reflexos não-condicionados. mas se toda vez que se der alimento ao animal se estabelecer gradualmente uma ligação entre o som de uma campainha e o reflexo alimentar, depois da coincidência repetir-se durante suficiente número de vezes, a reação alimentar se verificará em respostas ao som puro e simples. nas exatas palavras do professor pavlov: -conseguimos obter o reflexo condicionado de alimentação em ratos brancos, por meio do som de uma campainha elétrica. com o primeiro grupo de ratos foi necessário repetir a coincidência do toque da campainha com a alimentação trezentas vezes para conseguir-se um reflexo satisfatório (well-established reflex). a segunda geração formou o mesmo reflexo após cem repetições. a terceira adquiriu o reflexo depois de trinta repetições. a quarta, depois de dez. a quinta depois de cinco, somente... tendo por base esses resultados, antecipo o fato de que uma das próximas gerações dos ratos mostrará a reação alimentar ao ouvir o primeiro toque da campainha elétrica."20

o professor arthur dendy, que salienta a importância social das experiências do mestre russo, lembra uma das mais sugestivas evidências indiretas a favor da possível transmissão dos caracteres adquiridos: o endurecimento da pele ou a calosidade do calcanhar humano. sabe-se, diz ele, que calosidades

c.-g. &

#

dessa natureza podem-se obter por fricção ou pressão. o fato, por conseguinte, da criança nascer com a pele da sola do pé já endurecida, e desse característico endurecimento verificar-se antes mesmo da criança nascer, longo tempo antes - de modo a não poder atribuir-se à fricção ou à pressão - leva-nos a concluir por uma modificação causada originalmente pelo uso do

pê, e tornada fixa ' por assim dizer, por hereditariedade. 21 em outras palavras: seria este um caso de caráter somatogênico que através de muitas gerações se teria tomado blastogênico.

impressionantes são também as experiências de kammerer; experiências sobre mudanças de cor e de hábitos de reprodução de anfíbios e répteis ao estímulo de meios ou ambientes novos.22 e, dentre as mais recentes, as de guyer e smith sobre defeitos adquiridos de visão, transmitidos, ao que parece, hereditariamente, e comportando-se como recessivos mendelianos.21 também as de little, bagg, harrison'l muller. são experiências, sem dúvida, necessitando de confirmação; mas que indicam o muito de flutuante que encerra o assunto. de flutuante e duvidoso. weissmannianos e neolamarckianos são hoje em fisiologia e biologia uns como teólogos da predestinação e do livre arbítrio.

diante da possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos, o meio, pelo seu físico e pela bioquímica, surge-nos com intensa capacidade de afetar a raça, modificando-lhe caracteres mentais que se tem pretendido ligar a somáticos. já as experiências de franz boas24 parecem indicar que o biochemical content - como o chama wissler - é capaz de alterar o tipo físico do imigrante. admitida essa alteração, e a possibilidade de gradualmente, através de gerações, conformar-se o adventício a novo tipo físico, diminui, consideravelmente, a importância atribuída a diferenças hereditárias de caráter mental, entre as várias raças. diferenças interpretadas como de superioridade e inferioridade e ligadas a traços ou caracteres físicos.

além na inferioridade ou superioridade de raças pelo critério da forma do crânio já não se acredita; e esse descrédito leva atrás de si muito do que pareceu ser científico nas pretensões de superioridade mental, inata e hereditária, dos brancos sobre os negros. a teoria da superioridade dos delíco-louros tem recebido golpes profundos nos seus próprios redutos. hertz mostrou recentemente, baseado em pesquisas de nystrom entre quinhentos suecos, que naquele viveiro de delíco-louros os indivíduos das classes mais altas eram em grande maioria braquicéfalos. e não são eles; também os homens eminentes, vindos das classes baixas. e é Hertz quem salienta não

294 g. f.

i

casa-grande, com torre, na  
casa-forte (pernambuco),

#

perto-da campina em que se  
travou grande combate entre  
os holandeses e os brasileiros.  
(segundo fotografia do  
autor.)

i

'v

cena do século xvii: um escravo chicoteado.  
(segundo ilustração da relation, de froger.)

terem sido nórdicos puros nem kant nem goethe nem beethoven nem ibsen nem lutero nem schopenhauer nem schubert nem schumann nem rembrandt. quase nenhum dos homens mais gloriosos dos países nórdicos.211

quanto ao peso do cérebro, a capacidade do crânio e a sua significação, são pontos indecisos. se as pesquisas antropométricas realizadas por hunt no exército americano durante a guerra civil e continuadas por bean indicam que o cérebro do

de pearson

parecem indicar no negro menor capacidade de crânio do que no branco europeu, contra as conclusões de inferioridade da raça preta, baseadas em tais resultados, opõem-se fatos consideráveis. aceita as médias do peso do cérebro do negro - 1.292 - e do branco - 1.341 - há entretanto, que considerar o fato da média do peso do cérebro da mulher branca ser de 1.250 g; e a média do cérebro do chinês, 1.428 g.26 por conseguinte - notavelmente inferior a média da mulher branca e do homem negro; e a do amarelo (chinês) superior e do branco.

o que se sabe das diferenças da estrutura entre os crânios de brancos e negros não permite generalizações. já houve quem observasse o fato  
vários de crânio pequeno,  
crânios enormes.

negro é mais leve e menor do que o do branco e as

de que alguns homens notáveis têm sido indios  
e autênticos idiotas, donos de crânio-

c.-g. & s. 295

i

i

#

nem merece contradita seria a superstição de ser o negro, pelos seus característicos somáticos, o tipo de raça mais próximo da incerta forma ancestral do homem cuja anatomia se supõe semelhante e do chimpanzé. superstição em que se baseia muito do julgamento desfavorável que se faz da capacidade mental do negro. mas os lábios dos macacos são finos como na raça branca e não como na preta - lembra a propósito o professor boas. 27 entre as raças humanas são os europeus e os australianos os mais peludos de corpo e não os, negros. de moio que a aproximação quase se reduziria às vendas mais chafas e escancaradas no negro do que no branco.

são esses característicos físicos - principalmente a forma do crânio - que se tem pretendido ligar à inferioridade do negro em realizações e iniciativas de ordem intelectual e técnica; inferioridade essa que seria congênita. outra tem sido a conclusão dos que mais dernoradamente têm procurado confrontar

a inteligência do negro com a do branco. bryant e seligman, por exemplo, de estudos comparativos entre escolares bantos e europeus na África do sul concluíram pela maior precocidade e mais, rápido desenvolvimento mental dos bantos até a idade de doze anos, em contraste com o desenvolvimento mais demorado e tardado do europeu até a puberdade, porém maior que o dos negros daí em diante; concluíram ainda que o africano, excedido pelo europeu no confronto de qualidades de reflexo, julgamento, compreensão, excede o branco em memória, intuição, ou percepção imediata das cousas, e capacidade --de assimilação.28 diferenças difíceis de reduzir, como nota pitt-rivers, a um fator de inteligência, geral29 que sirva de base a conclusões de inferioridade ou superioridade de uma raça sobre a outra.

o" depoimento dos antropólogos revela-nos no negro traços de capacidade mental em nada inferior à das outras raças: 'considerável iniciativa pessoal, talento de organização, poder de imaginação, aptidão técnica e econômica", diz-nos o professor boas.30 e outros traços superiores. o difícil é comparar-se o europeu com o negro, em termos ou sob condições iguais. acima das convenções: numa esfera mais pura, onde realmente se confrontassem valores e qualidades. por longo tempo, a grande e forte beleza da arte de escultura, por exemplo, foi considerada pelos europeus simples grotesquerie. e simplesmente por chocarem-se suas linhas, sua expressão, seu exagero artístico de proporções e de relações, com a escultura convencional da europa greco-romana. esse estreito ---ritório ameaçou de sufocar, no brasil, as primeiras expressões artísticas de es-

296 (7. f -

pontaneidade e de força criadora que, revelando-se principalmente nos mestiços, de mãe ou avó escrava, trouxeram à tona valores e cânones anfleuropelas. quase por milagre restam-nos hoje certas obras do aleijadinho. requintados no gosto euro-

#

peu de arte ou na ortodoxia católica, várias vezes pediram a destruição de "figuras que mais pareciam fetiches".31

quanto aos testes chamados de inteligência, muitos deles de resultados tão desfavoráveis ao negro,32 sua técnica tem sofrido restrições sérias. goldenweiser ridiculariza-os como método de medir qualidades de raça; deixam o negro pouco acima do macaco, escreve ele. "o ponto de vista estatístico", acrescenta, "o desejo de exprimir os fatos em números e curvas é uma louvável atitude, resultado do método crítico e objetivo: mas tem seus perigos. quando alguém exprime qualquer bobagem em palavras não há dano nenhum; mas se a exprime em fórmulas matemáticas surge o perigo da roupagem matemática dissimular a bobagem."33 também kelsey critica os testes na sua pretensão de medirem qualidades de raça; e aponta neles grossos defeitos- e irregularidades de técnica desfavoráveis ao negro.34

além os resultados desses testes têm sido contraditórios; a não unânimes em fixarem a "inferioridade mental" do negro, como pretende sorokin. as pesquisas realizadas entre 408 esco-

lares de missuri chegaram à conclusão de que as diferenças de capacidade mental entre eles e os brancos diminuíam com a idade; as realizadas em atlanta que as diferenças aumentavam. a pesquisa de freeman concluiu pela superioridade, dos americanos sobre os negros em todas as idades menos no grupo de 10 anos; mas concluiu também pela superioridade dos negros americanos sobre os italianos brancos, com exceção de dois grupos. pintner e keller encontraram entre os negros o mesmo q. i. que entre os escoceses; e superior ao dos gregos, italianos, polacos. e hirsh encontrou nos negros q. i. superior ao dos portugueses. nos próprios testes do exército americano, tão citados contra o negro, os resultados acusaram maiores diferenças entre os negros do norte e do sul dos estados unidos que entre negros e brancos; e colocaram os negros do estado de ohio em plano superior aos brancos de todos os estados do sul, com exceção da florida.<sup>35</sup>

não se negam diferenças mentais entre brancos e negros. mas até que ponto essas diferenças representam aptidões inatas ou especializações devidas ao ambiente ou às circunstâncias econômicas de cultura é problema difícil de apurar. sorokin incliria-se a admitir a superioridade do fator hereditariedade so-

-c--g- & 8. 297

i

#

bre o fator ambiente, aproximando-se assim do biologismo. ninguém investe com maior vigor contra huntington e o determinismo geográfico.<sup>36</sup> esquece, porém, ao nosso ver, que os dois fatores em muitos pontos se cruzam, sendo difícil de separar a hereditariedade, do meio. principalmente se admitirmos a possibilidade de se transmitirem influências adquiridas em novo meio físico ou sob ação bioquímica.

lowie parece-nos colocar a questão em seus verdadeiros termos. como franz boas, ele considera o fenômeno das diferenças mentais entre grupos humanos mais do ponto de vista da história cultural e do ambiente de cada um do que da hereditariedade ou do meio geográfico puro. "como explicar, senão pela história, as grandes oscilações na cultura britânica?", pergunta lowie. "ou admite-se que os patriarcas elisabetanos eram portadores em suas células sexuais de fatores que desapareceram sob o puritanismo e reapareceram sob a restauração? o mesmo pode perguntar-se do povo japonês e do seu sensacional desenvolvimento desde 1876. de atenas e da sua rápida floração de gênios de 530 a 430 a. c. e, ainda, da alemanha e da sua brilhante superioridade musical. superioridade de raça? mas fundamentalmente a raça é a mesma que a inglesa - gente que mal sabe assobiar no banho e cantar hinos de igreja. a diferença étnica que há, deveria ser a favor dos ingleses, pois ela os aproxima dos gregos [ ... ]. devemos ter a franqueza de admitir que a aptidão musical é inata na raça [ .... 1. a sociedade alemã vem desde algum tempo estimulando sistematicamente a cultura musical, ao contrário da sociedade inglesa que a tem negligenciado. naquela, a natural habilidade para a música encontrou campo livre para desenvolver-se; nesta, escassa

simpatia [ .... 1. a proeminência alemã [na música] é recentíssima. até poucos séculos atrás a Alemanha se achava em situação inferior à Holanda, à Itália e à própria Inglaterra. Mozart, no século XVIII, ainda desenvolveu-se sob a influência de tradições italianas.1'37

no caso dos africanos vindos para o Brasil, dos princípios do século XVI aos meados do XIX, devemos procurar surpreender nos principais estoques de imigrantes não só o grau como o momento de cultura que nos comunicaram.

momento que entre as tribos variou consideravelmente nesses trezentos e tantos anos de profundas infiltrações maometanas na África negra. grau que variou de maneira notável de sudaneses para bantos. importa determinarmos a área de cultura de procedência dos escravos, evitando-se o erro de ver-

m a. f.

o

mos no africano uma só e indistinta figura de "peça da guiné" ou de "preto da costa".

a verdade é que importaram-se para o Brasil, da área mais

#

penetrada pelo islamismo, negros maometanos de cultura superior não só à dos indígenas como à da grande maioria dos colonos brancos - portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semi-analfabetos na maior parte. gente que quando tinha de escrever uma carta ou de fazer uma conta era pela mão do padre-mestre ou pela cabeça do caixeiro. quase que só sabiam lançar no papel o jamego; e este mesmo em letra troncha. letra de menino aprendendo a escrever

o abade Étienne revela-nos sobre o movimento malé da Bahia em 1835 aspectos que quase identificam essa suposta revolta de escravos com um desabafo ou erupção de cultura adiantada, oprimida por outra, menos, nobre. não romantizamos. fosse esse movimento puramente malé ou maometano, ou combinação de vários grupos sob líderes muçulmanos, o certo é que se destaca das simples revoltas de escravos dos tempos coloniais. merece lugar entre as revoluções libertárias, de sentido religioso, social ou cultural. o relatório do chefe de polícia da província da Bahia, por ocasião da revolta, o dr. Francisco Gonçalves Martins, salienta o fato de quase todos os revoltosos saberem ler e escrever em caracteres desconhecidos. caracteres que "se assemelham ao árabe", acrescenta o bacharel, passado, naturalmente, de tanto manuscrito redigido por escravo. "não se pode negar que havia um fim político nesses levantes; pois não cometiam roubos nem matavam seus senhores ocultamente.1138 é que nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas-grandes. mal saíram a nação, vencidos apenas dez anos de vida independente, do estado de ignorância profunda em que a conservara a coroa no século XVIII e princípios do XIX, quando "os mais simples conhecimentos elementares eram tão pouco espalhados que, não raro, ricos fazendeiros do interior

encarregavam seus amigos do litoral de lhes arranjar um genro que em vez de quaisquer outros dotes apenas soubesse ler e escrever".~39

os historiadoreos do século xix lirmiaram a procedência dos escravos importados para o brasil ao estoque banto. 0, ponto que se deve retificar. de outras áreas de cultura africana transportaram-se para o brasil escravos em grosso número. muitos de áreas superiores 0 banto. a formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da 0frica, absorvendo ele-

c.-g- & --- 299

i

#

mentos por assim dizer de elite que faltaram na mesma proporção ao sul dos estados unidos. "i have often thought that slaves of the united states are descended not from the noblest african stock", observou fletcher confrontando os escravos das senzalas brasileiras com os dos estados unidos.40

s0 oliveira errou ao escrever que na estratificação social da bahia "veio colocar-se nas 0nfimas camadas uma onda volumosa de africanos ouase todos colhidos nas tribos mais selvagens dos cafres e atirados aos traficantes de escravos do litoral da 0frica".41 exagero. porque não foi menor o número de sudaneses; estes, segundo as pesquisas de nina rodrigues, 0 que predominaram na formação baiana: pelo menos a certa altura.

foram spix e martius - pensa nina rodrigues - que criaram o erro de supor-se exclusivamente banto a colonização africana do brasil. e ao ilustre professor, então catedrático da faculdade de medicina da bahia, deve-se o primeiro esforço crítico no sentido da discriminação dos estoques africanos de colonização do . brasil. "nos seus prestimosos estudos sobre o nosso país-, diz nina rodrigues nas páginas do seu trabalho

z1

o problema da raça negra na américa portuguesa~42 "reduzem estes autores [spix e martius] as procedências do tráfico para o brasil 0s colônias portuguesas da 0frica meridional e 0s ilhas do golfo de guiné. para eles, dos congos, lcabindas e angolas na costa ocidental da 0frica, dos macuas e angicos, na oriental, provieram todos os africanos brasileiros. também se referem 0s procedências de cacheo e bissau para os negros de pernambuco, maranhão e par0, naturalmente mais conhecidos pela história da companhia de comércio do grão-par0 e maranhão, com que foi feito o contrato da introdução desses negros, mas nem destes, nem dos procedentes das ilhas de fernando p0, príncipe, são torn0 e ano bom, a que também aludem, convenientemente se ocuparam. mal se concebe como os negros sudaneses tivessem escapado 0 sagaz observação de spix e martius que a propósito da bahia se ocuparam do tráfico africano e estiveram nesta província precisamente ao tempo em que dominavatri aqui os sudaneses."

infelizmente as pesquisas em torno da imigração de escravos negros para o brasil tornaram-se extremamente difíceis, em torno de certos pontos de interesse histórico e antropológico, depois que o eminente baiano, conselheiro rui barbosa, minis-



tro do governo provisório após a proclamação da república de 89, por motivos ostensivamente de ordem econômica - a circular emanou do ministro da fazenda sob o n.º 29 e com data de 13 de maio de 1891 - mandou queimar os arquivos

300- g. f.

da escravidão. talvez esclarecimentos genealógicos preciosos se tenham perdido nesses autos-de-fé republicanos.  
, mesmo sem o valioso recurso das estatísticas aduaneiras

#

de entrada de escravos pode nina rodrigues destruir o mito do exclusivismo banto na colonização africana no brasil. basta, na verdade, atentar-se na política portuguesa de distribuição de negros nas colônias para duvidar-se de semelhante exclusivismo. ora, essa política foi não permitir que se juntasse numa capitania número preponderante da mesma nação ou estoque. "do que facilmente podem resultar perniciosas consequências" como em carta a luís pinto de souza dizia em fins do século xviii dom fernando josé de portugal.<sup>43</sup> se na bahia predominaram sudaneses e no rio e em pernambuco negros austrais do grupo banto, não significa que outros estoques não fornecessem seu contingente aos três grandes centros de imigração e distribuição de escravos.

a carta escrita por henrique dias aos holandeses em 1647 traz a respeito preciosos dados: "de quatro nações se compõe esse regimento: minas, ardas, angolas e creoulos: estes são tão malevolos que não temem nem devem; os minas são bravos que aonde não podem chegar com o braço, chegam com o nome, os ardas são fogosos que tudo querem cortar de um só golpe; e os angolas são robustos que nenhum trabalho os cansa."<sup>44</sup>

ora, os "ardas" ou "ardras" eram gege ou daomeanos do antigo reino da ardia; os minas, nagô; os angola, apenas, banto.

joão barlous, lembra nina rodrigues que se referia aos ardenses. e refere-se. mas para considerá-los possíveis escravos agrários. eles, os calabreses, os de guiné, cabo, serra leoa. bons para o trabalho no campo eram os congo, os sombrenses e os angola. os da guiné, cabo, serra leoa, maus escravos, porém, bonitos de corpo. principalmente as mulheres. daí serem as preferidas para os serviços domésticos; para o trabalho das casas-grandes.<sup>45</sup> fácil é de imaginar, completando a insinuação do cronista, que também para os doces concubinatos ou simples amores de senhor com escrava em que se regalou o patriarcalismo colonial.

um depoimento valioso a favor da tese de nina rodrigues, e que este parece ter desconhecido, é o de joão de laet na sua história ou annaes dos feitos da companhia privilegiada das índias occidentaes desde o seu começo até o fim de 1636, publicada originalmente em leide em 1644. dos negros de angola, diz laet, resumindo informações do conselheiro político

c--g- & s. 301

#

serviços carpentier sobre a capitania da paraíba, que eram os empregados em maior número no serviço da lavoura. mas---sempre mantidos com muitos afoites". acrescentando: "os negros de guiné são excelentes, de sorte que a maior parte são utilizados nos serviços domésticos, para copeiros, etc.; os do cabo verde são os melhores e os mais robustos de todos e são os que custam mais caro aqui". quanto à capitania de pernambuco trazem os annaes a informação de grande tráfico anual entre o porto do Recife e não somente angola mas "outras regiões da África". a verdade que maiores seriam as facilidades de comunicação com angola. o conde de Nassau quis fazer do Recife o principal centro distribuidor de escravos para as plantações americanas e para as minas do Peru, ficando angola sob a imediata dependência do governo de pernambuco. ao seu ver pernambuco tinha direitos adquiridos sobre angola, são tome e ano bom: as forças wando-brasilianas que haviam tomado dos espanhóis essas colônias africanas. e do Recife e não de amsterdã pensava ele que devia ser dirigido o comércio de escravos."

embora o plano do conde não tivesse vingado - temendo-se porventura em amsterdã que Nassau preparasse o terreno para a fundação de um principado tropical, umas daquelas colônias africanas ao norte do Brasil - o certo é que a importação de negros se fez em grande sob o domínio holandês. mas as informações de Laet indicam que mesmo sob o domínio holandês os escravos importados não procederam exclusivamente de angola.

as evidências históricas mostram. assim, ao lado das pesquisas antropológicas e de lingüística realizadas por Nina Rodrigues entre os negros da Bahia, a frouxa base em que se firma a ideia da colonização exclusivamente banto do Brasil.<sup>47</sup> ao lado da língua banto, da quimbunda ou congense falaram-se entre os nossos negros outras línguas-gerais: a gege, a haúá, a nagô ou ioruba - que Varnhagen deu como mais falada do que o português entre os antigos negros da Bahia.<sup>48</sup> língua ainda hoje prestigiada pelo fato de ser o latim do culto gege-iorubario.

Nina Rodrigues identificou entre os negros do Brasil que ele conheceu ainda no tempo da escravidão os chamados pretos de raça branca ou fulas. não são fula-fulos ou fulas puros, mas mestiços provenientes da senegâmbia, guiné Portuguesa e costas adjacentes. gente de cor cãmbrea avermelhada e cabelos ondulados quase lisos. os negros desse estoque, considerados, por alguns, superiores aos demais do ponto de vista an-

302

i

i

#

&

o 4) Ilfazenda rio de são joão, santa bérbara, minas. (segundo fotografia do iphan)

tropológico, devido à mistura de sangue hamítico e árabe, vieram principalmente para as capitânicas, e mais tarde províncias, do norte. daqui, devem alguns ter emigrado para minas e são paulo. os místicos da superioridade de raça talvez enxerguem no fato a explicação das famílias mestiças do norte e de certas regiões de minas e são paulo virem contribuindo para o progresso brasileiro com maior número de homens de talento - estadistas do império, escritores, bispos, artistas, presidentes e, vice-presidentes da república - do que as do sul - rio de janeiro, parte de minas e são paulo, o rio grande do sul. poderão alegar tratar-se de um elemento com larga dose de sangue berbere, e talvez até de origem berbere. predominantemente não-negroide, considera haddon a esse povo africano de que dá como verdadeiro nome, pulbe. o mais (fula, fulani, felava, filani, fube) seriam corruptelas. descreve-os haddon como gente alta, a pele amarela ou avermelhada, o cabelo ondado, o rosto oval, o nariz proeminente.

os haúsa, estoque de que também houve larga importação para o brasil, notadamente para a bahia, são igualmente mestiços de hamitas e talvez de berberes, embora neles os tra-

c.-g. & s. 303

i

#

Os negros predominem. também os niam niam, os mangbatu, os kanembu, os bagirmi, os bornu, os kanuri.<sup>49</sup>

os mandingo, de que o brasil recebeu várias levadas, acusam por sua vez sangue árabe e tuaregue; os ioruba acusam sangue não negro, ainda por identificar, e os próprios banto se nos apresentam, na sua grande variedade de tipos, tocados de vários sangues: de hamita e negro, principalmente. nos demais característicos físicos são: na cor, de um pardo-escuro, chocolate, diferente do amarelo sujo ou do pardo-claro, avermelhado, dos fulos, tanto quanto da cor de couro dos hotentotes e dos boximanes ou do preto retinto dos naturais da guiné; doicocéfalos (havendo entretanto grupos de mesocéfalos): menor prognatismo que o dos negros - considerados "puros", o nariz mais proeminente e estreito".<sup>30</sup>

várias invasões e migrações têm alterado, em tempos históricos, a população da angola - origem de numerosos escravos importados para o brasil - na sua antropologia e na sua cultura: uma delas a dos jaga em 1490. mas sem nenhuma alteração profunda de raça, dada a semelhança entre os estoques invasores e nativos: todos já heterogêneos desde época remota.

dos negros importados para o brasil podem-se incluir os banto - sem contar exceções, consideradas apenas as grandes massas étnicas - entre os mais caracteristicamente negros; pelo que não significamos a cor - convenção quase sem importância - e sim traços de caracterização étnica mais profunda: o

cabelo em primeiro lugar. este, como se sabe, mostra-se encapinhadíssimo nos ulotrichi affricani. esse característico não se encontra tão carregado nos indivíduos dos vários estoques mestiços de hamitas e até de berberes de que nos vieram numerosos escravos: enquanto os fulos e outros povos da África oriental que contribuíram também para a formação da família brasileira se filiam pelo cabelo aos cynotrichi. cabelo mais suave. nariz mais afilado. traços mais próximos dos europeus. mais doces ou "domesticados" como se diria em linguagem antropológica.

mas dentro da orientação e dos propósitos deste ensaio, interessam-nos menos as diferenças de antropologia física (que ao nosso ver não explicam inferioridades ou superioridades humanas, quando transpostas dos termos de hereditariedade de família para os de raça) que as de antropologia cultural e de história social africana. estas é que nos parecem indicar ter sido o Brasil beneficiado com um elemento melhor de colonização africana que outros países da América. que os Estados Unidos, por exemplo.

204 o. f.

i

nina rodrigues percebeu as diferenças nos estoques africanos de colonização das duas Américas; mas fixou-as do ponto

#

de vista, \_por ele rigidamente adotado, da inferioridade da raça negra. "não eram negros boais os haúa que o tráfico lançava no Brasil", escreveu o então professor da Faculdade de Medicina da Bahia.<sup>51</sup> e ao lado dos haúa mesclados de sangue hamita, cita triunfante, dominado pelo critério de raça, os fula-fulos. os "negros de raça branca", dos quais não se teria feito nenhuma grande corrente imigratória da África para os Estados Unidos.

de passagem observaremos que o professor oliveira mana, o maior místico do arianismo que ainda surgiu entre nós, menos coerente que o cientista maranhense, escreveu num dos seus brilhantes trabalhos: "os próprios negros americanos, muito superiores, aliás, aos nossos, em virtude da seleção imposta pelas contingências da luta com um adversário temível, como é o anglo-saxão, ficou muito abaixo do teor médio da civilização norte-americana, etc." tendo antes escrito que "a potencialidade eugenética do h. afer" não só "é reduzida em si mesma, como, posta em função de civilização organizada pelo homem da, raça branca, ainda mais reduzida se torna".<sup>52</sup> as duas afirmativas do ilustre publicista brasileiro se repelem: numa, a fraca civilizabilidade do negro se reduziria em contato com a organização social da raça superior: noutra, ao contrário, se desenvolveria nesse contato.

fique bem claro, para regalo dos arianistas, o fato de ter sido o Brasil menos atingido que os Estados Unidos pelo suposto mal da "raça inferior". isto devido ao maior número de fula-fulos e semi-liamitas - falsos negros e, portanto, para todo bom arianista, de estoque superior ao dos pretos autênticos -

entre os emigrantes da África para as plantações e minas do, brasil.

em trabalho, já hoje clássico-53 sobre a escravidão africana nos estados unidos, situa phillips as principais fontes de escravos para as plantações do seu país em serra leoa, costa do. grão, costas do marfim, do-ouro, do escravo, rio do eleo, camarão, gabão e loango. na carolina do sul os negros da, gâmbia, principalmente os mandingo, teriam sido os preferidos; boa aceitação tiveram também os da angola. os carromantes. (da costa do ouro), a julgar pelas palavras que phillips transcreve de christopher codrington, governador das ilhas leeward, teriam sido apreciadíssimos pelos ingleses na américa colonial; e encontram-se referências a negros do senegal, com o seib salpico de sangue árabe, preferidos pela sua "maior inteligên-

c.-g. & s. 30.5

i

#

cia" para o serviço doméstico .54 não há, porém, evidência nenhuma de emigração africana para a américa inglesa levando consigo fula-fulos - pelo menos na mesma proporção que para a américa portuguesa; nem representantes tão numerosos da cultura maometana. esta só no brasil desabrochou em escolas e casas de oração; em movimentos e organizações que acusam a presença de uma verdadeira elite malé entre os colonos africanos do nosso país.

parece que para as colônias inglesas o critério de importação de escravos da África foi quase exclusivamente o agrícola. o de energia bruta, animal, preferindo-se, portanto, o negro resistente, forte e barato. para o brasil a importação de africanos fez-se atendendo-se a outras necessidades e interesses. a falta de mulheres brancas; as necessidades de técnicos em trabalhos, de metal, ao surgirem as minas. duas poderosas forças de seleção.

oliveira viana salienta que em minas gerais observam-se hoje nos negros "delicadeza de traços e relativa beleza", ao contrário das "cataduras simiescas [ .... ] abundantíssimas na região ocidental da baixada fluminense - o que indica que ali se concentrou e fixou alguma tribo de negros caracterizados pela sua fealdade: talvez os "bisago" ou "lebu" ou "mandin-go".55 deve-se notar que a primeira das regiões atraiu negros afeitados ao trabalho de metais, por conseguinte de cultura mais elevada, enquanto na segunda bastavam aos plantadores de cana-de-açúcar ou de café simples pretalhões vigorosos, capazes de dar conta do amanhã da terra. até hotentotes boximanes com suas ventas esparramadas e suas nádegas enormes. ao nosso ver essas circunstâncias explicam o melhor estoque negro importado para a região mineira. por outro lado, a superioridade de recursos econômicos talvez explique o fato de pernambuco e da bahia terem sido beneficiados com melhor gente africana do que o rio de janeiro. puderam os senhores de engenho do norte dar-se ao luxo de importar escravos mais caros.

oliveira viana cita de luís valde monteiro, -governador do rio de janeiro em 1730, palavras que vêm favorecer nossa in-

terpreta  o quanto a minas gerais: "e pela mesma razão não há mineiro que possa viver sem nenhuma negra mina, dizendo que só com elas têm fortuna".56 foram essas minas e as fu-  
las - africanas não só de pele mais clara, como mais próximas,  
em cultura e "domesticação" dos brancos - as mulheres prefer-  
ridas, em zonas como minas gerais, de colonização escoteira,  
para "amigas", "mancebas" e "caseiras" dos brancos. ilustres  
famílias daquele estado, que ainda hoje guardam traços ne-

306 g. f.

i

gr ides, ter o tido o seu começo nessa um o de brancos com  
negras minas, vindas da África como escravas, mas aqui ele-

#

vadas   condi o, segundo o testemunho de va a monteiro, "de  
,dorias de casa". outras ter o permanecido escravas, ao mesmo  
tempo que amantes dos senhores brancos: "preferidas como mu-  
camas e cozinheiras". araripe júnior escreveu que a negra  
mina apresentou-se sempre no brasil com todas as qualidades  
para ser "unia excelente companheira". sadia, engenhosa, sa-  
gaz, afetiva. "com semelhantes predicados", acrescenta arari-  
pe, e "nas condi es precárias em que no primeiro e segundo  
século se achava o brasil em matéria de belo sexo era impos-  
s vel que a mina não dominasse a situa o.1'57 dominou-a em  
várias regiões. particularmente em minas no século xviii.

em meados do século xix, burton encontrou em minas  
gerais uma cidade de cinco mil habitantes com duas famílias  
apenas de puro sangue europeu. no litoral observou o inglês  
que fora possível aos colonos casar suas filhas com europeus.  
mas nas capit nias do interior o mulatismo tornara-se um "mal  
necessário" ( 'mulatism became a necessary evil"). a princípio  
- É de supor - menos por casamento do que por um es irre-  
gulares de brancos com negras, muitas vezes suas escravas. daí  
a "estranha aversão ao casamento" que burton ainda surpreen-  
deu nas populaôes mineiras.

os homens "não gostavam de casar para toda a vida", mas  
,de umr-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, fa-  
cilitando o perfilhamento dos filhos ilegítimos, s  faziam fa-  
vorecer essa tendência para o concubinato e para as liga es  
efêmeras.   verdade que já os moralistas brasileiros vinham  
dando combate a tamanha irregularidade, alguns tendo mesmo  
lembrado que se não admitissem aos, cargos públicos indivíduos  
flue vivessem em franco concubinato.,58

os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adian-  
ta& foram um elemento ativo, criador, e quase aue se pode  
acrescentar nobre na colonização do brasil; degradados apenas  
pela sua condi o de escravos. longe de terem sido apenas ani-  
mais de traço e operários de enxada, a serviço da agricultura,  
desempenharam uma fun o civilizadora. foram a mão direita  
da formação agrária brasileira, os índios, e sob certo ponto de  
vista, os portugueses, a mão esquerda.

e não só da formação agrária. eschwege salienta que a mi-  
nera  o do ferro no brasil foi aprendida dos africanos.59 e

max schmidt destaca dois aspectos da colonização africana que deixam entrever superioridade técnica do negro sobre o indígena e até sobre o branco: o trabalho de metais e a criação de

-g. & s. 307

#

gado.00 poderia acrescentar-se um terceiro: a culinária, que no brasil enriqueceu-se e refinou-se com a contribuição africana.

schmidt observou em mato grosso que muitas das práticas ligadas à criação de gado eram de origem africana. também os instrumentos de ferreiro. teriam sido transmitidas aos mestiços de índios com brancos pelos escravos negros. e roquette-pinto fixou interessante caso, que já referimos, da ação civilizadora dos escravos fugidos entre os índios da serra dos pareci. pode-se aliás generalizar dos negros fugidos, internados nas matas e nos sertões, que desempenharam todos uma útil função civilizadora: quase sempre elevando a cultura das populações indígenas, raramente deixando-se achatar ou degradar por elas. diante dos caboclos os negros foram elemento europeizante. agentes de ligação com os portugueses. com a igreja. exerceram não só aquele papel de mediadores plásticos entre os europeus e indígenas a que se refere josé Maria dos santos-61 mas, em alguns casos, função original e criadora, transmitindo à sociedade em formação elementos valiosos de cultura ou técnica africana.

o contato mais íntimo entre algumas das áreas mais elevadas de cultura negra e o brasil explica, ao nosso ver, o fato observado pelo professor nina rodrigues e por ele atribuído ao fator raça - isto é, infusão de sangue hamita - da superioridade da colonização negra do brasil sobre, a dos estados unidos. fato que já fora salientado por um americano: fletcher. e antes de fletcher, pelo naturalista inglês george g4rdner.62

o brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massapê \* vieram-lhe da África "donas de casa" para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de panos e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos. por outro lado a proximidade da bahia e de pernambuco da costa da África atuou no sentido de dar às relações entre o brasil e o continente negro um caráter todo especial de intimidade. uma intimidade mais fraternal que com as colônias inglesas. o cônsul o'sullivan beare, que juntamente com sir roger casement foi um dos melhores informantes de sir harry johnston no brasil, recolheu estes dados interessantíssimos sobre o comércio entre a bahia e as cidades africanas de lagos e daomé nos princípios do século xix. comércio muito ativo e conduzido por fulos e mandingos: - em geral escravos.63

'409 j7. f.

o estudo de melville j. herskovits sobre a África, baseado na ideia de áreas de cultura,64 permite-nos surpreender, nos seus

altos e baixos, a cultura africana de que se contagiou e enriqueceu a brasileira, através de larga e variada importação de

#

escravos e de frequente comunicação comercial com portos africanos. por esse critério, deparamo-nos com as seguintes áreas principais: a) hotentote, caracterizada pela criação de gado, pelo uso de bois no transporte de fardos, pela utilização de suas peles no vestuário, pelo largo consumo de sua carne, etc.; b) bo-ximane - cultura inferior e primeira, pobre, nômade, sem animal nenhum a serviço do homem a não ser o cachorro, sem organização agrária ou pastoril, semelhante nesses traços à cultura indígena do Brasil, mas superior a esta em expressão artística, em pintura pelo menos, como o demonstram os exemplos destacados por Frobenius; c) a área de gado da África oriental (banto), caracterizada pela agricultura, com a indústria pastoril superimposta; tanto que a posse do gado numeroso e não de terras extensas é que dá ao indivíduo prestígio social; trabalhos em ferro e madeira; poligamia; fetichismo; d) área do Congo (também de língua banto, ainda que na fronteira ocidental se falem ibo, fanti, etc), estudada por Leo Frobenius no seu trabalho Ursprung der afrikanischen Kulturen, em que salienta as diferenças, entre o Congo e as áreas circunvizinhas, de vestuário, tipo de habitação, tatuagem, instrumentos de música, uso da banana, etc., traços a que Herskovits acrescenta outros: a economia agrícola, além da caça e da pesca; a domesticação da cabra, do porco, da galinha e do cachorro; mercados em que se reúnem para a venda produtos agrícolas e de ferro, balaios, etc.; a posse da terra em comum; fetichismo, de que é interessante expressão artística a escultura em madeira, os artistas ocupando lugar de honra na comunidade; e) Horn Oriental - região difícil de caracterizar, representando já o contato da cultura negra do sul com a maometana do norte; atividade pastoril; utilização de numerosos animais - vaca, cabra, carneiro, camelo; organização social influenciada pelo islamismo; f) sudoeste oriental - área ainda mais influenciada que a anterior pela religião inao-metaria; língua árabe; abundância de animais a serviço do homem; atividade pastoril; grande uso do leite de camelo; nomadismo; tendas; vestuário de panos semelhantes aos dos berberes; g) sudoeste ocidental - outra área de interpenetração de culturas, a negra propriamente dita e a maometana; região de grandes monarquias ou reinos - daomei, Benim, Axanti, Haúsa, Bornu, Ioruba; sociedades secretas de largo e eficiente domínio sobre a vida política; agricultura, criação de gado e comércio; no-

i

-9. & s. 309

#

tuveis trabalhos artísticos de pedra, ferro, terracota e tecelagem; fetichismo e maometismo; h) área do deserto (berbere); i) área egípcia, cujas características dispensamo-nos de fixar por não interessarem diretamente à colonização do Brasil. notare-



mos apenas o fato de terem uma e outra projetada larga influencia sobre o continente africano.<sup>65</sup>

através dessa caracterização, vê-se que nenhuma área de cultura negra, nem mesmo a boximane, se some ou achata em confronto com a dos povos indígenas do Brasil. Deve-se, porém, salientar que a colonização africana do Brasil realizou-se principalmente com elementos bantos e sudaneses. gente de áreas agrícolas e pastoris. Bem alimentada a leite, carne e vegetais.<sup>66</sup> Os sudaneses da área ocidental, senhores de valiosos elementos de cultura material e moral próprios, uns e outros adquiridos e assimilados dos maometanos.

Aos sudaneses Nina Rodrigues dá a "proeminência intelectual e social" entre os negros importados para o Brasil, parecendo-lhe filiarem-se à organização religiosa dos sudaneses maometanos, não só o movimento de 1835 da Bahia mas outras revoltas de senzala. atribui-lhe grande importância e influência exercida sobre os lorubanos ou nagô e sobre os ewes ou gege pelos fulas e haúsa maometanos. Estes parecem ter dirigido várias revoltas de escravos. Teriam sido uns como aristocratas das senzalas. Vinham eles dos reinos de Wurno, Sokotô, Gandô, de organização política já adiantada; de literatura religiosa já definida - havendo obras indígenas escritas em caracteres árabes; de arte forte, original, superior às anômicas imitações portuguesas dos modelos mouriscos. Semelhantes escravos não podiam conformar-se ao papel de mãos-gostosas dos portugueses; nem seria a água benta do batismo cristão que, de repente, neles apagaria o fogo maometano.

Notou o abade Étienne que o islamismo ramificou-se no Brasil em seita poderosa, florescendo no escuro das senzalas. que da África vieram mestres e pregadores a fim de ensinarem a ler no árabe os livros do alcorão. que aqui funcionaram escolas e casas de oração maometanas.<sup>67</sup>

O ambiente que precedeu o movimento de 35 na Bahia foi de intenso ardor religioso entre os escravos. no beco de mata-porcos, na ladeira da praça, no cruzeiro de São Francisco, a sombra das igrejas e mosteiros católicos, dos nichos da Virgem Maria e de Santo Antônio de Lisboa, escravos lidos no alcorão pregavam a religião do profeta, opondo-se à de Cristo, seguida pelos senhores brancos, no alto das casas-grandes. faziam propaganda contra a missa católica dizendo que era o mesmo que

310 g. f.

negra brasileira vendedora de cocada.  
(segundo fotografia de Ulisses de Melo Freyre.)

adorar pau; e aos rosários cristãos, com a cruz de nosso senhor,

#

opunham os seus, de cinquenta centímetros de comprimento, noventa e nove contos de madeira, terminando com uma bola em vez da cruz.<sup>68</sup>

forçosamente o catolicismo no Brasil haveria de impregnar-se dessa influência maometana como se impregnou da animista e fetichista, dos indígenas e dos negros menos cultos. encontramos traços de influência maometana nos papéis com ora-

#

são em geral pretalhonas de elevada estatura - essas negras que é costume chamar de baianas. heróldicas. aristocráticas - a estatura elevada é aliás um característico sudanês, que convém salientar.

o sudanês é um dos povos mais altos do mundo. no senegal vêm-se negros tão altos que parecem estar andando de pernas de pau; tão compridos dentro de seus camises de menino dormir que de longe parecem almas do outro mundo. magriçelas, dentuços, angulosos, hierórticos. mais para o sul da África, é que se encontra gente baixa e redonda. mulheres culatro-nas. redondezas afrodisíacas de corpo. hotentotes e boximanes verdadeiramente grotescos com as suas nádegas salientes (es-teatopigia).

os característicos físicos dos negros importados para o brasil, é interessante segui-los através da linguagem pitoresca do povo, nos anúncios de compra e venda de escravos para o serviço doméstico ou agrícola. nesse sentido a coleção do dwio de pernambuco - o diário mais antigo da américa chamada latina, fundado em 1825 - apresenta-se com particular interesse para o estudante de antropologia.76 vê-se através dos velhos anúncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, a definida preferência pelos negros e negras altas e de formas atraentes - "bonitas de cara e de corpo" e "com todos os dentes da frente". o que mostra ter havido seleção eugênica e estética de pajens, mucamas e mulecas para o serviço doméstico - as negras mais em contato com os brancos das casas-grandes; as mães dos mulatinhos criados em casa muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres.

considerados esses pontos, que nos parecem de importância fundamental para o estudo da influência africana sobre a cultura, o caráter e a eugenia do brasileiro, sentimos agora mais é vontade para o esforço de procurar surpreender aspectos mais íntimos dessa influência e desse contágio.

mas logo de início uma discriminação se impõe: entre a influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo. "em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativo", escreveu joaquim nabuco em 1981.77 admiráveis palavras para terem sido escritas na mesma época em que oliveira martins sentenciava em páginas gravissimas: "há decerto, e abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropológicamente inferior, não raro próximo do antropóide, e bem pouco digno do nome de homem.1178

314 g. f.

sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro per si, que apreciamos. ruediger bilden pretende explicar pela influência da escravidão todos os traços de formação eco-

#

nômica e social do brasil .79 ao lado da monocultura, foi a força que mais afetou a nossa plasticidade social. parece às vezes influência de raça o que é influência pura e simples do escravo: do sistema social da escravidão. da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos. o negro nos aparece no brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase de vida independente, deformado pela escravidão. pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do índio, sempre movido.

goldenweiser salienta quanto é absurdo julgar-se o negro, sua capacidade de trabalho e sua inteligência, através do esforço por ele desenvolvido nas plantações da américa sob o regime da escravidão. o negro deve ser julgado pela atividade industrial por ele desenvolvida no ambiente de sua própria cultura, com interesse e entusiasmo pelo trabalho."

do mesmo modo, parece-nos absurdo julgar a moral do negro no brasil pela sua influência deletéria como escravo. foi o erro grave que cometeu nina rodrigues ao estudar a influência do africano no brasil: o de não ter reconhecido no negro a condição absorvente de escravo. "abstraindo pois", escreve ele às primeiras páginas do seu trabalho sobre a raça negra na américa portuguesa, "da condição de escravos em que os negros foram introduzidos no brasil e apreciando as suas qualidades de colonos como faríamos com os que de qualquer outra procedência, etc." mas isto é impossível. impossível a separação do negro, introduzido no brasil, de sua condição de escravo.

se há hábito que fazia o monge e o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de mal para vir de tanga, nos negreiros imundos, da áfrica para o brasil. para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre. a escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão e imoral, de que tanto o acusam.

passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. mas o que se tem apurado entre os povos negros da áfrica, como entre os primitivos em geral - já o salientamos em capítulo anterior -

c.-g. a s. 3

j15

#

é ni,,x'or nio;;iera,~, -,o do apetite sexual~ que entre os europeus. é uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. danças afrodisíacas. culto fêlico. orgias. enquanto que no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações. sem esforço. a id,,,i vulgar ele que a raça rel-a é clie-gada, mais do que as outras. a excessos sexuais, atribui-a ernest crawley ao fato do temperamento expansivo dos negros e do caráter orgiástico de suas

festas criarem a ilusão de desbragado erotismo. fato que 'iridica justamente o contrário". demonstrando a necessidade, entre eles, de "excitação artificial". havelock ellis coloca a negra entre as mulheres antes frias do nude fowsas: "indiferentes aos refinamentos do amor". e, como ploss, salienta o fato dos órgãos sexuais entre os povos primitivos serem, muitas vezes, pouco desenvolvidos ("comparatively undeveloped").81

diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava. onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia. o padre manuel fonseca, na sua vida do padre belchior de pontes, quem responsabiliza pela fácil depravação dos meninos coloniais a mulher índia. e de uma zona quase sem salpico nenhum de sangue negro que escreveu no século xviii o bispo do pará: a ruína dos costumes neste país me faz lembrar o fim das cinco cidades por me parecer que moro nos suburbios de gomorra, mui proximo, e na vizinhança de sodoma".8-2'

é absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. não há escravidão sem depravação sexual. é da essência mesma do regime. em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação, criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior numero possível. de crias. joaquim nabuco colheu num manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significado: "a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador."83

fora assim em portugal, de onde a instituição se comunicou ao brasil, já opulenta de vícios. "os escravos mouros, e negros, além de outros trazidos de diversas regiões, aos quais se ministrava o batismo, não recebiam depois a mão, uma educação religiosa", informa alexandre herculano. entre esses escravos os senhores favoreciam a dissolução para "aumentarem o número de crias como quem promove o acréscimo de um rebanho".84

.116 g.f.

dentro de semelhante atmosfera moral, criada pelo interesse econômico dos senhores, como esperar que a escravidão - fosse o escravo mouro, negro, índio ou malaio - atuasse senão no sentido da dissolução, da libidinagem, da luxúria? o que se

#

queria era que os ventres das mulheres gerassem. que as negras produzissem mulcques.

joaquim nabuco salientou "a ação de doenças sobre a constituição física do nosso povo".85 teria

africanas  
sido esta

uma das terríveis influências do contágio do brasil com a África. mas é preciso notar que o negro se sifilizou no brasil. um ou outro viria já contaminado. a contaminação em massa verificou-se nas serizelas coloniais. a "raça inferior", a que se

atribui tudo que o handicap no brasileiro, adquiriu da "superior" o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminui. foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. porque por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sífilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem. o dr. João Álvares de Azevedo Macedo Júnior registrou, em 1869, o estranho costume, vindo, ao que parece, dos tempos coloniais: e de que ainda se encontram traços nas áreas pernambucana e fluminense dos velhos engenhos de açúcar. segundo o dr. Macedo seriam os blenorragicos que o "bárbaro prejuízo" considerava curados se conseguissem intercurso com mulher pobre: "a inoculação deste vírus em uma mulher pobre é o meio seguro de o extinguir em si." 86

É igualmente de supor que muita mãe negra, ama-de-leite, tenha sido contaminada pelo menino de peito, alastrando-se também por esse meio, da casa-grande à senzala, a mancha da sífilis. já o dr. José de Góis e Siqueira, em estudo publicado em 1877, julgava que se deviam sujeitar a multas e indenizações aqueles que, sem escrúpulo, entregavam os filhos sífilíticos aos cuidados de amas em perfeita saúde. "sendo o aleitamento um dos meios comuns de transmissão, compreende-se quão resultados favoráveis a população produzirá uma medida de natureza tão simples e de fácil exequibilidade." as negras amas-de-leite "não poderiam se entregar ao aleitamento mercenário sem atestações ou exames de sanidade pelo médico com-,,),-!~-,ntc"; mas também "teriam o direito de reclamação sobre os pais ou tutores dos meninos que lhes houvessem comunicado a moléstia sífilítica". 87

É claro que, sífilizadas - muitas vezes ainda impobres

217

C-

.q- & s. .

#

pelos brancos seus senhores, as escravas tornaram-se, por sua vez, depois de mulheres feitas, grandes transmissoras de doenças venéreas entre brancos e pretos. o que explica ter se alagado de gonorréia e de sífilis a nossa sociedade do tempo da escravidão.

o mesmo se verificou no sul dos estados unidos. janson, no seu livro *the stranger in america*,<sup>88</sup> refere-se à verdadeira epidemia de curandeiros de doenças venéreas nos estados unidos durante a primeira metade do século XIX. sinal de muita gente doente de gonorréia e de sífilis. e odurn atribui proporções alarmantes à sífilis nos estados escravocratas do sul.<sup>89</sup> entre nós, no litoral, isto é, na zona mais colorida pela escravidão, sempre foi larga a extensão da sífilis. continua a ser impressionante. a publicidade de remédios, elixires e garrafas para tratamento de males venéreos faz-se ainda hoje com uma insistência escandalosa. até em estampas devotas, com imagens do menino deus cercado de anjinhos, anuncia-se que o elixir tal "cura sífilis"; que se "o próprio cristo viesse hoje ao mundo seria ele que ergueria a sua santa palavra para acon-

selhar o uso do elixir [ .... ] aos sofredores de todas as moles-  
tias que teem como origem a impureza do sangue". e os mes-  
tres da medicina brasileira recomendam aos discipulos que, em  
clínica, pensem sempre sifiliticamente, isto é, considerando antes  
de tudo a possível origem sifilítica do mal ou da doença.<sup>90</sup>

a sífilis fez sempre o que quis no brasil patriarcal. matou,  
cegou, deformou e vontade. fez abortar mulheres. levou an-  
jinhos para o céu. uma serpente criada dentro de casa sem  
ninguém fazer caso de seu veneno. o sangue envenenado reben-  
tava em feridas. cobriam-se então as perebas ou "cabidelas",  
tomavam-se garrafadas, chupava-se caju. a sifilização do brasil  
- admitida sua origem extra-americana - vimos, as primeiras  
páginas deste trabalho, que data dos princípios do século xv.  
mas no ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias,  
negrinhas, mulecas, e que as doenças venéreas se pro-  
pagaram mais e vontade, através da prostituição doméstica -  
sempre menos higiênica que a dos bordéis. em 1845 lassance  
cunha escrevia que o brasileiro não ligava importância à sífilis,  
doença "como que hereditária e tão comum, que o povo a não  
reputa um flagelo, nem tampouco a receia". doença como que  
doméstica, de família, como o sarampo e os vermes. e insurgia-  
se contra a frequência dos casamentos de sifilíticos. casamen-  
tos sabidos por "nos outros médicos, que penetramos os segredos  
patológicos das famílias".<sup>91</sup> já Manuel vieira da silva, depois  
barão de alvaesar, nas suas reflexões sobre alguns dos meios  
propostos por mais conducentes para melhgrar o clima da cidade

318 y. j.

do rio de janeiro, observara, nos princípios do século xix, o  
fato de as "moléstias cutâneas" serem "reputadas de muito pouca  
monta nesta cidade, chegando o prejuízo público a afirmar que  
elas não devem curar-se, quando talvez que a disposição mor-

#

bosa, em que aparecem os naturais desta cidade, desde a sua  
infância, seja devida a semelhante desprezo".<sup>92</sup> mas não foi  
vieira da silva o primeiro que teve o bom senso de insinuar  
fosse efeito da sífilis e do desprezo pelo seu tratamento o que  
para muitos era efeito do clima ou do "calor". antes dele,  
vamos encontrar vilhena, professor régio de língua grega na

1

bahia nos fins do século xviii, rebatendo a ideia de ser "o  
calor" a causa principal dos vícios e das doenças de sensuali-  
dade na colônia. "muitos subterfúgios", escreveu vilhena. a ver-  
dadeira causa lhe pareceu sempre "a desordenada paixão sexual".  
e não são a das ruas, como a das casas-grandes, contaminadas  
pelas senzalas. contaminadas pelos escravos. estes é que, para  
vilhena, teriam transformado o clima saudável do brasil num  
clima mortífero: num clima que "tendo sido admirável, por  
sadio, pouco ou nada difere hoje do da angola [ . . ]".<sup>93</sup>

em princípios do século xviii já o brasil é assinalado  
em livros estrangeiros como terra da sífilis por excelência.  
o autor da *histoire générale des pirates* escreve que "presque  
tous les brésiliens sont atteints d'affections vénériennes".<sup>94</sup>  
e oscar da silva araujo traduz de john barrow, viajante inglês

que no século xviii andou pelo brasil, pela ilha de java e pela cochinchina, curioso trecho sobre a sífilis no rio de janeiro. segundo esse viajante até nos mosteiros o mal-gólico causava

z~

devastações. e a propósito de certa caixa com medicamento mercurial, receitado à abadesa de um convento por um médico conhecido de barrow e aberta, indiscretamente, pelo portador - "galhoifeiro frade de são bento" - conta o viajante que o tal eclesiástico levando a caixa ao nariz teria dito com expressivo piscar de olhos: ah! domine! mercurialia! ista sunt mercurialia! acrescentando que a abadesa e todas as damas do rio pronae sunt omnes at deditae veneri.95

transcrevemos ainda de silva araujo estas palavras do dr. bernardino antônio gomes, velho médico colonial, em resposta ao inquérito do senado da câmara do rio de janeiro em 1798 para apurar quais as doenças endêmicas na cidade dos vice-reis: que para a prostituição e para o mal venéreo no brasil concorria poderosamente "o exemplo familiar de escravos, que quase não conhecem outra lei que os estímulos da natureza". devia o dr. bernardino ter salientado que essa animalidade nos negros, essa falta de freio aos instintos, essa desbragada prosti-

c.-.q. & s. 319

#

tuição dentro de casa, animavam-na os senhores brancos. no interesse da procriação é grande, uns; para satisfazerem caprichos sensuais, outros. não era o negro, portanto, o libertino: mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. não era a "raça inferior" a fonte de corrupção, mas o abuso de uma raça por outra. abuso que implicava em conformar-se a servir com os apetites da todopoderosa. e esses apetites estimulados pelo ócio - pela "riqueza adquirida sem trabalho" diz o referido dr. bernardino; pela "ociosidade" ou pela "preguiça", diria vilheria; por conseguinte, pela própria estrutura econômica do regime escravocrata.

se é certo, como querem antropólogos modernos, que "a irregularidade de relações sexuais tem em geral manifestado a tendência para crescer com a civilização"; 96 que nos animais domesticados encontra-se o sistema sexual mais desenvolvido que nos selvagens; 97 que entre os animais domésticos, amolecidos pela relativa falta de luta -- de competição, as glândulas reprodutoras absorvem maior quantidade de alimento; 98 e, ainda, que o poder reprodutor no homem tem aumentado com a civilização da mesma maneira que, nos animais, com a domesticação,99 - podemos nos arriscar a concluir que dentro de um regime como o da monocultura escravocrata, com uma maioria que trabalha e uma minoria que só faz mandar, nesta, pelo relativo ócio, se desenvolverá, necessariamente, mais do que naquela, a preocupação, a mania, ou o refinamento erótico. é o exemplo da Índia, onde o amor é tanto mais fina, artística e até perversamente cultivado quanto mais elevada é a casta e maior o seu lazer.

nada nos autoriza a concluir ter sido o negro quem trouxe para o brasil a pegajenta luxúria em que nos sentimos todos prender, mal atingida a adolescência. a precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo

brasileiro um don-juan não vem do contágio ou do sangue da raça inferior" mas do sistema econômico e social da nossa formação; e um pouco, talvez,, do clima; do ar mole, grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente. impossível negar-se a ação do clima sobre a moral sexual das sociedades. sem ser preponderante, de entretanto para acentuar ou enfraquecer tendências; endurecer ou amolecer traços sociais. a voz sabemos que se torna estridente e áspera nos climas quentes; enquanto que sob a influência da maior ou menor pressão atmosférica, do ar menos ou mais seco, altera-se no homem a temperatura, a circulação, a eliminação de gases carbônicos. tudo isso com repercussão sobre o seu comporta-

r 9. (1 a. f.

mento social; sobre sua eficiência econômica; sobre sua moral sexual. pode-se concluir, com kelsey,100 que certos climas estimulam o homem a maiores esforços e conseqüentemente a maior produtividade; outros, o enlanguescem. para admiti-]o não ne-

#

cessitamos de ir aos exageros de huntington e dos outros fanáticos da "influência do clima-.

nada, entretanto, de desviar-se para o fator clima a massa enorme de responsabilidades que, bem apuradas, tocam a forças sociais e econômicas dentro das quais se têm articulado culturas,

1  
organizações, tipos de sociedade. É certo que, muitas vezes, numa como aliança secreta com as forças naturais. outros vezes, porém, quase independentes delas.

o negro no brasil, nas suas relações com a cultura e com o tipo de sociedade que aqui se vem desenvolvendo, deve ser considerado principalmente sob o critério da história social e econômica. da antropologia cultural. daí ser impossível -- insistamos neste ponto - separá-lo da condição degradante de escravos, dentro da qual abafaram-se nele muitas das suas melhores tendências criadoras e normais para acentuarem-se outras, artificiais e até mórbidas. tornou-se, assim, o africano um decidido agente patogênico no seio da sociedade brasileira. por "inferioridade de raça", gritam então os sociólogos arianistas. mas contra seus gritos se levantam as evidências históricas - as circunstâncias de cultura e principalmente econômicas - dentro das qua,,f~ se deu o contato do negro com o branco no brasil. o negro foi patogênico, mas a serviço do branco; como parte irresponsável de um sistema articulado por outros.

nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa - colonização, a principio, de homens quase sem mulher - e no

do brasil; na divisão

e em escravos pas-

sivos É que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos, através de formas sadistas de amor que tanto se acentuaram entre nós; e em geral atribuídas à luxúria africana.

acresce que o culto de vênus urúnia, trouxeram-no para



o brasil os primeiros colonos vindos da europa - portugueses, espanhóis, italianos, judeus. aqui encontraram na moral sexual dos indígenas e nas condições, a princípio desvairadas, de colonização, o meio de cultura favorável e expansão daquela forma de luxúria e de amor. europeus de nome ilustre figuram como sodomitas em processos da visita do santo ofício às partes do brasil.101 um deles, o fidalgo florentino filipe cavalcanti,

sistema escravocrata de organização agrária da sociedade em senhores todo-poderosos

-g. & s. 321

#

n~

casa-grande do engenho d'água vila bela, são paulo.  
(segundo fotografia do iman.)

fundador de família que lhe conserva o nome. o que não é de estranhar, dado o desenvolvimento, da sodomia na Itália da renascença. da Itália da renascença é que se internacionalizaram os principais termos para designar particularidades do pecado nefando; e em processos e condenações espanholas dos séculos xvi e xvii arlindo camilo monteiro encontrou numerosos casos, de sodomitas italianos.102 joão lúcio de azevedo particulariza os caorsinos, dos quais chegou a haver numerosa colônia em lisboa, e que teriam sido propagadores do amor socrático entre os portugueses.103

mas entre os próprios portugueses e espanhóis, e entre os judeus e mouriscos da península, lavrava intensamente essa forma de luxúria ao descobrir-se e colonizar-se o brasil, figurando nos processos frades, clérigos, fidalgos, desembargadores, professores, escravos. vários vieram degredados para o brasil, entre outros certo fructoso alvarez, vigário de matoim, que na bahia confessou ao visitador do santo ofício em 29 de julho de 1591: "de quinze annos a esta parte que ha que está nesta capitania da baya de todos os sanctos, cometeo a torpeza dos tocamentos desonestos com algumas quarenta pessoas pouco mais ou menos, abraçando, beyjando [ .... ] . 11 104 ~

'19.9. a. f.

por "abraçar e beijar" - eufemismo que indica várias formas de priapismo - foram degredados de portugal para o brasil numerosos indivíduos; e a esse elemento branco e não é colonização negra deve-se atribuir muito da lubricidade brasileira. um elemento de colonização portuguesa do brasil, aparentemente puro, mas na verdade corruptor, foram os meninos órfãos trazidos pelos jesuítas para seus colégios. informa monteiro que nos "livros de nefando são citados com relativa frequência". 105

entre os próprios homens de armas portugueses sabe-se que nos séculos xv e xvi, talvez pelo fato das longas travessias marítimas e dos contatos com os países de vida voluptuosa do oriente, desenvolveram-se todas as formas de luxúria. heróis por todos admirados, deles facilmente se comunicaram às outras

classes sociais os vícios e os requintes eróticos. lopo, vaz de sampaio faz crer que o próprio afonso de albuquerque - o "albuquerque terrível" - teria tido seus requintes libidinosos.106 a frequência da feitiaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. entretanto o primeiro volume de documentos relativos às atividades do santo ofício no brasil registra vários casos de bruxas portuguesas. suas práticas podem ter recebido influência africana: em essência, porém, foram expressões do satanismo

#

uropeu que ainda hoje se encontra entre nós, misturado à feitiaria africana ou indígena. antônia fernandes, de alcunha nobrega, dizia-se aliada do diabo: as consultas, quem respondia por ela era "certa cousa que falava, guardada num vidro". magia medieval do mais puro sabor europeu, outra portuguesa, isabel rodrigues, ou boca-torta, fornecia póis mágicos e ensinava orações fortes. a mais célebre de todas, maria gonçalves, de alcunha arde-lhe-o-rabo, ostentava as maiores intimidades com o diabo. enterrando e desenterrando botijas, os bruxeados de arde-lhe-o-rabo ligavam-se quase todos a problemas de impotência e esterilidade. a clientela dessas feiticeiras coloniais parece que era quase exclusivamente de amorosos, infelizes ou insaciáveis.

sabe-se aliás que em portugal a bruxaria chegou a envolver a vida de pessoas as mais cultas e ilustres. júlio dantas retrata o próprio dom nuno da cunha. inquisidor-mor do reino no tempo de dom joão v, todo embrulhado na púrpura de cardeal - "espécie de bicho-da-seda", diz o cronista -- a tremer com medo de bruxas e feitiços. e graves doutores, espíritos adiantados da época como curvo semedo, recomendavam aos seus doentes, contra a infidelidade conjugal, "certa bruxaria feita às palmilhas do sapato da mulher e do marido". "boticô-

c.-g. & s. 323

#

rios astutos, de capas negras pingadas e grandes fivelas de prata nos sapatos, faziam fortuna vendendo a erva "pombinha" defumada com dentes de defunto lançados sobre tijolos em brasa - estranho feitiço que despertava para o amor o organismo decrepito dos velhos e a frigidez desdenhosa dos moços." 307

o amor foi grande motivo em torno do qual girou a bruxaria em portugal. compreende-se aliás a voga dos feiticeiros, das bruxas, das benzedadeiras, dos especialistas em sortilégios afrodisíacos, no portugal desfalcado de gente que, num extraordinário esforço de virilidade, pôde ainda colonizar o brasil. a bruxaria foi um dos estímulos que concorreram, a seu modo, para a superexcitação sexual de que resultou preencherem-se legítima ou ilegítimamente, na escassa população portuguesa, os claros enormes abertos pelas guerras e pelas pestes. da crença nos sortilégios já chegavam impregnados ao brasil os colonos portugueses. a feitiaria de direta origem africana aqui desenvolveu-se em lastro europeu. sobre abusos e crenças medievais.

como em portugal a bruxaria, a feitiçaria no brasil, depois de dominada pelo negro, continuou a girar em torno do motivo amoroso, de interesse de geração e de fecundidade; a proteger a vida da mulher grávida e da criança ameaçada por tantos males - febres, cólera de sangue, mordedura de cobra, espinhela caída, mau-olhado. a mulher grávida passou a ser profeticamente resguardada desses e de outros males por uma série de práticas em que as influências africanas misturaram-se, muitas vezes descaracterizados, traços de liturgia católica e sobrevivências de rituais indígenas.

vindas de portugal, desabrocharam aqui várias crenças e magias sexuais: a de que a raiz de mandrógora atrai a fecundidade e desfaz malefícios contra os lares e a propagação das famílias; o hábito das mulheres trazerem ao pescoço durante a gravidez "pedras de ara" dentro de um saquinho; o cuidado de não passarem, quando prenes, debaixo de escadas, sob o risco do filho não crescer; o hábito de cingirem-se, quando aperreadas pelas dores do parto, com o cordão de são francisco; o de fazerem promessas a nossa senhora do parto, do bom sucesso, do, da conceição, das dores, no sentido de um parto menos doloroso ou de um filho são ou bonito. atendido o pedido por nossa senhora, pagava-se a promessa, consistindo muitas vezes em tomar a criança o nome de maria; donde as muitas marias no brasil: maria das dores, dos anjos, da conceição, de lurdes, das graças.108 outras vezes, em sair a criança vestida de anjo ou de santo em alguma procissão; em estudar para padre; em tornar-se freira; em deixar crescer o cabelo até criar

224

longos cachos que servissem para ofertar a imagem do senhor bom jesus dos passos; em vestir-se até a idade de doze ou treze anos de branco e azul, ou só de branco, em homenagem à Virgem maria. 109

#

deve-se ainda registrar o costume dos ex-votos de mulheres grávidas: ofertas de meninos de cera ou madeira às santas e nossas senhoras conhecidas como protetoras da maternidade. algumas capelas de engenho guardam numerosas coleções de ex-votos de mulheres

mas o grosso das crenças e práticas da magia sexual que se desenvolveram no brasil foram coloridas pelo intenso misticismo do negro; algumas trazidas por ele da áfrica, outras africanas apenas na técnica, servindo-se de bichos e ervas indígenas. nenhuma mais característica que a feitiçaria do sapo para apressar a realização de casamentos demorados. o sapo tornou-se também, na magia sexual afro-brasileira, o protetor da mulher infiel que, para enganar o marido, basta tomar uma agulha enfiada em retrós verde, fazer com ela uma cruz no rosto do indivíduo adormecido e coser depois os olhos do sapo. por outro lado, para conservar o amante sob seu jugo precisa apenas a mulher de viver com um sapo debaixo da cama, dentro de uma panela. neste caso, um sapo vivo e alimentado a leite de vaca. ainda se emprega no brasil o sapo, na magia sexual ou no feitiço, cosendo-se-lhe a boca depois de cheia de restos de comida

deixada pela vítima. outros animais ligados à magia sexual afro-brasileira são o morcego, a cobra, a coruja, a galinha, o pombo, o coelho, o cogado. ervas, várias - umas indígenas, outras trazidas da África pelos negros. algumas são violentas, diz manuel querino, que produzem tonturas, apenas trituradas com as mãos. outras que se bebem, se mascam, ou se fumam, tragando, como a maconha. até o caranguejo é instrumento de magia sexual: preparado com três ou sete pimentas-da-costa e atirado ao solo produz desarranjos no lar doméstico.110

foi a perícia no preparo de feitiços sexuais e afrodisíacos que deu tanto prestígio a escravos macumbeiros junto a senhores brancos já velhos e gastos. agrippino grieco recolheu no rio de janeiro, na região das velhas fazendas de café, a tradição de senhores de 70, 80 anos, que estimulados pelos afrodisíacos dos negros macumbeiros, viviam rodeados de negrinhas ainda impúbères; e estas a lhes proporcionarem as últimas. sensações de ~omem. de um barão do império conta grieco que morreu já octogenário, a acariciar mucamas púberes e impúbères. era 11 muito camarada das bruxas e dos curandeiros aue o aprovisionavam de afrodisíacos".111 não teve outra velhice, em por-

c.-g. & s. 325

#

i

tugal, o marquês de marialva: beckford diz que ele se fazia rodear de anjinhos, isto é, de crianças vestidas de anjos; e que essas crianças prodigalizavam-lhe toda espécie de carícias.

não devemos esquecer o papel importante que chegou a representar o café na magia sexual afro-brasileira. há mesmo no brasil a expressão "café mandingueiro". trata-se de um café com mandinga dentro: muito açúcar e "alguns coágulos de fluxo catamenial. da própria enfeitiçante".^- antes filtro amoroso do que mandinga. mas um filtro amoroso como não se pode imaginar outro mais brasileiro: café bem forte, muito açúcar, sangue de mulata. há outra técnica: a de coar-se o café na fralda de uma camisa com que tenha dormido a mulher pelo menos duas noites consecutivas. este café deve ser bebido pelo homem duas vezes, uma no almoço, outra no jantar.113 aliás a fralda suja de camisa de mulher entra na composição de muita mandinga de amor; como entram outras coisas noientas. pêlos de sovaco ou das partes genitais. suor. lágrimas. saliva. sangue. aparas das unhas. esperma. alfredo de carvalho menciona ainda: "o muco catamenial, excreto das glândulas de bartholin e até mesmo dejeções". de posse de qualquer destas substâncias, o catimbozeiro, mandingueiro ou macumbeiro diz que "abranda o coração" das pessoas mais esquivas.114

há catimbozeiros que confeccionam bonecos de cera ou de pano. são os feitiços mais higiênicos do ponto de vista do enfeitiçado. sobre esses calungas operam os mestres-carlos tudo quanto desejam que se reflita sobre o indivíduo a enfeitiçar; questão de rezarem forte. o mais é só brincar com o boneco: apertá-lo, machucá-lo, estender-lhe os braços, escancarar-lhe as pernas. que tudo se reflete na pessoa distante.

há outro feitiço que consiste em cortar a tesoura cruces

na camisa do homem, bem no meio do peito. para isso, roubam-se peças da trouxa de roupa lavada.

não são para fins amorosos, como em torno ao recém-nascido, reuniram-se, no brasil, as duas correntes místicas: a portuguesa, de um lado; a africana ou a ameríndia, do outro. aquela representada pelo pai ou pelo pai e mãe brancos; esta, pela mãe índia ou negra, pela ama-de-leite, pela mãe de criação, pela mãe-preta, pela escrava africana. os cuidados profiláticos de mãe e ama confundiram-se sob a mesma onda de ternura maternal. quer os cuidados de higiene do corpo, quer os espirituais, contra os quebrantos e o mau-olhado.

na proteção mística do recém-nascido salientou-se porém a ação da ama africana. tradições portuguesas trazidas pelos colonos brancos - a do cordão umbilical ser atirado ao fogo

326 g. f.

i

#

ou ao rio, sob pena de o comerem os ratos, dando a criança para ladra; a da criança trazer ao pescoço o vintém ou a chave que cura os sapinhos do leite; a de não se apagar luz enquanto o menino não for batizado para não vir a feiticeira, a bruxa ou o lobisomem chupar-lhe o sangue no escuro; a de se darem nomes de santos às crianças pois, do contrário, se arriscam a virar lobisomens - foram aqui modificadas ou enriquecidas pela influência da escrava africana. da ama do menino. da negra velha.

também as canções de berço portuguesas, modificou-as a boca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. assim a velha canção "escuta, escuta, menino" aqui amoleceu-se em "durma, durma, meu filhinho", passando belém. de "fonte" portuguesa, a "riacho" brasileiro. riacho de engenho. riacho com mãe-d'água dentro, em vez de moura-encantada. o riacho onde se lava o timózinho de nenê. e o mato ficou povoado por "urn bicho chamado carrapatu". e em vez do papão, ou da coca, começaram a rondar o telhado ou o copiar das casas-grandes, atrás dos meninos malcriados que gritavam de noite nas redes ou dos trelosos que iam se lambuzar da geléia der aração guardada na despensa - cabras-cabriolas, o boitatá, negros de surrão, negros velhos, papa-figos.

deixou-se de ninar o menino cantando como em portugal:

vai-te, coca, vai-te, coca,  
para cima do telhado:  
deixa dormir o menino  
um soninho descansado.115

para se cantar de preferência:

i

olha o negro velho

em cima do telhado.  
ele está dizendo  
quer o menino assado.116

não que a cuca ou cuca tenha desaparecido de todo das  
canções de acalanto do brasil. amadeu amaral (pai) ainda  
recolheu esta quadrinha - evidentemente no sul:

durma, meu benzinho,  
que a cuca j'ei vem;  
papai foi na roça,  
mamãe logo vem.117

c.-g. & s. 327

#

r2~r fim r-,

casa-grande do engenho megalope, construção do século xvii.  
(segundo fotografia de ulisses de melo freyre.)

todo o mundo gostava da voz do surrão; e dava dinheiro ao  
negro velho. um dia chegou o negro à casa da madrastra,  
convidaram o velho para descansar. para comer e beber; e  
como já era tarde, para dormir. parece que as irmãs da menina  
tinham desconfiado da voz bonita do surrão. de noite, quando  
o negro pegou no sono, as moças foram, abriram o surrão,  
tiraram a menina. estava se acabando de fraca. coitadinha,  
o negro só lhe tinha dado de comer sola de sapato velho. em  
lugar da menina, as moças encheram o surrão de cocô. No dia  
seguinte o negro levantou-se, tomou café e partiu - sem dar  
pela cousa. quando na casa próxima o negro mandou o surrão  
cantar - o surrão calado. o negro pensou que era a menina  
dormindo. meteu o pau no surrão. mas este se arreventou  
todo, emporcalhando o velho.

as histórias portuguesas sofreram no brasil consideráveis  
modificações na boca das negras velhas ou amas-de-leite. foram  
as negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de  
histórias. os africanos, lembra a. b. ellis, possuem os seus  
contistas. "alguns indivíduos fazem profissão de contar his-

330 g. f.

tórias e andam de lugar em lugar recitando contos." 121 hō o  
akpalō fazedor de alō ou conto; e hō o arokin, que é o narrador  
das crônicas do passado. o akpalō é uma instituição africana  
que floresceu no brasil na pessoa de negras velhas que só faziam  
contar histórias. negras que andavam de engenho em engenho  
contando histórias às outras pretas, amas dos meninos brancos.  
josé Lins do rego, no seu menino de engenho,122 fala das  
velhas estranhas que apareciam pelos bangilōs da paraíba: con-  
tavam histórias e iam-se embora. viviam disso. exatamente  
a função e o gênero de vida do akpalō.

por intermédio dessas negras velhas e das amas de menino,  
histórias africanas, principalmente de bichos - bichos confra-  
ternizando com as pessoas, falando como gente, casando-se, ban-

queteando-se - acrescentaram-se os portuguesas, de trancoso, contadas aos netinhos pelos avós coloniais - quase todas histórias de madrastas, de príncipes, gigantes, princesas, pequenos-polegares, mouras-encantadas, mouras-tortas.

a linguagem infantil também aqui -se amoleceu ao contato--- da criança com a ama negra. algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no brasil por influência da boca africana. da boca africana aliada ao clima - outro corruptor das línguas européias, na fervura por que passaram na américa tropical e subtropical.

o processo de reduplicação da sílaba tônica, tão das lôn-

#

guas selvagens e da linguagem das crianças, atuou sobre várias palavras dando ao nosso vocabulário infantil um especial encanto. o "dói" dos grandes tornou-se o "dodói" dos meninos. palavra muito mais dengosa.

a ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. daí esse português de menino que no norte do brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. a linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacó, pipi, bumbum, tentom, nenen, tató, papó, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocó, dindinho, bimbinha. amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. as antônias ficaram dondons, toninhas, totonhas; as teresas, tetos; os manúis, nezinhos, mandus, manós; os franciscos,

e.-#. a a- 331

#

ch-.'co, chiquinho, chicó; os pedros, pepós; os albertos, bebetos, betinhos. isto sem falarmos das iaios, dos ioiós, das sinhos, das manus, calus, bembens, dedós, marocas, nocas, nonocas, gegós.

e não só a língua infantil se abrandou desse jeito mas a linguagem em geral, a fala sória, solene, da gente grande, toda ela sofreu no brasil, ao contato do senhor com o escravo, um amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido. efeitos semelhantes aos que sofreram o inglês e o francês noutras partes da américa, sob a mesma influência do africano e do clima quente. mas principalmente do africano. nas antilhas e na luisiana `bonnes vieilles nègressee' adocicaram o francês, tirando-lhe o fanhoso antipático, os rr zangados; no sul dos estados unidos as "old mammies" deram ao ranger das sílabas ásperas do inglês uma brandura oleosa. nas ruas de nova orleães, nos seus velhos restaurantes, ainda se ouvem anunciar nomes de bolos, de doces, de comidas num francês mais

lórico que o da França: "pratines de pacanes", "bon café tout chaud", "blanches tablettes e Ia fleur woranger". influência das "bonnes vieilles nêgresses".

caldcleugh, que esteve no Brasil em princípios do século XIX, deficiou-se com o português colonial. um português gordo, descansado. distinguiu-o logo do da metrópole. a pronúncia dos brasileiros pareceu-lhe menos nasal do que a dos portugueses; e menos judia ("not so jewish") na maneira de pronunciar o s; "and on the whole is a more agreeable language than in the mouth of a native".<sup>123</sup> fato que caldcleugh atribuiu exclusivamente ao clima. ao calor dos trópicos. o clima lhe pareceu agir sobre a fala, como sobre a atividade mental dos brasileiros, no sentido de uma grande lassidão. cunoso, porém, que, tão atento à influência dos judeus sobre a pronúncia reinol do s, caldcleugh não tivesse reparado na influência dos negros sobre o português no Brasil. quando os negros foram maiores inimigos que o clima dos ss e dos rr; maiores corruptores da língua: no sentido da lassidão e do langor. mães negras e mucamas, afiadas aos meninos, as meninas, as moças brancas das casas-grandes, criaram um português diverso do hirto e gramatical que os jesuítas tentaram ensinar aos meninos índios e semibrancos, alunos de seus colégios; do português reinol que os padres tiveram o sonho vão de conservar no Brasil. depois deles, mas sem a mesma rigidez, padres-mestres e capelães de engenho procuraram contrariar a influência dos escravos, opondo-lhe um português quase de estufa. mas quase em vão.

332 g. f.

embora tenha fracassado o esforço dos jesuítas, contribuiu entretanto para a disparidade, a que já aludimos, entre a língua escrita e a falada do Brasil: a escrita recusando-se, com escrúpulos de donzelona, ao mais leve contato com a falada; com

#

a do povo; com a de uso corrente. mesmo a língua falada conservou-se por algum tempo dividida em duas: uma, das casas-grandes; outra, das senzalas. mas a aliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhó-moça, do sinhozinho com o muleque acabou com essa dualidade. não foi possível separar a cacos de vidro de preconceitos puristas forças que tão frequente e intimamente confraternizavam. no ambiente relaxado da escravidão brasileira, as línguas africanas, sem motivos para subsistirem à parte, em oposição à dos brancos, dissolveram-se nela, enriquecendo-a de expressivos modos de dizer; de toda uma série de palavras deliciosas de pitoresco; agrestes e novas no seu sabor; muitas vezes, substituindo com vantagem vocábulos portugueses, como que gastos e usados pelo uso. João Ribeiro, mestre em assuntos de português o de história da língua nacional, que o diga com voz autorizada: "número copioso de vocábulos africanos penetraram na língua portuguesa, especialmente no domínio do Brasil, por efeito das relações estabelecidas com as raças negras." e não apenas vocábulos soltos, desconjuntados, se acrescentaram à língua do colonizador europeu: verificaram-se alterações "bastante profundas não só no que



diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma".124 É certo que as diferenças a separarem cada vez mais o português do Brasil do de Portugal não resultaram todas da influência africana; também da indígena; "dos ciganos"; "dos espanhóis"; e João Ribeiro acrescenta: "do clima, de novas necessidades, novas perspectivas, novas cousas e novas indústrias". Mas nenhuma influência foi maior que a do negro. As palavras africanas hoje do nosso uso diário, palavras em que não sentimos o menor sabor arrevesado do exótico, são inúmeras. Os menos puristas, escrevendo ou falando em público, já não têm, como outrora, vergonha de empregá-las. É como se nos tivessem vindo de Portugal, dentro dos dicionários e dos clássicos; com genealogia latina, árabe ou grega; com pai ou mãe ilustre. São entretanto vocábulos próprios, sem pai nem mãe definida, que adotamos de dialetos negros sem história nem literatura; que deixamos que subissem, com os muleques e as negras, das senzalas às casas-grandes. Que brasileiro - pelo menos do norte - sente exotismo nenhum em palavras como caçamba, canga, denço, cafunó, lubambo, mulambo, caçula, quitute, mandinga, muleque, camundongo, munganga, cafajeste, quibebe, quengo, ba-

e---g~a s. 333

#

i.uque, banzo, mucambo, bangô, bozó, mocotó, bunda, zumbi, vatapó, caruru, banzó, filó, mucama, quindim, catinga, mugunzó, malungo, birimbau, tanga, cachimbo, candomblé? ou acha mais jeito em dizer "mau cheiro" do que "catinga"? ou "garoto" de preferência a "muleque"? ou "trapo" em vez de "mulambo"? São palavras que correspondem melhor que as portuguesas à nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções.

Os padres-mestres e os capelães de engenho, que, depois da saída dos jesuítas, tornaram-se os principais responsáveis pela educação dos meninos brasileiros: tentaram reagir contra a onda absorvente da influência, negra, subindo das senzalas às casas-grandes; e agindo mais poderosamente sobre a língua dos senhores e das senhazinhas do que eles, padres-mestres, com todo o seu iatém e com toda a sua gramática; com todo o prestígio das suas varas de marmelo e das suas palmatorias de socupira. Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama era um dos que se indignavam quando ouvia "meninas galantes" dizerem "mandó", "buscó", "comó", "mi espere", "-ti faço", "mi deixe", "muler", "4'coler", le pediu", "cadó ele", "66vigie", "espie".125 e dissesse algum menino em sua presença um "pru mode" ou um "oxente"; veria o que era beliscão de frade zangado.

Para frei Miguel, - padre-mestre às direitas - era com os portugueses ilustres e polidos que devíamos aprender a falar, e não "com tia rosa", nem "mãe benta"; nem com nenhuma preta da cozinha ou da senzala. Meninos e moças deviam fechar os ouvidos aos "oxentes" e aos "mi deixe" e aprender o português correto, do reino. Nada de expressões bundas nem caçanjes.

Sucedeu, porém, que a língua portuguesa nem se entregou de todo à corrupção das senzalas, no sentido de maior espontaneidade de expressão, nem se conservou acalafetada nas salas de aula das casas-grandes sob o olhar duro dos padres-mestres.

a nossa língua nacional resulta da interpenetração das duas tendências. devemos-las tanto às mães bentas e às tias rosas como aos padres gamas e aos\* padres pereiras. o português do brasil, ligando as casas-grandes às senzalas, os escravos aos senhores, as mucamas aos senhor-moços, enriqueceu-se de uma variedade de antagonismos que falta ao português da europa. um exemplo, e dos mais expressivos, que nos ocorre, é o caso dos! 'pronomes. temos no brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um - o "modo duro e-imperativo": 126 diga-me, faça-me, espere-me. sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso,

334 g. f.

.7

i

#

caracteristicamente brasileiro: me diga, ine faça, me espere. modo bom, doce, de pedido. e servimo-nos dos dois. ora, esses dois modos antagônicos de expressão, conforme necessidade de mando ou cerimônia, por um lado, e de intimidade ou de súplica, por outro, parecem-nos bem típicos das relações psicológicas que se desenvolveram através da nossa formação patriarcal entre os senhores e os escravos: entre as senhor-moças e as mucamas; entre os brancos e os pretos. "faça-me", é o senhor falando; o pai; o patriarca; "me dê", é o escravo, a mulher, o filho, a mucama. parece-nos justo atribuir em grande parte aos escravos, aliados aos meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de colocar pronomes. foi a maneira filial, e meio dengosa, que eles acharam de se dirigir ao paterfamilias. por outro lado o modo português adquiriu na boca dos senhores certo rancor de enfase hoje antipático: "faça-me isso"; "dê-me aquilo". o mestre ilustre que é João ribeiro permita-nos acrescentar esta tentativa de interpretação histórico-cultural ao seu exame psicológico da questão dos pronomes; e ao mesmo tempo fazemos nossas estas suas palavras: "que interesse temos, pois, em reduzir duas fórmulas a uma única e em comprimir dois sentimentos diversos numa só expressão?" 127 interesse nenhum. a força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados; o caso dos pronomes que sirva de exemplo. seguirmos só o chamado "uso português", considerando ilegítimo o "uso brasileiro", seria absurdo. seria sufocarmos, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais, e ato de inteligência, que só encontram expressão justa no "me dê" e no "me diga". seria ficarmos com um lado morto; exprimindo só metade de nós mesmos. não que no brasileiro subsistam. como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. de modo nenhum. somos duas metades confraternizantes que se vão mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos completarmos num todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro. lars ringbom vê grandes possibilidades de desenvolvi-

mento de cultura no mestiço: mas atingido o ponto em que uma metade de sua personalidade não procure suprimir a outra.128 o brasil pode-se dizer que já atingiu esse ponto: o fato de já dizermos "me diga", e não apenas "diga-me", e dos mais significativos. como o de empregarmos palavras africanas com a naturalidade com que empregamos as portuguesas. sem aspas nem grifo.

o figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, c.-g, & s. 335

#

criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro "padre-nosso", a primeira "ave-maria", o primeiro "vête!" ou "oxente", que lhe dava na boca o primeiro pirão com carne e "molho de ferrugem" ela própria amolegando a comida - outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora. o vulto do muleque companheiro de brinquedo. o do negro velho, contador de histórias. o da mucama. o da cozinheira. toda uma série de contatos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. importando em experiências que se realizavam através do escravo ou o sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor.

ao muleque companheiro de brinquedo do menino branco e seu leva-pancadas, já nos referimos em capítulo anterior. suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado o vontade por nhonho; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pé de serra por dentro; de pé de serra e de pano como os judas de sobado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos. "logo que a criança deixa o berço", escreve koster, que soube observar, com tanta argúcia a vida de família nas casas-grandes coloniais, "dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo e além disso incorre sempre em censura e em punição [ .... 1. enfim, a ridícula ternura dos pais anima o insuportável despotismo dos filhos." 129 "não havia casa onde não existisse um ou mais muleques, um ou mais curumins, vítimas consagradas aos caprichos de nhonho", escreve josé Veríssimo, recordando os tempos da escravidão. "eram-lhe o cavalo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados." 130 lembra-nos jôlio belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, muleques. nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos de senhores de engenho, os muleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. mas principalmente cavalos de carro. ainda hoje, nas zonas rurais menos invadidas pelo automóvel, onde velhos cabriolos de engenho rodam pelo massapé mole, entre os canaviais, os meninos brancos brincam de carro de cavalo "corn muleques e até mulequinhas filhas das amas", servindo de parelhas.131 um barbante serve de rédea; um galho de goiabeira, de chicote.

de supor a repercussão psíquica sobre os adultos de semelhante tipo de relações infantis - favorável ao desenvolvimento de tendências sadistas e masoquistas. sobre a criança do sexo feminino, principalmente, se aguçava o sadismo, pela maior

#

fixidez e monotonia nas relações da senhora com a escrava, sendo até para admirar, escrevia o mesmo koster em princípios do século xix, "encontrarem-se tantas senhoras excelentes, quando tão pouco seria de surpreender que o caráter de muitas se ressentisse -da desgraçada direção que lhes deu na infância". 132 sem contatos com o mundo que modificassem nelas, como nos rapazes, o senso pervertido de relações humanas; sem outra perspectiva que a da senzala vista da varanda da casa-grande, conservavam muitas vezes as senhoras o mesmo domínio malvado sobre as imicamas que na infância sobre as negrinhas suas companheiras de brinquedo. "nascem, criam-se e continuam a viver rodeadas de escravos, sem experimentarem a mais ligeira contrariedade, concebendo exaltada opinião de sua superioridade sobre as outras criaturas humanas, e nunca imaginando que possam estar em erro", escreveu koster das senhoras brasileiras. 133 além disso, aborrecendo-se facilmente. falando alto. gritando de vez em quando. fletcher e kidder, que estiveram no brasil no meado do século xix, atribuem a fala estridente e desagradável das brasileiras ao hábito, de falarem sempre aos gritos, dando ordens às escravas. 134 o mesmo teriam observado no sul dos estados unidos, que sofreu influências sociais e econômicas tão semelhantes às que atuaram sobre o brasil durante o regime de trabalho escravo. ainda hoje, por contágio das gerações escravocratas, as mães das carolinas, do mississipi, de alabama falam gritando do mesmo modo que no brasil as nortistas, filhas e netas de senhor de engenho.

quanto à maior crueldade das senhoras que dos senhores no tratamento dos escravos é fato geralmente observado nas sociedades escravocratas. confirmam-no os nossos cronistas. os viajantes, o folclore, a tradição oral. não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. senhoras-mães que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. toda uma série de judiarias.

c.-g. & s. 337

i

#

o motivo, quase sempre, o ciúme do marido. o rancor sexual. a rivalidade de mulher com mulher.

"entre nós", escreveu burlamaqui nos começos do século xix, "as phrases mais communs quando huma mulher desconfia que seu marido, ou seu amante, tem contactos illicitos com al-uma escrava são: eu a frigirei, eu a assarei, lhe queimarei e ou cortarei tal ou tal parte & c. e quantas vezes estas ameaças não vão a effeito mesmo por simples desconfianças." 135 anselmo da fonseca, escrevendo cinquenta anos depois de burlamaqui, salienta a crueldade das---brasileirasescravocratas" que "se regosijão em sobre ellas [as escravas] exercer na estreiteza do lar, ferrea tyrannia, nestas condições affligentissimas: porque as victimas são obrigadas a estar constantemente ao lado, e a viver ao pé do algoz". como exemplo, cita fonseca o caso de dona f. de c. - tão exagerada na sua crueldade para com as escravas. que chegou a ser processada pela morte de uma delas, joana. 136

o isolamento (rabe en). que viviam as antigas sinhô-donas, principalmente nas casas-grandes de engenho, tendo por companhia quase que exclusivamente, escravas passivas, sua submissão muçulmana diante dos maridos, a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os de "senhor", talvez constituíssem estímulos poderosos ao sadismo das sinhôas, descarregado sobre as muçumi,- e as mulecas em rompantes históricos; "passado adiante", como em certos jogos ou brinquedos brutos. sadistas eram, em primeiro lugar, os senhores com relação às esposas.

tanto quanto o inglês koster, admirou-se o padre-mestre lopes gama que crescendo as brasileiras entre o "desprimor, a sem vergonha, a frascaria, os desregramentos dos escravos ( .... 1, as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi todos os dias de nossos paes", ainda assim dessem para virtuosas e até para delicadas. "pudera além disso sustentar que as brasileiras são de todas as mulheres as mais propensas às virtudes; pois vendo desde a infancia tantos exemplos de lubricidade, ha entre ellas tão crescido numero de senhoras honestas, e verdadeiramente honradas. que fariam, se tivessem huma educação delicada e cuidadosa?" 137

verificaram-se, é certo, casos de irregularidades sexuais entre sinhô-donas e escravos. um que teria ocorrido em pernambuco nos meados do século passado e no seio de importante família, assegura-nos velho senhor de engenho ter visto registrado, em documento íntimo, com detalhes persuasivos. mas nem as tradições rurais nem os relatos dos estrangeiros merecedores de fé, nem as críticas, muitas vezes verdadeiros libelos,

'a.

q,q a. f.

ir

#

casa-grande e capela do sítio piranhenga, no maranhão.  
(segundo fotografia do iphan)

dos m0s-l0nguas desabusados da marca do padre lopes gama, autorizam-nos a concluir com m. bonfim, no seu am0rica la-  
t

tina: "n0o raro a sinh0-mo0a criada a ro0ar os muleco es, entrega-se a eles, quando os nervos degenerados acordam em desejos irreprim0veis; ent0o interv0m a moral paterna: castra-se. com uma faca mal-afiada o negro ou mulato, salga-se a ferida, enteram-no vivo depois. a rapariga, com um dote refor0ado, casa com um primo pobre. . . ll 138

n0o que o despotismo paterno do tempo da escravid0o nos pare0a incapaz de malvadeza dessas, ou ainda piores; nem a sensibilidade muitas vezes morbida das iai0s, de desejos ainda mais l0bricos. mas o ambiente em que eram criadas nas casas-grandes dificilmente permitia aventuras t0o arriscadas. o "n0o raro" de m. bonfim nos soa artificial ou pelo menos exagerado. basta recordarmos o fato de que, durante o dia, a mo0a ou menina branca estava sempre sob as vistas de pessoa mais velha ou da mucama de confian0a. vigil0ncia que se agu0ava durante a noite. 0 dormida das meninas e mo0as reservava-se, nas casas-grandes, a alcova, ou camarinha, bem no centro da casa, rodeada de quartos de pessoas mais velhas. mais uma pris0o que aposento de gente livre. esp0cie de quarto de doente grave que

c.-g- & s. 339

#

precisasse da vig0lia de todos. n0o louvamos o sistema: apenas procuramos lembrar sua quase incompatibilidade com aventuras da esp0cie referida por m. bonfim. estas ocorreram, decerto; por0m raramente.

objetar-se-0 que o sexo 0 todo-poderoso quando desembestado; e n0o o negamos de modo al0um. a dificuldade que reconhecemos 0 mais a f0sica: a das grossas paredes, a dos verdadeiros ralos de convento em que, nas casas-grandes, se guardavam as sinh0-mo0as. a0 vinha colh0-las verdes o casamento: aos treze e aos quinze anos. n0o havia tempo para explodirem em t0o franzinos corpos de menina grandes paix0es ffbricas, cedo saciadas ou simplesmente abafadas no t0lamo patriarcal. abafadas sob as car0cias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecidos das noivas. maridos da"escolha ou da conveni0ncia exclusiva dos pais. barchois de bigodes lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, possibilidades pol0ticas. negociantes portugueses redondos e. grossos; su00as enormes; grandes brilhantes no peitilho da camisa, nos punhos e nos dedos. oficiais. m0dicos. senhores de engenho. desses casamentos feitos pelos pais nem sempre resultaram dramas ou infelicidades. talvez pelo fato dos velhos, pensando a frio, encararem o problema com mais realismo e melhor senso pr0tico que os jovens romanticamente apaixonados.

0 certo que nem sempre os pais foram obedecidos nas suas escolhas de noivos para as filhas. as tradi0es referem casos, raros, 0 verdade, de raptos e fugas rom0nticas. sellin afirma que do meado do s0culo xix em diante esses raptos tornaram-se freq0entes.'" neles figurava sempre um negro ou mucama - c0mplice do raptor ou da raptada; negro ou mucama que era costume alforriar-se. com a cumplicidade de esperta mucama

que fugiu, em pernambuco, por volta de 1860, bonita moça da família c... ocorreu a fuga bem na véspera do seu casamento com ilustre bacharel da escolha dos pais. estes ofereceram logo ao noivo ludibriado a mãe de outra filha, que foi imediatamente aceita. de modo que o casamento realizou-se tranquilamente, sem outro incidente que o perturbasse.

sabe-se que enorme prestígio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. pela negra ou mulata de estimação que a menina se iniciava nos mistérios do amor. "a mucama escrava", observou no meado do século xix o romanista joaquim manuel de macedo, o célebre", d'ela moreninha, "embora escrava, é ainda mais que o padre confessor e do que o médico da donzela: porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o médico, ainda nos casos mais graves de altera-

340 g. f.

do da saúde, conhece-lhe imperfeitamente o corpo enfermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto quanto o padre e o corpo mais do que o médico."

histórias de casamento, de namoros, ou outras, menos ro-

#

mónticas, mas igualmente sedutoras, eram as mucamas que contavam às sinhazinhas nos doces vagares dos dias de calor, a menina sentada, é mourisca, na esteira de pipiri, cosendo ou fazendo renda; ou então deitada na rede, os cabelos soltos, a negra catando-lhe piolho, dando-lhe cafunó; ou enxotando-lhe as moscas do rosto com um abano. supria-se assim para uma aristocracia quase analfabeta a falta de leitura. modinhas e canções, era ainda com as mucamas que as meninas aprendiam a cantar - essas modinhas coloniais tão impregnadas do erotismo das casas-grandes e das senzalas; do erotismo dos iolos nos seus derreios pelas mulatinhas de cangote cheiroso ou pelas priminhas brancas; voluptuosas modinhas de que elói Pontes recolheu uma tão expressiva do amor entre brancos e mulatas:

meu branquinho feiticeiro,  
doce ioiô meu irmão,  
adoro teu cativo,  
branquinho do coração,

pois tu chamas de irmãzinha  
a tua pobre negrinha  
que estremece de prazer,  
e vais pescar a tardinha  
mandi, piau e corvina  
para a negrinha comer.

em nenhuma  
de promiscuidade

das modinhas antigas se sente melhor o visgo  
nas relações de sinhó-moços das casas-grandes  
com mulatinhas das senzalas. relações  
de incestuoso no erotis o às vezes doentio

com alguma coisa

o mesmo possível

que, em alguns casos, se amassem o filho branco e a filha mulata do mesmo pai. walsh, nas suas viagens pelo brasil, surpreendeu uma família brasileira francamente incestuosa: irmão amigado com irmã.140 e na mantiqueira viu uma dança em que os membros de certa família mestiça revelavam hábitos lamentavelmente incestuosos, que escandalizaram o padre inglês.

a verdade que para escandalizar o padre inglês 'nao eram precisos casos extremos de incesto: bastavam os casamentos, tão frequentes no brasil desde o primeiro século da colonização, de tio com sobrinha; de primo com prima. casamentos cujo fim era evidentemente impedir a dispersão dos bens e conservar a

c-g-&s. 3,11

#

limpeza do sangue de origem nobre ou ilustre. tudo indica ter sido este o intuito de jerônimo de albuquerque, o patriarca da família pernambucana, ao casar seus dois primeiros filhos varões, havidos de dona maria do espírito santo arcoverde - a princesinha Índia - com duas irmãs de sua mulher legítima. dona filipa de melo, filha de dom cristóvão de melo.141 a mulher que lhe recomendara para esposa a rainha dona catarina, horrorizada com a vida mulmana de polígamo do cunhado de duarte coelho. não foram unções consanguíneas: mas de indivíduos que, casando-se, apertavam os laços de solidariedade de família em torno do patriarca. era esse o fim dos casamentos de tios com sobrinhas.

maria graham ficou encantada com certos aspectos da vida de família no brasil: um apego, uma intimidade, uma solidariedade entre as pessoas do mesmo sangue que lhe recordaram o espírito de cló dos escoceses. mas notou esta inconveniência: dos casamentos só se realizarem entre parentes. principalmente tios com sobrinhas. casamentos, escreve ela, que em vez de alargarem as relações da família e de difundirem a propriedade. concentravam-nas, estreitando-as e limitando-as. além de "prejudicarem a saúde".142

mas quem ao referir-se a frequência dos casamentos consanguíneos no brasil levanta a voz. indignado, contra a igreja e os padres, é o capitão richard burton. "licenças para cometer incesto", chama ele às dispensas da igreja. mas confessa não ter deparado casos em que se revelassem "os resultados terríveis" do horroroso pecado." não que burton - livre-pensador inglês, embora casado com uma mulher ranzinza e de idéias estreitíssimas - acreditasse em pecado no sentido teológico: se estava convencido do mal dos casamentos de tio com sobrinha e de primo com prima era do ponto de vista da eugenia.

o que os casamentos entre parentes, tão comuns no brasil do tempo da escravidão, nunca impediram', foi que lutas tremendas separassem primos e até irmãos, genros e sogros, tios e sobrinhos, extremando-os em inimigos de morte; que grandes famílias se empenhassem em verdadeiras guerras por questões de heranças ou de terras, às vezes por motivos de honra ou de



partidarismo político. um trecho de canavial, uma mulher, um escravo, um boi, uma eleição de deputado, escreveu andreoni (antonil) no século xviii: "ha no brasil muitas paragens em que os senhores de engenho são entre si muito chegados por sangue, e pouco umdos por caridade, sendo o interesse a causa de toda a discordia, e bastando talvez um péo que se tire ou um

boi que entre em um canavial por descuido para declarar o odio escondido, e para armar demandas e pendencias mortaes".'' mal inseparável do privativismo: do exagerado sentimento de propriedade privada. o qual começa criando rivalidades sangrentas entre vizinhos - grandes senhores de terras - para terminar balcanizando continentes.

#

as crônicas coloniais guardam a memória das lutas em que se empenharam pires e camargos em são paulo; no século xix foi terrível o conflito entre montes e feitasas no nordeste. e os escravos sempre fiéis e valentes ao lado dos senhores. brigando. morrendo por eles. no tempo do império, com a rivalidade entre os partidos, os negros das senzalas, tanto quanto os brancos das casas-grandes, dividiam-se em "liberais" e "conservadores" e participavam das rixas eleitorais dos brancos, esfaqueando-se, navalhando-se e brigando a cacete.

as lutas entre pires e camargos romperam em 1640; e prolongaram-se por mais de um século. arrastaram outras famílias: os taques, os lemes, os laras, do lado dos pires; os buenos e os rendons, do lado dos camargos.145 combateram nessas lutas entre grandes família~ Índios de arco e flecha; negros escravos; cabras. foi nelas que se desenvolveram os nossos bravi de cor: os cabras, negros, caboclos que a princípio defenderam as casas-grandes dos seus senhores dos ataques dos Índios; que depois serviram nas guerras contra a holanda; nas expedições contra os quilombos; na guerra do paraguai. que deram força ao espírito de ordem representado pelos senhores de engenho do tipo do morgado do cabo contra a demagogia  
` ao espírito de independência brasileira contra as das cidades,

pretensões dos portugueses de administrarem o brasil como simples colônia de plantação. não só os bravi de cor desenvolveram-se nessas lutas em sucos da américa - como aos negros das charqueadas e estâncias do sul do brasil chamou uma vez um oficial argentino:148 também os brancos, seus senhores, em chefes desassombrados e temíveis. condottieri. chefes da marca de pedro ortiz de camargo - o que mandou dizer ao governador português do rio de janeiro ser desnecessária sua presença em são paulo. da marca dos senhores de engenho pernambucanos que em 1666 tiveram a afoiteza de prender na rua de são bento o 4.º governador e capitão-general de pernambuco, jerônimo de mendonça furtado, e de expulsá-lo da capitania para o reino. da parca dos antônio cavalcanti, dos vidal de negreiros, dos fernandes vieira - que venceram a guerra contra. os holandeses, quase sozinhos e sem auxílio da metrópole. apenas com seus negros e cabras de engenho."''

i

voltando os modinhas de engenho do brasil - resultado do erotismo patriarcal: chamegos com negras, mulatas, primas - recordaremos que elas fizeram furor nos salões portugueses ao século xviii alternando com as novenas, os lausperenes e as festas de igreja. william, beekford, que teve ocasião de ouvi-las em casa fidalga, freqüentada também pelo arcebispo do ~ ve, dom josé Maria de melo - grande apreciador de modinhas cantadas ao violão - procurou interpretar-lhes o encanto viscoso: "penetram elas no coração como que insinuando-se infantilmente antes que ele tenha tempo para defender-se dessa influência enervante; julgareis beber um doce leite e o veneno da voluptuosidade que penetra até aos mais íntimos recessos do vosso organismo.11148

nem todas as modinhas celebravam o quindim das mulatas das senzalas; muitas exaltavam as iaias das casas-grandes, filhas de senhor de engenho. meninas de doze, treze, quatorze anos. "anjos louros." "santas imaculadas." "pálidas madonas." "marias do céu." "marias da graça." "marias, das dores." "marias da glória." e eram de fato umas nossas senhoras: quando saíam de palanquiti ou de liteira, nos ombros de negros de libré, era como se saíssem de andor. brincos de ouro. tetéias. figas. Os vezes iam mucamas, na frente, levando outros brincos e outras tetéias das sinhazinhas; e tanto era o ouro que levavam algumas negras ou mulatas em cordões, pulseiras, braceletes e bentinhos que "sern hipérbole", diz vilhena, "basta para comprar duas ou três negras ou mulatas como a que o leva".49 desde o dia da primeira comunhão que deixavam as meninas de ser crianças: tomavam-se sinhó-moças. era um grande dia. maior só o do casamento. vestido comprido todo de cassa guarnecido de folhos e pregas. o corpete franzido. a faixa de fita azul caindo para trás, em pontas largas, sobre o vestido branco. a bolsa esmoleira de tafetá. o véu de filé. a capela de flor de laranja. os sapatinhos de cetim. as luvas de pelica. o livrinho de missa encadernado em madreperola. o terço, de cordãozinho de ouro. cruz também de ouro.

o livrinho de missa nem sempre se sabia ler. tollenare observou em princípios do século xix: "há ainda muitos pais que não querem que as filhas aprendam a ler e a escrever."150 mas outros confiavam-nas aos recolhimentos: aí aprendiam a ler, a coser e a rezar. no recolhimento que o grande bispo azeredo coutinho fundou em pernambuco - o de nossa senhora da glória - aprendiam também a tratar cristamente os escravos: "irmãos e filhos do mesmo pai". a "necessidade de uns e a escravidão de 'outros, imposta pelas leis humanas, ou

344 g. f.

em pena de seus delitos, ou para lhes acautelar um maior mal", que estabelecera a "acidental desigualdade". im muitas brasi-

leiras, porém, tomaram-se baronesas e viscondessas do império sem terem sido internas dos recolhimentos: analfabetas, algumas; outras fumando como umas . caiporas; cuspiendo no chão; e ainda outras mandando arrancar dentes de escravas por qualquer desconfiança de xumbergaço do marido com as negras.

isto no século xix. imagine-se nos outros: no xvi, no xvii, no xviii. no xviii esteve no brasil uma inglesa que achou horrorosa a situação das mulheres. ignorantes. beatas. nem ao menos sabiam vestir-se. porque a julgar por mrs. kindersley, que não era nenhuma parisiense, nossas avós do século xviii trajavam-se que nem macacas: saia de chita, camisa de flores bordadas, corpete de veludo, faixa. por cima desse horror de indumentaria, muito ouro, muitos colares, braceletes, pentes. as mocinhas ou meninas não eram feias; notou, porém, mrs. kindersley que as brasileiras envelheciam depressa; seu rosto tornava-se logo de um amarelo doentio.<sup>152</sup>

resultado, decerto, dos muitos filhos que lhes davam os maridos; da vida morosa, banzeira, moleirona, dentro de casa; do fato de se saírem de rede e debaixo de pesados tapetes de cor - modus gestandi lusitanas, escreveu barlaeus no século xvii;<sup>153</sup> ou então de bangal ou liteira; e no século xix de palanquim e carro de boi. algumas senhoras até nas igrejas entravam de rede, muito anchas e triunfantes, nos ombros dos escravos. verdadeira afronta aos santos. foi preciso que os bispos proibissem tamanha ostentação de indolência. "por nos parecer indecente entrarem algumas pessoas do sexo feminino em serpentinas, ou redes, dentro da igreja, ou capellas, proffibimos o tal ingresso", escreveu em pastoral de 19 de fevereiro de 1726 o bispo de pernambuco. dom frei josé Fialho.<sup>154</sup> aliás, a julgar pelas palavras de dom frei josé contra os modos de as pernambucanas se vestirem, não trajavam elas tão amacadamente como as baianas de mrs. kindersley. pelo menos o bispo viu nos seus trajos alguma cousa de diabólica: "por vermos, não sem grande magoa do nosso coração, a profanidade com que se vestem as mais das pessoas do sexo feminino usando de modas e inventos diabolicos, admoestamos a taes pessoas que, nelles compreendidas, que se abstenham dos taes vestidos." eram essas pernambucanas descendentes das "grandes senhoras" que o padre cardim conheceu no século xvi: mais "grandes senhoras" do que devotas. das senhoras de engenho que já no tempo do cronista dos diálogos pintavam o rosto de vermelho. descen-

c.-ff. & s. 345

i

#

dentes das bonitas iaíãs por amor de quem hereges holandeses abjuraram no século xviii da fé calvinista para abraçarem a católica.

foi geral, no brasil, o costume de as mulheres casarem cedo. aos doze, treze, quatorze anos. com filha solteira de quinze anos dentro de casa já começavam os pais a se inquietar

e a fazer promessas a santo antônio ou são joão. antes dos vinte anos, estava a moça solteirona. o que hoje é fruto verde, naqueles dias tinha-se medo que apodrecesse de maduro, sem ninguém o colher a tempo. em salvador, conta-nos um viajante do século xvii ter encontrado o preconceito de que "ia fleur de virginité doit se cueillir [ .... ] dans les premières années, afin qu'elle ne se flétrisse pas". também de como "fort ordinaire aux mères de questionner leurs filles sur ce qu'elles sont capables de sentir à l'age de douze ou treize ans & de les inviter à faire ce qui peut émusser les aiguillons de ia chair".155

com relação ao preconceito da virgindade perder logo o gosto, as palavras de coreal parecem exatas. desde o século xvi dominou no brasil semelhante prejuízo. quem tivesse sua filha, que a casasse meninota. porque depois de certa idade as mulheres pareciam não oferecer o mesmo sabor de virgens ou donzelas que aos doze ou aos treze anos. já não conservavam o provocante verdor de meninas-moças apreciado pelos maridos de trinta, quarenta anos. às vezes de cinquenta, sessenta, e até setenta. burton escreve que no meado do século xix ainda eram comuns os casamentos de velhos de setenta com mocinhas de quinze anos.1116

do padre anchieta, que foi, como todo jesuíta no século xvi, um grande casamenteiro, aproximou-se um dia certo alvaro neto com uma filha nesta tristíssima situação: quinze anos e ainda solteira. "fazia-lhe grandes queixas alvaro neto, morador da villa de são paulo% diz-nos o padre simão de vasconcelos na sua vida do venerável padre ioseph de anchieta da companhia de lesu, "que tinha huma filha já de quinze anos & nam tinha remedio para casalla". outra moça aparece na crônica jesuítica na mesma situação da filha de alvaro neto: filipa da mata. esta fora noiva de joseph adorno: mas desmanchara-se o casamento, ficando a família inconsolável. não teria talvez quinze anos a desgraçada filipa, já solteirona dolorosa: num instante consolou-a e aos seus pais o grande missionário. não s , é profetizou-lhe casamento para muito breve com um rapaz de lisboa como uma vida ideal depois de casada: "tantos filhos que nam saberé quaes sam. as camisas de uns & outros".157

346 g. f.

ainda hoje, nas velhas zonas rurais, o folclore guarda a reminiscência dos casamentos precoces para a mulher; e a ideia de que a virgindade só tem gosto quando colhida verde. diz-se no interior de pernambuco:

#

meu são joão, casai-me cedo,  
enquanto sou rapariga,  
que o milho rachado tarde  
não dá palha nem espiga.

noutros pontos do brasil a quadra varia:

minha mãe, nos casa logo

quando somos raparigas:  
o milho plantado tarde  
nunca dá boas espigas.

quase todos os viajantes que nos visitaram durante o tempo da escravidão contrastam a frescura encantadora das meni-  
notas com o desmaiado do rosto e o desmazelo do corpo das ma-  
tronas de mais de dezoito. de mrs. kindersley já vimos a opi-  
nião: as senhoras "ficavam com o ar de velhas muito depressa"  
("they look old very early in life"). seus traços perdiam a de-  
licadeza e o encanto. o mesmo notou luccock no rio de ja-  
neiro. olhos vivos, dentes bonitos, maneiras alegres - tal o  
retrato que nos traça de meninas de treze ou quatorze anos.  
aos dezoito anos, já matronas, atingiam a completa maturida-  
de. depois dos vinte decadência.118 ficavam gordas, moles.  
criavam papada. tornavam-se palidas. ou então murchavam.  
algumas, é certo, tornavam-se fortes e corpulentas como o ori-  
ginal de certo retrato antigo, que hoje se vê na galeria do ins-  
tituto histórico da bahia: mas feias, de buço, um ar de homem  
ou virago.

no século xvii, notara em pernambuco um observador  
holandês que as mulheres, ainda moças, perdiam os dentes; e  
pelo costume de estarem sempre sentadas, no meio das muca-  
mas e negras que lhes faziam as menores cousas, andavam  
"como se tivessem cadeias nas pernas".'-19 sem a agilidade das  
holandesas. mawe, nas suas viagens pelo interior do brasil, sur-  
preendeu nas mulheres a mesma tendência para, ainda novas,  
perderem a vivacidade.160 mrs. graham, na bahia, notou que  
elas se tornavam "almost indecently slovenly, after very early  
youth".''

no meado do século xix, burton, no sul do brasil, ficou  
encantado com as mineiras; mas as mineiras de treze para de-  
zesseis anos. em minas, escreve ele, não há "beauté du dia-

c.-g. & s. 347

#

acusando re o palacete dos viscondes do livramento (pernambuco),  
Maria quintes de meados do século xix. (segundo fotografia de josé  
c. de albuquerque e melo.)

ble".182 as meninas adquiriam encantos de moça sem atravessa-  
rem a fase da puberdade, tão antipática na europa.

outro que se deixou seduzir pelas meninas-moças do bra-  
sil foi von den steinen que aqui esteve em 1885. ---umanjo de  
moça", chamou a uma delas o cientista germânico. expressão  
de bacharel de olinda em verso para ser recitado ao som da  
dafila na casa da prima. "estas brasileiras", são ainda pala-  
vras lóricas de von den steinen, "aos doze e treze anos, quando  
já na puberdade, e a mãe começa a pensar seriamente em ca-  
samento, encantam e enleiam com sua beleza. florescente". para  
o cientista alemão evolava-se "destas criaturas tropicais, antes  
da completa maturidade, tão delicado, tão delicioso perfume de  
feminilidade, como não o possuem os nossos botões de rosa eu-

ropeus". " pena que t<sup>o</sup> cedo se desfolhassem essas entrefechadas rosas. que t<sup>o</sup> cedo murchasse sua estranha beleza. que seu encanto s<sup>o</sup> durasse mesmo at<sup>o</sup> os quinze anos.

idade em que j<sup>o</sup> eram sinh<sup>o</sup>-donas; senhoras casadas. algumas at<sup>o</sup> m<sup>o</sup>es. na missa, vestidas de preto, cheias de saias de baixo e com um v<sup>o</sup>u ou mantilha por cima do rosto; s<sup>o</sup> deixando de fora os olhos - os grandes olhos tristonhos. dentro de casa, na intimidade do marido e das imicamas, mulheres relassas. cabel<sup>o</sup>o picado de renda. chinelo sem meias. os peitos

348 g. f.

Os vezes de fora. maria graham quase n<sup>o</sup>o conheceu no teatro as senhoras que vira de manh<sup>o</sup> dentro de casa - tamanha a disparidade entre o traje caseiro e o de cerimonia.%

m<sup>o</sup>lheres sem ter, Os vezes, o que fazer. a n<sup>o</sup>o ser dar ordens estridentes aos escravos; ou brincar com papagaios, sag<sup>o</sup>is, mulequinhos. outras, por<sup>o</sup>m, preparavam doces finos para o marido; cuidavam dos filhos. as devotas, cosiam camisinhas para o menino jesus ou bordavam panos para o altar de nossa senhora. em compensa<sup>o</sup>o, havia freiras que se encarregavam de coser enxovais de casamento e de batizado para as casas grandes.

"os casamentos se fazem aqui muito cedo", escreveu do brasil o ingl<sup>o</sup>s alexander caldcleugh: "n<sup>o</sup>o e raro encontrarem-se m<sup>o</sup>es de treze anos". "o clima", acrescenta, "e h<sup>o</sup>bitos retrad<sup>o</sup>s das brasileiras t<sup>o</sup>m consider<sup>o</sup>vel efeito sobre seu f<sup>o</sup>sico. quando novas, os belos olhos escuros e a figura bonita atraem a admira<sup>o</sup>o de todos; mas dentro de poucos anos, d<sup>o</sup>-se uma mudan<sup>o</sup>a na sua apar<sup>o</sup>ncia, que longa e cont<sup>o</sup>nua doen<sup>o</sup>a dificilmente causaria na europa."165 walter colton, no seu di<sup>o</sup>rio de viagem, conta alie no rio de janeiro lhe mostraram uma crian<sup>o</sup>a de doze anos - j<sup>o</sup> senhora respeit<sup>o</sup>vel.106 m<sup>o</sup>e! na idade de brincar com boneca, j<sup>o</sup> estava lidando com filho.

#

o casamento era dos fatos mais espaventosos em nossa vida patriarcal. festa de durar seis, sete dias, simulando-se Os vezes a captura da noiva pelo noivo. preparava-se com esmero a "cania dos noivos" - fronhas, colchas, len<sup>o</sup>oais, tudo bordado a capricho, em geral por m<sup>o</sup>os de freiras; e exposto no dia do casamento aos olhos dos convidados.167 matavam-se bois, porcos., perus. faziam-se bolos, doces e pudins de todas as qualidades. os convivas eram em tal numero que nos engenhos era preciso levantar barrac<sup>o</sup>es para acomod<sup>o</sup>-los. dan<sup>o</sup>as europ<sup>o</sup>ias na casa grande. samba africano no terreiro. negros alforriados em sinal de regozijo. outros dados e noiva de presente ou de dote: "tantos pretos", "tantos muleques", uma "cabrinha".

um fato triste e que muitas noivas de quinze anos morriam logo depois de casadas. meninas. quase como no dia da primeira comunh<sup>o</sup>o. sem se arredondarem em matronas obesas; sem criarem bu<sup>o</sup>o; sem murcharem em velhinhas de trinta ou quarenta anos. morriam de parto - v<sup>o</sup>s todas as promessas e rogos a nossa senhora da gra<sup>o</sup>a ou do bom parto. sem tempo de criarem nem o primeiro filho. sem provarem o gosto de ninar uma crian<sup>o</sup>a de verdade em vez dos beb<sup>o</sup>s de pano, feitos

pelas negras de restos de vestidos. ficava então o menino para as mucamas criarem. muito menino brasileiro do tempo da es-

c.-g. & s. 349

#

cravidão foi criado inteiramente pelas mucamas. raro o que não foi amamentado por negra. que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai ou a mãe. que não cresceu entre muleques. brincando com muleques. aprendendo safadeza com eles e com as negras da copa. e cedo perdendo a virgindade. virgindade do corpo. virgindade de espírito. os olhos, dois borrões de sem-vergonhice. a boca como a das irmãs de maria borralheira: boca por onde só saía bosta. meninos que só conversavam porcaria. ou então conversas de cavalo, de galo de briga, de canário.

isto sucedeu a muito menino com a mãe ainda viva: viver-a da silva e enérgica, mandando castigar escravos safados ou negras sem-vergonhas que ensinassem porcaria aos filhos. imaginem-se os meninos sem mãe; sem madrinha; sem avó; entregues a mucamas nem sempre capazes de lhes substituir a mãe.

"primeiramente eu estou persuadido% escrevia em 1837 no seu jornal o carapuço o padre-mestre miguel do sacramento lopes gama, "que a escravaria que desgraçadamente se introduziu entre nós, he a causa primordial da nossa pessima educação e em verdade quaes os nossos primeiros mestres? são sem duvida a africana, que nos amamentou, que nos pensou, e nos subministrou as, primeiras noções, e quantos escravos existião na casa paterna em a quadra dos nossos primeiros annos. maneiras, linguagem, vícios, tudo nos innocula essa gente safara, e brutal, que a rusticidade da selvageria une a indolencia, o despejo, o servilismo proprio da escravidão. com pretas e pretos boões, e com os filhinhos destes vivemos desde que abrimos os, olhos; e como poderão ser boa nossa educação?" e ainda: "mulequinhos, que nascem na casa paterna, são

os companheiros da nossa infancia, e as mães destes as nossas primeiras mestras; porque muitas vezes ou nos mamentão ou nos servem de aias; e que sementes de moralidade, que virtudes poderão escravas plantar em nossos tenrinhos corações?"-" em 1823 já perguntara josé Bonifácio, em sua representação à Assembléa geral constituinte: "que educação podem ter as familias que se com esses infelizes sem honra, sem religião? que se ser-nem com as escravas, que se prostituem ao primeiro que as procura? tudo se compensa nesta vida. nós tyrannizamos os escravos e os reduzimos a brutos animaes; elles nos innoculam toda a sua immoralidade e todos os seus vicios. e na verdade, senhores, se a moralidade e a justiça de qualquer povo se fundam, parte nas suas instituições religiosas e políticas, e parte na philosophia, por assim dizer domestica, de cada familia, que quadro pode apresentar, o brasil quando o consideramos de bai-350 g. f.

xo desses dois pontos de vista?"1119 cinco anos depois o marquês de santa cruz, arcebispo da bahia, feriu a mesma nota

em discurso no parlamento: "sempre estive persuadido que a

#

palavra escravidão desperta as idéias de todos os vícios e crimes; sempre lastimei, finalmente, a sorte dos tenros meninos brasileiros que, nascendo e vivendo entre escravos, recebem desde os primeiros anos as funestas impressões dos contagiosos exemplos desses seres degenerados; e oxalá que eu me enganasse! oxalá que fossem mais raros os triunfos da sedução e os naufragios na inocência! oxalá que tantas famílias não tivessem de deplorar a infâmia e a vergonha em que as tem precipitado a iminoralidade dos escravos!"<sup>170</sup>

descontem-se nas palavras do patriarca da independência e principalmente nas do marquês-arcebispo da bahia os exageros da ênfase parlamentar; nas do padre lopes gama os excessos de moralista e panfletório. elas refletem, assim desbastadas, experiências por eles vividas. fatos que observaram. influências que sofreram. deve-se notar que nenhum dos três atribui ao negro, ao africano, a "raça inferior", as "funestas consequências" da senzala sobre a casa-grande. atribuem-nas ao escravo. ao fato social e não o étnico. seus depoimentos constituem material de primeira ordem a favor daqueles que, como r. bilden, procuram interpretar os males e vícios da formação brasileira, menos pelo negro ou pelo português, do que pelo escravo.

josé Bonifácio, ao escrever libelo tão forte contra a escravidão, não sabemos se teria consciência dos vícios de caráter por ele próprio adquiridos no contato dos escravos: seu estranho sadismo, por exemplo. revelou-o bem ao assistir por puro prazer, sem nenhuma obrigação, ao castigo patriarcal que a soldados portugueses mandou infligir de uma feita o imperador dom pedro i no campo de santana: cinquenta açoites em cada um. castigo de senhor de engenho em negros ladrões. arrumaram-se os soldados em grupos de cinco, conforme a estatura- despiram-se-lhes as fardas e as camisas. os homens ficaram então nus das espaldas e as nádegas, curvados para a frente. e começaram os açoites. alguns soldados terminaram deitados de bruços sobre o chão, vencidos pela dor da chibata. josé Bonifácio, que assistiu a tudo por gosto, conservou-se no campo até o final da flagelação.<sup>171</sup> até o cair da noite. sinal de que a cena não lhe desagradara. outras evidências poderiam juntar-se de vários traços, no caráter de josé Bonifácio, que se podem atribuir a influência da escravidão. e se destacamos josé

c.-g. & s. 351

#

cravi&  
n&o f,  
mais (  
crescei  
do saf  
dendo  
rito. (  
#



a das i  
menim  
cavalo,  
ist  
r~ia da  
negrasi  
ginem-5  
gues a  
llpl  
seu jori  
lopes x  
duziu cl  
00o e e  
duvida ~  
subminii  
na casa  
neiras, l  
brutal, i  
pejo, o  
bo0aes, ~  
os olhos  
"mulequ  
ros da ri  
tras; por  
aias; e q  
vas plani  
guntara  
geral q  
si---lv121m c~  
nem conl  
procura?,  
escravos  
toda a sd  
senhores, ~  
dam, par~  
na philos(  
quadro pc

350 g. fbonif0cio 0 para que se fa0a id0ia da mesma influ0ncia sobre  
personalidade menos viril-  
homens de menor porte e -t0ria a influ0ncia da  
mas aceita, de modo geral, como dele  
escravido0 domestica sobre a moral. e o car0ter do brasileiro

#

inst0ncias especial0ssi-  
da casa-grande, devemos atender 0s circij um os males do sis-  
mas que entre n0s modificaram ou atenuare senho-  
iro salientamos a do0ura nas rela0es d  
tema. desde log no brasil do que em  
res com escravos dom0sticos7 talvez maior  
qualquer outra parte da am,0rica. para o servi0o mais  
a casa-grande fazia subir da senzala - amas  
0ntimo e delicado dos senhores. uma s0rie de indiv0duos 0  
de criar, mucamas irm0os de cria00o dos meninos brancos. in-  
o n0o o de escravos  
div0duos cujo lugar na fam0lia ficava send

espécie de parentes pobres nas fa-  
mas o de pessoas de casa. sentavam-  
mólias europeias. A mesa patriarcal das casas-grandes  
-lulal'tnhos- crse como se fossem da família  
numerosos 11

alguos saam de carro com  
malungos., muleques de estim-os como se fossem  
os senhores, acompanhando-os, aos passe, verda-  
f ilhos.  
quanto Os mões-pretas, ref erem as tradiões o lugar  
honra que ficavam ocupando no seio das fain-  
deiramente de-se quase sempre em em massa antes de saãrem de sua terra, e  
chegando ao brasil  
lias patriarcais. alforriadasp, arredondavamensinam4hes os dogmas  
religiosos e os deveres do culto que voo  
pretalhonas. enormes. negras a quem se faziam todas as vontã  
o. os escravos tratavam- seguir. trazem no peito  
o sinal da coroa real a fim de indi-  
des: os meninos tomavam-lhe a bõnõ y com elas de carro. e car que foram  
batizados e por eles pagos os direitos. os escra-  
s. os boleeiros andavam  
nas de senhora ,anchas e enganjentas ent.re os bran- vos que se importam  
das outras regiões da õfrica chegam ao  
dia de festa, quem as visse senhoras bem-nascidias; nunca brasil sem ter  
sido batizados e antes de proceder-se a cerimõ-  
cos de casa, havia de supõ-las nia que os deve fazer cristõos õ  
necessõrio ensinar-lhes certas  
ex-escravas vindas da senzala.  
de individuos da senzala õ orães, para o que  
concede-se aos mestres o prazo de um ano  
õ natural que essa. promoõõ. esse aten- no fim do qual sãõ obrigados  
a apresentar os discõpulos õ igre-  
ara o serviõo domõstico mais fino, se fiz  
casa-grande, p e morais; e nõõ õ toa. e desleixada- ja paroquial."172  
essa lei nõõ acreditava koster que fosse rigo-  
dendo a qualidades fõsicas para dar de mamar a nhõhõ, para rosamente  
cumprida com relaõõo ao tempo: era-o porõm em  
mente. a negra ou mulata cuidar-lhe da essõncia, nõõ havendo senhor  
brasileiro capaz de trair os pre-

1õ

ninõ-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, itos da igreja contra o  
paganismo. "do seu lado o escravo  
e histõrias, õs vezes para substituir-lhe a prõ, Cc  
roupa, contar-lllll tre as melhores deseja a qualidade de  
cristõo porque os camaradas tendo com  
pria mõe - õ natural que fosse escolhida den.  
escravas da serizala. dentre as mais limpas, mais bonitas, mais e a menor  
questõo terminam sem re o exc

fortes. dentre as menos boõais e as ~,iais ladinas - como cn'  
tõõ se dizia para distinguir as negras jõ cristianizadas e abrasõ  
leiradas, das vindas hõ pouco da õfrica; ou mais renitentes nc  
seu africanismo- -õ social profundamente catõli,

#

no brasil, pa0s de forma0a que nas antilhas e no sul  
ca sempre se fez mais, quest0o do  
idi00o religiosa do escrav?\*"os &fr'  
dos estados unidos da coi a koster, "s0o batizado\*  
canos importados de angola", 'nfornl  
oro a. f.

--6.90-

casa-grande do engenho embiara, na bahia.  
(segundo fotografia do iphan)

o p esso dos injuriosos  
0tetos, que lhe dirigem, com o de pag0o." pag0o ou mouro.

1  
crescenta koster: "o negro sem batismo, v0-se com pesar  
risiderado um ser inferior e embora ignorando o valor que os  
r  
jancos ligam 0quela cerim0nia, sabe que deve lavar a man-  
a que lhe exprobram e mostra-se impaciente por tornar-se  
o12

al aos outros. os africanos, chegados h0 muito tempo, es-  
do j0 imbu0dos de sentimentos cat0licos, parecem esquecer  
ue outrora estiveram nas mesmas condi0es que os recém-che-  
tados. n0o se pergunta aos escravos se querem ou n0o ser ba-

c.-g. & s. 353

#

tizados; a entrada deles no gr0mio da igreja cat0lica 0 consi-  
derada como quest0o de direito. realmente eles s0o tidos me-  
nos por homens do que por animais ferozes at0 gozarem do  
privil0gio de ir 0 missa e receber os sacramentos. "173

n0o pretendemos aqui considerar o grau de cristianiza00o  
atingido pela massa escrava - assunto de que nos ocuparemos  
em estudo pr0ximo; mas o certo 0 que, por cont0gio e press0o  
social, rapidamente se impregnou o escravo negro, no brasil,  
da religi0o dominante. aproximou-se por interm0dio dela da  
cultura do senhor; dos seus padroes de moralidade. alguns tor-  
naram-se t0o bons crist0os quanto os senhores; capazes de trans-  
mitir 0s crian0as brancas um catolicismo t0o puro quanto o que  
estas receberiam das pr0prias m0es.

silvio romero, recordando o seu tempo de menino num  
engenho do norte, disse uma vez que nunca viu rezar tanto  
quanto a escrava ant0nia, sua m0e negra. ela 0 que o fizera  
religioso. "devo isso [a religi0o] 0 mucama de estima00o a  
que foram, em casa de meus av0s, encarregados os -desvelos de  
minha meninice. ainda hoje existe, nonagen0ria, no lagarto,  
ao lado de minha m0e, essa adorada ant0nia, a quem me acos-  
tumei a chamar tamb0m de m0e... nunca vi criatura t0o meiga,  
e nunca vi rezar tanto. dormia comigo no mesmo quarto  
e, quando, por alta noite, eu acordava, l0 estava ela de joe-  
lhos... rezando... bem cedo aprendi as ora0es e habituei-me  
t0o intensamente a considerar a religi0o como coisa s0ria, que  
ainda agora a tenho na conta de uma cria00o fundamental e in-  
destrut0vel da humanidade. desgra0adamente, ai de mim! n0o

rezo mais, mas sinto que a religiosidade jaz dentro do meu sentir inteiri<sup>o</sup> e irredut<sup>o</sup>vel.11174 outros -brasileiros, da gera<sup>o</sup> de s<sup>o</sup>lvio, poderiam dizer o mesmo. o pr<sup>o</sup>prio joaquim nabuco ter<sup>o</sup> porventura aprendido com a sua velha ama negra de mangana o padre-nosso que, no fim da vida, voltou a rezar na igreja do orat<sup>o</sup>rio em londres. quando morreu-lhe a madri<sup>n</sup>ha - "cena de naufr<sup>o</sup>gio" que evoca numa das p<sup>o</sup>ginas. mais comovidas de minha forma<sup>o</sup> - foi o seu grande consolo: a velha ama negra continuar a servi-lo como dantes. "o meni<sup>n</sup>o est<sup>o</sup> mais satisfeito", escrevia a seu pai o amigo que o devia levar <sup>o</sup> Corte, "depois que eu lhe disse que a sua ama o acompanharia."175

mas o ponto que pretendemos destadar n<sup>o</sup> <sup>o</sup> o dessas fundas afei<sup>o</sup>es, quase de m<sup>o</sup>e e filho, que no tempo da escravid<sup>o</sup> se formaram entre escravas amas-de-leite e nhonh<sup>o</sup>s brancos; mas retificar a id<sup>o</sup>ia de que atrav<sup>o</sup>s da ama-de-leite o menino da casa-grande s<sup>o</sup> fizesse receber da senzala influ<sup>o</sup>ncias ruins;

354 g. f.

absorvendo com o primeiro alimento os germes de todas as doen<sup>o</sup>as e supersti<sup>o</sup>es africanas. os germes de doen<sup>o</sup>as, recebeu-os muitas vezes; e outras os transmitiu; mas recebeu tamb<sup>o</sup>m nos afagos da mucama a revela<sup>o</sup> de uma bondade por-

#

ventura maior que a dos brancos; de uma ternura como n<sup>o</sup> a conhecem igual os europeus; o cont<sup>o</sup>gio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imagina<sup>o</sup>o, a religiosidade dos brasileiros.

verificou-se entre n<sup>o</sup>s uma profunda confraterniza<sup>o</sup>o de valores e de sentimentos. predominantemente coletivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo e para o privativismo, os das casas-grandes. confraterniza<sup>o</sup>o que dificilmente se teria realizado se'outro tipo de cristianismo tivesse dominado a forma<sup>o</sup>o social do brasil; um tipo mais clerical, mais asc<sup>o</sup>tico, mais ortodoxo; calvinista ou rigidamente cat<sup>o</sup>lico; diverso da religi<sup>o</sup>o doce, dom<sup>o</sup>stica, de rela<sup>o</sup>es quase de fam<sup>o</sup>lia entre os santos e os homens, que das capelas patriarcais das casas-grandes, das igrejas sempre em festas - batizados, casamentos, 'lestras de bandeira" de santos, crismas, novenas - presidiu o desenvolvimento social brasileiro. foi esse cristianismo dom<sup>o</sup>stico, l<sup>o</sup>rico e festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de nossas senhoras madrinhas dos meni<sup>n</sup>os, que criou nos negros as primeiras liga<sup>o</sup>es espirituais, morais e est<sup>o</sup>ticas com a fam<sup>o</sup>lia e com a cultura brasileira. "os escravos tornados crist<sup>o</sup>s fazem mais progresso na civiliza<sup>o</sup>o", observou koster. "n<sup>o</sup> se tem lan<sup>o</sup>ado m<sup>o</sup>o de constrangimento para os fazer adotar os costumes dos senhores, mas insensivelmente lhes dirigem as id<sup>o</sup>ias para este lado; os senhores ao mesmo tempo contraem alguns h<sup>o</sup>bitos dos seus escravos e desta sorte o superior e o inferior se aproximam. eu n<sup>o</sup> duvido que o sistema de batizar negros importados tenha antes a sua origem na devo<sup>o</sup>o dos portugueses do que em vistas pol<sup>o</sup>ticas, mas tem produzido os melhores resultados. "176

n<sup>o</sup>o foi s<sup>o</sup> "no sistema de batizar os negros" que se resu-

mia a política de assimilação, ao mesmo tempo que de contemporização seguida no Brasil pelos senhores de escravos: consistiu principalmente em dar aos negros a oportunidade de conservarem, a sombra dos costumes europeus e dos ritos e doutrinas católicas, formas e acessórios da cultura e da música africana. salienta João Ribeiro o fato de o cristianismo no Brasil ter concedido aos escravos uma parte no culto; de santos negros como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário terem se tomado patronos de irmandades de pretos; dos escravos terem se reunido em grupos que foram verdadeiras organizações de

c.-g. & s. 355

i

#

disciplina, com "reis do Congo" exercendo autoridade sobre "vassallos". 177

João Koster notara que a instituição dos reis do Congo no Brasil, em vez de tornar os negros refratários à civilização, facilitava esse processo e o da disciplina dos escravos: "os reis do Congo eleitos no Brasil rezam a Nossa Senhora do Rosário e trajam a moda dos brancos; eles e os seus súditos conservam, e certo, as danças do seu país: mas nas suas festas admitem-se escravos africanos de outras regiões, crioulos e mulatos que dançam da mesma maneira; essas danças atualmente são mais danças nacionais do Brasil do que da África".<sup>17</sup> vê-se quanto foi prudente e sensata a política social seguida no Brasil com relação ao escravo. a religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponível ou dura barreira. os próprios padres proclamavam a vantagem de concederem-se aos negros seus folguedos africanos. um deles, jesuíta, escrevendo no século XVIII, aconselhava os senhores não só a permitirem, como a "acodirem com sua liberalidade" às festas dos pretos. "p,,)-, - tanto não lhe esran'j-iem o criarem seus reis, cantar e bailar nior algumas horas honestamente em alguns dias do anno, e o alegrarem-se honestamente a tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e do orago da capela do engenho f . . 1.11 179

a liberdade do escravo de conservar e até de ostentar em festas públicas - a princípio na véspera de Reis, depois na noite de Natal, na de Ano-Bom, nos três dias de Carnaval - formas e acessórios de sua música, de sua cultura fetichista e totêmica, deu bem a ideia do processo de aproximação das duas culturas no Brasil. liberdade a que não deixou nunca de corresponder forte pressão moral e doutrinação da igreja sobre os escravos. Koster observou em Pernambuco: "a religião que ensinam [os senhores] aos escravos do Brasil tem operado neles salutar efeito porque conseguiu diminuir ou destruir a cega confiança, que depositavam nos sortilégios de seus compatriotas. exercem a sua credulidade do modo mais inocente. os terríveis resultados da autoridade dos obeahs nas Antilhas não se verificaram no Brasil entre os mandingueiros".<sup>180</sup> gente pronta a admitir a eficácia das mandingas, nunca deixou de haver entre nós; mas esse "prejuízo", não o considerou o inglês nem "geral" nem

de "perniciosas consequências". É verdade que muito senhor de engenho, já sem forças para dar conta dos haréns de negras e mulatas. teve os dias encurtados pelo uso de beberagens afrodisíacas preparadas por pretos mandingueiros. também houve

3.56 ta. f.

quem morresse de "cousas feitas" e de veneno africano. casos raros, porém. esporádicos.

ocupando-se da cristianização do negro, no brasil, nina rodrigues se. extrema, ao nosso ver, num erro: o de considerar

#

a catequese dos africanos uma ilusão. mesmo diante das evidências reunidas pelo cientista maranhense - maranhense de origem, embora o centro de sua ação intelectual tenha sido a bahia - a favor de sua tese, não se pode negar a extensa ação educativa, abasileirante, moralizadora no sentido europeu, da religião católica sobre a massa escrava. aliás o ponto de partida da tese de nina rodrigues, consideramo-lo falso: o da incapacidade da raça negra de elevar-se às abstrações do cristianismo. nina rodrigues foi dos que acreditaram na lenda da inaptidão do negro para todo surto intelectual. e não admitia a possibilidade do negro elevar-se até o catolicismo.

foi, porém, ao calor da catequese católica - de um catolicismo, é certo, que para atrair os índios já se opulentara, de novas cores e até de imitações, pelos padres, das gatimônhas dos pajés - que se amoleceram nos africanos, vindos de áreas fetichistas, os traços mais duros e grossos da cultura nativa. a catequese era a primeira fervura que sofria a massa de negros, antes de integrar-se na civilização oficialmente cristã aqui formada com elementos tão diversos. esses elementos, a igreja quebrou-lhes a força ou a dureza, sem destruir-lhes toda a potencialidade.

na ordem de sua influência, as forças que dentro do sistema escravocrata atuaram no brasil sobre o africano recém-chegado foram: a igreja (menos a igreja com i grande, que a outra, com i pequeno, dependência do engenho ou da fazenda patriarcal). a senzala; a casa-grande propriamente dita - isto é, considerada como parte, e não centro dominador do sistema de colonização e formação patriarcal do brasil. o método de des-africanização do negro "novo", aqui seguido, foi o de misturá-lo com a massa de "ladinos", ou veteranos; de modo que as senzalas foram uma escova prática de abasileiramento.

a verdadeira iniciação do "negro novo" na língua, na religião, na moral, nos costumes dos brancos, ou antes, dos negros "ladinos", fez-se na senzala e no cito, os "novos" imitando os veteranos. foram ainda os "ladinos", os que iniciaram os "boçais" na técnica ou na rotina da plantação da cana e do fabrico do açúcar. um cronista holandês do século xvii gaba os negros "ladinos" de origem angola como mestres ou iniciadores dos negros "novos". do mesmo modo que aconselha a se importarem pretos da angola.182 que os de arda eram cabeu-

c.-o. & a. 2 5 7

#

dos e tardos; difíceis de se habituarem à rotina dos engenhos. levantavam-se às vezes contra os feitores e mofam-nos de pancadas.

outras forças podem-se particularizar como tendo atuado sobre os negros no sentido do seu abasileiramento; modificando-lhes a plástica moral e é possível que também a física; conformando-as não só ao tipo e às funções de escravo como ao tipo e aos característicos de brasileiro. o meio físico. a qualidade e o regime da alimentação. a natureza e o sistema de trabalho.

a repercussão de todas essas influências, naturais umas, outras artificiais e até perversas, sobre o físico e a moral do negro no brasil, é assunto para ser estudado com minúcia. faltanos infelizmente material de pesquisa antropológica que permita exato confronto do negro brasileiro - estreme de cruzamento, rigorosamente puro - com o africano.188 os estudos de roquette-pinto revelam-nos uma disparidade surpreendente, que talvez se possa atribuir à influência da perístase, entre os negros do brasil e os da África: geral a braquicefalia entre os hossos, em contraste com a dolicocefalia dos africanos. diferenças também de índice nasal: - os melanodermos brasileiros de nariz mais achatado, aproximando-se dos bastardos do sul da África e dos filipinos. po negro.184

as diferenças de índice nasal, atribui-as roquette-pinto ao fato de serem raros os negros realmente puros no brasil; a própria braquicefalia acredita que deva correr por conta de "diferença local, muito possivelmente oriunda de velhos cruzamentos". m , as não deixa de admitir a possibilidade de casos de imitação (davenport) ou de influência de perístase (boas).185

interessante é ainda o fato, salientado pelo professor roquette-pinto, dos mulatos brasileiros tenderem para estatura "nas proximidades dos brancos mais baixos",186 quando nos estados unidos, para onde parece ter sido menor a migração dos sudaneses altos, os mulatos se apresentam com uma média elevada de estatura. pode muito bem tratar-se de diminuição de estatura por efeito da qualidade e do regime de alimentação; resultado do modo por que variou do regime nativo a nutrição do negro no brasil e nos estados unidos. ou pode ser simplesmente a influência do cruzamento com o branco mais alto e melhor alimentado nos estados unidos.

sé oliveira, em trabalho publicado em 1895, indicou vários efeitos sobre indivíduos da raça negra das novas circunstâncias, que podemos chamar econômicas, de sua vida doméstica

o

que os coloca fora do grande gru-

358 g. f.

#

como escravos

e de trabalho no brasil; primeiro , depois como p<sup>o</sup>rias. por exemplo: obrigadas as negras, no trabalho agr<sup>o</sup>cola de longas horas por dia, a trazerem os filhos atados <sup>o</sup>s costas - costume seguido na <sup>o</sup>frica, mas s<sup>o</sup> durante viagens ou pequena parte do dia - "v<sup>o</sup>em mais tarde os seus filhos ficarem com as pernas defeituosas, arqueadas, de modo que, tocando-se pelos p<sup>o</sup>s formam uma elipse alongada".1117 por outro lado, quase todas, obrigadas a se entregarem a ocupa<sup>o</sup>es agr<sup>o</sup>colas ou dom<sup>o</sup>sticas, atiravam os filhos ao ber<sup>o</sup>, <sup>o</sup> esteira ou <sup>o</sup> rede - a<sup>o</sup> permanecendo as crian<sup>o</sup>as dias inteiros. da<sup>o</sup>, para s<sup>o</sup> oliveira, o fato de muitos negros e mulatos que se encontram no brasil com a "regi<sup>o</sup> occipital projetada para a parte posterior como os africanos e outros t<sup>o</sup>m-na achatada, diminuindo de algum modo a proje<sup>o</sup> do cr<sup>o</sup>nio posterior". efeito de press<sup>o</sup> invari<sup>o</sup>vel e constante no occiput, quase o dia inteiro.

brand<sup>o</sup> j<sup>o</sup>nior refere o fato de um fazendeiro no maranh<sup>o</sup> que obrigava as escravas negras a deixarem seus filhos, crian<sup>o</sup>as ainda de mama, no tejupabo, metidos at<sup>o</sup> o meio do corpo em buracos para esse fim cavados na, terra.188 o fim era evidentemente assegurar-lhe a imobilidade, evitando-se o perigo de engatinharem para o mato; ou para os pastos, chiqueiro, estrebaria, etc. acreditamos ter sido costume seguido numa ou noutra fazenda, ou engenho de cana, e n<sup>o</sup>o pr<sup>o</sup>tica generalizada, mesmo no maranh<sup>o</sup>, cujos fazendeiros e senhores de engenho criaram fama de extremamente cru<sup>o</sup>is com os escravos. pr<sup>o</sup>tica generalizada, teria sido outra causa de deforma<sup>o</sup>es patol<sup>o</sup>gicas dos escravos negros e seus descendentes, tantas vezes contrariados no seu desenvolvimento f<sup>o</sup>sico, moral e eug<sup>o</sup>nico delas circunst<sup>o</sup>ncias de sua situa<sup>o</sup>o economica; pelas necessid<sup>o</sup>es ou abusos do regime de trabalho nas planta<sup>o</sup>es brasileiras. deve-se notar, por outro lado- ' que as negras conservaram n<sup>o</sup>o Brasil, sempre que lhes foi poss<sup>o</sup>vel, certos costumes, para elas quase sagrados, de deforma<sup>o</sup>o f<sup>o</sup>sica das crian<sup>o</sup>as - como o de "amassarem-lhes a cabe<sup>o</sup>a". costumes que conservaram nas senzalas; mas que ter<sup>o</sup>o empregado <sup>o</sup>s vezes nas casas-grandes, onde chegaram algumas a ser quase onipotentes como m<sup>o</sup>es de crian<sup>o</sup>o de meninos brancos.

a escolha da escrava negra para ama de menino sugere-nos outro aspecto interessant<sup>o</sup>ssimo das rela<sup>o</sup>es entre senhores e escravos no brasil: o aspecto higi<sup>o</sup>nico. de portugal transmitira-se ao brasil o costume das m<sup>o</sup>es ricas n<sup>o</sup>o amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de saloias ou escravas. j<sup>o</sup>lio dantas, nos seus estudos sobre o s<sup>o</sup>culo xviii em portugal, registra o fato: "o precioso leite materno era quase sempre substi-

c-17. & s. 359

#

tu<sup>o</sup>do pelo leite mercen<sup>o</sup>rio das amas~'."19 o que atribui <sup>o</sup> moda. com rela<sup>o</sup>o ao brasil, seria absurdo atribuir-se <sup>o</sup> moda a aparente falta de ternura materna da parte das grandes senhoras. o que houve, entre n<sup>o</sup>s, foi impossibilidade f<sup>o</sup>sica das m<sup>o</sup>es de atenderem a esse primeiro dever de maternidade. j<sup>o</sup> vimos que se casavam todas antes do tempo; algumas fisicamente incapaz-



zes de ser mães em toda a plenitude. casadas, sucediam-se nelas os 1 partos. um filho atrás do outro. um doloroso e contínuo esforço de multiplicação. filhos muitas vezes nascidos mortos - anjos que iam logo se enterrar em caixões azuis. outros que se salvavam da morte por milagre. mas todos deixando as mães uns mulambos de gente.

nossos avós e bisavós patriarcais, quase sempre grandes procriadores, às vezes terríveis sôtiros de patuê de nossa senhora sobre o peito cabeludo, machos insaciáveis colhendo, do casamento com meninas todo um estranho sabor sensual, raramente tiveram a felicidade de se fazerem acompanhar da mesma esposa até a velhice. eram elas que, apesar de mais moças, iam morrendo; e eles casando com irmãs mais novas ou primas da primeira mulher. quase uns barba-azuis. são numerosos os casos de antigos senhores de engenho, capitães-mores, fazendeiros, barões e viscondes do tempo do império, casados três, quatro vezes; e pais de numerosa prole. fatos que são indicados quase como glórias nos seus testamentos e os vários matrimônios, nos túmulos e catacumbas dos velhos cemitérios e das capelas de engenho. pois essa multiplicação de gente se fazia à custa do sacrifício das mulheres, verdadeiras mártires em que o esforço de gerar, consumindo primeiro a mocidade, logo consumia a vida.

a esse fato, e não a nenhuma imposição da moda, deve-se atribuir a importância, em nossa organização doméstica, da escrava ama-de-leite, chamada da senzala à casa-grande para ajudar franzinas mães de quinze anos a criarem os filhos. inibert observou que no brasil as senhoras brancas, além de mães preniaturas, sofriam "a ação incessante de um clima situado debaixo dos trópicos";. clima que lhes "exgota as forças vitais" e "irrita o systema nervoso". enquanto as amas negras "organizadas para viver nas regiões calidas em que sua saúde prospera mais que em qualquer outra parte, adquirem nesta condição climaterica um poder de amamentação que, a mesma zona recusa geralmente às mulheres brancas por isso que a organização physica destas não se allia com tanta harmonia à ação da temperatura extrema destas regiões equatoriais".190 observa que se concilia com a de bates sobre a tristeza do índio e do

160 g. f-

branco nos trópicos em contraste com a alegria exuberante, a vivacidade e a saúde esplendida do negro. talvez não seja ponto inteiramente desprezível o salientado por inibert, do maior poder de amamentação da mulher preta que a branca nos países

#

tropicais. a tradição brasileira não admite dúvida: para ama-de-leite não há como a negra.

mas a razão principal do maior vigor das negras que das brancas estaria porventura em suas melhores condições eugênicas. em motivos principalmente sociais, e não de clima. em portugal divergiam, nos séculos xvii e xviii, os mestres na "arte de curar e criar meninos" quanto à cor que se devia preferir nas amas-de-leite. o que mostra ter o problema de louras e morenas preocupado os médicos antes de inquietar

os estetas encarregados de escolher coristas para os teatros de paris e nova iorque. o dr. francisco da fonseca henriques - grande celebridade médica em portugal no século xviii - opunha-se às mulheres fuscas e morenas: aconselhava as lou-ras; 191 o autor da polyanthea era grande partidário das morenas. alegava que "alem de serem mais sanguinhas, convertern melhor o alimento em sangue e em leite,   maneira da terra, que quanto   mais negra, tanto é mais fertil".192

os conselhos do autor da polyanthea devem ter repercutido simpaticamente entre os portugueses da américa, por várias circunstâncias predispostos a criar seus meninos em peito de escrava negra. negra ou mulata. peitos de mulheres sãos, rijas, cor das melhores terras agrícolas da colônia. mulheres cor de mas-sap  e de terra roxa. negras e mulatas que além do leite mais farto apresentavam-se satisfazendo outras condi es, das muitas exigidas pelos higienistas portugueses do tempo de dom joão v. dentes alvos e inteiros (nas senhoras brancas era raro encon-traf-se uma de dentes sãos, e pode-se afirmar, através dos cro-nistas, das anedotas e das tradi es coloniais, ter sido essa uma das causas principais de ciúme ou rivalidade sexual entre senho-ras e mucamas). não serem primíparas. não terem sardas. serem mães de filhos sadios e vivedo ros.

j. b. a. imbert, no seu guia medica, ao abeirar-se do delicado problema das amas-de-leite, principia um tanto aca-cianamente: "os peitos deverão ser convenientemente desenvol-vidos, nem rijos nem molles, os bicos nem muito pontudos nern encolhidos, accommodados-ao labio do menino'~..193 imbert re-conhecia a conveniência das amas de criar serem escravas, não admitindo "em regra geral, que as mães ainda mui jovens pos-sam no brasil supportar as fadigas de uma amamenta o pro-longada sem grave detrimento de sua saude bem como dos filhos".

e-g- & s. 36 1

#

mas salientando sempre a necessidade de fiscalizarem as senho-ras as amas negras.

os fazendeiros deviam preocupar-se com a higiene pré-natal e infantil, não só nas casas-grandes, como nas senzalas. muito negrinho morria anjo por ignorância das mães. "as negras de ordin rio% informa o manual do fazendeiro ou tratado domes-tico sobre as enfermidades dos negros, "cortão o cordão muito longe do embigo e estão de mais a mais no pernicioso costume de lhe porem em cima pimenta, e fomental-o com oleo de ricino ou qualquer outro irritante. feito isto apertam essas malditas o ventre da creança a ponto quas  de suffocal-a. este barbaro costume corta o fio da vida a muitas e muitas creanças e con-tribue para desenvolver no embigo essa inflamma o a que no brasil se d  o nome de mal de sete dias." ainda as negras nas senzalas "mal nasce a creança, costumam [ .... ] amassar-lhe a cabeça, afim de dar   testa uma forma mais agradavel; sem attenderem   fraqueza dos orgãos digestivos dos recém-nascidos, dão-lhes algumas vezes, poucos dias depois delles nascerem, ali-mentos grosseiros, tirados de sua propria comida". contra pr -ticas dessa natureza é que as senhoras brancas deviam coftser-var-se atentas, não somente impedindo que as grosserias das

negras subissem às casas-grandes, mas que continuassem a proliferar nas senzalas. afinal "as negras que acabam de parir", diz imbert, "acabam de aumentar o capital de seu senhor [ . . . . 1".194 importava a mortalidade nas senzalas em diminuir o sócio no capital dos senhores. 195

é curioso surpreender o mesmo imbert (tão intolerante de tudo que cheirasse a anticientífico em matéria de criar menino e curar doente: de quanto remédio, elixir, unguento ou pomada para boubas, úlceras, impingens, icterícia, erisipela, escoriações na virilha, coxas e nádegas de meninos novos devido a não mudarem frequentemente de cueiro, sapinhos na boca, tinha, bexiga doida, sarampo, lombriga, solitária, etc., parecesse cousa de curandeiro africano)196 aconselhando contra o mal das crianças mijarem na cama este infalível remédio: comerem carne assada e beberem um pouco de bom vinho; ou então "o medo, a ameaça de castigo". "a ameaça de castigo e o medo, produzem algumas vezes efeito salutar, sobre tudo quando a incontinência é o resultado da preguiça, ou de um mau hábito [ . . . . 1".197 o que mostra que médicos e curandeiros nunca estiveram muito distanciados uns dos outros, antes da segunda metade do século xix.

a arte de sangrar, exerceram-na no brasil colonial e do tempo do império escravos africanos, que foram também bar-

362 ff- f.

beiros e dentistas; e o mister de parteiras, exerceram-no ao lado de brancas e caboclas boas, negras nas mesmas condições; todas apelidadas comadres. comadres que, além de partejarem, curavam doenças ginecológicas por meio de bruxedos, rezas,

#

benzeduras. as casas que habitavam tinham à porta uma cruz branca. e elas quando saíam a serviço, era debaixo de uns mantos ou xales compridos, como umas cocas; muitas levando debaixo das mantilhas cartas de alcoviteiras, feitiços e puçangas"; algumas conduzindo também, "a abandonar nas ruas e recantos, os produtos das práticas ilícitas e criminosas a que essa profissão se presta e a que sem escrúpulos se entregavam-. 198

a ignorância das mães brasileiras de outrora = meninas inexperientes - não encontrava nas comadres o corretivo necessário. nada porém nos autoriza a concluir que as comadres e os curandeiros africanos dos tempos coloniais excedessem à medicina oficial, isto é, europeia, dos séculos xvi, xvii e xviii, em porcaria ou simulação.

é ao patriarca da literatura médica no brasil, o dr. joam ferreyra da rosa, físico do século xvii, que vamos encontrar receitando aos seus doentes:, "pés de carangueijos queimados dados a beber em hum copo de agua de herba cidreira"; trazerem 'debaixo do braço no sovaco [ . . . . 1 pasta ouropimente" como "goma arabica";. e para a "supressão de urina" untarem com óleo de copaíba "as verilhas, cano intersemine e ventre". a peste que nos fins do século xvii devastou pernambuco pareceu-lhe arte dos astros: "pode o ar receber [ . . . . 1 sordicie, ou qualidade contagiosas dos astros---. ou então obra da justiça divina, "em quanto se não reformarem nossos pessimos

costumes". a populaç<sup>o</sup>o devia combat<sup>e</sup>-la com fogueiras. que<sup>o</sup>-mando "cousas aromaticas". andando com "pomos aromaticos na m<sup>o</sup>o".199 isto escreveu ferreyra da rosa, que n<sup>o</sup>o era nenhum doutor caturra, mas um dos mais adiantados de sua <sup>o</sup>poca; tirando seus rem<sup>o</sup>dios e suas doutrinas "n<sup>o</sup>o dos empiricos, mas dos methodicos & r<sup>o</sup>cionaes".

em portugal, no s<sup>o</sup>culo xviii, fonseca henriques, pediatria ilustre, ainda se orientava pelos astros lia sua cl<sup>o</sup>nica. quem lhe abriu o c<sup>o</sup>lebre socorro delfico aos clamores da natureza humana depara com estas graves palavras sobre a lua: "a sua luz <sup>o</sup> nociva aos meninos". nem mesmo as roupas e panos da crian<sup>o</sup>a deviam deixar-se <sup>o</sup> luz da lua. seriam robustos, segundo ele, os meninos que nascessem chorando alto e "muyto mays os que nacemento com o escroto corrugado".200

nas observa<sup>o</sup>es doutrin<sup>o</sup>rias, de curvo semedo, lu<sup>o</sup>s edmundo foi encontrar receitas que na verdade pouco se dis-

c.-g. & a. 363

#

i

'11%\

1

casa-grande onde por muita tempo morou o visconde de sua<sup>o</sup>una, no pombal (pernambuco). (segundo fotografia de jos<sup>o</sup> Maria c.

de

albuquerque e melo.)

tanciam das dos curandeiros africanos ou caboclos; e em certa pharmacop<sup>o</sup>a ulysiponense, de jo<sup>o</sup>o,\* vigier, recolheu cousas ainda mais imundas. rem<sup>o</sup>dios caseiros, comuns em portugal e que de l<sup>o</sup> se transmitiraffi ao brasil: ch<sup>o</sup>s de percevejos e de excremento de rato para desarranjos intestinais; moela. de emapata dissolu<sup>o</sup>o de c<sup>o</sup>lculos biliares; urina de homem ou de burro, cabelos queimados, p<sup>o</sup>s de esterco de c<sup>o</sup>o, pele, ossos e carne de sapo, lagartixa, caranguejos, etc.201

uma medicina que pela voz de seus doutores mais ortodoxos receita aos doentes tamanhas imund<sup>o</sup>cies dificilmente pode firmar pretens<sup>o</sup>es de superior <sup>o</sup> arte de curar dos africanos o amer<sup>o</sup>ndios. porque a verdade <sup>o</sup> que destes t<sup>o</sup>o desdenhados curandeiros absorveu a mal-agradecida uma s<sup>o</sup>rie de conhecimentos e processos valios<sup>o</sup>ssimos: o quinino, a coca<sup>o</sup>na, a ipecacuanha. no brasil colonial parece-nos justo concluir terem m<sup>o</sup>dicos, comadres, curandeiros e escravos sangradores contribuido quase por igual para a grande mortalidade, principalmente infantil e de m<sup>o</sup>es, que por <sup>o</sup>pocas sucessivas reduziu quasede .5001o a produ<sup>o</sup>o humana nas casas-grandes e nas senzalas.

a mortalidade infantil, vimos que foi enorme entre as popula<sup>o</sup>es ind<sup>o</sup>genas desde o s<sup>o</sup>culo xvi. naturalmente devido ao contato perturbador e disg<sup>o</sup>nico com a ra<sup>o</sup>a conquistadora. consider<sup>o</sup>vel tomou-se tamb<sup>o</sup>m a mortalidade de crian<sup>o</sup>as entre as

364 g. f.

famílias das casas-grandes. foi talvez a esfera em que mais dolorosa e dificilmente se processou a adaptação dos europeus ao meio tropical americano - a da higiene infantil. traziam eles da europa nozes rígidas de resguardo e de agasalho. supersticioso horror do banho e do ar. nozes que, nocivas à criança em clima temperado, em clima quente significaram muitas vezes a morte. piso contrastou-as com a higiene infantil dos caboclos para concluir pela superioridade do método indígena: conclusão a que antes chegara, sem ser médico nem naturalista, mas simples homem de bom senso, o francês jean de lory.

à higiene infantil indígena ou africana - à maior liberdade da criança dos panos grossos e dos agasalhos pesados - à que se

#

foi acomodando a europeia, através da mediação da escrava índia ou negra. mas aos poucos. à custa de muito sacrifício de vida.

nieuhof salientou a grande mortalidade infantil nos primeiros séculos de colonização: teve, porém, o bom senso de atribuiria menos ao clima ou à escrava africana que à alimentação imprópria.<sup>202</sup> e fernandes gama quase o repete ao escrever que "as mulheres portuguesas a principio criaram mui poucos filhos"; que "dois terços destes morriam pouco depois de nascidos". que já "as filhas destas mulheres que chegaram a criar-se, e mesmo ellas, acconimodando-se ao clima e regeitando o peso dos vestidos, e o uso de abafar a cabeça dos filhinhos, banhando-os em agua morna, não se queixaram mais de que o clima fosse destruidor das vidas dos recém-nascidos".<sup>203</sup>

abrandou, decerto, a mortalidade infantil no brasil, da segunda metade do século xvi em diante; mas continuou impressionante. no século xviii preocupa-se com ela o dr. bernardino antonio gomes; no século xix é um dos problemas que mais inquietam os higienistas do segundo império - sigaud, paula cõndido, imbert, o barão de lavradio; até que em 1887 josé maria teixeira consagra-lhe um estudo verdadeiramente notável: causas da mortalidade das crianças no rio de janeiro.

na sessão da academia de medicina de 18 de junho de 1846 o assunto é posto em discussão e debate, dentro dos seguintes itens: 1) a que causa se deve atribuir tão grande mortalidade nas crianças nos seus primeiros anos de vida, - a prática de amamentação por escravas, com pouco escrupulo escolhidas, poderão ser considerada como uma das principais? 2) quais as moléstias mais frequentes nas crianças? os registros da academia talvez não guardem matéria mais cheia de interesse social que a ata da memorável sessão.

c.-g. & s. 365

#

as opiniões são as mais descontraídas. ergue-se o

dr. reis para salientar como influencia particularmente nociva sobre a saude das criancas brasileiras o uso e abuso de comidas fortes, o vestuário impróprio, o aleitamento mercenário; as moléstias contagiosas das amas africanas, muitas delas portadoras de sífilis e principalmente de boubas e escrófulas. mas fala depois o dr. rego para responsabilizar pela mortalidade das criancas brasileiras menos as escravas e o vestuário que o hábito de se conservarem os meninos nus; salientando outro fator importante: a falta de tratamento médico na invasão das moléstias. levanta-se então paula cõndido que insiste no perigo das amas-de-leite escravas, escolhidas sem cuidadoso exame; que salienta os males da dentição e dos vermes. vários outros médicos e higienistas falam nessa reunião memorável. o dr. de simone que também se refere ao perigo das amas escravas e da alimentaçõo imprópria. o dr. jobim que lembra a influencia perniciososa da "umidade das casas".204 o dr. feital que salienta a alimentaçõo imprópria. o dr. nunes garcia que insiste no mesmo ponto e no da aniamentaçõo mercenária para ser contestado pelo dr. lallemant: este diz considerar a alimentaçõo da criança no brasil melhor que na europa. quem fala por último o dr. marinho: salienta como causa da mortalidade infantil no brasil a umidade, as fortes alternativas de temperatura, o vestuário, a alimentaçõo prematura, a amamentaçõo mercenária.

em 1847, o barão de lavradio, em série de artigos no jornal da imperial academia sob o título "algumas considerações sobre as causas da mortalidade das creanças no rio de janeiro e molestias mais frequentes nos seis ou sete primeiros mezes de idade" faz do assunto larga sondagem, concluindo pela predominância das seguintes causas: o mau tratamento do cordão umbilical; vestuário impróprio; pouco cuidado no principio das moléstias das escravas e das criancas de mais idade;. alimentaçõo desproporcional, insuficiente ou imprópria; desprezo no principio das moléstias da primeira infância, apresentando-se ao médico criancas já moribundas de gastroenterites, hepatites e tubérculos mesentéricos.

a verdade é que perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família de hoje.205 viria outro. o anjo ia para o céu. para junto de nosso senhor, insaciável em cercar-se de anjos. ou então era mau-olhado. coisa-feita. bruxedo. Feitiço. contra o que são as figas, os dentes de jacaré, as rezas, os tesconjuros.

o dr. teixeira registra, na sua memória, ter frequentemente ouvido dos pais estas palavras: "é uma felicidade a morte

q9a ir. f.

das criancas";206 e o fato é que se prolongaram pelo século xix os enterros de anjos. uns em caixões azuis ou encarnados, os cadáveres pintados a carmini como o do meninozinho que ewbank viu morto no rio de janeiro; os mais pobres, em tabu-

#

leiros cheios de flores; alguns até em caixas de papelão, das grandes, de camisas de homem.

as causas da mortalidade infantil no brasil do tempo da escravidão - causas principalmente sociais - fixa-as com admi-

rôvel nitidez de senso crítico José Maria Teixeira, atribuindo-las, principalmente ao sistema econômico da escravidão, isto é, aos costumes sociais dele decorrentes: falta de educação física e moral e intelectual das mães; desproporção na idade dos conjuges; frequência de nascimentos ilícitos.207 devendo acrescentar-se: o regime impróprio da alimentação; o aleitamento por escravas nem sempre em condições higiênicas de criar; a sífilis dos pais ou das mães. Foi evidentemente a ação dessas influências que muitos confundiram com a de clima. Luccock observou no Brasil dos princípios do século XIX "grande negligência" ("actual great neglect") com relação ao bem-estar das crianças ("with regard to the welfare of children, to their life or death").208

Várias foram as doenças que afligiram a criança brasileira no tempo da escravidão. Mal dos sete dias (inflamação do umbigo). Tinha. Sarna. Impingem. Crustas leitosas. Sarampo. Bexiga. Lombrigas. Doenças que se combateram a clisteres, purgantes, bichas, medicação evacuante, sangrias, vomitórios, sinapismos. É provável que alguns remédios e preventivos se tenham antecipado às doenças, levando muito anjinho para o céu.

Alguns cronistas atribuem ao contato dos meninos brancos com os muleques o "vício", que muitos adquiriram, de comer terra. "vício" que foi a causa da morte de tanto escravo no Brasil colonial - desde o tempo dos escravos índios: "um dos meios que esses infelizes empregam na própria destruição", escreve Koster, "é comer terra e cal. tão estranho hábito, contraído às vezes pelos africanos, o é igualmente por muleques crioulos e com frequência também por meninos livres tanto quanto pelos escravos. tal disposição não é considerada doença, mas vício, que se pode vencer com a vigilância dos que cuidam das crianças, sem recorrer à medicina. em várias ocasiões, verifiquei que não empregam como necessário nenhum tratamento medicinal e que os meninos curam-se à força de castigo e de vigilância. tive conversas a este respeito e notei que muitas pessoas livres que conhecem essa afecção através dos exemplos que observam nos filhos ou nos meninos do vizinho, a

c.-g. & s. 367

#

tinham por costume e não por doença. nos adultos, é mais comum nos escravos do que nos forros.\*1209

parece que Koster não teve ocasião de observar o tratamento de crias ou muleques viciados em comer terra, e até de meninos brancos, pelo sistema da máscara de Flandres. muito menos pelo do panacum de Cipó: enorme balaio dentro do qual o negro era guardado até o teto de improvisado lazareto com auxílio de cordas metidas por entre os caibros e presas em argolas nos portais. esses lazaretos existiram até meados do século XIX em engenhos do norte; viu-os, ainda menino, favelante da câmara: "o paciente era isolado num lazareto ou hospital sui generis, onde lhe era de todo impossível manter o abominável vício da geofagia." metido no tal panacum e suspenso do solo "impunha-se-lhe uma quarentena de muitos dias enquanto se lhe dava leite de jaracatiú a fim de corrigir-lhe a anemia e era submetido a um regime de alimentação substancial levada a

horas certas na ponta de uma vara, quando não era possível descer o panacum à vista da pessoa da maior confiança".210

o menino do tempo da escravidão parece que descontava os sofrimentos da primeira infância - doenças, castigos por mijar na cama, purgante uma vez por mês - tornando-se dos cinco aos dez anos verdadeiro menino-diabo. 'seus jogos e brincadeiras acusam nele, como já observamos', tendências acretamente sadistas. e não era só o menino de engenho, que em geral brincava de bolear carro, de matar passarinho, e de judiar com muleque: também o das cidades.

. mesmo no jogo de pião e no brinquedo de empinar papagaio achou jeito de exprimir-se o sadismo do menino das casas grandes e dos sobrados do tempo da escravidão, através das práticas, de uma aguda crueldade infantil, e ainda hoje corrente no norte, de "lascar-se o pião" ou de "comer-se o papagaio" do outro; papagaio alheio é destruído por meio da lasca, isto é, lâmina de vidro ou caco de garrafa, oculto nas tiras de pano do rabo. nos próprios jogos coloniais de sala surpreendem-se tendências sadistas: no 'jogo do beliscão', tão querido das crianças brasileiras nos séculos xviii e xix, por exemplo. oferecendo aos meninos larga oportunidade de beliscarem de rijo as primas ou os crias da casa, não é de admirar a popularidade de jogo tão besta:

uma, duas, angolinhas  
finca o pé na pampolinha  
o rapaz que jogo faz?  
faz o jogo do capão.  
é capão, semicapão,

368 g. f.

i

veja bem que vinte são

#

e recolha o seu pezinho  
na conchinha de uma mão  
que lá vai um beliscão ... 211

e ia mesmo o beliscão em quem fosse atingido na roda por 'lá vai um beliscão'. beliscão medroso da parte dos crias; doloroso e forte quando dado pelos meninos brancos. mas o maior, sofrimento reservava-se ao último a ser atingido pela frase. este era agarrado por todas as crianças que batiam com ele no chão, cantando com toda força:

é de rim-fon-fon\_  
é de rim-fon-fon,  
pé de pilão,  
carne-seca com feijão.

e é de imaginar quanto se judiava então com os crias e com as meninas. sobre este ponto, os depoimentos por nós recolhidos de sobreviventes da ordem escravocrata - um deles



leopoldo lins - são muito expressivos.

em outro jogo, o de "belilisco de pintainho que anda pela barra de vinte e cinco", manifestavam-se iguais tendências: começava com beliscos para terminar em bolos nas mãos da criança menos esperta, que nem os do feitor nas mãos do muleque safado. e no jogo de 'peia-que-mada é bem possível que muitas vezes a peia servisse de imitação do tira-mandinga-de-negro do feitor nas costas do escravo fugido; como o galho de goiabeira fez tantas vezes o papel de chicote no brinquedo de carro de cavalo.

"r que são pela maior parte os filhos destes madraços?" pergunta o padre lopes gama, referindo-se aos filhos do senhor de engenho. "muitos nem aprendem a ler, e escrever [ .... 1. as deslhumanidades e cruezas, one desd'os tenros annos vôm praticar com os miseros escravo, os tornam quasi insensíveis aos padecimentos do seu proxi, , [ .... 1 ". e "na verdade como se formarão para as virtudes sociae~ os nossos corações, se nós brasileiros, desde que abrimos os olhos, é logo observando a cruel distinção entre senhor e escravo, e vendo pelo mais pequeno, motivo e às vezes dor mero capricho rasgar desapiedadamente em açoitadas as carnes dos nossos semelhantes? como apreciaremos o pudor, nós que vemos, ou mandamos levantar as roupas de uma desgraçada escrava para ser surrada?" 212 "apenas nos assoma é intelligencia", são palavras do mesmo padre-mestre, em outro dos seus artigos de crítica aos costumes brasileirojos dos

-g. & s. 369

#

princípios do século xix, "vamos observando de uma parte o desprimor, a sem vergonha, a frascaria, o desregramento dos escravos, e de outra os duros tratamentos, as surras, as bofetadas, que estes infelizes recebem quasi todos os dias de nossos paes, sem que taes creaturas degradadas sintam mais do que sensação physica, e rarissima vez o sentimento moral; e dahi o que devero seguir-se? o tornarmo-nos grosseiros, voluntariosos, e cheios d'orgulho."213 nas suas recordações de infancia o visconde de taunay, que foi um homem tão suave, quase uma moça, confessa que gostava 'de fazer suas judiariazinhas com os muleques.214 e há um trecho de romance de machado de assis em que o fino observador da sociedade brasileira do tempo do império retrata-nos o tipo do menino sadista; da criança pervertida. pelas condições sociais de sua formação entre escravos inermes; entre criaturas dóceis aos seus caprichos. não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino brós cubas na malvadeza -e no gosto de judiar com negro. aquele morbido deleite em ser mau com ,os inferiores e com os animais é bem nosso: é de todo menino brasileiro atingido pela influencia do sistema escravocrata. `desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino-diabo [ .... 1 ", confessa o herói das memórias postumas de brós cubas. `por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer é minha mae

que a escrava que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. prudêncio, um muleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um -cordel nos queixos, e guisa de freio, eu tredava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava-lhe mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo - mas obedecia sem dizer palavra, ou quando muito, um - "ai, nhonhô!" - ao que eu retorquia: - "cala a boca, besta!" - esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indôcil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, e vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos."

era essa atitude dos pais, tolerando nos filhos a estupidez

370 g. f.

i

e a malvadeza e até estimulando-os a bravatas, que o padre lopes gama não compreendia nem perdoava. não compreen-

#

dia que deixassem os meninos de família viver pelos telhados como gatos e pelas ruas empinando papagaio; jogando a pedrada e o pião "com a rapaziada mais porca e brejeiral". isso nas cidades e subúrbios. "pelos nossos matos (com poucas, e honrosas excepções) e lastimosa a educação dos meninos. ali o primeiro divertimento que se lhes dá e uma faquinha de ponta; e assim como no século da cavalleria andante os paes de bom tom armavam cavalleiros os seus filhos, apenas estes começavam a ensaiar os passos, e os beatos vestiam de fradinhos os seus pequenos, assim muitos dos nossos matutos armam cavalleiros da faca aos seus filhinhos, logo que estes podem enfiar-se em uma ceroulinha." e acrescentava o padre-mestre sobre a educação do menino filho do senhor de engenho: "ali o menino e um perseguidor cruel das innocentes avesinhas, espiolhando-lhes os ninhos, e não podendo com a clavina, já têm gabos de insigne escupeteiro. desde os tenros annos avesam-se as creanças ao sangue, e matança e crueldade; porque tomar por divertimento o tirar a vida a animaesinhos, que nos não offendem, antes nos regosijam, e concorrem para louvar as obras do creador, e em meu humilde entender formar' o coração par~ a barbaridade e a crueza. lidando quasi só com escravos ali os meninos adquirem uma linguagem viciosa, e montesinha, e os mais grosseiros modos, e não poucos tomam a terrivel manha de comer terra.11215

noutros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quais, um tanto por efeito do clima e muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a atividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. as primeiras vítimas eram os muleques e animais domésticos; mais tarde e que vinha o grande

atoleiro de carne: a negra ou a mulata. nele que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável.

da fazer-se da negra ou mulata a responsável pela antecipação de vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. com a mesma lógica poderiam responsabilizar-se os animais domésticos; a bananeira; a melancia; a fruta do mandacaru com o seu visgo e a sua adstringência quase de carne. que todos foram objetos em que se exerceu - e ainda se exerce - a precocidade sexual do menino brasileiro.

na "idôa geral de pernambuco em 1817" fala-nos um cronista anônimo de "grande lubricidade" dos negros de engenho; mas adverte-nos que estimulada "pelos senhores avidos de

c.-g. & s. 371

#

:: : : : uif~i ::::: - \_\_ai

janeiro. casa-grande do engenho santa rosa, em campos, rio de

(segundo fotografia do iphan)

216

augmentar seus rebanhos". não seria extravagância nenhuma concluir, deste e de outros depoimentos, que os pais, dominados pelo interesse econômico de senhores de escravos, viram sempre com olhos indulgentes e até simpáticos a antecipação dos filhos nas funções genésicas: facilitavam-lhes mesmo a precocidade de ganhos. referem as tradições rurais que até mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos, negrinhas ou mulatinhas capazes de -despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual.

nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelas. o folclore da nossa antiga zona de, engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de deboche: para levar o maricas ao ridículo. o que sempre se apreciou foi~, o menino que cedo estivesse metido com raparigas. raparigueiro, como ainda hoje se diz. feinecero. deflorador

z~

de mocinhas. e que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos.

se este foi sempre o ponto de vista da casa-grande, como responsabilizar-se a negra da senzala pela depravação precoce, do menino nos tempos patriarcais? o que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. desejo, não: ordem. os publicistas e até cientistas brasileiros que se7

39 g.f.

7.

tão ocupado da escravidão é um ponto em que sempre exageraram a influência perniciosa da negra ou da mulata: esse de terem sido elas as corruptoras dos filhos-família. 'vorraptoras

da feminil e máscula filharada", chamou as negras f. p. do amaral.217 e burlamaqui: "corrompem os costumes dos filhos de seus senhores [ . . . . 111.218 antonil observou das mulatas de engenho que conseguiam alforriar-se: o dinheiro com que se libertam "raras vezes saíe de outras minas que dos seus mesmos corpos, com repetidos peccados: e depois de forras continuam a ser ruina de muitos".219 o professor moniz de arago, em comunicacão à Sociedade de medicina de paris, chegou a considerar "o grande número" de contaminações insólitas de câncros extragenitais nos negros e mestiços do brasil resultado da lubricidade simiesca sem limites", das pretas e mulatas.220 mas não de estranhar: o próprio nina rodrigues acreditou ser

#

a mulata um tipo anormal de superexcitada genésica.

melhor sentido de discriminação revelou vilhena escrevendo no século xviii: "as negras e ainda huma grande parte das mulatas, para quem a honra he hum nome chimerico e que nada significa, são ordinariamente as primeiras que começam a corromper logo de meninos os senhores moços, dando-lhes os primeiros ensaios da libidinagem em que de crianças se engolfão; principios de onde para o futuro vem huma tropa de mulatíflios e crias que depois vem a ser perniciosissimos nas familias." mas salientando logo: "succede muitas vezes que os mesmos senhores chamados velhos, para distincção dos filhos, são os mesmos que com suas proprias escravas dão maior exemplo às suas proprias familias, [ . . . . 111.221 superexcitados sexuais foram antes estes senhores que as suas negras ou mulatas passivas. mas nem eles: o ambiente de intoxicação sexual criou-o para todos o sistema economico da monocultura e do trabalho escravo, em aliança secreta com o clima. o sistema economico, porém, e seus efeitos sociais, em franca preponderância sobre a ação do clima.

"les jeunes brésiliens", escreveu alp. rcndu, "sont souvent pervertis presque au sortir de venfance." o que lhe pareceu em grande parte devido ao clima: "la chaleur du climat ute le inoment de ia puberté"; mas devido principalmente a causas sociais; e estas ligadas ao sistema de produção economica: 'ves desirs excités par une éducation vicieuse et le mélange des sexes souvent provoqués par les négresses".222 ninguém nega que a negra ou a mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril; mas não por si, nem como expressão de sua raça ou do seu meio-sangue: como

-9. & s. 373

#

parte de um sistema de economia e de família: o patriarcal brasileiro.

o padre lopes, gama escreveu dos meninos de engenho do seu tempo: "apenas tocam os limiares da virilidade já se entregam desenfreadamente aos mais porcos appetites: são os ganhões daquelles contornos [ . . . . 1".223 quando não estavam ganhando sua ocupação era braganhar cavalos e bois e

jogar o maior ponto e o trunfo na casa de purgar. mas isso - acentue-se ainda uma vez - depois de uma primeira infância de constipações, de clisteres, de lombrigas, de convalescências; de uma primeira infância cheia de dengos, de agrados, de agarrados com as mucamas, e com a mãe; de banhos mornos dados pelas negras; de mimos; de cavilão; de cafunô por mão de mulata; de leite mamado em peito de negra às vezes até depois da idade da mama; da farofa ou pirão com carne comido na mão gorda da mãe-preta; de pereba colada por mulata; de bicho-de-pé tirado por negra; de sonos dormidos em colo da mucama.

mimos que em certos casos prolongavam-se pela segunda infância. houve mães e mucamas que criaram os meninos para serem quase uns maricas. moles e bambos. sem andar a cavalo nem virar bunda-canastra com os muleques da bagaceira. sem dormir sozinhos, mas na cama-de-vento da mucama. sempre dentro da casa brincando de padre, de batizado e de pais das bonecas das irmãs. o padre gama nos fala de meninos que conheceu sempre "ernpapelados e envidrados"; e tratados com tantas "cauteladas de sol, de chuva, de sereno, e de tudo, que os pobres adquirem uma constituição debil, e tão impressionavel que qualquer ar os constipa, qualquer solzinho lhes causa febre, qualquer comida lhes produz indigestão, qualquer passeio os fadiga, e molesta".<sup>224</sup> amolegado por tantos mimos e resguardos da mãe e das negras, era natural que muito menino. crescesse amarelado: a mesma palidez das irmãs e da mãe enclausuradas nas casas-grandes. por outro lado, houve mulequinhos da senzala criados nas casas-grandes com os mesmos afagos e resguardos de meninos brancos. cousa, já se vê, de iaias solteironas, ou de senhoras maninhas, que não tendo filho para criar deram para criar muleque ou mulatinho. e às vezes com um exagero ridiculo de dengos. "o mulequinho quebra quanto encontra", informa desse privilegiado o padre gama, 'ie tudo é gracinha; já tem 7, e 8 annos; mas não pode ir de noite para a cama, sem dormir o primeiro sonino em o regaço da sua yayá que o faz adormentar balanceando-o sobre a perna, e cantando-lhe uma embirante enfiada de chacaras, e cantilenas monotonas do tempo do capitão frigideira." e mais: "eu conheço uma res-

374 g. f.

peitavel sibila, que creando uma negrinha que hoje já terá os seus 14 annos, esta não vae de noite para a cama sem que primeiramente se deite no regaço de sua yayá gorda, que esta lhe vê danda trincos na carapinha (que é uma graxa de po-

#

mada) e fazendo mechadas do vestido da pateta, e chupando-as até adormecer! aqui ha porcaria, maldade e desaforo".<sup>225</sup> outro caso curioso refere entre sério e gaiato o padre-mestre: o de meninos, estes brancos e de família, que se habituaram a ir para a cama, embriagando-se antes com cheiro de sovaco; vício talvez adquirido quando crianças de peito, nos braços da mãe-preta.

vilhena ficou admirado do número de mulequinhos - negros e mulatos - criados dentro de casa "com mimo extremo". escreveu numa de suas cartas da bahia: "he aqui tão

dominante a paixão de ter mulatos e negros em casa que logo que seja criada que nasceo nella, só por morte he que della sahe; havendo muitas familias, que das portas para dentro tem 60, 70 e mais pessoas desnecessarias; fallo dentro da cidade, porque no campo não admira".226

os mulequinhos criados nas casas-grandes chamaram também a atenção de maria graham, nos engenhos de cana que visitou no sul do brasil: um deles o engenho dos afonsos, de propriedade da familia marcos vieira - uma boa propriedade com 200 bois e 170 escravos agricolas e produzindo 3.000 arrobas de açúcar e setenta pipas de aguardente. a viu maria graham crianças de todas as idades e de todas as cores comendo e brincando por dentro da casa-grande; e tão carinhosamente tratadas como se fossem da familia.227

tanto o excesso de mimo de mulher na criação dos meninos e até dos mulatinhos, como o extremo oposto - a liberdade para os meninos brancos cedo vadiarem com os muleques safados na bagaceira, deflorarem. negrinhas, emprenharem escravas, abusarem de animais - constituíram vícios de educação, talvez inseparáveis do regime de economia escravocrata, dentro do qual se formou o brasil. vícios de educação que explicam melhor do que o clima, e incomparavelmente melhor que os duvidosos efeitos da miscigenação sobre o sistema sexual do mestiço, a precoce iniciação do menino brasileiro na vida erótica. não negamos de todo a ação do clima: também na zona sertaneja do brasil - zona livre da influencia direta da escravidão, da negra, da mulata - o menino é um antecipado sexual. cedo se entrega ao abuso de animais. a melancia e o mandacaru fazem parte da etnografia do vício sexual sertanejo. a virgini-

-g- & s. 375

#

dade aue ele conserva a de mulher. e nisto tem consistido sua superioridade tremenda sobre o menino de engenho.

certas tendências do caráter do sertanejo. puxando para o ascetismo; alguma coisa de desconfiado nos seus modos e atitude; o ar de seminarista que guarda a vida inteira; sua extraordinaria resistencia física; seu corpo anguloso de dom quixote, em contraste com as formas mais arredondadas e macias dos brejeiros e dos indivíduos do litoral; sua quase pureza de sangue, que só agora começa a contaminar-se de sífilis e de doenças venéreas - são traços que se ligam da maneira mais íntima ao fato do sertanejo em geral, e particularmente nas zonas mais isoladas das capitais e das feiras de gado, só conhecer mulher tarde; e quase sempre pelo casamento. gustavo barroso, em estudo sobre as populações sertanejas no nordeste, diz serem comuns, no sertão, rapazes de mais de vinte anos ainda virgens.228 o que, no brejo e no litoral, seria motivo para debiques e troças ferozes. sente-se a o resultado da influencia direta da escravidão sobre estas duas zonas; e apenas indireta e remota sobre o sertão. esse antagonismo de condutas sexuais - que seriam tão interessantes de contrastar-se por meios estatísticos, procedendo-se a um inquérito entre estudantes de escolas superiores vindos das duas regiões - só tem feito empalidecer nos últimos anos. vão rareando, nos sertões os donzelos de mais

de vinte anos. a sífilis vai se alastrando entre os sertanejos. aos bordões de itabaiana e os célebres seiscentas meretrizes de campina grande - "dois centros de contato de sertanejos com adventícios do recife e da paraíba" - atribui José Américo de Almeida a rápida sifilização, nos últimos anos, dos sertanejos paraibanos.229

fosse o clima a causa principal da sensualidade brasileira e teria agido sobre os sertanejos ao mesmo tempo que sobre os brejeiros e as populações do litoral; e não três séculos depois. não tenhamos hoje a ingenuidade que não teve vilhena no século xviii. numa de suas cartas da bahia, critica vilhena os pais e mães que, concorrendo para "a destruição da inocência dos seus filhos", atribuíam depois ao calor "certos descuidos que são suas produções de sua grosseiria e má-criação".230

além do que, confrontando-se os efeitos morais, ou antes, sociais, da monocultura e do sistema de trabalho escravo sobre a população brasileira, com os efeitos produzidos pelo mesmo sistema sobre populações de raça diferente e em condições diversas de clima e de meio físico nas antilhas e no sul dos estados unidos, por exemplo verifica-se a preponderância das causas econômicas e sociais - a técnica escravocrata de

376 g. f.

produção e o tipo patriarcal de família - sobre as influências de raça ou de clima.

no sul dos estados unidos criou-se e desenvolveu-se, do século xvii ao xviii, um tipo aristocrático de família rural

#

muito mais parecido ao do norte do brasil de antes da abolição que a burguesia puritana da outra metade da américa, de origem também an4-dlo-saxônia, porém influenciada por um regime econômico diverso. quase os mesmos fidalgos rústicos - cavaleiros a seu jeito; orgulhosos do número de escravos e da extensão das terras; multiplicando-se em filhos, crias e muleques; regalando-se com amores de mulatas; jogando cartas, divertindo-se em brigas de galo; casando-se com meninas de quinze, dezesseis anos; empenhando-se em lutas por questões de terra; morrendo em duelos por causa de mulher; embriagando-se com rum

i

casa-grande de pombal, vendo-se o braço do visconde de sua óuna. (segundo fotografia de José Maria c. de albuquerque e melo.)

277

c-9. & s. .

#

em grandes jantares de família - vastos perus com arroz assados por "oid mummies" peritas na arte do forno, geléias, pudins, guisados, doce de pera, quitutes de milho.

no sul dos estados unidos, como em cuba, a criança e a mulher sofreram passivamente, nas casas-grandes, as mesmas influencias, não tanto de "clima", nem da "simiesca lubricidade africana" como do sistema de produção economica e de organização patriarcal da família, sofridos pelo menino e pela sinhoda, nos engenhos e nas fazendas do brasil. no brasil, os meninos de engenho anteciparam-se aos do sertão em experiências de mulher; os do sul dos estados unidos anteciparam-se aos do norte. refere calhoun que um negociante do sul em visita a amigos de nova iorque informou-os de que estivera há pouco na fazenda de um seu irmão; e que aí todos os escravos domésticos estavam sofrendo de doença venérea; e no meio deles, não tardando a se infeccionarem, os filhos do fazendeiro. era o mesmo aue se crescessem e se educassem num bordel. ("i told him he might as well have them educated in a brothel at once.") interessante é também este depoimento de velho escravoocrata de alabama recolhido por calhoun: que na sua fazenda, "every young man [ .... ] became addicted to fornication at an early age". 231 o mesmo que nos engenhos do brasil.

não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes louros; estes é cue, no sul dos estados unidos, como nos engenhos de cana do brasil os filhos dos senhores, criavam-se desde pequenos para ganhá-las. ao mesmo tempo que as negras e mulatas para "ventres geradores". "slave women were taught", escreveu calhoun, "that it was their duty to have a child once a year, and that it mattered little who was the father."232 o mesmo interesse economico dos senhores em au-

patriar-

corrompe estados

unidos. os viajantes que lá estiveram durante o tempo da escravidão referem fatos que parecem do brasil.233 é verdade que lá como aqui não faltou quem, confundindo resultado e causa, responsabilizasse a negra e seus "strong sex instincts" e principalmente a mulata - "the lascivious hybrid woman"234 - pela depravação dos rapazes brancos. entre nós, já vimos que nina rodrigues considerou a mulata um tipo anormal de superexcitada sexual; e até José Veríssimo, de ordinário tão sóbrio, escreveu da mestiça brasileira: "um dissolvente de nossa virilidade física e moral".235 nós, uns inocentinhos: elas, uns diabos dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo.

mentar o rebanho de escravos que corrompeu a família  
cal no brasil e em portugal u-a no sul dos

'a7r

a verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o

#

elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no brasil. exprimiu-se nessas relações o espírito do sistema economico que



nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. dele se deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa-grande, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio.

imaginem-se um país com os meninos armados de faca de ponta! pois foi assim o brasil do tempo da escravidão. na sua histoire des indes orientales diz monsieur souchu de rennefort, que aqui esteve no século xvii "tous les habitants de ce pays jusques aux enfants, ne marchent point en campagne, qu'ils ne portent de grands couteaux nuds, trenchans des deux côtés [ .... ]". souchu de rennefort atribuiu a necessidade de se defenderem, grandes e pequenos, das cobras-veados, esse uso generalizado de faca de ponta: "pour couper ces serpens nommez cobre-veados [ .... ]". mas nem sempre matavam-se apenas serpentes; também homens e mulheres.

a verdade, porém, é que o hábito da faca de ponta deve datar dos primeiros tempos da colonização, quando meninos e gente grande deviam estar sempre prontos a enfrentar surpresas de índios e de animais selvagens. daí, em grande parte, certa precocidade nas crianças coloniais, cedo chamadas, a participar das angústias e preocupações dos adultos. e também dos prazeres ou gozos, que eram principalmente os do sexo.

notas ao capítulo iv

1. arthur w. calhoun, a social history of the american family from colonial times to the present, cleveland, 1918.

2. afropeixoto, minha terra e minha gente, rio, 1916. opinião de dois outros pedagogos ilustres, em livro didático: mas estes, nada ortodoxos. referimo-nos a solvio romero e joão ribeiro no seu compêndio 'de história da literatura brasileira, rio, 1909 (2.ª ed.)

3. rev. inst. hist. geog. bras., tomo lxxviii, parte ii.

4. melville j. herskovits, "a preliminary consideration of the culture areas of africa" i american anthropologist, vol. xxvi, n.º 1. esse esboço de delimitação de áreas africanas de cultura o professor herskovits tem desenvolvido em trabalhos exaustivos, acrescentando-lhes novos traços.

c.-g. & s. 379

#

vejam-se deste autor "on the provenience of new world negroes", social forces, dez., 1933, xii; dahomey: an ancient west african kingdom (2 vols.), nova lorque, 1938; "the negro in the new world: the statement of a problem", american anthropologist, janeiro-margo, 1930, xxxii; "the social history of the negro", em a handbook of social psychology, organizado por c. murchison, worcester, 1935.

sobre as áreas de cultura africanas veja-se também wilfrid dyson ~ly, source-book for african anthropology, chicago, 1937, obra que infelizmente não vem destacada pelo professor artur ramos em sua bem orientada introdução a Antr ologia brasileira (rio, 1943). sobre a cul-

tura trazida pelo negro para a américa, de diferentes áreas africanas, veja-se o trabalho do professor m. j. herskovits, the myth of the negro past, nova torque-londres. 1941.

5. henry walter bates, the naturalist in the amazon river, londres, 1863.

6. waldo frank, loc. cit.

7. nas palavras do professor l. w. lyde, 'the black man is normally covered with a complet and continuous film, and this means a maximum surface for evaporation - in which quantities of heat are consumed - a maximum reflection of light, and maximum protection against nerve injury'. (l. w. lyde, "skin colour", the spectator, londres, 16 de maio de 1931). "de todas as raças humanas% escreve a. ~rio de aluzida, "são os negros são perfeitamente adaptados à vida nos trópicos e são eles podem sem sofrimento suportar completamente nus o sol ardente dessas regiões; essa resistência especial devem eles à sua pele negra que os protege contra os raios actínicos mas que apresentaria o grave inconveniente de se superaquecer ao sol se não fosse aquele mecanismo de defesa completado por um outro geral, seja a de possuírem uma grande capacidade de sudorese que corrige a tendência ao superaquecimento da superfície cutânea." ("a ação protetora do urucu", cit.)

8. alfred r. wallace, a narrative of travels on the amazon and rio negro, londres, 1852.

9. tratando do modo por que varia, nos primitivos, a adaptabilidade a novas formas de cultura - o melanésio em confronto com o polinésio, o ameríndio em contraste com o negro - pitt-rivers (op. cit.) salienta a opinião de mcdougall, para quem essas variações resultariam de "diferenças de constituição fisiológica"; e lembra que já wallace contrastara o aborígine da américa com o negro alegre e palrador.

no seu estudo da esquizofrenia - formas clínicas - ensaio de revisão da casuística nacional (rio, 1931), cunha lopes e heitor peres discriminaram "a contribuição das principais raças para cada forma clínica". pela sua "tabela discriminativa dos tipos étnicos" vê-se que a forma clínica mais frequente para todos os tipos étnicos é a liebefrenia: entretanto, é o negro que se revela nobretudo hcbefrênico" e o mestiço, paranóide". em comunicação feita anteriormente, em 1927, à Sociedade brasileira de psiquiatria, sobre "psicoses nos selvagens% o professor cunha lopes sustentara que "o selvagem autóctone, através da literatura e dos informes de nossos cronistas~ é antes cíclocótico e só por exceção esquizotômico [, ... j". em pesquisa realizada em pernambuco

#

buco sobre "as doenças mentais entre os negros", o professor ulisse pernambucano encontrou "frequência menor da esquizofrenia e das chamadas nevroses entre os negros", percentagens mais elevadas de negros nas psicopatias com lesões anatómicas, exceto quanto à epilepsia e à

380 g. f.

paralisia geral", que as das outras raças reunidas; 'maior frequência do alcoolismo e dos delírios infecciosos entre os negros " (a rquivos da assistência a psicopatas de pernambuco, 1932, abril, n.\* 1). faz algum tempo, em estudo estatístico especializado sobre a paralisia geral, o mesmo pesquisador encontrou em cem paraléticos gerais "menor número de brancos" e "maior de negros" (arquivos, dit., 1933, n.o 2).

adauto botelho, em estudo realizado no rio em 1917, concluiu pela pouca frequência da demência precoce entre negros e pardos (cit. boletim de eugenia, rio, abril-junho de 1932, n.o 38). sobre o assunto vejam-se também os interessantes trabalhos de w. berardinelli, que admi-

te não seja o índio exclusivamente esquizofrênico nem o negro exclusivamente ciclótico, e o de isaac bro" (O normotipo brasileiro, rio, 1934) e o estudo de Álvaro ferraz e andradp, lma júnior, a morfologia do homem do nordeste, rio, 1939. do ponto de vista sociológico, oliveira viana ocupa-se do problema num dos seus sugestivos ensaios.

o professor donald pierson, por algum tempo da escola livre de sociologia e política de são paulo, em artigo que escreveu para a american sociological review (vol. i, n.º 4, outubro, 1947), sobre a edição em língua inglesa de casa-grande & senzala, aparecida em 1946 com o título the masters and the slaves, generosamente lembrou ao autor brasileiro, a propósito do emprego, neste ensaio, de expressões por ele consideradas suspeitas de heresia instintivista, o descrito das teorias de instintivismo entre os modernos estudiosos de sociologia. talvez devesse dizer o crítico, mais modestamente, entre "os atuais estudiosos norte-americanos de sociologia" para cujos ouvidos a palavra "instinto" tomou-se, na verdade, de tal modo herética que o seu emprego, mesmo por um mestre da grandeza e da modernidade de t. veblen, lhes soa hoje como sinal de ignorância ou de arcaísmo. quando a verdade é que o instintivismo não morreu de todo e sobrevive, sob as novas formas assinaladas pelo professor james w. woodward em trabalho recente ("social psychology", 20th century sociology, nova iorque. 1945, p. 226): "reflexo prepotente" (allport), "desejo" (dunlap), "direção" (holt e warden), "motivo" (gurnee), "necessidade viscerogênica" (murray), "motivo de que se dependa" (woodworth, kleneberg), "wisbes" (thomas), "hábito dinâmico" (dewey). vitorioso de modo absoluto o atitfinstintivismo radical de bernard e kuo, a que se filia, segundo parece, o professor donald pierson, como a uma seita rígida, a mesma condenação que veblen teriam, que ser submetidos vários outros mestres modernos de sociologia, entre os quais vlfredo pareto, com quem em 1935 o mais notável dos instintivistas modernos, o professor w. mcdougall, discutiu o emprego, em sociologia, de palavras como "instinto", "sentimento" e "interesse" (the mind and society", journal of social philosophy, vol. i, outubro, 1935), alfred

#

vierkandt (handwörterbuch der soziologie, stuttgart, 1931), r. s. woodworth (heredity and environment, nova iorque, 1941). e não apenas os psicólogos e sociólogos apegados ao "instintivismo" de freud. como salienta o professor woodward no seu já referido estudo, pesquisas recentes, entre as quais as de i-tealey sobre o comportamento do feto e as de buehler sobre o comportamento de crianças, vem modificando "our earlier radical environmentalism" (p. 227), ao qual o professor donald pierson se apegava como a última e definitiva palavra da ciência, indiferente ao fato, salientado ainda pelo professor woodward, de que "the general problem of the occurrence and the degree

-g- & s. 381

procuram então tirar das mãos dos noivos o bolo simbólico; quem o conseguir, casa breve. e em azurei, próximo de guimarães, vendem-se bolos com o nome de sardões (termo popular dado ao órgão genital masculino); em outros pontos com o nome de passarinhas (órgão gertitai

feminino). veja-se a este propósito o trabalho de em~ ribeiro, O doce nunca amargou... (doçaria portuguesa. história. decoração. receita), coimbra, 1928. no brasil já observamos que vários bolos e doces tomaram nomes de sugestões fesceninas. de doces e bolos reunimos algumas receitas de famílias do nordeste em açúcar, rio, 1939.

114. João va~ "fatos e festas na tradição% rev. inst. hist. São pauto.- vol. xiii.

115. dona angei. ina banos de anditôm l^ também sua irmô, dona angelita ferraz. a receita é unia tradição de família.

116.

a aAnuel queiuno, a arte culinária na bahia, cit. veja-se também sodro viana, caderno de xango, 50 receitas da cozinha baiana do litoral e do nordeste, bahia, s.d. quem está na obrigação de nos dar um guia completo da cozinha baiana é o sr. godofreno fmho, que a conhece como ninguém e é, ao mesmo tempo, um artista genuíno e um pesquisador honesto.

117. infelizmente a bahia não tem restaurante à altura de suas tradições culinárias. nenhum que se compare com os afro-franceses de nova orleans. digna substituta de mãe eva, foi dona v~ à Rua da assembléia. em algumas residências baianas mesa e sobremesa conaervam-se ainda hoje à altura das melhores tradições patriarcais. recordaremos aqui apenas a do ilustre baiarto sr. godofrwo ~o, que é capaz de banquetear em sua residência o europeu de paladar mam exigente com quitutes baianos de origem africana, destruindo no estrangeiro a impressão de faltar delicadeza aos pratos africanos. O mesmo foi certo da família madureira de pinho, hoje residente no rio, e das - famílias do já falecido pönfilo de carvalho, da senhora costa pinto e do hoje também residente no rio, luís viana filho.

118. dawier, op. cit.

119. manum ~mo, a arte culindria na bahia, cit. quefino anota vários pratos afro-baiartos além dos que já mencionamos: o eranpatetô, o efun-oguedô, o ipetô, o ebô, o abarô, o aberôm. e muitos outros ainda.

120. l. pereira barreto, "a higiene da mesa% O estado de São pauto, 7 de setembro de 1922.

121. joi-m casper bröNner, "O que eu faria se fome estudante brasileiro nos estados unidos" (el estudiante latino-americano, nova iorque, janeiro, 1921). esse artigo do seio geólogo norte-americano foi escrito a nosso pedido.

122. sigaun, le climat et les afaladies du brösil, cit.

123. max radiourt, souvenirs de l'amérique espagnoie, cit. parece, entretanto, que o ilustre gourmet não teve ocasião de, em festa num dos salões mais elegantes de famílias patriarcais com residência na corte - como o da gente do barô de pa-n do a~ "~-or feu-

dal de. 7 fazendas nos aureos tempos da provincia fluminense - experimentar um daqueles "desejos de moça", doce cuja receita é revelada pelo sr. soroio d. t. de macew (no tempo das sinhazinhas, rio, 1944, plig. 41) que a copiou de velho caderno de, sua antepassada, a baronesa de sodo - "quilo e meio de farinha de trigo, 500 gramas de manteiga, 500 gramas de açúcar, 1 copo de leite. depois de tudo bem amas-  
478 g. f.

i

sado, até estar em ponto cie estender em rolo, corta-se em formas para irem ao forno em bandejas."

124. antônio josé de souza, do regime- das classes pobres, e dos escravos, na cidade do rio de janeiro em seus alimentos e bebidas: qual a influencia desse regime sobre a saúde (tese apresentada à Faculdade de medicina do rio de janeiro), rio de janeiro, 1851.

125. josé luciano pereira júnior, algumas considerações sobre o regime das classes abastadas da cidade do rio de ja-

neiro meedimcinsacudsoarliimoendteosjaencibreo)bidarsio de janeiro, 1850. veja-se também

, cit. (tese apresentada à Faculdrde

josé maria rodrigues regadas, regime das classes abastadas no a de janeiro em seus alimentos e bebidas, etc. (tese apresentada à Faculdade de medicina do rio de janeiro), rio de janeiro, 1852, e ferninand d'nis, brasil (coleção l'univers), paris, 1839.

126. azevedo césar de sampaio viana, qual a causa da frequência das ascites na bahia? (tese apresentada à Faculdade de medicina da bahia), bahia, 1850.

127. francisco antônio dos santos souza, alimentação na bahia - suas consequências (tese apresentada à Faculdade de medicina da bahia), bahia, 1910.

128. eduardo de magalhães, higiene alimentar, rio, 1908. rosie[t observou entre os moradores do sertão - a zona menos influenciada pelo negro - que quase não se comia legume verde: "riem-se a ideia de comer salada", diz ele dos sertanejos (travels, cit., p. 154).

129. ao 1.º congresso afro-brasileiro do Recife (novembro, 1934) o dr. rui coutinho apresentou interessante estudo sobre a alimentação do escravo negro no brasil.

130. burton, the highlands of the brazil, cit. aliás Burton manifesta a opinião de ser a carne alimento de melhor digestão nos trópicos do que os vegetais.

131. referimo-nos às "mozinhas de coçar" de marfim, outrora muito usadas em portugal pelas famílias aristocráticas, vítimas complacentes do piolho. (visite-se o museu etnográfico português). deve-se também registrar o fato de que no brasil senhores e senhoras das casas-grandes tiveram o costume de deixar crescer num dos dedos uma

unha enorme, a chinesa, costume que tãas lindley observou nos colonos da bahia, no século xvii (lindley, op. cit,). evidentemente com o fim de aliviar a coceira dos piolhos e das sarnas. ainda conhecemos velhos com essas unhas a chinesa.

132. "a um ponto, o da higiene", escreveu afonso cláudio no seu trabalho "as tribos negras importadas" (rev. inst. hist. geog.

bras., tomo especial do congresso de história nacional, parte 11), "em que a preciso salientar o cuidado instintivo do africano, de maneira a evitar a invasão de epidemias. comparado sob esse aspecto de higiene

preventiva não há dúvida que ele está muito acima do indígena da oceania e da américa.

133. l~ querino, bahia de outrora, bahia, 1916.

134. doce, alfenim e cocada os negros vendiam cantando:

chora, menino~ chora  
chora porque não tem  
vintém.

c--9- & 8. 47q

m.etcher viu no rio enormes montanhas de café, movendo-se como, que sozinhas: mas por baixo delas verdadeiros gigantes negros. os negros carregadores de fardos cantavam:

maria, rabuta au  
calunga aw.

sobre a influência do negro na música popular brasileira, veja-se Mário de Andrade, compêndio de história da música, São Paulo, 1929. também o seu ensaio sobre música brasileira, São Paulo, 1928, e a história da música brasileira, de Renato de Almeida, 2.ª ed., Rio, 1942, livro de interesse não só técnico como histórico-social.

135. maria - journal, cit., pág. 282.

136. esta loa é para pedir milho, feijão, etc. nos festivais de fecundidade. recolheu a música, juntamente com outras, nas festas da seita africana dirigida pelo negro Anselmo, uma auxiliar do Instituto de Assistência a Psicopatas de Pernambuco, cujo diretor, o professor Ulisses Pernambucano, tanto concorreu para que a polícia de Pernambuco reconhecesse de 1930 a 1935 como seitas religiosas, associações de negros indistintamente classificadas como catimbó e injustamente perseguidas pelos delegados e subdelegados. essa perseguição, porém, foi retomada com maior intensidade do que nunca pelo governo atual de Pernambuco, segundo se diz sob a pressão dos jesuítas portugueses, muito poderosos hoje naquele estado do norte.

possuímos várias outras loas, umas recolhidas do "menino elw, outras da seita dos "adoradores dos astros", trabalho em que tivemos a colaboração do dr. Pedro Cavalcanti. também recolhemos de elói um vocabulário místico; o Instituto reuniu extenso vocabulário, ao que parece nagô, organizado com o auxílio de Anselmo. as palavras parecem muito estropiadas; algumas podem ser identificadas como de língua Yorubana.

137. segundo o professor Otávio de Frerras, em trabalho lido no 1.º Congresso Afro-brasileiro do Recife (novembro, 1934), foram as seguintes as doenças trazidas ao Brasil pelos "negros bichados": bicho-da-costa, maculo, bouba, gandu, frialdade, ainhum, bicho-de-pé, filárias. O assunto - a origem dessas e de outras doenças outrora comuns no Brasil - pede estudo mais demorado, como já observou outro médico que se vem inteligentemente dedicando ao estudo de doenças e de medicina no Brasil, o dr. Eustáquio Duarte.

138. José Martins da Cruz Josim, "discurso sobre as molestias que mais affligem a classe pobre do Rio de Janeiro (lido na sessão pública da sociedade de medicina - a 30 de junho de 1835) 1 .... ] % Rio de Janeiro, 1835. vejam-se também Sigaud, op. cit.; Roberto Joroe Hadijock Lobo, "discurso recitado em presença de S. M. o Imperador na sessão solemne anniversaria da academia imperial de medicina do Rio de Janeiro", Rio de Janeiro, 1847. seguido de "reflexões acerca da mortalidade da cidade do Rio de Janeiro" Rio de Janeiro, 1847; resposta ao inquirito da câmara do Rio de Janeiro entre médicos sobre o clima e a salubridade da corte dos vice-reis (1798), n.º 5, vol 2, de 1846, dos Annaes Brasilienses de medicina; Antônio Martins de Azevedo -ntel, quais os melhoramentos que devem ser introduzidos

dos no rio de janeiro, etc. (tese apresentada 0 Faculdade de medicina do rio de janeiro), rio de janeiro, 1884.

.490 0. f.

bibliografia

indice remissivo

indice onomastico



## bibliografia

as publicações e os documentos incluídos nesta bibliografia são, na sua quase totalidade, aqueles a que se faz referência no texto. apresentam-se primeiro as fontes (manuscritos, documentos, litografuras, fotografias, mapas, plantas de casas e engenhos, etc.) e depois o material auxiliar ou subsidiário. deste, primeiro os livros, depois os periódicos. Os publicações de interesse particular e aos documentos e mss. que ofereceram ao autor material concreto e às vezes viagem e original, de informação, e da maioria dos quais são dadas, em notas ao texto, indicações tanto quanto possível exatas, precisando-se, no caso de publicações, as páginas citadas, acrescentam-se os livros e periódicos de interesse geral que foram mais proveitosamente consultados, para fins de confirmação daquele material e de sugestões e interpretações esboçadas no presente ensaio. também para fins de comparação sociológica.

1. fontes: manuscritos, documentos, etc.

atas da câmara de são paulo, de vol. 1 a xxxii (publicações da prefeitura do município de são paulo).

"a discourses of the west indies and south sea written by lopez vaz a

portugal borne in the citie of elvas continued unto the yere 1587, etc.", em the principal navigations voyages traffiques & discoveries of the english nation by richard hakluyt, london, 1927.

aguilar, durval vieira de - descrições práticas da província da bahia, bahia, 1888.

albin brésilien - ludwig & briggs (lit.)

álbum - litografia de f. h. carls e desenhos de l. sciapriz.

álbuns de fotografias do século xix - coleções das famílias sousa leão (pernambuco-rio), cavalcanti de albuquerque (pernambuco-rio), sousa bandeira (pernambuco-rio), rocha wanderley (pernambuco), albuquerque meio (pernambuco), cunha figueiredo (pernambuco), pereira de lyra-bivar (ceará), pires de albuquerque (bahia), albuquerque maranhão (rio grande do norte).

almanaque administrativo, mercantil, industrial e agrícola da província de pernambuco, rio de janeiro.

almanaque de lembranças luso-brasileiro, lisboa, 1851-[ .... 1

almanaque do brasil, rio de janeiro.

almanaque do rio grande do sul (f. r. rodrigues).

almanaque dos negociantes do império do brasil, rio de janeiro.

almeida, j. m. - algumas notas genealógicas, são paulo, 1886.

almeida, miguel calmon du pin e - ensaio sobre o fabrico do açúcar, bahia, 1834.

anais brasilienses de medicina, rio, 1849-1885.

anais da academia de medicina do rio de janeiro, rio, 1885-[ .... 1.

anais de medicina brasiliense, rio, 1845-1849.

anais do congresso brasileiro de eugenia, rio, 1929.

anchieta, padre joseph de - "informação da província do brasil para  
nosso padre" (1585).

"informações e fragmentos históricos, 1584-1586% em achegas para  
a história e geografia por ordem do ministério da fazenda, n.º 1,  
rio de janeiro, 1886.

andrade júnior, josé bonefácio caldeira de - esboço de uma higiene  
dos colégios aplicável aos nossos, tese apresentada e sustentada no  
dia 12 de dezembro de 1855 perante a faculdade de medicina do  
rio de janeiro, rio, 1855.

andrade, andré joão - cultura e opulência do brasil por suas drogas  
e minas - com um estudo biobibliográfico por afonso de taunay,  
são paulo-rio de janeiro, 1923.

arquivo da câmara municipal de sabará, 1782, na coleção de mss. do  
arquivo público de minas gerais.

arquivo do distrito federal (publicações da prefeitura da cidade do  
rio de janeiro), 1895-1897.

assm, adolphe d' - le brasil contemporain - races - mœurs -  
institutions - paysages, paris, 1867.

autobiografia (ms.) do dr. cósimo b~a de ~nde (minas gerais).

autobiografia. (ma.) de idgino cunha (maranhão).

autobiografia (ms.) de josé cupermo dawas (engenho unha do  
gato, sergipe).

autobiografia (nis.) de xuo de aju3uunque buo (engenho queima-  
das, pernambuco).

autobiografia (nis.) de l~o liris (pernambuco).

baena, antônio lanuiãu monteiro - ensaio corográfico sobre a  
província do paró, paró, 1839.

balbi, adrien - essai statistique sur le portugal, paris, 1822.

barlous, gaspar - rerum per octennium in brasilien, clóves, 1660.

b-to, antônio alves branco moniz - guia de leitura e máximas  
gerais de conduta, rio de janeiro, 1854.

barreto, joão francmº país - uma estatística (sobre diferença de  
idades entre marido e mulher em famílias pernambucanas). pernambuco,  
1857.

barreto, lufs do rego memória justificativa sobre a conducta do  
marechal de campo .... ] durante o tempo em que foi governador  
de pernambuco e presidente da junta constitucional do governo  
da mesma provincia ofierecida d nação portugueza, lisboa, 1822.

bates, henry waltu - the naturalist on the river amazons, londres,  
1863. (a edição principalmente utilizada pelo autor deste ensaio foi  
a de 1915.)

beckford, wmliam - excursion to the monasteries of batalha and  
alcobaça, londres, 1835.

- italy with sketches from spain and portugal, londres, 1834.

belo, xuo - memórias de um senhor de engenho, rio, 1939.

bilden, ruedign - "race relations in latin america with special  
references to the development of indigenous culture", institute of  
public affairs, university of virginia, 1931. ms. (conferência).

british and foreign state papers, londres, especialmente vols. 24, 44, 57,  
62, 1825-1841.

bur-qui, fredezoo leopolno ~ - memoria analyt0ca acerca  
do commercio descravos e acerca da escravid0o domestica, rio de  
janeiro, 1837.

c.-g. & 8. 483

- monographia da canna do assucar, rio, 1862.
- burton, ric~ f. - explorations of the highlands of the brazil, londres, 1869.
- caldcleugh, alexander - travels in south america in the years 1819, 1820, 1821. containing an account of the present state of brazil, buenos ayres and chili, londres, 1825.
- calado, frei manuel - 0 valeroso lucideno, lisboa, 1648.
- candler, john e w. burgess - narrative of a recent visit to brazil, londres, 1853.
- carapuceiro (0) -- (recife) - (1837-1842).
- cardim, f0Rn00 - tratados da terra e gente do brasil, introdu00o e notas de batista caetano, capistrano de abnu e rodolfo garcia, rio, 1925.
- carta de am0rico vesp0cio em capi~0 de abreu, 0 descobrimento do,brasil, rio de janeiro.
- carta de duarte coelho a el-rei, em hist0ria da coloniza00o portuguesa do brasil.
- carta de pero vaz de caminha, cm manuel aires de c~, corografia bras0lica, 2.a ed., rio de janeiro, 1833.
- carta r0gia de 3 de setembro de 1709 e bando de 1740 no maranh0o, em agostinho marques perdig00 malheiro, a escravid0o no brasil, ensaio jur0dico-hist0rico-social, rio de janeiro, 1866.
- cartas de datas de terra, de vol. i a iii (publica00es da prefeitura do munic0pio de s0o paulo).
- cartas econ0mico-pol0ticas sobre o com0rcio e a agricultura da bahia, lisboa, 1821.
- cartas e of0cios de ricardo gumbleton daunt (niss. no arquivo do inst. hist. geog. bras.).
- cartas jesu0ticas (1550-1568), rio de janeiro, 1887.
- cartas r0gias, dec~etos e provis0es, 1711-1824, ms3. da biblioteca do estado de pernambuco.
- cartas r0gias, doc. n.o 81-bi3, sec00o de manuscritos da biblioteca nacional, rio de janeiro.
- castelo, maria e zavalá, s0LVio - fuentes para ia historia dei trabajo, en nueva espafia, m0xico, 1930-1941.
- casal, manuel aires de - corografia bras0lica, 2.' ed., rio de janeiro, 1833.
- cepeda, padre - relat0rio, em lu0s edmundo, 0 rio de janeiro no tempo dos vice-reis.
- cr0nica da companhia de jesus pelo padre jacinto de carvalho, ins. da biblioteca de 0vora em jo0o l0CIO de azevedo, os jesu0tas no gr0o-par0.
- coelho, duarte de albuquerque - memorias diarias de ia guerra dei brasil, madri, 1654 (exemplar raro da cole00o oliveira lima, biblioteca da universidade cat0lica, washington).
- cole00o de mss. do instituto hist0rico de alagoas.
- cole00o de plantas, desenhos e fotografias de casas de engenho e fazenda do servi0o do patrim0nio hist0rico e art0stico nacional, rio de janeiro.
- cole00o de retalhos de jornal (arquivo particular de alberto lamigo, campos, estado do rio).

colton, walter - deck and port, nova iorque, 1850.  
compromisso da irmandade de n. s.5 de guadalupe de sergipe.

484 g. f.

- compromissos de irmandades, niss. de pereira da costa, biblioteca do estado de pernambuco,
- co=, charles - traité de législation ou exposition dei lois générales suivant lesquelles les peuples prospèrent ou restent stationnaires, paris, 1835.
- coreal, françois; - voyages aux indes occidentates depuis 1666 jusqu'en 1697, amsterd., 1722.
- correia, gaspar - lendas da Índia, lisboa, 1858-1864.
- correspondência da corte, triss. na biblioteca do estado de pernambuco.
- costa, antônio correia de sousa - qual a alimentação de que vive a classe pobre do rio de janeiro e a sua influência sobre a mesma classe, rio de janeiro, 1865 (tese).
- creary, reverendo - "brazil under the monarchy - a record of facts and observation", ins. na biblioteca do congresso de washington.
- "chronicas lageanas", ins. na biblioteca do congresso de washington.
- crièveaux, jules - voyages dans l'amérique du sud, paris, 1883.
- cunha, augusto lassance - dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do rio de janeiro, tese apresentada à Faculdade do rio de janeiro, rio, 1845.
- cunha, francisco - reminiscências, rio, 1914.
- dados genealógicos de algumas das mais importantes famílias mineiras, coligidos por luís pinto (ins. de coleção particular de família, minas gerais).
- dampier, william - voyagesaux terres australes, à la nouvelle hollande & c., fait en 1699 (trad.), amsterd., 1705.
- debret, j. b. - voyage pittoresque et historique au brasil ou séjour d'un artiste françois au brasil depuis 1816 jusqu'en 1831, inclusive-ment, époques de l'avènement, et de publication de s. m. d.
- pedro ler, fondateur de l'empire brésilien, firmin-didot, 1834-1839, 3 vols., gr. in-fol.
- denis, ferdinand - brasil (collection l'univers), paris, 1839.
- le portugal, paris, 1846.
- diálogo das grandezas do brasil, introdução de capistrano de abreu c notas de rodolfo garcia, ed. da academia brasileira de letras, rio, 1930.
- didrio da bahia (1835-1838; 1877-[ .... 1]).
- didrio do rio de janeiro (1821-1878).
- didrio de pernambuco (1825-[ .... 1]).
- dias, cícero - jundiá, ins. de romance autobiográfico em preparo.
- documentos históricos (correspondência dos governadores-gerais, provisões, etc.), publicações da biblioteca nacional do rio de janeiro.
- documentos históricos do arquivo municipal, atas da câmara, 1625-1641, vol. i (prefeitura municipal do salvador, bahia, 1944).
- documentos históricos, portarias e cartas dos governadores-gerais e governo interno, vol. viii da série vi dos docs. bibl. nac., rio, 1929.

donna, elizabeth - documents illustrative of the history of the  
slave trade to america, washington, 1930.

documentos na revista do arquivo público do estado do rio grande  
do sul, porto alegre.

documentos na revista do arquivo municipal de são paulo.

documentos na revista do arquivo público mineiro, belo horizonte.

documentos na revista do instituto arqueológico e geográfico pernambucano (depois revista do instituto arqueológico, histórico e geográfico pernambucano).

c.-g- & s. 485

- documentos na revista do instituto histórico do ceará.
- documentos na revista do instituto histórico e geográfico brasileiro, rio de janeiro.
- documentos na revista do instituto histórico bahia.
- documentos na revista do instituto histórico -e mato grosso, cuiabá.
- documentos na revista do instituto histórico de são paulo, são paulo.
- documentos nos anais do arquivo público da bahia, bahia.
- documentos nos anais da biblioteca nacional do rio de janeiro (publicações da biblioteca nacional), rio de janeiro.
- documentos nos anais de medicina brasiliense, rio de janeiro .... (1845-1849).
- documentos nos anais brasilienses de medicina (jornal da academia imperial de medicina do rio de janeiro), rio de janeiro (1849-1885).
- documentos nos anais da academia de medicina do rio de janeiro, rio de janeiro (1885-[.... ]).
- documentos nos anais do parlamento, rio de janeiro.
- documentos nas publicações do arquivo nacional, rio de janeiro.
- documentos na revista trimensal do instituto histórico e geográfico de santa catarina.
- documentos nos anais do museu paulista, são paulo.
- documentos inéditos encontrados pelo professor roquette pinto no arquivo do instituto histórico e geográfico brasileiro (arq. do conselho ultramarino, correspondência do governador de mato grosso - 1777-1805 - códice 246).
- documentos relativos ao brasil, no período da invasão holandesa, existentes no arquivo real de haia (publicados na revista do inst. arq. hist. e geog. pernambucano, n.º 33, recife, 1887) e na seção de mss. do instituto arqueológico, recife.
- duarte, josé rodrigues de lima - ensaio sobre a higiene da escravatura no brasil, rio, 1849 (tese).
- essai historique sur la colonie de surinam [ .... ] le tout rédigé sur des pièces authentiques y jointes, & mis en ordre par les regens & representans de la dite nation juive portugaise, Paramaribo, 1788.
- estatutos do colégio n. s., do bom conselho, recife, 1859.
- evreux, ives d' - voyages dans le nord du brésil, leipzig e paris, 1864.
- ewbank, thomas - life in brazil, or a journal of a visit to the land of cocoa and the palm, nova lorque, 1856.
- figueira, padre luís - relatório do maranhão, documentos para a história do brasil, especialmente do ceará, 1608-1625---fortaleza, 1904.
- fil.etcher, j. c. e kidder, d. p. - brazil and the brazilians, boston, 1879.
- fonseca, borges da - "nobiliarquia pernambucana% ms. no inst. arq. hist. e geog. de perri.
- fonseca, joaquim moreira da - "casamento e eugenia", atas, i.\* congresso brasileiro de eugenia, rio de janeiro, 1929.
- fonseca, pedro p. da - "fundação de alagoas - apontamentos históricos, biográficos e genealógicos% 1886 (trabalho inédito).

- frades julgados no tribunal da razão (os), obra póstuma de frei  
 - ? -, doutor conimbrese, lisboa, 1814.
- "fragmentos de uma memoria sobre as sesmarias da bahia" (cópia  
 de um ms. que parece ter sido do falecido marquês de aguiar talvez de sua pena) [ .... ] em livro das terras ou collecção da  
 lei, regulamentos e ordens expedidos a respeito desta materia até  
 ao presente [ .... ], 2.a ed., rio de janeiro, 1860.
- franco, francisco de melo - tratado da educação physica dos me-  
 ninos para uso da nação portuguesa, lisboa, 1790.
- hier, m. - relation du voyage de ia mer du sud aux côtes d88  
 chily et du pôrou, fait pendant les années 1712, 1713, et 1714,  
 paris, 1716.
- fooger. sr. - relation d'un voyage fait en 1695, 1696 et 1697, aux-  
 côtes dafrique, d'etroit de magellan, brésil, cayenne & lei isles.  
 antilles par une escadre des vaisseaux du roy commandé par  
 monsieur de gennes, paris 1700.
- cama, padre miguel do saw-nto lopes -- o carapuceiro. recife,  
 1832-34-37, 43 e 1847.  
 - poesias sacras.
- Xandavo, pero de magalães - historia da provincia de santa cruz  
 a que vulgarmente chamamos brasil, rio, 1924.
- gardner, george - travels in the interior of brazil, principally through  
 the north of provinces, londres, 1846.  
 gazeta do rio de janeiro (1808-1822).
- graham, maria - journal of a voyage to brazil and residence there  
 during the years 1821, 1822, 1823, londres, 1824.
- hakluyt, richard - the principal navigations voyages traffiques &  
 discoveries of the english nation, londres. 1927.
- henriques, dr. francisco da fonseca - soccorro deifico aos clamor#,%  
 da natureza humana [... ] j, amsterdã, 1731.
- "historia profana, pela mithologia, pelas novellas e pela geographial,  
 cit. pelo padre gama, o carapuceiro.  
 idade d'ouro do brazil (bahia), (1811-1823).
- imbert, j. b. a. - ensaio hyggiônico e medico sobre o clima do ria,  
 de janeiro e o regime alimentar de seus habitantes, rio, 1837.  
 - guia medica das mães de familia ou a infancia considerada no  
 sua hygiene, suas molestias e tratamentos, rio, 1843.  
 - manual do fazendeiro ou tratado domestico sobre as enfermidades  
 dos negros, rio, 1839.  
 - uma palavra sobre o charlatanismo e os charlatões, rio, 1837.  
 inventários e testamentos, arquivo do estado de são paulo, 1920-1921.  
 inventários, arquivos do cartório de ipojuca.  
 joão pobre (o) (jornal), recife, 1844-1845.
- joaim, josé marnns da cruz - "discurso inaugural que na a-  
 pública da installação da sociedade de medicina do rio de janeiro  
 recitou [ .... ] rio, 1830.  
 - "discurso sobre as molestias que mais affligern a classe pobre do.  
 rio de janeiro (lido na sessão pública da sociedade de medicina  
 a 30 de junho de 1835) [ .... ] rio, 1835.  
 jornal do comércio, rio, (1827-[ .... ]).



kmder, d. p. e fle~ j. c. - brazil and the brazilian3. bosten,  
1879.

t^ersley, mrs. - letters from the islands of teneriff, brazil, the,  
cape of good hope, and the east indies, londres, 1777.

xoch-gröNbero, theodor - zwei jahre unter den indianern, stuttgart.  
1908-1910.

ko~ henry travels in brazil, londres, 1816.

1911. krause, fritz in den wydnissen brasiliens, leipzig,

486 g. f.

-g. & s. 487

- l& ~, abade de - journal historique  
 du voyage fait au cap de  
 bonne espérance, paris, 1763.
- l'ARBINAI, le gentil de - nouveau voyage autour du monde par  
 m. le gentil enrichi de plusieurs plais, vues & perspectives dei  
 principales villes & ports du p<sup>o</sup>rou, chily, br<sup>o</sup>sil & de ia chine  
 - 0 Amsterd<sup>o</sup>, 1728.
- laet, jo<sup>o</sup> de - historia ou annaes dos feitos da companhia privi-  
 legiada das indias occidentaes desde o seu come<sup>o</sup> at<sup>o</sup> o fim de  
 1636, leide, 1644.
- ~o, bar<sup>o</sup> de - "algumas considera<sup>o</sup>es sobre as causas da  
 mortalidade das crian<sup>o</sup>as no rio de janeiro e molestias mais fre-  
 quentes nos seis ou sete primeiros mezes de idade% artigos publi-  
 cados no jornal da imperial academia, 1847.
- la~io, marqu<sup>o</sup>s do - portaria de 6 de agosto de 1771, cit. por  
 alfredo de carvalho, frases e palavras - problemas hist<sup>o</sup>ricos e  
 etimol<sup>o</sup>gicos, recife, 1906.
- livro de assentos, mss. de fam<sup>o</sup>lia f<sup>o</sup>lix cavalcanti de albuquerque melo  
 (cole<sup>o</sup>o particular de fam<sup>o</sup>lia, recife).
- livro de modinhas, de c<sup>o</sup>CEro brasileiro de melo (ms.) (cole<sup>o</sup>o par-  
 ticular de fam<sup>o</sup>lia, recife).
- livro de modinhas e receitas de bolos de ger<sup>o</sup>NCio dias de arrud<sup>o</sup>  
 falc<sup>o</sup>o (ins.) (cole<sup>o</sup>o particular de fam<sup>o</sup>lia, recife).
- livros de assentos de familia (mss.) da cole<sup>o</sup>o lu<sup>o</sup>s ant<sup>o</sup>Nio pinto,  
 caet<sup>o</sup>, minas gerais.
- l<sup>o</sup>Ry, jean de - histoire d'un voyage fait en ia terre du br<sup>o</sup>sil (nou-  
 velle <sup>o</sup>dition avec une introduction et des notes par paul gaffarel),  
 paris, 1770.
- li<sup>o</sup>es elementares de aritm<sup>o</sup>tica, por "hum brasileiro", rio, iw.
- lindley, thomas - narrative of a voyage to brazil [ .... i with general  
 sketches of the country, its natural productions, colonial inhabi-  
 tants and a description of the city and province of st. salvador and  
 porto seguro, londres, 1825.
- lobo, roberto jorge haddocic - "discurso recitado em presen<sup>o</sup>a de  
 s. m. o imperador na sess<sup>o</sup>o solemne anniversaria da academia  
 imperial de medicina, rio, a 30 de julho de 1847, seguido de  
 reflex<sup>o</sup>es acerca da mortalidade da cidade do rio de janeiro% rio,  
 1847.
- luccock, john - notes on rio de janeiro and the southern parts of  
 brazil, taken during a residence of ten years in that country from  
 1808 to 1818, londres, 1820.
- luna, padre-mestre lino do monte carnielo - "a b<sup>o</sup>n<sup>o</sup>o do engenho  
 ma<sup>o</sup>ua<sup>o</sup>u", recife, 1869.
- macedo j<sup>o</sup>NIOR, jo<sup>o</sup> alvares de azevedo - da prostitui<sup>o</sup>o do rio  
 de janeiro e de sua influ<sup>o</sup>ncia sobre a sa<sup>o</sup>de P<sup>o</sup>blica. tese apre-  
 sentada 0 Faculdade de medicina do rio de janeiro, 1869.
- maia, manuel a. velho da . mota - 0 conde de mota maia, rio,  
 1937.
- mansfield, charles b. - paraguay, brazil and the plate, cambridge,  
 1856.
- mapa topogr<sup>o</sup>fico com a demarca<sup>o</sup>o que se fez no ano de 1779 das  
 terras do engenho da aldeia de serinha<sup>o</sup>m (pemambuco), col. do

autor.  
~condes, moisés - pai e patrono, rio, 1926.

488 .g- f.

martius, c. f. phil, von - beiträge zur ethnographie und sprachenkunde amerika's zumal brasiliens, leipzig, 1767.

martius, von e spix, joh..bapt. von - travels in brazil (trad.), londres, 1824.

mathison, gilbert farquhar - narrative of a visit to brazil, chile, peru, and the sandwich islands during the years 1821 and 1822, londres, 1825.

mawe, john - travels on the interior of brazil, philadelphia, 1816.

melo, felix cavalcanti de albuquerque - "livro de assentos particulares", iniciado em olinda em 1 de março de 1843 (ins.).

mendonça, marcos de - o intendente câmara (1764-1835), rio, 1936.

menezes, dioro de melo - memórias de um cavalcanti, são paulo, 1940.

messina, frei plácido de - ofício ao presidente de pernambuco da boa vista, datado de 26 de novembro de 1842 (ins. no arquivo do instituto arqueológico, histórico e geográfico de pernambuco).

monitor campista (1834-1929; 1931-1 .... 1), campos, estado do rio.  
moreau, pifre - histoire des derniers troubles du brasil entre les hollandois et les portugois, paris, 1651.

morfira, nicolau - "discurso sobre a educação moral da mulher" rio, 1868.

manuscrito de max s-idt no museu barbero, em assunto do paraguai.

ms.

sobre ingles, existente no arquivo

do inst. arq., hist. e geog. pern.

ms.

de memórias da família guimarães

peixoto (1800-1850).

ms.

do diário íntimo de l. l. vauthier

(1840-1846).

ms.

sobre conversões, existente no

arquivo do inst. arq., hist. e geog.

peru.

1% do arquivo histórico colonial de lisboa.

y[ss. do arquivo de família do engenho itapua (paraíba).

niss. do arquivo de família da fazenda forquilha (rio de janeiro).

afis. no arquivo do capitão-mor manuel tomé de jesus, engenho noruega, pernambuco.

mss. na coleção particular de m. de oliveira lima (washington).

neves, antônio josé pereira das - "memoria", anais brasilienses de medicina, jornal da academia imperial de medicina do rio de janeiro, n.o 1, março de 1856.

nieuhof, john - voyages and travels into brazil and the east indies (trad.), londres, 1703.

nobre, padre manuel da - cartas do brasil (1549-1560), rio, 1931.

oliveira, cândido batista de - compêndio de aritmética, rio, 1832.

ordenações filipinas, l. v, tít. iii.

padilha, ~ fernandes - qual o regime das classes nobres do rio de janeiro?, rio, 1852 (tese).

parliamentary papers (londres) especialmente reports from committees,

sugar and coffee, planting, house of commons, session 1847-1848.

pastoral de dom frei josé ralho, de 19 de fevereiro de 1726, inédita  
(ins. - no arquivo da catedral de olinda).

pastoral de dom frei josé ralho, "dada nesta villa de santo anto-  
nio do recife [ .... 1 aos 16 dias do mez de agosto de 1738" (ins.  
no arq. da catedral de olinda).

pequeno almanaque do rio de janeiro, rio de janeiro, 1842.

pereira júnior, josé luciano - algumas considerações sobre to  
regime das classes abastadas do rio de janeiro em seus alimen-

c.-g- & s. 489

- tos e bebidas. tese apresentada à Faculdade de medicina do rio de janeiro, rio; 1850.
- picanço, josé correia - "ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e seus contornos", 1812.
- plimentel, antônio martins de azevedo - quais os melhores \* ramentos que devem ser introduzidos no rio de janeiro, etc. tese apresentada à Faculdade de medicina do rio de janeiro, rio, 1884.
- pinto, e. roque - "notas sobre os tipos antropológicos do brasw, em atas e trabalhos, 1.º cofigresso brasileiro de eugenia, rio, 1929. - rondonia, rio. 1917.
- pisonis, g. - historia naturalis brasiliae, amsteriadami, 1648.
- plantas dos engenhos grajaú de baixo e de cima (pernambuco) e outros, limitados pelas terras que foram de arnau d'olanda. ms. do fim do século xviii, arquivo do engenho dos bois ou noruega, e hoje da col. do autor.
- pombal, marquês de - decreto referente a casamento de portugueses e Índias, cópia da época na seção de mss. do inst. arq., hist. e geog. pern.
- primeira visita do santo ofício às partes do brasil pelo licenciado heitor furtado de mendonça - confissões da bahia - 1591-1592. são paulo, 1927, série eduardo prado, editada por paulo prado, com introdução de capistrano -de abreu.
- primeira visita do santo ofício às partes do brasil, etc. - denúncias da bahia - 1591-1593, são paulo, 1925, série eduardo prado, editada por paulo prado, introdução de capisfrano de abreu.
- primeira visita do santo ofício às partes do brasil, etc. - denúncias de pernambuco - 1593-1595, são paulo, 1929, série eduardo prado, editada por paulo prado, com introdução de rodolfo garcia.
- purser, thomas grigs - "certain notes of the voyage to brazil with the minion of london in the yere 1580", in the principal navigations voyages traffiques & discoveries of the english nation [... ] by richard hakluyt, londres, 1927.
- radiguet, max - souvenirs de iambique espagnole, paris, 1848.
- rebouças, andré - diário e notas autobiográficas, anotado por ana flora e início josé veríssimo, rio, 1940.
- regadas, josé maria rodrigues - regime das classes abastadas no rio, de janeiro em seus alimentos e bebidas. tese apresentada à Faculdade de medicina do rio de janeiro, rio, 185,2.
- rego, josé pereira de - "discurso na sessão anniversaria do corrente anno", anais brasilienses de medicina, jornal da Academia imperial de medicina do rio, de janeiro, n.º 4, tomo y\_xv, setembro de 1873.
- receitas de doce de dona angelina barros andrade lima (ms.)
- registro de sesmarias e datas de terras, 1689-1730, ins. na biblioteca pública do estado de pernambuco.
- relatório de schonenburgh e haecks, "saken van staet en oorlogh in ende outrent de veroenidge nederlanden, regions beginnende met her jaer 1645, nde enyndigende met jaer 1658% graven-haghe,

1669.

registro geral da câmara da cidade de são paulo, de voi. 1 a xxlii  
(publicações da prefeitura do município de são paulo).

aw a. f.

relatórios de cônsules, mss. na biblioteca do estado de pernambuco.

relatórios de cônsules, mss. no arquivo do estado da bahia.

relatorio da commissão de salubridade geral da sociedade de medicina  
do rio de janeiro, sobre as causas de infecção da athmosphera da  
côrte, rio, 1832.

rendu, alp. - Etudes topographiques, médicales et agronomiques sur  
le brésil, paris, 1848.

rennefort, urbain soucffi de - histoire des indes orientales, pa-  
ris, 1688.

reynal, abade - histoire philosophique et politique des etablissements  
& du commerce des europeens dans les deux indes, Genève, 1775.

rodrigues, nina - regime alimentar no norte do brasil, maranhão,  
1881.

roquette, j. l. - código do bom-tom, paris, 1845.

rugendas, maurice - voyage pittoresque dans le brésil, par maurice  
rugendas, traduit de l'allemand par m. de goibery, conseiller de ta  
court royale de colmar, correspondant de l'institut, membre de  
plusieurs sociétés savants, chevalier de la légion d'honneur. publié  
par engelmann et cie., paris et mulhouse, 1835, gr. in-8.

saint-hilare, auguste de - voyages dans l'intérieur du brésil, pa-  
ris, 1852.

-saint marcial - au brésil, paris, s.d.

salvador, frei vicente do - historia do brasil, ed. revista por ca-  
pistrano de abreu, são paulo e rio, 1918.

santa teresa, d. frei luís de - relatório a sua santidade, ms. de  
que se conserva cópia no arquivo da catedral de olinda.

say, horace - histoire des relations commerciales entre la france et  
le brésil, paris, 1839.

scheidt, max - indianerstudien in zentralbrasilien, berlin, 1905.

serpa, joaquim jeronimo - tratado de educação physica-moral dos  
meninos, pernambuco, 1828.

sigaud, j. f. x. - du climat et des maladies du brésil, paris, 1844.

silva, frutuoso pinto da - tese sobre o problema da moralidade e  
da higiene sexual nos internatos, apresentada para ser sustentada em  
novembro de 1869, perante a faculdade de medicina da bahia,  
bahia, 1869.

silva, manuel vieira da (barão de alvaes) - reflexões sobre al-  
guns dos meios propostos por mais conducentes para melhorar o cli-  
ma na cidade do rio de janeiro, 1808.

siqueira, josé de gróis e - breve estudo sobre a prostituição e a si-  
filis no brasil, rio de janeiro, 1877.

smrrh, herbert s. - do rio de janeiro a cuiabá (com um capítulo de  
karl von den steinen sobre a capital de mato grosso), rio, - 1922.

sousa, antônio josé de - do regime das classes pobres e dos escra-  
vos na cidade do rio de janeiro, em seus alimentos e bebidas.

qual a influencia desse regime sobre a saude, tese apresentada  
Faculdade de medicina do rio de janeiro, rio, 1851.  
sousa, francisco antonio dos santos - alimentacao na bahia - suas  
consequencias. tese apresentada Faculdade de medicina da bahia,  
bahia, 1910.  
sousa, gabriel soares de - tratado descritivo do brasil em 1587, ed.  
de varnhagen, rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo xiv.  
rio, 1851.

c.-g. & s. 491



- sousa, tomé de - regimentos, tris. na biblioteca do estado de pernambuco.
- steinen, karl von den - unter den naturvölkern zentral-brasiliens, berlin, 1894.
- "synopsis de sismarias registradas nos livros existentes no archivo da tesouraria da fazenda da bahia". publicações do arquivo nacional, xxvii, prefaciado por alcides bezerra.
- taunay, c. a. - manual do agricultor brasileiro, rio, 1839.
- testamento do capitão-mor manuel tomé de jesus, ms. no arquivo do engenho noruega, pernambuco.
- testamentos, niss. no arquivo do cartório de ipojuca.
- "thesouro descoberto no maximo rio amazonas", principio da 2.a parte, que trata dos indios do amazonas, sua fé, vida, costumes, etc. - copiado de um ins. da biblioteca pública do rio de janeiro, em rev. inst. hist. e geog. bras. vol. ii, n.º 7, rio, 1858.
- thévet, frei andré - les singularitez de ia france antarctique autrement nommée amerique f .... 1), paris, 1878.
- tollenare - notas dominicais tomadas durante uma viagem em portugal e no brasil, em 1816, 1817 e 1818. parte relativa a pernambuco traduzida do ins. francês inédito por alfredo de carvalho, em rev. do inst. arq. hist. e geogr. pern., vol. xi, n.º 61.
- vasconcelos, padre simão de - crônica da companhia de jesus do estado do brasil, etc. introdução do cónego fernandes pinheiro, 2.ª ed., rio, 1864.
- vida do veneravel padre ioseph de anchieta da companhia de iesu, taumaturgo do novo mundo na provincia do brasil [ .... 1, lisboa, 1672.
- vauthier, l. l. - "des maisons d'habitation au brasil", revue générale de l'architecture et des travaux publics, xi, paris, 1853.
- veloso, frei josé mariano - extrato sobre os engenhos de assucar e sobre o methodo já então praticado da fartura deste sal essencial, tirado da obra riqueza e opulencia do brasil, para se combinar com os novos methodos que agora se propõem debaixo dos auspícios de s. alteza real o príncipe regente nosso senhor, lisboa, 1800.
- "viagem a portugal dos cavaleiros trom e lippoman" (1580), trad. de alexandre herculano, opúsculos, lisboa, 1897.
- viana, azevedo césar de sampaio - qual a causa da frequência das ascites na bahia? tese apresentada à Faculdade de medicina da bahia, bahia, 1850.
- vilhena, luís dos santos - recompilação de notícias soteropolitanas e brasilicas (ano de 1802), bahia, 1921.
- voyage du marseille a lima et dans les autres indes occidentales, paris, 1720.
- wallace, alfred r. - a narrative of travels on the amazons and rio negro, londres, 1852.
- walsh, r. - notices of brazil, londres, 1830.
- wernecke, f. p. l. - memoria sobre a fundação de uma fazenda, rio, 1860.
- white, john - journal of a voyage to new south wales, londres, 1790.

zavala, s0lvio e castelo, maria - fuentes para ia historia del trabajo en nueva espafia, m0xico, 1939-1941.

4q2 g. f.

ii. material subsidi0rio: livros

abreu, j. capistrano de - cap0tulos de hist0ria colonial, rio, 1928.

- 0 descobrimento do brasil, rio de janeiro, 1922.

adams, f. v. the conquest of the tropics, nova lorque, 1914.

ainsworth, l. the confessions of a planter in malaya, londres, 1933.

alencar, jos0 de - m0e, rio, 1862.

- luc0la, rio, s.d.

- senhora, rio, s.d.

- 0 dem0nio familiar, rio, s.d.

- 0 tronco do ip0, rio, 1871.

- sonhos d'oiro, rio, s.d.

- pata da gazela, rio, s.d.

almeida, jos0 am0rico de - a bagaceira, paraiba, 1928.

- a para0ba e seus problemas, para0ba, 1923.

almeida, manuel ant0nio de - mem0rias de um sargento de mil0cias, rio de janeiro, 1863.

almeida, pires de - l'instruction publique ou br0sil, rio de janeiro, 1889.

almeida, renato - hist0ria da m0sica brasileira, 2.a ed., rio, 1942.

almeida, tito franco de - 0 brasil e a inglaterra ou o tr0fico doi africanos, rio, 1865.

altamira, rafael - filosofia de ia historia y teoria de ia civilizaci0n, madri, 1915.

,amaral, azevedo - ensaios brasileiros, rio de janeiro, 1930.

amaral, f. p. do - escava00es, fatos da hist0ria de pernambuco, recife, 1884.

amaral, luis - hist0ria geral da agricultura brasileira, s0o paulo, 1939.

amado, gilberto - gr0o de areia, rio, 1919.

andrade---almir de forma00o da sociologia brasileira, rio, 1941.

andrade, m0rio decomp0ndio de hist0ria da m0sica, s0o paulo, 1929.

- ensaio sobre m0sica brasileira, s0o paulo, 1928.

"annual production of animals for food and per capita consumption of meat in the united states", u. s. department of agriculture (1905), apud rui coutinho, 0 valor social da alimenta00o.

anu0rio estat0stico de pernambuco, recife, 1929-1930.

apert - la croyssance, apud sorokin, social mobility.

aquin0s, thomas - summa theologica.

arag0o, egas moniz de - contribution 0 l'0tude dela syphilis au br0sil, apud oscar da silva ara0jo, alguns coment0rios sobre a s0filis no rio de janeiro.

araripe j0nior - greg0rio de matq~, rio de janeiro, 1894.

aratijo, oscar da silva - alguns coment0rios sobre a s0filis no rio

de janeiro, rio de janeiro, 1928.  
- l'organisation de la lutte antivenérienne au Brésil, paris, 1928.  
- subsídios ao estudo da framboesia típica, rio de janeiro, 1928.  
arinos, afonso - lendas e tradições brasileiras, são paulo, 1917.  
armitage, f. p. - diet and race, londres, 1922.  
arroio, antônio - "O povo português" em notas sobre portugal,  
lisboa, 1908.

c.-g- & s. 493

- assis, machado de - memórias póstumas de brás cubas, rio, 1881.  
 - helena, rio, 1929.  
 - iaiô Garcia, rio, s.d.  
 - dom casmurro, rio, s.d.  
 - casa velha, são paulo, 1944.  
 ataóde, trisório de - estudos, l.' série, rio, 1927.
- ÓVila, bastos de - "o negro em nosso meio escolar% novos estudos afro-brasileiros, rio, 1936.
- ayala, f. - tratado de sociologia: i - historia de ia sociologia, buenos aires, 1947.
- azevedo, fernando de - canaviais e engenhos na vida política do brasil, rio, 1948.
- azeveio, joão lúcio de - "algumas notas relativas a pontos de história social", em miscelânea de estudos em homenagem de dona carolina michaélis de vasconcelos, coimbra, 1930.  
 épocas de portugal económico, lisboa, 1929.  
 história dos cristãos-novos portugueses, lisboa, 1922.  
 "organização económica", em história de portugal, edição monumental, vol. iii, barcelos, 1931.  
 os jesuítas no grão-pará, suas missões e a colonização, 2.' ed., coimbra, 1930.
- azfvedo, pedro de - "os primeiros donatários% em história da colonização do brasil, lisboa.
- azevedo, tales de - gaúchos - notas de antropologia social, bahia, 1943.  
 baker, john - sex in man and animals, londres, 1926.  
 baker, paul je. - negro-white adjustment, nova lorque, 1934.
- baker, ray stannard - following the color line: an account of negro citizenship in the american democracy, nova lorque, 1908.
- ballagne, j. c. - a history of slavery in virginia, balt., 1902.
- bandeira, j. c. sousa - evocações e outros escritos, rio, 1920.
- batista, v. - vitaminas e avitaminoses, são paulo, 1934.
- barata, cónego josé do carmo - história eclesiástica de pernambuco, recife, 1922.
- barnes, h. e. e me~ c. e. - history of political theories, nova iorque, 1924.
- barros, gama - história da administração pública moderna em portugal nos séculos xv e xvi, lisboa, 1896.
- barros, j. j. soares de - "memórias sobre as causas da diferente população de portugal em diferentes tempos da monarquia portuguesa", em memórias económicas da academia real das ciências, 2.8 ed., lisboa, 1885.  
 barros, paulo de morais - impressões do nordeste, são paulo, 1923.  
 barroso, gustavo - terra de sol, rio de janeiro, 1913.
- basset, john spencer - the southern plantation overseer, northampton, 1925.  
 bastide, roger - a psicologia do cafunô, curitiba-são paulo-rio, 1941.
- baur, erwin, fiscller, eugen e lentz, fritz - human heredity (trad. com acréscimos pelos autores), londres, 1931.
- bean, robert bennett - the races of man, nova lorque, 1932.
- becker, jeronimo - la política espafiola en las indias, madri, 1920.

bedsford, jay barrett - english society in eighteenth century as influenced from oversea, nova iorque, 1924.

494 g. f.

- bell, aubrey f. g. - portugal of the portuguese, londres, 1915.
- belo, jULIO - uma comedia, ediçao particular da revista do norte, de jose maria carneiro de albuquerque e melo, recife.
- benedict, ruth - patterns of culture, boston, 1934.
- race: science and politics, nova lorque, 1940.
- bRinger, Omile - estudos sobre o clima e a mortalidade da capital de pernambuco (trad. manuel duarte pereira), pernambuco, 1891.
- bernard, john - retrospection of america (1797-1811), nova iorque, 1887.
- bevilQua, clOvis - "instituiçoes e costumes juridicos dos indigenas brasileiros no tempo da conquista" apud martins jONIOR, historia do direito nacional, rio, 1895.
- boas, franz - anthropology and modern life, londres, 1929.
- changes in bodily form of descendants of immigrants, senate documents, washington, 1910-1911.
- the mind of primitive man, nova lorque, 1911.
- bogart, ernst ludlow - the economic study of the united states, nova iorque, 1913.
- boldrint, m. - biometrica, problemi della vita, della specie e degli individui, pfidu4, 1928.
- boletim geografico, rio, n.º 17, agosto de 1944.
- bonfim, manuel - america latina, 1903.
- o brasil na america- rio de janeiro, 1929.
- o brasil na historia, rio de janeiro, 1931.
- bond, horace mann - education of the negro in the american social order, nova iorque, 1934.
- bonifacio, josi - representaviffo b assembleia geral constituinte, ern alberto de sousa, os andradas, sao paulo, 1922.
- borges, durval rosa - estudos sobre sifilis com especial aeferencia a classe media paulistana, rio. 1941.
- boule - les hommes fossiles, apud mendes correia, 03 povos primitivos da lusitdnia, porto, 1924.
- bowman, isaiah - the pioneer fringe, nova lorque, 1931.
- braga, te6filo - o povo portugues, lisboa, 1885.
- branda6, alfredo - "a vida no engenho", vivosa de alagoas, recife, 1914.
- brandO, ulisses - a confederaçao do equador, pernambuco, 1924.
- brandO, jONIOR, f. a. - a escravatura no brasil. precedida de um artigo sobre agricultura e colonizaçao no maranhao, bruxelas, 1865.
- brannen, c. 0. - relation of land tenure to plantation organization with developments since 1920, fayet , teville, 1928.
- briffault, robert - the mothers, a study of the origins of. sentiments and institutions, londres, 1927.
- brorro, lemos - pontos de partida para a historia economica do brasil, sao paulo, 1939.

brown, francis j. - "the contribution of the immigrant", em our  
racial and national minorities (organizado por francis j. brown e  
joseph slabey roucek), nova iorque, 1937.  
brown, isaac - 0 normotipo brasileiro, rio, 1934.  
brown, w. langdon - the endocrines in general medicine, lon-  
dres, 1927.

c.-m. & s. 49.11

- broce, p. a. - economic history of virginia in the seventeenth century, nova lorque, 1895.
- brunhes, jean la geographie humaine, paris, 1912.
- blyden, henri la mentalite primitive, paris, 1922.
- bryce, james the relations of the advanced and backward races of mankind, oxford, 1902.
- south america - observations and impressions, londres, 1911.
- buckle - bosquejo de una historia del intelecto espanol (trad.) madrid, s.d.
- buret, f. - la syphilis aujourd'hui et chez les anciens, paris, 1890.
- calhoun, arthur w. - a social history of the american family from colonial times to the present, cleveland, 1918.
- calmon, pedro --- historia da civilizacao brasileira, rio, 1933.
- calogeras, joao pandi - formacao historica do brasil, rio de janeiro, 1930.
- os jesuitas e o ensino, rio, 1911.
- camargo junior, j. m. de - "a inglaterra e o trafico", em novos estudos alrobrasileiros, rio, 1937.
- campos, joao da silva - tempo antigo, bahia, 1942.
- cannon, walter b. - bodily changes in pain, hunger, fear and rage, nova iorque, londres, 1929.
- capitan, l. e lorin, henri - le travail en amerique avant et apres colomb, paris, 1930.
- carbia, romulo d. ~ historia de la leyenda negra hispano-americana, buenos aires, s.d.
- cardoso, fonseca - "antropologia portuguesa% em, notas sobre portugal, lisboa, 1908.
- carneiro, edison - religioes negras, rio, 1936.
- carvalho, alfredo de - frases e palavras - problemas historicos e etimologicos, recife, 1906.
- casas, bartolomeu de las - apologica historia de las indias, madrid, 1909.
- castellani, aldo - climate and acclimatization, londres, s.d.
- castro, josue de - "o problema fisiologico da alimentacao brasileira", recife, 1933.
- a alimentacao brasileira Luz da geografia humana, sao paulo, 1937.
- cerejeira, m. goncalves - o humanismo em portugal - clenardo, coimbra, 1926.
- ctu, soror violante do - parnaso de divinos e humanos versos, lisboa, 1733, apud leite de vasconcelos, ensaios etnograficos, lisboa, 1910.
- chamberlain, alexander francis - the child and childhood in folk-thought, nova lorque, 1896.
- the child, 3.a ed., londres, 1926.
- chamberlain, houston stewart - the foundations of the nineteenth century, londres, 1911.
- chaves, luiz - o amor portugues - "o namoro, o casamento, a fainofia% lisboa, 1922.
- legendas de portugal, porto, 1924.
- paginas folcloricas, lisboa, 1929.

child, c. n. - physiological foundations of behavior nova i  
que, 1925.  
cintra, assis - as amantes do imperador, rio de janeiro, 1933.

i or-

496 g. f.

i

i

clark, oscar - sífilis no brasil e suas manifestaões viscerais, rio de  
janeiro, 1918.  
cook, 0. f. - milpa agriculture, a primitive tropical system  
(smithsonian report for 1919), washington, 1921.  
cornilici, j. j. j. - recherches chronologiques et historiques sur l'or-  
gine et ia propagation de ta fièvre jaune atix antilles, s.d.  
correia, c. cunha - serra da saudade, belo horizonte, 1948.  
correia, mendes - a nova antropologia criminal, porto. 1931.  
- os criminosos portugueses, lisboa, 1914.  
- os povos primitivos da lusitonia, porto, 1924.  
- raça e nacionalidade, porto, 1919.  
correia, alberto c. germano da silva - "les lusos descendants de-  
i'inde- portugaise", goa, 1928.  
-"os lusos descendentes de angola - contribuião para o seu es-  
tudo antropológico% memória, 3.0 congresso colonial nacional,  
1930.  
correia, francisco antônio - história econômica de portugal, lisboa,  
1929.  
correia, j, alves - a dilataão da fé no império português, lis-  
boa, 1936.  
cortesão, jaime - "a cartografia do açúcar e o seu significado his-  
tórico", brasil açucareiro, vol. xxv, ii.o 1, janeiro. 1945.  
"tradião", em cartas 0 Mocidade, lisboa, 1940.  
costa, pereira da - origens históricas modernas da indústria açuca-  
reira de pernambuco, recife, 1905.  
coutinho, rui - valor social da alimentaão, são paulo, 1935.  
cauty, louis - l'esclavage au brasil, paris, 1881.  
cowan, andrew reid - master clues in world history, londres, 1914..  
crawley, ernest - studies of savages and sex ed. by theodore bester-  
man, nova iorque, 1927.  
- the mystic rose, ed. by besterman, nova iorque, 1927.  
cruls, gastão - a amazônia que eu vi, rio, 1930.  
hília amazônica, rio, 1944.  
aparência do rio de janeiro, rio, 1949.  
culture in the south (organizado por william t. couch), chapel hill,  
1935.  
cunha, euclides da - os sertões, rio, 1902.  
- "amazonia", 0 margem da história, porto, 1909.  
cunha, mário wagner vieira da - descrião da festa de bom jesus



- ae pirapora, são paulo, 1937.
- cunningham, j. p. - modern biology, a review of the principal phenomena of animal life in relation to modern concepts and theories, londres, 1928.
- dalgado, d. g. - lord byron's childe harold's pilgrimage to portugal, lisboa, 1919.
- the climatl- of portugal, lisboa, 1914.
- damasceno, atos - imagens sentimentais da cidade, porto alegre, 1940.
- dantas, j. LIO - figuras de ontem e de hoje, lisboa, 1914.
- das, rajani kanta plantation labour in india, calcuta, 1931.
- davenport, c. b. heredity in relation to eugenics, nova lorque, 1911.
- davenport, c. b. e steggerda, morris - race crossing in jamaica, washington, 1919.

- derrant, nicolas j. - a u brasil. linfluence ar , abe dans la formation historique, la litterature et la civilisation du peuple br6silien, le caire, 1911.
- delafage-13rehier - les portugais dam&ique (souvenirs, historiques de la guerre du br6sil en 1635), paris, 1847.
- delpeche, adrien - roman br6ilien, paris, 1904.
- dendy, arthur - the biological foundation of society, londres, 1924.
- deodato, alberto - senzalas, rio, 1919.
- detlefsen, j. a. - our present knowledge of heredity, filad6fia, 1925.
- dexter, edwin grant - weather influences, nova lorque, 1904.
- dias, carlos malheiro5~ - hist6ria da coloniza66o portuguesa do brasil, introdu66o, lisboa, 1924.
- "6 regime feudal6 dos deinat6rios anteriormente 6 Institui66o do governo-geral", hist6ria da coloniza66o portuguesa do brasil, iii.
- dias, gon6Alves - 6 brasil e a oce6nia, s6o lu6s, 1869.
- djegues xmor, m. - 6 bangiig nas alagoas, rio, 1949.
- "discurso sobre as cousas da india e da mina", lisboa, 1573.
- dood, w. e. - the cotton kingdom, new haven, 1916.
- dornas filho, jo6o - influ6ncia social do negro brasileiro, curitiba,, 1943.
- doyle, bertran w. - the etiquette of race relations in the south: a study in social control, chicago, 1937.
- dreys, nicolau - noticia descritiva da prqvincia do rio grande de sdo pedro do sul, rio de janeiro, 1839.
- dubois, w. e. b. - the negro, nova lorque, 1915.
- east e jones - inbreeding and outbreeding apud prrr-rivers, the clash of cultures and the contact of races, londres, 1927.
- eckardt, carl conrad - the papacy and world affairs as reflected in the secularization of politics, chicago, 1937.
- edmundo, luis - 6 rio de janeiro no tempo dos vice-reis, rio, 193~.
- edwards, miss betham - home life in france, londres, 1913.
- ehrenreich, paul - beitr6ge zur volkerkunde brasiliens, berlin, 1891.
- ellis, ellen deborah - an introduction to the history of sugar as a commodity, filad6lfia, 1905.
- ellis, havelock - studies in the psychology of sex, filad6lfial 1908.
- ellis j6NIOR, alfredo - ra6a de gigantes, s6o paulo, 1926.
- "amador bueno e a evolu66o da psicologia planaltina% hist6ria da civiliza66o brasileira, n.6 4, boletim lxii da faculdade de filosofia, ci6ncias e letras da universidade de s6o paulo.
- 6 ouro e a paulist6nia, s6o paulo, 1948.
- engelhardt, frei zephyrin - the missions and missionaries of california, 1929.
- engr6cia, padre j6lio - rela66o cronol6gica do santu6rio e irmandade do senhor bom jesus de congonghas no estado de minas gerais, s6o paulo, 1908.
- &in, paul-antoine - larchitecture portugaise au maroc et le style manuelin, lisboa, 1942.
- faithful, theodore - bisexuality, londres, 1927.
- fanfani, amintore - caltolecismo e protestantismo nella formazione storica del capitalismo, mil6o, 1934.
- faria, manuel de severim de - not6cias de portugal, lisboa, 1655.

faure, emile                                    trois gouttes de sang, paris, 1929.  
faux, william                                  memorable days in america, londres,  
1923.

499 q. f.

- fehlinger, h. - sexual life of primitive people, londres,  
feldman, herman - racial factors in american history, n  
que, 1931.  
ferenzi, imize - international migrations, nova lorque, 1929-3  
fernandes, gonçAlves - xangôs do nordeste, rio, 1937.  
ferraz, Olvaro e lima júnior, andrade - a morfologia do  
do nordeste, rio, 1939.  
fioueiro, fidelino de - crôtica do exílio, lisboa, 1930.  
fischer, eugen - rasse und rassenentstehung beim menschen  
1927.  
die rebother bastards und das bastardierungsproblem beim &  
jena, 1913.  
fl-e. e outros - anthropologie, leipzig und berlin,  
f-ers, ralph b. - plantation stavery in georgia, chapel h  
fleming, e. k. le e outros - report of committee on nutri  
to the british medical journal, 1923, vol. r.  
fleury - hist. eccies., apud bu~, bosquejo de una his  
intelecto fspafiol (trad.), madri, s.d.  
fonseca, josé vitoriano borges da - nobiliarquia pern  
(1776-1777), rio, 1935.  
fonseca, l. anselmo da - a escravidão, o clero e o aboli  
bahia, 1887.  
fonseca, padre manuel - vida do padre belchior de pontes,  
1752.  
forman, henry c. - early manor houses of maryland,  
md., 1934.  
franco, afonso arinos de melo - desenvolvimento da c,  
material do brasil, rio, 1944.  
- sêntese da história econômica do brasil, rio, 1938.  
frazier, e. franklin - the free negro family, nashville, i  
freeman, e. a. - historical geography of europe, londres,  
freer, arthur s. b. - the early franciscans and jesuits,  
1922.  
freitas, joão alfredo de - "algumas palavras sobre o f  
religioso e poltico entre nós% pernambuco, 1883.  
- "lendas e superstições do norte do brasil% recife, 1884.  
f-iteitas, josé antônio de - o lirismo brasileiro, lisboa, 187  
freud, s. - psychologie collective et analyse du moi (trad.)  
1924.  
freyre, gilberto - "a agricultura da cana e a indústria do  
em livro do nordeste, recife, 1925.  
- açúcar, rio, 1939.  
- introdução a memórias de um cavalcanti, são paulo, 194  
- sobrados e mucambos, são paulo, 1936.  
- social life in brazil in the middle of the 19th century (t  
sentada em 1923 @ Faculdade de ciências políticas e - so

- universidade de colúmbia, eua).
- "vida social no nordeste" em livro do nordeste (comemoração do aniversário do diário de pernambuco, recife, 1925).
    - uma cultura ameaçada: a luso-brasileira, recife, 1940.
  - continente e ilha (conferência lida em porto alegre em rio, 1943).
    - nordeste, rio, 1937.
    - problemas brasileiros de antropologia, rio, 1943.

c.-g. & s. 499

- sociologia, rio, 1945.
- o mundo que o português criou, rio, 1940.
- brazil: an interpretation, nova lorque, 1945.
- prefácio a o negro na bahia, de luís viana filho, rio, 1945.
- prefácio e notas a diário íntimo do engenheiro vauthier, publicação n.º 4 do serviço do património histórico e artístico nacional, ministério da educação e saúde, rio, 1940.
- introdução e notas e tradução de "des maisons d'habitation au brésil" (revue générale de l'architecture et des travaux publics, xi, paris, 1853), de l. l. vauthier, na revista do serviço do património histórico e artístico nacional, vii, rio, 1943.
- ingleses no brasil - aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do brasil, rio, 1948.
- friederici, georg - die europaeische eroberung nach kolonisation amerikas, 1.º vol. 1930, 2.º e 3.º vols., 1937, stuttgart.
- frobenius, leo - und afrika sprach, "unter den unstriiflichen aethiopen", charlottenburg, 1913.
- ursprung der afrikanischen kulturen, apud melville j. herskovits, "a preliminary consideration of the culture areas of africa", em american anthropologist, vol. xxvi. 1924.
- atlas africanus, munique, 1922.
- gaffarel, paul - histoire du brésil franvais au sizi-me siècle, paris, 1878.
- gaines, francis p. - the southern plantation, nova iorque, 1924.
- galton, francis - heredity genius, londres, 1871.
- gama, fernandes memórias históricas de pernambuco, recife, 1844.
- ganivet, angel idearium espafiol, madri, s.d.
- garcía, j. uriel - el nuevo indio, cuzco, 1937.
- garcía, luís pericot y - "el hombre americano - los pueblos de américa", américa indígena, tomo 1, barcelona, 1936.
- gaston martin - nantes au xviii, e siècle: veres des nigriers (1714-1744) d'après des documents inédits, paris, 1931.
- gener, pompeyo - herejias, barcelona, 1888.
- gillespie, james e. - the influence of oversea expansion on england to 1700, nova lorque, 1920.
- ginsberg, morris - "national character", reason and unreason in society, londres, 1948.
- gomes, luís sousa - a evolução económica do brasil e seus principais fatores, rio, 1941
- gomes, azevedo, e outros - "a situação económica da agricultura portuguesa" (revista do centro de estudos económicos do instituto nacional de estatística, n.º 1, lisboa).
- goodwin, philip l. - brazil builds - architecture new and old, 1652-1942, nova lorque, 1943.
- grant, madison - the passing of the great race, nova iorque, 1916.
- gray, l. c. - history of agriculture in southern united states to 1860, washington, 1933.
- gregory, j. w. - the menace of colour, filadélfia, 1925.
- guerra, ramiro - azucar y población en las antillas, havana, 1930.
- guentifer, konrad - das antlitz brasiliens, leipzig, 1927.
- guevara, francisco maldonado - el primer contacto de blancos y

gentes de color en america, valladolid, 1924.  
gcinther, h. f. k. - rassenkunde des deutschen volkes, ll.' ed.,  
munique, 1927.

500 g. f.

i

i

- guimaraes, francisco pinheiro - historia de uma moça rica, rio,  
1861.  
- punição, rio, s.d.
- haddon, a. c. - the races of man and their distribution, cambridge,  
1929.  
haddon, a. c. e huxley, julian - we europeans, nova iorque, 1936.
- hall, j. s. - "a study of fears", apud alexander francis chamberlain,  
the child, a study in the evolution of man, 3.1 ed., londres,  
1926.
- hambly, wilfrid dyson - origins of education among primitive peoples,  
londres, 1926.  
- source-book for african arthropology, chicago, 1937.
- handelmann, h. - historia do brasil (trad.), rio, 1931.
- hanke, lewis - gilberto freyre - vida y obra - bibliografia, antologia,  
nova iorque, 1939.
- the first social experiments in america - a study in the development  
of spanish indian policy in the sixteenth century, cambridge,  
1935.  
- cuerpo de documentos del siglo xvi, mexico, 1943.
- hankins, f. h. - the racial basis of civilization, nova iorque, 1931.  
"race as a factor in political theory", na obra publicada por c. f.  
merriam e h. e. barnes. history of political theories, nova iorque,  
1924.
- hann, julius - handbuch der klimatologie, stuttgart, 1897.
- harmand, jules - domination et colonisation, paris, 1910.
- harw, a. l. - the negro as capitalist, filadelfia, 1936.
- harris, a. l. e spero, s. d. - the black worker, nova iorque, 1931.
- hartland, edwin sidney - the science of fairy tales, 2.' ed., londres,  
1925.
- hayes, ricardo saenz - introducao a casa-grande & senzala, ed. espanhola,  
buenos aires, 1942.
- hearn, lafcadio - two years in the french west indies, nova iorque e  
londres, 1923.
- helps, arthur - the spanish conquest in america and its relation to the  
history of slavery and the government of colonies, londres,  
1900-1905.
- henderson, james - a history of the brazil, londres, 1821.
- herculano, alexandre - "controversias% em opusculos, lisboa, 1887.
- historia da origem e estabelecimento da inquisição em portugal,  
lisboa, 1879.  
- historia de portugal, lisboa, 1853.

- introduçio a 0 bobo (tpoca de dona teresa, 1128), optisculos, lisboa. . 1897.
- hernandez, pablo - organizaci6n social de las doetrinas guaranies de la compafiia de jestis, barcelona, 1913.
- herricx, a. j. - neurological foundations of animal behavior, nova lorque, 1924.
- herskovrrs, melville j. - acculturation, nova lorque, 1938.
- dahomey: an ancient west african kingdom, nova iorque, 1938.
- the myth of the negro past, nova lorque, londres, 1941.
- the american negro: a study in racial grossing, nova lorque, 1928.
- hertwig, oskar - das venden der organisme, 1916, apud erik nordensk16ld, \*the history of biology.

c.-g. & s. 501

hertz, f. - rasse und kultur (traduzido em'ingl& por a. s. lovetu9 e w. entz sob o titulo race and civilization, londres, 1928).

hess, a. f. - rickets, including osteomalacia and tetany, henry kimpton, londres, 1930.

- histoire gmirale des pirates, cit. por oscar clark, sifilis no brasit e 'suas manifestagdes viscerais.

hinman, george w. - the american indian and christian missions, nova lorque, 1933.

hirschfeld, m. -- racism (trad.), londres, 1938.

hobey, c. w. - bantu beliefs and magic (intr. de j. c. frazer), londres, 1922.

hobhouse, l. t., wheeler, g. c. e ginsberg, m. - the materiat culture and social institutions of the simpler peoples, londres, 1915.

hoehne, f. c. - bottinica e agricultura no brasil no s46culo xvi, sao paulo, 1937.

holanda, s9rgio buarque de - mon06es, rio, 1945.

- cobra de vidro, sio paulo, 1944.

holanda, sljrgio buadrque dis e sousa, ocrkvio tarqtifmo de - hist6ria do brasil, rio, 1945.

holmes, s. j. - the trend of the race, nova lorque, 1923.

- the negro's struggle for survival, berkeley, 1937.

holmes jr., urban tigner - "portugueses americans", em our racial and national minorities (organizado por francis j. brown e jpseph slabey roucek), nova lorque, 1937.

hooton, e. a. - up from the ape, nova iorque, 1931,

- twilight of man, nova lorque, 1939.

hrdlicka, ales - the old americans, baltimore, 1925.

huntington, e. - civilization and climate, new haven, 1915.

hundley, d. r. - ante-bellum north carolina , chapel hill, 1937.

huxley, julian e haddon, a. c. - we europeans, nova lorque, 1936.

ireland, alleyne - tropical colonization, an introduction to the study of the subject, nova. lorque-londres, 1899.

janson - the stranger in america, cit. por calhoun, a social history of the american family.

johnson, charles s. - the negro in american civilization, nova ior~ que, 1930.

- shadow of the plantation, chicago, 1934.

johnson, charles s., reid, ira de a. e preston, valien - the urban negro worker in the united states, 1925-1936, washington, 1938.

johnson, james w. - autobiography of an ex-colored man, nova lorque, 1937.

johnson, john - old maryland manors, baltimore, 1883.

johnston, sir harry h. - the negro in the new world, londres, 1910.

jenks, leland h. - our cuban colony: a study in sugar, nova iorque, 1929.

jennings, h. s. - prometheus, nova lorque, 1925.

josa, gry - les industries de sucre et du rhum a la martinique, paris, 1931.

kammerer, p. - the inheritance of acquired characteristics, nova iorque, 1924.

karsten, rafael - the civilization of the south american indians,



with special reference to magic and religion, nova lorque, 1926.  
keith, a. - ethnos, londres, 1931.

502 g- f-

i

i

i

- keller, albert galloway .- colonization. - study of the founding of new societies, boston-nova lorque, 1908.
- keller, c. - madagascar, mauritius and other east african islands, londres, 1901.
- kelsey, carl - the physical basis of society, nova lorque-londres, 1928.
- kennedy, louise venable e ross, frank a. - a bibliography of negro migration, nova lorque, 1931.
- kidd, benjamin - the control of the tropics, londres, 1898.
- klineberg, otto - race differences\*, nova lorque, 1935.
- kordon, bernardo - candombe, contribuci6n al estudio de la raza negra en el rio de la plata, buenos aires, 1938.
- laborie, p. t. - the coffee planter of saint domingo, londres, 1788.
- lacfrda, carlos - pref0cio 0 traduci6o de ' do escambo 0 Escravido, de alexander marchant, sao paulo, 1944.
- lakhovsky, georges - la civilisation et la folie raciste, paris, 1939.
- lamego, alberto - a terra goitacd, rio, 1913-1925
- l-go, alberto ribeiro - 0 homem e o brejo, publica0o n.o 1 da s0rie a, "livros", biblioteca geografica brasileira, instituto brasileiro de geografia e estat0stica, rio, 1925.
- 0 homem e a guanabara, rio, 1948.
- l-go filho, alberto - a plan0cie do solar e da senzala, rio, 1934.
- landman, g. - the origin of the inequality of the social classes, londres, 1938.
- lannoy, charles de - histoire de i'expansion des peuples europ,6ens, bruxelas, 1938.
- laval, fran9ols pyrard de - voyage contenant sa navigation aux indes orientales, maldives, molugues et au bri-sil, etc., 1679.
- lavollae, charles - voyage en chine, paris, 1852.
- leakes, l. martin - land tenure and agricultural production in the tropics, cambridge, 1927.
- lexo, a. carneuto - "oliveira lima", recife, 1913.
- le0o, duarte nunes de - descri0o geral do reino de portugal, .1610.
- leite, padre serafim - hist0ria da companhia de jesus no brasil, lisboa, 1938.
- lerre filho, solid6nio - os judeus no brasil, rio, 1923.
- levendre, m. - portrait de i'espagne, paris, 1923.
- leroy-beaulieu, paul - de la colonisation chez les peuples modernes, paris, 1891.
- levene, ricardo - introducci6n a la historia del derecho indiano,

buenos aires, 1924.  
lewinson, paul - race, class and party, nova lorque, 1932.  
lewis, e. w. - the mobility of the negro, nova lorque, 1932.  
lewis, m. s. - journal of a west india proprietor, londres, 1929.  
lima, oliveira - "a nova lusitonia", em historia da colonizacao portu-  
guesa do brasil, porto, 1924.  
- aspectos da literatura colonial brasileira, leipzig, 1895.  
lind, andrew w. - an island community, ecological sucession in ha-  
waii, chicago, 1938.  
lippmann, edmund von - historia do avticar, trad. de rodolfo cou-  
trinho, rio, 1941.  
lisboa, joao francisco - jornal. de timon (ed. de lufs carlos pe-  
reira e castro e dr. a. henriques leal), sdo luis do maranhio,  
1864.

c.-.a. & s. 50.1

- lodo, costa - a história da sociedade em portugal no século xv, lisboa, 1904.
- lois genitales, de jacobus x - paris, 1906.
- lopes, cunha e peres, heitor - da esquizofrenia - formas clínicas - ensaio de revisão da casuística nacional, rio, 1931.
- lopes, renato sousa - regime alimentar nos climas tropicais, rio, 1909 (tese).
- lorin, henri e capitán, l. - le travail en amérique avant et après colomb, paris, 1930.
- louro, estanco - o livro de alportel - monografia de uma freguesia rural, lisboa, 1929.
- lowie, robert h. are we civilized?, londres, s.d.
- lycel, sir charles travels in the united states, londres, 1845.
- lyle, saxon - old lousiana, nova iorque, 1929.
- macedo, ferraz de - bosquejos de antropologia criminal, lisboa, 1900.
- macedo, joaquim manuel de - as vítimas algozes, rio, 1869.
- o moço loiro, rio, 1876.
- as mulheres de mantilha, rio, 1870.
- a moreninha, rio, 1929.
- macedo, ribeiro de - sobre a introdução das artes, 1675, apud antônio sorégio, antologia dos economistas portugueses, lisboa, 1924.
- macedo, sorégio d. t. de - no tempo das senhorzinhas, rio, -1944.
- machado, alcântara - vida e morte de bandeirante, são paulo, 1930.
- maciver, r. m. - community, nova iorque, 1928.
- mac lead, william c. - the american indian frontier. nova iorque-londres, 1928.
- machado, brasílio - trabalho em terceiro centenario do veneravel joseph de anchieta, paris-lisboa, 1900.
- machado filho, ames da mata - o negro e o garimpo em minas gerais, rio, 1944.
- madureira (s. l), j. m. de - a liberdade dos índios e a companhia de jesus, sua pedagogia e seus resultados, rio, 1927, tomo especial do congresso internacional de história da américa, vol. iv.
- maestri, r. - el latifundismo en ia economía cubana, havana, 1929.
- magalhães, basílio de - o folclore no brasil, rio, 1928.
- o café na história, no folclore e nas belas-artes, rio, 1937.
- magalhães, couto de - o selvagem, rio, 1876.
- magalhães, eduardo - higiene alimentar, rio, 1908.
- malheiro, agostinho marques perdigão - a escravidão no brasil, ensaio jurídico-histórico,-social, rio de janeiro, 1866.
- malinowski, bronislaw - the sexual life of savages in north western melanesia, londres, 1929.
- mandere, ch. th. j. van der - de javasuikerindustrie, amsterdam, 1928.
- marchant, alexander - do escambo e Escravidão (trad.), são paulo, 1943.
- marinho, pena - contribuições para a história da educação física no brasil, rio, 1943.
- mariz, celso - ibitipina, um apóstolo do nordeste, paraíba, 1942.
- markham, s. f. - clintate and the energy of nations, londres-nova iorque-toronto, 1944.

marroquim, mRio - a l0ngua do nordeste (alagoas e pernambuco),  
s0o paulo, 1934.  
martial, ren12 - vie et constance des races, paris, 1938.

504 9- f-

martin, r. - lehrbuch der anthropologie, berlin, 1914.  
martineau, harriet - retrospect of western travel, londres, 1838.  
martins jon!or, j. isidoro - hist6ria do direito nacional, rio, 1895.  
martins, j. p. de oliveira - 0 brasil e as col6nias portuguesas,  
lisboa. 1887.  
- a hist6ria de portufal, porto, 1882.  
mccarrison r. - "relative value of the national diets of india",  
transac. of the 7th congr. british india, 1927, vol. iii, apud  
rui coutinho, valor social da alimentacdo.  
mccay - "the relation of food to physical development" - part 11  
- scient. memor. by officers of the med. and sanit. dept. of the  
govern. of india, 1910 - n. s., n.o 37.  
"the relation of food to development", philip j. sc. - 1910 -  
vol. 5, apud rui coutinho, valor social da alimenta00o.  
mccollum, e. v. e simmonds, nina - the never knowledge of nu-  
trition, the use of foods for the preservation of vitality and health,  
nova iorque, 1929.  
mcdougall, william - national welfare and national group, lon-  
dres, 1921.  
- the group mind, cambridge, 1920.  
mc kay, claude - a long way from home, nova lorque, 1937.  
means, p. a. democracy and civilization, boston, 1918.  
mecklin, j. m. democracy and race friction, nova lorque, 1924.  
mflo, a. da silva - alimenta00o, instinto, cultura, rio, 1943.  
melo, ant0NIO joaquim de - biografias (mandadas publicar pelo go-  
vernador barbosa lima), recife, 1893.  
melo, neto, jost ant6nio gonsalves de - tempo dos flamengos,  
rio, 1947.  
mendes j0NIOR, jo0o - os ind0genas do brasil - seus direitos in-  
dividuais e pol0ticos, s0o paulo, 1912.  
mendon0A, renato - influencia africana no portugue0s do brasil,  
rio, 1933.  
mercadal, j. garc0A - espafia vista por los extranjeros; relaciones de  
viajeros y embajadores (siglo xvi), madri, s.d.  
mfrea, paulo - "organiza00o social e administra00o p0blica% em  
hist6ria de portugal.  
merriam, c. e. e barnes, h. e. - history of political theories, nova  
iorque, 1924.  
m0Traux, a. - la civilisation materielle des tribus tupi-guarani.  
gotemburgo, 1928.  
- la religion des tupinamba, leroux, 1928.  
mey, carmelo vif4as - el estatuto del obrero indigena en la coloni-  
zaci6n espahola, madri. 1929.  
miranda, pontes de - fontes e evoluqdo do direito civil brasileiro,  
rio, 1928.

molinari, dimo lu0s - introducci0n, tomo vii, documentos para ia historia argentina, comercio de indias. consulado, com0rcio de negros y de extranjeros (1791-1809), buenos aires, 1916.

moll, albert - the sexual life of the child (trad.), nova iorque, 1924.

momento liter0rio (0), inqu0rito por jo0o do rio entre intelectuais brasileiros, rio de janeiro, 1910.

monbeig, pierre - ensaios de geografia humana brasileira, s0o paulo, 1940.

c.-g. & s. 505

monteiro, arlindo camilo - amor sáfico e sócrático - estudo médico-forense, lisboa. 1922.  
 monteiro, tobias - funcionários e doutores, rio, 1917.  
 - história do império - a elaboração da independência, rio 192  
 morais, alexandre j. de aulo - educador da mocidade, bahia', 185  
 - corografia, rio, 1859.  
 morais, lucas de - estudos de antropometria constitucional dos brancos nativos do estado de são paulo, são paulo, 1939.  
 morais, padre josé de - memória sobre o maranhão, apud a. j. d'afonso morais corografia.  
 morais filho, João - festas e tradições, rio de janeiro.  
 morison, samuel eliot - admiral of the south sea, citado por sfegfried giedion, mechanization takes command, a contribution to anonymous history, nova lorque, 1948.  
 mosca, gaetano - the ruling class (trad.), nova lorque, 1939.  
 moura, paulo cursino de - são paulo de outrora, são paulo, 1943  
 muckermann (s. j.), h. - rassefiforschung und volk der zukunft, berlin, 1932.  
 muntz, earl edward - race contact, nova lorque, 1927.  
 myerson, a. - the inheritance of mental disorders, baltimore, 1925.  
 myrdal, gunnar - an american dilemma, nova lorque-londres, 1944.  
 nabuco, carolina a vida de joaquim nabuco, rio, 1931.  
 nabuco, joaquim O abolicionismo, londres, 1883.  
 - minha formação, rio-paris, 1900.  
 - trabalho em 111 centênrio do venerável joseph de anchieta, paris-lisboa, 1900.  
 nascimento, alfredo - O centênrio da academia nacional de medicina do rio de janeiro - primórdios e evolução da medicina no brasil, rio, 1929.  
 nash, roy - the conquest of brazil, nova lorque, 1926.  
 neiva, artur - esboço histórico sobre a botânica e zoologia no brasil, são paulo, -1929.  
 neuville, henri - l'espèce, la race et le métissage en anthropologie, paris, 1933.  
 nevins, allan - american social history as recorded by british travellers, nova lorque, 1923.  
 newton, a. p. - the colonizing activities of the english puritans, new haven, 1914.  
 - the great age of discovery, londres, 1932.  
 niceforo, a. les classes pauvres, paris, 1905.  
 nieboer, h. j. slavery as an industrial system, the hague, 1910.  
 nordenskiöld, erm - the history of biology, a survey (trad.), londres, 1929.  
 nordenskiöld, erland - indianerleben: el gran chaco, leipzig, 1912.  
 - modifications in indian culture through inventions and loans, gotemburgo, 1930.  
 normano, j. f. - brazil, a study of economic types, chapel hill, 1935.  
 otávio, rodrigo - direito do estrangeiro no brasil, 1909.  
 oliveira, j. 13. de sa - craniometria comparada das espécies humanas na bahia sob a ponto de vista evolucionista e médico-legal, bahia, 1895.

- evoluçãoo psíquica dos baianos, bahia, 1898.  
olmeira, josé osório de - história breve da literatura brasileira,  
lisboa, 1939-

506 g- f.

- orlando, artur - resposta ao inquirito de João do rio, realizado  
entre os intelectuais do rio em o momento literário, rio. 1910.  
ornelas, 'manoelito de - gaúchos e beduínos, rio, 1948.  
ortigão, ramalho - as farpas, lisboa, 1887-1890.  
o culto da arte em portugal, lisboa, 1896.  
ortiz, fern~ - los cabildos afrocubanos, havana, 1921.  
- hampa afrocubana - los negros esclavos, havana, 1916.  
- hampa afrocubana - los negros brujos, madri, 1917.  
- contrapunteo cubano del tabaco y el azucar, havana, 1940.  
- our present knowledge of heredity (a series of lectures given at the  
mayo foundation, etc.), filadelfia e londres, 1923-1924.  
paiva, tancredo de barros - bibliografia do clima brasileiro, rio, 1929.  
palacios, a. - el islan cristianizado, madri, 1931.  
palacios, padre asen - la escatologia musulmana en ia divina co-  
media, madri, 1919.  
park, r. e. - the problem of cultural differences, nova lorque, 1931.  
pascual~ a. d. di - ensaio crítico sobre a viagem ao brasil em 1852  
de carlos b. mansfield, rio de janeiro, 1861.  
pavlov, i. p. - conditioned reflexes (trad. pelo professor da universi-  
dade de cambridge g. v. anrep), londres, 1927.  
payne, e. george - "education and cultural pluralism", em our ra-  
cial and national minorities (organizado por francis j. brown e  
joseph slarey roucek), nova lorque, 1937.  
payne, edward j. - history of the new world called america, oxford,  
1892-1899.  
payne, j. - history of european colonies, londres, 1878.  
pearson, karl - the scope and importance to the state of the scien-  
ce of eugenics, londres, 1911.  
peckolt, theodoro - história das plantas alimentares -e de gozo do  
brasil, rio, 1871.  
pedroso, consiglieri - contos populares portugueses, lisboa, 1910.  
pedroso, sebastião josé - itinerário de lisboa e viana do minhó,  
etc., apud leite de vasconcelos, ensaios etnográficos, lisboa, 1910.  
peixoto, afrânio - minha terra e minha gente, rio, 1916.  
- uma mulher como as outras, rio, 1927.  
penta, pascale - i pervertimenti sessuali, nãpoles, 1893.  
peralta, juan suárez de -- noticias históricas de ia nueva espaga,  
madri, 1878.  
pereira, j. m. esteves - a indústria portuguesa (séculos xii a xix),  
com uma introdução sobre as corporações operárias em portugal,  
lisboa, 1900.  
pereira, juan solórzano - política indiana, madri, 1647.  
pereira, lúcia miguel - introdução a casa velha, de machado de as-  
sis, são paulo, 1944.  
pereira, sertório do monte - "a produção agrícola% em notas sobre

portugal, vol. 1, lisboa, 1908.  
perestrelo, danelo - sífilis, rio, 1943.  
peretn, joão - barleu e outros ensaios, recife, 1941.  
-- novos ensaios, 2.ª série, recife, 1945.  
pernambucano, uijsses e outros - 'dados antropológicos sobre a po-  
pulação do recife", estudos afro-brasileiros, rio, 1935.  
pflmr, oscar - love in children and its aberrations (trad.), londres,  
1924.

e-g. & s. 507



phillips, ulrick bonnell - american negro slavery, a survey of the supply, employment and control of negro labor as determined by the plantation, regime, nova lorque-londres, 1929.  
 - plantation and frontier documents, clarke, 1909.  
 - life and labor in the old south, boston, 1929.  
 pierson, donald - negroes in brazil, chicago, 1942.  
 pimentel, antônio martins de azevedo - subsídios para o estudo da higiene do rio de janeiro, rio, 1890.  
 - O brasil central, rio, 1907.  
 pinho, p. Ricles madureira de - fundamentos da organização corporativa das profissões rurais, rio, 1941.  
 pinho, wanderley de - um engenho do recôncavo, rio, 1947.  
 pinto, e. roque,= - seixos rolados, rio, 1927.  
 pitó, rocha - história da américa portuguesa, lisboa, 1730.  
 prrr-rivers, fox e lane, georges henry - the clash of cultures and the contact of races, londres, 1927.  
 plantation and frontier, 1649-1863, documentary history of american industrial society (reunido pelo professor u. b. phillips), cleveland, 1909-1910.  
 plekhanov, george - introduction à l'histoire sociale de la russie (trad.), paris, 1926.  
 ploss-bartels - das weib, berlin, 1927.  
 poisard, l. On le portugal inconnu, paris, 1910.  
 pompóia, raul O ateneu, rio, 1905.  
 pourchet, maria j. LIA - Índice celular no brasil, rio, 1941.  
 - contribuição ao estudo antropológico da criança de cor (bahia, brasil), rio, 1939.  
 prado, eduardo - trabalho em iii centenario do veneravel joseph de anchieta, paris-lisboa, 1900.  
 prado j. f. de almeida - primeiros povoadores do brasil, são paulo, 1939.  
 - a bahia e as capitánias do centro do brasil, são paulo, 1945.  
 prado, paulo - paulística, 2.ª ed., rio, 1934.  
 - retrato do brasil, são paulo, 1928.  
 prado j. NIOR, caio - evolução política do brasil (ensaio de táctica materialista da história brasileira), são paulo, 1933.  
 - formação do Brasil contemporâneo - colônia, são paulo, 1942.  
 prestage, edgar - the portuguese pioneers, londres,- 1934.  
 preston valien, reid, ira de a. e johnson, charles s. - the urban negro worker in the united states, 1925-1936, washington, 1938.  
 prpvile a. d. - les sociétés africaines, paris, 1894.  
 price, a. grenfell - white settlers in the tropics, nova torque, 1939.  
 priestley, herbert l. - the coming of the white man, 1492-1848, nova torque, 1929.  
 prim, girolamo -  
 queirós, e. A de -  
 i diari, cittb di castello, 1911, bolonha, 1933.  
 a ilustre casa de ramires, porto, 1904.

quent6s, frei joao de sao josp - mem6rias, porto, 1868.  
querino, manuel - a arte culindria na bahia, bahia, 1928.  
- bahia de outrora, bahia, 1916.  
quetelet, adolphe - physique sociale, bruxelas, 1869.  
radin, paul - the racial myth, nova torque, 1934.  
- indians of south america, nova torque, 1942 \*  
ragatz, lowell j. - the fall of the planter class in the british ca-  
ribbean, nova torque, 1928.

i

r~ndo, jacques - 0 elemento afro-negro na l6ngua portuguesa,  
rio, 1933.  
raleigh, walter - in oxford english dictionary, citado por siegfried  
giedion, mechanization takes command, a contribution to any-  
mous history, nova torque, 1948.  
~alho, sette - li66es de biometria aplicada, rio, 1940.  
ramos, artur - as culturas negras de novo mundo, rio, 1937.  
- 0 folclore negro no brasil, rio, 1935.  
the negro in brazil, washington, 1939.  
- introdu66o 6 Antropologia brasileira, rio, 1943.  
rangel, alberto - rumos e perspectivas, rio, 1914.  
- "aspectos gerais do brasil", rumos e perspectivas, s6o paulo, 1934.  
ravnigani, em6lio - el verreyonato del plata (1776-1810), em hist6ria  
de ia naci6n Argentina, vol. iv, buenos aires, 1940.  
reajustamento econ6mico dos agricultores, publica66o da c6mara de rea-  
justamento econ6mico do minist6rio da fazenda, rio, 1945.  
rebelo, silva - mem6ria sobre a popula66o e a agricultura em por-  
tugal desde a funda66o da monarquia at6 1865, lisboa, 1868.  
redfield, robert - tepoltzlan, chicago, 1930.  
rego, jos6 lins do - menino de engenho, rio, 1932. ,  
reid, ira de a., preston, valien e johnson, charles s. - the urban  
negro worker in the united states, 1925-1936, washington, 1938.  
reis, artur - estadistas portugueses na amaz6nia, rio, 1948.  
reuter, e. b. - the american race problem, nova torque, 1927.  
- race and culture contacts, nova torque, 1934.  
revello, josi torre - sociedad colonial. las classes sociales: la ciu-  
dad y ia campafia, em hist6ria de ia naci6n argentina, vol. vi,  
buenos aires, 1939.  
ribeiro, emanuel - 0 doce nunca amargou... (do6ria portuguesa),  
hist6ria. decora66o. receita6rio, coimbra, 1928.  
ribeiro, jo6o - dicion6rio gramatical contendo em resumo as mat6-  
rias que se referem ao estudo hist6rico-comparativo, rio, 1889.  
hist6ria do brasil, curso superior, rio, 1900.  
a l6ngua nacional, s6o paulo, 1933.  
ribeiro, joaq6jim e rodrigues, jos6 hon6rio - civiliza66o holandesa  
no brasil, s6o paulo, 1940.  
ribeiro, j6lio - a carne, s6o paulo, 1888.  
ricard, robert - 6tude et documents pour phistoire missionaire de  
i'espagne et portugal, paris, 1931.  
"conqu6te sp6rituelle" du m6xique - essai sur i'apostolat et les

méthodes missionnaires des ordres mendiants en nouvelle-espagne de  
1523-24 1572, paris, 1933.  
ricardo, cassiano - marcha para oeste, rio, 1939.  
richarding, edmond - la cuisine française du xve ou xvie siècle,  
paris, 1913.  
rinchon, padre dieudonné - la traite et l'esclavage des congolais par  
les européens, wetteren, 1929.  
- le trafic négrier d'après les livres de commerce du capitaine gan-  
tois pierre-ignace-liéven van alstein, bruxelas, 1938.  
ringbom, lars the renewal of culture (trad.),  
londres, s.d.  
rio, João do as religiões no rio, rio, 1904.  
rios, a. morales de los - "resumo monográfico da evolução da  
arquitetura do Brasil, em livro de ouro comemorativo do cen-

508 g. f.  
-g. & s. 509 4

i

- tenório da independência e da exposição internacional do rio de janoiro, rio, 1934.
- ripley, w. z. - the races of europe, londres, s.d.
- robertson, w. r. - aspects of the rise of capitalism, cambridge, 1929.
- rocha, joaquim da silva - "a imigração portuguesa e o seu rumo a terra ou ao comércio", história da colonização do brasil, rio, 1918.
- rodrigues, domingos - a arte de cozinha, lisboa, 1692.
- rodrigues, josé honório e ribeiro, joaquim - civilização holandesa no brasil, são paulo, 1940.
- rodrigues, josé wash - documentário arquitetônico relativo à Antiga construção civil no brasil, são paulo, 1944-1947.
- rodrigues, nina - os africanos no brasil, são paulo, 1933.
- lanimisme fétichiste des nègres de bahia, bahia, 1900.
- as raças humanas e a responsabilidade penal no brasil, bahia, 1894.
- romero, sôlvio - contos populares do brasil, rio, 1883.
- história da literatura brasileira, rio, 1888.
- provocações e debates, porto, 1916.
- resposta ao inquirito de João do rio, realizado entre intelectuais do rio, em o momento literário, rio, 1910.
- romero, sôlvio e ribeiro, joão - compêndio de história da literatura 2.' edição refundida, rio, 1909.
- roncière, charles de la - nègres et nègriers, paris, 1933.
- rosa, joam ferreyra da - trattato unico da constituição pestilencial de pernambuco offerecido a elrey n. s., lisboa, 1694.
- rosenau, milton t. - preventive medicine and hygiene, 5.' ed., nova iorque-londres, 1927.
- ross, e. a. - the old world in the new, nova lorque, 1914.
- ross, frank a. e kennedy, louise venable - a bibliography of negro migration, nova lorque, 1931.
- rossel l vilar, m. - la raza, barcelona, 1930.
- rossi, vicente cosas de negros, rio de ia plata, 1926.
- rostand, jean hérité et racisme, paris.
- rower, frei basílio - páginas da história franciscana no brasil, rio, 1941.
- russel, robert - atmosphere in relation to human life and health, smithonian institution, misc. collection, vol. 39.
- sôa, mário - a invasão dos judeus, lisboa, 1924.
- saco, josé antônio - historia de ia esclavidud de ia raza africana en el nuevo mundo y en especial en los países américo-hispanos, havana, 1938.
- salley, s. a. - the introduction of rice culture in south carolina, colúmbia, s. c., 1919.
- sampato, a. j. de - a alimentação sertaneja e do interior da amazônia, são paulo, 1944.
- sampaio, alberto - estudos históricos e econômicos, lisboa, 1923.
- sampaio, teodoro - "são paulo no tempo de anchieta", em iii centenário do venerável joseph de anchieta, são paulo, 1900.
- o tupi na geografia nacional, 3.' ed., bahia, 1928.
- o rio são francisco e a chapada diamantina, bahia, 1938.
- sant'anna nery, barão de - folklore brésilien, paris, 1889.
- santos, josé maria dos - política geral do brasil, rio, 1930.

sarmento, morais - dom pedra i e sua época, porto, 1924.  
schöffer, h. - geschichte von portugal, hamburgo, 1836-1854.

.510 g. f.

- schxffer, ritter von - brasilien als unabhaengiges reich, alto-  
na, 1924.  
scheidt, w. - allgemeine rassenkunden, berlin, 1926.  
schmidt, w. e koppers - völker und kulturen, regensburg, 1924.  
schweinfurth, georg ~ im herzen von afrika, 3.a ed., leipzig, 1909.  
sellin, a. w. - geografia geral do brasil (trad.), rio de janeiro,  
1889. prefácio de cap-ó de abreu.  
semedo, curvo - observaões doutrinórias, em luós edmundo, o rio  
de janeiro no tempo dos vice-reis.  
semple, ellen churchill - influences of geographic environment,  
nova iorque, 191'..  
sequeira, gustavo de matos - relaão de vários casos notáveis e  
curiosos sucedidos em tempo na cidade de lisboa, etc., coimbra  
1935.  
sequeira, padre antunes de - esboço histórico dos costumes do povo  
espírito-santense desde os tempos coloniais até Nossos dias, rio,  
1893.  
sergi, g. - europa, torino, 1908.  
sörgio, antônio - antologia dos economistas portugueses, lisboa, 1924.  
- história de portugal, tomo i (introdução geográfica), lisboa, 1941.  
- a sketch of the history of portugal, trad. de constantino jost dos  
santos, lisboa, 1928.  
serra, astolfo - a balaiada, rio, 1945.  
severo, ricardo - a arte tradicional no brasil (a casa e o templo),  
são paulo, 1916.  
shaler, nataniel s. - the neighbor: the natural history of human  
contacts, boston, 1904.  
siemen, hermann warner - thgorie de i'h&6dit6.  
silva, luciano pereira da - estudos de sociologia criminal, pernarn-  
buco, 1906.  
silva, ó. b. de couto - "sobre a lei de rubner-ricbet". tese para  
livre-doc-ncia, rio, 1926.  
simi,&r, thikophile - 9tude critique sur la fondation de la doctrine des  
races, bruxelas, 1922.  
simkin, francis butler e woody, robert hilliard - south carolina  
during reconstruction, chapel hill 1932.  
simões, j. de oliveira - "a evoluão da indústria portuguesa", em  
notas sobre portugal.  
simonsen, roberto - história econômica do brasil, 1500-1820, são  
paulo, 1937.  
smith, -lynn - brazil: people and institutions, luisiana, 1946.  
smith, mayo - statistics and sociology, nova iorque, 1907.  
smith, william carlson - americans in the making, nova lorque-  
londres, 1934.  
snow, a. h. - the question of aborigines, nova iorque, 1921.  
sodrô, nelson werneck - formaão da sociedade brasileira, rio, 1944.

sorokin, pitirim - contemporary social theories, nova iorque e londres, 1928.

social mobility, nova lorque, 1927.

sousa, alberto de - os andradas, slio paulo, 1922.

sousa, frei luis de - sin6nimos, cit. por padre antunes de sequeira. esbovo hist6rico dos costumes do povo espirito,-san tense, rtc.

sousa, octavio tarqwnio de e holanda, sfrgio buarque de - hist6ria do brasil, rio, 1945.

c.-g.&s. 511

- southey, robert history of brazil, londres, 1910-1919.
- spengler, oswald la decadencia del occidente (trad.), madri, 1927.
- spero, s. d. e harris, a. l. - the black worker, nova torque, 103 l.
- stephens, h. m. - the story of portugal, nova torque, 1891.
- stiles, percy goldthwait - nutritional physiology, filad6lfia e bos. ton, 1931.
- stoddard, t. lothrop - the rising tide of color, nova torque, 1920.  
- the revolt of civilization, nova torque, 1922.
- stone, alfred holt - "some problems of southern economic histo- ry", em readings in the economic history of american agrietur- ture (organizado por schmidt e ross), nova torque, 1925.
- stonequist, everett v. - "race mixture and the mulatto", em race relations and the race problem (organizado por edgar t. thomp- son), durham, 1939.
- summer, william graham - folkways, boston, 1906.
- sydenstricker, edgar - health and environment, nova torque, 1933.
- szekely, ladislao - tropic fever, nova torque, 1937.
- taft, donald r. - two portuguese communities, nova torque, 1923.
- taunay, afonso de e. - hist6ria geral das bandeiras paulistas, sio paulo, 1924-1929.  
- non ducor, duco, sao paulo, 1924.  
- sob el-rei nosso senhor - aspectos da vida setecentista brasileira, sobretudo em sdo paulo, sa\*o paulo, 1923.  
- sdo paulo no siculo xvi, tours, 1921.  
- sdo paulo nos primeiros tempos, 1554-1601, tours, 1920.  
- hist6ria do' cafg no brasil - no brasil colonial, 1727-1822, rio, 1939.  
- hist6ria do cafe no brasil - no brasil imperial, 1822-1872, rio, 1939.  
- subs6dios para a hist6ria do tr6fico africano no brasil, s6o pau- lo, 1941.  
taunay, visconde de - trechos de minha vida, ed. p6stuma, 1923.
- tawney, r. h. religion and the rise of capitalism, londres, 1926.
- taylor, griffith environment and race, oxford, 1926.
- taylor, paul s. an american-mexican frontier, chapel hill, 1934.
- teixeira, bento prosopop6a, rio, 1873.
- teixeira, jost maria - causas da mortalidade das crianvas no rio de janeiro, 1887.
- terman, l. m. - genetic studies of genius, stanford university, 1925-1930.  
- the measurement of intelligence, nova torque, 1916.  
- the negro in the americas, washington, 1940.  
the new negro (organizado por allain locke), nova torque, 1923.
- the poor white problem in south africa (pesquisas feitas pela co- missiio carnegie), stellersboch, 1935.
- thomas, william h. - the american negro, nova torque, 1901.
- thomas, w. i. - sex and society, chicago, 1907.
- tomas, pedro fernandes - canp6es populares da beira, lisboa, 1896.
- thompson, edgar t. - "the plantation: the physical basis of tra- ditional race relations", em race relations and the race pro- blem, durham, 1939.

thompson, r. lowe - the history of the devil, londres, 1929.  
 thorpe, m. r. e colaboradores - organic adaptation to environment,  
 nova torqu, 1918.  
  
 torres, alberto - o problema nacional brasileiro, rio, 1914.  
 - a , organizaçoo nacional, rio, 1914.  
 toynbee, a. j. - a study of history, londres, 1934.  
 trollope, anthony - north america, londres, 1862.  
 trollope, francis - the domestic manners of the americans, lon-  
 ares, 1832.  
 turner, f. j. - the frontier in american history, nova torqu, 1921.  
 tylor, edward b. - primitive culture, 5! ed., londres, 1929.  
 unamuno, m. - par terras de portugal y espaga, madri, 1911.  
 valdfs, g.(>nzalo fernandez de oviedo y - la historia general de  
 las indias~ madri, 1851-1855.  
 valdas, ildefonso pereda - negros escravos y negros libres, mon-  
 tevid6u, 1941.  
 vance, rupert b. - human geography. of the south - a study in  
 regional resources and human adequacy, chapel 'hill, 1935.  
 human factors in cotton industry, chapel hill, 1929.  
 v0Rzea, afonso - geografia do a00car no leste do brasil, rlo,  
 1943.  
 vasconcrws, diogo de - historia m0dia de minas gerais, belo ho-  
 rizonte, 19f8.  
 vasconcelos, leite de - ensaios etnogrdficos, lisboa, 1910.  
 - tradic6es populares de portugal, porto, 1882.  
 vasquez, d. garcfa - los haciendados de la otra banda y el cabildor  
 de cali, cali, 1928.  
 vasquez, guilhermo nfjnez - "la conquista de los indios america-  
 nos por los primeros misioncros", biblioleca hispana missionum,  
 barcelona, 1930.  
 ver0ssimo, jos0 - a educa00o nacional, rio, 1906.  
 viana, oliveira - evolu00o do povo brasileiro, s0o paulo, 1933.  
 - popula00es meridionais do brasil, s0o paulo, 1933.  
 - ra0a e assimila00o, s0o paulo, 1932. .  
 viana, sodr0 - caderno de xang0, 50 receitas da cozinha baiana do  
 litoral e do nordeste, bahia, s.d.  
 viana, vitor - forma00o economica do brasil, rio, 1922.  
 viana filho, lufs - o negro na bahia, rio, 1946.  
 vieira, padre ant0nio - obras v0rias, lisboa, 1856-1857.  
 vierkandt, alfred - handwo5rterbuch der soziologie, stuttgart, 1931.  
 vigier, jo0o - pharmacop0a ulysiponense, em lufs edmundo, o ria  
 de janeiro no tempo dos vice-reis.  
 viterbo, sousa - artes e artistas em portugal (contribui00o para as  
 artes e ind0strias portuguesas), lisboa, 1892.  
 voegelin, erich - rasse und staat, tilbingen, 1933.  
 wallis, wilson d. - an introduction to anthropology, londres, s.d.  
 ward, robert d. coursy - climate considered especially in relation to  
 man, nova torqu, 1908.  
 washington, booker t. - up from slavery, nova torqu, 1901.  
 wxtjen, hermann - das judentum und die anfrage der modernes



colonisation (apud das hollandische kolonialreich in brasilien),  
gota. 1921.  
weatherford, willis duke - the negro from africa to america,  
nova torque, 1924.  
race relations: adjustament of whites and negroes in the united  
states, boston, 1934.

- weber, max - gesammelt aufsdtze zur religionsoziologie, berlin, 1922.  
 - general economic history (trad.), nova torque, 1927.
- webster, hutton primitive secret societies, nova torque, 1932.
- werneck, amílrico graciema, rio, 1920.
- wertenbacker, t. j. - patrician and plebeian in virginia, virginia, 1912.  
 - the planters of colonial virginia, princeton, 1922.  
 - the old south, nova torque, 1942.
- westermarck, e. a. - the history of human marriage, londres, 1921.  
 - the origin of development of moral ideas, londres, 1926.
- whetham, catherine durning e whetham, william cecil dampier - the family and the nation - a study in natural inheritance and social responsability, londres, 1909.
- whetham, william cecil dampier e whetham, catherine during - the family and the nation - a study in natural inheritance and social responsability, londres, 1909.
- whetham, w. c. d. - heredity and society, londres, 1911
- whwfen, thomas - the north-west amazons, londres, 1915.
- whitaker, herman - the planter, nova torque, 1909.
- wilcox, e. v. - tropical agriculture, nova torque, 1916.
- wiley, ball irving - southern negroes, 1861-1865, new haven, 1938.
- willems, emílio - cunha - tradiçõo e transiçõo em uma cultura do brasil - são paulo, 1948.
- wissler, clark - the american indian, nova torque, 1922.  
 - mari and culture, nova torque, 1923.
- woodson, carter g. - the rural negro, washington, 1930.  
 the negro professional man and the community, washington,, 1934.  
 the negro in our history, washington, 1922.
- woodworth, r. s. heredity and environment, nova torque, 1941.
- work, monroe n. a bibliography of the negro in africa and america, nova torque,. 1928.
- young, donald r. - american minority peoples, nova torque, 1932.
- zavala, sflvio - new viewpoints on the spanish colonization of america, filadélfia, 1943.  
 - las instituciones juridicas en ia conquista de américa, madri, 1935.
- ziegler, h. e. - die vererbungslehre in der biologie und in der soziologie, jena, 1918.
- zimmermann, a. - die europaeischen kolonien, berlin, 1896-1903.

111. material subsidiário: memórias e periódicos

a) indicações gerais

africa (african institute. of african languages and cultures), inglaterra.

american anthropologist, estados unidos.

american journal of physical anthropology, estados unidos.

american journal of sociology, estados unidos.

anais brasilienses de medicina, rio de janeiro.

514 g. f.

q1,

anais do arquivo público da bahia, bahia.

anais da academia de medicina do rio de janeiro, rio de janeiro.

anais de medicina brasiliense, rio de janeiro.

annales, museo de ia plata, la plata, argentina.

archiv für Ethnographie, alemanha.

archivio per pantropologia e ia ethnologia, italia.

arquivos e boletim, museu nacional. rio de janeiro.

annual reports, bureau de ethnologia, washington.

anthropos, austria.

anuario estatístico, estado de pernambuco, recife.

arqueólogo português, (0), portugal.

arquivos de angola, luanda.

boletim, museu goeldi, para.

boletim da sociedade luso-africana do rio de janeiro, rio.

boletim geográfico, rio.

boletín de ia academia nacional de ia historia, buenos aires.

boletín del instituto de sociologia, buenos aires.

documentos históricos do arquivo municipal, atas da

1641, 1.º volume. prefeitura municipal do salvador,

folk-lore (a quarterly review of myth, tradition,

custom), londres.

geografia, são paulo.

handbook

of latin american studies,

cambridge, estados unidos,

1936-[ ].

hispanic american historical review, durham, n. c.

journal of anthropology, inglaterra.

journal of the african society, londres.

l'anthropologie, frança.

man, inglaterra.

memoirs, museu peabody de arqueologia e etriologia, cambridge, mass.,

estados unidos.

moçambique, documentário trimestral, lourenço marques.

publicações do arquivo público da bahia, bahia.

revista brasileira de estatística, rio.

revista brasileira de geografia. rio.

revista de estudos brasileiros, rio.

revista de história de américa, méxico.

revista do arquivo municipal, são paulo.

revista do arquivo público mineiro, belo horizonte.

revista do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional, rio.

scientia (revista internazionale de sintesi científica), italia.

sección de investigaciones históricas,

institución Carnegie, informe

anual de ia subsección de historia antigua de américa, washington,

1932.

smithsonian contributions to knowledge, estados unidos.

the american journal of orthopsychiatry, vol. xvii, 4, 1947.

the geographical review - american geographical society, nova

torque.  
the manchester guardian, 1947.  
the sociological review, londres.  
trabalhos, sociedade portuguesa de antropologia e etnologia, portugal.

cilmara, 1625-  
bahia.  
institution and

c.-g. & s. 515

b) indicações particulares

- alikhian, s., e outros - "discussion du rapport de t. d. lyssenko-, europe, paris, outubro, 1948.
- almeida, a. osório de - "a ação protetora do urucu", sep. do boletim do museu nacional, vol. vii, n.º 1, rio, 1931.
- "o metabolismo basal do homem tropical de raça branca", em journal de physiologie et de pathologie générale.
- amaral, brós do - estudo apresentado ao congresso de história nacional, em revista do instituto histórico e geográfico brasileiro, tomo especial, parte ii.
- amaral, jônio, amadeu - "superstições do povo paulista" em revista nova, n.º 4, são paulo.
- anais brasilienses de medicina, n.º 5, vol. 2, ano ii.
- anchieta, padre joseph de - "informação dos casamentos dos índios do brasil", em rev. do inst. hist. e geog. bras., vol. viii.
- andrade, antônio alfredo de - "alimentos brasileiros" em anais da faculdade de medicina do rio de janeiro, vol. 6.º, 1922.
- andrade, mário de - "o samba rural paulista" revista do arquivo municipal de são paulo, vol. 41, 1937.
- aragon - "de la libre discussion des idées", europe, paris, outubro, 1948.
- araripe, tristo de alencar - "pater-familias no brasil nos tempos coloniais", em rev. do inst. hist. e geog. bras., vol. 55.
- araújo, h. c. de souza - "costumes paraenses", em boletim sanitário, ano 2.º, 5. rio. 1924.
- artigo do jornal o sete de setembro, do recife, n.º 34, vol. 1, 1846, sobre o ms. da "nobilizarquia pernambucana" de borges da fonseca.
- azevedo, luís correia de - trabalho apresentado à Academia imperial de medicina do rio de janeiro, em anais brasilienses de medicina, tomo xxii, de abril de 1872, n.º 11.
- artigo, em anais brasilienses de medicina, vol. 21.
- balfour, a. - "sejourners in the tropics", em the lancet, 1923, vol. i
- barreto, carlos xavier pais - "fatos reais ou lendários atribuídos à Família barreto", revista das academias de letras, rio, ano vii, n.º 45, maio-junho de 1943.
- barreto, luís pereira - "a higiene da mesa", em o estado de são paulo, 7 de setembro de 1922.
- "o século xx sob o ponto de vista brasileiro" em o estado de são paulo, 23 de abril de 1901.
- barros, j. almeida - "os garcias na caiapônia", revista do instituto histórico de mato grosso, ano xvii, tomo xxxiv, 1935.
- beam, r. r. - "the negro brain", century magazine, 1906.
- bezerra, andré - palestra realizada no rotary club do recife (diário de pernambuco, 2 de abril de 1933).
- bilden, ruediger - "brazil, laboratory of civilization", em nation, cxxviii, jan., 16, nova lorque, 1929.
- bingram, hiram - "the contribution of portugal", annual report of the american historical association, 1909, washington, 1911.

boas, franz - handbook of american indian languages, 40th bulletin of american indian ethnology, washington, 1911.

516 g. f.

i

"race", encyclopaedia of the social sciences, xiii, nova lorque, 1935.

boletim do museu goeldi (museu paraense) de historia natural e etnografia, vol. vii, parte, 1913.

bond, beverley w. - "the quint-rent system in the american colonies:l em the american historical review, vol. xvii, n.º 3, abril, 1912.

botelho, adauto - estudo sobre a demencia precoce entre negros e pardos realizado no rio em 1917, citado pelo boletim de eugenia, rio, abril-junho, 1932, n.º 38.

boudrrcti, h. p. - "the growth of children", 8th annual report of the state bureau of health of massachusetts.

branner, john casper - "o que eu faria se fosse estudante brasileiro nos estados unidos", el estudiante latino-americano, nova iorque, 1921.

"breve discurso sobre o estado das quatro capitancias conquistadas, de pernambuco, itamarac, parahyba e rio grande, situadas na parte septentrional do brasil", traducao do holandês de ins. existente no arquivo de haia e publicado na rev. do instituto arqueologico, historico e geografico pernambucano, n.º 31.

british medical journal, august, 1923, apud arthur dendy, the biological foundation of society.

bryant a. t. e selgman, c. g. - "mental development of the, south america native", em eugenics review, vol. ix.

cMara, faelante da - "notas dominicais de tollenare% em cultura academica, recife, 1904.

campos, j. da silva - "tradiçoes baianas", em rev. do instituto historico e geografico da bahia, n.º 56.

cardoso, joaquim - "um tipo de casa rural do distrito federal e estado do rio% revista do servico do patrimonio historico e artistico nacional, vii, rio, 1943.

cardoso, manuel soares - "some remarks concerning andro thvet", the americas, vol. i, julho, 1944, n.º i.

carvalho, alfredo de - "o zoobiblion zacarias wagner", em rev. do inst. arq\_hist. e geog. pern., tomo xi. 1904.

"a magia sexual no brasil" (fragmentos), em rev. do inst. arq\_hist. e geog. pern., n.º 106.

- trabalho incompleto sobre magia sexual no brasil, em rev. do inst. arq\_hist. e geog. pern., n.º 102.

castro, josue de - "Oreas alimentares do brasil", resenha clinico-cientifica, sao paulo, ano xiv, n., 4, abril de 1945.

cedro, luos - "o doutor gerencio de noruega% em diario de pernambuco, de 26 de julho de 1925.

chaves, antiGENes - "os esportes em pernamburo% em o jornal,

- rio, edição especial de pernambuco, 1928.
- chaves, nelson - "aspecto da fisiologia hipotálamo-hipofisária - interpretação da precocidade sexual no nordeste% em neurobiologia, tomo iii, n.º 4, recife, 1940.
- cláudio, afonso - "as três raças na sociedade colonial - contribuição social de cada uma", em rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo especial, vol. 111, 1927.
- "as tribos negras importadas% em rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo especial do congresso de história nacional, parte ii.
- correia, padre j. alves - artigo de crítica a casa-grande & senzala.  
-g- & s. 517

correia, ernani - "a arquitetura no rio grande do sul", lanterna verde, rio, julho, 1944.

costa, henrique de moura - "aspectos e particularidades da sífilis no brasil", brasil médico, n.º 11, rio, 16 de março de 1935.

costa, lúcio - "evolução do mobiliário luso-brasileiro", revista do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional, n.º 3. rio, 1939.

-- "O aleijadinho e a arquitetura tradicional", em O jornal, edição especial de minas gerais, rio de janeiro.

costa pereira da - "folclore pernambucano", em rev. do inst. arq. hist. e geog. pern.

couiinho, rui - estudo sobre a alimentação do escravo negro no brasil, apresentado ao 1.º congresso afro-brasileiro do recife, novembro de 1934.

couto, domingos do loreto - desagravos do brasil e glórias de pernambuco, em anais da biblioteca nacional do rio de janeiro, vol. xxiv.

couty, louis; -- "l'alimentation au brésil et dans les pays voisins", em revue d'hygiène, paris, 1881.

cunha, alberto da - "higiene mental", em arquivos de higiene, n.º 11, rio.

dantas, pedro - "perspectivas", em revista noia, n.º 4, são paulo, 1931.

dessoir, max - "zur psychologie der vita sexualis", em allgemeine zeitschrift für Psychischgerichtliche medicin, apud westermarck, the origin and development of the moral ideas.

diário de notícias, rio de janeiro, 10 de julho de 1882 (anúncios de escravos).

diário de pernambuco, 27 de março de 1828; 3 de março de 1828; 6 de agosto de 1828; 25 de agosto de 1828; 9 de outubro de 1828; 3 de agosto de 1829; 6 de setembro de 1828; 7 de agosto de 1828; 22 de janeiro de 1835; 9 de julho de 1850; 23 de setembro de 1830 (anúncios de escravos).

engelman, g. j. - "first age of menstruation in the north american continent", transaction of the american gynecological society, 1901.

escudero, pedro - "influência de ia alimentacion sobre ia raza", la prensa, 27 de março de 1933.

estatutos do recolhimento de n. s.ª da glória, cit. pelo cónego antônio do carmo barata, "um grande sábio. um grande patriota, um grande bispo" (conferência), pernambuco, 1921.

Étienne, abbé Ignace brazil - "la secte musulmane des malés du brésil- et leur révolte en 1835", em anthropos, viena, jan.-março, 1909.

fazenda, josé vieira - "antigualhas e memórias do rio de janeiro", em rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo 95, vol. 149.

ferreira, costa - "la capacité du crane chez les portugais", em bulletins et mémoires de ia société d'anthropologie, paris, série v, vol. iv.

francisco, martim - "jornal de viagens por diferentes vilas da capitania de são paulo", em rev. do inst. hist. e geog. bras., n.º 45.



- franco, afonso arinos de melo - "mundo imaginário% artigo em a manhã, de 12 de abril de 1942.
- frank, waldo - "la seiva% em sur, rio 1, buenos aires, 1931. 518 g. f.
- frazier, e. franklin - "the negro in bahia, brazil: a problem in method", american sociological review, viii, agosto, 1943.
- freitas, otávio de - trabalho sobre doenças trazidas ao brasil pelos -negros bichados", lido no 1.º congresso afro-brasileiro do recife, novembro de. 1934.
- frfyre, gilberto - "a propósito de um livro em 3.ª edição", em revista do brasil, julho de 1938.
- "deformações de corpo nos negros fugidos% trabalho apresentado ao 1.º congresso afro-brasileiro do recife.
- "O escravo nos anúncios de jornais do tempo do império", conferência na sociedade felipe d'oliveira, rio, 1934.
- trabalho sobre regime alimentar em pernambuco, lido perante o congresso regionalista do nordeste, recife, 1925.
- goeldi, emílio - "O estado atual dos conhecimentos sobre os Índios do brasil% em boletim do museu paraense de história natural e de etnografia, n.º 4, vol. ii.
- goetz, walter - artigo sobre as reduções jesuíticas no paraguai em encyclopaedia of the social sciences, nova iorque, 1935.
- goldennveiser, alexander - "concerning racial differences", menorah journal, vol. viii, 1922.
- "diffusionism and the american school of historical ethnology", em american journal of sociology, vol. xxxi, 1925.
  - "race and culture in the modern world", em journal of social forces, vol. lll, 1924.
  - "sex and primitive society", em sex and civilization, ed. by calverton and schmalhausen, londres. 1929.
  - "the significance of the study of culture for sociology", em journal of social forces, vol. lll, 1924.
- gregory, john w. - "inter-racial problems and white colonization in the tropics", report of the british association for the advancement of science, toronto, 1924.
- grieco, agrippino - "paraíba do sul", em O jornal, rio, ed. especial comemorativa do bicentenario do café.
- griffing, john b. - "a comparison of the effects of certain socio-economic factors upon size of family in china, southern. california and brazil" (publicação particular).
- "natural eugenics in brazil", journal of heredity (american genetic association) vol. xxxi, n.º 1, washington, janeiro, 1940.
  - "the acceleration of biological deterioration", sociology and social research, vol. 23, n.º 3.
- hankins, f. h. - "individual differences and their significances, for social theory", publications of the american sociological society, vol. xvii, 1922.
- herrmann, lucila - "evolução da estrutura social de guaratinguetá num período de trezentos anos% revista de administração, são paulo, ano ii, ris. 5-6, março-junho de 1948.

fierskovits, melville j. - "a preliminary consideration of the culture areas of africa", em american anthropologist, vol. xxvi, n.º 1, 1924.

- "on the provenience of new world negroes", em journal of social forces, vol. xii, n.º 2, 1933.

- "the negro in the new world: the statement of a problem", american anthropologist, xxxi, janeiro-margo, 1930.

c.-g. & s. 519

- "the social history of the negro", a handbook of social psychology, organizado por c. murchinson, worcester, 1935.
- "the cu: turc areas of africa", africa, 3, 1930.
- "the significance of west africa for negro research", the journal of negro history, vol. xxi, 1936.
- "histórias da idade média", em revista do arquivo público mineiro, ano xii, 1907.
- hrdlicka. ai,e;; - "disease, medicine and surgery among the american aborigines", the journal of the american medical association, vol. 99, n.o 20, nov. 1932.
- "ida geral de pernambuco em 1817% artigo de autor anônimo em rev. do inst. arq., hist. e geog. pern., n.o 29.
- ivanovsky, a. - "physical modifications of the population of russia under famine", american journal of physical anthropology, n.o 4, 1923.
- keith. arthur - "on certain factors concerned in the evolution of human races", journal of the royal antropological institute, vol. xlvi, londres.
- keyserling, conde herman de - "portugal" (trad. do alemão por herta openheimer e osório de oliveira), em descobrimento, n.o 2, lisboa, 193 1.
- lacombe, lourenço l. - "a mais velha casa de correias", revista do sphan, rio, n.o 2, 1928.
- laytano, dante de - "o português dos acores na consolidação moral do domínio lusitano no extremo sul do brasil% revista do ensino, n.- 15-18, porto alegre, nov. 1940-fev. 1941.
- leal, antônio henriques - "apontamentos para a história dos jesuitas, extrahidos dos chronistas da companhia de jesus% em rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo xx)-iv, rio, 1871.
- leite, padre serafim - artigo de crítica a casa-grande & senzala, na revista broteria.
- lessa, clado ribeiro de - "mobiliário brasileiro dos tempos coloniais", estudos brasileiros, n.o 6, rio, 1939.
- lima, j. f. de araujo - "ligeira contribuição ao estudo do problema alimentar das populações rurais do amazonas", em boletim sanitário, rio, ano ii, n.o 4, 1923.
- lins, dr. sinval - "fundamentos científicos modernos da alimentação racional nos climas quentes", em brasil médico, ano xlv, n. o 40.
- lopes, cunha - "psicoses nos selvagens", comunicação da Sociedade brasileira de psiquiatria, 1927.
- lowie, robert h. e nimuendaj6, curt - "the dual organization of the canella of northern brazil", american anthropologist, vol. 39.
- lyde, l. w. - "skin colour", em the spectator, londres, 16 de maio de 1931.
- "the colour bar", the spectator, londres, junho de 1931.
- lyssenko, t. d. - "État de ia science biolo.-ique", europe, paris, outubro. 1948.
- machado filho, arres' da mata - "Índios e negros", planalto, são paulo, janeiro de 1945.
- magalhães, basílio de - "as lendas em torno da lavoura do café%

- em o jornal, rio, ed. especial comemorativa do bicentenário do café.
- manchester, alan p. - "the rise of the brazilian aristocracy", em the hispanic american historical review. vol. xi, n.º 2. 520 g. f.
- marchant, alexander - "feudal and capitalistic elements in the portuguese settlement of brazil", the hispanic american historical review, xxii, durham, 1942.
- "colonial brazil as a way station for the portuguese india fleets", the geographical review, vol. 31, n.º 3, nova lorque, julho de 1941.
- mariano filho, josé - história da arquitetura brasileira, são paulo, 1944.
- conferência na escola de belas-artes do recife, abril de 1933.
- mason, o. t. - "cradles of american aborigines", em report of the united states museum, 1886-1887.
- mcdougall, w. - "the mind and society", journal of social philosophy, vol. 1, outubro, 1935.
- mesquita, josé de - "gente e coisas d'antanho - crimes célebres". revista do instituto histórico de mato grosso, ano xvi, tomo =iii.
- "grandeza e decadência de serra acima" revista do instituto histórico de mato grosso, n.ºs xxv a xxviii, 1931-1932.
- milliet, sôrgio - "psicologia do café", em planalto, 1-9-1941, são paulo.
- mrrine, a. - "interview de t. d. lyssenko sur ia concurrence et l'intérieur des espèces", europe, paris, outubro, 1948.
- "l'apanouissement de ia science agrobiologique sovietique", europe, paris, outubro, 1948.
- montoya - "manuscrito guarani da biblioteca nacional do rio de janeiro sobre a primitiva catechese dos indios das missões" em anais da biblioteca nacional, vol. vi.
- morais, eugênio vilhena de - "qual a influência dos jesuítas em nossas letras?", em rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo especial, congresso de história nacional, parte v, rio, 1917.
- moreira, nicolau joaquim - "questão ethnico-anthropologica: o cruzamento das raças acarreta a degradação intelectual e moral do produto híbrido resultante?" em anais brasilienses de medicina, tomo xxi, n.º 10.
- nimuendajit, curt e lowie, robert h. - "the dual organization of the canella of northern brazil", american anthropologist, vol. 39.
- oliveira, joão alfredo correia de - biografia do barão de goiana, em rev. do inst. arq. hist. e geog. pern., vol. xxvii.
- oliveira, j. j. machado de - "notícia raciocinada sobre as aldeias de índios da província de são joão" em rev. do inst. hist. e geog. bras., viii.
- orr, j. b. e gilks, j. l. - "the physique and health of two african tribes", em medical research council, special report series, 1932, n.º 155, apud rui courin-ho, o valor social da alimentação. panorama (0), lisboa, vol. 11, 1838.
- peck, e. p. - "an immigrant farming country", new england ma-

gazine, vol. xxi, outubro. 1904.  
peixoto, afroNio - "O homem c0smico da am0rica", em mem0ria  
do 3.0 congresso internacional de catedr0ticos de literatura ibero-  
americana, nova orle0s, 1944.  
perfirt., astrojildo - "sociologia ou apolog0tica?", em a classe ope-  
r0ria, rio, 1.0 de maio de 1929.  
pernambucano, ulisses - trabalho sobre "as doen0as mentais entre os  
negros", em arquivos da assist0ncia a psicopatas d? pernambuco,  
abril de 1932, n.0 1.

---9. & s. 521

- pierson, donald - artigo sobre the masters and the slaves (edifício, inglesa de casa-grande & senzala), em american sociological review, vol. i, n.º 4, outubro, 1947.
- ~ro, cónego fernandes - "ensaio sobre os jesuítas", em rev. de inst. hist. e geog. bras., tomo xviii.
- pinto, e. roque= - "nota sobre os tipos antropológicos do brasil% arquivos do museu nacional, vol. xxx, rio.
- querino, manuel - "a raça africana e seus costumes na bahia", em rev. da academia brasileira de letras, n.º 70.
- rendon, josé arouchf de toledo - "memórias sobre as aldeias de índios da província de são paulo% em rev. do inst. hist. e geog. bras., vi.
- resposta ao inquirito da câmara do rio de janeiro entre médicos sobre o clima e a salubridade da corte dos vice-reis (1789), n.º 5, vol. 2 de 1846 dos anais brasilienses de medicina.
- ribeiro, joão - artigo de crítica a casa-grande & senzala, em jornal do brasil, rio, 1933.
- ribeiro, joaquim - "folclore do açúcar", xvii, brasil açucareiro, vol. xxv, n.º 3, março de 1945.
- ribeiro, renj - "on the amaziado relationship, and other aspects for the family in recife (brazil)", american sociological review, vol. x, n.º i, fev. 1945.
- rosa, francisco luís da gama - "costumes do povo nos nascimentos, batizados, casamentos e enterros% em rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo especial, 1.º congresso de história nacional, parte v, rio, 1917.
- rhot, h. ling - "on the significance of the couvade", journal of the anthropological institute of great britain and ireland, vol. 22, 1893.
- rhot, walter e. - "an inquiry into the animism and the folklore of the guiana indians", 13th annual report, bureau of american ethnology, washington, 1915.
- rev. do inst. arq., hist. e geog. pern., n.º 33, recife, 1887, tomo xi, 1904.
- rev. do inst. hist. e geog. bras., tomo xiv (gabriel soares de sousa, tratado descritivo do brasil em 1587, ed. de varnhagen); tomo lxxviii. parte li.
- saia, luís - "o alpendre nas capelas brasileiras", revista do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional, rio, n.º 3, 1939.
- sampaio, teodoro - "são paulo de piratininga no fim do século xvi", em revista do inst. hist. de são paulo, tomo iv, vol. li.
- schmidt, max - artigo em koioniale rundschau, abril de 1909, resumo por sir harry h. johnston, the negro in the new world.
- sc-dt, w. - "kulturkreise und kulturschichten in sudamerika", zeitschrift für Ethnologie, berlin, 1913.
- schuller, r. r. - "a couvade", em boletim do museu goeldi, vol. vi, 1910.
- silva, jorge r. zamudio - "para una caracterización de ia sociedad dei rio de ia plata (siglos xvi a xviii) - la contribución Indígena", revista de ia universidad de buenos aires, ano ii, n.º 4, outubro-dezembro. 1944.
- "para una caracterización de ia sociedad dei rio de ia plata (si-

glos xvi a xviii) - la contribución Europea% revista de ia universidad de buenos aires, ano iii, n.º 1, janeiro-março, 1945.

522 g. f.

i

- "para una caracterización de ia sociedad dei rio de ia plata (siglos xvi a xviii) - la contribución Africana% revista de ia universidad de buenos aires, ano lll, n.º 2, abril-junho, 1945.
- sena, nelson de - "toponímia geográfica de origem brasílico-lndígena em minas gerais", em rev. do arquivo público mineiro, ano x, 1924.
- soares, a. j. de macedo - "estudos lexicográficos do dialeto brasileiro", em revista brasileira, tomo iv, rio, 1880.
- spencer, frank clarence - "education of the pueblo child", columbia university contributions to philosophy, psychology and education, vol. 7, n.º 1, nova lorque, 1899.
- steve.n.son, t. e. - "the religious life of the zuiii child"., bureau of ethnology report, vol. v, washington.
- stitt, f. p. - "our disease in inheritance from slavery" u. s. naval medical bulletin, xxvi, outubro, 1928.
- taun:xn-, afonso du e. - "a fundação de são 'm"iuio", vol. lll, torno especial do 1.º congresso internacional de história da américa, em rev. do inst. hist. e geog. bras., rio, 1927.
- torres, heloSA alberto - "cerâmica de marajó", rio, 1929 (conf.)
- turnrr, lorenzo d. - "some contacts of brazilian ex-slaves with nigeria, west africa", journal of negro history, xxvii, washington, 1942.
- uchoa, samuel - "costumes amazônicos% em boletim sanitário (departamento nacional de saúde Pública), ano 2.º, n.º 4, rio, 1923.
- vampró, joão - "fatos e festas na tradição", rev. do inst. hist. de são paulo, vol. xiii.
- vRzea, afonso - "geografia dos engenhos cariocas", brasil açucareiro, vol. xxii, janeiro de 1944, n.º 1.
- "engenhos dentre guanabara - sepetiba", brasil açucareiro, voi. xxv, fevereiro de 1945, n.º 2.
- verSSimo, inCio josé - "problemas do reagrupamento das nossas populações", política, n.º 2, são paulo, 1945.
- viana, arauJO - "das artes plásticas no brasil em geral e da cidade do rio de janeiro em particular% em rev. do inst. hist. e geog. bras.
- viotti, jLIA magalhães - "contribuição à Antropologia da moça mineira", boletim da secretaria da educação e saúde, n.º 13, belo horizonte, 1933,
- woodward, james w. - "social psychology", 20th century sociology nova iorque, 1945.
- zavala, sLVio - "casa-grande & senzala", etc., revista de história de américa, n.u 15, méxico, dezembro de 1942.

iv. acróscimos bibliografia de  
casa-grande & senzala

na 15.\* edição brasileira\*

almeida, prado, f. - O Brasil e o colonialismo europeu. Rio, 1956.  
Arraes, Monte - O espírito inventivo e as tendências i-itativas do  
povo brasileiro. Fortaleza, 1954.

e-g- & s. 523

i]



- arroyo, leonardo - a carta de pero vaz de caminha. ensaio de informaçõo e procura de constantes válidas de método. são paulo, 1971.
- azevedo, fernando de - a cultura brasileira. 3.a ed. rev. e ampl. são paulo, 1958, 3 vis.
- azevedo, talls de - povoamento da cidade do salvador, 2.' ed. rev., são paulo, 1955.
- bastide, roger - anthropologie appliquee (contendo justificativa, no-bre bise antropossociológica, das teorias brasileiras de tropicologia e luso-tropicalismo). paris, 1971.
- bastide, roger - brasil: terres des contrasts. paris, 1957.
- bethell - the abolition of the brazilian slave trade. cambridge (inglaterra), 1970.
- bonifácio, josé - obras científicas, políticas e sociais, santos, 1963.
- bruno, ernani silva - viagem ao país dos paulistas. ensaio sobre a ocupação da área vicentina e a formação de sua economia e de sua sociedade nos tempos coloniais. rio de janeiro, 1966.
- buarque de llolanda, sôrgio - a época colonial, história geral da civilização brasileira. são paulo, 1960.
- calmon, pedro - história da civilização brasileira. são paulo, 1953, e história do brasil (7 vols.) rio, 1959.
- campos, renato - ideologia dos poetas populares do nordeste. recife, 1959.
- campos, renato - igreja, política e região. recife, 1967.
- carneiro. josé fernando - psicologia do brasileiro. porto alegre, faculdade de filosofia da universidade federal do rio grande do sul, 1967-
- casculo, luis da cãmara - a alimentaçõo no brasil (brasiliansa/3311, são paulo.
- cidade, hernani a. - o bandeirismo paulista na expansõo territorial do brasil. lisboa, 1952, 2.\* ed., 1954.
- conselho federal de cultura - atlas cultural do brasil coordenado por artur reis, conte-ido entre outros ensaios o sintético "áreas culturais", de m. diegues júnior. rio, 1972.
- cortesão, jaime - histórico do brasil nos velhos mapas. rio, 1965.
- costa, emília vioti da - da senzala e Colônia, são paulo, 1966.
- coutinho, afrânio - a tradiçõo afortunada. rio, 1968.
- departamento de assuntos culturais do ministério da educaçõo e cultura - memória da independência. rio, 1972.
- de  
de d. pedro l. 2.' ed. rio, 1972.
- sousa, octávio tarquínio -- a vida
- dias, cécero - catalogue du fonds ferdinand denis. paris, 1972.
- dias, jorge - estudos do carácter nacional portugueses. lisboa, 1971.
- dornas filho, joão - o ouro das gerais e a civilização da capitania. são paulo, 1957.
- duarte, eustáquio, gilberto osório e outros - morão, rosa e pimenta. recife. 1956.
- einaudi, l. e stepan. a. c. - latin america institutional development, mónica. califórnia. 1971.

- ferguson, i. h. - latin america: the balance of race redressed. london, 1961.
- fernandes, florestan - a integraçao do negro na sociedade de classes. são paulo, 1965, 2 vols.
- 524 9- f.
- fernandes, florestan - ensaios de sociologia geral e aplicada. são paulo, 1960.
- rerreira, tito lúvio - história da civilização brasileira. são paulo, 1959.
- frança, eduardo woliveira - engenhos, colonização e cristãos-novos na bahia colonial. são paulo, 1969.
- freyre, gilberto - a casa brasileira. tentativa de síntese de três diferentes abordagens, já realizadas pelo autor, de um assunto complexo: a antropológica, a histórica, a sociológica. rio, 1971.
- freyre, gilberto - açúcar. 2.ª ed. muito aumentada, rio, 1971.
- freyre, gilberto - aventura e rotina. 2.ª ed., lisboa, s.d.
- freyre, gilberto - contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de luís de albuquerque, governador de maio grosso no fim do século xix. lisboa, 1968.
- freyre, gilberto - nós e a europa germânica. rio, 1971.
- freyre, gilberto - o brasil em face das africanas negras e mestiçagem. rio, 1962. lisboa, 1963.
- freyre, gilberto - o luso e o trópico. lisboa, 1961.
- freyre, gilberto - racial factors in contemporary politics, sussex^ inglaterra, 1965.
- freyre, gilberto - race mixture and cultural interpenetration: the brazilian example. nova iorque, 1966 (texto em inglês, francês, espanhol e russo).
- freyre, gilberto - sociologia da medicina, lisboa, s.d.
- gonsalves de mello, j. a. - ingleses em pernambuco. recife, 1972.
- gordon, eugene - an essay on race amalgamation. rio, 1954.
- görgen, hermann m. - brasilien landschaft, politische, organization, geschichte, nuremberg, -d.
- graham, richard - a century of brazilian history since 1963. nova iorque, 1969 (seleção de escritos de vários historiadores, alguns relativos à formação social do brasil).
- graham, richard - britain and outset of modernization in brazil. (1914-1950), cambridge, inglaterra, 1968.
- gurvitul georges - traité de sociologie, paris, 1963.
- haring, c. h. - empire in brazil: a new world experiment with monarchy, cambridge, mass., 1958.
- holanda, sérgio buarque de - visões do paraíso. os motivos econômicos no descobrimento e colonização do brasil. 2.ª ed. rev. e ampli. são paulo, 1969.
- james, preston - latin america (a parte referente à geografia humana, inclusive a do brasil) nova iorque, 1959.
- lambert, jacques -- le brasil: structures politiques e institutionnelles. paris, 1953.
- lapa, josé roberto do amaral - a bahia e a carreira da índia.

são paulo, 1968.

leiv, dante moreira - O caráter nacional brasileiro. história de  
uma ideologia. 2.a ed. rev., ref. e ampl. são paulo, 1969.

le lannon, maurice - brasil (tr.),  
lisboa s.d.

mauro, frederic - nova história e novo mundo. são paulo, 1969.

meira penna, j. O. de - "O homem brasileiro". em houaiss, antônio,  
ed. anuário deita larousse 1972. rio de janeiro, 1972.

melo neto, joão cabral de - ed. O arquivo das Índias e o brasil.  
rio, 1966.

c.-g. & s. 525

i: 0,

- mello, josé antônio gonsalves de - ed. cartas de duarte coelho a el-rei. edição fac-similar, com leitura paleográfica e versão moderna, anotada, recife, 1967.
- mello, josé antônio gonsalves de - ed. diálogos das grandezas do brasil. 1.\* e 2.a edições integrais, segundo o autógrafo de leiden. recife, 1962 e 1966.
- mello, josé antônio gonsalves de - ed. primeira visita do santo ofício às partes do brasil. confissões de pernambuco, 1594-1595. recife, 1970.
- metraux, a. e outros - resistência e mudança. rio, 1960.
- ministério das relações exteriores - livro primeiro do governo do brasil, 1607-1633. rio de janeiro, 1958.
- mindlin, henrique e. - modern architecture in brazil. rio e amsterdam 1956. (o trabalho em que o arquiteto se mostra atento à sociologia da casa ou da arquitetura brasileira.)
- monbeig, pierre - pionniers et planteurs de são paulo. paris, 1952.
- montello, josué (diretor) - história da independência do brasil (em 4 vols.), rio, 1972 (reúne trabalhos de vários autores).
- moog, clodomir vianna - bardeirantes e pioneiros. paralelo entre duas culturas. porto alegre, 1954.
- moraes, rubens borba de - bibliografia brasileira de período colonial. catálogo comentado das obras dos autores nascidos no brasil e publicadas antes de 1808. são paulo, 1969.
- morner, magnus - race mixture in the history of latin america. boston, 1967.
- morse, richard - the bandeirantes, nova iorque, 1965.
- mozart, charles - les 3 ages du brasil, paris, 1954.
- oliveira campos, roderto - temas e sistemas. rio, 1969.
- oliveira torres, joão camilo - interpretação da realidade brasileira. rio, s.d.
- oliveira torres, joão camilo - o positivismo no brasil. rio, 1943, seguido de outros trabalhos de igual importância para a história cultural do brasil: porém da mais pública e menos íntima como o caso de recente ensaio de afonso arinos de mello franco.
- ortega y medina, j. - historiografia soviética iberoamericana. cidade do México, 1966.
- pierson, donald - negroes in brazil. 2.ª ed. 1972.
- porto, josé da costa - estudo sobre o sistema sesmarial. recife, 1965.
- prado, joão fernando de almeida - a conquista da Paraíba. séculos xvi a xviii. são paulo, 1964.
- prado, joão fernando de almeida - história da formação da sociedade brasileira. são vicente e as capitanias do sul do brasil; as origens (1501-1513). são paulo, 1961.
- prado júnior, caio - evolução política do brasil e outros estudos. são paulo, 1971.
- rabello, sylvio - cana de açúcar e região. recife, 1969.
- rangel, alberto - quando o brasil amanhecia. fantasia e passado. com notas biobibliográficas, introdução crítica-filológica e estabelecimento do texto por philomena filgueiras. edição comemorativa do

centenário de nascimento do autor. rio de janeiro, 1971.  
ravila, affonso - o lúdico e as projeções do mundo barroco. são paulo, 1971.  
reis, arthur césar ferreira - a expansão portuguesa na amazônia nos séculos xvii e xviii. rio de janeiro, 1959.

i

k

rp.is, arthur césar ferreira - estadistas portugueses na amazônia. rio, 1943.  
rheingantz, carlos o. - primeiras famílias do rio de janeiro. séculos xvi e xviii, a-e. rio de janeiro, 1966.  
ribeiro, darci - teoria do brasil. rio de janeiro, 1972.  
ri- cassiano - o homem cordial e outros pequenos estudos brasileiros. rio de janeiro, 1959.  
rios, josé artur & diegues junior, manuel - "o caráter brasileiro. em lopes, f. leme, s.j., ed. estudos de problemas brasileiros. 3.a ed., rio de janeiro, 1971, p. 89-94.  
rodrigues, josé honório - conciliação e reforma no brasil, rio, 1965.  
saya, luís - morada paulista. são paulo, 1972.  
smrri4, lynn - brazil: people and institutions. 2.' ed. baton rouge, 1963.  
sousa, bernardino josé de - ciclo do carro-de-bois no brasil. são paulo, 1958.  
souto maior, mário - cachaça. história, humor, medicina empírica, proibições, religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no brasil. rio de janeiro. 1971.  
teio, limeira - brasil, são paulo, 1964.  
valadares, clarival do p~ - arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. rio. 1922.  
valente, waldemar - serrinha, recife, 1972.  
vallandro, amélia - doces de pelotas, rio, porto alegre e são paulo, s.d.  
verger, pierre - les afro-américains, dacar, 1953.  
viana, hólíio - história diplomática do brasil, são paulo, s.d.  
wagley, charles - amazon town, nova iorque, 1964.  
werneck sodré, nelson - o que se deve ler para conhecer o brasil. rio, 1967.  
willems, emílio - "luzo-brazilian character". em atas do colóquio internacional de estudos luso-brasileiros, vanderbilt university. 1953, ps. 77-78.

(\*)

os acréscimos feitos

bibliografia, para a presente edição deste livro, referem-se tão-somente a ligações de material contido nessas novas obras, ou em suas novas edições, ou a obras não mencionadas até agora nas indicações bibliográficas, com os assuntos versados pelo autor nos primeiros volumes da sua introdução à História social (ou sociológica) da sociedade patriarcal brasileira. história a ser concluída com

jazigos e covas rasas, ainda em elabora~~ção~~. da~~s~~ não aparecerem, entre os a~~cr~~scimos, alguns estudos not~~áveis~~ de sociologia, hist~~ória~~, antropolo-  
gia, arte, literatura, aparecidos no brasil, ou sobre o brasil, nos ~~ú~~lti-  
mos quinze ou vinte anos. inclusive, sobre assuntos tropicolog~~icos~~, em  
geral - especializa~~ção~~ do autor - ou da hist~~ória~~ comparada - corri-  
~~ções~~ áreas americanas, africanas, asianas, europ~~éias~~, como os do professor  
s~~é~~lvio zavaia, do m~~é~~xico. assim, haver~~á~~ omiss~~ões~~ para as quais o autor  
se antecipa em pedir desculpas aos omitidos.

526 \_q- f-  
c.-g- & s. 527 4

325 ner, 391; sesmarias, 77; tráfico  
 origem jesuítica negreiro com as cidades africa-  
 brasil colo- nas, 308  
 baianos: biopsicologia, 288  
 brasileira: destruição baito, 118, 136  
 índice remissivo  
 escravidão, 300 bananeira-cauaçu, 123  
 problema da bananeira-de-são-tomé, 123  
 ndeirantes: auxílio dos índios, 94;  
 304  
 cultura, 131 origem racial, lxx  
 andeirismo: conquistas positivas e  
 a no vigor físico dos ingleses no  
 antropogeografia, 11 antropologia de  
 portugal, 54 riscos a que expôs o brasil, 27;  
 abaflu, 124 soc. xviii, 81  
 antropologia social: importância da estudos  
 preliminares e definiti-  
 alimentação afro-brasileira: três  
 biologia, 384 vos, 71  
 acalantos afro-brasileiros, 327, 328 centros (bahia,  
 maranhão e per- antropossociologia, 384 banho de  
 rio, 113; diário, 254,  
 acanijic, 124 nambuco), 454  
 aparelho sistema: nomenclatura 259; frio:  
 indígena, 112  
 aclimatação idade dos portugueses, 10 alimentação  
 brasileira: Amazonas, banzo, 464 74; causas ecológicas  
 e sociologi- anatômica, 76 barbear: caroço de  
 macaiba, 462  
 almeida, 62 osório de cas do reduzido  
 consumo de lei-apartamentos de hoje e o tamanho bastardos:  
 eugenia, 447 dos leitões, xlv  
 aorianos, 68 te, ovos e vegetais, 42; crônicas  
 beiju, 122 ao abuso de condimentos, 459, árabes: benefícios de  
 sua invasão  
 açúcar: produção em pernambuco  
 em portugal, 211 bentinhas, 132

no final do s<sup>o</sup>c. xvi e come<sup>o</sup>s 460; cr<sup>o</sup>ticas  
 cient<sup>o</sup>ficas, 74; euro-arabu, 125 beneditinos: latifundi<sup>o</sup>rios no  
 bra-  
 do xvii, 427; base da riqueza co- peiza<sup>o</sup>o, 459; posi<sup>o</sup>o  
 de josu<sup>o</sup>reas culturais, 164; africanas, 166;  
 sil e escravocratas, 439, 440  
 lonial, 244; de castro e cr<sup>o</sup>tica de  
 g. f., 82;

contraste entre as  
 mapa das americanas, de kroe- berib<sup>o</sup>ri, 84  
 reas a<sup>o</sup>ucareiras de campos e do regime nutritivo dos  
 paulistas, 32; ber, 285 bicho: complexo  
 brasileiro, 131  
 nordeste, 69; moleza dos homens, s<sup>o</sup>c. xvi e xviii, 38,  
 39; valorarianismo, 305 bichos pe<sup>o</sup>nhentos, lxxi  
 428; papel que passou a assumir nutritivo, segundo  
 alfredo de arquitetura no brasil, lxxv  
 biologia: a servi<sup>o</sup> da pol<sup>o</sup>tica er  
 na hist<sup>o</sup>ria do brasil e de por-  
 andrade, 81 arroz de au<sup>o</sup>, 456 ideologia, 385;  
 versus sociologia,  
 tugal no fim do s<sup>o</sup>c. xvi, 198 alimenta<sup>o</sup>o dos  
 portugueses no arte, m<sup>o</sup>stica baiana, iv lix;  
 weissmaniana, 290  
 "afilhados" (filhos de padres), 444  
 brasil, 14, 15 arte: origens, 118; de sangrar, 362  
 blenorragia: terap<sup>o</sup>tica no brasir  
 a<sup>o</sup>frica do sul: pesquisa da comis- alo<sup>o</sup>, 455  
 artritismo: causas alimentares, 460 colonial, 396  
 s<sup>o</sup>o carnegie, 62 alquimia: origem psicanal<sup>o</sup>tica, 177  
 assassinatos de senhoras \*brancas, bодоques de ca<sup>o</sup>ar  
 passarinho, 153



ama-de-leite, 331; causa de sua im-  
 por negros ou mulatos a soldo bom-tom no século XIX, 420  
 africanologia, 166 português brasileiro colonial, 360  
 de seus donos, 467 bonecas de barro (indígenas) e de  
 afrodisíacos: afro-brasileiros, 326, amamentação: costume  
 português astrologia mística em Portugal no  
 pano (africanas), 134  
 457; portugueses e brasileiros, 324 das moedas ricas confiarem-na a es-  
 bororo, 107; homossexualidade, 118  
 agricultura colonial: dificuldades  
 séc. XVIII, 363  
 cravas, 359, 360 astrologia dos  
 indígenas, 104 botânica popular: designação de  
 que o português encontrou, 15; Amazônia: conquista e espera do  
 astórias, 209 grupos naturais no Brasil, 131  
 duarte Coelho e a, 24; o que deve barateamento do ar condicionado, atenas:  
 floração de gênios entre boximanos, 201, 309; em Pernam-  
 aos rios menores e regulares, 25;  
 57; culinária, 124 buço, 394  
 razões  
 530 e 430 a.c., 298  
 de sua implantação no amendo, 127  
 azeite: importância sociológica do Brasil: árabes  
 (influências cultu-  
 Brasil, 24 América inglesa: procedência de  
 ótimo árabe, 211 raias no séc. XIX), 220; árabes e  
 água: grande consumo dos brasi- seus escravos negros,  
 305 azeitona: importância sociológica moorabes  
 (contingentes que vie-  
 leiros, 458 América latina: grupos de rudi-  
 do ótimo árabe, 211 ram para c), 218; autocoloniza-  
 akpal, 331 ger bilden, 90, 91  
 o no final do séc. XVI, 259;  
 albinismo, 196 azulejo: origem e  
 significação  
 América portuguesa: liberalidade  
 sociológica, 222 campo de conflito entre antago-  
 alcoolismo dissonico, 255  
 para com o estrangeiro, 200 nismos violentos, 142;  
 "carta de  
 alemães: pesquisa de 1900 sobre o  
 a moreninha, 340 paus puxada num jogo de trunfo, analfabetismo no séc. XIX,  
 344 seu enlanguescimento no sul do bem ouros", 198; castidade conju gal  
 Brasil, 13 andradas: genealogia, 446  
 divo as jas netnshorffers arb creasenscosd, os seg sui.-  
 alfabetização no Brasil colonial, anel de grau: reminiscência  
 judai- bahia: alimentação (falta de carne  
 o.c.  
 420. método valdetaro, 420'  
 ca, 229 no séc. XVII), 80; centro de ali-  
 XVII e XVIII, 424; civilização-  
 algarve: conquista do, 197 anglo-saxões: e os  
 portugueses, 72 mentação afro-brasileira, 454; mo-

(base na escravidão negra), 244;  
alimentação: nos climas quentes, angola: invasões e  
migrações que vimento de 1835, 310; origem clima  
que os portugueses encon-  
tese de sinval lins, 74; papelalteraram sua população, 304  
dos seus negros, segundo gard- tram no primeiro século,  
14;  
528 g. f.  
c.-g. & s. 529, 1

comparação sociol  gica com argentina e estados unidos, 15; consang  inidade e incesto: depoimentos, 341, 342; contraste com as posses  es tropicais inglesas, francesas e holandesas, 12; contraste entre as condições de colonização aqui, e as vigentes na am  rica inglesa, 15; conversas safadas e fesceninas, 251; crian  as: depoimento de luccock sobre a neglig  ncia dos adultos com o bem-estar destas, no s  c. xix, 367; culin  ria erotizante, 250; culin  ria: origem dos doces de frutas, 235; cultura   rabe: o que devemos aos mouros, 212; cultura oriental, 259; descobrimento: cabral, 198, e grumetes fugitivos, 21; enquadramento hist  rico, 198, econ  mico: dois primeiros s  culos de colonização (resultados vantajosos e desvantajosos), 245; s  c. xvi (renda de senhores de engenho), 261; esp  cie de r  ssia da am  rica, 51; formação agr  ria: papel do portugueses, segundo v  rios int  rpretes, 269, 270; formação econ  mica e social: teoria de ruediger bilden, 315; formação inicial: ambiente de intoxicação sexual, 93; formação social: processo de equil  brio de antagonismo, 53; a fam  lia rural por unidade b  sica, 22; formação social e cultural: hisp  nica e n  o latina, cat  lica ainaornetizada, 242; hist  ria social e econ  mica: sentido que teria tomado, segundo varnhagen, sem a escravid  o, 243, 244; l  ngua falada nos dois primeiros s  culos de colonização, 149; luta de classes na formação social do -nosso pa  s, lix; luxo asi  tico, 38; mulher, segundo pyrard. de laval, 424-, idem, em testemunho de holandes, 347; "nazar   das col  nias portuguesas% 242; negros: o que lhes deve a nossa cultura, 307, 308; "pa  s de co-

cagne", 38; "país de cultura da floresta tropical", 141; "país de meninos armados de faca de

530 9- f-

ponta", 379; "país de clima adusto, provocativo de sensuais torpezas", 425, 426; pedagogia colonial e patriarcal: influências mouras, 220; povoamento: contraste biológico entre os colonizadores portugueses sulinos e nórdicos, 219, 220; protestantes convertidos ao catolicismo, 30; raças colonizadoras, 203, 204; saúde da população: moléstias cutâneas nos princípios do séc. xix, 319; séc. xvii e xviii: depoimentos de ingleses e franceses sobre a vida aqui, 239; senhoras coloniais, segundo coreal, 424; sífilis, 47; depoimento de meados do séc. xviii, 319; depoimento de lassaume cunha, 318; sífilização a partir do séc. xvi, 318; precedendo a civilização, 47; "terra da sífilis por excelência", 319; solo: geologia, 15; unidade política apesar da mobilidade dispersiva, 27; unidade política baseada no catolicismo, 29, 30; unidade política: papel do clima, 31.

brasil colonial: administração (mecanismo), 30; alimentação baseada na farinha de mandioca, 32; aristocracia técnica, 219; confraternização de valores e sentimentos entre a senzala e a casa-grande, 355; contrastado com a África, 148; contraste entre as condições de colonização aqui e as vigentes na América inglesa, 15; cultura intelectual (focos de irradiação), 412; cultura influenciada pelo oriente, 59; escravidão negra: interesses a, que atendeu, 306; gerarização da vida pecaminosa, 37; maternidade: condições em que se efetua, 360; medicina indígena supe-

rior lusitana (depoimentos),  
254, 255; naus da Índia aqui  
aportadas de 1500 a 1730, 60;  
saúde e alimentaço, 35, 36; soc.  
xvi: pobreza dos colonos, 38, 39;  
sistema económico, 212  
brasil: depoimentos e/ou testemu-  
nhos históricos: abade reynal,  
40; alberto rangel, 70; alberto

i

r. lamego, 69; alberto torres,  
64; alfredo antónio de andrade,  
81; alfredo brandão, 65; alfredo  
ellis jr., 43; anchieta, 39, 82;  
antónio vieira, 38, 39; a. mar-  
chant, 77; azevedo pimentel, 74;  
a. osório de almeida, 61; bis-  
po de tucum, 39; brandão,  
73; c. a. taunay, 68; caio pra-  
do jr., 65; coutry e joaquim na-  
buco, 35; emile büringer, 47, 84;  
euclides da cunha, 72; gabriel.  
soares de sousa, 77; gilberto  
amado, 75; hali, 141; herbert  
~. smith, 75, 76; hermann. wöt-  
jen, 77; j. f. normano, 70; joão  
ribeiro, 72; josué de castro, 82;  
josé Américo de almeida, 83; j.  
f. sigaud, 85; martius, 43, 47;  
m. bonfim, 71; miguel pereira,  
74; morgado de mateus, 75; oli-  
veira viana, 43, 67, 72; oscar da  
silva arajo, 49; padre manuel  
da nobrega, 39, padre baltasar  
fernandes, 82; paulo prado, 48;  
pierre monbeig, 69, 71; pyrard  
de laval, 260, roquette-pinto,  
45, 84; rené Ribeiro, 65; sôrgio  
buarque de holanda, 67; silvei-  
ra martins, 261, 262; sinval lins,  
74; solidônio leite filho, 71;  
sorokin, 52; teodoro sampaio,  
69; theodoro peckolt, 75; via-  
jantes médicos, 49, 50; varnha-  
geri, 72.  
brasil holandês: importância dos  
escravos negros, 302; contacto  
dos brasileiros com os holande-  
ses, 389

brasil versus estados unidos: confronto sociológico entre as duas colônias, 376, 377; estoques negros: crítica de g. f. a nina rodrigues e oliveira viana, 305; qualidade eugênica, 304

brasileiros: água (grandes bebedores de), 458; biopsicologia dos baianos, paraibanos, etc., 288; constituição física: ação das doenças africanas, 317; costumes herdados de avós indígenas, 94; "descendentes dos comedores de rabanos", 440; floresta tropical; proximidade, 141; influência dos negros, 283; influência das mucamas sobre a sensibilidade, 355; naturalismo rude, contrastado com as reticências dos anglo-saxões, 251; notáveis, filhos ou netos de padres, 446; sexo: teoria da acultura aos costumes negros, 315, 316; e o sobrenatural, 141; status: simulação de grandeza no vestuário, 441; talentosos: origem fula, 303; tipo físico: persistências mouras, 211; vida íntima, 211.

braquicefalização do negro brasileiro, 395

brinquedos brasileiros: mecânicos versus de pano, 134; origem, 153

bruxas portuguesas, 323

bugre: semântica da palavra, 119

burguesia brasileira, 441

cabidela, 280

caboclo: desconfiança e mutismo, 462; exaltação lírica, 44; fator de inferioridade física e intelectual, 35; pesquisa entre caboclos do norte por arajo lima, 35; semântica: mulato, 84

caboclas priópicas, 101

caborés, 45

cabra-cabriola, 129

cabras: nocividade à agricultura, 76

cachoeira de paulo afonso, 26

café mandingueiro, 326; e a ma-

gia sexual afro-brasileira, 326  
cafunó: psicologia, 469  
cafusos, 45  
caiporismo, 103  
caju: complexo  
calças brancas:  
  pelos homens, 416  
calcanhar humano: interpretação  
  lamarckiana, 293  
caligrafia: importância na educa-  
  ção colonial, 419  
campos (rj): importância socioló-  
  gica da região açucareira, 69;  
  contraste com o nordeste, 69,  
  70  
  
alimentação, 126  
início do seu uso  
  
c.-g. & s. 531

il

- cana-de-açúcar: bônus da igreja na moagem, 434; fertilidade dos canaviais, 468; consequências sociais da, 31  
cancros sífilíticos, 408
- canções de ninar, 131; portuguesas e africanas, 327  
canibalismo, 98
- canudos, 159; interpretação sociológica, 142  
caorsinos, 322
- capitalismo: divergências entre max weber e r. tawney em relação a filosofias e religiões, 169  
caráter português, 6, 7, 8  
caracteres adquiridos, 293
- carnaval: africanização, 462; dramatização de c-g. & s., xxviii  
caruru, 456
- casa: valor destacado por schmollder, ixiii  
casa dos. 24, 265
- casamento: dos homens, no brasil patriarcal, 360; entre grupos, 168; fato social na vida patriarcal, 349, idade das mulheres no brasil colonial, 346; idade dos cônjuges: desproporção, 407; idade em que casavam as moças brasileiras coloniais, 340: meados do sec. xix: entre velhos de setenta e mocinhas de quinze, 346
- casamentos: aristocráticos (critério de regulamentação). 468; consanguíneos no brasil, 275, 341, 342; precoces, 349; para a mulher, 347
- casa-grande: "antro de perdição sexual", 442; elogio de de laval, 260; higiene doméstica, 461, 462; mobiliário escasso, 239; e o sistema de colonização e formação patriarcal do brasil, 357; planta arquitetônica, 434, 435; reminiscências culturais árabes, 222; sala de aula e cafeteria, 412; substituta da igreja no brasil, lxviii, 195
- casa-grande & senzala: sistema socio-econômico adequado e conjun-



tura, 2,9  
casa-grande & senzala: caráter  
"definitivo" desta obra, xxxv; teatraliza<sup>ção</sup>, xxviii; consagra<sup>ção</sup>  
poética, xxxiii; consagra<sup>ção</sup> no

532 g. f.

carnaval carioca, xxviii; crítica literária: artigo de José Lins do Rego, xxix; e Carlos Drummond, xxxiv; e Manuel Bandeira, xxxiii, e Capiba, lxxxviii, e Guimarães Rosa, xlii, críticos de língua inglesa, xlvi; g<sup>ênese</sup> científica da obra: a viagem do autor pelos estados sulinos norte-americanos, lvi; metodologia, l; história bibliográfica, xxxvi; verso: alemão, xxxix, inglesa, xxxvii  
casas- grandes mal-assombradas, lxxxix; história social, lxxv  
"catã piolho": ato simbólico, 469  
catequese católica dos indígenas: a<sup>ção</sup> deletória para a cultura, 110; 'primeira fervura que sofria a massa de escravos' 357  
catolicismo brasileiro: acultura<sup>ção</sup> dos negros, 356; catequese jesuítica: trabalho artificial, 154; e nossa unidade política, 29, 30; colonial, 431, 432, 433; condi<sup>ção</sup> para aquisição de sesmarias no Brasil, 200; criminosos que frequentam as igrejas, 399; culto dos santos: valor sociológico do estudo das promessas, 399; danças eróticas, dentro das igrejas coloniais, 247, 248; erotismo, 21, 22; erotiza<sup>ção</sup>, 324, 325; escravos negros: concessões a rituais africanos, em depoimento de jesuítas do s<sup>éc.</sup> xviii, 356; êxito, 52; festa de São Gonçalo do Amarante, 249; franciscanos: tipo de catequista ideal, 144; fric<sup>ção</sup> sexual dos tempos pagãos, 248; g<sup>ênese</sup> -  
neros casas-grandes: influências mulmulmanas, 313; como os ân-  
dios cumpriam as penitências, 137; influência maernetana, 311,

312; influência da moral sexual indígena, 101; jejum e abstinência: dispensas no Brasil colonial, 432, 433; luta dos negros baianos em favor do maometismo, 310, 311. ordens latifundiárias, 439; papel civilizador, 148; ponto de encontro e de confraternização entre as culturas branca e negra, 356; procissão da quarta-feira de cinzas, 273, 274; santos

i

que passaram de protetores do amor e do sexo para os da agricultura, 248; seleção antieugênica sobre a família brasileira, 445; terço rezado pelos senhores de engenho, 43); testemunhos: prazenteiro e folião, 247, 248; totemismo primitivo latente, 129, 130; vitória da catequese: estratégia jesuítica, 129

catolicismo luso-brasileiro: militarização de alguns santos, 225

catolicismo português.- aculturação ao maometismo, 224, 225; aculturação dos santos aos deuses romanos, 204, santos: erotização, 224; séc. xv, \* 2 1; séc. xvi e xvii: procissão de corpus christi, 273; sensualismo no culto ao menino Jesus e à Virgem, 224

"católicos históricos" 73

cegonha, 211

cemitérios e casas-grandes: reação dos higienistas, 437

cerâmica: importância como arte indígena, 115,

cérebro: peso e capacidade mental, 295

ceuta: conquista de, 198

chapéu-de-sol, 280

chinos: peso do cérebro, 295

ciência: ceticismo e fim de era científica, 293

cientifismo: crítica de G. F., 292, 293, 294

ciome no Brasil colonial, 337, 338

classes sociais & tipos individuais,

lxviii

clericalismo: ausência no brasil,  
195

clero brasileiro: castidade reduzida,  
por causa do clima, segundo bur-  
ton, 473, 474; comportamento se-  
xual (documentos), 444; compor-  
tamento sexual de frades e pa-  
dres: contraste com o dos jesu-  
tas, 443; contribuição liberal pa-  
ra o aumento da populaçãoo, 445;  
elementos seletos e eugênicos, 442;  
frades do rio de janeiro: fiber-  
tinagem, 443, padres amasiados ou  
amigados com mulatas (testemu-  
nho de vilhena), 446; idem, ilus-  
tres na corte e no interior, 474;

predominância eclipsada pela ini-  
ciativa particular, 207; vida pura  
e santa de muitos, 444; vida se-  
xual, pública e notória, 474; "vi-  
da turca e debochada" de muitos,  
441, 442

clero português: tolerância pelas  
suas concubinas, 246

clima e raça: teoria de leonari  
williams, 290; e sexualidade, 426;  
influência que exerce na forma-  
çãoo e desenvolvimento das socie-  
dades, 13; minimizaçãoo antropo-  
geográfica do seu papel, 85; por-  
tuguês, em de martonne, 10;  
tropical: correçãoo de sua influên-  
cia amolecedora, 5; e gregory, 11  
coca, 327  
coco, 123

código de manu, 401

"coitos de homiziados" 22

coimbra: "covil d'heréticos", 229

coivara, 95, 96, 185

colégios brasileiros: condições hi-  
giênicas no séc. xix, 408

colégios de padres: co-educaçãoo das  
duas raças, 153; corpo discente  
nos séc. xvi e xvii, 413; de  
jesuítas: focos de irradiaçãoo da  
cultura no brasil colonial, 412  
"colônia de plantaçãoo" 17

colonizaçãoo: africana do brasil (er-  
ro de atribuição aos bantus),

300; agrária (papel dos portugueses: pontos de vista conflitantes), 67, 68, 69; autocolonização no fim do s<sup>o</sup>c. xvi, 259; contraste entre a dos portugueses e dos demais europeus, 13; do brasil: elementos culturais heterogêneos, 212; ponto de partida, português, "nação de homens mal nutridos", 234; subcolônias, 27; mestiços portugueses com duas cores de pele (elementos colonizadores do brasil nos s<sup>o</sup>c. xvi e xvii), 203; por indivíduos; caráter irregular e indefinido, 19; portuguesa: base, o não superioridade de raça mas o pureza da fé, 196; ideal contrariado pela geografia brasileira, 24; fator vital, a família, 19 colombo: apologia da rede, 175 comadres parteiras, 363

c.-g. & s. 533

complexo: conceito sociológico, 176  
complexos brasileiros: bicho, 131  
comunicação: lei de, entre duas subculturas de níveis diferentes, 131, 132  
comunismo dos indígenas, 142  
concubinato: papel sociológico, 65, 66  
consanguinidade no Brasil colonial, 255, 341, 342  
conventos do séc. xviii: "centros de libertinagem dos costumes" 443  
cuvade, 97; hipótese explicativa: bissexualidade, 117; teoria sociológica, 173  
cozinha afro-brasileira, 125; analogias com a do sul dos Estados Unidos, 457; críticos e apologistas, 457  
cozinha brasileira: desfrancização subsequente à independência, 459; herança indígena, 121, 122, 123; modificação sofrida no séc. xix, 458  
cozinha colonial: mestres "negros sempre amareicados" 454; das casas-grandes: condições de higiene segundo os viajantes, 461  
criança brasileira: doenças no tempo da escravidão, 367; fascínio pelo bicho do mato, 130, 131; histórias de bichos, 130; mortalidade infantil nos primórdios da colonização, 132, 133  
criança: na cultura primitiva, 128, 129; papel sociológico no encontro entre índios e povoadores, 128  
crianças: comportamento diante dos adultos, no tempo colonial, 420; identificação sociológica com anjos, 133  
crias negras: judiarias a que eram submetidas pelos meninos, 369  
crimes de morte praticados por escravos, 467; causas climáticas, 64  
criminalidade: identificação incorreta entre a de plebe urbana ou rural com a prática de feitiçaria, 399

crístios versus muçulmanos: influ-  
ências mútuas, 54

534 9. f-

cristianismo no brasil: concessão  
aos negros, segundo joão ribei-  
ro, 355; liricamente social, 22

cristianismo português: contraste  
com o maometismo no campo  
erótico, 224

cristianização do brasil: obra qua-  
se exclusiva dos jesuítas, 148  
crises de farinha, 82

cruzes pretas nos caminhos brasi-  
leiros, 65

culinária: amazônica, 124; negra,  
453; portuguesa: abuso de açúcar,  
canela, especiarias e gema de  
ovo, 221

cultos cívicos, 51

cultura: de floresta tropical, 98;  
francesa: influência sobre a nos-  
sa culinária, a partir da inde-  
pendência, 459; hispânica, 242;  
moura no brasil colonial, 266;  
negra: infiltração na economia  
e vida doméstica brasileira, 453;  
indígena, 96, 97, 98; origem, 118;  
raça e ambiente, 298

culturas: "terremotos" ou explo-  
sões de sobrevivência, 142

culumim, 128

cunho, 94, 124

cuscuz, 221, 279

cynotrichi, 304

d

darwinismo ortodoxo, 292; versus  
lamarckismo, 383, 384

degredados: versão de azevedo  
amaral e crítica de g. f., 19,  
20

degrede para o brasil: hipóteses a  
respeito, 21

democratização social do brasil:  
iniciativas de minas gerais, 465

dentes: perda dos incisivos, no séc.  
xix, em consequência do con-  
sumo de cana-de-açúcar, 477

deterioração progressiva das populações, 385  
diabo católico e o jurupari indígena, 140  
diário de pernambuco: anúncios de 1825 a 1854 (valor sociológico), 314

i

i

dieta: influência sobre o físico das populações, 33  
direito canônico, 206  
direito penal português nos séc. xv e xvi, 20  
direito português, 19v6  
"direito público interno", 184  
danças eróticas: relação inversa entre a sua frequência e intensidade, e o índice de sexualidade, 100  
doçaria de rua, baiana, 454  
doce com queijo, 459  
doenças africanas no brasil, 464;  
brasileiras: causas (alimentação africanizada), 460; de origem negra, 480; depoimento de martius, 83; causas das que afligiram as mães brasileiras no séc. xix, 407; no brasil durante os sec. xvi e xvii, 111; origens climáticas, 63; predominantes em 1835 no rio, 464; sociais: advertência de lyde sobre a origem, 86; tropicais: descrédito sociológico, 13; venéreas, 419  
dolicocefalia e braquicefalia, 294, 295  
domingo: e o trabalho no brasil colonial, 439  
don-juanismo no brasil patriarcal: vulva (negras e mulatas), 450  
doutor: mania luso-brasileira (reminiscência judaica), 229

e

ecologia humana, 320  
economia brasileira: intervenção do governo, 77

economia colonial e a dispersão rápida da riqueza, 447  
economia portuguesa: papel da escravidão, 252  
educação brasileira: época colonial, em depoimento do pe. lopes gama, 369-370. no séc. xix (castigos infligidos aos alunos), 412, 419; o tratado de jerônimo serpa, 466  
educação patriarcal: objetivo básico, 412  
educação sexual no brasil patriarcal, 372

efeminados: papel sociológico nas tribos indígenas, 117  
endocrinologia e pele negra, 290, 291  
engenho de moer cana: origem na azenha ou moinho de água árabe, 211  
engenhos: nomes de origem africana, 476 e de origem indígena, 477 "  
enlanguescimento, 12, 13  
ensino no brasil: colégios de estrangeiros (depoimento de lopes gama), 418; colégios particulares após a independência, 417; internatos depois de 1850; matérias lecionadas em 1858 no colégio do recife, 418  
enterros: horário e rituais, 438; toaletes dos defuntos, 408  
erisipela: tratamento com óleo, 432  
erótica: cristão versus inornetaria em portugal, 224; culinária portuguesa e brasileira, 477, 478; religiosa, 247, 248, 249  
erotismo: a serviço do patriarcalismo, 372; católico, 21, 22; estudos etiológicos, 100, namoro nas igrejas coloniais, 248; no brasil colonial, 320  
escravas enredeiras, 422; prostitutas, exploradas por senhoras brancas, 449; seleção das mais belas para amantes dos senhores, 447  
escravidão: arquivos históricos (destruído por ordem de rui bar-



bosa), 300, 301; batismo em massa dos negros ao saírem de sua terra, 352; brasil versus estados unidos (status cultural dos negros importados), 299, 300; causas da sua instituiçáo no brasil, 321; consequências sociais: "pai rico, filho nobre, neto pobre", 257; depoimento de josé Bonifácio, em 1823, 350: depravaçáo sexual, 316; efeito deletório, segundo o pe. lopes gama, 350; em portugal: testemunho de alexandre herculano, 316: estatística referente ao s.ºc. xvi, 281; exigência de meio e circunstância, 242; importaçáo brasileira (procedência bantu), 299, 300; libelo de josé

c.-g. & s. 535

bonifácio, 351; minciração como fator criador, 306; política social seguida no brasil com relação ao escravo, 356; sensualidade, segundo montesquieu, 253, 254; e a sensualidade luso-brasileira, 252; tráfico entre bahia e África, 308; transformação morbida com o advento do mercantilismo, 252; vestuário maometano e a bahia, 313

escravos: alimentação boa, 34; anúncios sobre fugitivos, 440; anúncios publicados em jornais do séc. xix (valor sociológico), 394; batizados e constituídos em família (nomes que adotavam), 451, cantos de trabalho, 480; casamento entre estes (oposição de alguns senhores, segundo androni), 450; confronto entre os de trabalho agrícola e os do serviço doméstico, 450; cristianização forçada, 353, 354; defesa dos seus senhores nas lutas interfamiliares, 343; doenças, africanas que vieram para o brasil, 464; especialização do serviço doméstico, 454, 476; filhos amamentados por senhoras brancas, 451; hierarquia entre eles, quanto às funções exercidas nas casas-grandes, 476; ligações espirituais, morais e estéticas com a família brasileira, 355; mucamas; afeição entre estas e os filhos brancos, 354; número dos que serviam num engenho do séc. xix, 471; organizações em que se retiniram, 355, 356; órgãos sexuais: taninho, 429; picilho e "mão de coçar", 462; sadismo adquirido no contacto dos escravos segundo josé Bonifácio, 351; trabalhos imundos na higiene doméstica colonial, 461; tratamento ameno recebido, fruto de influência mourabe, 220; venenos africanos para matar senhor de engenho, 356, 357; vestuário da maioria, 440

escravos indígenas, j57

espanha: regime alimentar deficien-

te (teoria de pompeyi gener),  
237; s<sup>o</sup>c. xvi e xvii: toler<sup>o</sup>n-  
cia da mancebia, 246; s<sup>o</sup>c. xvii:

r f.  
m; g

rela<sup>o</sup>es sexuais de meninos e  
adolescentes aristocratas, 253  
espanhois: an<sup>o</sup>lise da sua a<sup>o</sup>o col-  
onial, 57, 58; destruidores das  
culturas americanas, 89  
espanhol: imagem de colonizador,  
189  
espiritismo de umbanda, 312; su-  
cesso no brasil, 141  
estados unidos: nomes de cidades,  
399; s<sup>o</sup>filis no sul, segundo jan-  
son, 318; sociologia: confronto en-  
tre sul e norte, 377  
estatura e alimenta<sup>o</sup>o, 289, 290  
esteatopigia, 201, 314  
estudantes de cursos ou escolas su-  
periores: moradia em rep<sup>o</sup>blicas  
sem conforto mas ostentando sta-  
tus na rua, 441; vestu<sup>o</sup>rio at<sup>o</sup>  
o come<sup>o</sup> do s<sup>o</sup>c. xx, 416  
estradas de ferro: e consequ<sup>o</sup>ncias  
sociol<sup>o</sup>gicas no s<sup>o</sup>c. xix, 412;  
papel sociol<sup>o</sup>gico, 418  
eugenia, 385, brasileira: mesti<sup>o</sup>os e  
bastardos, 447, 448  
europeiza<sup>o</sup>o do brasil: contacto  
com as culturas ind<sup>o</sup>genas e afri-  
canas, 52, 53  
europeus: de.generesc<sup>o</sup>ncia no bra-  
sil, 257  
exerc<sup>o</sup>cios espirituais: cr<sup>o</sup>ticas de  
m<sup>o</sup>ller e de chamberlain, 53  
exogamia: totemismo, 103  
fam<sup>o</sup>lia brasileira: hist<sup>o</sup>ria <sup>o</sup>ntima  
e sua documenta<sup>o</sup>o, lxxvii e  
seg.  
fam<sup>o</sup>lia colonial: <sup>o</sup>rg<sup>o</sup>o da forma-  
<sup>o</sup>o social brasileira, 22; formas  
de un<sup>o</sup>o de sexos e organiza<sup>o</sup>o  
da, 66; patriarcal e semipatriarcal  
(import<sup>o</sup>ncia como unidade colo-  
nizadora no brasil), 64, 65; ru-  
ral, 18

famílias extrapatriarcais e extracatólicas: não confundidas com promiscuidade, 65  
faquires masoquistas, 117  
farinha de mandioca, 121; e a exaltação mística, 82; valor alimentício, 82

farmacopéia brasileira: s. xvii, 363  
fazendas de café de s. paulo, 388

fecundidade das mães brasileiras nas famílias patriarcais, 406

feiticeira, 132; afrodisíaca no brasil, em associação com santos católicos, 247; cultura indígena, 97; no brasil patriarcal, 398; origem, 323 e seg.

ferro: mineração no brasil (débito cultural aos escravos negros), 307

festas juninas: função sociológica no brasil, 246  
figas: origem, 132  
filhas de maria, 421  
filhos ilegítimos, 442 e seg.  
folclore sexual, 326, 327

formas de tratamento: "o senhor", "a senhora" (origem sociológica do uso da terceira pessoa), 466  
formigas, 15

frades: banqueiros, lxxi; enredeiros; e fofoqueiros, 421, 422

franceses: descendência com índias no s. xvi, 93; do sul, 291; miscigenação com mulheres tupinambás, 264; tentativas de fixação, no brasil, 12, 13; versus ingleses: contraste como narradores e observadores, 424

franciscano: perfil psicossociológico, 144

freyre, gilberto: agradecimentos aqueles que o haviam ajudado a preparar esta obra, lxxxiii; autógrafo de carlos drummond de andrade, xxxiv; bibliografia, xix e seg.; biografia, xi e seg.; crítica de guimarães rosa, xlii; doutor honoris causa pela sorbonne, xxxv; elogio a franz boas, ivii;

exílio de 1930, lv; e caio prado jr.: convergência entre ambos, lx; livros sobre sua ciência e arte, xxviii; prêmio asden, ii; outros prêmios, xix; paralelo com picasso, li  
fulas, 302, 305, 310; tipo físico, 303; fula-fulos, 305, 306  
fuero juego, 206

galinha: elemento de várias cerimônias religiosas e tisanas afrodisíacas, 457

gelo: introdução no brasil e consequências sociológicas, 458

genética clássica: debates com mitochourinianos, 384

genética do povo brasileiro: inbreedings no nordeste, 255; dos gêmeos, lix; híbridos de negros com índias, 45, 46; suposta imunidade absoluta do sertanejo de sangue, 46

genética humana e a questão da consanguinidade, 275

genética soviética: e a sociologia biológica ocidental, 384

genealogia brasileira: superficialidade dos estudos no tempo do império, 256

geofagia, 367; métodos de tratamento médico, 368

georgia: emigração de toyalists ingleses, 12

"glorificação do ventre gerador", 471

gonorréia, 419

gosto de mando, 51

gramática brasileira: influências africanas, 334, 335

guerras: contra os índios, 155; entre culturas, 142

## h

havaí: análise sociológica de andrew lind, 78; colonização anglo-americana, 12, 13

herói, 312

hereditariedade  
297, 298

hibridização:

brasil, 13

hierarquia social no brasil colonial  
e patriarcal: esposa e filhos, qua-  
se ao nível dos escravos, 44

higiene corporal: contrastes entre  
a imundície dos cristãos e a lim-  
peza dos maometanos, 222; con-  
trastes entre indígenas e euro-  
peus contemporâneos, 112

versus ambiente,

papel na origem do

c.-g. & s. 537

.i

i  
il  
i

higiene: escolar, 418; infantil (campo doloroso de adaptaç<sup>o</sup> dos europeus aos tr<sup>o</sup>picos), 365; pr<sup>o</sup>-natal e infantil nas casas-grandes e senzalas, 362  
hiponutriç<sup>o</sup>, lxi  
hist<sup>o</sup>ria do brasil: forç<sup>o</sup>s sociais (o "unionismo"), 28; governo geral (finalidade de sua criaç<sup>o</sup>), 30; nepotismo em choque com clericalismo, 23; ruralismo de imposiç<sup>o</sup>, 24  
hist<sup>o</sup>rias para crianç<sup>o</sup>s: 330, 331  
hist<sup>o</sup>rias portuguesas: modificaç<sup>o</sup> no brasil, 330, 331  
holanda: imperialismo sucedido por fase de fabrico de queijo e manteiga, 191  
holandeses no brasil: problema das suas influ<sup>o</sup>ncias culturais aqui deixadas, 79, 80; uni<sup>o</sup>es com mulheres brasileiras, 256; e euclides da cunha, 28; e henrique dias, 301  
homem tropical: pesquisa de a. os<sup>o</sup>rio de almeida sobre metabolismo basal do, 61  
homens eferni-lados:  
thompson, 174  
homo taganus, 6  
homomixia, 118  
homossexuais: posiç<sup>o</sup> de mando nas sociedades primitivas, 117, 118  
homossexualismo: libelo de 1864, 418; origens entre os ind<sup>o</sup>genas, 136; pr<sup>o</sup>ticas no s<sup>o</sup>c. xvi, 174  
hotentotes. 201; em pernambuco, 394; no brasil, 309

teoria de

i

iaç<sup>o</sup>s solteironas, 374  
idealizaç<sup>o</sup>es sociol<sup>o</sup>gicas: crianç<sup>o</sup>a morta, 133  
idolatria no brasil colonial, 168  
igreja cat<sup>o</sup>lica: bom senso e equil<sup>o</sup>brio, 118; decad<sup>o</sup>ncia, segundo a teoria de lapouge-alfredo ellis, 444, 445; "desinfet<sup>o</sup>rio" a serviç<sup>o</sup>

da saúde moral da colônia, 200;  
em portugal: ordens religiosas  
também militares, para fins eco-  
nômicos, 207; papel sócio-econô-  
mico na reconquista, 232; enter-

538 g. f.

ros; de negros: omissão de padres  
e misericórdias, 439; festas pom-  
posas no brasil colonial, 441; he-  
roísmo dos padres, 110; influên-  
cia nas culturas ameríndias, 110;  
poder desfrutado em portugal e  
espanha, após a conversão dos  
godos arianos, 206; proteção a cri-  
minosos, 194; sociologia da ex-  
pressão "vê queixar-se ao bis-  
po", 194; sombra matriarcal no  
brasil colonial, 38; versus senho-  
res de engenho, 439

igrejas coloniais: sepulturas "fe-  
dendo a podre", 438; do brasil  
patriarcal (centros de convivên-  
cia profana), 273

imoralidade: rio de janeiro, séc.  
xix, 467, 468

imperialismo religioso, predecessor  
do econômico, 169

incesto: indígenas brasileiros, 101;  
no brasil colonial, 342

índias brasileiras: masoquismo, 50;  
nuas nas casas-grandes dos sécs.  
xvi e xvii, 170, 171

indiferença sexual da criança,  
50, 51

índios brasileiros: arte cultural  
no brasil, segundo gastão cruzeiro,  
187; agricultura: plantio de amen-  
doim, 127; agricultura rudimentar,  
185; alcoolismo: tratamento, 127;  
aves domésticas servindo de bone-  
cas (costume que passou aos por-  
tugueses), 134; bebês: asseio im-  
pecável, segundo lory, 139; ber-  
ço para as crianças, 174; biblio-  
grafia etno-sociológica, 163; biolo-  
gia: como explicavam o nascimen-  
to da criança, 173; bonecas de  
barro, 134; brinquedos de barro  
feitos para as crianças, 134; can-



tigas de ninar, 133; casas secretas dos homens, 136; castigo corporal e disciplina paterna ou materna (ausência), 137; catequese jesuítica: falta de correspondência a esta, 144; razão da facilidade com que recebiam a penitência, 137; sincretismo do diabo católico com o jurupari, 140; comunismo tribal, 142, 184; cor erética, 61; crianças felizes, 138; cri-

mes que reconheciam, 184; culto fético, 273; cultura: dissolução por efeito do contacto com os brancos, 89 e seg., 108; "o brasil é dos países americanos onde mais se tem salvo da cultura e dos valores nativos", 159; o que se salvou, 159; parte que cabe aos jesuítas em sua decadência. 109; contribuição da criança aos jogos infantis e esportes europeus (bola de borracha), 135; danças de diabos, 129; débito dos portugueses à economia indígena, 127; decadência provocada pelo sistema jesuítico, 170; "direito público interrio", segundo bevilacqua, 184; divisão de trabalho entre os sexos, 114; educação moral e técnica dos meninos: onde e como se processava, 137; escravos: fracasso como tal, 158; expedição de captura dos transfugas, 154; fiação ante% penitência depois de iniciada a catequese, 137; formação (ia crivria: castigos corporais e disciplina, 136; ginástica, 138; guerras que os portugueses lhes ~cram, 155; higiene bucal, 1.26; liomoy;ex tia )idade e pederastia, 118, 119; origem, 136; imagem flue logo deles fizeram os portug. eses (indivíduos pederastu- uis), 119; indústria, 115; inferioridade cultural, 243; inimigos do corpo: espíritos maus e não os insetos, 106; jogos e danças: intuito pejag~).gico, 136; jogos cróti-

cos critre as crianas, 135; jogos infantis, segundo Cardim, 134; liberdade: lenda da vida livre, 103; medicina, 126, 127; mercantilismo dos padres, 153; moradias: ocas e respectiva populao, 133, 134; moral sexual: influencia nas leis da igreja, 101; mortalidade infantil: aumento aps o inicio da catequese jesuitica, no sc. xvi, 133, 364; mulher: base fisica da familia brasileira, 94; encargos domesticos, 113; importancia das velhas, 115; sexualmente superior ao homem, 102; utilidade social e economica,

115; nomes que davam aos filhos, 139; pajos: no aproveitamento de seus conhecimentos, 170; papel na formao economica do Brasil colonial, 162; parasitismo do homem; 116; parto das gestantes, 138; pedagogia da infancia, 128; pedagogia para ndios e o padre Anchieta, 147; base na flagelao, 137; medo como ponto de apoio, 128; potencial de cultura: destruido pelo sistema jesuitico. 170; re-nascidos: cerimonia com que eram cercados, 132; relaes sociais entre os sexos: superioridade do macho, 136; remdios; e conhecimentos valiosos para a medicina oficial, 364; sade e alimentao: disenterias por abuso de pimenta, 125; sociedades secretas, 137; superioridade sobre os europeus, no campo da higiene corporal, 111; suplcios infligidos aos recapturados, 155; suor: meio de eliminar o demnio do corpo, 138; tntano a que se expunham devido aos bichos, 176; tipoiogia: ciclotimia em geral, 380; totemismo sexual dos brinquedos, 134; vesturio europeia: consequncias disgnicas; de sua imposio, 111, tentativas no primeiro sculo, 113; vigor fisico, 158. (ver tambm indios

brasileiros)  
indios brasileiros: e o açúcar, 157;  
ao tempo do descobrimento, 24;  
animais  
pequenhentos, 176; brinquedos das crianças: aves amansadas servindo de bonecas, 98; calor e frio: desgosto pelo primeiro, gosto pelo último, 287; conceito que faziam do homem e dos animais, 98, 99; critério segundo o qual distinguiam entre si franceses e portugueses, 264; \* cultura moral, 99; estudiosos (ias tribos brasileiras, 96; inferioridade cultural ante o negro, 284; lirismo versus sociologia em encará-los como elementos válidos para a economia, 242, 243; saúde e higiene dos escravizados pelos colonos brasileiros, 171.

- Índios versus negros: análises antagônicas, 284 e seg.; observações de Bates, 360, 361; psicologia contrastante, 287
- Índios paraguaios "domesticados para Jesus", 23
- indolência no Brasil colonial, 430, 431
- infância e adolescência: no Brasil colonial e patriarcal, 374, 411; segundo Rousseau e segundo os fatos, 128
- inglês: imagem de colonizador, 189
- ingleses: recepção fraternal no Brasil do tempo de São Vicente, 199; no Brasil, 199, 200; versus franceses: contraste como narradores históricos, 424
- iniciativa particular em Pernambuco, no séc. XVI, 64
- inquisição no Brasil, lxxvi
- instintivismo e sociologia, 381
- instinto: crítica dos sociólogos norte-americanos, 381
- "instinto econômico", 382
- introversão versus extroversão: Índios e negros, 287, 288
- inversão sexual: causas psicanalíticas, 117

- japoneses: desenvolvimento sensacional desde 1876, 298
- Jú-Botocudo, 98
- jejum: abuso no Brasil colonial, 42; elemento de equilíbrio, 440; em Portugal: razões políticas e econômicas, 237
- jesuítas: ação cultural no Brasil (interpretações contraditórias), 179, 180, 183. ação dissolvente do sistema familiar, 169, 170; "bons portugueses e talvez até bons semitas", 153, 154; Alexander Francis Chamberlain e os, 53; casamento de brancos com Índios, 426; catequese dos Índios: domínio do complexo jurupari, 129;

estratégia de conquista dos pais, 147; música, 152; o menino como veículo civilizador, 128; clericalismo conflitante com os políticos, 67; curandeiros: conhecimentos

540 9- f-

que receberam destes, 254; disparidade entre a língua escrita e a falada, 333; "donzelas intransigentes", 443; fracasso sociológico na América, 144, 145; historiadores simpáticos e não-simpáticos a eles, 169, 170; imitadores dos mulmulmanos, 53; e início de loiola, 53; imperialismo religioso nos sécs. xvi e xvii: campeões indiscutíveis. 169; e os franciscanos, como catequistas dos Índios, 144; influência do seu sistema de educação e de moral, sobre o Brasil, 28; influência puritana nos costumes sexuais, 109; instrumento do poder da igreja, 18: intelectuais da igreja, 144; medidas sociais e morais que adotaram no Brasil, 110, mercantilismo, 153; mortalidade infantil indígena do séc. xvi; compensação através da superstição dos anjinhos, 406; no Paraguai, 180; papel civilizador segundo Joaquim Nabuco, 148; racismo das primeiras escolas no Brasil, 413; combatido no séc. xvii pelo rei de Portugal, 413; rivais dos senhores de engenho, 195; segregação dos indígenas em missões: malefícios do sistema, 153; sistema jesuítico, força de europeização técnica, 52  
jogo do beliscão, 368  
jogo do bicho, 178; origem sociológica, 135  
jogos infantis eróticos, 135  
judeus, 385; ascensão e domínio em Portugal, 229; Brasil colonial, 267, e Capistrano de Abreu, 71; evolução do seu poder econômico em Portugal, 207; influências culturais sobre luso-brasileiros,

226; inimigos do trabalho manual, 228; mecânicos nas fábricas de açúcar, 18; mercantilismo: origem, segundo max weber, 226. miscigenação em portugal, 215; papel etnográfico na formação da nação portuguesa, 8, 56; são paulo, 71; técnicos da usura-. "especialização quase biológica", 226  
juquitaiá, 125

l maconha: consumo no brasil do s.c. xix, 393; depoimento pessoal de g. f 393  
"ladinos", 357  
lagartas das roças, 15.....macumbá, 325  
lamarckismo e antropologia, 292; "mães-bentas", 455  
293; defesa, 293; provas experimentais favoráveis, 293, 294...mães-pretas, 352  
magia negra: indígenas, 132; sexual  
latim: estudo sagrado no brasil afro-brasileira, 326; estudos mal colonial, 420 iniciados por alfredo de carvalhosa  
lavoura canavieira, 41 lho, 178, 323; simpática, 173

1

mal de sete dias, 362  
"lavoura de pioneiros" 185mamar: importância psíquica do lazaretos, 368 ato, 283  
legumes verdes: desprezados pelosmamêucos: primeira geração, 94, indígenas, 126 95  
leis de proibição portuguesas e bra-manbakassam, 49  
sileiras: para não serem cumpridas a risca, 414 mandingueiros, 356  
lepra: confusão com sífilis, 50mandioca: alimento fundamental do leucorréia, 407 brasileiro, 121; processo de preleva-pancadas, 50 paro, 121  
língua portuguesa: africanização, mandonismo político, 51; disfarces, 333, 334; falada no brasil colonial, segundo caldcleugh, 332; e mandrôgora, 324  
em portugal, 333; vócuo entre a mantilhas: costume árabe no

brasil

escrita e a falada no brasil, 149 colonial, 221  
língua tupi, 149, 150 mão-de-cabelo, 399, 400  
língua infantil: reduplicação "mão-de-coçar", 462; e piolho, 4791  
das sílabas, 331 mãos e pés: delicadeza observada por burton nos "anglo-  
lirismo amoroso brasileiro, 10  
lisboa: consumo de carne, 234, 235- nos" e "ibero-brasileiros",

468

no s.c. xvi, 269, 280 máquina de moer cana: elogio do "livro velho" 216 pe. lino, no s.c. xix, 471  
"livros de assentos" lxxvi maracatus, 106  
mariolatry no brasil, 399  
livros de viagem de estrangeiros.marquês: de basto, 430; de lavra- lxxix  
loiros: idealização e evangelização dio: portaria de 1771, e

racismo

deste tipo, 10 antinegro, 414; de marialva, 326;  
 lua: o luar e a saude infantil, 363, de pombal: lei pro-  
 casamento de  
 luisiana, ivi portugueses com india, 414; de  
 lutas inter e intrafamilias, 342 santa cruz, 351  
 luxo nortista dos s0cs. xvi e mascaradas demoniacas, 99  
 xvii, 469 masoquismo, 117  
 masturbacao e pederastia nos col-  
 gios do s0c. xix, 418  
 m materialismo historico: posicao de  
 g. f., iviii  
 mal-assombração, lxxi mato grosso: estudo da subarea de  
 macacos: lobios finos como os dos monocultura e  
 latifundio, 395  
 homens brancos, 296 mau-olhado, 326  
 ma . capato, 123 medicina brasileira: antes da se-  
 maoca, 123 gunda metade do s0c. xix, e o  
 maonaria: origem na hornomixia, curandeirismo, 362; debito  
 para 118 com sigaud, 126; indigena, 126;

e-g- & s. 541



segundo império: teses de doutoramento alarmistas sobre consanguinidade, 255

medicina europeia dos s<sup>cs</sup>. xvi, xvii e xviii; não excedida "em porcarias ou simulações" pelos curandeiros, 363

medos afro-brasileiros, 328

"medos da gravidade" 179

meios de transporte: s<sup>c</sup>. xvi a xviii (palanquins de luxo, inadequados ao clima), 415

meninas-moças: depoimento de observadores, 347, 348; educação e status no brasil colonial e patriarcal, 421

menino brasileiro: sadismo segundo depoimentos, 369, 370

meninos brasileiros: brinquedos e folguedos, 336, 368; conversas chulas, 350; s<sup>c</sup>. xix: "homenzinhos à força desde os nove anos", 411 -e seg.; depoimento de rendu, 411; sexo: excessos nos internatos do s<sup>c</sup>. xix, 419; tristeza, no depoimento de luccock, 412; vestuário caseiro, 415; zonas rurais de hoje, 408

menstruação: fatores raciais e climáticos, 254; quando se inicia em vários povos, 274

mesa brasileira: luxo nas casas-grandes, 457, 458

mestiagem. no brasil colonial: eugenia dos filhos bastardos, 447

mestiços brasileiros: relação de alguns ilustres, 448, 449

metabolismo basal do homem tropical: pesquisas de a. osório de almeida, 61

milho, 125, 126

mimbaba, 98

minas gerais: iniciativas de democratização social do brasil, 465; negros de traços delicados, 306; população negra: comparação com a da bahia, 306

minas (negras) em minas gerais, 307

mineiração e escravidão, 306

minhotos (homens de barba loura

e cableo escuro), 203  
miscigenação: ascensão social e econômica dos bastardos, 448; bran-  
542 g. f.  
cos com Índias, 426; leis pró e  
contra no Brasil colonial, 414;  
séc. XIX, 307; versus sifilização  
no Brasil, 47, 48  
missionários: papel sociológico, 72;  
simplismo sociológico, 147  
missões, 170; jesuítas: critério  
funcional, 146, 147; versus fran-  
ciscanas, 144, 145  
mitochourinismo, 384  
mitos brasileiros, 399  
mitomania, 255, 256  
mixiria, 124  
moçárabes, 209, 214  
moda feminina no Brasil colonial,  
221, 345  
modinha: origem, 151  
modinhas de engenho no Brasil,  
344  
moléstias venéreas: orgulho dos ra-  
pazes no séc. XIX, 411  
monges invertidos: sublimação se-  
xual, 117  
monocultura, 34, 315; consequên-  
cias no Nordeste, 78; dilema so-  
cial consequente, 257, 258, 259;  
escravocrata: confronto entre seus  
efeitos sociais no Brasil e noutras  
regiões climáticas diferentes, 376;  
obstáculo à lavoura de alimentos,  
82  
monogamia, 99  
moquém, 124  
moqueca, 125  
moral feminina, segundo Mawé,  
425; sexual portuguesa versus in-  
dígena, 101; sexual primitiva (in-  
terpretação dos observadores),  
101, 102  
moralidade brasileira: sociologia da  
sexual, 426; testemunhos e expli-  
cação da vigente na época escra-  
vocrata, 469  
morbilidade feminina no Brasil co-  
lonial, 349

mortalidade infantil, 362; adaptação sociológica: o mito do anjo que subia ao céu, 366; brasil colonial, 132, 133; enterramento dos pequenos cadáveres, 367; estatística de 1826, 404, 405;  ndice de 50% no brasil colonial, 364; causas sociais versus causas climáticas, 367; séc. xvi em diante, 365; séc. xix: depoimentos diversos na sessão da academia de medicina, em 1846,- 365; senzalias, 404

morte de criança:  
lógica, 133

mortos: enterro dentro da casa, ixviii  
moura-encantada, 9, 60  
moura-torta: origem da lenda, 10  
mourejar, 212

mucamas: prestígio na vida sentimental das sinhazinhas, 340  
mujangu , 125  
mujica, 175  
mulatismo, 307

mulata: preferência erótica do portugus, 10; tipo anormal de superexcitada genésica, 373  
mulato cor-de-rosa, 204

mulatos: arrivismo dos portadores de cultura superior, 448; ascensão social, 451; brasileiros contrastados com os norte-americanos, 358; "caboclos", 84; exalta o de josé am rico ("brejeiros") e de hearn ("mestiços das  ndias ocidentais francesas"), 83

muleque brasileiro: fun o semelhante   do escravo púbere no império romano, lx, 50; papel sociológico, 336

mulher brasileira: castidade conjugal segundo depoimentos negativos de franceses dos sécs. xvii e xviii, 424; contraste entre a sua conduta moral na corte e nas cidades e no interior, 450; fala e,- tridente e desagradável, 337; papel sócio-econ mico entre os indígenas, 120 e seg.; na forma o

do brasil, 91, 92; razão da sua submissão ao homem, 51; sadismo em relação à negra, no s.c. xix, 337; status no brasil colonial e patriarcal: sob tirania do sexo masculino, 421

mulheres brasileiras: aventuras de amor, 425; assassinadas por pais ou maridos, 422; baianas: depoimentos de frezier e froger, 424; de uma inglesa do s.c. xviii, 345; de loreto couto, 423; s.c. xvii: sempre sentadas, segundo

idealizarão socio-

cronista holandes, 415; senhoras brancas coloniais: virtude em função da prostituição das negras, 450; vestuário de cerimônia das baianas, 415; virtuosíssimas: casos diversos, 423; vivacidade-tendência para a perda precoce desta, 347

música: papel sociológico na catequese brasileira, 151

musicalidade: superioridade alemã, 298

músicos do brasil colonial e imperial, 417

nativismo brasileiro subsequente ao grito do ipiranga, 452; troca de nomes portugueses por indígenas, 452

negras: agentes da depravação precoce dos meninos patriarcais (contestação de g. f.), 372; aicoviteiras, 425; doceiras, 455; graça e beleza no s.c. xix, segundo vários testemunhos, 313; "mulheres frias", segundo ellis, 316; perigosas e não perigosas (o limite dos 40 anos), 442; seminuas nas igrejas coloniais, 440; sensualidade exaltada, 426, 427

negro: agente patogênico da sociedade brasileira, 321; ascensão social: poética portuguesa e brasileira, 415; critério científico de

analise-lo, 321; e donald pearson, 387; eugenia: seleçao para o servico domestico, 314; indice cefalico: estudos de maria porchat, 395; influencia adocicante sobre as linguas portuguesa, francesa e inglesa, 331, 332; influencia na formacao do povo brasileiro, 44; julgamento de sua acao: criterio de goldenweiser, 315; norte-americano, 387; versus branco (comparacao cerebral), 295

negros: abrasil , eiramento, 357, 358; acao cultural no brasil, 186; africanos versus brasileiros: estu-

c.-g. & s. 543

112 paraguai: estado teocrático, 180  
 dos de roquette-pinto, 358; ale-  
 391; mortos: nutrição brasileira: qualidade ros  
 particularismo versus unionismo, 72;  
 gria dos, e a melancolia e tris-  
 438; m-primeiros séculos, 43; idem: es- e  
 euclides da cunha, 72  
 teza dos brancos, 462; amari-  
 colonial e impe-cravos negros, 44 passarinho: costume  
 indígena de  
 cados: mestres de cozinha, 454;  
 característicos,  
 animalidade dos instintos% 319,  
 religiosas: como os pegar, 134  
 320; aquilombados, 45, 46; áreas  
 adaptações o patriarcado monocultor e  
 escravo-  
 principais no tráfico, 309; baía-  
 287; protes- crata: extensão  
 geográfica no  
 nos: procedência, 391; cantos de  
 explicação da brasil, segundo  
 vários autores, 79  
 trabalho e de festa, 463; cerni-  
 religião, noobscenidades: função sociológica em paulistas:  
 potencialidade eugênica  
 tórios criados pelas misericórdias,  
 mais fre- portugal, 250 (diminuiu por  
 culpa da igreja),  
 472; conhecimento de árabe, 393,  
 sub-raças; ocas: casas-grandes de caráter co-  
 344, 445; raça de gigantes, 32  
 394; contraste com os índios, 157,  
 brasil, 390; re- munista, 133 paxicó, 125  
 158; cristianização no brasil: erro  
 sepulturas nas praias, ocidente: decadência, segundo spen-  
 pecado nefando, 174  
 de opinião de nina rodrigues,  
 excitação gler, lxii peças de guiné, 156  
 357; cultura: diferenças entre os  
 sexualidade: teo- ordem e progresso: referência  
 pecuária brasileira: débito aos ne-  
 que contribuíram para a forma-  
 superexcitação, 372, 373; publicação deste, xlix  
 308  
 brasileira, 392; deformações  
 317; suicidas, ordenações filipinas, 246 pedagogia  
 ameríndia, 128  
 físicas adquiridas no brasil, 359;  
 cultural: razão ordenações manuelinas, 196, 246;  
 pederastia: libelo de 1864, de pinto

nudez: origem do horror  
 talurgistas natos",  
 como eram enterrados,  
 sicos no brasil  
 rial, 417; nomes  
 453; ordens  
 tratavam, 440; pr-  
 vida no brasil, 286,  
 tantismo: possível  
 obeahs, 356  
 propensão para esta  
 brasil, 312; psicoses  
 qentes, 380; raças e  
 que vieram para o  
 ligões, 393;  
 439; sexo, 316; sexo e  
 artificial, 167;  
 rias da  
 gros,  
 sifilização no brasil,  
 464; superioridade

"de ganho", 449; desafricaniza- da escravidão no  
 brasil, 243; su- severidade, 20 da silva, 418;  
 origem, 118  
 método usado no brasil, perioridade cultural  
 sobre os in-ordens religiosas e militares em pediatria  
 brasileira: doenças da  
 357; diferença de índole entre os dígenas, 284;  
 superstição de estar portugal, 207 criança brasileira na  
 escravidão,  
 grupos, 389; doenças trazidas mais próximos da forma  
 arices-órgãos sexuais dos candidatos 367; estudo de  
 josé Maria tei-  
 para o brasil, segundo otávio de  
 traal do homem, 296; status racial filhas dos senhores  
 de engenho:  
 xeira, em 1887, 365  
 faria, 480; efeitos biológicos do e  
 biológico: teorias controvertidas, critério de  
 avaliação, 468, 469 pedra-de-ralar, 456  
 tipo de vida econômica levada  
 314; tipos raciais, 303, 304; tra- origem social: meio  
 de identifica-  
 aqui, 358, 359; escravidão: cri- ções finos em minas  
 gerais, 306 método incerto e precário (nome de peitica, 176

me versus necessidade social, 243; negros versus brancos: área de su-  
família), 451 peixe: culinária, 124, 125  
idem: nos estados unidos, se-dorese da pele, 287; comparações  
pequena propriedade, lxxiv  
gundo phillips, 305; europeização: física e psicológica, 296; inteli-  
perostase, 358  
antes desta, 289, 308; forças queegência, 296; testes contraditórios,  
p pernambucanos: atividade vertical,  
atuaram no brasil sobre os recô- 297  
62  
chegados, 357; fugidos: papel cul-negros versus índios: alimenta-  
paçoca, 124 pernambuco: bispo domfialho  
tural que exerceram nas matas  
contrastada, 290; contrastes como padres: filhos de  
padre e sua sorte (pastorais sobre decência nas  
e sertões, 308; guiné, 157; hi- escravos, 242; análises  
antagôni- na vida, 447; fundadores de fa-  
igrejas, 440; estado moral e eco-  
giene: impropriedade de conside- cas, 284 e seg.; danças  
contras, molias no brasil, 444; relações  
nômico antes da conquista bo-  
rô-la ausente entre eles, 462; tadas, 289  
sexuais com negras e mulatas, andesa, 468; foco de  
energia  
imoralidade de comportamento no neolamarkismo, 383 1  
442; "voadores": referência aos criadora, 11;  
riqueza e luxo nos  
brasil: explicação sociológica, nobreza brasileira: 9ivro de  
regis- missionário3, 72 sces.  
xvi e xvii., 470; peste no  
315; impossibilidade absoluta de  
tro de hotel", segundo antônio, pajós: indivíduos  
efeminados ou in- soc. xvii, 363; soc. xvi; opu-  
separá-los de sua condição de torres, 451  
vertidos, 1116 lência de engenhos de açúcar,  
81;  
escravos, 315; inferioridade antro- nomes de família e de  
engenhos, palavões e gestos obscenos: fun-  
senhor de engenho que cardim  
pológica, segundo oliveira mar- 452  
ção sociológica, 250 conheceu em 1583, 261  
totis, 314; influência direta ou in- nomes de santos,  
452palmatória: com alfinete na ponta, picata. 211  
direta em todo brasileiro, 280 e nora, 211 419  
pigmenta-ção cutânea e meio físico,  
seg.; idem: sobre a vida íntima.  
adaptabilidade aos pamonha, 124 nórdicos: e sua  
291  
do brasileiro, 315 e seg.; inter- trópicos, 11  
pão "de glandes", 235; novidade do  
pimenta, 125; cróticos, 460  
mediários entre brancos e índios, nordeste: conseqüências  
nefastas da soc. xix, 459; trigo versus  
pintura profilética, 107  
53; judiarias impostas aos, 369 e monocultura, 78





poesia brasileira: origem no con-  
luio entre padres e cultimins,  
151

polidez: ausncia entre os brasilei-  
ros (origem sociolgica), 460

poligamia, 48, 99; clima tropical:  
base causal segundo montesquieu  
e treitschke, 253

populaes paraibanas estudadas por  
jso Amrico de almeida, 83

porto, em 1239, 197

portugal: acumatabilidade, 10; agri-  
cultura, 231; idem: contribui-  
o dos rabes, 235; idem: du-  
rante os tempos da dominao  
romana, 235; idem: monocultura  
estimulada pela inglaterra, 236;  
idem: origem, 211; alimentaao:  
causas do empobrecimento do  
soc. xvi em diante, 236; amor  
fsico: obsessao deste, levando ao  
anedotrio obsceno, 250, antes  
da ocupaao romana: regime ali-  
mentar, 235; ao tempo da inva-  
so romana, 204; bacharelisnio  
excessivo: medidas coercitivas no  
soc. xvii, 229; idem: razes; ju-  
daicas, 229; bruxaria, 323, 324;  
burguesia: ascendncia precoce,  
209; idem: maritima, 54; carestia  
de vida, 239; casamento de juras,  
245; casa: contraste entre as do  
sul e as do norte, 223; classe in-  
di; a: papel sociol,5gico -econmico,  
229; classes sociais: ausncia de  
estratificao, 217; clero re-  
gular: papel econmico no tem-  
po dos afonsinos, 233; clint-  
tica e geograficamente africano e  
neo-europeu, 10; colonizao agr-  
ria do brasil: exigncia de po-  
ltica social superior as suas pos-  
sibilidades, 245; caracterizao do  
colono, segundo manuel bonfim,  
23; constituio social vulcnica,  
201; cristianismo: caracterstica  
quase de flalagogia, 246; culin-  
ria afrodisaca, 250; culinria de  
origein. moura, 221; cuituras de  
base: a hispnica e a bberbere,  
242; decadncia econmica: cau-

sas, 239, 240, 241; idem, economistas que a estudarant, 240; idem: grito de alarme de ale-

546 9. f-

xandre de gusmão, 238; idem: luta entre a agricultura e o oceano, 241; idem: os dois portugueses antagônicos e dois tipos de formação social, 240; idem: teorias diveisas, 237, 238; dentografia: reflexo das exigências desta na tolerância para com toda espécie de união sexual, 246; depoimento de viajantes ilustres, 230; idem: beckford, 233; descobrimento do brasil: por que o recebeu com desapontamento, 198 ' direito penal: severidade, 20; divisão em dois subpaíses (louro e moreno): falta de base, 201; dolicocefalia e baixa estatura, 202; documento de 1686, e o racismo dos jesuítas no brasil, 413; economia agrária: decadência por causa do mercantilismo, 240; erotismo dominando todas as classes, 251; escravidão: número excessivo de escravos nos sécs. xvi e xvii, 238, 239; espanhóis: papel do ódio a estes, 242~ expansão colonial: os portugueses como corruptores e não vítimas, 239, 240; famílias: feudal e comunitária coexistindo nos séculos da decadência, 240; florestas: consequências da devastação praticada pelo regime latifundiário, 233; frades: teoria de ramalho ortigão, 234; genética histórica da população, 202, 203; higiene individual: cristãos versus maometanos, 222; história étnica e política: interpretações falsas a respeito dos judeus, 226; imperialismo: base na prosperidade dos judeus, 228; imperialismo geográfico: servindo-se das sobrevivências do paganismo no cristianismo, 250; indecisão oturu:

co-cultural entre europa e África, 6; os interesses de procriação, os preconceitos morais e os escrúpulos religiosos, 246; invasão árabe, 209; idem: benefícios culturais, 211; idem: contraste entre a. a. sociológica dos mouros; e a dos judeus, 212; idem: máquinas de uso agrícola intro-

duzidas, 211; idem: papel do clero e das abadias na sobrevivência da agricultura, 232; idem: testemunho lingüístico e semântico da influência cultural, 211, 212; invasões que sofreu antes e depois do domínio romano. 204, 205, 206; judeus: desenvolvimento da marinha mercante graças aos impostos pagos por estes, 228; idem: força enorme e sutil influência, 227; idem: formação da nação portuguesa, 8; idem: miscigenação, 215; idem: papéis antipáticos, 227; idem: problema econômico e não racial ou social, 226; latifúndio, 232; legislação da família: benignidade para com os filhos naturais, 246; marinha mercante: papel dos judeus, 228; médicos dos sécl. xvii e xviii: divergências quanto à cor das amas-de-leite, 361; mercantifismo: origem e consequências, 241; miscigenação árabe, 214, 215; miscigenação entre árabes e a população local: segundo pontes de miranda e g. f., 210; miscigenação racial: invasão moura e bárbara, 208; mobilidade étnica vertical: judeus e mouros, 227; mobilidade racial e de classes, 209; mobilidade: segredo da vitória geográfica, 8; monarquia: como se libertou do clero, 229; moral: influência dos mouros sobre os cristãos, 224; nobreza de jovens-sem-terra, 216; oceanidade versus continentalidade, 241; opulência: papel dos ju-

deus, 228; ordens religiosas: fun-  
ção criadora na reorganização  
econômica do território recon-  
quistado aos mouros, 207; pedia-  
tria no séc. xviii, 363; pesca  
durante a idade média, 237; pes-  
tes do séc. xiv, 213; política  
colonial no brasil: o governo  
geral, 30; política de coloniza-  
ção contrastada com a de es-  
panha, 29; população: "indiais em  
crise de gente", 245; idem: pro-  
vável fundo africano, 203, popu-  
lações atuais: elerriente sernotio-

fenómeno, 56; potência marítima:  
base na alimentação do povo,  
236; preconceitos raciais: causa  
da ausência destes, 209, 210; re-  
conquista aos mouros: papel das  
ordens religiosas, 207; recupera-  
ção econômica dos sécs. xvi e  
xvii graças à colônia brasileira,  
245; regime de alimentação: con-  
seqüências nefastas do exagerado  
consumo de peixe seco, 237;  
idem: distímulo entre os banque-  
tes e a alimentação dos dias co-  
muns, 235; idem: importância  
dos jejuns, 236; regime econô-  
mico após a reconquista, 231;  
reis: papel sociológico, 216; re-  
lações comerciais: quando e com  
quem se iniciaram, 197; remé-  
dios caseiros imundos transmiti-  
dos ao brasil, 364;

retrato his-  
tórico pintado por herculano, 6;  
romantização, 242; sarracenos:  
conseqüências dos contatos com  
estes, 9, 10; séc. xvi: reis en-  
riquecendo no tráfico de espe-  
ciarias asiáticas, 23; séc. xviii:  
estudos de jao dantas, 359; se-  
xualidade: razões da precocida-  
de dos adolescentes ibéricos,  
253; idem: sécs. xv e xvi (to-  
das as formas de luxúria entre  
os próprios militares), 323; status  
social dos portugueses: ostenta-  
ção de falsa grandeza, 239; tes-

ternunho de clenardo sobre ali-  
mentação no séc. xvi, 238; ti-  
pos étnicos, 54; triticuitlra de  
exportação, 233; versus espanha:  
diferenças e semelhanças, 241.

português: capacidade de adapta-  
  o, 255; contraste com o es-  
panhol, com colonizadores, 190;  
cosmopolitismo, 199; costumes e  
hábitos higiênicos no brasil, 254;  
desamor pela terra e pela agri-  
cultura, 68; diferen ia  o biol -  
gica em escravocrata, 156; espa-  
nh is: Ódio a estes, 50; idem:  
Ódio profilático em comum aos  
hereges, 193~ furor femeeiro, 50;  
heterogeneidade étnica e cultu-  
ral, 201; idealização err nea de  
ramalho ortigão. 234, imageri

de colonizador:

- a meio caminho entre o inglês e o espanhol, 189 e seg.; indecisão já pré-histórica entre europa e África, 201; melancolia e tristeza no brasil, 462; nacionalismo quase sem base geográfica--- 197; plebeísmo, segundo keyserling, 190; predisposição para colonização híbrida, 5; raça forte e adaptável a qualquer clima, 56; elogio da raça por luís pereira barreto, 56; superioridade de raça: ausência deste sentimento, substituído pelo critério da pureza da fé, 195, 196; tipo normal: dificuldade de definir, 6, 7; traços típicos segundo montesquieu, 267; união de espírito de aventura ao de precaução, 55; vocação para a horticultura, 269; xenofobia rara, 72; xenofobia segundo handelmann, 196
- português versus espanhol: tese de everett stonequist, 57, 58; idem de osvaldo frank e posição de g. f., 55
- portugueses: e os anglo-saxões, 72; contraste entre as colônias africanas e o brasil, 148; fundadores da agricultura brasileira: teses de sôrgio buarque de holanda e g. f., 267
- portugueses: alimentação no brasil (alterações básicas), 14, 15; aclimatação ao brasil, 255; colonização do brasil: causa da sua vitória, 13, 69; idem: ideologias conflitantes sobre a colonização agrária, 67; contrastados com os anglo-saxões, 72; contraste entre as colônias africanas e o brasil, 148; fundadores da agricultura brasileira: teses de sôrgio buarque de holanda' e g. f., 267; indolência, 238; sivilização do mundo, 49; superioridade sobre os outros europeus, 12; vermelho no traje, 105.

povoamento do brasil: baseado no  
instinto de posse e a varonilidade  
de do macho, 244; franceses no  
primeiro contingente, 93, 94

548 g. f.

povo brasileiro: gosto pelo gover-  
no musculoso e autocrático, 51  
povos apolônios e dionisíacos, 289;  
primitivos: vida sexual regrada e  
não libertina, 101  
prefácio deste livro: importância e  
crítica de terceiros, xlvj e seg.  
pré-história nacional, 19  
pretos de raça branca, 302  
primitivos: organizações secretas de  
função sociológica, 137  
prisão de ventre: meio de com-  
pensação do homem introvertido,  
172  
professorado do tempo do impe-  
rio, 420  
professores negros e pardos, 415  
propriedade: campo de conflito no  
brasil, 142  
prostituição das negras, 449, idem:  
no séc. xix, no rio, 449  
prostituição doméstica versus pros-  
tituição em bordéis, 318  
prostituição -regra versus moralida-  
de branca: teoria de bernard de  
mandeville aplicada ao brasil pa-  
triarcado, 450  
prostituição no rio de janeiro, du-  
rante o séc. xviii, 419  
proteínas: classificação, 81  
psicofisiologia, lxxii  
psicologia sexual, 100  
psiquiatria brasileira:  
bre os negros e  
puberdade: rituais  
136  
pueblo: pesquisas  
cer, 128  
puritanismo vitoriano, 251  
puritanos, 12  
  
estudos so-  
ndios, 380  
dos indígenas,



de frank si-*ea*-

quarto de dormir das *sinhas*-*mo-*  
*ças*, 339

quibungo, 328

quinta, 270; no brasil, 270

r

*raça* de gigantes, 32

*raça* e clima: teoria de leonard  
williams, 290; e meio social, 384; 1

"latino-americana", conceito de  
bogart, 16; *nórdica*: teoria ia-  
pougiana de sua superioridade  
em criatividade, 219

*raças*: contatos entre superiores e  
inferiores, 108, 109; critérios de  
avaliação qualitativa, 294

racismo: mito da superioridade  
*nórdica*, 386; no brasil colonial,  
448; idem: padres que -e re-  
cusavam a *caçar* branco com ne-  
gra, 414, 415; idem: *séc.* xvi-  
xviii, nas escolas *iesuíticas* (*rea-*  
*ção* do rei de portugal), 413  
ranchos de reis e carnaval, 462

raptos e fugas *românticas* no bra-  
sil colonial, 340

raquitismo, 81

realismo econômico na  
brasileira, 8

recom-nascido: *proteção*  
326, 327

recife: *ladainhas cantadas*  
tecer, 431

rede, 94; apologia de colombo,  
175; "brazil bed", 174; complexo  
sociológico, 177; estudo socioló-  
gico por fazer-se, 175; função de  
berço, 132; no brasil e nos es-  
tados unidos, 430

reduções, 170

reflexos pavlovianos, 293

"reis do congo", 356

reisados, 106

religião: origens, 118

remédios brasileiros: medicina e  
curandeirismo, 1163, 364

realismo econômico e jurídico, 4  
renda: colonos seriam muito ricos  
'nôo fossem os santos e as anto-  
sias", 441  
revoluções brasileiras: desordens  
propícias ao saque, 141, 142; ii-  
berais: interpretação sociológica  
de sôlvio romero e gilberto  
freyre, 141  
revolução pernambucana de 1817:  
"a única digna desse nome", 142  
revolucionários de 1817: adoção  
do tratamento "vós", 466  
rio de janeiro: imoralidade nos  
princípios do séc. xix, 467, 468;  
semelhanças sociológicas com o  
nordeste açucareiro, 396

formação

mística,

ao anoi-

rio grande do norte: colonização,  
429, 430  
rio são francisco: análise de ai-  
berto rangel, 70; papel socioló-  
gico, 69  
rios brasileiros: contraste entre os  
imensos e desequilibrados, e os  
menores, porém regulares, 25;  
idem de pequeno porte: papel  
sociológico, 70  
ritos de iniciação da puberdade,  
136, 137, 138  
roupas: preço a que chegaram  
depois do tratado de methuen,  
440

s

sadismo brasileiro: reflexo na pe-  
dagogia da palmatória, 419; das  
mulheres brasileiras patriarcais,  
338  
salvador da bahia: cidade dos vice-  
reis, 39  
samba: origem e deformação, 167;  
sexualidade, 167  
"santidades": culto fêlico, 168

santo ofício: em portugal (origens do tribunal), 207, 208  
santos: popularidade em portugal, 246; sexualização em portugal, 246  
são joão: festas brasileiras coloniais (função afrodisíaca), 246  
são paulo: aristocracia técnica colonial de ascendência mourisca, 220; em 1585, 156; foco de energia criadora nos primeiros séculos da colonização, 11; núcleo brasileiro de maior contingente semita, 71: paulistas de características mouriscas, 211; s. xix: nobres exercendo ofícios mecânicos, 217; superioridade sobre o rio e o norte, no campo da alimentação do povo, 42  
são paulo versus pernambuco: contrastes nos sécs. xvi e xviii, 469, 470  
são vicente: fundação, 64  
sapo, 325  
saiba, 244  
seleção religiosa, 445; sexual, na história do brasil, 21

semântica: verbos trabalhar e mou-  
rejar, 240  
seminário de São José: e o de  
Olinda, 412  
seminários do séc. XIX, 412  
semitismo: influência na história  
do Brasil, 27  
senhores de engenho: alcunhas de  
alguns, 278; depoimento de Vort  
Steirien, 428, 429; riqueza, 441;  
"pessoa quase feudal", 245; sécs.  
XVI e XVII opulência e luxo,  
260; testamentos, 436  
senzala: escola prática de abasi-  
leiramento, 357  
sertanejo: papel  
ascetismo, 376  
sesmarias: lei de Dom Fernando,  
213  
sexualidade: adolescentes e meni-  
nos no Brasil colonial, 372, 373;  
apetite sexual, 315, 316; associa-  
ção do gozo do paladar com o  
gozo sexual, 106; atração da Ori-  
digeria pelo europeu: causas se-  
gundo vários estudiosos, 92;  
aventuras entre negros e senhoras  
brancas, 339, 340; brasileira: am-  
biente de intoxicação sexual no  
início de nossa formação nacio-  
nal, 93; idem: depoimento de  
Mawé, 425; idem: origem, 376;  
idem: "Brasil, país de sensuais  
torpezas", 425--- 426; idem: ra-  
zões da superexcitação entre nós,  
253; idem: sociedade do tempo  
da escravidão "alagada de go-  
norreia e sífilis", 318; idem:  
sombra do escravo negro, 284;  
bruxaria: papel erotizante, 324;  
cantigas lascivas dos indígenas,  
substituídas por hinos devotos,  
135; casamento e concubinato no  
Brasil colonial e Portugal, 413,  
414; civilização: papel desta no  
incremento e irregularidade de  
relações sexuais, 320; clero católi-  
co: comportamento sexual, 443;  
clima tropical: ação intensifica-  
dora, 254; criança, 50; culto fê-  
lico, 168; "culto faustoso a vó-

nus", 441~ ditado brasileiro sobre brancas, mulatas e negras, 10; erotismo do portugueses, 9, 10; eu-

550 g. f.

sociológico, 72;

ropeus ilustres culpados de homossexualidade no brasil, 321, 322; homossexualidade na época colonial, e o santo ofício, 321, 322; Índia: relação direta entre o refinamento erótico e a categoria social superior, 320; indígenas brasileiros: e os africanos, 100; idem: invertidos ou efeminados (como eram vistos pelos demais), 116; idem: uniões consanguíneas, 101; idem: tamanho do pênis, 102; inquiridos estatísticos: sugestão de g. f., 376; internatos dos colégios brasileiros durante o séc. xix, 418; linguística: verbo "comer" e outros, 274; lubricidade dos brasileiros: origem, 100; maricas: ridículo que o regime patriarcal lhe votava, 372, masculina: ideal, o raparigueiro feminino, 372; idem: semelhança entre a precocidade observada no brasil patriarcal e no sul dos estados unidos, 378; masturbação masculina, 371; idem: combate por meio de atemorização, 405; menino brasileiro: causas da precocidade inicial, 375; idem: depravação pela mulher Índia e pela escrava negra, 316; mulher brasileira nos sécs. xvii e xviii, 424; idem, segundo corcal, 424; negros e mulatas: preferência dos colonos por estas, no séc. xviii, 442; negros: teorias científicas e médicas do grau exaltado desta, 372, 373; idem: versus europeus, 315, 316; órgãos genitais: entre os povos primitivos, 316; paró: testemunho do bispo sobre costumes depravados no, 316; primitivos versus civilizados, 102;

portugal e espanha, 252, 53;  
portugal: catolicismo sexualizado  
a serviço da conjuntura nacional,  
246; portugueses e Índias, 100;  
promiscuidade no brasil, 65;  
prostituição doméstica versus pro-  
fissional de bordel, 318; pudor  
mórbido: casos de ato sexual pra-  
ticado através de colchas, 402;  
rapaz brasileiro: desbragamento,  
371; relações entre brancos dos

melhores estoques com escravas  
negras e mulatas, 442, 443; re-  
lações entre o conquistador eu-  
ropeu e a indígena, 50; rivalida-  
de entre brancas e negras no  
brasil: causas, 361; séc. xvii  
colonos amasiados com negras,  
427; séc. xviii: depoimento de  
vilheria sobre a, "desordenatia  
paixão sexual", 319; idem: quin-  
ta de são cristovão, "uma so-  
doma", 419; sensualidade e cli-  
ma: o brasil e loreto couto,  
425; sertanejos contrastados com  
os brejeiros e litorâneos, 376; si-  
filização das damas e freiras do  
rio, no séc. xviii, 319; sinhos-  
mos e mulatiririas, 341, 42;  
teoria de calhoun, 442; teoria  
política aplicada aos degredados  
do primeiro século da coloniza-  
ção, 21

sífilis no brasil: artigo sobre os  
negros brasileiros, 317; controver-  
sia sobre sua origem, 85; estatís-  
tica de crianças sífilíticas no sé-  
culo xix, 397; estatística de mi-  
litares; sífilíticos em 1872, 397;  
no rio no séc. xviii, inclusive  
nos mosteiros, 319; origem ame-  
ricana, segundo milton rosenau,  
85; terapêutica colonial: depura-  
ção por contacto com negrinhas  
virgens, 317; testemunho de si-  
gaud, 85

sífilis, ixi, 47, 396, 449; nos es-  
tados unidos, região sul, séc.  
xix, 318; epidemia francesa no  
séc. xvi. 49; no oriente, 49;

termo japonês, 49; proliferação  
na europa, 112  
sifilização do brasil, 318, 419; tes-  
t'emunhos médicos do séc. xix,  
317, 318  
sistema e aparelho (questão de no-  
menclatura anatômica), 76  
sobrados e mucambos, xlviiii  
sobrenatural no brasil, 141  
sobrinhas: distinção entre as fi-  
lhas de irmãos e as filhas de ir-  
mãos, 167  
"sobrinhos" (filhos de padre), 444  
sociedade: forças psicoiisológicas,  
ixxii

sociedade coionial brasileira: ori-  
gem, 4; no sentido de sorokin,  
62

sociedade portuguesa: dissoitio,  
moral depois do séc. xv, 252

sociedades primitivas: idade nup-  
cial, 407; secretas, 118

sociologia e biologia lamarckia-  
- ix, 292 e seg.  
na, 11

sociologia genética, 100; e instin-  
to, 381  
sodomia, 119

sodornia: na itália renascentista e  
no brasil colonial, 322

solar de santo antônio de apipu-  
cos, xvii

solo brasileiro: pobreza de cêlcio,  
42

subcolônias portuguesas no brasil,  
26, 27

sudaneses: tipologia, 314

sudeste nordestina, xxviii, lxxxviii

superstições, 328, 329; brasileiras,  
176, 177

surreo, 329, 330

t

tapioca, 122

---fara étnica racia, 19

tartaruga: complexo alimentar, 125

taylorismo: arremedo brasileiro, 44

terriplórios, 207

"terras de pão", 213

testes de intelig0ncia, 297  
tigres: barris de excremento das  
casas-grandes, 461  
tipiti, 121  
tip0ia, 132  
tipologia psicol0gica dos 0ndios e  
negros, 287, 288 1  
toba, 107  
transporte mar0timo, 58  
tratado de methuen, 236

1 1

trigo: vencido pela manjioca, 121  
tristeza do caboclo, 462  
triticultura: tentativas no brasil  
colonial, 32  
tupi, 98; casamentos incestuosos,  
102; mic00o e defeca00o, 113; so-  
domia, 119, 120  
tupinamb0: ausencia de repreen-  
s0es dos pais aos filhos, 137; hi-  
c.-g. & s. 551



pertrofia do pênis, 102; homomixia, 119; ---muitos"barbaros" de entendimento, 144; repugnância pelas letras, 144; sexualidade luxuriante, 101; trabalho masculino, 114  
tutu-de-feijão, 461

urucu: meio de proteção contra luz e calor tropicais, 169  
ulotrichi africani, 304

xvii e xviii (roupas impróprias ao clima), 415 e seg.

vida familiar no brasil: alegria que os negros estimularam, 462; testemunho de maria graham, 342

vida sentimental  
339, 340

vigor híbrido, 83, 84  
vinagrada, 142

violão: na vida musical patriarcal, 344

virgindade: preconceito, 341

vatapá, 456

vermelho: causas da frequência dessa cor no traio das mulheres do interior, 104; sociologia da cor, 105

vestuário brasileiro: sécs. xvi,

das sinhazinhas,

weismannismo, 293

zoologia folclórica: falta de designação de espécies animais, 131

índice onomástico

abade, dom, 234

abbeviati, claudes, 120, 172

abreu, capistrano de, xxx, xxxi, xlvi, xlvii, lxiii, lxxvi, lxxv, 38, 40, 69, 71, 76, 77, 80, 81, 85, 92, 161, 168, 170, 177, 391, 465, 484, 485, 490, 491, 492

abreu, paulo, 490

acaú (Índio), 224

accioly, joão batista, 276  
 adams, e. c., 459, 639  
 adams, f. v., 63  
 adorno, joseph, 200, 346  
 afonso 111, 206, 237  
 afonso v, 194, 263  
 afonso, martim, 18  
 aguiar, durval vieira, 69, 482  
 aguiar, francisco xavier da costa, 446, 624  
 aguiar, marquês de, 77, 486  
 ainsworth, l., 409, 492  
 alafe, peldgio lbam, 215  
 alberto de múnaco, principe, xxii  
 albuquerque, afonso de (o terrível), 323  
 albuquerque, alexandre de, 268  
 albuquerque, antônio josé de sa e, 278  
 albuquerque, catarina de, 9  
 albuquerque, catoirina, 276  
 albuquerque, cavalcanti (os), 275  
 albuquerque, francisco casado de holanda cavalcanti de, lxxvi  
 albuquerque, jerônimo de, 48, 67, 93, 278, 342, 436, 437  
 albuquerque, jorge coelho de, 9  
 albuquerque, manuel cavalcand de (minó), 78  
  
 dos reis.  
  
 albuquerque, maria maia de, 276, 406  
 aleijadinho, 297  
 alencar, josé de, ixxxi, 446, 492  
 alencar, martiniano de (pc.), 474  
 alexandrino, cardeal, 221, 357, 385  
 alferes, barão do pati dos, 478, 492  
 alighieri, dante, 87  
 alikanian, s., 515  
 allport, gordon w., xii, 381  
 almeida, a. osório d, 61, 62, 169, 380, 515  
 almeida, j. m., 482  
 almeida, josé Américo 1  
 376, 408, 493  
 almelda, manuel antônio  
 493

almeida, miguei calmon du pin e,  
lxxv, 482  
almeida, pires de, 153, 182, 493  
almeida, renato de, 480  
almeida, tito franco de, 390  
altamira, rafael, 54, 493  
alstein, pierre-ignace-lióven van,  
'390  
alvares. alberto, 263  
alvaesar, barão de. ver silva,  
manuel vieira da  
Alvans, diogo, 48  
alvarez, fruitos0 (vigório de ma-  
toim), 322  
alvares, siman, 80  
alves, castro (antónio c. a.),  
388  
alves, rodrigues, 268  
Alvaro neto, 346  
amado, gilberto, 75, 395, 493  
amado, jorge, x=

de 74, 83,

de lxxxi

nota da editora: este índice foi preparado por antónio simões

c, -,i. & ti -553 o

amaral, arnadeu, 327  
amaral júnior, amadeu, 399,  
400, 515  
amaral, azevedo, 19, 21, 27. 47,  
48, 66, 71, 493  
amaral, brós do, 515  
amaral, f. p. do, 59, 373, 408  
amaral, luís, 268, 493  
amaral, vósquez, 186  
amarante, sáo gonçalo do, 22,  
224, 247, 249  
ammon, otto, 290  
amorim, padre, 474  
amorim, coronel paulo de, 276  
ana, d., 425  
anchieta, josé de, lxxx, 39, 40, 80,  
82, 93, 99, 101, 102, 135,  
144, 147, 150, 167, 171, 173, 185,  
215, 281, 346, 482  
andrade, vera meio franco de,  
lxv  
andrada, martim francisco de,  
211, 217, 263  
andrade, alfredo antônio de, 75,  
81, 516  
andrade, almir de, 68, 493  
andrade, carlos drumiriond de,  
xxxiv  
andrade, elói de, 388  
andrade, mário de, 167, 480, 493,  
516  
andrade, padre patrício manuel  
bueno de, 446  
andrade, rodrigo m. f. de, xxxviii  
de, xxxviii  
andrade, vera de meio franco, 76  
andrade júnior, caldeira de, 418  
andrade júnior, josé Bonifácio  
caldeira de, 482  
andreoni, joão antônio (andré  
joão antonil), 76, 195, 263, 342,  
401, 408, 442, 473, 483  
anrep, g. v., 183  
anselmo (negro), 312, 393, 480  
anrão, santo, 111  
antonia (escrava), 493  
antonia, maria. 276  
antônio, santo, 225  
antônio, vitor, 620  
antunes, padre, 652  
apert, 382

aquino, santo tom@s de, 174, 493  
arag@o, baltazar de, 260, 280, 581  
arag@o, moniz, 373. 408, 493

554 g. f.

arag@o bengala. ver arag@o,  
baltasar de  
magon, 384, 516  
araripe, trist@o de alencar, lxxi  
araripe j@NIOR, 307, 396, 493, 516  
araripes, 452  
araruama, visconde de, lxxvi@  
ara@Jo, andr@ Dias de, 276  
ara@jot h. c. de sousa, 121, 175,  
516  
ara@JO, oscar da silva, 49, 85,  
87, 319, 397, 408, 493, 494  
ara@jo, rodolfo, 279  
ara@JO, silva, 397  
arcoverde, dom maria do esp@ri-  
to santo, 252  
arde-lhe-o-rabo, ver gon@Alves,  
maria  
argeriquiz, egas abdallah, 215  
arinos, afonso, 179  
arinos, afonso (sobrinho), 399  
armitage, f. p., lxi, 73, 290, 382,  
493  
arnon, alfred otto, 384  
arnold, mattew, 397  
aron, raymond, xv  
arouci4e, general, 153, 154, 184,  
196  
arraide, crist@v@o de mendon@a,  
71  
arraide, jo@o pais de mendon@a,  
71  
arraes, monte, 523  
arroio, ant@nio, 55, 493  
arroyo, leonardo, 523  
arzam, 20  
assier, adolphe d', lxxiii, 389, 469,  
476, 483  
assis, machado de, lxxxii, 370, 408,  
449, 493, 507  
astruc, 49  
ata@DE, trist@o de, 73, 493  
auknoy, madarrie d', 253  
@Vila, bastos de, 395, 493  
@Vila, garcia xl 207, 445

Vila, pires d', lxx  
avilkinson, thomas, 200  
avis, mestre de, 54, 198  
ayala, francisco, 382, 493  
aykroyd, 84  
azevedo, belchior mendes d', 399  
azevedo, fernando-de, 493, 523  
azevedo, joão lúcio de, iv, 38,  
56, 60, 80, 154, 155. 181, 183,

i

184, j91, 192, 193, 194, 195,  
198, 209, 211, 213, 219, 229,  
232, 240, 244, 262, 264, 265,  
266, 267, 272, 322, 398, 484,  
494

azevedo, luís correia de, 407,  
465, 516  
azevedo, pedro de, 29, 73, 494  
aziurara, 20

b

bacalhau, seixas. ver monteiro,  
a. p.  
bacelar, manuel da costa, 473  
baco, 273  
baena, antónio ladislau monteiro,  
vi, 483  
bagg, 194, 384  
bama, arcebispo da, 350  
baker, john, 101, 168, 234  
baker, paul e., 387, 494  
bayxr, ray stannard, 387, 494  
balbi, adrien, 57, 483  
balfour, a., 61, 516  
baltar, família, 457  
ballage, j. c., 494  
banana, pedro. ver pedro ii, d.  
bandeira, manuel, xxxv, lxxxiv,  
456  
bandeira, j. c. sousa, 466, 467,  
494  
bandemborg, 30  
bapt, joli, 84  
barata, josé do caririo, lxxxvii,  
272, 402, 405, 494, 518  
barão de lavradio. ver rego,  
josé Pereira  
barbalho, coronel fernão bezerra,

422  
 barbosa, clemente da rocha, 278  
 barbosa, francisco, 174  
 barbosa, rui, 300  
 barewl, 3j  
 barleus, gaspar, lxxxvii, 95, 301,  
 345, 3s9, 401, 483  
 barnes, h. c., 385, 494, 505  
 barracoo, looo do. ver barreto,  
 jooo francisco pais  
 barreto, desembargador, 263  
 b-to, ana delфина pais, 276  
 barreto, antonio francisco xa-  
 vier pais, 278  
  
 bar"to, antonio alves branco  
 moniz, 465  
 barreto, carnarino francisco pais,  
 406  
 barreto cõndido rosa sõ, 276  
 barreto: cristovõo pais, 275, 276,  
 278  
 barreto, catarina de mendonõa  
 pais, 276, 278  
 barreto, carlos; xavier pais, 275,  
 401, 406, 516  
 barreto, estovõo pais, 276, 382  
 barreto, felipe pais, 276, 278, 382  
 barreto, francisco de paula paõs,  
 236, 276, 406, 483  
 barreto, joõo francisco paõs, 276,  
 402  
 barreto, joõo paõs, 276, 278, 423,  
 473  
 barreto, josõ Carneiro pais, 406  
 barreto, josõ Maria pais, 406  
 barreto, luõs do rego, 469, 489  
 barreto, luõs pereira, 56  
 barreto, manuel xavier pais, 276  
 barreto, maria isabel pais, 276  
 barreto, pais, 62, 276, 278  
 barreto, pais (dos), 207, 275  
 b,arreto, paulo, 393, 403, 509, 510l  
 barreto, tob;as, 448  
 barross francisco do rego, 276  
 barros, garna, 20, 57, 67  
 barros, j. de almeida, 475, 512  
 barros, j. j. soares de, 57, -494~  
 barros, josõ do rego, 278  
 barros, paulo de morais, 494  
 barros ree-o, cristovõo de. ver

barros, cristóvão rego  
barros, gustavo, 376, 408, 494  
barrow, jolin, 319  
barrufo, pascoal. ver bertioga,  
pascoal rarrufo  
bartels, ploss, 168  
bartholin, 326  
basset, john spencer, 494  
bastide, roger, xiv, xxxv, 177, 396,  
469, 494  
basto, marquês de, 256, 430  
bastos, silva, 54  
bates, henry walter, 287, 360, 380,  
483  
batista, sô João, 224, 225  
batista, v., 84, 494  
bauer, erwin, 384, 385, 387, 494  
baxter, !xji

-g- & 8. 555



bean, 295  
 beare, o'sullivan, 308  
 beaulieu, paul leroy, ver leroy-  
   beaulieu, paul, 503  
 becker, jerônimo, 162, 494  
 bfckford, william, 7, 191, 271,  
   326, 344, 401, 483  
 bedsford, jay barrett, 280, 494  
 beethoven, 295  
 beja, sorrór mariano de, ixix  
 bell, aubrey, 7, 26, 56, 191, 192,  
   494  
 belo, julio, lxxxiv, lxxxv, 84, 277,  
   336, 483, 494  
 benedict, ruth, ix, 231, 271, 289,  
   382, 385  
 benedito xv, 401, 453  
 bento, padre, 453, 474  
 bentinck, 30  
 bengala, aragdo, 278  
 berardinelli, w., 381  
 bfringer, emile, 47, 56, 84, 494  
 bernard, john, 381, 382, 469, 494  
 bernarda, maria, lxxxiv  
 berredo, bernardo pereira, 80  
 berttielemot, 458  
 bfrtioga, pascoal barrufo da, 170  
 besterman, theodore, 167  
 betham-edwards, 466  
 bethell, 523  
 bevelaqua, clóvis, 161, 495  
 beyer, gustavo, 83, 477  
 bezerra, alcides, lxxviii, 491  
 bezerra, andr~, lxxxiii, 516  
 bezerra, fernão, 422  
 bezerra barriga. ver barriga,  
   bezerra  
 bico de lacre. ver prestes, julio  
 bigodão, antônio. ver maior, a.  
   souto  
 bilden, ruediger, ivii, ix, 18, 60,  
   83, 90, 91, 131, 161, 315, 351,  
   395, 397, 483, 516  
 bingham, hiram, 269, 516  
 bispo de tucumã, 39  
 boa vista, barão da, 66, 278  
 boas, franz, xxi, ivii, iviii, lxii,  
   163, 294, 296, 298, 358, 382.  
   385, 386, 495  
 bocca, fratelli, xiv  
 boca-torta. ver rodrigues, isabel

bode, pedro. ver ferreira, para-  
nhos

556 g f.

bode cheiroso. ver monteiro,  
a. p. maciel  
bogard, ernest ludlow, 16, 64, 495  
boldrini, m., 386  
bond, beverly w., 516  
bond, horace mann, 387, 495  
bonfim, baronesa do, 4g3  
bonfim, manuel, 23, 28, 67, 71,  
72, 92, 96, 162, 184, 339, 340,  
401, 495  
bonifacio, josk, 350, 351, 352, 495,  
523  
borey, thomas, 200  
borges, durval rosa, 86, 397  
bote, mangue, 260  
bosh, 264  
botelho, adauto, 3181, 516  
botelho, baltazar de almeida, 276  
bouditch, h. p., iviii, 516  
boule, 264, 495  
bourdon, xiv  
bowman, isaiah, 71, 469, 495  
branco forte. ver luis, washing-  
ton  
bradford, 191  
braga, teofilos, 55, 245  
braganca, mendes de, 219  
branco, castelo, 4i5  
branco, jorge de castelo, 263, 365  
branco, presidente castelo, xxviii  
brandao, alfredo, 65, 66, 295  
brandao, frei caetano, 254, 27~  
brandao, ulisses, 84, 495  
brandao xnior, f. a., 359, 404,  
495  
branner, john gasper, lxxxv, 457,  
478, 516  
brasil, moura, 397  
brasileiro, cicero, 452  
braudel, fernand, iii  
brehier, mme. julie delafage,  
ixxxii  
briffaut, robert, 495  
briffing, john b., 406  
  
brorro, antonio guedes, 36

brito, lemos, 268, 495  
brito peixe, 278  
broce, f. a., 495  
brown, francis j., 72, 269, 495,,  
507  
brown, isaac, 381, 495  
brown, w. langden, 290, 291, 383.  
495  
browne, christian, 271

bruce, p. a., 495  
briuhl, levy, 181, 495  
brunches, james, 168, 193, 262,  
495  
bryant, a. a., 517  
bruno, ernani silva, 254  
bryce, james, 169, 193, 262, 271,  
381, 495  
buchanan, 191, 206, 207, 265, 271,  
381, 495  
buckie, 222  
burgess, w., 394, 484  
buret, f., 87, 496  
buritis, 452  
burlamaque, f. c. c., lxxv, 338,  
395, 400, 476, 483  
burton, richard f., 220, 226, 275 ,  
307, 342, 346, 391, 401 402  
406, 413, 444, 460, 468: 473:  
475, 477, 479, 483  
butler, samuel, i  
byron, 250, 251, 296, 386, 517

cabo frio, visconde de, 420  
cabeleira (0), 238  
cabral, padre joaquim, 474  
caetano, batista, 77, 484  
caille, abade de ia, 229, 267  
caju, cel., 278  
cabral, pedro lvares, 21, 126,  
198  
caille, abade de ia, 229, 267, 287,  
443  
calabar (domingos fernandes; c.),  
256  
calado, frei manuel, 468, 483  
caldcleugh, alexander, 175,  
349, 400, 402, 467  
calderon, f. garcía, 242  
calisto (preto), 415, 416  
calhoum, arthur w., 378,

397, 408, 409  
 calGERAs, pandi, 183, 264,  
 414, 465, 496  
 calverton, 174  
 calmon, família, iv  
 calmon, miguel, 268  
 calmon, pedro, 264, 496, 524  
 caluca, vieras de, 452  
 cMara, faciante da, 407, 517  
 camargo, pedro ortiz de, 343  
  
 camargo jONIOR, j. m. de, 391,  
 496  
 caminha, pero vaz de, 25, 61,  
 69, 106, 184, 494  
 camEs, lxxx, 241  
 campos, barão, 400  
 campos, joão da silva, lxx, 272,  
 278, 398, 490, 517  
 campos, murilo, 49  
 campos, renato, 524  
 cananeia, bacharel de, 64  
 cNDido, paulo, 365, 366  
 candler, john, 394, 484  
 ca.nnon, walter b., lxxii, 496  
 capanema, gustavo, xxxiii  
 capitán, l., 183, 268, 496, 503  
 carapeba, voitaire, 452  
 carbia, romulo d., 58, 496  
 cardim, fernando, 36, 37, 38, 77,  
 79, 80, 129, 134, 135, 136, 137,  
 138, 157, 158, 177, 178, 184,  
 211, 261, 272, 280, 345, 419,  
 434, 435, 468, 470, 471, 484,  
 496  
 cardoso, fonseca, 54, 55, 56, 202,  
 203, 264  
 cardoso, joaquim, lxvi  
 cardoso, manuel da silveira soa-  
 res, 391  
 cardoso, manuel soares, 172, 517  
 cardoso, vicente licônio, 87  
 carls, f. h., 282  
 158, carlos v, da espanha, 135  
 carmo barata, jos. ver barata,  
 reverendo jos. de.  
 carneiro, Edison, 389, 496  
 carneiro, jos. Fernandes, 524  
 carpenter, 118, 174  
 carpentier, servacios, 302  
 332, carvalho, alfredo de, xxx, xxxil

161, 178, 272, 326, 339, 465,  
477, 488, 492, 496, 517  
carvalho, família freire de, iv  
379, carvalho, padre jacinto de, in,  
391, 484  
carvalho, dorifilo, 478  
carvalho, pires de, lxx  
casal, manuel aires do, 61, 69, 76,  
81, 170, 484  
casas, bartolomeu de ias. ver las  
casas, bartolomeu.  
cascudo, luís da câmara, 399, 524  
casement, sir roger, 304

i  
c.-y. & s. 557

castellani. aldo, 63, 496  
castelo branco, jorge de. ver  
branco, jorge de castelo.  
castelo, maria, 58  
castro, antônio nobre de, 406  
castro, camerino, 496  
castro, joaquim. manuel de mo-  
rais e, 400  
castro, josué de, 75, 78, 80, 82,  
496, 517  
camo, luis carlos pereira de, 167,  
503  
catarina, dona, 342  
cavalcanti, antônio jerônimo de,  
343  
cavalcan-ti, felipe, 256, 321-2, 398,  
405  
cavalca?-rll, joaquin, lxxxv, 30  
cavalcanti, pedro, 480  
cavalcanti, samuel hardman, 104  
caxito, chico do, 477  
cedro, família, 452  
cedro, luís, 433, 471, 517  
cepeda, padre bento josé, 410,  
465, 484  
cervantes, i  
ctu, soror violante do, 224, 266  
chalçun, arthur w., 496  
chamberlain, alexandre francis,  
53, 128, 176, 177, 178, 179,  
228, 266, 448, 496  
chamberlain, houston stewart, 53,  
87, 496  
chamberlain, houston s., 53,  
champlain, 129  
chaves, antiógenes, 257, 400  
chaves, eurico, 452  
chaves, luis, 60, 169, 248,  
496  
chavls, isicison, 252, 275  
chico macho. ver barros, fran-  
cisco do rego  
child,, c. m., lix, 496  
chittenden, 383  
chricton, browne, 271  
churchill, winston, xiv  
chocolate, bardo de, 278  
ciancio, nicolau, 85  
cintra, assis, 467  
clara, 424  
clark, oscar, 2, 9, 296, 357, 397

claudio, afonso, 187, 479, 517  
coche ran, martin, 200  
codrington, christopher, 305

87

558 g. f.

coelho, duarte de albuquerque,  
lxxx, 9, 18, 21, 24, 67, 207, 342,  
469, 484  
clenordo, 238, 239, 271, 400  
coelho, gonalo, 264  
coelho neto, xxx  
coelho, nicolau, sargento-mor, 423  
coimbra, estacio, lxxxv  
coimbra, estacio, xvi, lxxxii  
collum, e. v. me., 81  
colombo, cristovo, 175  
colon, walter, 349, 402, 484  
conite, auguste, 475  
comte, charies, 447, 475, 484  
contendas, baronesa de, lxxxv, 403  
cook, o.f., 268, 496  
coornaert, xivi  
coreal, francois, 199, 264, 346,  
401, 424, 467, 470-1  
cornelli, j.j.j., 84, 496  
correia, a.a. mendes, 20, 54, 55,  
56, 571, 67, 201, 204, 263, 264  
correia, alberto c. germano da  
silva, 57, 497  
correia, c.cunha, 263, 496  
correia, ernani, 79, 517  
correia, francisco antonio, 60, 66,  
497  
correia, gaspar, 49, 489  
correia, lindollo, 474  
correia, padre j. alves, 180  
correia, mendes, 264, 496  
cortes, jaime, 55, 66, 485, 497  
cosme, 453  
costa, antonio correia de sousa,  
75  
costa, bento jose da, lxxi  
273, costa, dante, 75  
costa, domingos, 80  
costa, duarte da, 121  
costa, flenrique, 200  
costa, henrique, de moura, 87,  
517

costa, lúcio, lxxv, 470, 517  
costa, pereira da, 22-1, 399, 484,  
497, 517  
cotegipe, barão de (joão maurício  
wanderley), 155, 263, 449  
cotr'm, eduardo, 268  
couch, william, 62, 391, 497  
coulanges, fustel de, 73  
coutinho, bispo de azeredo, 344,  
412

i

coutinho, rui, 75, 82, 84, 271,  
279, 393, 493, 497, 504, 505, 517  
couto, dom domingo de loreto,  
422, 423, 467, 472, 517  
country, louis, 35, 75, 101, 102,  
104, 118, 497  
cowan, andrew reid, 36, 76, 497  
cowgilli, 84  
crauley, 100  
crawford, w. rex, 186  
cramiley, ernest, 167, 312, 395,  
397  
creary, reverendo, 251, 274, 485  
crevaux, juics, 105, 169, 485  
cristóvão fumaça, 278  
cruis, gastão, 46, 84, 104, 161,  
162, 169, 187, 497  
cunha, alberto da, 75, 518  
cunha, ambrósio leitão da, 277  
cunha, augusto lassance, 318, 397,  
485  
cunha, dom nuno, 323  
cunha, carneiro (família), 256  
cunha, euclides da, 28, 45, 70,  
72, 84, 175, 497  
cunha, francisco, 485  
cunha, francisco mariano da,  
lxxiv  
cunha, higinio, 483  
cunha, josé Nunes da, lxxxiv  
cunha, mário wagner vieira de,  
167, 497  
cunha moreira, luís da. ver  
cabo frio, visconde de  
cunningham, j.f., 383, 384 ' 497  
curinga, maria, lxxxiv  
cursai, ioiô de, 477



d

dalgado, d.g., 56, 63, 251. 274,  
275, 497  
damasceno, atos (a.d. ferreira),  
19, 79, 396, 497  
damiao, 453  
dampier, william cecil, lxxiii, 180,  
198, 239, 264, 271, 457, 514  
daniel, jo5o, padre, 136, 137, 176,  
178  
dantas, jos6 cupertino. 483  
dantas, jfilio, 267, 323, 359, 398,  
404, 497  
  
dantas, pedro, 27, 70, 118  
daunt, ricard gumbleton, 407,  
489  
davenport, f.b., lix  
davy, georges, xxxiv  
darwin, charles, 156, 196; 275  
das, rajan! kanta, 409, 497  
delpech, adrien, lxxxii  
debbant, nicolao j., 204, 217, 218,  
219, 220, 225. 265, 266, 358,  
369, 384, 386  
de simone, dr., 366  
debret, jea-i-baptiste, lxvi, lxxxii,  
485  
delafage-brehier, madame hilio,  
497 ~  
del campa, 107  
delpede, arian, 497  
demolins, ed., 62  
dendy, arthur, lix, 293, 383, 497,  
517  
denis. ferdinand. 267, 479, 485  
deodato, alberto, 273, 497  
derranii, nicolas j. 497  
detlefsen, j.a., lix  
debbadie, wx, 590  
dess oiur, max, 50, 87, 118  
dexter, edw-in grant, 497  
devenport, 358, 497  
dexter, edwin grant, 63, 497  
dewey, john, vxxi, 381  
dias, carlos malheiros, 20,. 58, 64,  
263, 490  
dias, cicero, xxii, lxxxiv, lxxxvii,  
179, 485  
dias, cristov0o, 71

dias, gonçovalves, 169, 388, 498  
dias, henrique, 301  
diegues júnior, manuel, 498, 506  
disney, walt, xiv  
dodd, w.e., 498  
domingues, edgar, lxxxv  
donnan, elizabeth, 390, 391, 485  
doren, carl van, xi  
dória, josé rodrigues da costa,  
393, 394  
dornas filho, joio, 186, 490  
doyle, bertran w., 387, 498  
dreys, nicolau, lxiv, 401, 498  
duarte, eustáquio, 480  
duarte, josé rodrigues de lima,  
75. 486  
dubois, w.e.b., 387, 498

c.-g. & s. 559

dunlap, raoul, 284, 381  
 severim de, 57, fonseca, padre manuel, 499 froger. 80,  
 249, 295, 428, 441, 240, 498  
 durham, 206, 265  
 fonseca, pedro p. da, 474, 480, 443, 473, 487  
 durpy, marcel, xxxv faria, padre, 419 663  
 frolopp, anthony, 469  
 duvignaud, j., xxxiv faria, octdvio de, 87  
 1 fonseca filho, olimpio de, 49  
 furtado, jer6nimo de mendonea, faure, p-mile, 498  
 forman, henry e., 409, 499  
 478 faria, Sebastido de, 261  
 fran9a jonior, ixxxi faux, william, 481, 498, 469 francisca,  
 e. jacinto pais demen- fazenda, jos\_- vieira, lxxxi, lxxxii, donga  
 margarida, 402 eckardt, carl conrad, 66, 498 118francisca,  
 margarida, 276 gaffarel, paulo, 62, 173, 498, ftbvre, lucien, xv  
 edmondo, luis, 275, 363, 405, 413, francisco, marti-is, 211, 2117, 265, 500  
 444, 453, 464, 465, 477, 498 143, 498 518 gaines, francis p., 408, 500  
 eduardo iii da inglaterra, 237 fehlinger, h., 101,  
 francisco de assis, sao, 143, 144 golde, alexandre, feldman, herman, 498  
 184, 214 edwards, miss betham, 466 , 498 ferenzi, imre, 498  
 franco, afonso arinos de melo galilimard, xxxiv, xxxv, (sobrinho), 68,  
 iii, iiii egas, frade, 215 fernandes, anibal, ixxxii 280  
 178, 185, 186, galton, francis, 384, 500  
 egerton, 268 fernandes, ant6nia, 323  
 galvjio, fonseca, lxxxvi, 452 fernandes, baltasar,  
 ehrenreich, paul, 96, 164, 498 fofonseca, 452  
 padre, 82 franco, francisco de melo, 404, gon4;alo, 168  
 galv,~o, famflia  
 elkington, 11 fernandes, 486  
 gama, emilio, 513  
 ellis, a. b., 330, 400 fernandes, gongalves,  
 403, 499, frank, waldo, 55, 287, 380  
 gama, padre fernandes, 365, 405, 589  
 ellis, ellen deborah, 268, 498  
 franklin, benjamin, xv 477, 500 114,  
 ellis, havelock, 100, fernandes, raul, 561 frazier, e.  
 167, franklin, 66, 387, 499, gama, padre lopes, 278,  
 334, 338, 498 '  
 316, 395, 397,  
 fernando dom, 54, 55, 198, 213, 518 339, 350, 351,  
 369, 371, 375, 400, 216,  
 ellis xnior, alfredo, ix, lxxiv,  
 218, 227, 233 frazer, j.g., 181 408, 417, 420, 444,

465, 487  
 32, 43, 73, 162, 218, 219, 266, ferraz, alvaro, 381  
 freeman, e.a\_ 54, 397, 499 gama, padre miguel do  
 sacramen- ferraz, dona angelita, 668 freer, arthur s.b.,  
 144, 179, 499 to, 400 518 %  
 emiliano, santo, 225 ferreira, costa, lxxxiii, 55,  
 freire, junqueira (luis josé j. f.), 518  
 gama, vasco da, 49, 198  
 enge lhardt, frei zephyrin, 143, ferreira, pedro paranhos  
 (pedro 388 gandavo, pero de  
 ma-alhdes, lxxx,  
 1 179, 498  
 bode), lxxxv, 279 freitas, afonso d'escragnolle, 182  
 77, 157, 178, 184, 581, 487  
 engelman, g.j., 275, 518 fialho, dom frei  
 josé, 247, 248, freitas, antónio, 474 ganivete,  
 angel, 333, 500 272, 345, 401, 472,  
 engracia, padre rilio, 386, 498  
 473, 489 freitas, jodo alfredo de, 177, 499 garcia,  
 luis pricot y, 163, 500  
 entz, w., 5w figueiredo, fidelino de  
 (f. de freitas, josé antónio de, 152, 182,  
 garcia, nunes, 366  
 erasmo de rotterdam, 112  
 sousa f.), 241, 272, 486, 498 499 garcia, rodolfo,  
 lxxxi, lxxxvii, 73, freitas, otdvio de,  
 eschwege, 307 rgueiro, jackson de, xxix  
 480, 518 76, 77, 167, 168, 176, 280, 468,  
 esperanqa, 453 filoteu, frei,, ivi freud, 274, 499  
 484, 485, 490

est&~.o, carlos, 162      firmino, padre, 474      frezier, m., 267,  
 424, 441, 467,      gardner, georg, lxxix, lxxxv, 308,  
 estrab.zo, 271      fischer, eugen, 384, 385, 387, 499,  
 473, 486      391, 474, 487  
 estrela, baronesa da, 403, 561      499      fpeyre,  
 alfredo alves da silva, gaspar, frei, 218      xxi, xxvi, lxxxii  
 etienn, abb6 ignace brazil, 114  
 gattina, frel miguel angelo de,  
 ,      flamanders, ralph b., 391, 499  
 472  
 179, 299, 310, 388,      393,  
 397f.l.c.b. ver burlamaqui, frede-      freyre, dona  
 francisca de melo, giddings, franklin, xi, 262  
 eubank, thomas, 472, 486  
 rico leopoldo c6sar, ix      iiii gilks, j. l., 392, 521  
 evin, paul-antoine, lxvii, 498      fleiuss, max,  
 lxxxvii      freyre,      gilberto, xi, xxii,  
 xxiv,      giedion, siegfried, 175, 506  
 evreux, ives d', 61, 117, 120, 172,      fleming, e.k. le,  
 m6, 499      xxvi, xxviii, xxix, xxxi,  
 xxxv,      gillespie, james e., 280, 500  
 177, 480      fletcher,      lxxix, 300, 308,  
 337,xxxvii, xxxix, iiii, lxvi, 58, 67, ginsberg morris,  
 xiv, 163, 382, 502  
 expilly, lxxix, 424      387, 400, 411, 464, 480      68, 79, 81, 164,  
 179,      186,      252, c;obineau, conde de, 386      490      264,  
 ewbank, thomas, 367, 438, 472 flora, ana,  
 272, 279, 400, 402,      405, godofredo filho, 478      469,      477,  
 499, 500,      524-5      flortncia, maria, 276  
 134,180      goeldi, emilio, 132,  
 f      fonseca, ant6nio a. da, 257, 259 freyre, dona  
 magdalena guedes      goethe, 295      jos6  
 vitorinopereira de melo, xxvi      311, goetz, walter, 159,  
 180, 519  
 faithful, theodore j., 117, 172,      borges, lxxxviii,  
 279, 299, 401, freyre, ulisses de melo, 285,      goiana,      correia  
 bar5o de      (jos6      1      330, 433, 459  
 174, 498      471, 486, 516  
 pican~o), 477  
 falcao, andr6 dias de      arruda,  
 fonseca, j.a. aquino, 279      friederici, georg, 66, 500  
 golbert, m. de, 491  
 lxxxv, lxxxvii      fonseca, joaquim moreira da, 275,  
 frigideira, capitdo, 374 goldenweiser, alexander a., 117,  
 falc;io, gerancio dias de arruda,  
 480 frobenius, leo, 96, 164, 166, 167,  
 159, 164, 174, 297~ 386,      387,  
 lxxxix, lxxxv, lxxxvii      fonseca, l. anselmo,  
 338, 401,      285, 309, 500      395,      519  
 fanfani, amintore, 169, 498      499  
 560 g. f.  
 c.-g. & s.561



40omes, azevedo, 270, 500  
 gomes, bernardino ant6nio, 265,  
 319, 320  
 4gomes, lindolfo, 399  
 ,gomes, padre lopes, 402  
 gomes luis sousa, 68, 69, 500  
 gon(;a~o, lfio, 225. 247, 248  
 goncourt, li, lxxv  
 'gondim, oliveira, 405  
 goner, pompeyo, 237, 271, 500  
 goodwin, philip l., lxv, 500  
 gordon, eugene, 525  
 gorgen, hermann m., 525  
 'gould, lxii  
 gouvpa, padre crist6vao de, 134  
 gouveia, diogo de, 244.  
 graham, maria, 39, 80, 255, 342  
 347, 349, 375, 389, 401, 402:  
 404, 408, 444, 463, 467, 473,  
 480, 487  
 'graham, richard, 525  
 grant, madison, 61, 500  
 gray, lewis c. 409, 469, 500  
 graydon, clint, 457  
 greg6rio, papa, 276  
 gregory, john w., 11, 61, 63,  
 500, 519  
 ,grieco, agrippino, lxxxii, 225, 399,  
 519  
 griffing, john b., 406, 519  
 'grionberg. theodor kock, 96, 99,  
 107, 163, 164, 167, 169  
 guarinos, sempere y, 206  
 guatusmus, patrfcio, 200  
 ,guerra, ramiro, 409, 500  
 guevara, franciscomaldonado,  
 161, 162, 500  
 guicciardini, francisco, 230, 239  
 'guimar6es, francisco pinheiro,  
 ixxxi, 500  
 gtnberg, koch, 107  
 gt:\*ther, h.f.k., 285, 506  
 igurvitch, georges, xii, xiv, 525  
 gusm.xo, alexandre de, 238  
 guyer, m.f., 294, 383  
  
 haddon, a.c. 203, 264, 291,  
 383, 385, 386, 390, 502  
 haes, ricardo sa6nz, 87  
 hakluyst, richard, 73, 81,  
 490

hall, j.s., 152, 179, 500

562 9. f.

hambley, wilfrid d., 166, 171,  
177, 380, 390,392, 500  
handelmann, h., xlvii, 29, 61, 72,  
196,200, 263, 264, 388, 403, 467,  
500  
hannins, f. h., 385, 386, 387, 500,  
519  
hankins,william, 200, 387  
hann, julius,63, 500  
haring, c. h., 525  
harmand; jules, 190, 500  
harris. a.l., 387, 500  
hartland, edwin sidney, 179, 180,  
500  
hayes, edwin sidney, 501  
hayes,ricardo sienz, 121  
heape, w., 397  
hearn, lafcadio,83, 500  
helps,arthur, 58, 500  
helsingfors, professor, 107  
henderson, james, xxxviii, lxxxvii,  
26, 80, 402, 501  
henriques, clara, 423-4  
henriques, fonseca, 363, 405  
henriques, francisco da fonseca,  
301,313, 404, 405, 487  
henriques, maria, 423  
herculano, alexandre, 6, 55, 67,  
130,131, 190, 194, 210, 215, 262,  
263,265, 271, 274, 316, 396, 492,  
501  
hernandez, pablo,162, 501  
herrick,a.j., lix, 501  
herrmann, lucila,519  
herskovits, melville j., 161, 164,  
165,166, 285, 309, 379, 380, 392,  
501, 519  
hertwing, oskar,383, 501  
hertz,a.f., 294, 386, 501  
hesse, a.f. 81, 501  
hinman,george w., 150, 501  
hirschfeld, m., 386, 501  
hobey, c.w., 181, 502  
hobhouse, l.t.,164, 502  
hoehne, f.c.,80, 502  
hogson,reverendo francis, 290  
holanda, s6rgio buarque de, lxxxiv,



66, 68, 179, 267, 268, 270, 502,  
303, 511, 524, 525  
holmes, oliver wendel, lix  
holmes jr., urban figner, 269,  
264, 502  
holmes, s.j., 385, 502  
homem, dr. ant6nio, 229

hooton, e.a., 385, 386, 502  
hostilio, tulo, 155  
hrdlicka, ales, lviii, 86, 290, 382,  
502, 519  
horkheimer, max, xii  
hum brasileiro, 465, 488  
huntington 11, 62, 63, 81, 294,  
321. 502  
hunt, 295  
hundley, d.r., 502  
huyley, aldous, iiii  
huxley, j.s., 385  
huxley, julian, xii, xv, 386, 500,  
502

i

iago, canto, 273  
ibsen, henri, 295  
ieguacari, (feiticeiro) 182  
imbert, j.b.a., 75, 193, 194, 361,  
362, 365, 404, 405, 468-9  
in,kcia, preta maria, ivi  
ireland, alleyne, 63, 502  
isafas, 228  
isidoro, santo, 225  
lvanovsky, a., iviii

i

jacoubs, x., 274  
james, henry, 'li  
james, preston, 525  
janson, 318, 502  
janu0Rio, ant0nio, 276  
jard0M, jos0 Martinho da  
472  
jardim, lu0S, ixxxiv  
jenks, leland h., 409, 502  
3enn ings, h.s., 502  
jequltini-ionha, visconde de,  
jesus, andr0 de, 437  
jesus, francisca joaquina de, 276

jesus, joana de, 423  
jesus, manuel tomé de, lxxviii  
lxxxvii, 433, 436, 437, 471, 489:  
492  
joana (escrava), 338  
joão, bispo de pernambuco, d.,  
433, 434  
joão 111, dom, 9, 244  
joão v, dom, 323, 361, 466  
  
joxo v!, dcm, xxx, 361, 437, 446,  
467  
joão do barracko - ver - bar-  
reto, jodo francisco pais  
jo-ko beleza, 278  
joaquim, padre, 2, 474  
joaquina, dona carlota, 263, 467  
jobim, josé martins da cruz, 75,  
366, 464, 472, 480  
johnson, charles s., 387, 502,  
508, 509  
johnson, james w., 387, 409  
johnson, sir harry h., 308, 391  
johnston, j.f., 185  
jousset, a., 274  
joyce, james, i  
jundia, barão de, lxxxvii  
jung, xix

## k

kammerer, p., 294, 383, 384, 502  
kant, hrیمانuel, 295  
karsten, rafael, 61, 99, 105, 106,  
107, 138, 161, 163, 166, 167, 169,  
173, 178, 187, 502  
keith, arthur, lxxi, 386, 502, 520  
keller, albert galloway, 62, 78,  
156, 184, 297, 502  
keller, c., 86, 502  
kelsey, carl, 63, 297, 321, 386,  
387, 397, 502  
kennedy, louise venerable, 390, 502  
keyserling, conde ficrman de,  
6, 55, 190, 192, 520  
kidd, berijarnin, 11, 61, 502  
cruz, kidder, daniel p., lxxix, 337, 388,  
400, 464, 486, 487  
kimpton, henry, 81, 501  
klineberg, 381, 386  
klineberg, otto, 379, 386, 502

452 kinsey, 191  
knopf, alfred a., xv, xxxviii, xiii  
kobrin, leon, xi  
koch-gridnberg, theodor, 96, 99,  
100, 107, 129, 163, 164, 167, 169  
koempfer, engelbert, 49, 67  
kordon, bernardo, 13, 164, 503  
koster, henry, lxxix, lxxxv, 84,  
92, 173, 178, 180, 199, 200, 287,  
336, 337, 338, 352, 353, 355, 356,  
367, 369, 388, 389, 400, 403, 407,  
414, 444, 458, 472, 479, 510

-g- & s. 563

krause, fritz, 96, 105, 163, 164,  
487  
kroeber, a.l., 96, 285

l

la barbinais, le gentil de, 80,  
247, 249, 272, 273, 441, 442, 443,  
449, 472 ' 473, 475, 487  
laboreiro, castro, 203  
laboriel, p.t., 503  
lacerda, carlos, 162, 503  
lacombe , loureno, lxxi, 520  
ladario, bar5o de. 397  
laet, joao de, 301, 302, 487  
lafcadio, 83  
lakovsky, georges, 386, 503  
lallemand, dr., 366  
lambert, jacques, 525  
lamfgo, alberto ribeiro, lxxvii, 69,  
503  
lamego filho, alberto, lxxv, 81,  
503  
landtman, g., 385, 503  
lane, georges henry, 508  
lannoy, charles de, 60, 66, 503  
lapouge, vacher de, 384, 386, 444,  
445  
lapa, jos6 roberto do amaral,  
525  
lara, padre jos6 de,almeida, 467  
las casas barrolome de, 162, 496  
latif, miran de barros, 79, 396  
laval, frdncisco pyrard de, 260,  
278, 280, 424, 425, 431, 441, 467,  
503  
lavollee, charles, 273, 403, 503  
lavrado, bar5o de (jos6 Pereira  
rego), 365, 366, 441, 448  
lavrinha, joaquirn, 452  
le lannon, maurice, 525  
leal, a. henriques, 67, 183, 503,  
520  
leake, l. martin, 268, 503  
le,~o, a. carneiro, 85, 503  
le,~o, carlos pacheco, lxxxvii  
le,~o, duarte nunes de, 57  
le00, fam0lia carneiro, 256  
le00, fernando carneiro, 467  
le00, l.u,,s filipe de souza, 406  
legendrf, m., 87

lf corbusier, xiv  
lei, gaspar van der, 200, 255, 256

564 g. f.

lei`].~o, ant6nio de oliveira, 422,  
423  
leite ' ant6nio henriques, 520  
leite, dante mor6ra, 525  
leite, padre serafim, 179, 183, 520  
leite, dona ver6nica dias, 422  
leite filho, solid6nio, 71, 503  
leme, apolindrio, 258, 358  
leme, cardeal dom sebasti5o, 257  
lentz, fritz, 384, 385, 387, 494  
leonor, rainha dona, 227  
leroy-beaulieu, 18, 66, 268, 503  
ury, jean de, lxxix, 107, 112,  
113, 114, 119, 120, 138, 139, 171,  
172, 174, 175, 177, 178, 184, 365,  
488, 508  
lfssa, clado ribeiro de, 470, 520  
levene, ricardo, 163, 503  
lewinson, paul, 387, 503  
lewis, e.w., 387, 503  
lewis, m.s., 409, 503  
lewis, prof., xlii  
lima, a.j. barbosa, 275  
lima, abreu e, 395, 476  
lima, dona angelina de barros.  
de andrade, 478, 490  
lima, flora cavalcanti de oliveira,  
401, 403  
lima, j.f. de arafjjo, 74, 122,  
123, 124, 125, 175, 520  
lima, joaquirn barbosa, 275, 478  
lima, oliveira, xxx, xlvi, xlvii,  
lxxxv, 29, 72, 73, 142, 177, 268,  
484, 489, 502  
lima, familia pereira, 452  
lima j(jnior, andrade, 381, 499  
lima jl0nior, agosto, 79, 396  
lind, andrew w., 78, 503  
lindley, thomas, 469, 488  
lins, leopoldo, 369, 403, 483  
lins, sinval, 30, 74, 75, 78, 169,  
275, 520  
uppmann, edmund von, 191, 235,  
492, 503  
lisboa, jodo francisco, 67, 184,  
198, 46:5, 503

little, 294, 384  
lobato, vasco rodrigues, 261  
lobo, a. costa, 57, 240, 272, 503  
lobo, roberto jorge haddock, 74,  
480, 488  
locke, alain, 387  
lomba, baltasar de, 174

l4:>os, dra. dorot%y, xiv  
lopes, cunha, 380, 503, 520  
lopes, renato sousa, 75, 503  
lorin, henri, 185, 268, 496, 503  
los rios, a. morales de, 279  
lovetus, a.s., 501  
lowie, robert h., 103, 112, 177,  
298, 338, 504, 520, 521  
loyola, santo ignacio de, 53, 87  
lucco, john, 80, 208, 347\$ 367,  
402, 407, 412, 461, 464, 488  
luis, crist6v5o, 276  
luis, washington, 'xxviiij, 43, 71,  
279  
luis xiv, 112  
'luna, padre lino do monte, 488  
lusrrano, anato, 205  
luterio, 295  
lycel, charles, 408, 504  
lyde, l. w., 86, 380  
lyle, saxon, 408, 504  
lyssenko, t. d., 384, 520

## m

macfdoi, ferraz, 6, 7, 55, 202, 504  
macedo, joaquim manuel de, lxxxi,  
340, 504  
macedo, ribeiro de, 241, 504  
macedo, s0rgio d. t. de, 272, 273,  
403, 476, 478, 504

macedo j0NIOR, dr. joao 0lvares  
de azevedo, 317, 396, 475, 488

macedo soares, a.j. de, 522  
machado, alc0ntara, 43, 71, 436,  
465, 471, 504  
machado, alfredo, lxxxv, lxxxvii  
machado, bas0lio, 183, 504  
machado filho, aires da mata,  
504  
mac lead, william c., 161, 162,  
180, 504  
maciver, r. m., 504

maestri, r., 409, 504  
mafrense, domingos afonso, 207  
magalhães, basílio de, 94, 399,  
400, 504, 520  
magalhães, couto de, 122, 152,  
173, 182  
magalhães, padre, 474  
magalhães júnior, raimundo, xv  
magalhães, 75, 419, 460, 504  
mau, antônio de s., 406

maia, manuel a. veicho da mota,  
489  
maia, maria soares, 278  
maior, a. souto, 279  
malheiro, agostinho marques per-  
digao, lxx, 184, 197, 284, 437,  
472, 475, 504  
malinowsky, 135, 177  
manchester, alan p., 280, 520  
mandere, ch. g. j. van der, 409,  
504  
maranhão, julio, ixxxv  
marchant, alexander, 60, 77, 73,  
162, 503, 505, 520  
marcius, c. f. phil von, lxxxv, 83,  
84  
marcondes, moisés, 396, 488  
marcklva, marcos de, 326  
mariano, josé, 266  
mariano filho, josé, iriv, lxxv, 520  
maricas, santos, 279  
marineo, lficio, 239  
marinho, dr. pena, 336, 504  
maritain, jacques, xiv  
mariz, celso, 474, 504  
mariz, dr. silva, 275  
markham, s. f., 57, 61, 504  
maretr, 165  
marroquim, mario, 400, 504  
martial, rené, 386, 504  
martin, gaston, 390, 500  
martin, percy alvim, ivi  
martin, r., 386, 504  
martin, professor, xlv  
martineau, harriet, 408, 504  
martins, dona amélia de resende,  
396  
martins, domingos josé, lxxii  
martins, francisco gonçalves, 299  
martins, j. p. oliveira, 17, 57, 64,

240, 243, 272, 314, 395, 504  
martins, luis, 396  
martins, silveira, 261  
martins junior, j. isidoro, 184,  
185, 504  
marttus, john baptista, lxxix, 43,  
47, 83, 84, 96, 107, 164, 300, 488  
mason, o.t., 174, 520  
mata, filipa, 346  
mateus, morgado de, 75  
mathison, gilbert farguhar, 444,  
461, 471, 475, 488  
mauro, fr6deric, 525  
matos, greg6rio de, 391  
  
c.-g. & s. 565



mawe, john, lxxix, lxxxv, 347, 402,  
458, 461, 467, 489  
maximiliano, príncipe, lxxxv, 460  
mccarrison, 271, 382, ~ 383, 504  
mccay, 271, 382, 383, 505  
mccollum, e. v., 73, 505  
mcdougall, 287, 293, 380, 381,  
383, 505, 520  
mckay, claude, 505  
means, p. a., 162, 505  
meckling, j. m., 387, 505  
melo, antônio da silva, 75, 275,  
505  
melo, andré Vieira de, 423  
melo, antônio joaquim de, 275,  
525  
melo, b. de, 279  
melo, cícero brasileiro de, lxxxix,  
488  
melo, dom cristóvão, 342  
melo, felix cavalcanti de albu-  
querque, lxxvi, 405, 406, 477,  
489  
melo, dona filipa de, 342  
melo, francisca de, 275, 276  
melo, francisca da cunha tel-  
xeira de, v  
melo, josé Antônio gonsalves de,  
389, 394, 452, 525  
melo, josé Luís pais de, 276, 278  
melo, d. josé Maria de (arce-  
bispo de alcarve), 344  
melo, josé Maria carneiro de ai-  
buquerque e, lxxxvii, 205, 243,  
258, 277, 344, 348, 354, 377, 494  
melo, luís josé de carvalho, 459  
melo, manuela luzia de, 276  
melo, maria, 275  
melo, maria cavalcanti de albu-  
querque, lxxvi  
melo, margarida francisca pais'  
de, 402  
melo, pessoa de, lxxxv, 457  
melo, sebastião antônio de bar-  
ros, 406  
melo, souza e, lxxxv  
melo, ulisses pernambuco de, v,  
177, 380, 395, 403, 452, 480, 525  
melo, moraes filho, 506  
melo neto, josé Antônio gon-  
salves de, 389

mencken, henry l., xi, lxxix  
 mendes júnior, joão, 186, 505  
 mendonça, afonso furado de, 59  
  
 mendonça, antônio diniz de, 406  
 mendonça, heitor furtado de, 169,  
 174  
 mendonça, jacinto pais de, 402  
 mendonça, marcos de, 489  
 mendonça, pascoal leite de, 71  
 mendonça, renato, 400, 505  
 menezes, agrário de, lxxxi  
 menezes, diogo de mello, 389,  
 405, 406  
 menezes, paula, 396  
 mercadal, j. garça, 178, 267,  
 271, 272, 274, 505  
 inurcos, barão de, lxviii  
 merea, paulo, 265, 501  
 merriam, c.e., 385, 494, 505  
 mesquita, josé, 79, 395, 398, 521  
 l-lessina, frei plácido, 66, 489  
 miétraux, a., 162, 163, 172, 388,  
 505, 525  
 meunier; madame, xi  
 mey, carmelo vífias, 180, 505  
 milliet, sórgio, 67, 177, 269, 521  
 minas, marquês das, 413  
 mindlin, henrique e., 525  
 miranda, pontes de, 210, 263, 264,  
 265, 505  
 mitine, a., 384, 521  
 molinari, diego luís, 163, 505  
 moll, albert, 50, 87, 274  
 monbeig, pierre, 69, 71, 396, 505  
 monteiro, arlindo camilo, 322,  
 323, 378, 505  
 montelro, a.p. maciel, 278  
 monteiro, luís vaia, 278, 306,  
 307, 391  
 monteiro, tobias, 403, 46~, 505  
 montello, josé, 526  
 montenegro, olívio, xxix  
 montesquieu (charles de secon-  
 dat m.), 253, 267  
 montoya, padre antônio ruiz,  
 133-4, 148, 176, 177, 178, 182  
 moog, vóanna, 526  
 moore, george, li  
 moraes, alexandre j. de mello,  
 183, 184, 465, 505

morais, eugênia vilhena de, 183,  
521  
morais, evaristo de, 396  
morais, lucas de, 395, 505  
morais, padre josé, 184, 506  
morais, rubens borba de, 526  
  
morais filho, a.j. melo, lxxxii,  
312, 393, 506  
mosca, gaetano, 506  
moreau, pierre, 473, 489  
moreira, nicolau joaquim, 403,  
407, 489, 521  
morison, samuel eliat, 175, 506  
morner, magnus, 526  
mosse, . richard, 526  
muckermann, s.j.h., 386, 506  
mulatinho, luis, lxxxiv, lxxxv  
mfjller, herman, 53, //294, 384  
muntz, earl edward, ' 161, 506  
murchison, carl, 165, 380  
murray, 381  
muza, abdul-aziz-ibno, 214  
myerson, a., lix, 506  
myrdal, gunnar, 387, 506

n

nabuco, carolina, 403, 506  
nabuco, joaquim, xxx, xlvi, xlvii,  
lxviii, lxx, 35, 75, 148, 183, 205  
207, 314, 317, 354, 395, 396, 403:  
506  
nabuco, josé Tomás, 278  
nascimento, alfredo, 405, 506  
nasch, roy, lxxxiii, 60, 67, 506  
nassau, conde maurício de, 37,  
41, 255, 302  
navarra, margarida de, xxix, 112  
negreiros, andré Vidal de, 343  
neiva, artur hehl, 178, 506  
nery, barão de sant'anna, 177  
neio, alvaro, 346  
neuvil'.e, henri, 386  
neves, antônio josé Pereira das,  
396, 489  
nevins, allan, 409, 506  
newi\_on, a. p., 62, 66, 506  
nieboer, h.j., 469, 506  
njuhaf, john, 405, 489  
nimuendaju, curt, 163, 221, 520  
nôBREga, padre calisto, 474

nobrega, c0ndido batista de, 489  
nobrega, manuel de, lxxx, 39 , 64,  
80, 111, j52, 157, 184, 412, 443,  
468  
nogueira, jo0o, 78  
nordenskiold, erik, 383, 384, 501,  
506  
nordenskiold, erland, 96 134,  
  
normano, j.f., 70, 71, 268, 469,  
506  
noruega, dr. ger0ncio de, 471  
novais, padre am0rico, 151  
nunes, leonardo, 99  
nystrom, 294  
  
odum, 318, 397  
okamura, 49  
olanda, arnau w, 490  
oliveira, c0ndido batista de, 465,  
489  
oliveira, carlos est0v0o, xlvi, xlvji,  
162  
oliveira, domingos de, 186  
oliveira, j. b. de s0, 275, 300,  
358, 359, 388, 404, 506  
oliveira, j. j. machado de, 184,  
521  
oliveira, jo0o alfredo correa de,  
477, 521  
oliveira, jos0 os0rio de, lx, 55,  
506  
oliveira, lu0s camilo de, 472  
oppenheimer, horta, 55  
orlando, artur, 415, 417, 465,  
506  
ornellas, manoelito de, 506  
orr, joaquim, 392, 521  
ortig0o, ramalho, 234, 269, 271,  
280, 506  
ortiz, fernando, 105, 169, 288,  
290, 399, 409, 506  
ot0vio, rodrigo, 263, 506

566 g; f.

p

162, 163, 164, 177, 506 1

padilha, francisco fernandes, 75,

489

pais, catarina barreto, 278

pais, iodo, 278

paiva, tancredo de Barros, 64, 507

palacios, padre asim, 87, 507, 509

pareto, vilfredo, 381

park, r.c., 382, 507

pascual, a.d. de, 251, 252, 274,  
507

passarinho, jarbas, xviii

passos, john dos, xv

pav,~o, sales, 279

pavov, 207, 293, 383

payne, e. george, 72

c.-g. & s. 567

payne, eward l, 18, 72, 507  
pearson, karl, 295, 384, 386, 507  
peanha, nilo, 448  
peck, e.p., 269, 521  
.peckolt, theodoro, 44, 75, 83,  
125, 175, 185, 395, 507  
pedro l, 351  
piedro ll, 152, 194, 195, 259, 278,  
449  
pedroso, consiglieri, 60, 507  
pedroso, sebastião josé, 227, 507  
pocuy, chailes, xi  
peixoto, afrônio, 75, 186, 250,  
274, 234, 379, 507, 521  
peixoto, família guimarães, 489  
peixoto, floriano, 51, 57, 186,  
290  
peixoto, guimarães, 489  
pena belisário, 34, 74  
pena, pascali, 50, 87, 507  
peralva, juan suarez de, 180, 507  
perdigão, joão da purificação mar-  
ques, 400, 504  
pereira, astrojildo, lix, lx, 272,  
521  
pereira, j.m. esteves, 211, 232,  
265, 269, 270, 507  
pereira, juan solereano ' 163, 507  
pereira, lúcia miguel, lxxxii, 507  
pereira, manuel duarte ' 56, 494  
pereira, miguel, 34, 74  
pereira, sertório do monte, 270,  
507  
pereira júnior, josé Luciarto, 479,  
489  
peres, heitor, 380, 503  
perestrelo, danilo, 87, 507  
peretti, joão, 73, 507  
perking, thomas, 200  
peister, oscar, 51, 87, 507  
phillips, ulrick bonell, 305, 387,  
391, 507  
piacenza, frei dionísio de 470  
picanço, josé Correia, 472, ~89  
picasso, pablo, l  
pierson, donald, xliv, 66  
pimentel antônio de barros, 276  
pimentel. antônio martins de aze-  
vedo, 47, 82, 472, 480, 489, 507  
pimentel, josé Barros, 276  
pinheiro, cónego fernandes, 72,

183, 492, 52t  
pinho, p<sup>o</sup>ricles madureira do, xxix,  
478, 508

568 g. f.

pinho, wanderley de, 508  
pinto, padre, 474  
pinto, edgar roquette-, xxix,  
45, 49, 84, 96, 98, 131, 133, 135,  
162, 163, 164, 166. 177, 289,  
308, 358, 382, 395, 403, 490,  
508, 521  
pinto, est8v5o, 172  
pinto, luis a-it6nio costa, 402,  
488  
pita, sebasti<sup>o</sup> da rocha, 62  
plekhanov, george, liv, 508  
ploss-bartels, 168, 316  
pcinsard, uon, 237, 240, 267-8,  
271, 272, 508  
pompi2ta, raul, lxxxi, 508  
pompeu, dona joaquina do, 263  
pompeu, padre tom<sup>o</sup>s, 474  
pontes, el6i, 475  
popielovo, nicolas de, 236  
porto, josl da costa, 526  
portugal, dom fernando jos6 de,  
301  
prado, eduardo, xlvil, lxxvi, 148,  
183, 490, 508  
prado jfjnior, caio, ix, 65, 270,  
271, 508, 526  
pratt, thomas, 200  
prestage, edgar, 66, 508  
prestes, j6lio, 278  
preston, valien, 387, 509  
prfville, a. de, 166, 508  
price, a. grenfile, 61, 63, 508  
priestley, herbert l., 62, 162, 508  
proust, xv, li  
purser, thomas grigs, 101, 490  
\*putnam, samuel, xiv, xxxvii

queiroga, bernardino jos<sup>o</sup> de, 402  
queiroga, maria salom<sup>o</sup> Perp<sup>o</sup>tua  
de, 401, 402  
queir<sup>o</sup>s, e<sup>o</sup>a de, 7, 55, 204, 509  
queir<sup>o</sup>s, fam<sup>o</sup>lia pessoa de, 245  
queir<sup>o</sup>s, frei jo<sup>o</sup> de s<sup>o</sup>o jos<sup>o</sup>,  
395, 508

queiroz, manuel, 75, 312, 325, 388,  
393, 399, 457, 508, 1521  
quetelet, adolphe, 63, 508  
quisenga, casusa do, 477

r

radiguet, max, 248, 272, 458,  
radin, paul, 163, 386, 478,  
508  
ragatz, loweil l, 409  
raimundo, jacques, 400, 508  
raleigh-l, walter, 174  
ramalho, joão, 64, 67, 475,  
ramires, gonçalo, 7  
ramos, artur, 64, 67, --l-61,  
165, 166, 186, 380, 388, 389,  
392, 400, 403, 508-9  
rangel, alberto, 25, 69, 70,  
526  
ravnani, emílio, 163, 509  
ravila, afonso, 526  
rebelo, salvio, 509  
rebouças, andré, 490  
redfield, robert, 102, 509  
regadas, josé Maria rodrigues, , 15,  
479, 490  
rego, josé Lins do, xxix, xxxi,  
lxxxv, 179, 331, 400, -408, 509  
rego, josé Pereira do, 396, 490  
reid, ira de a., 387, 508, 509  
reis, artur césar, 79, 396, 509,  
526  
remão, alberto, 186  
rembrandt, 295  
rondon, josé Arouclie de toledo,  
153, 183. 521  
renigar, robert, 203  
rennefort, urbain sotichu de,  
279, 469, 497  
resende, cossio barbosa de, 483  
reuter, e.b., 386, 509  
revello, josé Torre, 163, 228, 509  
rheingantz, carlos g., 526  
rhot, h. ling, 522  
rhot, walter e., 522  
ribeiro, darci, 526  
ribeiro, emanuei, 478, 509  
ribeiro, joão, xlvi, 28, 72, 187,  
333, 335, 355, 379, 392, 400, 501).  
510, 522



ribeiro, joaquim, 80, 509, 522  
ribeiro, julio, lxxxix, 399, 509  
ribeiro, ren0, 65, 522  
ricardo, cassiano, 6, 509, 526  
riesman, mr. david, xl  
rinchon. padre dicudonne, 390.  
509

ringbom, lars, 335, 400, 509  
rio branco, bar5o do, xxx, lxxx%,  
478 446  
,190, ripley, w. z., 202, 264, 274, 509  
rivers,, george henry lane-fox.  
108, 110, 170, 180. 181, 184.  
273, 275, 289, 296, 380, 386, 395.  
509  
476 rivers, w.h.r., 159, 184  
rodrigues, domingos, 221, 509  
164, rodrigues, isabel, 323  
390, rodrigues, jos6 honordrio, 80,  
509, 389, 509, 526  
rodrigues, josl '\vasth, iv, lxxvii.  
510  
rodrigues, nina, 166, 186, 300,  
301, 302, 305, 308, 310, 312, 315,  
357, 373, 378, 388, 389, 390, 391,  
393, 394, 397, 400, 403, 477,  
491  
rodrigues, 510  
rogatz, lowell j., 508  
romero, silvio, 30, 62, 73, 83, 141,  
142, 179, 187, 354, 379, 390, 392,  
403, 407, 510  
roncilre, charles de la, 390, 510  
rondo\*,,,, jos6 arouche de toledo,  
183  
roquette, j.i., 465, 497  
rosa, francisco luis da gama,  
177, 522  
rosa, jodo quintardes, xxxix. xlii  
rosa, joam ferreyra da, 363, 405  
ros.,irio, scbastido do, 84  
rosenau, milton j., 85, 86, 510  
ross, e.a., 522  
ross, frank a., 510  
rosseli, vial, 51(  
rossell i vilar, 386  
rossi, vicente, 388, 510  
rostand, jean, 386, 510  
roth, h. linger, 241  
roth, waller e., 177, 241

roucek, joseph slabey, 72, 209,  
495, 507  
rousseau, j. j., 168  
rower, basilio (frei), 179. 190,  
510  
rugendas, maurice, lxxxii, 491  
russel, robert, 63, 510  
russll. bertrand, 292

& ~- 5 69

## s

sA, mrio, 226, 266, 510  
 sbalai, alexandre, xii  
 saco, jos Antonio---390, 409, 510  
 saia, luos, lxiv, lxv, 522  
 saint-lfil~, augusto de, lxxix,  
 lxxxv, 142, 179, 400, 424, 458,  
 491  
 salgado, francisca, 276  
 salgado, jos Luos, 276  
 salgado, manuel, 276  
 salgado, margarida, 276  
 salgado, paulo de amorim, 275,  
 276  
 salley, a.s., 409, 510  
 salvador, frei vicente -do. 12, 80,  
 136, 137, 138, 280, 491  
 sampaio, a. j. de, 80, 510  
 sampaio, alberto, 198, 203, 216,  
 217, 222, 235, 236, 240, 264,  
 265, 266, 267, 271, 272, 510  
 s,~aio, lopo vaz de, 323  
 sampaio, ribeiro de, 85  
 sampaio, teodoro, lxiv, 69, 98, 121  
 124, 139, 149, 167, 175, 177,  
 179, 182, 183, 185, 187, 477,  
 510, 522  
 sancho 1, 213, 217  
 sancho 11, 206. 217  
 santa cruz, marquos de, 351  
 santa rosa, tomos, li  
 santa teresa, frei luos, lxxviii,  
 200, 473, 491  
 santo antonio, madre rosa ma-  
 ria de, lxix, 111  
 santos, constantino jos dos, 264  
 santos, jos Maria dos, 308, 391,  
 510  
 soo jos, frei joao de, 476  
 sapper, karl, 11, 61  
 sardinha, antonio, 242  
 sargan, iiii  
 narmento, morais, 20, 67, 510  
 say, horace, 27, 71, 491  
 schaffer, ritter von, 72  
 schamalhausen, 174  
 scheidt, w., 510  
 schlappriz, l., lxxxii  
 schmidt, editor, xxxi  
 schmidt, max, 96, 136, 164, 307,

308, 391, 489, 491  
schl, fidt, w., 163, 185, 186, 385.  
386, 510. 52-1

570 g. -f-

schmoller, g., ixiii  
schopenhauer, artur, 295  
schubert, 295  
schuller, r. r., 173, 522  
schumann, 295  
schweinfurth, george, 167, 510  
scott, brow, xi  
sebinda, dona maria, 446  
seligman, c. g., 216, 386, 517  
sellin, a.w., 85, 340, 401, 510  
semple, ellen churchill, 13, 63  
sena, nelson de, 476, 522  
sequeira, padre antunes de, 419,  
420, 465, 466, 471, 511  
sequeira, gustavo de matos, ixix,  
511  
sergi, g., 385, 511  
sergio, antonio, 54, 198, 264, 265,  
269; 272, 504, 511  
serpa, joaquirn jerbnimo, 255, 466,  
491  
serra, astolfo, 511  
serrassim, dom fifes, 215  
sesnando, dom conde de coimbra,  
215  
sessa, francisco jos6, 402  
severo, ricardo, 511  
shaffer, h. yon, sio  
shalfr, nathaniel s., 161, 511  
shattuck, george c., 86  
siemem, hermann warner, 386  
sigaud, j.f.x., 49, 74, 85, 112,  
162, 176, 177, 365, 457, 458, 478,  
a91  
siles, percy goldthwait, 79  
silva, frutuoso pinto da, 418, 491  
silva, jorge r. zam6djo, 165, 522  
silva, luciano pereira, 399, 511  
silva, manuei carneiro de, lxvii  
silva, manuel vicira da, 318, 319,  
472, 491  
silva, piraja da, 50  
silva, zam6dio, 163  
simiar, theophile, 385, 511  
simkins, francis butler, iviii

simmonds, nina, lxi, 73, 81, 271,  
505  
simões, j. de oliveira, 265, 511  
simonsen, roberto, 391, 511  
siqueira, dr. josé de góis, 317,  
337, 491  
smith, adam. 69, 96  
sxttrrii, u., 383  
s-omi, g. f. kidder, i\n,

i

smitli, herbert s., 75, 119, 163,  
172, 402, 491  
smith, lynn, 294, 511, 526  
soares, a.j. de macedo, 36, 38,  
400, 522  
sodrf, n6lson werneck, ix, 65,  
511, 527  
sousa, francisco ant6nio dos san-  
tos, 75, 82, 479, 491  
sousa, g abriel soares, de, lxxx,  
25, 33, 77, 78, 101, 102, 103 111  
113, 114, 119, 120, 121, 126: 127:  
137, 139, 144, 146, 158, 159, 161  
163, 168, 171, 172, 173, 174, 173'  
176, 178, 179, 181, 204, 261, 264:  
280, 491  
sousa, martim afonso de, is -  
sousa, octd'%iio tarqihnio de, 270,  
511  
sousa, tom6 de, 121, 220, 245,  
279, 491  
souther, robert, xlvi, 17, 64, 92,  
15 l, 162, 511  
souto maior, maria, 527  
steinen, karl von den, 96, 105 '  
107, 118, 163, 164, 169, 173, 348,  
402, 491  
stephens, h. m., 28, 72, 511  
stevenson, t.e., 128, 176, 522

t

r 17aft, donald r., 269, 512  
tagore, xi  
taunay, afonso (i'escragnolle,  
xlviii, lxxviii, 43, 71, 76, 77, 82,  
83, 152, 156, 170, 177, 182, 184,  
185, 263, 264, 2739 381, 388, 400,  
467, 470, 476, 477, 483, 523

tavor.&, franklin, lxxxix  
t,kvora, miguel fernandes, 276  
t,kvora, simão de sousa cle, 59  
tawney, r.h., 169, 512  
tayde, ferrdo cabral de, 168  
taylor, griffith, 11, 61, 63, 512  
taylor, raul, s., 162, 512  
teixeira, anisio, xiii, xviii  
teixeira. bento, 73, 512  
teixeira, josé maria, 365, 366, 367,  
407, 512  
tejo, limeira, 527  
tfles j(j',ior, xi

ti4vet, frei andr~, 113, 172, 424,  
492  
thomas, pedro fernandes, 101, 116,  
169, 172, 381  
thomas, william p., 387, 512  
t\*llompson, edgar t., 57, 126, 408.  
512  
tnompson, r. lowe, lis. 174,  
512  
thorpe, m.r., 63, 512  
thurnwold, r., 166  
tollenare, lxxix, 248, 272, 344,  
400, 492  
tolst61. leon, xxv, i  
tomg, manuel, 437  
torres, alberto, 27, 64, 71, 404,  
512  
torres, heloisa alberto, 115, 16-7,  
170, 523  
torres, i050 carnilo de oli%cira,  
396  
toynbee, xiv, 512  
trewarka, glenn, 14  
trollope, anthony, 512  
trollope, francis, 408, 430, 469,  
512  
turner, f.s., 185, 511  
turner, lorenzo, d., 391, 523  
t'i-lor, edward 13., 169, 512

ucilloa, samlici, 104, 114, 169  
unamuno, miguel de. 56, 512

v

aladares, clarival do prado, 5'17  
v'v'alente, waldemar, 527

valera, juan, lxxxii  
vallandro, am6lia, 527  
valdts, gonzalo fern5ndez dc  
oviedo y, 162, 513  
valdks, ildefonso pereda, 163, 188,  
513  
valten, preston, 508  
vampr9, joao, lxxiv, 476, 523  
van alstein, pierre-ignacc-lic%in.  
390  
vance, rupert b.. 185, 391. 513  
vargas, get6lio, 446  
varnhagen, francisco adolfo do,  
xxxi. xhi. 72, 92, 151. 152. 162,  
e.-v. & ,;. 571

182, 183, 227, 229, 243, 244,  
 266, 272, 280, 102  
 v@Rzea, afonso lxxv, 513, 523  
 vasconcellos,  
 de. 262  
 vasconcelos,  
 perp@tua de,  
 vasconcelos,  
 513  
 vasconcelos,  
 60, 169, 181  
 5 13  
 vasconcelos, maria de. 400  
 vasconcelos, padre sim@o, 12,  
 143, 150, 170, 172, 177 ' 178,  
 182, 183, 348, 402, 492  
 v@Squez, amaral, 186  
 v@Squez, dona garcia, 409, 513  
 v@Squez, guillermo n@flez, 162,  
 513  
 vauthier,  
 492  
 vaz, lopes, 81  
 veble-n, t., 381, 382, 531, 53,21  
 velho, pedro parente dia-, 475  
 venturino, jo@o batista, 252  
 vera cruz, bar@es de, 417  
 verger, pierre, 527  
 verissinio, ana flora, 490  
 ver@SSimo, in@cio jos@, 498, 523  
 ver@SSimo, jos@ (j. v. cias (l-t  
 mota), 79, 336, 378, 406, 409,  
 513  
 viana, ari@jo, 266, 523  
 viana, azevedo c@sar de samp-tio,  
 479, 492  
 viana, f. j. de oliveira, lix. 11,  
 24, 43, 57, 67, 203, 2118, 219, 266,  
 272. 305, 306, 381, 3391, 404  
 viana, h@lio, 527  
 vian~x, sodr@, 478, 513  
 viana, vitor, 68, 69, 513  
 viana filho, lu@s, 388, 389, 478,  
 513  
 vidal, ademar, 395  
 vieira, padre ant@nio,  
 154, 184, 198  
 vieira, fernandes, 343  
 vieira, pedro, lxxi  
 vierka,"t, alfred, 381, 513  
 vigier, jo@o, 364. 513



vilar, m. roselli, 386  
vilhena, lu@s dos santos, 319, 344,  
373, 375, u6, 397, 401, 408.

i

carolina      michaellis

cõndidajoaquina  
402  
diogo de, 92, 392.

leite de, lxxxv, 54,  
, 184, 266, 269, 399,

l. l., lxxv, !xvi, 489,

381 80, 149,

)72

415.446, 449, 458, 475, 477,  
492,                      495  
villegaignon, 16  
viotti, ytlilia magallizies, 395,  
vista, machado da boa, 194  
viterbo, sousa, 274, 280, 513  
vit6ria, rainha, 251, 449  
voeghelin, erich, 385, 513  
voltaire, 452

523

nv ' ~gley, charles, 527  
wagner, zacarias, lxxxii, 91, 161  
waibel, l0o, 66  
wallace, alfred r., 287, 380, 492  
wallis, wilson d., 273, 393, 513  
walsh, r., 341, 401, 402, 414, 465,  
492  
wanderley, francisca de barros,  
402  
wan'derley, jo00 maur0cio caval-  
canti rocha, 279, 406  
wanderley, maia raimundo da  
rocha, v  
wanderley, maria rita, 276  
wanderley, rosa maur0cio, 275  
wanderley, sebasti0o do ros0rio,  
84  
m, 'xrd ' robert de coury. 14, 63  
w,-,sil, r., 341, 401, 465

washington, booker t., 253, 387  
w@Tjen, herman, 47, 56, 256,  
389, 513  
sveatiaerford, willer dukc, 387,  
390, 513  
weaver, ernest, lvii  
nveber, max, 169, 2-16, -166, 51-3,  
wel[isster, hilton, 137, 176, 513  
weismann, 293, 384  
werneck, am@rico, 513  
werneck, f.p.l. (francisco pei-  
xoto de lacerda - bar@o de  
pati dos alferes), lxxv  
m . ertendacker, t. 1, 409, 513  
westernarck, e. c., 87, 95, 100,  
117, 118, 167, 168, 172, 174,  
177, 397, 513  
wileeler, c. c., 164, 502  
witetixam, cathering durnun.-, 180,  
514  
w@ir.p.--ni. wilham cecil damp;er,

3  
384~ 514

i

i

whift"en, t;iorm"' 96, 139, 164,  
166, 178, 514  
whitaker, herman. 408. 514  
whitall, john, 199, 200, 467, 492  
white, john, 425, 467  
whitman, wait, xv  
wilcox, e. v., 409, 514  
wiley, ball irving, 387, 514  
willems, emilio, xi, 63, 514, 527 yeats,william butler, xi  
williams. leonard, 23, 64, 290, young, donald r., 387. 514  
291, 383  
wissler, clark, lxii, 96, 99, 117,  
163, 164, 166, 172, 176, 181, 294,  
514  
woodson, carter g., 387, 514  
woodward, james w., 381  
woodworth, r.s., 514  
woody. robert hilliard,-- ivii, 511,  
513  
woork, monroe n., 390, 514  
  
xavier, carlos, 406

xavier, francisco, 276  
xavier, manuel, 275, 276

zaragoza, justo, 180  
zavala, silvio, 58, 163, 284, 492,  
514, 523  
ziegler, h.e., 385, 514  
zimmermann, a., 92  
zimmern, sir alfred, xi

573

nblioteca                    f"ara  
                                  d0

este livro  
foi impresso nas oficinas da  
editora vozes, ltda.,  
rua frei luís, 100, petrópolis, rj, para a  
livraria josé olympio editora s.a.  
em setembro de 1980

o 0v

c61). jo: 01324

rl rua marquês de Olinda, 12, rio de janeiro  
sp: rua dos gusrnões, 100, s00 paulo  
mg: rua carijós, 244 - edifício wa~rnap, belo

horizonte

df: cls-108, bloco d, rua (ia igrejinha, bras0LIA

i

0 livro

como se sabe, o livro acompa-  
nha a própria história da humani-  
dade, de que se fez repositório,  
mesmo antes de adquirir as caracte-  
rísticas que o definiram como  
tal. O pensamento humano mais  
antigo não se teria transmitido de  
geração para geração, nem de  
povos para povos, através dos tem-  
pos, se não houvesse sido regis-  
trado nos rolos de papiro do egito  
ou nas telas de seda da china,  
que foram, entre outras, algumas  
das formas primitivas do livro.  
enfim, desde o trabalho anôni-  
mo dos bibliotecários de alexan-  
dria, que recolheram em manus-  
critos, para os sábios contempo-  
râneos e futuros, os textos dos  
filósofos, historiadores e poetas  
gregos, até a moderna tecnologia  
editorial dos nossos dias - o livro  
contribuiu sempre para o progres-  
so humano, porqix5 só no livro  
o homem aprende a conhecer me-  
lhor o mundo e os outros homens.

herberto sales  
diretor do inl

---Obrasil futuro n0o vai ser o que os velhos his--  
toriadores disseram e os de hoje ql

inda--f epet0-m.

vai ser 0 que gilberto freyre disser.

mgilberto freyre 0 um dos g0nios de palheta  
ais rica e iluminante que estas terras ant0rti  
cas ainda produziram.-

monteiro lobato (1944)

,0

ncamento- cr ooy 0